This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

SAP 4719.7

Harvard College Library

FROM THE FUND

FOR A

PROFESSORSHIP OF
LATIN-AMERICAN HISTORY AND
ECONOMICS

ESTABLISHED 1913

SA P4 77 1.7

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

VOLUME III

1898

S. PAULO
TYPOGRAPHIA DE «EL DIARIO ESPAÑOL»
RUA S. JOÃO, 83

1898

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

S. PAULO

VOLUME III

1898

S. PAULO
TYPOGRAPHIA DE «EL DIARIO ESPAÑOL»
RUA S. JOÃO, 83

1898

SA P4719.7

HARVARD COLLEGE LIBRARY

DEC 15 1915
LATIN-AMERICAN
PROFESSORSHIP FUND.

MAY 12 1916

Sahe este terceiro volume da REVISTA, retardado por causas materiaes extranhas a vontade da commissão encarregada de publica-la.

A materia que contém e o maior desenvolvimento que recebeu, comparado com os volumes anteriores, compensarão esta demora e servirão de desculpa.

Não haverá um só leitor, que, ao percorrer as paginas da REVISTA, desconheça os serviços que o INSTITUTO HISTORICO DE S. PAULO presta na investigação dos estudos geographicos e historicos da nossa patria.

A monographia completa sobre a *Ilha da Trindade* do venerando mestre dr. Moreira de Azevedo — os estudos cuidadosos do dr. A. de Toledo Piza, que servem de introducção aos curiosos manuscriptos sobre *Expulsão dos Jesuitas* e *Successos da Provincia de Santa Cruz*, figuram perfeitamente ao lado dos eruditos trabalhos de nosso sabio consocio dr. Orville Der-

by, sobre *A Estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul* e *Estudos sobre a questão de limites entre S. Paulo e Minas.*

Os nossos consocios dr. Theodoro Sampaio, João Monteiro e Eduardo Prado, valorisam ainda este volume com os magnificos e bellos discursos que pronunciaram como representantes do Instituto em actos solemnes. Tão conhecidos são esses nomes do nosso mundo litterario, que dispensam qualquer commentario aos seus escriptos, ou elogio a suas obras.

Grande parte do volume é occupado pela importante memoria de nosso operoso consocio Lafayette de Toledo, sobre a *Imprensa Paulista*, que é neste genero o primeiro trabalho feito entre nós, pois outros congeneres e de outros Estados foram publicados, posteriormente ao seu apparecimento na imprensa diaria desta capital em 1894. Embora apresente falhas e lacunas, e mesmo alguns enganos, é um trabalho de grande valor e indispensavel para a historia de nossa civilisação e de nossa vida politica. E' de esperar que o proprio auctor com a competencia conhecida e amor invejavel a investigações desta ordem, complete e corrija tão valiosa monographia.

Monsenhor Passalacqua e Eugenio Hollender, illustram tambem as paginas da REVISTA com interessantes contribuições.

Vem as actas das Sessões e Relatorio dos factos occorridos, demonstrar como trabalhou o INSTITUTO no corrente anno, e firmar mais um documento de que sabe honrar a incumbencia de seus predecessores.

Julgou-se tambem de boa pratica abrir uma *Secção Necrologica* relativa a brasileiros illustres, e uma outra *Bibliographica*, para analysar obras acerca do Brazil. Nosso collega da Commissão de Redacção, Dr. Miranda Azevedo foi encarregado dessa tarefa, e com seus escriptos fecha o livro que offerecemos ao publico, que o acceitará com benevolencia e justiça.

Oxalá venham as animações dos competentes, o auxilio dos que podem e as sympathias de todos, para que o INSTITUTO prosiga seguro na sua carreira, possa desempenhar com brilho suas aspirações patrioticas e commemorar proximamente de modo condigno o 4º centenario da descoberta do Brazil.

S. Paulo, Dezembro de 1898.

INDICE

	Pgs.
Ao Leitor.	I
A Ilha da Trindade, pelo Dr. Manoel D. Moreira de Azevedo	9 — 30
A Expulsão dos Jesuitas em 1640 — Trabalho servindo de introducção ao manuscripto sobre o mesmo assumpto, pelo Dr. A. de Toledo Piza	35 — 56
Expulsão dos Jesuitas e causas que tiveram para ella os paulistas desde o anno de 1611 até o de 1640, em que os lançaram fóra de toda a capitania de São Paulo e S. Vicente	57 — 123
Successos da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente se chama Brasil, manuscripto lido, com uma introducção pelo Dr. Antonio de Toledo Piza . .	125 — 171
A Estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul no seculo passado, pelo Dr. Orville A. Derby	174 — 199
Nota a proposito do Testamento de D. Luiz Mascarenhas, pelo Dr. Theodoro Sampaio.	201 — 205

Testamento de D. Luiz Mascarenhas . . 206 — 208
O Caminho da India — Discurso proferido pelo socio Dr. Theodoro Sampaio na Sessão Magna de 30 de Maio de 1898 209 — 236
Discurso proferido pelo Dr. J. Monteiro na Sessão Solemne com que a 16 de Maio de 1898 «A Sociedade de Geographia de Lisboa» celebrou o 4º centenario da Gloria de Vasco da Gama. . . . . 237 — 243
Um documento antigo relativo a Questão de limites entre S. Paulo e Minas Geraes, pelo Dr. Orville A. Derby . . . 278 — 284
Estudo da Tribu selvagem do Pury em Campos. Descripção do baptismo de um indigena. Petição de Beatificação do Veneravel Anchieta, assumptos communicados ao Instituto por Monsenhor Camillo Passalaqua . . . . . 285 — 301
Imprensa Paulista — Memoria Historica, por Lafayette de Toledo . . . . . 303 — 521
Discurso do Anniversario da fundação do Instituto Historico de S. Paulo, lido pelo Dr. Eduardo Prado na Sessão Magna de 10 de Novembro de 1898. . . . 523 — 534
Actas das Sessões . . . . . 535 — 566
Relatorio dos trabalhos e occorrencias do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo no anno de 1898, apresentado pela Directoria na sessão de 20 de Outubro de 1898 e balancetes da receita e despeza . . . . . 567 — 576
ão de Numismatica — Moedas e Mehas — Supplemento ao Catalogo privo, pelo socio E. Hollender . . . 574 — 581

Necrologia — General Couto de Magalhães, pelo Dr. A. C. Miranda Azevedo . . 583 — 592
Necrologia —Dr. João Mendes de Almeida, pelo Dr. A. C. de Miranda Azevedo . 595 — 602
Necrologia — Felix Ferreira, pelo Dr. Miranda Azevedo . . . . . 603 — 605
Bibliographia — Bibliographie Bresilienne de A. L. Garraux, noticia, pelo Dr. Miranda Azevedo . . . . . 607 — 616
Bibliographia — Diccionario Bibliographico, pelo Dr. Augusto Blake, noticia, pelo Dr. Miranda Azevedo . . . . . 616 — 621
Relacão das obras offerecidas ao Instituto durante o anno de 1898 . . . . . 623 — 629
Lista dos socios admittidos em 1898 . . 631 — 632

GRAVURAS

Extracto do «Mappa das Cortes» de 1749 197
Extracto do «Mappa de Olmedilla, 1775 199
Retrato do General Couto de Magalhães 582
Retrato do Dr. João Mendes de Almeida 593

A ILHA DA TRINDADE

Partindo de Lisboa, a 5 de março de 1501, em viagem para a India, descobriu João da Nova, navegador portuguez, a ilha da Asunção, hoje da Trindade, afastada da costa do Brazil 120 leguas.

Está situada no occeano Atlantico em 20.º 31' de latitude sul e 13.º 47' 57" de longitude éste do meridiano do Rio de Janeiro. Tem perto de tres milhas em sua maior extensão NNO a SSE, e proximamente seis milhas de circumferencia.

Accidentado e de natureza vulcanica apresenta o o montanhas elevadissimas e escalvadas. Esses chedos dispidos de vegetação parecem monumentos

de uma natureza morta. Não se levanta alli nenhuma arvore, não viceja nenhum arbusto, tudo é arido, triste, esteril, reinando uma melancolia profunda nesses penhascos altivos e solitarios na immensidade do occeano.

Toda a ilha parece uma grande rocha, cujo pico maior mede 3000.º segundo as cartas inglezas. Os cimos dos rochedos alcantilados, de formas caprichosas, cortados em arestas vivas, nuas, sustentão, por equilibrio desconhecido, grandes massas de granito, caprichosamente dispostas, e todas inaccessiveis.

Entre os penedos elevados notão-se no littoral ao O o *Monumento* assim denominado por alguns roteiros. com 64 metros de altitude ; na extremidade do N., outro chamado *Crista de Gallo ;* a E outro de côr avermelhada com 66 metros de elevação acima do nivel do mar, e 300 metros de base. As faces são verticaes e privadas de vegetação ; denomina-se *Morro do Furado* por apresentar na base um tunel construido pela natureza, o qual perfurand-o de lado a lado, com o comprimento de 132 metros, dá passagem as aguas do occeano, que alli precipitão-se com furia insana. Ergue-se ao S outro rochedo pyramidal chamado *Pão de Assucar*, com 390 metros de altitude e semelhante ao que existe na entrada da barra do Rio de Janeiro, e no centro outro, que forma o ponto culminante da ilha.

Quasi todo o littoral é circumdado de rochedos e recifes, sobre os quaes arroja-se o mar com furia indomita produzindo, especialmente a noite, um rugido atroador. Cortadas a pino são as costas abruptas e lavadas pelo marulho das ondas, que no seu embate, não encontrão declive que lhes abata a força primitiva.

Ao Norte apresenta as praias *Sem Nome*, *Empedrado*, *Tartarugas e do Porto das Canoas*, pequenas, margeadas

de recifes, uns emergidos e outros immergidos. Do lado SE ha uma pequena praia de arêa muito branca, na unica enseada, que possue a ilha, chamada *Porto do Principe*, onde vê-se uma ilhota de pedra.

Deslisão das montanhas pequenos filetes de agua, porem não se póde assegurar que sejão perennes, ou se extinguão en certas estações do anno.

Nada brota, como já dissemos, nesses penedos de completa aridez; apenas em alguns lugares em que a rocha está revestida de uma leve camada de terra, nasce um capim rasteiro de folha larga e aspera e uma trepadeira de um verde claro com flores rachiticas de um escarlate desmaiado.

Abundão alli os guayamús de um amarello vivo, e prodigiosa é a abundancia de peixe junto aos rochedos da costa. São communs os tubarões e as tartarugas ostentando algumas dimensões extraordinarias. Habitão os altos penhascos milhares de passaros como os pilotos, os trinta reis, notaveis pela sua alvura deslumbrante e bandos de gaivotas e mergulhões.

Em 1539 D. João 3.º de Portugal fez doação da ilha da Trindade a Belchior Camacho, como consta de documento existente na Torre do Tombo de Lisboa.

Em 15 de abril de 1700 aportou a esta ilha, e della tomou posse em nome do seu governo, o capitão inglez Edmond Halley.

Pela carta regia de 22 de fevereiro de 1724 ordenou o rei de Portugal providencias no sentido de impedir que a companhia ingleza de Guiné se servisse desta ilha para commercio de escravos. (1)

A ordem regia de 18 de junho de 1756 mandou proceder a sondagem e exploração da ilha, sendo en-

(1) Veja documento no Archivo Publico Nacional.

carregado dessa commissão o piloto José Alvares, que sahio do Rio de Janeiro com trinta homens, em um hiate, a 27 de setembro do referido anno. (.)

Em sua segunda viagem chegou Kook a esta ilha em 31 de maio de 1775.

Em 1781 mandou o governo britanico occupal-a por se achar em guerra com a Hespanha, formando alli um entreposto para o contrabando que se fazia á sombra do seu commercio com as provincias hespanholas do Rio da Prata. Foi a ilha occupada pelo comodore Johnstone que alli estabeleceu um posto de soldados de marinha.

Informado o governo portuguez da usurpação do seu territorio tratou de reclamar, havendo troca de notas entre o ministro dos negocios estrangeiros Ayres de Sá Mello e o representante do governo portuguez em Londres Luiz Pinto de Souza e o governo britanico.

O ministro Martinho de Mello e Castro dirigiu, em 12 de junho de 1782, aviso ao vice-rei do Brazil, Luiz de Vasconcellos, dando-lhe instrucções para expelir os inglezes da ilha.

Prompta execução deu o vice-rei ás ordens regias, esquipou uma expedição confiando o commando della ao capitão de mar e guerra José de Mello, acompanhando-o o marchal de campo Chichorro com 150 homens e competente artilheria e munições.

As negociações diplomaticas iniciadas em Lisboa havião trazido feliz desenlace para a questão. O almirantado inglez enviou ordem ao capitão Felippe de Auvergne, governador da ilha, para que a evacuasse sem demora, e entregasse ao governo portuguez, como pertencente aos dominios de Portugal na America.

(.) **Veja documento no Archivo Publico Nacional.**

Recebera instrucções de Martinho de Mello e Castro e do vice-rei do Brazil o capitão de mar e guerra José de Mello, encarregando-o de levar a carta do almirantado inglez para a evacuação da ilha e entregal-a ao official que a commandava; que se por ventura houvesse recusa usasse dos meios suasorios, mas esgotados estes, empregasse a força. Partio a expedição do Rio de Janeiro na náo *N. S. dos Prazeres*, em 16 de dezembro de 1782, e chegou a ilha em 10 de janeiro de 1783 (.) No dia 13 depois de reconhecer que os inglezes já a tinham abandonado, saltarão em terra o commandante da expedição e o marechal Chichorro. A ordem do almirantado inglez havia sido communicada ao governador da ilha, que tratou de dar-lhe execução. Tendo os inglezes deixado a artilharia, não desembarcarão os portuguezes a que levarão. Edificarão estes na ilha o *Forte da Rainha*. Em officio de 10 de fevereiro de 1783 participou Luiz de Vasconcellos ao governo portuguez o resultado da expedição.

Determinou o governo de Portugal que na ilha se conservasse uma guarnição, e que se tratasse de colonisal-a e cultivar o terreno.

Enviou o vice-rei um destacamento, casaes de colonos e sementes diversas. Era o destacamento commandado por um capitão graduado em sargento-mor. Mas cedo reconheceu-se que o terreno era imprestavel para a cultura, que não suportava o solo o trabalho agricola, porque leve era a camada de terra, que revestia os rochedos. Acresce que todas as provisões devião vir de seis em seis mezes do Rio de Janeiro, e tornando-se pesadas as despezas, sendo cada anno preciso mudar

(.) **Veja documentos no Archivo Publico nacional.**

o destacamento, resolveu o vice-rei reduzil-a a 88 homens de 150 que erão.

En 16 de setembro de 1782 ordenara Martinho de Mello e Castro ao vice-rei do Brazil que mandasse abrir communicação do Rio de Janeiro com a ilha por meio de sumacas e outras embarcações pequenas.

Galanp de Laperouse, encarregado de uma viagem de descoberta em 1785, avistou a ilha da Trindade, e procurou desembarcar com os seus companheiros, o que fizerão com grande risco de vida. Virão a bandeira portugueza içada em um pequeno forte, em redor do qual havia cinco ou seis casas de madeira; encontrarão 200 homens, alguns fardados e outros em fraldas de camisa. Vendo que a ilha não podia fornecer-lhes nem agua, nem lenha, retirarão-se os viajantes, declarando que o estabelecimento portuguez parecia antes um esconderijo de bandidos do que um posto occupado por uma nação civilisada.

Em officio de 1 de junho de 1793, dirigido ao governo de Portugal, reclamou o vice-rei do Brazil, conde de Rezende, contra a permanencia de destacamento de tropas na ilha da Trindade, em consequencia da excessiva despeza e outros inconvenientes. Attendeu o governo ás observações do vice-rei, e por aviso de 6 de fevereiro de 1795 mandou retirar o destacamento. (.)

Em 17 de junho sahio do Rio de Janeiro a fragata *Princeza da Beira*, e mais uma corveta de commercio, que regressarão em 11 de outubro conduzindo a artilharia, munições de campanha, utensilios de hospital, pertences de igreja e outros objectos encontrados na ilha.

(.) **Veja documentos no Archivo Publico Nacional.**

Em 1825 foi a ilha visitada pela corveta *Itaparica*, commandada pelo capitão de mar e guerra Jorge de Brito com os aspirantes a guarda-marinhas.

Estiverão na ilha em commissão do governo do Brazil a corveta *D. Isabel* em 1856, a corveta *Bahiana* em 1871, a corveta *Nictheroy*, em 1876 e 1884, e o transporte de guerra *Penedo* em 1894.

Relatando a viagem, que fez como commandante da corveta *Nictheroy* em janeiro de 1871, escreve o barão de Jaceguay:

«A ilha da Trindade tem perto de tres milhas em sua maior extensão NNO ao SSE e proximamente seis de circumferencia. Ordenei a um official intrepido e conhecedor do que é um desembarque em costas desabridas, por ser filho do Ceará, o sr. 1.º tenente Quintanilha de Castro Silva, que fez todos os esforços para saltar em terra, mas nada conseguio apezar de se ter arriscado bastante no escaler em que o mandei. O facto de não ter podido desembarcar alli, depois de tantos dias de bonança faz-me crêr, como affirmão quasi todos os roteiros, que o desembarque na Trindade é uma operação muito precaria e que só se póde fazer em occasiões excepcionaes.»

Por decreto de 29 de novembro de 1884 concedeu o governo brazileiro permissão ao cidadão João Alvares Guerra, para explorar mineraes, extrahir productos naturaes e estabelecer salinas nesta ilha, considerando-a accessoria da então provincia do Espirito Santo.

Em 1891 o governo da Republica dos Estados Unidos do Brazil iniciou trabalhos para aproveitamento da ilha como prisão penitenciaria.

Em 1893 fez conhecer que se opporia a tentativa do ·ão Harden Hickey, cidadão dos Estados Unidos da ·erica do Norte, que distribuira prospectos para

engajar aventureiros afim de seguil-o a ilha, que desejava occupar, fundando alli um principado.

Retirado em 1795 o destacamento, que durante annos havia o governo portuguez conservado na ilha, ficou ella deshabitada como um ponto isolado no alto mar, e de difficil e perigoso desembarque. Esteve um seculo apenas habitada por passaros e aves aquaticas. Era um marco de granito na immensidade do occeano. Esses rochedos escarpados, varridos pelos ventos, açoutados pelas ondas, vivião isolados, avistados pelos navios, percorridos pelas aves, e servindo de habitações de peixes e de tartarugas. Jamais tremulara nessa ilha occeanica o pavilhão brazileiro, e vivia ella entregue ao furor das ondas e das tempestades.

Mas se estava deshabitada não estava abandonada. Já vimos que o governo havia mandado diversos navios em commissão a ese rochedo, que planejara estabelecer alli um presidio, e que por outros actos procurara manter sempre sob o estandarte nacional essa possesão occeanica, como fisera o governo portguez. Mas apezar disso, foi a ilha occupada pelo navio inglez *Barracouta*, que alli hasteou a bandeira de sua nação em janeiro de 1895.

Ordenando lord Kimberley a occupação da ilha não lhe deu publicidade, nem fez notificação alguma, procedeu com a maior reserva em assumpto, que não a admitte.

Teve o governo do Brazil conhecimento dessa usurpação, em 18 de julho a noite, pela remessa que o deputado José Carlos de Carvalho fez ao ministerio dos negocios exteriores do *Rio-News* de 16 do referido mez e que se publica no Rio de Janeiro, em que vinha transcripto do *Financial News* de 4 junho, a noticia da incorporação da ilha ao dominio do imperio britanico.

Em 19 de julho o ministro das relações exteriores dr. Carlos de Carvalho pedio informações sobre o assumpto á legação brazileira em Londres.

Despertou semelhante noticia viva impressão no Rio de Janeiro, exacerbou-se o patriotismo nacional, e exaltarão-se os animos contra a Inglaterra. Estava usurpado um dominio do territorio nacional, e o estandarte auri-verde não representava mais a integridade do solo da patria. Foi excessiva a indignação, convocarão-se meetings, e o povo no seu furor atacou diversas casas de commerciantes e subditos inglezes. Em 21 de julho publicou-se o primeiro telegramma da legação brazileira en Londres noticiando a occupação da ilha.

Abrio-se a valvula na imprensa, que profligando o acto, pedio ao governo promptas e energicas providencias.

Em 21 de julho telegraphou a legação brazileira em Londres, ao ministro das relações exterieres participando a occupação da ilha, em nome do governo inglez, para estabelecimento do cabo submarino argentino. A companhia Telegraph Construction tentou fazer desse ponto um lugar de amarração para o cabo que devia ligar a America do Sul á Europa sem passar pelo Brazil Quiz o governo inglez desse modo coadjuvar a empreza projectada por Sir John Pender.

Em notas de 22 e 23 de julho, enviadas ao representante diplomatico da Grã Bretanha acreditado no Rio de Janeiro, reclamou o dr. Carlos de Carvalho contra o esbulho do territorio nacional, e officiou ao ministro brazileiro em Londres, que lavrasse em continenti o competente protesto, o que este executou em [illegible] de julho.

Trazida a questão ao congresso nacional declarou [illegible]te, por uma indicação, ser solidario com o governo

na defeza da soberania nacional, e aguardar que o governo lhe declarasse as providencias necessarias para defender essa soberania.

Colligindo todos os documentos que authentiçavão a soberania do Brazil sobre a ilha da Trindade, destruindo todos os argumentos formulados nas notas do ministro inglez, fulminando as razões apresentadas por esse diplomata, que firmava-se em estar a ilha abandonada por não ter habitantes e assim não pertencer a nação alguma, esforça-se o dr. Carlos de Carvalho por evitar discusões e litigios, insistiddo com energia e talento sobre o nosso direito, reclamando a desoccupação pura e simples, e repellindo toda condição.

Em 16 de dezembro propoz o sr. Constantino Phipps, ministro plenipotenciario inglez no Rio de Janeiro, de ordem do seu governo, que a questão fosse smbmettida a arbitramento, mas semelhante proposta foi recusada pelo governo brazileiro em 7 de janeiro de 1896.

[illegible]
valho, em 7 de janeiro, ao ministro inglez, declarando que o presidente da Republica recusara o arbitramento. A logica e a exposição ordenada dos factos e dos argumentos do ministro brazileiro tornarão indiscutivel o direito do Brazil sobre essa ilha. Termina essa nota com estas palavras: «O que em nome da justiça fez a Inglaterra em 1782 é licito esperar que faça agora.»

Para resolver essa melindrosa questão que affectava a soberania nacional, offereceu o governo portuguez os seus bons officios as duas nações em litigio.

Em 1 de maio de 1896 o ministro dos negocios estrangeiros de Portugal, conselheiro Luiz de Soveral, officiou ao dr. João Lampreia, encarregado dos nego-

cios de Portugal no Rio de Janeiro, que, chegando ao conhecimento do governo portuguez, que entre o governo da Republica dos Estados-Unidos do Brasil e da Grã Bretanha se suscitara desacordo grave com res-

brazileiro julgar conveniente acecital-o.

Apressou-se o dr. João Lampreia em communicar a nota do seu governo ao ministro brazileiro dr. Carlos de Carvalho.

Havia tambem o conselheiro Luiz de Soveral officiado ao governo britanico offerecendo seus bons officios. Allegava que, visto ter sido a ilha descoberta por navegadores portuguezes e haver-se conservado sem interrupção conhecida até o fim do primeiro quartel do presente seculo, sob o dominio de Portugal, achava-se por esse motivo o governo portuguez nas condições de mais facil e imparcialmente apreciar a justiça da causa que se debatia.

Acceitarão o Brazil e a Inglaterra a intervenção portugueza para solução amigavel da questão, o que o dr. João Lampreia participou ao seu governo em 20 de maio, e o ministro inglez em Lisboa ao governo de Portugal em 10 de maio.

Em 20 de julho o ministro dos negocios estrangei-

illha da Trindade, no principio do seculo XVI, jamais foi discutivel a legitimidade da soberania de Portugal dessa ilha, que por occasião da temporaria occupação commodore Johnstone em 1782 foi essa sobera- reconhecida pelo governo britanico, ordenando a evacuação. Quando pelo tratado do Rio de Janei-

ro de 29 de agosto de 1825 confirmou Portugal a independencia de sua antiga colonia, tranferio-se a ilha da Trindade, com as do grupo a que pertence, para posse formal do novo imperio.

Se por ter-se conservado a ilha até a presente data sem cultura e sem habitantes, portanto apparentemente abandonada, mas sendo esse abandono transitorio, determinado apenas pelas condições especiaes da ilha nunca tendo deixado o governo brazileiro de affirmar por actos o seu proposito de a possuir, não póde isso justificar e legitimar a occupação e a posse levada a effeito, por virtude do engano de suppol-a abandonada. Em presença destes factos e da legitimidade dos direitos que o governo brazileiro se attribue, confia que o governo inglez se promptificará a reconhecer a soberania do Brazil sobre a referida ilha.

Em 4 de agosto officiou o encarregado dos negocios de S. M. Britanica em Lisboa ao conselheiro Soveral declarando que, em virtude das instrucções que recebera, achava-se inclinado o seu governo a adherir a opinião, que lhe foi manifestada, e por deferencia a essa opinião, desistir de suas pretenções a posse da ilha.

Em 5 de agosto o ministro dos negocios estrangeiros de Portugal, passou ao encarregado de negocios da mesma nação no Rio de Janeiro um telegramma para que se apressasse em levar ao conhecimento do governo do Brazil que, em presença das razões dadas, o governo britanico havia já declarado ao governo portuguez que reconhecia a soberania do Brazil sobre a ilha da Trindade.

No mesmo dia officiou o dr. João Lampreia ao dr. Carlos de Carvalho communicando o telegramma que recebera de Lisboa.

Em 6 de agosto dirigio o dr. Carlos de Carlos de Carvalho a nota á legação portugueza no Rio de Janeiro, notificando que levara ao conhecimento do presidente da Republica a noticia do reconhecimento da soberania do Brazil sobre a ilha da Trindade pelo governo de S. M. Britanica, que o presidente a recebera com muita satisfacção, e o encarregara de agradecer-lh'a, pedindo-lhe que transmittisse ao ministro dos negocios estrangeiros a expressão do seu reconhecimento pela intervenção efficazmente exercida pelo governo portuguez.

Agradeceu o governo portuguez ao da Inglaterra o espirito de conciliação e benevolencia, de que dera constantes testemunhos, durante a negociação com respeito a soberania da ilha da Trindade, e tambem agradeceu ao governo do Brazil o espirito de conciliação e amizade que manifestara em semelhante questão. Agradeceu o governo brazileiro a nota recebida do governo de Portugal.

Em 21 de agosto a legação britanica remetteu a nota ao governo brazileiro, declarando que, de conformidade com as instrucções recebidas do marquez de Salisbury, tinha de informar que foram dadas ordens ao navio britanico *Barraconta* afim de ir a Trindade remover os signaes da occupação da ilha alli deixados. Foi essa communicação recebida com satisfacção pelo governo do Brazil.

Em 5 de agosto publicarão os jornaes diarios do Rio de Janeiro que a ilha da Trindade havia sido restituida ao Brazil. Despertou este acontecimento viva alegria, e transmittido pelo telegrapho em todos os Estados da Republica, fez repercurtir em todos justos sentimentos de prazer e contentamento. Semelhante acto de justiça praticado pelo governo inglez, reconhe-

cendo a soberania do Brazil sobre o rochedo da Trindade, foi a victoria do direito e da dignidade nacional.

No mesmo dia 5 enviou o presidente da Republica uma mensagem á camara dos deputados communicando que ao governo de Portugal declarara o governo britanico reconhecer a soberania do Brazil sobre a ilha da Trindade. E remettiu copia da nota recebida da legação portugueza.

A camara dos deputados approvou, sem debate, a seguinte moção:

«A camara dos deputados congratula-se com o povo brazileiro pela restituição da ilha da Trindade, que, graças a attitude sobranceira e digna dos poderes politicos da Nacão, nos acaba de ser feita pelo governo da Inglaterra—5 de agosto de 1896.»

Remettida ao Senado, identica mensagem e copia da referida nota do governo portuguez, requereu o senador Coelho Rodrigues que se consignasse na acta da sessão, que a noticia da solução obtida pelo governo brasileiro, na questão suscitada sobre a ilha da Trindade, foi recebida com muito especial agrado, e que, em nome do Senado, se agradecesse ao governo portuguez a sua intervenção opportuna, amistosa e efficaz.

O senador Leite e Oitica apresentou o seguinte additamento:

«Indico que o Senado, em mensagem, se congratule com o poder executivo e com a Nação Brazileira por vêr reconhecida a sua soberania sobre uma parte do territorio nacional, felicitando ao governo pela firmeza com que dirigio as negociações resolvidas com honra para ambas as Nações—5 de agosto de 1896.»

Foram approvados o requerimento e o additamento.

Dirigiu o presidente da Republica uma mensagem ao Senado agradecendo as suas congratulações, e outra communicando ter transmittido pelo telegrapho á legação brazileira em Lisboa a mensagem do Senado e o voto do mesmo Senado reconhecendo os bons officios daquelle governo na questão da ilha da Trindade.

Em telegramma dirigido em 6 de agosto ao rei de Portugal agradeceu-lhe o presidente da Republica os bons officios offerecidos pelo governo portuguez e acceitos com inteira e merecida confiança, resolvendo em breve tempo a questão da ilha da Trindade.

Agradeceu D. Carlos, no dia 8, o telegramma do presidente da Republica, congratulando se com este e com a Nação Brazileira pelo feliz resultado obtido.

Em sessão do Senado do dia 6 de agosto foi apresentado o projecto autorisando o poder executivo a mandar construir um pharol de 2.ª classe na ilha da Trindade, e na sessão do dia 11 da camara dos deputados foi lido o projecto declarando pertencer á jurisdicção privativa da União a ilha da Trindade.

Havendo o governo mandado preparar um marco padrão de granito para ser collocado na ilha, encarregou dessa commissão o commandante do cruzador *Benjamin Constant*, que partiu do Rio de Janeiro em 11 de janeiro de 1897, e no dia 20 chegou a ilha. Encontrou durante toda a viagem mar cavado e revolto, e tentando desembarque na ilha foram infructiferas e arriscadas todas as tentativas; precipitavão-se as vagas furiosas sobre esses rochedos, como querendo destruil-os, por se opporem a sua passagem; além disto, por toda a parte recifes e apenas ao SE. uma pequena praia de [illegible]ssima arêa, porém, muito variada e fustigada pelo [illegible].

[illegible]nprovisou-se uma jangada, estabeleceu-se um cabo

de vaivém, mas erão repetidas e violentas as refregas, perdeu-se uma ancora de pezo de 2.400 kilos e depois de innumeros perigos e esforços corajosos e herculeos de officiaes e marinheiros, conseguio-se collocar, não o marco padrão de pedra, mas um signal de posse.

No dia 24 desembarcaram na ilha 32 homens ao todo, escolhidos entre os mais destros marinheiros e destemidos nadadores. Como auxiliares o chefe da expedição tenente Souza, levou o guarda marinha Braulio Braga, seu ajudante, o mestre do navio Agostinho José, um serralheiro, um calafate, dous pedreiros e mais 13 marinheiros nacionaes. Ia tambem o 2.º tenente Conrado Heck, que tencionava explorar scientificamente os terrenos da ilha.

Consistia o signal de posse em uma bandeira de cobre de 1 metro e 50 centimetros de comprimento sobre 0m 355 de largura com a inscripção Brazil, em grandes letras, fixada no extremo de uma haste, tambem de cobre, de 2 metros e 90 de altura, em torno da qual girava. Ficou encarregado o tenente Souza e Silva de levantar este signal na parte da ilha chamada *Forte da Rainha.*

Além da bandeira metalica levou-se para a ilha uma caixa de madeira encerrada dentro de outra de chumbo, soldada a fogo, contendo o termo da posse lavrado pelo commissario do navio, assignado pelo commandante e officiaes e lido perante toda a guarnição formada, contendo além disso diversos numeros dos principaes jornaes publicados no Rio de Janeiro, algumas moedas de cobre e nickel, o retrato do presidente da Republica dr. Prudente de Moraes, e cartões de visita de todos os officiaes. Tirou-se copia desse termo de posse, a qual ficou em poder do commandante do *Benjamin Constant.*

Para collocação do signal, levarão os expedicionarios uma enxada, uma picareta, duas alavancas, um cesto com ferramentas de pedreiro, uma barrica de cimento e dous baldes para agua. Todos iam com salva vida e colletes de salvação e providos de uma ração de agua e bolacha.

A's dez e meia horas a lancha, a remos, largou de bordo rebocando a jangada e singrou em direcção a praia. Em seis viagens de jangada ao longo do cabo, de vai-vém, desembarcou o tenente Souza com vinte e tres homens, conseguindo pôr em terra todos os utensilios. Havia sido feito este desembarque com muito risco e difficuldade.

Logo que saltou em terra hasteou, o marinheiro nacional Bernardo Barreiros, na arêa da praia, uma bandeira nacional, que levara amarrada ao pescoço. Era a primeira vez que a bandeira nacional tremulava na aquella illa. Duas horas depois, na esplanada da *Rainha*, levantava-se pintado de branco o signal de posse e em outro ponto chamado *Vigia do Alto*, erguia-se sobre um remo uma grande bandeira nacional, hasteada pelo tenente Heck e guarda marinha Braulio.

Na base da haste de cobre ficara enterrada a caixa, tendo sobre ella duas chapas de cobre, uma com os nomes dos machinistas do *Benjamin Constant*, sob o commando do capitão de fragata Rodrigues Torres, em viagem de instrucção da turma de guardas-marinha, alumnos de 1896—Janeiro de 1897.

Vivas acclamações festejarão a elevação do signal de posse.

Se difficil e arriscada foi a ida da expedição, foi ıbem penosa e assaz perigosa a retirada. Tornara-se nar mais bravio para a tarde; quatro vezes corren- ao longo do vai-vém veiu a jangada conduzindo

para a lancha todos os que tinham partido; mas erão essas travessias feitas com grande risco e perigo, porque as ondas, envolvendo os tripulantes, parecia terem resolvido sepultal-os naquelle sorvedouro.

Os officiaes, que desembarcarão, encontrarão na ilha vestigios da sua recente occupação; assim, na esplanada do forte da *Rainha*, virão cabos de pás, ancinhos, um carrinho de mão, de madeira, um balde de ferro, paos de barracas, latas de oleo, cartuchos utilisados, tudo em pessimo estado, e pedras ligadas com uma argamassa de terra e arêa, como tendo servido de base a um signal qualquer.

O governo mandou elogiar o commandante e officiaes que collocarão na ilha o marco signal da posse.

Apossando-se da ilha da Trindade sob o falso pretexto de não ter habitantes e nem cultura, e por isto estar abandonada, praticou a Inglaterra uma violação de territorio, uma prepotencia lançou as garras sobre esse rochedo, sem attender que no almirantado inglez havia de existir a correspondencia de 1782, authenticando o dominio e posse do Brazil; mas acreditando que podia-lhe ser util esse ponto isolado na vastidão do mar, hasteou alli o seu estandarte, por julgar talvez que o que está no occeano deve ser seu. Quiz fazer prevalecer a sua dominação sobre a ilha pelo seu abandono transitorio, circumstancia fortuita de direito, que podia ser allegada por outra qualquer nação que tenhasse esse arbitrio e ultrage a soberania do Brazil. A alma altiva e generosa da nação sentio-se ultrajada com esse insulto atirado á soberania nacional, e manifestou-se com dignidade e patriotismo, collocando-se ao lado dos poderes constituidos.

Nessa questão melindrosa e grave, devemos rendere homenagem ao tino, saber, energia e prudencia do

digno ministro das relações exteriores dr. Carlos de Carvalho. A sua attitude firme, a sua altivez civica recusando todas as propostas apresentadas, e acceitando apenas os bons officios offerecidos por Portugal que, em razão de indiscutiveis factos, que durante seculos ligarão a historia portugueza á do Brazil, mais facilmente podia apreciar a justiça da causa que se debatia, alcançou um dos maiores triumphos diplomaticos que a historia do Brazil registra. A restituição da ilha da Trindade foi uma simples restituição de direito, como disse o deputado Medeiros e Albuquerque, mas merece louvores da nação pelo procedimento correcto e estatura moral que manifestou o ministro Carlos de Carvalho. O poder executivo personificado no presidente da Republica e o ministro das relações exteriores, são merecedores do reconhecimento nacional pelo modo digno e honroso porque conduziram as negociações. Repercutão os nossos applausos sobre a Nação Brazileira pela firmeza, patriotismo e dignidade mascula, que patenteou nessa questão, que findou de modo nobre e digno, patenteando o nosso direito, ennobrecendo a nossa honra civica e deixando intacta a soberania nacional.

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1897.

Moreira de Azevedo

TERMO SIGNIFICATIVO DA POSSE

Aos vinte e quatro dias do mez de janeiro do anno de mil oitocentos e noventa e sete, nono da Republica, sendo presidente dos Estados-Unidos do Brasil o dr. Prudente José de Moraes Barros, e vice-presidente, em exercicio, o sr. dr. Manuel Victorino Pereira, e ministro da marinha o contra-almirante José Alves Barbosa, na ilha da Trindade, no logar denominado *Forte da Rainha*, cujas coordenadas são lat. 20º-33'00" e long. 29º 21'-00" O Gov., collocou-se uma haste de bronze, tendo de comprimento dous metros e 90 centimetros e de diametro 28 millimetros, e uma chapa de metal de um metro e 50 millimetros de comprimento sobre 850 millimetros de largura, com uma inscripção — *Brazil*, e junto uma caixa de madeira de cedro, com as seguintes dimensões: comprimento 325 millimetros, largura 250 millimetros e de altura um centimetro, dentro de uma outra de chumbo, tendo de comprimento 334 millimetros, de largura 250 millimetros e de altura 110 millimetros, envolvida em cimento, tendo na parte superior uma chapa com a seguinte inscripção: Este marco foi collocado pelo cruzador *Benjamin Constant*, sob o commando do capitão de fragata Rodrigues Torres, em viagem de instrucção da turma GG. MM. de 1896 — Janeiro, 1897, em consequencia de não se poder erigir o marco padrão que trouxe este navio para ser collocado na referida ilha, devido isso a não possuir o navio uma jangada appropriada para o desembarque das peças do mesmo marco-padrão, em numero de doze, porquanto

á enseada do lado de Oeste, adequada para semelhante fim, arrebenta continuadamente, e é toda margeada de arrecifes, impossibilitando a approximação de qualquer embarcação, sob pena de virar, sacrificando todo o pessoal.

Não satisfazendo a prancha, que o navio trouxe para esse serviço, visto ser a praia rampada, improvisou-se a bordo uma jangada de cinco taboas com seis pipas, a qual só prestou-se, com bastante difficuldade, a passar um cabo de vaivém em terra, e transportar o signal acima mencionado, afim de notar que a referida ilha pertence a Republica dos Estados-Unidos do Brazil, tendo assim cumprido fielmente ás ordens do governo.

E para constar, lavrou-se o presente termo, que vae assignado por todos os officiaes de bordo e commandante.

Bordo do *Benjamin Constant*, na ilha da Trindade, em 25 de janeiro de 1896. — Joaquim José Rodrigues Torres, capitão de fragata, commandante. — Alfredo de Avila Menezes, capitão-tenente immediato. — Francisco Xavier Tinoco Junior, capitão-tenente instructor. — Arthur Pinheiro Hess, capitão-tenente. — Henrique Boiteux, capitão-tenente instructor. — Francisco Augusto de Lima Franco, commissario da 2.ª classe, capitão-tenente. — Dr. Julião Freitas do Amaral, cirurgião da 3.ª classe. — Capitão-tenente Augusto Helena Pereira, 1.º tenente. — Henriqno Feijó Junior, 1.º tenente. — Paulo Paquet, machinista naval de 3.ª classe. — Raul Varella Quadros, 1.º tenente. — Bento de Barros Machado da Silva, 1.º tenente. — João Gomes da Silva, machinista naval da 4.ª classe. — Augusto Carlos de Souza e Silva, 2.º tenente. — Raphael Brusque, 2.º tenente. — Cicero Peçanha, pharmaceutico.

Para escrever esta memoria, que submettemos á correcção dos doutos, servimo-nos de documentos encontrados no Archivo Publico Nacional e na Bibliotheca Publica Nacional, das Revistas do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, vols. 23, 40 e 59, dos Relatorios do Ministerio dos Negocios Exteriores de 1896 e 1897, de preciosos documentos offerecidos pelo dr. Carlos Augusto de Carvalho, e de ums artigos sob o titulo — *A Ilha da Trindade* — publicados na *Gazeta de Noticias* em janeiro de 1897.

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1897.

MOREIRA DE AZEVEDO

A EXPULSÃO DOS JESUITAS EM 1640

A expulsão dos jesuitas em 1640

Trabalho lido pelo socio sr. dr. Antonio de Toledo Piza, em sessão de 20 de Janeiro de 1898, servindo de introducção ao manuscripto a que se refere e que vae em seguida ao trabalho.

I

A expulsão dos padres da Companhia de Jesus do seu collegio de S. Paulo e de toda a capitania de S. Vicente, no anno de 1640, é um dos factos mais interessantes e menos conhecidos da historia colonial de S Paulo.

Naquelle tempo, os grandes sertanejos Fernando Dias Paes Leme e Antonio Rodrigues de Arzão ainda não tinham realisado as suas excursões pelas serras de *guazes* para descoberta do ouro e das esmeraldas, . Bartholomeu Bueno da Silva, pae e filho, tinham assado os sertões de Goyaz, nem Paschoal Moreira al, Fernando Dias Falcão, irmãos Leme, irmãos

Maciel, irmãos Sutil e outros destemidos paulistas tinham feito as suas correrias pelas longinquas florestas de Matto-Grosso para exhibirem ao mundo admirado as riquezas do interior do Brazil.

A vida paulista era toda agricola e a falta de braços para a lavoura levava os habitantes da capitania a fazerem atrevidas entradas pelos sertões a caça de indios que, trazidos para o povoado, eram amansados e applicados ao cultivo das terras.

Embalde vieram as leis philippinas de 1611 e outras prohibindo o captiverio dos indios que não fossem presos em guerra justa; o trafico de africanos, já iniciado, não satisfazia a demanda de braços para a agricultura, e as correrias pelos sertões continuavam sempre como si não houvesse lei alguma em contrario.

A mais audaciosa destas emprezas para a caçada de indios foi organisada nesta capital, em 1628, por Antonio Raposo e Manoel Preto, sendo composta de cerca de 1.000 homens brancos e mestiços e de 2.000 indios mansos, todos disciplinados e armados com os instrumentos de guerra, de que a capitania então dispunha. Esta expedição partiu de S. Paulo em Setembro de 1628, para aquella região situada além do rio Parapanema e conhecida na historia com o nome de *Provincia do Goayrá.*

O actual Estado de Santa Catharina reclama como seus limites os rios Negro e Yguasú ao norte, o Uruguay ao sul, o mar á nascente e as Missões Argentinas ao poente.

Neste caso o Estado do Paraná ficará limitado ao norte pelos rios Itararé e Paranapanema, o sul pelos rios Negro e Yguasú, á nascente pelo mar e ao poente pelo rio Paraná. A antiga *Provincia do Goayrá*, se viesse até o mar, corresponderia hoje ao Estado do

Paraná, e abrangia todo o territorio banhado pelos rios Yvahy e Tibagy e seus affluentes.

O caminho de S. Paulo para o Goayrá, que já existia naquelle tempo, seguia por Sorocaba e Itapetininga e atravessava algures o rio Tibagy; e por este motivo se passou depois a dar ao Goayrá o nome de *Sertão do Tibagy*.

Nessa região tinham os jesuitas, desde 1560, aldeado enorme quantidade de indios, por elles catechisados durante quasi setenta annos de assiduo trabalho de evangelisação.

Em 1600 havia no Goayrá nada menos de trinta povoações de indios mansos, todos dirigidos pelos jesuitas hespanhóes, e algumas populosas, ricas e em plena prosperidade. Citarei sómente aquellas aldêas que estão localisadas nos mappas antigos que possuo:

Na margem esquerda do Tibagy, mais ou menos approximadas da barranca do rio, estavam as *reducções de S. Miguel* e *Jesus Maria*, nas cabeceiras do rio; de *Encarnação*, *S. Xavier* e *S. Joseph*, em ordem pelo Tibagy abaixo, esta ultima sobre um riacho tributario do mesmo Tibagy; *Loreto*, sobre a margem esquerda do Parapanema, perto da fôz do riacho Pirapó, e *S. Ignacio*, sobre o mesmo rio. No valle do rio Piquiry, estavam as aldêas de *Tambo*, na cabeceira do rio, *Copacabana* e *Itatú* mais abaixo, e *Ciudad Real*, na embocadura do Piquiry, no Paraná, sobre o salto das Sete Quedas No valle do rio Yvahy se encontravam diversas povoações e entre ellas eram notaveis *Santo Antonio*, *Los Arcangeles* e *S. Thomé*, estando estas duas ultimas sobre um riacho que, 140 annos mais tarde, passou a se chamar *Rio Mourão*, em honra do Morgado de Matheus, que governou S. Paulo de 1765 a 1775; na barra deste riacho estava a grande *Villa Rica*, cu-

jas ruinas foram descriptas pelo coronel Affonso Botelho em 1771. No lado direito do Yvahy, não longe de *Villa Rica* e a pequenas distancias do rio, havia diversos arraiaes de indios, que não formavam povoações autonomicas, mas dependiam das auctoridades de *Villa Rica*. Entre os rios Yvahy e Piquiry, a alguma distancia do Paraná havia grande numero de indios estabelecidos sobre o ribeirão Itasú e que se dedicavam a mineração de ferro. Nas extremidades das serras do Apucarana e do Maracajú havia numerosos nucleos de indios empregados na lavoura e na mineração de metaes encontrados naquellas serras. No vasto Yguasú estavam a aldéa de *Santa Maria* e outras menos importantes.

Dizem os historiadores, e com razão, que toda a população indigena do Goayrá devia subir a cem mil e que os jesuitas alli tinham posto em pratica os principios de *socialismo* com grandes vantagens para a prosperidade das colonias e para a felicidade dos seus moradores.

Mello Moraes, na sua *Historia dos Jesuitas*, faz a seguinte descripção da vida e dos costumes dos indios mansos do Goayrá:

« Cada aldêa era governada por dous missionarios, que dirigiam os negocios espirituaes e temporaes; nenhum extrangeiro podia alli demorar-se mais de tres dias e para evitar toda a intimidade, que pudesse corromper os costumes dos novos christãos, era prohibido apprender a fallar a lingua hespanhola, mas todos os neophytos sabiam lel-a e escrevel-a correctamente.

« Em cada *reducção* havia duas escolas, uma para os primeiros elementos das lettras e outra para dança e musica. Esta ultima era particularmente frequentada pelos *Guaranys*, que até sabiam fazer orgams, harpas,

flautas, guitarras e todos os instrumentos guerreiros, usados pelos povos civilisados.

« Logo que um menino chegava a idade de sete annos, os dous religiosos começavam a estudar-lhe o caracter, a vêr qual o emprego que lhe convinha; se tinha propensão para as artes mechanicas, punham-no em uma officina da *reducção*, e para aquella arte a que sua inclinação o levava. Estas officinas eram dirigidas pelos jesuitas, que haviam de proposito apprendido os officios para os ensinar aos indios sem serem obrigados a recorrer a pessoas estranhas.

« Os indios que preferiam empregar-se no cultivo das terras alistavam na turma dos lavradores, e os que não queriam esse trabalho e preferiam a vida errante, eram encarregados de andar com os rebanhos ou com os gados, para assim alimentarem o genio vagabundo da sua primeira existencia selvagem.

« As mulheres das *reducções* trabalhavam separadas dos homens, no interior de suas casas; para isso, no principio de cada semana, se lhes dava uma porção de algodão ou de lan como tarefa, afim de entregarem fiada, no sabbado, á tarde, para ser applicada em obras que se tinham de fabricar. Tambem eram as mulheres applicadas pelos padres em trabalhos do campo, porém, com tanta discripção, que esses empregos não excediam a suas forças.

« Bem que abundassem os generos de primera necessidade, comtudo não havia mercados publicos, porque em certos e determinados dias se distribuiam por cada familia todas as cousas necessarias ao seu sustento e bem estar. Esta distribuição era feita por um missario que o regulava pelo pessoal de cada familia que nenhum sentisse necessidade.

Os trabalhos começavam ao romper da aurora por

um signal de sino, e os meninos juntavam-se na egreja para cantarem as orações matutinas. Os homens e as mulheres assistiam ás orações, á missa e ao officio divino, e depois se encaminhavam para os seus trabalhos. Ao pôr do sol tornava o sino a chamar os novos cidadãos para junto do altar do Senhor, e se cantava as orações da tarde a córes e ao som de musica sagrada.

«Para se regular a agricultura, as terras eram divididas em muitos quinhões e distribuidas pelas familias afim de as cultivarem para as suas necessidades.

«Além desta regular providencia, os padres tinham demarcado um grande terreno, que pertencia a todos, a que se denominou *A possessão de Deus*; era cultivado por todos e os seus fructos eram destinados a supprir as más colheitas e ao sustento das viuvas, orphãos e enfermos. O que sobrava servia para fundos de reserva, destinados á guerra, ou para as despezas do culto divino, ou para o pagamento do tributo do *escudo de ouro*, que cada familia pagava á corôa da Hespanha. Em consequencia da vida errante dos indios, pouco affectos ao trabalho, um chefe de agricultura os vigiava para que não abandonassem o trabalho das sementeiras, estimulando-os com palavras animadoras.

«A organisação social das *reducções* limitava-se a um *cacique* ou chefe de guerra, um corregedor para a administração da justiça, um regedor e alcaides que mantinham a policia e a direcção dos trabalhos publicos; eram nomeados pela assembléa geral dos cidadãos e propostos pelos missionarios. Além destes magistrados militar, civil e politico, havia um fiscal, especie de censor publico, eleito pelos velhos individuos da aldéa.

«Os homens capazes de pegar em armas eram alistados. Um director vigiava os meninos, conduzindo-os a egreja, acompanhando-os a escola, levando na mão

uma comprida varinha para os chamar a ordem; e de tudo dava conta aos missionarios, com observações sobre os costumes, caracteres, qualidades e defeitos dos meninos a elle encarregados.

« Para melhor ser policiada a aldêa, dividiam-na em quarteirões vigiados por inspectores ou cabos de quarteirões. Se o indio infringia as leis, era punido á primeira falta com uma reprehensão em particular pelos missionarios; a segunda com uma penitencia publica a pórta da egreja e a terceira com açoites; porém, diz Charlevoix, as qualidades destes innocentes filhos do deserto eram tão boas e dignas de apreço, que as suas faltas eram faltas de creanças e nunca houve exemplo nesta Republica christã que um só indio merecesse ser açoitado.

« Os preguiçosos eram condemnados ao cultivo de uma porção da *Possessão de Deus* e não se recusavam a isso. Os moços casavam-se cedo para evitarem a libertinagem, e as mulheres, que tinham filhos, se retiravam, na ausencia de seus maridos, a uma casa particular denominada *Casa de Refugio.*

« Os dous sexos estavam separados na egreja e tinham bancos distinctos e portas diversas por onde entravam e sahiam, sem se confundirem. Tudo era regulado e policiado com incrivel sabedoria e prudencia, até mesmo o vestido que convinha a modestia, sem ser prejudicar a graça do sexo, não escapava aos cuidados dos missionarios.

« As mulheres traziam uma simples tunica, presa por um cinto; seus braços nús, suas pernas algum tanto descobertas, seus cabellos fluctuantes a desembaraçavam para o trabalho. Os homens eram vestidos como os antigos castelhanos; quando iam para o trabalho cobriam este nobre vestido com uma camisola de

panno branco, e se eram indios que se haviam distinguido em acções de valor ou de virtudes, traziam por cima camisolas côr de purpura.

«As aldêas eram de ordinario á margem de um rio, ou em um bom local. Todas as casas eram uniformes, de um só andar e construidas de pedras: as ruas eram largas e alinhadas. No centro da aldêa estava a praça publica formada pela egreja, a casa dos padres, o celleiro publico, o arsenal, a casa de refugio e o hospital. As egrejas eram elegantes e ornadas; paineis separados por festões de flôres e verdura natural cobriam as paredes. Nos dias de festa a egreja era aromatisada com aguas cheirosas e o sanctuario se juncava de flôres e ramos desfolhados.

«O cemiterio, por detraz da egreja, formava um quadrilatero cercado de muros; uma rua de palmeiras e cyprestes cercava tudo e era cortado por outras ruas de larangeiras e limoeiros; a rua do meio encaminhava-se para uma capella, onde todas as segundas-feiras se celebrava uma missa pelo repouso dos mortos. Alamedas de arvores partiam das extremidades das ruas da aldêa e iam dar a outras capellas, edificadas no campo e vistas em perspectiva. Estes edificios religiosos serviam de termo as procissões nos dias de grande solemnidade.

«No domingo, depois da missa, se faziam os casamentos e á tarde se baptisavam os cathecumenos e crianças. Os baptismos eram feitos como na egreja primitiva, por tres immersões com canto, e vestidos de linho. As principaes festas eram annunciadas com grande pompa; na vespera se accendiam fogos, as ruas eram illuminadas e os meninos dançavam na praça publica. Ao romper da alva do dia seguinte aparecia a milicia revestida de todas as suas armas. O *cacique* de guerra

vinha na frente, montado a cavallo e debaixo de um docel que dois cavalleiros traziam a seus lados. Ao meio dia, depois do officio divino, dava-se um banquete ao extrangeiro que alli estivesse, sendo então permittido aos indios o uso de um pouco de vinho. De tarde havia jogos de carreiras e argolinhas, a que assistiam os padres para premiarem os vencedores. Ao anoitecer dava se o signal de recolher, e todas as familias, felizes e pacificas, se retiravam contentes para suas casas a gosar das doçuras do somno.

«No centro destas mattas incultas e entre este pequeno povo, a festa do Santissimo apresentava um espectaculo pasmoso. Os jesuitas alli tinham introduzido danças, á maneira dos gregos, porque nada havia a temer entre christãos de tão grande innocencia.

«Nada faltava de precioso na festa; todas as bellezas da simples natureza eram dispostas com uma variedade que a representava no seu esplendor; alli estava, por assim dizer, toda a vida, porque sobre as flores e ramos, que compunham os arcos por baixo dos quaes passava o Santissimo, se viam voar passaros de todas as côres, presos pelos pés á compridos fios, de modo que pareciam gosar de toda a liberdade e ter vindo por si mesmos a misturar seus gorgeios com o canto dos musicos e de todo o povo, e louvar a seu modo a Aquelle cuja providencia nunca lhes falta. De espaço a espaço se deixavam ver tigres e *leões* (1), bem encadeados para não perturbarem a festa, e mui formosos peixes nadando em bacias cheias de agua;

---

(1) Na America não ha e não havia *leões*; ha, portanto, ano da parte do escriptor, que talvez quizesse se referir a *zs*, que abundandam nos sertões.

em uma palavra, todas as especies de creaturas viventes alti assistiam, como por devoção, a honrar ao Homem Deus, no seu Augustissimo Sacramento. Entravam tambem nesta decoração todas as cousas que serviam de regalo nas grandes festas, as primeiras de todas as colheitas, para as offerecer ao Senhor, e o grão que se havia de semear para receber a sua bencam.

«A musica dos instrumentos, o canto dos homens, o gorgeio dos passaros, o rugido dos *leões*, o bramido dos tigres—tudo alli se fazia ouvir sem confusão e formava um concerto unico.

«Depois que o Santissimo Sacramento entrava na egreja apresentavam-se aos missionarios todas as cousas comestiveis que tinham sido expostas na passagem. Elles faziam levar o melhor para os enfermos e o resto se dividia pelos habitantes da aldêa. A noite havia fogos de artificio...

«Com um governo tão paternal e tão conveniente ao genio simples e pomposo dos selvagens, não é de admirar que os novos christãos fossem os mais puros e os mais felizes dos humanos. A mudança dos seus costumes era um milagre operado á vista de todo mundo. O espirito de vingança e de crueldade e os vicios mais grosseiros se tinham transformado em espirito de doçura, de paciencia e de castidade.

«Entre elles não havia demandas, nem pendencias. O *teu* e o *meu* não eram alli conhecidos porque repartiam o pouco que tinham com quem necessitava. Abundantemente providos das cousas necessarias á vida, governados pelos mesmos homens que os tinham arrancado dos desertos para viverem em sociedade, e a quem olhavam como especies de divindades no seio de suas familias e na sua patria, fruindo os mais doces senti-

mentos da natureza, conhecendo as vantagens da vida civil sem ter deixado os desertos, e os encantos da sociedade sem ter perdido os da solidão, estes indios podiam gloriar-se de gosar uma felicidade sem exemplo na terra.

«Escrevendo ao rei Philippe V sobre os indios das missões, o bispo de Buenos-Ayres disse: — *Senhor, nestas numerosas povoações, compostas de indios naturalmente inclinados a toda sorte de vicios, reina tão grande innocencia que penso não se commetter alli um só pecado mortal.*

« Via-se entre elles um Estado que não temia os perigos de uma constituição toda marcial, como a dos Lacedemonios, nem os inconvenientes de uma sociedade toda pacifica, como a dos Quakers. Um grande systema politico estava resolvido; a agricultura, que funda, e as armas, que conservam, alli estavam unidas. Os *Guaranys* eram cultivadores sem terem escravos e guerreiros sem serem ferozes... A republica christã não era absolutamente agricola, nem de todo entregue á guerra, e nem privada inteiramente das lettras e do commercio. Ella tinha um pouco de tudo, mas tudo feito em abundancia; não era melancolica como Sparta, nem frivola como Athenas; o cidadão não era opprimido pelo trabalho, nem encantado pelo prazer,..»

Esta bellissima descripção do maravilhoso resultado obtido pelo systema politico social empregado pelos primeiros jesuitas no seu paciente trabalho de catechese e civilisação dos indios, applica-se de preferencia ao Paraguay, onde elles tiveram o longo prazo de dois seculos para o aperfeiçoamento do mechanismo do seu systema; porém, tem tambem applicação aos indios do Goayrá que, havia já setenta annos, estavam sendo doutrinados por este mesmo methodo por outros padres da

companhia de Jesus, não menos intelligentes e dedicado do que os fundadores das reducções do Paraguay, e este espaço de tempo era mais que sufficiente para os jesuitas do Goayrá realisarem alli as mesmas maravilhas relatadas acima com referencia ao Paraguay.

Quando mesmo haja muita exageração na descripção que se faz da vida dos indios nas missões jesuiticas da America do Sul, ainda assim não podemos negar que estes indios, dentro dos estreitos limites da sua esphera intellectual, eram muito mais felizes do que os seus dominadores hespanhóes debaixo do tyrannico regimen de Philippe II e seus successores; mais felizes do que os francezes sob o imperio despotico, immoral e devasso de Francisco I e Luiz XIV, do que os portuguezes sob o dominio clerial e carunchoso dos primeiros Braganças e talvez mesmo mais felizes do que os inglezes do reinado de Henrique VIII, o carrasco de suas numerosas esposas, e da pretenciosa Izabel, a assassina de suas rivaes, as desgraçadas Jeane Gray e Maria Stuart.

Em 1629 havia, pois, no Goayrá uma grande confederação de indios, composta de 100.000 almas repartidas por mais de trinta aldêas e obedecendo ao notavel regimen politico social que acabamos de vêr.

Foi sobre esta populacão pacifica, industriosa e feliz que se atiraram os bandos ferozes de caçadores paulistas, capitaneados por Antonio Raposo e Manoel Preto Em tres annos ficou o Goayrá liquidado e reduzido a um montão de ruinas; não ficou pedra sobre pedra. Segundo alguns historiadores, cerca de 20.000 indios foram mortos e 60.000 foram feitos prisioneros e trazidos para S. Paulo, escapando sómente uns 20.' 00 que conseguiram atravessar os rios Paraná e Yguassú e refugiar-se em territorio do Paraguay e de Corrientes.

O mercado de escravos indios em S. Paulo ficou de tal modo innundado por esta importação do Goayrá, que o preço desses escravos desceu a quinta parte e foram os importadores forçados a levar grande quantidade delles pelo valle do Parayba abaixo até a cidade de Campos. Alguns jesuitas acompanharam os prisioneiros até S. Paulo na esperança de obteram alguma misericordia para os vencidos; porém nada conseguiram porque todos aqui ,eram directamente interessados neste barbaro commercio e as leis do reino, que prohibiam o captiveiro dos indios, nunca foram respeitadas.

Foi então que os jesuitas do Rio da Prata enviaram o padre Francisco Dias Tanho á Roma, como emissario, para obter do papa Urbano VIII uma declaração ou manifestação, formal e positiva, contra a caçada e o captiveiro dos indios pelos portuguezes e hespanhóes, que então estavam sob o reinado dos Philippes, sendo o Portugal uma provincia de Hespanha desde 1580. Appellava-se para as leis religiosas, que podiam actuar sobre o espirito supersticioso das populações daquelles tempos, desde que sobre ellas não tinham imperio as leis civis.

O Padre Tanho, voltando de Roma para o Rio da Prata, em 1638, trouxe comsigo um Breve do Papa contra a escravisação dos indios e, acossado por uma tempestade, aportou ao Rio de Janeiro, onde foi hospedado pelos jesuitas alli estabelecidos, aos quaes communicou o conteudo do mesmo Breve. E como esta resolução de Santa Sé interessava egualmente a todos os missionarios catholicos da America e estava de pleno accordo com as opiniões e methodos dos padres da companhia de Jesus, os jesuitas do Rio de Janeiro se apressaram em fazer publicar este Breve com toda a

solemnidade, e enviaram depois á villa dê Santos uma copia que alli foi publicada na egreja matriz pelo vigario da parochia.

A indignação dos brazileiros, natos e adoptivos, contra os jesuitas, produzida por semelhante publicação, foi enorme no Rio de Janeiro e em todas as villas da capitania de S. Vicente, e a reacção não se fez esperar. O collegio dos jesuitas, no Rio de Janeiro, foi assaltado pelo povo enfurecido e os padres teriam sido todos trucidados si não se tivesse dado a opportuna intervenção do governador Salvador Corrêa de Sá Benevides, que não sómente lhes salvou as vidas como até conseguiu que os seus edificios não ficassem muito prejudicados. Em Santos tambem foi o seu collegio assaltado, arrombado e invalido pelo povo, que intimou os padres a não insistirem na execução do Breve pontificio sobre o captiveiro dos indios, e não lhes fez maiores violencias porque elles acceitaram a capitulacão offerecida. Em S. Paulo se procedeu de modo mais correcto: o povo e auctoridades intimaram os jesuitas a se retirarem da capitania em prazo fixo, e como não fossem logo obedecidos, renovaram a intimacão por duas vezes com prorogacões dos prazos concedidos para elles deixarem a capitania, o que os padres fizeram depois de terem tomado todas as providencias garantidoras das suas já valiosas propriedades e de seus direitos futuros.

II

Ha cerca de dois annos o cidadão Bento Ribeiro dos Santos Camargo auctorisou-me a ir a uma casa fechada do largo do Arouche, cuja chave deu-me, pertencente a um seu parente, que se achava ausente na Eur

pa, e retirar de lá alguns papeis velhos deixados pelo tenente-general José Arouche de Toledo Rendon, entre os quaes era possivel que fossem encontrados alguns documentos de valor historico.

Acceitando o gentil offerecimento, encontrei na dita casa, em uma salinha que dava para o quintal, uma grande quantidade de papeis depositados a granel sobre o soalho. Infelizmente a janella e as vidraças dessa sala tinham sido deixadas abertas por um caseiro pouco cuidadoso e os papeis tinham visiveis oignaes de terem sido lavados por agua de chuva, entrada pela janella; principalmente os que estavam unidos ás taboas do soalho se achavam não sómente molhados, mas tinham as folhas empastadas e a tinta da escripta apagada em muitas partes.

Depois de ter feito a necessaria selecção, entregando á familia os documentos de interesse privado e apropriando-me dos que tinham algum valor historico, comecei gradativamente a fazer, com o auxilio de poderosa lente e de reagentes chimicos, a cópia daquelles que me pareciam mais interessantes. Alguns já foram por mim publicados na revista do Archivo do Estado de S. Paulo, como o *Diario* do coronel Affonso Botelho, narrando a descoberta dos *Campos de Guarapuava*, em 1771—72, e os primeiros encontros com os indios da tribu *Xuelan*.

Este curioso e instructivo *Diario* está estragadissimo e a sua ultima parte que continha a narrativa do encontro com os referidos indios, está inteiramente illegivel; porém, junto a elle estava uma cópia dessa narrativa, em bom estado de conservação e feita pelo tenente Francisco Olintho de Carvalho, que tomára parte naquelle descobrimento, e assim o *Diario* pôde ser pu-

blicado completo, como se vê do volume IV da dita revista.

Nesse mesmo volume foram tambem publicadas duas interessantes cartas do historiador Pedro Taques de Almeida Paes Leme, dirigidas ao não menos illustre escriptor Fr. Gaspar da Madre de Deus, das quaes uma está truncada, e o parecer dado pela Academia Real de Lisboa sobre as *Memorias para a historia da Capitania de São Vicente*, do mesmo Fr. Gaspar.

Continuando o exame destes papeis velhos encontrei um extenso manuscripto, com magnifica lettra, com as folhas todas soltas sem enumeração, muito estragadas por agua, com o papel em párte se desfazendo ao menor contacto, já roto em diversos logares e com as folhas tão baralhadas, que só com grande custo me foi possivel collocal-as seguidamente enumerando-as, de modo a formar uma narrativa continua, intelligivel. Verifiquei, infelizmente, que o manuscripto está truncado, faltando-lhe algumas folhas no meio e as do fim, e que não traz data, nem assignatura, de modo que é impossivel, por elle, se saber quando foi escripto e quem é o seu auctor. O seu titulo é o seguinte:

EXPULSÃO DOS JESUITAS E CAUSAS QUE TIVERAM PARA ELLA OS PAULISTAS DESDE O ANNO DE 1611 ATÉ O DE 1640, EM QUE OS LANÇARAM PARA FÓRA DE TODA A CAPITANIA DE SÃO PAULO E S. VICENTE.

Manoel Eufrasio de Azevedo Marques, escrevendo os *Apontamentos Historicos da Provincia de S. Paulo*, ajuntou-lhes uma interessante *Chronologia* que abrange, dia a dia, os factos principaes da historia paulista. Nella com a data de 13 de julho de 1640, se lê o seguinte:

« Os procuradores das camaras de Parnahyba, de

«vos officiaes que se ponha em execução o assento tomado na villa de S. Vicente, cabeça da Capitania, «sobre a expulsão de Jesuitas; em consequencia do que «dirigem-se todos ao collegio respectivo e expulsam os «Padres que encontraram, e foram: o reitor Nicolau «Botelho, Antonio Ferreira, Antonio de Mariz, Matheus «de Aguiar, Lourenço Vaz, Domingos Alves, por alcu-«nha o *pucui*, Antonio Gonçalves e Lourenço Rodriguez. «*(Livro de registro de vereanças da Camara de S. Paulo «desta data—Historia da expulsão dos jesuitas por Pe-«dro Taques de Almeida Paes Leme, que se refere a um «manuscripto de Pedro de Moraes Madureira, paulista «distincto e contemporaneo do acontecimento. (Arch. e livro «citados).*

O chronista Pedro Taques de Almeida Paes Leme nunca publicou cousa alguma; escreveu varias obras relativas ás capitanias de S. Vicente e de S. Paulo, mas falleceu deixando-as todas ineditas e só quasi um seculo depois da sua morte, occorrida em 1777, foi que a *Revista Trimensal* do Intituto Historico Brazileiro publicou, toda truncada, a grande *Nobiliarchia Paulistana* e as *Memorias Historicas* da capitania de S. Vicente e S. Paulo.

Esta ultima obra, que consiste em uma discussão historico juridica dos direitos que sobre as capitanias de S. Vicente e de S. Paulo, tinham os herdeiros de Martim Affonso de Souza e de seu irmão Pedro Lopes, está completa e só foi publicada em 1847, setenta annos depois do fallecimento do auctor, que nella não se refere a expulsão dos jesuitas em 1640.

A *Nobiliarchia Paulistana* é uma relação complete de todas as familias illustres de S. Paulo, acompanhada da traços biographicos mais ou menos desenvolvidos de cada individuo que representou algum pa-

pel saliente na historia paulista, desde a chegada de Martim Affonso a S. Vicente, em 1532, até a data em que o chronista escrevia. Deste notavel trabalho foram publicados, de 1869 em deante, pela mencionada *Revista Trimensal* do Instituto Historico Brazileiro, os seguintes capitulos:

O volume 32, do anno de 1869, contem o capitulo sobre os *Buenos da Ribeira* e parte do capitulo sobre os *Taques Pompéos*.

O volume 33, de 1870, traz a continuação dos *Taques Pompéos* e mais os capitulos sobre os *Almeida Castanhos*, *Antas Moraes*, *Laras*, *Prados*, *Costas Cabras*, *Mesquitas*, *Penteados*, e *Avarengas Monteiros*.

O volume 34, de 1871, contém a historia dos *Pires*, dos *Affonsos Gayas*, dos *Chassins*, dos *Campos*, dos *Toledos Pizas*, e dos *Rendons*.

O volume 35, de 1872, contém os capitulos sobre os *Lemes*, sobre os *Godoys*, sobre os *Bicudos*, *Carneiros e Mendonças* e sobre os *Pedrosos*, *Vazes e Barros*.

Os capitulos acima mencionados são os unicos publicados e tudo quanto resta da grande obra de Pedro Taques. Consta-me que, ultimamente, entre os papeis deixados pelo illustre paulista João Tibiriçá Piratininga, foi encontrado o capitulo relativo á numerosa e distincta familia dos *Arrudas Botelhos e Sampaios*, tendo-se perdido os seguintes titulos, a que o auctor, na parte publicada, frequentemente se refere:

1 Leites de Miranda
2 Camargos
3 Cunhas Gagos
4 Furquins
5 Aguirres

6 Carvoeiros
7 Alvares de Souza
8 Martins Bonilhas
9 Siqueiras Mendonças
10 Moraes
11 Pachecos Jorges
12 Pintos Guedes
13 Fernandes Povoadores
14 Nunes Siqueiras
15 Raposos Bocarros
16 Raposos da Silveira
17 Quadros
18 Jorges Velhos
19 Dias Paes
20 Proenças
21 Portes de El-Rei
22 Raposos Tavares
23 Anhaias
24 Pontes
25 Canhamares
26 Vaz Guedes
27 Baião
28 Cerqueiras
29 Machados Fagundes
30 Vieiras Maias
31 Moraes de Souza
32 Hortas
33 Rodrigues Lopes
34 Tenorios
35 Freitas
36 Dias Tibiriçás
37 Machados Castanhos
38 Dutras
39 Arzão

40 Furtados
41 Betins
42 Moreiras
43 Guerras
44 Almeidas
45 Cordeiros Paivas
46 Goes Mendonças
47 Falcão
48 Garcez Barreto
49 Lopes da Silva
50 Pretos
51 Raposos Goes
52 Borbas
53 Machados

Temos, portanto, publicados 24 capitulos da grande obra de Pedro Taques, um existente inedito e 53 perdidos. Existe ainda na Bibliotheca Nacional, no Rio de Janeiro, e inedito, um interessante trabalho deste mesmo auctor, sobre as minas e florestas da capitania de S. Vicente e de S. Paulo, do qual tem me sido impossivel obter uma copia para o Archivo Publico deste Estado

Que é feito do manuscripto deixado por Pedro de Moraes Madureira?

Ninguem sabe responder a esta pergunta, que ahi fica lançada á espera de que algum acaso lhe dê a necessaria resposta, acaso tão feliz como aquelle que descobriu o titulo dos *Arruda Botelho e Sampaio* entre os papeis do fallecido cidadão João Tibiriçá e aquelle outro que fez vir parar nas minhas mãos este curioso manuscripto sobre a expulsão dos jesuitas em 1640

Não era natural que Pedro Taques, dando as biographias de Amador Bueno e de Lourenço Castanho

Tacques, cidadãos dos mais illustres da historia paulsita e participantes da responsabilidade da expulsão dos padres da companhia, não fizesse a narração do papel que elles nella desempenharam e que deixasse passar quasi sem menção este importante acontecimento. Si assim o fez devia ter sido propositalmente com o fim de deixar esse facto para servir de assmpto para uma historia especial, que elle devia ter escripto e que, de facto, escreveu, porque foi tambem publicada pela *Revista* do mesmo Instituto Historico Brazileiro, paginas 5 a 40 do volume XII, do anno de 1849.

O manuscripto desta historia sahira das mãos da familia de Pedro Taques para ir para o poder do grande poeta Manoel de Araujo Porto-Alegre, que delle fizera presente ao mesmo Instituto, de que era membro, sem comtudo explicar como lhe viera as mãos esse manuscripto e sem dar a menor idéa do outro que havia servido de guia para a sua elaboração.

Nos seus *Apontamentos Historicos*, no artigo intitulado Jesuitas, Azevedo Marques transcreve diversos documentos officiaes que estão tambem transcriptos no presente manuscripto, e em um destes documentos, que é um longo officio dirigido pelos paulistas ao rei João 4º, dando as razões que tiveram para a expulsão dos jesuitas, ha uma falha devida a perda de varias paginas que não foram conservadas, nem pela Camara Municipal de S. Paulo, nem pelas pessoas que asssignaram e tinham interesse em preser- o inteiro teôr do referido officio. Esta falha está manuscripto, acompanhada de nota, e está tam- nos *Apontamentos Historicos*, com uma nota não al, mas equivalente ; o que faz crêr que este ma-

nuscripto foi o que Azevedo Marques citou, e que é, por conseguinte, a *Historia da Expulsao dos Jesuitas* por Pedro de Moraes Madureira.

A lettra do manuscripto, de excellente qualidade, é comparativamente moderna e não póde ser do mesmo Pedro de Moraes Madureira ; porém, isto em nada prejudica a hypothese, porque os manuscriptos, a medida que iam-se estragando, eram successivamente copiados para serem transmittidos ás gerações futuras.

Demais, o proprio Pedro Taques declara que a sua *Historia da Expulsão dos Jesuitas* foi em parte baseada sobre o manuscripto deixado por Pedro de Moraes Madureira e a comparação deste manuscripto, que tenho a vista, com a obra de Pedro Taques mostra que ellas não são identicas, mas tão semelhantes no fundo e na fórma, que somos forçados a crêr que este é realmente o manuscripto que serviu de guia a Pedro Taques quando escreveu a sua *Historia da Expulsão dos Jesuitas.*

O manuscripto deixado por Pedro de Moraes Madureira, cidadão distincto que assistiu á expulsão dos jesuitas, devia estar junto a esta narrativa que foi sobre ella baseada e juntos deviam ter sido publicados pela *Revista* do Instituto Historico Brazileiro ; mas, o pouco cuidado com que forãm conservados estes e outros documentos, o misero estado a que a maior parte delles está reduzida, estragadissimos por traças e agua, tudo justifica o desapparecimento desse escripto, tanto mais que os papeis não estavam intactos e já tinham sido examinados por outros interessados na historia paulista.

Outros documentos de grande valor para a historia e geographia do tempo foram por mim encontrados, todos estragados e truncados, como o *Diario* de uma

expedição feita para explorar um certo rio do actual Estado do Paraná, escripto pelo capellão da mesma expedição, no qual já se não podem lêr a descripção do seu inicio e o nome do rio explorado; um interessante *Diario* de um estudante brazileiro em Coimbra, que deve ser o proprio general Arouche ou seu irmão Diogo; uma *Discussão da lenda do Caramurú*, inteiramente inutilisada; *Providencias para a conservação das mattas de S. Paulo*; um *Relatorio* com que o capitão-general Mello Castro passou o governo ao seu successor Franca e Horta; *Noticia sobre a Fauna e Flora de S. Paulo*, e muitos outros documentos, todos truncados e imprestaveis.

Alguns dos fragmentos são ainda dignos de leitura e estudo: eu os irei copiando nas horas vagas e publicando os para conhecimento dos que se interessam pela nossa historia.

Começarei pelo manuscripto relativo a expulsão dos jesuitas, que deu causa a esta serie de artigos, que lhe servem de introducção.

A. de Toledo Piza.

Expulsão dos jesuitas

E causas que tiveram para ella os paulistas desde o anno de 1611 até o de 1640, em que os lançaram para fóra de toda a capitania de S. Paulo e S. Vicente.

Fundada a Villa de S. Vicente no anno de 1531 (primeira Povoação em todo o Brazil) se fundou depois a Cidade da Bahia no anno de 1549 pelo Governador Themé de Souza, em cuja companhia foram os primeiros Jesuitas ao Brazil. Desta Cidade vieram para a Villa de S. Vicente no mesmo anno de 1549 algũs individuos desta Sociedade, onde logo fundaram hũ Collegio.

Deste subiram para São Paulo treze Jezuitas em Janeiro de 1554, sendo Superior o Padre Manoel de Paiva, e chegando ao sitio Borda do Campo, onde já havia a Villa de Santo André, que tinha fundado o Européo João Ramalho, que foi o Alcaide-Mór della, passaram avante a buscar ao Rey da Nação *Piratininga* chamado Teviriçá, que já se achava em particular afeição aos Portuguezes.

Desse Gentio foram recebidos os jezuitas cõ grande agazalho, e celebrou-se a primeira Missa em 25 de janeiro do mesmo anno de 1554, que por ser o da Conversão do Apostolo S. Paulo veio a chamar-se (depois Conversão do Rey Teviriçá) S. Paulo de Piratinin-

ga. Para esta povoação se transmigraram os moradores da Villa de Santo André por ordem de Mem de Sá o Governador Geral do Estado.

Os Jezuitas foram logo arrogando a si a administração das indios Piratininganos convertidos, e dos gentios, que vinham do centro dos Sertoens. Concebendo porém maior ambição de dominio se fizeram os Jezuitas absolutos senhores de todo o governo temporal, com odio tal dos portuguezes assim Européos como Nacionaes.

Alguns annos soffreram os damnos, que recebiam os paulistas da falta do serviço dos indios aldeados pelos Jezuitas para o labor das minas de ouro de lavagem descubertas pelo paulista Affonso Sardinha em 1597 nas Serras de *Jaguamimbaba*, de *Jaraguá*, e *Vuturuna* distantes da Villa de S. Paulo quatro legoas. Para atalharem este perniciozo damno como objecto de futuras consequencias procuraram os Povos estabelecer huã providencia tal como a que se contem no contexto do Termo segte.:—a) Aos 15 dias do mez de Agosto do Anno de 1611 nesta Villa de S. Paulo na Caza do Conselho della a requerimento de Dom Jorge de Barros Fajardo Procurador do Concelho se ajuntaram os Officiaes da Camara a saber, o Vereador Antonio Raposo, e seu parceiro Antonio Rodrigues, o Juiz Manoel Francisco Pinto, e o dito procurador estando junto a maior parte do povo, e moradores, e homens da Governança da Terra, e sendo todos juntos com o povo, o dito procurador requereo a elles ditos Officiaes por parte do povo dizendo:

«Que com o gentio *Carijó* estavam morando indios «dos nossos aqui naturaes os quaes são da Aldêa dos «*Reys Magnos*, e outros, e que ordinariamente entre «elles ha brigas e diferenças, e que correm risco mata-

«rem-se por serem contrarios huns dos outros pelo que «lhes requeria fizessem requerimentos em nome deste «povo que os apartassem, e cada huns em sua Aldêa. «Segundariamente: que não se largasse a posse, que «tem este povo pelo Foral do Senhor da Terra, nem «deixassem meter-se nenhuma pessoa de posse das «Aldêas dos nossos Comarcaons, e nossos amigos, e com-«padres: Que se não largasse o Dominio aos Padres «mais do que sómente doutrinarem-nos como Sua Mages-«tade manda, e quando elles ditos Padres os não qui-«zerem doutrinar desta maneira que elles officiaes fi-«zessem requerimento ao vigario desta Villa para pôr «cobro nisso, o que se podia fazer facilmente: Que ou-«tro si os Carijós, que vieram antes dos padres irem «ao Sertão, e que elles não descerão nem os que vieram «depois de virem os ditos padres, que elles ditos padres «não entendão com elles, e que sómente entendessem «com os que descerão; porque hé tanto o Dominio, que «elles tem no sobredito Gentio que não consentem que «hum branco pouse nas Aldêas o que nunca se fez, o «que tudo foi dito, e requerido aos ditos officiaes pelo «dito procurador diante de todo o povo, estando junto, «o qual em altas vozes, junto em huã vóz dissera: Que «era muito bem, e que assim requeriam a elles offi-«ciaes, e porque era muita a gente disseram todos que «o dito procurador assignasse por elles, porque elles «assim o haviam por bem: e que com isso fizessem «todos os requerimentos ao Senhor Governador Dom «Luiz de Souza, e lhe fizessem a saber para nisso lhe «pôr cobro, e os ditos officiaes assim o assentaram. E «porque a razão de apartar os indios dos Carijós era por haverem tido Guerra, ordinariamente desde *ab initio*, e agora ao tempo que os padres os foram descer os puzeram em cerco para os matarem. e come-

«rem, como fizeram aos nossos indios Christãos paren-
«tes de estoutros nossos principaes Compadres, e Cré-
«oulos, q' os mataram, e comeram, pelo que era neces-
«sario por-se Capitaens nas Aldêas como Sua Mages-
«tade manda, e para que a elle se peção os indios, que
«os moradores houverem mister, e se faça tudo por or-
«dem; e as provizoens dos taes Officiaes venhão a esta
«Camara a registrar para saber-se se são daquelles de
«quem se espera que o tal cargo hajam de servir.
«Assim o assentaram, e assignaram aqui e eu Simão
«Borges Escrivão da Camara que o escrevi. *Manoel*
«*Fernandes Pinto—Antonio Rapozo—Antonio Rodrigues*
—Jorge de Barros Fajardo.»

Depois disto parece que pela falta das providencias requeridas ficaram os povos recebendo maiores damnos, que os obrigou a uma nova altercação, ou desafogo; porque no mesmo caderno de Vereações á margem referido (1) se acha á fls. 33 v.º o Termo do theor seguinte:—

«Em esta Villa de S. Paulo em os 10 dias do mez
«de Junho do anno de 1612 se ajuntaram os officiaes
«da Camara a saber, o Vereador Vicente Bicudo assis-
«tiu em seu lugar o Vereador do anno passado *Antonio*
«*Rapozo*, o juiz José de Camargo, e seu parceiro Pe-
«dro Nunes, e Francisco da Gama procurador de Con-
«celho, e sendo todos juntos com a maior parte do po-
«vo, e homês da Governança da Terra pelo juiz Jozé
«de Camargo foi dito:—Que todo povo junto, e o dito
«ajûtamento se lhe pedia pela maior parte deste povo
«e Camara dizendo:—Que eram homens pobres, e que

(1) Livro de Registros de Vereações da Camara de S Paulo, tit. 610, pag. 19 verso. Esta nota e todas as seguinte não são do manuscripto, mas sim minhas.—*A. de Toledo Piza.*

«para remediar suas necessidades lhes era necessario «muitas vezes, e cada dia, pedir ao Senhor Governador «quatro indios assim para fazerem seus mantimentos «para comer como para irem as Minas a tirar Ouro para «seu remedio, e delle pagarem os Quintos a Sua Ma«gestade, e que com esta licença hião ás Aldêas, e não «achavam indios, nem queriam hir com elles; e quando «hiam não cumpriam o termo da obrigação do aluguer, «e com as pagas na mão se tornavam para Aldêa, dei«xando aos moradores em as Minas com os mantimen«tos perdidos, e suas pessoas, sem terem quem os be«neficie; e que isto cauzava o não terem os ditos in«dios nas Aldêas Capitão nem Justiça, que os oppri«misse a cumprir com as pagas, que recebiam, de que «rezultava muito damno aos ditos moradores por fica«rem perdidos, perdendo os seus mantimentos, paga, e «tempo, e os ditos indios fazendo zombaria dos mora«dores, e rindo-se, e levantando-se ás maiores, e sua «Magestade perdendo os seus Reaes Quintos: Que sen«do as Aldêas desta Capitania sempre sujeitas aos Ca«pitães e Justiça desta dicta Capitania agora se intro«duzia pelo dito Gentio hum rumor dizendo: Que não «conheciam senão os padres por seus superiores, e os «ditos padres dizendo publicamente: Que as ditas Al«dêas eram suas, porque eram Senhores no temporal e «espiritual, e que só o Papa era a sua Cabeça; e por «couza nova e dezacostumada, e nunca até hoje tal Do«minio nem posse aos ditos padres da Companhia «se dera desde que esta Capitania se fundou até hoje «havendo-a pertendido os ditos padres por muitas vias «todos, e só se lhes consentiu a administração espi«ritual.

«E porquanto as couzas se passavam na fórma aci«dita os Officiaes pediram a todos os presentes que

«se havia algua pessoa, que soubesse haver-se dado «posse aos ditos padres em algum tempo o disses- «se, e quando não, lhes parecia justo que recobrassem «sua antiga posse, e bom governo, pondo Capitães nas «Aldêaz, como costumava fazer, e dando Ordem para «que os ditos Indios sirvam por sua paga, e aluguel aos «Moradores para que com elles cultivem as Minas e «façam seus serviços, de que rezultará Dizimo a Deus, «Quintos a El-Rey, augmento aos Moradores, e a elles «utilidade com o proveito de se vestirem com o seu «trabalho, e as suas mulheres, e apartaram-se de suas «continuas idolatrias, e borracheiras, de que não póde «rezultar serviço algum de Deus, e com o vicio da bor- «racheira se levantarem contra os brancos, e morado- «res como nesta capitania tem feito, e em outras par- «tes do Estado. E assim mais que se lhes não consin- «ta Aldêa grande para que não tenham forças quando «alguma ora reinarem, se não que se partam de du- «zentos vizinhos, e não mais, e distantes tres, ou qua- «tro legoas huas das outras. Assim tambem para que se «não consinta que nas Aldêas estejam, nem se rece- «bam Escravos, nem serviços de brancos, senão que «aja em todas Capitães que tenham especial cuidado, e «sejam sufficientes para evitar, e ordenar as couzas «acima ditas; e que para isto pediam o parecer de to- «dos os Moradores desta Villa.

»E logo foi dito em altas vozes por todos: Que «era mui bem, e justo, e que assi o requeriam todos «elles á elles ditos Officiaes, e se assignarão aqui os «ditos Officiaes com os demais, que prezentes se acha- «vam, e pelo Povo assignou o dito Procurador Fran- «cisco da Gama, e eu Simão Borges Escrivão da Cama- «ra que o escrevi—José de Camargo—Pedro Nunes— «Antonio Rapozo—Giraldo Correa—Francisco da Ga-

«ma—Antonio de Oliveira—Antonio Fernandes—Bel-
«chior da Costa—Gonçalo Madeira—Pascoal Leite Fur-
«tado—Duarte Machado—Manoel Godinho—Andre Gon-
«çalves—Ascenso Ribeiro—Manoel Francisco Pinto—
«Fernão Dias—Manoel Esteves—Henrique da Cunha
«—Christovão de Aguiar Girão—André Botelho—Ma-
«noel Affonso—Pascoal Dias—Manoel Fernandes—Pe-
«dro Leme—Antonio Pinto Micel—João Leite—João
«Dias—Pedro Dias—Pedro Rodrigues Guerreiro—Fran-
«cisco Preto—Chrizostomo Alvares—Pedro de Araujo
«—Braz Esteves Leme—Aleixo Leme—Manoel Paes—
«João Fernandes—João Alvares Ferreira—Pedro Gon-
«çalves de Freitas—João da Silva—Jorge Peres—Ra-
«fael de Oliveira—Thomé Martins Bonilha—Luiz Fur-
«tado—Sebastião Leme—João de Brito—Jeronimo de
«Brito—Bartholomeu Bueno da Ribeira—João Soares
«—Sebastião Fernandes Camacho—Antonio Bicudo—
«João Gomes—Lourenço Nunes—Jacome Nunes Pinto—
«André Peres—Francisco de Siqueira—João do Prado
«—Domingos Cordeiro—João de Oliveira—Amador
«Bueno da Ribeira—Diogo Pires—Leonel Furtado—
«Domingos Luiz o Moço—Mathias Lopes—Gonçalo Pi-
«res—Domingos Pires—Affonso Coelho—Francisco Sa-
«raspe—Alonso Peres Canhamares—Pelo Povo e por
«mim, Francisco da Gama, Procurador do Conselho.»

Com estes dissabores se foi gerando nos Paulistas huma dezafeição aos Jezuitas, até que correndo os annos abraçaram a providencia de os expulsar para fora da Capitania de São Paulo e São Vicente. Na Camara Capital desta Villa prezentes os Procuradores das Camaras das mais Villas da Comarca se tomou assento para serem expulsos os Jezuitas do theor seguinte:

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Chris-
«to da Era de mil seiscentos e quarenta annos, aos

«vinte e cinco dias do mez de Junho do dito anno, «nesta Villa de São Vicente nas Casas do Concelho della, «estando juntos os Procuradores das Villas desta Ca-«pitanía, a saber o Procurador desta Villa de São Vi-«cente Antonio Vieira Guimarães, e os procuradores da «Villa do Porto de Santos o Capitão Lucas de Freitas «de Azevedo, e o Alferes Francisco Pinheiro Paes, e os «procuradores da Villa de S. Paulo o Capitão Fran-«cisco Rodrigues da Guerra, e o Capitão João Fernan-«des de Sayavedra, e o procurador da Villa de Santa «Anna da Parnahiba o Capitão Balthazar Fernandes, «e o procurador da Villa de Santa Anna das Cruzes o «Capitão Jozé Preto, e o procurador da Villa de Nossa «Senhora da Conceicão o Capitão Vasco da Motta e o «Procurador da Villa de Nossa Senhora das Neves do «Iguape (2), e o Procurador da Villa de S. João de «Cananéa Sebastião Pereira de Abreu; e sendo ahi to-«dos juntos trataram de remedios que haviam de ter «para informarem a Sua Magestade, e supplicarem a «Sua Santidade sobre os Breves de Sua Santidade e «do Senhor Coleitor destes Reinos de Portugal passa-«dos a instancia dos Reverendos Padres da Companhia «de Jezus, e entre todos determinaram o seguinte (para «o que tomaram juramento dos Santos Evangelhos so-«bre hû livro delles para detreminarem o que lhes pa-«recer mais acertado, encaminhado ao bem comum em «serviço de Deos, e Salvação de suas Almas):—Primei-«ramente se determinou se tirasse hum pedido nestas «duas Capitanias, e Villas dellas conforme a posse de «cada huã, que serão por ora quatro mil cruzados a sabêr, dois mil e quinhentos a Villa de S. Paulo, e a

(1) O manuscripto não traz o nome do representante da camara de Iguape.

«Villa de Santa da Parnahiba cento e vinte mil reis, e «a Villa de Santa Anna das Cruzes de Mogi sessenta «mil reis, e a Villa do Porto de Santos oitenta mil «reis, e a Villa da Ilha de S. Sebastião sessenta mil «reis, e a Villa de S. Vicente trinta mil reis, e a Villa «de Nossa Senhora da Conceição cem mil réis, e da Villa «de Nossa Senhora das Neves de Iguape, sessenta mil réis, «e a villa de S. João de Cananéa vinte e cinco mil reis, que «tudo faz soma os quatro mil cruzados os quaes se hão de «tirar com a brevidade possivel, e entregues pelos Pro«curadores das ditas Camaras, e Povos na Villa de «Santos aos Officiaes da Camara della com Cartas e «mais papeis, e pelo tempo adiante se tirará outra «tanta quantia pelas mesmas Villas, seguindo a mesma «ordem. E assim mais os ditos Procuradores assenta«ram que cada hum desta Junta levou para a sua «Villa, e Povo, de que hé Procurador, hú Memorial «dos Papeis, Provas, e Certidões que cada Villa ha de «tirar, e levasse cada hû delles hû traslado deste «Assento, e junta, assignado por todos.

«Ordenaram mais que havendo respeito as altera«ções, e motins, que os Gentios destas Capitanias co«meçaram a fazer fundados nos Reverendos Padres da «Companhia por razão destes Breves nos favores, que «lhes davam, induzimentos, que lhes faziam, de que se «seguia risco notavel das vidas, fazendas, e honras de «todos os moradores destas Capitanias (1), que se não «podia atalhar por meio algû senão lançando os ditos «Reverendos Padres da Companhia fora desta Capi-

(1) As villas de S. Sebastião e Villa Bella estavam na capitania dos herdeiros de Pedro Lopes, emquanto as outras povoações aqui mencionadas estavam na capitania dos herdeiros de Martim Affonso. Eram, portanto, duas capitanias.

«tania; e outro sim visto não se poder administrar Jus-
«tiça, nem dar cumprimento as Leys de Sua Mages-
«tade, e na sua prezença porquanto se tem feito tão
«poderozos que querem que tudo se faça a seu que-
«rer, e vontade, tanto assim que qualquer Ministro,
«que lha não faz, o procuram logo calumniar para que
«os outros com medo de semelhante exemplo não saião
«fora de suas ordens, como a experiencia ordinaria-
«mente nos mostra, tanto assim que publicamente di-
«zem, e mostrão por Cartas que dizem ser de outro-
«Padres da sua Religião afflrmativamente, e ainda com
«juramentos, que temos outro Rey vivo, dizendo que
«hé Dom Sebastião que Deos tem, persuadindo isto a
«muita grande parte destas Villas, e porque alguns ho-
«mens de pouco saber, e antendimento se póde temer
«alguma duvida antes d isto vir a mais, se assentou
«para evitar com tempo as alteraçoens, que daqni se
«se podiam seguir, e juntamente constando que hum
«Padre de sua mesma Ordem, Religiozo professo, Sa-
«cerdote, e prégador, que governava as Aldêas dos In-
«dios de Pernambuco por nome o padre Francisco de
«Moraes, ao qual elles haviam constituido, e por capi-
«tão, e Governo dos mesmos Indios em a Guerra de
«Pernambuco contra os Olandezes, se rebellou, e lan-
«çou com o inimigo levantado Guerra contra os nossos,
«assim elle com os mesmos indios, fazendo-nos nota-
«veis damnos, e mortes, de que procedeo a tal ruina
«de Pernambuco por serem os Indios muitos em quan
«tidade, e por remate se fez Apostata, e foi cazar em
«Olanda, e tem os ditos Reverendos padres tanta mão
«com estes Indios que se póde temer o risco de nossas
«vidas, entrada que por esse meio sómente poderia ter
«com o Inimigo. O que tudo bem considerado para
«mais segurança, e defença destas capitanias, e quieta-

«ção dos Vassallos de Sua Magestade, o serviço do dito «Senhor se ordemnou, e assentou a que pela mais li«cita, honesta, e moderada ordem, que se podér alcan«çar, se botem todos os Reverendos Padres da Com«panhia, que nesta capitania assistem, fora della com «protestação de nunca mais os admitir nella, por ser «assim Serviço a Deus, e a Sua Magestade, e bem co«mum, e quietação destas capitanias, e povos; e por «assim ordenarem o assignaram e eu Antonio de Ma«dureira Salvadores Escrivão da Camara que o escrevi. «Por mandado dos acima nomeados. E assignaram to«dos, que foram prezentes nesta Assembléa, e mais «Camaristas.»

Aos dous do mez de Julho deste anno de 1640 na Casa do Concelho se abriu uma Caixinha, que veio de S. Vicente, sobre o que alli se determinou em Camara, prezentes os procuradores de todas estas Capitanias, e em Camara se abriu a dita Caixinha, e se achou nella o que se determinou em S. Vicente, e se leu ao povo, que estava junto, e conteudo nelle, e houveram por bem feito o que tinham obrado os procuradores, o qual papel eu Escrivão li ao povo todo, que estava presente e por elle foi dito se desse a execução o que se tinha assentado, e a requerimento do povo foram todas as pessoas, a saber os Officiaes da Camara, ao Collegio da Companhia de Jesus, e fizerão a notificação, a qual fiz eu Escrivão da Camara a requerimento dos Officiaes della, e Povo, ao Reverendo Padre Reitor Nicoláo Botelho, para que dentro em seis dias despejasse com os mesmos Padres esta Villa, e se recolherem ao Pollegio do Rio de Janeiro para seguranca de suas vidas, honras, e fazendas contra o levantamento do Gentio, de que não vivem seguros, como a experiencia tem nostrado, e para segurança, e defenção de todas estas

Villas, para que o inimigo não tenha entrada nellas lhe convem, e hê couza muito necessaria que os Reverendos padres se saiam fora destas capitanias, fundados em outras muitas couzas, e razoens, que darão á Sua Magestade, e a seus Ministros, ou a quem de Direito pertencer, pelo que lhes requerem o façam assim dentro em seis dias, porque os levantamentos, com que o Gentio ameaça não soffrem maior dilatação, vista a calamidade do tempo, em que o inimigo rebelde tem tantas praças deste Estado occupado que os incita huã continua vigilancia, por cujas cauzas movidos estes povos estão rezolutos, entendendo convir assim ao Serviço de El-Rey Nosso Senhor, e nós por evitarmos alguma indecencia, que com o tumulto, e ajuntamento dos povos poderá succeder requeremos aos Reverendos ponham em ordem as suas cousas, e se recolham ao colegio do Rio de Janeiro, dezoccupando esta Villa, e capitania, para o que lhe daremos toda ajuda e favor dentro do dito termo, do que protestamos não incorrer em censura, ou excommunhão algûa e que succedendo algûa dezordem será a culpa imputada a Vossas Reverencias por sua contumacia.

Este hé o theor da notificação que o povo, e Camara juntos, fez os Reverendos Padres, em que se assignarão os Officiaes da Camara, e o Povo, que o dito requerimento fez em dito dia, mez e anno declarado, e eu Manoel Fernandes Velho Escrivão da Camara o escrevi, e nelle me assignei por ser por mim feita a notificação em nome do Povo, e Camara.—O escrivão *Manoel Feruandes Velho—Fernando de Camargo* (1) *Bar-*

(1) Pertencia á illustre familia dos *Camargo* e tomou parte activa na guerra civil contra os Pires e Taques. Deu contra Pedro Taques sangrento combate no largo da Sé em 1640 e no anno seguinte assassinou o mesmo Pedro Taques no mesmo largo, na esquina da travessa da Sé.

tholomeu Fernandes de Faria (4)—*Antonio Alves Couceiro*—*Domingos da Rocha*—*João Fernandes de Savedra*—*Bernardo da Motta* (5).

Pessoas que assignarão este termo.

Gaspar Manoel Solvago, Francisco de Camargo, Fernando de Godoy Moreira, Pedro do Prado, Francisco Leme da Silva, Antonio de Barros da Silva, Fernão Munhoz, Manoel Alvares de Souza, Innocencio Fernandes, Francisco Ribeiro Banhos, Domingos Leme, Sebasteão Fernandes, Gaspar Sardinha, José Ortiz de Camargo, Gaspar Fernandes Cortez, Alvaro Rodrigues do Prado, João da Costa Lima, Gaspar Affonso, João Furtado, Pedro Leme, Innocencio de Brito, Amador Bneno (6), Belchior Carneiro de Barros, Domingos Fernandes Pinto, Matheus Luiz Grou, Antonio Bueno, Antonio Domingues, Diogo Coutinho de Mello, Pedro Leme do Prado, Ignacio Lopes, Bento do Amaral, Aleixo Leme, Gaspar de Godoy Moreira (7), Pedro Vaz de Barros (8), João Paes, Diogo Fernandes, João Baruel, Fernão Dias, Fructuozo da Costa, Luiz Fernandes Bueno, Gabriel de Goes, Pedro Dias de Castilho, Domingos Rodrigues Velho, Thomé Martins Bonilha, Antonio de Siqueira de Mendonça, Luiz de Andrade, Antonio Bicudo, Bal-

(4) Foi personagem muito proeminente e delle encontrará o leitor noticia na pagina 68 do vol. IV do Archivo do Estado de S. Paulo».

(5) Era o procurador da camara; os outros eram vereadores.

(6) Amador Bueno da Ribeira, o mesmo que, logo depois da expulsão dos jesuitas, foi acclamado rei de S. Paulo.

(7) Da unmerosa e illustre familia dos *Godoy Moreira*, qne até hoje é distincta em S. Paulo, Ambaro e Pindamonhangaba. Vide Annexo H. do vol. XIII do *Archivo de S. Paulo*.

(8) Cidadão muito importante e fundador da numerosa e opulenta familia dos *Barros e Queiroz*, de S. Paulo.

thazar Corrêa, João Rapozo Bocarro (1), Dom Francisco Rendon de Quebedo (2), Miguel Lourenco de Andrade, Luiz Rodrigues Cavalinho, Dom Francisco de Lemos, Paulo Pereira de Avellar, Antonio de Madureira Moraes, Pedro de Moraes Madureira, Domingos Jorge Velho (3), Balthazar de Godoy Moreira, Domingos Garcia, Ignacio de Bulhões, Garcia Rodrigues Velho (4), João Maciel Bação, Lourenço de Siqueira de Mendonça, Estevão Cabral de Tavora, Pedro da Silva, Henrique da Cunha Lobo, João Maciel Valente, Manoel de Siqueira de Mendonça, João Maciel, Pedro Fernandes, Pedro Fernandes Aragones, Francisco João Leme, João Martins Bonilha (5), Francisco Dias Leme, Pascoal Dias, Francisco Rodrigues, Brandão, Thomé Martins, Matheus Martins, Antonio Fernandes, Luiz Dias Barrozo,

---

(1) A familia *Raposo Bocarro* era de S. Sebastião e muito proeminente. A' ella pertenciam João Leite da Silva Ortiz, illustre sertanejo, companheiro e genro de Bartholomeu Rueno da Silva, e Bartholomeu Paes de Abreu, genro do capitão-mór Pedro Taques de Almeida e pae do historiador Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

(2) Hespanhol de nascimento e fidalgo, genro de Amador Bueno da Ribeira e um dos auctores da acclamação do seu sogro para rei de S. Paulo, no anno de 1641.

(3) Deve ser o mesmo grande sertanejo que 47 annos mais tarde foi a capitania de Pernambuco destruir a famosa *Republica dos Palmares.*

(4) Pertencia a uma familia illustre e era um cidadão de muito prestimo e valor. Deixou grande e importante descendencia e foi sogro do grande sertanejo Fernando Dias Paes Leme.

(5) Era, com outros *Martins* que vão abaixo, membro de numerosa familia existente até hoje é espalhada pelo Estado.

Diogo Tavares [1], Manoel de Siqueira Bicudo, Manoel de Arzão, Manoel Rodrigues, Manoel de Macedo, Francisco Bicudo de Siqueira, Manoel Peres, Manoel de Linhares, Gonçalo Gil, Antonto Rodrigues, Francisco da Costa Valadares, Francisco Rodrigues, Pedro Lourenço, Sebastião Gll de Godoy, Balthazar de Souza, Manoel Fernandes [2], Diogo Barboza, Diogo da Gama, Francisco Borges, Felippe da Cunha, Francisco de Paiva, Antonio Corrêa da Silva, Francisco Rodrigues, João Ribeiro, Baptista Maciel, Francisco Lopes Benevides, Ascenso de Quadros, Alonso Peres Canhamares [3], Balthazar Gonçalves Vidal, Manoel Rodrigues, Martim Velho Barreto, Mathias de Oliveira, Bernardo de Quadros, Pedro Gonçalves Varejão, Domingos Peres Botelho, Antonio Lourenço—o moço, Aleixo Leme, Francisco de Alvarenga, Miguel Rodrigues Garcia, Lucas Pedrozo, Matheus Leme do Prado, Antonio de Siqueira, Domingos Luiz Leme, João da Cunha Gago (4).

---

(1) Diogo da Costa Tavares, irmão de Antonio Raposo Favares, que foi o commandante dos paulistas na guerra de Pernambuco contra os hollandezes. A familia *Tavares* era muito importante naquelle tempo.

(2) Havia em S. Paulo e Parnahyba naquelle tempo uma numerosa e importante familia Fernandes, descendente de Manoel Fernandes Ramos, fundador do villa de Parnahyba. Domingos Fernandes foi o fundador de Ytú. André Fernandes foi um sertanejo notavel e riquissimo e Balthazar Fernaudes foi o fundader de Sorocaba.

(3) Era hespanhol. Os factos aqui narradas tiveram lologar em 1640; havia já 60 adnos que o Brazil pertencia á Hespanha e a colonia hespanhola em S. Paulo era importante, principalmente os *Rendon, Canhamares, Cabeça de Vacca,* etc.

(4) Era tão numerosa e importante a familia *Cunha Gago* que mereceu um capitulo especial na *Nobiliarchia Paulistana,* de Pedro Taques.

«reira da Companhia de Jezus por não estar o Reitor.
«ficou elle em seu lugar. A noteficação que lhe foi
«feita hé a seguinte :—Que a dita noteficação são tres,
«que o Povo tinha feito a SS. RR. para que despe-
«jassem esta Villa e Capitania, e não o querendo fa-
«zer sem violencia, protestavam de não incorrer na
«excommunhão *Si quis suadente Diavolo*, nem em ou-
«tras algumas censuras, porque os não lançavam fóra
«por perzuazão do Demonio, odio ou mal querença,
«nem vingança, mais que somente por defenderem suas
«fazendas, honras, e vidas, e de suas mulheres, e fi-
«lhos, como tudo provariam largamente ante Juiz com-
«petente, a qual fazenda, vida, e honra de outra ma-
«neira não podiam defender. A qual noteficação assim
«fez o Tabelião Domingos da Motta por mandado dos
«ditos Officiaes da Camara, lendo para isso um papel
«em que se continha o acima dito, que os ditos Of-
«ficiaes a requerimento do povo deram, o qual em pre-
«zença do dito padre foi lido em alta vós, que o dito
«Padre bem ouviu em prezença de mim Escrivão da
«Camara, do que os ditos Officiaes da Camara man-
«daram fazer este Termo, em que o dito Tabellião cõ
«migo Escrivão ,da Camara nos assignamos. Manoel
«Fernandes Velho, Escrivão da Camara, o escrevi.—*Ma-
«noel Fernandes Velho.—Domingos da Motta.*»

Para effeito de ser infallivel esta expulsão dos Jezuitas, como ella se não tinha verificado até o dia dez do mesmo mez do Julho, appareceram no seguinte dia em Camara os Procuradores das Villas de Mogy das Cruzes João Homem de Çosta, e da de Pernahiba Gonçalo Ferreira, os quaes apresentando as suas Procuraçoens foram reconhecidas pelos Officiaes da Camara de S. Paulo, aos quaes disserão que elles vinham em nome das ditas Villas para o effeito de se dar á execu-

ção o determinado na Villa de S. Vicente em nome das ditas Villas, e moradores dellas; e de como apresentaram ditas procuracões com o requerimento declarado se fez de tudo termo, que todos assignaram, como se vê a folhas 63 do já referido livro, no qual em folhas 64 se acha o Termo da ultima resolução, que tomaram em Camara para lançarem aos Padres Jesuitas pelo theor seguinte:

«Aos 13 dias do mez de Julho de 1640 estando os «Officiaes da Camara, Juizes, e Vereadores, estando ahi «o procurador da Villa de Mogy, Santa Anna das Cru«zes *(1)* João Homem da Costa, e o procurador da «Villa de Santa Anna de Pernahiba, e cada hum dos «procuradores com sua gente de cada instancia, e «com o povo desta Villa, requererão que se désse a «execução o que da Villa de S. Vicente, Cabeça «desta Capitania, viera determinado de deitar fóra «desta Villa os Padres da Companhia de Jezus «para paz, e quietação desta Villa e Capitania pe«las razoens já alegadas, e por outras mais que da«riam á Sua Magestade e a Sua Santidade, e que não «puzessem no cazo dilação, e denovamente tornarão a «requerer com muita instancia, e clamor do Povo, e «Procuradores das ditas Villas nomiadas; e visto pelos «Officiaes da Camara o clamor, e requerimento do Po«vo todo mandaram se cumprisse; e visto o requeri«mento do Povo, e a instancia, força, e violencia, com «que o faziam, disseram os ditos Officiaes da Camara «que protestavam não incorrer em pena, nem em cen«suras algumas, visto como não podiam apaziguar, nem

Deve-sa ler «Santa Anna de Mogy das Cruzes», cidade a margem esquerda do rio Tieté, uns 60 kilometros aci le S, Paulo: é servida pela Estrada de Ferro Central do

«aquietar o dito Povo, e logo tornou o dito Povo de-
«novamente a requerer que se executasse o que tantas
«vezes elle dito Povo tinha requerido, e que elle, e
«Procuradores davam disso conta á Sua Santidade, e á
«Sua Magestade, do qual requerimento mandaram fa-
«zer este Termo, que assignaram com ditos Procurado-
«res João Homem da Costa e Gonçalo Ferreira com a
«maior parte do povo, e eu Manoel Fernandes Velho
«Escrivão da Camara que o escrevi—*Gonçalo Ferreira*
«—*João Homem da Costa—Fernando de Camargo—Bar-*
«*tholomeu Fernandes de Faria—Antonio Alvares Cou-*
«*ceiro—João Fernandes Savedra—Domingos da Rocha—*
«*Miguel Garcia Carrasco.*

Pessoas que assignaram este Termo (1) Manoel Chaves Bravo, Goncalo Lopes, Balthazar de Souza, Fernão Dias, Francisco de Camargo, Lourenço Corrêa, José Ortiz de Camargo, Antonio de Faria Albernás, Miguel Delgado, Henrique da Cunha Gago, Simão Borges, Manoel Delgado, Paulo Pedrozo, Balthazar Corrêa, Belchior da Cunha, Diogo de Fontes, João Delgado, João Gomes, Antonio de Edra, Pascoal Dias Rodrigues, Salvador Rodrigues, Luiz da Costa, Antonio Pedrozo de Freitas, Marcellino de Camargo, Manoel Ribeiro de Azevedo, Francisco de Gaya (2), Antonio de Medeiros, João da Costa, Braz Mendes Ribeiro,

---

(1) E' conveniente conservar a lista destes nomes porque como dissemos, o livro de actas que os contem está illegivel e mesmo porque os jesuitas voltaram por influencia de outros cidadãos cujos nomes são conhecidos.

(2) Havia na capitania de S. Vicente uma importante familia *Gaya* que fez figura em S. Vicente, Santos e S. Paulo e mereceu um capitulo especial na *Nobiliarchia Paulistana* de Pedro Taques.

João Maciel Bacão, Manoel de Siqueira, Fernão Malheiros, Thomé Martins Bonilha, Flavio da Costa, Francisco Dias de Oliveira, Balthazar Gonçalves, Salvador de Miranda, Belchior de Borba, Fernando Munhoz, Francisco Fernandes, Thomé Fernandes da Costa, Manoel de Goés, Matheus Luiz Grou, Luiz Gomes, Pedro Nunes, Gaspar Affonso, Bartholomeu de Quadros, Pedro do Prado, Francisco Leme, Francisco Gaya, Luiz Dias Leme, Rafael de Oliveira—o—moço, Francisco Dias, João Ferreira, João Furtado, Bernardo da Motta, João Paes Garcia, Angelo Preto, Mathias de Oliveira, Romão Freire, Diogo Barbosa Rego, Fernão de Siqueira, João Rodrigues de la Penha, João Ribeiro, Ascenso de Quadros, Manoel de Goes Rapozo, Antonio de Siqueira Caldeira, Alvaro Netto, Domingos Luiz Leme, Alonso Peres, Francisco Lopes Bravo, Antonio Lourenço—o moço, Gaspar Sardinha, João Moreira, João Machado, Manoel Rodrigues, Alvaro Rodrigues do Prado, Paulo Pereira, João Fernandes Edra, Domingos Fernandes Gigante, Manoel de Arzão, João do Prado, Fernando Dias Paes (1), Jeronimo de Camargo, Mathias Paes, João Paes, Antonio de Barros da Silva, Gaspar Maciel Aranha, Pedro da Costa, Francis-

---

(1) E' para estranhar que este nome appareça entre os dos inimigos dos jesuitas. O velho Fernando Dias Paes, fundador da importantissima familia deste appellido, falleceu em 1605; o seu filho Fernando Dias Paes, era tão amigo dos jesuitas que, fallecendo sem herdeiros forçados, deixou todos os seus bens ao collegio dos jesuitas de S. Paulo. O neto, Fernando Dias Paes Leme, o grande sertanejo e descobridor das *Esmeraldas*, foi companheiro de João Pires nas negociações e estados para a volta dos jesuitas. Si era membro da familia *Dias Leme*, differenciou-se della nas suas relações com a companhia de Jesus ou mudou mais tarde de opinião.

co Dias Peres, Antonio Bicudo Furtado, João de Figueiredo Maciel, Diogo Dias Ferraz, José Monteiro Cardoso, Elias de Moura, Domingos Barboza, Estevão Dias, Manoel Francisco de Andrade, Braz Cardozo, Diogo Barbosa, Diogo Tavares, Diogo Mendes, Antonio Preto [1], Luiz Rodrigues Cavallinho, Domingos da Silva, Pascoal Antunes, Fernão de Godoy Moreira, Garcia Rodrigues Velho, Innocencio de Brito, João Borruel, Gaspar Dias Peres, Pascoal Dias Peres, Manoel Alvares Preto, João Martins Bonilha, João Dias Peres, Antonio Cordeiro, Miguel Nunes Pereira, João Martins Eredia, Diogo Coutinho, Lourenço Cardozo de Negreiros, Antonio Lourenço, Domingos Luiz, Miguel Luiz, Pascoal Dias, Pedro Cordeiro, Francisco Rodrigues Brandão, Manoel Pires, Lourenço de Siqueira, Amaro Alvares, Antonio Jorge Pereira, Francisco da Costa Valladares, Amador Bueno da Ribeira, João Pereira Thermudo, Miguel Rodrigues Pereira, Antonio Bicudo de Mendonça, Manoel de Siqueira de Mendonça, Manoel Garcia Velho, Manoel Fernandes, João Dias Peres, Antonio de Siqueira de Mendonça, Braz Machado, Pedro Fernandes Aragones, João de Godoy, Matheus Martins, Sebastião Fernandes, Antonio Leitão, Sebastião Rodrigues, Braz Leme, Pedro Dias de Castilho, Paulo do Amaral, Antonio de Araujo, Francisco Ribeiro, Antonio Mendes Coutinho, Sebastião Gil, Lourenço Dias, Francisco Furtado, Pedro de Caraça, Francisco Borges, Francisco Barreto, João Barreto, Antonio

---

(1) Era genro de Amador Bueno da Ribeira e pertencia a uma importante familia, *Preto Moreira*. Manoel Preto foi um dos heroes do Goayrá, companheiro de Antonio Raposo na destruição destas famosas missões dos jesuitas nos annos de 1629 á 1632.

Ribeiro, Sebastião Gonçalves, Mathias Martins, Thomé Martins, Pascoal Leite Furtado (1), Domingos Pires, Antonio Vieira, Antonio Barboza, Luiz Zianis Gil, Dom João Matheus Rendon, Dom Simão da Fonseca, Fructuozo da Costa, André Bernardes, Luiz de Andrade, João Gonçalves, Francisco Dias Leme, Pascoal Ribeiro, Francisco Rodrigues Gomes, Domingos Fernandes Pinto, Paulo da Costa, Francisco Velho, Francisco Barboza, Francisco Cubas, Mauricio de Castilhos, Francisco Martins Bonilha, Pedro Vaz de Barros, Antonio Bicudo, João de Barros da Silva, Amador Bueno, o moço (2), Ignacio Preto, Francisco de Barros, Pedro Nunes de Pontes (3), Gonçalo Lopes, Gaspar Gonçalves, Sebastião Gil, Pedro Leme, Gonçalo Gil, Manoel Paes de Linhares, Antonio Corrêa da Silva, Pedro Leme do Prado, Francisco Vieira, Aleixo Jorge, João Nogueira da Paz, Diogo de Lara (4), Luiz Fernandes Boino e Francisco Gonçalves.

---

(1) Era um dos cidadãos mais illustres de S. Paulo naquella época e pertencia a alta fidalguia portugueza.

Delle descendiam os brigadeiros Joaquim José Pinto de Moraes Leme e Bernardo José Pinto Gavião Peixoto.

(2) Era filho mais velho de Amador Bueno da Ribeira e avô materno de Amador Bueno da Veiga, que commandou um corpo de paulistas na segunda *Guerra dos Emboabas*. Era homem rico, de muito prestimo e occupou cargos publicos em S. Paulo.

(3) Era o pai do padre Belchior de Pontes, illustre prelado paulista e um dos mais notaveis membros da companhia de Jesus em S. Paulo.

(4) Paulista muito distincto, filho do fidalgo hespanhol Diogo Ordonhes de Lara e tronco das importantes familias *Lara* e *Moraes*; era sogro do notabilissimo paulista Lourenço Castanho Taques e deixou numerosa descendencia que fez a em S. Paulo e ainda hoje representa importante papel Estado e na historia do Brazil. Pela *Nobiliarchia Pau-ia*, de Pedro Taques, *Notas Genealogicas*, do dr. João les, e revista *Archivo do Estado de S. Paulo*, pode-se panhar a historia desta familia até o presente.

Neste mesmo dia trese de Julho forão expulsos do Collegio de S. Paulo os padres Jezuitas, cujo Reitor Nicolau Botelho constituio ao padre Manoel Nunes, Vigario da Egreja Matriz de S. Paulo, seu procurador pelo poder seguinte:—«Ainda que tenho encampado to-«dos os bens deste Collegio aos Officiaes da Camara, «assim os que immediatamente servem ao Culto Divino, «como os outros que possue este Collegio, como Eccle-«siasticos, que são, em nome de Sua Santidade, de «que os Officiaes da Çamara hão de dar conta, pois «lhes estam entregues e nos lanção fora de nossa pos-«sessão, que temos ha noventa annos, faço meu procura-«dor ao Reverendo Padre Vigario Manoel Nunes para «em meu nome, e deste Collegio, procurar, e examinar «todas as couzas deste dito Collegio, dando Quitaçoens «de dividas do que se pagar, e olhando por todas as «couzas a elle pertencentes, com poder de administrar, «e repassar assim Curraes, como fazendas, moinhos, «vinha, e mais bens do Collegio, como couza sua pro-«pria, dando as ordens, que para bem da dita fazen-«da forem necessarias, tomando conta de tudo para «que esteja em sua força, quando julgar que os Offi-«ciaes da Camara, a quem tudo está encampado, e que «hão de dar conta, faltarem com alguma cousa, para «que se não percão de todo os Bens Eccleziasticos de-«dicados ao Serviço Divino, e dos Religiosos, para o «que lhe dou todos poderes em direito necessarios, e «peço ao mesmo Reverendo Padre olhe com particu-«lar cuidado que se não fação aggravos aos Escravos, «e Indios forros do serviço deste Collegio, mandando-«lhes dizer algumas Missas quando algum delles mor-«rer, pagando a esmola dos Bens deste Collelio, S. «Paulo 12 de julho de 1640. O Padre *Nicolau Bote-lho.*»

Os Jezuitas lançados do Collegio de S. Saulo foram o Reitor Nicoláo Botelho, Antonio Ferreira, Antonio de Mariz, Matheus de Aguiar, Lourenço Vaz, e os Leigos Domingos Alvares, *Piauhi* de alcunha, Antonio Gonçalves e Lourenço Rodrigues.

Depois de estarem os Padres já na Villa de Santos pretenderam não passarem avante, tendo a seu favor os Procuradores da mesma Villa, contra os quaes requereo em acto de vereação o Procurador do Concelho da Villa de S. Paulo, estando presente José Simoens, Ouvidor da Papitania, dizendo: Fizesse hum «Auto contra os Procuradores da Villa de Santos Lu«cas de Freitas de Azevedo, e Francisco Pinheiro «Saes, porquanto contra o bem commum, estando os «Padres despedidos desta Villa de S. Paulo, e da «Villa de Santos os tornaram a recolher no mesmo «seu Mosteiro, indo contra o que se assentou, e deter«minou na Villa de São Vicente com os procuradores «das Camaras destas duas Capitanias, o que era em «grande damno do bem cõmum, por serem os ditos «Padres prejudiciaes, pelo que todo o damno que dis«so vier ao povo de perdas *(1)*, e damnos por serem «falsos procuradores e traidores á Patria, como taes «devem ser desnaturalizados das Villas, e Capi«tanias», e requereu Auto para serem citados para ver jurar testemunhas.

Este requerimento do Procurador do Concelho mandou o Ouvidor se lhe escrevesse, e o assignou com os Officiaes da Camara, como consta do referido livro de Vereações, a fls. 75.

---

1 O sentido aqui está incompleto e obscuro por falta de uma palavra «engulida pelo auctor; deve-se entender que «protestavam por perdas e damnos», que disso viessem ao povo.

Em 18 de mayo de 1641 appareceu em Çamara o Ouvidor com alçada Francisco Pinheiro Rapozo, e aprezentou aos Officiaes della João Fernandes Savedra, e Francisco de Çamargo, Juizes Ordinarios, Paulo do Amaral, e Antonio de Barros da Silva, Vereadores, e Miguel Garcia Carrasco, procurador do Concelho, huma carta dos Officiaes da Camara da Villa de S. Vicente, a qual continha ponderarem as incõmodidades da Capitania, as impossibilidades, que se oppunham aos negocios della,, molestias, e prizoens que padecerão os moradores; pelo que eram de parecer que debaixo de concertos firmes, e bons, se aceitassem os Reverendos Padres da Companhia, e se restituissem ás suas cazas, e rezidencia.

E lida que foi esta carta ponderou o dito Ouvidor ser muito justo, e conveniente a restituição dos Padres, dando-se cumprimento á Provizão do Marquez Vice Rey, o que assim pedia, e requeria elle dito Ouvidor, cujo voto seguiram, e com elle se conformaram os ditos Officiaes da Çamara, para cujo effeito chamaram a ella as pessoas nobres mais antigas, e da Governança, as quaes deram conta da sua determinação para dizerem ou requererem o que na materia entendessem, entre os quaes se achou prezente o capitão Francisco Rodrigues da Guerra Procurador do Povo, e todos convieram em que fossem restituidos os Jezuitas ás suas Cazas, dando primeiro fianças abonadas aos çoncertos, que por escripto offereceram neste acto, os quaes se continham no Papel que entregaram a esta Assembléa, e que cumprindo assim pelos ditos Padres não duvidavam do ingresso, e restituição delles. Assignaram este Accordão os Officiaes Çamaristas e o Ouvidor, todos já nomeados. Para este effeito assignaram ãobem as pessoas principaes, e da Governança, que se

acharam prezentes com o Procurador do Povo o capitão Francisco Rodrigues da Guerra.

Nada porém se conseguio, porque logo no seguinte dia, tendo noticia desta determinação o Povo, e os moradores de S. Paulo, pessoas nobres, e principaes da terra em corpo numerozo se oppuzerão ao disposto na Assembléa do antecedente dia; como se mostra a fls. 107, pelo theor do Auto seguinte (1).

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Chris-«to de mil seis centos quarenta e hû annos, aos deze-»nove dias do mez de mayo da dita era, nesta Villa «de S. Paulo da Capitania de S. Vicente, na Casa do «Concelho della, estando juntos os Officiaes da Camara «por elles foi mandado a mim Escrivão da dita Ca-«mara fazer este Auto em como, tendo elles asseitado «com alguns homens nobres da Governança que os «Reverendos Padres da Companhia se aceitassem nesta «Capitania, e fossem restituidos ás suas Cazas, e rezi-«dencias debaixo dos concertos que os ditos homens, «e pessoas mais antigas desta Villa davam por escripto «e sendo a tenção delles Officiaes da Camara darem «cumprimento á Provizão do Senhor Marquez Vice Rey, «hoje neste dito dia de festa do Espirito Santo, estando «os ditos Officiaes em conversacão em caza do Juiz «João Fernandes Savedra, veio a ella a Nobreza, o Po-«vo, e em altas vozes disseram hûa, e muitas vezes: «Que com os Reverendos Padres da Companhia não «queriam concertos alguns, e todos os que a dita Ca-«mara, e mais homens tinham tratado e assentado re-«clamavam, e por nenhûa via queriam estar por elles,

(1) Refere-se aqui a fls. 107 do livro das actas da camara municipal, de S. Paulo donde foi extrahida esta copia, que aliás está um pouco alterada.

«porque confiavam na clemencia de Sua Real Mages-
«tade, na de Sua Santidade, e no Senhor Marquez Vi-
«ce Rey, que os havia de ouvir de sua justiça, e admit-
«tir suas razoens, pois as tinham bastantes, e cauzas
«mui legitimas para não aceitarem, nem receberem os
«ditos Padres, pelo que requeriam ao dito Juiz, e mais
«Officiaes da Camara viessem a Caza do Concelho logo,
«e desfizessem os Termos, que estavam feitos sobre a
«materia dos concertos, e quando o não quizesse fazer
«lhe tirariam a Vara, pois elle Juiz era feito pelo dito
«Povo, o qual pegando no dito Juiz, e mais Officiaes
«da Camara os trouxeram a esta dita Caza do Conce-
«lho, aonde mandaram se riscasse o Termo atraz, e
«rompessem os mais papeis (1), que sobre a materia
«estivessem feitos.

«E visto os clamores, o requerimento do dito Povo
«prometeram os ditos Officiaes de se não proceder cou-
«za alguma, nem darem á execução nada sem se lhes
«dar vista, o que os ditos Officiaes assim fizeram por
«verem a deliberação de todo o sobredito Povo que elles
«por si, e suas fazendas prometiam, e se obrigavam a
«tirar a paz e a salvo aos ditos Officiaes da Camara de
«todo o damno, e prejuizo que lhes rezultasse. E re-
«quereo o dito Povo que se não mandassem farinhas
«nem mantimentos alguns ao Rio de Janeiro, e se fe-
«chasse o caminho do Mar, e communicação que ha-
«via com a Villa de Santos, e se notificassem os Se-
«nhores dos Moinhos com graves penas não moessem
«farinhas (2), e que se fixasse quartel das pessoas que

(1) As resoluções tomadas neste dia revogaram as resoluções anteriores, porém a acta anterior não foi riscada, estando entretanto quasi illegivel pelos estragos das traças.

(2) Havia na capitania de S. Paulo boa plantação de trigo naquelle tempo e muitos moinhos para a fabricação da farinha.

«haviam de hir repartidamente ao Rio pequeno guar-
«dar o caminho do Mãr, aonde se tomará por perdido
«tudo o que alli for, e se mandar de mantimentos, e
«outros quaesquer generos, e se depreque as Camaras
«das Villas de Parnahiba e Mogymirim (1) para que
«não consintam que os moradores dellas mandem man-
«timentos abaixo, e se faça a mesma deligencia com os
«Senhores dos Moinhos das ditas Villas para que não
«moam mais que o que for necessario para o sustento
«das ditas Villas, o que os ditos Officiaes mandaram se
«fizesse. Declaro que as pessoas nomeadas expressamen-
«te no interdicto se acharam tãobem prezentes no ter-
«mo atraz dos concertos com as condiçoens declaradas
«nelles sobre a restituição dos Padres; e eu Manoel
«Coelho Escrivão da Çamara o escrevi.—João Fernan-
«des Savedra—Paulo de Amaral—João Martins de Ere-
«dia—Antonio de Barros da Silva—Miguel Garcia Car-
«rasco—Francisco Rodrigues da Guerra—Dom Simão
«Castelhanos de Piza—Fernão Dias Paes—Diogo Cou-
«tinho—João Rodrigues Medeiros—João Barreto—Do-
«mingos Jorge Velho—Manoel Paes Linhares—Louren-
«ço Castanho Taques (2]—Bartholomeu de Quadros (3)
«—João Rapozo Bocarro (4)—Braz Cardozo—Antonio de
«Andrade Araujo—Ignacio Bulhões de Vãsconcellos—

---

(1) No livro de actas está escripto *Mog -mirim*, porém, ha engano, porque esta povoação não existia ainda naquella época: deve ser *Mogy das Cruzes*.

(2) Cidadão muitissimo proeminente, amigo de Amador Bueno; tem enorme descendencia, que muito honra a S. Paule atè o presente.

(3) Cidadão distincto e um dos troncos das familias *Arruda Botelho e Sampaio*.

[4) Pertencia á importante familia *Bocarro*, de S. Sebastião, que contava sertanejos notaveis como João Leite da Silva Ortiz e Bartholomeu Paes de Abreu.

«Pedro do Quintal Costa—Pedro Gonçalves Varejão—
«Aleixo Dias Nogueira—Dom Francisco Rendon de Que-
«vedo—Antonio Pedrozo de Freitas—Thomé Martins—
«José Ortiz de Camargo—Antonio Ribeiro de Moraes—
«Guilherme Pompéo (1)—Manoel Delgado de Tavora—
«Thomaz Dias Mainardi—Antonio Lourenco—Gaspar
«de Godoy Moreira (2)—Antonio de Araujo—Luiz de
«Andrade—Paulo Pereira—Jeronymo de Camargo—Mar-
«cellino de Camargo—Dom João Matheus Rendon—
«Manoel da Costa Cabral—Pascoal Leite Furtado—An-
«tonio de Madureira Moraes—Antonio de Siqueira Men-
«donca—João do Prado Martins—Domingos da Rocha
«—Pedro Nunes de Pontes (3)—Lourenço Cardozo de
«Negreiros—Manoel Lourenço de Andrade—Lourenço
«de Siqueira—Francisco Sotil (4)—Estevão Cabral—
«Luiz da Costa—Manoel de Siqueira—Gaspar Sardinha
«—João de Proença—Dom Francisco de Lemos—Ma-
«noel de São Tiago—Simão Lopes Fernandes—Antonio
«Tavacho—Onoffre Jorge Velho—Luiz Rodrigues Ca-
«vallinho—Pedro Morato de Bitancur—Domingos Gon-
«çalves—João Ferreira de Oliveira—Miguel Nunes,»

Com esta inquietação da Nobreza de S. Paulo elegerãm se para Procuradores Geraes da mesma Nobreza

---

(1) Homem muito proeminente, irmão de Lourenço Castanho Taques e pae do notabilissimo Padre Guilherme Pompéo de Almeida.

(2) Foi o fundador da importante familia até hoje existente dos *Godoy Moreira*.

(3) Foi adversario dos jesuitas e tornou-se depois pae do illustre jesuita Belchior de Pontes.

(4) Havia em S. Paulo uma familia *Sutil*, a que pertenciam os irmãos Miguel e Sebastião Sutil, descobridores das minas de ouro de Cuyabá em 1718.

e povo quatro pessoas principaes, e distinctas, com grande voto nas materias da Republica, como se vê no referido livro de Vereanças a fls. 106 [1), e foram ellas Francisco Rodrigues da Guerra, Amador Bueno de Ribeira, João Rapozo Bocarro e Dom Simão de Toledo Piza (2). Estes procuradores junto com os Officiaes da Camara elegeram Amador Bueno da Ribeira para passar a Côrte de Lisbôa (3) a tratar do requerimento, como se vê do Termo a fls. 107, do theor seguinte:

«Aos 6 dias do mez de Agosto de 1641 annos nest a «Villa de S. Paulo da Capitania do S. Vicente, na caza «do Concelho desta dita Villa, estando junto os Offi- «ciaes da Camara, e os Procuradores Geraes dêsta Vil- «la para consultarem os Procuradores que haviam de «hir á Côrte, todos juntos, e cada um delles, deram o « seu voto em Amador Bueno da Ribeira, que aceitou «a dita Procuradoria, com declaração que se ajuntará «dinheiro bastante para que não falte, e faltando-lhe «algum em Portugal se obrigarem em nome deste «Povo, e pelos poderes que delle tem, de pagarem a «quantia o dito Amador Bueno de Ribeira tomar á «ganho, e lhe for necessaria para os negocios a que «vai (4); o que tudo prometteram fazer, e de como assim

(1) Ha erro nesta citação; no livro de actas, a fls. 176, não se encontra isto; é 116.

(2) Atraz vem assignado de outro modo: *Castelhanos* e não *Toledo*; era hespanhol e foi o fundador da familia deste appellido.

(3) Não foi a Lisboa; em seu logar foram Luiz da Costa Cabral e Balthazar de Borba Gato, que levaram extensa e amarga queixa dos Paulistas contra os jesuitas.

(4) Este facto, até hoje desconhecido, não depõe muito favor da apregoada abnegação e desinteresse de Amador no, que era muito rico e podia fazer esta viagem a sua a.

«o declararam, e assentaram assignam este Termo, Ma-«noel Coelho Escrivão da Camare o escrevi (1)».

Nada mais se contem no livro das Vereações, titulo 1632 até 1642 já referido. Do mesmo consta, em fls. 71 e 101, que logo que no dia 13 de Julho de 1640, em que sahiram do Collegio de S. Paulo os padres Jezuitas, os Officiaes da Camara tomarem posse da Aldêa de *Marueri* (2) em nome de Sua Magestade, e puzeram nella para Cura daquellas almas ao padre Thomaz Coutinho, Presbitero Secular de S. Pedro, apto e sufficiente para esta administração, que aceitou, declarando que o fazia por serviço de Deus e do Rey, e bem comum, e disto mesmo se lavrou Termo, que assignaram os Officiaes da Camara com o dito padre.

E indo á Aldêa de *Nossa Senhora da Conceição dos Guaruminis* a tomar posse della se queixaram aquelles Indios notavelmente aos ditos Officiaes da Camara, dizendo: «Que haviam muitos indios que passavam de «quatorze annos e ainda estavam por baptizar, por que «os padres da companhia não haviam tratado a fazerem «nos christãos.» Esta noticia participaram ao Reverendo Vigario da Matriz, para que com parocho acudisse a esta falta, e as outras muitas que haviam nas mais Aldêas.

Eu discorro que a cauza desta expulsão trouxe a sua origem de movimento dos moradores da Cidade do Rio de Janeiro, porque do livro que anda em nome de Dom Francisco Xarque de Andella, impresso em

---

(1) As assignaturas faltam no manuscripto, porém, na acta que está pagina 117. a não 107, como aqui se diz, se lê: *João Fernandes Savedra, Paulo de Amaral, Antonio de Barros da Silva e Miguel Garcia Carrasco*, além de um outro cujo nome é indeciphravel que parece ser *João Martins de Heredia*,

(2) Deve ser *Baruery*, hoje estação da Estrada de Ferro Sorocabana.

Pamplona no anno de 1687, com o titulo *Insignes Misioneros de la Companhia de Jezus en la Provincia del Paraguay*, consta que eleito em Procurador das Missoens de Paraguay o Padre Francisco Dias Tanho pássára a Roma em tempo do Padre Prepozito Geral Pusio Viteleschi, e beijando o pé ao Beatissimo Papa Urbano VIII conséguira ser ouvido na Assembléa que presidio o Eminentissimo Cardeal Pamfilo, e obtivera húa Bulla com graves penas, e censuras a favor do gentio datada em Março de 1638. Este livro pelo contexto, modo e estilo bem se dá a conhecer que é obra do Jezuita apaixonado, e que só escreveo a favor dos seus Peligiosos, e nas materias de alguns factos que relata dos Paulistas, que penetraram os Sertoens dos Rios *Uahú* [1), Tibagi, Uruguay, Paraná e Paraguay, hé muito afastado da verdade, e odiozo aos Paulistas, aos quaes trata com o caracter de *Mamelucos*, *Hereges*, e *Lobos Carniceiros*, contra os Indios da Reducção dos Padres Jezuitas. Por isso não merece muito credito esta Historia, e muito mais no que relata no Cap. 30 e 31 sobre o movimento popular contra os Padres do Colegio da Cidade do Rio de Janeiro, afirmando sómente que elles se livrarão do attentado tumultuozo

(1) Rio Yvahy, affluente da morgem esquerda do Paraná. O livro de Andela foi publicado em 1687 e nessa época já se tinham dado quatro invasões desse sertão pelos Paulistas: A primeira nos annos de 1628 a 1632, quando Antonio Raposo destruiu todas as missões do Goayrá e de lá trouxe 60.000 indios prisioneiros; a segunda em 1638, quando o mesmo Raposo foi até até as missões argentinas de Corrientes; a terceira em 1648, quando este mesmo Reposa foi até o Perú, combateu os hespanhoes sobre os Andes, lavou ss mãos nas aguas do ceano Pacifico e voltou pelo Amazonas, e a quarta em 1676 iando Pedroso Xavier invadiu o Paraguay e de lá trouxe gran-es despojos.

pelas virtudes do Governador Salvador Correa de Sáa e Benevides (1), supprimindo no silencio a Escritura de Transacção, e amigavel composição celebrada pelos Padres do Colegio daquella Cidade, e o Padre Francisco Dias Tanho, com os Officiaes da Camara della, cujo Documento destróe totalmente o encarecimento, que se contem nos ditos Cap. 30 e 31.

O padre Francisco Dias Tanho voltando de Roma para Espanha passou-se para a Corte de Lisboa com dezasseis companheiros, que vinham para as Missoens de Paraguay. Com os Despachos da Duqueza de Mantua embarcaram em hum navio a direitura a Buenos Ayres, e não podendo montar o Cabo de Santa Maria tomára a Barra do Rio de Janeiro. Recolheram-se os Padres ao Colegio desta Cidade, no qual se achavam o Padre Visitador Geral, o Doutor Pedro de Moura, e era Reitor o Padre Jozé da Costa, aos quaes deu noticia o Padre Tanho da Bulla que trazia para remedio das hostillidades, que se praticavam contra a liberdade dos Indios no Estado do Brazil.

Consultada a materia com os Padres mais graves, assentaram que se publicasse a Sentença Apostolica a favor da liberdade dos Indios Christaons tiranamente opprimidos dos Portuguezes do Brazil, com servidão mais cruel que a que tem os Catholicos em poder dos Mouros, como assim se lê nos referidos Capitulos.

No n. 5 do Cap. 31 diz o autor: «Que do Pulpeto «em dia festivo, e com grande concurso dos morado-«res da Cidade fora lida a Sentença Apostolica, e que «todo o Povo em voz alta clamava dizendo que não

(1) Salvador Corrêa de Sá e Benevides, de quem se tem fallado varias vezes, era o governador do Rio de Janeiro, com jurisdicção sobre S. Paulo.

«obedecião ao que mandava o Summo Pontifice; que «um popular tumulto acometêra as portas da Igreja, e «Portarias que já se achavam cerradas, pertendendo «deital-as abaixo com instrumentos que levava para «este effeito, cujo insulto atalharam o valor do Gover«nador Salvador Corrêa de Sua e Benavides, e de seu «primo Dom João de Avalos e Benavides, Capitão de «Infantaria daquella Praça, e que ao patrocinio destes «dous Cavalheiros deveram a vida o padre Francisco «Dias Tanho, e o Padre visitador geral Pedro de Moura, «que para perderem tiveram conselho aberto os amoti«nados; que o dito Padre Tanho, deixando na cidade «o remedio a favor dos Indios das Capitanias do Rio «de Janeiro e do Sul, embarcára com seus compa«nheiros para Buenos Ayres.»

Até aqui o dito livro sem declarar o verdadeiro successo, por ser opposto ao conhecimento da verdade, que eu descobri pelo contexto da escritura do theor seguinte:

«Saibam quantos este publico instrumento de concerto, transacção, renunciação, e amigavel compozição virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1640, aos dois dias do mez de Junho, nesta Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, no Colegio da Companhia de Jesus, della, onde eu tabalião fui vindo, logo ahi appareceram partes avindas e concertadas a saber, de húa o Reverendo Padre o Doutor Pedro de Moura, Vizitador Geral da Provincia, e bem assim o Reverendo Padre José da Costa, reitor do dito Colegio, e o Reverendo Padre Francisco Dias [illegible], Procurador de Paraguay, Provincia de Tucuma [illegible]einos de Castella, e o Reverendo Padre Matheus [illegible], Procurador do Colegio, e da outra o Procurador, [illegible] e Vereadores da Camara desta Cidade, e bem

assim João Dantas Sargentomór, que foi nella, o Capitão Aleixo Manoel, o Capitão Diogo de Avila, João dos Zouro, Deputados, e nomeados da dita Camara para que em nome do Povo desta Cidade assistissem ao fazer, e firmar este concerto; e Escritura, e logo pelos ditos Reverendos Padres foi dito em prezenca das testemunhas ao diante nomeadas, e assignadas, que elle dito Reverêndo Padre Francisco Dias Tanho trouxéra a esta Cidade huma Provisão do Illustrissimo Senhor Coleitor Alexandre Castracani pela qual innovava huma Bulla do Santo Padre Paulo III, de glorioza memoria, passada para os Indios de Perù, Reino de Castella á instancia do Imperador Carlos V, pela qua, Provizão, e Bulla o dito Illustrissimo Senhor declarava incorrerem em Excomunhão aquelles que cativavam e vendiam, traspassavam, e se serviam dos Indios das ditas Indias, e a exemplo da dita Bulla o dito Illustrissimo Senhor para estas partes, e Capitanias do Brazil passára a dita Provizão, contendo huma, e outra que neste Brazil se não pudessem os ditos moradores delle servir dos ditos Indios cativar, vender, traspassar, nem reter, prohibindo outrosim assim dos do Sertão, pelos quaes se tomavam as fazendas dos ditos Indios, com extorsões e outros modos por onde se lhes impedia uzar da sua liberdade, porque ainda que eram infieis os não podiam obrigar a cativeiro, nem tomarem-lhe suas fazendas, como, e mais, largamente contem a dita Provizão, e Bulla, a qual Provizão sendo offerecida pelo dito Reverendo Padre Francisco Dias Tanho ao Reverendo Prelado Administrador desta Repartição o Reverendo Padre Pedro Homem Albernas veio a Camara, e mais o Povo desta Cidade ao cumprimento da publicação della com embargos, pedindo com effeito vista para elles, a qual se lhe mandou dar pelo

dito Reverenno Prelado, e estando assim em vista, como com effeito estava, a dita couza, por ella em si ser ardua, e defficultoza de huma e outra parte, e por os tumultos populares, e excessos que se podiam originar, e não ser conveniente em razão do muito prejuizo que a este Povo se podia cauzar, sendo os ditos Reverendos Padres na dita cauza partes, assim o dito reverendo padre Francisco Dias Tanho em respeito do Perú, como os mais religiozos deste Colegio em respeito dos Indios desta Capitania; elles ditos Reverendos Padres por este publico instrumento disseram que dezistiam como deffeito logo dezistiram da prosecução, e execução, e publicação das ditas Bullas, dezistindo tambem com effeito da causa principal dos ditos Embargos, com que este Povo, Padres do Colegio com o Reverendo Padre Francisco Dias Tanho, e que na dita cauza não seriam partes, nem nella uzariam de interrupção algua *directé*, nem *indirectè*, por si nem por interposta pessoa, assim nesta primeira instancia como nas mais, e que sómente correria a cauza dos ditos Embargos com o Promotor da Justiça Eccleziastica por parte dos Indios, a cuja instancia no Tribunal da Legacia se passou a Provizão embargada, como della consta por o dito Promotor ser nesta cauza verdadeira parte; e a mesma dezistencia faziam no Aggravo, que na dita cauza os ditos Reverendos Padres tinham intimado, e interposto ao dito Reverendo Prelado, como adversario á cauza principal para mais não poderem seguir, nem della podérão tratar, de que sendo necessario farão termo de dezistencia nos mesmos autos; e outrosim disseram os ditos Reverendos Padres deste dito Colegio, a saber, o Reverendo Padre Vizitador Geral, Reitor, e Procurador em nome da dita Communidade, e Colegio que elles nunca tiveram administração

algua dos Indios, que estavam em casa dos moradores, nem a queriam ainda que lha dessem, e que só tinham dentro nas Aldeas e administração dos Indios dellas, e esta com Provisão de Sua Magestade, a qual não podiam largar sem a ordem do dito Senhor, ou do Senhor Governador, e que havendo estas estavam prestes para o fazer, mas que se obrigavam, sem embargo da dita administração que dentro das Aldeas tinham, em não consentirem Indio algum nellas que esteja em casa, ou serviço de algum morador, e fariam sempre muita deligencia para serem tornados ás ditas cazas os que ás ditas Aldeas se acolhessem; e isto para quietação, e bem commum deste Povo, ficando-lhes a elles ditos Padres poder de curar os ditos Indios no Espiritual, e de fazer suas entradas, e Missoens no Sertão como até agora fizeram, por ser tudo bem das almas; e assim mais se obrigaram, em razão do negocio temporal, a que assim nos Juizos Ecclesiasticos, como seculares, nem em Tribunal algum não tratariam na materia dos ditos Indios couza algua que seja em prejuizo desta Capitania, e tratando, ou procurando algua cousa em dito prejuizo, *directé* ou *indirecté*, por si ou por outrem aqui ou em Roma, ou em qualquer outro Tribunal do Reyno de Portugal, ouvindo, ou trazendo qualquer Provizão com dito prejuizo, não uzariam della, e desde agora dezistiam, como de effeito dezistiram della, a renunciação, como se expressamente se fizesse menção, e de nada queriam uzar, e declaravam por nullo, subrepticio, e obrepticio tudo que em prejuizo deste Povo lhe viesse, ou procurassem na forma relatada, e que nada pudesse aproveitar aos ditos Indios, e que outrosim se obrigavam que no que toca ao Aggravo, ou molestias de que se tinham queixado, se lhe havia feito por razão da ida desta Camara, of-

ficiaes della, e Justiça, e mais Povo á Portaria do dito Collegio a tratar da sua deffensão em razão da publicação da dita Provizão e Bulla, que no dito Collegio se havia feito,, pendendo a vista e cauza de Embargos, que della não tratariam, e com effeito renunciavam todo e qualquer direito, que neste particular o dito Collegio tivesse, ou pretendesse porquanto cada hum dos Reverendos Padres delle perdoava assim, e a cada um delles conforme as Leys da caridade, e humildade Religioza, como já tinha feito a qualquer aggravo, molestia, injuria; que no cazo se considerasse elles ditoss Padres superiores a quem tocava esta acuzação e perdoavão por esta transacção, o que faziam *in totum pró bono pacis;* e que sendo cazo que por parte do dito Collegio se queria fazer alguma acuzação sobre este particular desta ida a elle, poderá então este Povo, elles ditos contrahentes e seus successores, Officiaes da Camara, que forem alegar toda a materia dos Capitulos, que no Aggravo tinham alegado, e tudo o mais que lhes parecer bem possa fazer a bem do seu direito e justiça em respeito dos ditos Reverendos Padres deste Collegio. O qual concerto, e renunciação, e dezistencia o dito Procurador e Officiaes da Camara, e os Deputados nomeados nesta Escritura, abaixo assignados, em nome della e deste Povo como eleitos por elles, acceitavam na forma relatada em virtude dellas; e por elles outrosim foi dito que elles da mesma maneira renunciavam, e dezistiam dos Capitulos, e resposta que tinham dado no dito Aggravo, e delles não tratariam *directè* nem *indirectè*, por si nem por outrem em nome da Camara e Povo, e só delles tratariam quando pe- [illegible] os Reverendos Padres fosse innovada alguma cou- [illegible] forma relatada, obrigando-se huns, e outros, pelo- [illegible] dito Collegio, e da dita Camara a cumprir e

guardar, e estar por todo o contheudo nesta dita Escriptura, que huns, e outros acceitaram, e eu Tabellião, como pessoa publica estipulante e aceitante, aceitei em nome deste Povo pelas partes auzentes delle a quem tocar, em fé do que assim o outorgaram, sendo testemunhas prezentes Filippe de Campos e Domingos de Brito, pessoas de mim Tabellião reconhecidas, que com os ditos outorgantes e aceitantes assignaram; e eu João Antonio Correa Tabellião do Publico o escrevi.—*Francisco Dias Tanho—Pedro de Moura—José da Costa—Matheus Dias—Aleixo Manuel—Antonio do Sago Prego—Antonio de Sampayo—João dos Zouro—João Dantas—Manoel Jeronimo—Pedro de Oliveira—Diogo de Avila—Jorge de Souza—Filippe de Campos—Domingos de Brito.*

Como nesta Escriptura foram testemunhas Filippe de Campos e Domingos de Brito, que então se acharam no Rio de Janeiro, moradores de S. Paulo (1), no regresso trouxeram a gostoza noticia de contheudo nesta transacção. Passando porem quasi hum anno publicou-se na Matriz da Villa de Santos pelo Vigario della a mesma Sentença do Coleitor Alexandre Castracani; e acudindo para logo os Moraderes daquella Villa a pedir vista da Sentença publicada, não conseguiram effeito, porque o Padre Vigario Fernão Rodrigues de Cordova respondeo que a sentença vinha entregue ao Padre Reitor do Collegio daquella Villa, que fôra quem

(1) Filippe de Campos era portuguez, ha pouco chegado em S. Paulo, onde casou-se com uma senhora da familia *Pires*, e tornou-se o fundador da proeminente familia *Pires de Campos*. Foi pae do notavel jesuita Estanislau de Campos e avô do celebre sertanejo coronel Antonio Pires de Campos.

Domingos de Brito foi um paulista de nomeada; fundou a villa da Laguna, em Santa Catharina, e explorou as campinas do Sul até o Rio da Prata; deixou descendencia illustre que ainda figura em S. Paulo, como os *Gavião Peixoto*.

lhe déra para publicar; e fazendo se a mesma deligencia com o dito Reitor disse que já tinha remetido para o Rio de Janeiro.

Deste procedimento se tirou na Villa de Santos hum sumario de testemunhas, e daqui foi que teve principio a rezuloção da Assemblèa que se formou na Camara Capital, da Villa de S. Vicente na qual se acharam prezentes os Procuradores das Villa da Comarca, e pela de S. Paulo, como fica referido, foi o Capitão Francisco Rodrigues da Guerra, e produzio a expulsão dos Padres Jesuitas, que temos relatado.

Os Officiaes da Camara de S. Paulo enviaram a sua reprezentação ao senhor Rey Dom João IV, a qual se não acha no Archivo desta Camara em livro de Registros. Eu a descobri entre os papeis, que deixou Manoel da Costa Duarte, natural da Corte de Lisboa e nobre cidadão de S. Paulo, posto que truncada por lhe faltar o seguimento da oração no fim da lauda da primeira folha do papel, e passa ao principio da terceira lauda da mesma folha em diverso sentido *(1)*, pelo que se conhece que faltam quatro laudas da segunda folha do papel. O que descobri da dita reprezentação hé a seguinte [2]:—REPREZENTAÇÃO DOS PAULISTAS CONTRA OS JEZUITAS, AO SENHOR REY DOM JOÃO IV.

(2 Os nossos chronistas tinham o mau habito de não numerar as folhas do papel em que escreviam, de modo a ser impossivel verificar quantas folhas faltam em um manuscripto truncado. O proprio original de onde extrahimos esta curiosa chronica, além de estragadissimo, tem falta de folhas e não pudemos verificar quantas lhe faltam.

(1) No seu livro *Apontamentos Historicos da Provincia de S. Paulo,* Azevedo Marquez publicou este documento na noticia que dá sobre os Jesuitas, sem dizer onde o encontrou; essa publicação, porém, está corrigida quanto a grammatica e mais truncada pelo copista. Reproduzimol-o aqui textualmente, por ser muito importante e merecer ficar melhor conhecido do povo paulista.

«Catholico, Benigno, e Invictissimo Rey, e Senhor: —Os Reverendos Padres da Companhia de Jezus, que rezidem nesta Provincia do Brazil, em paga, e satisfação de os moradores e habitadores della haverem dado o melhor em que situaram collegios, e cazas feitas com dispendio de suas fazendas, depois de se verem ricos, prosperos, e poderozos, impetraram subrepticiamente hum Breve de Sua Santidade, com que trataram, e pretenderam de tirar, privar, e esbolhar aos ditos moradores da posse immemorial, e antiquissima, em que estão desde a fundação deste Estado até o presente do Gentio, sem a qual se não puderam, nem podem sustentar, e conservar, e com ella rezulta ao dito Estado grandes augmentos, e á Real Fazenda de Vossa Magestade; e estando em suas Colonias, Aldêas, com os ditos Reverendos querem, e pretendem, e elles por seus doutrinamentos, e seguem tantos damnos irreparaveis, quantos ham padecido, e experimentado tanto a sua custa os pobres moradores deste dito Estado, e Vossa Magestade perdido a mayor parte e a Christandade, que nelle estava dilatada.

«Tam Leaes Vassalos, e que tanto zelaram o bem do seu Rey, quanto com mais vantagem fôra hoje se a multidam delles, que ás maons ferozes o dito Gentio por causa dos ditos Reverendos Padres ham acabado viveram, vendo a Vossa Magestade por larguissimos annos, porque sem duvida não tivera a Parca nelles feito o seu effeito, e Vossa Magestade como seu Pay e Senhor natural lhes tivera acudido ás calamidades, e mizerias, que de muitos annos a esta parte padeceram, e cessariam as ignominias, e calumnias, e afrontas, que os Reverendos Padres lhes impuzeram, e os levantamentos do dito Gentio, mortes, e insultos, latrocinios roubos, traiçoens, e outros innumeraveis males, que

ham feito, de que ha tantos exemplos neste dito Estado: seja o primeiro, o que em nossos tempos fizeram nas mizeraveis praças de Pernambuco, que o inimigo, e rebelde Olandes de doze annos a esta parte tem occupado; pois chegou a tanto seu dezaforo que de todas as Aldêas, que naquelle contorno haviam, não ficou Indio, e Gentio que com o inimigo se não metesse, e com elles o padre Manoel de Moraes seu Doutrinante, que os induzio, e persuadio accometerem tal insulto, aleivozia e traição, fazendo-se o mayor Herege, a Apostata, que tem hoje a egreja de Deus [1), sendo com isso cauza, e origem de se matar muita multidão de Homens, Mulheres, Moças, Moços, e Meninos, comendo-os, e forçando donzellas, Mulheres cazadas, e principaes exemplos da virtude, e castidade, e as que pela guardarem, e observarem, por traços escaparam das suas maons, não escaparam da fome, de que morreram, e pereceram nas incognitas matas, cauzando tantas destruiçoens, e males, que são mais [Catholico Rey e Senhor) para se sentirem chorando, que para se representarem a Vossa Magestade, e que obrigam a tanta lastima, e compaixão que até os mesmos inimigos (se nelles se póde dizer que ha] a tiveram, e se desculparam da ruim guerra, com que estes ferozes alarves tratavam os pobres, e mizeraveis christaons, tanto assim que muitos que escaparam de suas maons se valeram do amparo do proprio inimigo Olandez.

«Sirva tambem senhor de exemplo o que na capi-

---

1) O manuscripto aqui traz a seguinte nota: *Deste Apos , que passou a ser publicamente Prègador da infame Doutrina Luthero, trata o livro* CASTRIOTO LUZITANO *da restauração de nambuco no Livro 6. n. 17,*

tania do Porto seguro, e Povoação chamada Santa Cruz fizeram os ditos Indios, e Gentio, aonde mataram a mayór parte dos Moradores que na dita Capitania havia [1) e a que escapou foi necessario despovoalla, e largar fazendas, e engenhos, e hir buscar lugar aonde vivessem sem o perigo, e risco de suas vidas por não tornarem a ver, e experimentar em si proprio o espectaculo de suas filhas, irmans, parentas, e vizinhas moças donzellas, e as mais dellas quizeram antes, metendo-se pelos matos entregar-se á fereza dos animaes, e morreram martirizadas, do que largarem a castidade e virgindade, em que se conservaram.

«Sirva tambem de mor exemplo o que ha quatro annos fizeram os ditos Indios, e Gentio doutrinado pelos ditos Reverendos Padres na cidade da Bahia, quando a ella foi o rebelde Olandez: porque levando em suas Náos quantidade do dito Gentio, e sendo em terra por todo o reconcavo daquella Cidade, comeo, e poz a fogo, e sangue toda a gente, que pôde alcançar sem perdoar a homens, mulheres, moças, e meninos, arrazando, e queimando cazas, e fazendas com tão notaveis estragos, que fazendo-se queixa ao conde de Nasau da ruim guerra se desculpou em dizer que era o barbaro Gentio doutrinado pelos Reverendos Padres, e tendo lastima de tal destruição mandou enforcar a alguns Indios.

«Do Levantamento que fizeram nesta Villa de S. Paulo por ordem de hum Indio, a quem obedeciám, e

---

(1) Aqui traz o manuscripto a seguinte nota: «*Trata disto o Reverendo Doutor Gaspar Fructuozo* L. 4 Cap. 24 *em que mostra ser este infeliz successo em tempo do Donatario Pedro Campos Tourinho,*

tinham por Santo, depois de matarem toda gente, que puderam se foram á Igreja da Aldêa dos Pinheiros, onde o dito Indio se creou, e quebrando a cabeca da Imagem de Nossa Senhora, se poz a si o nome da May de Deus, e tal como este vem a ser todos os doutrinados pelos Reverendos Padres da Companhia, e assim Invicto Rey, e Senhor, este hé o fructo, que os Vassalos de Vossa Magestade tiram dos ditos Indios e gentio estarem em suas Colcnias, e Aldêas, doutrinados pelos ditos Reverendos Padres.

«Do damno, e perda que daqui se segue á Real coroa de Vossa Magestade he meterem os ditos Indios, e Gentio como meterão por muitas vezes neste dito Estado inimigos, piratas, estrangeiros, contra as Leys do Reino, e Bullas de Sua Santidade, recolhendo, e favorecendo Hereges, como fizeram ao Palmelar, que levaram ao collegio do Rio de Janeiro, o qual debaixo de concertos veio carregar de páu-brazil, que os ditos Indios lne tinham feito por ordem, e mandado dos ditos Padres: E a Guilherme de Macedo, que em hûa Náo debaixo de contractos prohibidos foi carregar a Cabo Frio; e por não poder levar todo veio a buscar o mais, do que tendo noticia as Justiças de Vossa Magestade o foram queimar, e por o dito Guilherme a não achar tomou hum Navio carregado de açucares, que era de Pantaleão Duarte... [1] e venham appare-

---

(1) Aqui está a falta de folhas da representação, mencionada pelo auctor. A copia publicada por Azevedo Marques contém esta mesma falta e, portanto, deve ter sido extrahida deste exemplar da representação a que se refere o auctor, não estando o documento registrado nos livros da camara.

cer (1), e acabar as suas maons, como tam melhor o dito Gentio o fará, tornando os ditos Padres a estas Capitanias; porque na occasião em que publicaram, e rataram de publicar o dito Breve a fama, que entre o dito Gentio corria, era de que eram livres, e izentos sem sugeição de servidão por estipendio, e daqui com o favor dos ditos Padres se hiam já fulminando levantamentos, e incendios, mortes, e outros insultos, e em parte executando-os, que tudo se atalhou tanto que os ditos Padres foram expulsos, e ficaram domesticos e quietos.

«E assim Rey, e Senhor, e os ditos Padres tornarem á estas Capitanias, e em particular á esta Villa de S. Paulo, onde está o maior numero de gentio, de toda a verdade affirmamos a Vossa Magestade que estas Capitanias se acabarão, e a Christandade que nellas está dilatada; porque mais leve cauza teve o dito Gentio para se levantarem em outras partes do que lhes fica sendo esta, porque para a fazerem maior os ditos Reverendos Padres aos Indios, que encontram lá, secretamente os chamão, e abração, dizendo-lhes: «*meus filhos, andamos por amor de vós desterrados, e fóra de nossas Cazas; porque esses máos homens, e hereges vos querem fazer captivos, o que não hade ser assim meus filhinhos.*» E com outras palavras amorozas, e de encarecimento que para hum barbaro, e para muitos, que não tem uzo pe razão, menos ha mister para fazerem mil excessos. Pelo que Vozsa Magestade não permita que os ditos Reverendos Padres voltem a perder seu Esta-

(1) No manuscripto a palavra *apparecer* esta claramente escripta, porém nota-se que foi emendada e devia ser *perecer* como copiou Azevedo Marques nos seus *Apontamentos Historicos*. A palavra anterior é *venham* e não *vinham* como escreveu Azevedo Marques,

do, que depende destas Capitanias por serem mui fer tis, e abundantes de todos os mantimentos, e além delles damos por alvitre a Vossa Magestade de que nestas ditas Capitanias e Sertam dellas ha muitos haveres e riquezas. Primeiramente ha os metaes de *ferro*, *cobre*, *salitre* e *calaim*, e noticia de muita *prata*, e minas de *Ouro*, que se tira em pó, *esmeraldas*, e outras riquezas, que com facilidade descobriram os moradores (1) para servir a Vossa Magestade se sirva mandar homens praticos no dito Sertão; mas hé necessario que Vossa Magestade se sirva mandar homens praticos, que saibam fazer insaios, e fundição dos ditos metaes, como tambem Fidalgo de sangue dezinteressado, e verdadeiro no serviço de Vossa Magestade, que nos governe, e assista sem mover odio, nem paixão, e amizade, como a que tem muito particular o governador Salvador Corrêa com os Reverendos Padres, e inimizade com os moradores destas capitanias em razão de patrocinar, o zelar tanto esta çauza dos Reverendos Padres, que por todos os meios lhe tem prometido, e empenhado palavra de os metter nestas ditas Çapitanias, e com mais izenção o procura de novo fazer com os cargos que diz Vossa Magestade lhe fez merce que vem a ser todos os que trouxe o Governador Dom Francisco de Souza, que Deus tem, como a esta Camara nos avizou, se bem que ainda não vimos as Provizoens, e ordens Reaes de Vossa Magestade, de quem esperamos

(1) Ferro tinha sido descoberto e explorado por Affonso Sardinha havia mais de 60 annos; porém, esmeraldas e ouro foram explorados de 1680 em diante, em Minas Geraes por ando Dias Paes e suiros, em 1718 em Cuyabá por Fer..o Dias Falcão, Moreira Cabral, irmãos Lemes e outros, e Goyaz, em 1725, por Bartholomeu Bueno, filho.

para melhor se conseguir seu Real Serviço lhe mando novo Successor no tocante a administração das minas, e descobrimento; porque quanto mais Vossa Magestade fomentar esta materia, e dér calor á ella com pessoa que anime os Moradores e os premêe, em nome de Vossa Magestade tanto de melhor terá o bom successo, que estamos antevendo de achar Vossa Magestade neste Estado outro Perû.

«Além do que, se póde em todo esta Repartição do Sul fazer Naos de alto bordo, e Galeons pela abundancia de madeiras, e outros comodidades com mui pouco dispendio da Real Fazenda de Vossa Magestade, vindo desse Reino enxarcia, breu e velame, se bem nestas Capitanias ss faz hoje muito bem, porque as madeiras se fazem, e descem os Indios, o Gentio; o *ferro* como fica dito hé em abundancia, e melhor do que nenhum, como se tem visto, e experimentado; os Portos aonde se façam as ditas Náos e Galeoens abundam de mantimentos; as madeiras são incorruptiveis; e as Bahias capazes para poderem sahir com todas as marés; mas para isto hé necessario encarregar Vossa Magestade desta Feitoria a pessoas de qualidade e experiencia antiga neste Estado bem, e como devem, o farião duas, que nomeamos a Vossa Magestade; huma hé Domingos da Fonseca Pinto Provedor, que até aqui foi da Fazenda de Vossa Magestade nestas Capitanias, homem pratico, e bem entendido, e grande servidor de Vossa Magestade, inteiro, e verdadeiro; e outra hé Amador Bueno de Ribeira, natural destas partes, homem rico, e poderoso bem entendido, capaz, e merecedor de todos os cargos, em que Vossa Magestade o occupar, porque nos de que foi encarregado deu sempre verdadeira conta e satisfação».

Falta o mais que seguia esta Representação (1), e por isso ignoro o seguimento della até a sua data, e os Officiaes Camaristas de S. Paulo, que a deram. Ella foi entregue ao Senhor Rey Dom João IV e foi posta em Consulta no Dezembargo do Paco de Lisboa, como persuade a informação, que sobre a materia deu o Conde de Castello Novo, e Marquez de Montalvão, que foi Vice-Rey do Estado do Brazil, e o que mandou a Ordem aos Camaristas de S. Paulo para serem restituidos ao seu Collegio aos Padres Jezuitas, que delle tinham sido expulsos.

INFORMAÇÃO DO MARQUEZ DE MONTALVÃO

«Senhor, vi, e considerei como Vossa Magestade manda a Consulta incluza do Dezembargo do Paço, e pareceo-me reprezentar a Vassa Magestade que esta Consulta se funda principalmente em duas petiçoens de partes entre si contrarias; huma do Provincial, e mais Padres da Companhia de Jezus do Estado do Brazil, de que os Moradores das Capitanias da Repartição do Sul do mesmo Estado não tiveram vista para responderem, e se defenderem do que os ditos Padres delles dizem, e outra dos Moradores, e Camaras das Villas de S. Paulo, S. Vicente, Santos, e Cidade de S. Sebastião do Rio de Jadeiro da mesma Repartição, em que se dizem couzas graves, e de muita consideração contra os mesmos Padres, de que elles tambem não houverão vista para responderem ao que contra elles se diz, e se defenderem.

---

(1) Falta em Azevedo Marques tambem tudo quanto falta qui, seguimento da representação, sua data e nomes dos vereadores que a assignaram, o que confirma que a fonte de informação era uma unica e trunçada.

«Funda-se mais a dita Consulta em Informaçoens, Çertidoens, Papeis, e Documentos offerecidos por cada huma das partes contrarias, agenciados, e negociados por cada qual dellas, e como sejam partes interessadas e cada uma trate do seu comodo, utilidade, e credito pode-se considerar nellas suspeita, que he mui ordinaria em similhantes competencias.

«Funda-se finalmente nas informações dos Doutores Diogo Marchão Termude Dezembargador dos Agravos, e do Doutor João de Souza Cardinis, dos quaes o primeiro nunca foi nem esteve no Brazil, e na Informação, que dá se regeo principalmente pelas informaçoens dos Procuradores daquellas Capitanias, como da dita informação se vê claramente: O segundo que hé o Doutor João de Souza de Cardinis, ainda que esteve annos no Brazil ha muito, que de lá veio, e neste meio tempo podião as couzas ter mudança consideravel; nem estava naquellas partes ao tempo da publicação das Bullas sobre a Liberdade dos Indios, e mais inquietaçoens, e expulsão dos Padres da Companhia de suas Igrejas. E a que o Doutor Thomé Pinheiro da Veiga Dezembargador do Paço, e Procurador da Coroa de Vossa Magestade dá não tem outros fundamentos que os referidos.

«Não se faz menção na dita Consulta de Informaçôo alguma, que se tomasse do Governador do Rio de Janeiro vizinho daquellas Capitanias (1), e que de mais perto soube dos ditos motins, e expulsão dos Padres da Companhia, e como pessoa publico desinteressada podia informar ao certo o que passou, e o que

(1) Aqui se refere sempre a duas capitanias, a de Martin Affonso e a do seu irmão Pedro Lopes, cujos herdeiros deman, daram pela posse de S. Vicente, Santos e S, Paulo.

convem ao bem comum, serviço de Deus, e de Vossa Magestade na materia, de que se trata.

«Nem tambem se falla em Informação algũa, que se tomasse do Administrador do Rio de Janeiro, que como pessoa Ecclesiastica, e Prelado de toda aquella Repartição pode, e deve informar ao certo tudo, o que nestas materias se passou; e como nella se trata de couzas que tocão ao foro da conciencia, como hé da Liberdade, ou Cativeiro dos Indios Christãos, de que elle hé Prelado das entradas, que os Moradores de S. Paulo, S. Vicente, e Santos fazem ao Sertão a buscar o Gentio, em se reprezentão tantos inconvenientes muito consideraveis no comodo, com que se fazem as ditas entradas, e da administração hé couza espiritual dos mesmos, que estando até agora encarregada pelos Senhores Reys passou aos Padres da Companhia se trata de novo de se entregar a Clerigos Seculares, em que podem haver inconvenientes; assim a razão de se não acharem naquelle Estado em numero bastante para aquelle ministerio: como em não haverem de achar tantos de vida exemplar, e aprovadas que se possa delles fiar aquelle cuidado que convem, se lhe houver de deputar renda de que se possam sustentar tantos Clerigos fazendo o Officio, que os Padres da Companhia fazem de graça sem terem, como na verdade não tem, renda algũa para sua sustentação na administração das ditas Aldeas, e vivem somente de hũa ordinaria que lhes dá o Rio de Janeiro, e não se ham de os ditos Clerigos Seculares ordenados *(1)*, e vindos de fora

(1) Nesta oração falla o verbo infinitivo regido por «ham de», e que parece ser «conformar». O clero secular não se sujeitava a viver de esportulas e emolumentos pelo serviço que fazia, e exigia sempre ordenado fixo, que era em regra pago pela Fazenda Real.

aceitar, e hão de tirar sua sustentacão do trabalho dos pobres Indios, que de ordinario são pagos com quatro varas de pano de algodão, que não basta para se sustentarem com suas familias.

« Tambem se não falla em Informação algúa que se toma-se do Governador de todo aquelle Estado, nem do Bispo da Bahia, que hé como Metropolitano de todo elle, sendo que hua, e outra pareciam mui necessarias para se tomar o assento que convem em materia de tanta importancia: E falando da administração no espitual nas ditas Aldeas tem muito que considerar o saber-se notoriamente que os Padres da Companhia ha muitos annos, que tratão de as largar pelo muito trabalho que tem da dita administração, e desgostos, que tem com os moradores, sobre a repartição dos Indios, para trabalharem em suas fazendas, e vexaçõens, que os ditos Moradores lhes fazem contra toda a razão, e justiça; e hé couza constante, que querendo os Padres largalas aos Governadores daquelle Estado Gaspar de Souza e Dom Francisco de Souza, e a mim, nunca elles, nem eu o consentindo, nem tambem os Prelados, por acharem nesta parte grandes inconvenientes, de que dei conta a Vossa Magestade; assim deste particular, como da expulsão dos Padres, de que se acharão as cartas, que escrevi, na Secretaria do Estado, de que tenho as copias em Lisboa.

« De mais de que tambem hé couza sabida que tendo muitos Religiozos de varias Religions a administração, e cura espiritual de algúas Aldeas em Pernambuco, e outras Capitanias todos a largaram por verem o trabalho, e vexações, que por respeito dellas padeciam; e tambem hé sabido, que entregando-se algúas vezes a Clerigos Seculares a cura espiritual de algumas Aldeas ellas se acabaram de tod,o e sómente prezisti-

rão as que tem a seu cargo os Padres da Companhia que pelo zello, que tem do bem espiritual dos proximos tão conhecido, cortão por semelhantes incomodidades e hé muito para ver a doutrina com que tem os Indios das Aldeas : porque em cada húa dellas beneficiam os ditos Indios as Missas em canto de Orgão, e assistem aos mais Officios Divinos, e todas as vezes, que são necessarios os Indios para o serviço de Vossa Magestade os mandam com pontualidade.

« Pelas quaes razoens parece-me sendo esta materia de tanta consideração, e em que tanto de credito, e de reputação de cada húa das ditas partes, risco da consciencia sobrea liberdade, e curativo dos Indios, serviço ou desserviço de Deus, e de Vossa Magestade na cura espiritual das Almas, alem da perda ou proveito temporal da Fazenda de Vossa Magestade, e quietação dos Moradores das ditas Capitanias, que tambem se considera: devia tomar-se Informação mais vagaroza, assim do Governador do Rio de Janeiro, que era ao tempo dos motins, e publicação das Bullas do Papa Urbano VIII, e do que de prezente as governa, como tambem do administrador Ecclezíastico das ditas Capitanias; e outrosim do Governador Geral de todo o Estado, e do Bispo da Bahia, mandando-se as ditas Petiçoens, de que devem haver vista as partes, com as mais informaçoens, e Documentos a custa de cada huma das partes aos sobreditos, esperando resposta sua para se poder tomar assento em materia tão grave, sem que haja falta e perigos de dezacertar no que convem.

« Entretanto poderia ordenar-se, que as Aldeas estejam no Estado, em que hoje estam; de modo, que as que são de Vossa Magestade, e não são de prezente administradas pelos Padres da Companhia, se deixem assim estar athé se tomar assento: E que os Padres

da Companhia da Villa de S. Paulo, que são (1). . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

« Eu El Rey faço saber aos que este Meu Alvará virem que tendo respeito ao que me reprezentou o Governador Geral de todo o Estado do Brazil, Governador e Officiaes da Camara do Rio de Janeiro, e os das Villas de S. Paulo, S. Vicente, Conceição, e Parnahyba á cerca da expulsão dos Religiozos da Companhia de Jesus: Hey por bem de conceder aos Moradores de S. Paulo Perdão Geral de todas, e quaesquer culpas, que tiverem cometido, ainda que tenham partes, reservando-lhe o direito para demandar em o Civel, e damnos, com declaração que o perdão que lhes concedo não hade ter effeito senão depois de restituidos os Padres da Companhia, pois com esta tenção lhes mondo perdoar, e não de outra maneira; e este se cumprirá tão interamente como nelle se contem, sem duvida nem contradição algúa, e valerá como carta sem embargo

(1) Aqui faltam folhas no manuscripto nas quaes deviam estar o final deste parecer, as consultas feitas ao Governador e Administrador do Rio de Janeiro, ao Governador Geral do Brazil e Bispo da Bahia e a narrativa dos acontecimentos até o anno de 1647. O parecer acima transcripto, apezar de truncado, é favoravel á causa dos Jesuitas, e em consequencia mandou o rei João IV que os padres expulsos voltassem ao seu collegio, sendo esta ordem de 3 de Outubro de 1643. Porem, a opposição a essa volta dos padres do companhia de Jesus continuou ainda por muitos annos e deu logar ao Alvará que segue, de 7 de Outubro de 1647, perdoando aos paulistas a culpa em que tinham incorrido pela expulsão daquelles padres e reiteirando a ordem para que os mesmos voltassem ao seu collegio.

da Ord. do Liv. 2º. t.º em contrario. Pascoal de Azevedo a fez em Lisboa aos sete de Outubro de mil setecentos quarenta e sete. —Rey »

Reconhecida, e respeitada a Real Grandeza de Sua Magestade pelo Perdão Geral, e o seu Real Agrado de serem restituidos os Padres Jesúitas se constituiram em Protectores dos mesmos Padres os dous Paulistas ricos e poderozos, e geralmente respeitados, Fernando Dias Paes Leme, e João Pires (1), que ambos faziam grande roda de parentes da primeira Nobreza da Capitania, e tomaram assi a difficultuoza empreza de fazer capacitar ao Povo de S Panlo que deviam esquecer-se das offensas recebidas do ardor dos Padre Jezuitas. Nestas disposiçoens se foi consumindo o tempo e correndo a causa na Côrte até o anno de 1653, em que teve effeito a pretendida restituição.

Estes dous Paulistas Protectores da Sociedade denominada de Jezus escreveram Cartas, chamando do Rio de Janeiro ao Doutor Ouvidor Geral daquella cidade, e Repartição do Sul João Velho de Azevedo, o qual posto em S. Paulo, e disposta a materia da recepção dos Jeznitas foi ao Senado da Camara no dia 12 de Mayo de 1653, estando prezentes os Juizes Ordinarios Domingos Rodrigues de Mesquita e Domingos

(1) Eram com-cunhados e genros de outro notavel paulista Garcia Rodrigues Velho. Fernando Dias Paes foi o descobridor das *esmeraldas*, em Minas Geraes e tem numeroza descendencia em S. Prulo e Minas. João Pires era o pae do *Pae da Patria*; foi cidadão muito illustre e sustentou por annos a famosa guerra civel dos *Pires e Camargos*; deixou numerosa e illustre descendencia, que ainda hoje faz figura em S. Paulo. Fernando Dias Paes está sepultado na Egreja de S. Bento, e João Pires, sepultado na Egreja do Collegio, teve ha pouco seus ossos removidos para a crypta da Sé. Ambos foram protecsores dos jesuitas perseguidos pelos Camargos.

Garcia Velho, os Vereadores Calixto da Motta, Francisco Cubas, e Gaspar Corrêa, e Procurador do Concelho Sebastião Martins Pereira, e entre todos assentaram que os Jezuitas fossem aceitos nesta Capitania, e seus Collegios, se o Provincial aceitasse tambem as condições seguintes (1):

I

«Que por via de transacção, e amigavel composição farão o Reverendo Padre Reitor, e mais Religiozos, com o muito Reverendo Padre Provincial dezistencia de todas as queixas, acçoens e dilaçoens principalmente da Sentença appellada que sobre o interdicto se alcançou, e nunca em nenhum tempo innovarão couza algûa contra a dita Sentença.

II

«Que não hão de pedir perdas nem damnos, gastos nem despezas algûas feitas athé o prezente por cauza da dita chamada expulsão, e que hão de dar de todo o sobredito aos Moradores por dezobrigados, com declaração de que se algum Morador lhe tiver alguma couza movel, ou de raiz, que pertença a elles ditos Religiozos, que contra esses occupadores de couzas suas em particular poderão requerer de seu direito, e justiça como lhes parecer, e qne o mesmo direito lhe ficará para requererem contra seus Procuradores para lhes pagarem, e restituirem tudo, o em que, como taes lhe forem obrigados.

(1) Comquanto este documento esteja registrado no livro de actas da Camara Municipal de S. Paulo, á folha 58, correspondente ao anno de 1653, não é conhecido dos estudantes da historia colonial da capitania. Serviu de base a um outro accordo que vai adiante transcripto.

III

«Que não recolherão nem ampararão os Indios que fugirem aos Moradores, nem os consentirão em seus Mosteiros, e Fazendas.

IV

«Que dezistirão e não serão nunca partes na execucão, nem publicação do Breve de Sua Santidade, que dizem tem sobre a liberdade do Gentio; cemo tambem no substancial delle, de que tudo se farão Escripturas publicas assignadas pelo dito Muito Reverendo Padre Provincial, Reitor, e mais Religiozos, como tambem se obrigarão a mandar vir todas as condiçoens declaradas nestes Capitulos, e tambem assignadas pelo seu Geral de Roma, e confirmadas por Sua Magestade El Rey Nosso Senhor Dom João IV, que Deus Guarde, em conveniente tempo.

V

«Que os Contractos, Escripturas, que se fizerem sobre esta materia hão de ser com taes clauzulas, e condiçoens, que a todo o tempo fiquem obrigados os successores do dito Padre Provincial, e Reitor, e os Prelados seus Superiores, e todos os Reverendos seus Predecessores, e Vindouros.

VI

«Que os moradores voluntariamente por sua devocão os ajudarão a concertar e reformar seu Collegio, conforme a devoção de cada hû fazer o que quizer sem deste Offerecimento nascer obrigação, e a mesma ajuda lhes promettem cazo queiram mudar seu Collegio para ourto sitio.

«E feitas as ditas Condiçoens assentaram os acima nomeados que se tirasse hum traslado autentico para se entregar ao Reverendo Padre Vigario desta Villa Domingos Gomes Albernaz, e ao Capitão Francisco Rodrigues da Guerra para com dito traslado se fazerem as Escripturas com o Muito Reverendo Padre Provincial, e mais Religiozos da Companhia de Jezus na fórma da Procuração, que outrosim assentarão se fizesse aos sobreditos Procuradores; e para que a todo o tempo constasse este Termo, e Assento, o mandaram fazer neste Livro, que todos assignaram com o dito Ouvidor Geral. Eu Manoel Souro Ramires Escrivão da Camara o escrevi.—*João Velho de Azevedo—Domingos Rodrigues de Mesquita—Domingos Garcia Velho—Calixto da Mota—Francisco Cubas—Gaspar Correa—Sebastião Martins Pereira.*»

Ajuntaramsse na Camara Capital de S. Vicente os Procuradores das Villas de São Paulo, e Parnahyba o Padre Domingos Gomes Albernaz, e o Capitão Francisco Rodrigues da Guerra (1). Eesta Assembléa se tomou o Assento do theor seguinte (2):

«Escriptura de transacção e amigavel composição celebrada na Villa de São Vicente em Camara della aos 14 de Mayo de 1653, estando juntos os Officiaes da Camara della, o Juiz Ordinario Pascoal Leite de

(1) Este capitão era sogro de Domingos de Brito Peixoto e de ambos descendem familias illustres como a do marechal Arouche, os Gavião Peixoto e Rego Freitas.

(2) Antes deste accordo houve um outro que Azevedo Marques publicou, lavrado em S. Vicente em sessão da camara de 1 de Junho de 1652 e a que o presente manuscripto não allude. A escriptura que segue tambem foi publicada por Azevedo Marques, no artigo sobre jesuitrs.

Medeiros, e os Vereadores Gonçalo Ribeiro Tinoco, Domingos de Meira, e João Homem da Costa, e o Procurador do Concelho Thomé de Torres de Faria, e as pessoas da Governança da Terra e Capitão Lourenço Cardozo de Negreiros, Manoel Lopes de Moura, o Capitão Pedro Gonçalves Meira, e outras muito abaixo assignadas, e bem assim o Padre Francisco Gonçalves da Companhia de Jezus Provincial do Brazil, o Padre Gonçalo de Albuquerque Reitor de Santos, o Padre Francisco Paes Reitor de S. Paulo, e o Padre Francisco Madeira companheiro do Provincial: Por parte da Camara de S. Paulo o Vigario da Igreja Vizitador do Sul, e o Capitão Francisco Rodrigues da Guerra, ambos Procuradores bastantes dos Moradores, e Camara de S. Paulo para effeito de serem os Padres restituidos aos seus Collegios, se acordou da maneira seguinte: «Primeiramente disse o Padre Provincial, e mais Religiozos já nomeados, que elles promettião dezistir. e de effeito dezistião por via de transacção, e amigavel composição de hoje para todo o sempre de todas as queixas, acçoens, e appellaçoens, especialmente da sentença appellada que sebre o interdito alcançar, e prometiam que nunca em nenhum tempo proseguirião nem innovarião couza alguma sobre a dita sentença; antes disse o Reverendo Padre Provincial que desde logo dava plenaria absolvição pelos poderes, que para isso tinha á todas, e quasquer pessoas, que por qualquer via, ou modo houvessem incorrido em algúas censuras, ou censura de qualquer qualidade, ou condição, que fosse, ou haja sido; e outrosim disse o dito Reverendo Padre Provincial, e mais Religiozos. que desistiam de to-
o o direito, que tinham, ou podiam ter sobre as per-
s e damnos, ou injuria, que por qualquer via se lhes
ıouvesse seguido na chamada expulsão para em nenhú

tempo as alegar, ou pedir para que tudo fique em perpetuo silencio, e conservação da paz, e concordia, que pretendem ter, com declaração que se algum morador da dita Villa, ou qualquer outra pessoa tiver algua couza sua, assim movel como de raiz, que pertença a elles ditos Padres, ou a seu Collegio, que contra esses occupadores, e suas couzas poderam em particular requerer seu direito, e justiça, como lhes parecer, e que o mesmo direito lhes ficará para poder requerer contra seus Procuradores para lhes darem conta de suas fazendas, e lhes pagarem, e restituirem tudo, o como taes lhes forem obrigados».

« Outrosim que não recolheriam nem ampararíam em suas cazas, ou fazendas os Indios, ou Indias, serviços dos Moradores, nem os consentiriam em suas fazendas, e Mosteiros, antes os entregarão aos seus donos com boas praticas para que os sirvam.

«Outrosim disseram mais o dito Padre, e mais Religiozos, que dezistiam, e não seriam nunca partes na execução do Breve, que dizem ter de Sua Santidade sobre a liberdade do Gentio, como tambem no substanciãl delle.

« Outrosim disseram os Procuradores da dita Villa de S. Paulo e Camara acima nomeado, que elles em nome dos seus Constituintes prometiam de dar aos ditos Padres ajuda que cada um podesse voluntariamente, conforme a sua devocão para reformação do dito em seu Collegio antigo; e em cazo que o queiram mudar para outro sitio lhe prometem a mesma ajuda sem que desta promessa e offerecimento nasça abrigação algua».

« Outrosim prometeo, e se obrigou o dito Padre Provincial e mais Religiozos a mandar vir em tempo breve e conveniente todos estes concertos, e condições acima declaradas assignadas, e confirmadas por Sua Ma-

gestade, que Deus guarde, e pelo Muito Reverendo Padre Geral, que assiste em Roma para que assim fiquem os successores do dito Padre Provincial, e mais prelados, que ora são, e adiante forem, obrigados a guardar todas estas condições, não innovando couza alguma, como delle se deve confiar.

«E por assi todos serem contentes disserão que aceitavão huns, e outros, os ditos concertos, e promessas, e conveniencias, e para mais segurança, e cumprimento de tudo o acima, e atraz escripto disseram que obrigavam suas pessoas, bens moveis, e de raiz, havidos, e por haver para nunca irem contra estes concertos e por theor desta disseram que haviam por revogados todos, e quaesquer Autos de concertos, e çomposições, e Propostas que antes desta hajam feito, e só esta querem que se cumpra, tenha força e vigor.

E disseram mais o dito Padre Provicaial, e mais Religiozos, que se nestes concertos, e amigavel composição faltasse algum ponto de Direito, Clauzula, ou Solemnidade algúa por declarar as haviam aqui todos por postas, expressas e declaradas, do que de tudo mandaram fazer esta Escriptura neste Livro de Regtstro desta Camara, e que della dessem os Traslados, que cumprissem onde todos assignaram com as testemúnhas Domingos Ferreira Jardim, Gaspar Gonçalves Maira, João Nogueira, e Henrique Matozo, todos Moradores nesta Villa, e pessoas de mim Escrivão da Camara reconhecidas; e eu Antonio Madeira Salvadores Escrivão da Camara que o eserevi. O Padre Francisco Gonçalves Provincial.—O Padre Domingos Gomes Albernas—Francisco Rodrigues da Guerra.—O Padre Francisco Paes Reitor do Collegio de S. Paulo.—O Padre Gonçalo de Albuquerque Reitor do Collegio de *S.* Miguel.—O Padre Francisco Madeira.—Gonçalo

Ribeiro Tinoco.—Pascoal Leite.—Domingos de Meira. —João Homem da Costa.—O Capitão Pedro Goncalves Meira.—O Capitão-mór Bento Ferrão Castello Branco. —Lourenço Cardoso de Negreiros.—Manoel Lopes de Moura.—Gaspar Gonçalves Meira.—Henrique Matozo. —Domingos Ferreira Jardim.—João Nogueira.»

Restituidos por este modo os Padres Jesuitas ao seu Collegio de S. Paulo foram ajudados dos Nobres Cidadaons e principaes Moradores. O Senhor Rey Dom João IV se deu por muito satisfeito desta acceitação, e o fez saber assim por Carta firmada pelo seu Real Punho do theor seguinte (1):

« Juizes, Vereadores, e mais Officiaes da Camara da Villa de S. Paulo. Eu El Rey vos envio muito saudar. Pela Provisão que com esta vos mando remeter entendereis como fui servido de aprovar os procedimentos, que o Licenciado João Velho de Azevedo Ouvidor da Capitania do Rio de Janeiro teve na Correiçao, com que foi á essaVilla, e á Capitania de São Vicente, e rezoluçoens que tomou por tudo ser conforme á Justiça, e bom governo, e muito de serviço de Deos, e Meu, e de annullar o que em contrario teve depois José Ortiz de Camargo (2) enviado pelo Conde de Castello Melhor; sendo Governador desse Estado: pelo que vos encomendo e encarrego muito, e Mando que em tudo cumpraes, e guardeis, e façaes dar a sua devida execução a dita Provisão tão inteira e pontualmente, como de vós confio, certos que fico com particular Lembrança do serviço, que me fizeste na aceitação dos Religiozos

(1) Livro de *Registros* da camara municipal de S. Paulo n. 4 pag. 24.

(2) Livro de *Registros* da camara municipal de S. Paulo, n. 4, pag. 75.

da Companhia, e bom termo com que vos houvestes com o Ouvidor, e pessoas que o acomparam, para folgar de vos fazer, e a essa Camara o favor, e mercê que houver lugar. Escripta, em Lisboa a 11 de Dezembro do 1654.—*Rey.*»

De tal sorte favorecerão os Paulistas aos Padres Jesuitas, portando-se elles afaveies, benignos, e obzequiozos, que vindo de vizita o Provincial Padre Pestre Simão de Vasconcellos achou tanto que agradecer a Nobreza de S. Paulo, que as suas acções representou-as ao seu Reverendissimo Preposito Geral Jeronimo Richrt. Este escreveo aos Officiaes da Camara os seus agradecimentos em Carta do theor seguinte;

«Senhor Juiz, e Vereadores.—A noticia, que tive por carta do Padre Provincial Simão de Vasconcellos (1) da muita graça, amor, e benevolencia, que os padres desse Collegio experimentão cada dia desse Nobre Senado em geral, em cada hum dos seus senhores, que nelle assistem em particular, me obriga a escrever esta para dar a Vosoas Mercês as dividas graças, e certificar, que viverão sempre em nossa memoria os beneficios recebidos, e a lembrança dos bemfeitores deante do Divino Acatamento, pedindo ao Senhor que recompense sua Liberal Mão, o que da nossa parte não hé possivel satisfazer.

«Tambem me chegou a noticia que por cauza das couzas passadas havia algua desconfiança dos nossos Religiozos nessa Villa, e que receavamos dos senhores Moradores della que intentassemos restituição de perdas e damnos, pelo que me parece assegurar a Vossas Mercês que estejão fora de cuidado nesta parte confor-

(1) Escriptor notavel e auctor das *Chronicas da Companhia e Jesus.*

me o Acordão feito pelo Padre Provincial Francisco Gonçalves de tomarmos a essa Villa para servir a Deos, e a Vossas Merces, segundo as Leys, do nosso Instituto, e não por interesses temporaes que encontram a justiça, e caridade. Guarde o Senhor a Vossas Merces por largos annos. Roma 26 de Outubro de 1658. Servo de Vossas Mercês; Jeronimo Richrt.»

Esta foi a expulsão, e restituição dos Padres Jesuitas de S. Paulo, cujos os movimentos, e cauza delles não anda ainda em corpo algum de Historia. Eu aqui a tenho relatado com pureza, e verdade, pelos Documentos que produzi, os quaes me deram a instrucção para conhecimento do que aconteeeo para serem os Jesuitas lançados da Capitania de São Vicente e São Paulo.

E suposto que depois de restituidos á mesma Capitania foram estimados, e favorecidos de sorte que estes beneficios chegaram a occupar a Real Lembrança do Senhor Rey Dom João IV, e muitos annos depois o agradecimento do Padre Prepozito Geral; o tempo, porem, que costuma alterar a ordem das couzas, e consumir aquellas imagens do fiel reconhecimento, fez com que os mesmos Jezuitas com occulta sagacidade tornassem a produzir nova cauza para novas desconfianças nos Moradores de S. Paulo, de tal sorte que sahindo de socorro a conquistar os barbaros Indios que hiam destruindo as Villas de Camamú, Bolpeva, e Canivú do Reconcavo da Bahia, em tempo Governador Geral do Estado Alexandre de Souza Freire no anno de 1670, entre as propozições que o Paulista Estevam Ribeiro Baiam Parente (1), Governador das Ar-

(1) Era fidalgo de alta linhagem e foi pae do valente sertanejo João Amaro Maciel Parente e de Bento Maciel Parente governador do Maranhão; foi á Bahia e fez grande destroço nos Indios do Reconcavo e do interior, fazendo milhares de prisioneiros que trouxe para serem repartidos por seus compa-

nas deste socorro, representou ao dito Governador Geral foi: «Que os Padres da Companhia não teriam jurisdição neste Gentio por serem os ditos Padres a causa de todos os homizios como a experiencia tinha mostrado.»

E parece que esta cautela não foi fanatismo do Governador Baiam porquanto já neste tempo tornavam os Jesuitas a ir tirando a mascara, com que de antes encobriam a dominante paixão que tinham de possuir o dominio espiritual e temporal dos Indios do Brazil como reconheci da resposta que os Officiaes da Camara de S. Paulo deram ao Serenissimo Senhor Dom Pedro I, Principe Regente do Reino de Portugal pelo theor seguinte:

«Senhor.—Recebemos hũa Carta assignada pela Real Mão de Vossa Alteza, na qual hé Vossa Alteza servido mandar-nos que demos informaçẽo do Estado das quatro Aldeas que Vossa Alteza tem nesta Villa; Que Indios tem: Quem os administra, e por que Ordem. Tudo humildemente informamos a Vossa Alteza (1).

«Em primeiro lugar, Senhor, são quatro Aldeas; A de *Maruerí* governada e administrada por Manoel Rodrigues Arzão, a de Nossa Senhora dos Pinheiros por Pascoal Rodrigues da Costa; a de S. Miguel por Antonio Ribeiro Baiam, a de Nossa Senhora da Con-

---

nheiros. Morrendo na Bahia, o seu filho, João Amaro, continuou a sua obra, devastou aquelles sertões e se tornou proprietario de vastas fazendas que lhe foram dadas em recompensa dos seus serviços. Deixou enorme descendencia, que lhe faz honra até hoje.

(1) Livro de *Registros* da camara de S. Paulo n. 5, pag. 138.

ceição por Pedro Taques de Almeida (1), e todos tem Provizão do Governador deste Estado, e com tanto zelo quanto se póde esperar de tão bons Vassalos, como Vossa Alteza nelles tem, pelo que os julgamos merecedores da honra, e mercê que Vossa Alteza for servido fazer-lhes, tanto assim que os Padres da Companhia tem tido notaveis combates sobre os muitos Indios que os ditos Padres tem em suas fazendas, porque os ditos Padres não querem que o Gentio deste Brazil (unico remedio dos Vassalos de Vossa Alteza) sejam obrigados, nem tão pouco sejam de Vossa Alteza, senão que absolutamente sirvam a elles Padres, o que hé muito em prejuizo desta Capitania.

«Na administracão dos Sacramentos não se lhes pode dar Capellão, porque não ha com que se pague, suposto que huma destas Aldêas por ser curada sempre tem Capellão, e as outras se remedeiam por estarem perto desta Villa, não faltando em seus Capellães o cuidado do bem espiritual, e não, Senhor, pelo cuidado dos Padres da Companhia, porque o seu desvello hê somente ver se podem uzurpar á Real Coroa estes poucos Indios que ha, sendo que elles tem o melhor de setecentos dos seus domesticos, e mal podem acudir os tres Sacerdotes que ha neste Collegio aos de fora. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .»

(1) Cidadão dos mais illustres de S. Paulo, consultado e ouvido pelo proprio rei de Portugal sobre os negocios da capitania; era filho do grande Lourenço Castanho Taques e deixou notavel descendencia, que honra S. Paulo até o presente. A sua sogra, d. Leonor de Siqueira, e sua esposa, d. Angela de Siqueira, foram os principaes constructores da Egreja do Collegio de S. Paulo depois da volta dos jesuitas.

Aqui termina o precioso manuscripto, não porque finalisasse a historia; mas porque faltam-lhe as ultimas paginas. Quem quer seja o seu auctor, Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Pedro de Moraes Madureira ou algum desconhecido, prestou elle um relevante serviço ás lettras brazileiras e eu, das columnas do *Diario Popular*, em nome dos amantes do estudo da historia paulista, rendo á sua memoria a justa homenagem a que tem direito pelo importante legado que nos deixou.

A. de Toledo Piza.

Trabalho apresentado e lido pelo socio snr. Dr. Antonio de Toledo Piza na sessão de 30 de Abril de 1898.

O manuscripto, que hoje apresento ao Instituto Historico de S. Paulo, foi, com muitos outros, por mim encontrado entre os papeis velhos deixados pelo fallecido tenente-general José Arouche de Toledo Rendon e tem o seguinte titulo:

Successos da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente se chama Brazil

E' bastante antigo, como se reconhece pelo seu estado de conservação, ou antes de estrago, e pela lettra que é do typo usado no seculo passado. Não é, entretanto, original, mas sim copia de um outro que ou não chegou aos nossos dias ou está por ahi algures escondido em algum archivo para mim desconhecido. Julgo dever estabelecer sobre elle algumas hypotheses que me parecem provaveis e que devem facilitar a descoberta da verdade.

Quando, ha cerca de tres mezes, eu apresentei ao Instituto o manuscripto relativo á expulsão dos jesuitas de S. Paulo em 1640, tive occazião de dizer, que, esse documento, de summo valor historico apesar de trun-

cado, era a obra de Pedro de Moraes Madureira, citada por Pedro Taques de Almeida Paes Leme, que della fez grande uso quando escreveu a sua *Historia da Expulsão dos Jesuitas.*

O chronista Pedro Taques confessa que o manuscripto de Pedro de Moraes Madureira serviu de base para aquella sua *Historia* e quando não confessasse provaria este facto o perfeito parallelismo que se observa entre o manuscripto de Pedro de Moraes Madureire e a obra de Pedro Taques. Seguem ambos na mesma ordem os factos, transcrevem os mesmos documentos e algumas vezes uzam da mesmissima linguagem.

Entendo que o manuscripto de Pedro de Moraes Madureira tem sobre a obra de Pedro Taques a vantagem de ter o auctor sido testemunha secular dos acontecimentos que relatou e de ter nos documentos que transcreveu conservado os nomes dos signatarios omitidos por Pedro Taques por conveniencia de brevidade.

O presente manuscripto, conforme verifiquei, tem extraordinaria similhança com a *Chronica da Companhia de Jesus*, do padre Simão de Vasconcellos. Como se explica isto ?

Não é provavel que este manuscripto seja um resumo da obra de Simão de Vasconcellos porque esta não é tão extensa, nem de natureza tal que justificasse a necessidade de alguem fazer della um resumo para seu uso particular. Pelo contrario, me parece que foi Simão de Vasconcellos quem, apanhando o original deste manuscripto, se serviu delle como auctoridade e fonte de informações para a execução da sua obra; foi a *these* que serviu de base para a *dissertação* do padre Simão de Vasconcellos.

O auctor do manuscripto, quem quer que seja, devia ter sido membro regular da egreja catholica; parece muito ter sido um jesuita pela admiração que tributa a Anchieta e pelo numero de milagres que refere no seu resumido escripto, e é contemporaneo dos ultimos acontecimentos que descreve, visto que os narra de modo a dar a entender que são recentes.

As cidades da Bahia, no Brazil, e de Evora, em Portugal, parecem ter sido naquelle tempo os centros intellectuaes da Sociedade de Jesus nos dominios portuguezes e por isso nestas duas cidades os archivos daquella ordem religiosa eram muito ricos em documentos historicos e geographicos.

O historiador escreve em Portugal e não no Brazil e, portanto, lá deve estar o manuscripto original. Simão de Vasconcellos era membro da mesma sociedade, tinha accesso nos seus archivos e se aproveitou dos documentos nelles encontrados para escrever a sua *Chronica da Companhia de Jesus*. Porem, menos leal do que Pedro Taques, não citou este manuscripto, nem outros documentos que lhe serviram de ponto de informação; entretanto, usou e abusou deste manuscripto de tal modo que em muitos pontos o copiou *ipsis verbis*. Fez mais ainda, porque terminou a sua *Chronica da Companhhia de Jesus* exactamente quando terminou o manuscripto, isto é, nos primeiros annos do reinado effectivo de D. Sebastião.

Como veiu esta copia parar nas mãos do general Arouche?

Supponho que veiu exactamente como vieram parar nas mãos do mesmo general diversas obras ineditas de Pedro Taques e muitos manuscriptos redigidos por differentes pessoas dos seculos passados.

Pedro Taques esteve em Portugal por mais de

uma vez, estudando a historia do Brazil, revolvendo os archivos e copiando documentos, e bem podia ter extrahido esta copia, que mais tarde passou, com outros escriptos seus, para poder do general Arouche.

O proprio general Arouche e seu irmão Diogo de Toledo Lara Ordonhes, como estudantes em Coimbra e homens intelligentes e patriotas que eram, podiam ter obtido esta copia para o seu uso pessoal, sem nunca dal-a á publicidade. Conservada pelos seus herdeiros passou ella para as minhas mãos e eu faço della presente ao Instituto.

Não me arrisco a affirmar de modo positivo quem seja o seu auctor porque faltam-me elementos para um juizo seguro e mesmo provavel. Consultas que a respeito fiz ao Instituto Historico Brazileiro e á Bibliotheca Nacional ficaram sem resposta, como sem resposta tinham ficado iguaes consultas que fiz sobre o manuscripto relativo a expulsão dos jesuitas, cuja auctoria attribui a Pedro de Moraes Madureira. O Barão Homem de Mello, com quem conversei a respeito, entende que o manuscripto original pode ser obra de Pedro Magalhães Gandavo, chronista dos primeiros tempos coloniaes; entendo, porem, que esta opinião é erronea pela seguinte razão:

Gandavo escreveu uma *Historia da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente chamamos Brazil*. O titulo, como se vê, é quasi identico com o do manuscripto; porem, no texto Gandavo se limitou quasi que exclusivamente a parte discriptiva e passou muito por alto pela parte narrativa. A sua obra é de pequenissima proporção e nella cabia um muito maior desenvolvimento historico sem avolumal-a de modo inconveniente. Pelo contrario, se a parte narrativa dos acontecimentos tivesse um desenvolvimento que guardasse certa

relação com a parte descriptiva do paiz, a obra ficaria mais completa, mais proporcionada e seria mais util aos leitores; entretanto, o manuscripto por si só não poderia constituir um todo que figurasse independentemente de qualquer acrescimo. Si ambos fossem obras de Gandavo deviam estar juntos ou o auctor naturalmente em um se referiria ao outro como obras que se completam. Demais o estylo é muito diverso, e si o estylo é o homem, o auctor dos *Successos da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmnte se chama Brazil* é muito diverso do auctor da *Historia da Provincia de Santa-Cruz, que vulgarmente chamamos Brazil.*

Com a exclusão de Gandavo e de Simão de Vasconcellos, sinto-me inclinado a dar o presente manuscripto como obra do jesuita Pedro Rodrigues, que viajou pelo Brazil, era contemporaneo dos acontecimentos relatados e deixou varias obras que só agora estão sendo publicadas.

S. Paulo, abril 20 de 1898.

A. de Toledo Piza.

Successos da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente se chama Brazil

As couzas da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente se chama Brazil, nome impropriamente posto por cauza do páo vermelho que aqui se cria, tão invejado de todas as nações, estavam aindo neste tempo muito tenras.

Tinha sido esta nova Luzitania descoberta pelo segundo descobridor da India Pedro Alvares Cabral no anno de 1500; foi depois costeada e seus portos foram descobertos particularmente por Gonçalo Coelho e Christovão Jaques no principio do reinado de D. João III, o qual a deu á alguns dos seus vassalos para que a possem, como fizeram com muito trabalho pelos annos 1535; mas porque a Bahia de Todos os Santos era principal porto deste novo Estado e nelle não pôde mar pé seguro o 1.º povoador Francisco Pereira Coiho, por cauza da ferocidade dos naturaes da terra

que, emfim, passado algum tempo o vieram destruir de todo, e mandou El-Rei D. João povoar, e fundar ali uma cidade por sua conta, no anno de 1549, pelo 1.º Governador deste Estado Thomé de Souza, e constituiu cabeça delle para residencia dos Governadores e Bispos do dito Estado.

Mas no tempo em que succedeu na corôa de Portugal El-Rei D. Sebastião ainda estava tudo mui tenro. Aspiravam muito os Francezes a posse desta nova terra, que lhe não pertencia por nenhuma via, assim por ser descobrimento e conquista propria nossa, como pela desistencia que tinham feito os seus Reis quando pelo Papa foram convidados para a repartição de novos descobrimentos de terras, e assim foram algumas vezes contractar ali com os naturaes da terra, sendo sempre rechassados e expulsos pelos nossos; e ultimamente foram fazer assento na enseada do Rio de Janeiro, e a resolução de vir á aquelle porto foi esta:

Tiveram noticia os Francezes em suas terras de como as gentes dos Tamoyos, naturaes daquellas paragens, muita em numero, e guerreira, depois de haver estado em amizade com os Portuguezes, guardando-lhes a fé promettida por algum tempo, vieram comtudo a quebral-a, irritados de aggravos que diziam ter recebido delles, e que de amigos estavam feitos seus contrarios por cauza da ambição dos nossos, que, emfim, quanto ganham por seu valor vem a descreditar e perder por cauza della; e como era o sitio do Rio tão accommodado para tirar grandes proveitos das drogas principaes do Brazil, e, especialmente do páo vermelho, por que tanto suspiram os Estrangeiros, sendo por outra parte a pouca ou nenhuma resistencia que podia haver na entrada, pois nem estava presidiada, nem nella havia Portuguez algum que a defendesse.

Com esta certeza se animou um Nicoláo Villegaillon, nobre Francez, cavalleiro da ordem militar de S. João, a fabricar uma armada de soldados e vir occupar inopinadamente a dita enseada, como com effeito fez, sem haver alguem que lhe resistisse; e quando o nosso Rei começou a reinar tinha assentado liga com os naturaes da terra, e com palavras brandas e dadivas liberaes se tinham feito senhor dos seus corações, e estavam unidos em um corpo contra os Portuguezes, e de mão commum se haviam fortificado, dando bem cuidado com a sua visinhança á nossa capitania de S. Vicente; mas, emfim foram destruidos os seus designios, como adeante se verá.

Os padres da Companhia de Jesus, que tinham passado a conquista espiritual daquelle novo Mundo com o 1.º Governador delle, indo por superior de todos o Padre Mancel da Nobrega, Portuguez, andavam neste tempo espalhados por todas as novas povoações, accudindo ao remedio das almas de todos, assim naturaes da terra como Portuguezes, cathechisando, baptisando e reduzindo aquelles a viverem politicamente congregados em povoações, porque habitavam nas mattas como feras, e doutrinando a todos geralmente, porém achavam-se muito desgostados com o retorcimento dos povos *Temiminos*, a quem a cobica de alguns Portuguezes fez desertar outra vez para os seus antigos escondrijos; mas ainda lá os não desamparava a caridade daquelles santos religiosos.

Quando El-Rei D. João falleceu era governador desta Provincia o segundo que ella teve D. Duarte da Costa, e dizem que deixou nomeado para terceiro a Mem de Sá, mas não tomou posse do governo senão passado um anno, da Rainha D. Catharina, no anno 1558 Era Mem de Sá homem de grande coração,

zelo e prudencia, acompanhados de lettras e experiencia em paz e guerra; levava por seu regimento que procurasse em seu Governo, por todos os meios possiveis, trazer á fé de Christo os indios daquella Provincia, e porque estes intentos tivessem melhor effeito sendo manifestado á El-Rei o animo pio do Governador, e que na Provisão do seu cargo lhe dava a entender que havia de governar muitos annos, dizendo nella que serviria além dos 3 annos ordinarios o mais tempo que El-Rei fosse servido, e deu tão boa conta de si que governou 14 annos.

A primeira couza que fez este bom Capitão tanto que desembarcou foi recolher-se em um cubiculo dos padres da Companhia e tomou ali por oito dias os exercicios espirituaes de Santo Ignacio por instrucção do Padre Manoel da Nobrega, consultando com Deus e com o dito padre os meios mais suaves com que poderia conseguir o intento de El-Rei e o seu, que era o maior bem do Estado e conversão daquella gentilidade e para todas as acções que depois obrou ficou daqui animadissimo, começando em primeiro logar por sua pessoa com vida exemplar, que uniformemente observou até a sua morte.

Resava officio divino todos os dias e em todos infallivelmente ouvia missa ante manhã, confessava-se e commungava todos os sabbados, assistia aos sermões e dava pias advertencias aos pregadores, era affavel para todos e tão inclinado á virtude que desejava ser um dos obreiros da Companhia de Jezus, e para se não empregar todo na conversão da gentilidade, mas com os poderes do seu cargo obrar mais que isso.

A primeira cousa a que attendeu foi o negocio dos indios; soube que estes tinham, do tempo dos zeus antecessores, assentado pazes com os Portuguezes e que

não obstante ellas viviam sem moderação nos ritos do seu gentilismo, matando e comendo seus contrarios e vivendo á modo de feras, espalhados pelas brenhas e fazendo guerra uns aos outros segundo o dictame de seu appetite, somente com prejuizo grande dos que já tinham abraçado a fé e de toda a Republica. Consultou os meios dos remedios e resolveu que era necessario pôr freio áquellas demasias com leis efficazes, e mandou promulgar as seguintes, sob graves penas:

A primeira que nenhum dos nossos confederados ousassem dali em diante comer carne humana; a segunda que não fizessem guerra senão com causa justa, aprovada por elle e os do seu conselho; a terceira que se ajuntassem em povoações grandes em forma de Republica, levantassem nellas igrejas a que accudissem os que eram já christãos a cumprir com as obrigações do seu estado e os catechumenos a doutrina da fé, fazendo casas aos padres da Companhia de Jezus para que residissem entre elles afim da instrucção dos que quizessem converter-se.

Promulgadas estas leis, como o Demonio ia perder tanto nellas, promoveu grandes murmurações entre o vulgo, dizendo que melhor era que se matassem e comessem uns aos outros porque assim diminuiam as suas forças contra nós, e que o contrario era conjunctarem-se em povoações; e que obrigal-os a fazer igrejas e casas aos padres era violentar a liberdade daquellas gentes, desgostal-as, e mettel-as em ira contra os nossos, poucos e mal seguros, sendo elles tantos. E todas estas queixas descarregavam sobre o Padre Nobrega como director das taes ordenações. Accudiu elle dizendo que os Governadores passados tinham feito muito em chegar os gentios ao estado prezente e que sendo agora confederados e tributarios ao Rei de Por-

tugal, era obrigação nossa obrigal-os a differençarem-se das feras e prover, conforme a lei natural, para se abrir o caminho, a porta, á divina era o maior empenho dos nossos piissimos Reis, pois era mais que barbaridade estar um homem comendo a outro homem e era genero de impiedade estar consentindo que por qualquer leve causa estivessem fazendo guerra aos nossos confederados, que viviam confiados em nossa protecção, e que para os mais inconvenientes tinhamos um Deus grande que acudiria pelos seus e por sua cauza, e que mais arriscados ficavam sempre os padres, pois andavam entre elles, que quando succedesse alguma cousa do que se temia, primeiro havia de descarregar a furia dos barbaros sobre as suas cabeças.

O Governador, que era pio e de grandes esperanças em Deus, mandou executar as leis, e com effeito se foram reduzindo os gentios a 4 povoações, chamadas *S. Paulo*, *Santiago*, *S. João* e *Espirito Santo*, e começaram a viver com mais policia, accommodando-se aos nossos preceitos, fazendo igrejas e admittindo padres. Havia, comtudo, um mais principal entre elles, chamado *Cururupebá*, que não só não quiz obedecer as leis, mas com muita arrogancia dizia que havia de matar e comer a quantos pudesse, não isentando disso os Portuguezes Soube o Governador disso e, para atalhar este máo exemplo e atemorisar a ousadia dos mais, mandou secretamente uma noite soldados bem armados, que dando de subito sobre as cabanas do soberbo, derrotaram e puzeram em fugida os seus, sem poderem aproveitar-se dos seus arcos e flechas, armas mui perigosas de que usavam, e o prenderam a elle, trazendo-o ao Governador que o mandou encarcerar.

No mesmo tempo mandou, em favor dos indios que fossem postos em liberdade todos aquelles q

contra a justiça estavam em servidão, feitos escravos dos portuguezes; e na execução desta lei mostrou finezas em defenção dos indios. Resistiu a este decreto um poderoso; pôz-lhe o Governador a casa em cerco e se não *descendêra* lh'a destruia e a elle. Viam os indios isto e se confirmavam mais na obediencia de Governador tão recto; e igualmente succedeu que indo a pescar tres indios dos congregados nas aldêas, vieram outros dos montes e os mataram e comeram. Quizeram os aldeãos vingar-se com as armas; o Governador os mandou accommodar, tomando o desaggravo por sua conta. Mandou os contrarios que lhe remettessem os delinquentes; quizeram obedecer, mas estes amotinaram a todos de sorte que vieram responder com arrogancia que os fossem os portuguezes lá buscar. Aqui se tornou a renovar a desconfiança em querel-os o Governador metter em precipicio com tanta e tão barbara gente por uma tão leve causa.

Sem embargo desta murmuração, sahiu o animoso Mem de Sá da Bahia, embarcou a gente que lhe pertencia e desembarcou nas praias do contrario; convocou os aggravados e buscou os aggravantes que se tinham embrenhados dahi a muito, depois de 24 horas de muito trabalhosa marcha de brenha muito fechada, por campos, montes e valles asperissimos, que iam abrindo á força de ferro, chegaram aos barbaros, que eram infinitos, intrincheirados em uma grande serrania e fazendo medonha algazarra. Accommetteram-nos os nossos com grande esforço, mas como eram muitos resistiram por largo tempo, até que obrigados dos nóssos arcabuzes foram derrubados e postos em fugida, os seguiram os aggravados fazendo nelles crueis carniçarias. Teve o Governador noticia que um dos que foram mortos no conflicto tinha menos um braço,

que, diziam, cortara-o para o comer um dos nossos confederados; mandou lançar pregão que dentro em tantas horas, sob pena de morte, fosse restituido, e se cumpriu, achando-se unido ao corpo.

Então gosou dos applausos da victoria, que tinha mandado suspender, acceitou os vivas, louvou os esforçados soldados e mandou que descançassem e tomassem refeição. Mas não parou aqui a victoria, quizeram acabar por uma vez com aquelles rebeldes, perturbadores da paz da Bahia; foram buscando-os com os mesmos trabalhos de antes, rompendo as brenhas e foram dar com uma notavel quantidade delles aggregados em um tope no monte, que parecia tocar nas nuvens e rodeado de uma grande lagoa. Vencida esta primeira difficuldade, não foi menor a da subida, porque os montes eram alcantilados e cortados á prumo de industria. Fez o capitão-mór sua breve falla aos Portuguezes e o Padre Antonio Rodrigues, grande lingua brazilica, outra aos indios da nossa companhia. Deu-se o signal de accommetter á sombra da Santa Cruz que levavam arvorada; subiram trepando como gatos, pegando-se á raizes e ouvindo as algazarras dos barbaros, que lhes lançavam muitas pedras pela ladeira abaixo. Apezar de tudo foram chegando os nossos aonde se travou a mais crua pendencia que naquellas partes viu o sol. As settas o encobriam e o estrondo da nossa arcabuzaria atroava os ares, até que, vendo os inimigos o chão coberto de mortos, desistiram da sua teima e valeram-se dos pés e das brenhas, mas nem assim escaparam muitos e foi a mortandade tão grande que não teve conta.

Voltou o Governador com os seus para a cidade e foi nella recebido como homem mandado do Céo para quietação do Estado e açoute do gentio rebelde.

Fizeram-se publicas acções de graças e viram os que foram de voto contrario que não era debalde a confiança do Governador e do Padre Nobrega, cuja prudencia e zelo ficaram daqui em maior veneração, e com mais espanto quando depois de tres dias passados appareceu á vista da cidade uma embarcação de Baraguassú e fez signaes de paz. A embaixada era que traziam presos os delinquentes, causadores de todas aquellas revoltas, para que os castigassem e concedessem pazes aos que restavam, e se obrigavam a guardar as leis promulgadas e queriam unir-se em aldeas e admittir padres que lhes ensinassem a fé.

Todos estes successos se contem no anno de 1558 e no anno seguinte de 1559 chegou uma nova e maior columna ecclesiastica. Era D. Pedro Leitão, segundo bispo do Brazil; desembarcou na Bahia em 9 de dezembro do dito anno e era clerigo que foi enviado pela Rainha Regente, cardeal coadjutor, áquelle Estado para remedio espiritual delle. Deu boa conta do seu cargo, visitou as povoações, ajudou a promulgar a fé e por suas mãos baptisava os convertidos. Na sua companhia levou 7 padres da Companhia de Jesus, que fizeram 40 com os que lá estavam, todos occupados por todas as aldeias e em missão.

Por este tempo iam dando bem que cuidar os francezes do Rio de Janeiro, porque se haviam apossado daquelle sitio desde o anno de 1556 e cada vez mais se apoderavam delle, das drogas da terra e do commercio dos indios, os quaes á sombra das armas da França iam crescendo em suas insolencias e descorriam toda a costa em damno dos nossos da capi. nia de S. Vicente. Iam cercando e intrincheirando do o sitio, entrando-lhe cada dia novos curros, e avam já fabricando uma fortaleza junto da barra,

com que ficavam inexpugnaveis. Porem o que mais cuidado deu foi fugirem a Villegaillon, que era catholico romano, quatro herejes calvinistas por elle os querer castigar por seus delictos e foram para a dita capitania de S. Vicente, e um delles, homem douto chamado João Bollés, versado na Escriptura torcida ao modo da sua seita, semeou os seus erros entre os simples christãos. Ali foi o Padre Luiz da Gram que não só o convenceu, mas fez que fosse preso por ordem do bispo para a Bahia com dois companheiros, convertendo-se o outro que ficou vivendo com mostras de christão até a morte, e o dito Bollês foi depois justiçado no Rio de Janeiro, no anno de 1567, por mandado dito Governador e teve a fortuna de morrer reconciliado com a Egreja Catholica por deligencia da santo padre Anchieta.

Ainda neste tempo se não fazia tanto caso das cousas do Brazil como da India, de que se esperavam maiores conveniencias, e por isso ainda que em Portugal se sabia da residencia dos francezes naquelle porto não dava isso muito cuidado, parecendo que seria contracto que se lhe poderia vir a prohibir com facilidade; mas, crescendo a noticia de quanto se iam apoderando e firmando na terra com fortalezas, crescendo tambem o poder e numero dos indios Tamoyos, seus confederados, e soccorros que lhe iam de França e de como ali se aproveitavam e enriqueciam das drogas, do páo-brazil e de outras muitas, que para elles eram de grande valor e á nós damno; e que segundo os Tamoyos solicitavam as outras nações circumvisinhas e crescia o numero dos soldados francezes, se podia temer que accommettessem maiores emprezas, movendo dali guerra ás mais partes da costa. As quaes razões, consideradas no conselho de guerra e communi-

cadas á Rainha-Regente, mandou ao Brazil uma armada ao Governador Mem de Sá para que, com ella e mais forças do Estado, os fosse forçar fora do Rio de Janeiro, desaffrontando o nome portuguez.

E chegada a armada no anno de 1560 ao Governador, que nenhuma outra cousa mais desejava do que era a liberdade do Estado, que lhe fôra entregue, pôz em conselho a forma da execução da ordem da Rainha, e não faltaram pareceres de que não convinha, com tão pouco poder, accommetter inimigo tão fortificado; que se devia dilatar o effeito até melhor occasião em que houvesse cabedal seguro; que menor mal era soffrer o aggravo algum tempo mais que a ignominia de ser rebatido; que era já a potencia dos francezes de consideração, o sitio quasi inexpugnavel, os auxiliares quasi infinitos; que as náos, os bastimentos e aprestos de guerra entravam cada dia de França e não se gastavam; por outra parte que as nossas náos para tão grande empreza eram poucas e a soldadesca de conta não podia ser muita, nem demasiados os aprestos de guerra. Estas eram as razões em contrario.

Porem o Governador, prudente e christão, depois de consultar o caso com Deus e com o Padre Nobrega, de cuja virtude tinha grande conceito, que lhe persuadia a empreza e quasi assegurava a victoria: e vendo que quanto mais se difficultava, engrossando o tempo as forças e a paciencia dos nossos, o animo aos inimigos, e que viriam depois não só a defender-se com mais facilidade, mas tambem a attender aos descuidos e ganhar outras praças com maior ignominia do nome portuguez, resolveu-se a accommettel-os com o pouco poder com que se achava, aprestou a armada, que constava de 10 navios e 2 náos de guerra principaes, extraordinarias, com alguns barcos da costa, e nelles o

numero que pôde de soldados portuguezes e alguns indios, com o que se fez a véla ao Rio de Janeiro, levando comsigo o seu fiel conselheiro, Padre Nobrega, e chegando com bom successo a emboccar a barra de noite foram sentidos das sentinellas francezas e obrigados a lançar ferros fora.

Os francezes se prepararam e, deixando todas as suas náos, se recolheram ás fortalezas com mais 800 Tamoyos frecheiros porque assim com a multidão de gente, como das armas resistissem melhor ao nosso poder. Daqui partiu o Padre Nobrega para S. Vicente por causa de seus achaques e lá solicitou um bom soccorro de canoas e um formoso bergantim de guerra.

Com este bom presagio mandou o Governador outras a pressa de toda a força que resistia, e metidas as embarcações dentro da enseada se foi preparando para accommetter a fortaleza principal da ilha que chamam *Villegaillon*, nome que tomou do fundador, a qual parecia inexpugnavel, porque tudo o que é ilha era franceza, e tudo o que era fortaleza ilha, e toda, excepto um pequeno porto de praia, era cercada de penedias bravas, onde bate o mar couza de 100 braças de comprido e 50 de largo, em cujas duas ultimas pontas plantou a natureza dois cabeços talhados ao mar, e no meio de ambos um singular penedo como de 4 braças em alto e 6 em contorno da circumferencia dos recifes e penedia, delles tinham feito defensavel muralha dos dois cabeços com pouco arteficio dois juntamente naturaes e artificiaes, e do penedo um pouco mais cavado ao picão caixas de polvora segura e com frente contra toda a artilharia. Horror causou, visto de perto, o que ao longe parecia mais facil.

Soube, porém, o valor portuguez, uma vez empenhado, dissimular o medo. Accommetteu-o a todo risco

e em breve conflicto ganharam terra por degráo de victoria, e assentando nella grossa artilharia foram batendo fortemente por dois dias e noites, continuos, as princi^aes partes da força; porem debalde, porque era viva rocha a penedia, accommodada somente por arte a poder de ferro, e não era possivel ser rendida por esta via. Porem o Céo lhes inspirou um nóvo arteficio, favorecendo-os ás claras porque a força, que pôde resistir ao pelouro portuguez, não pôde resistir ao seu braço, levado este do brio natural. Feitos em um corpo, arremetteram o cabeço principal, que dava para a barra, chamada das *Palmeiras*, e entraram com a morte de muitos inimigos. Com este bom successo animados, accommetteram ao penedo que servia de armazem de polvora com tal valor qúe desamparados dos seus foi ganhando e juntamente com elle perdido o animo dos francezes e indios, que fiados no segredo e seguro da noite se foram despenhando pouco a pouco das muralhas abaixo e, embarcados em bateis e canoas, se acolheram parte ás náos, ás suas brenhas, deixando nas mãos dos portuguezes, com a fortaleza e aprestos della de guerra, uma das insignes victorias daquelle tempo pela difficuldade da empreza. No dia seguinte fez o Governador acção de graças á Deus Nosso Senhor por tão grande mercê, celebrando um dos padres da Companhia a primeira missa que viu aquella ilha.

Consultou-se si se devia conservar aquella força e resolvendo-se que não, por não dividir as do Estado, que eram ainda poucas para tão grande machina.

Conduziram as náos a artilharia que os francezes desampararam em grande quantidade e os mais despojos da dita fortaleza, e puzeram por terra tudo o que era artificial e podia servir de reparo.

Succederam aqui cousas notaveis que deixo por abreviar. Adão Gonçalves, soldado antigo, morador em S. Vicente, foi um dos mais esforçados capitães da empreza e dos principaes auctores da victoria, indo depois a Bahia procurar certidões de seus serviços para requerer a El-Rei o premio delles o tocou Deos de sua graça, e trocando o requerimento entrou na Companhia de Jesus, onde viveu e morreu virtuosamente. O capitão dos indios que foram a esta guerra, depois de baptisado, se chamou Martin Affonso; obrou milagres de esforço, dizendo que no maior conflicto do penedo elle fôra o que lhe pôz fogo e fizera desmaiar os contrarios; por onde mereceu ser muito louvado e favorecido pelo Governador e premiado de El-Rei com o habito de Christo e tença, que depois gosaram tambem alguns seus descendentes. Dali partiu o Governador com a armada para S. Vicente a prover-se de mantimento, já no fim de março e depois recolheu-se á Bahia.

Por este tempo houve nas capitanias dos Ilhéos e Porto Seguro grandes perturbações nascidas de assaltos continuos da nação *Aymorè*, que tudo atemorisava. È esta casta de indios Aymorés a mais brutal e deshumana de todo o Brazil; descendem dos Tamoyos antigos, porem, por acção de guerras que houve entre elles, succedeu que certos bandos menos poderosos, fugindo a seus inimigos, se recolheram no interior do sertão a logares fragosos e montanhas esteries, onde não podessem ser achados; e como ali viviam separados do commercio da mais gente, por decurso do tempo vieram seus filhos e netos a perder a noticia da linguagem propria e formaram outra que de nenhuma outra nação era entendida, feia, guttural, arrancada do peito. E' gente agigantada, robusta e forçosa; não tem ca-

bello em todo corpo mais que na cabeça; todos os mais arrancam. Usam de arco demasiadamente grande, são tão destros frecheiros que nem uma mosca lhes escapa, ligeirissimos e grandes corredores; não vivem em casas de aldêas, nem alguem lhes achou jamais morada. Pelos mattos e campos andam a maneira de feras, de todo nús, homens e mulheres; dormem na terra e escassamente lhes servem algumas folhas de colchão. Acoutam-se das chuvas ao pé de qualquer arvore ou ramo; não tratam de roças (assim chamam lá as fazendas ou quintas) ou sementeiras, sustentam-se de fructas agrestes e caças de feras e aves que parecem obedecer aos seus arcos; e esta comem crua ou muito mal assada. Macho e femeas andam todos tosquiados e tem suas navalhas para este effeito, feitas de certa especie de canna que quasi egualam as de aço. Igualmente andam a caça de fera e de gente, e é para elles a carne desta o mais saboroso boccado; accommettem sempre a trahição, nunca em descoberto e por isso poucos em numero accommettem a muitos porque não tratam de defender o campo; mas não fazendo a sua logo, foge cada um para seu cabo, sem lealdade ou policia de uns para outros, nem ainda de pais para filhos, ou este para aquelle.

Estes Aymorés, pois, selvagens ou agrestes, por estes tempos começaram a descer de suas terras, em que viviam havia tantos annos, e guiados da corrente dos rios vinham após elles sahir ao mar e davam assaltos em tudo o que achavam, assolando os escravos e fazendas dos moradores e ainda muitos dos senhores nas villas dos Ilhéos e Porto-Seguro, com confusão geral das [illegible] as dos indios dos padres da Companhia, que nem [illegible]am defender-se, nem ter o socego necessario para [illegible] da sua conversão.

Chegou á Bahia a queixa desta oppressão; compadeceu-se o Governador e, tomando conselho, especialmente com o seu padre espiritual Nobrega, resolveu-se que fosse o Governador em pessoa castigar a insolencia daquelles barbaros. Ajuntou navios ligeiros, escolheu soldados e alguns indios e desembarcou em breve tempo no porto dos Ilhéos. Soube que os delinquentes viviam retirados a uns logares occultos, onde se davam por seguros. Não houve demora; tomada o guia, pôz-se o Governador a caminho com a sua gente e, vencidas grandes difficuldades, especialmente a de uma inaccessivel lagoa, deu de subito sobre os barbaros, os derrotou e pôz fogo as suas brenhas, que arderam por muitas legoas, e já se vinham retirando quando junto das praias viram que os estavam esperando toda a multidão dos que escaparam, bramindo como leões. Preveniu Sá o remedio, deixou uma emboscada atraz e ordenou que os mais apressasem o passo fingindo que fugiam medrosos. Tanto que elles abalaram sobre os nossos, deu-lhes a emboscada nas costas e os de deante voltaram caras e elles, os *rojetaram* com os arcabuzes e espadas, ficando-lhes somente o refugio do mar onde se afogaram muitos. Com esta victoria entrou o capitão Sá na villa dos Ilhéos.

Não se tinham passado muitos dias, estando tudo em paz, quando viram as praias coalhadas dos mesmos e outros barbaros dos bosques, convocados por elles, todos em som de guerra, apostados a matar e comer a todos os nossos e levar o Governador preso. Não se atemorisou elle com tanto poder dos barbaros; antes dizia que vinham ali entregar-se ao cutelo, juntas as reliquias daquelles que com tanto trabalho não poderam alcançar; sahiu-lhes ao encontro, indo no seu cavallo armado. Ficaram os barbaros attonitos

porque nunca tinham visto tal modo de pelejar, e, atemorisados, se começaram a desordenar e a sentir o furor de nossas armas.

Usando elles de suas frechas em nosso damno, fariam a victoria duvidosa se não accorrêra o nosso capitão a animar fortemente os seus soldados que, encarniçados, encheram as praias de corpos mortos e tingiram o mar com o sangue dos barbaros. Fugiram os que puderam escapar e pouco depois pediram paz, que se lhes conçedeu com as condições das primeiras:

Primeira.— Que não comeriam carne humana, nem fariam guerra alguma aos outros brazis sem approvação do Governador.

Segunda.— Que se juntariam em aldeias grandes, onde vivessem com modo politico, levantassem egrejas e casas aos padres da Companhia, que viveriam entre elles e ensinariam a doutrina da fé aos que se quizessem converter.

Os que não quizeram acceitar metteram-se pelo sertão dentro dahi mais de 60 legoas. Com dobradas victorias, multiplicadas alegrias e segurança daquelles povos, voltou o Governador para a Bahia. Continuavam as novas povoações e augmentavam-se cada vez mais os fructos da conversão dos gentios por meio dos padres da Companhia.

Por este tempo andava a capitania de S. Vicente mui revolta com os continuos assaltos que faziam por todas aquellas terras os Tamoyos, inimigos dos portuguezes desde o tempo da entrada dos francezes no Rio de Janeiro. Andavam á caça da nossa gente como das feras para pasto da gula e juntamente da vingança. Accommetteram repentinamente, ora das terras aos que viviam no sertão de *Piratininga*, ora das canoas aos

que viviam junto do mar, e não se dava algum por livre de seus arcos e dentes.

Entre tantas angustias o santo velho Nobrega era o allivio de todos por si e por seus subditos, avisando-os ser aquillo castigo de culpas e falta de observancia da lei, que se emendassem e fizessem penitencia, estando sempre aparelhados com a consciencia limpa. Mas como Deus costuma sempre tirar dos grandes trabalhos dos homens algum fructo, tirou agora destes mui dignos de memoria por tão exemplares.

Dos que captivavam, estes alarves não só se aproveitavam para comer, mas usavam das mulheres mui depravadamente com lascivia. Entre as que temiam ser captiva havia uma viuva mestiça de bem viver, a qual disse um dia a suas amigas:—«Os contrarios Tamoyos me hão de captivar; porém, eu não me hei de deixar levar porque não me tenham por manceba como as demais.»—Com esta resolução se foi confessar e commungar e pouco depois succedeu o que tinha prophetisado e morreu ás facadas em defença da castidade.

Outra muito formosa, tambem mestiça e casada vindo um domingo de commungar, disse:—«Os Tamoyos me hão de levar em suas canoas, eu passarei, bradando, por tal parte (nomeando-a) e ninguem me acudirá.»—Tudo assim aconteceu; o que a captivou a deu á seu pai para sua manceba; mas elle nunca a pôde dobrar da sua constancia, nem com o carinho, nem forças. Ia prenhe e depois de parir, tendo soffrido grandes trabalhos, lhe matou o barbaro o filho, o assou e comeu a sua vista e a ella fez o mesmo, morrendo despedaçada por guarda de sua limpeza, para exemplo e confusão das que lá vivem hoje tão deshonestamente.

Entre tantos assaltos dos contrarios, fizeram tambem

(s nossos indios um contra elles e, tomando um seu principal capitão, que tinha morto e comido a muito dos nossos, por maior vingança não só o espostejaram, mas tambem o comeram occultamente, de que foram mui reprehendidos dos padres por aquella acção gentilica. Além destes trabalhos sobrevieram outros de gravissimas doenças que deram bem trabalhos aos ditos padres da Companhia.

Entrou o anno de 1562 e nelle continuavam ainda as revoltas de S. Vicente e iam cada vez ameaçando maior ruina porque os indios, com o exercicio, se achavam mais destros, com as presas da carne humana mais encarniçados, e com a industria da gente franceza, que ficára no Rio de Janeiro, mais soberbos; não pretendiam já assaltos somente, mas acabar e consumir de todo os portuguezes e lançal-os por uma vez fóra de seus districtos.

Ajuntava-se a todos estes mais o infeliz successo que de proximo tinham havido os nossos, porque accommettendo aos Tamoyos com o maior poder que possuiam, por justos juizos de Deus ou castigo de culpas, foram delles vencidos e desbaratados. E como nunca vem um mal só, succedeu tambem rebellarem-se contra nós os indios *Tupys*, do sertão, e deram de subito sobre a villa de Piratininga para a destruirem, mas sendo os nossos avisados por um delles, que Deus moveu a vir dizel-o occultamente, em 5 de julho do dito anno.

Ficaram todos atemorisados pelo pouco poder com que se achavam para resistir a tão formidavel assalto dos levantados; porém, animados por 10 padres do Companhia, que alli se achavam, convocando-se a todos os amigos das aldeias visinhas, a quem Deus movia os

corações em nosso favor, puderam os nossos mui bem resistir aos inimigos.

Um dos que obraram maiores finezas em nossa ajuda foi aquelle famoso indio chamado Martim Affonso, e antes *Tebireçá*, que era o mais principal de Piratininga, o qual convocou a todos os seus subditos de 3 aldeias suas, desamparou as suas granjas e, emquanto os inimigos não chegavam, não cessou de admoestrar aos seus e animal-os a peleja e defenção da fé e doutrina christã e daquelles que lh'a ensinaram. E succedeu que veiu um seu sobrinho da parte contraria, capitão mui esforçado, filho de seu irmão *Araraig*, a persuadil-o que deixasse a parte que seguia pelo perigo a que se expunha. Zombou disso o valoroso Affonso e respondeu que confiava em Deus vencel-o e matal-o por honra da fé e defença da egreja santa, cuja bandeira arvorou logo, armando-se como costumava.

Estando as cousas nestes termos, recolhidas as mulheres e meninas dos portuguezes e indios na egreja por logar mais forte e para que ali rogassem a Deus pelo bom successo do conflicto, ao romper da manhã de 9 do dito mez dam os inimigos de improviso sobre a dita villa de Piratininga com tão grande estrondo de gritos e assobios, bater de pés e arcos, como costumam, que parecia se vinha o mundo abaixo e que se arruinavam os montes visinhos. Todos elles pintados e empennados, promettendo-se a victoria, deixando nas costas grande canalha de velhas carregadas de panellas e arados, em que, diziam, haviam de comer a carne dos captivos segundo a lei dos seus barbaros costumes; porem, traçou o Céo o negocio em contrario, porque os nossos sahiram a recebel-os com brio e esforço, com bandeira da egreja de Deus, pela qual pugnavam. Investiram-se uns aos outros e era

cousa notavel ver aqui pelejar os pais contra os filhos, estes contra aquelles e todos os parentes uns contra os outros ás frechadas.

Foram varios os successos da batalha, até que por fim, cansados e desbaratados, se retiraram os contrarios, com morte de muitos, e muitos mais feridos, e foi cousa milagrosa não morrer nem um dos nossos, ainda que ficaram muitos frechados, aos quaes se acudiu logo com a cura. O que mais fez desanimar o inimigo foi a morte do sobrinho de Martin Affonso, que se chamou por valentia *Jagoanharò*, que quer dizer *cão braro*. Este com a sua companhia, que capitaneava, accommetteu a egreja, captivo da rica presa das mulheres que ali estavam; mas teve tal ventura que lhe sahiu ao encontro uma setta, despedida por um escravo, que o derrubou morto. Fugiram os seus e desanimaram todos os mais, e assim ao outro dia, deixando todos os arredores pizados e destruidos, se foram com má ventura, indo-lhes os nossos as costas. Celebrou-se esta victoria com acção de graças a Deus, confirmaram-se os indios na fé e outros se converteram por este meio, tirando Deus maiores bens que tinham sido os males e trabalhos passados.

Porem estes grandes gostos e alegria geral de toda aquella capitania agourou a morte do grande Martim Affonso Tebyreçá, que succedeu em dia de natal do mesmo anno, a qual foi muito sentida de todos, e com razão porque era grande christão e columna forte daquella ainda tenra christandade, e capitão mui esforçado. Vendo-se doente, conheceu a sua morte, mandou chamar um dos padres da Companhia de Jesus, confessou-se com elle e praticou largamente cousas de Deus, mostrando a viveza da fé catholica e amor do mesmo Senhor que tinha em seu coração; fez seu testamento

e encommendóu muito a sua mulher a perseverança na religião christã e doutrina dos padres, e recebidos todos os sacramentos daquella hora, com um crucifixo nas mãos expirou com muito claras provas de sua salvação, e acompanhado de todos foi levado a sepultar a egreja dos ditos padres, á quem elle tinha feito grandes beneficios, admittindo-os em suas terras, ajudando a fundar a egreja e casas para sua vivenda; fez com que fossem obedecidos e respeitados e deu traças ao seu sustento corporal. Finalmente Deus o tomou por instrumento da conservação da fé e dos portuguezes naquella parte, porque se não fôra elle se perdia tudo.

No mesmo tempo que as cousas iam com este bom rosto no sertão de Piratininga com os Tupys, andava o maritimo em perpetua lida com os Tamoyos porque os da parte do Rio de Janeiro tinham vindo em suas canoas e assaltado toda a praia de *Boigaçu* e *Goabá* e varias outras, matando e levando captiva quantidade de mulheres e meninos, estes para tenro pasto do seu ventre e aquellas para o da lascivia. Não havia remedio a tantos males porque andavam em ligeiras canoas de 15 e 20 remeiros por banda, elles muito destros no remar, e não havia como evital-os, nem dar-lhes alcance, nem forças nossas que os acovardasse.

Por este tempo, tendo chegado de Portugal Vasco Fernandes Coutinho, e vendo a sua capitania do Espirito Santo desbaratada das guerras dos gentios, desejava tomar satisfação; porem, achava-se impossibilitado de gente e apresto, (e receoso) do inimigo por extra soberbo com as victorias passadas, viveu com esta magoa alguns annos, até que persuadido das suas poucas forças e queixas dos povos mandou pedir so corro á Bahia.

O Governador Geral apreston uma armada de embarcações da costa, ligeiras e guarnecidas de gente e arma, tendo por capitão-mór seu filho Fernão de Sá; fez-se a vela e veiu emboccar a fóz do rio chamado *Quiricaré*, que está em altura de 19 gráos, cousa de 70 legoas da villa do Espirito Santo. Aqui se foi encorporar com elle a gente de guerra da capitania. Fizeram em terra seus vallos e reparos e deram em breve sobre o gentio desacautelado, que facilmente desbarataram, com morte e captiveiro de muitos. Porem a gloria deste successo se converteu logo em pranto porque, reunidos os barbaros, dispostos em bandos numerosos e apostados em desaffrontarem-se, quando, ainda os nossos cantavam a victoria, rompendo os mattos, enchendo os montes de alarido e os ares de frechas, deram com tanto impeto sobre elles que foi forçado a mandar Fernão de Sá retirar-se para o mar; porem, com tal desordem e perturbação dos seus, que antes de poderem chegar ás embarcações, mataram ás frechadas ao proprio capitão com muita gente. Foi sentidissimo o successo, assim pela perda de um mancebo tão brioso, empenhado na liberdade da terra, como da consequencia dos barbaros, que dali tiraram maior estimacão dos seus arcos, posto que não ficaram tão folgados com o resto que ficou do soccorro.

—Andavam por este tempo as cousas da provincia de Santa Cruz mui varias, cujos successos vou abreviando. Os padres da Companhia não cessavam nas suas missões, fazendo mui grande fructo para a egreja e utilidade do Estado e do reino de Portugal. O Padre Nobrega e o grande apostolo daquelle Estado José de ·hieta aventuraram-se a grandes trabalhos, entran-
' rosamente pelo sertão de S. Vicente, onde pade-
grandes trabalhos, mas não fizeram menór fru-

cto ; conduziram muitos daquelles barbaros Tamoyos ao gremio egreja e a todos a assentar pazes com os nossos que tinham (sido) tão molestados com os assaltos passados.

Succedeu pouco depois ali uma geral fome, particularmente no districto da Bahia, originada de uma pestilencial doença que houve naquelle Estado. Nesta penuria chegaram a tal miseria que vendiam os pais aos filhos e os maridos as mulheres, e houve tal indio que se vendeu a si proprio por uma só cuia de farinha para livrar a vida. Nas compras que nesta occaião fizeram os portuguezos houve depois grandes duvidas sobre encargos de consciencia. Consultaram o Tribunal da Mesa da Consciencia, em Lisboa, e delle foi a resolução que o pai podia em direito vender o filho em caso de apertadas necessidades e que qualquer se podia vender a si mesmo para gosar do preço.

Havida esta resolução, entraram em consulta na cidade da Bahia o bispo D. Pedro Leitão com o governador Mem de Sá, o ouvidor geral Braz Fragoso e o padre provincial da Companhia Luiz da Gran, e pareceu bem que se publicasse ao povo a resolução da Mesa da Consciencia, porque com ella ficassem quietos os que compraram na forma contcuda e os que foram comprados fóra della se tivessem por livres; porem, como os moradores da Bahia e de toda a costa estavam feitos senhores de tão grande quantidade de indios vendidos fóra do direito por tios, irmãos e parentes, que não tinham dominio sobre elles, determinou-se que os taes eram livres. Vistas, comtudo, as grandes difficuldades que se allegavam de se largarem todos estes indios do serviço dos portuguezes e porque podiam outra vez metter-se entre os gentios, com dispendio de suas almas e não sem perigo da Republica, foi

permittido que ficassem em casa dos que os tinham com as condições seguintes:

«Que os ditos indios, assim mal havidos, fossem avisados de sua liberdade, mas que como livres servissem aquelles que os resgataram em suas vidas, por evitar os inconvenientes que do contrario se podiam seguir, e que fugindo os taes indios os pudessem os amos mandar buscar e castigar; e com condições que os amos, em reconhecimento, lhes pagassem em cada anno por seus serviços aquillo que justamente lhes fosse taxado, com declaração que continuando elles a fugir para os gentios, sendo depois da primeira vez, perdessem a soldada de um anno em recompensa do que os amos perderam em buscal-os. E outro sim que os possuidores dos ditos indios os não poderão vender, nem dar, nem trocar, nem levar fóra do Brazil, e os que não quizessem possuir com as condições apontadas os largassem logo.»

Porem, nem estas condições se guardaram, nem a resolução serviu de mais que de captivarem mais indios dali por diante com capa de vendidos por si ou por seus paes. No mesmo tempo se fez consulta sobre outra desordem maior, e era que com capa de uma sentença dada contra os indios *Coaetes*, que dava a todos por escravos pela morte que dera ao primeiro bispo do Estado, D. Pedro Francisco Fernandes Sardinha, e não só a estes se haviam por captivos, mas tambem á volta delles a outros muitos, por cuja causa despovoaram as aldeias, fugindo para o sertão. A esta desordem acudiram o governador e o ouvidor exceptuando os que se reduzissem a fé; porem, por mais que o foi de muito fructo, pelo que acudiram as Leis s seus remedios, dando a todos geralmente por livres, ɔepto os que fossem captivos em guerra justa, e fi-

nalmente se veiu a dar por livres do dito captiveiro a todos os naturaes do Brazil por outro decreto.

No anno de 1564 mandou o Cardeal-Regente fundar para os padres da Companhia um collegio na Bahia e o dotou, em nome de El-Rei seu sobrinho, com uma congrua equivalente a sustentação de 50 religiosos, applicada na redizima da dita capitania, que pelo tempo adeante se reduziu a dinheiro por uma provisão real passada em Lisboa aos 7 de novembro do dito anno.

No principio deste mesmo anno preparou o Governador Geral uma frota que enviou ao Rio de Janeiro, e o fundamento foi que tendo dado conta á Rainha Regente do successo da guerra que fizera contra Villegaillon na enseada do Rio de Janeiro, rendendo e destruindo a fortaleza da Ilheta, como acima se disse, no anno de 1560, foi festejada a nova, como merecia, e approvado tudo o que ali se obrou; mas não pareceu justo não deixar lá presidio de gente portugueza, por cuja causa, regendo já o Cardeal e porque chegou nova noticia das pazes assentadas com os Tamoyos por meio dos padres da Companhia, mandou preparar dois formosos galeões com aprestos de guerra e soldados e por general a Estacio de Sá, sobrinho do dito Governador, e os remetteu com elles a seu tio para que juntos ás mais forças do Estado se fossem fazer senhores do mesmo districto do Rio de Janeiro. Chegou Estacio de Sá e, vistas as ordens de El-Rei em que lhe ordenava que fosse metter gente nossa na dita enseada, senhorou-se da terra, lançou de todo fora os francezes e começou a fundar ali uma povoação.

O Governador, que nenhuma outra cousa mais desejava, vendo-se com aquelle soccorro, apressou uma nova frota e mandou-a com aquelle novo capitão, dando-lhe o regimento seguinte: «Que fosse demandar a

barra do Rio de Janeiro, entrasse nella a som de guerra, observasse ali as disposições e conselhos dos inimigos e se achasse occasião que promettesse esperança de victoria procurasse tirar o inimigo ao mar alto e ahi rompesse com elles, fazendo sempre por conservar as pazes com os indios Tamoyos; e ordenando lhe, por fim no regimento, que podendo tomar conselho com o Padre Nobrega não obrasse cousa de importancia sem elle, pelo grande conceito que tinha de sua virtude e prudencia experimentada.»

Chegou Estacio de Sá na barra do Rio de Janeiro no mez de fevereiro e mandou logo chamar o dito padre; porem, achando os Tamoyos rebellados e tendo noticia de que em S. Vicente havia novas revoltas, voltou áquella capitania.

Soube-se na Bahia o retiro da armada e deu esta noticia mui grande cuidado por se não saber a causa; mas tudo foi para melhor successo porque, compostas as cousas, levou dalli grandes soccorros de mantimento, indios amigos e dois padres da Companhia Gonçalo de Oliveira e o santo Anchieta, para remedio espiritual, para conselheiros e directores de uma e outra lingua, em que eram peritos. E tendo gasto ali o resto do anno, se tornaram a fazer a véla no janeiro seguinte e a 20 do dito mez, dia dedicado a S. Sebastião, que por bom prognostico tomaram por ser tão grande martyr e por ser nome do seu rei.

E chegaram a occupar a barra do Rio de Janeiro a 1.º do mez de março, aqui lançaram ferros junto as ilhas que estão para cima della, esperando pela náo capitanea que, pela sua grandeza, e ventos contrarios, ha mais devagar. Unidas já todas, entraram pela ra dentro, saltou a infantaria em terra e começou a fortificar com trincheiras e fossos no logar onde de

pois chamaram *Villa Velha*, junto a um altissimo penedo, que pela sua forma se chama *Pão de Assucar*, e outra penedia que por outro lado o cercava com que ficaram em parte defendidos. Uma só cousa descontentava o logar, que era a falta de agua; porem, Deus a deparou muito boa em um poço que ali se abriu.

Deste logar haviam os nossos de sahir a conquistar ou haviam de ser conquistados com desigual poder; porque, supposto que eram espantosas aos indios as nossas armas de fogo e nossas náos possantes, eram comtudo muito mais formidaveis a grande multidão de canoas volantes e guerreiros, aos centos, e a infinidade de Tamoyos armados que cobriam os mares e as praias, todos ao som de guerra, elles e seus logares arcados e vallados, insolentes das victorias passadas e, sobretudo, ajudados e animados com as náos de alto bordo dos francezes. Eram estes Tamoyos, entre todas as nações do Brazil, ousados do accommetter, sagazes nas ciladas e no arco destrissimos; despediam as settas com tal força que passavam um escudo e muitas vezes chegavam a traspassar um corpo e sahir ainda com tal vigor que iam penetrar em outro ou em qualquer arvore. Com esta casta de gente era a nossa contenda.

Animavam os padres os soldados com forçosas palavras e não menos o capitão com uma valente pratica adquada ao intento e a occasião presente, com que os soldados tomaram resolução e perderam algum terror com que estavam. Pouco depois de alojados, aos 6 de março, fizeram os inimigos uma investida aos nossos como para prova da sua disposição e valor. Acharam, porem, valor e resistencia qual não cuidavam; pelejou-se de uma e outra parte, mas foram vencidos dos nossos, que mataram muitos e puzeram os mais em fugida fazendo presa nas canoas em que vieram.

Aos 12 do mesmo mez lhes tomaram os nossos outras 27 canoas, e com estes bons principios tomaram os nossos grande animo e se foram continuando os successos favoraveis pela nossa parte. Viu-se aqui um favor conhecido do Cêo, que fez pasmar os mesmos inimigos, porque muitos pelouros dos francezes davam nos peitos dos nossos como se dessem em duro ferro, cahindo aos pés ou tornando frustados para traz como approvando a justiça da nossa causa, e as feridas que alguns recebiam, ainda que mortaes, com tal facilidade saravam que era força attribuir-se ao favor divino. Quiz a presumpção de Ambrozio Fernandes, cirurgião que as curava, attribuir a cura a sua gran pericia; porem, quiz Deus mostrar o contrario, ficando morto em um conflicto e proseguindo o mesmo favor da cura milagrosa ainda em mortaes feridas.

Foi mais notavel o successo que aconteceu no principio de junho: Appareceram a vista do nosso arraial tres poderosas náos francezas, bem artilhadas, e uma grande quantidade de canoas de guerra que passavam de 130; apresentaram batalha aos nossos com as costumadas vozes e alaridos, que atroavam os mares e montes. Não desmaiaram os nossos, antes os receberam com animo forte, disparando sobre elles quantidade de artilharia e arcabuzes, com tão bom emprego que fez deitar a capitanea á costa, entre uma penedia, donde mal se pôde salvar, e accommetteram os inimigos em ordem de guerra. As tres náos francezas começaram a se desfazer em fogo de pelouros, bombas e alcanzias, e os Tomoyos cobriam os ares com nuvens de frechas que cahiam sobre os nossos; porem, serviu de amparo a protecção do insigne martyr S. Sebastião, que com fé invocaram, porque, passada a tormenta, correndo a estancia, se não achou morto algum, sendo que da

parte contraria o foram muitos, e os vivos postos em fugida pela nossa artilharia.

O capitão Sá, não satisfeito de defender-se dentro do arraial, quiz mostrar que tinha poder e animo para buscar o inimigo fóra delle; accommetteu as náos francezas e fez nellas cruel estrago com a artilharia da capitanea. Despendeu no mesmo tempo esquadras contra as aldeias e contra as canoas de pescar, em que se fizeram muitas presas, deixando o inimigo atemorisado.

Aos 15 dias de outubro tiveram outra grande victoria de 64 canoas inimigas, que tinham cercado e posto em perigo as nossas, as quaes acudindo outras, depois de larga peleja as desbarataram e se assenhoraram de algumas. Fez o capitão Sá tambem uma sortida contra uma grande aldeia; mas tendo noticia que em outra muito afamada estavam os indios juntos em uma festa, deu sobre elles e os pôz quasi todos a ferro e fogo. Mas tambem foi a custa de muitas feridas dos nossos e morte de Antonio da Lagea, que por querer livrar uma mestiça de S. Vicente, que ali estava captiva, sahiu tão maltratado do mesmo fogo que em breves dias morreu.

—Foram varios e continuados os successos da guerra por todo o anno de 1566; mas, com o favor de S. Sebasiião, que tinham tomado por padroeiro, sempre succederam em favor nosso. Em julho succedeu que desesperados os Tamoyos com os seus máos successos, aconselhados dos francezes, determinaram empenhar o resto do seu poder e, com 180 canoas bem armadas e governadas por mui destros capitães seus e francezes, quizeram fazer uma sortida contra os nossos. Partiram em segredo para cousa de uma legoa do arraial dos portuguezes e ali se detiveram encobertos com uma

ponta de terra, despedindo umas poucas (canoas) como a offerecer batalha aos nossos para que, sahindo-lhes, se fossem retirando até os irem metter nas ciladas. Tinha sahido do nosso arraial uma canoa em que ia Francisco Velho, mordomo do santo martyr, a buscar madeira para se lhe fundar uma capella, e foi dar com as canoas do inimigo; sahiu em seu soccorro o capitão com mais 4, puzeram-se os contrarios em retirada manhosa e as foram metter na cilada. Ali se viram em grande perigo e certamente sahiriam destroçados, segundo o grande numero que lhes vinha cahindo em cima, se lhes não valêra o mesmo santo que elles invocaram no conflicto, permittindo que pegasse fogo na polvora da canoa ao disparar de uma roqueira, cujo incendio, como cousa desacostumada, metteu terror nos inimigos e os fez fugir, por mais que os francezes quizeram ter mão nelles. Fizeram-se os nossos desassombrados, attribuindo o caso ao favor de S. Sebastião e muito mais quando depois viram que os Tamoyos perguntavam: *Quem era aquelle soldado tão gentilhomem que andava armado no tempo do conflicto, saltava intrepido em suas canoas e nos metteu tal terror, que foi a maior causa de fugirmos?*» Desembarcando os nossos em terra foram a egreja e fizeram acção de graças por tão evidente favor; e daqui ficou introduzida a *festa das canoas*, que ali se celebra todos os annos em dia de S. Sebastião.

Em novembro deste mesmo anno partiu da Bahia o governador Mem de Sá a fundar a cidade do Rio de Janeiro por ordem de El Rei, expulsando dali os inimigos, cuja resistencia o tinha já muito enfadado a dilatação da guerra. Foram em sua companhia o o D. Pedro Leitão, o padre Ignacio de Azevedo, ador da Companhia de Jesus, que depois foi mar

tyrisado no mar, como adeante veremos, padre provincial Luiz da Gran, o grande Anchieta e outros, levando um bom soccorro de embarcações e soldados valorosos; chegaram naquella barra em 18 de janeiro de 1567 e tomaram por bom prognostico que logo em dia de S. Sebastião se fizesse a investida contra o inimigo, que se havia fortificado, e duas aldeias de maior conta, fortificadas de gente, fossos, cavas e artilharia, que pareciam inexpugnaveis, confiando no santo que tanto as claras os favorecia. Saltaram em terra depois de varios pareceres; lançou o bispo sua benção pastoral e encommendaram os religiosos o negocio a Deus, com voto feito ao patrono por concordancia de todos.

Ao romper da manhã do dito dia, dispostos dois batalhões da flor da infanteria da armada e o arraial a cargo do capitão mór Estacio de Sá, feita primeiro uma breve falla em nome do dito santo, acommetteram igualmente a ferro e fogo a fortificação principal, que era a de *Uraçu-mirim*, mais difficultuosa por sitio e presidio maior dos Tamoyos e soldados francezes. Depois de varios successos foi entrada e vencida, com lastimoso estrago dos Tamoyos, que morreram todos, e dois francezes, e cinco tomados as mãos, foram pendurados em um páo para terrivel espectaculo dos mais. Custou aos nossos 10 ou 12 mortos, sendo o de mais conta o capitão Gaspar Barboza, homem de muito exforço e virtude; porem, o que mais se sentiu foi sahir mui mal ferido o capitão mór Estacio de Sá, que morreu pouco depois

Concluido este combate, accommetteram a segunda aldeia chamada *Paranapucuy*, que estava situada na *Ilha do Gato*, para o que foi necessario conduzir artilharia e bater-lhe as cercas, que eram dobradas e for-

tissimas, mas em breve tempo foram postas por terra e mortos quantidades de barbaros. Fortificaram-se alguns em uma casa; mas, obrigados de um apertado cerco, se vieram a entregar só a partido da vida e não da liberdade. Morreram da nossa parte um portuguez e alguns indios.

Avista destas victorias desmaiaram os Tamoyos, perdendo a confiança nos francezes; fugiram uns pelo sertão dentro e os mais pediram pazes que lhes foram concedidas. Fizeram os portuguezes acção de graças a Deus e ao martyr S. Sebastião; tomaram posse da terra, abrazaram as forças contrarias, principiaram outras de novo mais perduraveis, e tambem lançaram os fundamentos da cidade, que dedicaram á S. Sebastião em memoria de tantos beneficios e tambem por respeito do rei, que era Sebastião.

Foi substituido em logar do capitão defuncto Sá, Salvador Corrêa de Sá, seu sobrinho e do governador geral.

— Agora que nos vemos senhores destes distrtctos, é bem que se faça uma breve descripção delles. Entre os promontorios a que hoje chamamos *Cabo Frio* e aquella paragem da terra que corresponde a outro pico austral, a que chamamos da *Ilha Grande,* corre um pedaço da America dos mais notaveis que fabricou a natureza, porque no meio destes dois extremos, na altura de 23 gráos e meio, parece que tomou a sua conta a mesma natureza, industriosa, sahir com tal sitio, que igualmente fosse inexpugnavel á inimigos, seguro aos amigos, proveitoso a todos viventes e de um grandioso reconcavo na forma que logo daremos, tudo por nome *Rio de Janeiro*, nome que lhe foi posto por ser descoberto no 1.º de janeiro do anno de 1532

pelo famoso heróe daquelles tempos Martim Affonso de Souza.

Foi este sitio sempre formidavel a todo o inimigo maritimo, porque na verdade é temerosa e horrivel aquella muralha natural que vae cercando toda esta paragem, junto ao mar, das mais estranhas penedias que jamais se viram. Assombro é das armadas mais fortes quando chegam pelo mar em fora até a vista de terra, e em vez de praias que alegrem começam a ver apparencias disformes de rochedos tão altos, que sobem as nuvens e espantam os homens com as figuras que fazem, e comforme ellas assim se lhe poem os nomes: O *Frade*, a *Gavea*, a *Célla*, e outros semelhantes. Quando já vem chegando a barra se veem levantados de um e outro lado, quaes dois gigantes fortes, dois monstruosos corpos de solido penedo a que chamam *Pães de Assucar*, que dando com as cabeças nas nuvens, lavam os pés nas aguas. Vomita cada um delles quasi das suas entranhas fogo e pelouro, quando entram em colera de duas fortalezas reaes. Não ha capitanea inimiga que ousasse emborcar, porque a barra é de 200 braças somente, o encostar a um e outro penedo á naufragar e o tomar o canal pelo meio é esperar a furia do canhão a mão tente de uma e outra parte das forças, e quando fosse possivel a entrada não é possivel a sahida porque de força ha de voltar com a maré e obedecer aos pés de um destes penedos, experimentando seus rigorosos tiros.

Pelo terreno vae rodeando toda a bahia e reconcavo do Rio de Janeiro aquella espantosa serrania que, já por vezes temos dito, corre a costa toda e com a parte de lá mais aspera, chamada a *Montanha dos Orgãos*, porque em forma deste instrumento vae levantando em ordem desigual montes sobre montes, fazen-

do altura immensa que excede as nuvens. Representam aquelles grandes montes muralhas ou torres formidaveis postas entre nós e os barbaros que habitam a outra parte, porque ali fulmina a natureza em tempos tormentosos taes raios que assombram a terra e chegaram a suspeitar as nações agrestes que estavam armados de proposito para a defensa dos portuguezes.

São comtudo alegres em tempo de bonança aquelles picos inaccessiveis por sua forma, altura e formosura, revestidos de arvoredo mui verde, e arrebentando em ribeiras de agua que, despenhadas dos altos cumes, vem a pagar tributo ao mar e alegram os olhos dos moradores. E' o alagamar da barra para dentro uma estendida e formosa bahia, emula da de *Todos os Santos*, formada das enchentes do oceano que, emboccando pela barra dentro, chega quasi a lavar os pés daquelles montes que chamamos *Orgãos*. Tem este alagamar ou bahia como cousa de 8 legoas de diametro e 24 de circumferencia; esta *entrechassada* de ilhas, boqueirões e estreitos; estes ornados de verdura dos mangues e vermelhos dos passaros a que chamam *goarazes*, fazem a vista aprazivel. As ilhas fazem numero de 40 entre maiores e menores, com grossas fazendas dos moradores. Desemboccam nella varios e caudalosos rios, uns do centro, outros das terras circumvisinhas, que com o doce das suas aguas fazem continua guerra as do mar, querendo prevalecer cada qual dellas.

E' abundantissima de pescados, com tanta quantidade que houve tempo em que era necessario navegar com cautela em embarcações rasas para evitar o perigo dos peixes que, saltando de uma e outra parte, cahiam dentro e succedia ser talvez em prejuizo do

rosto e olhos dos que navegavam. São facilimos o maneio e serviço dos arredores porque são muitas as embarcações, maiores e menores, que cortam estas aguas de dia e de noite, fazendo alegre vista e suave commercio do circuito da bahia. Estão hoje povoados de moradores de fazendas grossas, entre as quaes avultam mais as dos engenhos de assucar que passam de 100, supposto que com menos machinas que as da Bahia.

Fundou-se a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro em logar distante do arraial uma legoa e se fortificou com forças, e a barra com duas de uma e outra parte, fechando-se a porta totalmente aos inimigos. No coração da cidade deu o governador Mem de Sá sitio para se fundar um collegio aos padres da Companhia de Jesus e lhe applicou dote de renda necessaria para o sustento de 50 religiosos, em nome de El-Rei, que assim ordenava o Cardeal-Regente, cuja mercê acceitou o veneravel padre Azevedo, visitador então e depois martyr; cuja escriptura de dote se passou em Lisboa, firmada só pela mão de El-Rei em 6 de fevereiro do anno seguinte de 1568.

Entre os indios nossos confederados, que nos ajudaram nesta guerra foi um chamado no baptismo Martim Affonso de Souza, nome que se lhe deu do descobridor do Rio de Janeiro, o qual fez taes proezas contra os Tamoyos, que estes, aggravados do muito que os affrontou, tiveram o intento de se vingar delle. A este, depois de acabada as guerras, mandou o governador que assistisse com sua gente em um sitio visinho a cidade, que tem por nome *S. Lourenço*. Aqui, depois de assentada a sua aldeia, intentaram os ditos Tamoyos, reliquias dos vencidos, que vieram de Cabo-Frio a véla e a remos; e, *fazendo-lhe um banquete*, ti-

veram boa occasião, porque havendo de carregar em seu districto seu páo-brazil 4 náos francezas, lhes pediram que os ajudassem nesta empreza, e como os francezes dependiam delles acceitaram, entrando em som de guerra pela bahia do Rio dentro em 8 lanchas e grande numero de canoas.

Estavam ainda as fortificações sem força para lhes impedir o passo e a povoação sem cerca, por cuja causa se teve por perigoso o caso, porque o inimigo chegou inopinadamente, seu poder era grande e o nosso mui limitado, e si accommettessem correriamos então risco. Tomaram os nossos animo e mandaram perguntar aos francezes com que intento entraram; responderam que iam entregar nas mãos dos Tamoyos a Martim Affonso de Souza. Ficaram os nossos mais despreoccupados, mas sempre com algum cuidado acerca do indio amigo e do mais que poderia acontecer; pelo que mandou o governador Salvador Corrêa de Sá avisal-o e buscar soccorro de canoas a toda a pressa a S. Vicente.

Não desmaiou o indio com o aviso, mas tratou de se fortificar o melhor que pôde; despejou a gente inutil para fora e esperou com animo o inimigo. Desembarcou este em terra e conheceu-se então ser o seu poder formidavel em comparação do que estava com elle (Martim Affonso), porque as 4 náos jogavam muita artilharia, as 8 lanchas lançaram de si *summa* de francezes, com armas de fogo, e as canoas tão grande quantidade de Tamoyos que cobriam as praias, tão bem percebidos como para uma guerra de mais porte.

Porem, traçava aqui o Ceu um successo de grande fama, e foi que os inimigos, dando por certa a victoria aquelle dia, sahiram em terra e quizeram descançar sem fazer oração alguma.

Succedeu que aquella mesma noite entrou na aldeia um pequeno soccorro, que o governador mandou de portuguezes capitaneados por Duarte Martins Mourão, homem de valor. Visto este soccorro chorou de alegria o capitão. Foi caso depois de exaggerar os seus grandes louvores á lealdade dos portuguezes que em tão apertada occasião não se esqueceram delle, e depois de lhes trazer á memoria as façanhas dos seus antepassados e as que elles tinham obrado na continuação daquellas guerras tão prolongadas, tomou uma resolução digna de coração esforçado e, confiado no valor dos seus e no silencio e escuro da noite, mandou romper as cercas e, appellidando os nomes de Jesu-Christo e do martyr S. Sebastião, accommetteu ao inimigo de improviso, travou-se aqui uma bem ferida batalha, porque os nossos, á vóz e exemplo do seu capitão, pareciam leões e, como deram em corpo desconcertado, fizeram no inimigo grande estrago. Por outra parte a mesma multidão fazia resistencia e pelejavam fortemente os mais esforçados; mas, sem ordem, entre a confusão da noite, houveram por fim de voltar as costas, seguiram os nossos ao alcance e com pouco damno fizeram uma grande matança.

Emquanto uns e outros andavam na briga as náos francezas, que estavam junto a praia, postas em cerco com a vasante da maré, não puderam jogar a artilharia, do que advertidos alguns dos nossos assestaram contra ellas um falcão-pedreiro, disparando nos convezes virados para terra a mão tente nuvens de pedras; mataram muitos francezes e destroçaram a *enxarcia* miuda. Acabada esta memoravel victoria aclarou a manhã e viram então os inimigos seu grande estrago e mal puderam as reliquias dos francezes reduzir-se a suas náos e as dos tamoyos a algumas das suas canoas.

Assim confusos, envergonhados, foram-se todos pela barra fora e chegando ao Cabo Frio choraram os Tamoyos a sua ruina e os francezes se partiram com bem pouca alegria, deixando com esta ultima victoria o Rio de Janeiro desasombrado.

Soube El-Rei D. Sebastião do caso e o mandou premiar mui bem com pensão, habito de christo e um vestido do seu proprio corpo. Depois de alcançada a victoria chegaram os soccorros que se tinham mandado pedir a S. Vicente, e achando concluido o effeito para que vinham não quizeram voltar sem alguma proeza memoravel, pelo que os mandou o governador contra o Cabo-Frio, para onde os inimigos se tinham retirado e onde acharam terem-se já ido os francezes, porem, acharam uma nova náo daquella nação, bem artilhada e carregadas de mercadorias, e voltaram com esta noticia; e como estavam os do Rio victoriosos e os de S. Vicente desejosos de pelejar convieram em ir com todas as suas canoas render aquella náo.

Partiu o mesmo capitão governador em pessoa com a gente de effeito, e chegando a serem avisados dos montes de Cabo-Frio fizeram os Tamoyos avisos aos francezes, entre os quaes se viu dirigir o poder de pequenas canoas contra uma náo artilhada de porte de mais de 200 toneladas. Porem choraram os que riram, porque as canoas accommetteram uma madrugada por uma e outra parte e ganharam de repente os costados, donde, por mais que a náo estava preparada de artilharia e guarnecida de soldados e artificios de fogo, a artilharia não fazia effeito porque jogava pelo alto e ficaram-lhe as canoas debaixo, e da mesma maneira todas as mais armas de fogo ficaram frustradas, porque as frechas varejavam os barbaros de maneira que não era possivel os francezes chegarem-se a elles, os quaes

logo sentiram bem a força das pequenas canoas e julgaram a sua custa ser o riso o riso que de antes tiveram.

Accommetterem os nossos a subida 3 vezes; mas como ao entrar ficavam a peito descoberto foram rebatidos com os piques e com alcanzias de fogo, e nestes tres accommettimentos cahiu sempre o governador ao mar, sem saber nadar, e sempre foi livre pelos nossos indios.

Prolongava-se a briga travada de parte a parte. O capitão da náo, vestido de armas brancas, brigando com duas espadas, se defendia e animava aos seus com valor, discorrendo, discorrendo por todo o convez.

Entenderam os nossos que neste consistia a dilatação do successo, mas como andava tão bem armado não entravam com elle as settas. Entrou em brio um frecheiro e perguntou se tinham aquellas armas algum logar por onde entrasse uma frecha; disseram-lhe que que pela viseira. Bastou o dito para o effeito, e disparou uma frecha que pelo mesmo logar penetrou o olho e o interior da cabeça ao capitão contrario e deu com elle no convez, a vista do que desanimaram os soldados e fugiram para baixo depois de muito bem feridos. Entraram os nossos e renderam a náo a vista dos mesmos Tamoyos contrarios que, como escaldados não se atreveram a ajudar a seus amigos.

Mandou o capitão governador dar a vela e entrou com a náo no Rio. Deu o *salve* aos soldados que em breve tempo appareceram vestidos dos melhores pannos do mundo A artilharia, applicou-se na defenção da cidade e na fortaleza de Santa Cruz; na barra se conservam ainda algumas destas peças. A náo mandou-a o dito capitão-mór a Mem. de Sã, seu tio, com a relação deste bom successo e ficou elle somente com a gloria delle, não tomando cousa alguma dos des-

pojos para si. Estes grandes feitos dos portuguezes na America esfriaram dali em deante os nossos inimigos para nos terem mais respeito e não se atreverem contra nós.

Foi-se augmentando a povoação da cidade com utilidade dos portuguezes e muito mais que por esta via se descobriram as minas de ouro. De Pernambuco não temos noticia dos successos particulares destes annos; só consta que se iam augmentando a povoação e a utilidade dos engenhos de assucar, donde veiu sempre o mais selecto, e de outras producções do paiz. De tabaco se não tratava ainda neste tempo, nem se entendia a sua utilidade. O fructo espiritual era o mais commum e geral por toda esta nobre Luzitania.

A Estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul

NO SECULO PASSADO

As primeiras entradas feitas pelos antigos Paulistas no sertão ao sul da cidade de São Paulo, as do seculo XVII de que resultou a destruição das missões jesuiticas e bem assim a expulsão dos Hespanhóes da região ao norte do Rio Uruguay, não deixaram vestigios de si na forma de vias permanentes de communicação, ou de occupação effectiva do vasto territorio conquistado.

Por muitos annos depois destes acontecimentos, a posse portugueza effectiva, fóra da zona do littoral, ficou limitada ás visinhanças da cidade de Sorocaba, estendendo-se talvez ás de Itapetininga no actual Estado de São Paulo, e de Curityba no actual Estado do Paraná, não se sabendo se houve, ou não, communicação por terra entre estes dois centros. Com a fundação, em

1737, de estabelecimentos portuguezes nas visinhanças da entrada da Lagoa dos Patos, houve necessidade, para a defeza e manutenção destas nascentes povoações destinadas a servirem de base para a conquista e povoamento do actual Estado do Rio Grande do Sul, de uma ligação terrestre e mais segura do que a maritima com o centro paulista. As diversas guerras com os Hespanhóes deram grande importancia a esta estrada, que ao mesmo tempo tornou-se uma das principaes vias commerciaes do Brazil e assim se tem conservado até hoje.

Faltam noticias minuciosas sobre a data exacta (1) e a historia da abertura desta estrada.

E' porém certo que uma vez aberta, não tardou a se fixarem n'ella diversos moradores permanentes que, abrindo fazendas ou simples ranchos para a commodidade dos viajantes, estabeleceram centros de população dos quaes alguns se desenvolveram e passaram á categoria de villas ou cidades, ao passo que outros ficaram como simples povoações ou sitios

---

(1) E' de presumir que a data fosse posterior a 1737, sendo porem possivel que fosse anterior á fundação definitiva das povoacões no Rio Grande do Sul. O catalogo da Exposição de Historia do Brazil traz, sob o n.º 1488, o seguinte titulo,— «Nova e 1.ª Carta da Terra firme e Costas do Brazil ao Meridiano do Rio de Janeiro, desde o R.º da Prata athé Cabo Frio, com o novo cam.º do Certão do R.º Grde, athé a cide. de S. Paulo. O. E. D. ao Poderozissimo Rey e Sr. D. João V. pelo P. M. Diogo Soares S. J. seu G. R. (Geographo Real) no mesmo Estado. 0,m 842 x 0,694. Original? a aquarella. Exp. Arch. Mil». —Esta carta que deve estar ainda conservada no Archivo Militar do Rio de Janeiro não tem data, porem outros trabalhos cartographicos do mesmo auctor mencionados no dito catalogo são datados de 1730 e 1731.

sem bastante importancia para figurarem nos mappas modernos.

Já em 1749, o Mappa das Cortes, organizado em Lisboa para servir nas negociações do tratado de limites com Hespanha, figura esta estrada por uma serie de signaes representando estabelecimentos fixos espaçados de maneira a indicar que o factor determinativo da sua fundação era a marcha diaria das tropas, quer militares quer commerciaes, e as facilidades de aguada e de culturas para o supprimento das suas necessidades. Conforme as investigações do Barão do Rio Branco, resumidas na sua magistral «Exposição ao Arbitro» da questão de limites com a Republica Argentina. as informações em que se baseava o auctor do Mappa das Cortes para modificar e augmentar nesta parte os mappas existentes dos Jesuitas eram fornecidas pelo General Silva Paes. fundador dos estabelecimentos de 1737 no Rio Grande do Sul, e que talvez tivesse transitado por ello. O officio de 8 de Fevereiro de 1749 do Secretorio de Estado, Marco Antonio de Azevedo Coutinho, (citado pelo Barão d Rio Branco, p. 149) diz que a parte relativa as possessões portuguezas no sul foi tirada do Mappa Geographico do Padre Diogo Soares (1).

E' de presumir que a representação destes pontos no dito mappa fosse determinada por um simples roteiro, dando com toda a exaçtidão a sua posição com referencia aos cursos de agua (cujo seguimento para o

1) Como o mappa representa diversos detalhes que são certamente posteriores á expedição do General Silva Paes em 1737, parece que a contribuição deste era bastante importante ou então que o mappa já referido do Padre Diogo Soares foi confeccionado depois desta data.

interior era aliás desconhecido) e com approximação o rumo e a distancia de um pouso a outro (1).

Infelizmente o mappa não dá os nomes das situações representadas, nem os dos rios cortados pela estrada, com a excepção de um affluente do Iguassú, denominado Itupeva, que não figúra nos mappas modernos, mas que parece ser o que desagua perto do Porto da União e que é hoje conhecido pelo nome de Canoinhas.

Durante os annos de paz que se seguiram ao Tratado de Madrid de 1750, esta estrada serviu apenas de via commercial, cuja importancia devia ter crescido com o crescente desenvolvimento dos estabelecimentos portuguezes no Rio Grande do Sul. Estando a Capitania de S. Paulo sem governo especial durante este tempo (1748—1764) é de presumir que pouco ou nada fosse feito officialmente para a povoar e conservar.

---

(1) Quasi todos os antigos mappas brazileiros (e nos detalhes grande parte dos modernos) são baseados em taes roteiros ou informações dos *vaqueanos*. Na falta de um levantamento geodesico ou feito com instrumento, o meio mais seguro de se fazer um esboço geographico de uma região desconhecida é de facto com os taes roteiros e informações que, empregados com criterio, dão um mappa cuja approximação á verdade é, muitas vezes, sorprehendente. Neste respeito o caipíra ou tropeiro brazileiro (e não importa que seja analphabeto) é realmente admiravel. As suas informações a respeito das aguadas são rigorosas; as relativas aos rumos e distancias, muito approximadas á verdade. O nosso digno consocio, dr. Theodoro Sampaio, que é perito no levantamento de mappas, tanto pelo emprego de instrumentos como pelas informações dos vaqueanos, me confirmará nesta apreciação do instincto geographico do tropeiro brazileiro.

Restabelecido, em 1764, o governo independente de São Paulo com um governador, D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, extremamente emprehendador e especialmente empenhado na exploração e povoamento do vasto sertão da Capitania, e tendo ao mesmo tempo de orgonizar e expedir os contingentes de tropas e munições para a guerra que tinha rebentado de novo no sul, a estrada recebeu especial attenção por parte do governo.

A parte ao norte do Iguassú serviu de base para as numerosas expedições de exploração e povoamento nos sertões de Tibagy e Ivahy, e, para dominar os Indios na parte da estrada que se approximava da Serra de Paranapiacaba, resolveu-se a fundação de Itapeva ou Faxina, cujo desenvolvimento dentro de poucos annos lhe grangeou o titulo de villa. Para melhor garantir as communicações com o Rio Grande do Sul, D. Luiz Antonio cuidou no estábelecimento de um centro mais forte de população na região do alto Uruguay, escolhendo para este fim a fazenda ou pouse das *Lages*, elevado á villa em 1766. Em 1766, D. Luiz Antonio remetteu para a Corte um mappa de grande parte da America Meridional que indubitavelmente representava esta estrada naquella epocha, mappa que infelizmente parece que se perdeu,

O mappa onde os detalhes dessa estrada vem representados com mais minudencia é de origem hespanhola e incidentalmente mostra a grande importancia que os hespanhóes attribuiram a esta via de communicação, que para elles era uma ameaça constante para as suas possesões do Rio da Prata e, na hypothese de um movimento offensivo, um meio de alcançar os seus inimigos no seu centro continental mais forte, a cidade de São Paulo.

E' este o grande mappa da America do Sul, organizado em 1775 pelo geographo real da Hespanha D. Juan de la Cruz Cano e Olmedilla. que dá quarenta e tantos nomes de localidades entre São Paulo e Viamão, isto é, um roteiro quasi completo dos pousas nesta longa jornada. E' realmente curioso ver figurar neste mappa do continente, em que só teriam logar os nomes das povoações de certa importancia; tanta riqueza de designações que, na maioria dos casos, provavelmente representavam simples ranchos de tropeiros apenas. Nenhum mappa conhecido de origem portugueza representa a estrada São Paulo—Rio Grande com egual somma de minudencias. Por exemplo, o da Capitania de São Paulo, organizado em 1792 por Montezinho, apezar de ser mappa local e não geral, é muito menos detalhado a este respeito. E' de presumir que os detalhes dados por Olmedilla fossem fornecidos por algum prisioneiro ou desertor portuguez, ou talvez por algum espião hespanhol mandado de proposito para este fim. Os nomes são muitas vezes estropiados ao ponto de ser difficil reconhecel-os; mas tanto quanto se pode julgar, o roteiro é bastante exacto. As informações, ou roteiro, que serviram para a confecção deste mappa devem ser anteriores á administração de D. Luiz Antonio de Souza, visto que não dá o nome de Lages, que somente nesta epocha começava de tomar importancia especial.

No Archivo de São Paulo, o documento mais valioso que se encontra a respeito desta estrada, é a seguinte ordem de marcha que ficou registrada como annexo a um officio com data de 21 de Outubro de 1775 do governador, Martim Lopes Lobo de Saldanha, ao Tenente-General João Henrique de Bohm, commandante das forças em operação no Rio Grande do Sul.

TRANSITOS POR ONDE HÃO DE MARCHAR AS COMPANHIAS DE CAVALLARIA DE VOLUNTARIOS REAES DE SÃO PAULO PARA O EXERCITO DO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO.

1.º—Da cidade de São Paulo á Carapecuuba.

2.º—Da Carapecuuba, o Baruirymerim.

3.º—De Baruirymerim, aos Barreiros para lá do matto Payol.

4.º—Dos Barreiros, ao Olho de Agua.

5.º—Do Olho de Agua, a Felippe Guental.

6.º—De Felippe Guental, a Opanemá.

7.º—De Opanema, ao Rio de Sarapuû de baixo.

8.º—De Sarapuû de baixo, á Fazenda de Pederneiras.

9.º—Da Fazenda de Pederneiras, ao Porto de Tapetininga.

10.º—Do Porto de Tapetininga, á Pescaria.

11.º—Da Pescaria, a Parnapitanga.

Todos estes transitos são de quatro legoas. e alguns de menos.

12.º—Da Parnapitanga, ao Sitio do Rio de Piahy tem tres legoas de distancia, com passagem de Rio de canoa.

13.º—Do Sitio de Piahy, á Fazenda da Escaramussa, dista quatro legoas,

14.—Da Fazenda da Escaramussa, ao Sitio de Taquari, dista quatro leguas.

15.—Do Sitio de Taquari, ao Sitio de Perituba, dista quatro leguas.

16.—Do Sitio de Perituba, á Fazenda de São Pedro, dista quatro leguas e meya.

17.—Da Fazenda de São Pedro, á Fazenda de Murongaba, dista quatro leguas.

18.—Da Fazenda de Murongaba, ao Sitio de Jaguariayba, dista cinco leguas, com passagem do Rio, e canoa.

19.—De Jaguariayba, á Fazenda da Cinza, dista cinco leguas·

20.—Da Fazenda da Cinza, ao Atterrado Grande, abaixo das Furnas, dista quatro leguas e meya.

21.—Do Atterrado Grande, á Fazenda do Capitão Francisco Carneiro Lobo, dista quatro leguas e meya.

22.—Da Fazenda do Capitão Francisco Carneiro Lobo, ao Sitio de Tapanhuacanga, dista quatro leguas.

23.—De Tapanhuacanga, á Fazenda do Boqueirão, dista quatro leguas e meya.

24.—Do Boqueirão, á Encruzilhada do Carrapato, dista quatro legoas e meya.

25.—Do Carrápato, á Fazenda do Lago, dista quatro leguas.

26.—Da Fazenda do Lago, á Fazenda do Ferrador, dista cinco leguas.

27.—Da Fazenda do Ferrador, ao Registro de Curitiba, dista cinco leguas.

28.—Do Registro de Curitiba, a Santo Antonio da Lappa.

29.—De Santo Antonio da Lappa, ao Campo do Tenente.

30.—Do Campo do Tenente, a outra banda do Rio Negro.

31.—Do Rio Negro á Butiatuba.

32.—De Butiatuba, a Oguraypû.

33.—De Oguarypû, á Estiva onde se entra no matto de São João.

34.—Da Estiva, a Sima do Morro Grande,

35.—Do Morro Grande, ao Tacuaral.

36—Do Tacuaral, onde se sahe do Matto, á entrada do Matto do Espigão.

37—Da entrada do Matto do Espigão, á Espichada, fóra do dito Matto.

38—Da Espichada, á Sepultura.

39—Da Sepultura, á Ilha.

40—Da Ilha, á Ponte-Alta.

41—Da Ponte-Alta, a outra banda do Rio das Mirombas.

42—Do Rio das Marombas, aos Curitibanos.

43—Dos Curitibanos, ao Rio dos Cachorros.

44—Dos Cachorros, á Ponte-Alta.

45—Da Ponte-Alta, a outra banda do Rio das Canoas.

46—Do Rio das Canoas, a Lourenço da Rocha.

47—Do Lourenço da Rocha, a Villa das Lages, que não chega a ter duas leguas.

Todos os mais transitos acima são de quatro leguas, e alguns de menos.

Da Villa das Lages, se entra nos Marcos do Continente do Rio Grande, onde os transitos são um pouco puxados, por conta dos pastos para os cavallos.»

Na organisação desta ordem de marcha houve evidente empenho em regular, quando fosse possivel, a distancia diaria pela media de quatro leguas, e apparentemente tambem em evitar os pousos nas povoações maiores que, como Sorocaba, Itapetininga e Itupeva (ou Faxina) que já nesta epocha eram villas, foram deixadas ao lado ou no meio da marcha diaria. Como só vem mencionados os pousos que devem ser occupados pela tropa, este roteiro não dá a relação completa dos estabelecimentos ao longo da estrada e, nos casos de

descordancias entre elle e os mappas, estas podem ser devidas em parte a estas localidades intermediarias e em parte á synonimia. Como em todos os roteiros, as localidades são designadas ora por um nome local, ora pelo seu dono (que é variavel), sendo possivel que muitas destas discordancias sejam verdadeiros synonimos.

Para a historia da região e do desenvolvimento das suas vias de communicacão, é interessante estudar esta ordem de marcha comparando-o com os mappas antigos e modernos.

Para os fins deste estudo será conveniente considerar a estrada por trechos marcados por pontos que já naquelle tempo ou modernamente se desenvolveram á categoria de villas ou cidades. Estes trechos são:

São Paulo á Sorocaba.
Sorocaba á Faxina.
Faxina ao Rio Negro.
Rio Negro a Lages.
Lages a Porto Alegre.

Os mappas antigos não dão detalhes alguns relativos á antiga via de communicação entre São Paulo e Sorocaba. O das Cortes e o de Olmedilla (este dá o nome de Jarocabas) figuram apenas os pontos extremos, e o de Montezinho de 1792 dá apenas os pontos intermediarios de Pinheiros e São Roque. A ordem de marcha, indo pela estrada antiga que se bifurca da de Itú, indica que a mais directa por Cotia e São Roque não existia ainda, ou que não estava em condições de ser preferida (1).

(1) Nas notas colleccionadas pela Commissão de Estatistica de 1888, a fundação da Cotia presume-se ter-se realisado no anno de 1713 e a elevação de São Roque á freguezia no anno de 1768. Sobre a data da abertura da estrada que liga São Roque à Sorocaba não se encontra referencia alguma.

Os pousos são:

Carapecuuba, (Carapicuiba), antiga aldeia de Indios que ainda conserva o mesmo nome.

Baruiry merim, que é evidentemente a actual povoação de Baruery e que figura no Mappa de Montezinho de 1792 na margem direita do Tieté.

Barreiros para lá do Matto Payol, deve ser no districto de Araçariguama, onde o nome Payol é conservado no Corrego do Payol.

Olhos de Agua, pequena povoação proxima a actual estação de Dona Catharina no ramal de Itú da estrada de ferro Sorocabana.

Felippe Guental, que deve ser algum pouso antigo perto da cidade de Sorocaba (1), o qual ficava como ponto intermediario da marcha do 6.º dia.

No trecho da estrada entre Sorocaba e Faxina o Mappa das Cortes só indica um pouso sem nome, porém em posição que corresponde ao Porto de Itapetininga, e o de Olmedilla tem diversos nomes que serão mencionados abaixo. Os nomes indicados na Ordem da marcha são os seguintes:

---

(1) O mappa de D'Anville de 1748 não traz o nome de Sorocaba, mas uma povoação «Cativa» e um rio «Britida» em posição que corresponde regularmente com a da cidade e rio Sorocaba. Entre esta e São Paulo ha uma povoação de São Felippe. No mappa anterior do mesmo auctor, publicado em 1734 nas «Lettres Edíficantes et Curieuses écrites des Missiones Etrangeres par quelques Missionaires de la Compagnie de Jesus», ha além destes nomes o do «Berusacaba» (Araçoiaba). omo o mappa de D'Anville foi confeccionado com os dados ornecidos pelos Jesuitas, é de presumir que estes nomes ram encontrados em alguns escriptos dos padres da mpanhia.

Opanema, que é evidentemente a passagem do rio Ipanema na estrada de Campo Largo e acima do morro do mesmo nome.

Sarapuú de baixo, passagem do rio Sarapú ou Sarapuhy.

Fazenda das Pederneiras, que deve ser entre Alambary e Itapetininga (fundada em 1770), onde ainda se conserva o nome de corrego des Pederneiras. Em posição correspondente, o mappo hespanhol dá o nome «Recistro» que talvez indique que existia por alli um registro do qual se perdera a tradição.

Porto de Ipetininga, o mappa de Olmedilla dá na margem de um rio que corresponde ao Itapetininga o nome «Cubaz» provavelmente o do morador no porto, ou n'um dos dois pousos seguintes que não vem mencionados no mesmo mapp.

Pescaria. Este nome ainda se conserva n'uma fazenda proxima á margem direita do Paranapanema.

Paranapitanga. Provavelmente na margem do pequeno rio do mesmo nome. O mappa de 1792 tem o nome de Col. Joaquim Manoel nesta posição.

Sitio do Piahy, que tem signal no Mappa das Cortes e o nome «Pedroso» no de Olmedilla. Este ultimo nome induvitavelmente se refere a Antonio Furquim Pedroso que, conforme a chronica, fundou, em 1766, a povoação de Itapeva da Faxina, no logar denominado «Villa Velha» donde, depois de elevada á categoria de villa em 1769, foi removida para o sitio actual. A occorrencia deste nome é uma indicação valiosissima da exactidão do mappa hespanhol, mesmo nos casos em que não concorde com os outras informações mais ou menos contemporaneas.

Fazénda da Escaramussa. Este nome ainda se con-

serva. O mappa hespanhol tem «Escama» que é provavelmente o nome correcto estropiado.

No trecho entre Faxina e Castro, que ainda não existia, ha os seguinte pousos.

Sitio de Tacuari.

Sitio de Perituba. Estes dois sitios são evidentemente nas passagens dos rios Taquary e Pirituba que não figuram no mappa de Olmedilla o qual tem, porem, o nome estranho de «Hangua» em posição que corresponde proximamente com a de Pirituba. Como o mesmo mappa dá nesta região o nome de «Itanguás» a um rio que é evidentemente o Itararé, pode-se suppor que Hanguá seja erro de copia por Itanguás. De facto existe conforme informações de um viajante que percorreu ultimamente esta região, um Lageado de Itanguá cerça de meia distancia entre os rios Iaquary e Pirituba.

Devo no obsequio do sr. C. F. Scheler a seguinte nota que muito esclarece a parte paranaense da antiga estrada. O Coronel João Martins, morador em Castro, de cerca de 60 annos de idade, que viajou muito como tropeiro no N. de Paraná e S de S. Paulo deu as seguintes informações sobre a antiga estrada entre S. Paulo e Curityba em territorio paranense ;

«De S. Pedro de Itararé, uma povoação relativamente nova em S. Paulo, passa-se primeiro a antiga fazenda «Morungaba». O actual dono, Coronel do Canto Silva, mora nesta fazenda no logar denominado «Barbozas». A «Tapera», a antiga casa da fazenda, fica mais distante a E. Para chegar lá passa-se primeiro um pequeno morro depois um lageado (pequeno riacho) de onde se avista a «Tapeira» encostada nó primeiro morro de Morungaba (que tem mais de um ponto culmi-

nante). Indo para o S. atravessa-se o rio Jaguaricatú e as fazendas Postinho, Limoeiro e Tucunduva, aonde tem plantações de café e criação de gado. Esta ultima fazenda pertence hoje á Companhia Frigorifica. Depois passa-se a fazenda «Samambaia» antigamente pertencendo ao Barão de Antonina, actualmente ao Coronel Domingos Antonio da Cruz. Atravessando a ponte do rio Jaguariahyva nesta fazenda, entra-se na villa do mesmo nome, que recebeu este nome pela fazenda, em que foi edificada. A antiga casa d'esta fazenda, onde já houve uma pequena povoação, fica alêm de uma restinga, onde se avista ainda taperas. Esta fazenda communica com a das Cinzas. Deixando a fazenda das Cinzas entra-se no «matto ou serrinha das Furnas», d'ahi chega-se ao Aterrado Grande, ou Capella do Snr. Menino, aonde fica hoje Pirahy. O dono desta fazenda era ha 50 annos o Capitão Francisco Carneiro do Lobo que porêm morava retirado da villa Jaguariahyva n'um outro sitio. De Pirahy até Castro seguiu-se pelo caminho actual. Passando Castro entra-se na fazenda «Carambehy» que foi de um Capitão Mór. A mulher d'elle, D. Francisca Carambehy morreu ha 50 annos muito velha. Ligado a esta fazenda era a do Boqueirão A casa ficou tres legoas da cidade da Ponta Grossa e a N. 10.º E. desta cidade. Uma outra fazenda muito velha chama-se Carrapato, que demora alem do Tibagy e a S. 20.º W. da Ponta Grossa. Ponta Grossa era uma pequena povoação encostada a uma «ponta grossa de matto», distante 1 1|2 km. da cidade actual mas muito mais baixo. Existem ahi casas, que se avista do cemiterio. Da fazenda dos Carrapatos passa-se a fazenda Santa Cruz (aonde existe ainda a capella mais antiga n'esta região), que pertencia ao Capitão Joaquim Gonçalves Guimarães, que morreu

em 185? com 90 annos de edade. De lá chega-se á fazenda do Lago. A casa ficou 1 1|2 legoa de Palmeira. De Palmeira ao antigo registro no Iguassú ha 5 legoas. Este registro achou-se perto da estação «Tamanduá».— A ultima parte deste caminho desde Ponta Grossa até Tamanduá não era commum e o Snr. Coronel João Martins não sabe explicar, porque foi indicado este transito para as tropas, salvo que era por causa do melhor pasto.»

Fazenda de São Pedro. Este nome ainda se conserva n'uma fazenda que occupa grande extensão de terreno á direita do rio Itararé e que provavelmente deu o nome á actual povoação de São Pedro de Itararé no ponto de passagem do rio. O mappa hespanhol não dá este nome mas tem o do Rio Verde que é outro pouso na mesma região.

Fazenda de Murungaba. O mappa hespanhol dá a orthographia Morungaba que é mais do accordo com o uso moderno. O nome ainda se eonserva n'uma grande fazenda do estado do Paraná e n'um morro poucos kilometros abaixo de São Pedro do Itararé. O pouso acho-se asssignalado no Mappa das Cortes.

Sitio de Jaguariayba. Passagem do rio Jaguariahiva, e talvez no logar da actual villa deste nome. O mappa de Olmedilla dá «Jauarayba», e entre este e Morungaba, o rio Jaguarahi com o sitio de Samambaya que conforme a nota do Coronel Martins é uma fazenda que ainda conserva o mesmo nome a direita do rio Jaguariahiva estando a povoação deste ultimo nome á esquerda do mesmo rio. O mappa de Montezinho de 1792 tem o nome de Boa Vista para a povoação sobre o Jaguariahiva.

Fazenda das Cinzas. Olmedilla dá «Pinza» que é evidentemente o nome Cinza estropiado.

Atterrada Grande abaixo das Furnas. Este ponto que é assignalado no Mappa das Cortes, tem o nome de »Araraz« no de Olmedilla que o colloca sobre um rio Turnas (Furnas). Conforme a nota do Coronel Martins o Atterrado Grande tem hoje a nome de Pirahy, e a antiga fazenda pertencia (talvez depois desta epocha) tambem ao Capitão Francisco Carneiro Lobo

Fazenda do Cap. Francisco Carneiro Lobo, Este ponto se não é o da actual cidade de Castro, é nas suas immediações. O mappa hespanhol dá o nome de «Rocha». O Capitão Francisco Carneiro Lobo era um dos exploradores do sertão de Guarapuava em 1768 (1) (Archivo do Estado de São Paulo, vol. IV, p. 49.) e na occasião da creação da villa de Castro em 1792, era capitão de auxiliares.

Ao sul da actual cidade de Castro as explorações de 1768-1772 tinham aberto diversas estradas na região dos Campos Geraes, entre outras uma para o registro do Iguassú que encurtava a grande volta por Campo Largo onde a estrada São Paulo-Curitiba entrava na de Curitiba-Viamão. A ordem de marcha de Martim Lopes dá os pousos da estrada nova, ao passo que os mappas de Olmedilla e das Cortes dão os da antiga. Ao norte, a bifurcação das duas estradas era na povoação de Pitangui conforme o mappa de Montezinho de 1792, porem por um esboço que acompanha a petição, em 1789 para a elevação da freguezia do Yapó á villa (Castro) parece que era mais para o norte. Os mappas modernos desta região são tão pouco

(1) O commandante desta expedição era o Guarda Mor Francisco Martins Lustosa que na administração de D. Luiz Mascarenhas era Guarda-Mor das novas minas de Santa Anna do Sapucahy, donde se retirou na occasião da passagem deste districto para Minas em 1749.

minuciosos que é difficil identificar todas as localidades. Os pousos entre Castro e o rio Negro são os seguintes.

Sitio de Tapanhoacanga. O mappa de Olmedilla dá «Caicanga» parecendo haver confusão com a localidade deste nome na margem do Iguassú abaixo do registro. O mappa de 1792 dá «Carambiy», e os modernos «Boqueirão» em posição que corresponde proximamente com este pouso. Conforme a nota do Coronel Martins este sitio, o Boqueirão dos mappas modernos, parecem pertencer á antiga fazenda Carambehy, sendo a fazenda do Boqueirão que vem em seguida uma outra mais proxima a Ponta Grossa,

Fazenda do Boqueirão. Ao que parece, não é a actual povoação deste nome sendo mais para o lado de Ponta Grossa, e proximo ao rio Tibagy.

Encruzilhada do Carrapato. E' o ponto donde partiu a estrada para o sertão de Guarapuava, situado a uma legua da margem do rio Guarauna, affluente do lado esquerdo do Tibagy, e tres leguas da Ponta Grossa, conforme a narrativa de Affonso Botelho de São Paio em 1772, e a 4 1|2 leguas da fazenda do Boqueirão, conforme a ordem de marcha. E' provavel que o nome ainda exista, bem que não figure nos mappas modernos á mão.

Fazenda do Lago.

Fazenda do Ferrador. Com os dados á mão não é possivel determinar a posição exacta destas duas fazendas, nem se tem ellas conservado até hoje os mesmos nomes. Conforme a narrativa de Affonso Botelho, a fazenda do Ferrador não estava muito longe do porto de Caiacanga no rio Iguassú, distante 9 leguas de Carrapato, distancia esta que está de accordo com a ordem de marcha de Martim Lopes, O nota do coronel

Martins dá a Fazenda do Lago a 1[2 legua de Palmeira.

Registro de Curitiba. Passagem do rio Iguassú na estrada de Curitiba. Nem o Mappa das Cortes, nem o de Olmedilla indica pouso neste ponto, donde se conclue que o estabelecimento do registro era facto recente em 1775.

O mappa de Olmedilla dá entre os rios Yapó e Negro os seguintes pousos que são os da estrada antiga.

Caiacanga. Sobre um affluente do Yapó. É provavelmente o ponto Tapanhoacanga da ordem de marcha e talvez o Boqueirão dos mappas modernos.

Pitangui. O mappa de Montezinho tem «Pitanga» com o accrescimo «dos Jesuitas», dando a suppor que ali foram encontrados restos attribuidos á occupação jesuitica. O Sr. Rocha Pombo n'um recente escripto no Jornal do Commercio (27 de Novembro de 1897) menciona uma «Igreja Velha» na estrada de Castro a Tibagy attribuindo-a, porem, aos Jesuitas de São Paulo. Como na região dos Campos Geraes ha muitas rochas de formas fantasticas que, as vezes, se assemelham a ruinas, é possivel que algumas destas tinham sido assim chrismadas na linguagem popular. E' certo porem, que os Jesuitas de Guayrá conheceram todo o valle do Tibagy onde tiveram diversos estabelecimentos que vem representados no mappa de 1646-1649. O de Incarnation parece ter sido na região da actual villa de Tibagy e e de S. Miguel perto das cabeceiras do rio, ambas do lado esquerdo. Seria interessante verificar o que ha de exacto sobre restos ou tradições de Jesuitas nesta região. Um viajante recente, o Sr. Erasmo Braga dá noticia de uma egreja attribuida aos Jesuitas em Carambehy.

Tajacoca. O nome Itajacoca figura nos mappas modernos.

Combeju.

Porcos. Conforme o esboço ja referido de 1789 são estes os nomes de duas fazendas que ficam a cada lado do alto Tibagy na estrada de Castro a Curitiba.

Cabo Largo. Campo Largo.

Fray Carlos. Conforme a narrativa de Affonso Botelho, a «Fazenda dos Carlos» ficava a 10 legoas de Curitiba e cerca de 6 legoas de Campo Largo. Dahi foi-se em um dia a N.ª S.ª da Conceição de Tamanduá (que é talvez o ponto «Prelado» de Olmedilla, fora da estrada), Caiacanga e Fazenda do Ferrador.

O Mappa das Cortea representa tres pousos nas aguas do Tibagy que se pode suppor serem Castro, Boqueirão e Pitangui, ou Itajacoca, e um só nas do Iguassú que pela posição parece ser Lapa.

Existe no Archivo Militar do Rio de Janeiro um mappa inedito que foi organizado em São Paulo no anno 1770, para accomponhar uma exposição de governador, D. Luiz Antonio de Souza, a respeito das explorações dos Sertões do Tibagy e Ivahy, sendo de suppor que o seu auctor fosse o Tenente Coronel Affonso Botelho de São Paio. Este representa o rio Piay (Apiahy) como o ultimo affluente do Paranapanema. Depois vem ao sul um rio sem nome, rio Pintuba (Pirituba) e Rio Verde que se unem para formar um rio Taquan desaguando no Tibagy. O Itararé que recebe o Jaguanaiva (Jaguariahiva) que de sua vez recebe o Jaguarcata (Jaguaricatú) é tambem representado como affluente do Tibagy. E' evidente que nesta epocha os rios desta região só eram conhecidos nas suas cabeceiras nos pontos da passagem da estrada, sendo hypotheticos os seus cursos inferiores e pontos de descar-

ga, e a este respeito as hypotheses do mappa hespanhol são mais acertadas do que as do paulista. O primeiro dá acertadamente o Rio Verde unindo-se com um sem nome. que é o Itararé, e correndo para o Paranapanema, mas está em erro dando o Pirituba como affluente do Rio Verde. O nome de Rio Taquan dado no mappa paulista ao curso inferior do Rio Verde corresponde em posição com o Rio Itanguás do mappa de Olmedilla. E' possivel que os nomes Taquan, Itanguás e Hanguá são todos variantes de um só nome indigena. O Mappa das Cortes de 1749, embora sem nomes, representa melhor os rios desta região do que o paulista de 1770.

Continuando do Registro do Iguassú a ordem de marcha dá:

Santo Antonio da Lapa. A narrativa de Affonso Botelho de 1770 menciona a «Freguezia nova de Santo Antonio do Registro» mas nada diz de um registro nas margens do Iguassù.

Campo do Tenente Este nome que é conservado até hoje vem tambem no mappa de Olmedilla que tem ao sul o de «Passa 3.º» sobre um affluente da margem direita do Rio Negro. O mappa de Montezinho dá a este o nome de «Rio dos Tres Irmãos» e representa-o dando uma volta em forma de S de modo que a estrada o corta tres vezes, assim justificando a denominação do mappa hespanhol. A mesma configuracão e o nome de Passa Ires são dados no mappa do Brigadeiro Muller de 1838. O nome Passa Ires» figura tambem nas noticias das recentes operações militares nesta região. O mappa hespanhol dá o nome de «R. Grande Meri» ao rio ao norte do Campo do Tenente [Rio da Vargem), representando-o como affluente do Iguassú.

Outra banda do Rio Negro. Este pouso tem o nome de Curralinho no mappa de Montezinho.

No trecho intermediario entre o Rio Negro e Lages os mappas modernos são tão incompletos que, sem conhecimento pessoal do terreno, é impossivel identificar muitas das localidades das quaes algumas tem indubitavelmente mudado de nome. Os pousos são os seguintes:

Butiatuba. O mappa do Paraná por Carlos Rivierre, publicado em 1875. tem o nome Rio Butia como synonomo do Rio da Contagem. No mappa de Muller de 1838 o nome Butia é dado ao segundo ribeirão ao sul do Rio Negro.

Oguraypú ou Oguarypu. A ordem de marcha dá ambas as orthographias. Nada que corresponda a este nome singular se encontra nos mappas.

Estiva onde se entra no matto de São João. Nos mappas modernos o nome Estiva só apparece nos «Campos da Estiva» designando um territorio grande ao sul do Rio Negro. A identificação deste ponto tem a sua importancia na discussão de limites entre Paraná e Santa Catharina por ter sido designado o rio, ou ribeirão, de Estiva como divisa entre as villas Curitiba e Lages na occasião da demarcação desta ultima em 1774. Nas discussões havidas tem se dado como perdido ou inidentificavel o nome de Estiva, mas com os dados fornecidos pelo documento de Martim Lopes deve ser facil verificar no terreno, a posição exacta do limite original. A região a direito da estrada e ao sul dos rios Negro e Iguassú ainda hoje figura com «Sertão desconhecido» sendo incerto o curso de diversos corregos cortados pela estrada, conforme se vê no recente mappa official do Estado do Paraná, publicado em 1896.

Alto (Sima) do Morro Grande. O mappa de Olmedilla dá «Monte de San Juan» entre o Rio Negro e o «Rio Canoaes-Meri» [Canoinhas?) cujo curso inferior tem o nome de «Itapeva», nome este que figura tambem no Mappa das Cortes.

Tacuaral onde se sahe do matto.

Enlrada do matto do Espigão. O mappa hespanhol dá o pouso «Espigon».

Espichada fora do dito matto.

Sepultura.

Ilha.

Ponte Alta. Sendo duvidoso que houvesse ponte nessa paragem, é de presumir que o nome verdadeiro fosse «Ponto Alto». O mappa hespanhol dá «C. Alto», «C. Alegre» e «Papaguyas» ao sul do Espigão. O ultimo se acha na margem de um rio sem nome, affluente do Uruguay, que parece ser o Rio das Marombas.

Outra Banda do rio das Marombas.

Curitibanos. O mappa hespanhol divide o nome em «Cori» e «Tibanos» dando assim dois pontos distinctos.

Rio dos Cachorros.

Ponte Alta. Estes dois nomes ainda figuram nos mappas modernos.

Outra Banda do Rio das Canoas,

Lourenço Rocha.

Villa de Lages. Em posição correspondente o mappa de Olmedilla dá «Pueblo e R. S. Thomé», havendo entre este e Curitibanos o ponto «Fray Juan».

Na villa de Lages termina o roteiro da Ordem de Marcha de Martim Lopes. O mappa de Olmedilla, porem, dá entre este ponto e Viamão os pousos seguintes.

Tributos.

P. Altos.

Porcon.

Frutas.

Torrido,

Rio de Pez. Este é representado como affluente do rio «Teviquari» que talvez seja erro por Taquary. Este porem não se estende bastante a leste para alcançar a estrada em questão e, conforme os mappas modernos, todos os pousos entre Lages e Vacaria pertencem á bacia do Uruguay.

Vacaria.

Rio da Anta. Este rio é representado como affluente do «Curucay» que parece ser o verdadeiro Taquary.

Camisas.

Alto da Sierra.

Rodante, sobre o rio Cahy ou Caiyi. O nome moderno é Rolante.

R, Garabatahy. O nome moderno e Gravatahy.

Viamon. A actual cidade de Porto Alegre.

Os dois esboços juntos reproduzidos do Mappa das Cortes e do Mappa de Olmedilla esclarecem melhor o assumpto.

Orville A. Derby

Extrahido do
„Mappa das Cortes" 1749.

Extrahido e reduzido do Mappa de Olmedilla 1775.

Nota a proposito do testamento de D. Luiz Mascarenhas

Devo ao Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada o presente documento, remettido de Santos, e que ora offereço ao Instituto para dar-lhe abrigo em seus archivos, visto trazer algum subsidio para melhor conhecimento da vida e caracter de um personagem que tão saliente papel representou na historia da antiga Capitania de S. Paulo.

Refiro-me á copia do testamento com que falleceo D. Luiz Mascarenhas que aqui foi por nove annos Governador e Capitão General.

O documonto em si pouco vale pelo que diz respeito á historia propriamente de S. Paulo, mas pinta bem os sentimentos, o caracter, as particularidades de familia do testador que foi de facto um vulto notavel ..toria desta terra.

Luiz Mascarenhas representa na historia colo- › direito vivo, tradiccional e resistente dos Paulis-

tas á posse das suas interminas conquistas nas regiões occidentaes do Brazil. Diante da figura do Conde de Bobadella, o celebre Gomes Freire de Andrade, valido do Marquez de Pombal e fiel executor da sua politica, D. Luiz Mascarenhas avulta como um defensor intemerato das suas proprias prerogativas e jurisdicção e pela energia e tenacidade com que fez respeitar os territorios desta Capitania de S. Paulo, cobiçados dos Mineiros, é deveras credor do respeito e admiração dos filhos desta terra.

Minas Geraes que fôram uma creação dos Paulistas, tinham prosperado tanto e tanto se povoaram com as frequentes descobertas de abundantes lavras auriferas que logo se tornou preciso crear nellas governo autonomo e independente de S. Paulo. Dessa epocha em diante as invasões dos Mineiros obrigam a assentar-se os limites entre as duas Capitanias pelo Rio Grande e Sapucahy, grandes rios que mui perfeitamente os assignnlavam. Mais tarde, porem, tendo-se descoberto novas minas de ouro na região ao Sul do Sapucahy em 1745, D. Luiz Mascarenhas chega a tomar attitude de guerra para conter as invasões dos Mineiros. Francisco Martins Lustosa é então nomeado guarda-mor dessas minas e, na defesa do territorio representa o braço forte do energico governador de S. Paulo: « Ordeno-lhe, dizia D. Luiz Mascarenhas ao seu representante nas margens do Sapucahy, se tornarem a perturbar ao Povo da minha Capitania, ou sejam officiaes da Camara ou Ministros, ou Officiaes da Milicia, os fará a todo custo prender, remetter-m'os a esta Cidade com toda a Segurança.»

Diante de tanta energia e decisão os intrusos e invasores se contiveram e não transpuzeram o Sapucahy, limite norte da Capitania senão depois que pelas

intrigas de Bobadella foi D. Luiz Mascarenhas chamado ao reino, annexada a capitania de S. Paulo á do Rio de Janeiro sob o governo do mesmo Bobadella, e destacados da mesma Capitania de S. Paulo as novas de Goyaz e Matto Grosso. O ouro do Brazil dictava a lei em todos os negocios politicos e não politicos da metropole. Bobadella, que ropresentava fielmente os interesses do fisco como na metropole se os comprehendia, ficou triumphando em toda a linha na politica e administração do Brazil.

Mas D. Luiz Mascarenhas, apeado do governo da capitania pela provisão regia de 9 de Maio da 1748, tinha tambem seu valimento.

Chegando ao reino, foi logo despachado Vice-Rei e Capitão General do Estado da India, onde veio a fallecer. Em um espirito eminentemente religioso, e não menos de cinco de suas irmãs eram religiosas recolhi das nos conventos de Santarem.

Como se vê do theor do sèu testamento considerava, como todo o mundo então o fazia, que embarcar-se para longes terras era caso para fazer as suas ultimas disposições, «... considerando, dizia elle, os certos fins da vida e o que pode succeder na navegação...»

D. Luiz morreu solteiro e sem herdeiros forçados e por isso testou livremente. Instituiu por seu universal herdeiro e testamenteiro a D. Maria Barbara de Menezes, sua sobrinha. Legou-lhe uma quinta em Mourão, junto ao Guadiana, e as legitimas que lhe tocavam a elle de seus fallecidos paes, os Marquezes de Fronteira Legou-lhe mais setenta mil crusados integrados e em primeiro logar, não ficando a herdeira obrigada a cousa alguma, excepto a despesa do funeral e missas antes de embolsada delles. A cada uma das cinco irmãs religiosas no Convento da Esperança e no de

Santa Clara de Santarem legou a pensão de cincoenta mil réis annuaes, pagos pela herdeira universal emquanto ellas vivas fossem. Dos remanescentes, ou do que excedesse de setenta mil cruzados, legou vinte mil cruzados ao irmão, D. Francisco Xavier Mascarenhas, uinte mil ao sobrinho D. José Mascarenhas, quinze mil á sobrinha D. Magdalena Mascarenhas, fazendo-se rateio entre estes legatarios se acaso os remanescentes não perfizessem o total desses legados. Caso a herdeira universal viesse a fallecer primeiro que o testador, instituia por herdeiro em seu logar a D. José Mascarenhas, seu sobrinho com a declaração de que este daria cada anno dous mil cruzados alem dos vinte mil já legados a seu irmão D. Francisco Xavier Mascarenhas, e que todos os bens se vinculariam em morgado para o dito herdeiro e seus descendentes. Declarava mais que se os seus bens chegassem para todos os legados, que seu herdeiro nada pedisse da legitima de seus paes, os Marquezes da Fronteira.

Mandava dizer mil missas de 220 réis cada uma e de uma só vez, e mais cem missas pela alma de seus paes, por uma só vez tambem.

D. Luiz que foi Conde d'Alva e morreu no governo da India, fez esse testamento poucos mezes antes de chegar ao Brazil, fel-o approvar pelo Tabellião Manoel Antonio de Passos na cidade de Lisboa aos nove dias do mez de Setembro de 1738, conforme se vê do subscripto desse documento. Abrio-o na cidade de Lisboa o Tabellião Bartholomeu Angelo Escopery a 2 de Agosto de 1757, registrando-o a fs. 32 do Livro n.º 267 do Registro Geral dos Testamentos a 11 do mesmo mez e anno, como tudo se vê desse velho documento que as traças, por pouco, não tornaram illegivel. E para que se não perca de vez essa peça de não pequeno valor

para a biographia de um vulto eminente da nossa historia, cuja recordação deve ser grata aos Paulistas, peço ao Instituto lhe dê abrigo no seu apenas iniciado archivo.

S. Paulo, 18 de Junho de 1898.

Theodoro Sampaio

Em nome da SS. Trindade, Padre Filho e Espirito Santo, tres pessoas distinctas e hum só Deus Verdadeiro em que eu D. Luiz Mascarenhas bem e verdadeiramente creio e nesta Santa fé sempre vivi e protesto viver e morrer, e nella me salvar como verdadeiro Catholico e fiel christão. Porquanto me acho minha perfeita saúde, juizo e entendimento que Deus nosso Senhor foi servido dar-me e estando de partida para os Estados do Brasil a occupar o governo das Minas de S. Paulo, em que El-Rei meu senhor me proveio, e consideraudo os certos fins da vida, e que pode succeder na navegação, ordeno o presente meu solemne testamento pela maneira seguinte: Primeiramente, encommendo a alma a Deus nosso Senhor que creou e remio com seu preciosissimo sangue na arvore da Santa Cruz; e peço e rogo á Virgem Sanctissima Nossa Senhora e a todos os Anjos da Corte Celestial, e da minha guarda, nome e devoção sejam meus intercessores para que se digne perdoar-me os meus peccados e dar-me sua gloria e bemaventurança para que me creou. Deixo á disposição do meu enterro ao arbitrio do meu herdeiro e testamenteiro que abaixo nomeio, fallecendo eu em parte em que elle m'o possa mandar fazer e caso acabe os dias de minha vida no Governo para onde estou de

partida, então só será obrigado a fazer as despezas que se fizerem: Mando que se digam mil missas por minha alma de preço de duzentos e vinte réis cada uma por uma vez somente: Mando se digam mais cem missas por alma de meus paes os Illustrissimos e Excellentissimos senhores Marquez de Fronteira por uma só vez da esmola acima referida. Declaro que sou solteiro e não tenho herdeiros alguns forçados, que meus bens hajam a herdar, assim ascendentes como descendentes e como tal posso livremente testar do que possuo e tudo o mais que puder adquirir, e usando da faculdade que me é licita, instituo por meu universal herdeiro e testamenteiro a Senhora D. Maria Barbara de Menezes, minha sobrinha para que esta o seja de todos os meus bens por ser esta a minha ultima vontade, com as condições abaixo oxpressadas: Declaro que eu sou senhor de uma quinta em Mourão, junto a Guadiana que é prazo emfatensim a Camara da mesma villa de que pago de fôro sete mil reis, como tambem das legitimas que me tocam herdar por fallecimento de meus paes os Illustrissimos e Exms. Srs. Marquez de Fronteira, que Santa Gloria haja, nas quaes ainda estou por embolsar e tudo o mais que me pertence deixo ao meu herdeiro universal. Declaro que ao meu herdeiro universal, lhe deixo em primeiro logar, que de todos os meus bens presentes e futuros e adquiridos até a hora da minha morte se inteire de setenta mil cruzados primeiro quo todos os outros legados que mais declarar, por a minha ultima vontade assim o dispoem e que antes de integralmeute embolsados delles não fique o meu herdeiro obrigado a cousa alguma, excepto a despesa do funeral e missas: Declaro que tenho cinco irmãs religiosas, a saber a sra. D. Magdalena Mascarenhas, a sra. D. Izabel Mascarenhas no Conven-

to do Sacramento, a sra. D. Innocencia. a sra. D. Antonia Mascarenhas no Convento da Esperança, a sra. D. Maria Mascarenhas no Convento de Santa Clara de Santarem, ás quaes será obrigado o meu herdeiro a dar a cada uma cincoenta mil reis cada um anuo, em quanto vivas forem e por sua morte ficarão ao meu herdeiro universal. Hé minha vontade ultima que chegando o meu cabedal ao tempo de minha morte a exceder a quantia de setenta mil cruzados, que expressamente deixo ao meu testamenteiro e herdeiro Uuiversal, do que sobrar mando que se dê a meu Irmão o sr. D, Francisco Xavier Mascarenhas vinte mil cruzados, e a minha sobrinha a sra. D. Magdalena Mascarenhas quinze mil cruzados e não havendo cabedal na minha herança, que depois de retirados os setenta mil cruzados para o herdeiro que tenho instituido possa pagar os legados, que deixo, comtudo esse tal remanescente que houver se rateará, egualmente por parte pelos ditos legatarios, cada um pelo rateio que lhe tocar: Declaro mais que succedendo haver ao temqo de minha morte bens que cubram o que deixo ao meu herdeiro e legatario, ficando e ainda sobrando remanescente algum todo este deixo ao meu herdeiro universal.

O CAMINHO DA INDIA

Discurso proferido pelo socio sr. dr. Theodoro Sampaio, como orador official do Instituto, na sessão magna de 20 de Maio de 1898.

Sr. Presidente, Exms. Srs. Vice-Presidente do Estado e Secretarios do Governo, Exm. Sr. Governador do Bispado, Exmas, Senhoras e meus senhores,.

> «Este cabo não será como dizes o das Tormentas, o que seria de mau presagio, sel-o-á antes da Boa Esperança porque elle nos abre a rota da Azia.»

Sirvam-me de epigraphe neste bosquejo historico estas palavras propheticas do Principe Perfeito ao receber de Bartholomeu Dias, o heroico navegador, a suspirada nova do descobrimento do *nunca visto promontorio onde toda a africana costa acaba.*

Eu quizera ao recordar-vos estas palavras propheticas do grande principe possuir como o immortal cantor dos Luziadas, nesta hora em que como elle enfren- o mesmo objecto, um *som alto e sublimado, um es- grandiloquo e corrente* para pintar-vos condigna- nte a epopeia inexcedivel com que o pequeno povo tano se sublimou na Historia fazende escurecer a

fama dos grandes povos navegadores, *as victorias de Alexandre e de Trajano* e impondo até silencio a *tudo o que a Musa antigua canta.*

O grande problema do seculo cuja solução definitiva o descobrimento do heroico marinheiro assegurava, problema temeroso e de incalculaveis consequencias que o Castelhano, havia pouco, e seguindo a rota de Colombo, sonhou resolver sulcando os mares do Occidente, a armada portugueza, guiada pelo nobre Gama, ia agóra dar-lhe de modo cabal e positivo a solução unica, verdadeira, realisando a modo carthaginez o periplo da Africa, já agóra arrancada das trevas do Oceano ignoto.

E já la iam decorridos setenta e um annos de constante lidar contra esse *Mar Tenebroso* cujos segredos a audacia e o heroismo portuguez vinham aos poucos desvendando antes de attingir nesse soberbo promontorio as portas das regiões tão longamente desejadas.

De *boa esperança*, sim, de bom presagio era com effeito o descobrimento que dava logar áquellas palavras propheticas de D. João II porque, de feito, alli estava patente o caminho das Indias, das regiões maravilhosas que Marco Polo descreveu, das terras do Preste João e com o ingresso dos mares orientaes alli estava tambem o começo do imperio portuguez, o commercio do mundo attingido e conquistado.

Nessa armada de Vasco da Gama que além investe contra as tempestades do horrifico promontorio, nesse punhado de marinheiros destemidos, que, em tres frageis embarcações de mediano porte, afrontam a colera dos elementos colligados, não são sómente a inpavidez, a coragem, a tenacidade inquebrantavel do portuguez que vão á prova dos perigos de uma em-

preza audaciosa: são os proprios destinos ainda ignotos da nação. são as esperanças tão longamente afagadas de um povo inteiro que desde o berço presente nas lides do mar o segredo do seu engrandecimento futuro.

Do fundo de sua alma celtica, cujos intimos impulsos os cruzamentos ethnicos de todo não apagaram, o Portuguez na extrema occidental da Europa, *onde a terra acaba e o mar começa*, do alto das suas montanhas onde cedo se fez invencivel com Viriato e onde se familiarisou com os largos horisontes do mar, com o rugido das vagas nos dias de tempestade, o olhar alongado para o Occidente, reconhece que nas lides do Oceano está a verdadeira orientação do seu instincto audacioso e calmo ainda que trabalhado por vagas esperanças e por esse sentimento intimo e indefinivel, que leva os povos como os individuos ao implemento dos seus destinos.

Como o phenicio de outr'ora cuja posição geographica diante do mar aguça-lhe os instinctos para o commercio das regiões longiquas, assim o portuguez, cujo territorio em frente do Atlantico reproduz os caracteres de uma Phenicia nova, se sente solicitado para as viagens remotas, para os descobrimentos maritimos, para o commercio de extranhos povos, feitos em que, na verdade, por muito escurecem os dos mercadores de Tyro e de Sydonia.

Vinha do berço incontestavelmente essa inclinação para as emprezas do mar.

D. Fuas Roupinho, nos primeiros annos da monarchia, é quasi uma legenda.

As façanhas navaes contra os Mouros, terminando com a conquista do Algarve, revelam que os recursos maritimos dos portuguezes se desenvolvem quasi si-

multaneamente com o constituir da nacionalidade. Com d, Diniz a marinha mercante apparece bafejada. Com d. Fernando, o *remisso* e *descuidado* d. Fernando, ella definitivamente se constitúe por meio de sabias isenções e de especialissimos favores. Chega este principe tão detrahido na historia pela sua desegualdade de caracter, a associar-se com armadores para fomentar o commercio maritimo de sua patria, faculta-lhes o córte de madeiras nas mattas reaes, isenta de impostos os navios construidos no extrangeiro por conta de nacionaes' diminúe os impostos do commercio feito em navios portuguezes, crêa soguros maritimos, attrahe para Lisbôa uma população cosmopolita de que são vultos proeminentes como mestres constructores e marujos consumados os genovezes (1).

E' porém, com o infante d, Henrique, com a sua escola naval de Sagres, com o seu aturado empenho de quarenta e oito annos de emprezas maritimas e de descobrimentos realisados que estão os solidos e reaes fundamentos da grandeza politica e commercial dos portuguezes.

Evocado pela Historia, apparece-nos agóra transfigurado e ennobrecido o vulto do Infante, dominando do seu promontorio de Sagres a amplidão dos mares que foram os seus dominios de outr'óra e, rodeado de uma pleiade de heroicos marinheiros a contemplar nas armadas que regressam triumphantes o seu proprio triumpho.

Bartholomeu Perestrello, Gonçalves Zarco, Tristão Vaz. Gil Eannes, Gonçalo Cabral, Baldaia, Cadamosto, Ulsodermare, Antonio da Nola, Nuno Tristão, Alvaro Fernandes e Pedro de Cintra acercam-se da figura ve-

---

1) **Oliveira Martins—Historia de Portugal.**

heranda do velho principe, trazendo á patria engrandecida, nesta hora das consagrações supremas, os mais bellos florões da sua corôa de glorias: a Madeira e Porto Santo descobertas, o cabo Bojador ultrapassado, os Açores reconhecidos, o Cabo Verde, o Senegal, o Gambia, o Cabo Mesurado como marcos successivos dos limites do imperio dilatado através do Mar Tenebroso.

O amor do maravilhoso, a paixão do desconhecido, a intrepidez, a independencia em fundo religioso quasi mystico, taes são os caracteristicos dos heròes do oceano ignoto.

Quando em 1463, o Infante, appellidado o *navegador*, tombou na morte aos sessenta e sete annos de edade, do caminho da India, alvo supremo das suas aspirações, estavam percorridas, exploradas, submettidas mil e setecentas milhas geographicas no contorno da costa africana e recuado o limite do mundo para além do que fôra attingido por Hanon, o carthaginez, e por Eudoxio.

A' importancia porém de tão grandes feitos, o merito real do problema do seculo solvido pelos Portuguezes só um estudo ainda que succinto da sociedade européa contemporanea, do progresso das sciencias, das artes e do commercio do mundo os faria devidamente aquilatar. Vereis então com que elementos, e em que apertadas condições apparece na scena do mundo, surprehendendo-o com os seus feitos, e illuminando-o com a sua gloria, a nação portugueza.

. . .

seculo XV, meus senhores, que findava com o
e acontecimento ora commemorado, foi de facto
riodo de profundas revoluções na sociedade da

Europa. Começa nelle a edade moderna com esse sopro de benefica renovação que na historia se chamou a *Renascença* porque, na verdade, a politica, os costumes, as sciencias, as artes, as lettras, tudo se transformou ou renasceu.

E aindo que a cruz do Nazareno, chamada a triumphar nos *mares nunca dantes navegados* aos esforços de Portugal e Castella, cedesse terreno no Oriente deante do estandarte do Prophetа, triumphante com os Turcos Ottomanos de Mahomet II nos muros de Constantinopola, ainda que o schisma religioso, as luctas dynasticas, a guerra civil convulcionassem a fundo a velha sociedade da Europa, mal ferida na lucta das Cruzadas, notava-se comtudo por toda a parte um movimento salutar, um symptoma de progresso e reconhecia-se que essa sociedade, tão perturbada ainda, tinha com effeito achado a sua formula definitiva e enveredava por objectivo claro e preciso. (1).

As nacionalidades despontam e se individualisam. A unidade politica e a do territorio surgem vencedoras com a ascendencia decisiva da realeza sobre as ruinas do feudalismo. Por toda a parte se nota a mesma tendencia consolidadora do poder real. Assim é em Inglaterra com Henrique Tudor depois do golpe decisivo na guerra civil das *duas rosas* que por trinta annos dilacerou e enfraqueceu a nobreza ingleza; assim em França com Luiz XI; na Allemanha com Maximiliano I; na Hespanha com Fernando e Isabel, a Catholica; em Portugal com João II, o *principe perfeito*.

Na Italia, retalhada em estados diversos, as proprias republicas são disfarçadas oligarchias. Os Medicis de

(1) **Guizot—Histoire de la Civilisation en Europe.**

Florença são *gonfalonieri* por herança, constituem dynastia na republica e dão princezas para os thronos da Europa. O Papado, enfraquecido no poder temporal, uenta reerguel-o. Cezar Borgia sonha uma Italia unificada sob seu sceptro. Veneza, já em declinio, recuava diante do Turco, perdia os seus portos no Archipelago, mas ainda assim fazia frente á liga dos estados italianos revoltados contra os seus monopolios. Genova, a *soberba*, minada pelas suas proprias dissensões, sempre em rivalidade com Veneza, sempre versatil na sua politica, entrega-se por fim a Luiz XI que regeita a offerta como quem conhece o valor do presente: «Os genovezes, dizia o manhoso principe, vêm-se me entregar a mim, mas eu dou os ao diabo.»

A onda invasora do Islam, impellida por Mahomet II, contida deante de Belgrado por João Hunyada, contida por algum tempo nas montanhas da Albania por Scanderbeg, vencedor em vinte e duas batalhas, acaba tudo avassalando desde as aguas do Egêo atê as margens do Danubio.

Tres vultos caracterisam nesta épocha o scenario politico: Luiz XI, Çesar Borgia e d, João II de Portugal.

Luiz XI é a alma da unificação franceza, mas é tambem a perfidia em acção. Astuto, cruel, tenaz, desdenhando sobranceiramente, cynicamente todas as pêas que o sentimento da honra e o desejo de gloria impõem aos ambiciosos, não tolerava competencias no poder, não admittia rivalidades, e comtudo, não empregava a violencia senão quando se desenganava de que com os meios intellectuaes não alcançaria o seu lvo. A mentira, o perjurio e a perfidia eram as armas da sua predilecção. Não obstante, manda matar o ião, o duque de Berri, por ciumes de auctoridade,

mette numa gaiola de ferro o cardeal La Balue, enche a Bastilha de prisioneiros. Mas quando morre, acabrunhado de remorsos e exhortado por S. Francisco de Paula, cuja piedade lhe mitigava os terrores, a França tinha ganho dez provincias, e a realeza ficava consolidada,

Cesar Borgia é o typo consumado do principe italiano desse tempo, como o comprehendia Machiavel que o tomou por modelo na sua obra intitulada — *O Principe.* Vivo de imaginação, espirito brilhante, facinador e eloquente, Borgia era a verdadeira imagem do crime em homens de governo. Com frieza, sem remorsos, eliminava a quantos se antepunham aos seus projectos e disignios. Per ciumes de amor incestuoso com a propria irman, a celebre Lucrecia de Borgia, mata o irmão e arroja-lhe o cadaver ao Tibre ; envenena amigos e alliados para usurpar-lhe os bens e dominios ; ostenta luxo oriental ; e quanda visita Luiz XI, até as ferraduras dos ginetes de seu coche eram de ouro, mandando-as pregar com um só cravo como para inculcar que pouco se lhe dava de perdel-as. Foi esse o homem em quem Machiavel descobriu as qualidades eminentes do politico capaz de realisar naquelle tempo a unidade italiana.

D. João II, no throno portuguez, era um principe da escola italiana tambem, e comtudo não era modelo seu um Medici ou um Borgia, porque não gostava do luxo; era sobrio e austero no que aliás condizia com o genio nacional. No physico, destituido de elegancia, nas gostos, nas maneiras, nos instinctos, nas fortes decisões politicas, e no processo de realisal-as approximava-se mais de Luiz XI. Costumava dizer : «Tempos ha para usar da coruja e tempos para voar como falcões». Não se preoccupava de captar o favor publico; fazia o

que devia, caminhando para o seu alvo com animo deliberado de conseguil-o sem desfallecimentos nem escolha de meios. Um dia, convenceu-se de que o duque de Bragança, senhor de uma terça parte do reino, conspirava; mandou-o prender e fel-o justiçar depois de um simulacro de julgamento. O primo, o duque de Vizeu, conspirou tambem. O principe mandou-o chamar a Setubal, interpellou-o, e alli mesmo coseu-o a punhaladas dentro dos passos reaes. Tal era o *homem*, como o tratava Izabel, a Catholica, tal o *principe perfeito*, o continuador intelligente dos feitos do infante d. Henrique, a cujos ultimos impulsos deveu a sua patria o descobrimento do caminho da India,

O renascimento ainda é mais intenso na sciencia, nas lettras, nas artes, nos elementos de progresso real da sociedade.

A Italia, pela sua opulencia adquirida nas cruzadas, pelo seu commercio com o Oriente, pelos despojos do imperio grego que logrou recolher, pela immigração de sabios, de artistas, de homens cultos que nella se refugiavam fugindo ao dominio ottomano, estava no pinaculo da sua cultura e incontestavelmente era o centro civilisador da Europa. Preciosos manuscriptos gregos, obras primas de arte, eximios professores de eloquencia, estylistica e de philosophia nas suas numerosas universidades davam outra orientacão aos espiritos desenvolvendo o gosto pelos estudos classicos da antiguidade.

Faziam-se os principes e os papas os protectores deste movimento intellectual e artistico em que elles mesmos tomavam parte mui directa.

N' oláo V embelleza Roma, e funda a bibliotheca ano. Enéas Silvio que foi depois Pio II escrevia tado de Cosmographia. Lourenço de Medicis, lidado o *Magnifico*, fazia de Florença uma capital

de lettras, das artes e das sciencias: crea a bibliotheca Laurentina; funda a universidade de Piza, os jardins da Academia como um asylo para as obras primas da estatuaria antiga. Hercules, da casa d'Este, fazia representar na sua côrte de Ferrara, traduzidas para o italiano, as comedias gregas e latinas.

Paulo Toscanelli, de Florença, adquiria reputação universal como cosmographo e se constituia oraculo nesta sciencia renascida com a vulgarisação dos escriptos de Ptolomeu que a imprensa, recentemente descoberta, fazia apparecer em suas primeiras edições.

João Pico, conde da Mirandola, era o typo dos eruditos da época, possuia a sciencia universal, propunha-se discutir *de omni re scibile et quibusdam alliis*, a conciliar Platão com Aristoteles e aos 18 annos fallava vinte e duas linguas.

Boiardo e Ariosto abrilhantam a côrte de Ferrara com as suas producções poeticas.

Bramante, Miguel Angelo, Leonardo de Venci o Perugino e Rafael na Italia, e Alberto Durer na Allemanha com as suas producções geniaes dão á pintura, á esculptura e ás construcções monumentaes um grande esplendor.

A imprensa desenvolve-se pela Allemanha, pela Hollanda, pela Italia e pela França, publicando a Biblia, os escriptos de Aristoteles, de Platão, de Plinio, de Strabão, Ptolomeu e Pomponio Mela.

E' na Italia que esse movimento intellectual é mais intenso porque nos outros paizes é elle apenas perceptivel. Ia-se então á Italia estudar nas suas numerosas universidades como seculos antes se ia a Cordova e a Granada estudar a sciencia entre os Mouros de Hespanha. Da Italia saiam os mestres, os constructores, os artistas, os cosmographos e os mais habeis

pilotos. Imitavam-se os costumes, os gostos italianos, seguia-se a sciencia italiana.

Quando em 1418, o infante d. Henrique, recolhido das expedições africanas, resolveu fundar a sua escola nautica de Sagres, no extremo sul do reino, bem em frente do ignoto oceano que ia ser o theatro das suas conquistas, seu primeiro intento, aliás não realisado, foi installar alli uma colonia de genovezes para attrahir o commercio do Oriente (1); mas não obstante eram ainda genovezes, venezianos, maiorquinos, catalães os seus primeiros auxiliares nas construcções navaes e na arte propriamente da navegação.

Ao lado dos vultos nacionaes, discipulos quasi todos de Jayme de Mayorca, ao lado de Nuno Tristão, de Gonçalves Zarco, Tristão Vaz, Alvaro Fernandes, Gonçalo Cabral, heroes primeiros das facanhas do mar, apparecem notabilissimos navegadores como Perestrello, Cadamosto, Usodemare, Antonio da Nola, Pedro de Escalone e Baldaia, quasi todos italianos. Eram estes os elos dessa cadeia mysteriosa pela qual o fogo sagrado da civilisação se transferc de povo a povo, cada vez mais intenso, cada vez mais bello, illuminando o genero humano no seu gyro em torno da terra.

O Mediterraneo, até então verdadeiramente um lago da civilisação, era a escola practica dos mais habeis navegadores. Nas suas margens, profundamente recortadas, scindidas pelos seios de mar, nos recessos das lagunas, das bahias encantadoras e seguras, nas suas ilhas de um pittoresco inexcedivel, espalhadas, distribuidas pelo mar como a convidar os homens ao commercio, a cultura e a expansão dos povos do Occidente

(1) Oliveira Martins, Historia de Portugal. Tomo I — *Conrencia*—O Infante D. Henrique.

surgem e se desenvolvem por seculos. Com a escola nautica de Sagres, com esse ainda obscuro estabelecimento do promontorio *Sacrum*, vae agóra chegar a vez do Atlantico, grande oceano mysterioso, através do qual, em rota gloriosa, vão os portuguezes ensinar aos povos como se descobre e se avassala o mundo.

. . .

Eis em rapido bosquejo, meus senhores, o scenario do grande feito historico que ora nos occupa, vejamos delle agóra o objectivo verdadeiro e os meios de conseguil-o.

Periclitava na Europa o commercio do Oriente.

Veneza, a rainha do Adriatico, a poderosa republica cujos magistrados ao assumirem o poder supremo celebram festas esponsalicias com o mar, reconhecia-se já impotente deante da audacia de Mahomet II, que se apoderára de Otranto, ameaçando a Italia inteira. O leão de S. Marcos, o symbolo da republica dos doges, temido e respeitado até nos confins da Sarmacia, a garra estendida sobre Negroponto, Chypre, Rhodes, Candia, e quasi todas as Cicladas, o leão a cuja sombra nas margens do Helesponto se accolhem até os imperadores latinos de Constantinopola, recuava deante do crescente ottomano e estremecia no fundo das suas lagunas protectoras.

O commercio do Oriente escapava-lhe definitivamente e com elle o sceptro do Mediterraneo que Genova tantas vezes lhe disputára.

Debalde soccorre-se a republica da intriga, concitando o Persa contra o Ottomano. Debalde procura garantir nos portos do Egypto e da Syria esse commercio que os tratados lhe deixaram livre. O turco golpeava-o a fundo no mar como na travessia dos deser-

tos da Arabia, onde penetravam as suas hostes vencedoras, assolando, destruindo.

Vinha do tempo das Cruzadas esse commercio do Oriente, graças ao qual o européo, terçando armas com o Sarraceno, logrou reatar a sua marcha na civilisação que o diluvio barbaro interrompera.

De volta á patria, o cruzado ou o peregrino trazia infiltrado na alma o gosto pelas cousas e costumes orientaes que elle reconhecia superiores.

As tapeçarias da Persia, as sedas da China, as perolas de Ormuz, os diamantes de Golconda, as saphiras, esmeraldas e jacinthos de Ceylão, as especiarias da Malasia, as essencias preciosas, o pau de sandalo, o pau de tinta ou verzino dos italianos por nós chamado *brasil*, e as armas brancas constituiam um grosso commercio que as armadas de Veneza, de Piza e de Genova: de combinação com as grandes caravanas arabes, alimentavam.

De Ormuz, á entrada do Golfo Persico, de Aden á entrada do Mar Vermelho e de Suez no fundo desse mesmo mar partiam as grandes cafilas de mercadores que pelo norte buscavam Samarkand entre os Mogões, pelo noroeste, atravez da Armenia, alcançavam Trebisonda á margem do Mar Negro. De Ormuz, cruzando o Tigre por Bagdad e procurando Damasco iam a S. João d'Acre e a Beiruth, a nova Tyro na velha costa da Phenicia. De Aden e de Suez pelo Cairo esse commercio penetrava no Delta do Nilo, em Alexandria e Damietta, oude o recolhiam as armadas venezianas, ou proseguia pelo Norte d'Africa até Ceuta e Tanger em
de Gibraltar abastecendo Cordova, Granada e
no dominio arabe em terras de Hespanha.
se o commercio que a politica européa am-
Por elle, quasi tres seculos de luctas porfia-

das vinham dividindo e ensanguentando os povos á margem do Mediterraneo.

Depois os viajantes como Marco Polo, Clavijo, Nicolau Conti, penetrando no continente asiatico, percorrendo-lhe os portos, visitando-lhe as grandes cidades e os extranhos monumentos, referiam cousas estupendas da riqueza, dos costumes, da grandeza dos imperios.

Na mente do europeu, taes regiões ficaram sempre como a terra das maravilhas. O Cathay, o Cipango, a Malaca, a India, Ceylão, ou a Taprobana dos antigos, o Preste João, rei christão de um paiz desconhecido, eram objecto das cogitações de todos os governos que viam no commercio do Oriente toda a fonte da opulencia e do poder.

Sim, era esse commercio então golpeado pelo Turco, e que se via escapar das garras do leão de Veneza, que a politica lusitana em dois reinados successivos se aprestava por conseguil-o.

As conquistas realisadas na costa africana tinham esse disignio. Mas Ceuta, Tanger Arzila, conquistadas não lhe tinham sequer assegurado o commercio septentrional da Africa.

Falhara de todo esse plano tão lougamente proseguido desde. d. Duarte com o Infante d. Henrique até Affonso V. Mas dois caminhos restavam ainda: o do Oriente, affrontando o Turco e o Sarraceno em novas cruzadas que a escassa população do reino aliás não comportava e o do *sul*, contornando a Africa, investindo contra o *Mar Tenebroso*.

Decidem-se por este ultimo a audacia e o heroismo dos portuguezes, e nisto está, meus senhores, toda a grandeza dos serviços que esse pequeno povo prestou ao genero humano.

As sciencias e as artes e principalmente aquellas

que mais directa applicacão tinham na navegação e no commercio participavam, é certo, nessa epocha afortunada, do mesmo sopro de benefica renovação e, comtudo, não era o adiantamento dellas tão assignalado que a entrada da nação portugueza na scena do mundo não importasse para todas um progresso real e effectivo, uma rectificação completa dos erros dos geographos mais auctorisados, um formal desmentido a toda a antiguidade grega e romana, á sciencia da edade média.

A cosmographia que importa ao nauta, a geographia que importa ao mercador erem ainda sciencias embrionarias, confusas e em pontos essenciaes controvertidas.

As obras de Ptolomeu, de Strabão, de Ponponio Mela, commentadas atravéz da cultura arabe, pouco fizeram avançar a geographia mathematica além do que era nos tempos de Hyparcho, Erathostenes e Marino de Tyro.

A geographia descriptiva, apezar das notabilissimas viagens dos arabes de Kalifado, e de Marco Polo, offerecia ainda as mais absurdas noções quanto á forma e contorno dos continentes e dos mares.

Entre as noções em voga a respeito da fórma do globo terrestre prevalecia a do sabio Edrisi, mouro de Hespanha, que dava o mundo habitavel só na parte septentrional porque « . . . as partes do sul, dizia elle, são abandonadas e desertas por causa do calôr dos raios do sol. « Estando estas regiões na parte inferior da orbita desse astro, resulta que ahi seccam todas as uas e ha ausencia de toda a especie de seres vivos.. . . mar oceano envolve a metade do globo sem interpção como uma zona circular e de modo a não ixar apparecer senão uma parte como se fôra um

ovo mergulhado n.agua... e assim é que a metade da terra fica mergulhada no mar... o *mar Tenebroso* além do qual ninguem jamais viu o que existe... »

Confirmando essa opinião do sabio mouro, ou, porventura, dando-lhe origem, guardava-se entre os povos da Iberia a tradicção dos *maghurins* ou os *burladós* que, partindo de Lisbôa no começo do seculo XII a explorarem o oceano occidental, voltaram com a noticia de que as aguas delle se faziam espessas nos remotos confiins e que nessas paragens onde a vida era impossivel reinava apenas tenuisimo clarão, um crepusculo eterno...

Na imaginação arabe, para além das Canarias ou ilhas Afortunadas onde duas gigantescas figuras de bronze apontavam o mundo ignoto para traz de si, o mar acabava em lodos ferventes com intensos vapores sob um céo de fogo. Ninguem conhecia terra habitavel para além desses limites.

A tradicção antiga de uma *Atlantida* subvertida para além das columnas de Hercules, despertava na imaginação bretan a creacão de lendas maravilhosas onde se pintava o Oceano occidental, não como um mar tenebroso, mas como um oceano de luz, semeado de ilhas verdejantes entre as quaes se via a das *Sete Cidades*, com muralhas de ouro esplendente. (1) Era o vago presentimento dos archipelagos oceanicos e quiçá do continente da America na imaginação escaldada dos marinheiros da Bretanha.

Um cosmographo do seculo XIV desenhava um mappa-mundi em confirmação da opinião de João Mandeville de que na extremidade do mundo conhecido, no

(1) **Oliveira Martins—Hist. de Portugal.—Tomo I, pag 142.**

ponto mais elevado da terra inteira e rodeado de fortes muralhas, estava o recinto ininterrupto do Paraiso, coberto de basta folhahem, e punha-lhe por legenda — *hic est paradisus*:

Apezar das correcções trazidas á geographia de extremo oriente pelas narrativas de Marco Polo e de outros viajantes illustres, o mar das Indias era considerado um mar interior; pois que pelo lado do sul as terras africanas se prolongavam até ligarem-se com as regiões de além Malasia.

Paulo Toscanelli, o oraculo dos cosmographos contemporaneos, diminuia tanto o ambito do mundo, ou fazia tão extenso o continente asiatico a oriente que a travessia pelo oceano occidental para o Cipango e o Cathay de Marco Polo se tornou desde logo uma obsessão no espirito de Colombo, e foi a tão grande erro que se deveu o descobrimento da America seis annos antes do do caminho maritimo da India.

Apezar das fructuosas, e ameudadas expedições do Infante d. Henrique de 1418 a 1462 em que se descobrem as ilhas atlanticas e se leva a exploração da costa africana até o Cabo Mesurado; apezar de attingido em 1486 o Cabo da Bôa Esperança que abria a rota da Asia, tão incertas, tão nebulosas eram as noções geogrophicas acerca da Africa Oriental que d. João II resolve no anno seguinte enviar dois exploradores disfarçados, Paiva e Covilhan, atrevés do Egypto, para colherem informoções positivas e minuciosas.

Paiva, colhido pela morte, não logrou senão iniciar a sua missão, mas Covilhan, que em Aden se embar-
ra a India e visitara Gôa e Cananor na costa
labar, certifica-se entre arabes, negociantes
, que, navegando se ao longo della do lado occi-
e alcançaria a extremidade do continente, don-

de, costeando-se para o norte entre Sofala e a ilha de Gomar ou da Lua, se chegaria á India.

Do grande problema do seculo eram estes, de facto, os dados essenciaes e concludentes. Verifiicavam-se as palavras propheticas do *Principe Perfeito*. E a solução que lhe dá Vasco da Gama fecha quasi um seculo de esforços, de aspirações e de esperanças de um povo, que vae deslumbrar o mundo com o brilho das suas façanhas impereciveis.

. . .

Em 1495, minado de desgostos, amargurado pela perda desastrosa e prematura do filho, morria d. João II sem realisar o sonho das suas noites mal dormidas.

Ao duque de Vizeu, d. Manoel, irmão daquelle que annos antes em Setubal fôra pelas mãos do proprio rei executado, devia caber o coroamento da epopéa maritima, aspiração suprema da um povo inteiro.

A Historia por isso chamou-o *Afortunado*.

Doze annos depois do descobrimento do Cabo da Bôa Esperança, confirmada por dois negociantes judeus de Ormuz as informações de Covilhan, d. Manoel organisa a expedição cujo commando entregou a Vasco da Gama, determinando-lhe de costerar a Africa pelo sul e chegar á India em Calecut. emporio já famoso nessas partes do Oriente.

Aprestam-se no Tejo tres fortes náos das de maior porte qae então se construiam, as quaes, aliás não tinham duzentas toneladas de arqueação. Eram como caravellas grandes, com dois castellos, um davante e outro de ré, quatro mastros, o de prôa com uma vela quadrada sotoposta a um traquete de gavia, os outros cada um com uma vela latina. Tinham uma só

ponte, artilharia assestada no convez e nos castellos, e sobre um retabulo por cima da popa, desenhava-se a imagem do archanjo que lhes dava o nome e as tutelava. Eram ligeiras as embarcações deste typo, faceis de manobrar, e deitando de ordinario mais de duas leguas por hora, com vento de feição.

Era todo cuidados o novo principe, vindo em pessôa examinar as construcções, ouvindo dos marujos experimentados como Bartholomeu Dias, os prudentes conselhos, activando, animando, prevenindo.

Nos primeiras dias de julho de 1497, estavam concluidos os aprestos. A bordo das náos ancoradas em frente ao Restello de Belém, tinham-se recolhido as grossas provisões para um anno de travessia, equipamento triplicado nos apparelhos, velas e nas munições de guerra. Os melhores pilotos do reino, tomavam parte na expedição para a qual a equipagem de cento e sessenta homens, se compunha quasi toda de marujos experimentados e praticos muitos delles dos mares africanos. Ia de capitão na maior das náos Paulo da Gama, irmão do almirante que embarcava na segunda ao mando de Pedro de Alemquer.

Nicoláo Coelho commandava a terceira.

Na vespera da partida recolhem-se os capitães á penitencia na egreja do Rastello e passam a noite em vigilia apparelhando a alma para a morte... *que sempre aos nautas ante os olhos anda.»*

Na manhan de 8, depois da missa, encaminham-se todos para os bateis, seguidos pelo rei que alli se desde, por grande massa de povo, e de religiosos de cruz çada entoando preces.

Sôa emfim a hora da partida. Atroam os ares os nhões e ao clamor geral da despedida e da saudade

soltam-se as velas e balançam nas vergas os aereos estandartes.

A cruz de Christo, desenhada em largas tiras rubras nas velas davante, vae ao mundo assignalando como a fé é o guia e o estimulo desse povo na phase suprema da sua historia. E assim era que primeira no horizonte dos mares ignotos surgia a cruz do Nazareno fluctuando sobre as aguas.

Deixa o Tejo a armada do nobre Gama e aprôa ao sul engolfando-se nos largos horizontes. Sigamol-a mar em fóra...

«A buscar novos climas, novos arés.»

Pouco a pouco, perdem-se de vista os patrios montes e por ultimo, antes da noite, o cabo de S. Vicente que nos occulta o *Sacro-promontorio* onde primeiro se assentou com o Infante o arsenal destas conquistas.

Depois, ainda invisiveis, para os lados do nascente, approximam-se as Canarias, que foram outr'ora os terminos do mundo; a costa adusta da Berberia onde o Atlas se curva para beber as aguas do Oceano; e á direita a Madeira e Porto Santo, que nos recordam Perestrello, Zarco e Tristão Vaz, occultam-se nas brumas do occidente.

Mais além, descendo para o sul, invisivel tambem, porque a pequena frota passa ao largo, corre a extensa costa da Massylia, secca e triste nos seus areaes estereis, remettendo para o mar o cabo Bojador e o cabo Bronco que nos recordam Gil Eannes, seu descobridor, terra desolada dos Azenegues, onde passam velozes, tangidas pelo vento quente do deserto as grandes avestruzes.

Com dezoito dias de viagem, a pequena frota, que um denso novoeiro dispersava na altura das Canarias,

chega a Santiago, uma das ilhas do Cabo Verde, onde refresca e se prepara para mais longa travessia.

Prosegue a tres de agosto, prôa ao largo, afastando-se das calmarias da Guiné. Deixa á esquerda e já bem longe o Senegal; a ponta avançada do Cabo Verde, o antigo *Arsinario*, na terra dos Jalofos; a extensa costa dos Mandingas, que a Gambia limita pelo norte; a Serra Leôa, o Cabo Mesurado que o carthaginez não ultrapassou, o cabo das Palmas onde se inflecte para oriente a extensa costa da Guiné, rica de ouro, emporio de innumera escravaria, regiões adustas que nos recordam as navegações do Nuno Tristão, Alvaro Fernandes, Cadamosto e Pedro de Cintra. Deixa tambem á esquerda e bem distante as costas do Congo, onde o Zaire traz ao Oceano o tributo de remotissimas e incognitas regiões.

Já começa a divisar-se o polo sul que nenhuma rara estrella aasignala no céo dos tropicos, aliás constellado das mais bellas e fulgurantes estrellas. E navegando, ha já tres mezes, para o sul desde que de Santiago se partira, avista emfim a pequena frota longes terras, quaes nuvens repousadas sobre o mar.

Estamos em principio de novembro, a esquadrilha approxima-se da costa. O almirante desembarca, leva para terra o seu astrolabio de madeira construido por Beheim, e o quadrante, para tomar as alturas e reconhecer o ponto do continente em que aportava. Era já passado o Tropico do sul e a costa que pisava da bahia que se chamou de Santa Elena possuida por negros hottentotes dá-nos no primeiro encontro com esses barbaros o episodio de Fernão Velloso qua os Lusiadas tão [illegible]rescamente nos descrevem. O ethiope accommette [illegible]eiro e o emissario que ás carreiras desce o mon[illegible]eguido de perto da *gente bestial, bruta e malvada*, a

custo chega a praia onde por salval-o se trava rapida peleja.

«Disse então a Velloso um companheiro,
«Começando-se todos a sorrir :
«Olá, Velloso amigo, aquelle outeiro
«E' melhor de descer, que de subir,
«Se é, responde o ousado aventureiro :
«Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães depressa um pouco vim,
«Para me lembrar, que estaveis cá sem mim.»

A esquadrilha aprôou de novo ao sul, a buscar o grandissimo promontorio, mas eis a assalta medonha tempestade, e á branda aragem succede agora rijo vento. O horisonte aos poucos escurece e as ondas já cavadas accusam agitações reflexas longinquas. Aves marinhas passam timidas, veloces, precursoras da procella. Adensam-se as nuvens debruçando-se temerosas sobre as aguas que se inflam em successivos e immensos vagalhões. Manobram as náos. A marinhagem acode ás vergas, mas o vento que arremette quente, sulfureo como um sopro de diabolica fornalha, ruge, retorce, rasga e arrebata os pannos de subito colhidos numa agitação frenetica de furias. Ribombam os trovões nas continuas e electricas descargas e a chuva, em grossas bagas despenhando-se, inunda o convés, enche os porões que as vagas formidandas alagaram. A custo a marinhagem acóde ás bombas. Sacudidas pela furia da procella, as náos mergulham na agua os gurupezes e com os cabos partidos açoitam as ondas. Alçam-se com ellas ao coliginoso céo que os corriscos ameudados illuminam e logo se subvertem no barathro profundo como se disputassem a miserrima presa os elementos conturbados. Eil-a verdadeiramente no Mar *Tenebroso*: mar espesso, horisonte caliginoso, densos vapores sob um céo de fogo.

A tempestade, porém, vae amainando, e já agora em frente dos miseros navegantes, illuminados pelos ultimos clarões do sol poente, *a cor terrena e palida*, os flancos em alcantil reluzindo nas fragas humidas da tempestade, o cume aplainado como uma muralha de gigantes alçava-se o vulto do celebrado promontorio, agora cabo da Bôa Esperanca, onde ainda resôa nas quebradas o êço apagado da procella fugitiva. Era o dia 22 de novembro.

A esquadrilha passa além, e singrando mar em fôra, prôa ao nascente, vae a 25 fundear na bahia de Natal, onde encontra entre os Cafres gente mais humana pastores de um gado manso e bem nutrido, e mulheres trigueiras montadas em bois domesticos, vagarosos.

Reinam agóra as calmarias. A viagem, por isso, se retarda até 7 de dezembro, quando a esquadrilha de novo recomeça. Passa a 15 os ilheos rasos ou chãos, termo da navegação de Bartholomeu Dias e aprôa então para Nordeste, luctando muitos dias contra as correntes que puxam para o sul. A marinhagem atemorisa-se com o phenomemo que considera invencivel. O Gama insiste, a tripolação revolta-se debalde porque o commandante na sua inflexivel tenacidade não cede. Era destino seu ir por diante, era a imagem da patria que lhe accudia ao espirito ordenando, exigindo. As revoltas e as correntes foram vencidas. A esquadrliha aporta no dia 10 de janeiro a Inhambane, á entrada do canal de Madagascar; encontra mar bonançoso e vento de feição, noites claras, noites serenas em que no topo dos mastros apparece a luz mysteriosa do Sant'Elmo que todos tem por bom presagio.

Entretanto, corrompem-se-lhe os mantimentos e as molestias assaltam a tripoloção pue tudo suporta com espartana obediencia e coragem desmedida.

Chega a 22 á foz de Zambeze, em Quilimane, divisa com alegria as brancas vélas de bateis que entram e que saem das barras, indicios certos de povo que sabia navegar. E' ainda o povo ethiope, mas nas maneiras mais polido. Trazem as cabeças apertadas em delgados pannos como se foram toucas de seda bem lavrada, e á cintura saiotes do mesmo panno tinto de azul. Não fallam o arabe, mas o interprete colhe sempre alguns indicios de que grandes náos como as portuguezas alli vinham regularmente das partes do Oriente, onde havia gente da mesma côr dos recem-chegados.

Neste rio, que por taes indicios se ficou chamando dos *Bons Signaes*, assenta o Gama um dos padrões de marmore que trazia; mas emquanto alimpa as náos e as repara a tripolação é dicimada pelo escorbuto, molestia horrivel que ninguem sabe como tratar. Com tudo, ficou um mez em Quilimane e só chegou a Moçambique a 2 de Março. Viu ainda a mesma gente e os mesmos habitos, viu navios toscos sem coberta e com as taboas cosidas a couro, as velas feitas de palha. Colheu os mesmos indicios de um commercio longiquo, colheu do sultão que a bordo vem visital-o informações doPreste João, mas não consegue os pilotos de que carece para a travessia da India.

Foge o Gama das perfidias do mouro e segue costeando até Mombaça onde de novo se lhe armam traições. Parte para Melinda cujo soberano o recebe humanamente, festeja-o com jogos e dançares, banqueteia-o com manjares desusados. Mas o Gama, fiando-se pouco da amizade desses mouros, sempre perfidos, e desenganado de obter os praticos que procura, faz-se ao mar, cominho da India em direitura, guiado por um mouro que se deixara ficar o bordo em Moçambique.

A 19 de maio com vinte e seis dias de navega-

ção depois que de Melinda se partiram, começam os da armada a avistar os altos montes da terra tão longamente desejada; já divisam na linha do horisonte as montanhas orgulhosas do Mysora, as alturas de Nila que dominam Calecut, e as grandes chapadas do Gate margeando a costa.

Já divulgam as brancas velas de navios de mercadores, já distinguem entre os montes o assento das cidades...

Eis o termo tão suspirado da jornada:

«Esta é por certo a terra que buscaes
«Da verdadeira India, que apparece;
«E, se do mundo mais não desejaes,
«Vosso trabalho longo aqui fenece»
(CAMÕES.—Canto VI, XCIII).

Dobrando os joelhos em breve e muda prece, tomando por testemunha na hora suprema da victoria a Deus, o Deus da sua fé, jámais desfollecida, o grande capitão rende lhe graças, que a elle e só a elle devia a realisação do grande feito.

Grandes foram sem duvida as consequencias deste feito memoravel.

Não é somente a victoria de um povo que elle assignala, significa antes, o dominio dos europeus na terra inteira.

Deixando os limites acanhados do occidente, vae agóra a Europa, cujo espirito o Christianismo modelou, mostrar com os portuguezes aos povos innumeros do Oriente que o segredo e a força dos imperios não residem no numero avultado dos que os defendem, mas [illegible]andes ideaes, no heroismo dos que os servem.

[illegible]m povo pequenino, dos menores sobre a terra, [illegible] mostrar como em menos de vinte annos, com

golpes rapidos, certeiros e brilhantes, se funda um imperio dos maiores que jamais existiram.

Da praia occidental da Lusitania, através da Africa e da Arabia, pela Persia, pela India, pela Indo-China e Sião e pelas ilhas da Malasia passam vencedores pelo braço de valorosos capitães os estandartes portuguezes.

Ormuz, Aden, Suez, submettidos, cortam de vez o commercio pelos portos do Egypto e da Syria, e tiram ao Turco o que elle mesmo já arrebatara ao Veneziano e ao Genovez.

Malaca conquistada faz dos mares do Oriente verdadeiros lagos portuguezes.

As armadas de guerra e de commercio singram em todas as direcções desde o fundo do Golfo Persico, pelas ilhas de Sonda, Tidor, Formosa atê a China e Japão.

Não procuremos seguir o Gama nas suas relações e peripecias com o Samorim de Calecut. O ouro, as saphiras, os rubis e as esmeraldas dos naires e dos rajahs, o esplendor da Corte indiana não valem, por certo, a magestade dessa força mysteriosa que se chama *heroismo*, representado nessa armada pequenina, batida das tempestades, as náos desmastriadas, a tripulação decimada pelo escorbuto, e que regressa cortando os mares, entoando a canção dos vancedores.

. . .

A' margem deste grande mar Atlantico, o *Mar Tenebroso* de outr'ora, cujos arcanos primeiro decifraram as armadas gloriosas da Lusitania, nós, os Brasileiros, os descendentes dos heroicos marinheiros que ao longe passam triumphantes, não podemos ter ouvidos indifferentes aos écos dessa symphonia de triumpho

Que a onda oceanica emmudecida e confidente

deixe chegar até nós os sons festivos de além-mar com que o povo portuguez quer affirmar o seu renascimento, retemperando a fibra patriotica na commemoração dos seus feitos gloriosos.

Tomemos meus senhores a nossa parte nessa festa de familia que tambem é a nossa festa, porque foi no constante, atrevido lidar do lusitano contra o salso elemento que surgiu o Brazil, cuja historia nos seus primeiros lineamentos é a mesma gloriosa historia do descobrimento do caminho da India

Erguendo as nossas villas á beira desse mar onde velejam brancas caravellas e alterosas náos que ao longe vão em demanda do novo Ophir, ja então eramos os companheiros na epopéa maritima que devia levar um povo á immortalidade. E se ficamos a meio da gloriosa jornada, quaes naufragos perdidos nas plagas do Mundo Novo, deixando a outros mais venturosos, aos Albuquerques, aos Almeidas, aos Castros *as obras valerosas com que se vão da lei da morte libertando*, participavamos comtudo da mesma gloria, recolhiamos os mesmos opimos despojos e, curvando para o solo a fronte suarenta de lavradores, lançavamos os fundamentos de um povo que nascia na America quando de todos os recantos do Oceano as vagas submissas entoavam os louvores da mãe-patria.

Devemos ter orgulho dessa procedencia que se enfaixa em glorias e tão esplandentes glorias como só as podia cantar o genio de Luiz de Çamões.

Povo que nasceu bofejado pelas victorias, ennobrecido pelos feitos insignes da mãe-patria não córa diante das nações, exulta glorioso por um passado que não morre.

E tu não perecerás, oh heroica Lusitania, como não perecem os povos de destinos gloriosos como o teu E

assim como o *pean*, o canto alegre dos vencedores de Salamina, entoado seculos depois, quando já não havia Grecia, fazia ainda estremecer entre obscuros descendentes a fibra potriotica e ao mundo inteiro recordava as glorias da patria de Themistocles e de Aristides, assim os teus Lusiadas levarão ás gerações futuras a tua memoria para sempre veneranda; e então, por uma poderosa evocação como só aquelle divino poema pode ter, na imaginação dos povos, recordando os teus feitos e como enfeixando os numa apotheose unica, surgirá no horisonte do mar Tenebroso, já então illuminado pela tua gloria. a armada rutilante, transfigurada do nobre Gama aproando á immortalidade.

DISCURSO

PROFERIDO PELO DR. JOÃO MONTEIRO NA SESSÃO SOLEMNE COM QUE A 16 DE MAIO DE 1898 A SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA CELEBROU O 4.º CENTENARIO DA GLORIA DE VASCO DA GAMA.

Real Senhor
Reaes Senhoras
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Aqui vimos—os Srs. Vieira da Silva e José Calmon, oonsules da Republica dos Estados Unidos do Brasil em Lisboa e no Porto, e eu—em commissão da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo e do da Bahia, a trazer-vos enthusiasticas e sinceras ovações—honras solemnes, que a nós mais nos honram, e tão elevadamente, que nos sentimos em parallelo com os mais altos ideaes das nossas mais arrojadas aspirações.

Vi[illegible] os a dizer-vos, que n'este turvo penultimo bru[illegible] do seculo, quando as sociedades politicas, impul[illegible]das, dominadas por desordenada effervescencia de [illegible]enos economicos cada vez mais afinados con-

soante a irremovivel realidade da lucta pela existencia individual ou singular, parece que se abeiram já do tetrico abysmo de medonha liquidação ; quando o socialismo, que algures denominei a ante-sala do anarchismo, ou venha pelos reaccionarios livros de Karl Marx e de Naquet, seus legitimos patronos, ou irrompa sanguinolento do punhal de Caserio Santo ou da bomba de Ravachol, seus vesanos deturpadores, está como que derrocando as ultimas e já quasi deslocadas pedras dos institutos legaes; quando as regras basicas do direito internacional, que a utopica concepção do illustre Bluntschli sonhou articular em coactivo codigo universal, acabam de supportar, pela ponderosa palavra do muito illustre primeiro ministro da primeira potencia naval do mundo, aspero baldão, temerario desafio ; quando as proprias areias do oceano, por sobre cujas avermelhadas ondas já começa a correr humano sangue, como que se revoltam contra a mais injusta guerra dos modernos tempos, e no largo céu do nascituro seculo como que se abrumam os resplendores da esperança pelo pezado espolio d'este terrivel momento historico — a vossa festa, senhores, tem tão elevada significação moral, tanto se avoluma em seu alcance politico e cresce no esplendor como que nos está deslumbrando, que mais não fôra preciso para irreplicamente attestar ao mundo inteiro a irreductivel pujança do vosso indomito e inapagavel patriotismo.

Eis o que viemos vos dizer.

Mas na diffusão d'estes clarões, que fascinam ; no meio d'estes brazões, armas, escudos ,estatuas, effigies, mappas—vivas insignies de vossos passados triumphos, fecundos emblemas de vossas memoraveis e immorredoiras glorias ; na presença da augusta majestade dos vossos nobilissimos soberanos, a quem a Republica

Brasileira se encadeia por fortes élos de logica sympathia: a Sua Majestade El-Rei, porque lhe corre nas veias sangue d'Aquelle que nos deu a Independencia, a Sua Magestade a Rainha, porque em seu nome refluem reminiscencias da França, em cujos codigos fomos beber, a largos haustos, os grandes principios da liberdade, da igualdade e da fraternidade, que são, na valente phrase de Victor Hugo, os tres degraus da suprema escadaria da dignidade humana; deante da mais selecta reunião do que Lisboa conta de insigne na politica, nas armas, nas sciencias, nas lettras e nas artes — sinto-me tão incerto no jogo da palavra, tão debil na actividade imaginativa, que peço venia para ser brevissimo; e a fim de que não me lapideis a ousadia, apadrinho-me com este tercetto do famoso poeta florentino:

Ma chi pensasse al ponderoso tema,
E l'omero mortal che se ne carca,
Nol biasmerebbe se sott'esso trema.

O homem, disse eu uma vez no senado paulista, é escravo do meio em que vive: pensa e age á feição do vento que está soprando, e o seu ser vibra consoante a nota tonica do dia E eis-me fatalmente assim levado, nesta hora de angustias internacionaes, a vêr em vossa sumptuosa festa o mais nobre, o mais eloquente, o mais persuasivo protesto contra o ultimo discurso da *Primrose League*, a que já fiz allusão.

Relembrem os vossos academicos os gloriosos feidos vossos ousados mareantes; do inexgottavel paneon dos vossos heroes, avivem elles as grandiosas linhas de suas proporções homericas—a nós, hospedes

da vossa captivadora gentileza, só nos cabe affirmar-vos em rapida synthese e com a imparcialidade de extrangeiros, que a feição internacional do vosso centenario é esta: mostrar que a lei darvinistica da selecção natural, pelo genio inglez applicada a quaesquer phenomenos do dominio biologico, lei que, por alguns professores contemporaneos, como Cogliolo, é considerada apenas qual hypothese no mundo dos phenomenos juridicos, chega a ser impossivel quando, como acaba de pretender lord Salisbury, pretexta estender-se ás collectividades politicas, ás sociedades historicamente consolidadas.

Oh, não! Se no mundo zoologico, por exemplo, de um primitivo estado de amorphismo e homogeneidade para outro de heteromorphismo e heterogeneidade todos os seres passam evolutivamente, isto é, pela selecção natural, o que quer dizer, pela absorpção do mais fraco no mais forte, o que equivale ainda a dar como certo, pela acção combinada de forças physicas e chimicas, estaticas e dynamicas; se o assombroso genio de um Haeckel póde, manejando com a sua concepção monistica do universo, encadear successivamente os varios protoplasmas da cosmologia universal, de modo a desapparecerem por completo os seres intermedios—aqui, nesta hora tambem de sumptuosidades nacionaes, em que na majestosa cupula da vossa historia rutilam as luciferas constellações do valor indomito na guerra, da intrepidez temeraria na navegação, da perfeição sublimada nas lettras, e particularmente para nós, juristas, da razão immácula no Direito, que é o soberano substractum de toda a phenomenalidade sociologica—quando nos sentimos a pisar a terra onde João de Barros, que para o vosso saudoso inimitavel Latino Coelho, foi o Heródoto portuguez, disse, ao rememorar feitos pa-

trios, que—tanta era a grandeza delles—só por decreto da Divina Providencia pouderam succeder—terra abençoada, donde irrompeu, por tres seculos successivos, o luminoso raio que hoje alinha a maior extensão geographica do globo; raio enorme, que enlaçou a Asia, a Africa e a America, como se realmente as estrellas de Zacuto houvessem presidido aos vossos feitos—feitos sem exemplo no preterito, como sem copia no porvir; terra prodigiosa, que houvera descoberto a America se não fôra a desmentida descrença de D. João II, aliás cognominado o *Principe Perfeito;* que mandou Cabral produzir *a ditosa patria minha amada*, luxuoso alcaçar da mais polymorphicamente bella natureza que jamais sahiu das eternas officinas do eterno creador dos mundos—perennemente illuminada pela preexcelsa das constellações austraes, o que foi motivo da escolha do nome que lhe poz o vosso valoroso capitão, e a que o preexcellente epico, tambem vosso, allude no verso reproduzido ali naquelle artistico tecido: *De Santa Cruz o nome lhe poreis*; terra portentosa, que teve como reis D. João I, de Boa Memoria, D. Duarte, o Eloquente, D. Affonso V, o Africano, D. Manoel, o Venturoso—ousados promotores de descobertas e conquistas civilisadoras; que, pela intrepidez de seus navegadores, tão hartos na audacia quão seguros no engenho, largamente transformou os tratados de Aristoteles e as taboas geographicas de Ptolomeu, e assim como Pygmalião, o estatuario, dos amorphos blocos do hellenico marmore fez brotarem as luxuriantes formas da sua adorada Galathea, arrancou, dos insondaveis abismos do infinito oceano, *por mares nunca dangados*, e Ceuta, e Porto Santo, e a Madeira, e os ...res, e o Cabo Verde, e o Cabo da Boa Esperança, Indias e o meu preeminente e estremecido Brasil, *mais mundo houvera lá chegara (Bravo! bravo!!)*;

terra privilegiada, que na poesia teve Camões, na historia Alexandre Herculano, no romance Camillo, no theatro Almeida Garrett, na jurisprudencia Mello Freire, e ainda hontem, na sciencia, Souza Martins; oh, não! terra que assim, do Senegal ao Cabo da Boa Esperança, de Ormuz a Macau, do Amazonas ao Prata, deixou impresso o signal do seu valor, e na galé, a remos, na nau, a velas, e em todas as formas dos vossos aventureiros vasos—galeões, bastardas, subtis, fustas—pela voz atroadora da vossa artilharia—aguias, sacres, falcões, pedreiras—foi cravar o marco da civilisação nas escuras regiões da barbarie inconsciente, e, pelo sopro do seu poder juridico, inoculou o Direito onde só a força brutal de humanas feras dominava; terra assim forte, assim civilisadora, assim rica dos dous mais preciosos thesouros do mundo physico e do mundo moral—a luz e o direito—terra assim de tanto prodigio não enfraquece, nem pode morrer jamais! (*Bravos e palmas interrompem demoradamente o orador.*)

E se acaso — recuada a humanidade até sotopôr-se á cannibalesca concepção de Hobbes: *homo hominis lupus* — fosse possivel que os precursores clarões do seculo XX traçassem, na primeira pagina da futura historia, rubra de sangue, como de sangue é a lembrança dos barbaros de Tamur-Lan e Gengis-Khan, este pendão de guerra, reedição do *in armis jus ferre et omnia fortium virorum esse*, de Tito Livio, feroz emblema das primitivas escuridões romanas; esta formula pathologica de politica esmagadora — *la force prime le droit* — se isso fosse possivel, então, illuminados pela vossa glorificação de hoje, todos os povos da latina raça se levantariam para dizer ao vosso amado Portugal: Desferi as velas da vossa historia, e, endireitando o rumo para as bandas donde emerge o sol da justiça eterna,

ide a trazer de la os vossos heroes; enfileirae-os deante do mundo inteiro, que deante d'elles a força recuará de si propria abatida; e emquanto vos sentirdes cada vez maiores, maior ainda rolará o mundo na orbita dos seus destinos, porque então o direito estará brilhando em toda a pureza de seu magnifico esplendor!

(Longa e reiterada salva de palmas cobre as ultimas palavras do orador, e emquanto elle retoma o seu logar.)

Um documento antigo relativo a Questão de Limites entre São Paulo e Minas Geraes

No Correio Paulistano de 26 de Julho de 1898 vem estampado um documento remettido por um correspondente (José Custodio de Alves Lima) em Lisboa, que não figura na collecção recentemente publicada pelo Archivo do Estado (Vol. XI dos Documentos Interessantes) e que parece merecer reproducção e discussão na Revista do Instituto Historico, não tanto por seu valor inrinsico, como por causa de alguns detalhes interessantes que offerece para a historia local. O documento em questão é um requerimento sem data mas evidentemente do anno de 1777, de certos moradores do alto Camanducaia nos seguintes termos :

«Illmo. e Exmo. Sr. Dizem Simam de Toledo Piza, Joam de Almeyda Paes, Jozé Manoel, Jozé de Souza, Joam Moreira Godoy, e Manoel Gomes [illegible]do, moradores da Freguezi[illegible] nova de Jaguary [illegible]narca, que elles Sup.es desde o principio, q' [illegible]am aquelles Sertoeus, sempre derão obediencia

a esta Capitania, e Bispado, tanto em buscar o Sacram.to para Suas Almas, como as Justiças Seculares p.a seu socego, e sempre pagarão os Dizimos aos Dizimr.os de Suas Lavouras p.a á parte de S. Paulo; tanto assim, que q.do se descubrio S. Anna de Sapucahy, dando parte a D. Luiz de Mascarenhas. Gen.al neste tempo desta Comarca Francisco Martins Lustoza, o fez o d.o Gen.al Guardamór Reg.te, e logo por parte das Minas mandou Gomes Freire de Andrade ao Dr, Ouvidor do R.o das Mortes, viesse dividir a Comarca, e se fez a divisam no meyo do R.o Sapucahyassû, ficando dahi p.a Minas, e do meyo destrito p.a S, Paulo; e logo a Camera de Mogy das Cruzes foi tomar posse por parte desta Comarca pelo Secular e pelo Ecleziastico hum Paroco o P.e Lino Alz. Esteves, e assim se conservou m.tos anos, até q'. se descubrio S. Francisco de Paula do Ouro Fino, e subsequentem.te Cabo Verde; e como o d.o Lustoza se retirasse p.a as p.tes de Curitiba, o desta Comarca senam puzessem Justiças Seculares p.a regerem aquellas Terras, se proveram por p.te de Minas, e Luiz Diogo, General dellas, veyo adjunto com o Gov.or do Bispado, lançando aos Parocos fora; e provendo as Igrejas por parte de Minas, e antes poucos tempos mandou o D.or Gomes Freyre, pouco antes de seu fallecim.to pôr hum marco no Morro do Lopo, m.to fora, e dist.e do Destrito de Minas; sem dar pt.e ao Govern.or, que nesse tempo era Alexandre Luiz, e como inda naquelle Contin.te de Camandocaya não haviam Moradores, nem houve q.m disso desse parte; e povoada que foi a Terra de Moradores de Jaguary, q'. se foram alongando por aquelle Sertam, por parte de Minas se mandou no Caminho de Camandocaya pôr hum Marco em front.ra do Lopo, e no R.o Registo; e como a huns dous, outros mezes o Gen.al de Minas

chegou até o Marco, e passou ordem ao Cabo do Reg.º q'. todos os Moradores do Marco p.ª a p.te de S. Paulo, q'. ficassem p.ª S. Paulo' e tivessem as suas terras p.a a parte de Minas, q'. os obrigasse o Cabo do Reg.º a fazer arrancham.to do Marco p.ª dentro, e os obrigasse, a q'. todos os Dezimos, q. tenham pago para S. Paulo, tornassem a pagar aos Dezimeyros de Minas. Os q'. puderam, arrumaram se com dinheiro, outros com espera, e do Sup.te Manoel Gomes Maldonado, q'. nem terras tem no Dist.º de Minas, remataram todos os seus bens, e nam parece justo, q'. os Sup.tes sendo sempre moradores no Destrito desta Comarca, e terem p.ª os Dizimeyros della pago os Dizimos, q'. fiquem p.ª a parte de Minas, e tornem a pagar Dizimos segunda vez; e essa averiguaçam parece pertence aos Dezimeyros, Governadores, e snr. Gen.al das Comarcas, p.ª fazerem dividir as ditas, e depois dahi por diante pagarem os Sup.tes onde se lhes determinar, e nam pagar duas vezes: avista do q'. Pedem a V. Ex.ª, se digne dar providencia aos Sup.tes na forma q'. for servido, e receberãm mercê.»

Este documento é evidentemente o mencionado sob o n. 4 na seguinte carta do Governador de São Paulo Martim Lopes Lobo de Saldanha dirigida ao Ministro de Estado Martinho de Mello e Castro.

O original que devia ter ficado em São Paulo não tendo sido archivado no registro da correspondencia daquelle Governador não foi encontrado na busca a que se procedeu na occasião da confecção do Vol. XI do Archivo do Estado. A carta que faz referencia a este documento vem estampado a pagina 354 deste volume e nos seguintes termos:

«*Illmo. e Exmo. Snr.*—As continuas inquietações, e xames, com que são perturbados os Povos dosta Ca-

pitania, confinantes com os de Minas Geraes; e os inevitaveis prejuizos, que experimentará a Real Fazenda pela deminuição do Quinto de ouro da Caza da Fundição desta cidade. me obrigão a expôr na Prezença de V. Ex. os inattendiveis pretextos, com que por parte daquella Capitania se tem estabelecido, e continuão a estabelecer, alguns Registros no terreno desta, excedendo-se os antigos Limites, que lhe forão prescriptos; e violentando-se os Povos, comprehendidos dentro dos mesmos intrusos Registros a entrarem na derrama para complemento das cem arrobas de ouro, que os Mineiros das Geraes se obrigarão a pagar a Sua Magestade em lugar do Quinto.

«Estes extraordinarios movimentos já tiverão principio no anno de 1764, governando esta Capitania Alexandre Luiz de Souza Menezes. o qual não obstantes as providencias, que deo, e protestos que fez, não poude embaraçar a violenta posse que tomarão os Mineiros dos Arrayaes de Jacuhy, Cabo Verde, e Santa Anna, que até aquelle tempo sempre tinhão sido da Jurisdição desta Capitania, tanto pelo que respoita ao Governo Civil, como ao Ecleziastico, ficando até o prezente prejudicada a Real Fazenda desta Repartição nos rendimentos dos Dizimos, e nas entradas. q'. erão obrigados a pagar os que comerciavão para os mesmos Arrayais; e o que é ainda mais attendivel perder a mesma Real Eazenda o Quinto do ouro que extrahem os seos moradores, sem que por isso se augmente o numero das cem arrobas, a que se obrigarão os Geralistas.

«O Direita desta Capitania a respeito do Dominio dos referidos Arrayais he tam incontestavel, que o Bispo desta Dioçezc, reclamando, por via de litigio, a Jurisdição Ecleziastica, que se lhe uzurpou, obteve sentença.

«Parece que todas estas contendas respectivas a Limites devião ter finalizado com a chegada do Governador, e Capitão General Dom Luiz Antonio de Souza, em quem Sua Magestade restabeleceo o Governo desta Capitania, mandando restituir no antigo estado a sua Jurisdição: e dirigindo ao mésmo tempo ordem ao Conde de Cunha, Vice Rey do Brazil, para assignalar a demarcação das duas Capitanias. Em codsequencia desta ordem convocou o mesmo Vice Rey huma Junta de Ministros, e pessoas praticas no Pays para procederem na referida devizão, a qual se concluhio na forma do Assento de 2 de Outubro de 1765, copia N, 1.: Ficando este servindo de Norma inalteravel ás Capitanias confinantes, para não innovarem couza alguma a respeito de Limites, em quanto sua Magestade nam detãrminasse o contrario.

«Nam foram bastantes simillhantes precauções a cohibir a ambição dos Mineiros.

«No anno de 1771 fizerão huma nova irrupção pelo mesmo Jacuhy; erigirão Registos, e compellirão os subditos desta Capitania a pagarem os Dizimos Entradas, e mais Direitos para aquella Repartição com prejuizo notavel das applicações a que são destinados os reditos desta: Ficando de nenhum effeito as repetidas reprezentações feitas ao Governador, e Capitão General o Conde de Valladares; e nam merecendo attenção alguma ao Commandante encarregado daquella deligencia, o qual apoiava as injustas pretencões dos Mineiros, o protesto que se lhe mandou intimar, e que se remette por copia N. 2.

«Ainda que inteirado dos referidos factos nam quiz tudo innovar cousa alguma a este respeito, parendo-me acertado conservarme em inacção. até a Magestade, a quem o General Dom Luiz Antonio

de Souza tinha dado conta, rezolver o que fosse servido: Porém como da parte de Minas são continuos os movimentos, e os subditos daquella Capitania nam perdem occazião de uzurpar o terreno desta, commetendo violencias nas Povoações que com elles confinão nam me posso eximir, pela rigoroza obrigação que tenho de zelar a Fazenda de Sua Magestade, de repetir, os sobreditos procedimentos, e de relatar os que de novo se executão.

«No mez de Novembro do anno passado de 1777 reprezentou a Camara de São João de Atibaya, comarca desta cidade, que no destricto de Jaguari se tinha estabelecide Oum Registo, e posto huma guarda de soldados por parte da Capitania de Minas em consequencia de huma ordem do Intendente do Rio das Mortes, com o pretexto de auxiliar o Real Contracto das entradas: E que o dito Registo se achava situado mais de quatro legoas pelo interior desta Capitania, conprehendeuco debaixo debaixo da sua Jurisdição 127 fogos, e 745 moradores do circuito da mesma Villa,

«E porquanto a dita Camara se oppoz logo áquelle incompetente estabelecimento, protestando pela violencia feita a esta Capitania, e pelos prejuizos que se seguirão aos Reaes interesses da sua conservação, como se vê do Protesto copia N, 3., nam conseguio mais, do que respostas vagas do Official encarregado daquella deligencia, remettendose este ás ordens que trazia, e segurando nam vinha perurbar os subditos desta Repartição, nem embaraçar a cobrança dos rendimentos Reaes, que lhe pertencessem; porém a sua conducta sobre este ponto tem sido muito diversa das ditas promessas; e os requerimentos que ponho por copia na prezença de V. Ex. com N. 4., deixam muito bem vêr as vexações que se fazem aos vassalos de Sua Ma-

gestade, que ficarão debaixo do mesmo Registo, e quaes sejão as intenções de seo estabelecimento

«Pela carta do Intendente do Rio das Mortes, e condições nella insertas, copia N. 5. será patente a V. Ex. o frivolo protexto com que se pertendeu corar tam manifesta violencia, e que tanta se não conforma aquelle estabelecimento com o espirito das mesmas condições, que he contrario ao que nellas se determina.

«He certo, que Sua Magestade facultou aos Contractadores o poderem mudar os Registos para onde lhes parecer, e levantar outros novos nas paragens qne forem mais comodas aos viandantes, e aos seus interesses, mas tambem he certo, que se lhe declara nas mesmas condições, que devem reprezentar nas Juntas da Fazenda dos Destrictos aonde se houverem de fazer os estabelecimentos, ou mudanças dos ditos Registos, os motivos q'. para isso tiverem; e só estas dentro nos seus respectivos Limites lhe poderão deferir: porque do contrario se originarão inevitaveis dezordens, e fastidiosos conflictos de Jurisdicção.

«Mas não he, Senhor Exmo., o zelo do augmento do Real Contracto das Entradas, he sim o interesse, e ambição dos Mineiros, quem fomenta tão reiterados movimentos; por ser evidente, que quanto mais se dilatar o Destricto de Minas pelo terreno desta, ou de outra qualquer Capitania, mais suave ficará aos mesmos mineiros a derrama para complemento das cem arrobas de ouro, pois sendo mayor o numero dos lavradores, por quem se devida, menor será o orçamento para cada hum em particular. A conveniencia que lhes rezulta destas uzurpaçõas. lhes surgire a cada passo os pretextos mais especiozos, com que procurão atrahir para o dominio daquella Capitania os subditos desta: E certamente se Sua Magestade não occorrer com as providen-

cias proporcionadas a terminar tam repetidas dezordens, conseguirão os ditos Mineiros o absorver todo o rendimento do Quinto da Caza da Fundição desta cidade na cota das cem arrobas:. E perderá o Real Erario a importancia deste Direito, que he hum dos mais avultados da Capitania.

«E porquanto tenho uma larga experiencia, de que os referidos Mineiros, cegos da sua ambição, nem attendem aos prejuizos da Fazenda Real, que se lhes tem reprezentado, nem repararião em cometter os mayores insultos, se eu por via de força os quizesse expulsar das terras do meu comando; por isso exponho na Prezença de V. Ex. os presentes factos, para que Sua Magestade se digne determinar o que for servido. Deos Guarde a V. Ex. São Paulo a 28 de Abril de 1778. Illmo. e Exmo. Senhor Martinho de Mello e Castro. — *Martim Lopes Lobo de Saldanha.*»

Dos cinco documentos mencionados nesta Carta, que não prima pela exactidão historica, o n. 1 é o celebre Assento de 12 de Outubro de 1765 que nunca tive execução; o n. 2 refere a uma centenda na região de Jacuhy na administração do antecessor de Martim Lopes e somente os ns. 3 (protesto da Camaro de Atibaia), 4 (o documento presente) e 5 (a carta do Intendente do Rio das Mortes) tem referencia á questão dos terrenos do Rio Comandocaia.

Os documentos ns. 3 e 5 não tem sido conservados mas o seu conteudo pode ser inferido do requerimento dos moradores interessados, da carta de Martim Lopes ao Ministro e das seguintes cartas trocadas entre este ultimo e o Governador de Minas. D. Antonio de Noronha.

«*Illmo. e Exmo. Snr.* — Pela carta que V. Ex. me dirigio na data de 13 do mez passado, e pela copia

da carta do comandante de Jacuhy, n'ella incluza, venho no conhecimento de que, não só o dito commandante, mas huma grande parte des officiaes que se achão empregados no serviço nas paragens confinantes com esta Capitania, não tem outro ponto de vista mais do que perturbarem o socego de V. Ex., e de me inquietarem com continuadas desordens, motivados a fim de saciarem a sua cobiça, e de prejudicarem a Fazenda Real, pretextando as suas perniciosas intenções com apparente zelo de utilidade publica, e do serviço d'El-Rey, e pintando-as a V. Ex. com côres tão dissimuladas, que quasi he obrigado a dar-lhe o credito, que não merecem.

«He certo, Exmo. Sr. que depois de muitas e repetidas queixas que se me fizerão pelos extravios commetttdos pelas differentes estradas, por onde costumavão seguir os viandantes de Minas, e pelos descaminhos que experimentava a Real Fazenda nos seus direitos, me deliberei com o voto da junta da Real Fazenda; e tendo precedido informações de pessoas praticas e intelligentes, a mandar trancar os caminhos, que se julgavão mais favoraveis e proprios para os ditos extravios, entre aquelles foi comprehendida a antiga estrada de Jacuhy, por não ter ataque, e por se não seguir prejuizo algum ao commercio em dar entrada no novo Registo de S. Matheus, para onde fiz mudar o antigo do Rio Pardo, em attenção ao bom commodo dos viandantes; e já Sua Magestade, a quem costumo dar conta de todas as minhas determinações, se dignou approvar esta pelo seu Real Erario, como
i presente a V. Ex. pela copia incluza: N. 1.

«Persuada-se V. Ex., que nem os Mineiros, nem o
mercio experimentão incommodo sensivel n'esta
dança, salvo se fôr o de se lhe evitarem de algum

modo os contrabandos e extravios dos Direitos Reaes, nem tambem tema V. Ex. o commandante de Jacuhy: por quanto se os ditos extravios se acililão pela multiplicidade de estradas por onde os viandantes transitão, nas quaes não he possivel que haja a vigilancia necessaria, por legitima consequencia se deve inferir, que á proporção que se lhe diminuem as ditas estradas, se lhe fechão outros tantos portos aos mesmos extravios; d'estas mesmas cautelas usou sabiamente V. Ex. no Registo de Jaguary, para o mesmo effeito, mandando trancar differentes caminhos, e obrigando aos viandantes a que seguissem por hum sò, como se me participou pela carta que remetto a V. Ex., por copia N. 2.

«Igualmente não dèvo presumir que os povos da jurisdicção de V. Ex. attendão tão pouco aos seus interesses, que venhão fundir o seu ouro a esta Capitania, aonde forçosamente se lhe ha de tirar o Quinto, não ficando por isso alliviados da derrama para o complemento das cem arrobas de ouro que offerecerão a Sua Magestade. A vista do que tenho exposto, julgue V. Ex se eu deveria suspender as providecias economicas d'esta Capitania, tendentes á utilidade da Real Fazenda, pela vaga presumpção do commandante de Jacuhy, o qual, como tão zeloso da mesma Real Fazenda, podia applicar outros meios de cohibir os extravios no caso de haver fundamento de os temer.

«Estou bem persuadido que se este commandante, e os mais officiaes dessa Capitania informassem a V. Ex., e a junta da Real Fazenda com a verdade e circumspecção devida, teria V. Exa. evitado as continuas vexações, que se fazem aos povos desta Capitanio, e não me acompanharia o desgosto de ver que V. Ex., com quem desejo manter a mais sincera e verdadeira ami-

zade, permitta se excedão os antigos e impreteriveis limites das duas Capitanias, come succedeo ultimamente pela erecção do novo Registo de Jaguary, no dtstricto da villa de S. João de Atibaia, avançando-se mais de quatre legoas pelo interior desta Capitania, e ficando debaixo do mesmo Registo cento e vinte e sete fogos. e setecentos e quarenta e cinco visinhos da mesma villa.

«O pretexto deste impraticavel rompimento, parecerá a V. Ex., á primeira vista, favoravel aos Reaes interesses, e muito conforme ás condições 5.ª e 17.ª do contracto das entradas, as quaes remetto a V. Ex., por copia, com a carta do Doutor Intendente da comarca de S. João d'El-Rey, N. 3.: mas ao contrario, Exmo. Sr., elle he opposto ao espirito das mesmas condicões, e muito prejudicial á fazenda de Sua Magestade. He opposto ao espirito das condições, porque dando Sua Magestade faculdade aos contractadores para mudarem os Registos para onde lhes parecer, e levantarem outros novos naquellas paragens, que forem mais commodas aos viandantes, lhes declara devem elles representar ás juntas das Fazendas dos districtos aonde se houverem de estabelecer os ditos Registos, a necessidade que houver dos seus estabelecimentos, e só estas dentro dos seus respectivos limites lhes poderão deferir; o que bem so collige das mesmas condições; e do contrario, todo o procedimento que não fôr este motivará desordens e contendas de jurisdicção, como presentemente succede.

«He prejudicial á Real Fazenda de Sua Magestade, porquanto ao mesmo passo, que o districto de V. Ex. se fôr estendendo por esta, ou outra qualquer Capitania, perderá a Real Fazenda o rendimento do Quinto de todo o ouro qne se lavrar naquelles terrenos, sem

que por isso se augmente o numero das cem arrobas, que os subditos de V. Ex. se obrigarão a pagar annualmente a Sua Magestade pelo dito Quinto.

«Eu, Exmo. Sr., conheço clâramente que os commandantes dos descubertos visinhos a esta Capitania conloiados com os Mineiros, he que motivão todas estas inquietações para se verem mais alliviados da mesma derrama, porque sendo maior o numero dos lavradores por quem se divida, menor será o orçamente de cada hum em particular: mas estou certo, que V. Ex. não ha de consentir em hum damno tão manifesto da Real Fazenda, e que attendendo ao que tenho ponderado dará logo ae providencias. que pede tão importante materia, não só a respeito deste Registo, mas tambem dos movimentos que principião pelo descuberto do Rio Pardo, como me avisou o Guarda-mór daquellas Minas, Antonio Bueno da Silveira, em carta de 7 de Janeiro, e remetto a V. Ex. a copia do capitulo que trata deste particular, para que se digne ordenar se não inquiete aquelle povo, que já começa a sentir algumas perturbações.

«De boa vontade deixaria de molestar a V. Ex. com esta longa digressão se os factos que exponho na sua presença não fossem tão constantes, e se me não assistisse a bem fundada esperança de que V. Ex. fará pôr termo a tantas desordens; pois sei, que o seu animo he de conservar commigo huma boa harmonia, e que olha indifferentemente para a maior ou menor extensão de terra do seu governo, como me tem segurado nas suas cartas de 6 a 25 de Outubro, 16 e 26 de Dezembro de 1775, e da minha parte affirmo a V. Ex., que são contra o meu genio estas fastidiosas disputas, que diariamente fomentão huns poucos officiaes revoltosos, e dominados do espirito d'ambição. Deos Guar-

de a Vossa Excellencia. S. Paulo 6 de Fevereiró de 1778.—*Martim Lopes Lobo de Saldanha.*»

«*Illmo. e Exmo. Senhor.*—Recebi a carta de V. Ex. de 6 de Fevereiro do prezente anno, e por ella venho no conhecimento decapitarse V. Ex. da falsa conta pôr na prezença de V. Ex. ó Guardamor Antonio Bueno da Silva, dizendo este tinhão passado dois soldados pagos desta Capitania de Caboverde a estabelecer hum Registo no Rio Pardo; o contrario do que prezume o dito Guardamor verá V. Ex. na carta que remetto por copia do Intendente da Comarca respectiva, e do cabo da Guarda de Toledo.

«Emquanto aos mais capitulos da carta de V. Ex. relativos ás divizões desta e dessa Capitania, poderá V. Ex. melhor persuadirse da copia da carta do mesmo Intendente das sem razões com que os Povos dessa Capitania se queixão das vexações que dizem elles recebem dos Povos de Minas: Este Intendente assistio a todas as divisões, e ninguem pode dizer melhor sobre ellas do que elle. Logo que V. Ex. me advertio de alguns phantasticos procedimentos feitos pelos Povos de Minas aos dessa Capitania eu passei ordens necessarias ao dito Intendente como se vê da copia incluza para que desse as providencias precizas a fim de pôr em socego, tanto meu espirito, como o de V. Ex., que diariamente nos estamos embaraçando com bacatellas de pouca attenção.

«Se V. Ex. me fizesse a Justiça, que eu mereço me faça, nam se persuadiria da conta que lhe deo Antonio Gomes Machado: he sem duvida que eu passei aos confins desta Capitania com bem diferente destino daquelle que suppoem o dito Machado: e huma legoa para o Morro do Lopo achei huma roça cultivada por hum morador dessa Capitania, o qual a estava possuindo

sem titulos, e sobre isto passei as ordens que me parecerão justas para que os Reaes Interesses se nam prejudicassem. Agora dezejo eu que V. Ex. me diga se eu fiz mal, ou se intentei uzurpar aquillo que me não pertencia, depois de mediar a distancia de huma legoa entre a roça e o Morro do Lopo, cujo faz a divizão desta; e dessa Capitania. O dito Antonio Gomes Machado he hum homem indigno de se acreditar, e eu dezejaria que V. Ex. examinasse o seu procedimento com os Povos de Camandocaya, a quem elle sempre traz atropelados.

«Emquanto a Erecção do Novo Registo de Jaguari, no destricto da Villa de São João de Atibaya, sobre este particular escreveo a Junta da Real Fazenda desta Capitania ao Intendente da Comarca do Rio das Mortes, a fim de se evitar o que V. Ex. me expoem; e o Contractadór escreve na occazião ao Thezoureiro Geral desse Erario, dando tambem as suas providencias.

«Eu protesto a V. Ex. novamente a minha amisade, e o grande dezejo q' tenho de executar as suas ordens. Deos Guarde a V. Ex. Villa Rica a 23 de Março de 1778.—*Dom Antonio de Noronha.*

Illmo. e Exmo. Sr.—Tenho demorado a resposta de hûa carta, que V. Ex. me fez honra de dirigir na data de 23 de Março do proximo passado, tanto por livrar a V. Ex. das inquietaçoens, que lhe cauzão estas fastidiozas contendas sobre limites, como pelo conciderar empregado em dependencias de mayor ponderação, que certamente se devem preferir a estas pequenas dissençoens, que são tão ordinarias nos Povos confinantes, como hê o dezejo do seo melhoramento. Eu se não conhecera, que toda a relaxação, e condescendencia, que tivermos agora neste particular, poderá ser para o futuro muito prejudicial aos Reaes Interes-

ses, nem teria dado attenção ao que me reprezentarão os Subditos desta Capitania, nem mortificaria a V. Ex. com as minhas rogativas: mas devo agradecer ás suas sabias providencias o socego em que actualmente me concidero nesta parte, porquanto os moradores de hum, e outro Territorio, hâ tempos, que deixão de nos perturbar com as suas contendas.

«Acredite V. Ex., que vivo tão certificado das suas sinceras intençoens para comigo, que nunca me passou pela imaginação, que V. Ex. favoniasse as injustas pertençoens de alguns dos seos subditos; nem tão pouco deve prezumir da minha fiel amizade, que os Oficios, que lhe tenho dirigido sobre esta materia, tivessem outro objecto mais, do que querer conservar os limites desta Capitania no mesmo estado, em que os achei: regulandome sempre pela Divizão, que incluza remetto por copia, a qual nos deve servir de norma, emquanto S Magestade não determinar o contrrio.

Mas não hê este, Exmo. Sr, o ponto principal, que me conduz agora á sua prezença; hê sim remeterlhe a conta corrente das despezas feitas com os destacamentos dessa Capitania, que marcharão por esta em soccorro do Exercito do Sul, as quaes forão pagas pela Junta da Real Fazenda atê o ultimo dia de Dezembro do anno passado; pois me me vejo na mayor consternaçam, V. Ex pode conciderar, sem dinheiro algum nos cofres da Fazenda Real e obrigado a satisfazer os avultados soldos dos dous Regimentos, que já se achão nesta Praça vindos da Campanha, sem receberem couza alguma, há perto de tres mezes.

«Nesta critica situação, fiado na promessa, que V Ex. se fez, de satisfazer estas despezas, me vejo precizado rogarlhe, que, por serviço de S. Magestade, se digna mandar remetter pelo portador desta o Sargento

Mor Joaquim Manoel de Macedo e Vasconcellos a quantia de 13:456$155 reis, que tanto importa o saldo da dita conta corrente, do que logo enviarei conhecimento em forma para a conta do Thezoureiro Geral dessa Repartição.

Espero do favor, que sempre devi a V. Ex., faça expedir logo esta remessa, para ocorrer as dezordens que V. Ex. nam ignora, se podem originar da falta de pagamento das Tropas. Deos Guarde a V. Ex. S. Paulo 1 de Fevereiro de 1779.—*Martim Lopes Lobo de Saldanha.*

«*Illmo. e Exmo. Senhor.*—Recebi a carta de V. Ex· de 1 de Fevereiro do prezente anno; e sabre os pontos que ella contem respectivos aos Limites da Divizão das terras desta, e d'essa Capitania, já a V. Ex. ponderei por carta de 6 de Outubro de 1775 os justificados motivos que me obrigão a fazer conservar a posse dos territorios com que os meus predecessores tem dominado os destrictos pertencentes a esta mesma Capitania em observancia do termo de Junta feito em S. João d'El Rey pelo Exmo. Luiz Diogo em 26 de Novembro de 1764, do qual rezultou a aprovação de S. Magestade pelo Avizo de 25 de Março de 1767, e das mais providencias dadas por aquelle Governador a este respeito, de que remeti copia a V. Ex.; e o mesmo tornei a repetir a V. Ex. por carta de 25 do mesmo mez, e anno, referindo-me á sobre dita carta, nam podendo ceder os destrictos pertendidos por V. Ex. sem expressa rezolução de Sua Magestade, perante quem se achão pendontes as contas que derão os meus Predecessores, e os de V. Ex. sobre este mesmo particular, porque só pertendo conservar aquellas Povoações ns mesmo estado em que justamente as pos-

suirão os meus Exmos. predecessores, sem suscitar couza nova, que não seja a da Real Decizão.

«Tambem em cartas do 21 de Abril de 1777, 13 de Janeiro, de 78 e a 23 de Março do mesmo anno, a qual V. Ex. prezentemente me responde, insistindo na mesma pertendida possessão, expuz a V. Ex. as inquietações que experimentavão os Povos desta Capitania, cauzadas pelo dessa, e motivadas destas fastidiosas duvidas de Limites, sobre as quais ninguem podia dizer melhor sobre ellas, que o Intendente da Comarca de S. João por ter assistido ás devizões; Estas perturbações ainda prezentemente continuão, como V. Ex. verá da copia da carta do dito Intendente de 30 de Dezembro do anno passado, que incluza remetto com outras duas cartas respectivas ao mesmo assumpto, a qual resposta foi dada em execução da ordem que lhe foi dirigida pelo Tribunal da Junta desta Capitania.

«Eu estou certo, que se V. Ex. estivesse Governando esta Capitania havia de defender o justo Direito, que me accompanha, relativo áquelles territorios; e suposto eu me capacito do descernimento judiciozo de V. Ex. pelas provas que tem dado, sompre devo ponderar a V. Ex. esta simples reflexão: Que o sobre dito Avizo, pelo qual Sua Magestade aprovou o termo de Junta, e providencias dadas pelo Exmo. Luiz Diogo he datado em 25 de Março de 1767 muito posterior da ordem, e assento tomado no Rio de Janeiro, a que V. Ex. se refere, e do qual não houve até o prezente aprovação Regia: Agora considerandose V. Ex. em meu lugar, dezejo me diga, se pode haver razão para que esteia por aquella disciziva aprovação, sendo a ultima houve, sem que offenda a observancia da Real ...rminação.

...inalmente Exmo. Senhor pareceria injusto que eu

não desse resposta ao prezente officio de V. Ex. ; é este o motivo porque a dou sobre semilhante assumpto, porque nada mais posso dizer do que .o que já tenho repetido nas sobreditas minhas cartas, nem mudarei de parecer dos fundamantos, que refiro. porque se a V. Ex. não parecerem justos, pode entrar por toda esta Capitania com forças de Armas. e sem ellas, que en protesto e nam hei de impugnar, porque não devo fomentar huma Guerra civil entre dous Governos vassalos da mesma Monarquia, e contraria ás Pias Intenções da Nossa Augusta Soberana.

«Só me resta rogar a V. Ex. com as mais vivas expreções com que dezejo ver tranquilizados os Povos dos Limites confinantes, e da reciproca união, em que nos devemos conservar sem mover duvidas, porque nenhumas podem ser intentadas sem prejudicar os Reaes interesses, como prezentemente se está experimentando nesta Capitania: Queira V. Ex. por huma vez pôr esta materia na Real Prezença de Sua Magestade para a sua decizão, que sendo servida aprovala. se finalizará o dezasocego em que nesta parte tem vivido os nossos espiritos, porqué só assim eu cederei em a cumprir gostosamente junto com as determinações de V. Ex.

«Remeto a quantia que na carta de V. Ex. me pede das despezas que fizerão os Destacamentos desta Capitania, que marcharão em soccorro do Sul, a qual conduz o mesmo Sargentomor Joaquim Manoel de Macedo e Vasconcellos, que V. Ex. mandou. Deos Guarde a V. Ex. Villa Rica a 16 de Março de 1779.—*D. Antonio de Noronha.*»

Nesta correspondencia cada governador ao passo que reaffirma o que julga ser os antigos direitosda sua Capitania (o de São Paulo firmado no Assento de 12 de Outubro de 1765 e o de Minas no Assento de Luiz Diogo

e no Aviso de 25 de Março de 1767) declara a sua intenção de manter provisoriamente a posse do territorio que lhe foi entregue pelo seu antecessor. Esta posse pela parte de Minos foi delimitada na estrada que seguia de Atibaia a Santa Anna do Sapucahy, pelo Morro do Lopo designado como diviza entre as duas Capitanias pelo auto de Thomaz Rubim lavrado em 1749. Nesta morro tinha sido collocado um marco que conforme diz o requerimento foi feito por ordem de Gomes Freire de Androde pouco antes do seu falleeimento em 1763. Dois mezes antes do requerimento D. Antonio de Noronha tinha visitado este marco e conforme elle affirma, limitado a sua jurisdicção pelo mesmo marco, affirmação esta que é confirmada pelo proprio requerimento.

A questão verdadeira, porém, não era sobre a posi,ão do marco que não era contestada pelos supplicantes mas sobre a posição da linha tirada do marco para o norte, posição indeterminada e que os moradores fizerão variar conforme os seus interesses do momento. Assim por exemplo o aucto de D. Antonio de Noronha de que se queixa no requerimento achava-se de certo modo justificado por acontecimentos recentes que os supplicantes acharão conveniente não mencionar nas suas recordações historicas. Antes, porém, de referir estes acontecimentos convem reestabelecer a verdade historica sobre a primitiva demarcação uesta região que foi feita de modo bastante differente do contado no requerimento e na carta de Martim Lopes que parece ter se guiado por este mesmo requerimento.

Conforme o requerimento conta a historia, a demarcação das duas comarcas do Rio das Mortes e de São Paulo foi feita por ordem de Gomes Freire de Andrade pelo meio do Rio Sapucahyguassú e depois da descoberta de ouro em Santa Anna do Sapucahy e da nomeação

por D. Luiz de Masçarenhas, governador de S. Paulo, de Francisco Martins Lustosa como Guarda Mór do novo descoberto, tendo o districto passado á posse mineira por descuido ou abandono. do mesmo lustosa. Consta mais o requerimento que annos depois (pouco antes do seu fallecimento) Gomes Freire mandou pôr um marco no Morro do Lopo e que, tempos depois, o governo de Minas mandou por um outro no caminho de Comandocaia «em fronteira do Lopo e no Rio Registro».

O facto historico, porém, conforme consta dos documentos officiaes estampados no Vol. XI do Archivo de São Paulo é que a posse mineira tomada nas margens do Rio Sapucahy foi acto da Camara da Villa de São João d'El-Rei a 4 de Março de 1843 em occasião em que não era conhecida a existencia de ouro ao sul do mesmo rio o qual foi livremente escolhido pela dita Camara como limites das suas pretensões. Nesta occasião a contenda era a respeito do territorio a direita do Rio Sapucahy no districto da Campanha do Rio Verde e pouco tempo depois a questão foi resolvida conforme a vontade da Camara Mineira pela Provisão Regia de 30 de Abril de 1747.

Já neste tempo, porem, tinha se descoberto ouro em Santa Anna do Sapucahy a esquerda do rio e a Camara de São João d'El-Rei contestava a posse tomada, a 30 de Outubro de 1746, pela Camara de Mogy das Cruzes e tratava de expulsar pela força o Guarda-Mor, Francisco Martins Lustosa, nomeado pelo governador de São Paulo, como em 1743 tinha expulso do Arraial da Campanha o Guarda-Mor Paulista, Bartholomeu Bueno. Lustosa appoiado pelo Governador de São Paulo resistisse e o districto manteve-se em estado de guerra que levou o governo de Lisboa a suspender o governo separado da Çapitania de São Paulo, pela Provisão Re-

gia em 24 de Agosto de 1748 e de encarregar Gomes Freire de Andrade com a demarcação das duas Capitanias indicando-lhe para este fim os rios Grande e Sapucahy, mas deixando lhe a faculdade de escolher outro limite. Em execução desta Provisão Regia, Gomes Freire deu instrucções ao Ouvidor da Camarca do Rio das Mortes, Thomaz Rubim de Barros Barreto, de correr a linha de demarcação pelo alto da Serra da Mantiqueira até encontrar o Rio Grande sendo evidente a sua intenção de incluir toda a bacia do Sapucahy na Capitania de Minas. A o eraçã era de impossivel execução mas esta circumstancia não impediu que Thomaz Rubim lavrasse, a 19 de Setembro de 1749, o seu celebre auto de demarcação designando o Morro do Lopo como ponto extremo da linha divisoria pelo alto da Serra da Mantiqueira e deixando vago todo o resto da demarcação. Lustosa recusou-se a receber a ordem de Gomes Freire mas não deixou de respeital-a, abandonando a sua resistencia armada e retirando se primeiro para o arraial de Ouro Fino e subsequentemente para Curitiba assim escapando da ordem de prizão que foi expedida contra elle. A 29 de Junho de 1750 os Mineiros tomarão posse do arraial de Ouro Fino não obstante que pelo espirito e lettra das Instrucções de Gomes Freire, este pertencia ao territorio paulista por estar fora da bacia do rio Sapucahy. Assim esta posse foi quatorze annos anterior á visita do Governador Luiz Diogo referida no requerimento.

Em alguma epocha, não consta quando ou por quem, foi collocado (ou esculpido na rocha) um marco no Morro do Lopo mas é pouco provavel que houve para [illegible] expresso de Gomes Freire. Pelo contrario é [illegible] este Governador deu a 9 de Novembro de [illegible] uma carta de Sesmaria a Claudio Furquim de

Almeida de um terreno situado para o lado mineiro do Morro do Lopo tratando o como pertencente á Capitania de S. Paulo. A unica outra referencia a este marco que se encontra nos documentos antigos é na representação da Camara de S. Paulo a 30 de Setembro de 1771 (Archivo, Vol. XI, p. 118) em que se diz que por ordem de Thomaz Rubim « meterão hum marco, ou esculpirão humas letras em hum penedo nativo naquella parte, que dizem — Divizão das Capitanias de S. Paulo e de Minas» Esta noticia por ser mais minuciosa merece mais confiança do que a do requerimento, bem que possa ser em erro a respeito da data da collocação do marco, sendo porem mais provavel que esta fosse no tempo de Thomaz Rubim, quando o negocio da demarcação era fresco, do que nos ultimos annos da administração de Gomes Freire nos quaes nada consta para motivar esta providencia. E' tambem possivel que ambas as noticias estejam em erro e que o marco fosse collocado subsequentemente ao estabelecimento por Luiz Diogo em 1764 de um registro mineiro nas margens do Rio Jaguary junto ao Morro do Lopo. Seja isto como for, não ha noticias mais modernas deste marco cuja posição fica incerta sendo porem provavel que fosse nas immediações do dito registro em Santa Rita da Extrema.

O requerimento falla de um outro marco posto depois de povoada a região no caminho de Comandocaya « em fronteira do Lopo e no rio Registro.» Esta referencia deve ser ao registro estabelecido em 1771 por ordem do Conde de Valladares, governador de Minas, no districto do actual São José de Toledo. Nos acontecimentos deste anno que para a questão presente tinham muito mais importancia do que os referidos, um dos signatarios do requerimento, Simão de Toledo Piza,

teve parte saliente, mas sobre estes o documento guardou um silencio discreto. A historia que vem quasi completamente documentada no Vol XI do Archivo de São Paulo é a seguinte.

Simão de Toledo Piza pertencente a uma familia importante da Capitania de São Paulo tinha, conforme declaração na carta citada em baixo, descoberto ouro na região do alto Comandocaya do que deu parte ao governador de São Paulo, D. Lúiz Antonio de Souza, logo depois da chegada deste na Capitania, isto é, em 1765, na esperança que seria em breve restabelecido os antigos limites pretendidos por São Paulo pelo Rio Sapucahy e que lhe seria permittido lavrar o seu descoberto. Como porem D. Luiz Antonio tinha ordem de não permittir mineração na Capitania de São Paulo e ficando demorada a solução da questão de limites, Simão de Toledo Piza entendeu, em 1771, obter a desejada licença do governador de Minas conforme se deprende da seguinte carta escripta a um official do Governo de Minas.

«Por me ser constante o zelo, e a fidelidade com que V. mce. se porta no Real serviço interessando só no aumento Regio; sou o dizer a V. Mce. por meio desta que confio da sua actividade. exvi do conceito que o Illmo. e Exm. Sr. Conde General faz de V. Mce., para que logo sem demora ponha na prezença do dito Senhor o fidelidade com que me desejo empregar no Real serviço, e o quam atento sou a S. Exa., suposto dei para São Paulo hum Descuberto nos dias em que o General de S. Paulo chegou, por me ter segurado o Sargento Mor Pedro Taques e D. José, que naquelles nte dias, ou hum mez tomava posse o dito General Sapucahy para ca, a quem logo disse, ou ao mesmo eneral, que era do Lopo para dentro, ao que me res-

pondeo, que se nam repartiria, senam depois de tomar posse, e como nunca tomou, estive tudo em silencio todos estes annos. He senam quando em Dezembro passado recebi carta do Guarda Mor de S. Paulo para que fosse falar lhe a beneficio de se repartir o meu Descuberto, e sem lhe responder, logo fui ao Ouro fino mostrar a dita carta ao Cabo Manoel José, e ao Alferes Luiz de Freitas, pedindo a estes que dessimos huma conta disto ao Illmo. Sr. Conde General, e que supposto o tinha dado para S. Paulo, foi com a certeza que tenho dito da posse, mas que como nunca a tomava, que sempre eu me queria mostrar fixo, firme, e leal á minha Capitania, e especialmente a quem era verdadeiramente meu Superior, como o Illmo. o Exmo, Sr. Conde General, nam quizeram estes dar esta conta, o Cabo Manoel José de Azevedo, que so depois de repartido o faria e o Alferes com razoens frivolas se escuzou de sorte, que alterando vozes com o dito Cabo disse a todos os que se achavam prezentes, como Lino Jose de Freitas, e o Fiel Antonio de Souza, e Joam Pereira, que todos me servissem de testemunhas para a todo o tempo mostram que eu tinha feito o que devia e cazo Illm. Sr. soubesse, me nam culparia a mim, mas sim a estes, pois mostravam nam ser constantes a esta Capitania, mostrando tambem, quererem quasi ceder desta jurisdicam para a de São Paulo, e voltando para este sitio achei carta de São Paulo, em que me chamavam em nome do Sr. General, a quem forçosamente havia obedecer, o qual me disse estava informado, que o meu Descuberto lhe pertencia, dizendo me daria huma parte, ou satisfaçam ao Sr. Conde General, e como vejo esta uzura que se faz a Capitania de Minas, digo a V. Mce. que o meu Descuberto he verdadeiro, porque tenho socavado meya legua com jornaes certissimos para qua-

tro vintens até meyas patacas. e só falta socovar o mais até a barra que terá uma legua, este ha hum ribeironete, que nasce na Serra Negra. Tambem está o rio de Camandocaya, rio grande com oiro desde a dita Serra Negra até o Salto Grande, que tera 6 até 7 leguas, de distancia do principio da Serra Negra para baixo até certa distancia com ouro para jornaes certos de quatro vintens; e dahi para baixo espero jornaes de muito mais avantejados, fora outros Corregos, e ribeiroens, que desaguão no dito rio que está tudo por ver bem, pois tudo mostra oiro em qualquer parte, e como sei o quam util será ao Povo de Minas, e muito mais ao agrado de S. Exa. faço esta a V. Mce. para que com toda a brevidade faça saber ao Illmo. Sr. Conde para que logo e logo mande socavar e repartir, antes que o Sr. General de S. Paulo o mande repartir, pois me determina por carta sua, que mande abrir o caminho para o dito efeito e eu como vejo que ha de tirar o direito ao Illmo. Sr. Conde General, alem do muito desejo, que tenho, e fidelidade com que sempre fui a minha Capitanla de Minas, pois della sou freguez, e para lá pago Dezimos, avizo a V. Mce. rogando lhe por meyo desta para que me ponha na prezença do dito Sr. Conde, para que se nam ponha contra mim, pois pelas muitas limitadas forças nam vou pessoal aos seus illustres pes beijar lhe a man, mas se se quizer informar melher da minha verdade, e ser conhecerá, que nam sou de fabula, e o Capm. Mor José da Silva Pontes, Agostinho Soares, e meo Irmão Franco. Xer. Paes que mora em Marianna, estes darão a dita informação, e tambem

e o Sr. General de São Paulo nam fique con-
exvi da cautella e recomendaçam que me
quaes ainda mais desconfio, e o Sr. Conde
que se compadeça das necessidades que ha,

é mayormente amercé, que havendo este remedio nas minhas terras estou padecendo a falta de se não repartir, e pode V. Mce. segurar ao dito Senhor, que repartido isto, ha muitos mais corregos e rios para se descobrirem, por haverem terras, matos, serras, e corregos infinitos. As mostras do dito Descuberto as vio o Sr. General de S. Paulo e he oiro muito bonito e de muito pezo. Estimarei a boa saude de V. Mce. que Ds. Gde. por m. an. Campanha da Lagoa, hoje 2 de Julho de 1771. De V. Mce. seu muito venerador, e afeituoso. *Simão de Toledo Piza*».

Por esta carta parece que mezes antes, em Dezembro do anno anterior, tinha havido um certo rumor a respeito das novas minas e que pessoas de São Paulo tinha se interessado em segural-as para esta Capitania obtendo do governador o levantamento da interdicção da mineração e a abertura de uma picada para a região. De facto D. Luiz Antonio tinha dado, a 10 de Abril, ordem para abrir a picada (Archivo, XI, p. 104) baseando-se em informações dadas por Simão de Toledo Piza e uma carta do Commandante de Ouro Fino, Luiz de Freitas Villalva. Este Commandante é o Luiz de Freitas do qual ha queixa na carta supra e a referida carta que só podia ser sido communicada pelo proprio Simão de Toledo Piza é a seguinte.

«*Senhor Capitão Simão de Toledo Piza*. A respeito do que V. M. quer saber da demarcação das Capitanias, e informações que diz a esse respeito ao Ajudante Domingos Soares de Barros foi o que me escreveo pedindo a informação, a qual era por ordem do Illmo. e Exmo. Snr. Conde declarando tudo o que se perguntou, Como disse eu a V. M. informei que a demarcação ou marco que se poz era no lopo no caminho velho e segundo o que me praticou o Capitão Verissimo João de

Carvalho não so huma vez senão muitas vezes que foi o que se achou com o Ouvidor Rubim que mandou passar o termo, ou lavrar dizia que daquelle marco correria rumo direito a buscar o caminho de Guayazes acima da Freguezia de Mogy Guassu duas legoas, e daly correria pelo caminho de Guayazes até o Rio Grande (1) o qual rumo não poderia de sul a norte, e que poderia ser de sul a nordeste, e nesta forma poderia passar o caminho que hoje serve para Jacarehy pelo Lima chamado pouco mais ou menos nesta informey. Ouro Fino 22 de Março de 1771. De V. M. Primo Amante e Atento Ven.or e obrigadissimo, *Luiz de Freitas Villalva*».

Assim parece que já antes de 22 de Março o Conde de Valladares tinha mandado um official verificar a posição do novo descoberto. O mesmo facto consta da seguinte carta do Commandante de Camandocaya (hoje cidade de Jaguary) que foi remettido a D. Luiz Antonio, conjunctamente com a carta supra de Simão

(1) Esta carta é muito interessante por dar a interpretação dada por um contemporaneo e signatario do auto de Thomaz Rubim (Verissimo João de Carvalho) ao modo de ligar o Morro do Lopo ao Rio Grande pela dita demarcacão. Este modo era por uma linha recta traçada do Morro do Lopo para um ponto na estrada de Goyaz duas leguas acima da Freguezia de Mogy-Guassú e por esta estrada até o Rio Grande. Como esta linha não está expressa na Instruccão de Gomes Freire de Andrade nem no Auto de Thomaz Rubim, temos assim a demarcação imaginada por Verissimo João de Carvalho differente destas duas e differente tambem da imaginada por iiz Diogo em 1764. A linha Verissimo João de Carvalho ffere tambem da traçada nos mappas de 1778, 1804 e 1808 e ndo mais favoravel o Minas do que a actual linha de posse do que a maioria das outras linhas que se tem imaginado é meciamente recommendavel á attencão dos Mineiros.

de Toledo Piza em carta de 1 de Agosto pelo Conde de Valladares para justificar o posse que pretendia pa região.

«*Carta do Commandante de Camandocaia ao Cabo Comandante Francisco David Otoni. 1771*

«Tempos ha em que me deo Simão de Toledo Piza huma parte na qual me manifesta hum Descoberto na sua Campanha o qual segundo as confrontaçoens fica do Morro do Lopo para dentro da demarcação destas Minas, buscando para Ouro Fino; essa parte á eu a dei a S. Exa. e o dito Sr. mandando se informar, veyo o Ajud. Domingos Soares de Barros, e se informou de pessoas apaixonadas pela parte de S. Paulo só a fim de que eu ficasse mal pela razão de que na mesma conta que dei do Descuberto, tambem dei de dois oficiaes, que me deixaram fugir dous prezos, os quaes oficiaes foram o meo Ten.e Manoel Per.a, e o meo Alferes Braz Estives da S.a, e estes mesmos forão que derão a informação ao tal Ajud.e, fazendo a demarcação ser por hum Cargo por onde nunco foi, pois a demarcação, e marco desta Capitania he pelo Morro do Lopo, por cuja razão está o dito Descuberto em cauza parada, e eu zellozo, e fidedigno a Sua Mag.e dou a V. Mcê. este parte para ver a providencia que lhe dá, porque atendendo a consternação dos Povos de Minas, pela sujeição, em que estam das cem arrobas, como tambem pelo gosto que sei V. Mcê. ha de ter de dar esta parte a S. Exa. para que tenha no tempo de seu feliz Governo este aumento, Desejo a V. Mcê. saude que Ds. Gde. m. an. Camandocaya a 22 de Junho de 1771 De V. Mce. mto. venerador e Criado. O Cap.m Com.de *Antonio Correya Gallaz.*»

No emtanto D. Luiz Antonio tinha mandado, a 17 de Junho, á Camara de Atibaia verificar se o districto pertancia ou não á Capitania de S. Paulo e esta Camara tinha respondido affirmativamente por um Auto lavrado, a 24 do mesmo mez no paragem chamada Campanha da Lagoa que era o proprio sitio de Simão de Toledo Piza. A este ultimo D. Luiz Antonio escreveu a 30 de Junho a seguinte carta, parecendo que tinha havido outras anteriores que não tem sido conservadas.

«Vejo o que V. M. me diz sobre a abertura do caminho que se deve fazer para o Ribeirão do descoberto a fim de se mandar sucavar e fazer as experiencias necessarias para a sua repartição.

«Por este principio sou a dizer a V. M. que logo e sem demora faça acabar a abertura do dito caminho e concluido que seja me remeta com toda a brevidade as amostras que extrahirem com a certeza da pinta que se tirar para com esta deligencia eu mandar os sucavadores a fazer o mais serviço que manda o Regimento e nisto não tenha V. M. o menor descuido ou demora que lhe possa servir de prejuizo pois sem eu ter a cabal certeza do que ha não posso mandar os sucavadores por não fazer gastos desnecessarios e logo que V. M. me fizer avizo certo como tenho referido os farei expedir com toda a brevidade.

«Tambem he precizo que V. M. mande dizer a extenção em que sa dilatão as terras mineraes do dito descoberto e os corregos que em sy contem.

«He tudo o que se me oferece dizer a V. M. que Deos guarde muitos annos. S. Paulo 30 de Junho de [illegible] *D. Luiz Antonio de Souza*. Sr. Simão de Tole-

[illegible] de Agosto o Conde de Villadares communicou

a D. Luiz Antonio que tinha mandado uma guarda de dragoens ao districto em questão, e este parece ter chegado na occasião em Simão de Toledo Piza respondeu ao governador de S. Paulo nos seguintes termos.

«*Illmo, e Exmo. Snr.* Forão as letras de V. Exa. para a minha veneraçam hum mimo especial da ventura, e huma particular Lizonja para o meo gosto, pois o descostume desta honra que sempre apeteci, me duplica o afecto, e augmenta o meu gosto. Curtos seram meus rendimentos para a honra que recebo de V. Exa., e me permita todas as occasioens do seu serviço

Dentro da alma sinto nam dar execuçam ao que V. Exa. me ordena na sua, nam tanto pela notificação que me fez o Cabo, que fallou a V. Ex. da parte do Sr. Conde para eu daqui nam arredar com pena de ser prezo, como me ha de impedir huma Guarda de hua Esquadra de Soldados que ca estão nesta Campanha, que a vista desta julgue V. Exa. o que poderei obrar, que me considero apertado de duas partes, de V. Exa. porque o dezejo servir, e nam posso; do Sr. Conde, porque infallivel me castigará. Descursando V. Exa. o aperto em que me vejo, me não dará o nome de desobediente, e para tudo o mais terá V. Exa. sempre a sua obediencia que Ds. Gde. m. an Campanha hoje 16 do Corrente (Julho ?) de 1771. De V. Exa. O mais obediente S. e afeituoso Cr. *Simão de Toledo Piza*. D. Luiz Antonio de Souza.»

Como nenhum dos dois governadores quiz ceder nas suas pretenções forão estabelecidas guardas de lado a lado sendo provavel que o rio Camandocaia servisse de limite nominal entre as duas guardas. O districto continuava quasi em estado de guerra até 1774 quando o successor do Conde de Valladares mandou retirar a guarda mineira que foi porem reestabelecida no anno

seguinte. E' pois de presumir que o segundo marco de falla o requerimento fosse collocado durante o estado agudo desta contenda, isto é, entre 1771 e 1774.

Assim, pois, o documento aqui considerado não contou direito a parte da historia em que os seus signatarios não tomarão parte possoal e guardou silencio absoluto sobre a, muito mais importante para o caso, em que tinham sido actores. A sua importancia historica principal é em provar que já em 1778, Simão de Toledo Piza estava arrependido, e quiça envergonhado, do papel que tinha representado e, já tarde, procurava restaurar este districto á jurisdicção paulista. Como um bello exemplo da influencia dos interesses privados do momento de certos moradores da região litegiosa nas oscillações da linha divisoria nominal de duas grandes Capitanias, Provincias e Estados é bastante interessante e merece ser registrado nas paginas da Revista do Instituto Historico de São Paulo.

Orville A. Derby

Documentos relativos a Questão de Limites entre São Paulo e Minas Geraes

Na Collecção de Documentos relativos á secular questão de limites entre os estados de São Paulo e Minas Geraes, publicada recentemente no volume XI do Archivo do Estado de São Panlo ha referencias a alguns de maior ou menor importancia, que não foram reproduzidos por não serem encontrados no respectivo Archivo, ou por nunca lá ter tido entrado (como os que pertencem exclusivamente ao Archivo Mineiro) ou por ter desaparecido pela aeção do tempo ou por uma casualidade qualquer. Ultimamente alguns destes documentos que faltavam tem apparecido nas columnas do Correio Paulistano tendo sido remettidos em copias devidamente authenticadas da Bibliotheca Nacional de [illegible] por um correspondente cujo nome não apparece [illegible] jornal mas que não é indiscrição declarar ser José Custodio de Alves Lima. Um destes docu-

mentos, a representação de certos moradores do districto de São José de Toledo referida na carta de 28 de Abril de 1778 do Governador Martim Lopes Lobo de Saldanha (Vol. XI do Archivo do Estado de São Paulo p. 354), já foi communicado ao Instituto comum longo commentario para ser estampado na sua Revista. Parecendo conveniente que os outros ainda ineditos, salvo nas columnas de um jornal diario, sejam conservados de modo a ser mais accessiveis aos estudiosos, os trago á attenção do Instituto para que figurem igualmente nas paginas da Revista que assim tomar-se-ha o comprimento do referido Volume XI do Archivo para os que desejam estudar a questão.

Os documentos transcriptos em seguida são cartas de diversos governadores de Minas das quaes duas dirigidas ao Secretario de Estado em Lisboa nunca foram communicadas ao governo de São Paulo e portanto nunca tiveram entrada no Archivo deste estado. A outra dirigida ao governador de São Paulo devia ter ficado archivada aqui porem nem esta nem outra do mesmo governador Antonio Carlos Furtado de Mendonça foram encontradas parecendo que se tem extraviado o competente livro de registro. Para a questão de limites a importancia principal destas cartas consiste em demonstrar que os primeiros governadores de Minas que tiveram em mão a celebre carta de 25 de Março de 1767 do Secretorio de Estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado não a considerava como uma rosolução final e completa sobre a questão de limite que então se discutia com o governador de São Paulo, D. Luiz Antonio de Souza. Constituem portanto provas irrefutaveis, da certeza da proposição que baseada nas documentos imcompletos que tive a vista, aventurei na Introducção do referido Volume XI do Archivo, que

aimportancia suprema dada á dita carta de 25 de Março era uma interpretação forçada que levou bastante tempo para ser claramente formulada. Julguei na occasião que esta interpretação tinha sido dada em 1773 pelo governador Antonio Carlos Furtado de Mendonça, mas agora é claro que nem este nem o seu successor, D. Antonio de Noronha davam tanto alcance a referida carta que só foi officialmente arvorada em solução da questão de limites trinta annos depois da sus expedição na carta de 29 de Dezembro de 1797 de Bernardo José de Lorena (Vol. XI do Archivo do Estado p. 418).

«*Carta do Governador de Minas ao Secretario de Estado em Lisboa*

« *Illmo. e exmo. senhor*: — Na carta que recebi de v. exa. do vinte e sinco de março do corrente anno, e em que me certifica ter sida entregue das que lhe dirigi nas datas de sinco do referido mez e desanove de julho de mil setecentos sesenta e sinco, que pôz na Presenç de S. Mag.e F. vejo conseguir a felicidade de approvar o Mesmo Senhor pela sua Inata Generosidade as providencias que dei em S. João, e S. Pedro de Jacuhi, Cabo Verde, Ouro Fino, Jagoari e Tajubas para evitar na parte possivel os extravios de ouro e diamantes, e igualmente as relativas ao descoberto de Juruóca, determinando-me o fassa continuar debaixo da observancia das ditas providencias, Assentos da Junta de vinte e seis de novembro de mil setecentos sesenta e quatro, Bando, Instrucções e ditas cartas que dei para os referidos descobertos e seus annexos, que procurarei executar seguraudo a v. exa. o particular gosto, que me resulta de ter merecido nesta parte apro-

vaçãs de S, Mag.e F., attribuindo-a não só por felecidade, mas em premio da sincera e eficaz vontade com que me não separo do verdadeiro dezejo de acertar em tudo, e por tudo com a recta Intencão do Mesmo Senhor e de viver unido ao que for do seu mayor agrado.

. . . . . .

«Deus guarde a V. Exa. ms. ans. Villa Rica, 3 de julho de 1767.—Illmo. e Exmo. sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado.—*Luiz Diogo Lobo da Silva.*»

Carta do Governador de Minas ao Secretario de Estado em Lisboa

«*Illmo. e Exmo. Snr.*—O Governador que foi desta Capitania Luiz Diogo Lobo da Silva passou no anno de 1764 nos territorios de Jacuhy, Cabo Verde, Sapocahy, e outros, onde deu algumas providencias côncernentes á boa arrecadação da Real Fazenda, que foram approvadas pelo Avizo expedido pelo Illmo. Snr. Franisco Xavier de Mendonça Furtado, a 25 de Março de 1767, como consta da primeira copia junta. (1)

«Entrando ao depois disso o Conde de Váladares a Governar esta Capitania foi perturbado na posse daquelles territorios pelo Governador de S. Paulo D. Luiz Antonio de Souza; do que rezultou dar hum e outro contas a S. Magestade, que estão indicizas.

«O mesmo Governador de S. Paulo pertendeo que Antonio Carlos Furtado de Mendonça sucessor do Conde de Valadares neste Governo lhe entregace as terras assima declaradas, o que elle não fez, como consta da segunda copia junta. (2)

«Ultimamente o actual Governador de S. Paulo entrou na mesma pertenção por meio da carta que me di-

(1) Ve-se pg. 84, vol. XI do Archivo do Estado.
(2) **Ve-se a carta em baixo.**

rigio, e consta da terceira copia junta, (1) a qual eu respondi o que consta da quarta copia tambem junta. (2) Alem disto constou-me que os moradores dos territorios do Ouro fino, e Campanha de Toledo pertencentes a esta Capitania se achavão inquietos com as ordens que os Commandantes de S. Paulo pertendião executar naquelles destrictos; e ponderando eu as perigosas consequencias desto inovação, expedi uma guarda para pacificar, e conter os povos, ordenando ao Cabo della qne não fizece a menor resistencia aos ditos Commandantes no cazo de entrarem por força nas terras desta Capitania; o que partecipei ao Governador de S. Paulo, o dito Cabo, para maior commodidade da Guarda se aquartelou em hum citio pertencente a S. Paulo, e pouco distante dos Limites desta Capitania; e eu o mandei imeditatamente retroceder partecipando-o ao Governador de S. Paulo.

«V.ª Ex.ª se digne pôr esta materia na Real Prezença de Sua Magestade para que o dito Senhor mandando examinar os documentos juntos, e as contas que derão meus predecessores, haja de Determinar esta contenda que tem perturbado o socego dos Povos habitantes das terras Litigiozas; e cauzando algum prejuizo a Real Fazenda, maiormente ao depois que o Governador de S. Paulo fez tapar os caminhos que se dirigião para os registros desta Capitania, onde os Negociantes pagavão os direitos que são devidos.

«Ds. G.e a V. Ex.ª—Villa Rica 13 de Janeiro de 1776.— Ill.mo e Ex.mo Sr. Martinho de Mello de Castro— *D. Antonio de Noronha.*»

---

(1) Pag. 336, vol. XI.
(2) Pag. 338, vol. XI.

Carta do Governador de Minas a D. Luiz Antonio de Souza, Governador de São Paulo.

«O sr. Condo de Valladares, que acabou de governar esta Capitania me entregou a carta de Officio de V. Exa. de 23 de Janeiro», em que V. Exa. punha na sua presença a decisão da junta que por ordem de sua Magestade, que Ds. Gde. mandou fazer o Sr. Conde da Cunha, Vice-Rey do Estado, a effeito de regular os Limites destas duas Capitanias, e que do termo daquella Junta ficou assentado que o rio Sapocahy service de deviza, mandando Sua Magistade qne estejamos pela decizão da Junta em q.to não mandar o contrario, o que V. Exa. fas certo pela Copia de Officio de 4 de Fev.ro de 1765 do Illmo. Exmo. Snr. Francisco Xavier de Mendonça, Secretario de Estado (2), e que o Exmo. Snr. Marquez Vice-Rey do Estado lhe insignua na sua Carta de 29 Outubro de 1772, fazer este mesmo avizo ao Snr. Conde Valladares, e que V. Exa. lhe parecia ficava seçando toda a duvida, visto Sua Magestade ordenar que estejamos pela decizão daquella Junta, em quanto Sua Magestade não mandar ao contrario, querendo V. Exa. que se pacem as ordens necessarias para se retirarem p.a que sem controversia V. Ex. tomar conta das ditas terras, entendendo V. Ex. ser mais conveniente aos intereces de Sua Mag.de, sobre os quaes não deve dilatar o consideravel prejuizo, que se está cauzando a Real Fazenda ha tantos tempos em se confundir por este motivo o Quinto que lhe toca do ouro que se tira nas terras, q' V' Ex. entende que ficão pertencendo a essa Cap.nia.

(1) Pag. 306, vol. XI.
(2) Pag. 211, Vol. XI.

cujo Quinto se deve pagar separado da Cotta das cem arrobas, que os Povos desta Cap.nia de Minas Geraes são obrigados apagarem diferente, e por outros principios; Devo primeiramente dizer a V. Ex, que eu sou bem inimigo de semelhantes questoens; pois semelhantes decizoens nunca deve haver entre nós que temos a honra de sermos Vassalos do mesmo Rey que Ds. Gde. Devesse supor que o Exmo. Snr. Conde da Cunha Vice Rey, a quem foi encarregada esta deligencia lhe não devia esquecer fazer avizo a V. Ex. e ao Governador q' então era desta Cap.nia como determina a carta do Snr. Francisco Xavier de Mendonça de 4 de Fevero de 1765 para se estar pelo que se assentou na refferida Junta, e sim se deve entender que o Snr. Vice-Rey supos embaraço nesta decizão, e que deu conta a Sua Mag.de que Ds. G.de,; pois se não houvece embaraço devemos entender, que já nestas duas Cap.nias, estaria a confirmação do Assento que se fez na junta. O sr. Luiz Diogo Lobo da S.a foi aos novos descobertos de S. João de Jacuhy, S. Pedro de Alcantara, e Almas, as paragens do Rio Grande aonde faz barra o de Sapocahy, e dahi a Cabo Verde, ao Ourofino, a camandocaya nas vezinhanças do Rio Jaguary, Registo do Mandu, Sapocahy, Campanha do Rio Verde, Baipindi, Pouzo Alto, Registo de Capivary, Serra da Mantiqueira, Arrayal do Itajubá, Juruoca, Cabeceiras do Rio Grande, e Ibitipoca, Ponte chamada da Caxoeira, e recolhendo-se a V.a de S. João d'El-Rey fes em 26 de Novembro de 1764, o Termo que por copia remeto a V. Exa. dando as providencias precizas sobre os refferidos continentes, e deu conta a Sua Mag.de do refferido, e o mesmo Senhor foi aprovar as refferidas providencias. ordenando executar tudo na conformidade das referidas Assentos, Bandos e Instruçoen, por Carta do

Snr. Secretario de Estado Francisco Xavier de Mendonça de 25 de Março de 1767, q' por copia tãobem remeto a V. Ex.ª, sendo certo, que se Sua Mag.de tiveçe aprovado o Termo que o Snr. Conde da Cunha fes, não devia vir esta approvação, e ordens ao Sr. Luiz Diogo Lobo:

«Eu creio q' V. Exa. ficará persuadido dos justos motivos, que eu tenho p.ª não passar as Ordens que V. Exa. quer, perecendo-me q' desemos contra a sua Mag.de p,ª rezolver o que for servido. Ds. Ge. a V. Exa. Villa Rica a 18 de Junho de 1773. -*Antonio Carlos Furtado de Mendonça*».

A nota introductoria do artigo da pagina 277, deve ser assignada pelo

Dr. Orville A. Dervy

ASSUMPTOS

I Estudo da Tribu selvagem do Pury — em Campos
II Descripção do Baptismo de um indigena
III Petição de Beatificação do Veneravel Anchieta

APRESENTADOS NA SESSÃO ORDINARIA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE S. PAULO, EM 5 DE OUTUBRO DE 1898 PELO SOCIO DO MESMO INSTITUTO MONSENHOR CAMILLO PASSALACQUA.

Exmo. Snr. Presidente e mais membros do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

Cumpre-me, antes de tudo, agradecer ao Instituto a honra de acceitar-me em seu gremio, onde tenho o prazer de vêr homens aureolados do nosso meio litterario e scientifico. Confesso que tive sempre grande enthusiasmo por emprezas sociaes do genero desta nossa; e devo uma explicação ao Instituto, particularmente aos illustres cavalheiros seus fundadores. Quando se tratou de crear, nesta capital, o Instituto Historico e Geogrophico, os promotores de tão alevantado commettimento tiveram a gentileza de lembrar-se do eu humilde nome, e convidaram me para delle fazer arte. Coincidio, porem, esse honroso convite, que uito desvaneceo-me, com um periodo de vida sobre-

modo atarefada da minha existencia, pelo que não me foi dado (com pezar o digo) corresponder á delicadeza tamanha. E eis a razão unica, pela qual não fui socio fundador do Instituto. Mais tarde, porém, tive communicação do meu illustre amigo e dedicado secretario do Instituto, Dr. Carlos Reis, de que os dignos membros desta casa haviam approvado unanimamente a minha entrada como socio effectivo. Nessa qualidade, compareci na sessão magna do Instituto, em que se commemorou galhardamente a data gloriosa da *Descoberta da India*, e tomei posse da minha cadeira como vosso companheiro, ainda que o mais humilde e obscuro. Si não tenho sido dos mais assiduos ás proveitosas sessões do Instituto, nem por isso vivo esquecido dos deveres que nos impõs o artigo 10 dos nossos Estatutos. Assim é que hoje venho offerecer á vossa illustrada consideração tres documentos, que me parecem de alguma importancia para o Instituto, sendo os dois primeiros transladados para aqui de um antigo periodico, que, com o nome de *Religião*, se publicou no Rio de Janeiro em 1849, collecção rarissima, da qual fez-me presente um meu distincto amigo. O ultimo, emquanto dos nossos dias,, entendo, salvo melhor juizo da respectiva commissão, que bem pode figurar no nosso archivo na parte relativa á Historia do Brasil.

O primeiro é um breve estudo da *Tribu selvagem do Pury* em Campos; o segundo uma bellissima descripção do *Baptismo de um indigena da Aldéa de S. Pedro de Alcantara das Ferradas*; o terceiro é a *Petição que todo o Episcopado Brasileiro enviou ao summo Pontifice Leão XIII, em 8 de Maio de 1897, em favor do processo de Beatificação do eminente vulto da nossa historia, o Veneravel Padre José de Anchieta.*

Si o Instituto entender em sua alta epreciação que esses documentos merecem a honra de ser lidos e mais, de ser publicados em sua interessante *Revista*, penso que prestará mais um serviço á Historia Patria, cujo o desenvolvimento tem tanto a peito. Com isso, o humilde apresentante julga ter cumprido um dos seus deveres sociaes, e si m'o permittem, passo á leitura dos referidos documentos, respeitando nos dois primeiros, a orthographia que encontrei.

I

A Tribu selvágem do Pury em Campos

« A grande obra da catechese e da civilisação dos indigenas, no Brasil, soffreu um golpe mortal com a extincção dos jesuitas. A nos regularmos pelas numerosas e povoadas aldêas que esses homens apostolicos tinham estabelecido entre os indigenas, acostumando as tribus errantes, muitas d'ellas antropophagas, a viverem commoda e modestamente em suas casas, a vestirem-se e a terem os costumes dos povos civilisados; a julgarmos por esses primeiros resultados; em que estado de prosperidade e de vantagem para o paiz, não estaria hoje essa grande porção dos habitantes do Brasil? Porém, faltou a mão do operario e a obra definhou pouco a pouco e morreo... Para fazer uma idéa do seu estado actual, não é preciso ir muito longe da côrte. D'aqui bem perto estão os sertões de Campos: nesta provincia do Rio de Janeiro, povoados por essa parte da familia humana que vive vida selvagem e erradia: a 16 legoas da cidade ahi está a tribu dos urys, que se calcula em 400 familias, habitando as argens do rio Itabapoana, desde o Ribeirão de Santo

Eduardo para cima: vivem no primitivo estado de homem selvagem, não trazem cobertura alguma sobre o corpo; não tem uma choupana; seguem o principio da polygamia; não são antropophagos, antes são pacificos e medrosos; não cultivam a terra; vivem de pesca e caça; sahem fora das mattas para breganharem com os brancos aguardente e fumo pelas producções do matto; tem muita desconfiança dos brancos, porque receiam que lhes tomem os filhos pequenos.

Antigamente as margens do rio Muriahé, em Campos, eram igulmente habitadas de indigenas; estes foram-se retirando á proporção que os fazendeiros hiam avançando; hoje em dia toda essa povoacão indigena do rio Muriahé, que era immensa, desappareceo como por encanto, na frente da civilisação; e é o mesmo que vae acontecendo á do Pury do rio Itabapoana. A experiencia tem demonstrado que não é possivel tratar a civilisação desta gente procurando-os attrahir para a povoação civilisada, ou para as fazendas: a desigualdade chocante que existe entre os dois povos, afasta os primeiros e os afugenta. No meio do povo civilisado vivem incommodados, contrafeitos e taistes, e acabam por voltar para os seus matos. O unico é o que empregavam os jesuitas; e nada se pode esperar fòra delle e vem a ser, não tentar trazer os indigenas, ao centro da civilização; porem levou a civilização ao centro dos indigenas e o unico meio de leval-a é pela Religião. Dous ou tres homens apostolicos, que principiam por vizital-os, e que depois conseguem levantar uma capella no meio das suas matas; que com as solemnidades e festas magnificas da Religião, com os seus hymnos tocantes e córos sagrados os impressionam, e os attrahem; algumas choupanas que se vão erguendo em roda desta

capella, vão habituando pouco a pouco a estas familias erradias a apreciar o tecto domestico, que as abriga da chuva, do sol e do vento: os socorros da charidade christã, que recebem no leito da doença, do seu Padre, que é o seu pai, tudo isto vae pouco a pouco fazendo flexiveis estas almas broncas. A estes confortaveis da vida reune-se o sentimento de uma outra ordem de idéas novas para elles, e por sua natureza arrebatadoras, os principios da fé e da moral christã, que começam a conhecer, mais pratica que theoricamente; eis os meios unicos de civilisar as tribus selvagens. Para isto é preciso que haja um centro de força que obre e ponha em acção estes recursos: esse centro era a congregação de Santo Ignacio, no Brazil;—desappareceo: o governo tem missionarios apostolicos que movidos por espirito verdadeiramente Evangelico, se pozeram á sua disposição: que lhes dê todos meios para ganharem e attrahirem as tribus selvageus, enviando-os, e fazendo-lhe remessas continuas e abundantes de roupas para os indigenas, de ferragens, instrumentos agricolas, botica, paramentos sagrados, e dinheiro, para que munidos de todos estes recursos possam á custa de beneficios desinteressados de charidade christã dar uma idéa, e por fim convencer a esses homens da natureza das vantagens da vida civilizada, para que elles a invejem e a recebam. E quando este primeiro ensaio tenha dado bom resultado, é ainda precizo que o governo proteja essa povoação contra os ataques de homens máos, aventureiros, e perturbadores, que as povoações civilisadas costumam vomitar do seu centro e que vão corromper com seu egoismo e matar com seus vicios uma obra nova de sociedade christã, que começa a florescer: foi sempre este um segundo principio meio vital que os jesuitas empregaram para a

prosperidade e conservação de sua obra, formando um cordão sanitario que não deixava passar para dentro senão o que era bom e conveniente. Sem este governo patriarchal da Religião não é possivel tentar, nem consolidar a felicidade de uma povoação nova de indigenas.

Não nos esqueça aqui dizer, que o Sr. Candido Baptista de Oliveira, durante o seu ultimo ministerio, nomeou uma commissão para explorar o rio Itabapoana, de que era chefe o engenheiro cidadão brasileiro Francisco das Chagas Oliveira França, fazendeiro das margens do mesmo rio, o qual desempenhou a sua missão, remettendo a S. Ex. um relatorio que deve estar na secretaria da Marinha, o qual não vimos, mas que, segundo nos informam, contém todas as noticias e informações precisas à respeito das povoações indigenas do Pury nas margens do Itabapoana. A sahida, do ministerio, do Exmo. Snr. Conselheiro Candido Baptista de Oliveira. frustrou, talvez uteis projectos que S. Ex. concebêra a esse respeito.

Tambem me consta que um fazendeiro de Campos, de muita caridade, possuindo terras despovoadas nas raias das matas onde erram os Purys, no lugar denominado—Pedra Formosa—no corrego de Medina, tem obtido aldêar umas 30 familias, que começam a mostrar inclinação para mudarem de genero de vida; porém, ainda não tem um Padre, nem meio algum efficaz que dê esperanças de que esta obra possa ir adiante.

Oh! si o governo a protegesse efficazmente!...

Tambem nos consta que ha a 6 mezes ás margens do Ribeirão da Boa Vista, confluente do Itabapoana, uma povoação inteira de indigenas, cujo numero ainda se não póde avaliar, que vinham fugidos dos sertões do Piuma e do Rio Novo, por terem lá descoberto o rasto

do Boticudo, que elles muito temem. Esta raça é pacifica como o do Pury.

Que vasta seará! Religião, politica, civilisação, humanidade, tudo clama a favor destes filhos de Adão!...

Eis, snrs. Membros do Instituto, a reproducção do interessante documento publicado em 1848 no n. 11 do periodico, a que acima me referi, que via a luz na capital do antigo Imperio. Permetti, srs., que diga hoje, 50 annos depois, que essas considerações tem ainda nos nossos dias a mais palpitante actualidade. Ninguem mais do que vós sabe, termos, ainda em nossos dias, innumeras familias de indigenas, que civilisados efficazmente poderiam prestar valiosissimos serviços principalmente á agricultura nacional. Para não fallar-vos do Estado de Goyaz, em cujo vasto territorio vivem de todo abandonados innumeros Indios, que chamados methodicamente pelos processos de bem planejada catechese, não por certo feita pelas violencias e pelas armas, que os afugenta sempre mais indignados; mas feita e modelada pelos processos que acabamos de ler no documento que ouvistes, viriam, sem comtudo abandonar as regiões que habitam, collaborar na fecundação das terras brasileiras, cujos segredos elles mais do que ninguem conhecem, e conhecidos fal-os-iam a quem os podesse melhor utilizar com todos os apparelhos inventados pela sciencia e applicados á Agricultura.

Não ha muito tempo palestrava em conversa intima o humilde escriptor destas linhas com o apostolico Bispo de Goyaz. De S. Ex. soube que naquella diocese ste um sem numero de indigenas, que, conservan- ainda recordações de começadas catecheses, infeliz- nte não levadas a cabo por falta de recursos mate-

riaes, verificou S. Ex. pessoalmente nelles qualidades admiraveis, entre as quaes tal ou qual pureza de costumes que opprenderam dos seus antigos missionarios.

Em áquellas matas, não ha recanto que elles não conheçam, assim como a apropriação das terras a determinado plantio, as boas fontes de potavel agua, certo numero de plantas medicinaes, o curso dos rios, as condições de clima e muitas outras riquezas da flora e fauna; o que tudo com o correr dos tempos e de pacientes sacrificios viria a ser aproveitado em favor do bem geral do paiz.

Não sei, srs. membros do Instituto, si é ousadia da minha parte abordar uma consideração que é:

Fazerem os Poderes Publicos um sacrificio no sentido de organizar-se para os nossos Indios uma obra de catechese dentro dos moldes de ha tanto tempo almejados.

E, Snrs. nem colha o pensamento de que nos tempos passados os Governos podiam, em virtude da união da Igreja com o Estado, lançar mão de missionarios catholicos, o que hoje não poderá fazer em face das leis vigentes.

Não se trata, para o Estado, de uma protecção religiosa; mas de uma exigencia imposta pela propria civilisação, augmentada pelos laços que prendem os povos de uma mesma communhão de importantissimos e vitaes interesses nacionaes; pois é um facto que os nossos indigenas pertencem á Nação Brasileira e só *per accidens* estão afastados da sua vida civil.

Lembra-me, Snrs... que apezar de todos os prejuizos vigentes na nação norte-americana, não se acha alli descuidada a civilisação dos seus indios. E me recordo ainda que ha uns 10 annos mais ou menos, sendo ministro, encarregado das colonias francezas, o Snr. Constans, homem desaffecto ao Catholicismo, não

vacillou todavia de confiar a civilisação dos habitantes da Ilha de Madagoscar aos filhos de Ignacio de Loyola. E o proprio governo Inglez, que é officialmente heterodoxo, por vezes tem condecorado e elogiado os triumphos obtidos pelos missionarios catholicas em suas colonias.

Não tenho, mesmo porque me fallece o precizo prestigio perante os Poderes Publicos do nosso Estado, nao tenho, digo, a pretensão de fazer valer e tornar effectivo o plano que ora lembro, principalmente em favor da civilisação dos Indios que povoam terras do Estado de S. Paulo. Cumpro, porém, um dever de humanidade, deixando aqui, nesta sessão do seu benemerito Instituto Historico Geographico essas linhas.

II

O Baptismo de um indigena

(*Facto acontecido n'aldêa de S. Pedro d'Alcantara das Ferradas*)

—Narração 1848—

«Morei algum tempo no hospicio dos capuchinhos desta cidade (Rio de Janeiro), e alli nas minhas horas de recreio muitas vezes me entretinha com o Rev. Padre Ludovico de Liorne, esse homem que depois de 32 annos passados com as hordas indigenas, dos Cumacans e Boticudos, 32 annos de zelo a prol d'aquelles infelizes, achava-se então no hospicio: ou fosse por sympathia ou fosse a admiracão que consagrava ás suas virtudes o certo é que encontrava em um fundo de edificação em sua conversação que não trocaria pelo mais celebrado divertimento: — um reino completo de todas as virtudes era o que tran-

sudava da conversa do veneravel ancião. Um dia travamos conversa sobre os indigenas com quem havia elle vivido no meio das florestas. O digno velho fallava com animação e seus olhos brilhavam como se fallasse dos filhos. Foi nesta occasião que me relatou elle o seguinte facto extraordinario que entrego aos leitores para formarem o juizo que lhes approuver.

Era nos primeiros tempos da minha chegada aos Ilhéos, me disse o venerando sacerdote, e eu principiava apenas a acostumar-me no meio dos Cumacans, tribu com quem me havia mais relacionado. Achava-me feliz! aquella gente simples me amava, eu os attrahia para o rebanho que pretendia ali formar e folgava de os encontrar doceis aos meus avisos. Chamavam-me seu pai, e esse nome sagrado, além dos dictames da Religião, me instigava a mais amal-os como um pai ama seus filhos.

Um dia oito ou nove Cumacans me vieram pedir licença para se embrenharem em busca de mel e caça. Com quanto eu temesse que elles por lá se ficassem entre os seus, que tambem por lá andavam, não podia comtudo negar-lhes o que me pediam. Oh! mal sabia eu, que hiam aquellas ovelhas em busca de outra que andava perdida no meio do silvado da montanha só a espera de uma mão amiga que a conduzisse ao aprisco! Mas elles partiram, e por lá andavam a mais de quinze dias, sem que delles houvesse noticias. Uma bella manhã (pois se ha coisa digna de vêr-se e magestoso é o acordar do dia no meio de uma floresta virgem e secular), ao sahir da choupana que para mim havia formado, encontrei-me cara a cara com um mancebo Cumacan, robusto e bello como devem elles ser. Seus cabellos grossos e lustrosos lhe pendiam pelas costas, uso da sua tribu; sobraçava flecha

e arco, tendo no rosto o riso; mas não um destes risos communs, e sem expressão, alguma cousa mais havia no riso do indigena. Ao ver-me, correo para mim e em sua lingua assim me fallou: Orogdon é verdda-o que me disseram que ninguem pode ser amigo de Deus sem molhar a cabeça?

Uma tal pergunta me confundio. Inda nenhum Cumacan tinha encontrado que me fizesse esta pergunta. Entre admirado e confuso eu lhe respondi: — Sim, meu filho, para que Deus seja nosso amigo é necessario agua na cabeça. Oh, retrucou o Cumacan espantado, tinhão razão os meus amigos que foram lá dentro e que isto me çontaram. Orogdon eu quero ser amigo de Deus, quero agua na cabeça.

A maneira porque se expressara o indigena era fóra de todo o natural. Eu levantei os olhos ao Céo e bemdice aquelle Supremo dominador, que assim tocava o coração!—Desde este momento considerei-o meu filho predilecto e o trouxe para minha casa. Suas instancias para receber o sagrado baptismo, todos os dias eram maiores, e muitas vezes bem me custava o não acceder a ellas; mas eu não o podia fazer sem que primeiro instruisse aquelle escolhido do Senhor nos rudimentos da doutrina christã. Tambem temia que me não fugisse ao depois como muitos o haviam feito, que se os tivera eu baptisado, christãos, se iriam de novo á sua vida selvagem e aos seus silvestres costumes.

Assim caminhavam as cousas, quando a saude do selvagem se começou a alterar. Não era cousa de cuidado e eu nem de leve suspeitava a sua morte.

[illegible] nprazia-me de vêr as suas reiteradas supplicas [illegible]ptismo e as exclamações de dôr e sentimento que [illegible] á vista de uma imagem do Senhor Crucificado, [illegible] havia eu dado.

Uma manhã ao preparar-me para celebrar o Sancto sacrificio da missa, me vieram dizer que o mancebo me chamava. Corri a elle: ao vêr-me, segurando-me no habito prorompeo em novos rogos, em fortes instancias do baptismo, porque, me dizia o coitado, queria ser filho e amigo de Deus. Não pude mais vencer-me: lembrava-me das doutrinas de S. Paulo e julguei, que os caminhos porque Deos conduzio aquelle selvagem ao gremio da sua Igreja eram extraordinarios. Depois de fazer-lhe algumas exhortações sobre o Sacramento que ia receber, eu lhe administrei o baptismo. Oh como o recebeo elle! de joelhos abraçado com a imagem do Salvador e com os maiores signaes de consolação! Beija-me as mãos dizendo-me, cheio de contentamento:—Agora sim, Orogdon, agora sim, já sou filho de Deus, já sou amigo de Deus.

Queria mesmo acompanhar-me ao Sancto sacrificio da Missa, mas como havia estado indisposto, deixei-o em companhia de outros, já mais civilisados, ainda que menos doceis. Eu lhe havia posto o nome de Manoel. Achava-me tão feliz por aquella acquisição para o seio da Igreja que corri aos altares a render graças a Deus de me haver levado ao meio daquella gente tão boa, tão simples e a quem amava de coração.

Tinha a Missa chegado ao lugar da elevação e o Senhor se achava em minhas mãos sob a fórma de pão. Os meus selvagens ali estavam de joelhos. . quando ouvi um rumor surdo entre elles, de palavras e de movimentos. Acostumado como estava, com elles, julguei que talvez fosse algum viajante que por ali passsase, ou outra qualquer cousa. Continuei a Missa, e ao finalizal-a. fui a despir-me das sagradas vestes, quando um selvagem acompanhado de outros, chegando-se a mim, disse:—Orogdon, Manoel morreo.

—Morreo!? exclamei eu, confundido pelos altos juizos de Deus; como morreo?—No momento em que se levantava o calix, Manoel morreo. Foi tudo o que me disse o selvagem. Corri ao logar onde o havia deixado, e qual o espectaculo que presenciaram meus olhos? O mancebo Cumacan estava reclinado sobre o leito que lhe havia eu dado. Seu semblante placido e socegado parecia antes adormecido naturalmente do que sob o dominio da morte. Os braços cruzados sobre o peito apertavam a Imagem do Salvador.

Confesso, meu filho (assim me chamava o veneravel ancião) que foram tantas as considerações, que me assaltaram neste momento, que achei-me confundido sem saber o que pensasse! Aquelle selvagem havia por certo gozar da bemaventurança eterna e mais de uma vez lhe tenho pedido interceda por mim».

———

Desculpae-me, Snr. Presidente e mais membros do Instituto, por vos haver tomado por mais alguns momentos a vossa attenção com a narração desse facto, que, em todo o caso lembra uma das multiplas e edificantes scenas que por vezes inspiraram os nossos escriptores, e tanto enthusiasmo despertaram na alma dos nossos poetas, cujos escriptos e immortaes versos ainda hoje nos encantam, nos arrebatam e constituem eloquentes e imperecedouros trophéos da litteratura nacional.

III

Petição do Episcopado Brasileiro para a Beatificação do Veneravel Padre José Anchieta, Apostolo do Brasil—1897

Snrs. Membros doInstituto:

Offertando-vos o importante documento, isto é uma copia delle, em o qual o Episcopado Brasileiro pedio ao Santo Padre Leão XIII a Beatificação do grande Apostolo do Brasil, faço justiça aos illustres membros de tão illustre quão illustrada corporação, pensando que lhe seja em todo o tempo grata a conservação em seu archivo dessa peça firmada por todos os Prelados da Igreja Brasileira, logo depois das festas tri-centenarias que, com tanto brilho, vimos celebradas não só na capital do nosso Estado, como em todo o Brasil.

São mui recentes as impressões produzidas em todos nós por aquellas significativas festas, para que se faça agora precizo rememoral-as. O meu fim é apenas guardar no nosso archivo, si assim o entenderem os membros do Instituto, esse documento, para em todo, o tempo constar.

Assim, pois, limito-me apenas a registrar uma copia do referido documento, assignado, como já disse, por todos os dignos Representantes das Dioceses do Brasil.

Segue o documento:

*
* *

« O officio pastoral, do qual foi Deus servido encarregar-nos, continuamente nos impelle e nos obriga a trabalhar com todo o esforço para confirmar e promover no amor e na pratica da religião a parte do devino rebanho que nos foi confiada. A experiencia nos

mostra, que um meio muito poderoso para alcançar este fim, é o exemplo e a intercessão dos Santos, principalmente para aquelles povos, no meio dos quaes elles floresceram pela sua santidade e pelos seus beneficios.

Entre os varões que a divina bondade se dignou enviar do céu para plantar, cultivar e propagar a Religião entre os povos do Brasil, prima sem duvida o Veneravel Padre José de Anchieta, da Companhia de Jesus, que resplandeceu pelo ardor da caridade para com Deus, pela pureza angelica da alma e pela pratica heroica de todas as virtudes.

Tão conveniente foi o seu zelo pela salvação das almas, quer chamando á fé os selvagens, quer mantendo ou promovendo a piedade entre os christãos, que mereceu ser comparado ao grande Xavier. Emfim, taes e tantos foram os prestigios que Deus operou pela sua intercessão, quer durante a sua vida mortal, quer dopois da morte, que por concurso unanime foi denominado novo Adão e thaumaturgo do Brazil

A memoria das suas virtudes e preclaras acções conservou-se sempre viva nas historias destas regiões e na tradicção dos povos, de tal maneira, qne nem o longo percurso de tres seculos, nem a serie tão variada dos acontecimentos a poude apagar ou offuscar. E agora, approximando-se o terceiro seculo depois da sua morte, se instituiram reuniões periodicas, nas quaes oradores distinctos de todos os classes da sociedade, chamados de varias partes do paiz, celebram com applauso unanime os louvores e os meritos do veneravel varão, e solemnes festejos se preparam para solem-
· o dia do seu terceiro centenario, 9 de Junho
97.

das estas cousas, Santissimo Padre, avivaram em

nós um desejo que já desde muito nutriamos no nosso coração de ver elevado ás honras dos altares este insigne servo de Deus, decoro e ornamento da Egreja no Brazil e tão benemerito da sociedade civil entre nós. Pelo que, nós vos supplicamos, Santissimo Padre, que pela affeição que tendes sempre mostrado para esta parte do rebanho do Christo, vos digneis promover com a efficacia da vossa auctoridade Apostolica a causa da beatificação do Veneravel Padre José de Anchieta, e, se Deus assim for servido, leval-a o mais breve possivel a seu termo. E este pedido vol-o fazemos não só para que, prestando-se ao Veneravel Anchieta uma honra tão merecida, seja elle laureado com esta nova gloria, a maior de todas; mas tambem que a sua virtude, ornada desta coroa celestial, brilhe de novo fulger aos olhos do povo, e elle, constituido, pela auctoridade da Egreja, patrono do povo do Brazil, lá do céu proteja, consolide e defenda aquella fé que semeou com a palavra, regou com os seus suores e fecundou com as suas orações. Nós, entretanto, não deixaremos de levantar as nossas supplicas a Deus todo poderoso, para que se digne satisfazer os nossos votos, para honra do seu servo e para incremento da fé e da religião no povo christão.

E vós, Santissimo Padre, dignai-vos com a vossa benção apostolica impetrar a protecção divina sobre nós o nosso clero e o povo confiado aos nossos cuidados. De Vossa Santidade.

Cidade de S. Salvador da Bahia, aos 8 de Maio de 1897.

Servos humildes, e filhos devotissimos

† Jeronymo, Arcebispo de S. Salvador da Bahia. — José, Arcebispo Titular de Darnis — João, Bispo de Dimantina. — Carlos, Bispo de Cuyabá. — An-

TONIO, Bispo de S. Luiz do Maranhão. — CLAUDIO JOSÉ, Bispo de S. Pedro do Rio Grande. — JOAQUIM, Bispo da Fortaleza.— MANOEL, Bispo de Olinda.— JOAQUIM ARCOVERDE, Bispo de S. Paulo. — SILVERIO, Bispo de Marianna.— EDUARDO, Bispo de Goyaz. — ADAUCTO, Bispo de Parayba. — FRANCISCO, Bispo de Nitheroy. — JOSÉ LOURENÇO, Bispo do Amazonas. — JOSÉ, Bispo de Corytiba. — ANTONIO, Bispo de Belém. — JOÃO, Bispo do Espirito Santo. — MONS. PEIXOTO DE ABREU LIMA, Vig. Cap. do Rio de Janeiro.

S. Paulo, 20 de Setembro de 1898.

M.or Emilio Passalacqua

Membro effectivo do Instituto

IMPRENSA PAULISTA

DATA 7 de fevereiro de 1827 a fundação da imprensa em S. Paulo, a exforços de José da Costa Carvalho, marquez de Monte-Alegre.

O *Pharol* (1) *Paulistano* foi a primeira publicação periodica da então provincia. A principio era semanal depois, porém, continuou a sair duas vezes por semana, custando cada numero 80 réis. Continha quatro paginas de texto impresso a duas columnas e trazia a divisa: *La liberté est une enclûme que usera touts les marteaux.* Durou seis annos, e em sua officina typographica foram impressos o *Justiceiro, o Novo Pharol Paulistano* e o *Observador Constitucional.* « A feição do periodico, — diz um critico — é politica; seus artigos são em geral, consagrados á defesa dos principios constitucionaes e escriptos em linguagem moderada. Costa Carvalho foi o redactor principal, tendo por companheiro de redacção a Antonio Mariano de Azevedo Marques.

Nascido na Bahia, filho de José da Costa Carvalho e

, marquez de Monte-Alegre escrevia *Fharol* com f, e não h.

de Ignez Maria da Piedade Costa, aquelle illustre estadista veiu para S. Paulo, em 1821, como juiz de fóra. Desempenhou o mandato de deputado e exerceu muitos cargos, inclusive o de regente do Imperio. Foi casado duas vezes: a primeira com d. Genebra de Barros Leite e a segunda com d. Maria Izabel de Sousa Alvim, e falleceu em S. Paulo no mez de setembro de 1860.

Azevedo Marques, paulista, nascido a 17 de junho de 1797, filho do dr. Manuel Eufrasio de Azevedo Marques e de d. Anna Gertrudes de Jesus, collaborou em diversos jornaes e era advogado notavel. Morreu em 1844, no Rio de Janeiro.

Outro redactor do *Pharol* foi Antonio Manuel de Campos Mello, distincto paulista, fallecido em 1878. Conta-se que Costa Carvalho, quando occupado, no Rio, com os trabalhos legislativos, escrevia a Campos Mello cartas que continham sempre estas mesmas palavras:

« Sr. Mellinho, não se descuide de deitar azeite no nosso *Farol*. »

Tambem escreveu nessa gazeta o eminente escriptor maranhense, eximio traductor de Virgilio,—Manoel Odorico Mendes; e, a proposito, diz João Francisco Lisboa:

« Da *Astréia* foi (Odorico) fundador com Vergueiro, Feijó, Costa Carvalho e outros. Costa Carvalho, que falleceu marquez de Monte-Alegre, então simples deputado e chefe proeminente da opposição, depois membro da regencia e presidente do conselho em diversos ministerios, havia introduzido a primeira typographia em S. Paulo, onde era um dos mais opulentos proprietarios, e onde fundou o *Pharol Paulistano*. Odorico, que no fim de uma das sessões e a convite delle o acompanhára áquella provincia, não só escreveu para o jornal

opposicionista grande quantidade de artigos, sinão que, á mingua de operarios, ajudava a composição como typographo. E' de todos sabida a decidida influencia que estes dois jornaes exerceram na Côrte e nas provincias do sul.»

. . .

O segundo jornal paulista foi o *Observador Constitucional*, que appareceu em 1829 e durou até 1832, fundado e redigido pelo dr. João Baptista Libero Badaró. Este medico italiano veiu para S. Paulo em 1828, em companhia de Costa Carvalho, e morreu assassinado a 20 de Nevembro de 1830, junto á sua casa da rua de S. José, na capital. Nascêra em 1798, em Laigueglia, foi um liberal ardente. Seu periodico gozou de justa nomeada e é considerado hoje um ponto da historia patria.

De 1827 em diante S. Paulo teve sempre a sua imprensa em actividade. Na capital, após a creação do curso juridico, os jornaes multiplicaram-se, e houve época em que sociedades, como a *Philomatica* o *Ensaio Philosophico Paulistano*, o *Club Scientifico* o *Instituto Scientifico* e outras, publicaram suas revistas, onde se guardam trabalhos preciosos de notabilidades brasileiras, taes como Silveira da Motta, Affonso Celso, Rangel Pestana, Bernardino Ribeiro, Lafayette Pereira, Americo Lobo, Macedo Soares.

Foram propulsores importantes desse movimento, além de muitos, cujos nomes ignoramos, os srs. Costa Silveira, Sobral, José Maria Lisboa, Joaquim Roberto e Cabral. Com relação a alguns destes, diz-nos em carta o illustrado sr. dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro:

«Sobre Manuel Francisco da Costa Silveira posso dizer alguma cousa, porque o conheci muito de perto Era paulista: muito instruido em linguas extrangeiras. especialmente na ingleza, que escrevia e falava perfeitamente; apezar de ter genio muito concentrado, pouco communicativo, gozava de particular estima e amizade de homens notaveis do seu tempo, como Costa Carvalho (marquez de Monte Alegre), senador Candido Baptista, Pires da Motta, e outros. Dirigiu por muito tempo uma typographia, que funcionava na rua de S. Gonçalo, e onde foram publicadas, além de um periodico politico, diversas obras litterarias, entre as quaes o *Ensaio de um quadro estatistico da provincia de S. Paulo* (1838), attribuido ao general Daniel Pedro Müller (1). Mais tarde deixou a typographia para substituir o conego Ildefonso Xavier Silveira no logar] de official-maior da Faculdade de Direito de S. Paulo, cargo que serviu por muitos annos e com muita distincção, porque além de ter uma letra lindissima. tinha espirito de ordem, methodo de trabalho, e assim poude organizar o serviço da secretaria da Faculdade com intellgencia e zelo inexcedivel. Sou um pouco suspeito para falar neste homem, porque fui muito seu amigo e seu discipulo em estudos preparatorios,

Succedeu-lhe na typographia J. F. Sobral, ao prin-

---

(1) *Ensaio d'um quadro estatistico da provincia de S. Paulo.* Ordenado pelas leis provinciaes de 11 de Abril de 1836, e 10 de março de 1837. S. Paulo, na typ. de Costa Silveira, 1838. in-4.º. de 4 ff. — IV 86 pp. com 22 tabellas. Vide *Analyse* por Terneaux-Compans, nos *Nouveaux annales des voyages*, 4me série, 1843. I

cipio estabelecido na rua de S. Gonçalo, perto do Largo da Sé, e depois director da typographia do governo, em palacio. (1) Ha tambem diversas publicações avulsas deste editor, muito trabalhador, mas sem as habilitações litterarias de Costa Silveira. Cabral, só o conheci de vista; pouco tempo trabalhou em S. Paulo, retirando-se para o Rio, onde tinha a direcção de uma folha politica. Espirito Santo Cabral, parece-me que era o seu nome; não tenho obra que fôsse por elle publicada, mas diversas de Costa Silveira e Cabral.»

---

(1) Parece-nos de interesse historico, a reproducção do seguinte documento sob a criação de uma typographia official em S. Paulo. E' uma proposta do Conselho Geral que funccionou a 1828 a 1835. Foi publicado no *Diario Popular* de 9 do Maio de 1894 sob o titulo de *Papeis Velhos* pelo dr. Estevam Leão Bourroul:

PROPOSTA PARA A CREAÇÃO DE UMA TYPOGRAPHIA NACIONAL NESTA PROVINCIA

A publicidade em todos os seus actos é da essencia do Governo Representativo. Este principio, não se pode pôr em duvida por muito sabido faz ociosa qualquer demonstração da utilidade da Proposta, que o Conselho Geral tem a honra de levar á Auguste Presença de Vossa Magestade Imperial, cuja Sancção supplice e espera-

Artigo I

Haverá na Capital da Provincia de S. Paulo huma Typographia Nacional, que sirva para a regular publicação dos actos da Administração, trabalhos do Conselho Geral e Camaras Municipaes.

Artigo II

O Governo da Provincia fica authorisado a dispender a somma precisa para a compra e mais despezas necessarias da mencionada Typographia.

[illegible] ço do Conselho Geral de S. Paulo, 8 de Fevereiro [illegible] *Manoel Joaquim de Ornellas.—Diogo Antonio* [illegible]

De Lisboa, diz elle proprio numa publicação no *Diario Popular:*

«A 10 de junho de 1856, ao meio-dia, fiz a minha entrada em S. Paulo, contando então 18 annos e cêrca de trez mezes.

A 17 do mesmo mez fui admittido nas officinas do *Correio Paulistano* e ahi me conservei até fins de maio de 1859.

Por motivo de molestia fui para o Rio de Janeiro e, para não perder tempo, entrei nas officinas Laemmert onde estive até 31 de dezembro do mesmo anno.

A 6 de janeiro de 1860 regressei a S. Paulo, entrando de novo no *Correio Paulistano*, que nessa época mudára-se da rua do Ouvidor para a do Rosario, hoje 15 de Novembro.

Ahi a folha passou a ser definitivamente diaria, a typographia a ter maior somma de trabalho, sendo necessario augmentar o pessoal e entroduzir outros melhoramentos.

Entre estes a creação de um escriptorio permanente para recepção de annuncios, para publicações, etc.

Fui o convidado para exercer essas funcções e o meu serviço ahi era variado. Leitura de provas, recepção, de assignaturas e publicações, ajuste de trabalhos avulsos, direcção de officinas e, em falta de outros, a collaboração de qualquer cousa.

A 11 de novembro de 1863 parti para o norte da então provincia de S. Paulo em negocios do *Correio Paulistano*, percorrendo todas as localidades, desde Mogy das Cruzes até Macacos, provincia do Rio. Dahi segui para a Côrte, regressando a S. Paulo a 19 de fevereiro de 1864.

No regresso voltei ao exercicio de meus affazeres no *Correio Paulistano*.

Em janeiro de 1866 publiquei, induzido por alguns amigos, um livrinho com 162 paginas, collecção de diversas variedades publicadas no *Correio* sob varios pseudonymos e que intitulei *Cousas e Lousas*, por nada exprimir o titulo que ia abrigar os meus modestos rabiscos, escriptos quasi sempre em falta de outros originaes.

Em 1869 aventou-se a idéia de crear uma folha em Campinas.

Convidado para assumir a sua direcção, acceitei o convite e a 22 de outubro para lá parti. A 31 do mesmo mez sahia o 1.º numero da *Gazeta de Campinas*. Era proprietario da folha o sr. Joaquim Roberto, redactor o dr. Quirino dos Santos e eu o gerente ou antes o *faz tudo*, desde a caixa á remessa.

Em 1871 publiquei o *Almanak de Campinas*, o primeiro alli feito e, sem exagero, melhor organisado que até então tinha apparecido na provincia.

Trabalho todo meu, excepto a excellente parte litteraria.

Em 1872 editei o 2.º anno do *Almanak de Campinas*, annexando-lhe o *Almanak de Amparo*, organisado este pelo sr. Francisco de Assis Santos Prado.

Em 1873 fiz publicar em um só volume os *Almanaks de Campinas* e do *Rio Claro*, este organisado pelo sr. Thomaz Carlos de Molina.

Convém accrescentar que não era sómente meu o trabalho de organisação, como tambem o de composição typographica.

No mesmo anno de 1873 foi o dr. Americo Brasiliense convidado a dar umas prelecções de *Historia Patria* no collegio de S. João, que funccionava naquella cidade.

Indo ouvir a exposição do illustre prelector, tanto me emocionou que induzi a consentir na publicação dessas sabias e aprofundadas prelecções. Foram estas primeiro publicadas na *Gazeta de Campinas*, e depois por mim editadas em livro, que só appareceu em 1876

No correr do anno de 1874 foi aventada a ideia de uma folha genuina republicana, que devia apparecer em S. Paulo.

Subscripto o capital fez-se questão que eu devia ser o seu gerente. Meu estado de saude, desde tempos melindroso, fazia-me recusar a distincção. Pedido instantes, porém, dos drs. A. Brasiliense, A. de Campos e Campos Salles demoveram-me desse proposito, sendo Campos Salles quem mais influiu para essa resolução.

A 31 de outubro de 1874, pois, deixava a gerencia da *Gazeta de Campinas* e a 9 de novembro partia para S. Paulo, onde depois de providenciar sobre casa, etc., segui para o Rio, acompanhado de A. de Campos e a 4 de janeiro de 1875 sahiu o 1º numero da *Provincia de S. Paulo.*

Em 1876 iniciei a publicação do *Almanak Litterario Paulista*, associando a esse trabalho Abilio Marques e J. Taques. Os artigos deste volume são todos firmados por paulistas.

Ainda em 1876 emprehendi publicação de uma folha litteraria que se intitulou *Republica das Lettras*, redigida, entre outros, por Lucio de Mendonça.

Foram publicados poucos numeros por falta de vendedores. Nesse tempo havia um só: um preto americano, muito intelligente, e que sabia varios preparatorios. De repente desappareceu e a folha extinguiu-se.

A 16 de setembro de 1876 entregava á publicidade a 2.ª edição das lições de *Historia Patria* do dr. Americo Brasiliense, impressas em maior formato.

Em 1877, sem mais auxiliares, publiquei o *Almanak Litterario*.

No mesmo anno, um pouco augmentada, editei a segunda edição das *Cousas e Lousas*.

Em 1878 entreguei á publicidade *Almanak Litterario de S. Paulo*, annexando-lhe um mappa de S. Paulo e uma valsa do maestro Elias Lobo.

No *Almanak* que publiquei em 1879, inclui uma melodia do maestro Sant'Anna Gomes e um importante *Guia Medico*, organisado pelo dr. Luiz Pereira Barreto.

O Almanak de 1880 sahiu adornado com uma photographia, representando a extincta e importante colonia *Nova Louzã*.

Ao *Almanak de 1881* addicionei o retrato do maestro Carlos Gomes.

Esta publicação foi interrompida nos annos de 1882 e 1883.

Em 1884 foi novamente iniciada.

Em 1885 foi publicado o 8.º e ultimo volume do *Almanak Litterario de S. Paulo*, isto em virtude de muitos affazeres de outra ordem.

Por que convém aqui consignar, tanto as edições dos *Almanaks*, como as dos demais livros por mim editados exgottaram-se completamente e com uma rapidez pouco commum.

A 9 de outubro de 1884, tendo entrado como socio para a *Provincia de S. Paulo* o dr. Alberto Salles, nesse mesmo dia, esse senhor *dispensou* os serviços do dr. Americo de Campos, Horacio de Carvalho e os meus.

A 10 do mesmo mez, o dr. Antonio Bento, meu [illegible]hado, procurou-me, offerecendo-me a transferencia [illegible] *Jornal do Commercio* e respectivas officinas, tudo [illegible]a propriedade.

Depois de certa reluctancia, acceitei a offerta e a 25 do mesmo tornava-me proprietario daquella folha e seu effectivo material.

Entendendo que devia associar Americo de Campos á minha sorte, isso lhe propuz, elle acceitou, e a 8 de novembro, isto é, antes de um mez, o *Diario Popular* fazia a sua apparição, dando occupação aos *dispensados*.

A. de Campos, Horacio de Carvalho, Hilario Junior tambem associado, e a minha pessôa, cada um fazendo o que podia, collaboraram para esse resultado.

A. de Campos, ao ser nomeado consul em Napoles, desligou-se da folha e estabelecimento, abrindo um vacuo grande.

Eis aqui como têm sido occupados os 39 annos da minha existencia em S. Paulo

Deixo de mencionar as varias correspondencias que noutros tempos escrevi para alguns jornaes.

Na vida da imprensa soffrem-se muitas amarguras, o que não me ha faltado, mas guardo com reconhecimento muitas palavras confortantes, ouvidas em diversos periodicos, e que me foram no momento balsamo consolador.»

***

Damos em seguida a relação dos jornaes que se têm publicado em S. Paulo, de 1827 a 1895, devidamente annotada. É possivel ou quasi certo que seja incompleta; serve comtudo de subsidio ao estudo da historia da imprensa neste Estado.

Eis a relação:

AMPARO

1 *Amparense* (1) 1881.

(1) Propriedade e redacção de Elias Pimenta; durou pouco tempo.

2 *Beija-flôr* (1), 1894.
3 *Correio Amparense* (2,) 1886.
4 *Correio do Amparo* (3), 1894
5 *Cidade do Amparo* (4), 1891.
6 *Commercio do Amparo* (5).
7 *Diario do Amparo* (6), 1881.
8 *Diario do Amparo* (7), 1893.
9 *Epocha* (8), 1879.

---

(1) Folha litteraria e humoristica, dedicada ao bello sexo, publicada pela sociedade *Cinco de Março.*

(2) Folha publicada por Antonio Pinto Correia Junior, appareceu em 8 de agosto de 1886 e desappareceu em julho de 1894. Em Outubro de 1890 começou a ser publicada diariamente, sob a redacção do padre João Manuel de Carvalho.

(3) Orgam republicano. Appareceu em junho ou julho de 1894, resultado da fusão do *Correio Amparense*, orgam dos interesses do municipio, e *Diario do Amparo*, orgam republicano.

E' seu director o sr. A. P. Correia Junior.

(4) Orgam republicano, propriedade de uma associação. Appareceu a 10 de abril de 1891, e foi redigida por Joaquim de Toledo, dr. João Nepomuceno Nogueira da Motta, dr. José Leite de Sousa, dr. Candido Motta e outros.

(5) Propriedade de José Rebello de Amorim, e depois de Benedicto Estevam dos Santos.

(6) Publicado por José Rebello de Amorim. Sahiram poucos numeros.

(7) Folha popular, publicada sob a redacção de Carlos Ferreira, que foi substituido pelo sr. Raphel Galvão Prestes, passando então a ser orgam republicano.

(8) Periodico de propaganda republicana, impresso em Campinas, semanal e redigido pelos drs. Antonio gusto Bittencourt, Antonio Muniz de Sousa, Francisde Assis Peixoto Gomide, e Bernardino de Campos, ual presidente do Estado. A 5 de outubro sahiu o meiro numero.

10 *Gazeta do Amparo* (1).
11 *Gazeta do Amparo* (2), 1886.
12 *Gazeta do Amparo* (3), 1886.
13 *Gazeta das Moças.*
14 *Lirio* (junho) 1895.
15 *Miniatura* (4) 1890.
16 *Jardim* (5), 1889.
17 *Papagaio* (outubro), 1895.
18 *Porvir*, 1885.
19 *Progresso* (6) 1890.
20 *Setimo Districto* (7), 1889.
21 *Tribuna Amparense* (8), 1872.

---

(1) Succedeu á *Tribuna*, e era propriedade de José Rebello de Amorim.

(2) Publicada em Janeiro, por José Augusto do Amaral Sousa, durou seis mezes.

(3) Proprietario e redactor: Jorge Pires de Godoy. Sahiu á luz da publicidade a 18 de julho de 1886, suspendendo a publicação a 10 de janeiro de 1889. Reappareceu a 1 de janeiro de 1895, sob a direcção do antigo redactor; é orgam dos interesses do municipio e publica-se aos domingos.

(4) Interessante e mimosa folha, litteraria e noticiosa, apparecida a 28 de fevereiro. Director: José Ferreira Louzada e publica-se ás quintas feiras. Até dezembro de 1895 foi rediglida por Joaquim de Toledo e João Lourenço Rodrigues.

(5) Folha litteraria, publicada por Laurindo Marques e Bento da Silva. Sahiram poucos numeros.

(6) Periodico quinzenal e litterario, publicado por Bento Antonio da Silva.

(7) Folha imparcial, propriedade de José Militão de Siqueira, publicada de abril a setembro, sob a redacção de Jorge Pires de Godoy.

(8) Redactor e proprietario José Rebello de Amorim.

APPARECIDA

1 *Estrella da Apparecida.*
2 *Horizonte*, 1884.
3 *Voz da Apparecida*, 1888
4 *Luz da Apparecida*, 1894.
5 *Folha da Apparecida* (fevereiro), 1895.
6 *Tim-tim por Tim-tim* (março), 1895.

ARARAQUARA

1 *Correio de Araraquara* (janeiro), 1893
2 *Folha do Povo* (1), 1890.
3 *Municipio*, 1881.

ARARAS

1 *Botão*, 1894.
2 *Cidade de Araras.*
3 *Tribuna do Povo* (janeiro), 1892.
4 *Luz*, 1881.

AREIAS

1 *Areiense* (2), 1869.
2 *Aurora.*
3 *Atalaia.*
4 *Mosquito* [3]. 1872.
5 *Popular* [4], 1875.

---

(1) Era jornal dedicado aos interesses locaes, sem côr politica, e redigido pelo rev. Bento Ferraz, ministro evangelico, auxiliado pelos drs. Antonio Piza, Julio de Moraes e Francisco Malta. Hoje ha ali *A Noticia*, sob a redacção do dr. João de Araujo.

(2) Propriedade do alferes João José de Araujo Faria, depois escrivão da provedoria da capital, e redacção do dr. Carlos Caetano de Abreu, que mais tarde passou a residir em Ribeirão Preto e Jaboticabal.

(3] Proprietario e redactor-chefe L. A. Pereira

(4) Periodico litterario, commercial e noticioso, de que foi proprietario Antonio de Oliveira Leite, redactores Raphael Braga e Ernesto Brasil.

6 *Timbira* (1), 1881.
7 *União e Crença* (2), 1881,
8 *Soberania do Povo*, 1884.
9 *Tribuna Paulista*, 1868.
10 *Gazeta de Areias*, (3) 1884.
11 *Democrata*. 1884.
12 *Imparcial*.
13 *Republicano*, 1888.
14 *Cacetinho*.
15 *Clarim*, 1895.

ATIBAIA

1 *Itapetinga* (4), 1890.

AVARE'

1 *Victoria*.
2 *Apologo*, 1892.
3 *Autonomista* (setembro), 1885.
4 *Recado*, 1891.
5 *Rionovense* (1º de novembro), 1886.
6 *Rebate*, 1892.

BANANAL

1 *Arauto* (5), 1869.

---

(1) Propriedade de Joaquim Xavier de Salles e redacção de Raphael Braga.

(2) Jornal spirita, pertencente ao grupo *Fraternidade Areiense* e impresso na typographia do *Timbira*.

(3) Sahiu primeiro numero a 1 de janeiro de 1884, sob a redacção de José Victorino Sampaio Netto.

(4) A 16 de agosto foi pela primeira vez publicado o *Itapetinga*, de que era redactor-chefe o dr. Olympio da Paixão e redactor-secretario o dr. Affonso de Carvalho. Não chegou a entrar no segundo anno de existencia, sendo a typographia vendida á Companhia Impressora de Bragança. *Itapetinga* é o nome de uma serra do municipio de Atibaia.

(5) Dirigido pelo dr. Dermeval da Fonseca, ex-redactor da *Gazeta de Noticias*, então simples estudante.

2 *Bananal* (1), 1881.
3 *Commercio de Bananal* (2), 1887
4 *Éco Bananalense* (3), 1872.
5 *Embryão*, 1879.
6 *Época*, 1892.
7 *Iris Bananalense* (4), 1867.
8 *Monitor Paulista* (5), 1878.
9 *Nova Phase*, 1885.
10 *Patria*, 1893.
11 *Reverbéro*, 1867.
12 *Sensitiva*, 1879.
13 *Neophyto*, 1889.
14 *Éco Bananalense*, 1881.
15 *Jornal do Povo*, 1889.
16 *Republica* (6), 1895.
17 *Evolução*, 1885.
18 *Gazetinha*, 1892.

BATATAES

1 *Búgarim*, 1892.
2 *Cosmopolita* 6 de Agosto, 1893.

---

(1) Orgam do partido liberal.

(2) Dirigido por Adriano de Castilho e João Domingues Guedes.

(3) Jornal litterario, agricola e noticioso. Editor: Antonio Rodrigues Leite.

(4) Existiu até 1869, sob a redacção dos drs. Francisco de Paula Ferreira, fallecido em Rezende, e José Americo de Siqueira, advogado na Franca.

(5) Periodico politico e litterario. Foi redigido pelo dr. José Luiz de Almeida Nogueira, deputado federal e ex-director politico do *Correio Paulistano*, sendo gerente riano de Castilho Azevedo.

(6) Appareceu a 21 de Abril, redigida por Acacio ribaldi de Paula Ferreira.

3 *Seculo* (1), 1881.
4 *Treze de Maio* (2), 1888.
5 *União* (3), 1884.
6 *Lutador* (4), 1892.
7 *Penna* (5), abril, 1895.

BOCAINA

1 *Eco Municipal* 28 Julho 1878.
2 *Gazeta da Bocaina* 9 Julho 1883.
3 *Colibry* (6) 1888.
4 *Gazeta da Tarde* 1888.

BOTUCATU'

1 *Botucatúense*, 1893.
2 *Gazeta de Botucatú* (7), 1887.
3 *Tribuna*, 1889
4 *Correio de Botucatú*, 1889.

---

(1) Redigido por Cesar Augusto Ribeiro, durou pouco.

(2) Seu proprietario e redactor foi Affonso Framberg, já fallecido.

(3) Redigida pelo bacharel João Paulo Diniz, natural da India portugueza e fallecido em 1890, na Limeira.

(4) Era de propriedade e redacção de José de Vasconcellos.

(5) Folha imparcial, scientifica, literaria, agricola, pedagogica e noticiosa; foi redigida por Antonio Jacintho de Oliveira, conego Joaquim Ferreira, dr. Manuel Furtado, dr. Eduardo Guedes, Pedro Tavares Lopes da Silva, dr. Washington Luiz, dr. Ivan Nolf, dr. Honorio Pinto, dr. Eduardo de Camargo, dr. Matheus Filidory, José Negrão e Ravoux Darse.

(6) O primeiro numero foi publicado a 16 de agosto de 1883, saiu da typ. da *Gazeta da Bocaina*, na villa da Bocaina, e era de pequeno formato, semanal e litterario.

(7) Folha democratica e noticiosa, de propriedade e redacção de J. Azurara.

BRAGANÇA

1 *Abutre*, 1892,
2 *Alamiré*. 1880.
3 *Bilontra*, 1887.
4 *Bragantino*. (1). 1876.
5 *Bragantino* (2), 1879.
6 *Bragancense*, 1879.
7 *Correio Bragantino* (3), 1886.
8 *Diario de Bragança* (4), 1889
9 *E'co Bragantino* 1881.
10 *Gazeta de Bragança* (5), 1887.
11 *Gazeta de Bragança* (6), 1891.

---

(1) O primeiro numero foi publicado a 26 de fevereiro de 1876. Propriedade de José Candido Furquim de Campos.

(2) Appareceu a 10 de abril de 1879. Era a segunda folha deste titulo, mudado depois successivamente para *O Alamiré*, *Eco Bragantino*, *Lábaro*, *e Bragancense*, de que foi proprietario o mesmo Furquim de Campos.

(3) O primeiro numero foi dado á estampa a 6 de janeiro de 1889. A principio foi bisemanal e posteriormente diario e trisemanal. Seu proprietario, Manuel Fernandes de Oliveira, é hoje director da *Voz do Povo*, de Sorocaba.

(4) Publicou-se de agosto a novembro de 1889, sob a redacção do dr. Eliseu Guilherme Christiano, actual juiz de direito de São José do Rio-Pardo.

(5) Um unico numero, publicado a 4 de dezembro de 1887 pelo pharmaceutico José Francisco Pinto Martins, já fallecido.

(6) Foi propriedade da *Companhia Impressora Bragantina*, pertencendo actualmente a J. Maia & Comp. E' redigido pelo major Manuel de Almeida Cardoso, escrivão do jury da comarca, antigo negociante e reactor do *Guaripocaba*. Appareceu a 31 de março.

12 *Guaripocaba* [1], 1877.
13 *Iris Juvenil* (2), 1889.
14 *Lábaro* 1883.
15 *Mirim* (3), 1877.
16 *Mez de Maria* 1893.
17 *Picapau* 1876.
18 *Quinze de Novembro* 1889.
19 *Rabiscos* 1890.
20 *Revista do Collegio Azurara* 1894.
21 *Seculo XIX* (4), 1875.
22 *Vampiro*.

---

(1) O primeiro numero é de 17 de junho de 1877, sendo redigido pelos srs. Manuel de Almeida Carneiro, José Guilherme Christiano, padre João Baptista de Oliveira Salgado, Pedro Alvares Coutinho, Joaquim Roberto de Carvalho Pinto Filho e Nicolau Asprino. Destes, retiraram-se logo da redacção os quatro ultimos, continuando os dois primeiros até 1888, em que assumiu a direcção da folha o dr. Eliseu Guilherme Christiano, que, em meiado do anno seguinte, a transformou em *Diario de Bragança*.

(2) Foram publicados seis numeros de 10 de março a 14 de junho. Orgam dos alumnos do *Collegio Bragantino*.

(3) Orgam do *Club dos Estudantes* do excellente collegio do Sr. José Guilherme Christiano editado pelo habilissimo José Maia, actual director-proprietario da *Gazeta de Bragança*. Era segundo informações que tenho, um jornal *mignon*, cuidadosamente revisto e puramente litterario. Foram seus redactores principaes: dr. Valdomiro Guilherme, talentoso rapaz mineiro fallecido no verdor dos annos; Olegario Ribeiro, então professor publico e Francisco Napoleão Maia. O primeiro numero deste jornal sahiu á luz, em julho de 1877, e o ultimo em agosto de 1879. O illustrado sr. José Guilherme, residente em Bragança possue a collecção completa do *Mirim*.

(4) Sahiram sómente quatro numeros.

23 *Cidade de Bragança* (1), 1875.
24 *Mez de Maria* 1893.

(1) Foi o primeiro jornal publicado nesta cidade, devido aos exforços do sr. Jozé Candido Furquim de Campos, tendo o primeiro numero visto a luz a 2 de de maio de 1875. Foram dados á estampa 41 numeros, cessando a publicidade a 5 de fevereiro de 1876.

Em 1877 vendeu a typographia á empreza do *Guaripocaba*, porém, pouco depois, fez acquisição de uma outra, em que publicou o *Alamiré*, mais tarde o *Echo Bragantino*, depois o *Labaro* e por fim o *Bragancense*, todos de sua propriedade e por elle redigidos.

Tinha uma predilecção tão pronunciada pelo jornalismo, que só por si, aos poucos, pacientemente, aprendeu a arte typographica, de modo que fazia todo o serviço de redacção e officina sómente auxiliado por um famulo. Si não tinha grande preparo intellectual, possuia uma grande força de vontade para vencer todas as difficuldades dessa vida espinhosa que tanto o seduzia, e á qual se dedicou, não com mira de interesses e sim por distracção util e entretenimento agradavel.

Republicano antigo, tinha por divisa a moderação. Não se envolvia em questiunculas, mas era soldado firme em seu posto.

Occupou varios cargos de eleição e nomeação, em que sempre se houve com circumspecção e hombridade.

Como cidadão era de uma probidade a toda a prova, prestimoso, calmo e inoffensivo. Tinha habitos concentrados, pouco sahia, mas as pessoas que o procuravam n'elle encontravam o typo de perfeito cavalheiro, tão affavel e delicado quão modesto e despretencioso.

Espirito de idéias avançadas, era progressista e humanitario; e agora baixa ao tumulo, pranteado não só pela familia, que o estremecia, mas tambem por todos que apreciavam o seu caracter, sua nobreza de sentimentos, e seu espirito essencialmente bondoso e caritativo.

Pelo que deixamos dito se póde julgar de sua grande alma e dos serviços que abnegadamente prestou á imprensa e ao logar.

BROTAS

1 *Gazeta de Brotas.*
2 *Municipio*, 1895.

CAMPINAS

1 *Actualidade*, 1875.
2 *Arauto*, 18 de janeiro 1881.
3 *Boletim da Estação Agronomica* (1), 1891.
4 *Culto á Sciencia* (1 de outubro) 1891.
5 *Cidade de Campinas*, 1889.
6 *Constitucional* (2), 1875.
7 *Correio de Campinas* (3), 1885.

---

(1) Publicação official da *Estação Agronomica* hoje, *Instituto Agronomico*. Sahiram alguns numeros, de tres em tres mezes, até que foi a revista substituida pelos importantes e preciosos relatorios annuaes, onde vêm insertos muitos artigos sobre agricultura, industria, etc. O *Boletim* e os relatorios são redigidos pelo director e auxiliares do estabelecimento, e de entre estes é de justiça salientar os drs. Adolpho Barbalho Uchôa Cavalcanti e F. W. Dafert.

(2) Redactores e proprietarios: bachareis João Gabriel de Moraes Navarro e Luiz Silverio Alves Cruz, ambos fallecidos.

(3) Fundado e redigido pelo intelligente escriptor Henrique de Barcellos; appareceu a 1.º de janeiro de 1885. Em 1893 a empreza passou a novos proprietarios, retirando-se Barcellos e assumindo a redacção o dr. Joaquim Gomes Pinto. Sob o titulo *Jornaes Campineiros*, disse o *Diario Popular* (janeiro. 1895): «Fazendo a relação dos jornaes que existiram e existem na cidade de Campinas, o nosso distincto colaborador Lafayette de Toledo, referindo-se ao *Correio* dahi, disse que, com a saida do antigo redactor sr. Barcellos, assumiu a redacção o dr. Gomes Pinto. Como em tempo noticiámos, o dr. Gomes Pinto deixou tambem a direcção daquella folha. Tendo certamente, um caracter historico o interessante retrospecto do sr. Lafayette,

8 *Correio da Tarde* (1), 1880.
9 *Dia* (2) 1894.
10 *Diario da Tarde*, 1882.

---

aqui fazemos a rectificação supra. E, já que nos referimos ao dr. Gomes Pinto, diremos que elle, ainda alumno do collegio *Culto á Scienciar* redigiu o *Arauto*, editado pelos srs. João Azevedo e Herculano de Albuquerque, em 1881, e que não vem mencionado na *Imprensa Paulista*. O *Arauto* viveu quatro mezes.» A esta noticia accrescentou ARLEQUINO, na secção *Folha*, do *Correio* (19 janeiro 1895):

«Si o estimado periodico, fazendo a *rectificação*, tinha em vista simplesmente o CARACTER HISTORICO DE RETROSPECTO, devia mencionar outros organs de publicidade, como fizemos aqui no passado numero:

De mais que rectificou o collega ?

Acaso o sr. Lafayette dissera, affirmára, jurára que o dr. Joaquim Gomes Pinto é o *actual* redactor do *Correio*?

A retirada daquelle nosso amigo não foi annunciada, até em termos amaveis?

A taes perguntas não se responde.

Quem escreveu a noticia olvidou o *Popular*, o *Diario* e o *Correio da Tarde*, interessantes diarios, mas não se esqueceu do *Arauto*, folhinha semanal ou quinzenal de vida ephemera, revelando assim ter sido muito outro o seu intuito.

Gato escondido com o rabo de fóra...»

Essas rectificações, já estão feitas:

Um dos redactores do *Correio*, foi José Gonçalves Pinheiro, de quem logo fallaremos; e no corpo de colaboradores conta essa folha muitos escriptores conhecidos. Nella escrevem o padre João Manoel, Alberto Faria, Renê Barreto, Paulino Muniz e Henrique de Barcellos.

(1) Diario dirigido por Hyppolito da Silva e propriedade do professor João de Oliveira Fagundes.

(2) Durou pouco tempo. Era redigido por Alberto Faria, Renê Barreto e outros.

11 *Diario de Campinas* (1), 1875.

(1) Appareceu a 20 de setembro de 1875. Orgam popular, sem caracter partidario, tem prestado assignalados serviços ao progresso de Campinas e ao do proprio Estado. Desde sua fundação tem sido dirigido pelo major Antonio Duarte de Moraes Sarmento, seu proprietario, e redigido por Henrique de Barcellos, Heitor Barbosa, Gonçalves Pinheiro, Joaquim de Toledo, dr, Alberto Sarmento, Julio Riedel, dr. Joaquim Nogueira de Sá Itagiba, dr. João Brasiliense Leal Costa, dr. Paulo de Lacerda, José Felippe Pestana, Theodoro Flavio Nogueira de Carvalho e Alvaro Miller.

Gonçalves Pinheiro falleceu a 14 de fevereiro de 1893, em Campinas, e delle escreveu Barcellos no *Correio* n. 374, anno XI:

«José Gonçalves Pinheiro chegou a Campinas no dia 11 de agosto de 1872, no dia portanto em que se inaugurou a linha férrea paulista.

Anno e meio esteve no commercio, retirando-se dali para se entregar, com outros. entre os quaes quem estas linhas escreve, á vida da imprensa.

Começou a sua carreira jornalistica num pequeno jornal, *A Sensitiva*, mas logo, de sociedade com Antonio Sarmento e Henrique de Barcellos, fundou a *A Mocidade*, folha semanal.

Em 19 de setembro de 1875 Gonçalves Pinheiro, com os dous acima citados e mais Joaquim de Toledo, viu realizado o seu sonho, que era ver a *Mocidade* diaria. Em vez, porém, daquelle titulo, sahiu á luz o *Diario de Campinas*.

Trabalhador infatigavel, escrevendo com pasmosa facilidade, com um chiste pouco commum, era elle o verdadeiro redactor do *Diario*, accrescendo que tinha a seu cargo a administração dá folha.

O que é o poder da vontade!

Nos seus principios, elle conhecia a defficencia de sua instrucção. Dotado, porém, de notavel intelligencia de grande perspicacia, Gonçalves Pinheiro em pouc tempo conquistou uma grande somma de saber, a ponto

de não lhe ser extranho qualquer assumpto. Além do idioma nacional, que elle sabia manejar com admiravel correcção, fallava correctamente o italiano e o francez; desta ultima lingua traduziu dous romances que foram publicados no outro collega local.

Em 1879 deixou a imprensa e abriu uma livraria. Voltando-lhe, porém a iuclinação bem deploravel da imprensa, fechou a sua casa commercial em 1884 e foi para o Rio de Janeiro, onde em 14 de novembro daquello anno publicou o primeiro numero do *Diario Portuguez*.

A empreza dessa folha, a principio delle e de mais dous, passou depois a ser propriedade de uma associação commanditaria. Exactamente quando essa empreza ia perfeitamente, surgiram questões presas aos interesses de certos mandões, do Rio e o *Diario Portuguez* desappareceu.

A pedido instante do redactor-chefe desta folha, Gonçalves Pinheiro consentiu em redigir o *Correio de Campinas*, mas a contragosto pois que a inesperada desapparição ao *Diario Portuguez* lhe causara a maior amargura.

A sua repugnancia, já então manifesta pela imprensa, foi vencida pelos nossos pedidos e nessa occasião elle melancolicamente nos disse que só a amizade que nos tinha o levava a retomar da penna—que nas suas mãos foi sempre adamantina.

No *Correio de Campinas* creou Gonçalves Pinheiro muitas secções, algumas escriptas diariamente e a todas vinculava o seu brilhantismo, a sua precisão analytica, tudo obdecendo a um profundo criterio, qualidade dominante de seu espirito reflectido e calmo.

Portuguez de nascimento, Gonçalves Pinheiro fôra sempre estrenuo patriota, mas dotado desse sentimento que eleva um altar á patria no coração e por isso smo é de todos respeitavel.

endo vindo muito criança para o Brazil, fôra a ıdgal em 1881, com sua familia; e quando em de Dezembro de 1889 se decretou a grande naturali-

sação Gonçalves Pinheiro acceitou com alegria a nova patria que lhe abria os braços.

De uma vez, em um bond, Campos Salles, notando que elle sempre fôra jornalista, perguntou-lhe porque não se naturalisava. Elle respondeu :—façam os senhores a grande naturalisação e eu serei brasileiro com muito gosto. Por actos justificou o que dissera.

Votava entranhado amor a Campinas e dizia que só aqui, na terra de sua familia, se dava bem. As suas pugnas jornalisticas exuberantemente comprovaram esse amor a esta terra, onde fechou os olhos á luz do mundo.»

E o *Diario*, de 27 de setembro de 1794:

Deixou a alfaiataria do *Judeu Errante*, em 1874, para fazer parte do grupo de bohemios que fundou a *Mocidade*.

Começou como todos que estréiam na imprensa :—escrevia, emendava; refundia os artigos, consultava e discutia com o Barcellos, a proposito dos mesmos, e depois lá ia elle triumphantemente levar ás officinas as tiras que havia composto.

Seus artigos eram sisudos, graves como sua pessoa. Tinha a preoccupação de doutrinar.

Lembramo-nos ainda hoje que, ali nas palestras da rua Lusitana, na casa do Villares, do Queiroz e do Louveira, naquelles bons tempos, chamavam o Pinheiro de philosopho.

Escrevia, traduzia, transcrevia, noticiava e, nessa missão prestava bons serviços a *Mocidade*, *Actualidade* *Diario*. Depois deixou esta folha, abriu livraria, e foi para o Rio, onde fundou um jornal e, regressando a esta cidade, entrou para o *Correio de Campinas*.

José Gonçalves Pinheiro é hoje fallecido,—que sirva agora a recordação do seu nome, de homenagem á memoria do nosso antigo companheiro de trabalhos.»

O Diario, de 27 de setembro de 1893 (n. 5.299, anno XIX), consagrou toda a folha á commemoração do seu anniversario, estampando na primeira pagina os retratos de Henrique de Barcellos, Pinheiro, Felippe

Pestana, Toledo, Luiz Cornêta, Antonio e Alberto Sarmento, Heitor Barbosa, Leal Costa, Cesar Marques, e João Baptista Leme e estiriotypando uma pagina da *Mocidade*. De um dos artigos tiramos este trecho, firmado por *Gil-Braz*:

«Foi no dia 1º. de março de 74, ali á antiga rua do Theatro, numa casinha de porta e janella.

Eramos ainda moços; cheios de nobres aspirações, não haviamos ainda recebido o contagio das ambições vulgares e nem o attrito das paixões que depauperam o espirito jovenil e deprimem os bons sentimentos.

Todos nós trabalhavamos egualmente.

«O mesmo que escrevia o artigo de fundo *batia rolo* durante a noite; o que fazia a reportagem, ajudava na entrega do jornal; o que compunha durante o dia imprimia a folha durante a noite.

«Henrique de Barcellos e Gonçalves Pinheiro eram redactores: Sarmento, editor e reporter; Felippe Pestana, typographo e collaborador; Joaquim Toledo tambem collaborava; José Sarmento trabalhava em composição e era o dispenseiro-mór; *Luiz Corneta* era o entregador e o contador de historias que a seu turno nos amenisava a rudeza do trabalho por aquellas noites sem fim...

«A typographia era um grande *pastel*, o prélo era de madeira, systema primitivo.

«Aquillo tudo nos havia custado tresentos mil réis; quem nos emprestou o dinheiro para a compra foi Joaquim Dias Ferraz Sobrinho que hoje não existe.

«Com aquelle material tiramos *A Mocidade*, cuja primeira pagina figura hoje estereotypada na nossa pagina de honra.

«Campinas, esta terra que tem sempre a alma aberta a todas as grandezas e nobres commettimentos, recebeu-nos com surpreza; ella não sabia quem nós eramos e nem onde vinhamos

«Todos nós eramos caixeiros: um de loja de ferragens, outro de alfaiataria, outro ajudante de guarda-

12 *Gazeta de Campinas* 1869 (1).

livros; todos obscuros, completamente desconhecidos.

—Que diabo quererão elles.

Foi esta a interrogação que corria de bocca em bocca entre os novidadeiros e criticos de esquina, quando appareceu o primeiro numero da ***Mocidade***.

O que nós queriamos viram elles depois...»

(1) A 31 de Outubro de 1869 foi publicado o primeiro numero da *Gazeta de Campinas* sob a redacção dos drs. Campos Salles, Quirino dos Santos e de outros republicanos que a fundaram para orgam do partido. Até 1874 foi seu gerente o sr. José Maria Lisboa. Esse diario desappareceu em 1891 tendo pertencido a diversos empresarios: Nelle tambem escreveram Francisco Glycerio. Herculano de Freitas, Carlos Ferreira, Antonio Cezar, Jorge de Miranda, Julio de Mesquita, Miranda Azevedo, Aberto Salles, Thomaz Alves, Silveira Lopes, Alberto Salles e muitos outros escriptores de nome feito na politica, nas lettras ou na sciencia: O dr. Francisco Quirino dos Santos nascido em Campinas a 14 de julho de 1841 falleceu em S. Paulo a 6 de Maio de 1886, quando occupava a cadeira de deputado provincial: Rectificando esta nota, diz-me, em carta, o dr. José Augusto Quirino dos Santos: «A *Gazeta de Campinas* foi fundada por meu pai, dr Francisco Quirino dos Santos, por meu tio dr. João Qnirino do Nascimento e por meu avô, e fallecido tenente-coronel Joaquim Roberto de Azevedo Marques.»

Aqui transcrevemos as seguintes informações ministradas pelo dr. Miranda Azevedo.

«Com o maior prazer accedo ao seu gentil convite de contribuir para completar os seus apontamentos acerca da *Gazeta de Campinas*. a qual estou ligado pelas mais gratas recordações de amizade e de saudades do bom tempo da propaganda: As minhas relações jornalisticas nascerão, por occasião da celebre polemica que surgiu na imprensa de Campinas, em 1873 quando ahi appareceu pela primeira vez a febre amarella. A discussão medica travada entre os drs. F. Pereira Lima, e Va-

lentim da Silveira Lopes, que sustentavão a existencia do cruel flagello, contra a opinião do dr Cassiano e creio que Souza Campos, transportou-se para as corporações medicas do Rio de Janeiro, onde então eu residia. Fui procurado por Luiz Quirino dos Santos, de quem era amigo dedicado, e por elle incumbido, em nome de seu irmão, o dr. Francisco Quirino dos Santos, de acompanhar a questão junto dos mestres e informar de tudo a *Gazeta de Campinas*. Foi grande o interesse que em Campinas despertou toda essa discussão, cujo desenlace na então *Imperial Academia de Medicina*, foi confirmar a existencia da molestia, conforme escrevera a folha do dr. Francisco Quirino dos Santos.

«Todos esses pareceres firmados pelos medicos mais distinctos do Rio de Janeiro, forão publicados na *Gazeta*, e a resolução final da *Imperial Academia* transmittida em extenso telegramma.

«Mais tarde estreitei relações pessoaes com o proprio dr. Francisco Quirino dos Santos, um dos vultos mais notaveis da politica republicana e um dos talentos mais cultos de S. Paulo, e fui por elle convidado para escrever *chronicas quinzenaes* sobre a vida fluminense em todos os seus aspectos. Foi nessa qualidade que tive a felicidade de collaborar effectivamente para a *Gazeta de Campinas* até 1878 quando mudei-me para Guaratinguetá, embora nesse tempo, já a propriedade e a redacção effectiva fossem de um outro illustre amigo o distincto poeta Carlos Ferreira. Nessa epocha prometti a esse amigo, quando meu hospede em Guaratinguetá, de passagem para os Campos do Jordão a convalescer de molestia pertinaz, continuar a colloborar no seu jornal.

«Infelizmente as responsabilidades da vida pratica, não consentirão que contribuisse como desejava para corresponder á distincção que recebi, mas acompanhei sempre as diversas phases da vida gloriosa da *Gazeta* até sua final suspensão.

«Coube me tambem a honrosa e a triste missão de um dos medicos que assistiu e accompanhou na ultima e rapida molestia o illustre dr. Francisco Quirino

dos Santos. E espero em trabalho que tenho delineado, prestar ao grande morto, toda a homenagem de que é digno como um dos mais puros e alevantados caracteres dos republicanos da propaganda. Oxalá—melhor imitado fosse nas grandes licções de patriotrismo e abnegação que legou a esta terra que tanto estimava em prol da idéa republicana que tão bem representava e comprehendia.

«Na redacção da *Gazeta de Campinas*, fiz conhecimento com o illustre philologo e publicista paulista João Vieira d'Almeida. Fui-lhe appresentado pelo então redactor proprietario Carlos Ferreira. Ao distincto amigo João Vieira d'Almeida que tambem abrilhantou as columnas da *Gazeta* com seus escriptos, devo as seguintes informações, que por assim dizer completão a historia da vida da *Gazeta*.»

Eis o que escreve o sr. João Vieira d'Almeida:

«Foi fundada pelo finado dr. Francisco Quirino dos Santos, jornalista advogado e poeta campineiro.

«Seo primeiro administrador foi o sr. José Maria Lisboa, actual proprietario do «Diario Popular» da capital do nosso Estado.

«Em seguida passou á direcção do sr. Abilio Marques, mallogrado homem de lettras, que falleceu como gerente da companhia Agua e Luz, desta capital.

«Pelo anno de 1877 era seo gerente, o sr. Alfredo Pinheiro, talento omnimodo que viveo e ainda vive a luctar contra a má sorte sempre adversa.

«Era então seo redactor o eminente litterato Carlos Ferreira, que, hoje desilludido de litteratices e de politicagem, consagrou o entardecer da existencia a nobre causa da educação da mocidade, dirigindo o collegio «Benjamin Constant» na cidade do Amparo.

«Esta alma de athleta, em corpo de creança, tragou os maiores dissabores na sustentação do baluarte republicano do então 7° districto eleitoral da antiga provincia, concorrendo poderosamente para alcandorar aos pincaros governamentaes e honras, homens que hoje, já se não lembram da escada que os ajudou a galgar o poder

13 *Imprensa Artistica* 1879.
14 *Lettras e Artes* (1) 1887.
15 *Livro Azul* 1894
16 *Lotta* 1894
17 *Mocidade* (2) 1873.
18 *Mundo Largo* (3) 1884.

«Desgostoso de tanta lucta ingloria passou á redacção do glorioso periodico a Polycarpo de Queiroz, espirito folgazão que para lá foi, no intuito de ser mais um testamenteiro do que um batalhador da democracia!

E assim sumiu-se na voragem do esquecimento o valente esgrimista republicano!»

(1) Folha litteraria a quatro paginas redigida por José Felippe Pestana. Publicaram-se apenas treze numeros.

(2) A *Mocidade* era redigida por Henrique de Barcellos e José Gonçalves Pinheiro, era editada por Antonio Duarte Moraes Sarmento e appareceu a 1º de Março de 1873. Collaboraram n'esta folha José Felippe Pestana, Joaquim de Toledo, José Sarmento e outros. Desappareceu em 1876 e foi substituida pelo *Diario de Campinas*.

(3) A proposito escreve o «Diario de Campinas» de 27 de Novembro de 1884.

«O Mundo Largo» é o titulo de um periodico turco que se publica ha dois mezes mais ou menos, n'esta cidade, publicação essa que estava passando despercebida da policia visto que o redactor, o sr. Salim Beleche não se havia dado ao trabalho nem de tirar a licença municipal e ainda menos de apresentar responsavel idoneo perante a autoridade competente.

Em virtude d'essa falta ou menoscabo ás nossas leis e as muitas queixas de turços aggredidos pelo referido periodico, o sr. Major Moraes, delegado, mandou intimar o sr. Salim a comparecer á essa presença. O Salim em vez de obedecer a ordem da auctoridade, o contrario respondendo ao escrivão que foi inti- *que estava muito bem na sua casa e que não iria* *ça do sr. delegado*. Em vista de semelhante

19 *O Neophyto* 1893
20 *Opinião Liberal* (1) 1881
21 *Petiz Jornal*, 1879
22 *Revista do Collegio Internacional* 1875
23 *Revista Trimensal* 1983
24 *A Revolta* (2) 1888
25 *Sensitiva* 1873
26 *O Teimosinho* 1893
27 *O Telegrapho*, 1884.
28 *L'Unione*, (1.º agosto 1894).

---

modo de proceder o sr. Major Moraes mandou conduzir Salim a sua presença acompanhado de praças, ficando elle detido pela maneira desrespeitosa com que houve para com a auctoridade.»

(1) Redigida por Alfredo de Almeida, Polycarpo Teixeira de Almeida Queiroz (fallecidos), dr. João Egydio de Souza Aranha e dr. Carlos Norberto de Souza Aranha. O segundo destes, morto em Campinas, onde residiu largos annos, em 1892, foi fundador e redactor do *Mineiro*, periodico que, de 1873 a 1875, se publicou em Pouso-Alegre, sua cidade natal. Foi elle quem, após 37 annos de interrupção, restaurou a imprensa n'aquella localidade, no dizer de Xavier da Veiga (*A imprensa em Minas-Geraes*, 1894, pag. 44). Escreveu tambem um livro — *Transformação do trabalho*, Campinas, 1889, — 235 pag. O n. 1 da *Opinião* é de 22 de junho

(2) Folha de franca e activa propaganda republicana publicada semanalmente. O primeiro numero tem a data de 30 de Junho de 1888 e o ultimo (13) a de 8 de Dezembro do mesmo anno. Era impressa na typographia da «Gazeta» com quanto não trouxesse indicação alguma, e tinha por lemma *Libertas quæ sera tamen*. Todos os artigos vinham firmados por pseudonymos, que encobriam os nomes de Herculano de Freitas, Ernesto Correia, João de Deus Sampaio, Lafayette de Toledo....

29 *A Verdade*, (1) 1898.
30 *O Vigilante*.
31 *Petiz*, (12 julho) 1885.
32 *Popular*, 1890.
33 *Theodorino*, (20 julho) 1885.
34 *Folha*, (1.º março) 1895.
35 *Bilontra*. (março) 1895
36 *Conservador*, 1860.
37 *Pernilongo*, 1860.
28 *Aurora Campineira*, 1860.
39 *Movimento*, 1876.
40 *Bisturi*, 1877.
41 *Porvir*, 1877.
42 *Violeta*, 1877.
43 *Telegrapho*, 1877.
44 *Iniciatio*, (17 novembro) 1878.
45 *Binoculo*, 1878.
46 *Flôr*, 1878.
47 *E' a coisa*, (4 março) 1880.
48 *Alliança*, 1882.
49 *Jornal da Tarde*, (7 maio) 1883.
50 *Escalpelo*, 1883.
51 *Incenso*, 1884.
52 *Sorriso*, 1886.
53 *Estudante*, 1888.
54 *Jornal da Kermesse*, 1889.
55 *Orpham*, 1889.
56 *Violeta*, (1.º novembro) 1891.
57 *Seis de Outubro*, 1892.
58 *Prego*, 1893.
59 *Angú*, 1894.

(1) Erão redactores da *Verdade* o conego João Baptista Correia Nery e Antonio Rodrigues de Mello. Era orgão catholico.

60 *Passio Domini*, 1894.
61 *Republica das Letras*, (1.º novembro) 1877.
62 *Vinte e Cinco*, 1894.
63 *Distracção*, (8 julho) 1895.
64 *Grilo*, (dezembro) 1895.

CAÇAPAVA

1 *Caçapavense* 1870.
2 *Democracia*
3 *Democrata* 1894.
4 *Discipulo* 1894.
5 *Ensaio* 1894.
6 *Gazeta de Caçapava* (junho) 1895.
7 *Norte de São Paulo.*
8 *Provinciano* 1889.
9 *Regenerador* 1885,
10 *Seculo* 1883.

CAJURU'

1 *Independente.*

CANANEIA

1 *Éco Cananéiense* 1888.
2 *Gazeta de Cananéia.* 1882.
3 *Restaurador* (1), 1892.

---

(1) Restaurador da prosperidade local e redigido pelo dr. Joaquim Guedes Alcoforado, juiz de direito da comarca.

CAPIVARY

1 *Capivary* (1) 1875.
2 *Capivaryano* 1884.
3 *Gazeta de Capivary* (2) 1885.
4 *Mocidade* (3) 1885.
5 *Tagarella* (4) 1876.
6 *Revista Popular* (5) 1895.

CASA-BRANCA

1 *Bem Publico* (6) 1885.

---

(1) Redacção dos drs. Baptista de Souza e Luiz de Souza,

(2) Propriedade e redacção de João de Arruda Leite Penteado, tendo como colloborador o dr. Cesario Motta.

(3) Periodico de pouca duração e pequeno formato, redigido por um grupo de rapazes, entre os quaes figurava o actual 2.º promotor da capital, dr. Candido Nazianzeno Nogueira da Motta.

(4) Redacção de José Toledo Penteado, então negociante naquella cidade. Periodico critico e noticioso.

(5) Publicação mensal, noticiosa e religiosa, dirigida pelo Rvmo. C. Dickson. Appareceu em fevereiro.

(6) Editores: Alfredo Julio de Araujo Macedo e Manoel Francisco de Paula Fernandes. Principiando a publicação a 9 de agosto de 1885, a terminou em 1888, depois de ter augmentado o formato, reapparecendo a 21 de março de 1891, sob a redacção de Lafayette de Toledo, que se conservou nesse posto até janeiro de 1895.

E' uma fusão do *Casabranquense* com o primeiro *Oeste de São Paulo*. Na sua primeira phase foi redigido pelo dr. João Aristides Soares Serpa, e colaborado por Manoel de Moura Azevedo, Valdomiro Silveira, dr. Antonio Mercado, Hemeterio de Carvalho e outros. Na unda teve a colaboração de Alfredo Julio, dr. Ernesto reia, Antonio Pantoja e outros. Hoje é redigido por Honorio de Silos.

2 *Casa-Branca* (1) 1877.

---

(1) Primeiro jornal que appareceu em Casa-Branca. Periodico imparcial, que appareceu a 25 de dezembro de 1877, foi redigido pelos drs. Brasilio Machado e Ricardo Baptista. Desappareceu em 1879, tendo-se declarado francamente republicano. A respeito deste hebdomadario, lê-se no *Casabranquense*, de 7 de fevereiro de 1885:

«No dia 11 de janeiro completaram-se 4 annos que falleceu Francisco dos Santos Bastos, o fundador da primeira imprensa nesta cidade.

O sentimento profundo que nos fez nascer no peito, com a leitura do artigo memorial que a elle dedicou o nosso collega d'*Oeste*, obrigou-nos a ácompanhal-o, apezar de nos faltar um essencial.

O Casa-Branca, era o titulo do jornal, por elle fundado aqui.

Publicou-o durante 8 mezes, do anno de 1878.

Na occasião da vinda de s. m. o imperador a esta cidade, occasião em que as bandeiras nacionaes teciam as ruas por entre as ramagens, á espera de s. m., elle o esperava muito ao contrario de todos.

As suas idéas republicanas, puxaram-se para o abysmo.

O Casa-Branca, até então impresso pallidamente, tornou-se corado de uma côr escarlate. Numa das suas columnas, via-se o nosso escudo de armas, mas sem a corôa, que elle a havia cortado, decapitara-a com um formão, servindo de epigraphe a um artigo.

Foi distribuido *O Casa-Branca*, e um numero delle foi levado, a mandado de Bastos, ao monarcha.

Elle, já acostumado com essas que têm plena liberdade, apenas leu-o.

Mas, dahi a alguns dias, Bastos viu como cavára a sua ruina.

Triste presagio.

Aquelles que mais extasiados e contentes liam-n-o o assignavam ambiciosos de possuil-o sempre, foram dos primeiros que incendiaram-se de odio contra o autor daquelle attentado contra o monarcha.

As conspirações com traaquelle que ousara decapitar a nossa coroa, armaram-se.

Bastos, o valente e ousado republicano, que era, tornou-se fugitivo, como Caim quando manchou a terra com o sangue de seu irmão.

Foi para a cidade da Franca, onde esteve algum tempo, e depois seguiu para Uberaba.

Ainda ahi fundou um jornal intitulado o *Raio*.

A 11 de janeiro de 1881, desceu á sepultura, depois de ter passado as maiores miserias.

Eis pois quanto soffreu o nosso mestre typographico, Francisco dos Santos Bastos.»

E no *Almanak da Casa-Branca*, 1888, pag. 71:

«A 11 de janeiro passado completaram-se quatro annos depois da morte de Francisco dos Santos Bastos.

«Primeiro que teve a lembrança de fundar um jornal nesta cidade—o *Casa-Branca*, cumpre consignarmos em nossa folha algumas palavras que commemorem o anniversario do passamento desse homem que, durante tanto tempo, comnosco conviveu.

«Recordemos um momento da vida de F. S. Bastos, quando aqui nesta cidade, redigiu o *Casa-Branca*. Foi em 1878. (*a*)

«Sem, o Imperador dignou-se visitar esta cidade.

«Muita festa, muito foguetório, gastos enormes de rhetorica de occasião, nada foi poupado para corresponder á honra que nos dava o imperial visitante. Bastos era um republicano sincero, convicto. Republicano de estofo á Robespierre, e de bofes á Marat. De que se havia de lembrar o desgraçado? O imperador chegára. Era necessario fazer comprehender que elle, Bastos, o republicano, o visionario que sonhava com realizar á sua patria os mesmos sonhos de Tiradentes, não recebia o rei com os applausos dos outros mortaes

(a) O sr. d. Pedro II veiu pela primeira vez a Casa-Branca, em 1878, a 15 de setembro. Acompanharam-se nesta excursão a imperatriz, o conselheiro Sinimbú, visconde do Bom-Retiro, conde de Iguassú, barão de Maceió, dr. Moreira de Barros, dr. Ataliba Nogueira e outros.

que o applaudiam. Elle quiz demonstrar que o sua espinha dorsal, feita de um osso mais duro, mais rijo, não se curvava nem mesmo diante do primeiro poder desta terra, pretendeu lavrar de um modo solemne a sua profissão de fé de homem livre, o seu credo de republicano convicto e *enragé*. O que lembrou então o desgraçado? Imprimiu um numero do seu jornal, o *Casa-Branca*.

Encimando o artigo editorial desse numero, via-se o escudo das armas do Brasil, mas... sem a corôa: Essa, elle cortou-a de um só golpe. Eu imagino a furia com que o descarregou. Era o imperial pescoço que elle imaginava cortar. E o numero, assim arranjado do seu *Casa-Branca*, F. Bastos mandou-o a S. M. o imperador. S. M. viu-o, e sorriu-se.

—«Já sei, já sei», talvez dissésse. Sabia assim que o redactor do *Casa-Branca* não o admittia rei, sentado no throno, com o seu voto.

Sabia que da unanime acclamação do povo que o fez monarhca, tinha de ser subtrahida a voz de Francisço dos Santos Bastos: Os cortezãos, como era justo, franziram a testa e reprovaram tamanha audacia. Infeliz franqueza a do redactor do *Casa-Branca*! Um mez depois o seu jornal cahia, sem que exforço algum de sua parte pudesse mais amparal-o.

O córte daquella corôa foi o signal do seu desmoronamento. Francisco Bastos retirou-se para a França. Mau fado o acompanhava. Aquella corôa... aqnella corôa... Da Franca seguiu para Uberaba. Sempre o córte fatal da corôa!... Em Uberaba a sua estrella não foi mais brilhante, ou melhor: o infeliz depois do golpe desastrado no brazão de armas de sua patria, nunca mois teve estrellas. Em Uberaba morreu em pobreza extrema, num estado de miseria o mais lastimoso. Exemplo e licção aos demagogos de agora e do futuro: nada de golpes na corôa que encima-o emblema heraldico de nossas armas. O tempo grudou-a ali. Deixae que o tempo a arranque, e isso quando fôr de seu agrado.» *(a)*.

(*a*) *Oeste de São Paulo*, n. 7, de 5 de fevereiro de 1885.

3 *Casa-Branca*, (1) 1887

Bastos foi para Uberaba em 1879, empregando-se como typógrapho na *Gazeta de Uberaba* da qual, a esse tempo, era administrador José Augusto de Paiva Teixeira, um intelligentissimo rapaz que tem sido parte integrante da imprensa uberabense desde 1974. Quando na *Gazeta*, fundou e redigiu um pequeno periodico. *O Recreio*, cuja linguagem saltitante de *verve* punha em ebulição todos os espiritos. Gaspar da Silva, Paiva Teixeira e o commendador Gomes da Silva, retirando-se da *Gazeta*, crearam o *Correio Uberabense*, em 1880, um jornal feito com todo o capricho, digno de uma cidade civilisada, como o é Uberaba. Bastos tambem pôz ás costas a sua modesta bagagem e, sem ninguem o suspeitar, *O Recreio*, que mais tarde se chamou *O Raio*, lá vinha do *Correio* com farto carregamento de facécias espirituosissimas. Alegre, jovial e esquisito, Bastos captára para logo a dedicacão e a amizade dos seus companheiros. Não levou vida miseravel, nem tampouco morreu em estado o mais lastimoso, como presume o illustrado redactor do *Oeste*, não ; viveu sempre rodeado de estima ; morreu em casa do cidadão Paiva Teixeira, onde foi medicado com todo o carinho e solicitude. O seu enterro, feito a expensas dos typographos do *Correio*, foi o mais decente possivel e muito concorrido. Cremos que alguem, que, tendo vivido pobremente, encontra na hora extrema protecção e amigos, não póde morrer em estado deploravel, ao menos no tocante á dedicação do proximo. Bastos era natural de Angra dos Reis, onde tem familia importante, e falleceu aos trinta e poucos annos de idade, no dia 11 de janeiro de 1881, victima de uma molestia de figado. — *Tancredo Lucas.*»

(1) Semanario imparcial, noticioso e commercial, propriedade de Manuel Theodoro da Silva Appareceu a 9 de julho de 1897. Nelle escreveram Valdomiro Silveira, Manuel Martins Teixeira de Carvalho, Constantino Xavier de Mesquita (portuguez, fallecido nesta cidade em 1892). Distribuiu apenas sete numeros.

4 *Casa-branquense*, (1) 1894
5 *Democrata* (2) 1880.
6 *Diario do Povo* (3), 1887.
7 *Folha de Parra* 12 de Abril 1894.
8 *Gazeta de Casa-Branca* (4), 1893.
9 *Imparcial* (5) 1879.
10 *Municipio* (6) 1882.

---

(1) Semanario, propriedade de Francisco Julio de Araujo Macedo e dirigido por Alfredo Julio. Sahiu a lume em 10 de outubro de 1884, tendo sido escripto pelo dr. Antonio Mercado, dr. João Baptista da Silveira, Antonio Custodio da Gama Pantoja e outros.

(2) Publicação semanal dirigida por Joaquim José da Silva Quadros; iniciada a 3 de dezembro de 1880. logo cessou.

(3) Folha semanal, de propriedade de Silva & Meireles (Manuel Theodoro da Silva e Firmino Gomes de Meirelles) e redacção de Lafayette de Toledo. Appareceu a 20 setembro de 1887, durou apenas oito dias e era francamente republicano

(4) Hebdomadario pertencente a uma associação particular composta de Manuel Theodoro da Silva, José Martins Pereira Balieiro, Marcos Horta, Pedro de Magalhães Passos, Diogenes de Vasconcellos, José de Magalhães Passos Junior e Alfredo de Silos, e em que escreveram os drs. João Silveira, Octavio de Barros, Valdomiro Silveira, Lafayette de Toledo e outros. O n. 1 é de 24 de maio e o ultimo 33 de 22 de fevereiro de 1894.

(5) Orgam semanario, editado por M. F. de Paula Fernandes. Appareceu a 23 de novembro de 1879 e foi redigido por Augusto Cesar Correia, Antonio Dias Ferraz da Luz.

(6) Orgam dedicado aos interessses deste municipio e de seus visinhos. Redactor e proprietario: Manuel Felix de Alvarenga e Silva. Apparecendo a 28 de maio de 1882 e cessou de ser publicado em junho de 1887. Colaboraram nelle o dr. Aristides Serpa,

11 *Oeste de São Paulo* (1), 1884.
12 *Oeste de S. Paulo*, (2), 1888.

Nogueira da Gama, Oscar da Motta, dr. José Ignacio de Figueiredo, Ismaél Fremberg, Lafayette de Toledo e outros. Manuel Felix nasceu em Itajubá, Minas, a 5 de janeiro de 1825 e falleceu em Casa-Branca a 7 de março de 1888. Exerceu diversos cargos publicos em São Gonçalo de Sapucahy, Cabo-Verde e Itajubá, e foi 1.º tabelião interino desta cidade por decreto provincial de outubro de 1878. Em janeiro de 1881 foi nomeado promotor publico de Batataes. Muito auxiliou a construcção da Misericordia, de cuja mesa administrativa fez parte. Além do *Municipio*, escreveu dois folhetos — *Cabo-Verde* (São Paulo, typ. do *Constituinte*, 1879, in-4.º peq., 22 pag); *Cidade de Casa-Branca*, manifesto (São Paulo, typ. J. Seckler & C.ª, 1883, in-4.º gr., 4 pag.) e *A Misericordia de Casa-Branca*. (São Paulo typ. J. Seckler & C.ª 1887, in-8.º gr., 17 pag).

(1) Propriedade de Manuel Francisco de Paula Fernandes. Sahiu á luz a 25 de dezembro de 1884, sob a redacção do dr. Aristides Serpa. Desappareceu em 1885, quando, feita a fusão com o *Casabranquense*, foram ambos substituidos pelo *Bem Publico*

(2) Segundo deste titulo. O primeiro numero sahiu a 2 de setembro de 1888 a até março de 1890 foi publicado regularmente duas vezes por semana, sendo seus redactores o dr. Aristides Serpa e Lafayette de Toledo. Reduzindo o formato á metade, passou a ser publicado tres vezes por semana, voltando mais tarde a uma. Lafayette de Toledo, deixando a redacção em março de 1890, foi substituido por Eugenio Lefévre, que deu-lhe caracter politico (republicano), pois era imparcial. Retirando-se Lefévre em setembro, assumiu a redacção o dr. Serpa, passando a folha a ser oppositicista. O *Oeste*, até ao n. 6, pertenceu a Jeremias Saldoval, M. F. de Paula Fernandes e Manuel de Jesus Correia. Este foi sempre o gerente. Durante a primeira phase setembro de 1888 a março de 1890, foi este periodico um dos melhores do interior, e nelle escreve-

13 *Pintasilgo* (1), 1893.
14 *Fetiz* (2), 1889.
15 *Raio* (3), 1892.
16 *Rouxinól* (4), 1893.
17 *Semana* (5), 1993.

---

ram Arthur Lobo, Luiz Cassiano Junior, Valdomiro Silveira, conego Miguel Martins da Silva, dr. Ernesto Correia. Octaviano de Toledo, Pedro de Mattos, Candido Prado. Manuel de Moura Azevedo, Antonio Pantoia, dr. Pedro Agápio de Aquino, dr. Antonio Mercado dr- Ricardo Baptista, Joaquim Aguiar, A. M. Pinto Coelho, dr. Martim Francisco Filho, Napoleão Baldy e outros. Na segunda phase redigiram-no os drs. José Rodolpho Nunes e Delfim Carlos Bernardino Silva, e actualmente os srs. dr. Pereira das Neves e Alfredo Julio.

(1) Orgam jovial e noticioso. Editores: Justino Castro e João Luiz de Souza Campos. Começou a publicação em 8 de março e logo desappareceu.

(2) Propriedade de Benedicto Correia. Sahiu o primeiro numero a 22 de setembro e o ultimo a 27 de outubro. Era de formato *mignon*.

(3) Orgam politico e noticioso, redigido por F. Octaviano e B. Correia, publicado semanalmente. aos domingos. Sahiram apenas oito numeros, sendo o primeiro a 31 de julho de 1892 e o ultimo a 18 de setembro. Era escripta em linguagem virulenta e incorrecta, constando ter sido escripto por Benedicto Maria de Toledo e bacharel Benedicto Castilho de Andrade.

(4) Publicou-se um numero sómente ; a 22 de outubro

(5) Orgam noticioso e litterario, propriedade de B. Correia & Rios. Do segundo numero em diante declarou-se *folha sebastianista*, por critica aos partidarios da monarchia. Seu primeiro numero sahiu a public no dia 26 de março de 1893 ; durou pouco tempo. Er redactor o dr. Valdomiro Silveira.

18 *Treze de Maio* (1) 1890.
19 *Trem da Tarde* (2), 1881.
20 *Typographo* (3), 1890.
21 *Voz do Povo* (4), 1881.
22 *Guanumby* (5) 1895.

CONCEIÇÃO DE ITANHAEN

1 *Aereolitho* 1884.
2 *Itanhaen* 1893.

---

(1) Appareceu a 13 de maio de 1890 e logo morreu.

(2) Publicação diaria, Boletim do commercio de Casa Branca, dedicado aos interesses do municipio, appareceu a 13 de fevereiro de 1881, cessando a publicação dias depois e reapparecendo em abril, semanalmente, como « periodico dedicado aos interesses do municipio em particular e do progresso em geral », sob a gerencia de Luiz de Oliveira e propriedade de uma associação anonyma. Foram seus redactores: José Joaquim Gomes Villa-Maria, director de um collegio, e dr. Aristides Serpa,

(3) Orgam imparcial. Deu o primeiro numero em 25 de dezembro de 1890 e o segundo e ultimo (nova phase, anno II, n. 1) a 29 de maio de 1892.

(4) Semanario dedicado aos interesses do municipio de Casa-Branca, propriedade de Joaquim Ferreira de Castro e direcção de Manuel Francisco de Paula Fernandes. O primeiro numero é de 17 de setembro de 1881. Escreveram na *Voz do Povo*; Augusto Correia, dr. Serpa, Antonio Pantoja. . .

(5) Semanario, publicado ás quintas-feiras. Direcção José de Manuel de Almeida Albuquerque e Alarico Silveira. Redactores: Octavio de Barros, Valdomiro Silveira, Moysés Horta de Macedo. Gerente: José Martins Pereira Baliciro. O n. 1 é de 8 de agosto.

CORDEIROS

1 *Alfinete* (1) 1895.

CUNHA

1 *Cunhense.*
2 *Conservador.*
3 *Municipio.*
4 *Redempção.*

DESCALVADO

1 *Actualidade* (4 de janeiro) 1885.
2 *Correio d' Oeste* (2) 1888.
3 *Campeão do Descalvado* (21 de agosto) 1890
4 *Descalvadense* (3) 1888.
5 *Descalvado* (1.º de janeiro) 1884.
6 *Gutenberg* 1888.
7 *Gazeta do Descalvado* (4) 1891.

---

(1) Appareceu em abril.

«Pouco maior de que o objecto que lhe serve de titulo é o periodico que acabam de nos remetter de Cordeiros.

E' impresso em Campinas, é noticioso e litterario tem sua graça e lê-se depresssa.

Com estas qualidades este Alfinete ha de crescer na estima publica e breve vel o hemos. . . . . especto.

Gratos pela remessa. (Correio Paulistano de 6 abril 1895),»

(2) Semanario politico, litterario, commercial e notocioso. Orgam do partido conservador. Foi redigido por Francisco das Chagas Ourique de Carvalho e outros.

(3) O *Descalvadense*, o *Campeão* e a *Tenda* foram redigidos pelo jornalista portuguez José Ferreira Martins. Aquelle appareceu a 15 de janeiro.

(4) Redactores: drs. Amancio Penteado e Candido Rodrigues. Gerente: José Victorino da Silva. Editor: José Rufiro Tavares, O n. 1 é de 5 de janeiro.

8 *Imprensa do Descalvado*, (3 de fevereiro) 1884.
9 *Lutador*, (1) 1893.
10 *Tenda*, 1889.
11 *Verdade*, 1884.

DOIS-CORREGOS

1 *Correio de Dois-Corregos*, 1886.
2 *Dois-Corregos*, 1893.

ESPIRITO SANTO DO PINHAL

1 *Correio do Oeste*, (2), 1891.
2 *Cidade do Pinhal*, (3) 1892.
3 *Gazeta do Pinhal*, (4) 1888.

---

(1) Orgam republicano, de que são redactores o major Gabriel Lessa e o tenente-coronel Polycarpo Alves Normanha. Propriedade de uma associação.

(2) Semanario que, a principio intitulava-se orgam da opposição partidaria do dr. Americo Brasiliense e tornou-se, depois, imparcial, porque as cousas não lhe correram bem. Durante alguns mezes sahiu a lume duas vezes por semana. Foi seu redactor o sr. Miguel Virginio, que o manteve por espaço de mais de um anno.

(3) Orgam popular; começou a sahir a luz, semanalmente, 3 de julho, tendo a sua frente, como redactores, os srs. capitães Armando de Almeida Vergueiro e Antonio Thomaz Pacheco Lessa, e como gerente o habil typographo Felix Vieira Cortes. Mais tarde retirou-se o primeiro daquelles redactores a empregar o seu precioso tempo e brilhante intelligencia em outros misteres, ficando até hoje como redactor-chefe o capitão Antonio Th. Pacheco Lessa. E' o unico jornal que nessa cidade agora existe.

(4) Semanario editado por Felix Vieira Cortes; era essencialmente noticioso e imparcial. O seu primeiro numero foi publicado a 11 de novembro de 1888 e o ultimo a 9 de maio do anno seguinte.

4 *Pinhalense*, (1) 1887.

FAXINA

1 *Eco do Sul*, 1889.
2 *Reorganisação*, (2), 1890.
3 *Sul de S. Paulo*, (3), 1889.
4 *O Sertanejo*, (4) 1889.

FRANCA

1 *Alfinete*, (novembro) 1894.
2 *Cidade da Franca*, (5) 1892.
3 *Camélia*, 1891.
4 *Correio da Franca*, (6) 1889.

---

(1) Publicação semanal, e cujo redactor foi o capitão Antonio Raposo de Almeida, que desempenhou-se de tão nobre quão espinhosa tarefa com o brilhantismo que era de se esperar do seu bello talento. Esta folha começou a ser publicada em 1887 e desappareceu no anno seguinte, sempre mantendo-se em uma posição imparcial.

(2) Periodico hebdomadario, de que era proprietario e redactor Eugenio Leonel, gerente, Evangelista Galvão e editor, R. de Carvalho.

(3) Semanario imparcial. Redactor Augusto Piedade.

(4) O 1.º numero do *Sertanejo* appareceo a 24 de março de 1889, sob a redacção de Augusto Piedade. Mais tarde denominou-se *Sul de S. Paulo*, dedicado exclusivamente a intereses municipaes.

(5) *A Cidade da Franca* substituiu o *Nono Districto* e era redigida por Fulgencio de Almeida, conego Candido Martins da Silveira Rosa, drs. Modesto Brandão e Frederico do Nascimento Moura.

(6) *O Correio de Franca*, começou a ser public em março de 1887, era orgam conservador sob a re ção do sr. Alvaro Abranches Lopes.

5 *Correio Popular*, (1) 1893.
6 *Epocha*, (2) 1892.
7 *Francano*, (3) 1889.
8 *Gazeta da Franca*, (4) 1884.
9 *Gazetinha Familiar*, 1885.
10 *Gazetinha*, 1892.
11 *Jasmim*.
12 *Justiça*, (5) 1888.
13 *Nono Districto*, (6) 1888.
14 *Papagaio*, 1888.
15 *Rosa-Chá*, 1885.
16 *Sentinêla*.
17 *Tiradentes*, (7) 1886.
18 *Perdão, Amor e Caridade*, 1895.

---

(1) Director e gerente: Antonio Simplicio da Costa, que dirigira tambem o *Papagaio* e a *Gazetinha Familiar*.

(2) Orgam opposicionista ao governo. E' dirigido por Guilherme Woss.

(3) Redigido por Alvaro Abranches Lopes, que egualmente escrevêra na *Rosa-Chá* e na *Gazeta da Franca*. Proprietarios: José Guermer de Almeida & C.ª.

(4) Redactor, José Alfredo Lopes.

(5) Publicou-se até 1888, e era redigida pelo dr. Estevam Leão-Bourroul, que redigiu depois o *Correio da Franca*, em 1890, sob o pseudonymo de *Iskander*.

(6) O primeiro jornal que appareceu na Franca, e existiu até 1890. Fundado por Cesar Augusto Ribeiro, actual director do *Commercio de S. Paulo*, e Gaspar da Silva, passou mais tarde a ser dirigido por Simplicio Villaça e dr. João de Faria.

(7) Orgam do partido republicano da Franca. Redactor politico, *Marat* (Cesar Ribeiro?); e editor, Alvaro Abranches Lopes. Appareceu em fevereiro de 1886, e publicou 33 numeros, sendo o ultimo a 17 de outubro. Era impresso na typographia do *Nono Districto*.

19 *Castigo, Odio e Egoismo*, (1) 1895.

GUARATINGUETA'

1 *Atalaia*, (2) 1879.
2 *Americano*, 1885.
3 *Correio do Norte*, 1889.
4 *Cruz*, (3) 1878.
5 *Cinco de Janeiro*, (4) 1878.
6 *Estrella*.
7 *Paulista*.

---

(1) «Temos em mãos os primeiros numeros d'este jornal, orgam do spiritismo francano e habilmente redigido pela scintillante penna do nosso sympathico e illustrado amigo Alexandre Vieira.

«Apezar do nosso collega occupar se em dirigir pilherias a alguns conterraneos nossos, não podemos deixar de aprecial-o, porque, além de bem escripto, é jocoso á valer.

«Não podemos dizer nada a respeito do que diz o collega, visto que os spiritos ou spiritas é que se combatem. . . » (Noticia do *Correio Popular*).

(2) Editor: Antonio Veloso Nogueira.

(3) Periodico catholico, propriedade de Alexandre A. Teixeira Machado.

(4) *O Cinco de Janeiro* e *O Atalaia*, periodicos republicanos, foram redigidos pelo dr. Lycurgo de Castro Santos, filho do dr. José Manuel de Castro Santos e do d. Porcia Castro Santos, nascido em Guaratinguetá, em 1848 e fallecido em 20 de janeiro de 1893, na cidade do seu nascimento. Doutorou-se em medicina em 1876, tendo feito com brilhantismo o seu curso academico. Logo depois de formado seguio para Europa a aperfeiçoar seus estudos, e regressou em principios de 1878 para Guaratinguetá, onde estabeleceu clinica. Foi eleito senador estadoal ao Congresso Constituinte de 1891, era um democrata ardente e convicto. Escreveu um perfil de Emilio Litré, de cuja escola philosophica era adepto, e um opusculo de polemica: *A liberdade espi-*

8 *Democrata*, 1872.
9 *Estrella do Norte*, 1873.
10 *Gazeta do Norte*, 1873.
11 *Gazetinha*, (dezembro) 1881.

---

ritual e a philosophia positiva, publicado em 1884, onde patenteou uma erudição não vulgar e conhecimento profundo da questão. Pouco antes de morrer, escreveu ao *Estado de S. Paulo*, a seguinte carta: «Estou profundamente doente e sinto-me muito mal. Parece-me que morrerei hoje ou amanhan de uma febre grave. Estou, porém, lucido e affirmo solemnemente as minhas opiniões philosophicas e republicanas de toda a minha vida.»

Relativamente ao *Cinco de Janeiro*, escreve-nos o distincto jornalista dr. João de Oliveira, lente da faculdade de direito de Pernambuco, o seguinte:

«Com relação ao *Cinco de Janeiro*, que dá v. como orgam republicano, escripto pelo fallecido dr. Lycurgo peço-lhe permissão para dizer que o simples titulo *Cinco de Janeiro* denota a feição *liberal monarchica* desse jornal, cujo n. 1, anno I, possuo e cujo artigo-programma é bastante explicito nesse sentido. Era *orgam liberal*, batendo-se com o *Parahiba*, orgam conservador.

Quem, como eu, lutou pelo idéial republicano (gloriosa batalha que nos levou, a mim pelo menos, a conquista de uma grande... desillusão), sabe que os republicanos brasileiros receberam de lança em riste o gabinete do sr. Sinimbú, eivado da traição do sr. Lafayette; o sr. Martinho Prado, na Assembléa Provincial, e a *Provincia de S. Paulo*, atacaram rijamente a nova situação, e era impossivel que o dr. Lycurgo, republicano, se abrigasse á tenda do *Cinco de Janeiro*. Não quero depreciar os meritos do dr. Lycurgo, em cuja vida politica só encontro o erro de ter feito parte do Congresso Paulista de 1891, que adheriu, com o sr. Americo, ao vergonhoso golpe de 4 de novembro.»

Completando essa noticia, escreve-nos o dr. Miranda Azevedo:

12 *Imparcial*, 1890.
13 *Imprensa Guaratinguetáense.*
14 *Jornal da Noite*, 1887.
15 *Jornal do Povo*, 1873.
16 *Jornal para Todos*, 1883.

«*O Cinco de Janeiro*, foi fundado para orgam do partido liberal e como tal se manteve até o fim. O dr. Lycurgo de Castro Santos, chegando da Europa, alliou-se ao grupo liberal, e exerceu até o lugar de supplente de subdelegado, nomeado pelo presidente dr. J. Baptista Pereira. Foi redactor desse periodico quasi até o fim, quando fundado o partido republicano em 1880, desligou-se dos liberaes, e na folha accentuou a nova orientação. *O Atalaia*, veio antes, e mais tarde declarou-se republicano. Ao chegar em Guaratinguetá em 1878, não existia nucleo republicano; havia porém, um bom grupo de correligionarios, que graças aos meus esforços, aos do venerando Francisco Cesláo, de Lindolpho Francisco de Paula, de Maximo dos Santos, do dr. Lycurgo e outros, tomou uma boa organisação. Em abril de 1880, estava fundado o Club Republicano, que desde então não cessou de trabalhar na propaganda de suas idéas.

«Constituida a primeira reunião, e tendo sido escolhido para presidente do Club, não por meritos pessoaes, mas por ser o unico signatario do *Manifesto de 3 de dezembro*, ali presente, declinei da honra e propuz, que coubesse ella, a um guaratinguetaense, lembrando o nome do dr. Lycurgo de Castro Santos, que foi acceito unanimemente, bem como a idéa de ser, o nosso representante, á sessão do *Congresso Republicano*; que reunia esse anno em S. Paulo. Para completar estes rapidos traços historicos, direi que o Club inaugurou-se com cerca de 50 socios; e a sua primeira directoria, ficou constituida assim: presidente dr. Lycurgo de Castro Santos, vice-presidente Antonio Antunes de Vasconcellos, 1.º secretario Francisco Cesláo de Paula Oliveira, 2.º secretario Lindolpho Francisco de Paula, orador d. A. C. de Miranda Azevedo, thesoureiro Antonio da Rocha, procurador José Velho Sobrinho.»

17 *Liberal*, 1881.
18 *Mosaico*, (1) 1862.
19 *Norte de S. Paulo*, (11 janeiro) 1880.
20 *Pygmeo*, 1889.
21 *Patria Paulista*, (2) 1889.
22 *Pequeno Jornal*, (novembro) 1890.
23 *Parahiba*, (3) 1863.
24 *Parahiba*, 1881.
25 *Roma*. 1884.
26 *Seculo*, (4) 1875.
27 *Tribuna do Norte*.
28 *Voz do Povo*, 1875.
29 *Estrella Paulistana*.
30 *Democrata*, 1869.
31 *Guaratinguetá*, 1875.
32 *Tribuna Paulista*, 1877.

---

(1) A respeito do *Mosaico*, escreve-nos o dr. Miranda Azevedo:

«Creio que foi este o primeiro periodico que se imprimio em Guaratinguetá, era litterario e noticioso, sem côr politica. Vi uma collecção em mãos do fallecido Antonio Cazemiro de Macedo, um dos seus fundadores e collaborador dos mais assiduos. Para elle, escrevião distintos guaratinguetaenses como os drs. Martiniano de Oliveira Borges, Oliveira Braga, Castro Santos e outros, embora divididos por opiniões politicas adversas. Dá una fiel idéa do adiantamento intellectual daquella cidade nessa epocha.»

(2) Orgam republicano, dirigido por José da Silva Passos

(3) Nesta folha, em 1867, declarou-se republicano o sempre chorado Julio Ribeiro, n'um artigo que escrevéra sobre o presidente Juarez. Era orgão do partido conservador e por longos annos foi seu redactor o dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.

(4) Orgam democratico, de que era proprietario Antonio Cuba, autor dos folhetos *Capella da Apparecida* (1874) e *Rabiscos* (1878).

33 *Guaratinguetáense*, 1877.
34 *Gazeta do Norte*, 1883.
35 *Ensaio*, 1885.
36 *Gaiato*, 1885.
37 *Boa Nova*, 1 85.
38 *Progresso*, 1886.
39 *Ventosa*, 1887.
40 *Boquirroto*, 1887.
41 *Porvir*, 1889.
42 *Ramalhete*, 1880.
43 *Gazetégue*, 1890.
44 *Violeta*, 1890.
45 *Violeta*, 1892.
46 *União*, (7 de abril) 1892.
47 *Curioso*, (20 abril) 1893.
48 *Artista*, 1894.
49 *Vespa*, 1889.

IGUAPE

1 *Artista*, 1885.
2 *Commercio de Iguape*, (1) 1876.
3 *Iguapense*, (2).

---

(1) O primeiro numero foi publicado em julho. Seo redactor, desde a fundação até hoje, tem sido o capitão Joaquim Dias da Silva Martins. Foi orgam conservador monarchista, mas adheriu a Republica, tem bom material e nunca interrompeu a sua publicação.

(2) Fundado pelo tenente José Antonio Peniche, nesse tempo chefe liberal, que o redigiu sempre, tendo em diversas epochas como auxiliares Octaviano Carneiro, Faustino de Oliveira Ribeiro Junior, etc; adheriu a Republica e tornou se orgam governista em tempo da presidencia do dr. Bernardino. Foi empastellado pela opposição em 1892 e, em 1894, suspendeu a sua publicação por ameaça de novo empastellamento. Tem dous prelos e material completo, podendo reapparecer a qualquer hora.

4 *Municipio de Iguape*, (1).
5 *Barrete*.
6 *Bouquet de Flores* (2).
7 *Bilontra*.
8 *Carapuça*.
9 *Democrata*, (3).
10 *Gazeta de Iguape*, (4).
11 *Labaro*.
12 *Medusa*.
13 *Plebeu*.
14 *Sul-Paulista*.
15 *Tezourinha*.

ITAPIRA

1 *Luz*, 1884.

ITATIBA

1 *Binoculo*, 1881.
2 *Correio de Itatiba*, (5) 1885.
3 *Correio de Itatiba*, (6) 1893.
4 *Cidade de Itatiba*, 1 90.
5 *Despertador*, 1890.

---

(1) Fundado por Francisco Alves Pereira e redigido por Abel Fortes; orgam opposicionista em 1892, foi empastellado em rapresalia ao empastellamento do *Iguapense* e não reappareceu mais. Tem bom prelo que funcciona como typographia commum.

(2) Foi seu redactor Joaquim José Rebello Junior.

(3) O primeiro numero appareceu em 26 de fevereiro. Redactor: o tenente Octaviano Carneiro Braga.

(4) Publicou-se uma ou duas vezes somente em substituição ao *Commercio* que tinha desapparecido.

(5) O jornal deste titulo, propriedade de Octavio Machado, começou a publicação em junho.

(6) Propriedade de Miguel Virgilio dos Santos.

6 *Progresso*, 1884.
7 *Reforma*, 1882.
8 *Vigilante*, (dezembro) 1895.

ITAPETININGA

1 *Autonomista*, 1892.
2 *Corisco*, 1877.
3 *Gutenberg*, 1879.
4 *Itapetininga*, 1887.
5 *Municipio*, (1) 1875.
6 *Partido Municipal*, 1876.
7 *Sul-Paulista*, 1879.
8 *Sul de S. Paulo*, 1881.
9 *Tribuna Popular*, 1893.
10 *Republicano*, 1895.

---

(1) Brilhantemente redigido pelo dr. Venancio de Oliveira Ayres, natural de Itapetininga, onde estabeleceu o seu escriptorio de advocacia, logo depois de formado. Foi eleito deputado provincial, e nesse cargo se distinguio pela sua independencia e elevação de vistas. Fundou em Itapetininga o partido municipal, e apparecendo o manifesto de 1870, foi a sua uma das primeiras adhesões que obteve em S. Paulo o partido nascente. Mudando-se para o Rio Grande do Sul, onde falleceu, fundou ali um excellente jornal, o *Padre Feijó*, em que combatteu com inexcedivel patriotismo pelos santos principios da liberdade. Teve a assignalada honra de ser primeiro candidato republicano naquella antiga provincia. Foi o primeiro redactor da *Federação*, a legendaria folha rio-grandense. Era um abnegado e o prova o seguinte echo de um artigo publicado na *Federação*, pelo dr Ramiro Barcellos, em dezembro de 1889:

«Um grupo de moços privava-se frequentemente de grande parte dos seus parcos rendimentos para acudir á subsistencia desta filha querida, portadora de suas esperanças, transmissora da sua fé, depositaria de suas

ITU'

1 *Cidade de Itú*, (1) 1883.
2 *Correio de Itú*, (2) 1886.

---

locubrações patrioticas. Em uma dessas occasiões de crise financeira, em que já pareciam esgotados todos os recursos, chegou a correr por entre os nossos a desoladora noticia de que a *Federação* ia tocar ao extremo de cessar a sua publicação! Como em todos os outros embaraços semelhantes, a Commissão Executiva do partido conferenciava diariamente afim de descobrir os meios de debellar a crise. Eis que repentinamente nos chega de confins de Rio Grande, onde Venancio Ayres, recem descansava das labores de redactor em chefe, uma carta deste grande cidadão, que foi cognominado o santo, em que simplesmente dizia elle, no seu estylo biblico tão incisivo e elegante: «*A Federação* não póde morrer E' a unica filha que tenho.

Já achei comprador para o meu pequeno pedaço de campo e para algumas vaccas que possuo. Tudo isto é para *A Federação*. Aguentem a crise que não demorarei em mandar-lhes recursos.»

Não foi preciso. Quando nos chegou ás mãos a carta de Venancio, já haviamos conseguido meios para conjurar o desastre.»

(1) Está no segundo anno de existencia. E' propriedade de F. P. Mendes Neto e teve como seu primeiro gerente José Antonio da Silva Pinheiro. Nella têm colaborado, entre outros, os srs. drs. Eugenio Fonseca e Galdino Correia Lobo. O 1º numero é de 15 de junho.

(2) Fundado em 1886 pelo dr. F. F. de Barros Junior e redigido pelo dr. Augusto Cesar de Barros Cruz, tendo como gerente o sr. Antonio de Castro Andrade.

Era orgam republicano e abolicionista.

Redigi-o tambem em 1887.

Cessou a publicação por difficuldades que lhe foram creadas por questões de abolicionismo.

Reappareceu, porém, em principio de 1888 como folha extremamente defensora da liberdade dos captivos, com o nome de *Gazeta da Tarde*.

3 *Esperança*, 1867.
4 *Gazeta da Tarde*, (1) 1888.
5 *Gazeta do Novo Mundo* (7 setembro) 1881.
6 *Imprensa Ituana*, (2) 1877.

---

(1) Teve uma existencia ephémera, pois cessou a publicação logo depois do apparecimento do decreto que aboliu a escravidão no Brazil.

Teve muitas vezes ameaçada a sua typographia pelos esclavocratas.

Fui tambem seu collaborador.

(2) Appareceu em 1877, fundada pelo tenente Feliciano Leite Pacheco, já fallecido, que a dirigiu por algum tempo.

Em 1887 começou a ser publicada diariamente, foi então o seu periodo aureo, tendo como redactores o dr. Elias Fausto Pacheco Jordão, engenheiro, actualmente socio da casa Prado, Chaves & Comp., desta capital, João Thomaz de Mello Alves, então juiz de direito de Ytú, e hoje juiz da 1ª vara desta capital, e Francisco José da Silveira Lobo, nosso consul actual em Antuerpia.

A gerencia estava entregue ao sr. Luiz Borges de Sampaio, depois redactor do *Correio da Limeira*, e hoje fallecido.

Era então francamente republicana.

Em fins de 1888 passou a ser propriedade dos srs. dr. Octaviano Pereira Mendes e F. P. Mendes Netto, sendo redigido pelo sr. Ricardo Azamor e outros.

Em fins de 1889 me foi confiada a sua direcção até 1891, quando cessou a sua publicação para reapparecer, pouco depois, com a denominação de *Cidade de Itú*. Nella collaboraram, desde os seus primeiros tempos, illustres cidadãos. Lembro-me, de memoria, dos srs. drs. Francisco Nardy de Vasconcellos, Eugenio Fonseca, Baptista de Lima, João de Mesquita Barros e Fernando Maria Nogueira da Motta, pae dos dr. Candido Motta e João Motta.

(Estas notas são do sr. Tancredo do Amaral).

JABOTICABAL

1 *Café*, (1) 1894.
2 *Correio do Sertão*, (2) 1894.
3 *Trabalho*, (3) 1889.

JACAREHY

1 *Correio do Norte*.
2 *Gutemberg*, 1883.
3 *Gazeta de Jacarehy*, 1889.
4 *Luz*, 1886.
5 *Municipio*, 18[illegible]3.
6 *Novo Apolo*.
7 *Pirilampo*, 1885.
8 *Correio de Jacarehy*, [illegible]4 1895.

JAHU'

1 *Camelia*, 1893.
2 *Cidade de Jahú*, (junho) 1893.
3 *Commercio de Jahú*, 1891.
4 *Despertador*, 1887.

---

(1) Jornal fundado por João Teixeira, em principio do anno, para advogar os interesses da lavoura; porém, logo cessou a sua publicação sendo a sua typographia comprada pelos drs. Luiz Zacharias de Lima e José Ferraz de Oliveira em outubro.

(2) Fundado pelos drs Zacharias de Lima e Torres de Oliveira em substituição do *Café* e dedica-se a defesa dos interesses locaes.

(3) Fundado em julho por Americo Penna e redigido pelos drs. Galhardo Madeira e Eduardo Ribeira; era sem côr politica e durou pouco.

(4) Appareceu em outubro, sob a redacção de [illegible]lio de Magallães e gerencia de Abel Nogueira. E' anario e apparece aos domingos.

5 *Gazeta de Jahú*, 1891.
6 *Jahúense*, 1889.
7 *Correio de Jahú*, (10 outubro) 1895.

JUNDIAHY

1 *Cidade de Jundiahy*, 1890.
2 *Seculo*.
3 *Thema*, 1893.

LEME

1 *Gazeta do Leme*, (1) 1895.

LENÇOES

1 *Fiat-Lux*, (2) 1889.
2 *Correio de Lençóes*, (março) 1895.

LIMEIRA

1 *Arte*, 1892.
2 *Cidade de Limeira*, (outubro) 1894.
3 *Correio da Limeira*, (3) 1888.
4 *Colibri*, 1888.
5 *Clarim*, 1892.
6 *Democrata*, 1878.
7 *Gazetinha*, 1891.
8 *Limeirense*
9 *Sentinela*.
10 *Tribuna do Oeste*, 1886.

---

(1) Semanario popular, propriedade de J. Victorino, dirigido por Arthur Aguiar.

(2) Orgam imparcial, noticioso e commercial. Propriedade e direcção de uma associação particular. Edito rresponsavel, Raul da Silva.

(3) Redigido por J. Quadros Sobrinho, dr. Octviano da Costa Vieira e outros. Propriedade de Li Borges de Sampaio.

11 *Trem*, 1889.
12 *Vespa*, (julho) 1894.
14 *Municipio*, (abril) 1895.

LORENA

1 *Alavanca*, 1889.
2 *Gazêta de Lorêna*, (1) 1877.
3 *Himalaya*, 1881.
4 *Imprensa de Lorêna*, 1884.
5 *Juventude*, 1885.
6 *Lorenênse*, (2) 1872.
7 *Patriota*, 1888.
8 *Progreso de Lorêna*, 1888.
9 *Semanario*, (3) 1885.
10 *Tribuna*.
11 *Victoria Liberal*, 1889.
12 *Municipio*, (março) 1895.

MOCOCA

1 *High-Life Mocoquense*, (12 junho) 1893.
2 *Monitor Paulista*, (4) 1888.
3 *Porvir*, (5).

---

(1) Redacção de Alexandre Riedel.
(2) Editor, Manuel A. Góes Moreira.
(3) Redactor, Antonio C. de Assis Camargo.
(4) Fundado e dirigido pelo tenente Wenceslau de Almeida, natural de Minas Geraes, e collaborado por Antonio Rabello Cysterna, dr. José Mendes, dr. Augusto Barreto, dr. Estevão Bourroul, Lafayette de Toledo e outros.
(5) Folha de formato mignon, editada por Adeodado de Alvarenga e da que foi redactora d. Carmelitana Arantes. Era impresso na typographia do *Monitor Paulista*, e durou pouco tempo.

MOGY DAS CRUZES

1 *Gazeta de Mogy das Cruzes*, 1881.
2 *Gazeta de Mogy das Cruzes*, 1892.
3 *Ipiranga.*
4 *Mogyano*, (1) 1885.
5 *Primavera*, 1884.

MOGY MIRIM

1 *Athleta*, (27 setembro) 1893.
2 *Brado da Lavoura*, 1883.
3 *E'cho Magyano*, 1880.
4 *Correio Mogyano*, 1884.
5 *Diario de Mogymirim.*
6 *Domingo*, 1888.
7 *Gazeta de Mogymirim*, 1878.
8 *Gazeta de Mogymirim*, (2) 1886.
9 *Independente*, (3) 1872.
10 *Cidade de Mogymirim*, (4) 1894.
11 *Imprensa Mogyana*, 1879.
12 *Imprensa*, 1894

---

(1) Este jornal tinha por lemma as palavras que hoje figuram na nossa bandeira: *Ordem e Progresso.*

(2) Começou a publicação a 20 de junho. Na *Gazeta* têm escripto os srs. dr. Alexandre Coelho, Sebastião Dias, Luiz de Campos, João Mendes de Almeida Junior e Estevam Leão Bourroul. E' orgam do *Club Cosmopolita.*

(3) O fundador da imprensa em Mogymirim, fo Antonio Felix de Souza Brito, conhecido pela alcunhai de *Tatu. O Independente*, de que foi redactor, publicou-se durante muitos annos.

(4) Periodico litterario, noticioso e commercial, publicado una vez por semana, sob a direcção de Francisco Octaviano. Appareceu em Agosto.

13 *Mogyano.*
14 *Mogymiriano.*
15 *Musica*, 1893.
16 *Ordem* 1894.
17 *Progresso*, (1) 1873.
18 *Povo*, 1892.
19 *Regenerador.*
20 *Situação*, 1882.
21 *Tribuna Popular*, (2) 1889.
22 *Tribuna*, 1893.
23 *Tatú*, (3) 1873.
24 *Buscapé.*

PEDREIRA

Estrella Polar, (4) 1893.

---

(1) Proprietario, João Alberto de Oliveira Prado, e gerente, João Rodrigues de Barros.

(2) Com o fim de batalhar pela propaganda republicana, appareceu a *Tribuna Popular*, a 7 de setembro de 1889, tendo como redactor chefe o tenente Pedro Paulo de Mattos, filho do finado capitão Ignacio de Mattos e de d. Maria de Mattos, e nascido em Mogymirim a 29 de junho de 1867. O tenente Mattos redigiu tambem o *Povo*, a *Tribuna*, o *Ribeirão-Preto* e a *Cidade do Amparo.*

(3) Periodico humoristico e litterario. Redactor-proprietario, Antonio Felix de Souza Brito. Logo abaixo do titulo traz a figura do animal que lhe deu a denominação. Era impresso na typographia do *Progresso.*

(4) Redactor, padre dr. Alexandrino Felicissimo de Rego Barros, natural de Pernambuco. Periodico bimensal, consagrado á instrucção religiosa, scientifica e litteraria.

PINDAMONHANGABA

1 *Americano*, (1) 1872.
2 *Amigo da Infancia*, 1890.
3 *Bem Publico*, (7 outubro) 1877.
4 *Binóculo*, 1878.
5 *Correio do Norte*, 1886.
6 *Comboio*, (setembro) 1895.
7 *Democracia*, 1875.
8 *Democracia*, (20 maio) 1879.
9 *Diario do Norte*, (2) 1877.
10 *Esculápio*, 1891.
11 *Echo do Professorado*, (3) 1883.
12 *Ensaio*, 1875.
13 *Gazeta do Norte*, 1879.
14 *Gazeta Semanal*, 1892.
15 *Guarany*, 1890.
16 *Gralha*, (7 setembro) 1891.
17 *Holophóte*, (outubro) 1894.
18 *Imparcial*, 1882.
19 *Juvenil*, 1893.
20 *Miniatura*, 1887.
21 *Nauta*, 1883.
22 *Norte de S. Paulo*, 1863.
23 *Officina*, 1884.

---

(1) Orgam da democracia de Pindamonhangaba. Empreza de João Baptista de Mendonça.

(2) Redigido pelo jornalista portuguez Alfredo de Almeida, fallecido em S. Paulo a 30 de agosto de 1887, e que dirigiu tambem *A Opinião Liberal*, de Campinas, *O Liberal Paulista*, de São Paulo, e *O Paulista*, de Taubaté.

(3) Periodico pedagogico, instructivo e recreativo, publicado semanalmente, pelo professor F. Xavier Asssis.

24 *Patriota*, 1890.
25 *Paulista*, (27 setembro) 1891.
26 *Pharmacia Gouveia*, 1884.
27 *Pery*, 1882.
28 *Pindamonhangabense*, 1867.
29 *Pindamonhangabense*, 1891.
30 *Progresso*, 1864.
31 *Recreio*, 1889.
32 *Terceiro Districto*, (30 novembro) 1882.
33 *Trabalho*, 1884.
34 *Tribuna do Norte*, (11 junho) 1182.
35 *Volitivo*, 1892.
36 *Viola*. (julho) 1895.

PIRACICABA

1 *Alvorada*, (1) 1880.
2 *Bugre*, 1878.
3 *Collegial*, (2) 1880.
4 *Corisco*, (3) 1879.
5 *Democracia*, (4) 1879.

---

(1) Orgam democratico, impresso na typographia, de A G. Escobar e editado por Joaquim E. de Almeida Proença.

(2) *O Collegial*, que publicou treze numeros, nasceu a 7 de setembro de 1880, era orgam do *Collegio Albuquerque* Seus redactores, então meninos de dez a onze annos, foram os drs. Antonio José de Moraes Barros, advogado em Piracicaba, José Pisa e Joaquim Piza, estes filhos do dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida, ministro do Supremo Tribunal Federal.

(3) Periodico critico e humoristico, editado por J. A. Damasceno e J. P. L. Rodrigues.

(4) Redactor e proprietario Antonio Gomes de Escobar, de quem farei menção, e que foi redactor tambem do *Piracicaba*, folha imparcial.

6 *Diario de Piracicaba.*
7 *Espanador*, (abril) 1887.
8 *Grilo*, 1880.
9 *Gazeta de Piracicaba*, 1882.
10 *Jasmim*, 1895
11 *Jornal do Povo.*
12 *Lavrador Paulista*, (1.º janeiro) 1888.
13 *Piracicaba*, 1876.
14 *Piracicabano.*

PIRASSUNUNGA

1 *Echo de Pirassununga*, (1) 1876.
2 *Imprensa*, (julho) 1895.
3 *Intransigente*, 1895.
4 *Locomotiva*, 1881.
5 *Nebulosa*, 1887.
6 *Opinião*, (2) 18 7.
7 *Opinião Publica*, (16 outubro) 1887.
8 *Pirassununga*, 1886.
9 *Pirassununga*ense.
10 *Patria Paulista.*
11 *Rio Branco*, 1882.
12 *Tim-tim*, (abril) 1894.

---

(1) Fundado por Francisco dos Santos Bastos

(2) A seu respeito, em novembro de 1895, escreveu o *Diario Popular*:

«*A Opinião.* — Reappareceu na cidade de Pirassununga, depois de cinco mezes de interrupção, este nosso distincto collega, que alli foi fundado em 1887, pelo nosso illustre confrade Francisco Conceição

Muitos são os serviços prestados aquella localidade, durante os oito annos de existencia, pelo nosso collega. Apezar de ter mudado de redactor, acreditamos que o gentil collega continuará a trilhar a rota que lhe foi traçada pelo seu fundador, e que foi sempre a linguagem morigerada, criterio e moralidade.»

QUELUZ

1 *Colibrí.*
2 *E'cho Queluzense*, 1873.
3 *Gazeta de Queluz*, 1892.
4 *Quelúzense.*

REDEMPÇAO

1 *Treze de Maio*, (15 julho) 1888.

RIBEIRÃO-PRETO

1 *Folha do Povo*, 1892.
2 *Gazeta de Ribeirão-Preto*, 1885.
3 *Imparcial*, 1892.
4 *Intransigente*, 1891.
5 *Luta*, (1) 1884.
6 *Locomotiva*, 1890.
7 *Martéllo*, 1894.
8 *Municipio*, 1892.
9 *Meteóro*, (2) 1894.
10 *Ribeirão-Preto*, (3) 1889.
11 *Setimo Districto*, (4) 1893.
12 *São Paulo e Minas*, (5) 1895.

---

(1) Fundada e redigida pelo sr. Ramiro Pimentel. Foi o primeiro jornal de Ribeirão Preto.

(2) O n. 1, é de 19 de setembro. Redactor Alfredo Rezende.

(3) Redigido por Alvaro Ramos.

(4) Durou até 31 de março de 1895, e foi redigido pelos drs. Alfredo Pujol, Francisco Antonio Cesar, Sebastião Lobo, Eduardo Leite Ribeiro e Joaquim Lobo.

(5) Appareceu a 14 de abril, com a declaração de ex-*Gazeta de Uberaba*, fundada em 1879, anno XVII, n. 1.032. Publica-se duas vezes por semana, circúla em grande parte do Oéste do Estado, e actualmente é o jornal de maior circulação no triangulo mineiro e Sul de Goyaz. Editor, Tobias Antonio Rosa, e redactor, Theophilo de Assis Barbosa.

13 *Repórter*, (1) 1892.

RIO-CLARO

1 *Alpha*, (2) 1878.
2 *Caipira*, 1875.
3 *Correio da Tarde*, 1894.
4 *Correio do Oeste*, (3), 1880.
5 *Correio do Sertão*, (4).
6 *Correio do Rio-Claro*, 1881.

---

(1) Impresso ás quartas-feiras e sabbados, é orgam de grande circulação. Director politico. Elpidio Gomes; director-gerente, Juvenal de Sá, e redactor, dr. Tito de Sá. Tiragem, 2.700 exemplares.

(2) O redactor do *Alpha* foi Augusto Cintra, fallecido em 1886, no Jaboticabal. Era um moço talentoso e illustrado, um eximio *virtuose*, assás admirado onde quer que fizesse ouvir o seu magico violino ou a sua bella voz de *basso soprano*. Falleceu aos trinta e poucos annos de edade e era paulista.

(3) Editor-gerente, Nicoláu Wendling.

(4) Era seu redactor o intelligente sacerdote portuguez, padre Antonio Alvares Guedes Vaz, residente em Ribeirão-Bonito.

«O padre Antonio A. Guedes Vaz, natural de Lamego, era um ardente miguelista e durante o tempo que residiu no Rio de Janeiro, não deixava passar o anniversario do fallecimento de d. Miguel, sem fazer celebrar exequias solemnes.

Fundou e dirigiu um acreditado collegio de instrucção secundaria, que substituiu o do conhecido barão de Tauphœus, que durou até 1870. Foi um dos fundadores do *Lyceu Litterario Portuguez*; com o dr. Ferraz de Macedo, Cunha Vasco, Pedro de Almeida, Pinho e outros. Foi tambem o principal fundador e primeiro gerente do *Cruzeiro*, que se publicou no Rio de Janeiro. Mudando se para S. Paulo, filiou se ao partido republicano.» —(M. Azevedo.)

7 *Commercio do Rio-Claro*, 1889.
8 *Diario do Rio-Claro*, (1) 1886.
9 *E'cho do Povo*, (2) 1872.
10 *Espumas*, (dezembro) 1895.
11 *Estrella do Oeste*, (3) 1873.
12 *Gazeta de Rio-Claro*, 1892.
13 *Gazetinha*, 1895.
14 *Jasmim*, 1894.
15 *Rio-Clarense*.
16 *Raio*, (21 abril) 1894.
17 *Seculo XIX*, (4) 1886.
18 *Tempo*, (3 julho) 1892.
19 *Trem*, (5).
20 *Treze de Maio*, 1888.
21 *Rio-Claro*, (1.º janeiro) 1895.
22 *Rio Claro*, (6) 1895.

---

(1) E' seu redactor o esforçado e infatigavel republicano José David Teixeira, que ha muito sustenta a imprensa no Rio-Claro. Appareceu a 1.º de setembro.

(2) Redigido pelo jornalista rio-grandense Nicanôr Nolasco Rodriguez Vaz. Desappareceu logo.

(3) Erá redigido pelo intelligente cidadão Antonio Gomes de Escobar, natural do Mogymirim e fallecido em Piracicaba, onde manteve diversos jornaes. Desappareceu em 1876.

(4) Orgam da classe caixeiral, creado por Eduardo Ribeiro Leite, e que relevantes serviços prestou a essa classe.

(5) Publicado por diversos rapazes, sendo um dos redactores o sr. Candido Prado, actualmente morador em Tres-Pontas, Minas, e que fôra redactor do *Tiradentes*, de S. José do Rio Pardo.

(6) Orgam republicano; foi um dos seus redactores, o cidadão Francisco de Assis Salles, fallecido em agosto de 1895.

SALTO DE YTU'

1 *Correio do Salto*, (1) 1888.

SANTA BARBARA

1 *Aurora*, 1888.

SANTA CRUZ DAS PALMEIRAS

1 *Oeste de S. Paulo*, 1884.
2 *Palmeirense*, (2) 1895.
3 *Tempo*, (julho) 1895.

---

(1) *Correio do Salto.*—Appareceu em 4 de outubro de 1888, quando estava em grande effervescencia a idéa republicana. Foi fundado exclusivamente para fazer a sua propaganda, no 4.º districto, pelo dr. F. F. de Barros Junior, meu velho e distincto amigo ex-deputado ao Congr sso Estadoal, que me confiou a sua redacção e que nella tambem me auxiliara efficazmente.

Tinha a collaboração dos srs. drs. Eugenio Fonseca, Luiz Serra, então academico de direito, que depois fez parte da redacção d'*O Estado de S. Paulo;* Fernando Bonilha Junior, João Thomaz de Mello Alves, que escrevia com o pseudonymo de *Masaniello;* Fernando Maria Nogueira da Motta, o nosso mais dedicado e incansavel auxiliar, Galdino Corrêa e outros cidadãos.

Suspendeu a sua publicação depois da proclamação da Republica, sendo o seu ultimo artigo de despedida firmado por mim e Barros Junior, depois de um numero commemorativo do grande acontecimento.

Reappareceu no anno seguinte com o mesmo nome, debaixo da redacção do meu ex companheiro de luctas e da gerencia do professor normalista Pedro Kiehl.

(Tancredo do Amaral).

(2) Orgam imparcial e noticioso, dedicado aos interesses do municipio. Publicação aos domingos. Proprietario e redactor-chefe, dr. José Silvino de Faria. Appareeeu a 16 de junho.

SANTA CRUZ DO RIO PARDO

1 *Parapanema*, (30 novembro) 1895.

SANTA IZABEL

1 *Cidade de Santa Izabel*, 1894.
2 *Patria Livre*, 1888.

SANTA RITA DO PASSA QUATRO

1 *Gazeta de Santa Rita*, (junho) 1895.
2 *Santa Ritense*, 1891.

SANTA RITA DO PARAIZO

1 *Municipio*.

SANTO AMARO

1 *Viajante*, 1882.

SANTO ANTONIO DE CACHOEIRA

1 *Cachoeirense*, (julho) 1895.

SÃO BENTO DE SAPUCAHY

1 *Americano*, (6 junho) 1876.
2 *Liberal*, (1) 1880.
3 *Microscôpio*, 1883.
4 *Sambentista*, 1884.
5 *Sapucahy*, 1887.

SÃO CARLOS DO PINHAL

1 *Aliança*, 1878.
2 *Alvorada*, 1884
3 *Arauto*, (abril) 1895.
4 *Crepusculo*, (outubro) 1894.
5 *Diario de S. Carlos*, 1889.

---

(1) Redactores, Antonio Raposo de Almeida e João Marcondes Pontes.

6 *Evolução*, 1884.
7 *Lanterneta*, 1895.
8 *Movimento*, 1889.
9 *Oitavo Districto*, 1887.
10 *Ordem e Progresso* (dezembro) 1890.
11 *Propaganda*, (1) 1878.
12 *Popular*, 1892.
13 *Publicador*.
14 *Sensitiva*, 1886.
15 *Sancarlense*, (2) 1890.
16 *Tribuna de S. Carlos*, (3) 1876.
17 *São Carlos do Pinhal*, (4) 1895.
18 *Violeta*, 1891.
19 *Lanterneta*, 1895.

SAO JOAO DA BOA-VISTA

1 *Cidade de São João*, (5) 1892.
3 *Telephône*, 1892.

---

(1) A *Propaganda* e a *Aliança*, eram republicanas. Redigiam u'as os drs, Aureliano de Souza e Oliveira e José Rubim Cesar. O primeiro falleceu ha pouco tempo em Pirassununga e era filho do conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira. O segundo reside actualmente em Santos, onde é advogado.

(2) Folha diaria, cujo primeiro numero sahiu a 5 de outubro de 1890. Durou poucos mezes, sendo seu proprietario e director o sr. João de Aranda Leite Penteado.

(3) Periodico imparcial, redigido por Ernesto Luiz Gonçalves, seu proprietario, e appareceu a 26 de novembro.

(4) Orgam republicano, propriedade de Pedro Teixeira da Silva Branco, publicado ás quartas, sextas e domingos. Appareceu a 27 de abril.

(5) Redactores, Silviano Barbosa, dr. Moraes e Andrade, José Theodoro de Oliveira e outros.

SÃO JOÃO DO CURRALINHO

1 *Curralinhense*, (7 abril) 1895.

SÃO JOSE' DO BARREIRO

1 *E'cho da Bocaina*, (1) 1876.
2 *Horizonte*, (2) 1878.

SÃO JOSE' DOS CAMPOS

1 *Antonião*.
2 *Colomin*, 1890.
3 *Luta*, 1894.
4 *Norte-Paulista*, 1893.
5 *Pararangaba*, 1882.
6 *Segundo Districto*, 1886.
7 *Vida*, 1886.
8 *Yetym*.
9 *Vontade*, (março) 1895.

SÃO JOSE' DO RIO PARDO

1 *Mosquito*, (3) 1887.
2 *Pernilongo*, (4) 1887.
3 *Rio-Pardense*, (5) 1894.

---

(1) Periodico dedicado á lavoura, commercio e industria. Editor e proprietario, João Pedro Baptista.

(2) Redactor, tenente Antonio F. Castro Leal Junior.

(3) Redactor, Adolpho Paulido.

(4) Foram publicados sete numeros. Redactor, Mario Rodrigues.

(5) Appareceu a 21 de outubro, sendo editor-gerente Luiz Soares Pereira, e redactor o professor Emilio Mario de Arantes, que, retirando-se, foi substituido pelo illustrado advogado Francisco de Escobar.

4 *Tiradentes*, (1) 1889.
5 *Movimento*, (março) 1895.

SAO LUIZ DO PARAHITINGA

1 *Gazeta de S. Luiz*, 1881.
2 *Luizense*.
3 *Municipio*.
4 *Parahitinga*, (2)
5 *Pedempção*, (3) 1880.

SÃO MANUEL DO PARAIZO

1 *Municipio*, 1894.

SÃO SEBASTIÃO

1 *Mar*, 1893.
2 *Terra*, 1894.

SAO SIMÃO

1 *Bagageiro*, 1884.
2 *Simonense*, 1884.
3 *Tamanduá*, 1884.
4 2 *Cidade de São Simão*, (4) 1895.

---

(1) Appareceu a 21 de abril de 1889, trazendo o retrato do immortal Tiradentes, em formato grande. Publicaram-se 15 numeros, sendo o nltimo a 1! de agosto daquelle anno. Tinha o lemma: *Libertas quæ sera tamen*. Escreveram neste jornal os srs dr. Muniz de Souza, dr. Rocha Azevedo, Candido Prado, (director); dr. Costa Machado, Lafayette de Toledo, etc. Era orgam republicano.

(2) Orgam redigido pelo advogado José Hygino Braga.

(3) Redactor e proprietario padre José da Silva Maia Torres.

(4) Fundada por Elisiario de Vasconcellos, passou depois aos srs. major Francisco Leite de Assis, Ezequias de Oliveira Carvalho dr. Leal Costa e dr. Julio Bandeira Villela.

SÃO VICENTE

1 *Clarim.*
2 *Vicentino*, 1885.

SANTOS

1 *Arco da Velha*, (19 fevereiro) 1882.
2 *Alvòr*, (1) 1884.
3 *Apóro*, 1884.
4 *Buscapé*, 1875.

---

(1) Appareceu a 17 de juulho. A respeito, escreve-nos VALIS:

«Entre os jornaes de Santos, v. s. deixou escapar *O Alvòr*, precursor do *Piratiny*. Mando-lhe o primeiro numero, convindo notar que do segundo em diante sahiu com o mesmo formato dos primeiros numeros do *Piratiny*. Os fundadores d'*O Alvòr* foram os mesmos do *Piratiny*, e esse jornal foi incontestavelmente o que mais trabalhou pela abolição, em Santos, levando a sua propaganda até os limites da revolução

Os seus proprietarios e redactores, todos empregados no commercio, eram moços de 15 a 18 annos, e, além do jornal, tinham uma especie de sociedade secreta, onde se planejou e executou-se muitas fugas de escravos.

O Alvòr publicou cinco numeros, sendo succedido pelo *Piratiny*, que durou cerca de um anno. No *Piratiny*, além dos seus proprietarios e redactores, Guilherme Mello, Augusto de Carvalho, Arthur Andrade, Luciano Nogueira, Joaquim Montenegro, Antonio Augusto Bastos, Collaborava o brilhante poeta dr. Vicente de Carvalho Esses moços qne occupam hoje posição elevada na politica, na administraçJo publica e no commercio, apoiados por Silva Jardim, constituiam a vanguarda do partido republicano de Santos, que tanto se salientou na gloriosa luta da libertação dos escravos.

Desses rapazes só não existe Arthur Andrade, verdeira vocação jornalistica, que morreu com 17 annos, *reporter* e noticiarista do *Diario de Santos*.

5 *Biscouto*, (1) 1890.
6 *Bonde*, (6 janeiro) 1895.
7 *Binoculo*, 1881.
8 *Caboclo*, 1863.
9 *Correio da Semana* (13 agosto) 1894.
10 *Correio de Santos*, 1869.
11 *Correio de Santos*, 1878.
12 *Correio de Santos*, (2) 1885.

Por fallar em *Diario de Santos*: -convém notar a v. s. que uma das phases mais brilhantes desse jornal foi, creio que 1 86 e 1887, quando redigido pelos drs. Martim Francisco Sobrinho e João Galeão Carvalhal, actual deputado estadoal. Nesse periodo em que era fervorosa a campanha da abolicão, esses dois distinctissimos democratas, auxiliados por alguns dos rapazes do *Piratiny*, prestaram enormes serviços á santa causa da abolição.

Nesta insignificante rectificação, vai, talvez, um pouco de amor proprio; mas. nestes tempos. em que tanta gente trabalhou pela proclamação da republica, não é máu lembrar os nomes daquelles que realmente trabaiharam.

Santos, 19 – 1 – 95.—Valis.

(1) Redactor, Eurico Saldanha, typographo do *Diario da Manhã*, em cujas officinas era impresso o periodico.

(2) Fundado por J. Guelfreire. Deixou de existir om 1887, após a sahida de Julio Ribeiro, que era então o redactor. No *Correio de Santos* collaborou o poeta e *maestrino* ituano dr. Francisco de Assis Pacheco Netto, que escrevera tambem no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, no *Correio Paulistano* e no *Diario de Santos*, e fundára a *Quinzena Paulista*, com Emiliano Perneta, e o *Braz Cubas* com Marinho de Andrade, Severiano de Rezende e Mario de Alencar.

A esta nota o sr. Alberto Souza fez o seguinte tificação, que aceitamos:

«—Não deixou tal de existir depois da sahida

13 *Club XV*, (12 junho) 1894.
14 *Colibri*, 1887.
15 *Correio Mercantil*, 1873.
16 *Commercio de Santos*, (1) 1869.
17 *Commercial*, 1857.
18 *Civilisação*, (2) 1861.
19 *Collegial*, 1885.
20 *Caixeiro*, (3) 1879.
21 *Cidade de Santos*, (4) 1888.
22 *Carta Branca*, (22 março) 1892.
23 *Dez de Outubro*, 1886.
24 *Diario da Tarde*, (5) 1888.

Julio Ribeiro. Sobreviveu ainda muito tempo, tendo como redactor Alfredo Costa, ex-actor portuguez, que morreu no seu posto jornalistico, e foi substituido pelo meu querido amigo e conterraneo Gastão Bousquet, que hoje occupa logar proeminente no jornalismo fluminense. Com a retirada destes teve outros redactores que pouco pararam, sendo o ultimo em cujas mãos extinguiu se em 1891, o cidadão Alberto Estanislau »

O n. 1 é de 1.º de julho.

(1) Propriedade de J. Rabello Amorim.

(2) Folha consagrada aos interesses geraes do paiz, redigida por Augusto Emilio Zaluar, portuguez, autor do livro *Peregrinação pela provincia de S. Paulo;* pouco durou.

(3) Deffensor da classe caixeiral; apparecido em 1879. Entre outros foi seu redactor o fallecido pharmaceutico Floriano Manoel dos Santos Castro.

O n. 1 é de 7 de setembro.

(4) Diario de propriedade de Brazilio Marques. Foi seu redactor o dr. Martim Francisco Filho, e depois João Ferreira de Menezes, que reside na capital. Durou pouco tempo.

(5) 1889 Redactor, Aprigio C. de Macedo. Publiquei ahi meu primeiro attentado poetico Fui correspondente litterario desta folha na capital. (Nota de Alberto Souza).

25 *Diario de Santos*, (1) 1872.
26 *Dever*, (9 setembro) 1889.
27 *Domingo*, (23 novembro) 1879.
28 *Desfalque*, 1877.

---

(1) A 10 de outubro de 1872, começou a publicação do *Diario de Santos*, hoje uma das melhores folhas do Estado. Pertenceu por muito tempo a João José Teixeira, passando por fallecimento deste ao dr. Heitor Peixoto. Em 1879 collaborou no *Diario* o dr. Manuel Ferreira Garcia Redondo, que, com o dr. Alexandre Rodrigues, deu principio á campanha á favor da libertação dos captivos. A redacção desse importante jornal tem sido confiada a Eduardo Salamonde, dr. Oliveira Braga Junior, Alberto Veiga, dr. José Emilio Ribeiro Campos, Manuel Rocha, proprietario e redactor d'*A Noticia*, do Rio, Navarro de Andrade e outros.

«Com relação a este jornàl, diz-me o sr. Alberto Souza, o mais antigo dos actualmente existentes em Santos, commettestes uma omissão involuntaria, que a não ser reparada, equivaleria a uma grave injustica. O nome de um dos seus redactores, o nome de Arthur Bastos, a quem rendestes homenagem nos *Paulistas Illustres*, não foi contemplado. Pois Arthur Bastos foi, durante os annos mais vigorosos de sua mocidade, um dos redactores do *Diario*. Redigiram-n'o tambem:—e este foi um dos seus primeiros redactores durante longos annos, o cidadão Carlos de Affonseca, actual corretor da praça, irmão do sr. Leopoldo de Affonseca, o cidadão João Guerra, guarda-livros hoje; e o dr. Rubim Cesar, advogado, sob cuja direcção o *Diario* manteve uma ardente campanha abolicionista. O dr. Inglez de Souza, conhecido romancista, tambem redigiu-o numa das suas ultimas phases, logo após a Republica.

Ia-me esquecendo que os drs. Martim Francisco Sobrinho, advogado do *Banco União*, e o deputado estadoal dr. Galeão Carvalhal, foram tambem seus redactores effectivos.»

29 *Diario da Manhã*, (1) 1889.
30 *Diario do Commercio*, (2) 1884.
31 *Diario de Noticias*, (3) 1877.
32 *Entre-acto*, 1882.
33 *Ensaio*, (4) 1886.
34 *Escola*, 1893.
35 *Écho*, 1894.
36 *Evolução*, 1882.
37 *Escolar*, 1884.
38 *Flora*, (5) 1888.
39 *Formiga*, (5 julho) 1879.
40 *Foguete*, (6) 1877.

---

(1) Orgam liberal. Redactores, dr. Pinto Junior, dr. Alexandre Rodrigues e Joaquim Pereira de Moraes, hoje secretario da camara municipal de Santos.

(2) Excellente jornal, habilmente redigido pelo dr. Vicente de Carvalho. Suspendeu a publicação com a retirada do seu director, em 1891, quando este foi escolhido secretario do Interior no governo do sr. Cerqueira Cesar. O sr. Alberto Souza fez parte de sua redacção desde os primeiros mezes e o artigo de seu ultimo numero foi escripto por elle. Já Vicente de Carvalho era secretario do Interior.

(3) Appareceu a 16 de janeiro. Vicente de Carvalho, ainda academico, era o seu redactor conjuntamente com o advogado José André do Sacramento Macuco. Editor, Elias Pimenta.

(4) Redigido por José Hypolito da Silva Dutra e João Guerra.

(5) Pequenino semanario, redigido por Alberto Moraes, hoje circumspecto negociante. O artigo-programma, francamente republicano, foi escripto por mim. O dr. Eduardo Fontes, funccionario do thezouro do Estado, escreveu chronicas litterarias para esse jornalsinho. (Nota de Alberto Souza).

(6) Orgam de um club dançante de moças, do mesmo titulo. Escreveram nelle senhoras. Director, Antonio Seixas, negociante. Appareceu em 7 de abril.

41 *Folha*, (1) 1895.
42 *Folha da Tarde*, (1.º agosto) 1891.
43 *Flôr de Maio*, 1887.
44 *Operario*, (9 outubro) 1892.
45 *Gazeta Commercial*, (9 maio) 1880.
46 *Gazetinha*, (2) 1895.
47 *Gazêta de Santos*, (3) 1883.
48 *Itororó*, (4) 1859.
49 *Isca*, 1890.
50 *Imprensa*, (1.º janeiro) (5) 1870.
51 *Imprensa*, 1887.
52 *Incolôr*, (6) 1887.

---

(1) Fundada por Alberto Veiga, ex-redactor do *Diario de Santos*, a 19 de junho. Em novembro, retirando-se esse redactor, foi substituido por Henrique Lopes, que deu ao periodico o subtitulo de *jornal vespertino republicano de combate*. Desappareceu em dezembro, sahindo em seu logar *Correio da Tarde*, redidigido por A. C. Santos Junior.

(2) Appareceu a 15 de julho. Era redigida por Henrique Machado, Gastão Bousquet e Carlitos de Affonseca.

(3) Folha conservadora, de que foram redactores, dr. Serafim Fontes, sergipano, fallecido, e Tiburtino Mondim Pestana, director interino da secretaria do Interior. E' de 25 de janeiro o n. 1.

(4) Sahiu á luz a 1 de fevereiro. Um de seus redactores foi o dr. Silva Costa, jurisconsulto brasileiro, residente no Rio, e seu director dr. Antonio Pereira dos Santos. *O Itororó*, deu apenas 17 numeros e desappareceu em 1860.

(5) Foi redigido pelo distincto poeta santista dr. Joaquim Xavier da Silva, fallecido em Santos a 30 de agosto de 1874, contando 30 annos de edade. Era editada por José Ignacio da Gloria.

(6) Redactores, Manuel Pereira de Simas, guarda-livros, e Izidoro Pinto de Souza Valente, funccionario da alfandega nesse tempo. Publicou dous ou tres numeros

53 *Ideia*, (30 setembro) 1877.
54 *Ideia Nova*, 1883.
55 *Ideia Nova*, (1) 1886.
56 *Indepenednte*, (2) 1894.
57 *Santos-Sportivo*, 1892.
58 *Jornal de Annuncios*, 1884.
59 *Jornal da Tarde*, (3) 1884.
60 *Lepidoptero*, (4) 1882.
61 *Luz*, (5) 1888.
62 *Lirio*, 1867.
63 *Leque*, 1892.
64 *Lei*, (6) 1877.

---

(1) Com relação á *Idéa Nova*, forneceu-me Alberto Souza, esta nota: «Era genuinamente republicano, e foi redigido por mim, Constantino Mesquita, hoje funccionario municipal em Santos, e Francisco Vianna de Araujo, negociante. O dr. Alfredo Caiafa, actual professor de italiano do Gymnasio Paulista, e então estudante de direito, collaboron assiduamente naquelle periodico. Recordações por toda a parte.»

Appareceu a 18 de julho (A. de Souza).

(2) Escripto em italiano. Começou de publicar-se em 1.º de novembro.

(3) Redigido por Antonio Manuel Fernandes, foi quem exacerbou o animo popular, arrastando-o ao celebre motim de fins de dezembro de 1881, conhecido por *quebra lampeões*.

(4) Redactores, Candido Carvalho, sub-director da repartição da policia, Erasmo de Mello, Felix Carneiro e José Barroso.

(5) Redigido por Narciso de Andrade e padre Francisco Gançalves Barroso.

(6) Orgam conservador, editado pelo cidadão Narciso de Andrade, que adheriu á Republica annos antes da queda da monarchia. Redactores, engenheiro Ignacio Wallace de Gama Cochrane, hoje residente na capital, e dr. Aquilino do Amaral, senador republicano por Matto Grosso.

65 *Luz*, 1878.
66 *Louvre*, 1895.
67 *Luiz Gama*, (21 maio) 1888.
68 *Lanterneta*, (janeiro) 1895.
69 *Lunêta*. (18 outubro) 1891.
70 *Luta*, (1) 1884.
71 *Medico Popular*, 1851.
72 *Mercantil*, (2) 1850.
73 *Mercantil*, 1867.
74 *Nacional*, (3) 1850.

---

(1) Eram seus redactores, entre outros, o dr. Antonio Martins Fontes Junior, actualmente deputado, eleito pela opposição ao Congresso do Estado; e o dr. Pereira dos Santos, ex-deputado estadoal, hoje advogado em S. Manoel do Paraizo. Eram ambos academicos· Por divergencias politicas entre os varios redactores, foi suspenso.

(2) *O Mercantil*, em 1853, foi redigido por Francisco Manuel Raposo, de Almeida, natural da Ilha de São Miguel, dos Açores, e fallecido em Taubaté a 17 de março de 1886, na edade de 79 annos, pois, nascêra a 15 de agosto de 1807. Raposo residiu na Bahia, em Pernambuco, em Minas, em Santa Catharina, no Rio e neste Estado, e em toda a parte fundou e redigiu jornaes. Publicou varios trabalhos de theologia, historia, geographia, critica e biographia, deixando inéditos dramas e romances e a *Historia eccl siastica do Brazil*. Era bacharel em direito e doutor em canones pela Universidade de Coimbra, doutor em theologia *ex-gratia* de Pio IX, official da Santa Sé Apostolica e promotor-fiscal da nunciatura apostolica no Rio.

Publicou em Santos diversos dramas historicos entre os quaes *Camões*, *O Monge da Serra Ossa* e *Martim de Freitas*.

(3 Publicava-se ás quintas-feiras, na typographia do *Imparcial*, á rua Santo Antonio n. 67. O n. 73 é de 30 de outubro de 1851. Nota do dr. Piza e Almeida.

75 *Nacional*, (1) 1890.
76 *Neto do Diario*, 5 (janeiro) 1894.
77 *Magnolia*, (2 maio) 1891.
78 *Correio da Tarde*, (dezembro) 1895.
79 *Lidador*, (novembro) 1895.
80 *Noticia*, (2) 1883.
81 *Noticia*, (3) 1893.
82 *Novidades*, (4) 1893.
83 *Omnibus*, 1879.
84 *Olho*, 1893.
85 *Precursor*, 1851.
86 *Piratiny*, (5) 1885.
87 *Popular*, 1855.

---

(1) Fundado e redigido pelo distincto escriptor Horacio de Carvalho, director do *Diario Official* e autor do romance *O Chromo*. O n. 1 é de 14 de julho.

(2) Semanario humoristico, que causou grande successo. Era redigido pelo fallecido Arthur Bastos, e pelo cidadão João Florindo, actual pagador do thezouro do Estado A' *Noticia*, e particularmente a este ultimo de seus redactores. deve-se a denominação, que ficou, para Santos, de *terra de sapos*.

(3) Redactores, o professor normalista Eugenio Assis e Angelo de Souza.

(4) Folha dirigida por um typographo do *Diario de Santos*, de nome Lisboa. Appareceu em setembro.

(5) Folha essencialmente republicana, guarda-avançada da mocidade intelligente daquelles tempos. Redactores, Arthur Andrade, prematuramente fallecido; Augusto Teixeira de Carvalho, actual administrador da recebedoria de rendas de Santos; Guilherme de Mello e Antonio Augusto Bastos, commerciantes. Collaborava nella o dr. Vicente de Carvalho, então academico de direito, mas já director do partido republicano de Santos. Teve, talvez, mais redactores, de cu os nomes não me recordo no momento.

Appareceu a 25 de outubro. Vide nota relativa ao *Alvôr.)*

88 *Popular*, 1879.
89 *Perola*, 1890.
90 *Popular*, (1.º novembro) 1885.
91 *Propaganda*, 1883.
92 *Pirilampo*, 1869.
93 *Procéla*, 1888.
94 *Paranápiacaba*, 1858.
95 *Patriota*, (1) 1889.
96 *Pincenez*, (2) 1886.
97 *Progresso*, 1860.
98 *Revista*, (3) (9 agosto) 1885.
99 *Revista*, (4) 1890.
100 *Revolução*, 1894.
101 *Rabecão;* 1867.
102 *Rabecão*, 1875.

---

(1) Jornal ardentemente republicano, redigido por Candido de Carvalho, actual sub director da repartição de policia; Erasmo de Mello, rutilante e esperançoso talento colhido cêdo pela morte; Felix Carneiro e Norberto Lobo Vianna. Os amigos de Erasmo, como piedosa homenagem posthuma, reuniram em livro os seusversos. O volume, apezar de todo impresso, não foi destribuido. O n. 1 do *Patriota* é de 1.º de março.

(2) Redactores, os moços Carlos Colin e Francisco Martins Fontes, aquelle maranhense e este sergipano.

(3) Semanario, no qual eu e Gastão Bousquet, com quinze annos incompletos cada um, estreamos timidamente nas lettras. Orgam francamente republicano. Retirei-me de sua redacção por causa de um artigo irreverente que escrevi sobre o papel secundario de Pedro I, no 7 de setembro, e que contrariou ás opiniões monarchicas do meu pae.

Ha dez annos! (Alberto Souza).

(4) Redigido por Diocleciano Fernandes e Ju de Souza. Appareceu a 6 de abril.

103 *Revista Cammercial* (1) 1848.
104 *Reclame*, 1887.
105 *Raio*, (2) 1875.
106 *Sempreriva*, (25 julho) 1875.
107 *Santos Commercial*, (3) (22 agosto) 1894.

---

(1) A *Revista Commercial*, começou a publicar-se no dia 2 de setembro de 1848, e continuou por muitos annos. Em 1872 esse periodico teve como redactor o dr. João José Frederico Ludovice, natural do Bananal, deste Estado, e que residiu por muito tempo em Uberaba, onde foi advogado, professor da Escola Normal e redactor da *Gazeta*, juntamente com os drs. Thomaz Pimentel de Ulhôa, João Caetano de Oliveira e Souza, Juventino Policarpo Alves de Lima, tenente Wenceslau Pereira de Oliveira, Gaspar da Silva e Tobias Rosa. O dr. Ludovice foi deputado provincial em Minas Geraes, pelo partido conservador, e era um notabilissimo orador, excellente poeta e jornalista correcto Falleceu ha uns quatro annos em Uberaba, deixando numerosa familia. Escreveu alguns dramas e um delles, os *Milagres de S. Francisco*, foi representado em Ouro Preto, no anno de 1894, com muito successo. Ainda quando cursava a Faculdade de Direito de S. Paulo, publicou um livro de variedades e poesias intitulado *Rabiscos Academicos*. A *Revista* foi tambem redigida por João Carlos Behn e Jorge Elias Behn; este, nascido a 3 de março de 1817, falleceu a 6 de março de 1845. Pertenceu em tempo a Rocha & Irmão, e tambem ao Dr. Guilherme Delius por muitos annos. Foi correspondente no Rio durante annos o sr. Augusto Fomm, santista intelligente e illustrado, antigo redactor commercial do *Jornal do Commercio* no Rio.

(2) Hebdomadario, editado por Sebastião J. de A. e Souza, e violentamente redigido por Hypolito da Silva, conhecido escriptor e distincto poeta, padre Francisco Gonçalves Barroso, já fallecido, e creio que por Antonio Manuel Fernandes, actual vereador da municipalidade santista.

(3) Redacção de Eurico Saldanha. Passou a ser orgam monarchista com o mesmo Saldanha como redactor.

108 *Santista*, 1864.
109 *Tribuna do Povo*, (1) 1894.
110 *Tombola*, 1884.
111 *Tesoura*, 1876.
112 *Typographo*, (18 outubro) 1885.
113 *Villa de Redempção*, (2) 1887.
114 *Vinte-Sete de Fevereiro* 1886.
115 *Corretor*, (3) 1895.
116 *Luva*, (fevereiro) 1895.
117 *Semana* (18 setembro) 1881.
118 *Santos-Andaluzia*, (29 março) 1885.
119 *Santista*, 1887.
120 *Verdade*, 1889.

---

(1) Periodico dirigido por Olympio Lima. Appareceu a 26 de março. Empastellado com o *Santos Commercial* no mesmo dia, pelo corpo de bombeiros de Santos.

(2) Escrevo estas notas sobre uma collecção encadernada desse pequeno periodico, que me serve de pasta. Appareceu em 26 de outubro de 1887, commemorando o primeiro anniversario da morte de José Bonifacio. Até fim de novembro foi seu redactor unico o distincto cidadão João Emmerick. Em dezembro, eu e Gastão Bousquet passamos a fazer parte da redacção. *Villa da Redempção* era o nome que o povo deu ao quilombo do Jabaquára, de que era chefe Quintino Lacerda. O jornal, dedicado então exclusivamente á propaganda abolicionista, e tendo por fim advogar a legitimidade da fuga em massa dos escravizados, tomou por isso o nome do quilombo historico.

A 1.º de janeiro de 1888 declarou se francamente republicano, sendo a sua nova attitude fundamentada por mim em longo artigo de fundo. Desappareceu com a escravidão. publicando o seu ultimo numero em 16 de maio.

Quanta recordação, e quanta saudade dos dezoito annos! (Alberto Souza)

(3) Boletim maritimo e commercial.

121 *União Operaria*, (25 maio) 1891.
122 *Combate*, (17 junho) 1895.
123 *Questão Social*, (1) 1895.

SÃO PAULO

1 *Amigo das Lettras*, 1830.
2 *Amigo do Povo*, (2) (ontubro) 1890.
3 *Americano*, (3) 1844.
4 *Arrebôl*, 1849.
5 *Annaes do* ENSAIO ACADEMICO, 1862.
6 *Apostolo*, (4) 1865.
7 *Archivo Litterario*, (julho) 1865.
8 *Archivo Juridico e Litterario*, 1868.

---

(1) Orgam do *Centro Socialista*, redigido pelos drs. Silverio Fontes e Soter de Araujo e professor Carlos de Escobar. Appareceu em setembro.

(2) Foi fundado para defeza do partido operario.

(3) *O Americano*, jornal juridico, litterario e noticioso, publicava se as quartas-feiras e sabbados, em typographia propria, na rua do Principe n. 24. Era folha governista, redigida pelo dr. Joaquim Ignacio Ramalho, hoje director da Faculdade de Direito. A direcção technica estava confiada a Joaquim Roberto de Azevedo Marques, fallecido em 1892, que trabalhou como typographo nas officinas do *Novo Pharol Paulistano*, e foi gerente do *Americano*, do *Ypiranga* e do *Correio Paulistano*. Durou pouco, desapparecendo com a sahida do dr. Ramalho, que se retirou para Goyaz, como presidente daquella provincia.

(4) Jornal politico, religioso, litterario e noticioso, de que era redactor e unico responsavel o dr. Candido Candido Bueno da Costa Barros. Era impresso na *Typgraphia Allemã*, de H. Schroeder.

9 *Academico*, (1) 1868.
10 *Anhanguéra*, (2) 1869.
11 *Academia de S. Paulo*, (3) 1876.

(1) O primeiro numero sahiu a 7 de junho e decimo-quinto e ultimo a 19 de novembro. Era jornal juridico, litterario e noticioso e teve como directores de redacção os drs Carlos Leoncio de Carvalho, Fernando Ozorio e José Francisco Diana, que mais tarde occuparam altas posições na politica do imperio. O primeiro destes é lente na Academia de S. Paulo.

(2) O sr. Francisco de Toledo Barboza, me informa que o *Anhanguéra* foi publicado por Candido Silva e que, comquanto fosse escripto em linguagem desbragada, que descontentou a muita gente altaneira, não deixava de ter grande circulação. O n. 4, de 1.º de junho de 1869, que possuo, traz por lemma este versiculo de Boccage:

«Zoilos, tremei; posteridade és minha».

Era impresso na typographia Americana.

(3) Orgão dos estudantes da Academia de S. Paulo. Foi fundado, se não nos enganamos, em 1876, para substituir a *Imprensa Academica*, folha cujos redactores eram tirados de todos os annos do curso juridico, e entre os do 5.º anno, um por eleição geral, o redactor-chefe. Esses lugares erão muito disputados, e geralmente a escolha era acertada. Não tinha côr politica, mais admittia em suas columnas artigos de todas ás opiniões, sob a responsabilidade de seus autores. Em 1871 era seu redactor chefe Augusto Carlos de Carvalho, ministro do Exterior. Por occasião da celebre *questão academica*, em 1871, a *Imprensa Academica*, naturalmente, manifestou-se em conflicto com os lentes, e por causa da interrupção das aulas suspendeu á sua publicação não só nesse anno como depois.

A *Academia de S. Paulo*, foi creadada para substituil-a, seu redactor-chefe em 1876, foi o dr. Antonio Tiburcio Figueira que republicano da propaganda, occu cargos politicos como membro do partido liberal depois não quiz acceitar mais posição no actual regin republicano.

12 *Abolição*, (31 agosto) 1884.
13 *Autonomista*, (1) (16 julho) 1892.
14 *Asino Humano*, 1893.
15 *Aurora*, 1892.
16 *Aurora*, 1894.
17 *Atheneu Paulista*, (7 setembro) 1894.
18 *Arado*, (2 julho) 1882.
19 *Aspirante*, 1889.
20 *Acaiaba*, (2) 1852.
21 *Americano*, (3) 1881.
22 *Azorrague*, (4) 1858.
23 *Aurora Juvenil*, 1892.
24 *Avisador*, 1888.

---

(1) Jornal politico de opposição ao governo do dr. Bernardino de Campos. Eram seus principaes redactores Hypolito da Silva, João Vieira de Almeida, Domingos Ferreira e P. Gomes Cardim. Foi tambem seu collaborador o dr. Martim Francisco Filho. Durou pouco.

(2) Durou dois annos e era redigido por estudantes, Quintino Bocayuva, Felix Xavier da Cunha e outros. Desappareceu em 1853.

(3) Periodico academico, dirigido por Cyro de Azevedo e Sá Vianna O primeiro é hoje diplomata e o segundo advogado illustre do Rio de Janeiro, secretario do Instituto dos Advogados e auctor dos *Esboços Criticos da Faculdade de Direito de S. Paulo*. (Rio, 1880, 125 pags.) Appareceu a 18 de junho de 1881.

(4) Sobre este jornal, escreve me o dr. Antonio Piza, o seguinte:

Em 1858, a 17 de março, appareceu nesta capital *O Azorrague*, jornal de Pedro Taques de Almeida Alvim. Era orgam conservador, violento, açoite dos liberaes e, principalmente, do Martim Francisco. Tenho o n. 1, em pequeno formato, a tres columnas. Abaixo do titulo traz desenhados dois chicotes, entrelaçados, e as seguintes quadrinhas:

25 *Arauto*, (fevereiro) 1890.
26 *Adolescencia*, (abril) 1887.
27 *Amor á Sciencia*.
28 *Amor*, (outubro) 1886.
29 *Avisador*, (7 abril) 1893.
30 *Arte*, (1.º junho) 1890.
31 *Avvenire*, 1894.

«Houve grande divergencia,
Fizeram grande questão,
Sobre o remedio que aos loucos
Voltar fizesse a razão.
«Depois de seria disputa,
Foi geral a approvação
—Que o meio mais efficaz
Era o da fomentação».

Seus artigos ou versos, eram escriptos em linguagem virulenta, injuriosa e insultante, e tão sómente por isso, como amostra, eis um acrostico contra Martim Francisco:

«Dá cá o pé Arára
Martim, vil pescador de mangue sujo,
Atrevido escriptor de papelucho,
Reptil assáz nojento de ti fujo.
Tua baba impura, empeçonhada,
Inda á mim não chegou, que te desprezo,
Mestre e grão senhor da velhacada
Fanfarrão atrevido, audacioso,
Rabugento, gritão e malcreado,
Assim te presumiste talentoso.
Não pudeste por ti só advogar,
Caixeiro te fizestes de escriptorio,
Indo autos ao cartorio procurar.
Sabe, pois, que as *baldas* te conheço.
Com desprezo pagarei os teus insultos
Outro troco melhor não reconheço.
O dr. Rubrica.»

«Era o *Azorrague* impresso na typographia da rua de Traz da Cadeia, n. 30.»

32 *Aurora Paulistana*, 1852,
32 *Archivo do Estado de S. Paulo*, (1) 1894:

(1) Publicação official de documentos interessantes para a historia e costumes de S. Paulo. A principio, os opusculos distribuidos pela Repartição de Estatistica e Archivo do Estado, não tinham uma systematisação de *periodico*, de *gazeta*. O primeiro volume *(A Bernarda de Francisco Ignacio)*, dado a lume em abril de 1894, não traz numeração, o que se verifica do segundo, *(Actas do governo provisorio de S. Paulo, em 1821-28)*. A começar do 3.º, já se vê a declaração de ser o *Archivo do Estado* uma *publicação official*, com caracter de periodico. Até 1891 sahiram sete volumes, em brochura, e mais um avulso sobre *Divisas de S. Paulo e Minas*. E' um trabalho importantissimo, digno de figurar nesta resenha da imprensa, em logar saliente. Seu director é o illustrado engenheiro dr. Antonio de Toledo Piza, chefe de repartição do Archivo e cuja aptidão para trabalhos desta ordem já se acha assás provada.

A *Revista Brasileira*, na sua secção *Bibliographia*, accusando o recebimento das publicações feitas pelo Archivo deste Estado, insére o seguinte, a respeito:

«*Archivo do Estado de S. Paula*.—S. Paulo, 1884. —Vol. I. *A. Bernarda de Francisco Ignacio em S. Paulo em 23 de Maio de 1822*, 99 pgs.—Vol. II *Actas das sessões do Governo provisorio de S. Paulo em 1821-1822*, 169 pgs.—Vol. III, VI, V, VI e VII. *Publicação official de documentos interesantes para a historia e costumes de S. Paulo*, 160, 129, 175, 108, 187 pgs.

A simples noticia da publicação de documentos e peças historicas, que em geral a nossa desidia deixa estragar e perder nos archivos informes, desconhecidos e como quer que seja inexploraveis dos estados e da mesma capital federal, revela da parte dos poderes publicos do estado de S. Paulo uma intelligente preoccupação, a qual não estamos por tal forma habituados que nos dispensemos de louval-a, encorajal-a e de desejar vel-a por toda a parte imitada.

34 *Allioth*, (1) 1886.

Apreço e louvores vão tambem ao sr. A. de Toledo Piza que na qualidade de archivista official do Estado dirige, com intelligencia, saber e criterio revelados já nos cinco volumes apparecidos, esta importante publicação. O aspecto material, muito para estimar em todo o genero de publicações, pela commodidade do formato (in-8.º) pela excellencia do papel e pela nitidez da impressão, predispõe favoravelmente o leitor. A cópia de notas com que a redacção do *Archivo* amplia, completa, corrige ou esclarece o texto, é um precioso auxilio não só para os estudiosos que nos antigos documentos ora publicados procurem materiaes de estudo e trabalho, como para os simples curiosos ou amadores da historia patria. Nessa historia, o episodio paulista é sem duvida dos mais interessantes.

Por isso o *Archivo do Estado de S. Paulo* será um precioso subsidio para ella.

Do v volume em diante contem o *Archivo* todos os documentos encontrados no archivo paulista sobre as tentativas e esforços feitos na segunda metade do seculo passado para a fundação de uma colonia nas margens do Iguatemy, em territorio fronteiro ao Paraguay cuja posse, contestada sempre pelo governo hespanhol, só foi reconhecida ao Brasil pelo Paraguay, depois da nossa victoria de 1870, um seculo depois—como informa uma nota da redacção do *Archivo*. Todos esses documentos lançam uma grande luz sobre a vida politica e administrativa, os costumes e factos ainda obscuros daquelle periodo.—*J. V.*«

Até a data da entrada para o prelo deste trabalho sobre a *Imprensa Paulista*, 1.º de janeiro de 1898, estão publicados 24 volumes do *Archivo do Estado de S. Paulo*, e se não houver algum motivo de força maior esta publicação alcançará a algumas centenas de volumes.

(1) Appareceu em janeiro, escripto em portuguez e italiano, sendo encarregado da primeira parte o sr. Francisco Gaspar e da segunda João Baptista Canetto, actualmente na Italia. Foi um forte auxiliar do jornal o então estudante Arlindo Carneiro.

35 *Amigo da Religião*, 1855.
36 *Araçoiaya*, 1857.
37 *Academia do Sul*, 1857.
48 *Americano*, 1874.
39 *Academius*, (20 junho) 1877.
40 *Abolição*, 1888.
41 *Aspirante*, 1886.
42 *Amico del Famiglie*, 1893.
43 *Alarma*, 1895.
44 *Barboleta*, 1874.
45 *Bohemio*, (1) 1881.
46 *Brazil Contemporaneo*, (2) 188.

---

(1) Folha illustrada, cuja publicação foi encetada a 6 de agosto, sendo impressa na *Typographia Popular*. Substituiu o *Entr'acto* o foi redigida por Valentim Magalhães e outros academicos. Cada numero continha tres paginas de illustração e caricaturas e cinco de texto e annuncios.

O Bohemio estampou os retratos de Americo de Campos, Luiz Pereira Barreto, Affonso Celso Junior, Arthur Azevedo, Cerqueira Mendes, Martinho Prado Junior e Lycurgo dos Santos.

(2) *O Brazil Contemporaneo*, semanario illustrado, propriedade de uma associação commanditaria, appareceu a 14 de novembro de 1886, trazendo o retrato e a biographia do conselheiro José Bonifacio. Eis o seu programma escripto por seu director gerente João Navarro de Andrade:

«Periodico semanal illustrado com retratos, photographias dos personagens mais importantes, não só nacionaes como estrangeiros, residentes ou de passagem no Brazil, e bem assim com vistas dos principaes logares, edificios e curiosidades de todo o imperio.

«Acompanhava os retratos uma circumstanciada biographia, sendo tambem as vistas acompanhadas de uma descripção ou noticia historica.

Brazil Contemporaneo, occupar-se-ha de lettras,

artes, sciencias, industria, commercio e costumes, offe recendo especialmente producções de escriptores nacionaes. Trará uma revista dos acontecimentos mais importantes do paiz.

«Cada anno do jornal constituirá um album de grande valor não só pelas illustrações como pelo variado e interessante assumpto que contem, sendo postos em evidencia os principaes ramos da actividade brazileira.

«Nella figurarão as individualidades mais preminentes da politica, da sciencia, da industria, do commercio, das lettras, das artes, e bem assim, aquellas pessoas que tenham prestado serviços humanitarios.

«Ao *Brazil Contemporaneo*, não serão indifferentes os acontecimentos notaveis, nem os homens de outras nações, que pelos seus actos, sejam dignos de curiosidade publica.»

Não tinha typographia propria; era do formato do *Journal Illustré*, de Paris de 4 paginas, bem impresso em 2 columnas. A serie dos numeros do 1.º trimestre até o n. 19, imprimiu-se na typographia da *Gazeta do Povo*, á rua do Imperador n. 1; depois foram outros impressos na typographia de J. Lousada & C. na rua da Boa Morte n. 14, até o n. 28, passando depois a impressão definitiva, até o fim da folha, a ser feita na typographia e estereotipia a vapor de King & C., a rua do Commercio.

Eis a relação dos numeros publicados no primeiro anno, que foi 1886-1887.

I. Senador José Bonifacio. II. Coronel Antonio Proost Rodovalho. III. Barão Souza Queiroz. IV. Conselheiro Antonio da Silva Prado. V. Conselheiro Saldanha Marinho. VI. Quintino Bocayuva. VII. Gonçalves Dias. VIII. O Sr. D. Pedro II. IX. Maestro Carlos Gomes X. Francisco Glycerio. XI. Conde de Mattosinhos. XII. Dr. Ferreira de Araujo. XIII. Conde de Tres Rios. XIV. Luiz Guimarães. XV. Visconde do Rio Branco. XVI. Dr. Joaquim Nabuco. XVII. Conde de Moreira Lima. XVIII. Ladisláu Netto. XIX. Conselheiro Joaquim Ignacio Ramalho. XX. Dr. Clemente Falcão de Souza Filho. XXI. Senador Dantas. XXII. Barão de Cotegipe. XXIII. Commendador M. do Pinho. XXIV. D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará. XXV. Dr. Ferreira Vianna. XXVI. Barão de Torres Homem. XXVII. Dr. Francisco Rangel Pestana. XXVIII.

47 *Bestia Umana*, 1893.
48 *Bisturi*, (1) 1888.

Dr. Andrade Figueira XXIX. Eduardo Brazão XXX. Augusto Roza. XXXI. Ramalho Ortigão. XXXII. Conselheiro Duarte de Azevedo. XXXIII. Dr. Americo de Campos XXXIV. General Couto Magalhães.

Em 1888 augmentou para quatro paginas, e dava o retrato em cartão fora do texto; impresso em typo menor e tambem em duas columnas. Sahiram dous numeros, o primeiro com uma photographia da Princeza Imperial, esposo e filhos, copiada de uma outra offerecida pelo Conde de Eu, ao general Couto de Magalhães. O segundo trazia o retrato de José de Alencar, com a biographia e estudo critico do grande litterato e politico; era escripta pelo dr. Miranda Azevedo. Quando tudo parecia annunciar una vida prospera e facil, cessou seu apparecimento.

As biographias foram escriptas por varios homens de lettras, como os drs. Rangel Pestana, Quirino dos Santos, Miranda Azevedo, Brazilio Machado, Navarro de Andrade, Dutra Rodrigues e outros. A parte litteraria era de escriptores nacionaes ou portuguezes e tambem as poesias, que eram de João de Deus, José Bonifacio, Guimarães Junior, Raymundo Corrêa, Hypolito da Silva, Macedo Papança, etc., etc. Estes apontamentos nos foram ministrados pelo velho republicano Francisco Cesláo de Paula Oliveira, colleccionador curioso, e que foi quasi até o fim o administrador do *Brasil Contemporaneo*.

(1) Appareceu a 11 de novembro. A seu respeito, diz-me o sr. Alberto Souza o seguinte:

«O *Bisturi* teve como redactores o talentoso rapaz Luiz de Carvalho e Joaquim Pitaguary, moço mineiro de extraordinaria intelligencia, que passou obscuro na vida commercial em S. Paulo e que agora agoniza em uma localidade do sul do Estado. Foi orgam genuinamente republicano, e, apezar de occultar os nomes dos seus redactores, nós nunca fizemos mysterio de que o eramos. No celebre banquete, offerecido pelo Dr. Antonio Bento aos jornalistas de S. Paulo, afim

49 *Brazil*, 1889.
50 *Bohemio*, 1887.
51 *Bandeirante*, (25 de setembro) 1892.
52 *Boletim da Grande Loja de S. Paulo*, 1893.
53 *Boletim da Commissão Geographica e Geologica*, (1) 1889
54 *Boletim Demographo Sanitario*, (2) 1894.

---

de reconcilial os com o jornal monarchista e aulico *Diario Mercantil*, compareci na qualidade de redactor do *Bisturi*, fui o unico que não tomou o compromisso de sustar a guerra á aquelle *Diario*, allegando nada poder eu resolver sem sciencia dos meus companheiros de redacção. No dia seguinte o *Diario Mercantil*, em sua noticia, inseriu o meu nome como redactor do *Bisturi*, que redigido por inexperientes nas lettras, tinha e tem ainda para os sobreviventes dessa empreza jornalistica o merito de recordar uma phaze luminosa do seu passado, evocando tambem a energia, o desassombro e o civismo com que ja se batiam nas lutas pela Republica».

(1) Publica-se em fasciculos, *in* 8.º grande, e o primeiro numero é de 1.º de junho. Até 1893 tinham sahido nove numeros, contendo o retrospecto historico dos estudos geographicos e geologicos em S. Paulo, dados climatologicos annuaes, considerações geographicas e economicas sobre o valle do Paranapanema, contribuições mineralogicas e petrographicas e um importante estudo sobre os *sambaquis* paulistas, trabalhos estes firmados pelos illustrados membros da Commissão Geographica e Geologica: Drs. Orville, A. Derby, A. Loefgren, Gonzaga Campos, Theodoro de Sampaio e E. Hussak. Quasi todos os fasciculos vêm acompanhados de mappas, quadros e estampas.

(2) E' uma publicação mensal em fasciculos) De uma noticia do *Correio Paulistano*, de janeiro de 1895, extractamos os seguintes trechos, que bem definem esta publicação:

«Está já publicado o volume n. 12 do *Boletim Demographo-Sanitario*, correspondente ao mez de dezembro do anno passado.

55 *Braza*, 1889.
56 *Braz Cúbas*, 1890.
57 *Bom Pastor*, 1889.
58 *Bacalháu*, (abril 1893.

«Estes boletins da directoria do serviço sanitario do Estado, são um trabalho de tal ordem, que verdadeiro prezer tem a gente em elogial-os, porque sabe que o elogio nasce deste nobre sentimento que nos invade a nós todos ao vêr S. Panlo subir dia a dia em seu progresso, a se equiparar em cousas da publica administração com os velhos paizes em que taes serviços são tidos como modelo no genero.

«A utilidade destes boletins mensaes é positivamente imprescindivel: são elles o thermometro pathologico das curvas da saude publica e, dadas simultanea e mensalmente a densidade da população e as oscilacões meteorologicas do nosso clima, é sobre taes curvas, registradas com tamanho cuidado, que o medico paulista estabelecerá dentro de poucos annos as leis geraes da pathogenia do Estado.

«Comprehende se, portanto, o enorme alcance deste excellente serviço da directoria da hygiene;—é o lançamento das bases fundamentaes da independencia do diagnostico, porque si tudo se adapta e se transforma conforme os meios, tambem as molestias estão sujeitas á mesma lei, e, ou se attenuam ou se aggravam conforme a qualidade dos seus factores.

. . . . . .

E' um volume in-4 º-grande, impressão nitida, rico de informações e de 126 paginas, que obedecem á numeração dos volumes anteriormente publicados, e que reunidos todos, já dão um livro de 750 paginas.

Qual o medico paulista que commetterá a imperdoavel falta de não ter esses volumes em sua estante?

O *Boletim* de dezembro, abre, como os demais, com quadro meteorologico do mez, trabalho da respectiva ção da *Commissão Geographica, e Geologica* do Es- o, quadro em que, com as médias, maximas e mi- nas da altura barometrica e da temperatura, se nota

59 *Borboleta*, 1869.
60 *Brasileiro*, (1) 1885.
61 *Boccacio*, 1885.
62 *Bilontra*, (fevereiro) 1887.
63 *Beijinho*, 1890.
64 *Buscape*, 1894.
65 *Brazil Philatelico*, (2) 1882.
66 *Braz*, 1895.
67 *Brado da Patria*, 1865.
68 *Brasil-Hespanha*, (15 março) 1885.
69 *Binoculo*, 1879.
70 *Binoculo*, (3) (abril) 1880.
71 *Bernardo Guimarães*, 1884.

---

o movimento dos ventos dominantes, a cifra da humidade, tensão e evaporação do vapor. quantidade de chuva cahida, especificados os dias chuvosos, nublados, claros, de trovoada e de neblina, e tambem a nebulosidade média.

Assim, daqui a annos os dados que a *Directoria do Serviço Sanitario*, hoje ajunta com tanto cuidado — produzirão os effectos sonhados pela culta cabeça do legislador bandeirante, e terão assentado as basses desta grande obra que estava e está por fazer,—a pathologia paulista.

(1) Redigido por Francisco Gaspar e dr. Brant, actual lente da Escola Normal de Diamantina (Minas Geraes). O seu primeiro numero é de 15 de junho.

(2) Jornal dedicado aos colleccionadores amadores de sellos postaes, estampilhas, etc. E' publicação mensal.

(3) Antes sahira um numero com formato de jornal. Revista humoristica das lettras, artes, politica e costumes. Sahia mensalmente um folheto de 58 paginas em 16.º Era redactor e proprietario J. Navarro de Andrade. Não passou do n. 1, em abril. Era impresso na typographia a vapor do *Diario de Santos*. Os editores, Teixeira & Irmão. Grande Livraria Paulista.

72 *Boletim*, (19 novembro) 1891.
73 *Bolletino Ufficiale della Camera Italiana*, 1894.
74 *Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia*,(maio)1855
75 *Buscapé*.
76 *Caixeiro*, 1883.
77 *Caixeiro*, (outubro) 1884.
78 *Cruzeiro do Sul*, (1) 1855.
79 *Cá-Irál* .. (19 agosto) 1882.
80 *Castro Alvares*, (10 julho) 1884.
61 *Camelia*, 1890.
82 *Commercio de S. Paulo*, (2) 1881.
83 *Commercio de S. Paulo*, (3) 1893,

---

(1) O dr. Antonio de Toledo Piza, me affirma que, em 1855, havia este jornal, de que era redactor o celebre advogado Balthazar da Silva Carneiro, que depois residiu muitos annos em Campinas. O dr. Balthazar era natural de Campos, Estado do Rio, fez na Faculdade de Direito de S. Paulo o curso respectivo, recebendo o gráu de bacharel em 1858, e o de doutor com capello em 1859. Escreveu em diversos jornaes e publicou a *Reforma bancaria do Imperio do Brasil* (Rio, 1859, 31 paginas in-4.º); *Saudades e Consolações*, poesias, em collaboração com Paulo Antonio do Valle (S. Paulo, 1861); *Sepitimio*, romance (S. Paulo, 1861); *Discursos*, *Theses*, etc. Falleceu ha cerca de dois annos.

(2) Foi fundado, segundo sou informado, pelo bem conhecido e já fallecido jornalista Navarro de Andrade. Teve typographia e redacção na rua de S. Bento, onde pouco antes existia o *Jornal da Tarde*, e cremos que o material foi o mesmo. Com poucos numeros publicados expirou por falta de apoio. Appareceu a 3 de novembro de 1881.

(3) Pertenceo a Cesar Ribeiro & C. e comecou a ser publicado em 7 de janeiro de 1893. Na secção *Jornal dos jornaes*, do *Correio Paulistano*, lê-se o seguinte:

«*O Commercio de S. Paulo* (jornal) é o sr. Cesar Ribeiro. Este cavalheiro é o proprietario da folha, seu director, seu redactor, seu administrador, seu fac totum,

84 *Cometa*, (11 novembro) 1886.
85 *Cenaculo*, (15 junho) 1880.
86 *Commercial*, 1887.
87 *Cometa*, 1893.
88 *Caixeiro Viajante*, (10 fevereiro) 1893.
89 *Certamen*, 1888.
90 *Constituinte*, (1) 1879.

---

finalmente. Isso não obsta que, para superar o enorme trabalho que tem attrahido sobre os seus hombos, embora possantes, o sr. Cesar Ribeiro se soccorra de auxiliares e alguns mesmo de real merecimento.

«Consta que escreveu no *Commercio*, além dos collaboradores occasionaes, os srs. Luiz de Castro (filo do grande jornalista), Raymundo Capella, Couto de Magalhães Sobrinho, Evaristo de Oliveira, Roso Lagôa e Apparicio Sampaio. Seu correspondente telegraphico no Rio, é o tenente coronel Baldomero Fuentes, do *Jornal do Commercio*. Em politica *O Commercio de S. Paulo* é neutro. Entre os trabalhos mais interessantes que não deve-se esquecer as *Notas sobre a Revolta da Armada*, escriptos pelo sr. Alcindo Guanabara.»

Foi depois vendido a uma commandita representada pelo sr. dr. Eduardo Prado, que o fez orgam do partido monarchista restaurador. Foi empastellado em março de 1897, passando depois ás mãos do dr. Affonso Arinos e continuando como orgam monarchista.

(1) Sobre este jornal escreve-me o dr. Antonio de Toledo Piza:

«A 7 de setembro de 1879 appareceu nesta capital *A Constituinte*, redigida pelos drs. Leite Moraes, Bento de Paula Souza e Brasilio Machado, sob a gerencia de Alfredo de Almeida. Em fevereiro de 1880, Leite Moraes ficou só na redacção e o jornal morreu em julho desse anno.

»Parece-me que pelos annos de 1881 ou 1882, appareceram alguns numeros de um outro jornal com o nome de *A Constituiute*, redigido pelo sr. Francisco de Campos, genro do desembargador Bernardo Gavião Peixoto.»

91 *Constituinte*, (1) 1881.
92 *Constitucional*, (2) 1874.
93 *Constitucional*, (3) 1878.
94 *Canudo*, 1885.
95 *Casa Ecclectica*, 1883,
96 *Combate*, (13 junho) 1881.
97 *Coaracy*, (4) 1875.
98 *Caridade*, 1885.
99 *Comedia*, (5) 1881.
100 *Cipó Lactesense*, 1877.
101 *Commercio*, (17 abril) 1892.
102 *Cidade de S. Paulo*, (6) 1891.
103 *Claro*, 1887.
104 *Capital*, (8 novembro) 1893.
105 *Correio Paulistano*, (7) 1854.

---

(1) Vide nota acima.

(2) Orgam do *Club Constitucional Academico*, durou alguns annos e no começo era seu redactor o dr. Luiz Paulino Pereira Pinto

(3) Orgam do *Club Conservador*, redigido por Fernando Mendes, Cardoso de Mello Junior, Eduardo Prado, Pennaforte Mendes de Almeida, Camara Leal. H. Graça e outros.

(4) Jornal humoristico e por ultimo illustrado, redigido por Americo Brasiliense, Americo de Campos, Luiz Gama e Diogo de Mendonça Pinto.

(5) Folha litteraria, de que foram redactores Silva Jardim, Valentim Magalhães, Eduardo Prado, Gustavo J. Pinto Pacca e Adolfo Carneiro de Almeida Maia. Era publicada diariamente e pouco tempo durou.

(6) Vide adiante nota sobre *O Recreio*.

(7) Appareceu a 26 de junho de 1854.

E' o decano da imprensa paulista, e a primeira folha diaria que appareceu em S. Paulo. A principio o *Correio* sahia em pequeno farmato; em 1856, porém, augmentou e, na phrase de Ezequiel Freire, «attingiu ao apogeu do seu esplendor e ao pinaculo do jornalis-

mo provinciano, aureolando-lhe o nome as fulgurações intellectuaes de Affonso Celso, Couto de Magalhães, Falcão Filho, Aureliano Tavares Bastos, Horta Aranjo, Pedro Taques, Alambary Luz, Thomaz Alves Junior, Rodrigo Silva, Paulo do Vale, Quirino dos Santos, Rangel Pestana, Americo de Campos, Fagundes Varela, toda uma pleiade de talentos de primeira agua, a fina flôr da mocidade academica de então.» Joaquim Roberto de Azevedo Marques foi o seu fundador e director, até 1882, quando fôra adquirido pelo dr. Antonio da Silva Prado, passando Joaquim Roberto a simples administrador.

Em 1890 passou a ser propriedade de uma associação particular e orgam do partido republicano. Tem-n'o redigido, em suas ultimas phases, os drs Almeida Nogueira, Herculano de Freitas, Jorge Miranda, Wenceslou de Queiroz, Virgilio Sá Pereira e outros.

Quando em 1890, Joaquim Roberto deixou o *Correio*, esta folha publicou a seguinte noticia:

«E' com bastante pezar que communicamos aos nossos leitores que desligou-se da administração desta folha o estimavel cidadão capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

Fundador do *Correio Paulistano*, a 26 de junho de 1854, e seu proprietario durante longos annos, o seu nome ligado a esta folha desde o berço della, votava-lhe estremecido affecto de pae, como por vezes ouvimol-o declarar, e ultimamente alegrava se com o desenvolvimento que ella vae tendo e sua grande acceitação pelo publico.

Sem ter parte directa, por assim dizer—material na redacção, não obstante por sua inveterada pratica e intelligencia esclarecida, o capitão Joaquim Roberto não se conservava estranho á orientação deste jornal; comprehendia, como que por intuição e dava conselhos proveitosos e aproveitados aos diversos redactores que durante seu longo tirocinio jornalistico tem tido o *Correio*. Noutros tempos tambem escrevia, segundo estamos informados e até escrevia com certo atticismo, sem entretanto assignar seus escriptos, o que sem du-

vida era um acto de modestia de sua parte. Ultimamente considerava aquella collaboração como—*peccados da mocidade*, e só vinha rara e excepcionalmente á imprensa, quando era solicitado por algum motivo particular.

Despedindo-se o sr. capitão Joaquim Roberto da administração do *Correio Paulistano*, póde a convicção de que deixa nesta casa muita saudade de sua pessoa nos redactores, collaboradores, empregados da administração e da officina.»

A respeito deste benemerito cidadão, escreve o dr. Ezequiel Freire, em 1889, na *Gazeta do Povo*, o seguinte:

«O velho capitão Joaquim Roberto é um dos membros da numerosa e benemerita dynastia dos Azevedos Marques, da qual nesta provincia um membro pelo menos *reina* em cada ramo de funcção publica e actividade privada, havendo delles no magisterio, na militança, na burocracia, na imprensa, nas lettras amenas e didacticas.

Seu pae foi tenente-coronel reformado do exercito; um seu tio materno, Antonio Mariano, cognominado o *mestrinho*, revelou prodigiosa intelligencia em tenros annos, e, de companhia com o mais tarde marquez de Monte Alegre, fundou o primeiro jornal que veiu a publicidade em S. Paulo, o *Pharol Paulistano*.

De seus irmãos, um—Roberto Maria—escreveu o *Largo de Luiz XIV*, pachuchada litteraria que teve em seu tempo extraordinaria vóga; e outro, o major Manoel Euphrasio, deixou um livro de alta utilidade e pacientissima factura—o *Indice Chronologico da Provincia de S. Paulo*.

São, pois, os Azevedos Marques familia operosa e prolifica, o que importa duas benemerencias, num paiz onde a preguiça é vasta e a terra maior.

Fiel ás tradições atavicas, Joaquim Roberto, homem tenente a Deus, tem honradamente cumprido as duas recommendações feitas pelo Omnipotente ao nosso primeiro Pae, antes e de manducação do pomo vedado crescendo e multiplicando a próle, já amassando o pão quotidiano com o suor do seu rosto.

E muito deve ter suado o pobre deste honrado velho, no amassar pão com que désse subsistencia á sua numerosa familia, tanto a que o creou, como a por elle creada; porquanto Joaquim Rberto, bom pae que é, tambem foi bom filho e, ainda creança, ficando orpham, teve de auxiliar com os recursos do seu trabalho a mantença da familia—mãe e quatro irmãos menores.

O maior da irmandade, e contava apenas 12 annos, era Joaquim Roberto. Viu-se, pois, o pobro rapazito obrigado a abandonar o escola, indo aprender a arte de Guttemberg na typographia de Costa Silveira, onde se imprimia então o *Novo Pharol Paulistano.*

Durante alguns annos Joaquim Roberto praticou aquella arte, della tirando meios para auxiliar a vida da familia.

Em 1842, tendo-se creado nesta capital o *Gabinete Topographico* (que pelo nome não perca) instituição destinada «ao ensino das sciencias mathematicas» o typographo Joaquim Roberto, desejoso de illustrar seu espirito, matriculou-se naquelle curso.

Sobrevém a revolução de 1842, e o referido *Gabinete*, victima imbelle da vicissitude dos tempos, teve de suspender a iniciação da mocidade estudiosa nos mysterios da typographia, em quanto as tropas de Lima e Silva punham agua na fervura revolucionaria, debandando as hostes rebeldes do brigadeiro Raphael Tobias.

Joaquim Roberto lembrou-se então de que o papá cingira espada, e ambicionando mais rutilas glorias do que lhe daria o manusear diurno e nucturno dos elzevires, jurou bandeira, assentando praça no 4.º batalhão de fuzileiros. Tinha o nosso esperançoso cadete 17 annos de idade.

Em 1845 era presidente desta provincia e commandante das armas o general Manoel da Fonseca Lima e Silva, que morreu barão de Suruhy; a opposição atacava-o de rijo, e o presidente julgou imprescindivel fundar jornal que defendesse a sua administração. (A ess tempo não existia ainda a imprensa neutra.) Difficil er a empreza; o jornalismo provinciano estava em su

infancia; grande escasez de pessoal technico, que era myster ir-se recrutar á Côrte. Nesse interim, em palestra de palacio, alguem inculca o nome de Joaquim Roberto, que durante os vagares do serviço militar continuára a praticar a arte typographica. Apalavra-se o presidente com o cadete; este requer inspecção de saude, obtem baixa, e assume a direcção technica do *Americano*, folha governista, redigida pelo dr. Joaquim Ignacio Ramalho, hoje barão de si mesmo.

Durou pouco o *Americano*, perecendo á retirada do dr. Ramalho, que seguia presidente de Goyaz.

Em 1848, apeado do poder, o partido liberal resolveu fundar imprensa, que lhe fosse valvula de escapamento á bilis opposicionista e suavidade aos amargores do ostracismo:—dahi crear-se o *Ypiranga*.

Mandou-se vir typographo da côrte, que, logo, desavindo-se com a empreza, negou-se a compor. Perigava o jornal, quando de novo lembram se de que Joaquim Roberto era o homem dos momentos difficeis.

Procuram-n'o; elle assume a direcção da typographia e o *Ypiranga* reapparece.

Eis, pois, pela segunda vez aquelle paulista á frente de um estabelecimento typographico nesta capital.

Com pouco Joaquim Roberto tornou-se proprietario da typographia e editor gerente do *Ypiranga*.

Foi então que, a 26 de junho de 1854, o incansavel typographo fez sahir dos seus prelos o primeiro numero do *Correio Paulistano*, que tambem era a primeira *folha diaria* vinda a luz nesta provincia.

Honra, portanto, ao *primeiro* dos jornalistas paulistanos!

Quem conhece esta ingrata profissão, miseranda e gloriosa do jornalismo, bem póde avaliar que enorme somma de actividade, intelligencia e sacrificios, foi então necessaria áquelle rijo homem despender para dar vida ao seu jornal, num tempo em que ninguem lia, e em que ninguem se importava com a publicidade.

Basta dizer que para encher os primeiros numeros do *Correio*, Joaquim Roberto teve de andar de porta em porta dos commerciantes, pedindo-lhos annuncios

para serem publicados—*de graça*! E só relutando lh'os davam!

Prosperando, apezar de tudo, o *Correio*, em 1856 augmentou de formato e attingiu ao apogeu do seu esplendor e ao pinaculo do jornalismo provinciano, aureolando-lhe o nome as fulgurações intellectues de Affonso Celso, Couto de Magalhães, Falcão Filho, Aureliano Tavares Bastos, Horta Araujo, Pedro Taques, Alambary Luz, Thomaz Alves Junior, Rodrigo Silva, Paulo do Valle, Quirino dos Santos, Rangel Pestana, Americo de Campos, Fagundes Varella, toda uma pleiade de talentos de primeira agua, a fina flôr da mocidade academica de então.

Póde-se dizer que todos esses nomes, uns gloriosamente afundidos na morte, outros consagrados pela admiração dos que ainda vivemos—jornalistas, litteratos, politicos—uns e outros fizeram as suas primeiras armas nas modestas columnas do *Correio Paulistano* de Joaquim Roberto.

E' de vêr-se, ainda, que valiosos serviços prestou á provincia, maxime naquelles tempos, o jornal de Joaquim Roberto, já encorajando os seus noveis escriptores, já propugnando pela educação e instrucção populares, já promovendo á realisação dos melhoramentos materiaes desta terra, todo, todo o dia, durante quasi quarenta annos.

E' muito, pois não é? o beneficio que a esta provincia tem prestado aquelle digno velho, desde que aos doze annos de edade, ajuntou os caracteres com que compôz a primeira palavra do original que lhe distribuiram até hoje em que o vemos, sempre firme na estacada, entre os seus presados typos, vivendo delles e por elles, encanecido na faina jornalistica, rememorando do seu longo passado os dias gloriosos e as horas amargas, alli, na preoccupação e no amor de toda a sua prova, com a mesma paciencia e a mesma serena coragem do florir das suas 12 primaveras, quando collocou no componidor o seu primeiro quadratim, na typographia de Manoel Francisco da Costa Silveira, ha 53

106 *Cruzeiro do Sul*, (1) 1860.

annos... pois é muito, não é? o beneficio que elle tem feito a esta terra?...

°°°

Tirando o seu principal elemento do coração de Joaquim Roberto, o *Correio Paulistano*, depois de ter lutado contra a penuria durante 27 annos, teve de submetter-se, no *struggle for life*, á soberania de el-Rei Dinheiro. Faziam-lhe concurrencia outros jornaes amparados por argentarios; Joaquim Roberto teve de vender o *Correio*, o seu querido jornal, que elle creára e que mantivéra atravez de todas as peripecias da sua vida de homem pobre

Em 1882 a propriedade do *Correio* foi adquirida pelo conselheiro Prado, passando Joaquim Roberto a exercer posto subalterno na administração do jornal, que continuou, entretanto, a prestar relevantes serviços á provincia, não tendo o menor delles a sua intervenção opportunista, mas effectiva na lucta pela liberdade dos escravos.

No meio de tantas amarguras da sua penosa vida jornalistica, Joaquim Roberto teve um dia de glorificação; foi quando, em 18 de setembro de 1882, a corporação typographica desta capital, representada por delegados de todas as typographias, foi manifestar solemnemente a sua homenagem, o seu reconhecimento e a sua estima pelo *primeiro* typographo paulista, fundador da imprensa diaria de sua terra, o velho Joaquim Roberto, o nosso *decano*, como lh'o dizemos todos, carinhosamente, nos dias festivos do jornalismo.

E ao pasar rapidamente a minha penna affectuosa e alegre pela vida deste infatigavel trabalhador, sinto que neste ponto ella estaca no traço da lettra e se inclina perante as honradas cãs do velho Joaquim Roberto.

E' a minha homenagem.»

(1) Foi redigido por Theophilo B. Ottoni Filho, natural de Minas Geraes, prematuramente fallecido. Era um talento e um caracter que honravam as tradições de seu venerando progenitor.

107 *Constitucional*, 1861.
108 *Crença*, 1864.
109 *Cabrião*, (1)
110 *Crhysalida*, 1874.
111 *Catholico*, (2) 1876
112 *Consciencia*, (3) (6 abril) 1876
113 *Centro Industriale e Commerciale Italiano*, 1876.
114 *Censor*, (4) (14 abril) 1845.
115 *Corriere de Italia*, 1880.
116 *Chrysalida*, 1869.
117 *Clarim Saquarema*, (5) 1851.
118 *Correo Español*, 1891.
119 *Correio Sur Americano*, 1891.
120 *Cittadino Italiano*, 1890.
121 *Commercio*, 1887.
122 *Comedia*, 1887.
123 *Chrysalida*, (6) 1891.

---

(1) Jornal illustrado, critico e litterario, redigido por Antonio Manoel dos Reis. Substituiu o *Diabo Coixo*, de Luiz Gama e Americo de Campos.

(2) Periodico academico, redigido por Benedicto Philadelpho de Castro e Estevão Leão Bourroul. O primeiro é hoje juiz de direito de Capivary e o segundo advogado em Mococa.

(3) Foi redigida por moços habeis como Carlos Ferreira França, Affonso Celso Junior, Ezequiel Freire, Fernandes da Cunha, Alberto Fialho e Magalhães Castro.

(4) Era impresso na typographia Americana, a rua de S. José e era orgam do partido liberal. (M. Azevedo).

(5) Orgam conservador, redigido por Pedro Taques de Almeida Alvim, quando ainda era estudante do segundo anno juridico.

(6) Orgam dos alumnos do *Collegio Dellamai* redigido por Evaristo de Oliveira, hoje auxiliar e reducção do *Commercio de S. Paulo*.

125 *Crença*, (1) 1873.
126 *Constitucional*, 1853.
127 *Caixeiro Viajante*, (2) 1895.
128 *Dois de Dezembro*, 1860.
129 *Diario de S. Paulo*, (3) 1865.
130 *Diario da Manhã*, (4) 1878.
131 *Diario Popular*, (5) 1884
124 *Colibri*, 1870.

---

(1) Antes deste jornal houve um outro com o nome de *Crença*, em 1864, redigido por Didimo da Veiga.

(2) Periodico-reclame da *Papelaria Guarany*, cuja publicação começou em outro.

(3) O *Diario de S. Paulo*, foi fundado pelos drs. Pedro Taques de Almeida Alvim e Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra, que o redigiram por algum tempo. Passou depois a ser propriedade do coronel Paulo Delfino da Fonseca, sendo então redigido pelos chefes conservadores da provincia, drs. Antonio Prado e Rodrigo Silva, deputados, senadores e ministros, Duarte de Azevedo, deputado, ministro e advogado illustre, e João Mendes de Almeida, deputado e jurisconsulto emerito. O coronel Paulo Delfino da Fonseca, falleceu em São Paulo a 25 de outubro de 1884, como tabellião de notas.

(4) Orgam liberal, redigido pelo dr. Francisco de Paula Paiva Baracho, mais tarde deputado provincial e fallecido aos trinta annos de edade.

(5) Fundado por Americo de Campos e José Maria Lisboa, teve sempre feição democratica, sem comtudo ser jornal politico. Seu principal collaborador foi o illustre republicano e intemerato batalhador dr. Aristides Lobo, infelizmente enfermo ha tempo. Com respeito ao *Diario Popular*, assim se manifestou o *Correio Paulistano*, em uma noticia sobre a imprensa da capital, em janeiro de 1895.

«*Diario Popular*.—Publica-se sómente nos dias uteis. Seu proprietario e director é o sr. José Maria Lisboa,

132 *Diario Mercantil*, (1) 1884.

portuguez de origem, mas brasileiro de coração e nacionalidade. São redactores do *Popular* os srs Raymundo Furtado Filho, Lisboa Junior e Germano França, e collaboradores effectivos os srs. Urbano Duarte (do Rio), Lafayette de Toledo e João Luzo. Deu-lhe muito incremento outr'ora a assidua collaboração de Aristides Lobo. A secção livre desta folha é muito procurada porque occupa a sua primeira pagina, transferindo para a segunda o noticiario. A secção telegraphica, egualmente boa, attrahe sempre em primeiro logar a attenção dos leitores, por antecipar de algumas horas as noticias do Rio, trazidas pelo trem nocturno. O correspondente é Maximiano Serzedello, da *Gazeta de Noticias.*»

Começou a publicar-se a 8 de novembro de 1884.

Americo de Campos, actual consul do Brasil em Napoles, nomeado em 1890, é filho do dr. Bernardino José de Campos e de d. Felisbina Gonçalves de Campos, e irmão mais velho do dr. Bernardino de Campos, actual presidente do Estado. Nasceu em Bragança a 12 de agosto de 1835. Bacharelou-se em direito, mas entregou-se sempre ao jornalismo, redigindo em 1866-67, o *Cabrião*, com Antonio Manoel dos Reis, o *Correio Paulistano*, de 1867 a 1874; a *Provincia de S. Paulo*, de 1875 a 1884, tendo Rangel Pestana como companheiro de redacção, e o *Diario Popular*, de 1884 a 1890.

(1) Um dos melhores diarios paulistas pela correcção da sua linguagem e escolha de assumptos litterarios. Era redigido por Gaspar da Silva, Léo de Affonseca e Eduardo Salamonde. Retirando-se o primeiro, ficou o *Diario Mercantil* a cargo dos dois ultimos, desapparecendo em 1891, com a retirada destes para o Rio de Janeiro, onde foram residir como redactores d'*O Paiz*. O *Diario* passára ultimamente a chamar-se *O Mercantil*, e neste collaborou effectivamente o intelligente moço José Severiano de Rezende, natural de Minas Geraes.

133 *Diario Liberal*, (1) (22 março) 1895.
134 *Diario Official*, (2) 1891.

---

(1) Havia nesta capital dois jornaes liberaes; a *Gazeta Liberal*, redigida pelo dr. Lins de Vasconcellos e desembargador Gavião Peixoto, e o *Diario de São Paulo*, redigido pelos drs. Leite Moraes e Augusto Queiroz. Da fusão destes dois jornaes, surgiu o *Diario Liberal*, redigido pelo desembargador Gavião, auxiliado por diversos politicos do tempo.

(2) Orgam official do governo do Estado, creado por decreto do theor seguinte:

« Decreto n. 162 A. O governador do Estado de S. Paulo, no exercicio da attribuição conferida pelo artigo 3.º, § 36, do decreto n. 7, de 20 de novembro de 1889, decreta:

Art. 1.º Fica creado um jornal com o titulo de *Diario Official do Estado de S. Paulo*, que se destinará á publicação dos actos e do expediente do governo, bem como do expediente das diversas repartições publicas do Estado.

Art. 2.º O *Diario Official* será editado em officinas typographicas de propriedade do Estado, á que, sob a denominação génerica da *Typographia do Estado de S Paulo*, se poderão annexar, como dependencias officinas para trabalhos concernentes á arte typographica, á pautação e encadernação.

Art. 3.º O pessoal encarregado da publicação do *Diario Official* e dos demais serviços será o seguinte: um director, um sub-director, dois redactores, tres revisores, um administrador, um machinista, um chefe de officinas de obras e machinas, um chefe de officina do jornal, um encarregado da remessa, um chefe de contabilidade, dois escripturarios e um continuo.

Art. 4.º O governador, em regulamento expedido para esse fim, organisará a repartição do *Diario Official* e descriminará as attribuições dos empregados a [illegible] se refere o artigo antecedente, os quaes perceberão [illegible] encimentos constantes da tabella annexa.

[illegible] secretario do governo o faça publicar. Palacio

do governo do Estado de S. Paulo, 28 de abril de 1891. —*Americo Braziliense de Almeida Mello.*»

O primeiro director do *Diario Official*, foi o dr. João de Araujo, que foi substituido em dezembro de 1891. por Horacio de Carvalho, que ainda hoje desempenha dignamente o cargo. Deste jornal disse o *Correio Paulistano*:

«O *Diario Official* do Estado de S. Paulo é, como o proprio titulo o declara, o orgam do governo estadual: Publica os actos legislativos, os do poder executivo e o expediente das secretarias, trabalhos do congresso, etc.

Tem tambem um discreto noticiario, quanto o permittem as reservas, impostas da palavra official. Insere, por vezes, estudos de alto interesse scientifico, criteriosamente extrahidos de relatorios, revistas ou jornaes estrangeiros e nacionaes.

E' seu director o habil e conhecido jornalista sr. Horacio de Carvalho, que tem como auxiliares nos labores da redacção os intelligentes moços drs. Canto e Mello e Ezequiel Ramos Junior.»

O fundador da imprensa official em S. Paulo, pois que a provincia nunca teve jornal propriamente seu, foi o dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello, filho do dr. Francisco Antonio de Almeida Mello e de d. Felizarda Joaquina Pinto, nascido em S. Paulo a 8 de agosto de 1833. Bacharelou-se em direito em 1855, doutorou-se em 1860, foi deputado provincial e geral, presidente das provincias de Parahyba e do Rio de Janeiro e lente da Faculdade de Direito. Foi governador de S. Paulo e eleito seu primeiro presidente, em 1891, e é hoje ministro do Supremo Tribunal Federal. Escreveu em diversos jornaes e publicou a *These para obter o grau de doutor* (1860), as *Lições de historia patria* (1877), os *Programmas dos partidos* (1878), as *Bases para a Constituição Politica do Brasil* (1890), as *Cartas Politicas* (1895). *Jornal de Terontillo Arsa*, pamphleto politico 1878). Foi administrador-gerente do *Diario Official* o cidadão Pedro Braga, fallecido em março de 1895, de quem o *Correio Paulistano*, de 17 deste mez disse o seguinte:

«A's 2 da madrugada de ante-hontem para hontem sucumbiu nesta cidade, victima da affecção cardiaca que soffria ha dois annos, o estimado cidadão Pedro Braga, gerente do *Diario Official*.

Moço ainda, pois não tinha 42 annos completos, a sua morte foi muito sentida no circulo não limitado dos seus amigos.

Republicano historico, companheiro do grupo mais novo da propaganda a todo o custo, feita pela geração dos mais moços, de typographo habilissimo, dono de seu officio, Pedro Braga foi-se fazendo por si mesmo, até que um dia o vimos gerente da antiga *Provincia de S. Paulo*, hoje *O Estado de S. Paulo*. Vimol-o depois como gerente da *Gazeta do Povo*, sob a direcção e redacção de Julio Ribeiro e F. Paes de Barros.

Pedro Braga foi ainda, com o dr. Vicente de Carvalho, proprietario do *Diario da Manhã*, em Santos, que gyrou sob a firma Pedro Braga & C. Por occasião em que se organizou e se nomeou a *Commissão do Alto Paraná*, (para abertura de uma estrada naquelle rumo) foi elle nomeado pagador e, como tal, seguiu com ella.

Organizando-se politicamente, o Estado de S. Paulo, Pedro Braga foi indicado para gerente do *Diario Official*, cargo que desempenhou com a grande competencia que tinha, para tanto, e nessa qualidade, prestou áquella repartição publica reaes serviços.

Era lhano, estimavel e estimado. Foi casado duas vezes e deixa, das primeiras nupcias, dois filhos, e das segundas, que realizou ha 3 annos, a esposa e um filhinho.

Seu enterro effectuou-se ás 4 e meia da tarde de hontem, muito concorrido, provando a estima em que elle era tido. Compareceu a esse acto de dever todo o pessoal superior do *Diario Official*, parte do corpo de typographos, e foi esse pessoal superior quem pegou os alças ao caixão, para conduzil o ao carro funebre.

Vimos ainda muitas pessoas gradas da nossa sociedade a acompanhar o feretro e entre ellas notamos que o nosso collega o *Estado* se fez representar pelo seu

135 *Diario do Commercio*, (1) 1890.
136 *Diario da Tarde*, (2) 1894.
137 *Diario de S. Paulo*, (3) 1883.
138 *Diario de Noticias*, (4) 1887.

---

gerente o sr. José Filinto e pelo seu reporter o sr. Juvenal Pacheco.

Condoidos pela morte de um companheiro de trabalho, na imprensa de que fazemos parte, enviamos sentidos pezames á sua exma. familia.»

(1) Vide adiante nota sobre *O Recreio*.

(2) Appareceu a 1.º de fevereiro, em lugar da *Platea*, que foi supprimida temporariamente, por ordem do marechal Floriano Peixoto, durante o periodo do estado de sitio. Vide adiante nota sobre *O Recreio*.

(3) Orgam liberal, redigido pelos drs. Leite Moraes e Augusto Queiroz. Appareceu em 17 de julho e pouco durou.

(4) Principiou a publicar-se em 31 de julho de 1888 e desappareceu em 1891, sendo seu proprietario Albino Soares Bairão. Neste jornal escreveu o jovem poeta Luiz de Carvalho, fallecido em S. Paulo em 10 de junho de 1890, a respeito de quem se lê no mesmo *Diario de Noticias*, de 11 daquelle mez:

«Hontem era-lhe o alvorecer da ridente primavera da vida, cheia de encantos e enflorada de inebriantes flores, abrindo á sua pujante cerebração de poeta os amplos horizontes da immortalidade... E hoje a terra gélida do tumulo a lhe cobrir aquellas aspirações mortas, a verminar aquelle coração robusto que se expandia aos suaves encantos da poesia!

Quem não conheceu Luiz de Carvalho?

Quem não admirou o inspirado burilador de tantos sonetos primorosos, esparsos nas diversas folhas de São Paulo?

Canto e Mello, J. Riedel e Pitaguary eram os companheiros mais dilectos do inditoso e mallogrado moço.

Aquella existencia esperançosa, tão abrupta e precocemente arrebatada ao carinho de sua familia e á admiração dos seus amigos, veio trazer-me uma pungente e ironica desillusão:

—A nossa existencia na terra é um cahos e um pesadello!

A Morte não conhece, não respeita aptidões, nem individualidades.

A sua brutalidade inexoravel abrange no seu furor os velhos cobertos de cãs e as creancinhas imbelles...

Hoje, cheios de vida, sentindo no cerebro o fervilhar candente do genio; amanhã, aniquilados, algidos, putrefactos, servindo de banquete á larvaria abjecta do sepulchro!,..

E como é triste, como é doloroso, como confrange até o proprio sceptico vêr finar-se na mais risonho enflorecer da edade uma vida que era animada da esplendente scentelha da inspiração mais privilegiada do genio!...

Tanta illussão, tanta esperança, atiradas no mutismo ignaro da campa!...

E que de risonhos horizontes havia sonhado o poeta! Como a sua imaginação se havia tantas vezes occupado dos seus triumphos vindouros!

Ainda ha bem poucas semanas dizia-me Luiz de Carvalho:

—Eu vou colleccionar o que tenho publicado dos meus versos, e, bem polidos e cuidados, conjuntamente com outros que tenho inéditos, hei de publicar proximamente um livro. Livro caro! Editado em Paris sob a minha immediata fiscalização! Ha de ser uma obra prima... de luxo. Depois preparo-me para apanhar a tunda da critica...

E morreu este sonhador, talvez um mez depois...

A poesia contemporanea perdeu em Luiz de Carvalho um dos seus mais dilectos e inspirados cultores.

Aprimorado no estilo, fluente e scintillante na phrase, Luiz de Carvalho cultivava de preferencia a arte mais difficil do verso—o soneto.

E não raras vezes, ao lêr as suas poesias, que eu conhecia já pelo estylo, lhe disse:

—Acheí os teus versos com uns resaibos de nostalgia impropria da tua edade e do teu temperamento. Pareces-me tristonho...

E elle, invariavelmente:

—Quem me vê sempre a rir engana-se commigo. Cá por dentro anda sempre uma tristeza medonha!

Era a voz da morte que já fallava ao seu espirito, avisando-o talvez da sua propria romaria ao mundo do esquecimento e da treva.

E baixou, celere, a essa fria região do *nada*!...

Mas a sua memoria não se extinguirá tão cêdo. Ahi ficam fallando bem alto para que o écho repercuta o seu nome, as suas innumeras poesias, verdadeiros primores de sentimento e inspiração.

Aqui traslado um bellissimo soneto que o malogrado poeta me dedicou:

CONFIDENCIA

Das puras a mais pura. A mais formosa
das formosas que vires na cidade
e que tiver a côr de lirio e rosa
no semblante de angélica bondade;
Aquella em quem achares a orgulhosa,
porém, nobre expressão de magestade,
mais senhoril, e meiga e carinhosa
—de entre as mais bellas a que mais te agrade...
A que vires, emfim, menos contente,
ouvindo juras mil de amor ardente,
homenagens e affectos desprezando...
Essa, fica sabendo—é por quem vivo,
por quem me ves alegre ou pensativo,
por quem me ves agora andar pensando.

Quem escreveu versos destes teve o baptismo sacrosanto da poesia,

BRONE SEGO.»

No *Diario da Manhã*, de Santos, tambem se lê:

«O telegramma que vai na secção competente traz-nos a inesperada noticia do fallecimento de Luiz de Carvalho, um rapazito de muito talento que passou a vida em S. Paulo a vender bilhetes de loterias, e fazendo versos magnificos com que muitas vezes firmou o seu valor nas columnas da *Provincia de São Paulo* e *Diario Popular*.

Luiz de Carvalho era verdadeiramente poeta. Vivendo por necessidade pessoal, num meio de interesses commerciaes, arredado quasi que de todo do convivio

do mundo das lettras, não dispondo de tempo nenhum para se occupar de trabalhos intellectuaes, Luiz de Carvalho escrevia poesias lyricas de uma correcção exemplar e de uma doçura infinita.

Aqui no *Diario da Manhã*, publicámos diversas producções poéticas da sua lavra.

Ultimamente, tendo-se retirado por doença grave, do commercio, collaborava no *Diario de Noticias*, onde a sua face de humorista feliz revelou-se nas chronicas que alli escrevia aos sabbados.

Luiz de Carvalho possuia versos inéditos, além da collecção que guardava dos que já publicára.

Era moço ainda, pois contava apenas 22 annos de edade. Filho de Minas Geraes, mudou-se com toda a familia para o Estado de S. Paulo, residindo em diversas localidades do interior, e depois na capital, onde começou o revelar a sua veia poetica.

Era irmã do distincto litterato Horacio de Carvalho, a quem enviamos nossos sentidissimos pezames, como a toda a exma. familia do finado.»

E no *Diario Popular* o seguinte:

«Acabamos de saber da morte inesperada do nosso intelligente e sympathico collaborador e affectuoso amigo Luiz de Carvalho.

Victima de um accesso algido succumbiu hoje ás tres e meia horas da manhã.

Foi esta a synthese dolorosa da communicação que tivemos.

Que fazer? Que dizer?

Que póde produzir uma penna quando peza na alma de quem escreve a enormidade de um tamanho golpe e os olhos cheios de agua quasi não distinguem sobre o papel as linhas mal traçadas?

Ha factos que não admittem um commentario.

Este, por exemplo, a consummação de tamanha brutalidade, o vácuo enorme que a falta de um amigo vem abrir no coração dos que o estimavam, a falta das consolações de um companheiro nas lides da penna, ferem-nos e postram-nos como si turbilhonasse ao redôr o destroço de um formidavel cataclysma.

Ha como que uma predestinação maldita que peza sobre as gerações de moços intelligentes e que as obriga a contribuirem com os seus rebentos mais vivaces para o anniquilamento da morte.

E eil-a que vem, com as longas mãos descarnadas, arrebentando alaúdes, despedaçando as lyras mais sonoras, vivando como uma panthera faminta, a dominar os côros dos psalterios, e vai com sua presa, inexoravel e fria, diante das desconsolações das lagrimas e dos desconfortos.

De que serve extender agora os olhos em torno em procura de um ente arrebatado na voragem, si essa voragem escancara-se diante de nossos passos e não se póde saber qual deve ser o primeiro arrebatado para o mundo das sombras eternas?

Por toda parte deparamos com vestigios daquelles que se foram.

Aqui, um canto suavissimo que lhe fugiu de dentro da alma na hora em que a primavéra da vida lhe desenrolava sobre a cabeça grinaldas de louros e rosas

Alli, uma endeixa triste suspirada quando o rijo acicato da amargura lhe pungia célere no peito.

Por toda parte a sombra delle, a sua imagem eternamente gravada no fundo da retina, o écho de sua vôz chorado a nossos ouvidos como os queixumes de uma lyra suspensa aos ramos de um salgueiro e açoitada pelas brisas da noite.

E os mais que ficam pela vida com o coração distilando lagrimas amargas como o tronco de um cedro a que uma fouce impiedosa houvesse rasgado a dura casca!

Qual será mais feliz.

Aquelle que a mão da morte arrastou para o eterno descanço, onde não ha sonhos, nem lutas, onde não ha reminiscencias, nem maguas, ou o que fica pelo mundo vagando como uma ave perdida, ouvindo dentro de si mesmo o choro lancinante da saudade?

Felizes os que vão.

Felizes esses, pois que ao menos no socego impe

turbavel que os encerra não penetra nem o menor écho do mundo que possa levar-lhes ao ouvido as imprecações dos homens ou o grito raivoso de uma blasfêmia.

Na paz indefinida a que se acolheram não chegam as raras notas alegres da vida, mas tambem alli não se abrigam as multidões de maguas e tristezas.

E nós, nós que ficámos, vamos vendo dia a dia o lento desfolhar das nossas esperanças, soffrendo hoje mais um revéz para continuar amanhã na mesma luta improficua, sempre vencidos, sempre anniquilados e tendo além de tudo que guardar dentro da alma a saudade dos que se foram, tendo de chorar constantemente a falta dos que partiram.

Triste missão dos homens.

Bemaventurados os que se vão.

Luiz de Carvalho era mineiro, filho do sr. Fidelis F. de Souza Carvalho e irmão de Horacio de Carvalho.

De tenros annos tendo se dedicado a vida do commercio soube captar innumeras sympathias nesta praça, onde era considerado pela rectidão de seu caracter e proverbial honestidade.

Desde logo começou a ensaiar os seus primeiros vôos poeticos e dentro em breve conseguiu elevar-se á altura dos primeiros poetas da geração actual.

Modesto e despretencioso viveu sempre arredado desses grupos em que se faz uma popularidade pouco duradoura e trabalhava sozinho, consciente de sua força e crente no futuro.

Ultimamente colheu-o a enfermidade que não conseguiu roubar-lhe nunca a alegria franca, que era um de seus bellos caracteristicos.

Mesmo depois de enfermo era um dos nossos mais assiduos collaboradores poeticos e ultimamente escrevia aqui a secção *Pequenas ephemerides*, deixando de fazel-o unicamente quando se recolheu ao leito de enfermo.

A morte colheu-o com 23 annos de edade.

A' sua familia pedimos licença para compartilhar a sua magua, pois que nós tambem sentimos a falta e lamentamos a perda do nosso estimado Luiz.

139 *Domingo*, (outubro) 1886.
440 *Discipulo*, 1888.
141 *Dahlia*, (15 junho) 1894.
142 *Democracia*, 1885.
143 *Discipulo*, 1882.
144 *Diavolo Nero*, (7 abril) 1892.
145 *Deutsche-Brasilianische-Presse*, 1891.
146 *Diabo-Coxo*, (1) 1865.

---

(1) Jornal illustrado e humoristico, em prosa e verso, redigido por Luiz Gama. Durou algum tempo e foi substituido pelo *Cabrião*, de Antonio Manoel dos Reis e Americo de Campos.

«Luiz Gonzaga Pinto da Gama, nasceu na cidade de S. Salvador, capital da Bahia, em 21 de junho de 1830, sendo baptisado em 1838 na matriz do Sacramento, da cidade de Itaparica.

Era filho de uma preta, africana livre da Costa da Mina, da nação Nagó e de nome Luiza Maheu.

Luiza era baixa de estatura, magra e bonita, tinha os dentes muitos alvos e a sua côr era de um preto retinto, reluzente.

Possuia um genio irascivel e violento e era de indole vingativa, sendo no gesto grave e sombria.

Era muito trabalhadeira e entregava-se ao commercio de quitandas, sendo na cidade em que residía muito popular e conhecida. Era pagan e recusava-se obstinadamente a converter-se ao christianismo.

Mais de uma vez foi presa por suspeita de envolver-se em planos de insurreição de escravos, que não tiveram effeito.

Em 1837, depois da revolução do dr. Sabino, mais conhecida pelo nome de *Sabinada*, veio ao Rio de Janeiro e nunca mais voltou.

Procurou-a o filho em 1847, em 1856 e em 1861, no Rio, sem que a podesse encontrar. Em 1862, soube por uns pretos minas, que a conheciam e della deram signaes certos que, apanhada com malungos desordeiros em uma *casa de dar fortuna* em 1838, fôra posta

em prisão, e que tanto ella como os companheiros desappareceram.

Era opinião dos informantes que os amotinadores houvessem sido deportados pelo governo, que nesse tempo tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores.

E assim nada poude Luiz alcançar em relação a sua mãe.

Em 1861, voltando a S. Paulo e estando em commissão do governo, na então villa de Caçapava consagrou á mãe perdida saudosos versos que se lêm, como nota de um sentimentalismo dissonante no risonho livro das *Trovas Burlescas*, que deu á luz com o pseudonymo de Getulino.

Vê-se que já era hereditario em Luiz Gama o profundo sentimento de insurreição e liberdade.

O pae de Luiz—outra analogia deste com Spartaculus—era nobre, fidalgo de uma das principaes familias bahianas, de origem portugueza.

Foi rico e, nesse tempo extremoso para o filho, criou-o nos braços.

Foi revolucionario em 1837.

Era apaixonado pela pesca e pela caça; jogava bem as armas e melhor as cartas; comprazia-se em folguedos e orgias; esbanjou uma boa herança, havida de uma tia em 1836. Reduzido a pobreza extrema, em 10 de novembro de 1840, em companhia de Luiz E. Quintella, seu amigo inseparavel, que vivia dos proventos de uma casa de tavolagem na Bahia, vendeu o filho como seu escravo, a bordo do patacho *Saraiva*.

A respeito dessa venda ha uma scena que deixa vêr por um lado o caracter corrupto de um pae e por outro a energia do filho vendido.

A's 5 horas da tarde o pae de Luiz Gama mandára Luiza Mahou vestir o filho, dizendo que iam dar um passeio.

Chegado ao cáes chamou um bote e declarou que preferia um passeio maritimo, visto que aproveitava a occasião para falar com o commandante do patacho *Saraiva* com quem tinha uma questão a ultimar.

Dirigiram-se para o patacho, e chegados ao tombadilha, o pae deixou a creança a conversar com o commandante.

Terminada a conversa, foi-se retirando sorrateiramente, para assim escapar ás vistas do filho; mas este sempre vivo e esperto, quando vio o pae affastar-se e entrar no bote, dando ordem para este partir, perguntou da escada:

—Então, meu pae, não me leva comsigo?

Ao que aquelle respondeu.

—Não, porque me esqueci de alguma coisa em terra. Voltarei breve e então iremos juntos.

Foi então que o jovem Luiz desceu mais alguns metros e exclamou;

—Meu pae, o senhor me vendeu!

O velho olhou-o por algum tempo, os olhos se lhe encherem de lagrimas e deu ordem aos remadores que tocassem para terra.

Luiz Gama occultou sempre aos amigos o nome do autor de seus dias, que, se ainda vive, ha de ter a recordação da monstruosa infamia commettida.

Remettido dias depois para o Rio de Janeiro, no mesmo navio que partiu carregado de escravos, foi Luiz, como muitos outros, para a casa de um negociante portuguez, de nome Vieira, estabelecido com loja de vélas, á rua da Candelaria, esquina da do Sabão. Era um negociante de estatura baixa, circumspecto e energico que recebia escravos da Bahia á commissão.

Tinha, além de um filho peralta que estudava em um collegio, umas filhas já crescidas, muito compasivas e meigas; a senhora Vieira era uma perfeita matrona cheia de piedade.

Tinha então Luiz 10 annos.

Seriam 5 horas da tarde, quando elle entrou em casa e todas as mulheres da casa se lhe affeiçoaram immediatamente.

Mandaram-n'o lavar, vestiram-lhe uma camisa e uma saia da filha mais nova, deram-lhe de cear e fizeram-n'o dormir em uma boa cama.

Luiz Gama lembrou-se sempre commovido daquella boa gente que com tanto carinho o tratára.

Em 1840, foi vendido naquella casa ao negociante contrabandista, alferes Antonio P. Cardoso, o mesmo que em 1870 ou 1872, sendo fazendeiro no municipio de Lorena, deste Estado, no acto de ser preso por haver morto á fome alguns escravos em carcere privado, já velho de 70 annos suicidou-se atravessando o craneo com uma bala de pistola.

O alferes Cardoso comprou Luiz em um lote de cento e tantos escravos e trouxe-os todos, pois tal era o seu commercio, a vender para esta então provincia.

A pé, com 10 annos de edade, fez Luiz toda a viagem de Santos até Campinas.

Escravo, sahido de infancia tragica, descalço, desemparado, faminto, subiu entre um bando de escravos a aspera serra do Cubatão.

Foi escolhido por muitos compradores nesta capital, em Jundiahy e Campinas e por todos rejeitado como se rejeitam as cousas ruins, pela circumstancia de ser bahiano.

O ultimo que o engeitou foi o respeitavel ancião Francisco Egydio de Souza Aranha, pae do fallecido marquez de Tres-Rios.

Depois de o haver escolhido, affagou-o dizendo:

—Está um bom pagem para os meus pequenos.

E perguntou-lhe:

—Onde nasceste?

Na Bahia.

—Bahiano!... exclamou, admirado, o excellente velho. Nem de graça! Já não foi por bom que o venderam tão pequeno.

O marquez de Tres Rios que esteve a ponto de ter Luiz para pagem, mais tarde teve o como um dos seus amigos mais considerados.

Engeitado como refugo com outro escravo bahiano de nome José, sapateiro, voltou para a casa de Cardoso, nesta capital, á rua do Commercio n. 2, sobrado, perto da egreja da Misericordia, que hoje já não existe e

que era situado no largo do mesmo nome, esquina da rua Direita.

Alli aprendeu a copeiro, a sapateiro, a lavar, a engommar e a costurar.

Em 1847, tinha Luiz 17 annos, quando para a casa de Cardoso, veio morar como hospede para estudar humanidades, o menino Antonio Rodrigues de Araujo, hoje doutor em direito, o qual foi magistrado de muito merito e que ha pouco era fazendeiro e residia em Mogy-Guassú.

Travaram amisade estreita de irmão, e com o estudante entrou Luiz a aprender as primeiras lettras.

Em 1848, sabendo lêr, escrever e contar alguma coisa, e havendo obtido ardilosa e secretamente provas inconcussas de sua liberdade, retirou-se, fugindo da casa do alferes Cardoso, que aliás o tinha na maior estima, e foi assentar praça.

Terminou aqui o periodo do seu captiverio, começando para Luiz uma nova phase da vida cheia de lutas e de peripecias, em que elle conseguiu instruir-se e educar o seu formoso talento, entregando-se aos estudos de direito e apresentando-se dentro em pouco tempo, comquanto não fosse formado, como o abalisado e distincto advogado que todos conheciam e que quasi todos respeitavam e temiam pelos conhecimentos de jurisprudencia e pela dialectica de ferro e fino espirito satyrico com que esmagava pelo ridiculo os seus contendores.»

Em S. Paulo conseguiu Luiz Gama cercar o seu nome da mais solida reputação, creando uma clientela que faria inveja aos mais provectos advogados.

Francisco Glycerio, José Bonifacio e bem assim os mais conspicuos cidadãos deste Estado, honravam-se com a sua amizade.

Os serviços de Luiz Gama eram sempre, de preferencia, consagrados á liberdade dos captivos e á dos opprimidos.

Orador fluente e escriptor apreciado, collaborou em diversos orgams da nossa imprensa, onde inseria es

criptos em prosa e magnificos versos humoristicos, como só elle os sabia fazer.

Quebrou os grilhões do captiverio a centenares de captivos, e o exemplo da sua vida inteira consagrada á liberdade de uma raça, foi a bandeira desfraldada que empunharam seus amigos, os quaes juraram sobre o seu túmulo, ainda quente, continuar o sua propaganda emquanto vivos fossem, embora tivessem ante si os mais insuperaveis embaraços.

Luiz Gama é, a nosso ver, o maior vulto do abolicionismo no Brasil, porque a sua vida foi uma epopéa de sacrificios consagrada, quasi que em absoluto, á libertação dos captivos,

Morreu o illustre cidadão abençoado por milhares de individuos que lhe deveram beneficios e que todos os annos vão, em romaria, ao seu tumulo, cobril-o de flôres e regal-o de lagrimas.

O seu enterro foi um verdadeiro funeral e um dos mais concorridos de que ha memoria em S. Paulo.

Desde o meio-dia, o enterro devia ser ás quatro horas, que o povo em massa procurava o cemiterio. Velhos, mulheres e creanças, principalmente pretos, dirigiam-se para a triste necropole, á conquista de um logar para aguardar a chegada do feretro. Duzentos e tantos carros acompanhavam a este, mas vazios. Era uma verdadeira procissão civica, composta de perto quatro mil pessoas, quasi todas as associações scientificas, litterarias e beneficentes de S. Paulo, com os estandartes em funeral, lojas maçonicas, de que o morto era um dos mais graduados, etc.

A' beira do tumulo, orações funebres dos nossos mais eminentes oradores.

Eis o que foi Luiz Gama, o escravo, filho de uma preta, que entrou na vida na posição social a mais obscura que se póde conhecer; que deu os primeiros passos na existencia por uma verdadeira tragedia de lagrimas e de soffrimentos, mas que deixou o mundo asi endeosado por uma multidão, com um nome cerlo do respeito e da veneração dos seus concidadãos do muito que fez pela causa dos fracos, contra a

147 *Democracia*, (31 outubro) 1889.
148 *Direito e Lettras*, (1) 1878.
149 *Democrata Federal*, (2) 1895.

---

prepotência dos fortes e pelo direito dos escravos contra a usurpação dos senhores.

Luiz Gonzaga Pinto da Gama, falleceu em S. Paulo no dia 13 de agosto de 1882 *(a)*

(1) O *Direito e Lettras*, cujo primeiro numero é de agosto de 1878. era uma revista academica, orgam do Atheneu Juridico e Litterario. Seus redactores-chefes eram, Tristão da Fonseca, da parte juridica, e Affonso Celso Junior, da litteraria, e redactores dos diversos annos, Araujo Brusque, Assis Brasil, Silva Jardim, Pelino Guedes, Timotheo Araujo, Leite Moraes Filho, Nardy de Vasconcellos, Theophilo Dias, Valentim Magalhães, Souza Fernandes, Cardoso de Mello, Santos Werneck, Pinheiro de Andrade, Horacio Guimarães, Alberto Fialho, Corrêa Dias, Fernando Mendes, Carlos Gusmão, Severino Prestes, Dutra Rodrigues, Muniz de Souza, Pedro Amaral, Olympio Magalhães e Souza Dias. O primeiro numero tem 95 paginas e o segundo 126.

(2) Folha diaria, destinada á defeza dos principios democraticos federativos. Director politico, Antonio Moreira da Silva. Redactor politico e secretario, dr. Leopoldo de Freitas. Redactor literario e collaborador effectivo, Adolfo Araujo. Gerente, Manoel José Silveira. Tem por lemma estes pensamentos. «O homem civilisado é responsavel na substancia e na fórma pelas idéas e conceitos, que põe em circulacão. Pela palavra falada e pela palavra escripta guia o homem civilizado os governos bem intencionados.» Seu apparecimento a 24 de março, foi assim noticiado pelo *Correio Paulistano*: *Democrata Federal*. .

«Com o titulo supra, appareceu hontem nesta capital, sob a direcção do sr. Moreira da Silva, uma nova

---

(*a*) Tancredo Amaral.—*Historia de S. Paulo*, 1895, paginas 233 a 242.

folha diaria, que, como se vê do seu artigo de apresentação, vai ser o orgam do partido opposicionista no Estado.

Justificando a escolha do seu titulo. a nova folha declara que pretendeu synthetizar, nas expressões que o constituem, harmonicamente combinadas. o seu programma politico na imprensa; e ao partido opposicionista faz um appello, para que adopte como sua a mesma denominação, substituindo por tal fórma a que ainda hoje, em termos geraes e com vago significado, o distingue.

Quizemos tambem vêr nas phrases dessa justificativa, sobretudo pelo modo como se referem ao actual systema de governo que nos rege, um pronunciamento de que as idéas parlamentaristas não são acolhidas pela collega.

Ao menos é isto o que as appariencias indicam.

O Democrata Federal que acceita e defende, em todo o seu conjunto, tão sabio, homogeneo e promissoramente fecundo em beneficios, o mechanismo federativo que possuimos, pugnando, como diz, pelos direitos e vantagens do individuo no municipio, do municipio no Estado e do Estado na Federação, não póde pretender que a *unidade* peculiar e quasi caracteristica do systema parlamentar venha alargar esses laços de interesses reciprocos e commnns, esphacellando a integridade das instituições.

Em consequencia, não só por isso, como ainda por vêrmos que, no intuito louvavel do se aggremiarem, para as verdadeiras e bem comprehendidas lutas partidarias. em pról da patria, as forças adversas á situação politica do momento em S. Paulo, cogitam de organisar o seu centro director—para a sua economia interna e para a sua publica representação—enviamos ao novo orgam de publicldade os nossos cumprimentos.

São os votos de adversarios que, embora combado em campos oppostos. acreditam poder vêr nessa ra orientação partidaria sinceros e reaes tentamente rioticos pela Republica.

ssim seja.»

151 *Doze de Maio*, 1863.
152 *Democracia*, 1867.
153 *Dezeseis de Julho*, 1868.
154 *Ensaios Litterarios*, (1) 1852.
155 *Ensaios da Sociedade Brasileira*, 1859.
156 *Exercicios Litterarios do Club Scientifico*, (2) 1859.

---

(1) Quando publicamos parte desse nosso trabalho no *Diario Popular*, dissemos que o periodico *Ensaios Litterarios*, tinha começado a publicação em 1852. A isto objectou-nos o dr. Antonio Piza.

«Os *Ensaios Litterarios* eram publicados em 1852? Deviam ter sido em 1856, porque os ns. 5 e 6, que tenho, trazem a data de agosto e setembro de 1856. Ou é outro jornal? Este de que trato é—*Ensaios Litterarios do Atheneu Paulistano*, 1856; redactores Castro e Silva, Aureliano Tavares Bastos, Americo Marcondes, Duque Estrada Teixeira, Bittencourt Sampaio, Homem de Mello, Mello e Mattos, Couto Magalhães, Ferreira Vianna, Alvarenga Pinto, Leite Moraes, Almeida Moraes (primo de Leite Moraes e actual juíz de direito Tieté), Thimoteo Rosa, etc. Acredito que a sociedade do *Atheneu Paulistano* fosse fundada em 1852, mas só teve orgam na imprensa *(Ensaios Litterarios)*, em abril de 1856, e a revista era mensal, de modo que os ns. 5 e 6 são de agosto e setembro desse anno.

Não podemos bem verificar o caso. O certo, porém, é que em 1847 havia uma revista em S. Paulo, intitulada *Ensaios Litterarios*, em que escrevêra Bernardo Guimarães, e que, em 1850, ainda existia, conforme o testemunho de Sacramento Blake no *Dicciomario Bibliographico Brasileiro*, tomo I, pag. 205. O barão Homem de Mello, escreveu nos *Ensaios Litterarios* de 1856 a 1858, e ahi publicou os seus estudos historicos sobre o Brasil.»

(2) Escreveu nesta revista o dr. Theodomiro Alves Pereira, natural e morador da Diamantina, Estado de Minas Geraes, de cujo senado é membro. O dr. Theodomiro escreveu em muitos jornaes do paiz, é orador eloquentissimo e autor de um apreciavel romancete intitulado *Gemnesco*. Collaborou egualmente no *Tymbira* e em outras folhas da épocha.

157 *Esboços Litterarios*, (1).
158 *E'pocha*, 1863.
159 *Educação*, 1875.
160 *Evolução*, (2) 1870.
161 *Entr'Acto*, (3) 1881.
162 *Ensaio*, 1886.
163 *Expositor Christão*, 1889.
164 *Estreia*, 1889.
165 *Expiação*, (4) 1892.
166 *Escola Publica*, 1893.

---

(1) Redactor, J. J. Pereira de Santiago.

(2) Folha republicana, habilmente redigida por Assis Brasil, Julio de Castilhos e Pereira da Costa. Della disse Sá Vianna, nos seus *Esboços criticos da Faculdade de Direito de S. Paulo*. «*A Evolução*, em 1879, foi o jornal academico, de empreza particular, que mais appareceu na Faculdade de S. Paulo; foi bem redigida e por moços intelligentes. Pediram em prosa e verso o estabelecimento da Republica e Assis Brasil remetteu tudo a Deos nos fragmentos dos *Libellos*. Incontestavelmente *A Evolução* mostrou trabalho e coragem da parte dos que a redigiram, e foi pena que gastassem o tempo na defesa de uma causa hoje impossivel para o Brasil.» E' de 15 de abril o n. 1.

(3) Gazeta caricata. Durou pouco tempo, sendo substituida pelo *Bohemio*, cujo primeiro número traz o retrato de Americo de Campos. O *Entreacto* e o *Bohemio* foram redigidos por Valentim Magalhães, Raymundo Corrêa, Randolfo Fabrino, Theophilo Dias, Ezequiel Freire, Marcos Dolzani e Augusto de Lima.

(4) Folha monarchista, cujo segundo numero é de 16 de junho. Não traz o nome do seu redactor, mas era redigido pelo dr. Estevam Leão Bourroul, como se vê do *Esboço biographico* deste escriptor, publicado por L. E. (Rio, 189):

«Em 1892 publicou *A Expiação*, com a seguinte epigraphe: *Fé em Deus, fé na Monarchia e na Liberdade, fé no futuro do Brasil*, renovada de Justiniano

167 *Estandarte*, (1) 1892.
168 *Ecletico*, (1.º janeiro) 1891.
169 *Embryão*, (7 setembro) 1881.
170 *Espelho da Assembléa*, 1858.
171 *Escola do Commercio*, 1889.
172 *Escandalo*, 1888.
173 *Ensaio Litterario*, 1879.
174 *Estado de S. Paulo*, (2) 1890.

Rocha. *A Expiação* só deu dous numeros, sendo logo supprimida pela policia durante o movimento revolucionario consequente da queda do marechal Deodoro.

(1) Orgam da egreja protestante, redigido pelo rev. Eduardo Carlos Pereira.

(2) Em 1874, o partido republicano creou o jornal *A Provincia de S. Paulo*, por meio de acções, e confiou a sua redacção aos drs. Francisco Rangel Pestana e Americo de Campos e a sua gerencia a José Maria Lisboa. O primeiro numero sahiu a 4 de janeiro de 1875. Em 1884 assumiu a gerencia da folha o dr. Alberto Salles, retirando se Americo de Campos e Lisboa, que foram fundar o *Diario Popular*. Acompanhou-os Aristides Lobo, que era collaborador do jornal e tornou-se mais tarde um dos fortes sustentaculos do *Popular*. Depois da proclamação da Republica, *A Provincia* passou a denominar-se *Estado de S. Paulo*, (1.º de janeiro de 1890). O *Correio Paulistano*, (janeiro de 1895), na secção *Jornal dos jornaes*, assim se refere ao *Estado*:

« *Estado de S. Paulo*

Exactamente celebrou hontem essa conceituada folha seu anniversario natalicio, o vigesimo. Para o anno será maior... em todos os sentidos; é nosso voto de congratulações.

A folha é propriedade da *Companhia Impressora*

Fundada por Americo de Campos e Rangel Pesta dirigida hoje pelo dr. Julio Mesquita, professa e paga desde o berço a doutrina republicana.

A parte litteraria é confiada á direcção de Fi

175 *Estilete*, 1893.
176 *Espiritualismo Sentimental*, 1886.

de Almeida, e a propriamente noticiosa ao sr. Manoel Rodrigues de Leiró.

Tem o *Estado* um jovem reporter que vai revelando muita aptidão profissional, o sr. Juvenal Pacheco.

São seus correspondentes; em Portugal, Fialho de Almeida, e na capital federal Raul Pompeia.

Collabora frequentemente na parte litteraria a apreciada penna da exma. sra. d. Julia Lopes de Almeida.

Consta que é correspondente telegraphico do *Estado* na capital federal, o sr. João Barboza, do *Paiz*.

Durante longos annos a direcção politica da *Provincia*, esteve confiada ao dr. Rangel Pestana, que se desempenhou da ardua missão com a sua correcção costumada, como se pode ver do seguinte artigo de Ezequiel Freire, publicado em 1888, em uma revista do Rio de Janeiro:

EX-CORDE

(AO DR. RANGEL PESTANA)

Illustre confrade.

Sobre a estante, aqui em frente, mettido num copo de agua, está um galho de roseira, com uma flôr vermelha, avelludada e fragrante.

Pozeram n'a alli para alegrar-me a vista e perfumar este retiro da mente.

De cada vez que uma pagina agita-se, si folheio um livro, vem-me no ar palpitante, com um afago ao espirito, o doce aroma da flôr.

Da hastea muito ouriçada, quem a colheu de manhã, tirou um por um os espinhos. Não fossem elles magoar-me, si ao termo de um commovente episodio, para descansar os olhos deslumbrados pela alvura do livro, sobre o carinhoso velludo purpureo daquella rosa fôsse eu tomar-lhe, confiante, entre os dedos o espinhoso caule!...

A imagem desta flôr offerece, mas ao envez, um simile para a profissão que tão nobremente exerceis, confrade illustre, e que eu pratico, sem lustre embora movido por irresistivel solicitação do espirito.

177 *Evolucionista*, (11 maio) 1887.
178 *Ensaio Academico.*
179 *Era*, 1893.

Foi tal vez do galho de uma roseira em flôr que fizeram este pequeno instrumento, no emtanto poderoso sceptro, que o jornalista maneja; mas, primeiro que nol-o déssem, desfolharam as rosas e só deixaram espinhos á desflorida hastea.

No tirocinio da profissão, alguma vez, não rara, aquelle instrumento do nosso trabalho, que tão leve parece, e de tão facil manejo, lacéra-nos os dedos; porque, para traçar a verdade, é mistér empunhal-o firme e calcar a mão.

Acicata-nos o espirito; e sangue que deflue da picada corre para a penna e dilue-se na tinta..

Tendes o estylo colorido, a phrase—«espumosa e rubra»? Não ha de ser por um peculiar predicado do espirito:—a rutilancia do estylo provém daquelle tempero cruorico.

— —

Si é verdade que o «homem é filho de suas obras», deveis ufanar-vos da clara ascendencia; pois tendes os mais nobres documentos da filiação.

Nas paginas da *Provincia de S. Paulo* se archivam elles, ha 14 annos, quasi dia a dia.

Esse lapso de tempo assignala a mais brilhante, a mais fecunda, a mais meritoria phase da vossa existencia: durante o qual vivestes em communhão com a patria paulista, na commoção dos sentimentos, idéas e ideaes que agitaram a alma publica nesta feraz estrella do Cruzeiro americano.

Ignoro de que provincia sejaes; mas tambem não sei que algum paulista haja, durante esse tempo, mais tentado fazer, do que fizestes, pelo engrandecimento deste recanto abençoado da terra brasileira.

Para fomentar a prosperidade de uma patria, todas as collaborações são necessarias:—a actividade physica dos que arrotêam os incultos campos, e a actividade mental dos que orientam os espiritos incultos.

Sois destes ultimos trabalhadores.

180 *Escova*, 1894.

Si agora, do marco miliario, que hoje cravaes cá na extrema do caminho andado, lançardes a vista para o ponto inicial da partida, contemplando uma por uma as etapas intermedias, que assignalam o transcurso da vossa longa carreira jornalistica, heis de sentir um justo contentamento.—o de haverdes vindo em linha recta, que recto é o caminho do dever; o de poderdes retrogradar pela mesma estrada, ao inicio da qual chegareis como de lá partistes—um homem de bem.

Eis o superior apanagio que vos illustra.

Não é este nobre attributo do escriptor publico que em vós eu hoje, entretanto, saudo: mas outras causas que nessa tem immediata origem e completam a vossa personalidade jornalistica:—o criterio do juizo, a independencia das opiniões e o brilho da linguagem.

Só escreve bellamente quem escreve com a alma; a rutilancia do estylo provem de molharmos a penna, tanto no coração como na tinta.

Por occasião deste anniversario personifico e saudo na *Provincia de S. Paulo*, a honra e o esplendor da imprensa paulistana.

S. Paulo, 4 de janeiro de 1888.

EZEQUIEL FREIRE.

Sob o titulo *Reivindicação historica*, communicaram ao *Correio Paulistano*, em 1895, o seguinte:

«O vosso jornal de hoje transcreve da *Cidade de Itú*, uma commemoração da Convenção de Itú, em que foram lançados os fundamentos do partido republicano paulista.

Era a agremiação dos muitos republicanos, esparsos por todo o Estado, adeptos do manifesto de 1870, que se organisavam, constituindo o pujante partido ao qual muito devem a propaganda e a fundação da Republica.

Em relação ao patriotico artigo do orgam ituano, ha a seguinte rectificação a se fazer:

Não foi por occasião da Convenção de Itú que se solveu fundar o jornal *Provincia de S. Paulo*, sob a recção do dr. Rangel Pestana,

181 *E'chò von Brasilien*, (1) 1890.
182 *Estudo*, 1889.
183 *Escandalosó*, 1888.
184 *Eco d'Italia*, (2 julho) 1882.
185 *Esmeralda*, 1872.
186 *Ensaio Juvenil*, 1864.
187 *Eia Sus!* 1872.
188 *Escola Parnasiana*, 1889.

Em 1873, quando se reuniu a Convenção, S. Paulo já tinha um orgam republicano, que era o *Correio Paulistano*, sob a redacção do dr. Americo de Campos, que, desde antes do manifesto de 1870, fazia a propaganda republicana e continuou a fazel-a até 1874, quando o *Correio* passou para a direcção do dr. Leoncio de Carvalho, o o dr. Americo se recusou a acceitar essa nova orientação da folha.

Foi, então, que o partido republicano paulista, auxiliado por alguns democratas não filiados a elle, trataram de fundar a *Provincia de S. Paulo*, sob a direcção dos drs. Americo de Campos e Rangel Pestana e gerencia do sr. José Maria Lisboa.«

O Estado de S. Paulo é hoje propriedade de José Filinto & C.; tem como redactor-chefe o dr. Julio de Mesquita e continua ser o mais importante jornal do Estado.

(Vide mais adiante nota na *Provincia de S. Paulo*.)

(1) Periodico allemJo, que começou a publicar-se a 2 de fevereiro e do qual disse o *Commereio de São Paulo*:

«*Écho von Brasilien* é o nome de um novo jornal que. traz ante-hontem, começou a publicar-se nesta capital, sob a direcção do operoso sr. José Winiger. E' orgam dos interesses teuto-brasileiros e de propaganda brasileira no extrangeiro, trazendo o seu 1.º numero leitura variada e interessante notíciario.

Ao collega, que tem programma tão util e symthico, muita vida, e que consiga sempre realisar o nobre intuito.«

189 *Esperança*, (1) 1862.
190 *Éclaireur*, (setembro) 1895.
191 *Échos Theatraes*, 1895.
192 *Farol Paulistano*, (2) 1827.
193 *Federalista*, (3) 1832.
194 *Federalista*, (4) 1880.

---

1 De umas notas publicadas por José Maria Lisboa, no *Diario Popular* de 1885, extrahimos o seguinte topico:

«Em 1862 emprehendi a publicação de um jornal litterario, que se denominou *A Esperança*, sendo publicado o 1.º numero a 1.º de junho do mesmo anno e o ultimo a 26 de novembro, contando 17 numeros. Foi collaborado por moços do commercio, empregados publicos e estudantes. Entre estes figuravam, Fagundes Varella, Guimarães Junior, Cesario Alvim, hoje conselheiro e outros.»

Este jornal devia estar na serie da lettra P; porém, como seus proprietarios escreveram a palavra com *F*, mantemos aqui a orthographia, collocando-o neste logar.

(2) Este jornal foi o primeiro que se publicára em S. Paulo, como já dissemos; appareceu a 7 de fevereiro de 1827. A Bibliotheca Nacional, possue uma collecção, formando seis volumes *in-folio*, de 1827 a 1833.

(3) Redigido pelo dr. José Ignacio Silveira da Motta, depois lente da Academia de S. Paulo e senador do Imperio, ha pouco fallecido no Rio de Janeiro.

(4) Periodico republicano, cujo primeiro numero é de 5 de abril. Foram seus redactores, Alberto Salles, Pedro Lessa e Alcides Lima. O primeiro destes, natural de Campinas, é irmão mais moço do dr. Campos Salles e autor dos seguintes trabalhos: *A Victoria publicana*. (S. Paulo, 1885, 73 pags.); *A Patria Paulista*, (Campinas, 1887, 300 pags.); *Estudo critico sobre disciplina e Organisação Partidaria*, (Campinas, 1888, 27 pags.); *Politica Republicana*, (Rio, 1882, 573

195 *Federalista*, (1) 1888.
196 *Forum Litterario*, (2) 1861.
197 *Futuro*, (3) 1862.
198 *Financiero*, (4) 1881.
199 *Farpa*, (5) 1887.
200 *Familia*, (18 noviembro) 1888.
201 *Futuro*, (agosto) 1885.

---

pags.); *Ensaio sobre a moderna concepção do Direito*, (São Paulo, 1885, 269 pags.) Representa este Estado na Camara Federal e reside na cidade do Rio Claro.

O segundo, Pedro Augusto Carneiro Lessa, natural de Minas Geraes, é advogado na capital e lente da Academia de Direito, foi deputado ao Congresso Constituinte do Estado. O terceiro, Alcides de Mendonça Lima, nascido em Bagé, no Estado do Rio Grande do Sul, redigiu a *Republica*, collaborou na *Provincia* e na *Tribuna Liberal*, escreveu a *Historia Popular do Rio Grande do Sul*, (Rio, 188_) e publicou *Discurso* na inauguração do Club Vinte de Setembro, (São Paulo, 1881).

(1) Era orgam do partido liberal paulista e appareceu a 15 de junho de 1888. O n 397 e ultimo, é de 15 de novembro de 1889, dia da proclamação da Republica.

(2) Foi redigido por Antonio Joaquim de Macedo Soares, Americo Lobo Leite Pereira e Z. A. Pamplona, quando estudantes de direito em S. Paulo. Os dois primeiros são hoje ministros do Supremo Tribunal Federal e autores de importantes trabalhos litterarios e scientificos.

(3) Redactores, Rangel Pestana, Cesario Alvim, Araujo Moreira e Belfort Duarte. A Biblioteca Nacional possue a collecção dos vinte numeros publicados.

(4) Periodico consagrado aos interesses dos empregados de fazenda, redigido por José Leão e Alexandre Costa.

(5) Redactor, Luiz de Carvalho.

202 *Federação*, (1) 1891.
203 *Fanfula*, (2) 1893.

(1) Orgam politico, partidario do governo do dr. Americo Brasiliense. Foi formado por uma associação commanditaria, da que faziam parte os senadores, deputados e outros amigos politicos que acompanharam o governo do dr. Americo Braziliense.

Adquiriram o material do *Mercantil*, que então pertencia ao dr. Felippe Gonçalves. A redacção era do dr. Miranda Azevedo, auxiliado pelos drs. Aureliano Coutinho, F. Abranches, H. da Silva, Vieira de Carvalho, Ferrera Braga, P. Barreto, Jenuino Cardozo, Augusto Miranda, Angelo Pinheiro Machado, Rodrigo Lobato, Pedro G. Cardim e Adolpho de Araujo. Foi seu primeiro director gerente o dr. João de Araujo, que foi substituido depois pelo dr. Pedro Cardim, até a épocha em que foi empastellada.

Reconstituida novamente foi cedida ao sr. Eugenio Lionel que a publicou por algum tempo ainda, sob sua inteira e exclusiva responsabilidade litteraria e politica. Foi empastellado a 15 de dezembro de 1891, sendo destruido quasi todo seu material, archivo, collecções dos jornaes e mobilia do *Club* que funccionava na mesma casa.

(2) Orgam da colonia italiana em S. Paulo. Delle disse o *Correio Paulistano:*

«*Fanfulla*

Director e proprietario o sr. Vitaliano Rotellini,

E' uma folha bem escripta e bem feita, interessante especialmente para a avultadissima colonia italiana deste Estado; pois é escripta no idioma de Dante (salvo seja) e dá grande copia de noticias da Europa e de todos os *paeses* da peninsula italica.

Em politica, professa os mais adiantados principios, e os desenvolve com clareza e elevação.

Occupa-se frequentemente de assumptos que interessam a nossa politica e economia social. Fal-o sempre m criterio e sympathia ao Brasil

Insere o numero de hontem uma critica sobre o

204 *Fulmine*, 1889.
205 *Folha Popular*, 1893.
206 *Futuro*, (1) 1844.
207 *Fanfarra*, 1889.
208 *Futuro*, 1880.
209 *Fanal*, (29 dezembro) 1885.
210 *Folha Paulista*, (janeiro) 1884.
211 *Folha da Tarde*, (4 dezembro) 1883.
212 *Folha Academica*, 1889.
213 *Folha Academica*, (21 de julho) 1892.
214 *Freie Presse*, (2) 1889.
215 *Folha*, (3) 1890.
216 *Funccionario*, (4) 1888.

---

discurso pronunciado pelo rei Humberto por occasião da abertura do parlamento italiano; depois reproduz o texto daquella peça politica.

Traz muitas noticias locaes e do mundo inteiro, telegrammas e a sua inreressante secção *Echi della Stampa.*»

(1) Publicava-se as terças e sextas-feiras, na lytographia de Silva Sobral, á rua do Imperador (Marechal Deodoro) n. 1 e custava a assignatura por seis mezes 4$000. Cada numero, a duas columnas, tinha a epigraphe: *Vitam impendere vero.*

(2) Orgam da colonia allemã de S. Paulo.

(3) E' de 4 de junho o primeiro numero e sahiram apenas quatro, quinzenalmente. Foi redigido por Adolpho Araujo e Renato Carmil.

(4) Semanario dedicado aos interesses dos funccionarios publicos, redigido por Arthur Barboza, empregado da Relação do Estado do Rio, José Rodolpho Nunes, advogado em S. José do Rio Pardo, Antinor dos Santos e Pilar Filho. Sobre esta folha diz-nos o primeiro dos seus redactores:

«CIDADAO LAFAYETTE DE TOLEDO.

Li com interesse no sympathico *Deario Popular*, trabalho que publicastes sob o titulo *Imprensa Paulist*

217 *Futuro*, 1889.
218 *Forche Caudine*, 1892.
219 *Faisca*, (abril) 1893.

---

trabalho esse de grande valor historico para os que se occupam do progresso do Estado de S. Paulo, um dos primeiros da Republica Brasileira. No emtanto, notei logo quando tratastes dos jornaes publicados em 1888, que fostes omisso quanto ao *Funccionario*, orgam dos interesses do funccionalismo publico da então provincia de S, Paulo, e que veio á luz da publicidade em junho desse anno e finou-se em 31 de dezembro, bem contra a vontade do signatario desta, que, como fundador, nutria os maiores desejos em continuar com a publicação, no anno de 1889,—o que não se realisou, não só por escassearem as assignaturas, que eram o unico elemento de que dispunha para fazer face as despezas, como por se terem retirado em fins de novembro os meus companheiros de redacção.

O artigo de fundo que publiquei no ultimo numero do *Funccionario* em 31 de dezembro de 1888, mostra á evidencia quaes os sacrificios por que passou a redacção desse periodico, atirado a publico com um unico fim,—a defeza da classe dos funccionarios publicos do Brasil, nos tenebrosos dias da monarchia, e que não teve a recompensa ao menos de ser acceito pelo funccionalismo de outras provincias e pelo numeroso da antiga côrte. Emfim, outra cousa não se podia esperar desde que o *Funccionario* em seu artigo-programma apresentava-se na imprensa paulista com a maior altivez e independencia, o que deu causa a ser bem acolhido, não só pela imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo, como pela das ôutras provincias.

O que o *Funccionario* fez em defeza de sua classe encontra se nos diversos artigos publicados em snas columnas, durante seis mezes. Muitas das reformas por que se bateu foram mais tarde realisadas; haja vista o montepio obrigatorio, as novas instrucções para concurso dos empregos de fazenda, etc.

220 *Folha Paulista*, (2 agosto) 1885.
221 *France au Brésil*, 1891.

Foram fundadores do *Funccionario* o signatario desta e os seus collegas drs. Pilar Filho, Rodolpho Nunes e Antenor Santos, todos empregados da então thesouraria de fazenda de S. Paulo.

Seguindo politica diversa, pois, o signatario desta e o ultimo eram republicanos intransigentes, emquanto os outros dois militavam no extincto partido liberal, o pensamento que predominou ao reunirem-se para a fundação do jornal, foi um só e unico para todos—o alevantamento de sua classe tão aviltada, e a defeza daquelles co legas que fossem victimas dos poderes publicos. Dahi a coragem com que eram escriptos os seus artigos, elogiassem ou accusassem os actos do governo, ou de quem quer que fosse.

Hoje, que estamos separados,—Antenor Santos, na Bahia, Pilar Filho, na capital Federal, Rodolpho Nunes em S. Paulo e eu em Petropolis,—cada um cuidando melhor da vida, que seja este meu proceder uma recordação do passado, dos bons tempos em que, cumprindo os nossos encargos como funccionarios publicos, ainda applicavamos ás poucas horas de repouso em defeza da nossa classe. Os lutadores tem direito á justiça social.

O nosso jornal foi um orgam de luta; merece, portanto, um logar no meio da relação dos que fazem parte do vosso trabalho.

Em resumo: o que ficou acima não é uma *réclame* aos nomes dos redactores de um jornal que teve pouca vida, mas um simples additamento ao vosso interessante trabalho *Imprensa Paulista*.

E si o faço, devo dizer-vos, é porque li no *Diario Popular* o vosso pedido ao publico de enviarem rectificações ou additamentos todos aquelles a quem interesasse a exactidão do vosso trabalho.

Petropolis, 1894.

ARTHUR BARBOZA.»

222 *F. F. e R. R.*, (1) 1890.
223 *Folha Paulista*, 1892.
224 *Ficcanaso*, 1895.
225 *Governista*, (2) 1842.
226 *Guaymá*, (3) 1856.
227 *Guaycurú*, 1860.
228 *Gazeta do Povo*, (4) 1879.
229 *Gazeta de S. Paulo*, 1881.
230 *Gazeta Paulista*, 1893.

(1) Redactores, Dr. Marcos Dolzani Inglez de Souza, ex-promotor da comarca do Rio Claro, e Anselmo de Carvalho, chefe da secção da Repartição de Estatistica e Archivo do Estado de S Paulo. Vide adiante nota ao *Recreio*.

(2) Publicava-se nas terças, quintas e sabbados, na typographia de Costa Silveira, travessa do Quartel. Os numeros 183, 184 e 187, foram publicados na typographia do governo, arrendada por Silva Sobral. O dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida, ministro do Supremo Tribunal Federal, tem diversos numeros dos annos de 1842 a 1845, e o n. 386, que possuimos, em pequeno formato, a duas columnas, insére unicamente os actos officiaes do governo.

(3) O *Guaymá* era redigido por academicos, entre os quaes se achavam Viriato de Medeiros, Cortines Laxe, Couto de Magalhães, *H. de M.* (Homem de Mello), Felix da Cunha, Vaz Pinto Coelho, Duque Estrada Teixeira, Gentil-Homem de Almeida Braga (o illustre litterato maranhense), Bittencourt Sampaio (o poeta), Aureliano Tavares Bastos, Duarte de Azevedo, R. Milanges, Pereira dos Santos e outros luzeiros, O n. 1 é de 30 de abril de 1856 e os directores do jornal eram Homem de Mello, Cortines Laxes e Alberto Antonio Soares.

(4) A *Gazeta* pertencia a João da Veiga Cabrail e seus redactores em diversas épocas, foram Muniz, de Souza, Costa e Silva, Jesuino Cardoso, Ezequiel Freire, Julio Ribeiro, Americo de Campos Sobrinho e outros

Quando Julio Ribeiro tomou a sua direcção, a *Ga*

231 *Gazeta Juridica*, (1) 1893.
232 *Garibaldi*, 1886.
233 *Galeria Illustrada*, 1887.
234 *Germania*, (2) 1878.

---

zeta foi vendida ao dr. Pedro Fernando Paes de Barros, e tomou então o caracter de folha republicana revolucionaria, pois republicana sempre fôra. A *Gazeta de Povo* foi a unica folha de S. Paulo que, no dia 14 de novembro de 1889, deu signaes de revolução que estabeleceu a Republica, pois nesse dia publicou em «normando» as seguintes noticias transmittidas do Rio de Janeiro no mesmo dia.

«Resurge aqui o boato da abdicação do Imperador, constando que o governo trata de operar dispersão da tropa da linha pelas provincias e grande divisão da esquadra em varias estações ao largo da costa do Imperio.

—A guarda nacional vae ser armada á Comblain.

—Reina surdo desgosto nas fileiras do exercito e marinha.»

Desappareceu em 1890, sendo substituida pelo *Jornal da Tarde*. O n 1 é de 16 de outubro.

(1) Importante revista mensal de legislação, doutrina e jurisprudencia do Estado de S. Paulo, propriedade do dr. Manoel Augusto de Alvarenga. São seus redactores os drs. Carlos Augusto de Souza Lima, presidente do Tribunal de Justiça, Joaquim Augusto Ferreira Alves, ministro desse tribunal, Miguel de Godoy Moreira e Costa, juiz de direito da capital, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, procurador-geral do Estado, João Pereira Monteiro, Brazilio Augusto Machado de Oliveira, João Mendes de Almeida Junior e Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, lentes da Faculdade de Direito; Manoel Augusto de Alvarenga e Vicente Ferreira da Silva, advogados no fôro da capital. Começou a publicar-se em janeiro de 1893 e até fim de 1895, forma seis volumes ou 24 fasciculos *in*-8.º gr.

(2) Orgam da colonia allemã em S. Paulo; desappareceu para resurgir em 1895, com o mesmo caracter.

235 *Grito do Povo*, (1) 1888.
236 *Ganganelli*, (2) 1885.
237 *Giz*, (19 agosto) 1894.
238 *Gazeta Liberal*, (3) 1883.
239 *Grito dos Pobres*, 1889.
240 *Guarda Nacional Paulista*, (4) 1840.
241 *Guarda Nacional*, (5) 1854.

(1) Folha republicana, que appareceu a 10 de junho de 1888, impresso na typographia União, largo Sete de Setembro. Durou pouco; o n. 22 e ultimo, e de 14 de dezembro do mesmo anno. Abaixo do titulo trazia por epigraphe: *Vox populi*, e o pensamento de Julio Ribeiro: *Está a chegar o perigo; quero o meu quinhão*. O seu redactor foi Hypolito da Silva, autor do poema *Latifundios*.

(2) Folha republicana, redigida por Horacio de Carvalho, Rivadavia Corrêa e Falcão Junior. Appareceu a 17 de agosto do anno indicado e della disse o *Jornal do Commercio:*

«Sahiu a 17, o primeiro numero d'*O Ganganelli*, folha republicana.

Chama-se *Ganganelli* em homenagem ao valente trabalhador Saldanha Marinho;—traz varios artigos sobre politica, sciencias, religião e é de agradavel leitura.

Fazemos votos para que o collega, que tão galhardemente se apresentou ao publico paulista—tenha auspiciosa vida.»

(3) Orgam do partido liberal, redigido pelos drs. Gavião Peixoto e Lins de Vasconcellos. Fundida com o *Diario de S. Paulo*, redigido pelo dr. Augusto Queiroz, deu origem ao *Diario Liberal*, redigido pelo desembargador Gavião Peixoto.

(4) Impresso na typographia de Costa Silveira e ahi subscripto por 12$000 por serie de 12 numeros. O n. 4 é de 16 de dezembro de 1890.

(5) Publicava-se semanalmente e era impresso na typographia *Litteraria*, á rua do Ouvidor. O n. 2 é 26 de novembro de 1894, em formato pequeno, a 8 columnas.

242 *Gazeta Commercial*, 1882.
243 *Gazetinha*, 1884.
244 *Gironda*, (20 fevereiro) 1881.
245 *Garibaldi*, 1870.
246 *Gazeta do Braz*, 1891.
247 *Gasparinho*, (março) 1893.
248 *Giustizia*, (25 de março) 1893.
249 *Gaita*, (1) 1895.
250 *Gazeta ds S. Paulo*, (2) 1895.
251 *Gregorio*, 1891.
252 *Heraldo*, (11 setembro) 1892.
253 *Holophote*, (1.º janeiro) 1894.
254 *Honra*, 1853.
255 *Indicador-Revista*, 1891.
256 *Imparcial*, 1868.
257 *Indicador Paulista*, 1892.
258 *Iris*, (3) 1850.

---

(1) Folha para rir e para chorar. Começou a publicar-se a 1.º de janeiro.

(2) Appareceu a 9 de março e della disse o *Correio Paulistano*:

«Sob a direcção do dr. Paulo de Lacerda, appareceu hontem nesta capital o primeiro numero da *Gazeta de S. Paulo*.

Do seu artigo de apresentação, extrahimos o seguinte tópico que parece resumir o programma do novo jornal:

A politica da folha será vasada francamente nos moldes da pura democracia e a republica, dominante nas duas Americas, ter-nos-á sempre promptos e alerta para defendel-a.»

Ao novo collega desejamos longos annos de prospera vida.

(3) Jornal academico, litterario, redigido por Pedro Taques de Almeida Alvim e Diogo José Vieira de Mattos, lá pelos annos de 1849 ou 1850. Houve outro de igual nome, logo em seguida, redigido por João Baptista Pereira,

259 *Imprensa Paulista*, (1) 1860.
260 *Imprensa Evangelica*, (2) 1865.
261 *Imprensa Academica*, (3) 1864.
262 *Ideia*, (4) 1879.

---

(1) Vide nota adiante sobre o *Piratininga*.

(2) Jornal de propaganda religiosa, redigido pelo rev. Camberlain.

(3) Folha litteraria, que discutia tambem assumptos commerciaes e agricolas, redigido por Luiz Ramos Figueira e Carlos Augusto de Carvalho, actual ministro do Exterior.

Durou sete annos este jornal e desappareceu em 1871, por causa da celebre questão academica. Tambem fizeram parte da sua redacção alguns outros brilhantes talentos da Academia, como Martim Cabral, Pamplona, Leoncio de Carvalho e Cunha Leitão.

(4) Foram seus redactores, Alexandre Coelho, Randolpho Fabrino, Rangel, B. Gama, Barros Casal, Sá Vianna, Ernesto Alves, Henrique Lascasas e outros. Deste periodico diz Sá Vianna, obra citada: «*A Ideia* foi a unica empreza litteraria que poude manter o primeiro anno academico de 1879. Guerreada por alguns moços inimigos do cultivo das lettras, pois não concebe-se que possam moços, que se dedicam ao trabalho, apresentar-se ostensivamente hostis a uma empreza fundada por collegas, *A Ideia* conseguiu chegar ao terceiro numero. Foi um pequeno ensaio e nos poucos numeros publicados offereceu bons artigos de Alexandre Coelho, nos quaes facilmente percebe-se o interesse que toma este moço pelo estudo de questões serias e de reconhecido proveito. Intelligente e estudioso, Alexandre Coelho promette-nos muito. Henrique Lascasas, em dous artigos, e Randolpho Fabrino, em suas poesias, mostraram-se moços de talento. Aconselhamos, comtudo, a ambos estudo aturado para que realisem-se as nossas esperanças, e lamentamos no primeiro o excesso de suas ideias republicanas. Fidelis, adaró e Cassal pouco escreveram, não por lhes faltar necessario elemento.

263 *Immigrante*, (19 novembro) 1885.
264 *Italiani al Brasile*, 1886.
265 *Italiani in S. Paolo*, 1888.
266 *Intransigente*, (18 setembro) 1886.
267 *Iberia*, (setembro) 1894.
268 *Illustração Paulista*, (1) 1893.
269 *Immigrante*, (22 julho) 1894.
270 *Independente*, (2) 1853.
271 *Ideia*, (15 junho) 1883.
272 *Iracema*, (12 dezembro) 1886.
273 *Imprensa Juvenil*, 1870.
274 *Industrial Paulistano*, (3) 1854.
275 *Ihering*, 1882.
276 *Illustração*, (3 setembro) 1894.

«Ainda que outro merecimento não tinha *A Ideia*, resta á sua redacção o consolo de que não conservou-se immovel; e, embora luctando com a má vontade de uns e a falta de pratica de outros, destacam-se quando menos pelo amor ao trabalho.»

(1) Publicação semanal, propriedade de uma associação. Redactor principal, Arthur Breves. Tinha quatro paginas de illustrações, lithographadas por A. Fossati, e trazia a divisa. *Liberdade de consciencia—Liberdade de pensamento*. Viveu poucos mezes e estampou os retratos de Tiradentes, Silva Tavares, Joaquim Nabuco e Gumercindo Saraiva.

(2) Publicação bisemanal, impressa na *Typographia Litteraria*, dirigida por J. E. S. Cabral, a rua das Sete Casas n. 5.

(3) Jornal da *Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes da Provincia de S. Paulo*, impresso na typographia *Dous de Dezembro*, de Antonio Louzada Antunes. Nesta revista collaborou o brigadeiro Machado de Oliveira, conhecido escriptor paulista, filho do tenente-coronel Francisco José Machado de Vasconcellos e de d. Anna Esmeria da Silva, nascido a 8 julho de 1790, em S. Paulo, onde falleceu a 16 agosto de 1867. Deixou muitos trabalhos de importancia sobre historia, geographia, industria, etc.

277 *Infantil*, (1) (13 janeiro) 1894.
278 *Illustração Paulista*, (2) 1881.
279 *Imprensa Artistica*, (3).
280 *Independencia*, 1868.
281 *Instrucção Publica*, 1876.
282 *Instrucção Popular*, 1895.
283 *Jornal de Terentillo Arsa*, (4) 1877.
284 *Juventude*, (agosto) 1885.
285 *Jornal-Folhetim*, 1886.
286 *Jornal da Tarde*, (5) 1878.
287 *Jornal-Annuncio*, 1884.
288 *Jornal do Commercio*, (6) 1883.
289 *Justiceiro*, (7) 1834.
290 *Jornal do Atheneu Paulistano*, 1863.
291 *Jornal do Povo*, 1870.
292 *Jornal da Tarde*, (8) 1889.

---

(1) Semanario de pequeno formato, orgam dos alumnos do *Collegio Camargo* e redigido por Miguel de Camargo e Ranulpho Lima. O n. 1 é de 13 de janeiro.

(2) Appareceu a 2 de abril, littographada por Jules Martin.

(3) Vide adiante nota ao *Recreio*.

(4) Era uma serie de pamphletos politicos que pretendia publicar o dr. Americo Braziliense, mais só sahiu o 1.º numero. (M. Azevedo).

(5) Appareceu a 6 de novembro. Proprietario e editor, Antonio Elias da Silva.

(6) Diario abolicionista, fundado e redigido por Antonio Bento, Gaspar da Silva e Raul Pompeia. Appareceu a 1.º de agosto.

(7) Era seu redactor o padre Diogo Antonio Feijó. (M. Azevedo).

(8) José Felizardo, que escrevêra no *Diario Mercantil*, *Commercio de S. Paulo* e em outros jornaes, foi o redactor do *Jornal da Tarde*, juntamente com Alberto Souza, Marinho de Andrade e Alfredo Prates. Vide adiante nota ao *Recreio*.

293 *Jornal das Damas*, (6 janeiro) 1890.
294 *Jornal do Operario*, 1892.
295 *Jovem America.*
296 *Jornalzinho*, 1854.
297 *Jornal*, (9 julho) 1893.
298 *Jornaleco*, 1890.
299 *Kaleidoscopio*, (1) 1860.
300 *Labarum*, (23 maio) 1877.
301 *Lingua-Universal Volapuk*, (2) 1890.
302 *Locomotiva*, 1881.
303 *Lanterna*, (16 julho) 1859.
304 *Lucta*, (3) (8 maio) 1889.
305 *Lei*, (4) 1857.
306 *Lyrio*, (5) 1860.

---

(1) Publicação semanal do *Instituto Academico Paulistano.* O n. 1 é de sabbado 7 de abril. Sahiram 22 numeros, sendo o ultimo de 22 de setembro, formando 208 paginas. No fim de cada numero lê-se: «São Paulo, 1860, *Typ. Imparcial, de J. R. de Azeredo Marques.*» O Instituto foi fundado a 23 de outubro de 1858, e delle era presidente o conselheiro Amaral Gurgel, então director da Faculdade de Direito.

(2) Folhas avulsas de propaganda, publicadas por Canuto Thorman, mensalmente, de que sahiram apenas tres numeros, escriptos em portuguez e volapuk.

(3) Antes desta appareceu uma outra *Lucta*, de propaganda republicana, redigida por Paula Novaes, Juvenal de Carvalho e outros estudantes da Academia de Direito.

(4) Orgam conservador, redigido pelo dr. João Mendes de Almeida, sendo gerente Manoel Antonio Bittencourt. Sahiu a lume a 7 de setembro de 1857.

(5) Jornal litterario, dedicado ao bello sexo, redigido por Quirino dos Santos e Rangel Pestana, então estudantes da Academia.

307 *Legenda*, (1) 1860.
308 *Lucta*, (28 julho) 1876.
309 *Liberal*, 1869.
310 *Liberal*, 1877.
311 *Lucta*, (2) 1882.
312 *Luctador*, (20 outubro) 1892.
313 *Luva de Ouro*, 1887.
314 *Liberdade*, (3) (17 maio) 1888.
315 *Liberal Paulista*, (4) 1886.
316 *Lega Italiana*, 1889.
317 *Lavoro*, 1893.
318 *Lidador*, 1890.

---

(1) Jornal politico e litterario, fundado por Salvador de Mendonça e Theophilo Ottoni (filho). Sahia tres vezes por mez, em oito paginas de composição cada numero. Era redigido por seus fundadores, por Simplicio de Salles e outros. Esta nota foi corrigida, no *Diario Popular*, pelo dr. Joaquim Piza, do modo seguinte:

«Em a nota se diz que foi este jornal escripto pelos fundadores, Simplicio de Salles e outros. Ha engano: Simplicio de Salles, distincto mineiro, formado em 1855, falleceu em 1857, alguns annos antes de apparecer *A Legenda*, que publicou alguns trabalhos interessantes do dr. Simplicio sobre estudantes do seu tempo. Os fundadores e redactores foram Theophilo Ottoni (filho) e Salvador de Mendonça.»

(2) Director, Argemiro Cicero Galvão, natural do Rio Grande do Sul, prematuramente fallecido o autor do romance *A filha do Estrangeiro*, (Porto-Alegre, 1886) e de um folheto philosophico *A Concepção de Deos*. Redigiram o jornal Paula Novaes, Juvenal de Carvalho e outros estudantes da épocha.

(3) Era orgam abolicionista dos empregados do commercio em S. Paulo.

(4) Orgam do partido liberal, redigido por Alfredo Almeida.

319 *Litteroperá*, (22 agosto) 1884.
320 *Ladrão*, 1881.
321 *Lucio*, 1887.
322 *Leque*, 1885.
323 *Leque*, 1895.
324 *Liberdade*, (24 agosto) 1884.
325 *Lettras e Artes*, (3 dezembro) 1888.
326 *Meteoro*, (setembro) 1886.
327 *Meteoro*, (1) 1850.
328 *Martelo*, 1891.
329 *Martelo*, 1894.
330 *Monitor*, (2) 1886.
331 *Monitor Catholico*, (17 outubro) 1879.
332 *Messagero*, (maio) 1891.
333 *Mercantil*, (3) 1890.
334 *Memorias da Associação Culto á Sciencia*, 1859.
335 *Murmurios Juvenis*, (4) 1859.
336 *Movimento*, 1872.

(1) Apparecia em dias incertos e custava a assignatura, por serie de 15 numeros, 1$000. Era impresso na *Typographia Liberal*, largo da Sé n. 3, e em cada numero, a duas columnas, vê se a legenda:

«Eu sou horrivel trovão,
sou corisco, sou fuzil,
correrei de sul a norte
todo o imperio do Brazil.»

O dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida, possue os ns. 41 e 44 da terceira serie, de janeiro de 1852.

(2) Começou a publicar-se em 30 de maio de 1886, em grande formato, a seis columnas, e pouco durou. Tinha o sub-titulo *Chronica dos factos*. Era da propriedade de Joaquim Dolivaes Nunes e J. Navarro de Andrade, sendo este ultimo o redactor.

(3) Vide adiante nota ao *Recreio*.

(4) Jornal litterario e scientifico, publicado pel associação *Amor á Sciencia*, estabelecida no *Colleg Brasileiro*.

337 *Meridiano*, (fevereiro) 1885.
338 *Mascotte*, 1885.
339 *Mez*, (1) 1888.
340 *Missionario Juvenil*, (janeiro) 1889.
341 *Metralha*, (11 outubro) 1889.
342 *Mosca*, (fevereiro) 1889.
343 *Mosquito*, (2) 1860.
344 *Medico Popular*.
345 *Memoria*, (3).
346 *Manual dos Brasileiros*, 1830.
347 *Matraca*, 1826.
348 *Manhã*, 1890.
349 *Minas Academica*, 1892.
350 *Mensageiro Popular*, 1893.

---

(1) Revista academica de lettras e sciencias. Directores, Horacio Magalhães e Luiz Quirino. Appareceu a 1.º de junho e trazia por lemma o versiculo de H. Taine: «*Toujours produire et toujours acquerir.*»

Sahiram apenas quatro numeros, impressos na *Typographia União*.

(2) Sahiu a 8 de setembro de 1860 e parece que só publicou um numero, formato *mignon*, impresso na *Typographia Litteraria*, rua do Imperador n. 12.

(3) Mello Moraes, *Historia da trasladaçao da corte para o Brasil em 1897-1808*, dá uma relação dos jornaes que têm havido no Brasil desde 1808 até 1862. De São Paulo menciona 47, dos quaes alguns já figuram nesta nossa resenha, e outros os titulos errados ou incompletos, como sejam: *Atheneu Paulista (Jornal do Atheneu Paulistano)*, *Recreio Instructivo (Revista do Recreio Instructivo)*, etc.

Abaixo damos a relação dos periodicos citados por Mello Moraes, e que já estão contemplados nos respectivos logares.

theneu Paulistano — Aurora Paulistana — Buscapé — Clarim ...rema — Commercial — Conservador — Constitucional — Correio ·listano — Culto á Sciencia — Ensaio Academico — Ensaio Philoso-

351 *Mocidade*, (1) 1895.
352 *Municipio*, (2) 1895.
353 *Novo Pharol Paulistano*, 1831.
354 *Novo Regimen*, (3) 1889.
355 *Nuvem*, 1871.
356 *Noventa e tres*, (4) 1882.
357 *Nariz*, 1893.
358 *Neophyto*, (5) 1889.

phico—Ensaios Litterari s - Esperança—Farol Paulistano—Futuro Governista—Imprensa Paulista—Industrial Paulistano--Justiceiro —Legenda—Lei—Medico Popular—Memoria - Meteóro -Mosaico— Nacional—Novo Farol Paulistano—Nucleo Juridico—Observador— Observador Constitucional—Paulista—Pa estra Litteraria—Paulista Centralizador —Pernilongo—Pir tininga —Precursor —Progresso— Razão—Recreio Instructivo—Revista Commercial—Revista Litteraria—Revista Dramatica—Revista Mensal do Ensaio Paulistano— Solitario—Vinte e Nove de Setembro—Vedeta—Ypiranga.

(1) Orgam do *Circulo Mocidade de São Luiz, da Federação Catholica de S. Paulo*, apparecido a 20 de maio. Tem a divisa: *Pro ecclesia et patria agere et pati.*

(2) Jornal diario de grande formato, politico e noticioso, fundado pelo dr. Domingos Jaguaribe, que o redigiu auxiliado pelos drs. Leopoldo de Freitas e Wenceslão de Queiroz.

(3) Publicação serial e intercadente, de que foram director, o professor José Feliciano de Oliveira, e cooperadores Joaquim da Silveira e Antonio Hypolito de Medeiros. Sahiram apenas quatro numeros, em pequeno formato, a duas columnas, tendo o primeiro 24 paginas, todas occupadas com a apreciação da dictadura republicana, segundo a doutrina positivista. Trazia os sub-titulos: *Ordem e Progresso—A familia, a patria e a humanidade.*»

(4) Periodico de propaganda republicana e abolicionista, fundado a 3 de dezembro por Antonio Guery, Francisco Gaspar, Antonio dos Santos Oliveira, Figueiredo Coimbra e Arthur Carlos. Vide nota adiante sobre o *Recreio*.

(5) Redactores, Arthur Goulart, Frontino Guimarães e Fabio Barreto; professores normalistas.

359 *Nucleo Juridico*, 1862.
360 *Nove de Setembro*, (30 junho) 1881.
361 *Nuova Roma*, 1885.
362 *Nativista*, (1) 1895.
363 *Oitenta e Nove*, (2) 1884.
364 *Oitenta e Nove*, 1888.
365 *Ordem*, 1862.
366 *Onze de Agosto*, (3) 1876.
367 *Opinião Nacional*, (4) 1892.
368 *Operario*, (5) 1891.
369 *Ordem*, (6) 1883.

---

(1) Jornal republicano, intransigente e violento, redigido por Agricio Camargo, Hygino Rodrigues, Sergio Braga, Luiz Labre e outros rapazes.

(2) Vide adiante nota ao *Recreio*.

(3) O *Onze de Agosto*, foi fundado e redigido pelo dr. Estevam Bourroul, que tambem redigiu o *Catholico*, a *Reacção*, a *Vanguarda* e o *Monitor Catholico*.

(4) Jornal de oposição ao governo do dr. Bernardino de Campos. Tinha como director politico o dr. Americo Braziliense de Almeida Mello e como redactores os drs. Pedro Augusto Gomes Cardim e Francisco de Toledo Malta. Desappareceu em 1893, durante o estado de sitio; o seu primeiro numero é de 17 de novembro. Tinha typographia propria.

(5) Orgam dos interesses da classe operaria. Tinha como director responsavel Adolpho Freitas. Começou a ser publicado em abril, impresso na typographia *Spirita*.

(6) Foi seu redactor chefe o dr. João Pedro da Veiga Filho, natural de Minas Geraes e lente da Academia de Direito de S. Paulo, que redigiu tambem por algum tempo o *Diario do Commercio*, as *Notas Diarias* do *Diario Mercantil* e collaborou em outros jornaes da capital e do interior.

370 *Onda*, (1) 1883.

(1) Fundada por Joaquim Dias da Rocha, fallecido na cidade da Parahyba do Sul, em fevereiro de 1895, e de quem se lê no *Jornal do Commercio*, do Rio, a seguinte noticia, enviada daquella cidade:

«A rebelde enfermidade que zombou dos esforços da sciencia e dos acrysolados carinhos da extremosa familia, succumbiu ante-hontem, ás cinco horas da manhã, o festejado poeta e litterato dr. Joaquim Dias da Rocha Filho.

Nascido em Corytiba, Estado do Paraná, em 18 de agosto de 1862, veiu ainda menino para esta cidade em companhia de seu pai, o distincto medico dr. Joaquim Dias da Rocha.

Fez a maior parte dos seus preparatorios no *Collegio Abilio*, onde começou a manifestar a sua extraordinaria intelligencia.

Aos dezeseis annos produzia uma magnifica traducção da *Parisina*, de Byron, que foi publicada com um prologo do barão de Paranapiacaba.

Mais tarde matriculou se na Escola Militar, onde logo impoz-se á admiração dos seus mestres e condiscipulos, pela robustez de seu talento

Quando estudante dessa Escola. publicou uma primorosa traducção d' *A Noiva de Abidos*, recebida, como a *Parisina*, com applauso dos homens de lettras.

Verificando, porém, que a carreira militar não satisfazia á sua indole e vocação, abandonou a Escola e matriculou-se na Academia de Direito de S. Paulo, da qual, após brilhantissimo curso, sahia formado em sciencias juridicas e sociaes.

Logo depois de formado foi nomeado promotor publico desta comarca, cujo cargo exerceu com inexcedivel proficiencia e circumspecção; foi posteriormente delegado de policia uo Rio de Janeiro e exerceu a advocacia aqui e em Juiz de Fôra.

Em S. Paulo foi fundador e redactor da *Onda*, jornal abolicionista e collaborou com pericia notavel em muitos outros jornaes. Nesta cidade fez parte da redac

371 *Observador Constitucional*, (1) 1829.

ção do *Provinciano*, do *Tamoyo*, da *Republica* e foi collaborador do *Parahiba* e desta folha.

No *Jornal do Commercio* publicou uma esplendida traducção do *Cantico dos Canticos*, de Salomão, trabalho de que, com elogio, se occupou o illustre litterato portuguez C. Castello Branco.

Ainda ha pouco deu-nos no mesmo *Jornal* um excellente estudo historico sobre a revolução de Minas em 1842, no qual ainda uma vez revelou o seu superior talento e amor as lettras.

Poeta de *elite*, deixa grande numero de primorosos e impeccaveis versos, alguns já publicados em diversos jornaes e revistas e outros ainda inéditos, que pretendia fazer apparecer em volume com o titulo de *Musgos e Lichens*.

Além destes, deixa inéditos outros trabalhos litterarios de incontestavel merito, entre os quaes: *Historia da Guerra Cisplatina*, *Ephemerides Brasileiras*, *Biographia do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro*, comprehendendo uma parte da *Historia do Ceará* e o *Diccionario Brasileiro*, do qual deixa apenas completos os vocabulos da lettra *A*.

O illustre morto era casado com a exma. sra. d. Izabel Bezerra, filha do nosso venerando amigo dr. Leandro Bezerra Monteiro.

Pungidos pela profunda saudade que nos deixa o desapparecimento do infatigavel operario da litteratura patria, apresentamos a esta e a todos os membros da familia do pranteado moço as nossas sinceras condolencias.

(1) Muito curiosa é a seguinte noticia historia, que extrahimos do *Jornal do Commercio*, do Rio, de 20 de novembro de 1894:

«Fazem hoje 64 annos que foi assassinado na cidade de S. Paulo o dr. João Baptista Libero Badaró, redactor do *Observador Constitucional*, segundo jornal que se publicou naquella capital. Recordando este triste anniversario, publicamos o recibo da assignatura que aquelle jornal tomou o sr. João Crispiniano Soares, então

372 *Observador Paulistano*, (1) 1838.
373 *Opinião Conservadora*, (2) 1869.
374 *Ordem*, (3) 1874.

estudando do 1.º anno do curso juridico, que depois tanto se distinguiu como jurisconsulto e professor de Direito Romano e entre cujos papeis foi achado o original firmado por Badaró:

«Recebi do sr. João Crispiniano Soares a quantia de 1$440 reis, importancia de um exemplar do *Observador Constitucional*, no terceiro trimestre, principiando a 24 de abril e findando a 23 de julho, ficando o redactor responsavel pela importancia da parte não cumprida, caso cesse a publicação da folha.

São Paulo, 20 de junho de 1830.—*Badaró*.

(1) No *Observador Paulistano* collaborou assiduamente o grande patriota padre Diogo Antonio Feijó, nascido em S. Paulo, a 9 de agosto de 1784 e fallecido na sua cidade natal, segundo a certidão de obito publicada pelo dr. Brasilio Machado, a 10 de novembro de 1843. Feijó, um simples engeitado, occupou as maiores posições politicas em nossa terra e se houve em todas ellas com toda a honorabilidade e independencia. E' um nome que serve de legenda a um povo.

O dr. Joaquim Piza accrescenta:

«Tenho os n. 252 e 265, de 10 de julho e 15 de agosto de 1840, a duas columnas. Publicava-se duas vezes por semana na *Typographia Imparcial*, de Silva Sobral, á rua Nova de S. José n. 41, onde se subscrevia a 1$920 por tres mezes. Em o n. 252 occorre a seguinte epigraphe: *La libertè de la presse forme en dehors une opinion nationale que remet bientot les choses dans l'ordre.*—CHATEAUBRIAND.—E em o n. 265 a seguinte: *Novus ab integro saeculorum nascitur ordo.*—VIRG. ECLOG. 4.ª, v. 5.»

(2) Folha conservadora e catholica, de que era redactor o então deputado geral dr. João Mendes de Almeida.

(3) Durou dois annos e foi redigida pelo dr. José Maria Corrêa de Sá Benevides, lente de Direito na Academia de S. Paulo.

375 *Omnibus*, 1873.
376 *Opinião*, (1) 1879.
377 *Opinião*, 1889
378 *Opinião Republicana*, (2) 1877.

(1) *A Opinião* foi o ultimo jornal politico que appareceu na Academia de S. Paulo. Jornal propriamente de opposição, nunca de propaganda de ideias politicas, defendendo o partido liberal, censurou com criterio os actos do governo de 5 de janeiro, graças ás intelligencias que o redigiam. (Sá Vianna, *Esboços criticos*, paginas 36). Foram redactores d'*A Opinião*, Victor Monteiro e Affonso Peixoto de Abreu Lima, que redigira antes o *Diario de Campos*.

(2) Folha academica de que foram redactores Fontoura Xavier, Affonso Celso Junior, Pompilio Albuquerque, Lucio de Mendonça e Generino dos Santos. De uma chronica, publicada na *Revista do Rio de Janeiro* (maio de 1877), destacamos o seguinte trecho relativo á *Opinião Republicana:*

«A politica e a questão religiosa não absorvem a nossa mocidade academica.

A litteratura e a poesia têm os seus reprepresentantes nas pessoas de Carvalho Junior, Pitta, Lucio, Ezequiel Freire, Theophilo Dias, Fontoura Xavier e outros.

Cahiu-me irreflectidamente dos bicos da penna o nome do autor das *Flores do Campo*.

Ezequiel Freire, por preguiça, deixou de escrever versos. Fal-os de encommenda e só para os amigos.

Vem a ponto esta anecdota de Ezequiel:

Os redactores da *Opinião Republicana* abriram um concurso aos vates da Paulicéa; o que apresentasse o melhor sôneto da escola socialista, ganharia um mimoso volume das poesias de François Coppée. Freire, convidado, mandou o seguinte, capeando quatro cartas de jogar, dedicado aos que elle chama *papões* da Monarchia:

Pro Rege Deoque

«Tendes fome canina e ventres universos;
Quereis tudo engulir, a Monarchia, o Altar!

379 *Opinião*, (1) 1895.
380 *Opinião*, 1879.
381 *Operario*, 1869.
382 *Onze de Agosto*, 1882.
383 *Paiz*, (2) 1865.
384 *Porta Larga*, 1883.
385 *Pindamonhangabense*, (3) 1883.
386 *Patriota*, (11 agosto) 1883.
387 *Patria*, (4) 1879.

Podeis difficilmente, ó typos, saciar
Esse appetite atroz que revelaes... em versos.

Vós sois, consoante a Fama, uns sugeitos perversos,
Que ingeris ao almoço um rei, outro ao jantar;
E haveis de, glotões, ainda após ceiar
O nosso rei hebraico e outros reis diversos!

Andais constantemente a rebentar pelouros!
Nada vos satisfaz, patrioticas pestes,
Cordeirinhos no agir, na fanfarrice-touros.

Pois bem: sendo vós cinco, ó traga-reis-estouros,
E Pedro um só, tomae; envio-vos mais estes:
—O de espadas, de páus, de copas e de ouros.

(1) Folha dedicada aos interesses sociaes, publicada duas vezes por mez. Redactores, E. Vanorden e P. B. de Carvalhosa. Appareceu em fevereiro.

(2) Jornal politico e litterario, cuja collecção possue o dr. Estevam Leão Bourroul. Publicava-se ás segundas e quintas-feiras e era impresso na *Typographia Allemã*, de Henrique Schroeder, á rua Direita n. 36. Era orgam conservador, redigido por Antonio Prado, Rodrigo Silva e Dutra Rodrigues.

O 1.º numero sahiu a 31 de agosto de 1865, e 37 e ultimo, a 9 de março de 1866. Fez violenta opposição ao presidente da provincia, dr. João da Silva Carrão.

(3) Jornal academico de estudantes de Pindamonhangaba, que frequentavam a Faculdade de Direito.

(4) Orgam dos homens de côr.

388 *Philatelista*, (11 março) 1884.
389 *Progresso Italo-Brasiliano*, 1890.
390 *Prego*, (1) 1891.
391 *Penna*, 1887.
392 *Progrés*, (19 junho) 1894.
393 *Popolo*, 1894.
394 *Perola*, 1893.
395 *Paulistaner Echo*, (12 março) 1892.
396 *Protesto*, (2) 1893.

(1) Jornal hypocondriaco. Trazia por divisa: *Castigat mores ridendo...»* Consta que era redigido pelo academico Severiano de Rezende.

(2) Boletim mensal de politica e litteratura. Abaixo do titulo, em cada numero, vem a corôa imperial e nas diversas secções as armas do imperio. No expediente transcreve trechos da constituição de 25 de março de 1825. Não declara o nome do redactor, mas sabe-se que foi redigido pelo dr. Estevam Leão Bourroul, conforme declara L. E., na biographia deste illustre escriptor, nos seguintes termos:

«No dia 29 de julho do mesmo anno (1892), anniversario da Princeza Imperial, publicou o 1.º numero d'*O Protesto*, boletim mensal de politica e litteratura, no qual tem collaborado as principaes pennas monarchistas. Assim concluia o programma da folha;

«Protestamos contra a republica oriunda de um motim de quarteis, porque somos imperialistas e appellamos para a soberania popular, fonte de todos os governos;

«Protestamos contra o atheismo do Estado, porque somos catholicos e fora da Egreja não ha salvação;

«Protestamos contra a oppressão que o Capital, representado pelo semetismo dinheiroso no Velho Mundo, e no Novo pelo monopolio e pelas emprezas aladroadas, faz pesar sobre o pobre povo e o arrasta á miseria, á fome e á revolta;

«Protestamos contra as immundicies litterarias que invadem as nossas bibliothecas;

Protestamos em nome da lei, do direito, da moral, a propriedade e da religião.

397 *Patria Italiana*, 1892.
398 *Progredior*, (setembro) 1891.
399 *Pétala*, 1895.
400 *Pelourinho*, (maio) 1895.
401 *Primeiro de Maio*, 1891.
402 *Puericia*, (abril) 1895.
403 *Paulista*, 1831.
404 *Paulista*, 1855.
405 *Primeiro de Maio*. 1895.
406 *Porvir*, (4 junho) 1873.
407 *Progressista*, 1889.
408 *Pulpito Evangelico*, 1888.
409 *Parnaso*, (9 fevereiro) 1883.
410 *Penna*, 1882.
411 *Palavras de Verdade*, 1882.
412 *Porvir*, (12 agosto) 1890.
413 *Propaganda*, 1871.
414 *Pygmeu*, 1885.
415 *Polechinello*, (1) 1876.

«Eis a nossa razão de ser—o protesto!»

Este jornal deu, até maio de 1893, sete numeros, sempre lutando com as maiores difficuldades para ser impresso, e alvo de perseguições, que lhe entorpeceram a publicação regular. E' magnificamente escripto e conta milhares de assignantes em todas as partes do Brasil.»

Entretanto, morreu logo e não promette resuscitar.

(1) Era illustrado e humoristico, editado por P. P. Carneiro e appareceu a 16 de abril, com o retrato do general Ozorio. Publicou 38 numeros, sendo o ultimo de 31 de dezembro de 1876. Tinha quatro paginas de texto e um dos seus redactores era Luiz Gama. O dr. Antonio Piza possue a collecção completa, um pouco estragada, com excellentes retratos de José Bonifacio e Antonio Carlos (os velhos), Paula Souza (pai e filho), Badaró, Alvares Machado, Amaral Gurgel, Crespiniano, Manoel Dias, Nebias, senador Fonseca, Euzebio, conego Ildefonso, Tavares Bastos, etc.

416 *Palestra Academica*, (1) 1866.
417 *Provincia de S. Paulo*, (2) 1875.

(1) Revista litteraria e scientifica, publicada mensalmente sob a direcção de Candido Leitão, Didimo da Veiga e Leoncio de Carvalho.

(2) Escreve-nos o dr. Miranda Azevedo:

«Não foi o partido republicano paulista que fundou a *Provincia de S. Paulo*; bem que a maioria dos seus commanditarios, fosse accentuadamente republicana, a folha não se appresentou no começo com o caracter partidario. Eis as proprias palavras do *prospecto* destribuido em avulso e reproduzido nas primeiras columnas do 1.º numero de 4 de janeiro de 1875. «Creada pelo concurso de capitaes fornecidos por agricultores, commerciantes, homens de lettras e capitalistas, está ella no caso de satisfazer ás mais legitimas aspirações da rica e briosa provincia, cujo nome toma para seu titulo; e isto justifica o seu apparecimento.

«Esse motivo faz com que o novo jornal se apresente em condições de poder influir directamente no progresso do paiz e na educação do povo, e habilital-o a ser, como um escriptor distincto já definiu o jornal, *o cuidadoso expositor de todos os productos da intelligencia humana, a escola em que entram todos aquelles que sabem soletrar*.

«Sob taes auspicios a *Provincia de S. Paulo* tomara na capital, ao lado dos outros respetaveis organs de publicidade, um lugar modesto, mas com bons desejos de ser util a causa publica.

«Não sendo orgam de partido algum nem estando em seus intuitos advogar os interesses de qualquer delles, e por isso mesmo collocando a em posição de escapar ás imposições do governo, ás paixões partidarias e às seducções inherentes aos que aspiram ao poder e seus proventos, conta a *Provincia de S. Paulo*, fazer da sua independencia o apanagio de sua força e a medida da severa moderação, sisudez, franqueza, lealdade e criterio em que fundará o salutar prestigio á que destina-se a imprensa livre e consciente.»

Conforme publicou o mesmo jornal, pertencia a *Pro-*

vincia a uma sociedade em commandita, com o capital de 50:000$000, da qual faziam parte os senhores:

Capitão Bento Augusto de Almeida Bicudo, fazendeiro, morador em Campinas.—Antonio Pompeu de Camargo, fazendeiro em Campinas.—Dr. Americo Braziliense de Almeida Mello, advogado em S. Paulo.—Dr. João Francisco de Paula Souza, capitalista em São Paulo.—João Manoel de Almeida Barboza, fazendeiro em Campinas.—Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, advogado em Campinas.—Dr. Raphael Paes de Barros, fazendeiro em S. Paulo.—Major Diogo de Barros, capitalista em S. Paulo.—Dr. João Tobias d'Aguiar Castro, fazendeiro em Itú.—Manoel Elpidio Pereira de Queiroz, fazendeiro em Campinas.—João Tybiriçá Piratininga, fazendeiro em Itú.—José Pedroso de Moraes Salles, capitalista em Campinas.—Francisco de Salles, fazendeiro em Campinas.—Dr. Martinho Prado Junior, fazendeiro em Patrocinio das Araras.—Dr. José Alvares de Cerqueira Cezar, advogado em Rio Claro.—Candido Valle, negociante em Rio Claro.—Francisco Glycerio de Cerqueira Leite, advogado em Campinas.—Francisco Rangel Pestana, advogado em S. Paulo.—Americo de Campos, jornalista em S. Paulo.

Os dois ultimos entraram para a formação do capital com maior quota, e eram solidariamente responsaveis pelos actos praticados em nome da sociedade, que girava sob a firma Pestana, Campos & C.

Foram seus redactores, os drs. F. Rangel Pestana e Americo de Campos e administrador o sr. José Maria Lisboa.

O primeiro numero foi publicado em 4 de janeiro de 1875, a typographia e escriptorio estavam na rua do Palacio n. 14. Faziam parte effectiva da redacção os drs. Americo Braziliense e Antonio Carlos, que tinha a seu cargo os folhetins, a critica theatral e a parte litteraria.

Aquelle, pouco tempo permaneceu na *Provincia*, o ultimo, porém, conservou-se até 1884, quando a folha passou a ser propriedade do dr. Alberto Salles. Collaboraram effectivamente nas diversas secções do jornal, os mais es

mados nomes nas lettras, na sciencia e na politica de S. Paulo. Lucio de Mendonça publicava seus versos e artigos litterarios e politicos, Tebyriçá Piratininga seus interesantes estudos geologicos paulistas, Bernardino de Campos e Campos Salles, artigos de propaganda republicana e discussão politica, e mais tarde Pedro Tavares suas chronicas e analyses cheias de verve e originalidade.

São paginas admiraveis de polemica, os artigos do dr. Luiz Pereira Barreto, em discussão philosophica e scientifica com o rev. dr. Norton e conselheiro José Bonifacio. Ao nome illustre do dr. Luiz Barreto, deve S. Paulo o rapido povoamento e progresso da região do Oeste, pelos enthusiasticos artigos sobre a fertilidade da região *terra roxa*, publicados na *Provincia* Não me compete relatar a gloriosa e util influencia desse jornal, sob a orientação elevada e esclarecida dos seus redactores Rangel Pestana e Americo de Campos, são bem sabidas de todo o Estado e de todo o paiz o valor e os serviços desses grandes benemeritos da patria e da Republica. O que tenho a responder quanto ao seu pedido de informações, é a minha *pars minima*, nessa luminosa legião de collaboradores da *Provincia*, e depois da rapida digressão que fiz restabelecendo alguns pontos, entro em materia.

Em fins de fevereiro de 1876, fui convidado para correspondente da *Provincia*, no Rio de Janeiro, para enviar informações e noticias daquella cidade.

Em desempenho dessa honrosa missão, comecei em março a collaborar na folha com as *Chronicas fluminenses*, semanalmente, e sem interrupção maior, cumpri a commissão até 1878, quando fixei residencia em Guaratinguetá.

Essas chronicas, occupavam se com toda a vida e movimento de Rio de Janeiro, e da politica de todo o paiz. Os factos scientificos e litterarios eram apreciados ao mesmo tempo que os successos politicos e phenomenos economicos e financeiros; e frequentemente os leitores paulistas conheciam com antecedencia occurrencias que só mais tarde a imprensa do Rio de Janeiro publicava.

418 *Paulista Official*, (1) 1835.

Mais tarde, graças á benevolencia e generosidade dos chefes, enviava ás columnas da *Provincia*, alguns artigos de collaboração, originaes ou traduzidos como os de *Charles Waring*, publicados no *Nineteenth Centuzy*, sobre *Estradas de ferro do Brasil*, em resposta á carta publicada no *Times*, pelo sr. Hammond, que injustamente nos aggredia nesse assumpto.

Em 1884, vindo para S. Paulo, a convite de amigos politicos, para prestar serviços a propaganda republicana, entrei em negociações com o dr. Rangel Pestana e Americo de Campos, para dar nova organisação social á *Provincia*, que era então francamente folha republicana, bem que não fosse orgam official do partido, porque não era isso do agrado dos proprios redactores.

Despois de concluidas as negociacões, fixada a somma com que eu e outro commanditario, o illustre amigo coronel João Baptista de Mello Oliveira, deviamos entrar, fui de accordo com este e com os redactores a Campinas entender-me com os correligionarios politicos daquella cidade.

Conferenciei, entre outros, com os drs. Quirino dos Santos, Campos Salles e Francisco Glycerio, que acceitavam perfeita e cordealmente a proposta, e approvaram a nova phase da empreza. Em S. Paulo dei conta da commissão e, quando julgava tudo resolvido, vi desfazer-se o tratado e passar a *Provincia* para a propriedade do illustre correligionario e amigo dr. Alberto Salles, que imprimiu nova orientação a folha, dirigiu-a até passa-la aos seus actuaes proprietarios, atravessando duas ou tres transformações sociaes.

Eis o que posso informar rapidamente sobre certas particularidades da vida gloriosa de uma folha que faz honra á imprensa paulista e que pode apparecer com brilho, hoje ao lado de qualquer jornal europeo ou americano.»

(1) Existiu até 1846.

419 *Phoenix*, (1) 1838.
420 *Publicola*, (2) 1840.
421 *Pregoeiro*, (3) 1851.
422 *Pensador*, 1839.
423 *Pensiero Italiano*, 1890.
424 *Partido Liberal*, 1885.
425 *Partido Conservador*, (janeiro) 1888.
426 *Porvir*, (agosto) 1889.
427 *Pygmeu Paulista*, (julho) 1886.
428 *Primavera*.
429 *Pro-Patria*, (27 julho) 1892.
430 *Pautheon*, (11 janeiro) 1891.
431 *Pae Paulino*, 1884.
432 *Piratininga*, (outubro) 1892.
433 *Procetlaria*, (4) 1887.

---

(1) O periodico *Phenix*, foi redigido pelo dr. Clemente Falcão de Souza (o velho), pernambucano, nascido em 1798 e fallecido em S. Paulo em 1868, e pelo desembargador Joaquim José Pacheco. Subscrevia-se na typographia da Costa Silveira, á rua S. Gonçalo n. 14, onde se publicava as quartas-feiras e sabbados. Dessappareceu em 1841. O dr. Falcão foi lente de Direito na Academia de S. Paulo e o desembargador Pacheco foi deputado, politico proeminente e jurisconsulto de grande reputação.

(2) Um dos redactores do *Publicola*, foi o dr. Antonio Pereira Pinto, nascido no Rio de Janeiro, em 1819, e lá fallecido a 5 de julho de 1880. Este jornal defendia as opiniões liberaes e bateu-se pela maioridade antecipada de D. Pedro II.

(3) Publicado tres vezes por semana, na *Typographia Liberal*, largo da Sé n. 3. Editor, Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

(4) Publicava-se aos domingos, sendo seus emprezarios J. Louzada & C. e director e redactor Julio Ribeiro, o grande philologo. O 1.º numero sahiu a 9 de janeiro, com uma esplendida apresentação, que foi posta

434 *Platéa*, (1) (1.º julho) 1888.
435 *Platéa Sportiva*, 1891.
436 *Phalena*, 1886.
437 *Paulista*, 1886.
438 *Photographo*, 1875.
439 *Pequeno Jornal*, 1885.
440 *Pestalozzi*, (18 abril) 1884.
441 *Pyrilampo*, 1859.
442 *Periquito*, 1883.
443 *Progresso*, 1894.
444 *Provinciano*, (2) 1886.
445 *Paulicéa*, 1888.
446 *Publicidade*, 1891.
447 *Patria*, (3) 1890.
448 *Patria*, (4) 1894.

---

em bellos versos alexandrinos, pelo illustre poeta Theophilo Dias. O n. 11 e ultimo tem a data de 1.º de maio, formando a collecção completa um *in-folio* de 48 paginas. Tinha por divisa o versiculo de Juvenal: *Vitam impendere vero.*

(1) Folha da tarde, propriedade de Araujo Guerra & C. Director, Araujo Guerra; redactores, Affonso Celso Garcia da Luz, Alberto Ramos e Pinheiro da Cunha, e collaboradores, Alberto Souza, Moura Galvão, Carlos de Escobar e Manoel Augusto Galvão. Até 1891 era semanario illustrado e humoristico, redigido por Horacio de Carvalho, passando depois a ser jornal da manhã e por ultimo diario da tarde.

(2) Orgam liberal, cujo primeiro numero é de 8 de maio. Foram seus redactores o dr. Martim Francisco Filho, o engenheiro Bueno de Andrada e o poeta Theophilo Dias, filhos e genro do conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

(3) Appareceu em maio e era redigida pelo conego João Evangelista Braga, hoje vigario de Mogy Mirim.

(4) Orgam da *Federação Catholica de S. Paulo* Tinha por divisa: *Pro ecclesia et patria agere et pat*

449 *Piratininga*, (1) 1849.
450 *Palestra Litteraria*, (2) 1849.
451 *Paulista Centralisador*, 1849.
452 *Pernilongo*, 1849.
453 *Precursor*, 1849.
454 *Progresso*, 1849.
455 *Pharol Constitucional*, 1844.
456 *Paranapiacaba*, 1853.
457 *Publicador Paulistano*, 1858.
458 *Quinze de Novembro*, 1889.
459 *Quinzena Paulista*, (3) 1889.
460 *Rio Grande*, (novembro) 1892.
461 *Revista da Instrucção*, 1891.
462 *Revista Musica*, 1886.

(1) Periodico politico e litterario, redigido pelo dr. Antonio Joaquim Ribas, que tambem foi redactor do *Constitucional* e da *Imprensa Academica*. Ribas, nascido no Rio de Janeiro a 28 de abril de 1820, fez o curso de Direito na Faculdade de S. Paulo, de que foi lente, regendo diversas cadeiras. Foi deputado provincial e desempenhou diversas commissões do governo. Escreveu muitas obras litterarias e juridicas, sendo as mais notaveis o *Direito administrativo brasileiro*, o *Curso de direito civil brasileiro*, a *Consolidaçao das leis do processo civil*, *Da posse e das acções possesorias* e a *Historia dos paulistas*.

(2) Devia seguir-se aqui a *Palestra Academica*, revista de litteratura e sciencias, sob a direcção de Candido Leitão, Leoncio de Carvalho e Didimo da Veiga. Candido Leitão foi deputado geral e morreu moço, Leoncio de Carvalho foi deputado e ministro do imperio e é hoje lente da Academia de Direito e Didimo da Veiga é advogado de certa reputação.

(3) Proprietarios e redactores, Emiliano Pernetta e Pacheco Netto; escriptorio, rua José Bonifacio n. 43. Nesta revista collaboraram Wenceslau de Queiroz, Ricardo Azamor, Mario Pederneiras e outros rapazes do tempo.

463 *Religião Christã*, 1886.
464 *Revista Academica*, (1.º outubro) 1885.
465 *Religião da Humanidade*, 1882.
466 *Revista*, (28 janeiro) 1882.
267 *Revista Litteraria*, (1) 1895·
468 *Revista de Horticultura*, (2) 1880
469 *Revista Util*, (3) 1892.

---

(1) Semanario, cujo primeiro numero, publicado em 1.º de janeiro, traz artigos em prosa e verso, firmados por Furtado Filho, Zalina Rolim, Candido de Carvalho, Julio Cesar da Silva e outros. Eram seus directores e redactores. Maximo Pinheiro Lima e Amadeu Amaral.

(2) Era proprietario e redactor o distincto horticultor e botanico Frederico de Albuquerque. Era continuação da mesma folha publicada no Rio de Janeiro. (M. Azevedo).

(3) Revista de observações praticas e scientificas pelo dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, autor de diversos trabalhos, taes como o *Manual da Instrucção Civica*, *Homens e ideias no Brasil*, *Os Herdeiros de Caramurú* (romance), *Influence de l' esclavage e de la libmté*, *O Sul de S. Paulo*, etc. Noticiando o apparecimento do volume III da *evista Util*, disse o *Jornal do Comercio*, do Rio:

«O sr. dr. Jaguaribe, que tantas provas tem dado de seu interesse pelo paiz e publicado diversos e importantes trabalhos, fez imprimir o terceiro volume da *Revista Util* que, como bem diz o titulo do primeiro artigo deve ser lida por todos, que nella encontrarão grande copia de informações, sobre assumptos da maior relevancia para o Brazil.»

E o *Commercio de S. Paulo*:

«Recebemos o terceiro volume da *Revista Util*, correspondente ao terceiro anno de sua existencia.

Esta brochura de 108 paginas, além do apendice bibliographico, é mais uma prova eloquente do extremado amor e alta competencia com que o dr. Jaguaribe, seu

470 *Revista da Sôciedade Philomatica*, (1) 1833.
471 *Pevista do Ensaio Philosophico Paulistano*, (2) 1851.
472 *Revista Dramatica*, 1860.
473 *Revista da Academia de S. Paulo*, (3) 1895.
474 *Revista Juridica*, (4) 1860.

---

autor, encara o mais importante ramo da actividade nacional nas suas diversas e complexas ramificações.

A nossa agricultura e industria pastoril merecem bem, antes de muitas outras cousas menos uteis e de vantagens hypotheticas, as locubrações dos homens preparados e estudiosos como o autor do folheto que temos em nossa frente.

Agradecemos o exemplar que nos enviou.

(1) Appareceu em julho, sendo redigida por Carlos Carneiro de Campos, depois lente de Direito da Academia de S. Paulo, senador do Imperio e visconde de Caravellas, José Ignacio Silveira da Motta, lente e senador, e Francisco Bernardino Ribeiro. Nella escreveu tambem o dr. Antonio Augusto de Queiroga, bom poeta, natural de Minas Geraes.

(2) Penso que foi fundada em 1851, o que combina com a sexta serie ser do anno de 1856 (antigamente muitas publicações contavam os annos por series, volumes, etc.) Um colleccionador fluminense, o conselheiro Miguel Archanjo Galvão, pensa que esta revista começou em 1850, com o nome de *Revista Litteraria*, jornal do *Ensaio Philosophico Paulistano*, pois com este titulo elle possue um numero de 1851. (Joao de Oliveira.)

(3) Jornal scientifico juridico e historico, impresso na typographia *Dous de Dezembro*, de Antonio Louzada Antunes, rua das Flores n. 35. Foi fundado e redigido pelo Dr. Joaquim Augusto de Camargo e general José Vieira Couto de Magalhães, então academicos. Sahiram quatro numeros sómente, em abril e maio, formando um volume de 318 paginas.

(4) Revista de doutrina, jurisprudencia e bibliographia, publicada sob a direcção de José da Silva

475 *Revista da Associação Recreio Dramatico*, 1861.
476 *Revista da Associação Recreio Instructivo*, 1861.
477 *Revista Mensal do Instituto Scientifico*, 1862.
478 *Revista do Club Academico*, 1863.
479 *Revista da Associação Tributo ás Lettras*, 1863.
480 *Revista do Club Scientifico*, 1866.
481 *Revista do Instituto Polytechnico*, (1) 1876.
482 *Revista Nacional de Sciencias, Artes e Lettras* (2) 1877
483 *Revista de Sciencia e Lettras*, (3) 1880.
484 *Revista da Fraternidade Litteraria*, 1878.
485 *Revista Republicana*, (4) 1885.

Costa, estudante do 5.º anno da Faculdade de Direito e presidente effectivo do Atheneu Paulistano, hoje advogado notavel no Rio de Janeiro, e de José Carlos Rodrigues, estudante do 3.º anno e hoje redactor-chefe do *Jornal do Commercio*. Tinha por epigraphe a phrase de Ulpiano: *Justitiam nangue estimus*. Tambem nella escreveram Duarte de Azevedo, Antonio Joaquim Ribas, Ernesto Ferreira França e Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes, todos homens de muito talento e de solida instrucção.

(1) Appareceram sómente dois folhetos com 142 paginas. Era redigida pelo engenheiro Elias Fausto Pacheco Jordão e impressa na typographia de Jorge Seckler, a rua Dirieta n. 15.

(2) Publicou em S. Paulo e Santos, sob a redacção dos drs. Antonio Carlos de Andrada e Herculano Marcos Inglez de Souza. Os primeiros numeros foram impressos em Santos e durou só um anno. Sahiam fasciculos mensaes de 60 paginas.

(3) Revista mensal de que foram redactores Raymundo Corrêa, depois director da secretaria da Fazenda do Estado de Minas, Alexandre Coelho, depois advogado em Mogy-mirim e deputado estadoal, Randolpho Fabrino depois juiz substituto em Minas Geraes e Augusto de Lima, depois juiz de direito de Ouro Preto, tod então estudantes da Faculdade de Direito de S. Paul

(4) Appareceu a 5 de agosto e durou até 18[illegible] sendo seu redactor João Ribeiro Junior.

486 *Revista do Gremio Ensaios Litterarios*, 1882.
487 *Revista dos Novos*, (1) 1886.
488 *Revista da Academia Litteraria*, 1863.
489 *Revista Musical*, (2) 1888.
490 *Revista Democratica*, 1888.
491 *Revista Paulista-Fluminense*, 1889.
492 *Revista das Modas*, 1892.
493 *Revista Moderna*, (3) 1885.
494 *Revista de Jurisprudencia*, (4) 1892.

---

(1) Publicação mensal dirigida por José Feliciano. Sahiram apenas quatro numeros, a duas columnas, formando um volume de 64 paginas. Além do director, nella escreveram Arthur Breves, Hypolito de Medeiros, Wenceslau de Queiroz, Fabio Oliva, Henrique Lascasas, Carlos de Escobar, João Aranha e J. da Silveira.

(2) Director e proprietario, Lucio da Silva Gonçalves. Sahiram apenas quatro numeros, sendo o primeiro de 18 de setembro.

(3) Revista litteraria, critica, scientifica, pedagogico e noticiosa, a oito paginas, de que foram publicados sómente tres numeros, sendo o primeiro de 10 de setembro. Collaboraram nella os drs. Hypolito de Camargo, Ernesto Goulart e Bernardo de Campos. Francisco Gaspar, João Machado, Albuquerque Pinheiro, Magalhães Sobrinho, M. Carneiro, Julio Cesar da Silva, Solano de Abreu, Amadeu Amaral, Tavares de Lacerda, René Barreto e Alfonso Garcia, e foi um dos seus redactores o professor Arthur Goulart. Estampou retratos, em phototypia, dos drs. Hypolito de Camargo, Cesario Motta e Gabriel Prestes.

(4) Orgam do *Instituto dos Advogados de S. Paulo*. Redactores, drs. José Maria Corrêa de Sá Benevides, Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, João Pereira [illegible] Monteiro, Paulo Egydio de Oliveira Carvalho e [illegible]icente Ferreira da Silva. O fasciculo n 1 é de 15 de [illegible]neiro.

495 *Revista da Faculdade de Direito*, (1) 1893.
496 *Revista das Missões Nacionaes*, 1887.
497 *Razão*, (2) 1862.
498 *Radical Paulista*, 1890.
499 *Radical Paulistano*, (3) 1869.

(1) Publicação official da Faculdade de Direito. Commissão de redacção, drs. Brasilio Machado, presidente; João Mendes Junior, Anreliano Coutinho, Manoel P. Villaboim e Alfredo M. de Barros Oliveira Lima. O primeiro fasciculo (S. Paulo, typographia da *Companhia Industrial*, 1893, 203 pags.) insere o seu programma:

«Em sua sessão de 26 de abril do corrente anno, deliberou a Congregação dos lentes da Faculdade de Direito de S. Paulo iniciar a publicação de sua revista official, nos termos do art. 175 do decreto n: 1.159, de 3 de dezembro de 1892, que approvou o codigo das disposições communs ás instituições de ensino superior. Cada numero da revista será publicado annualmente e tem, na lei organica das escolas do ensino superior, traçado o seu programma: «Publicar as memorias originaes acerca de assumptos concernentes ás materias ensinadas no estabelecimento, e dar um summario das decisões da Congregação, que a juizo do director possam ser publicadas.»

Os volumes de 1894 e 1895 contem escriptos dos drs. Pedro Lessa, Amancio de Carvalho, João Monteiro Aureliano Coutinho, Pinto Ferraz e outros.

(2) Eram redactores da *Razão*, Campos Salles, Quirino dos Santos, Jorge de Miranda e Belfort Duarte, então estudantes em S. Paulo.

(3) *O Radical Paulistano*, era redigido por Luiz Gama, Ruy Barboza, os irmãos Pamplona de Menezes, Martim Cabral e alguns outros brillantes talentos da Academia de S. Paulo em 1869. Era radical em opposição ao *Ypiranga*, que era liberal, e descompunha Zacarias, Nabuco, Octaviano e outros corypheus do *Club da Reforma*, do Rio. Orgam do *Club Radical Paulistano*, publicava-se uma vez por semana e professava a doutrina liberal em toda a sua plenitude. Imprimia-se na typographia do *Correio Paulistano*.

500 *Rebate*, (1.º maio) 1874.
501 *Rebate*, (1) (16 julho) 1888.
502 *Rebate*, 1893.
503 *Republica*, (2) (19 maio) 1876.

---

(1) Publicava-se semanalmente e depois em dias iudeterminados. Seu redactor era Julio Ribeiro, o conhecido philologo e distincto escriptor mineiro, fallecido em Santos a 1.º de novembro de 1890. Não trazia nome do redactor, indicava apenas que a correspondencia deveria ser dirigida à *J. M. Vaughan*, que parece ser o nome do pae de Julio Ribeiro, o norte-americano *Jorge Washington Vaughan*.

Os ultimos numeros do *Rebate*, vêm com a declaração de ser seu editor João da Cruz Soares. Esses numeros não foram escriptos pelo valente jornalista da *Procellaria*. O *Rebate* defendia calurosamente os principios republicanos.

(2) A *Republica* era um dos melhores jornaes academicos, e teve como redactores e collaboradores os principaes vultos da geração Moderna que frequentavam a Academia, e foram Affonso Celso Junior, Assis Brasil, Julio de Castilhos, Valentim Magalhães, Antonio Mercado, Alcides Lima, Magalhães Castro e Silva Jardim. Durou alguns annos, surgindo ás vezes depois de longos intervallos.

Em 1869 foi redigida por Valentim Magalhães Assis Brasil, Magalhães Castro, Souza Brandão, Carvalho de Mendonça, Felicio dos Santos e Pelino Guedes. De uma correspondencia de S. Paulo para a *Revista do Rio de Janeiro* (1877), tiramos este trecho:

«A *Republica* é redigida e collaborada, *vox populi*, pelas intelligencias mais robustas da Academia: Lucio de Mendonça, Affonso Celso, Magalhães Castro, Pitta, Carvalho Junior, Prestes, Fontoura Xavier e outros.

O primeiro e o segundo numeros da *Republica* affrontam as iras da critica.

Além dos artigos politicos traçados por pennas habilmente aparadas e de um artigo litterario sobre questões de arte, de Laurindo Pitta, occulto no pseu-

donymo de *Cesar Doria*, trazem bellissimos versos e uma *chronica patusca*, assignada por um tal *Zé Academico*, que é, na realidade, patusca.

Zé Academico algumas vezes rima a pilheria; a proposito da fundação *Circulo Catholico*, sob a protecção dos corações de Maria e de Jesus, arremesou-lhe esta:

Collocaram o *circulo debaixo*
da protecção dos sacros corações
de Maria e Jesus,
talvez p'ra receber (é o que eu acho)
a graça do Senhor em injecções,
em hysteres de luz!

Já tivemos occasião de apertar particularmente a mão aos redactores da *Republica*, por isso deixamos de fazel-o agora, com o testemunho do publico.»

A respeito de Assis Brasil, diz o *Jornal do Commercio*, do Rio, em março de 1895:

«O sr. Assis Brasil, nomeado ministro do Brasil em Portugal, é um dos brasileiros que mais se têm distinguido na nova phase politica que atravessa o paiz.

Nasceu em 1857 na cidade de S. Gabriel, no Rio Grande do Sul, provincia onde fez seus estudos preparatorios. Em 1878 matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, recebendo cinco annos mais tarde o gráu de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Sua vida academica foi das mais notaveis em seu tempo. Estudante sisudo, retrahido, consagrava o tempo restante dos seus estudos escolares a propaganda dos principios republicanos. Redigiu a *Evolução* e escreveu dous livros interessantes, a *Historia da Republica Rio Grandense* e a *Republica Federal*, que teve grande vulgarisação.

Voltando ao Rio Grande conseguiu ser eleito o primeiro deputado provincial republicano, em uma assembléa, onde teve de sustentar discussões notaveis com homens do valor intellectual do sr. Silveira Martins. Por seu prestigio entre os correligionarios-politicos, foi eleito representante do partido republicano rio-grandense no Congresso que em abril de 1889 reuniu em S. Paulo.

504 *Reacção*, (1) 1877.

Proclamada a Republica, foi pouco tempo depois nomeado nosso ministro em Buenos Aires e mais tarde eleito deputado á Constituinte, onde ficou memoravel sua declaração de voto em favor do sr. Prudente de Moraes para chefe do Estado, contra o marechal Deodoro, de quem era elle amigo pessoal. Nesse documento o sr. Assis Brasil vaticinara, que o marechal «seria funesto á Republica». Para combater o golpe de Estado e tambem o governo do sr. Julio de Castilho, de quem é cunhado, o dr. Assis Brasil tomou parte activa na revolução levantada a 9 de novembro de 1891 no Rio Grande do Sul. Com a victoria desse movimento coube-lhe um logar na Junta Guvernativa do Estado, que mais tarde deixou para que o poder fosse concentrado nas mãos do general Barreto Leite. Foi então de novo para Buenos-Aires como ministro, publicando, ha dous annos, o seu livro *Democracia Representativa*, que foi traduzido em hespanhol. O governo passado nomeára-o ministro na China; sendo extincta a Missão Especial junto ao Celeste Imperio, ficou o sr. Assis Brasil em disponibilidade, aproveitando sua estada na Europa, onde ainda se achava, para percorrer, em passeio, varios paizes do velho mundo. S. Ex. está agora na França, donde partirá, em breve para Lisboa.»

(1) Orgam do *Circulo dos Estudantes Catholicos*. Da *Reacção* diz Sá Vianna, *Esboços Criticos*, 1879. «Este jornal academico, mais que todos os outros, merece as saudações sinceras de quem com imparcialidade falla a seu respeito. Advogando uma ideia santa para nós, embora loucamente taxada de *ideia negra*, a *Reacção* foi o verdadeiro jornal de propaganda. Com desinteresse extremo, sem outra inspiração que a de levar a toda a parte, por meio da imprensa, as doutrinas da religião catholica, seus redactores apresentaram se como defensores decisivos das ideias, que actualmente encontram, em cada superficial um inimigo rrimo.» Foram seus redactores, Briano Dauntre, Fi-o Bastos, José Vicente, Rafael Corrêa, padre Valois Castro, Leão Bourroul e outros.

505 *Reverbero*, 1881.
506 *Revue Francaise*, 1887.
507 *Republica Mineira*, (1) 1888.
508 *Republica das Lettras*, (2) 1876.
509 *Resistencia*, (3) 1888.

---

(1) Appareceu em julho. Publicava-se quinzenalmente e pouco durou. Eram seu redactores, Delfim Moreira, Estevam Lobo, José Lobo, Randolpho Chagas, Loreto de Abreu e Valerio Rezende.

(2) Noticiando o seu apparecimento, diz a *Provincia* de 2 de abril de 1876:

«*A Republica das Lettras.*—Sob este titulo sahe hoje á luz nesta capital o 1.º numero de um periodico litterario, publicação feita em cadernos de 16 paginas e que sem duvida possue elementos de prospera carreira, e os desenvolverá se lograr da indifferença publica a ventura de um parenthesis Em algumas linhas dirigidas aos leitores, vêm as seguintes palavras, que determinam as condições e natureza do jornal: «Isto é uma tentativa; do publico depende que venha a ser uma empreza regular, capaz de prestar ás lettras os serviços que podem esperar de trabalhadores modestos mas laboriosos e de boa vontade. Tudo fiamos do nosso esforço, da intelligente collaboração que esperamos e principalmente da benevolencia publica. Favoreça-nos esta, e muito poderemos conseguir, que ella—como aquelle rei da fabula—converta em ouro tudo aquillo que toca.» Eis o summario dos artigos que traz este primeiro numero: *Duas palavras*, artigo da redacção; *Carta*, de Americo de Campos; *Mulheres! Mulheres!* poesia; *Flôr de Coure*, romance por Lucio de Mendonça; *Aos annos de Amelia*, poesia de Guilherme Braga; *Aquella mulher ..* poesia de Gaspar da Silva; *Juramento*, imitação de Campoamor, por Gaspar da Silva; *Soneto*, por João Penha; *Expediente*.

Parece-nos que apenas sahiram 7 ou 8 numeros.

(3) Com relação á *Resistencia*, diz-me o sr. Amaury Fonseca:

«Obscuro operario da imprensa, collaborei como

510 *Recreio*, (1) 1881.
511 *Recreio*, 1884.
512 *Recreio*, (novembro) 1894.
513 *Romanceiro*, 1885.

---

aprendiz na *Gazeta do Povo*, ao lado do valente Muniz de Souza, ao mesmo tempo que coadjuvava os bravos rapazes da *Revista Democratica*, onde ensaiei tambem, e pelo desejo de ter um jornal só meu, isto é, feito á minha vontade, fundei *A Resistencia*, da qual fui a *cabeça*, sendo o intelligente Affonso Celso Garcia da Luz a *alma* e os demais collaboradores o *corpo*. Mas *A Resistencia* não resistiu os vendavaes financeiros, e no quarto numero sossobrou, deixando todavia a tenue lembrança de sua passagem, pois com prazer, vi seu nome na resenha historica da imprensa paulista. Por mais insignificante que queiram julgar *A Resistencia*, não lhe poderão negar audacia.»

(1) Relativamento ao *Recreio* e outros jornaes republicanos, escreve-me o sr. Ricardo Azamor:

«Com a devida venia aqui vou reunir-me a quantos têm procurado auxiliar o vosso louvavel *desideratum* relativo á historia da imprensa paulista. Duas informações apenas. A primeira, referente aos jornaes de propaganda republicana, redigidos pelo nosso correligionario Francisco Gaspar (autor do ultimo pamphleto republicano publicado nesta capital em regimem monarchico), actualmente funccionario publico em exercicio na Camara Municipal *(a)*. São os seguintes:

—*Recreio* (1881), que suspendeu a publicação depois de seis mezes de existencia, tendo reapparecido

---

(a) Este pamphleto, intitulado *A Conspiração*, por A. Sparg foi impresso na typographia do *Livro Azul*, em Campinas, em 1889, com quanto não traga estas indicações. No rosto da capa, abaixo de um barrete phrygio, vêm estes pensamentos:

«A liberdade não é sómente o effeito de um engrandecimento politico; é sobretudo o resultado de um engrandecimento moral.— S. Smiles.»

»Ide avançando sempre e a fé vos virá alentar.—D'Alembert.»

Contêm 15 paginas, *in*-8.º

514 *Roma*, (11 junho) 1882.

mais tarde, em 1883. Da redacção desse jornal fez parte o fallecido Joaquim Mariano de Azevedo Marques.

— O *Oitenta e Nove* (1884), redigido em companhia de Antonio Guery e Arthur Carlos. *(b)*

— O *Brasileiro*, redigido juntamente com o actual director da escola normal Diamantina (Minas), bacharel Francisco Brant, então estudante de Direite (1885).

A outra informação que vos pretendo prestar é nada menos que um acto de justiça que espero não me seja negado. E' o caso que entre os nomes de quantos redigiram jornaes republicanos nesta capital, nomes que tendes por diversas vezes citado, ainda não encontrei o meu, que' supponho, foi involuntariamente omittido. Em vista disso lembro-vos que, com a maior dedicação e vivo interesse, fiz parte dos seguintes orgams da imprensa republicana:

Diario do Commercio, quando sob a direcção do actual lente de direito da nossa Faculdade, dr. João Pedro da Veiga Filho.

—*Jornal da Tarde*, durante todo o tempo em que foi esse jornal redigido por Alberto Souza.

—*F. F. e R. R.* redigido pelo dr. Marcos Dolzani (actual promotor publico em Rio Claro) e Anselmo de Carvalho.

Cidade de S. Paulo, quando sob a direcção do falecido José Felizardo Junior.

—*Mercantil* (2.ª época), sob a direcção dos drs. João de Araujo, Felippe Gonçalves e Adolfo Araujo.

—*Diario da Tarde*, pseudonymo com que a actual *Platea* (1893 1894) atravessou a peior crise de sua existencia.

Prestando vos esta ultima informação, acreditai que o faço, não por simples e tôla vaidade, mas sim por verdadeiro acto de justiça, de que me julgo crêdor.»

(b) *O Oitenta e Nove* não foi redigido por Francisco Gaspar, mas sim o *Noventa e Tres*, que devia vir mencionado neste logar.

515 *Raio*, (1) 1858.
516 *Revolução*, (20 marco) 1887.
517 *Revue de Saint-Paul*, 1887.
518 *Redempção*, (2) 1887.
519 *Riachuelo*. 1890.
520 *Renascença*. 1875.
521 *Revista Popular*, 1859.
522 *Revista Academica*, (3) 1882.
523 *Revista Litteraria*, (4) 1887.

Francisco Gaspar redigiu tambem o hebdomadario *Imprensa Artistica*, impresso nas officinas de J. Seckler & C.; cujo ultimo numero foi confiscado por estes senhores á vista de um artigo revolucionario que Gaspar escrevêra contra a monarchia bragantina. Este talentoso republicano publicou igualmente, em 1882, um opusculo *A Memoria de Tiradentes*, no anniversario da morte do grande martyr.

(1) Sobre este jornal, escreve-me o dr. Antonio Piza: «Em 1858, Martim Francisco e outros liberaes redigiam *O Raio*, jornal tão violento contra os conservadores quanto *O Azorrague*, de Pedro Taques, o era contra os liberaes. Não posso determinar as datas do apparecimento e morte deste jornal.»

(2) *A Redempção*, famosa clava do combate contra o esclavagismo, appareceu a 2 de janeiro de 1887, e deixou de existir no anno seguinte, logo após a aurea lei de 13 de maio. Foi redigida pelo dr. Antonio Bento de Souza e Castro, com o auxilio de diversos abolicionistas, e tem continuado a apparecer uma vez por anno para commemorar a data gloriosa da libertação total dos escravos do Brazil.

(3) Publicação mensal, iniciada em 25 de maio, da qual eram redactores os academicos Ribeiro Penna, Alcantara Leinos, Oscar de Macedo Soares e Pedro Valeriano. Era impresso na typographia do *Correio Paulistano*.

(4) Publicação quinzenal, redigida por Horacio Sabino, Rangel de Freitas, Azarias de Azevedo e P. Albunaiuba.

524 *Revista Mensal Paulistana*, 1853.
525 *Revista Paulistana*, 1857.
526 *Religião em S. Paulo*, 1864.
527 *Radical Academico*, 1869.
528 *Revista do Ensaio Litterario*, 1871.
529 *Revista Academica*, (outubro) 1892.
530 *Revista Pharmaceutica*, (1) 1895.
531 *Revista Agricola*, (2) 1895.
532 *Revista Mensal das Decisões do Tribunal de Justiça*, (3) 1895.
533 *Reporter*, (4) 1895.

---

(1) Orgam da *Sociedade Pharmaceutica*, redigido por Ignacio Puigari e Rodrigues de Andrade.

(2) Sob o titulo *Revista Agricola*, lê-se no *Commercio de S. Paulo*, de 1.º de junho de 1895:

«Acaba de apparecer esta utilissima publicação, que se destina á propaganda da industria pastoril e agricola E' orgam da Sociedade Pastoril e Agricola, desta capital, e está redigida pelos drs. Pereira Barretto, Carlo Botelho e Domingos Jaguaribe.

Servindo a uma causa como essa e com a direcção competentissima que tem, a nova *Revista* ha de por certo abrir caminho entre os fazendeiros, que serão influenciados pelas doutrinas sustentadas para despertal-os no dever e pelos estudos daquelles que se dedicam ao desenvolvimento da industria pastoril e agricola.»

(3) Publicação mensal, encetada em julho pelo dr. José Machado Pinheiro Lima, ministro do Tribunal de Justiça.

(4) Jornal da tarde, cujo primeiro numero appareceu a 12 de novembro, e a respeito escreveu o *Diario Popular*.

«*O Reporter*.—Foi destribuido o primeiro numero deste novo collega da tarde, dirigido pelo estimavel moço sr. Juvenal Pacheco que revelou durante o tempo que trabalhou como reporter no *Estado de S. Paulo* uma verdadeira vocação para a imprensa.

534 *Revista Postal*, (1) 1895.
535 *Republicano*, (novembro) 1895.
536 *Revista do Instituto Historico*, (2) 1895.

O Reporter vem variado de collaboração. Eis o programma:

«Contar o que se passa, reproduzir a impressão do dia no espirito publico, denunciar o abuso, lembrar o remedio, louvar a acção meritoria.»

João Vieira de Almeida, o provecto professor e emerito jornalista, foi por assim dizer redactor effectivo, a maior parte do tempo que durou o jornal. Não tinha côr politica e desappareceu depois de poucos mezes, deixando seu proprietario a capital e indo residir em Santos, onde continuou a trabalhar na imprensa.

(1) E' de 15 de novembro o primeiro numero deste periodico, redigido por Carlos Fernandes, Mario Tavares e João B. Carneiro.

(2) *O Municipio*, de dezembro, assim noticiou o apparecimento da *Revista:*

«Appareceu o volume I da *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.*

Consta o summario dos seguintes trabalhos:—A denominação *Serra da Mantiqueira*, pelo dr. Orville A. Derby; *Origens republicanas do Brasil*, pelo dr. Domingos Jaguaribe; *Discurso* do dr. João Monteiro, lido na sessão do dia 4 de julho de 1895, em homenagem á independencia dos Estados Unidos; Acta das sessões até a decima terceira

—A publicação do dr. Orville A. Derby, tem o grande merecimento scientifico que o estudo, a observação e o exacto conhecimento da geologia e da orographia tanto renome deram ao incansavel profissional que está prestando verdadeiros serviços ao Estado paulista e a todo o Brasil.

—As *Origens republicanas*, constituem uma das paginas do livro de historia da formação das ideias poli-

537 *Revista Medica*, (1) 1889.

ticas em nosso paiz, escripto pelo nosso distincto e illustrado director dr. Domingos Jaguaribe.

Esta obra de investigação historica e de exegese politica ha de produzir um movimento, por parte da critica, assim que surja á publicidade.

Neste excerpto dado á *Revista do Instituto*, vêm a descripcão e os commentarios ás insurreições no Brasil emquanto colonia, e depois renovadas neste seculo até as phases posteriores á proclamação da independencia.

Com documentos authenticos, logica, vigor de argumentação e methodo, o illustre escriptor reinvindica para a geração passada a gloria de proclamar a Republica em nosso paiz.

—O discurso do dr. João Monteiro sobre a data commemorativa da independencia norte-americana é como todas as producções da cultissima intelligencia do abalisado lente da Faculdade de S. Paulo.

Republica e Direito, taes foram os pontos culminantes em que pairou a disertação eloquente, erudita e sufficientemente desenvolvida com que o notavel orador representou o Instituto Historico, nesta solemne sessão.

Ha muito que aprender neste valioso discurso do dr. João Monteiro, tanto sob o ponto de vista historico, litterario, juridico-social, como admiravel pelo esplendor da fórma aprimoradissima.

Agradecemos a remessa da *Revista do Instituto Historico* e á sua directoria testemunhamos nossos sinceros votos de animação.»

(1) Foi fundada pelo dr. A. C. de Miranda Azevedo, que era o redactor-chefe. Eram seus companheiros de redacção o drs. F. Tibiriçá e Mello Oliveira. Sahia nos dias 15 de cada mez em folhetos de 32 paginas, e recebia a collaboração de todos os medicos. Dahi nascêra a primeira Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo. O 1.º numero foi publicado 15 de maio de 1889 e o ultimo a 15 de feverei de 1890.

538 *Setta*, (abril) 1895.
539 *Soberania do Povo*, (dezembro) 1889.
540 *Situação*, (novembro) 1885.
541 *Santelmo*, 1889.
542 *Schiavi Bianchi*, (junho) 1892.
543 *Semaninha*, (1) 1891.

Cessou a publicação logo que a Sociedade de Medicina determinou apenas publicar *Boletins* de seus trabalhos, de que apenas imprimiu-se o primeiro.

(1) O sr. Alfredo de Toledo dirigiu-me a seguinte missiva, publicada no *Diario Popular:*

«Lendo no *Diario Popular* a declaração que fizestes de que de bom grado receberieis qualquer rectificação ao trabalho que sob a epigraphe *Imprensa Paulista*, déstes á estampa na referida folha, tomo a liberdade de vos lembrar que em 1891 foram publicados por mim e Cantidio Bretas dois ou tres numeros d'*A Semaninha*, pequeno jornal Academico, de que foi editor Oscar Monteiro, com officinas typographicas á rua do Gazometro, no Braz.

Sei tambem que em 1887 se publicava em S. Paulo *O Discipulo*, podendo accrescentar que o 8.º numero desse orgam do *Club Galvão Bueno*, viu a luz em 26 de abril desse anno.

Além desses dois jornaes, cuja existencia, na épocha determinada, eu posso garantir, parece-me poder ainda affirmar, si as reminiscencias me não illudem, que no alludido anno de 1887 o fallecido bacharel Jarbas Tupinambá de Mattos Guarianas, então preparatoriano redigia o *Tentamen*. O dr. Izidoro José Ribeiro Campos, actualmente delegado de policia em Santos, mantinha, por esse tempo, relações com Jarbas, pelo que está apto a vos certificar da existencia desse jornal, e acredito mesmo que o dr. Eduardo Chaves o possa nbem fazer, pois, tenho vagas lembranças de que redacção do *Tentamen* foi offerecido um exemplar " *Fagulhas*.

544 *Sol dos Fenianos*, 1893.
545 *Saquarêma*, (1) 1848.
546 *Sensitiva*, 1875.
547 *Sentinella*, (2) 1876.
548 *Sentinella*, (7 abril) 1880.
549 *Sentinella da Monarchia*, (3) 1889.
550 *Sertanejo*, (dezembro) 1885.
551 *Sentinella da Monarchia*, 1841.
552 *S. Paulo Sportivo*, 1894.
553 *Solitario*, (4) 1840.

Ainda em 1887 e com o titulo de *Tiradentes*, foi a 24 de abril publicado um jornalzinho pelo *Club Republicano Tiradentes*, fundado no *Collegio Moretz-Sohn* e do qual fui um dos redactores.»

(1) Sobre este jornal, escreve-me o dr. Antonio Piza: «Em 1849 publicou-se em S. Paulo *O Saquarema*, que devia ter sido orgam do partido conservador. Não sei quando appareceu, quando morreu, nem quem era o seu redactor. Tenho um supplemento do jornal, que nada esclarece a respeito.

(2) A 22 de abril de 1876 appareceu a *Sentinella*, sustentando o programma de uma politica subordinada aos principios catholicos, que fôra o da *Opinião Conservadora*, que se publicou de 1869 até 1872. A *Sentinella* deixou de existir a 31 de março de 1879. O seu redactor era o distincto escriptor e provecto advogado dr. João Mendes de Almeida, que redigiu a *Opinião Conservadora*, *A Lei*, o *Partido Conservador* e a *Sentinella da Monarchia*, e collaborou na *Ordem*, orgam do clero de S. Paulo (1872-1876).

(3) Orgam conservador e catholico, fundado e redigido pelo dr. João Mendes de Almeida. Desappareceu com a proclamação da Republica, em 15 de novembro do mesmo anno.

(4) De 2 de maio a 29 de setembro, *O Solitario* foi redigido por Antonio Manoel de Campos Mello. Esta folha, escripta em linguagem fogosa, combatia especialmente o então presidente de S. Paulo Manoel Machado Nunes.

554 *Sete de Setembro*, 1865.
555 *Seis de Junho*, 1884.
556 *Sportman*, (23 setembro) 189[illegible].
557 *Situação*, 1863.
558 *Sete de Setembro*, 1883.
559 *Sete de Abril*, (1) 1865.
560 *S. Paulo Andaluzia*, (março) 1885.
561 *Sul*, (junho) 1890.
562 *Sfida*, 1891.
563 *Symbolismo*, (10 janeiro) 1892.
564 *Secolo*, (14 maio) 1894.
565 *Seguros de Vida*, 1894.
566 *S. Paulo Historico*, (2) 1895.

---

(1) Redigida pelo dr. Carlos Honorio Benedicto Ottoni,

(2) Revista quinzenal, a respeito da qual lemos no *Correio Paulistano*, de 20 de abril de 1895:

«Recebemos o primeiro fasciculo de uma revista quinzenal que appareceu nesta capital sob o titulo *S. Paulo Historico*, do qual é director e proprietario o dr. Estevam Leão Bourroul.

Destinada a fazer a luz sobre o passado deste Estado tão rico de tradições honrosas, a revista do dr. Bourroul vem certamente prestar um bom serviço aos estudiosos, dando ensejo aos investigadores das nossas cousas de exhibirem o fructo das suas lucubrações e estudos.

O primeiro numero, como panno de amostra, não é máu; traz o programma e diversos artigos de valor para a nossa historia, entre os quaes destacaremos *A Anselmada*, do director da revista, *Amador Bueno da Ribeira*, pelo dr. Martim Francisco Filho; *Papeis velhos*, *A archeologia paulista*, por Alberto Löfgren e a *Raça caipira*, pelo dr. J. Floriano de Godoy.

O *S. Paulo Historico* é evidentemente uma publicação util, que está destinada a prestar serviços tão valiosos como os que já presta a que sob o titulo *Do-*

567 *Tres Municipios*, 1885.
568 *Tesoura*, 1887.
569 *Tymbira*, (1) 1860.
570 *Trabalhos Litterarios*, (2) 1860.
571 *Tribunal Liberal*, 1867.
572 *Tribunal Liberal*, (3) 1876.
573 *Tribunal Liberal*, (4) 1877.
574 *Tribuna Italiana*, (5) (23 fevereiro) 1893.

---

cumentos interessantes, vai sendo feita officialmente pelo director de Secção do Archivo e da Repartição de Estatistica do Estado.»

O dr. Bourroul não proseguiu e a revista morreu com o primeiro numero.

(1) O *Tymbira* era um jornal politico, litterario e noticioso. Começou a sua publicação em 1859, sendo seus redactores Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes, Henrique Limpo de Abreu, José Luiz Monteiro de Souza, J. Roquette Carneiro de Mendonça, A. V. Pinto Coelho e J. C. de Paiva Tavares. Em 1861 passou a ser redigido por Francisco Rangel Pestana e Florencio Carlos de Abreu e Silva, que foi mais tarde presidente de S. Paulo e senador do imperio.

(2) Orgam da associação *Amor á Sciencia*. Redactor, Assis Drumonel.

(3) Folha politica, litteraria e noticiosa, segunda deste nome. Redactor. dr. Bento Francisco de Paula Souza e gerente José Rodrigues de Barros.

(4) Terceira folha deste nome, começou a ser publicada em 1.º de janeiro de 1877, sendo seu director e principal redactor o dr. Herculano Marcos Inglez de Souza. Silva Jardim redigiu por algum tempo a parte litteraria.

(5) Semanario italiano. Em uma resenha da imprensa da capital, feita pelo *Correio Paulistano*, em janeiro de 1895, lê-se.

«Não possuimos presentemente os necessarios esclarecimentos sobre o pessoal da redacção e administração dessa folha.

575 *Torres-Homem*, (1) 1893.
576 *Tagarella*, 1890.
577 *Tagblatt*, 1893.
578 *Thabor*, (2) 1883.
579 *Trabalho*, 1876.
580 *Tebiriçá*, (3) 1842.
581 *Tribuna Academica*, 1871.
582 *Tribuna Academica*, 1885.
583 *Tribuno*, 1873.
584 *Tevere*, 1887.
585 *Tentamen*, (4) 1887.

E', como a *Fanfulla*, escripta em italiano e, como aquelle, muito attrahente para a colonia italiana, cujos interesses defende com calor.

Occupa se, ás vezes aggressivamente, com cousas do Brasil e deste Estado.

O numero de hontem, que temos ante os olhos, traz grande profussão de noticias européas, algumas locaes, e magnifico serviço telegraphico.»

E' hoje diario da tarde.

(1) Revista medica, publicada e redigida pelos drs. Teixeira Alvares, Oliveira Ferreira e Oliveira Botelho, durou muito pouco tempo.

(2) Folha religiosa, redigida pelo padre José Antonio de Almeida e Silva.

(3) Publicado em dias indeterminados, na typographia de Costa Silveira, e em 1842, na de Silva Sobral, rua nova de S. José, n. 41. Tinha por lemma este verso de Magalhães.

«O céo é de Tupá, a terra é nossa,
Nossos paes a regaram com seu sangue,
A' nós toca morrer para vingal-os.»

O n. 12 traz a representação que a Assembléa Provincial de S. Paulo dirigiu ao imperador contra a celelei de repressão de 3 de dezembro de 1841. O Joaquim Piza possue diversos numeros do *Tebi-*

Vide atraz nota sobre a *Semaninha*.

586 *Tiradentes*, (1) (21 abril) 1887.
587 *Telegrapho*, (7 de julho) 1884.
588 *Trabalho*, (agosto) 1884.
589 *Thiago Bonhome*, 1890.
590 *Tempo*, 1889.
591 *Turf Paulistano*, 1892.
592 *Tarde*, (2) 1895.

---

(1) Idem idem nota idem.

(2) Diario paulista, dirigido pelo subdito francez Rafael Gondry e tem por divisa o conhecido verso:

«... Elle varie
Fol est qui s'y fie.»

O seu programma vem na secção do expediente:

«Distraire les Paulistes d' esprit
leur plaire aujourd' hui
recommencer demain.»

Publica todos os dias artigos politicos, noticiosos, mundanos, litterarios, artisticos financeiros, sportivos, folhetins de sensação, etc.

Collaboração dos melhores escriptores e escriptoras parisienses e brasileiros e de um grupo de distinctas moças brasileiras. Correspondentes no Rio, em Lisboa, Madrid e Paris.

Assignaturas 22$000 por anno e 12$000 por semestre. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario d'*A Tarde*, caixa postal 382 ou 74 rua Conselheiro Chrispiniano. *A Tarde*, de janeiro em diante, sahirá do formato dos jornaes da tarde. Cada redactor é responsavel pelas suas opiniões politicas e litterarias—o nosso jornal é completamente independente; a imitação do *Figaro* e do *Matin* de Paris, todas as opiniões são representadas pelos nossos collaboradores; fazemos reclame ao seu talento e não a uma comunidade de principios.—A REDACÇÃO.»

Os resultados não corresponderam ás promessas e o jornal pouco durou.

593 *União*, (junho) 1883.
594 *União*, 1886.
595 *União Catholica*, (6 julho) 1850.
596 *União dos Circulos*, (1) 1856.
597 *Voz Paulistana*, (2) 1831.

(1) Era propriedade do barão de Tieté e redigido por Pedro Taques de Almeida Alvim.

(2) Redigido pelo dr. Francisco Bernardino Ribeiro, como o fôra o *Novo Farol Paulistano*, em 1833. Bernardino Ribeiro, filho de Francisco das Chagas Ribeiro e de Bernardina Rosa Ribeiro, nasceu a 12 de julho de 1814, no Rio de Janeiro. Feitos em sua cidade natal todos os preparatorios, matriculou-se em 1830 no curso juridico de S. Paulo, onde se bacherelou e a 1 de maio de 1835 defendeu theses para receber o grau de doutor.

Nesse estabelecimento litterario foi professor da cadeira de francez e lente substituto em 1835, Tomou parte no movimento revolucionario de 1831, e a *Voz Paulistana* foi a sua arena de combate. Em seus artigos politicos nesse jornal e em outros diz o dr. Moreira de Azevedo, grangeou nomeada pela dialectica de argumentação, pela deducção dos factos e força de raciocinio. Todavia não tornaram-n'o violento as lutas dos partidos; sua penna não tisnou com uma injuria a reputação de seus adversarios politicos. «A sua tolerancia era exemplar, diz o conego Januario, e tal a sua moralidade que nunca dos seus labios partiu um nome de que a decencia se offende-se.»

Fundou a sociedade litteraria *Philomatica*, e apezar de ter quasi todas as horas gastas em licões escolares, em defeza de pleitos que, como advogado, encarregavam lhe, na direcção de associações e na ardua tarefa da redacção dos periodicos, consumio os instantes do descanso na leitura dos poetas e cultivo da poesia.

No *Mosaico Poetico*, na *Minerva Brasiliense* e na *Revista Philomatica*, vêm insertos muitos trabalhos do illustre poeta.

A 16 de junho de 1837, no Rio, falleceu Francisco Bernardino Ribeiro, victimado por uma tuberculose.

598 *Voz do Povo*, (1) 1841.
599 *Voz do Povo*, (2) 1867.
600 *Violeta*, (3) 1848.
601 *Violeta*, (janeiro) 1880.
602 *Violeta*, 1887.
603 *Voluntario da Patria*, (4) 1889.
604 *Vanguarda*, 1867.

---

(1) Publicação indeterminada e de destribuição gratuita· era impressa na *Typographia Americana* e tinha por lemma: *Vox populi, vox Dei.*

(2) Sahia em dias indeterminados e custava 1$000 a serie de 12 numeros. Era impressa na typographia de Costa Silveira e cada numero trazia esta epigraphe:

> «On doit beaucoup exiger de celui, que se constitue auteur par un sujet de gain et d' interet; mais celui qui ne fait que remplir un devoir, on doit exempter des fautes et excuser des erreurs, qui pourra commettre — La Bruyère.»

O dr. Joaquim Piza, possue o n. 17, de 11 de outubro de 1841.

(3) E' de 11 de agosto o primeiro numero e 12° e ultimo de 23 de outubro. Era um periodico litterario, dedicado ás senhoras; cada exemplar tem o sub titulo *Dames et Fleurs* e era de formato pequeno, a duas columnas. Até o n. 4 foi impreso na typographia do Governo, em palacio, e depois na da Viuva Sobral, sendo o impressor Luiz Augusto Corrêa. Publicou versos de Martim Francisco e de Francisco Octaviano.

(4) Orgam hebdomadario dos militaras inactivos. Gerene Freitas Junior, e redactores os directeres do *Club dos Voluntarios da Patria*. Era de pequeno formato e impresso na typographia do *Aspirante*.

«Como sabeis, diz o capitão José Leite da Costa Sobrinho, foi no anno de 1889 que a propaganda republicana mais se accentuou, principalmente em São Paulo, e o abaixo assignado sendo un dos sectarios da

605 *Vanguarda*, (1) 1879.

doutrina republicana, e que alguma cousa fez ao lado de Julio Ribeiro e outros, entendeu que devia lançar na imprensa este pequeno jornal, com o intuito de preparar os velhos soldados do Paraguay, afim de que elles se tornassem uma força de combate no advento do terceiro reinado (da condessa d'Eu) e se fizessem paladinos da grande causa republicana.

«A 15 de novembro desse anno, porém, a revolução militar do Rio decidiu da sorte da monarchia no Brasil, impedindo assim que a massa popular tivesse a Republica no decorrer do terceiro reinado, que estava prestes a vir.»

O redactor-chefe era o mesmo capitão Leite da Costa Sobrinho e a directoria do Club era assim composta: presidente, capitão José Antonio Lessa; vice-presidente, João Joaquim de Araujo Vianna; 1.º secretario alferes Joaquim Antonio Mattoso Ferraz; 2.º secretario, capitão José Balduino de Albuquerque, e thezoureiro, capitão Leite da Costa Sobrinho.

(1) Periodico academico redigido por Estevam Leão Bourroul. Em seus já citados *Esboços Criticos*, Sá Vianna assim se exprime sobre este jornal:

«*A Vanguarda* apresentou-se no circulo academico defendendo com louvavel interesse as ideias do catholicismo. Sob a direcção do primeiro jornalista academico, *A Vanguarda* não cedeu um passo do terreno em que se collocou, nem afastou-se do programma que prometteu seguir, e só desappareceu quando seu redactor, Estevam Leão Bourroul, quiz escrever, não para a Faculdade de S. Paulo, mas para o mundo catholico, quando conheceu que tinha força bastante para justificar os suppostos erros de suas crenças firmes.

Leão Bourroul é moço ainda *(a)*, vive em um seculo em que o espirito religioso é chamado retrogrado e jesuita o que ousadamente affronta o superficialismo que tudo invade, que vai murchar as crenças que o ino recebeu nos braços maternos. Hoje tudo vive,

(a) O dr. Leão Bourroul nasceu a 18 de maio de 1856.

606 *Ventarola*, 1890.
607 *Vida Semanaria*, (1) 1887.
608 *Votante*, (2) 1860.
609 *Vinte e Dois de Maio*, (3) 1872.
610 *Vinte e Oito de Setembro*, 1885.
611 *Vinte e Um de Abril*, (4) 1888.
612 *Vinte e Um de Abril*, 1883.
613 *Verdade e Luz*, (5) 1890.

---

não da liberdade, porém, da licença: não do raciocinio fundado em juizos seguros, mas das liviandades dos loucos pensadores. Leão Bourroul, porém, é impassivel a semelhante abatimento do espirito humano. O papa para elle foi sempre o vigario de Christo, o *Sylabus* uma fortaleza da religião. Crê firmemente no papa, acceita o *Sylabus* e vive tranquillo, porque falla e escreve o que pensa com convicção. Sem duvida Leão Bourroul é incansavel na propaganda catholica. Ora na *Reacção*, ora na *Vanguarda*, ora no *Monitor Catholico*, o illustrado jornalista discute com sisudez, respondendo com argumentos solidos e exemplos frisantes aos grupos da impiedade, aos inimigos da *sotaina fradesca.*»

(1) Gazeta illustrada, de pequeno formato, redigida por Emiliano Pernetta e A. C. Lima e impressa na typographia *King*.

(2) Semanario, impresso na *Typographia Imparcial*, de Joaquim Roberto, á rua do Rosario (hoje Quinze de novembro) n. 49. Appareceu a 24 de julho, em formato *mignon*, a duas columnas.

(3) Redactores, drs. Antonio da Silva Prado e José Maria Corrêa de Sá Benevides, e gerente Joaquim Gaspar dos Santos Pereira.

(4) Orgam do *Club Republicano Mineiro*. Directores, Raul Penido e Josefino Pires.

(5) Orgam do espiritualismo scientifico, publicado quinzenalmente. Director, Antonio Gonçalves da Silva Batuira. Tem por lemma o seguinte aphorismo: *Sem caridade não ha religião. Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei.*

614 *Volapuk*, (1) 1889.
615 *Victor-Hugo*, (2) 1885.
616 *Vinte e Nove de Setembro*.
617 *Vedeta*.
618 *Verdadeiro Paulista*, 1842.
619 *Voluntario*, 1865.
620 *Verdade*, (11 maio) 1889.
621 *XX Decembre*, 1892,
622 *Ypiranga*, (3) 1840.
623 *Ypiranga*, (4) 1849.

---

(1) Jornal *mignon* escripto em portuguez e volapuk por Canuto Thorman.

(2) Orgam dos alumnos do Collegio Moretz son.

(3) Publicava-se uma vez por semana, na typographia de Costa Silveira, á rua de S. Gonçalo n. 14, onde se recebiam assignaturas a 1$000 por trimestre, pagando adiantado. Trazia a legenda *Paz e Liberdade* e era impresso a duas columnas.

O dr. Piza possue os ns. 17, 22, 23 e 28 de 17 de julho, 21 e 28 de agosto e 28 de outubro de 1840.

(4) Desta folha foi um dos mais constantes collaboradores o notabilissimo parlamentar paulista, dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos, nascido a 1.º de abril de 1816 e fallecido em 1858, na freguezia da Penha de França. Era filho de Joaquim Ribeiro e de Maria Joanna da Luz. «O dr. Rodrigues dos Santos,—diz um seu biographo—escrevia como fallava: a eloquencia era nelle um dom da natureza, e se ostentava sem esforço, sem pretensões, sem trabalho.» De 1849 a 1854 escreveu no *Ypiranga* o brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira.

Foi neste jornal que o dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, publicou os seus primeiros trabalhos litterarios, em 1855. O *Ypiranga* era então jornal politico e defendia as ideias do partido liberal sob a redacção do dr. João da Silva Carrão e dos academicos Antonio Ferreira Vianna e Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, hoje procurador geral do Estado.

624 *Ypiranga*, (1) 1867.
625 *Ypiranga*, (2) 1882.
626 *Zuavo*, 1888.

SERRA NEGRA

1 *Tribuna da Serra*, 1893.

SILVEIRAS

1 *Aurora*, (3) 1874.

O n. 48, de 21 de setembro de 1849, impresso na *Typographia Liberal*, rua das Flores n. 9, por J. V Areias occupa-se quasi unicamente com a descripção do julgamento dos revoltosos de Pernambuco. Desappareceu esta folha em 1855.

(1) Quando Tavares Bastos, presidente da provincia, por desavenças com o *Correio Paulistano*, que era o orgam do governo, resolveu hostilisal-o, creou o *Ypiranga*, sob a gerencia de José Maria de Andrade e redacção dos chefes liberaes do tempo. Depois, guardando a mesma gerencia, a redacção ostensiva passou a ser dos notaveis academicos Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes, com a collaboração de José Bonifacio, Gavião Peixoto e Moreira de Barros. Era então brilhantemente redigida e fez tremenda opposição ao barão de Itauna, a quem elle qualificára de *alcaiote do Paço*, transformado em presidente de S. Paulo, em 1868-1869. Desappareceu o *Ypiranga*, em 12 de dezembro de 1871, quando Salvador de Mendonça e Ferreira de Menezes, já formados em Direito, filiaram-se ao partido republicano. Do setimo numero em diante traz a declaração de ser orgam do partido liberal de S. Paulo.

(2) Era a quarta folha deste titulo que se publicou na capital. Foi a principio propriedade de Pelino Guedes que o redigia livre de compromissos partidarios; mas tarde tornou-se e de compromisso liberal, continuando Pelino Guedes como proprietario e redactor ostensivo.

(3) Orgam social. Redactor, Vicente Felix, que foi um dos primeiros republicanos de Silveiras.

2 *Aurora*, 1886.
3 *Nortista*, 1883.

SOROCABA

1 *Alfinete*, 1891.
2 *Carrilhão*, (abril) 1895.
3 *Colombo*, (1) 1876.
4 *Comedia*, (novembro) 1895.
5 *Diario de Sorocaba*, (2) 1880.
6 *Gazeta de Sorocaba*, (3) 1878.

---

(1) Jornal litterario, noticioso e commercial. Proprietario, Domingos da Costa e Silva.

(2) Existiu por muitos annos e prestou bons serviços ás idéas republicanas. Seu redactor era o sr. Manoel Januario de Vasconcelos, que o foi igualmente do *Ipanêma*.

(3) Um dos seus redactores foi o sr. Gaspar da Silva, que reside actualmente em Lisboa e tem o titulo de visconde de S. Boaventnra, conferido pelo governo de sua patria. Gaspar fundou e manteve muitos jornaes no Brasil, como a *Gazeta de Sorocaba*, o *Correio Uberabense*, e o *Tiradentes* (republicano), de Uberaba, o *Nono Districto*, da Franca, o *Jornal do Commercio* e o *Diario Mercantil*, de S. Paulo, e nasceu em Lamêgo a 4 de janeiro de 1855, filho do dr. Boaventura Teixeira Barboza e de d. Maria Luiza da Costa Barbosa. Emigrou para o Brasil, por motivos politicos, em 1876, residindo successivamente no Rio, em S. Paulo, Sorocaba, Rio Grande do Sul, Campinas, Franca e Uberaba. (Vide sua biographia no *Correio da Europa*, n. 3, 1891).

Boaventura Gaspar da Silva Barbosa, escreveu: *Antes de soprar á luz*, contos e versos prefaciados por Ezequiel Freire; *Carta de um emigrado ao sr. Camilo Castello-Branco* (Rio, 1879, 15 pag.); *Reverberos*, poesias, com um prólogo de Assis Brasil (Rio, 1883); *O Balzac de S. Miguel de Seide* (Uberaba, 1879, 16 pags.); *Fagundes Varela*, noticia biobliographica (Uberaba), um drama e um opusculo referente aos ultimos aconteci-

7 *Ipanêma*, 1872.
8 *Paulista*, (1) 1842.
9 *Quinze de Novembro* 1889.
10 *Sorocabano*, (2) 1870.

---

mentos politicos do Brasil. Fez tambem parte da redacção o illustre jornalista Julio Ribeiro, quando residia em Sorocaba.

(1) Orgam do governo interino, de que era chefe o brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, e estabelecido em virtude do movimento revolucionario. Era um pequeno jornal, cujo primeiro numero sahiu a lume no dia 27 de maio de 1842 e o quarto e o ultimo a 16 de junho do mesmo anno. «Esta folha, diz Americo Braziliense, em suas *Lições da Historia Patria*, teve por principal redactor o senador Feijó, que ao saber, aqui em Campinas, da acclamação do coronel Rafael Tobias para presidente interino, seguiu para Sorocaba. Já antes delle alli tinha chegado o dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos.» O *Paulista*, além das proclamações e actos do governo acclamado em Sorocaba, trazia artigos politicos de Feijó, escriptos com a sua costumada energia.

(2) Durante dous annos (1870-72) foi publicado o *Sorocabano*, sob a redacção do pranteado philologo Julio Ribeiro. «Em 1870 (escreve Vicente Carvalho no *Diario da Manhã*, de Santos) residia este (Julio) em Sorocaba, onde exercia o magisterio. Dotado de vivo talento, senhor já de certa erudição angariada na assidua convivencia dos livros, procurou no jornalismo um derivativo para as idéas que lhe burbulhavam no cerebro juvenil. Appareceu o *Sorocabano*, folha republicana diaria, em que Julio Ribeiro revelou o talento e o estudo que deviam fazer delle um dos nomes eminentes da litteratura nacional. Tivemos occasião de folhear a collecção do *Sorocabano* e de apreciar no seu desabrochar o vigoroso polemista, o impeccavel mestre a lingua, o brilhante estylista.»

Fallando desta folha, o *Diario Popular* chama-se —«jornal que guarda as premissas vigororas da in-

ligencia de Julio, e os fructos dos seus primeiros labores.» O *Diario de Santos*, noticiando a morte do notavel escriptor, diz haver elle redigido o *Diario de Sorocaba*, onde publicou o *Padre Belchior de Pontes*, seu primeiro romance, quando é certo tel-o sido no *Sorocabano*. Esta folha, conforme declaração de Julio Ribeiro (*Cartas Sertanejas*, 1885, pags. 76), desde o dia 25 de janeiro de 1872, não admittiu annuncios sobre escravos fugidos. Filho legitimo de Jorge Washington Vaughan e de d. Maria Francisca Ribeiro, Julio Ribeiro nasceu em Sabará, Estado de Minas Geraes, a 16 de abril de 1845 e falleceu em Santos a 1.º de novembro de 1890. Residiu sempre neste Estado, onde publicou diversas obras, como os romances *Padre Belchior de Pontes* e *A Carne*, os folhetos *Cartas Sertanejas* e *Questão grammatical*, as suas apreciadas *Gammaticas* e os *Traços geraes de linguistica*. Escreveu no *Diario Mercantil*, *Correio de Santos*, *A Procelaria*, *O Rebate*, *Gazeta do Povo*, etc.

A proposito da imprensa em Sorocaba escreve a *Voz do Povo*, de dezembro corrente, este trecho:

«O radicalismo dava de si.

Fundavam-se escolas, bibliothecas, imprensas e clubs litterarios e politicos nas cidades paulistas.

Sorocaba foi uma das primeiras na iniciativa.

Julio Ribeiro fervilhava a politica local com o *Sorocabano*, onde escreveu, entre outros artigos vehementes, o celebre artigo *O Rei chegou*.

Ubaldino do Amaral chefiava o nascente partido republicano: tonificava na palestra, na tribuna e na imprensa, a sociedade sorocabana, com a doçura da sua palavra correcta e eloquente.

Das adhesões ao manifesto de 3 de dezembro passava-se á Convenção de Ytú, e desta á definitiva organisação partidaria com o Congrssso Republicano Paulista, composto de um representante de cada municipio.

O dr. Ferreira Braga não se enfileirou com os retardatarios: o culto á democracia o collocou na linha

11 *Sorocaba*, (1) 1872.
12 *Tribuna*, 1887.
13 *Voz do Povo*, 1873.
14 *Voz do Povo*, (6 dezembro) 1892.
15 *Republicano*, 1895.

TATUHY

1 *Amigo do Povo*, 1893.
2 *Gazeta de Tatuhy*, 1889.
3 *Martello*, (1.º janeiro) 1894.
4 *Progresso de Tatuhy*, (1) 1879.
5 *Tatuhyense*.
6 *Ordem*, (outubro) 1895.

TAUBATE'

1 *Aurora*, 1863.
2 *Artista*.
3 *Cidade de Taubaté*, (janeiro) 1895.
4 *Correio de Taubaté*, (3) 1872.
5 *Collegial*, 1891.

---

avançada dos que trabalhavam pela fundação do novo partido.

Leiam-se em prova os artigos que abrilhantam *O Ypanema* do tempo da sua redacção. Consulte-se a tradicção, que se não esquece das conferencias, que elle fez no sobrado da rua do Commercio, esquina do becco do Bom Jesus.»

(1) Editor e proprietario, José Antonio Pereira Salles.

(2) Folha republicana em politica, mas especialmente consagrada aos interesses dos municipios sulistas. Appareceu a 29 de agosto e durou alguns annos, sendo seu fundador e redactor o cidadão Antonio Moreira da Silva, depois deputado federal em todas as legislaturas, desde 1890 até hoje.

(3) Jornal dedicado aos interesses da lavoura, commercio e industria, editado por Francisco More. Damasco.

6 *Dezesete de Agosto*, 1883.
7 *Diario Paulista*, 1887.
8 *Futuro*, (5 dezembro) 1881.
9 *Guarany*, (1) 1883.
10 *Gazeta de Taubaté*, 1877.
11 *Imparcial*, (1.º novembro) 1893.
12 *Imprensa de Taubaté*, 1876.
13 *Iris*, (2) 1864.
14 *Juventude*, 1884.
15 *Jornal de Taubaté*, 1883.
16 *Jornal do Povo*, (8 julho) 1888.
17 *Gralha*, 1880.
18 *Lanterna Magica*, (3) 1867.
19 *Liberal Taubateense*, 1887.
20 *Monitor de Taubaté*, (1.º fevereiro) 1877.
21 *Noticiarista*, 1888.
22 *Paulista*, (4) 1863.
23 *Paulista*, 1884.
24 *Popular*, (janeiro) 1895.
25 *Papagaio*, 1887.
26 *Periquito*, 1887.
27 *Recreio*, 1883.
28 *Taubateense*, 1861.

---

(1) Orgam do partido conservador do 2.º districto, redigido pelo dr. Eusebio Innocencio Vaz Lobo da Camara Leal. Appareceu a 14 de outubro.

(2) Jornal politico liberal, redigido por Francisco Ignacio Xavier de Assis Moura, que escreveu igualmente no *Archivo Litterario*, de S. Paulo, no *Progresso*, de Pindamonhangaba, e na *Estrella Paulista*, de Guaratinguetá.

(3) Jornal illustrado.

(4) Fundado e redigido por Alfredo de Almeida, mais tarde redigiu diversos jornaes em S. Paulo e Campinas.

29 *Tribuna*, 1892.
30 *Vespa*, 1888.
31 *Violeta*, 1893.
32 *Zorra*, 1880.
33 *Aurora*, 1863.
34 *Écho Popular*, 1867.
35 *Maurity*, 1876.
36 *Paulista*, 1878.
37 *Voz do Povo*, 1886.
38 *Democrata*, 1886.
39 *Microscópio*, 1887.
40 *Internacional*, 1887.
41 *Progressista*, 1889.
42 *Colibri*, 1890.
43 *Patria Paulista*, (8 outubro) 1890.
44 *Norte de S. Paulo*, 1891.
45 *Infancia*, 1892.
46 *Lirio*, 1893.
47 *Colonia Italiana*, (15 maio) 1892.
48 *Juventude*, 1892.
49 *Expositor Christão*, 1893.
50 *Diario de Taubaté*, 1895.
51 *Semana Official*, 1895.

TIETE'

1 *Écho Municipal*, 1875.
2 *Gazeta Municipal*, (1) 1881.
3 *Imprensa*, (2) (4 setembro) 1885.
4 *Progresso*, (3) (janeiro) 1895.

---

(1) Fundada e redigida por João Marques, professor. Durou poucos mezes.

(2) Fundada e redigida por Brazilio Marques.

(3) Ainda fundado e redigido pelo mesmo João Marques.

5 *Tieté*, (1) 1873.
6 *Tietêense*, (2) 1877.

---

(1) Fundado e redigido pelo dr. João Baptista de Castro Andrade, que alguns annos depois, quando deputado provincial, morreu victima de um temeroso desastre da linha ferrea sorocabana. Era collaborado pelos drs. Joaquim Mariano de Almeida Moraes, Luiz Carlos de Assumpção, Campos Toledo e Domingos de Almeida Campos, padre José Joaquim de Almeida e professor Pedro Machado. Este ultimo, homem de talento, mais tarde entrou no Seminario Episcopal, tomou ordens sacras e tornou-se um excellente orador sagrado. Como vigario de Guapuava, envolveu se na rebellião federalista e morreu em combate contra as forças legaes no Paraná, em abril de 1893. Mais tarde appareceu na cidade um outro jornal com o titulo *Tieté*, fundado e redigido por Augusto Marques. Durou perto de dous annos.

(2) Fundado e redigido por Brazilio Marques.

IMPRENSA PAULISTA

1896

ADDENDUM

IMPRENSA PAULISTA

Durante o anno de 1896 iniciaram sua publicação, no Estado de S. Paulo, 96 jornaes e revistas, conforme a relação a seguir.

E' possivel que tenha havido omissão, na resenha que faço, visto como este trabalho foi organisado *au jour le jour*, guiando-me quasi tão sómente pelas noticias publicadas nos jornaes.

Qualquer rectificação será por mim acolhida satisfactoriamente, e ouso esperar que meus patricios e collegas da imprensa me auxiliem nesta obra historica, afim de que fique completa a monographia sobre a *Imprensa Paulista*, já por mim publicada no *Diario Popular*.

Eis a relação das gazetas publicadas em 1896:

1 — AMERICO BRASILIENSE

1 *Noticia*, (1).

2 — AMPARO

1 *Amparense*, (2).
2 *Revista*, (agosto).

3 — ANHUMAS

1 *Gazeta de Anhumas*, (abril).

---

(1) Redactor, dr. João de Araujo. Appareceu a 1.º de março. Transferiu-se para a cidade de Araraquara.
(2) Director, José Ferreira Louzada.

4 — ARARAQUARA

1 *Binoculo*, (agosto).

5 — BATATAES

1 *Idéa*, (1).

6 — BRAGANÇA

1 *Grinalda*, (agosto).
2 *Gazeta Republicana*, (2).

7 — BANANAL

1 *O Bugre*, (maio).

8 — CAMPINAS

1 *Cidade de Campinas*, (3).
2 *Guarany*, (setembro).

9 — CASA-BRANCA

1 *Mosca*, (4).

10 — CRAVINHOS

1 *Cravinhos*, (5).

11 — ITÚ

1 *Escova*, (fevereiro).
2 *Mensageiro*.
3 *Porvir*, (6)

(1) Escripta em lingua italiana. Redactor, Michele Conti. Appareceu ém Setembro.

(2) E' de 15 de novembro o primeiro numero. Redactores. drs. José Hermenegildo Pereira Guimarães e Joviano Telles.

(3) Propriedade de Barroso & C. Redactor-chefe, Alberto Faria. Director-gerente, João Barroso. Appareceu a 27 de dezembro.

(4) Folha litteraria e noticiosa. Propriedade de uma associação. Editor, Valencio Bulcão. Principiou a publicar-se a 3 de maio.

(5) Orgam dos interesses locaes. Editores responsaveis, Guimarães & Goulart. Appareceu em novemb

(6) Orgam do grupo escolar *Queiroz Telles*, cu publicação foi encetada em dezembro.

12 — JACAREHY

1 *Labaro*, (1).
2 *Correio Popular*, (dezembro).

13 — JUNDIAHY

1 *Mocidade*, (maio).
2 *Municipio de Jundiahy*, (2).

14 — JAHÚ

1 *Jahú*, (novembro).

15 — LORENA

1 *Luva*.

16 — MOCÓCA

1 *Mocóca*, (3).

17 — PEDREIRA

1 *Saltitante*, (agosto).

18 — PIRASSUNUNGA

1 *Radical*, (agosto).

19 — PIRACICABA

1 *Commercio*, (janeiro).

20 — PINDAMONHANGABA

1 *Doze de Outubro*, (4).

---

(1) Semanario dedicado aos interesses do municipio e do ensino em geral, que veiu substituir o *Correio de Jacarehy*. E' seu redactor-chefe o director do grupo escolar, A. R. Alves Pereira. Appareceu em abril.

(2) Iniciou a publicação a 22 de outubro, sob a redacção de Sebastião Pontes.

(3) Redactor, dr. João Gomes Barreto. Appareceu a 11 de abril.

(4) [illegible] gam do grupo escolar *Alfredo Pujol*, começou a pu[illegible] no dia 12 de outubro.

21 — Rio-Claro

1 *Municipio*, (1).
2 *Ruffo*, (março).
3 *Bomba*, (dezembro).

22 — Ribeirão-Preto

1 *Camafeu*, (agosto).
2 *Gazetta de la Domenica*, (2).
3 *Operario*, (3).

---

(1) Seu apparecimento, em maio, foi assim noticiado pelo *Reporter*, da capital:

«Temos em mãos o n. 1 d'*O Municipio*, folha republicana que vê a luz em Rio-Claro sob a direcção do sr Arthur Aguiar. *O Municipio*, dedicado defensor dos interesses municipaes, é de regular formato com quatro folhas.

Traz artigos de A. A. bem elaborados, noticiario desenvolvido.

Ao novo collega, que enceta com boa vontade a sua carreira nesta dolorosa *via crucis* da imprensa, as nossas saudações.»

(2) *Giornale* italiano settimanalle. Direttore-proprietario, José Fadin. Redattore-responsabile, Carlos Aloisi. Appareceu em dezembro e foi recebida pelo *S. Paulo e Minas*, pela seguinte maneira:

«Recebemos:

O 1.º numero da *Gazetta della domenica*, folha italiana que começa a publicar-se nesta cidade, sob a direcção do sr. José Fadin e redacção do sr. Carlos Aloisi. Agradou-nos bastante a *Gazetta*. A continuar assim, com igual orientação, auguramos ao novo periodico uma existencia prospera e longa.

... *no entreremo in questioni che possano turbare la buona harmonia e la concordia.*

Assim seja.»

(3) Surgiu a 21 de abril. Delle disse o *S. Paulo e Minas*:

«*O Operario*—Impresso em typographia propria sur-

4 *Petala*, (1).
5 *Periquito*, (maio).
6 *Unione*, (julho).
7 *Violão*, (2).
8 *Voz do Povo*.

23 — S. Vicente

1 *Piratininga*, (1.º dezembro),

24 — S. Carlos do Pinhal

1 *Opinião*, (3).
2 *Popular*, (4),

---

giu ante-hontem, nesta cidade, mais um campeão da liberdade, um esforçado batalhador em prol de uma classe numerosa e digna.

Tem o titulo da presente noticia; seu formato mede 40 por 27, e ostenta bastante materia variada.

Traz um artigo-programma bem desenvolvido e criterioso, manifestando os melhores desejos e animo de pugnar pela causa que se propôz defender

E' seu editor responsavel nosso amigo sr. Francisco Firmino de Carvalho, e a gerencia está a cargo do operoso moço A. Guimarães.

Saudando seu apparecimento em dia de festa nacional, qual o da commemoração do inolvidavel martyr da inconfidencia, fazemos os mais sinceros votos pela sua prosperidade e longa duração.

Foi substituido, logo depois, pela *Voz do Povo*.

(1) Folha humoristica e litteraria. Gerente, Ernesto da Silva. Propriedade de Rosa & Cunha. Appareceu a 5 de abril.

(2) Folha humoristica, litteraria e noticiosa. Editores-proprietarios, Godofredo Velloso e Arthur Rodrigues. Redactor, Eduardo Oliveira. O n. 1 é de 5 de abril.

(3) Semanario monarchista, redigido pelo dr. A. de Castilho e Americo Penna, apparecido em outubro.

(4) Pequeno jornal, impresso na typographia da *Ordem e Progresso*. Foi suspenso pela policia por não satisfazer ás exigencias da lei.

25 — S. Simão

1 *Leque*, (novembro) (1).

2 *S. Simão*, (2).

26 — Santa Rita de Passaquatro

1 *Santa Ritense*, (3).

27 — Santa Cruz das Palmeiras

1 *Progresso*, (março).

28 — S. Paulo

1 *Autoridade*, (4).

---

(1) Orgam humoristico, litterario, critico e noticioso. Propriedade de J. F. de Andrade.

(2) Propriedade de uma associação. Redactores, drs. Antonio Sebastião Rebouças, Arthur Travassos Prestes e Luiz Reis. Appareceu a 17 de abril, conforme a seguinte noticia do *S. Paulo e Minas*, de Ribeirão Preto.

«A 19 do corrente appareceu o 1.º numero d'*O S. Simão*, na visinha cidade onde tira o seu nome.

E' propriedade de uma associação e tem como redactores os illustres drs. A. Sebastião Rebouças, Arthur Prestes e Luiz Reis, solidas garantias da estabilidade e longo tirocinio da nova folha que está animada dos melhores desejos de bem servir á patria republicana em geral e em particular ao municipio que representa.

Sabemos que é director da folha nosso amigo tenente Eliziario de Vasconcellos que por modestia occulta seu nome, mas que é um poderoso auxiliar na arrojada carreira da imprensa de S. Simão.

Saudando o apparecimento da nova folha, que vem salientar a importancia e pujança desta importante zona do Estado, auguramos-lhe duradoura existencia.»

(3) Semanario popular. Redactor, dr. José da Costa Rangel Junior. O primeiro numero é de abril. Editores e gerentes, Salomão & Eurico.

(4) Orgam do *Centro dos estudantes monarchistas de S. Paulo*. Redactor-chefe, Angelo Mendes. Redactor-secretario, Alvaro de Souza Queiroz. Appareceu a 19 de janeiro.

2 *Bohemia*, (1).
3 *Bycicleta*, (junho).
4 *Bella Aurora*, (2).
5 *Birichina*, (20 setembro).
6 *Clarim*.
7 *Correio Nacional*, (3).
8 *Contemporaneo*, (outubro).
9 *Estudante*, (4).
10 *Evolução*, (5).
11 *Gato*, (abril).
12 *Humanitaria*, (dezembro).
13 *Intransigente*.
14 *Joven Commercial*, (abril).
15 *Musica para todos*, (março).
16 *Messaggero*.
17 *Noviciario*, (novembro).
18 *Pauliceia*, (6).

(1) Quinzenario illustrado e litterario. Propriedade de uma associação anonyma. Director, José Piza. Direcção artistica de Victor Steidel, e litteraria de Luiz Carneiro. Thesoureiro, J. Veriano Pereira. Appareceu a 25 de abril.

(2) Redactor, Antonio Góes Nobre. Appareceu em agosto.

(3) O *Correio Nacional*, apparecido em junho, substituiu *O Nativista*.

(4) Orgam dos alumnos de quarto anno da escola modelo *Caetano de Campos*. Publicação mensal sob a direcção do professor do quarto anno João Borges. O n. 1 é de 1.º de outubro.

(5) Orgam do *Club Bernardo Guimarães*, appareceu a 15 de agosto. Redactor-chefe, Arthur Fonseca. Redactores, Lycurgo Leite, Cazimiro Rios, Arthur Leme, G. Valladão e Edmur Queiroz.

(6) Semanario illustrado. Propriedade e direcção de Nogueira de Carvalho. Illustrações de Casanova Filho e Peregrino de Castro. Gerente, J. B. Hasse de Castro.

19 *Prompto*, (fevereiro).
20 *Primeiro de Abril*.
21 *Povo*, (1).
22 *Programma*, (2).
23 *Rebate*, (3).
24 *Revista Azul*, (4).
25 *Revista Marcial*, (5).
26 *Revista do Gremio dos Guarda livros*, (janeiro).
27 *Revista do Museu Paulista*, (6).
28 *Revista da Sociedade de Anthropologia*, (7)

---

(1) Folha republicana, cuja publicação foi iniciada a 14 de abril. Redactor, Antonio dos Santos Oliveira.

(2) Jornal theatral, commercial e industrial. Propriedade de Charles Dethiein.

(3) Fundado por Julio Ribeiro. Propriedade de João da Cruz Soares. E' uma continuação da famosa gazeta republicana que, em 1889, aquelle illustre philologo publicou em S Paulo.

(4) Folha litteraria, redigida por Antonio de Oliveira, Francisco de Castro Junior e outros.

(5) Dedicada aos interesses da força publica do Estado. Direcção do major Claudio Martins Barbosa. Foi suspensa a publicação, iniciada a 15 de agosto, por ordem do governo.

(6) Publicada por H. von Ihering, dr. med. et phil. director do *Museu Paulista*, socio honorario da *Sociedade Anthropologica Italiana*, da *Academia de Sciencias*, de Cordoba; da *Sociedade Geographica*, de Bremen; da *Sociedade Anthropologica*, de Berlim; da *Academia de Sciencias*, de Philadelphia; da *Sociedade dos Naturalistas*, de Moscow; da *Sociedade Entomologica*, de Berlim; do *Museu Ethnólogico*, de Leipzig; e da *Sociedade Scientifica*, do Chile. O vol. I, tem a data de 1895, mas foi distribuido este anno. Contem 25 pag. de texto, e 3 de gravuras. Traz artigos do barão de Ramalho, dr. Hermann von Ihering, P. Taubert. A. Lutz

(7) *Revista da Sociedade de Anthropologia Criminal, Sciencias Penaes e Medicina Legal.*—Commissão

29 *Revista do Jardim da Infancia*, (1).

directora: drs. Brazilio Machado, lente de Direito; Bettencourt Rodrigues, medico, e Severino de F. Prestes, lente de Direito. Redacção: drs. Candido Motta, Reynaldo Porchat, Oliveira Fausto, Miranda Azevedo e Pedro de Toledo. O primeiro numero, fasciculo in-4.º de 106 pags., appareceu em março, com o seguinte programma: «A *Sociedade de Anthropologia Criminal, Sciencias Penaes e Medicina Legal*, fundada em São Paulo, inicia com este numero a publicação de sua revista trimensal. O programma da *Revista*, que ora toma posto na minguada imprensa scientifica do Brasil, está de antemão delineado deste a organisação da *Sociedade*, a cujos intuitos vem fielmente corresponder. Abrange, pois, o estudo na anthropologia criminal, das sciencias penaes e da medicina legal,—vastas e complicadas questões que em muito agitam o pensamento juridico da Europa, e que em nosso paiz tem logrado mais de uma repercusão. O problema do homem delinquente é o eixo de suas preoccupações.

(1) O apparecimento da *Revista do Jardim da Infancia*, cujo primeiro numero recebemos, é o maior acontecimento pedagogico deste fim de anno.

Esta publicação vem demonstrar plenamente que para vencer as enormes difficuldades que apresentava a acclimação desta util instituição de ensino, não foi preciso recorrer, como julgava se indispensavel, a especialistas extrangeiros; bastou para isto o trabalho incessante do professor Gabriel Prestes, director da Escola Normal, e a dedicação de suas illustres auxiliares dd. Maria E. Varella, Zalina Rolim, Isabel Prado, Joanna Grassi e Anna do Barros. Consta a *Revista* de um volume de 292 paginas e de um supplemento de trinta e tantas. No primeiro encontram-se os programmas, horarios e relatorio do Jardim da Infancia annexo á Escola Normal; lições de linguagem, poesias, pequenos contos, gravuras indicativas do uso do dom de Frobel; lições de desenho, de fórma, de côres; brinquedos, jogos, cantos, etc.

30 *Republica*, (1).
31 *Raio*, (agosto).
32 *Socialista*, (2).
33 *Sociedade*, (3).
34 *Sol*.
35 *Sancho Pança*.
36 *Tribuno Italiano*, (junho).

No supplemento vem uma collecção de musicas destinadas aos jogos e occupações.

A impressão, que por conta de governo foi feita na casa Espindola, Siqueira & C., honra as suas acreditadas officinas, (*A Escola Publica*, 1896, anno I, n. IV, pag. 417.)

O dr. João Kopke, em artigo no *Jornal do Commercio*, de 13 de dezembro, faz uma critica á organisação do ensino em S. Paulo, e ahi nota o máu plano da *Revista do Jardim da Infancia*.

(1) Orgam hebdomadario da Academia de Direito. Redactor-chefe, José F. da Silva. Redactor-gerente, L. Albuquerque Maranhão. Redactor-thespureiro, F. Cardoso Ribeiro. Redactores, J. M. Withaker e João Sampaio. Appareceu em março.

(2) Orgam do partido democrata-socialista. Redactor-responsavel, A. Breves. Secretario da redacção, Estevam Estrella. Tem por lemma as seguintes phrases: *Proletarios de todo o mundo, uni-vos.—Um por todos e todos por um.* Appareceu a 12 de janeiro.

(3) Appareceu em maio, e delle escreveu o *Diario Popular:*

«*A Sociedade.*—E' este o titulo de um jornalzinho manuscripto, muito interessante, feito por dois meninos e do qual temos sobre a mesa o 8.º numero.

A Sociedade traz, além do artigo de fundo, varios outros artigos e poesias.

A sua primeira pagina vem ornada com os retratos dos drs. Campos Salles e Peixoto Gomide, feitos a lapis pelo menino M. Reis, com muita habilidade.

Damos parabens aos dois jovens, pois *A Sociedade* mostra não só suas tendencias jornalisticas como um-

37 *Vida de hoje.*
38 *Vexilo*, (novembro).

29 — SANTOS

1 *Arte*, (1).
2 *Brasil.*
3 *Correio Paulista.*
4 *Gazeta da Tarde*, (maio).
5 *Matraca*, (janeiro).
6 *Sequilla*, (abril).
7 *Tempestade.*

30 — SOROCABA

1 *Colleccionador de Sellos*, (2).

31 — TAUBATÉ

1 *Zagala.*

32 — UBATUBA

1 *Écho Ubatubense*, (outubro).

33 — FRANCA

1 *Perdão, Amor e Caridade*, (3).

---

bem a boa inclinação desses pequenos que se occupam nas horas de lazer em diversão tão util, em vez de se entregarem a coisas prejudiciaes que os preparem para a pratica do vicio.

Saudamos tambem o novo collega, desejando que por muito tempo tenhamos sua visita.»

(1) Orgam do grupo dramatico *Arthur Azevedo.*

(2) A proposito desta revista, que surgiu á publicidade em maio, disse o *Commercio de S. Paulo*:

«*O Colleccionador de Sellos.*—Sob a proficiente direcção do sr. Remigio de Bellido, e como orgam dos clubs *Philatelico Sorocabano* e dos *Colleccionadores de sellos de Berlim (secção Brasil)*, acaba de encetar sua publicação em Sorocaba, aquella revista mensal.

Muito bem impressa, compõe-se de oito paginas de leitura variada e interessante.»

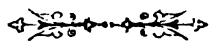
(3) Orgam do grupo spirita *Esperança e Fé*, da Franca. E' de 1.º de setembro o primeiro numero.

34 — S. João da Boa Vista

1 *Intransigente*, (7).

36 — S. Manoel do Paraiso

1 *O Municipio*, (novembro).



(7) Appareceu a 26 de dezembro. Editor e proprietario, Jesuino Ferraz. Redactores diversos. Publica-se ás quartas feiras e aos sabbados e tem por lemma: *Verdade e Justiça.*

Escreve-nos o illustrado cidadão Lafayette de Toledo :

«Ilmo. sr. redactor d'*A Republica*.— Como terá v. s. visto no *Diario Popu'ar*, de S. Paulo, emprehendi escrever a historia da imprensa paulista, relacionando todos os jornaes publicados no Estado. Quanto a essa cidade, consegui, graças á gentileza dos srs. dr. Almeida Nogueira e José Antonio Mangini, organizar a seguinte lista, que não sei se está completa:

Arauto, 1869.
Bananal, 1879.
Commercio do Bananal, 1879.
Écho Bananalense, 1870.
Écho Bananalense. 1881.
Epoca, 1862.
Epocha, 1892.
Evolução, 1885.
Embrião, 1879.
Gazetinha, 1892.
Iris Bananalense, 1867.
Jornal do Povo, 1869.
Monitor Paulista, 1878.
Nova Phase, 1884.
O Neophyto, 1893.
Patria, 1893.
Reverbéro, 1882.
A Republica, 1895.
Sensitiva, 1879.

São estes, parece, os periodicos que se têm publicado no Bananal.

Si, porém, ha erros ou omissão peço a v. s. denuncial-os pelo seu apreciado jornal, pelo que ser-lhe ei grato muitissimo. Seu confrade, admirador e amigo, *Lafayette de Toledo*.—Casa Branca, 29 maio de 1895.»

Temos apenas a dizer que o *Commercio do Bananal*, magnifica folha redigida pelo nosso amigo João Domingues Guedes, foi publicado em 1887, consultando alguns cavalheiros desta cidade, não se recordam da *Epoca* de 1862, informando-nos que o primeiro periodico daqui foi o *Iris*, em 1868.

(*Republica*).

Resumindo, vê-se que, de 1827 a 1896, publicam-se no Estado de S. Paulo 1.536 jornaes, revistas periodicos, etc., distribuidos da Seguinte forma:

1	São Paulo.	664
2	Santos..	130
3	Campinas..	66
4	Taubaté.	52
5	Guaratinguetá.	49
6	Mogy-mirim..	24
7	Pindamonhangaba..	37
8	Bragança.	26
9	Casa Branca..	23
10	Rio Claro.	25
11	Amparo.	23
12	Franca..	20
13	Bananal.	19
14	S. Carlos do Pinhal.	21
15	Sorocaba.	16
16	Areias..	15
17	Iguape..	15
18	Ribeirão-Preto.	21
19	Piracicaba.	15
20	[illegible]meira.	14
21	[illegible]assununga.	13
22	[illegible]ãna..	13
		1.275

	Transporte.	1.275
23	Descalvado.	11
24	Caçapava.	10
25	Itapetininga.	10
26	Apparecida.	6
27	S. José dos Campos.	9
28	Jacarehy.	10
29	Itatiba.	8
30	Batataes.	8
31	Jahú.	8
32	Avaré.	6
33	Capivary.	6
34	Itú.	9
35	Tieté.	6
36	Tatuhy.	6
37	S. Luiz de Parahytinga.	5
38	S. Bento de Sapucahy.	5
39	S. José do Rio Pardo.	5
40	Mogy das Cruzes.	5
41	Araras.	4
42	Botucatú.	4
43	Bocaina.	4
44	Cunha.	4
45	Espirito-Santo do Pinhal.	4
46	Queluz.	4
47	S. Simão.	4
48	Araraquara.	4
49	Cananéa.	3
50	Faxina.	4
51	Jaboticabal.	3
52	Jundiahy.	5
53	Mocóca.	4
54	Silveiras.	3
		1.488

	Transporte. . . .	1.488
55	Santa Cruz das Palmeiras. . . . ,	4
56	Brotas.	2
57	Conceição de Itanhaên.	2
58	Dois Corregos.	2
59	Lençóes.	2
60	S. Vicente.	3
61	S. Sebastião.	2
62	S. José do Barreiro.	2
63	S. João de Boa Vista.	3
64	Santa Isabel..	2
65	Santa Rita de Passa-Quatro. . . .	3
66	Atibaia.	1
67	Cajurú..	1
68	Jahú.	2
69	Cordeiro.	1
70	Itapira..	1
71	Pedreira.	1
72	Redenção.	1
73	S. Manoel do Paraizo.	2
74	Santo Amaro.	1
75	Santa Barbara.	1
76	Salto de Itú.	1
77	Santa Rita do Paraizo.	1
78	Serra Negra..	1
79	S. João do Curralinho.	1
80	Santo Antonio de Cachoeira. . . .	1
81	Santa Cruz do Rio Pardo.	1
82	Leme.	1
83	Americo Braziliense.	1
84	Anhumas.	1
85	Cravinhos..	1
86	Utatiba.	1
	Total. . . .	1.536

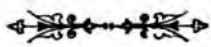
Contribuiram para a organisação deste trabalho, com valiosos subsidios, os srs.:

A. Carlos.
Alfredo Toledo (dr.)
Alberto Souza.
Antonio de Toledo Piza (dr.)
Arthur Goulart.
Arthur Barbosa.
Amaury Fonseca.
Antonio Augusto Bastos.
Appio Marcio.
Accacio Garibaldi de Paula Ferreira.
Augusto Cesar de Miranda Azevedo (dr.)
Barão Homem de Mello.
Claudio Mendez Barbosa (major).
Dionysio Caio da Fonseca.
Eugéne Hollender.
Estevam Leão Bourroul (dr.)
Francisco Gaspar.
F. Toledo Barbosa.
Frederico Delduque.
Hermann von Ihering (dr.)
Joaquim de Toledo Piza e Almeida (dr.)
José Augusto Quirino dos Santos (dr.)
Jorge de Medeiros.
João Pedro da Veiga Filho (dr.)
J. A. Corrêa.
José Maria Lisboa.
João de Oliveira (dr.)
João Evangelista Braga (conego).
José Honorio de Silas.
J. Quadros Sobrinho.
Julio Sampaio.

José Piza (dr.)
José Antonio Mangini.
José Ferreira Louzada.
Leopoldo de Freitas (dr.)
Octaviano Carneiro Braga.
Olegario Herculano de Aquino e Castro (dr.)
Ricardo Azamor.
Serapião Domingues de Castro.
Segismundo de Caboré.
Tertuliano de Toledo.
Teixeira de Mello (dr.)
Tancredo do Amaral.
E as redacções dos jornaes.
Diario Popular, de S. Paulo.
Correio Paulistano, de S. Paulo.
Giz, de S. Paulo.
Republica, do Bananal.
Gazeta do Amparo.

Casa Branca, dezembro, 1896.

Lafayette de Toledo.



DISCURSO

do Anniversario da fundação do Instituto Historico de São Paulo, lido pelo dr. Eduardo Prado, em sessão magna do mesmo Instituto de 10 de novembro de 1898.

Exmo. Sr. Presidente do Instituto.
Minhas senhoras, meus senhores:

Ha cinco annos, alguns homens, zelosos da Patria, fundavam este Instituto, reunidos com modestia e quasi que no silencio. Bom e duplo agoiro de crescimento, de duração e de fructos futuros para esta Sociedade, porque quasi sempre temos visto aos grandes fins corresponder a exiguidade dos começos. As maiores arvores têm, muitas vezes, minusculas sementes.

Não se recolheram os fundadores desta associação á paz de um valle risonho e florido, nem descansaram junto das aguas vivas e dos regatos murmurantes, sobre a frescura da relva de velludo, á sombra das faias e das carvalheiras propicias, como aquelles personagens do Décameron, egoisticamente refugiados no meio de encantos, ao tempo em que a peste assollava Florenca, para, a salvo do perigo, discorrer de amor e de aventuras.

Como vêdes, minhas senhoras e meus senhores, é menos poetico e é mais austero o modesto logar das nossas reuniões, hoje enflorado e honrado com as vossas presenças. E nós, longe de nos encerrarmos fóra do contagio do mundo, sem receio da peste, convidamos Florença a vir até a esta casa, para celebrar comnosco o nosso anniversario e para ouvir fallar da Patria. Do Instituto Historico recebi eu a missão honrosa de fallar hoje perante vós e, devo fallar da Patria.

Não vos tomeis, senhores, de um ou de outro cam-
segundo as vossas opiniões, de infundado receio
de curioso ou maligno interesse. Póde se fallar das
sas da Patria sem censuras, nem recriminações, nem
nias e isto é sobretudo possivel entre cultores da

nossa Historia que se dedicam ao estudo do passado, porque estudo, como os latinos entendiam e nós queremos entender esta palavra, quer dizer zelo, quer dizer affeição, quer, emfim, dizer amor.

O amor do passado é um sentimento attribuido pela opinião vulgar sómente á senilidade queixosa e enfadonha. Eis ahi uma opinião que envolve um erro e como todo erro, tambem uma injustiça, e isto quer se trate dos individuos quer se trate das nações. Desprezar o passado (e a mais forte expressão do desprezo por alguma cousa é não a querer conhecer) — denota no individuo degradação intellectual. E num povo, esse sentir demonstra que esse povo está ainda em estado de infantil selvageria porque, diz Cicero, ignorar o succedido antes de nós é a nossa condemnação a sermos creanças perpetuamente. E do que vale, pergunta ainda o mesmo Cicero, a vida do homem se a lembrança dos factos anteriores não ligar o presente ao passado? (1)

Os povos representantes de grandes civilisações são povos veneradores dos antepassados e respeitadores dos seus usos. Quer na grandeza do mundo de Roma, quer na propria immobilidade da China, que é a expressão historica de uma philosophia feita politica, e, nos tempos modernos, na dominadora expansão da Inglaterra encontramos, como virtude caracteristica dos creadores daquelle e destes grandes Imperios — o amor do passado.

Os povos infelizes, porém, que se deixam dominar por um sentir vil e guiar por um enxergar estreito, são os unicos que consentem nessa odiosa mutilação da sua existencia, quando renegam o passado de que proveem.

Estamos, aqui, numa sociedade de estudos, entre homens que se prezam de ser, como hoje se diz, intellectuaes. Para esses, então, que encantos não offerece esse amor do passado? O espirito humano tem sêde de certeza e quer sempre um ponto de apoio firme e estavel. Se o homem se perturba na oscillação inespe-

(1) **Nescire autem, quid antea, quam natus sis, accid id est semper esse puerum. Quid enim est ætas hominis, memoria rerum veterum quem superiorum ætate contex** *Orator* XXXIV.

rada do tremor de terra, se durante seculos esteve hesitante á beira dos mares e se lhe foi precisa uma triplice couraça de animo e audacia para afrontar as ondas fugitivas e fallazes — não é isto uma prova de que a incerteza e a duvida são perigos, soffrimentos verdadeiros? Ora, entre as cousas incertas deste mundo, a cousa mais certa, com exclusão da morte, é o passado. Seneca, deante da immutabilidade irrevogavel do passado, que nem os Deuses tinham o poder de destruir, disse que, «na grande turba inconstante das cousas só é certo aquillo que já passou.» (1)

Camões tambem sentiu e expremiu o que ha de irrevogavel no passado, dizendo :

Com o tempo tudo anda e tudo pára,
Mas só aquelle tempo que he passado
Com o tempo se não faz tempo presente. (2)

Esta immutabilidade do passado tem devéras o encanto melancholico de uma seducção cheia de poesia.

«Eu tenho um grande amor pelo passado», dizia Guilherme de Humboldt, escrevendo a uma amiga, «porque sómente o que a elle se refere é immutavel é eterno como a morte, tendo comtudo o calor e o interesse da vida.» (3)

E' junto a esse calor e a essa vida que os homens de pensamento se vão aquecer e vivificar e é diante da pintura do passado, que se chama historia, que os homens de acção, dignos de governar, devem ir apprender porque o melhor roteiro para a marcha da vida é o conhecimento desse passado que Tito Livio diz que se não podemos corrigir podemos ao menos criticar. (4)

Para o contentamento do nosso espirito a visão do passado é mais consoladora do que o exame do presente. «O presente, observa Pascal, de ordinario causa

(1) In tanta inconstantia turbaque rerum nihil nisi quod fuit certum est.
(2) Soneto CCCVI. Edição Juromenha.
(3) Briefe an eine Freundin. I. 2.
(4) Tito Livio. XXX. 30. Præeterita magis reprehendi possunt quam corrigi.

mágoa. Nós o escondemos de nossos olhos porque ella nos aflige e quando, por excepção, elle nos agrada ainda assim o presente nos desconsola, porque o estamos sentindo fugir com rapidez.» (1)

E se a estes conceitos de pensadores de todos os tempos quizermos juntar o sentir de uma mulher apaixonada de ideal, devemos repetir com a baroneza de Krüdner: «As almas frias têm apenas memoria; as almas ternas têm saudades, e, para ellas, o passado não é um morto, mas um ausente. O melhor dos amigos é o passado.» (2)

Certamente o homem deve viver no seu tempo mas a tendencia para a contemplação do passado é um dom nobilissimo da sua alma. Quem se applica ao presente é movido, quasi sempre, pelo interesse. Quem trata do passado é desinteressado e só o desinteresse ennobrece, eleva e dignifica as aspirações dos homens.

Salvar a Patria póde ser e é, quasi sempre, o pretexto commum dos ambiciosos. Para estudar e conhecer a Patria é preciso fazer-lhe o sacrificio do tempo e é preciso o amor, esse amor da Patria que um intrigante qualquer póde, por momentos, fingir, mas do qual uma vida votada ao estudo é a mais concludente das provas. E será possivel a alguem conhecer o seu paiz sem saber e sem amar a sua Historia?

E' esse amor elevado e culto do passado brasileiro que este Instituto tem por missão desenvolver e propagar. E com orgulho póde a nossa Associação dizer que, na esphera da sua influencia, já alguma cousa tem feito para reagir contra a indifferença geral. Esta assembléa, a vossa promptidão em aceitar o nosso convite, a bondosa attenção com que me ouvis, são provas da animação que recebem os nossos esforços.

O amor do passado nacional, essa demonstração indiscutivel da civilisação de um paiz não podemos esperar que se manifeste num instante por todas as camadas da nossa população. E' esse amor uma causa de grandeza porque preserva os povos das destruições

(1) Pensées. Art. 6. XV.

(2) Cit. por SAINTE BEUVE: *Portraits Litteraires* vol. III Ed. Garnier 1862.

inuteis, dos vandalismos ignaros, das subversões insensatas, desvarios que têm arruinado tantas nacionalidades. No homem é tambem um effeito da elevação moral do individuo, da educação que a familia imprime á creança.

Ora a familia brasileira, centro de tantas outras virtudes, não se póde orgulhar de ter um zelo verdadeiro pela tradição que é a força, a luz, o ensino e a manifestação mais sagrada das raças, a cadêa que assegura a solidariedade das gerações. A desnacionalisação dos habitos da vida diaria é a prova trivial deste nosso inconsciente desprendimento da tradição. O desrespeito universal que nos desorganisa, nos avassala e nos barbarisa é, até certo ponto, o resultado da nossa ruptura com o passado, dessa lamentavel emancipação da sua autoridade. Este esquecimento dos antepassados, poderia ser chamado apostasia se não se tivesse já designado por independencia do coração, essa cousa tão vulgar que se chama a ingratidão. Vemos que a casa, symbolo e templo da perpetuidade do lar, se desorganisa para sempre ao partir e muitas vezes antes de partir o chefe para a eterna viagem. O movel patriarchal desapparece; a solida prata familial se troca em vil christofle de Paris; o retrato do bisavô, aos azares das mudanças, vae caminho dos quartos excusos, quando não perece, em combate desigual, aos golpes da travessura selvagem dos pequenos tataranetos insoffridos. Sem duvida toda esta dispersão e o facto de ninguem hoje morrer na casa onde nasceu são cousas devidas ao presente regimen legal e economico da familia, apenas forçadas consequencias sem remedio, da moderna organisação da vida. Em relação á propriedade quasi tudo isto é inevitavel. Quem póde, num paiz que cresce e se transforma, esperar que a morte o venha encontrar na mesma casa por onde entramos no mundo? O destino póde levar o homem a terminar a sua existencia numa cidade mais nova do que elle, surgida da terra depois delle
gir para a vida ou de tal modo transformada que
a resta da cidade onde elle abrio os olhos á luz.
ria um erro, porém, o acreditar que estas condi-
especiaes de um paiz novo tornam impossivel

nelle o culto da tradição e o conhecimento affectuoso do passado. Esta transformação continua, esta instabilidade ao mesmo tempo destruidora e creadora, affectam, sem duvida, a vida material e o aspecto do scenario onde todos temos de representar o nosso papel. Isto é o proprio do presente, porque, como, com tristeza nos disseram tantos moralistas, quem diz presente diz mudança e diz incerteza. O patrimonio moral de um povo, porém, esse não está e não póde estar sujeito a essas mudanças destruidoras: fica consolidado de modo eterno e inabalavel no seu passado intangivel. A cultura dessa riqueza é o objecto do amor de todos os que prezam as tradições da raça, da lingua, da religião, de tudo quanto, emfim, fórma o objecto da Historia da Patria. Só o povo que véla por essa riqueza é um povo civilisado.

Um dos espiritos de mais extraordinaria penetração que este seculo tem produzido, mas que bastante mal tem causado pelo erro moral das suas conclusões, Schopenhauer, sustenta que, sem o conhecimento da Historia, o homem não sahiria da pura animalidade e que a Historia está para a especie humana, como a razão está para o individuo. «Graças á sua razão, o homem não fica como o animal, fechado dentro dos limites estreitos do presente visivel; conhece ainda o passado que é infinitamente mais extenso e a fonte donde decorre o presente.» Do mesmo modo, continúa ainda o philosopho, «um povo que não conhece a sua propria Historia, está limitado ao presente da geração actual: esse povo não comprehende nem a sua propria natureza, nem a sua propria existencia, na impossibilidade em que está de as relacionar com o passado que as explica: e muito menos póde antecipar alguma cousa do futuro. Sómente a Historia póde dar a um povo a inteira consciencia de si proprio.» (1)

Ora, minhas senhoras e meus senhores, se assim é, tudo quanto no Brasil fôr um acto positivo de desprezo pelo passado ou uma omissão negligente do amor desse mesmo passado, será uma mutilação da consciencia

(1) A. Schopenhauer: *Le monde comme volonté et Représentation*. Trad. de A. Burdeau. Paris, 1890. vol. I, pagina 256.

nacional, será uma tentativa de barbarisação. E, ao contrario, toda acção todo esforço de natureza a estimular o estudo do passado será um acto civilisador.

A existencia deste Instituto e a das demais associações congeneres do Brasil, não póde ser pois uma cousa indifferente aos olhos do patriota. O facto delle ter durado, de ter trabalhado, de vermos a commemoração do seu anniversario celebrada com interesse, é para todos nós um indicio consolador de que podemos ter esperanças no futuro. E a confiança de que nem todo o trabalho tem sido perdido é mais uma animação para os nossos esforços. Estes esforços, porém devem ser de todos: da mãe que educa, do mestre que ensina, do escriptor que escreve. Todos devem consagrar muito do seu tempo e do seu trabalho a esta obra de patriotismo excellente, que consiste em despertar no brasileiro o desejo de conhecer a sua terra— e de a conhecer nos aspectos do seu vasto céo, do seu largo solo e na memoria dos factos da sua Historia.

Felizmente, ha no Brazil homens que têm sabido prestar o serviço patriotico de contribuir para a diffusão do conhecimento da Patria. E cabe-me agora o dever de me referir com magoa ao desapparecimento de um desses obreiros modestos e benemeritos—o do nosso consocio Carlos Rath, fallecido no decurso do corrente anno.

Era um teuto-brasileiro nascido em S. Paulo e filho do notavel sabio dr. Carlos Rath, homem dotado de solidos predicados scientificos e que fez, durante longos annos, extensas e valiosas observações sobre a geographia, a geologia e a ethnographia de S. Paulo, muitas das quaes infelizmente se perderam emquanto outras foram inseridas com honra em diversas publicações scientificas. O filho exerceu por muito tempo o pequeno emprego de desenhista na repartição das Obras Publicas, de que sempre foi um dos mais zelosos e intelligentes empregados. Foi na constancia das suas funcções que Carlos Rath prestou um relevante e inolvidavel serviço á geographia paulista. Servindo-se de elementos esparsos pela sua Secretaria, utilisando as suas proprias e novas observações e principalmente as notas

e desenhos deixados pelo velho dr. Rath, organisou por si o nosso consocio e publicou em 1877 um mappa da provincia de S. Paulo na escala de um ou de um e meio millionesimo. Este trabalho geographico foi, na épocha da sua publicação, o melhor mappa do territorio paulista feito até então e, ainda recentemente, era o mais completo e o mais merecedor de confiança de todos os mappas de S. Paulo.

A sciencia tem isto de consolador: póde se dizer que não ha nella ingraditão para os serviços prestados. Um esforço que consiga adiantar uma linha sequer aos conhecimentos humanos, fica perpetuamente reconhecido. O nome de Carlos Rath, que firmou aquelle documento geographico que significava um progresso real, será conservado num lugar, humilde talvez, mas inalienavel na historia da geographia do Brasil e portanto da America e portanto do mundo. Foi essa, de certo a unica recompensa que obteve o nosso finado consocio, mas essa bastou, decerto, neste mundo, á sua alma despretenciosa e singela. Devo, porém, ao saudar este laborioso auxiliar da sciencia brasileira, exprimir quanto é grato o Instituto Historico de S. Paulo á sua memoria, já pelo concurso recebido, já pelos donativos feitos ao nosso archivo e ás nossas ainda tão pobres collecções. E estes serviços Carlos Rath prestava com toda a dedicação porque elle era um fervoroso adepto dos estudos brasileiros, nobre paixão que era a unica herança que recebêra do pae illustre. E era consolador para os nossos socios que têm longa ascendencia brasileira, ver aquelle filho de um allemão consagrar o seu tempo e a sua intelligencia, com tanto amor, a tudo quanto se refere á Historia do Brasil.

Razão tinha Carlos Rath, porque a nossa Historia é cheia de emocionantes episodios, de duvidas que despertam e prendem a curiosidade, de lendas poeticas que seduzem e de problemas cuja solução desafia a sagacidade do estudioso.

O grande mysterio da especie humana na America prehistorica, está, em grande parte, escripto e occ[illegible] no Brasil; nas linguas indigenas onde os philologo[illegible] querem decifrar; nas camadas do solo onde ha os [illegible]

tigios de extinctas especies, e onde se descobrem as imagens impressas e as vezes os restos da fauna do passado entre os quaes Lund, nas furnas da Lagôa Santa, julgou descobrir o homem contemporaneo de um mundo desapparecido. Na ceramica dos vasos de Marajó ha o apparecimento de uma arte pelo qual o sentimento esthetico daquelles desconhecidos oleiros se approxima da pureza das fórmas e da harmonia das linhas que os ceramistas da Attica consagraram. A'beira das praias onde o mar espuma, a recordação das gerações que passaram está nas conchas amontoadas, entre as quaes se acha, dentro da sua urna funeraria, a mumia mysteriosa do homem sem nome; e o estudioso pergunta se aquelles mortos e se os habitantes selvagens das nossas terras não são ruinas de povos, e como diz Martius (1) «o residuo de uma muito antiga, posto que perdida historia»,

E quando o Brazil começou a existir para o resto do mundo? Em que épocha veio-se juntar á torrente da Historia? Foi na épocha deslumbrante da Renascença que o fio, tenue então, mas para sempre ininterrupto da sua vida, se veio entretecer na trama universal da vida das nações. As viagens oceanicas, um dos grandiosos episodios daquelle tempo, franquearam o Atlantico e assim a Europa e mais tarde a Africa, puderam vir se juntar neste grande pedaço da America e formar o Brasil. Vieram então as armadas, velejaram ao longo das nossas costas as caravellas e as náos tomando alturas, recebendo agua em caminho da India, erigindo padrões, deixando homens desterrados. Pereceram em ignorados naufragios alguns navios e os desterrados e os salvos das ondas, esses padrões vivos da nova raça conquistadora, ahi ficavam na terra e eram o mysterioso João Ramalho, o obscuro bacharel da Cananéa, mais tarde o lendario Caramurú ou o ingenuo e tão interressante Hans Stade. Portuguezes e francezes chegavam á costa Brasileira, traficavam em pao-brasil, estabeleciam feitorias, deposi-

(1) *Como se deve escrever a Historia do Brasil.* Dissertação pelo dr. Carlos Frederico Ph. von Martius, na Rev. Trimensal do Instituto Historico Brasileiro. Tom. VI pag. 389.

tos ou pontos de negocio, e isto sem deixar vestigios como se vê que aconteceu na historia tão obscura do commercio dos Phenicios e carthaginezes que rodearam a Africa, foram ao incerto Ophir do Oceano Indico e em busca do estanho e do ambar ás costas da Inglaterra e ás praias hyperboreas do Baltico. Foi nesse seculo XVI que foi esculpido o côro da igreja de São Jacques, em Dieppe, onde, na figuração das scenas da vida dos mercadores da cidade, apparecem indios, cortando e carregando páo-brasil, todos armados das suas emplumadas araçoyas. (1) E outros indios então, levados á França, como curiosidade, acampavam em Ruão á margem do Sena e iam ornar a entrada triumphal de Henrique II, Christianissimo rei de França e da muito illustre dama Catharina de Medicis, sua esposa. Carlos IX dialogava com outros indios e Montaigne, fazendo traduzir uma canção dos Tupinambás, declarava achar nella um sabor todo anacreontico. (2)

Quem se dedica á Historia do Brasil não se encerra dentro de uma especialidade arida e estreita. Desde a época da descoberta nenhum grande facto europeo deixou de ter a sua repercussão no Brasil ou de influeir em nossos destinos. Se alguem entre nós fizesse a experiencia de ensinar a um adolescente a Historia do Brasil, explicando-lhe successivamente os acontecimentos da historia da Europa e pintando-lhe os seus personagens, a medida que em nossa Historia fossem apparecendo os effeitos daquelles acontecimentos ou a influencia daquellas figuras — esse adolescente acabaria sabendo, não só a Historia da sua patria, mas tambem quasi que a historia completa do Occidente do velho mundo nos ultimos tres seculos.

A Reforma repercutiu no Brasil na tentativa de colonisação huguenote de Villegaignon e, á sombra dos alterosos rochedos da bahia do Rio de Janeiro, discutiram theologos de Genebra, com theologos catholicos e perante os selvagens nús, a mais elevada theologia

(1) MARGRY. *Les Navigations Françaises*. Paris, 1867, paginas, 171.

(2) MONTAIGNE. *Essais*. Liv. I. cap. XXX

e terçaram os argumentos mais subtis sobro Graça, a Presença Real e a Predestinação. Surge no campo catholico a reacção organisada na Companhia de Jesus e dos primeiros dos seus soldados, vem muitos ao Brasil cuja historia fica então ligada á dos Jesuitas. A Hespanha quasi realisa o sonho da monarchia universal e nessa monarchia entra o Brasil, como parte do dominio de Phellippe II. Ha o primeiro annuncio da futura supremacia maritima da Inglaterra quando Elisabeth promove por todos os meios o desenvolvimento naval e Edward Feuton, um dos vencedores futuros da Invencivel Armada, penetra em Santos que Cavendish mais tarde saqueia; Withrington assola os arredores da Bahia, Lancaster ataca o Recife.

Nasce o poder maritimo dos Hollandezes e Olivier van Noort surge diante do Rio de Janeiro; van Carden tenta apossar-se da Bahia; Joris van Spilbergen hostilisa Santos. Prenuncios estes de que a revolta dos Paizes Baixos contra a Hespanha ia ter tambem como theatro de acção a nossa terra e assim foi nos trinta annos das invasões e das guerras hollandezas ao norte do Brasil. Desde então na solução das grandes crises européas, por occasião das pazes de Westphalia e de Munster no seculo XVII; na paz de Utrecht no seculo XVIII; e em nosso seculo nos tratados de Vienna de 1815, o Brasil, isto é a questão da legitimidade e dos limites da soberania portugueza na America, foi objecto de discussão e de transacção.

No seculo XVIII, a maior victoria do philosophismo foi a destruição dos jesuitas, facto da maior gravidade para o Brasil.

E, noutra ordem de idéas, de que alcance não foi para a vida economica e social do mundo inteiro toda a inundação do ouro sahido do Brasil quando houve anno em que só a capitania de Minas produziu mais de 500 arrobas de ouro?

E mais perto de nossos dias, a tormenta revolucionaria e a passagem de Napoleão pelo mundo tiveram como consequencia, deste lado do Oceano, a fórma extraordinaria pela qual, sem sacrificios, foi ganha a nossa Independencia.

Um illustre poeta inglez prestou um immenso e inestimavel serviço a nós todos, escrevendo uma notavel *Historia do Brasil*. Meditando sobre a nossa Historia, Roberto Sothey, ficou compenetrado da importancia e do valor futuro do Brasil. E ao terminar a sua grande obra diz-nos que escolheu esta grande tarefa «na sua virilidade madura e que a propoz como obejecto de uma vida dedicada a litteratura, no que esta tem de mais elevado e digno». (1) E isto fez aquelle estrangeiro illustre porque, como elle proprio o diz, ficou convencido ao estudar os trabalhos dos fundadores do Brasil, «que das emprezas desses homens obscuros surgiram consequencias mais amplas e provavelmente mais duradouras que as conquistas de Alexandre e de Carlos Magno». (2)

Mas para que, minhas senhoras e meus senhores, tenho dito tudo isto? Para provar quão interessante, quão bella, quão grande, quão relacionada com a Historia geral da humanidade é a Historia do Brasil e quão digna é de ser estudada e amada mesmo por aquelles que não são brasileiros.

Para o cumprimento, porém, do nosso dever de amar e de estudar a Historia do Brasil não é preciso que ella seja. como é, bella e grande. Basta ser nossa. Bastaria isso para a nossa Historia dever ser objecto nas escolas de um estudo mais sério e não, como o de banaes apostillas, de pontos mal escriptos e encommendados para exames sem preparo, trechos de má prosa, á ultima hora decorados e depressa esquecidos. Diante desta lamentavel anomalia, para que valha alguma cousa tudo quanto vos tenho dito, quero que sejam, ao menos, as minhas palavras como um appello instante feito á dignidade e ao patriotismo de todos, em prol do amor, isto é, do estudo das cousas patrias e do ensino da Historia do Brasil.

Não esqueçamos de que, aos povos, mais do que aos individuos, obriga o preceito da antiga sabedoria: Conhece-te a ti proprio!

---

(1) Robert Southey. *Historia do Brasil*. Traducção portugueza Vol. VI, pag. 539. Rio de Janeiro, 1862.

(2) Ibidem. Vol. I, pag. 5.

ACTAS DAS SESSÕES

SESSÃO ORDINARIA EM 25 DE JANEIRO DE 1898

PRESIDENCIA DO SR. DR. MIRANDA AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, no predio n. 2 do largo da Sé, onde se acha installado e funccionando o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, no salão destinado á sessões, presentes os socios srs. Miranda Azevedo, Carlos Reis, Alexandre Riedel, Eugenio Hollender, Theodoro Sampaio, Carlos Rath, Pereira Guimarães, Clementino Castro, Orville Derby, Euclides da Cunha, Antonio Piza, Alberto Löfgren, Arthur Goulart, Eugenio Franco, Augusto Barjona, Dionysio Fonseca, Domingos Jaguaribe e Soares Romeo, foi aberta a sessão pelo vice-presidente sr. dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo, tendo o sr. presidente participado o seu não comparecimento.

Occupam os seus logares de 1.º e 2.º secretarios, os sr. dr. Carlos Reis e Alexandre Riedel.

Foram lidas e approvadas as actas das sessões de 20 de outubro e 1.º de novembro de 1897.

O 1.º secretario da conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios

Dos srs. drs. José de Campos Novaes e Affonso Celso Junior, agradecendo a sua admissão como membros do Instituto.

Do sr. dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, enviando o seu trabalho em manuscripto: *A Ilha da Trindade*, que offerece ao Instituto.

Da Arcadia Normalista, Gabinete de Leitura Padre

Albuquerque e Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, accusando o recebimento do officio em que lhes foi communicada a eleição e posse da actual directoria do Instituto.

Do Centro Recreativo Pesqueirense (Pernambuco), pedindo auxilio de livros para a sua bibliotheca.

Offertas

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foram apresentadas, lidas e remettidas á Commissão de admissão de socios, propostas para a admissão dos srs. dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, como socio honorario; dr. Victor da Silva Freire Junior, dr. Antonio Manoel Bueno de Andrada, dr. Antonio Alves de Carvalho, dr. Arthur M. Cortines Laxe e Francisco Nicolau Baruel, como socios correspondentes.

Foi apresentado, lido, posto em discussão e sem debate approvado o seguinte parecer, elaborado pelo socio sr. dr. Antonio de Toledo Piza:

«A commissão de historia do Instituto Historico de S. Paulo, tendo examinado cuidadosamente as *Ephemerides Paulistanas*, do cidadão José Jacintho Ribeiro, entende que, no genero, é a obra mais completa que se tem escripto em S. Paulo e talvez no Brasil todo. E' uma relação, em tres volumes, mais ou menos minuciosa e bem documentada dos principaes factos da historia de S. Paulo, desde a chegada de Martim Affonso em S. Vicente, em 1532, até o presente, contada dia a dia, de 1.º de janeiro a 31 de dezembro, e illustrada com numerosos retratos de muitos dos nossos homens mais importantes. Não se poderá dizer que seja uma obra completa, visto como uma primeira tentativa em grande escala neste genero não póde sel-o, principalmente pela falta de informações minuciosas e exactas sobre muitos dos nossos homens mais distinctos, informações que são difficeis de se obterem

mesmo entre os parentes e amigos. A obra, como é, não se presta para consulta, pela impossibilidade de fazer-se um indice das materias de que trata; mas nem por isso deixa ella de ser para os estudiosos uma valiosa fonte de informações uteis sobre a historia paulista e como tal merece louvores o seu autor e o livro é digno de figurar nas estantes dos nossos homens de lettras.—S. Paulo, 25 de janeiro de 1898.»

Em seguida foi dada a palavra ao socio sr. dr. Antonio Piza, que procedeu á leitura do seu interessante trabalho relativo á expulsão dos jesuitas de S. Paulo, em 1640, escripto para servir de prefacio a um manuscripto inedito, de autor desconhecido, que trata daquelle assumpto, e que o orador attribue a Pedro de Moraes Madureira. Ao terminar a leitura, é o illustre consocio applaudido.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE FEVEREIRO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, na sala das sessões do Instituto, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Carlos Reis, Eugenio Hollender, Antonio Piza, Pereira Guimarães, Arthur Goulart, Miranda Azevedo, Alberto Löfgren, Orville Derby, Domingos Jaguaribe, Soares Romeo, Horace Lane, Theodoro Sampaio e Euclydes da Cunha, foi aberta a sessão. Faltou com participação o 2.º secretario, sr. Alexandre Riedel, que foi substituido pelo socio sr. dr. Manoel Pereira Guimarães.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

EXPEDIENTE

O 1.º secretario communica o recebimento das cartas constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

socio sr. Eugenio Hollender, declara que faz

offertas dos seguintes objectos, mas que a entrega só o poderá fazer em outra sessão: *medalha* de prata cunhada em 1658 com a effigie de M. de Nassau no anverso e a representação de cidades conquistadas pelos hollandezes no reverso; *carta*, em original de Pedro II a Luiz Felippe, escripta em francez, em data de 7 de dezembro de 1841, assignada Pierre e contra-assignada por Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho (depois visconde de Sepitiba), communicando ter sido a princeza Amelia, reconhecida como princeza brasileira.

ORDEM DO DIA

Foram lidas e remettidas á commissão de admissão de socios as propostas apresentadas para a admissão dos srs. dr. Carlos Augusto de Freitas Villalva, José Hippolyto da Silva Dutra, João Vieira de Almeida, arcediago dr. Francisco de Paula Rodrigues e dr. José Maria Bourroul.

O sr. Presidente, de accordo com o § 2.º do art. 20 dos Estatutos, declarou ficarem prehenchidas do seguinte modo as commissões permanentes:

1.ª REGULAMENTOS E ESTATUTOS

Dr. João Pereira Monteiro.
Dr. João Pedro da Veiga Filho.
Dr. Manoel Dias de Aquino e Costro.

2.ª — ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida.
Dr. Theodoro Sampaio.
Dr. Francisco M. de Gouvêa Natividade.

3.ª — REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo.
Dr. Antonio de Toledo Piza.
Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe.

3.ª—HISTORIA E ESTATISTICA DE S. PAULO

Dr. Antonio de Toledo Piza.
Conego dr. José Valois de Castro.
Dr. Euclydes da Cunha.

5.ª—HISTORIA GERAL DO BRASIL

Dr. José Estacio Corrêa de Sá e Benevides.
Tenente coronel Gabriel Prestes.
Dr. Augusto C. de Miranda Azevedo.

6.ª — GEOGRAPHIA DE S. PAULO

Dr. Theodoro Sampaio.
Dr. Orville A. Derby.
Capitão Tancredo Leite do Amaral Coutinho.

7.ª — GEOGRAPHIA GERAL DO BRASIL

Dr. José Vicente de Azevedo.
Tiburtino Mondim Pestana.
Dionysio Caio da Fonseca.

8.ª — LITTERATURA E MANUSCRIPTOS

Dr. Pedro Augusto Gomes Bardim.
Dr. Manoel Pereira Guimarães.
Professor Arthur Goulart.

9.ª — SCIENCIAS, NUMISMATICA E ARCHEOLOGIA

Alberto Lofgren.
Eugenio Hollender.
Dr. Gustavo Koenigswald. (1)

10.ª — ARTES E INDUSTRIAS

Dr. Francisco Ferreira Ramos.

---

(1) Vide a sessão de 5 de abril.

Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo.
Dr. Ignacio Wallace da Gama Cochrane.

Em seguida foi dada a palavra ao socio sr. dr. Euclydes da Cunha, que passou a lêr alguns trechos de uma obra que está escrevendo; versam os trechos lidos sobre a climatologia dos sertões da Bahia, num dos quaes, encarando o problema das seccas do norte do Brasil, expõe o illustre consocio uma hypothese sua que julga explical-as.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE MARÇO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Alexandre Riedel, Monteiro de Mello, Theodoro Sampaio, Dionysio Fonseca, Antonio Piza, Miranda Azevedo, Domingos Jaguaribe, Orville Derby e Aquino e Castro, foi aberta a sessão. Faltou com participação o 1.º secretario, sr. Carlos Reis, que foi substituido pelo 2.º secretario, occupando o logar deste o sr. Monteiro de Mello.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Foi introduzido na sala das sessões e recebido com as formalidades do estylo o novo socio sr. dr. Antonio Augusto Gomes Nogueira.

EXPEDIENTE

O 1.º secretario communica o recebimento das offertas constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado

ORDEM DO DIA

O sr. Antonio Piza, em nome da respectiva commissão, apresentou o trabalho: *Imprensa Paulista* do sr. Lafayette de Toledo, devidamente ordenado.

Foi apresentado e ficou sobre a mesa, para ser discutido e votado na proxima sessão, o parecer da commissão de admissão de socios, opinando pela approvação das propostas apresentadas nas sessões de 25 de janeiro e 5 de fevereiro.

Foram enviadas á dita commissão, quatro propostas para admissão de socios.

Foi submettido ao exame e parecer da commissão de historia geral do Brasil o trabalho: *Ilha da Trindade*, do sr. dr. Moreira de Azevedo.

Em seguida foi dada a palavra ao sr. Orville Derby, que procedeu á leitura do seu trabalho: *A estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul no seculo passado.*

Vai este trabalho á commissão de geographia geral do Brasil para emittir parecer.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE ABRIL

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Carlos Reis, Alexandre Riedel, Moreira de Toledo, Eugenio Hollender, Theodoro Sampaio, Miranda Azevedo, Arthur Goulart, Dionysio Fonseca, Orville Derby e Soares Romeo, fei aberta a sessão.

Foi approvada a acta da sessão antecedente.

EXPEDIENTE

O 1.º secretario communica o recebimento das offertas constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

Por proposta do sr. Eugenio Hollender, foi nomeado o sr. dr. von Ihering para a commissão de Sciencia, Numismatica e Archeologia, em substituição ao sr. Koenigswald, que se acha ausente.

Do mesmo socio sr. Hollender foi apresentada a seguinte proposta:

«1.º Celebrar o Instituto uma sessão magna commemorativa do descobrimento do caminho maritimo da India, por occasião do quarto centenario desse grandioso facto,

2.º Convidar-se o consul de Portugal nesta capital para assistir á sessão;

3.º Eleger-se um orador para proferir o discurso official da solemnidade, lembrando o nome do socio sr. dr. João Monteiro;

4.º Dirigir se á Sociedade de Geographia de Lisboa um officio de congratulações.»

Submettida á discussão e votação, foi a proposta approvada, sendo unanimemente acclamado orador official o sr. dr. João Monteiro.

Foram remettidos á commissão de Redacção da Revista: *A Imprensa Paulista*, trabalho do sr. Lafayette de Tolédo, e tres documentos historicos offerecidos ha tempo pelo socio sr. dr. Frederico Lisboa; assim como enviou-se á commissão respectiva, para emittir parecer, o trabalho do sr. Antonio Piza sobre a expulsão dos jesuitas de S. Paulo.

ORDEM DO DIA

Foi approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a mesa na sessão antecedente, sendo acceitos para membros do Instituto os srs. dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, na qualidade de socio honorario; dr. Victor da Silva Freire Junior, dr. Antonio Manoel Bueno de Andrada, dr. Antonio Alves de Carvalho, dr. Arthur Mesquita Cortines Laxe, Francisco Nicolau Baruel, dr. Carlos Augusto de Freitas Villalva, José Hippolyto da Silva Dutra, João Vieira de Almeida, arcediago dr. Francisco de Paula Rodrigues e dr. José Maria Bourroul, na qualidade de socios correspondentes.

Foi apresentado e ficou sobre a mesa, para ser discutido e votado na proxima sessão, o parecer da mesma commissão, opinando pela approvação das propostas apresentadas na ultima sessão.

Foram enviadas á dita commissão duas propostas para admissão de socios.

Levantase a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE ABRIL

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, presentes os socios srs. Duarte Azevedo, Carlos Reis, Moreira de Toledo, Miranda Azevedo, Soares Romeo, Dionysio Fonseca, Eugenio Hollender, Pereira Guimarães, Antonio Piza e Arthur Goulart, foi aberta a sessão, servindo de 2.º secretario o sr. Moreira de Toledo, na falta do sr. Alexandre Riedel, que participou não poder comparecer.

Foi approvada a acta da sessão antecedente.

EXPEDIENTE

Officios

Do Centro Recreativo Pesqueirense, agradecendo a remessa da Revista do Instituto.

Do socio sr. dr. H. von Ihering, agradecendo a sua nomeação para membro da commissão de Sciencias, Numismatica e Archeologia.

Do sr. dr. Manoel D. Moreira de Azevedo, agradecendo a sua nomeação para orador official na sessão magna a realizar-se em commemoração ao descobrimento do caminho maritimo da India e declarando não poder desempenhar a missão por ter de partir para o Pará. E' julgada justa e acceita a escusa do sr. João Monteiro é unanimemente acclamado orador official o socio sr. dr. Theodoro Sampaio. Outro sim fica deliberado que a referida sessão magna será realizada na noite de 20 de maio vindouro.

Offerta

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a mesa na sessão antecedente, sendo acceitos para membros do Instituto, os srs. conego Manoel Vicente da Silva e dr. Antonio Gomes do Carmo, como socios effectivos; Jesuino da Silva Mello e dr. Luiz Felippe Gonzaga de Campos, como socios correspondentes.

Achando-se presente o sr. Jesuino da Silva Mello, é elle convidado a tomar parte nos trabalhos, introduzido na sala das sessões e recebido com as formalidades do estylo.

Foi apresentado e ficou sobre a mesa o parecer da commissão de Admissão de socios, opinando pela approvação das duas propostas apresentadas no sessão passada.

Foi apresentado, lido, posto em discussão e sem debate unanimemente approvado e seguinte parecer da commissão da Historia Geral do Brasil: «A commissão leu com a maior attenção a interessante e consciencioso memoria historica *A Ilha da Trindade*, do preclaro professor dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo. Ao lado da minuciosa descripção geographica, encontrou a mais completa noticia historica que conhece sobre essa ilha e a documentação importante dos direitos do Brasil sobre o dominio desse territorio, hoje felizmente em inteira e incontestada posse nossa julga, portanto, digna de ser impressa na *Revista do Instituto*, onde apparecerá perfeitamente ao lado dos melhores trabalhos e constituirá mais um dos brilhantes titulos que tem seu autor á gratidão dos brasileiros e á justa nomeada de que gosa entre os escriptores nacionaes.»

Em consequencia, é o trabalho: *Ilha da Trindade*, enviado á commissão de Redacção da Revista.

O socio sr. Antonio Piza, apresenta e offerece um manuscripto antigo, sem data e de autor desconhecido, intitulado: *Successos da provincia de Santa Cruz que vulgarmente se chama Brasil*, e em seguida procede á leitura de um seu trabalho em que procura esclarecer a origem e autoria do mesmo manuscrip

Vão o trabalho e manuscripto á commissão de Redacção da Revista.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE MAIO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Carlos Reis, Alexandre Riedel, Domingos Jaguaribe, Miranda Azevedo, Antonio Piza, Jorge Maia, Pereira Guimarães, Dionysio Fonseca, Ernesto Goulart, Arthur Goulart e Bernardo Morelli, fei aberta a sessão.

Foi approvada a acta da sessão antecedente.

EXPEDIENTE

Do socio sr. Jesuino da Silva Mello, offerecendo o Diccionario historico e geographico de La Martinière, edição de 1768, 5 vol., A. a S.

Offertas

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a mesa na sessão antecedente, sendo acceitos para membros do Instituto os srs. dr. Manoel Pedro Monteiro Tapajós, como socio correspondente, e monsenhor Camillo Passalacqua, como socio effectivo.

Foram enviadas á dita commissão quatro propostas para admissão de socios.

Foi apresentado, lido, posto em discussão e sem debate approvado, o seguinte parecer da commissão de Historia Geral do Brasil:

«*A expulsão dos jesuitas em 1640*, constitue o assumpto da interessante memoria do illustre consocio dr. Toledo Piza. e, sobre o seu merecimento, vem a commissão de Historia Geral do Brasil dar seu parecer. A materia é tratada com aquelle cuidado e fidelidade que caracterizam os conscienciosos trabalhos da investigação do dr. Toledo Piza. Elucida muitos pontos interessantes de nossa chronica e offerece um subsidio de primeira ordem para a historia geral dos jesuitas na America do Sul. Está redigida com sobriedade, clareza e correcção. Pensa, portanto, a commissão que a memoria submettida a seu juizo deve ser publicada na *Revista do Instituto*.»

O socio sr. dr. Jorge Maia, communica que está organizando um *Vocabulario Nheengatú*, destinado ao Instituto, vindo apresentar hoje os dois primeiros fasciculos que já escreveu; em seguida faz algumas considerações a respeito do assumpto e procede á leitura de diversos trechos dos fasciculos apresentados.

Levanta-se a sessão.

Sessão magna commemorativa do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, em 20 de maio.

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

«Aos vinte de maio de mil oitocentos e noventa e oito, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto, presente grande numero de socios, deram entrada no recinto das sessões, sendo recebidos pela directoria do Instituto, e tomando assento na mesa, o sr. dr. Francisco de Assis Peixoto Gomide, vice-presidente do Estado, acompanhado do seu ajudante de ordens, capitão Jaime Marcondes; os srs. secretarios de Estado dr. João Baptista de Mello Peixoto, do Interior e da Fazenda, dr. Antonio Francisco de Paula Souza, da Agricultura e dr. José Getulio Monteiro, da Justiça; sr. conego Ezechias da Fontaura Galvão, vigario cap

tular do bispado; e o sr. commendador Bernardino Monteiro de Abreu, vice-consul de Portugal nesta capital.

Recebidos pela respectiva commissão, foram tambem introduzidos na sala das sessões e tomaram assento nos logares especiaes que lhes eram destinados, os representantes da Camara dos Deputados e do Senado do Estado, do Club Gymnastico Portuguez, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, da Sociedade Pharmaceutica Paulista, da Escola Polytechnica, da Sociedade Portugueza de Beneficencia; os srs. consules da Belgica, da França, da Suecia e Noruega e da Inglaterra em S. Paulo; o sr. consul geral da Belgica, e os srs. consul de Portugal e consul Argentino em Santos; os representantes da imprensa desta capital; algumas excellentissimas senhoras e cavalheiros convidados. Em seguida, o sr. presidente do Instituto declarou aberta a sessão e deu a palavra ao orador official, sr. dr. Theodoro Sampaio, que passou a lêr o seu esplendido trabalho sobre o assumpto commemorado pelo Instituto.

O illustre consocio, no seu discurso, fez um estudo profundo do meio social e politico em que se desenvolveu a tendencia aventureira e arrojada do povo portuguez; descreveu o scenario onde se realizou o grande acontecimento que se celebra e narrou as peripecias dos ousados navegadores, desde a sua partida *das occidentaes praias lusitanas* até a sua chegada a Calecut, termo tão suspirado da jornada: concluiu lembrando que os brasileiros, descendentes dos heroicos marinheiros que ao longe passam triumphantes, orgulhando-se desse procedencia que se enfaixa em glorias não podiam deixar de tomar parte nessa festa com que o povo portuguez quer affirmar o seu renascimento, retemperando a fibra patriotica na commemoração de seus feitos gloriosos, tanto mais que do atrevido lidar do lusitano contra o falso elemento foi que surgiu o Brasil, cuja historia nos seus primeiros lineamentos é mesma gloriosa historia do descobrimento do caminho India. Ao terminar o seu discurso, em que mais a vez patenteou a riqueza de illustração que possue

revelando ao mesmo tempo um elevado criterio historico, foi o digno consocio sr. dr. Theodoro Sampaio, com todo o enthusiasmo saudado por uma prolongada salva de palmas, felicitado e abraçado.

Obteve em seguida a palavra o sr. dr. Cunha e Costa, vice-consul de Portugal em Santos, e, em eloquente improviso, agradeceu, em nome do sr. vice-consul de Portugal nesta capital, ao Instituto e ao sr. dr. Theodoro Sampaio a homenagem prestada á gloriosa nação portugueza. O sr. dr. Cunha e Costa foi vivamente applaudido e felicitado.

Ninguem mais desejando usar da palavra, o sr. presidente do Instituto agradeceu ao governo do Estado, autoridades e mais pessoas presentes a honra do comparecimento e declarou encerrada a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE JUNHO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, presentes os socios srs. Duarte Azevedo, Carlos Reis, Eugenio Hollender, Augusto Cardoso, Eugenio Franco, Dionysio Fonseca, Orville Derby, Theodoro Sampaio, Soares Romeo, Antonio Piza e Pereira Guimarães, foi aberta a sessão, servindo de 2.º secretario o sr. Theodoro Sampaio, na falta do sr. Alexandre Riedel, que participou não poder comparecer.

Foram approvada as actas das sessões de 5 e 20 de maio.

Foi introduzido na sala das sessões e recebido com as formalidades do estylo o novo socio sr. Francisco Nicolau Baruel.

EXPEDIENTE

Officios

Do Instituto Geographico e Historico da Bahia, enviando a relação de seus funccionarios eleitos para o exercicio de 1898 a 1899.

Do director da Repartição de Estatistica e do Archivo de S. Paulo, enviando o seu Relatorio ao Governo.

Do chefe de policia do Estado, enviando cinco exemplares da «Divisão Judiciaria, Municipal e Policial do Estado».

Do socio sr. dr. Moreira de Azevedo, communicando a remessa de obras que offerece ao Instituto.

Do sr. dr. Antonio Gomes Carmo, agradecendo a sua admissão no Instituto.

Do sr. major Tristão Araripe, declarando não poder continuar a fazer parte do Instituto, por motivo de mudança de residencia.

Do socio sr. dr. João Monteiro, communicando que representou o Instituto em Lisboa, na sessão solemne que a Sociedade de Geographia daquella cidade celebrou commemorando o quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India. E' consignado um voto de agradecimento ao sr. João Monteiro, por mais esse serviço prestado.

Do socio sr. dr. Frederico Lisboa, enviando como offerta a *Historia da America Portugueza*, de Rocha Pitta, e o Relatorio do Secretario da Agricultura da Bahia.

Officios

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

Pelo sr. Eugenio Hollender, foi apresentado o catalogo supplementar das moedas ultimamente classificadas, o qual vai á commissão de Redacção da Revista.

Por proposta do 1.º secretario, foi deliberado que, no caso de ser domingo, feriado ou santificado o dia regimental da sessão ordinaria do Instituto (5 e 20 de cada mez), se realizasse esta no dia util immediatamente anterior ao marcado.

ORDEM DO DIA

Foi apresentado e ficou sobre a mesa o parecer da

commissão da Admissão de socios, opinando pela approvação das quatro propostas apresentadas na sessão de 5 de maio.

Foram enviadas á dita commissão quatro propostas para admissão de socios.

O socio sr. dr. Theodoro Sampaio, apresentando o manuscripto do testamento com que falleceu d. Luiz Mascarenhas, procedeu á leitura de um trabalho que a respeito escreveu e que titulou: «Nota a proposito do testamento de d. Luiz Mascarenhas, que foi governador da capitania de S. Paulo de 1739 a 1748.» Vão o trabalho e manuscripto á commissão de Redacção da Revista.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE JULHO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, na sala das sessões do Instituto, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Carlos Reis, Antonio Piza, Augusto Cardoso, Arthur Goulart, Dionysio Fonseca, Orville Derby, Eugenio Hollender, Pereira Guimarães, conego Manoel Vicente, Theodoro Sampaio, Soares Romeo, Jorge Maia e Victor Freire Junior, foi aberta a sessão, servindo de 2.º secretario, o sr. Pereira Guimarães, na ausencia participada do sr. Alexandre Riedel.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Foi introduzido na sala das sessões e recebido com as formalidades do estylo o novo socio sr. dr. Manoel Pedro Monteiro Tapajós.

EXPEDIENTE

O 1.º secretario communica o recebimento das offertas constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

O socio sr. Jorge Maia faz algumas consider[illegible]s a respeito do melhor modo de ser publicado [illegible]u

Vocabulario Nheèngatù; o sr. presidente declara que aguarda a apresentação de proposta sobre o assumpto para envial-a a uma commissão.

O socio sr. Arthur Goulart propoz e foi unanimemente approvado que se inserisse na acta um voto de pezar pelo fallecimento do distincto historiador patrio conselheiro J. M. Pereira da Silva.

ORDEM DO DIA

Foi approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a mesa na sessão antecedente, sendo acceitos para membros do Instituto os srs. drs. Eugenio de Andrada Egas, José Maria Lisboa Junior, Carlos Ekman e Cantidio Tolentino de Figueiredo Bretas, como socios correspondentes.

Foi apresentado e ficou sobre a mesa o parecer da mesma commissão, opinando pela approvação das quatro propostas apresentadas na ultima sessão.

Foi enviada á dita commissão uma proposta para admissão de socios.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE JULHO

PRESIDENCIA DO SR. DR. MIRANDA AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios srs. Miranda Azevedo, Carlos Reis, Alexandre Riedel, Domingos Jaguaribe, Orville Derby, Antonio Piza, Dionysio Fonseca e Theodoro Sampaio, f[illegible] aberta a sessão.

[illegible]i lida e approvada a acta da sessão antecedente.

[illegible]oma assento na assembléa o nova socio sr. dr. [illegible]s Ekman.

EXPEDIENTE

O 1.º secretario communica o recebimento das offertas constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a messa na sessão antecedente, sendo acceitos para membros do Instituto, os srs. dr. Jorge Krichbaum como socio correspondente, dr. José Getulio Monteiro como socio effectivo, conselheiro Augusto Carlos Teixeira de Aragão e Julius Mieli, como socios honorarios.

Foram enviadas á dita commissão duas propostas para admissão de socios.

O socio sr. dr. Antonio Piza, fez a leitura de um manuscripto de autor desconhecido, consistindo no panegyrico do marquez de Pombal, feito em uma igreja de Lisboa, pelo tempo do attentado Malagrida contra o rei d. José I. Vai á commissão de Redacção da Revista.

Levanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE AGOSTO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Alexandre Riedel, Eugenio Franco, Antonio Piza, Miranda Azevedo, Orville Derby, Domingos Jaguaribe, Theodoro Sampaio, E. Vanorden e monsenhor Passalacqua, foi aberta a sessão. Faltou com participação o sr. Carlos Reis, passando a exercer as funcções de 1.º secretario o 2.º sr. Alexandre Riedel, e occupando o logar de 2.º secretario o sr. Eugenio Franco.

Foi approvada a acta da sessão antecedente,

EXPEDIENTE

Officio do sr. dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, enviando um exemplar do primeiro volume do seu *Diccionario de Pernambuco.*

Balancetes da receita e despeza do Instituto, nos dois primeiros trimestres desto anno, apresentados pelo sr. Thesoureiro.

Offerta

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi apresentado e ficou sobre á mesa o parecer da commissão de Admissão de Socios, opinando pela approvação das propostas apresentadas nas duas ultimas sessões.

Foi lido, posto em discussão e sem debate approvado o seguinte parecer:

«A commissão de Geographia Geral do Brasil do Instituto Historico de S. Paulo, tendo examinado o trabalho do consocio sr. dr. Orville Derby, intitulado: *A estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul no seculo passado*, e, considerando-o de bastante interesse sobre o assumpto de que trata, é de parecer que seja o mesmo trabalho publicado na Revista do Instituto.— S. Paulo, 21 de Julho de 1898.—(Assignados) *José Tiburtino Mondim Pestana.--Dionysio Caio da Fonseca.*»

O socio sr. dr. Orville Derby procedeu á leitura de um seu trabalho epigraphado: «Um documento antigo relativo á questão de limites entre S. Paulo e Minas Geraes.» Vai á commissão de Redacção de Revista.

evanta-se a sessão.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE SETEMBRO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

A's 7 e meia horas da noite, na sala das sessões do Instituto, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Alexandre Riedel, Pereira Guimarães, Moreira de Toledo, Soares Romeo, Miranda Azevedo, Orville Derby, Antonio Piza, Theodoro Sampaio, Dionysio Fonseca e João Monteiro, foi aberta a sessão. Faltou com participação o sr. Carlos Reis, passando a exercer as funcções de 1.º secretario o 2.º, sr. Alexandre Riedel, e servindo de 2.º secretario, o sr. Pereira Guimarães.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Foi recebido na fórma do estylo o novo socio sr. dr. Jorge Krichbaum.

EXPEDIENTE

Officios

Do sr. conego Ezechias Galvão da Fontoura, vigario capitular do bispado, convidando os membros do Instituto a assistirem o *Te Deum* que será celebrado na Cathedral, a 7 do corrente, ao meio dia. Recebido com agrado o convite, ficam os srs. socios scientes.

Do sr. Wenceslau de Souza Guimarães, participando achar-se em seu poder um caixote destinado ao Instituto que trouxe de Lisboa e lhe foi entregue pelo consul geral do Brasil, em Portugal. Sciente providencie-se sobre o recebimento do volume.

Do sr. João Vieira da Silva, consul do Brasil em Portugal, communicando ter enviado ao Instituto por intermedio do sr. Wenceslau de Souza Guimarães, uma caixa contendo publicações e medalhas offerecidas pela Sociedade de Geographia de Lisboa. Accusa-se o recebimento e agradecem-se os bons officios do sr. Consul como representante do Instituto nas festas do centenario da India; agradeça-se á Sociedade de Geograpl de Lisboa a offerta feita.

Do sr. Alberto F. Rodrigues, agradecendo a reme

da Revista e enviando o *Almanach Popular Brasileiro 1894 a 1898*. Sciente, agradeça-se.

Do socio sr. dr. Ernesto Guilherme Young, consultando se póde o Instituto fornecer-lhe 500 exemplares do mappa da zona do Rio Ribeira e pedindo cinco exemplares do 2.º volume da Revista.

Providenciado tendo-se respondido não possuir o Instituto exemplares avulsos do mappa.

O sr. presidente communica que o socio sr. dr. Domingos Jaguaribe, encarregara-se de cumprimentar o sr. Campos Salles, por occasião de sua chegada ao Rio de Janeiro, e que a mesa do Instituto desempenhara igual missão nesta capital.

O socio sr. dr. João Monteiro, deu conta da missão de que se incumbiu, representando o Instituto na sessão da Sociedade de Geographia de Lisboa, commemorativa da descoberta do caminho da India.

O sr. presidente agradeceu ao sr. dr. João Monteiro mais esse serviço prestado a nossa associação.

O sr. presidente fala a respeito da data do centenario do Brasil e diz que julga ser tempo de ir preparando o programma para a solemnisação desse facto historico, lembra a conveniencia de ser nomeada uma commissão especial para esse fim, de ser feita uma conferencia a respeito e escripta uma memoria, que será escolhida e premiada dentre as melhores que forem apresentadas por essa occasião.

Fazem considerações sobre o assumpto, os socios srs. drs. João Monteiro e Miranda Azevedo. Ficou afinal deliberado que nas sessões seguintes tratar-se-á do melhor modo de ser commemorado o centenario da descoberta do Brasil.

Offertas

As constantes da relação em appendice, as quaes são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

1.ª Parte

Foi lido, posto em discussão e sem debate approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a mesa na sessão passada, sendo acceitos membros do Instituto, os srs. dr. Mario Bulcão, dr. Delfim Carlos Bernardino e Silva e Paulo Orozimbo de Azevedo, na qualidade de socios correspondentes.

Foram apresentadas, lidas e enviadas á respectiva commissão as seguintes propostas:

Dos srs. drs. João Monteiro, Miranda Azevedo e Theodoro Sampaio, para a admissão dos srs. D. Martin Garcia Meron, como socio honorario; dr. Luiz Augusto Figueira, como socio effectivo; João Vieira da Silva e dr. José Calmon Nogueira Valle da Gama, como socios correspondentes.

Dos srs. dr. Miranda Azevedo, Alexandre Riedel e Soares Romeu, para a admissão do sr. dr. Carlos Guimarães, como socio correspondente.

Dos srs. dr. Carlos Reis, Alexandre Riedel e Soares Romeu, para a admissão do sr. Aprigic Carlos de Macedo, como socio correspondente.

2.ª Parte

O socio sr. dr. Antonio de Toledo Piza, leu a copia de um documento datado de 2 de setembro de 1783, em que se trata de uma exploração feita pelo marechal Candido Xavier de Almeida e Souza, para o reconhecimento do Rio Iguaray, affluente á margem occidental do Paraná, a sete leguas abaixo da parte superior das cachoeiras das *Sete Quedas*.

E' deliberado que vá este documento á commissão da Redacção da Revista.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente levantou a sessão, convidando os srs. socios a comparecerem á de 20 do corrente mez.

Para constar foi lavrada a presente acta.

SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE SETEMBRO

PRESIDENCIA DO SR. DR. MIRANDA AZEVEDO

«Aos vinte de setembro de mil oitocentos e noventa e oito, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios, deram entrada os srs. Miranda Azevedo, Carlos Reis, Pereira Guimarães, Theodoro Sampaio, Antonio Piza e Orville Derby, foi aberta a sessão pelo vice-presidente sr. dr. Augusto Cezar de Miranda Azevedo, que convidou o socio sr. dr. Manoel Pereira Guimarães, occupar o logar de 2.º secretario, na falta do sr. Alexandre Riedel, que participou o seu não comparecimento. Communicaram tambem que não podiam comparecer os socios srs. José Francisco Soares Romeu e monsenhor Camillo Passalacqua.

Foi lida, posta em discussão e sem debate approvada, a acta da ultima sessão.

Foi introduzido na sala das sessões, por uma commissão composta dos socios srs. drs. Antonio Piza e Theodoro Sampaio, e recebido com as formalidades do estylo o novo socio sr. dr. Luiz Frederico Rangel de Freitas, que tomou assento na assembléa.

EXPEDIENTE

O 1.º secretario communica o recebimento dos livros, revistas e jornaes que adiante vão mencionados, offertas estas que são recebidas com especial agrado.

E' apresentada e enviada á commissão respectiva, uma proposta dos srs. drs. Miranda Azevedo, Carlos Reis, Manoel Pereira Guimarães, para a admissão do sr. dr. Alberto de Assumpção, deputado estadual, na qualidade de socio correspondente.

O sr. presidente, lembrando os valiosos serviços prestados ao Paiz, a este Estado e ás lettras patrias, pelo distincto brasileiro e illustre escriptor general dr. José Vieira Couto Magalhães, apresenta o alvitre de suspender-se a sessão em homenagem á sua memoria e de consignar-se na acta dos trabalhos um voto de pezar pelo seu infausto passamento, dirigindo-se aos

membros de sua familia um officio de condolencias. Sendo este alvitre unanimemente apoiado, o sr. presidente levantou a sessão, convidando aos srs. socios a comparecerem a de 5 de outubro.

Para constar foi lavrada a presente acta.—Eu Carlos Reis, 1.º secretario, a escrevi.

SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE OUTUBRO

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos 5 de outubro de mil oitocentos noventa e oito, ás 7 e meia horas da noite, presentes os socios srs. Duarte de Azevedo, Carlos Reis, Alexandre Riedel, Tiburtino Mondim, monsenhor Camillo Passalacqua, Theodoro Sampaio, Orville Derby, Domingos Jaguaribe, Antonio Piza, Soares Romeu, Miranda Azevedo, Jorge Krichbaum, Eduardo Prado, Almeida Junior e Dionysio Fonseca, o sr. presidente declara aberta a sessão.

Foi lida, posta em discussão e sem debate approvada a acta da sessão antecedente.

Foi introduzido na sala das sessões e recebido com as formalidades do estylo, o novo socio sr. dr. Mario Bulcão que tomou assento na assembléa.

EXPEDIENTE

Officio do sr. dr. José Vieira Couto de Magalhães Sobrinho, agradecendo a homenagem tributada pelo Instituto na sessão passada, á memoria do general dr. José Vieira Couto de Magalhães e as condolencias que a elle officiante e aos membros da familia do finado foram dirigidas.—Inteirado.

O socio sr. dr. Antonio Piza, propoz e foi unanimemente approvado que se consignasse na acta dos trabalhos um voto de pezar pelo fallecimento do socio fundador dr. Carlos Daniel Rath.

Ainda o mesmo sr. dr. Piza lembrou a conveniencia de ser nomeada uma commissão que se entendesse com a familia daquelle socio, no sentido de obter para

o Instituto alguns livros e documentos sobre historia e geographia de S. Paulo, que o finado devia possuir. O sr. presidente nomeou o sr. dr. Piza para tratar do assumpto, dando os passos necessarios.

Offertas

As constantes da relação publicada em annexo, são recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

1.ª Parte

Foi lido e ficou sobre a messa para ser discutido e votado na sessão seguinte, o parecer da commissão de Admissão de Socios, oppinando pela approvação das propostas de admissão apresentadas nas sessões de 5 e 20 de setembro proximo passado.

Foram apresentadas e enviadas á commissão respectiva as seguintes propostas:

Dos srs. drs. A. C. de Miranda Azevedo, Theodoro Sampaio e Eduardo Prado, para a admissão do sr. dr. Joaquim Nabuco, como socio honorario.

Dos srs. dr. A. C. de Miranda Azevedo, dr. Domingos Jaguaribe e José F. Soares Romeu, para a admissão dos srs. drs. Virgilio de Sá Pereira e José Custodio Alves Lima, como socios correspondentes.

Dos srs. drs. A. C. de Miranda Azevedo, Carlos Reis e Alexandre Riedel, para admissão do sr. conselheiro Bernardo Avelino Gavião Peixoto, como socio correspondente.

Dos srs. Carlos Reis, Tiburtino Mondim e Alexandre Riedel, para a admissão do sr. dr. Fernando de Albuquerque, como socio correspondente.

O sr. presidente acha conveniente que se proceda á nomeação da commissão que deve encarregar-se de organisar o programma para a solemnisação por parte do Instituto do centenario da descoberta do Brasil e convida aos srs. socios a eleger a mesma commissão.

O sr. dr. Miranda de Azevedo, obtendo a palavra propoz e foi unanimemente approvado, que a nomeação da referida commissão fosse feita pela mesa, devendo ser ella composta de cinco membros. Em virtude da deliberação, o sr. presidente declarou que ficava a commissão constituida dos seguintes socios: srs. drs. Augusto Cesar de Miranda Azevedo, Theodoro Sampaio, Antonio de Toledo Piza, Eduardo da Silva Prado e Orville A. Derby.

2.ª Parte

O socio sr. dr. Orville Derby, offereceu tres documentos relativos á questão de limites entre S. Paulo e Minas Geraes, acompanhados de uma breve exposição sua a respeito dos mesmos documentos.

Vão á commissão de Redacção da Revista.

Em seguida, foi dada a palavra ao socio monsenhor Camillo Passalacqua, que fez a leitura de um seu trabalho a proposito de tres documentos, a saber: I Estudo da tribu selvagem do Pury, em Campos; II Descripção do baptismo de um indigena; III Petição de beatificação do veneravel Anchieta, dirigida pelo episcopado brasileiro ao Papa Leão XIII. Este trabalho, que foi apreciado, vai á commissão de Redacção da Revista.

Dada a palavra ao socio sr. Eduardo Prado, começou declarando que encontrara em Lisboa um documento original de fr. Manoel da Ressurreição, relatando ao governo de D. Maria I, de Portugal, o estado da diocese de S. Paulo no anno de 1777, tendo a proposito delle escripto algumas considerações que fazem o objecto do trabalho que ora vem trazer ao conhecimento da assembléa. Em seguida passou a lêr o mesmo trabalho, em que, apreciando os factos relatados por fr. Manoel da Resurreição, commenta-os e compara-os com outros identicos de nossos dias. Ao terminar, foi vivamente applaudido. O interessante trabalho do sr. dr. Eduardo Prado, será enviado á commissão Redacção da Revista.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente leva

tou a sessão, convidando os srs. socios a comparecerem á de 20 do corrente, que será a de encerramento dos trabalhos.

Para constar foi lavrada a presente acta. Eu Carlos Reis, 1.º secretario a escrevi.

Sessão ordinaria de encerramento dos trabalhos do anno. em 20 de outubro de 1898

PRESIDENCIA DO SR. CONSELHEIRO DUARTE DE AZEVEDO

Aos vinte de outubro de mil oitocentos e noventa e oito, ás 7 e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios srs. Duarte Azevedo, Carlos Reis, Antonio Piza, Souza Franco, Eugenio Franco Miranda Azevedo, Moreira de Toledo, Eugenio Hollender, Pereira Guimarães, Theodoro Sampaio, Dionysio Fonseca, Arthur Goulart e Orville Derby, o sr. presidente declara aberta a sessão e convidou o socio sr. Moreira de Toledo a occupar o cargo de 2.º secretario. Participaram a sua ausencia á sessão, os socios srs. Domingos Jaguaribe, Eduardo Prado e compareceram depois della aberta os srs. Alexandre Riedel, Soares Romeo e Monteiro de Mello.

Foi lida, posta em discussão e sem debate approvada a acta da sessão antecedente.

EXPEDIENTE

Officio do sr. conselheiro Augusto Carlos Teixeira de Aragão, agradecendo a sua nomeação de socio honorario, enviando a obra *Vasco de Gama* e a *Vidigueira*, de que é autor, e declarando que opportunamente remetterá outras publicações.—Sciente.

O 1.º secretario communica o recebimento dos livros, revistas, mappas e jornaes offerecidos ao Instituto, as quaes vão em relação annexa, sendo as offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi lido, posto em discussão e sem debate approvado o parecer da commissão de Admissão de Socios, que ficara sobre a mesa na ultima sessão, sendo acceitos e proclamados membros do Instituto os srs. d. Martin Garcia Méron, na qualidade do socio honorario; João Vieira da Silva, dr. José Calmon Nogueira Valle de Gama, dr. Carlos Augusto Pereira Guimarães, professor Aprigio Carlos de Macedo, Alberto Carlos de Assumpção e dr. Luiz Augusto Nogueira, na qualidade de socios correspondentes.

Foi tambem lido o parecer da mesma commissão, opinando pela approvação das propostas de admissão de socios apresentadas na sessão antecedente. Declarando o sr. presidente que ficara o parecer sobre a mesa para ser discutido e votado na sessão seguinte, pediu a palavra o sr. dr. Miranda Azevedo e requereu dispensa de intersticio afim de serem o parecer e as propostas votadas na presente sessão, attendendo-se que esta é a de encerramento dos trabalhos de anno. Posto em discussão e votação, foi o requerimento approvado sem debate. Em consequencia foi submettido o parecer á discussão e tambem sem debate approvado, sendo acceitos e proclamados membros do Instituto, os srs. dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, na qualidade de socio honorario; dr. Virgilio de Sá Pereira, dr. José Custodio Alves Lima, conselheiro Bernardo Avelino Gavião Peixoto e dr. Fernando de Albuquerque, na qualidade de socios correspondentes.

Achando-se na sala immediata o sr. dr. Virgilio de Sá Pereira, o sr. presidente nomeia os srs. drs. Pereira Guimarães e Souza Franco, para convidarem-no a tomar parte nos trabalhos; é o novo socio acompanhado pela commissão á sala das sessões e recebido com as formalidades do estylo.

Foram apresentadas e enviadas á respectiva commissão as quatro seguintes propostas: Dos srs. dr. Joaquim Monteiro de Mello, Alexandre Riedel e Carlos Reis, para admissão dos srs. Christiano Volkart, professor normalista, inspector escolar, autor da *Monogra*

phia do Municipio de Campinas, como socio effectivo; João von Atzingen, professor normalista, inspector escolar, e dr. Samuel das Neves, engenheiro, como sociòs correspondentes.

Dos srs. Manoel Marcellino de Souza Franco, Carlos Reis e Alexandre Riedel, para admissão do sr. commendador Eugenio Leonel Ferreira, poeta e jornalista, redactor do *Diario de S. Paulo*, como socio correspondente.

Pelo sr. presidente foi apresentado em nome da Directoria o Relatorio das occurrencias e trabalhos do Instituto no anno que finda, o qual foi lido pelo 1.º secretario e ficou sobre a mesa á disposição dos senhores socios que o quizerem consultar, devendo opportunamente ser remettido á commissão de Redacção da Revista, para a competente publicação.

O sr. presidente lembrou que devendo celebrar-se a 1.º de novembro vindouro a sessão magna de anniversario da fundacão do Instituto, convinha que fosse eleito na presente sessão o orador official. Pediu a palavra o sr. dr. Miranda de Azevedo e propoz que a nomeação do orador, fosse feita pelo sr. presidente, proposta esta que foi sem debate approvada. Declarou então o sr. presidente que ficava nomeado o sr. Eduardo Prado, para falar em nome do Instituto.

Em seguida o sr. dr. Miranda Azevedo, em nome da respectiva commissão, apresentou o seguinte programma, que foi lido, posto em discussão e sem debate approvado.

«A commissão abaixo assignada, encarregada pelo Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, de organisar um programma para commemorar o quarto centenario do descobrimento do Brasil, apresenta aos illustres consocios e submette á approvação a seguinte proposta:

1.º Mandar cunhar uma medalha commemorativa que servirá para recompensa dos trabalhos apresentados ao Instituto e de que trata o art. 31 dos Estatutos.

2.º Publicar um numero especial da *Revista do Instituto*, no anno do centenario, contendo artigos ori-

ginaes, ou transcripções ou traducções de ineditos ou de livros raros, devendo todos esses trabalhos tratar exclusivamente de S. Paulo colonial ou da historia dos paulistas.

3.º Promover por todos os meios ao seu alcance e para o anno do centenario o inicio da publicação methodica dos documentos fundamentaes da historia de S. Paulo nos seculos XVI e XVII. A primeira serie desses documentos deverá ter, como as subsequentes, o titulo de *Santi Pauli monumenta historica in Brasilia*, e comprehenderá as actas e termos do Senado da Camara de S. Paulo e depois as dos outros Senados da Capitania e documentos dos cartorios civis e ecclesiasticos, ou documentos em poder de particulares, que possam interessar á historia dos paulistas nos dois primeiros seculos da Historia do Brasil.

4.º Publicacão de uma bibliographia paulista.

5.º Entrega solemne de uma medalha ao autor do melhor trabalho que for escripto a proposito da historia de S. Paulo, por occasião do centenario.

6.º Uma sessão publica solemne do Instituto Historico, com a leitura de trabalhos e discursos analogos ao acto no dia marcado para commemorar a data do descobrimento.

S. Paulo, 20 de outubro de 1898.

(Assignados) *Antonio Toledo Piza.—Orville A. Derby.—Dr. A. C. de Miranda Azevedo.—Theodoro Sampaio.—Eduardo Prado.*

Após a approvação do programma supra, o sr. presidente lembrou a conveniencia de ser desde já nomeada uma commissão que se encarregasse da execução do mesmo programma e apresentou a idéa de ficar a mesma commissão que o organisou constituida em commissão executiva permanente, com poderes para resolver sobre tudo que disser respeito á commemoração do quarto centenario do descobrimento do Brasil, por parte do Instituto. Submettido o assumpto á deliberacão da assembléa, foi unanimemente acceito o alvitre do sr. presidente. O sr. dr. Miranda Azeve agradeceu em seu nome e no de seus companheiros commissão a prova de confiança que lhes acabava

ser dada, e pediu que á commissão fosse facultado agir de accordo com a mesa.

O sr. presidente declarou que a Directoria prestaria á commissão todo o auxilio de que ella precisasse.

O sr. Eugenio Hollender, que por occasião das festas do centenario, se organisasse numa das salas do Instituto, uma exposição retrospectiva de objectos antigos que interessem á historia patria. O sr. presidente declarou que á commissão executiva, ora nomeada, ficava submettida a proposta do sr. Hollender.

Obteve a palavra o sr. dr. Antonio Piza e propoz que se consignasse na acta um voto de pezar pelo fallecimento do notavel homem de lettras dr. João Mendes de Almeida e que, por officio, a mesa apresentasse condolencias á familia do illustre finado, proposta esta que foi approvada por unanimidade.

Continuando com a palavra, apresentou o sr. dr. Piza um trabalho sobre historia patria, publicado na *Platea* e assignado *Erasmo*, e pediu que fosse enviado á commissão competente para emittir parecer. Vae á commissão de Historia Geral do Brasil.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente levantou a sessão, convidando os senhores socios a comparecerem á magna do anniversario da fundação do Instituto.

Para constar foi lavrada a presente acta. Eu Carlos Reis, 1.º secretario a escrevi.

Sessão magna de anniversario da fundação do Instituto, em 10 de novembro de 1898

PRESIDENCIA DO SR. DR. A. C. DE MIRANDA AZEVEDO

Aos dez de novembro de mil oitocentos e noventa e oito, ás oito horas da noite, no salão do Instituto, sentes grande numero de socios representantes de ociações e corporações, excellentissimas senhoras e alheiros convidados, foi aberta a sessão pelo vice-sidente sr. dr. A. C. de Miranda Azevedo, que

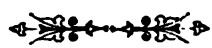
participou não ter comparecido o sr. presidente por motivo de molestia, e pronunciou em seguida um brilhante discurso.

Foram introduzidos por uma commissão na sala das sessões, os novos socios srs. drs. Francisco Franco da Rocha, Carlos Augusto de Freitas Villalva e José Custodio Alves Lima.

Em seguida foi dada a palavra ao socio sr. dr. Eduardo Prado, que leu um importante discurso, que foi muito applaudido.

Nada mais havendo a tratar o sr. presidente congratulou se com o auditorio pelo brilhantismo e elevação de idéas do discurso do sr. dr. Eduardo Prado, agradeceu o comparecimento das senhoras e cavalheiros que concorreram com a sua presença para mais realçe dar á solemnidade da sessão e declarou encerrada a presente sessão.

Para constar foi lavrada esta acta. Eu Carlos Reis, 1.ª secretario a escrevi.



RELATORIO

dos trabalhos e occorrencias do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, no anno de 1898, apresentado pela Directoria na sessão de 20 de outubro de 1898.

SRS. MEMBROS DO INSTITUTO GEOGRAPHICO DE S. PAULO

Em observancia ao preceito do § 5.º do art. 12 dos Estatutos, a Directoria do Instituto tem a honra de apresentar á vossa consideração o relatorio referente ao presente anno.

COMMISSÕES PERMANENTES

De accordo com o art. 20, § 2.º dos Estatutos, foram nomeadas, em sessões de 5 de fevereiro, as commissões permanentes para o corrente triennio.

SESSÕES E TRABALHOS

Durante o anno effectuaram-se 15 sessões, sendo uma de abertura de trabalhos, a 25 de janeiro, uma magna, a 20 de maio, para commemorar o 4.º centenario do descobrimento do caminho maritimo da India, e 13 ordinarias, inclusive a de encerramento dos trabalhos.

Em virtude da deliberação tomada em sessão de 20 de junho, continuaram as reuniões do Instituto, em sessão ordinaria, a realizarem-se a 5 e 20 de cada mez, salvo quando taes dias forem santificados, feriados ou domingos, caso em que a sessão effectuar-se-á no dia util immediatamente anterior.

Nas sessões celebradas foram apresentadas e lidos os seguintes trabalhos:

Pelo socio sr. dr. Antonio Piza: *Parecer sobre o trabalho; Chronicas Paulistas,* do sr. José Jacintho Ribeiro; *Expulsão dos jesuitas de S. Paulo,* em 1640; *Successos da Provincia de Santa Cruz: Panegyrico do marquez de Pombal; Exploração do rio Igurey, pelo marechal Candido Xavier de Almeida e Souza.*

Pelo socio sr. dr. Euclydes da Cunha. *Climatologia dos sertões da Bahia,* parte de uma sua obra em preparo.

Pelo socio sr. dr. Orville A. Derby: *A estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul, no seculo passado; Um documento antigo relativo á questão de limites entre São Paulo e Minas Geraes; Exposição,* a respeito de tres outros documentos relativos á referida questão de limites.

Pelo socio sr. dr. Jorge Maia: *Vocabulario Nheêngatú,* (os dois primeiros fasciculos).

Pelo socio sr. dr. Theodoro Sampaio: *Discurso* proferido na sessão solemne de 20 de maio, commemorativa do 4.º centenario do descobrimento do caminho maritimo da India; *Nota a proposito do testamento de D. Luiz Mascarenhas que foi governador da capitania de S. Paulo.*

Pelo socio sr. Eugenio Hollender: *Catalogo* suplementar das moedas ultimamente classificadas.

Pelo socio monsenhor Camillo Passalacqua: *Esti*

da tribu selvagem do Pury, em Campos; Descripção do baptismo de um indigena; Petição de beatificação do veneravel Anchieta, dirigida ao Papa Leão XIII pelo Episcopado Brasileiro.

Pelo socio sr. dr. Eduardo da Silva Prado: *Apreciações* a respeito de um documento original de fr. Manoel da Resurreição, em que relata ao governo de d. Maria II, de Portugal, o estado da diocese de São Paulo, em 1777.

Pela commissão da Historia Geral do Brasil: *Parecer* sobre o trabalho; *Ilha da Trindade,* do sr. dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo; *Parecer* sobre o trabalho; *Expulsão dos jesuitas de S. Paulo,* do socio sr. dr. Antonio Piza.

Pela commissão de Geographia Geral do Brasil: *Parecer* sobre o trabalho: *A estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul,* do socio sr. dr. Orville Derby.

BIBLIOTHECA E ARCHIVO

No correr do anno foram offerecidos alguns objectos e numero regular de obras, tendo assim augmentado o fundo da bibliotheca e do archivo, o qual consta do respectivo catalogo a este annexo.

SOCIOS

Com o fallecimento do sr. dr. Carlos Daniel Rath, perdeu o Instituto, no presente anno, um dos seus dignos socios fundadores; o passamento deu-se nesta capital a 28 de setembro proximo passado.

Nos annexos encontrareis a relação geral dos mem- [illegible] do Instituto.

REVISTA

[illegible]lume 3.º da *Revista do Instituto,* referente ao

corrente anno, está no prelo e brevemente será distribuido.

FINANÇAS

Em annexos vão os balancetes da Receita e Despeza do Instituto, nos trimestres decorridos de 1 de janeiro a 30 de setembro deste anno; o saldo existente nesta data é de 3:459$700, como verificareis.

O balancete do ultimo trimestre de 1897, foi publicado no 2.º volume da *Revista*.

O Congresso Legislativo do Estado, manteve a verba de 6.000$000 com que ha dois annos é auxiliado o Instituto, consignando-a na lei do orçamento para o anno vindouro.

A Directoria, em nome do Instituto, julga do seu dever manifestar aqui um voto de agradecimento áquella patriotica corporação politica do Estado.

CONCLUSÃO

Eis o que á Directoria occorre relatar-vos; si de outros esclarecimentos precisardes, está ella prompta a vol-os dar.

S. Paulo, 20 de outubro de 1898.

Dr. M. A. Duarte de Azevedo,
Presidente.

Dr. A. C. de Miranda Azevedo,
Vice-presidente.

Carlos Reis,
Primeiro secretario.

Alexandre Riedel,
Segundo secretario.

Dr. Domingos Jaguar
Thesoureiro,

Balancete da Receita e Despeza do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, no trimestre decorrido de 1.º de janeiro a 31 de março de 1898.

RECEITA

Saldo demonstrado no balancete fechado em 31 de dezembro de 1897. . . .		6:753$480
Joia e annuidades dos quatro seguintes socios: dr. Bernardino de Campos, dr. Antonio Augusto Gomes Nogeira, José Gomes dos Santos Guimarães e dr. Aristides Salles..		296$000
Annuidade dos vinte e tres socios constantes da Relação annexa, sendo:		
Recebida directamente pelo Thesoureiro..	168$000	
Idem por intermedio do cobrador.	408$000	576$000
Auxilio concedido pelo Congresso Legislativo do Estado para o corrente anno. .		6:000$000
		13:625$480

DESPEZA

Aluguel das salas onde funcciona o Instituto (largo da Sé n. 2), inclusive illuminação das mesmas, relativo aos mezes de janeiro, fevereiro e março.		870$000
Gratificação ao zelador, relativa aos ditos tres mezes.. . .		90$000
Encadernação de 172 volumes de obras diversas, a 5$ 00 cada volume.	860$000	
Encadernação de tres mezes do *Diario Official*, em um volume.	10$000	870$000
Importancia de cabides, taboleta a oleo para a porta, ditas impressas e quadros para a mesma, impressos e objectos para o serviço da secretaria e despeza com o expediente durante o trimestre.		137$500
Pago por conta da impressão do 2.º volume da *Revista do Instituto*.		1:300$000
Porcentagem ao cobrador sobre a importancia de 408$000 que cobrou. . .		40$800
		3:308$300

RESUMO

Importancia da Receita. . .	13:625$480	
Idem da despeza..	3:308$300	
Saldo nesta data. .		10:317$1

Sendo:		
Depositado no Banco de Credito Real de S. Paulo, em conta corrente..	10:161$380	
Dinheiro em mão do Thesoureiro.	155$800	
Somma. . . .		10:317$180

S. Paulo, 31 de março de 1898.

O Thesoureiro do Instituto,
Dr Domingos Jaguaribe.

Balancete da Receita e Despeza do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, no trimestre decorrido de 1.º de abril a 30 de junho de 1898.

RECEITA

Saldo demonstrado no balancete fechado em 31 de (janeiro) digo março. . . .	10:317$180
Joia e annuidade de seis socios constantes da relação annexa.	444$000
Annuidad de 11 socios idem..	288$000
Juros nesta data em favor do Instituto pelo dinheiro em conta corrente no Banco de Credito Real de S. Paulo. .	118$320
	11:167$500

DESPEZA

Pago pela impressão lithographica de gravura e plantas para o 2.º volume da *Revista do Instituto*.	1:100$000
Idem por saldo da impressão lythographica do mesmo segundo volume da *Revista*.	1:724$800
Idem por annuncios para os livros da bibliotheca, tabiques de divisão, etc. . .	1:600$000
Idem por encadernação de livros. . . .	410$000
Idem pelo alugel das salas onde funcciona o Instituto e illuminação das mesmas, nos mezes de abril, maio e junho.	930$000
Idem ao zelador do Instituto, sua gratificação dos mezes de abril, maio e junho.	90$000
Idem por aluguel de cadeiras para a sessão magna de 20 de maio.. . . .	25$000
Pago ao cobrador, porcentagem sobre a cobrança que effectuou no trimestre. .	515$200
Idem por cartas circulares e impressos. .	25$000
Idem por lavagem das salas e vidraças, despezas com a sessão de 20 de maio, com o expediente e outras durante o trimestre.	77$000
	6:033$000

RESUMO

Importancia da receita. . .	11:167$500	
Idem da despeza.	5.033$000	
Saldo nesta data. . .		5:134$550

Sendo:		
Depositado em conta corrente no Banco Credito Real de S. Paulo..	5:080$700	
Dinheiro em mão do Thesoureiro do Instituto.. . . .	53$800	
Somma. . . .		5:134$500

S. Paulo, 30 de junho de 1898.

O Thesoureiro do Instituto,
Dr. Domingos Jaguaribe.

Balancete da Receita e Despeza do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, no trimestre de 1.º de julho a 30 de setembro de 1898.

RECEITA

Saldo demonstrado no balancete fechado em 30 de junho.	5:134$500
Joia e annuidade de oito socios constantes da relação annexa..	592$000
Annuidade de 12 socios, idem.	336$000
	6:062$500

DESPEZA

Porcentagem paga ao cobrador.	65$800
Pago a Caetano Apostolico, pelos serviços com a demolição de uma parede, estrado, tribuna, etc..	468$000
Aluguel da casa e illuminação nos mezes de julho, agosto e setembro.	930$000
A transportar. . .	1:463$800

Transporte. . . .	1:463$800
Gratificação ao zelador nos ditos tres mezes.	90$000
Pago por conta da impressão do 3.º volume da *Revista do Instituto*.	1:000$000
Lavagem da casa, aluguel de um carro e despezas com o expediente durante o trimestre.	49$000
	2:602$800

RESUMO

Importancia da Receita. . .	6:662$500	
Idem da despeza..	2:602$800	
Saldo nesta data. . .		3:495$700
Sendo:		
Depositada em conta corrente no Banco de Credito Real de S. Paulo.	3:339$400	
Dinheiro em mão do Thesoureiro.	120$300	3.459$700

S. Paulo, 6 de outubro de 1898.

O Thesoureiro do Instituto,

DR. DOMINGOS JAGUARIBE.

SECÇÃO DE NUMISMATICA

MOEDAS E MEDALHAS

Supplemento ao Catalogo primitivo, pelo socio fundador

E. HOLLENDER

AUSTRIA

16 1885 1 groschen, Scheide munge, cobre.
17 1759 Maria Theresa, idem.
18 1861 4 groschen (Bohemia), idem.

FRANÇA

33 1866 Napoleão III, prata, um franco.
34 1862 Idem, cobre, cinco centimos, coroado.

RUSSIA

6 1866 Cobre, 2 kopecks.

ITALIA

7 1867 Victor Emmanuel, cobre, 10 centesimi.
,1 Idem, idem, 5 idem.
;1 Idem, idem, 2 idem.
'2 Reino Lombardo Veneto, cobre, 5 idem.
,4 Idem, idem, 1 idem.

BAVARIA — ALLEMANHA

27	1893	Cobre, Cidade de Aix La Chapelle XII, Heller.

SICILIA

4	1792	Fernando IV, Rei de Sicilia, 9 centimos

SUECIA E NORUEGA

12		1 ore key corôas, cobre.
13	1861	1 meio skilling com speka, idem.

MAROCCO

1	1871	1 Tti, cobre, moderna.

HESPANHA

50	1828	Ferdinand VII, prata, 2 reaes.
51	1820	Idem, idem, idem.
52	1827	Idem, idem, idem.
53	1806	Carolus IV, idem, idem.
54	1807	Idem, idem, idem.
55	1799	Idem, idem, idem.
56	1777	Idem, idem, idem.
57	1811	Joseph Napoleão, idem, idem.
58	1812	Idem, idem, idem.
59	1798	Carolus IV, cobre, 4 idem.
60	1624	Philippus IV, idem, 8 idem. rarissimo.
61	1624	Idem, idem, idem, estragado.
62	1624	Idem, idem, idem, 8 VIII.
63	1824	Idem, idem, idem.
64	1632	Philippe V, idem, com escudo, 2 idem.
65	1632	Idem, P. V, idem, R. X. L.
66	1632	Philippe III, P. V., com o leão.
67	1632	Fernando *O Catholico.*

BOLIVIA

3 1830 Bolivar, 4 soldos, prata, livre pela Constituição.

PARAGUAY

6 1870 Cobre, 4 centesimos.
7 1867 Medalha de cobre, 21 de outubro de 1867.
8 El mariscal Lopes, A los valientes de Tatayra, com lanceiro no centro. Accompanha essa medalha a respectiva fita amarella e amarantho.

REPUBLICA ARGENTINA

16 1890 Cobre, um centavo, Libertad.
17 1854 Idem, idem, Banco Thesouro Nacional.

PORTUGAL

12 1865 Ludovicus I, Portugal et Algarve, 20 réis, cobre.
13 1863 Maria II, idem, V idem, idem.
14 1878 Ludovicus I, idem, idem, idem.
15 1884 Luiz I, idem, X. idem, idem.
16 1882 Idem, idem, V idem, idem.

ROMA

8 Marc Aurelio, S. C. sede curula, bronze.
9 Constantino, S. A. R., Janus.
10 ..... attribuido a Constantino.
11 Constantinus, Duas figuras armadas no verso.

INGLATERRA

1817 Georges III, prata, um shilling.
1797 Idem, cobre, imitação da Spade Guinea.

13 1838 Victoria Regina, prata, um shilling.
14 1860 Idem, cobre, um farthing.
15 1897 Medalha de Jubileu, medalha offerecida pelos ministros.
16 1897 Idem metal branco.
17 1897 Idem do Jubileu, India.
18 1897 Idem idem, Canadá.
19 1897 Idem idem, Nova Zelandia.
20 1897 Idem idem, offerecido pelos bispos inglezes, metal branco.
21 1858 Victoria Regina, prata, six pence.

BRASIL

1749 Johannes V, prata, 320, dois florões ao verso, Sign. Nata. Subq. Stab, Sphera armillar com R.
1751 Josephus I, Deo Gr. Rex Brasi, prata, 520 dois florões R.
1768 Josephus I, 160 réis, 3 florões, prata escudo corôa e sphera armillar.
1820 Johannes VI, X. L., cobre.
1821 Idem, 1822, L*X*X*X* R., ao verso esphera armillar e escudo portuguez.
1821 Idem, *X* R., mesma observação.
1799 Maria I, escudo e corôa, cobre, no verso sphera armillar, V réis.
1820 Joanos VI, *XL*, R., cobre, recunhada no tempo de Pedro I, com o cunho de 20 réis, esphera armillar coberta com escudo, presente do socio sr. Piza.
1826 Pedro I, 20 réis, cobre, recunhado a 10 réis no verso as armas do Impe
1871 Medalha cunhada pela maçonu leira e offerecido ao presider

selho de ministros visconde do Rio Branco, Lei n. 2.040 de 28 de setembro de 1871, conhecida sob o nome de Lei do Ventre livre, Grande Oriente do Brasil, Val.·. do Lavradio, Raro Especimen, gravado por Carneiro na Casa da Moeda.

1886 Nickel de 50 réis, Imperio do Brasil, Armas do Reino.

General Couto de Magalhães

NECROLOGIA

GENERAL COUTO DE MAGALHÃES

A 14 de setembro falleceu quasi repentinamente no Rio de Janeiro, no hotel da Vista Alegre, o general Couto de Magalhães, uma das figuras mais originaes da sociedade brasileira.

Reproduzimos os dados biographicos que publicamos em novembro de 1887, (1) no *Brasil Contemporaneo*, completando-os com os ultimos factos da vida do illustre compatriota.

Bem que não fosse paulista e não pertencesse ao Instituto, o general Couto de Magalhães estava tão ligado e amava tanto S. Paulo, como o mais genuino paulista, podendo mesmo ser considerado o ultimo dos *bandeirantes*, por suas viagens e explorações pelo sertão brasileiro. Quanto ao facto de não figurar no quadro de nossos consocios, é um desses phenomenos curiosos que se observa em nosso meio social; pois ninguem mais presava que elle, o estudo de nossa historia e a investigação de nossas cousas. Para corrigir essa falha, ultimamente varios consocios, já tinham acordado em propor os nomes de Couto de Magalhães e de João Mendes de Almeida, para o quadro de socios honorarios do Instituto. A morte de ambos, veiu impedir a sua realização; prestamos, portanto, a devida homenagem a um e a outro, dando as suas biogra-
is.

Brasil Contemporaneo, n. 34.

* * *

A provincia de Minas Geraes tem sido o berço de grande numero de brasileiros illustres, nos diversos ramos do saber humano; sciencias, lettras e artes são cultivadas com muito amor e proveito pelos mineiros desde os tempos coloniaes do Brasil. Entre os varões notaveis desta provincia, destaca-se a physionomia original e distincta do dr. José Vieira Couto de Magalhães, que acaba de completar 50 annos. Nasceu elle a 1.º de novembro de 1836, na cidade da Diamantina, tendo por pae o capitão Antonio Carlos de Magallhães e por mãe d. Thereza do Prado Vieira Couto.

E' de origem paulista a familia do general Couto de Magalhães, pois na linha directa de seus ascendentes conta o nome do mestre de campo (1), Thomé Antunes de Couto, que foi enviado de Portugal em commissão scientifica e militar para esta provincia. Aqui estabeleceu-se, constituiu familia e só mais tarde no desempenho de seu cargo na denarcação de terras, passou-se para a provincia de Minas Geraes.

Foi Thomé do Couto avô do naturalista brasileiro José Vieira Couto, que tornou seu nome conhecido e considerado entre os sabios europeus da sua época.

A lei da hereditariedade das aptidões intellectuaes, e predilecções scientificas e sociaes, tem mais uma confirmação na individualidade do general Couto de Magalhães. O gosto decidido que tem pelas viagens e explorações, herdou dos seus antepassados, o grande navegante portuguez Magalhães, assim como o amor pelo estudo das sciencias astronomicas e naturaes recebeu de ponto mais proximo, qual seu avô dr. José Vieira Couto.

Para S. Paulo veiu o jovem Couto de Magalhães concluir seus estudos de preparatorias, matriculou-se no curso juridico, completou o tirocinio academico em 1859 e defendeu theses para doutoramento em 1860.

Ao tempo que estudava as materias da academia, occupava-se tambem com as lettras e conquistou o nome

(1) Este posto corresponde á graduação de brig

de bom litterato entre os collegas. Na imprensa appareceu frequentemente, sempre com brilho; e o volume que publicou em 1860, *Os Guayanazes*, confirmou a reputação adquirida. Demos a palavra, a elle proprio, para os traços de sua vida academica é a carta prologo dirigida a seu amigo o conselheiro Homem de Mello.

«Este pequeno conto *(Os Guayanazes)* é, como tudo o que tenho escripto, feito nos trambulhões e ás carreiras. Lembras-te ainda de aquelle nosso bom tempo de saudosa memoria da rua da Forca? Formavamos um grupo engraçado e comico, sobretudo quando nos reuniamos na sala de jantar. O Ferreira Dias palpitava de enthusiasmo lendo o Lamartine; V. estudava historia patria como um fanatico, gesticulava repetindo os energicos discursos fervorosos da época da independencia, eu passeava de um lado para outro, com uma gravidade tudesca, estudando o allemão. Eramos tres enthusiastas fardados diversamente. Nossa vida era então um agitar constante: ora escreviamos artigos de politica, ora discutiamos, ora corriamos apressados para as aulas, passeavamos, faziamos gymnastica, jogavamos espada, liamos poesias, exercitavamo nos na conversação franceza... era um constante agitar. Pois bem; assim como foi a nossa vida de caloiros, continuou a minha, com a differença — a confusão e o labirynthо não já eram tão alegres, mas era sempre — tanto ou mais, tão complicado.

«Foi no meio desse remoinhar que eu escrevi o opusculo intitulado: *Destino das lettras no Brasil*, que escrevi os *Traços biographicos sobre os poétas academicos* e outras coisas que estão ineditas. Nas ferias de 1858 a 1859 deu-me a veneta de escrever romances. Eu estudava então o portuguez e assentei de escrever um pequeno ensaio em estylo quinhentista, foi o conto *O estudante e os monges* que publiquei na *Revista Academica;* conclui aquelle original typo que havia come-
quando moravamos junctos, isto é, o *Dr. Calmírú*
evi o que agora publico »
spretencioso, é comtudo, o conto alludido, um
de merecimento; pena é que o autor não pro-

duzisse nesse sentido outros escriptos, e seguisse outra vereda na vida.

o o o

Cedo começou o dr. José Vieira Couto de Magalhães a carreira publica; logo depois de formado em 1860 foi como secretario da provincia de Minas, auxiliar a administração do conselheiro Vicente Pires da Motta. Desde então revelou as qualidades e tino, que assignalaram sua passagem em outras provincias, como presidente que foi da de Goyaz, de 1862 a 1863 e da do Pará de 1864 a 1865.

Em 1873 foi nomeado presidente de Minas Geraes, mas não tomou posse do logar.

Em 1865, quando os paraguayos assolavam a provincia de Matto Grosso, e era difficil a empreza de administral-a, o governo lembrou-se em boa hora do dr. José Vieira Couto de Magalhães, que acceitou a patriotica missão de libertar o solo patria da invasão inimiga. Nomeado com poderes especiaes, além das prerogativas de presidente, tinha a autoridade de general em chefe, e de presidente da juncta suprema militar de justiça. E com tal energia, actividade e acerto se houve que conseguiu organisar as forças, creando o batalhão de voluntarios, bater o inimigo, e dar a paz á provincia de Matto Grosso que ainda hoje recorda com gratidão os beneficios de sua administracão. Deu disso testemunho a camara municipal de Cuyabá, que mandou gravar o retrato do benemerito brasileiro, com uma legenda que commemora seus feitos, para adornar a sala onde celebra suas sessões. Além da guerra teve que luctar a administração do general Couto de Magalhães com a terrivel epidemia da variola, que causou tanto mal, quasi como a invasão paraguaya, e arcar com a fome, socia inseparavel daquelles males. Até 1867 permaneceu na presidencia de Matto Grosso e póde-se affirmar que não poupou nem esforço pessoal, nem recurso que pudesse crear pela sua posição official, para soccorrer a população flagellada. No meio tanta perturbação, a tempera rigida, e a calma

general Couto de Magalhães, foram sempre inalteraveis; attendeu outros ramos de administração e tanto quanto possivel deixou em bôas condições a provincia de Matto Grrosso.

A sua vida politica ainda conta as deputações por Goyaz e Matto Grosso, em diversas legislaturas; e mais longa seria se não tivesse elle tido contrariedades em 1870, época em que procurou dirigir sua actividade para outras questões.

o o o

A physionomia industrial e financeira accentuou-se; o general Couto de Magalhães mostrou a mesma intelligencia e energia na organisação de varias emprezas, que desenvolvera na alta administração politica ou na dedicação estudiosa de um assumpto scientifico ou litterario.

As navegações dos rios Araguaya, Marajó e Tocantins exprimem uma somma enorme de esforços e de luctas que teriam feito succumbir qualquer outro de tempera menos rija. Conseguiu o general Couto de Magalhães ver o successo de todas essas emprezas e mais a da navegação do Amazonas até Maues.

Uma vez lançado no campo industrial não parou sua ambição, e nesse genero obra de maior vulto é a actual *Minas and Rio Railway C.º*, vulgarmente conhecida por estrada de ferro do Rio Verde.

Longos annos de trabalho assiduo, de decepções e despezas, empregou o general Couto de Magalhães para organisar a companhia, e obter os capitaes necessarios para a primeira linha ferrea do Sul de Minas.

Não é aqui o logar proprio para discutir as vantagens economicas dessa linha, mas é forçoso confessar que se não fôsse sua pertinacia, ainda hoje seriam quasi inaccessiveis as estações de Caxambú, Contendas e ..nbary, de sorte que a humanidade soffredora, só n muita difficuldade poderia aproveitar os recursos ormes dessas beneficas aguas medicinaes.

e no Brasil houvesse opinião publica, a população

sul-mineira deveria ter o general Couto de Magalhães, como seu representante effectivo no parlamento nacional; nada mais faria do que pagar-lhe uma divida de gratidão.

Póde-se dizer que a linha do Rio Verde abriu caminho facil para a civilisação e o progresso penetrarem na zona sul-mineira.

Não descansou, porém, o general Couto de Magalhes; voltando da Europa, onde dedicara-se a serios estudos scientificos na Inglaterra, fixou residencia nesta cidade, onde tem prestado relevantes serviços á causa publica e especialmente ao desenvolvimento paulista.

Foi socio fundador e presidente effectivo da *Sociedade de Immigração de S. Paulo*, durante um anno. Nesse periodo a vida da associação foi gloriosa, e de tal maneira procedeu que chamou a attenção do povo e iniciou muitas idéas que foram levadas ao terreno da pratica ou ao seio do parlamento. Infelizmente o estado de sua saude não permittiu continuar na presidencia, e com sua retirada, extinguiu-se por assim dizer a vida da sociedade.

Como membro da commissão organisadora do plano de estudos para o Instituto commemorativo do Ypiranga, consta-nos, que tem tambem o general Couto de Magalhães contribuido, com valioso contingente, e tem delineado um bom plano de estudos scientificos e praticos para serem alli executados.

Ultimamente ainda presenciaram todos o modo energico e digno com que se houve na questão da estrada de ferro do Norte, conseguindo levantar o credito dessa empreza pelas medidas acertadas que propôz e que foram acceitas pela assembléa geral de accionistas, a despeito da guerra que lhe moveram interesses particulares.

* * *

A feição, porém, que nos é mais sympathica, é a do escriptor nacional, que traçou dois trabalhos preciosos. A memoria sobre a *Revolução de Minas em 1720, e execução de Felippe dos Santos*, e o seu livro:

O Selvagem. Naquella o distincto historiador arranca do esquecimento, e liberta do anathema da historia official um dos mais interessantes episodios de nosso passado e assignala o primeiro movimento revolucionario e origem de nossa independencia politica.

Infelizmente é *O Selvagem* menos conhecido entre nós que na Europa; lá foi traduzido para as linguas franceza, allemã e ingleza, e é tido em alta consideração pelos sabios. O illustre professor Gubernatis fez em italiano um longo resumo, e tece-lhe os maiores encomios.

No *Selvagem,* o general Couto de Magalhães ostenta-se um erudito de fina agua e philantropo dos mais acrysolados. Estudando a lingua *tupi* discute com admiravel criterio as mais difficeis questões de linguistica, e sustenta com bôas razões, a maior antiguidade do tupi que o sanskrito. Dá a morphologia desse idioma, analysa-lhe as bellezas e riqueza, e registra-lhes as lendas, prestando um enorme serviço nesse ponto. Discutindo os costumes, religião e origem do indigena brasileiro, traz para a anthropologia, valiosos dados e factos novos de um interesse extraordinario pois assim deve-se reputar tudo que nos narra o illustre viajante, do que observou entre os costumes e instituições dos *Cahyapós*, *Guatós* e *Chambioás*. As descripções topographicas, botanicas e geologicas, são contribuições reaes para o estudo physico das regiões percorridas pelo general Couto de Magalhães.

Agora, deixando o sabio, vejamos o philantropo.

Advoga com uma tal eloquencia e nobreza de sentimentos a causa do aproveitamento do indigena para o paiz e para a civilisazão que o leitor sente-se logo ganho para o seu lado. E' baseado, porém, em solidas razões fornecidas pelas sciencias naturaes e pela philosophia das cifras que demonstra o general Couto de Magalhães as vantagens da catechese do nosso indio, e com todo o criterio apresenta o melhor meio para seguil-o, que é o estudo da lingua tupi — o instrumento mais proprio para semelhante conquista.

Muitos outros titulos tem o benemerito brasileiro á gratidão de seus compatriotas, e se já não fosse longo

este artigo dariamos alguns traços para completar sua physionomia particular e typo original.

Em duas palavras: o general Couto de Magalhães é um excentrico, mas um excentrico de talento e de coração.

o ° o

Como demonstração de quanto preoccupava-se pela sorte do nosso primeiro possuidor do solo, damos a seguinte carta, que poucos dias antes de fallecer escreveu do Rio de Janeiro ao dr. Peixoto Gomide; eis o trecho transcripto das *Notas e informações* da *Provincia de S. Paulo*, de 15 de setembro:

«No dia 1 de agosto deste anno, o general Couto de Magalhães, que hontem morreu no Rio, escreveu ao dr. Peixoto Gomide a seguinte carta:

«Com a idade que tenho poderei viver, quando muito, mais 10 annos, e desejo consagral-os aos aborigenes de S. Paulo, de quem descendo. Conversando com o dr. Bueno de Andrada, que tambem delles descende, disse-lhe que acceitaria o cargo geral, não remunerado, de director dos indios de S. Paulo, se pudesse contar com o apoio de v. exa., mesmo depois de sair da presidencia, para prestarmos a S. Paulo o grande serviço de estudar as linguas, as tribus, as terras que possuem, a religião que seguem e a vida que levam os verdadeiros proprietarios da terra paulista.

Sou hoje no Brasil um dos poucos que conhecem linguas selvagens do Brasil; o meu curso da lingua tupi está traduzido em francez, italiano, allemão, inglez e em ruso, sou citado nas obras modernas em inglez, allemão, francez e entre outras no volume 1º da Geographia Universal de *Reclus*, por causa de meus trabalhos em relação ás raças selvagens de nossa terra, e desejo concluil-os antes de morrer.

Quer v. exa. metter o seu hombro forte para ajudarme neste serviço á nossa terra? — De v. exa. collega e amantissimo velho, *J. V. Couto de Magalhães.*

A mesma nota se observa sempre em quasi todos os seus escriptos acerca de assumptos nacionaes.

Tratando-se de discutir o modo de celebrar a descoberta do Brasil, no projecto apresentado ao Instituto do Rio de Janeiro, e publicado no *Jornal do Commercio*, bem se vê essa preoccupação.

O patriotismo anima-o no plano que propõe para essa commemoração, e igual sentimento o domina no artigo que escreveu sobre a questão do Amapá.

o o o

Completaremos agora a noticia do seu ultimo periodo de homem publico.

Com a subida ao poder do partido liberal em 1889, foi o general Couto de Magalhães nomeado presidente de S. Paulo, e nesse cargo encontrou-o a revolução a 15 de novembro. Preoccupado com a senha eleitoral do gabinete de 7 de junho, de derrotar os republicanos, nada poude fazer o administrador em beneficio da provincia, onde alias contava amigos e sympathias entre todos os partidos.

Ao chegarem as primeiras noticias da revolução, reuniu o general Couto de Magalhães seus amigos politicos em Palacio, e tratou de ver os elementos de resistencia. O unico telegramma de que teve conhecimento, foi o do *London Bonk*, que laconicamente dizia: *forças de terra e mar revoltadas, Ladario ferido.* Não contando com força, manteve-se em prudente e reservada attitude.

A' commissão enviada pelos republicanos, composta dos drs. Luiz Pereiro Barreto e Miranda Acevedo, assegurou que *conservaria a força policial no quartel para evitar conflictos, mas desejava saber se os republicanos se compromettiam a manter a ordem e assegurar as propriedades.*

Disse que não recebera communicação alguma official, mas estava prompto a entregar o poder, logo que verificosse o triumpho republicano.

De facto, no dia 16, ao entrarem em palacio os dois embros do governo revolucionario, os drs. Prudente

de Moraes e Rangel Pestana, foram recebidos cortezmente pelo general Couto de Magalhães e seus amigos. E gentileza por gentilleza, offereceram elles, *bouquets* aos representantes do poder imperial, que sahiram entre alas do povo, que calmo os saudava.

E o politico militante, que estava proximo a fazer parte do Senado, como representante de Matto Grosso, retirou-se da arena do combate, voltando-se para a vida industrial e financeira. Conservando se fiel as suas crenças monarchicas, auxiliou com sua intelligencia e com seus capitaes todas as manifestações legaes ou revolucionarias de seus correligionarios. Durante a revolta da armada, acudiu ao apello de Saldanha da Gama, dahi resultou a sua prisão, por ordem do marechal Floriano Peixoto.

Tudo isto, porém, abateu-lhe o moral e o physico, abalando-lhe profundamente a saude.

Conseguiu triumphar do mal, mas já não era o mesmo homem.

Muito ainda podia fazer pela patria no terreno dos grandes emprehendimentos industriaes e no dominio das lettras; a morte veio interrompel-o quando projectava completar e publicar seus estudos de linguistica brasileira; oxalá não desappareçam os materies que deixou reunidos.

Nenhum monumento mais digno de seu nome, nem melhor garantidor de sua gloria, podem seus herdeiros e amigos elevar, que a publicação de suas obras.

Eis o voto que sinceramente formula quem o conheceu e se honrou tambem de ser seu amigo,

MIRANDA AZEVEDO.

Dr. João Mendes de Almeida

DR. JOÃO MENDES DE ALMEIDA

A 16 de outubro, a população de S. Paulo era sorprehendida pela noticia do fallecimento do venerando dr. João Mendes de Almeida, que se não era paulista de nascimento, adoptou esta terra como sua, aqui constituiu familia illustre e aqui produziu o melhor de sua intelligencia e gastou o mais vivo de sua energia.

Era um luctador respeitavel pela firmeza de sua lealdade e pela coherencia e ardor com que defendia suas crenças.

Intransigente até a rudez no tocante as suas opiniões religiosas e politicas, mantinha firme a disciplina de seus partidarios, não trepidando até a reprimenda aspera e o castigo publico, quando julgava-os dissidentes de seu Syllabus.

E' bem conhecida a sua parte na historia politica do imperio e especialmente em S. Paulo; as paixões ainda estão ardentes para escrever-se com calma a sua biographia, que alias, o farão outros mais competentes.

Prestando homenagem a memoria do illustre varão, publicamos os traços biographicos, que poderão fornecer material ao trabalho futuro. Garantimos a fidelidade de suas datas e informações, pois foram-nos ministrados ha tempo pelo proprio dr. João Mendes de Almeida, para um trabalho que ainda esperamos realizar.

O dr. João Mendes de Almeida, nasceu na ainda então la, hoje cidade de Caxias, provincia de Maranhão, 22 de maio de 1831. Filho de Fernando Mendes Almeida, capitão de milicias, negociante na mesma de Caxias, natural de Fornotilheiro, provincia

da Beira Baixa, em Portugal; e de sua mulher d. Esmeria Alves de Souza, natural da villa do Brejo, provincia do Maranhão.

Quando os rebeldes, em 1839, por occasião da revolta denominada *Balaiada*, entraram na cidade de Caixias, João Mendes de Almeida, que apenas tinha oito annos, teve de acompanhar seu pae, que com outros chefes conservadores tinha sido preso, até a povoação denominada Coroatá. Debellada a rebellião, a familia voltou a Caxias. Tendo fallecido seu pae em 1840, mandaram-no para a capital do Maranhão, onde cursou humanidades, como interno em um collegio, desde 1842 até 1846. Em 1847, houve duvida, se elle deveria cursar a Escola Militar, para ser engenheiro, ou se era preferivel ir para Olinda, afim de formar-se em Direito. Prevaleceu este ultimo alvitre. Em 1851, antes de fazer o acto do quinto anno para tomar o gráo de bacharel, viu-se envolvido em um processo academico. Para o excluirem do processo, impunham-lhe como condição dar uma satisfacção pela imprensa; recusou-se a isso, preferindo as consequencias do processo. Condemnado á suspensão do acto por seis annos, não quiz o director da Academia, o visconde de Goyanna, conformar-se com a decisão da Congregação dos lentes, recorreu *ex-officio* para o Conselho do Estado e adduziu razões que patenteavam a injustiça do julgado. Em 1852, o Conselho do Estado, bem pezando aquellas razões do director da Academia, proferiu sentença de absolvição.

Não obstante, ainda João Mendes de Almeida, não estava livre das perseguições academicas. No fim de 1852, transportando-se á cidade de S. Paulo, para fazer o acto e tomar o gráo, se approvado fosse, foi obstado de o fazer, em virtude de um aviso do ministerio do imperio, ordenando ao director que qualquer providencia para o acto fosse suspensa, até que João Mendes de Almeida e mais dois outros estudantes se mostrassem livres do processo criminal, contra elles instaurado no termo de Olinda, por tentativa de morte contra o lente dr. Pedro Autran da Matta Albuquerque. Voltou, pois, para Pernambuco e recorreu da in-

justa pronuncia para um dos juizes de direito, o dr. José Thomaz Nabuco de Araujo, depois senador e conselheiro de Estado. Daquelle magistrado obteve o provimento, ainda com o accrescimo da responsabilidade do juiz municipal e da ordem para o desentranhamento de peças dos autos afim de serem processados os que, havendo jurado de modo favoravel no processo academico, todavia não duvidaram perjurar o processo criminal.

Desembaraçado da tal famosa culpa e com folha corrida, regressou de Pernambuco para S. Paulo. Surgiu, porém, outra complicação, disseram-lhe que escolhesse entre adiar o acto para o fim do anno ou ser reprovado, visto que escapára dos dois processos, pela absolvição em um, pela despronuncia em outro! Recusou-se a adiar o acto, preferiu a reprovação, e no mesmo dia em que o reprovaram, matriculou se de novo no quinto anno, de sorte que, só no fim de 1853, conseguiu tomar o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

* * *

Em 1854, foi nomeado e tomou posse do cargo de juiz municipal de Jundiahy, provincia de S. Paulo. Em 1855 assumiu interinamente a vara de juiz de direito da capital dessa provincia; e, nesse mesmo anno, alliou-se com uma das primeiras e mais consideradas familias dessa cidade, por effeito do casamento com d. Anna Rita Fortes Leite Lobo, filha de Francisco José Leite Lobo, portuguez, capitão que foi do batalhão de voluntarios da rainha d. Maria II, e neta do brigadeiro Antonio Leite Pereira da Gama Lobo, commandante da guarda de honra do imperador Pedro I.

O dr. João Mendes de Almeida, porém, não era uma alma talhada para a vida serena do magistrado; o seu temperamento, os revezes por que passára desde a [illegible]ncia, tudo impelliu o para uma vida de luctas; deixou [illegible]istratura para entregar se á politica e á advoca- [illegible] 1856, tinha sido eleito supplente de deputado [illegible]mbléa Geral Legislativa, pelo sexto districto da

provincia do Maranhão, e por isso a politica mas o attrahio. Todavia, só em fevereiro de 1858, requereu e obteve a demissão do cargo de juiz municipal e de orphams do termo de Jundiahy. Em 7 de setembro de 1857, já elle havia fundado, na capital de S. Paulo, o periodico *A Lei*, orgam conservador.

Em 1860, tomou assento na Camara dos Deputados, como representante da provincia do Maranhão. Em 1861; affastando-se um tanto da vida jornalistica, entregou-se mais aos trabalhos da advocacia: entretanto, até 1868, sustentou a correspondencia politica de S. Paulo para o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e escreveu energicos artigos no *Diario de S. Paulo*, em defeza das idéas conservadoras. Desde então começou a ser o alvo principal dos adversarios politicos, entre os quaes contavam-se homens da tempera de Carrão, José Bonifacio, Chrispiniano, Martim Francisco e outros.

Desde 1868 até 1878, sem jámais solicitar o auxilio do governo e, aliás, quasi sempre, em lucta aberta contra o mesmo, João Mendes de Almeida, foi successivamente eleito deputado a Assembléa Geral Legislativa pela provincia de S. Paulo, occupou posição saliente no Parlamento brasileiro, até 1877. Todos se admiravam da actividade desse homem que, sem faltar aos deveres do seu frequentado escriptorio de advogodo, dispunha de tempo para o jornalismo e para uma lucta eleitoral trabalhosissima.

O dr. João Mendes era um parlamentar tactico e habil, mas tinha um ponto fraco na sua forte armadura de athleta, não era orador.

Tentou vencer esta falha, mas a tribuna foi-lhe sempre ingrata; teve o criterio de reconhecer que não dispunha dos dotes da palavra, abandonou essa arena e voltou-se todo para a polemica escripta, sendo considerado um dos mais terriveis polemistas politicos.

o o o

Em 1869, fundou o periodico *Opinião Conservadora* deixando de publicar esse periodico em 1872, passou a collaborar na *Ordem*, orgam do clero de S. Paulo e,

quando em 1876 a *Ordem* desappareceu, instituiu em 22 de abril a *Sentinella*. Nesse mesmo anno de 1876, deu-se uma das luctas eleitoraes mais memoraveis da provincia de S. Paulo: os outros chefes conservadores, reunidos no palacio do governo, organizaram uma chapa, excluindo o nome do dr. João Mendes de Almeida, e fizeram liga com o partido republicano; os liberaes, em opposição, arregimentaram-se. O dr. João Mendes de Almeida venceu todos estes obstaculos e conseguiu ser um dos deputados mais votados. Em 1878, foi outra vez reeleito; mas, a Camara dos Deputados, liberal em sua maioria, apezar do insuspeito parecer da commissão de verificação de poderes, annullou o seu diploma.

Durante esse periodo, em eleições para outros cargos, o seu nome nunca deixou de ser triumphante: entrou em duas listas para a escolha de senador, em 1871 e em 1878; foi eleito membro da Assembléa Legislativa Provincial para o biennio de 1870 e 1871, tendo sido presidente della em 1870 ; e já tinha sido eleito presidente da Camara municipal de S. Paulo, para o quatriennio de 1861-1864.

De 1881 até 1889 a lucta recrudesceu: os outros chefes conservadores já não occultavam as suas ligações com os republicanos; e, ainda assim, haviam conseguido dos chefes politicos do Rio de Janeiro um certo apoio. Em 1881, sob o regimen da eleição directa censitaria, não foi reeleito o dr. João Mendes de Almeida; mas, ninguem deixou de reconhecer a força do candidato derrotado e os poderosos elementos que foram dados aos seus adversarios. A lucta continuou, cada vez mais renhida, nas eleições de 1884 e 1886; e mais se accentuava a scisão no seio do partido conservador. Expondo a origem e as causas de uma tal divisão, já elle tinha publicado, em 1882, um pamphleto, intitulado: *Manifesto ao partido conservador*, onde era criticada a organisação que, sob o nome de *União conservadora*, era dirigida pelos que o hostilisavam. Nesse *Manifesto* ha o seguinte topico: «O partido conservador, na provincia de S. Paulo, passa por uma crise violenta... Mas, este facto tem explicação, quer no estado geral de exaltamento dos espiritos, quer sobre tudo na aproxi-

mação de um dos grupos conservadores com o partido republicano, desde muitos annos, á sombra de parentesco entre influentes de um e de outro bando. Quem acreditaria que conservadores, cujo programma é defender as instituições constitucionaes, poderiam fazer alliança com republicanos, cujo programma é destruir essas mesmas instituições? São homens de duas almas: a alliança é notoria; *os factos eleitoraes desde 1876, a affirmam; sómente cégos a não vêm.*»

* ° *

Em 1887, fundou um periodico denominado *Partido Conservador;* e, em 1.º de julho de 1889, começou a publicação da *Sentinella da Monarchia*, folha diaria, cujo artigo-programma continha o seguinte paragrapho: «Estão em conflicto os dois principios antagonicos, a Monarchia e a Revolução. Acreditar que a revolução se deixará convencer ou seduzir, será illusão que custará caro aos que a tiverem. Por ora, a revolução astucia, mostra-se indecisa, ostenta certo respeito ao velho imperador. Mas, este estado de indecisão não póde ser mantido, no meio da agitação que os desertores da causa monarchica vão fomentando.» Cada artigo da *Sentinella da Monarchia* era um grito de alérta aos correligionarios; no numero de 10 de novembro, no editorial, estava a seguinte phrase: «Nunca a revolução esteve tão perto dos degráos do throno!» Cinco dias depois, a 15 de novembro, era proclamada a Republica.

No dia 17 de novembro, suspendendo a publicação da *Sentinella*, o dr. João Mendes de Almeida declarou que «a honra não lhe indicava outro caminho senão o da vida privada», porque, «com os ossos assás endurecidos para affeiçoar-se ao novo regimen, preferia guardar e manter respeitosamente a velha bandeira.» Desde então tem-se limitado aos trabalhos da sua profissão de advogado e ao estudo da lingua *tupy*, sua diversão predilecta.

Verdade é, que emquanto este solitario da monarchia, cada vez mais se isolava dos seus antigos

panheiros de lucta, muitos destes correram a disputar posições politicas e collocações rendosas na Republica. Poucos tem sabido mantêr uma compostura digna e patriotica, conservando uns suas crenças, outros acceitando sinceramente a nova ordem politica, mas sem genuflexões nem intrigas, e trazendo para a patria o auxilio de sua competencia em prol da mesma.

o°o

O dr. João Mendes de Almeida, distinguio-se como politico, como advogado e como litterato. Como politico manifestou sua energia e actividade na Camara dos Deputados, onde fez parte de varias commissões especiaes. Em 1870, da do projecto de interpretação do Acto Addicional á Constituição do Imperio; em 1871, da do projecto de emancipação do ventre escravo, escrevendo concorrentemente, nesse mesmo anno, durante a sessão legislativa, no *Jornal do Commercio*, os artigos assignados *A guarda constitucional*. Em 1873, trabalhou no projecto de reforma eleitoral, sobre o qual escreveu verdadeira monographia scientifica, que mereceu menções honrosas em obras e revistas européas, os elogios do sr. Aubry-Vitet, na sua obra *La vraie reforme electorale* (Paris, 1874), e os da Associação reformista de Genebra, no seu Relatorio annual sob o titulo: *Les progrès de la reforme électorale en 1873* (Genève, 1874). Alludindo á sua energia na opposição, o *Globo illustrado*, do Rio de Janeiro, em 1882, e referindo-se aos acontecimentos parlamentares de 1873-1875, fazia esta apreciação: «O sr. João Mendes de Almeida, um espirito capaz de tecer uma rêde de conspirações, cercava o ministro com mil ardis de guerra»; e, em 1886, o *Paiz*, na secção *Topicos do dia*, devida á penna de Joaquim Serra, referia que José de Alencar affirmava «não conhecer homem de mais recursos na polemica do que o sr. João Mendes.»

no advogado, era um dos mais eruditos e procu-
S. Paulo, tendo tratado das mais importantes
e se tem debatido no föro de S. Paulo, seu
era sempre frequentado por innumeros

clientes, e as revistas juridicas traziam quasi sempre *memoriaes* e allegações suas.

Como litterato, além dos seus excellentes artigos para a imprensa periodica e diaria, produziu obras de incontestavel merecimento, taes como; *O senado e a reforma constitucional*, opusculo de combate; *Algumas notas genealogicas*, com uma interessante parte historica e ethnographica; *A capitania de S. Vicente-São Paulo*, memoria lida perante a Sociedade de Homens de Lettras de S. Paulo; *Diccionario Geographico da Provincia de S. Paulo* (inedito), do qual foram lidos alguns excerptos perante a mesma Sociedade; *Memoria sobre o nome America; Memoria sobre os nomes Amazonas, Solimoes, Maranhão, Guianna*, com referencia ao rio Amazonas; *Memoria sobre qual o chefe principal da nação Goiá-nã, na região nomeada Piratininga*, etc.

A pedido dos respectivos ministros, sem estipendio de especie alguma, elaborou o regulamento da reforma judiciaria (Dec. n. 4.824, de 22 de novembro de 1871) e o da emancipação do ventre escravo (Decr. n. 5.135 de 13 de novembro de 1872).

Era socio do *Instituto Historico Geogrophico e Ethnographico do Brasil*, presidente da *Sociedade dos Homens de Lettras de S. Paulo*, presidente do *Instituto dos Advogados de S. Paulo*, socio correspondente da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, etc.

Depois de proclamada a Republica, o dr. João Mendes de Almeida, não depoz a espada de combate; em todos os terrenos, por todos os meios guerreou com vigor e tatica as instituições vigentes. E as vezes que os seus antigos partidarios se approximavam das aggremiações republicanas, lá estava o clarim do dr. João Mendes, para chamal-os á ordem e concentral-os ao redor da bandeira imperial.

Só a morte o venceu.

Descubramo-nos respeitosos ante o adversario cahido.

MIRANDA AZEVEDO.

FLIX FERREIRA

Ha uns trinta annos atrás, a morte de Felix Ferreira teria echoado tristemente por entre um grande numero de cultores de lettras, artistas e politicos brasileiros; agora ao transmittir o telegrapho a triste nova quasi que passou completamente despercebido o seu fallecimento. Se o *Jornal do Commercio*, não dedicasse algumas linhas ao seu collaborador, estaria de todo esquecida a individualidade do modesto e illustre polygrapho fluminense

Conhecemol-o no periodo do enthusiasmo e seu ardor do *struggle for life*, e por isso sabemos quanto valia sua illustração, especialmente em questões de bibliographia nacional.

Pertencia Felix Ferreira a essa pleiade illustre, e notavel de talentos de primeira ordem que distinguiam-se pelo amor ardente ao culto das lettras, que viveu e animou á sociedade fluminense de 1864 a 1878.

Companheiro e convivendo com Manoel Major, Joaquim Garcia Pires de Almeida, Verissimo do Bom Successo, Ferreira das Neves, Leitão Junior, Tupaberaba, Mello Moraes Filho, Pires de Almeida, Coaracy, Gratulino Coelho, Zaluar, Macedo, Anastacio do Bom Successo, Machado de Assis, Bellegarde, Luiz Guimarães, e o proprio José de Alencar.

Felix Ferreira foi assiduo collaborador de quasi todas as revistas e jornaes dessa época, tendo sido mesmo o fundador de algumas que tiveram vida ephemera mas gloriosa; como a *Ideia*.

sua indole calma collocava-o entre os conser-
..es, mas nunca se deixou enthusiasmar pela poli-
militante, nem mesmo quando auxiliar de José
Alencar no seu *Dezeseis de Julho*.

Escreveu principalmente sobre educação, ensino profissional, e critica de bellas artes

Amigo dedicado de Bittencourt da Silva o benemerito fundador do *Lyceu de Artes e Officios do Rio de Janeiro*, escreveu-lhe de modo elegante e eloquente a biographia; e depois em varios outros escriptos salientou a importancia e o valor daquella instituição e dos serviços por ella prestados ao paiz, philantropicamente.

Ao theatro consagrou algumas producções de merito, e publicou um romancete interessante, *A má estrella*, que foi bem recebido pela critica de então.

Muitas poesias suas, existem nas folhas da épocha e maior é o numero das ineditas, todas de boa inspiração, correctas e cheias de lyrismo, que era a corrente dominante do meio em que vivia Felix Ferreira, um crente e catholico convicto.

Apezar de sua indole timida, manejava com graça o epigramma, e mesmo no genero de Laurindo Rebello, deixou escriptos dignos de ser conservados.

Em collaboração com outro poeta e amigo, Ferreira das Neves, chegou a publicar nesse genero um volume de poesias, bem originaes: *Poesías innocentes por dois poetas ingenuos.*

Mas não é tanto por estes e outros trabalhos de Felix Ferreira, que abrimos espaço nesta necrologia a seu nome; e sobretudo pela alta competencia que tinha sobre estudos brasileiros e especialmente sobre bibliographia nacional.

o°o

Muito jovem fora empregado na Bibliotheca Nacional, e ahi formou o seu gosto pelo estudo bibliographico brasileiro.

Modesto e retrahido, quasi que só os amigos sabiam do valor de sua erudicção nesta especialidade; e ainda mais limitado era o numero a quem confiava o manuscripto precioso que modestamente intitulava: *Ensaio de uma bibliographia brasileira.*

Devemos a sua amizade o conhecimento des[illegible] balho, e podemos affirmal-o, delle e desse temp[illegible]

data o nosso amor a esse estudo. Já era o manuscripto, nessa época um opulento repositorio de informações, que annos depois, vimos mais completo e avolumado. O velho editor B. L. Garnier, chegou a entrar em negociações para publicar essa obra; recuou ante o temor de não encontrar prompta remuneração commercial para o livro, embora Felix Ferreira se contentasse em ter como direito de autor só,—*a publicação do trabalho e alguns poucos exemplares para distribuir a amigos*!

Nunca deixou Felix Ferreira a sua paixão; e quando a Bibliotheca Nacional, fez a sua exposição da historia do Brasil, revelou-se critico esclarecido e competente numa serie de artigos que com o titulo *Notas bibliographicas*, publicou em um jornal fluminense; *O Cruzeiro* e depois reuniu em folheto.

Os mais illustres bibliophilos como Martins, da Biblioteca Fluminense, e Alves Carvalho o bibliomano intelligente, tinham em conta as opinões de Felix Ferreira.

Retirado ultimamente do mundo activo, viveu para a familia o para as lettras e agora finou-se, deixando com certeza manuscriptos de valor.

O Instituto Historico de S. Paulo, não póde esquecer-se desse cultor das lettras patrias, e de nossa parte, saudosos e tristes prestamos ao amigo e mestre um preito sincero.

Concluida esta peregrinação pela cidade dos mortos, formulamos em relação as obras de Felix Ferreira, os mesmos votos que pronunciamos pelas de Couto de Magalhães e Mendes de Almeida, que sejam conservadas por seus herdeiros e publicadas para gloria dos mesmos e proveito da patria.

MIRANDA AZEVEDO.

BIBLIOGRAPHIA

BIBLIOGRAPHIE BRÉSILIENNE.—*Catalogue des ouvrages Français et Latins Relatifs au Brésil*, (1500-1898). par A. L. Garraux, ex-libraire á Saint Paul,—Paris, 1898.

Já escrevemos algures, que a bibliographia é uma especialidade, que poucos cultores tem entre nós; continua a ser exacta a affimação, e nem temos esperança de que em breve periodo desappareça essa indifferença, para com uma paixão, das mais interessantes e absorvedoras, da intelligencia educada.

O Brasil é um dos poucos paizes que se prezando de civilizado, não possue até hoje uma unica associação de bibliophilos, nem conta revista ou periodico que se consagre a estudos bibliographicos. Emquanto a França, a Italia, a Belgica, os paizes do Norte da Europa e America, sustentam e animam importantes sociedades de bibliographos e bibliophilos, o proprio nome da sciencia, que tanto amaram Charles Nodier e Ferdinand Dénis, é quasi desconhecido do publico brasileiro.

E já era tempo, para que homens de merito e prestigio no nosso mundo litterario, combatessem esse prejuizo e levantassem uma cruzada para a diffusão do gosto e estudo pela arte ou sciencia dos Duclos, Brunet, Ternaux, Figaniére, Innocencio, Brito Aranha, Martins, Fournier, Osmand, Berard, Bernardes Branco, Ramiz Galvão, Valle Cabral, Capitrano de Abreu e outros.

Academia Brasileira de Lettras, bem andaria se aprehendesse iniciar e dirigir tão nobre causa; ahi eixamos o appello sem maior competenciapara fazel-o, s sincero e patriotico.

Não cremos que se attinja logo a perfeição da Inglaterra, onde o qualificativo de bibliomaniaco é considerado titulo de perfeição, a que os bibliophilos mais eruditos e provectos aspiram e prezam, mas ao menos poderemos ir conhecendo aquelles que se preoccupam com estas questões, e congregando elementos para futura sociedade de bibliographos brasileiros.

Desse dessamôr á sciencia dos livros, resulta ser tão pouco conhecida a riqueza das obras antigas relativas ao Brasil, e a lacuna que se nota de referencia de livros e manuscriptos desse assumpto, até em obras especiaes da materia.

Todos os paizes tem contribuido mais ou menos para esse ramo litterario, cuja primeira producção foi a *Bibliotheca Universalis*, de Conrado Gesner, publicada em 1565, sobre livros latinos, hebraicos e gregos; e para essa caudalosa corrente que se tem avolumado sempre, vem concorrer, de modo precioso a obra do sr, A. L. Garraux, o sympathico livreiro conhecido e estimado de quasi todos nós.

Foi com a maior sympathia e curiosidade que manuseamos o bello volume, cujo titulo epigrapha este artigo, e a sympathia augmentou com a leitura e a curiosidade se manteve satisfeita até o fim.

Estamos tão pouco habituados a vêr que os nossos hospedes, uma vez restituidos a seus lares, se recordem favoravelmente desta terra, e menos ainda que escrevam sinceramente o que observaram, e não já benevolos, mas justos, digam as nossas qualidades e censurem os nossos defeitos, que muito conforto tivemos ao compulsar o importante trabalho do sr. A. L. Garraux. A maior prova de apreço e consideração que podemos demonstrar para com o autor, é a despretenciosa analyse que vamos faze da *Bibliographie Brésilienne*.

* * *

Não é uma obra completa, e que tenha dito ... ma palavra sobre o assumpto; o proprio sr. Garra escreve no prefacio: «Malgrè un perseverant labo

plusieurs années, je n'ai pas la pretention d'avoir épuisé mon sujet»; mas é inquestionavelmente, publicado, o trabalho mais conscencioso que possuimos, excepção feita do monumental *Catalogo da Exposição de História do Brasil*, da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro de 1881 a 1882.

Se temos que lamentar a estreiteza do quadro, de só relacionar obras francezas e latinas, concordamos com o principio que o inspirou, com que abre o seu volume, nas seguintes palavras:

«Les travaux bien circonscrits sont en général ceux que l'on traite le mieux, qui rendent le plus de service. C'est la raison qui m'a déterminé á ne comprendre dans cette bibliographie brésilienne que les ouvrages rédigés en français et en latin. Quoique limité, ce champ de recherches bibliographiques m'a paru encore assez vaste pour fournir une ample moisson.»

O volume contem 400 paginas e consta do catalogo descriptivo em ordem alphabetica, de autores, e de uma *Parte methodica*, em que a materia vem classificada por assumptos, com referencia aos nomes dos autores e das obras da relação bibliographica.

Nada diremos sobre o plano adoptado, que é o classico, seguido em obras deste genero. Segundo a exposição do sr. A. L. Garraux, iremos apontando algumas omissões ou lacunas do seu precioso livro.

Ha algumas omissões que se explicam como *lapsus typis*, pois outra não póde ser a causa, em quem se mostra tão miticuloso e investigador, e tendo ao alcance de suas pesquizas o inexgotavel cabedal das bibliothecas de Paris.

Nesse numero, impressionou-nos logo a falta de menção de um livro, de Ferdinand Dénis. E' que o antigo bibliothecario de Sainte Geneviéde tal modo ligado ao Brasil, e os seus [illegible] são tão conhecidos dos que se occupam com estudos, que só aquelle *lapso* justifica a ausencia

das *Scènes de la Nature sous les Tropiques, et de leur influence sur la poésie, suivie de Camõens et Joze Indio.—Paris—Chez Louis Janet*, 1824, da lista dos livros do immortal autor do *Brésil*. (1)

Bem que essa obra seja rara, e como tal a reputamos, de accordo com os melhores especialistas, deve ser conhecida do sr. A. L. Garraux, por isso não fazemos a sua bibliognose, a vista do exemplar que possuimos na nossa modesta collecção.

A igual motivo levamos o esquecimento da interessante—«Dissertation sur les usages du fruit de l'anacardium occidentale et spécialement sur les proprietés medicinales de sa résine; these presentée et sautennue á la Faculté de Medicine de Paris le 24 aout 1831 pour obtenir le grade de docteur en Medecine.» Paris 1831 — 45 pgs. do notavel medico Dr. Agostinho Vieira de Mattos, cultor esclarecido da materia medica indigena, que vulgarisou o uso da nossa «quina» cujo principio activo o «vicirino» foi dado em honra ao seu nome. Classificamos de lapso, porque vemos citados os trabalhos congeneres de Guimarães Peixoto, Mavignier, Caminhoá e outros.

Outras omissões não podem ser explicadas pelo mesmo lapso, e antes attribuimos a pressa talvez com que consultou auctores conhecidos e que podiam até ser copiados pelo sr. A. L. Garraux.

Não duvidamos um só momento, que o sr. Garraux, conheça e tenha a mão: *Portugal e os Estrangeiros, estudos de Manoel Bernardes Branco*. (2) Pois esse seria o typo que estimariamos ver adoptado pelo intelligente autor da *Bibliographie Brésilienne*. A razão dessa preferencia está nas innumeras e copiosas transcripções que faz Bernardes Branco de muitas obras que descreve e analysa.

---

(1) A. L. Garraux.—Bibligr. Brésilienne. Pags. 83 a

(2) *Portugal e os Estrangeiros*. Obra dividida em c partes. Estudos de Bernardes Branco. Lisboa, 1879.

Esse methodo teria sobretudo vantagem para o leitor brasileiro, longe das bibliothecas que encerram esses thesouros raros, que assim poderia conhecer e apreciar paginas que talvez nunca possa lêr.

o⁰o

E' extranho que não cite a mais antiga descripção do Brasil: *De Tellure quantum Luzitani, tum columbus observare quem Mundum appellant Novum*, de 1508; que appareceu na NOVA ORBIS DESCRIPTIO AC NOVA OCEANI NAVIGATIO QUA LISBONA AD INDICU PERUENITUR PELAGUS MARCO BENEUANTANO MONACHO CŒLESTINO ÆDITA. No meio em que está o sr. L. Garraux, e com recursos de apurar a verdade sobre o que escreveu e sustentou Porto Seguro, devia aproveitar para estabelecer, se com effeito, Marco Beneventano, fez ou não, esta descripção de conformidade com as informações de Americo Vespucio.

Notamos a mesma falta quanto ao: *Theatrum orbis terrarum. Auct. Abrahamo Ortelio. Antuerpiae apud Christophum Plantum*, 1579, com 93 ch. e retrato do autor e a nova edição de 1584, com 114 ch., pois foi o primeiro trabalho desse genero, contendo: *Americae sive novi orbis nova descriptio.*

Nem pode servir de excusa, o ter escripto: «avoir laissé de côté la partie cartographique», porque e descreve o *Nouvel atlas ou theatre du monde*, de Janssonius (1) de 1603.

Seguindo a ordem chronologica, lembramos um outro autor que vimos referido por B. Branco (2), esquecido tambem na *Bibliographie Brésilienne*; o — *Vera historia admiranda cujusdam navigationis Hulderici Schimidel del Straubigensis, in Americam, vel novum orbem juxta Brasiliam et Rio del Platam ab anno 1534 ab ipso Schimidelio Germanice descripta, postea latine re-*. Noribergæ-1599; bom serviço nos prestará o Sr.

(1) L. Garraux — *Bibl. Brésil* — Pg. 141.

(2) B. Branco. Obr. cit. Vol. 2º Pg. 210.

Garraux, se em nova edição de seu trabalho adiantar-nos alguma cousa sobre esta VERA HISTORIA.

Um outro ponto digno de ser esclarecido e que até hoje está muito problematico, é a *Brève relation de l'etat de Pernambouq* feito em Amsterdam em 1640, e que passou em silencio o sr. A. L. Garraux.

Outro problema curioso que tambem está sem solução satisfactoria, e devêra ser definitivamente dada pelo Sr. Garraux, é a *Historia do levantamento do Brasil do poder dos hollandezes* pelo grande tragico Jean Racine; cremos, que em tempo seremos attendidos.

Concernente a documentos diplomaticos manuscriptos ou impressos, é mais de notar as omisssões do Sr. A. L. Garraux, principalmente tendo publicado o seu livro no periodo em que as contendas diplomaticas entre o Brasil e a França estavam na ordem do dia.

Justificando o que avançamos, apontamos — o *Tractatus Induciarum cessations omnis hostilitatis actus, ut et navigationis ac commercii. pariterque succursus factus, initus et conclusus Hagoe Comitis die duodecima Junnii* 1641; *tempore Decennii inter Dominum Tristão de Mendonça Furtado,* etc,, etc. Haga-Comitis. Typis Viduae ac Heredum Hillebrandi Jacobi a Wouw. Anno 1642.

Ainda nesse mesmo genero e talvez com melhor applicação— *Propositions cathegoriques et dernière résolution de monsieur de Souza Macedo, ambassadeur de Portugal, touchant les differens du Brêsil imprimé l'an 1657* e tambem *Propositions presentées par Monsieur de Souza Macedo, ambassadeur de Portugal, les quelles messieurs les Etats n'ont pas voulu recevoir n'y même lire.* Imprimé a Leyden. 1651.

o o o

Agora deixando de lado os reparos colhidos do compulsar de auctores que estudam a materia, referiremos outra omissão de um curioso Elzevir que possuimos.

Transcrevemos o titulo e a descripção que ao Brazil, por parecer digna de ser lida. E' muito po-

que neste genero haja outros impressos, e servirá esta noticia de incentivo a identicas divulgações.

Eis na integra os dizeres do Elzevir de 1651:

PHILIPPI CLUVERII — INTRODUCTIONIS *in Universam* GEOGRAPHIAM *tam veterem quam Novam Libri* VI. ACCESSIT P. BERTII *Breviarium Orbis terrarum*— AMSTELODAMI APUD LUDOVICUM ELZEVIRIUM 1651.

No Livro VI. Cap. XIV, tratando da *America Meridionalis sive Peruviana*, diz «Regiones quibus distinguitur sunt hoec: *Castella aurea; Bogota Peruvia, Chili, Chica, Brasilia, Caribana, Gujana, Biquiri*, omnes Oceano perfusae.» Acerca do Brasil, eis tudo que diz na pag. 327, que a titulo de documento historico e curioso, transcrevemos:

BRASILIA, vasta regio, ut quae quartam Meridionalis Americae partem obtinet, saccari singulari atque ubere proventu maxime nobilis est. Praecipuum opidum est Portus omnium sanctorum, proefecti totius provinciae sedes.

«Portus autem celeberrimus est opidum *Pernambuco*; intus opida *Assuntio* & *Paraguate*. Reliquae regiones introrsus aut non cognitae, aut obscurae sunt; nullis ibi locis memoratu dignis.»

Do mesmo anno impresso em Paris é a relação de viagem de Francisco Couche citada por Bernardes Branco no vol. 2º, pag. 143 e não contemplada pelo Sr. A. L. Garraux, eis o titulo — *Relations veritables et curieuses de l'isle de Madagascar et du Brésil savoir relation du voyage de François Couche de Rouen en l'isle de Madagascar et côtes d'Afrique en 1638* — Paris 1651.

No mesmo Bernardes Branco encontramos citada uma obra de astronomia, que recommendamos a investigação do Sr. Garraux; é de *Valentím Stancel, Legatus Uranius ex orbe novo in veterem, hoc est Observationes Americanae cometarum factae* — Praga 1683.

Antes de abandonarmos estas epochas e estes escri-, assignalaremos uma falta mais grave na *Bibliophie Brésilienne*, e tanto mais indisculpavel porque se acha impresso em varias edições e até tra-ça. O nome do seu autor é tão celebre e tão estima-

do, sobretudo aqui em S. Paulo, que não comprehendemos este cochilo do Sr. A. L. Garraux. Trata-se de José de Anchieta e da sua *Epistola quam plurimarum rerum naturalium quoe S. Vincentii (nun S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem a Didaco de Toledo Lara Ordonhez adjectis annotationibus edita, jussuque Regiae Scientiarum Academiae Olisiponensis. Ejus memoriis ad historiam transmarinarum nationum conscribendam proficientibus adjecta. Olisipone, Typis Academiae — Anni 1799*, 4º, *IV 46 pg.* Vem esta interessante epistola na *Collecção de Noticias para a Historia e Geographia das nações ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes ou lhes são vizinhos, publicada pela Academia Real das Sciencias.* Tomo I (N. 3) — Lisboa 1817 e tambem nos «Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro». (1)

o º o

Já vae longa esta analyse mas não podemos concluil-a sem chamar attenção para uma pesquiza a fazer, accerca de uma interessante obra que possuimos, e cujo autor não pudemos descobrir ainda.

Offerecemos ao laborioso investigador Sr. A. L. Garaux a descoberta do caso, pois no centro em que vive poderá descobrir a referida obra, embora rara, e consultar bibliophilos competentes para encontrarem a chave do enygma. Eis o titulo *Recherches Philosophiques sur les Americains ou Mémoires interessants pour servir a l'histoire de l'Espece humaine pur M. de P···*

Avec une disertation sur l'Amérique et les Americains par Dom Pernety *et la defense de l'Auteur des Recherhes contre cette disertation.* A. Berlin. MDCCLXX. 3 volumes

Quem é *MR. DE P···* ?

Ahi está a pergunta e aguardamos a resposta que será satisfactoria, se o sr. A. L. Garraux attender este nosso pedido.

(1) Annaes da Bibliotheca Nacional — 1876 — 1877—Vol. Fasc. I —Pg. 57 e seg.

Outro problema bibliographico que offerecemos ao illustre auctor da *Bibliographie Bresilienne* é o mencionado por B. Branco (1) *Lettres Portugaises et Bresiliennes par Philippe Jérome Gaucher de Passac.* Blois 1824, 3 vol., n'esse cazo deve ser comprendida tambem a « *Histoire du Père Vieyra Jesuite portugais, missionaire dans l'ancien et nouveau monde.* Lyon-1875, sendo publicações relativamente modernas não será muito difficil encontra-las com as relações e recursos que possue.

Já vae longo este artigo; não desejamos fatigar o leitor, por isso não apontaremos outras omissões ou incoherencias do livro que analysamos, concernente a obras sobre Portugal em epocha que era metropole do Brazil, mas lembramos alguns livros modernos que escaparam a resenha do sr. A. L. Garraux, o ainda estamos muito e muito longe, de nos approximar da realidade dos volumes publicados; pois nos soccoremos, não de catalogos ou bollettins bibliographicos, mas simplismente da nossa collecção particular.

Um d'elles, singular pelo titulo e pela *gentileza* com que nos trata collocando-nos ao lado de paizes bem pouco cultos, foi publicado por occasião do Exposição de 1878. *Comettant—Les civilisations inconnues* Outra *A Travérs l'Amérique Latine par R. le Cholleux*—Paris 1889, servem para despertar o desejo de publicar logo, mais minuciosa e completa, uma nova edição de seu livro.

Para concluir apontaremos o livro do Conde de Raczynski, que não figura em sua Biblographia e bem merecia pois é mais raro que o *Diccionario artistico* e reputamo-lo mesmo mais interessante que aquelle. Quanto a sua raridade, bem podemos avalia-la, pois ha tempos, apezar do esforço do benemerito Dr. Zeferino Brum, não conseguio a nossa *Bibliotheca Nacional* um exemplar para seu archivo.

Vamos dar uma indicação do exemplar que possumos — *Les Arts en Portugal. Lettres adressées à la*

---

(1) **M. B. Branco — Obra cit. 2º vol. Pg. 7.**

societé artistique et scientifique de Berlim, accompagnées de documents. Paris 1846, 8º, 548 pg., e com ella fechamos esta rapida analyse fazendo os mais sinceros votos para que o exemplo do Sr. A. L. Garraux seja imitado, e possamos em breve ter um trabalho completo nesta especialidade.

Ao distincto extrangeiro que revela-se tão amigo do Brasil um voto de grata sympathia em nome do Instituto Historico de S. Paulo.

Dezembro de 1898.

MIRANDA AZEVEDO.

***

DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO BRAZILEIRO PELO DOUTOR AUGUSTO VICTORINO ALVES SACRAMENTO BLAKE —4º volume — Rio de Janeiro 1898.

A obra meritoria iniciada pelo nosso illustre compatriota Dr. Augusto Blake em 1883, vae proseguindo, morosamente, mas sem desalento da parte do seu autor, embora sem o acolhimento que devêra ter encontrado do publico, da imprensa e dos nossos intellectuaes.

Quando outro não fosse o valor intrinseco do trabalho do Dr. Augusto Blake, bastava este nobre exemplo de perseverança, no culto das lettras para que todos concorressem moral e materialmente para a breve e rapida conclusão do «Diccionario Bibliographico Brazileiro», unico escripto que possuimos, neste genero, de autor nacional.

Seguindo o habito que temos tido, por occasi[illegible] apparecimento dos outros volumes, trazemos as [illegible]pressões de leitura do 4º volume; não com pre[illegible]ções a critica, mas antes como protesto ao quasi [illegible]

silencio, com que foi recebido este livro, que deveria ser obrigatorio em todas as bibliothecas publicas, redacções de jornaes e estantes dos que amam as cousas patrias.

Não repetiremos o que outros, melhor, já têm escripto sobre a utilidade de obras deste genero, e especialmente do modo intelligente e imparcial com que o Dr. Augusto Blake tem seguido na execução do plano traçado.

Parece-nos que o Dr. Augusto Blake não receberá esta ligeira analyse, como producto das «inexoraveis censuras», a que se refere na introducção do 3º volume do «Diccionario».

Renovaremos, porém, o reparo que fizemos no artigo publicado no «Diario Popular», noticiando o volume que appareceu em 1896.

Bem poderia o dr. A. Blake ter attendido a algumas indicações que ahi fizemos, relativas a ausencia dos nomes do Dr. Ignacio Betoldi, João de Almeida, Dr. Matta Machado, J. Baptista Torres Tupaberaba, e outros, e tambem completar a lista dos escriptos de Francisco Octaviano, com os «Cantos do Selma», etc., conforme tambem lembramos em outro artigo sobre o 2º volume.

Insistimos sobre esse ponto porque no «Apendice» que traz este 4º volume como accrescimo e complemento aos anteriores, bem poderia ter incluido os subsidios que leal e desinteressadamente lhe offerecemos.

Entremos em materia.

o o o

E' lamentavel que em nenhum dos volumes traga o Dr. Augusto Blake o nome de João Armitage, e não tenha se occupado em elucidar as circumstancias em que esse auctor compoz a sua preciosa «Historia do Brazil» desde a vinda de D. João VI até 1831. (1) São tão pouco conhecidas as particularidades da vida de Armitage, que muitos duvidarão de sua existencia,

(1) Historia do Brazil desde a chegada da Real Familia de Bragança em 1808 até a abdicação do imperador D. Pedro I 1831 por João Armitage e traduzida do inglez por um brazileiro—Rio de Janeiro 1837.

e contestarão até, ter sido escripto primitivamente em inglez tal livro. Se a existencia da obra em inglez não admitte mais duvida, (2) comtudo ha quem ainda julgue problematica a existencia do continuador de Roberto Southey, e pense que foi Evaristo da Veiga o verdadeiro auctor da obra. O Dr. Augusto Blake tem merecimento e competencia para elucidar de vez esse problema.

Na lista dos nomes omittidos, apontamos o do Dr. João do Nascimento Quirino dos Santos, poeta e jornalista campineiro, que, deixando poucas producções, essas, pelo valor e merito, supprem a abundancia e dão-lhe direito incontestavel a um lugar no «Diccionario» em que figuram tantos e tantos, que de modo algum são dignos sequer de approximação, ao mallogrado poeta campineiro. Outro que não foi lembrado: J. Baptista Torres Tupaberaba, natural de Itaguahy, diplomou-se em Pharmacia na Faculdade do Rio de Janeiro pelo anno de 1860. Foi depois repetidor de Physica, Chimica e Sciencias Naturaes do Collegio de Pedro II até a epocha do seu fallecimento em 1871. Escreveu nos jornaes e revistas desse tempo, artigos scientificos e litterarios e poesias. Publicou um romancete no genero dos de Paul de Kock — «Um Saráu na casa do Senhor Fimfim», deixou outro inedito «Mister John», um «Manual do Galvanoplasta» e muitas poesias, que seu cunhado o Sr. Baptista Rousseau, antigo revisor do «Diario Official» contava publicar.

Extranhamos tambem o esquecimento do nome do celebre medico Dr. Joaquim José da Silva, cuja fama de primeiro clinico de seu tempo, a tradição ainda conserva com respeito, e mais viva perdura a sua memoria, porque renovou-se e cresceu com a mesma gloria, de seus filhos e herdeiros os Drs. José e João da Silva. Havia ensejo de traçar, embora ligeiramente, a biographia desse illustre mestre, que tambem foi um grande patriota e teve proeminencia na politica de seu tempo.

(2) The History of Brazil fom the period of the arrival of the Braganza Family in 1808 to the Abdication of Don Pedro First in 1831 forming a continuation to Southey's History of that country — By John Armitage Esq. in two volumes —London — 1836.

Acerca da Revolução de 7 de Abril e das causas que determinaram o conservar-se a forma monarchica, muita cousa ainda está por se dizer e esclarecer. E' um documento valioso, muito raro e que teve repercussão na imprensa e até nos tribunaes judiciarios, o folheto do Dr. Joaquim Silva. Em outro lugar nos occuparemos com esse ponto; hoje nos limitamos a parte bibliographica, eis o titulo:

«O cirurgião formado Joaquim José da Silva ao Publico» — Rio de Janeiro. Na typographia de Gueffier & Comp. Rua da Quitanda, n. 79. — 1831.

Aqui vem naturalmente reparar que na lista dos escriptos do dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles (1) não figure a «Explicação da Intriga feita pelo cirurgião formado Joaquim José da Silva ao dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles Rio de Janeiro. Na Typographia do Gueffier & C. 1831». Tambem não falla de outro curioso e rarissimo opusculo, pertencente a mesma serie: «Reflexões as calumnias tecidas pelo cirurgião formado Joaquim José da Silva por Jacinto Rodrigues Pereira dos Reis. Rio de Janeiro». Na Typographia Nacional — 1831.

O Dr. João José Lobo Pessanha, ha pouco fallecido n'esta cidade, engenheiro distincto, versado em sciencias naturaes especialmente em botanica, tinha direito a ser relembrado pelo Dr. Augusto Blake, de quem era conterraneo. Alem do muito que escreveo em jornaes e revistas, tinha concluido um valioso «Catalogo botanico de todas as plantas conhecidas», onde incluiu mais de 200 descriptas e classificadas por elle. Desenhista correcto e habil tambem copiou do natural um grande numero de plantas novas principalmente do sertão paulista, que devia illustrar aquelle catalogo.

o°o

Para concluir mostraremos alguns nomes cujos dados biographicos são incompletos; de uns faltão a data do nascimento, de outros a do obito. Aqui não

(1) Dr. A. Blake—Dicc. Bibliog. Brazil. Tom. IV. pag. 117

ha filiação, ou o lugar da naturalidade, escasseam ali os factos mais importantes da vida dos biographados ou não são exactas as qualidades que lhe são attribuidas.

O artigo sobre o Dr. João Pereira Monteiro (1) não traz completa a lista dos seus trabalhos, e não consigna a data do seu nascimento nem a da sua formatura. Quanto aos Drs. João Tibiriçá Piratininga, José Cesario de Faria Alvim, Joaquim Mattoso Duque Estrada Camara, Joaquim Campos Porto, José Arthur Boiteux, João Vieira de Almeida, Joaquim de Almeida Pinto, José Custodio Alves Lima, Joaquim Augusto Las Casas dos Santos, a falta de dados biographicos em alguns é completa, e no entanto são todos contemporaneos e com pouco trabalho poderá o benemerito Dr. Augusto Blake preencher esses lacunas no proximo volume, bem como o do dia do fallecimento do Dr. João Theodoro Xavier de Mattos. Quanto a José Francisco Vieira Braga que julga formado em medicina (2) ha engano; pois não era diplomado, nem tinha estudos regulares, conforme informações fidedignas que recebemos de um intelligente e laborioso maranhense aqui residente.

Na lista dos escriptos de Joaquim Serra (3) publica «A Capangada S. Luis (?).» Nunca a vi; accrescenta o Dr. A. Blake.

Se recorrer a Bibliotheca Nacional ou a Bibliotheca Fluminense, com certeza encontrará esse folheto, que é um poemeto satyrico em diversos cantos, paraphraseando os «Luziadas», primitivamente publicado na «Reforma» por occasião das luctas eleitoraes e dos successos occoridos na frequezia da Gloria; foi tirado em avulso e teve larga e profusa circulação. Como tudo que sahia da penna de Joaquim Serra, tinha valor litterario e forma elegante. Não damos aqui a sua bibliognose, por não termo-la de momento a mão, mas podemos affirmar ter sido impresso a «Capangada» na «Typographia da Reforma» á rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro em 1870 ou 1871.

---

(1) Dr. A. Blake—Dicc. cit. Pag. 21—511 Tom. IV.

(2) Dicc. Cit. Tom. IV, pag. 438

(3) Dicc. Cit. Tom. IV, pag. 200.

Tratando do General João Vicente Leite de Castro não mencionou o folheto, que escreveu historiando os successos politicos e militares em que figurou na Revolução da Armada de 1893 a 1894, em Pernambuco.

Não vimos esse folheto, do qual só temos noticia pela imprensa, que o julga importante documento historico para essa epocha.

Antes de finalizar esta noticia, offerecemos um ponto ao Dr. A. Blake para resolver. E' a autoria do pamphleto «A Conferencia dos Humanos», parodia ou critica á «Conferencia dos Divinos» do Dr. Antonio Ferreira Vianna. Essa satyra attribuida pelo Dr. A. Blake ao Dr. José Alves Pereira de Carvalho, outros contemporaneos apontam como devida á penna do Dr. Graciliano Aristides do Prado Pimentel.

Um dos serviços mais assignalados que veiu trazernos este volume do Dr. A. Blake, foi a revindicação de um celebre soneto, attribuido ao velho Antonio Carlos sobre a morte de Rattcliff, para seu verdadeiro auctor Jorge José Pinto Vedras (1) pintor e poeta fallecido em S. Paulo, e cuja memoria é pouco conhecida, e menos ainda suas obras.

Emfim o 4º volume do «Diccionario Bibliographico Brazileiro» é mais um attestado do merito e valor do Dr. Augusto Blake, que contribue para opulentar a litteratura nacional de modo louvavel; tivessemos prestigio e a sua obra estaria toda publicada dentro em pouco.

S. Paulo — Dezembro 1898.

MIRANDA AZEVEDO.

(1) Dic. Cit. Tom. IV. Pg. 264.

RELAÇÃO

das offertas de livros, revistas, mappas e jornaes, feitas a Bibliotheca do Instituto, durante o anno de 1898

A Ilha da Trindade, pelo dr. Moreira de Azevedo; *Traços biographicos*, por Amancio Pereira; *Em busca das esmeraldas*, pelo dr. Francisco L. Leite Pereira; *Reforma da agricultura brasileira*, pelo dr. Antonio Gomes do Carmo; *O Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, pelo dr. Olegario H. de Aquino e Castro; *Estatistica e Apontamentos*, pelo dr. Franco da Rocha; *Factos Historicos da Politica Republicana*, *Discursos*, pelo dr. Miranda Azevedo; *Relatorio* da Sociedade Brasileira para animação da creação e agricultura de Paris, 1896-1897; *Regulamento da Escola Politechnica de S. Paulo*; *Annaes do Senado de S. Paulo*, 1897; *Relatorio e Synopse dos trabalhos do Senado de S. Paulo*, em 1897; *Mensagem* do dr. Campos Salles ao Congresso do Estado, 1897, (em portuguez, francez, inglez e allemão); Leis e Decretos do Estado, 1889 a 1892; *Orçamento da receita e despeza do Estado*, para 1898; *Recordações da Allemanha*, pelo A Las Casas dos Santos; *Revista* do Museu Pau- vol. 2.º; *Archivo do Districto Federal*, novembro mbro de 1897; *Parecer sobre o projecto do codigo* pelo dr. Manoel A. de Vianna; *Razões de appel-*

lações pelo mesmo; *Voyage au Brésil*, por Agassiz, *Limites da Republica com a Guyana ingleza*, por Sylvio Senior; *O Sul de S. Paulo*, pelo dr. Jaguaribe; *Episodios da historia patria*, pelo dr. Fernandes Pinheiro; *Producção e consumo do café no mundo*, por J. Lacerda Franco; *Cathecismo Republicano*, por Borges Carneiro; *Livro de visitantes do Club Republicano de S. Paulo; Expulsão dos jesuitas de S. Paulo em 1640;* Manuscripto truncado; *Annaes do Senado*, 1891 a 1895; *Annaes do Congresso Constituinte de S. Paulo; Annaes da Camara dos Deputados de S. Paulo*, 1891 a 1897; *Histoire du Brésil*, por Alphonse de Beauchamp; *As regiões amazonicas*, pelo barão de Marajó; *Nel paese delle Amazzoni*, pelo dr. Vinzenzo Grossi, *Historia do Brasil*, de Roberto Southey; *Discursos*, pelo conego Manoel Vicente, *Almanach Popular Brasileiro*, 1894 a 1898; *Diario de um soldado*, por Ambrosio Richshöffer, *Grammatica de Economia Politica*, pelo major W. F. Marriott, traduzida por A. Fomm; *Conferencias populares*, fasciculo n. 3; *Conferencia sobre a febre amarella*, pelo dr. Domingos Freire; *Monographia do Municipio de S. Paulo*, por João Mendes de Almeida Junior, *Cinco annos numa Academia*, por Hinckmar; *Vergastas*, por Lucio de Mendonça; *Contos populares do Brasil*, pelo dr. Sylvio Romero; *Notas de viagens*; por Junius. *O homem do seculo*, *Pedagogia e Methodologia* e a *Arte Christão*. pelo monsenhor Camillo Passalacqua; *Relatorio da Camara Municipal de S. Paulo*, 1797; *Actas das sessões da mesma Camara*, 1896-1897; *Relatorio da Intendencia de Finanças; A varzea do Carmo; Projecto da Constituição do Estado de S. Paulo; Manifesto Republicano Parlamentarista*. *Relatorios* sobre escolas de 1.º e 2.º graus, pelo d[illegible] tonio Caetano de Campos; *Relatorio do ministe[illegible] exterior ao chefe do Governo Provisorio*, por Ou[illegible]

Bocayuva, 1890; *Canções ridentes*, por Carlos Moraes; *Lições de Historia do Brasil*, por Basilio de Magalhães; *Dieu dans le nature*, por C. Flammarion; *Essai sur les premiers principes des societés*, por P. Garreau; *Questions contemporaines*, por Ernest Renan; *L'archipel indien*, por Louis de Backer; *Histoire de la civilisation en Europe*, por M. Guizot; *Mensagem* dirigida ao Congresso pelo vice-presidente do Estado, dr. Francisco A. Peixoto Gomide; *Attentado de 5 de novembro*, relatorio e diversas peças do inquerito; *Annuario da Estatistica da Secção de Demographia*, 1897; *Ensaios de Sciencia*, pelo padre João Baers; *Diccionario Historico e Geographico* de La Martinière, edição de 1768, *Homenagem ao padre Antonio Vieira*; *Relatorio* do Secretario do Interior, 1897; *Leis e Resoluções* da Camara Municipal da Capital, 1894-1885; *Historia Universal*, por Berquó, *Historia antiga*, pelo mesmo; *Historia da Grecia e Roma*, pelo mesmo; *Geographia Atlas*, por monsenhor Canturier; *Geographia Geral*, por Moreira Pinto; *Historia Universal*, pelo mesmo; *Epitome da Historia do Brasil*, pelo mesmo; *Conheçamos a nossa terra*, por Menezes Vieira; *Festas Nacionaes*, pelo dr. Rodrigo Octavio; *Historia Natural*, por Felisberto de Carvalho; 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º *livros de leitura*, pelo mesmo; *Historia do Brasil*, por Felisbello Freire, *Sciencias Naturaes e Physicas*, pelo dr. Felicissimo R. Fernandes, *Instrucção moral e civica*, por Esteves da Silva; *Historia Antiga*, por João Ribeiro; *Historia Natural*, pelo dr. Duque Estrada, *Cathecismo Constitucional da Republica*, pelo dr. Borges Carneiro; *Cathecismo do Estado de S. Paulo*, pelo mesmo; *Cathecismo do Estado do Rio de Janeiro*, pelo mesmo; *Geographia de Minas Geraes*, por Francisco Lentz Araujo; *Geographia Primaria*, pelo dr. Carlos Novaes; *Coisas brasileiras*,

por Puigari ; *Noções da vida domestica*, por Feliz Ferreira; *A Historia do Brasil*, por Sylvio Romero; *Lições de coisas*, por A. E. Zaluar; *Geographia Geral do Brasil*, por A. W. Sellin; *Geometria pratica*, por Olavo Freire; *Vida de D. Antonio Joaquim de Mello*, pelo conego Ezechias Galvão da Fontoura; *Ephemerides Mineiras*, 1664 a 1897; *Titi Livi, Tulii Cicceronis Orationes*, tomo 2.º; *Folhinha do palhaço Augusto*, 1885; *Remola*, por George Elist; *Observações criticas*, pelo padre Senna Freitas, *A escravatura na Europa e na Africa*, por d. Antonio F. de S. Leitão e Castro; *Discurso*, por Eugenio Teixeira; *Divisão judiciaria, municipal e policial do Estado de S. Paulo*, por Sebastião Moreira ; *Memorias para a capitania de S. Vicente*, por Frei Gaspar da Madre de Deus; *Relatorio* da Secretaria de Justiça, 1897; *Historia da America portugueza*, por S. da Rocha Pitta ; *Relatorio* da Secretaria da Agricultura da Bahia, 1896 ; *Relatorio* do chefe de policia de S. Paulo, 1893 a 1893; *Contes indiens du Bresil*, pelo general Couto de Magalhães; *Villa Rica*, (poema), de Claudio Manoel da Costa; *Emancipação dos escravos*, pelo deputado Ruy Barboza; *Vida de d. Antonio Ferreira Viçoso*: *A festa dos creanças*; *Viagem pelo Interior de Minas e Goyaz*, pelo dr. Virgilio M. de Mello Franco; *Notas sobre a Parahyba*, por J. Joffili; *Commentario a Constituição dos Estados Unidos*, por Joseph Story; *Videiras americanas*, pelo dr. Emilio A. Goldi ; *Noções geographicas e administrativas de Minas Geraes*, por Henrique Gerber; *Dados estatisticos*, sobre a industria e agricultura de Minas Geraes em 1890; *Acquisição da posse por intermediario*, pelo conselheiro dr. Duarte de Azevedo; *Arte de grammatica da lingua brasilica nação Ririri*, pelo padre Luiz V. Mamiani; *Apontamentos sobre a Abaucêiga*, por Baptista C. de A. N.

gueira: *Terras e propriedade do dr. Domingos Jaguaribe; Fronteira Sul do Amazonas*, pelo dr. Manoel Tapajós; *Historia da fundação do Imperio Brasileiro*, por J. M. Pereira da Silva; *Historia do Brasil*, por Francisco Solano Constancio; *Anno biographico brasileiro*, por Joaquim Manoel de Macedo; *Depuração pelo solo dos productos de exgottos*, pelos drs. Emilio Ribas e Theodoro Bayma; *Annuario Medico Brasileiro*, pelo dr. Carlos Costa; Diversos manuscriptos sobre historia e geographia do Brasil, pelo dr. Alfredo Moreira Pinto; *O Municipio e a Republica*, pelo dr. Domingos Jaguaribe; *Lendas e canções populares*, por Juvenal Galeno; *Diccionario chorographico historico de Pernambuco*, 1.º volume, pelo dr. Sebastião Vasconcellos Galvão; Documentos interessantes, volume 24 e 25; *Discurso sobre o centenario da India*, pronunciado pelo dr. Braz do Amaral; *Accidents du travail*, volume 1.º; *Vocabulario Sul-Rio Grandense*, pelo dr. J. Romaguera Corrêa; *Pacificação do Rio Grande do Sul*, pelo sr. Alfredo F. Rodrigues; *Discurso*, proferido pelo sr. Manoel Pereira Guimarães; *Almirante dos Mares Orientaes*, por Joaquim Leitão; *Discurso*, proferido na Sociedade de Geographia de Lisboa, pelo dr. João Monteiro; *Cartas politicas*, pelo dr. Americo Brasiliense; *Memorias*, de Mme. Dorothéa de Laserre; *Posologia dos medicamentos mais empregados*, por J. F. Soares Romeu; *Hydrographie du haut San Francisco et du Rio das Velhas*, por Em. Liais; *Apontamentos para a historia da Republica do Brasil*, por M. E. de Campos Porto; *Traité d'Astronomie et de Geologie*, por Em. Liais; *Lições de Coisas*, por N. A. Calkins; *La Retraite de Laguna*, por Alfredo Taunay; *Historia Financeira do Brasil*, pelo dr. Liberato de C. Carreira; *Vida do Marquez de Barbacena*, por Antonio Augusto de Aguiar; *Hugonianas* (poesias),

de Victor Hugo; *Pacificação dos Crichanás*, por João Barboza Rodrigues; *Jocelyn*, poema de Affonso de Lamartine; *Compendio de percussão e escuta*, pelo Dr. Pires de Almeida; *Geologia elementar*, por Neréo Boubjée; *Lições de physica*, por Francisco Xavier Oliveira de Menezes; *Fabulas de Lafontaine; O Medico da primeira infancia*, pelo Dr. Antonio Ferreira Pinto; *Lições elementares de Optica*, por José Saturnino da Costa Pereira; *Diccionario Geographico das Minas do Brasil*, por Francisco Ignacio Ferreira; *Repertorio Juridico Mineiro*, pelo mesmo; *Historia dos tres capitães da antiguidade*:— Alexandre, Annibal e Cezar, pelo Dr. Cezar Zama; *Pequeno Cathecismo Historico*, pelo Abbade Fleury; *Micellaneas Religiosas*, pelo conego Joaquim Pinto de Campos; *Missão de Christo*, pelo mesmo; *Diccionario dos verbos irregulares da lingua portugueza*. por C. do R.; *Memoria economica sobre o chá*, por Fr. Leandro do Sacramento; *Systema Metrico*, tabellas; Documentos interessantes, vol. 26; *Relatorio do Ministerio das Relações Exteriores*, 1890, 1891, 1893 e 1394; *Relatorio do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores*, 1896; *Santos*, pelo Dr. Alfredo Moreira Pinto; *A Liberdade Profisional*, discurso pronunciado na Camara dos Deputados pelo Dr. Miranda Azevedo; *Noticia historica dos serviços, instituições, etc., pertencentes ao Ministerio na Justiça e Nogocios Interiores; Relatorio do Ministerio das Relações Exteriores*, 1895; *Relatorio do Ministerio da Fazenda*, 1898; 1º e 2º *Relatorios da commissão encarregada da verificação dos estudos do Dr. Domingos Freire sobre a febre amarella; A febre typhoide em S. Paulo*, pelo Dr. Clemente Ferreira; *Pacificação dos Crichanás*, por João Barboza Rodrigues; *Apontament para o Direito Internacional*, por Antonio Pereira Pinto *Annaes da Camara dos Deputados; Annaes do Senad*

Leis do Brazil; Codigo do Processo Criminal, annotado por Josino N. Silva; *Questões de divisas entre S. Paulo e Minas Geraes*, por A. P.; *Fronteira Sul Amazonas*, pelo Dr. Manoel Tapajoz; *Trechos classicos portuguezes*; *La questione Italiana al Brasile*, Antonio Latini; *A Creação no Brazil*, por Mario Gambarone; *Finis Patria*, por Guerra Junqueiro; *Grammatica das Escolas*, por Miguel Alves Feitosa; *Do hematozoario do beriberi e seu pigmento*; pelo Dr. Francisco Fajardo; *Maximas e pensamentos*, por Benedicto Xavier; *Tractado de metrificação portugueza*, por A. F. de Castilho; *Novo roteiro do telegrapho optico da cidade de Santos*; *Municipio de Campinas* (monographia), por Christiano Vorkart; *Os Luziadas*, de Camões; *Religiões da Luzitania*, por J. Leite de Vasconcellos; *No Oriente* — De Napoles á China, por Adolpho Loureiro, *Chronica dos reis de Bisnaga*, por David Lopes; *Textos em Aljamia portugueza*, pelo mesmo; *Dai-Nippon*, por Wenceslau de Moraes; *A Imprensa em Portugal* nos seculos XV e XVI; *Ordenações d'El-Rei D. Manoel*, por Brito Aranha; *Hymno do centenario da India*, por Fernandes Costa; *Episodio do gigante Adamastor*, por José Benoliel; *Fabulas de Loqman*, vertidas em portuguez por José Benoliel; *Vida do abbade Daniel do mosteiro de Sceté*, versão de L. Goldschimidt e F. M. Esteves Pereira; *As Misericordias*, por Costa Goodolphim; *Vasco da Gama e a Vidigueira*, por A. C. Teixeira de Aragão; *Dois feitos de D. Christovam da Gama*, por Miguel de Castanhoso; *Flora de Gôa e Savantvadi*, pelo Dr. D. G. Dalgado; *Coisas da China*, por Heliodoro Callado Crespo; *Quadros historicos da guerra do Paraguay*; *Narrativa de viços no libertar-se o Brazil*, pelo almirante Conde de ıdanald; *A convenção de 20 de Fevereiro*, por José ·ia da Silva Paranhos; *Resumo da Historia Universal*.

Membros do Instituto, acceitos em 1898

Socios honorarios

N.º	NOMES	Data da admissão
1	Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo	5 de abril de 1898
2	Conselheiro Texeira de Aragão	20 de julho »
3	Dr. Julius Meili	» » »
4	Dr. Martim Garcia Mérou	20 de outubro »
5	Dr. Joaquim A. Nabuco de Araujo	» » »

Socios effectivos

N.º	NOMES	Data da admissão
1	Conego Manoel Vicente da Silva	20 de abril de 1898
2	Dr. Antonio Gomes do Carmo	» » »
3	Monsenhor Camillo Passalacqua	5 de maio »
4	Dr. José Getulio Monteiro	20 de julho »
5	Dr. Luiz Augusto Nogueira	20 de outubro »

Socios correspondentes

N.º	NOMES	Data da admissão
1	Dr. Victor da Silva Freire	5 de abril de 1898
2	Dr. Antonio Bueno de Andrada	5 » »
3	Dr. Antonio Alves de Carvalho	» » »
4	Dr Arthur Cortines Laxe	» » »
5	Francisco Nicolau Baruel	» » »
6	Dr. Carlos F. Villalva	» » »
7	José Hypolito da Silva Dutra	» » »
8	João Vieira de Almeida	» » »
9	Arcediago dr. Francisco de Paula Rodrigues	» » »
10	Dr. José Maria Bourroul	» » »
11	Jesuino da Silva Mello	20 » »
12	Dr. Luiz Gonzaga de Oliveira	» » »
13	Dr. Manoel Tapajoz	5 de maio »
14	Dr. Eugenio de Andrada Egas	5 de julho »
15	Dr. José Maria Lisboa Junior	» » »
16	Dr. Carlos Ekmann	» » »
17	Dr. Cantidio Bretas	» » »
18	Dr. Jorge Krichbaumm	» » »
19	Dr. Mario Bulcão	5 de setembro »
20	Dr. Delfim Carlos	» » »
21	Paulo Orozimbo Azevedo	» » »
22	João Vieira da Silva	20 de outubro »
23	Dr. José Calmou Nogueira Valle da Gama.	» » »
24	Dr. Carlos Guimarães	» » »
25	Aprigio Carlos de Macedo	» » »
26	Dr. Alberto de Assumpção	» » »
27	Dr. Virgilio de Sá Pereira	» » »
28	Dr. José Custodio Alves Lima	» » »
29	Conselheiro Bernardo Avelino Gavião Peixoto	» » »
30	Dr. Fernando de Albuquerque	» » »

SAP 719.7

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

VOLUME IV

1898—99

S. PAULO
TYP. ANDRADE, MELLO & COMP.
Rua do Carmo, 7

2

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

S. PAULO

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

S. PAULO
TYP. ANDRADE, MELLO & COMP.
Rua do Carmo, 7

ERRATA

No Indice accrescente-se: Itinerario do Rio de Janeiro até as minas de ouro por Francisco Tavares de Brito — pag. 449.

No mesmo Indice, onde se lê pag. 451, leia-se pag. 453.

Pag. 5—nota, leia-se: «cuja obra parecia perdida».

» 81—onde está «ANNO DE 1734» leia-se: «ANNO DE 1735».

» 577—linha ultima, leia-se: «*Notas ornithologicas*».

REVISTA

DO

Instituto Historico e Geographico

DE

SÃO PAULO

VOLUME IV

1898—99

S. PAULO
TYP. ANDRADE, MELLO & COMP.
Rua do Carmo, 7

SA P4119.7
HARVARD COLLEGE LIBRARY
DEC 15 1915
LATIN-AMERICAN
PROFESSORSHIP FUND.

AO LEITOR

Já é um facto reconhecido a contribuição effectiva do INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE S. PAULO, para a nova phase de reconstituição da historia patria, que tem produzido alguns trabalhos de valor incontestavel.

No presente volume, e nos tres já publicados, a materia nelles contida, demonstra-o de um modo positivo: quem quer que seja, por menos dado que seja ao estudo do que é nosso, não poderá folheal-os indifferentemente.

As *Actas* das sessões e o *Relatorio* dos trabalhos documentam a assidua actividade dos membros do Instituto.

Este volume offerece a restauração de um manuscripto curioso de Joaquim Costa Siqueira, vereador da Camara de Cuyabá—as *Chronicas de Cuyabá*.

O nosso incansavel consocio dr. A. Piza encontrou-o entre os papeis do tenente-general José Arouche e salvou-o da acção destruidora do tempo.

Faltando algumas folhas, completou-as soccorrendo-se do *MS* de José Barboza de Sá, existente na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, e completou o interessante trabalho acompanhando-o de notas valiosas.

O mesmo dr. A. Piza, com sua constante pertinacia de decifrar, nos documentos antigos, os verdadeiros factos da vida real de nossos antepassados, compoz as CHRONICAS DOS TEMPOS COLONIAES, e nellas traçou admiravelmente as tristes scenas causadas pela *Miseria do Sal* e pelo *Militarismo em S. Paulo*. Estas paginas vem confirmar a reputação de que gosa de escrupuloso historiador da antiga historia paulista.

O dr. Theodoro Sampaio, com a belleza d'estylo facil, que lhe é peculiar, traça um grande quadro de *S. Paulo de Piratininga no fim do Seculo XVI*.

Ao lêr essa descripção, não se sabe o que mais admirar: —se a intuição critica, se o conhecimento do archeologo, revivendo com precisão mathematica o scenario e os costumes que estuda e analysa.

Não ha exaggeração affirmado-se que cada trabalho do dr. Theodoro Sampaio é uma joia de valor com que contribue para nossa litteratura.

Outro nosso consocio, o dr. Eduardo Prado, infelizmente tão avaro de seus escriptos litterarios, figura n'este volume com um luminoso estudo critico sobre *Os Hespanhóes no Salto do Avanhandava no Seculo XVI*. Analysando a asseveração de Felix Azara, que figura os hespanhóes no governo de Martinez Irala em 1554, invadindo o territorio paulista, demonstra a falsidade do historiador hespanhol. Com segura e erudita orientação remonta ás fontes historicas e, com as proprias paginas do P.e Pedro Lozano e Ruy Dias Gusman, destróe por completo, a invenção do illustre escriptor Felix Azara, que parece ter intencionalmente falseado a historia com vistas de servir a pretenção do governo hespanhol.

E bem digna de nota é a proposição que

concluir escreve o nosso consocio quando conceituadamente diz:

«A moralidade (a tirar se da anedocta historico-geographica de Azara) é que na Historia e na Sciencia, como na vida, as violencias feitas á verdade são sempre seguidas de uma mais ou menos tardia reparação.»

A' gentileza do dr. E. Prado deve o Instituto Historico o original de um valioso Manuscripto—*Relação Geral da Diocese de S. Paulo em 1777*, publicado agora, que ainda mais realce teve pelos commentarios com que analisou essa peça o nosso illustre consocio, e que por não termos em mão não vae neste volume.

O dr. Orville Derby, cuja reputação de ha muito transpoz os estreitos limites geographicos para brilhar na Cosmopolis da sciencia, opulenta este 4º volume da *Revista*, entre outros, com dois notaveis trabalhos.

O Roteiro de uma das Primeiras Bandeiras Paulistas, em 1602, é um dos mais importantes e documentados capitulos d'essa importante *Historia dos Bandeirantes* que ainda está a espera de um Capistrano de Abreo ou Homem de Mello ou Barão do Rio Branco, para ser escripta convenientemente. Com segurança e perspicacia discute o dr. Derby essa expedição e estabelece de modo inconcusso a sua identidade com a descripção do que narra o belga Wilhelm Glimmer e incluida na celebre obra de Pizo e Margraff dando em excerpto, a traducção que analysa.

O itenerario do Rio de Janeiro até as minas de ouro, em 1732, por Francisco Tavares de Brito, é outra producção, onde se revela o criterio critico do dr. Derby—mostrando que esse pretendido escripto nada mais é do que uma copia e *arranjo* feitos sobre um *MS* con-

servado na Bibliotheca de Evora de 1717 e publicado no 2º volume da REVISTA d'este INSTITUTO.

Materia variada ainda preenche as muitas outras paginas do volume, que fecha com a *Bibliographia* acerca de obras sobre o Brasil e a Necrologia do nosso fallecido consocio o grande pintor brasileiro Almeida Junior e dos professores Domingos Freire e Campos da Paz.

Esta ultima parte ficou a cargo de nosso collega da commissão de redacção, dr. Miranda Azevedo, que della desempenha-se do modo porque o publico avaliará.

Eis resumo, do volume que entregamos a critica e benevolencia de nossos compatriotas esperamos animação para proseguirmos na execução do nosso programma.

INDICE

PAGINAS

Chronicas do Cuyabá, noticia pelo dr. A. Piza 1
Chronicas do Cuyabá, por Joaquim da Costa Siqueira 4
Notas sobre festas em Cuyabá no seculo passado 219
Critica dessas festas 236
Os Hespanhóes no Salto de Avanhandava no Seculo XVI, pelo dr. Eduardo Prado 243
São Paulo de Piratininga no fim do Seculo XVI, pelo dr. Theodoro Sampaio 257
Chronicas dos Tempos Coloniaes, pelo dr. A. Piza:
A miseria do Sal em S. Paulo 279
O militarismo em S. Paulo 297
Plano para a remessa de tropas para o Sul, por Martim Lopes 321
Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas, pelo dr. Orville Derby. . . 329
Relação Geral da Diocese de S. Paulo, pelo bispo D. Manoel da Resurreição 351
Congruas dos Clerigos de S. Paulo, em 1777 415
Autographos ineditos e antiguidades patrias, por Erasmo 419
São Paulo e Minas Geraes, antigas divisas, pelo dr. Orville Derby 451
Panegyrico do marquez do Pombal. . 466
Actas das Sessões do Instituto . . . 489
Addenda ao Catalogo de Numismatica, pelo socio E. Hollender. 546

PAGINAS

Objectos offerecidos ao Instituto . . 548
Bibliographia, pelo dr. Miranda Azevedo . 561
Noticia sobre o dr. Domingos Freire, pelo dr. Miranda Azevedo 579
Noticia sobre o dr. Campos da Paz, pelo dr. Miranda Azevedo. 586
Noticia sobre o pintor Almeida Junior, pelo dr. Miranda Azevedo 594

CHRONICAS DO CUYABÁ

Entre os papeis deixados pelo tenente-general José Arouche de Toledo Rendon e a mim confiados pelos seus herdeiros, encontrei umas interessantes *Chronicas do Cuyabá*, contendo a narrativa dos principaes acontecimentos que se deram em Matto-Grosso desde as primeiras invasões que lá fizeram os paulistas até o tempo em que o chronista estava escrevendo.

Examinando o manuscripto e enumerando as suas folhas, todas deslocadas, verifiquei que a relação dos factos anteriores a 1718 é muita vaga e obscura, de modo que não dá uma ideia exacta das expedições paulistas de Antonio Raposo e de Luiz Pedroso de Barros, que atravessaram aquelles sertões pelos annos de 1648 a 1662 em busca dos thesouros do Perú, occultos nas entranhas dos Andes, e que nem mesmo foram mencionadas as invasões de alguns outros paulistas, como Pedroso Xavier, Braz Mendes Paes, Pedro Leme, que, em varias épocas, estiveram na serra de Maracajú em lucta com os hespanhóes do Paraguay, e João Martins Barros que mais tarde, por ordem do capitão-general

D. Luiz Antonio de Souza, fundou nessa região a desgraçada colonia paulista de Yguatemy.

De 1723 em diante a historia toma a fórma chronologica e vae narrando os factos de anno para anno com grande precisão e clareza. A narrativa foi escripta por Joaquim da Costa Siqueira, vereador da camara de Cuyabá, em virtude de ordem do governo portuguez, datada de 20 de Julho de 1782. Diz o chronista que para os factos occorridos até o anno de 1765, não fez mais do que copiar, com algumas correcções, as *Chronicas do Cuyabá* de José Barbosa de Sá, e que daquella data em deante descreveu os factos por conta propria, conforme o conhecimento pessoal que delles tinha.

Faltam ao manuscripto muitas folhas contendo a relação dos acontecimentos occorridos de 1731 a 1747 e de 1781 até o final, que deveria ser pelos annos de 1783 e 1784. A Bibliotheca Nacional possue dois exemplares das *Chronicas do Cuyabá* de José Barbosa de Sá, até hoje ineditas, tendo um exemplar sido comprado juntamente com a *Collecção Carvalho* e outro sido recebido como dadiva feita pelo dr. João Severiano da Fonseca, que o trouxe de Cuyabá por occasião da sua viagem á roda do Brazil.

Foi-me facil obter daquella bibliotheca uma cópia daquelle manuscripto na parte relativa aos factos acontecidos nos annos de 1731 a 1747 e assim supprir a grande lacuna que encontrei no manuscripto de Joaquim da Costa Siqueira, existente em meu poder. Ficou, portanto, continua e completa a narrativa desde as origens do Cuyabá até 1781 e muito interessante para a historia colonial de S. Paulo e Matto-Grosso.

A falta das ultimas folhas prejudica a historia da capitania de Matto-Grosso, mas não affecta a narra.. anterior até o anno a que ella chega, podendo-se c

siderar que o chronista por algum motivo deixou de completar a sua obra, que ficou interrompida no anno de 1781.

Nestes termos, fiz a cópia de todo o manuscripto, inclusivé a parte vinda da Bibliotheca Nacional, annotei-o em todos os pontos que me pareceram obscuros, accrescentei-lhe em nota *in fine* a descripção de umas festas celebradas em Cuyabá, em 1790, em honra do ouvidor Diogo de Toledo Lara Ordonhes, conforme umas notas truncadas que tambem foram por mim encontradas entre os papeis do general Arouche, e de tudo faço presente ao Instituto Historico de S. Paulo, certo de que merecerá um logar na sua *Revista* e será devidamente apreciado pelos estudiosos da historia patria.

A. de Toledo Piza.

Chronicas do Cuyabá

OU

Relação Chronologica dos estabelecimentos, factos e successos mais notaveis que aconteceram nestas minas do Cuyabá, desde o seu estabelecimentos por ordem da Rainha Nossa Senhora (1), expedida pelo seu Tribunal do Conselho Ultramarino em 20 de Julho de 1782, que se acha no archivo do Senado da Camara desta villa e registrado no Livro do Registro das Provisões, a fls. 196 verso, sendo presidente deste mesmo Senado o doutor Diogo de Toledo Lara Ordonhes (2),

---

(1) Rainha D. Maria I, que succedeu a seu pae D. José I em 1777. Esta exposição está um tanto obscura. As minas do Cuyabá foram descobertas pelos paulistas em 1718; a povoação do Cuyabá foi elevada a villa em 1° de Janeiro de 1727 e desde então havia lá governo regular. Em 1748 foi creada a capitania de Matto Grosso, desmembrada da de S. Paulo, sendo sua capital a povoação de Villa Bella. A ordem régia de 20 de Julho de 1782 determinava que as camaras municipaes registrassem os acontecimentos mais notaveis da colonia e não se referia ao estabelecimento das minas, como se póde inferir da linguagem aqui empregada.

(2) Era irmão do tenente-general José Arouche de Toledo Rendon e, como este, formado em direito na universidade de Coimbra; foi ouvidor de Cuyabá e subiu na magistratura até pertencer ao Desembargo do Paço; foi membro da Assembléa Constituinte em 1823, mas não tomou assento, e foi tambem membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

(*N. do*

vereadores o capitão Joaquim Lopes Poupino, o tenente Joaquim da Costa Siqueira, o alferes Manoel Nunes de Brito Leme e procurador Manoel Ventura Caldas, escreveu o segundo vereador já declarado, que por não achar outras algumas lembranças antigas, nem tambem pessoas daquelle primeiro tempo, para os poder mendigar, se viu obrigado a escrever fielmente tudo quanto havia escripto José Barbosa de Sá, advogado que foi dos auditorios desta villa e seu republicano, que ainda nesse tempo poude conseguir algumas noticias antigas, e as mais que presenciou e succederam, estando elle nestas minas, até o anno de 1765; corrigindo unicamente aquillo que poude achar contrario e accrescentando as que se omittiram, talvez por falta de lembranças, e proseguindo do dito anno de 1765 em deante com os mais factos que ocularmente presenciou, e outros que são constantes, e praticando o mesmo systema que teve aquelle primeiro escriptor (1) de relacionar tambem todos os ministros e parochos que se têm seguido do dito anno para cá.

Entre as mais colonias do brazileo Estado ou America Portugueza merece primazia a celebre cidade de S. Paulo, famosa planta do santo e veneravel Padre José de Anchieta, missionario do Brazil, da companhia de Jesus, natural das ilhas de Canaria, no territorio chamado dos seus naturaes *Piratininga*, regado com as aguas dos rios *Tieté* e *Tamanduatiba*, adonde a Fé levantou o primeiro padrão e arvorou os seus estan-

(1) O escriptor citado é José Barbosa de Sá, cuja obra pa-
se perdeu.

(N. do C.)

dartes, fazendo celleiro da Palavra Divina para extender nas dilatadas sementeiras deste extenso hemispherio, cultivando os agrestes silvados do paganismo em fructiferos vergeis da Egreja Santa.

Continuando, os moradores daquella extensa capitania, operarios desta santa lavoura, em militares progressos, a expugnaram dos comarcãos de onde colhiam almas para Deus e utilidades humanas, augmentos com que se estabeleceram aquelle paiz e seus adjacentes. Invadidos os mais propinquos, foram se extendendo aos longes, fazendo com os mesmos neophitos guerra ás mais remotas barbaridades. Huns para os *Catagoás*, sitio chamado hoje *Minas-Geraes*, para os *Caêtezes*, *Coroados*, *Puris* e outras nações até o rio de S. Francisco (1). Outro, cursando o vasto poder do *Cayapó*, chegaram aos Goyas, Carayas, Quirixás e outros varios que de todos tiravam muita somma delles e reduziam do agreste á vida catholica e urbana. Outros, com dobradas forças, rodando as aguas dos rios Tieté e *Anhambahi*, chamado hoje *Rio Grande*, (2) foram colhendo va-

(1) Na historia colonial de S. Paulo é muito mencionado o rio de S. Francisco do Sul, que por muitos annos pertenceu á capitania de S. Paulo e depois passou a servir de limite da capitania com o territorio de Santa Catharina, annexado ao Rio de Janeiro. Aqui se refere ao grande rio S. Francisco, que rega Minas Geraes, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe e desagua no Atlantico ao norte da cidade de Bahia.

(2) Aqui deve haver engano do chronista; o Rio Grande não tinha este nome. Si é *Anhembi*, é o proprio rio Tieté que assim era chamado pelos indios, e si é *Amambahy*, é um riacho que vem da serra do Maracajú, em Matto-Grosso, desaguar na margem direita do Paraná, muito acima do salto das Sete Quedas.

(N. do C.)

rias gentes até as barras do rio *Panema*, *Pardo* e *Anhanduhi* (1), entre varios lances de fortuna em continuação dos tempos de quem seguiremos os passos como objecto da nossa historia.

Versando estes famosos aventureiros, tanto americanos a quem chamavam *paulistas* pela nominação da patria, como europeus chamados *emboabas*, nome derivado das gallinhas calçadas por não largarem as meias e sapatos em todo o serviço, auxiliados dos mesmos indios que amansavam, com quem faziam guerra as barbaridades. Acharam nos principios além do rio Panema algumas povoações de gentes catholicas, reduzidas pelos padres missionarios castelhanos (2), com egrejas já levantadas e offerecidas, e officinas de varias fabricas que expugnaram, prenderam muitos dos indios, lançaram os brancos e destruiram as feitorias. Acha-se ainda hoje por memória nesses logares um montão de telha arrumada (3), coberta de matto, um quarto de legua afastado da barra do rio Panema.

---

(1) *Anhanduhy* é affluente do Rio Pardo; ambos nascem em Matto-Grosso, nos sertões do Maracajú e Camapuan, e vêm desaguar na margem direita do Paraná muito abaixo da barra do Tieté. O Rio Pardo era muito frequentado pelos paulistas em viagem para Cuyabá.

(2) Refere-se aqui ás Missões dos jesuitas do *Goayrá*, destruidas pelos paulistas, commandados por Antonio Raposo e Manoel Preto Moreira, nos annos de 1629 a 1632. Vide vol. IX do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

(3) Essas ruinas são as de *Villa Rica*, povoação que não estava sobre o rio Paranapanema, porém sobre o rio Ivahy, na barra de um riacho a que se chamou rio *Mourão*, em honra a D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, e a que o mappa Nolte dá o nome de *Curumbatahy*.

(*N. do C.*).

Subindo o Rio Pardo e tomando a barra do Anhanduhy e Anhangoby, que são dous rios nascidos de uma madre, navegando estes acima, acharam seis povoações de gente castelhana, brancos, indios e mestiços, com egrejas, casas de telha e officinas de varias operações, bois, cavallos e carneiros, a quem os nossos famosos capitães, como fieis portuguezes, fizeram guerra, e pondo em fuga os brancos recolheram muitos indios, destruiram e queimaram as feitorias, vendo que pertenciam aquelles logares aos dominios portuguezes, adonde se acha por memoria algum gado vaccum, chamado hoje *A Vaccaria* (1), o que causou tanto espanto e terror ás

---

(1) E' pena que o chronista não cite as datas dos acontecimentos, os nomes dos chefes destes destemidos bandeirantes. Entretanto é certo que se trata ainda do celebre sertanejo Antonio Raposo, o mesmo que destruiu as missões jesuiticas do Goayrá nos annos de 1629 a 1632. Partiu Antonio Raposo de S. Paulo em 1648 por caminho que os chronistas não mencionam; em 1649 estava elle em territorio de Matto-Grosso, onde encontrou varias aldeias de indios catechisados pelos jesuitas hespanhóes, vindos do Paraguay. Estas aldeias estavam algumas no planalto da serra do Maracajú, entre as cabeceiras dos rios Nhanduhy e Pardo, affluentes do Paraná, e do Cahy, affluente do Mbotetey; outras estavam no valle do rio Mbotetey e outras ainda no valle do rio Paraguay, pouco abaixo da barra do Mbotetey; foram todas, *Cruz de Botanos*, *Xeres*, *Itutin*, *Nossa Senhora da Fé* e outras, destruidas pelo dito Antonio Raposo, que depois seguiu dali para a Bolivia e Perú, onde deu combate aos hespanhóes, atravessando os Andes e lavando as mãos nas aguas do Oceano Pacifico, voltou pelo Amazonas e chegou em S. Paulo tão desfigurado que a sua propria familia o desconheceu.

Poderia alguem suppôr que se trata de Luiz Pedroso de Barros, paulista illustre, casado na familia Araujo Góes, da Bah que partiu de S. Paulo em 1660 e foi morrer no Perú dois an

povoações castelhanas da provincia do Paraguay que não tornaram a fazer passagem para cá, e si assim não fôra seriam hoje os castelhanos senhores de todos estes nossos logares até S. Paulo, Goyas e Minas Geraes.

Correndo os tempos, continuando aquelles aventureiros as suas conquistas, chegaram a navegar o rio Paraguay, descendo uns pelo *Coxim*, outros pelo *Mateteú* e pelo Cahy (1), que sahem ambos das mesmas Vaccarias, e entrando pelas grandes bahias que acompanham as margens deste rio foram achando tantas nações de gentes que não cabem nos archivos da memoria, e só me lembram as seguintes: *Corayás, Pacoacentes, Xixibes, Axanés, Parrudos, Xacoreres, Aragoarés, Coxipones, Popucunes, Arapocunes, Mocor, Paragoanes, Apecones, Boripocunes, Itilapores, Jaymes, Goatós e Aicurús.*

Divertidos aquelles portuguezes (2) com estas gentes e fertilidade das terras, adonde se colhem os fructos sem plantar, esquecidos das patrias, mulheres e filhos e, sobretudo, das obrigações de catholicos passavam as vidas,

---

depois, e cuja historia é pouco conhecida; porém, este naturalmente fez esta viagem influenciado pelo exemplo de Antonio Raposo e devia ter seguido o mesmo caminho e encontrado aquellas aldeias todas destruidas pelo seu predecessor.

(1) O rio *Coxim* contraverte com o Rio Pardo no planalto de Camapuan e vae desaguar no rio Taquary, affluente do Paraguay; o rio *Mateteú* era algumas vezes escripto *Mbotetey*, hoje Mondego, contraverte com o rio Ivinheima, na serra do Maracajú, no sul de Matto-Grosso, e vae desaguar no rio Paraguay entre os fortes de Coimbra e Corumbá.

(2) Poderia haver entre estes bandeirantes alguns portuguezes, porém os chefes eram paulistas e o grosso das forças composto de indios mansos e mestiços ou mamelucos.

(N. do C.).

annos e annos, até que subiram o rio Cuyabá, assim chamado por acharem em suas margens cabaças plantadas pelo gentio, de que faziam cuias para seus usos. Outros affirmam que o nome de *Cuyabá* era nome de gentio, que neste rio habitava. Dos capitães das bandieras antigas não achei memorias (1) e só sim dos que exercitaram estes empregos nos tempos proximos ao invento destas minas, que eram os seguintes: — Manoel de Campos, paulista, e seu filho Antonio Pires de Campos (2), João de Farias Taveira, européo, seu filho João de Farias, Francisco Xavier, européo, Pedro Leme, Antonio Borralho de Almada, João Leme e seu irmão Lourenço Leme (3), Gabriel Antunes e seus irmãos

---

(1) Não podia haver em Cuyabá provas documentadas relativas aos invasores paulistas do tempo porque a região ficou deserta ou em ruinas; porém as expedições foram a de Antonio Raposo em 1648, a de Luiz Pedroso de Barros em 1660 e a de Francisco Pedroso Xavier em 1676; as duas primeiras em caminho para o Perú, como já foi dito, e a ultima, com destino ás missões do Paraguay, só tocou na região do sul de Matto-Grosso—Vaccaria e Yguatemy.

(2) Manoel de Campos era um paulista notavel, de familia illustre, irmão do illustre jesuita Estanisláo de Campos; foi casado na familia *Pires* e fez 24 entradas nos sertões, até o Paraguay, a caça de indios. O seu filho Antonio Pires de Campos tambem foi um sertanejo valente, explorou os sertões de Minas Geraes e Goyaz e tornou-se pae do celebre coronel Antonio Pires de Campos, que em meiado do seculo passado, amansou os indios *Bororós*, de que se fez chefe e com os quaes deu muitos combates aos Cayapós e fez muitos serviços ao governo colonial.

(3) Estes foram os dois infelizes irmãos Leme, victimados pelo governador Rodrigo Cesar de Menezes em 1723. Vide vol. XII *do Archivo do Estado de S. Paulo*, nota *in fine*. Estes factos tiveram logar em 1718.

(*N. do*

Antonio Antunes Maciel e Filippe Antunes Maciel (1) e Paschoal Moreira Cabral, todos paulistas (2).

Destes, o primeiro que subiu o rio Cuyabá foi Antonio Pires de Campos em procura do gentio *Coxiponé*, chegou a uma aldeia delles no lugar aonde esteve a capella de São Gonçalo, que por isso tem hoje o nome de *São Gonçalo Velho*, e ahi prendeu muitos e voltou para baixo em procura das mais frotas, que andavam por essas bahias solicitando as mais nações.

No seguinte anno proseguiu Paschoal Moreira Cabral o mesmo rumo em busca dos *Coxiponés*, chegou ao logar da aldeia já destruida e, não achando vestigio algum delles, subiu o rio Coxipó acima (3), nominação

---

(1) Os irmãos Maciel eram notaveis paulistas, naturaes de Sorocaba e valentes sertanejos. João Antunes Maciel tomou parte na segunda *guerra dos Emboabas*, mas contra os paulistas, auxiliando efficazmente Ambrosio Caldeira Brant na defesa do reducto do *Rio das Mortes*, onde os *emboabas* estavam sitiados pelos paulistas, sob o commando de Amador Bueno da Veiga e Luiz Pedroso de Barros—1710. Parece que aqui o chronista trocou por Felippe o nome de um dos irmãos, que se chamava João Antunes Maciel e foi dos mais notaveis sertanejos. Vide Annexo *E* do vol. XIII do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

(2) Faltam aqui os nomes de muitos outros paulistas distinctos que tomaram parte neste descobrimento, como Domingos Rodrigues do Prado, Fernando Dias Falcão, Aleixo Garcia e outros, aos quaes logo se uniram Barbosa Lopes, Almeida Lara, Godoy Moreira e o capitão-mór Braz Mendes, de Sorocaba.

(3) Pelos mappas antigos da região vê-se que havia dois rios com este nome: o *Coxipo-guassú*, que vem do poente desaguar na margem direita do rio Cuyabá pouco acima da povoação; foi o primeiro explorado; o *Coxipó-mirim*, que vem do oriente e desagua na margem esquerda do mesmo rio Cuyabá, abaixo da povoação; é deste que aqui se trata e tinha minas ---ro de ambos os lados.

(N. do C.)

derivada do nome do mesmo gentio, e, fazendo pouso logo acima da barra, acharam ouro em granetes cravados pelos barrancos.

Neste pouso e primeiro descoberto deixou o capitão a bagagem e seguiu rio acima até o logar chamado hoje *Forquilha*; ahi achou o gentio, em quem fez suas presas com bastantes mostras de ouro em *botopuis* e outros enfeites e buscando os companheiros com elles desceu a fazer pouso no logar de São Gonçalo Velho, a que chamavam *aldeia velha*. Ali formaram seu arraial para tomarem descanso, cantando a victoria que alcançaram contra a pobreza e fadigas de suas largas peregrinações, dando uns aos outros parabens por suas fortunas, a quem reciprocamente offereciam laudemios de alegria. Os que haviam ficado na bagagem achavam-se uns a cem outavas, outros a meia libra de ouro, a cincoenta outavas e os mais a este respeito (1), conforme a deligencia que fizeram em cavar com as mãos que outros instrumentos de mineirar não tinham, e os que haviam acompanhado o capitão-mór (2) mais aproveitados, e o mesmo capitão Paschoal Moreira com libra e meia de ouro, todos por fim partecipantes dos *aurinos* fructos.

---

(1) Os complexos estão esquecidos hoje; 1 libra tinha 128 oitavas ou 16 onças de 8 oitavas cada onça. A *este respeito* é phrase muito empregada no tempo e quer dizer *nesta proporção*.

(2) Esta classificação é errada; Paschoal Moreira Cabral não era *capitão-mór* e nem havia este posto entre os bandeirantes. O chefe legal das minas tinha a patente de *capitão-mór regente*, mas era nomeado pelo governo. O capitão-mór Fernando Dias Falcão foi eleito *cabo-maior* das minas de Cuyabá pelos bandeirantes em 1720.

(N. do C.).

Alli se foram arranchando, fazendo casas e lavouras pelas margens do mesmo rio Coxipó e Cuyabá acima, extincta uma aldeia que se achava no logar que é hoje o *Porto do Borralho*. Passados alguns dias chegou ao arraial a bandeira dos Antunes, que eram os tres irmãos de que já falamos, chamados Gabriel Antunes, Antonio Antunes Maciel e Filippe Antunes Maciel (1), e com a noticia do invento do ouro uniram-se aos descobridores, e fazendo suas consultas assentaram que fosse logo Gabriel Antunes para S. Paulo dar noticia e levar as amostras dos descobertos e trazer os ordens necessarias para o bem commum (2) e serviço de S. Magestade, que com effeito seguiu logo viagem, e juntos os que ficaram mandaram escrever um aranzel para seu regimen, cuja copia é a seguinte:

«Aos oito dias do mez de Abril de mil setecentos «e dezenove annos, neste arraial do Cuyabá fez junta «o capitão-mór Paschoal Moreira Cabral com os seus

---

(1) Aqui continúa o chronista a affirmar que um dos tres irmãos Antunes Maciel se chamava Filippe, quando é certo que o seu nome era João Antunes Maciel, fez varias viagens a Cuyabá, foi nomeado superintendente daquellas minas pelo capitão-general Rodrigo Cezar, tendo a sua patente sido publicada nos *Apontamentos Historicos da Provincia de S. Paulo*, de Azevedo Marques; fez mais serviços ao governo pelo que foi remunerado com o habito de Christo e tença annual de 50$000. Foi casado com Luzia Leme, deixou filhos e os autos de inventario de sua esposa ainda existem em um dos cartorios da cidade de S. Paulo.

(2) Ou isto é lapso do chronista ou houve modificação do plano, porque o enviado das minas de Cuyabá para trazer a noticia a S. Paulo foi Antonio Antunes Maciel, como se vê na *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques, e como adeante o mesmo chronista confessa.

(N. do C.).

«companheiros e lhes requereu a elles este termo de «certidão para noticia do descobrimento novo que achá-«mòs no ribeirão do Coxipó, invocação de Nossa Se-«nhora da Penha de França, depois que foi o nosso «enviado, o capitão Antonio Antunes, com as amostras «que levou do ouro ao senhor General (1) com a pe-«tição do dito capitão-mór, fez a primeira entrada onde «assistiu um dia e achou pinta de um vintem, de dous «e de quatro vintens e meia pataca, e a mesma pinta «fez na segunda entrada, em que assistiu sete dias, e «todos os seus companheiros, as suas custas, com grandes «perdas, e riscos, em serviço de Sua Real Magestade, e «como de feito tem perdido oito homens brancos, fóra «negros, e para que a todo o tempo vá isto a noticia «de Sua Real Magestade e seus governos para não per-«derem seus direitos e por assim ser verdade nos assi-«gnamos neste termo, o qual eu passei bem e fielmente «a fé do meu officio como escrivão deste arraial. — «*Paschoal Moreira Cabral—Simão Rodrigues Moreira—* «*Manoel dos Santos Coimbra—Manoel Garcia Velho—* «*Balthazar Ribeiro Navarro—Manoel Pedroso Louzano* «*—João de Anhaia de' Lemos—Francisco de Siqueira—* «*Ascenso Fernandes—Diogo Domingues—Manoel Fer-* «*reira—Antonio Ribeiro—Alberto Velho Moreira—João* «*Moreira—Manoel Ferreira de Mendonça—Antonio* «*Garcia Velho—Pedro de Góes—José Fernandes—An-* «*tonio Moreira—Ignacio Pedroso—Manoel Rodrigues* «*Moreira—José da Silva Paes.*

---

(1) Este general, governador da capitania de S. Paulo, era Dom Pedro de Almeida, conde de Assumar, que residia em Villa Rica, Minas Geraes, onde a exploração do ouro tinha já adquirido um grande desenvolvimento e havia grandes interesses do fisco portuguez a zelar.

(*N. do*

«No mesmo dia, mez e anno atraz nomeados ele-
«geu o povo em vóz alta o capitão-mór Paschoal Mo-
«reira Cabral por seu guarda-mór regente até a ordem
«do senhor General para poder guardar todos os ri-
«beiros de ouro, socavar, examinar, fazer composições
«com os mineiros e botar bandeiras, tanto aurinas como
«aos inimigos barbaros, e visto elegerem ao dito lhe
«acatarão o respeito que poderá tirar autos contra
«aquelles que forem regulos, como é amotinador e
«*aleves*, que expulsará, e perderá todos os seus direitos
«e mandará pagar dividas, e que nenhum se recolherá
«até que venha o nosso enviado, o capitão Antonio
«Antunes, o que todos levamos a bem hoje, 8 de Abril
«de 1719 annos, e eu Manoel dos Santos Coimbra, es-
«crivão do arraial, que o escrevi. — *Paschoal Moreira*
«*Cabral.*» (1).

---

(1) Neste logar traz o manuscripto a seguinte importante nota, em lettra muito diversa, cheia de entre-linhas e borrões, e já bastante estragada por traças:

«E' verdade que o capitão Paschoal Moreira Cabral Leme
«foi o primeiro que chegou ao Cuxipó e que com os da sua
«bandeira descobriu ouro; e não duvido tambem que logo ali
«fosse nomeado para guarda-mór das novas minas, não só porque
«sempre este cargo se costumou dar aos descobridores, mas
«tambem porque, com effeito, elle se denomina — *Guarda-mór*
«*das Minas do Cuyabá e seu Districto* — em uma certidão que
«passou nas mesmas minas a 7 de Abril de 1723 a favor de
«Fernando Dias Falcão, dizendo: — *O capitão-mór Fernando Dias*
«*Falcão me chegou a este arraial do Carandá com 130 homens de*
«*guerra de soccorro na era de 1718, estando eu e os mais sem*
«*armas, sem polvora, sem chumbo e sem ferramenta, sem termos*
«*nenhuma resistencia, e com este soccorro ficamos remediados de*
«*tudo e restaurou nossas vidas, que estavamos sentenciados pelo*
«*gentio a morte, e logo fez o dito capitão-mór as suas entradas ao*
bravo e ficaram as minas desinfestadas, como se vê, tudo
o da sua vida, e despendeu de sua fazenda, e logo foi o

«Aos vinte e quatro dias do mez de Junho botou «o guarda-mór Paschoal Moreira Cabral uma bandeira «a descobrimento de ouro, adonde foi por guarda-mór «Manoel Garcia Velho junto com o escrivão das datas, «adonde descobriu um ribeiro, por nome *São João*, com

---

«*dito capitão-mór eleito pelo povo para nos reger, o qual em todo* «*este tempo obrou tudo catholicamente, accommodando a todos nós* «*particulares movidos cá amorosamente, conservando o povo unido* «*para se entabolarem estas minas, e como me foi pedida*, etc.... «Isto mesmo consta de outros documentos originaes que tenho «em meu poder. Do que se colhe claramente que o eleito foi «o capitão-mór Fernando Dias, que depois foi confirmado pelo «General Rodrigo Cezar, por patente de 27 de Abril de 1724, «em S. Paulo, que tambem tenho em meu poder e se acha re- «gistrada no livo 1º de Registros do governo de S. Paulo, a «fls.... (estão estragados os algarismos).

«Eu não sei onde foi o auctor José Barbosa de Sá buscar, «para copiar, estes termos ou assignados, nos quaes se não faz «menção do dito Fernando Dias, o qual no anno de 1723 se «ausentou para S. Paulo, de onde voltou com o posto de regente «confirmado e regimento que lhe deu o General Cezar em 1724 «em fins do qual se restituiu ao Cuyabá, como consta de muitos «documentos originaes que tenho em meu poder. O mesmo diz «Taques, no capitulo de LEMES, pag....

«Mas no livro de Taques, pag. 91, se diz que o termo de «eleição a favor de Fernando Dias foi a 6 de Janeiro de 1721, «e que foi o conductor dos primeiros quintos, que eram 942 «oitavas e meia de ouro, com que chegou a S. Paulo em 1723. «Nota que com effeito o capitão-mór Fernando Dias Falcão se «ausentou logo para povoado, donde voltou em 1719 para o «Cuyabá, porque consta de um seu requerimento e certidão «passada pela camara de Sorocaba, por despacho de 25 de «Abril de 1719, que então estava de partida para Cuyabá o «dito capitão-mor, levando 40 negros, entre os quaes iam fer- «reiros, carpinteiros e alfaiates, e muita bagagem (iam 6 ar- «robas de polvora pelo preço tudo de 64$000), que importou «em bastante dinheiro, além das quantias que emprest- «muitas pessoas que iam com elle para pagarem na vol-

«pinta de oitava e meia, de meia pataca e de dois «vintens, e outro ribeiro, *Santo Antonio*, com a mesma «pinta; ribeiros de parte para se repartir, e por assim «ser verdade mandou o guarda-mór passar este termo «por mim escrivão das datas, que o escrevi bem e fiel-«mente a fé do meu officio, hoje quinze do mez de

---

«eram o capitão-mór Braz Mendes Paes, o capitão Gabriel An-«tunes, o capitão José Pompéo, o capitão Antonio Antunes, o «capitão Manoel Fernandes e outros de menos representação; «além dos quaes iam outros muitos incorporados a monção do «dito capitão-mór, o qual não fez menção delles porque o seu «fim foi fazer registrar a importancia das despezas que então «fez *para ir a conquista do sertão e minas em serviço de S. Mag.e*, «como allega no requerimento que fez á camara de Sorocaba, «apresentando o rol de tudo para ali ser registrado, como foi.

«Portanto julgo que com effeito nesta dita viagem é que «foi eleito capitão-mór pelo povo do Cuyabá, ainda que o Ge-«neral Rodrigo Cezar diga na sua patente que elle esteve cinco «annos em Cuyabá donde voltava para S. Paulo no anno de «1723.»

Esta longa e muito elucidativa nota parece ser de Diogo de Toledo Lara Ordonhes, juiz em Cuyabá no tempo em que este manuscripto foi elaborado. O arraial de Carandá, nella mencionado, estava na margem esquerda do rio Cuyabá, muito abaixo da cidade, e tornou-se celebre por uma tremenda derrota que os paulistas ahi infligiram aos *Payaguás*, em combate fluvial no qual pereceram o notavel sertanejo Pedro de Moraes Siqueira e o frade Antonio das Nascentes, appellidado o *Tigre*.

A patente de Fernando Dias Falcão, passada pelo governador Rodrigo Cesar, foi publicada incompleta por Azevedo Marques nos seus *Apontamentos Historicos* e bem assim o *Auto da Eleição* do mesmo Fernando Dias para *cabo-maior* das minas do Cuyabá, o qual traz a data de 6 de Novembro de 1720, sendo portanto erradas as datas mencionadas em Rocha Pitta e Pedro Taques.

Braz Mendes Paes era capitão-mór de Sorocaba, e desta povoação eram naturaes os irmãos Antunes Maciel e

«Agosto de 1719. — *Paschoal Moreira Cabral—Manoel «Garcia Velho.»*

Por esta escripta aqui copiada do mesmo original mostra-se ser Antonio Antunes Maciel o enviado com as noticias e mostras de ouro do novo descobrimento, mas por asseveração de alguns daquelle tempo, com quem conversei e de quem alcancei estas noticias, dizem que fôra seu irmão Gabriel Antunes Maciel; sem embargo disso devemos dar maior credito á escripta por ser documento mais verosimil. Fosse elle qual fosse, chegado a povoado com as noticias, fez tudo patente ás justiças de S. Paulo e estas ao General da capitania, o conde de Assumar, Dom Pedro de Almeida, residente em Villa-Rica de Ouro Preto, e este o noticiou logo ao marquez de Angeja, Dom Braz Bathazar da Silveira, vice-rei do Estado na cidade da Bahia (1), e um e outro á Sua Magestade.

Divulgada a noticia pelos povoados, foi tal o movimento que causou nos animos, que das Minas Geraes, Rio de Janeiro e de toda a capitania de S. Paulo se abalaram muitos, deixando casas, fazendas, mulheres e filhos, botando-se para estes descobertos como se fôra a Terra da Promissão ou Paraizo incoberto, em que Deus pôz nossos primeiros paes.

Entrado o anno de 1720, fizeram viagem para estas minas algumas gentes divididas em diversos comboios,

---

Sutil, descobridores das minas do Cuyabá, e os irmãos Paes de Barros, que alguns annos depois foram fundar a povoação de Villa Bella, sobre o rio *Guaporé*, quasi no extremo limite de Matto-Grosso com a Bolivia.

(1) Tinha sido capitão-general de S. Paulo de 31 de Agosto de 1713 a 3 de Setembro de 1717, mas sempre residiu em Minas-Geraes.

(N. do C.).

subindo o rio Anhanduhy, atravessando a Vaccaria, descendo pelo Mateteú, e deste pelo Paraguay acima (1). Padeceram grandes destroços, perdições de canôas nas cachoeiras por falta de pilotos e praticos, que ainda então não havia, mortandades de gentes por falta de mantimentos, doenças, comidas das onças, e outras muitas miserias. Não sabiam ainda pescar, nem caçar, nem o uso de toldar as canôas (2), que tudo lhes apodrecia com as chuvas, nem tambem dos mosqueiteiros para a defesa dos mosquitos, que muitos annos depois foram a experiencia e a necessidade ensinando todas estas cousas pelo que padeceram de miserias sobre miserias os que escaparam da morte. Houve comboyo de canôas em que morreram todos sem ficar um vivo, pois eram achadas as canôas e fazendas podres pelos que vinham atraz, e os corpos mortos pelos reductos e barrancos.

As pessoas de maior nome das que chegaram neste primeiro anno foram as seguintes: — o capitão José de Sá Arruda, com perda de muita escravatura e camara-

---

(1) Este caminho era mais longo, mais difficil e perigoso do que o do Rio Pardo, Camapuan, Coxim, Taquary e Paraguay, e só a inexperiencia é que podia fazer com que fosse preferido para esta longa viagem. Por esse caminho ainda se encontravam os *Guaycurús*, famosos indios cavalleiros que tinham aprendido a equitação com os jesuitas expulsos da região no seculo anterior pelos bandos de Antonio Raposo.

(2) Estas affirmações são um tanto arriscadas, pois parece impossivel que a geração de 1720 não tivesse aprendido a caçar, pescar e toldar canôas com os grandes sertanejos do seculo anterior, que fizeram viagens muito mais difficeis ao Perú e Bolivia, e ao Piauhy e Maranhão. Isto era antes o effeito da [illegible]iencia e da imprevidencia do que da ignorancia.

(N. do C.).

das (1); o capitão Jacintho Barbosa Lopes (2); o sargento-mór João Carvalho da Silva; o capitão de mar e guerra João Martins de Almeida e seu irmão Innocencio Martins de Almeida; o capitão José Pires de Almeida, que, morrendo-lhe a escravatura e perdendo tudo o mais que trazia, chegou a dar um mulatinho que tinha em conta de filho por um peixe *pacû* por conservar a vida; João Leite de Barros; Pedro Corrêa de Godoy; o padre Fr. Florencio dos Anjos, religioso carmelita; o padre Jeronimo Botelho, do habito de S. Pedro; o padre André dos Santos Queiroz, do habito de S. Pedro; o padre Fr. Pacifico dos Anjos, franciscano, irmão do capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes.

Chegados estes no fim do anno de 1720 ao arraial e logar chamado hoje *S. Gonçalo Velho*, dahi se passaram logo todos para o Cuxipó acima, ao logar de que já tratamos, chamado a *Forquilha*, aonde formaram arràial e levantaram egreja com o titulo de *Nossa Senhora da Penha de França*, celebraram-se os officios divinos, sendo o primeiro que fez vezes de capellão por

---

(1) Havia em Ytú uma distincta familia *Arruda Sá*, que mais tarde se espalhou por outros logares; talvez este seja um dos seus membros.

(2) Paulista distincto, que foi victima do despotismo colonial e das intrigas de Caldeira Pimentel, governador de S. Paulo de 1727 a 1732. Chegou a ser provedor de fazenda real em Cuyabá e como tal fez uma remessa de ouro para Lisboa; ao chegar o caixão, sellado com as armas reaes, em São Paulo, foi violado por Caldeira Pimentel, auxiliado por Sebastião do Rego, que substituiram o ouro por chumbo e fizeram o caixão seguir assim para Lisboa. Preso Jacintho Lopes e remettido para Lisboa, conseguiu provar a sua innocencia e voltar a São Paulo, ficando Sebastião do Rego preso em seu logar. Vide annexo *B* do vol. XIII do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

(N. do C.)

eleição dos mais o padre Jeronimo Botelho e depois o padre André dos Santos Queiroz.

Correndo o anno de 1722 chegou monção de povoado com maior destroço do que a passada, morrendo innumeraveis pessoas a fome e peste e comidas das onças, cujos corpos eram achados pelos que vinham posteriormente, assim como as fazendas podres, as canôas largadas pelas margens dos rios, e outros mortos dentro dos ranchos nas mesmas redes em que se haviam deitado. Chegaram, comtudo, bastantes gentes, divididas em varias conservas, e com ellas o padre Justo, do habito de S. Pedro, feito vigario curado (1) e da vara pelo Exmo. Bispo do Rio de Janeiro D. Francisco de S. Jeronimo (2); falharam no Carandá seis mezes, onde levantaram altar e se celebrou missa, por ter noticia que não havia nas minas mantimento algum.

No mez de Outubro deste anno fez Miguel Sutil, natural da villa de Sorocaba (3), viagem para uma roça que havia principiado a beira do Cuyabá, logar que depois foi sitio de Manoel dos Santos Ferreira, depois do padre João Alves Torres, á quem comprou Luciano de Souza Moreira e á este D. Lucrecia de

---

(1) Este padre Justo tornou-se celebre na primitiva historia do Cuyabá pelas suas lutas com o padre Manoel de Campos e foi expulso de lá pelos irmãos Leme, mais tarde victimados pelo governador Rodrigo Cesar.

(2) Em S. Paulo não havia bispo naquelle tempo e a capitania estava sujeita á jurisdicção espiritual do bispo do Rio de Janeiro.

(3) Eram dois irmãos, Miguel e Sebastião Sutil e fizeram os primeiros descobridores das minas do Cuyabá.

(N. do C.).

Moraes Siqueira e hoje se acha reduzida a tapéra. Chegado a este logar a proseguir os fins das suas plantações, mandou no seguinte dia dous indios ao mel com os preparatorios necessarios, que eram machados e cabaças; passado o dia chegaram ao rancho alta noite sem mel algum os dous enviados, contra os quaes enfurecido o amo os reprehendeu asperamente por haverem gasto o dia todo sem montaria, a cujas vózes respondeu o mais ladino: — *Vós viestes a buscar ouro ou a buscar mel*, e perguntando-lhe o amo si tinha achado ouro, metteu o indio a mão ao seio de um jaleco de baeta que tinha vestido, cingido com um cinto por cima, e tirou um embrulho de folhas do matto e o metteu nas mãos do amo; abrindo este as folhas achou 23 granetes de ouro, que todos pesaram 120 oitavas, dizendo o indio que achara muito daquillo. Naquella noite não dormiram o Sutil e um camarada européo chamado João Francisco, por alcunha *o Barbado*, considerando-se mimosos da fortuna e livres das pensões da pobreza.

Apenas raiava a luz do dia quando já o Sutil, camarada e indios que comsigo tinha, estavam postos a caminho seguindo o famoso meleiro, que tão bôas colmeias tinha achado. Guiados por elle chegaram ao logar onde se acha hoje esta villa (1), que era todo coberto de matto serrado e grandiosos alvoredos, e no que é hoje chamado Tanque do... (2), sitio da capella de

---

(1) O auctor escreve na villa de Cuyabá, cerca de 70 annos depois dos factos aqui narrados. A villa do Cuyabá estava á poucas leguas do logar onde o Sutil encontrou ouro e o caminho fluvial era excellente.

(2) O nome do tanque está devorado por traças, restando comtudo a primeira lettra do nome *a* e a ultima syllaba *to*, parecendo pelos retalhos do papel que o nome é *arnesto* (Ernest-

(N. do C.).

Nossa Senhora do Rosario, mostrou o indio o seu invento, onde logo foram vendo ouro sobre a terra, apanhando-o as mãos sem cavar. Recolheram-se pela tarde aos seus ranchos, o Sutil com meia arroba de ouro, a maior parte delle cavado em seixos, e o camarada João Francisco Barbado com duzentas e oitenta oitavas (1) por ser só e não ter quem o ajudasse.

No segundo dia regressaram para o arraial Cuxipó e fizeram publico o descoberto, ao que se seguiu despejarem todos o arraial e mudarem-se para este sitio, a que chamaram *Lavra do Sutil*, em que foram formando arraial e defructando-as com a grande machina de ouro que extrahiram, pois consta ser a maior mancha que se tem achado em todo o Brazil. Isto succedeu no logar em que está hoje o tanque, pela quadra abaixo até o corrego, e cousa de vinte braças para cada lado, avaliou-se tirar-se deste logar o melhor de quatrocentos arrobas de oiro.

Neste mesmo anno levantou o capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes (3), a sua custa, a Egreja Matriz, coberta de palha, no mesmo logar em que se acha a que hoje existe, dando-lhe o titulo de *Egreja do Senhor Bom Jesus do Cuyabá*, adonde celebrou primeiro missa seu irmão Fr. Pacifico dos Anjos, religioso franciscano.

---

(1) Meia arroba ou 16 libras, equivalentes a 2.048 oitavas ou cerca de 3:500$000 pelo valor da oitava de ouro naquelle tempo, moeda portugueza, que vale o dobro da nossa.

(2) Deve o leitor ter em lembrança que este titulo de *capitão-mór* era em Cuyabá todo honorario naquelle tempo. O chefe eleito foi primeiro guarda-mór, Paschoal Moreira, e depois *cabo-maior*, Fernando Dias Falcão. Braz Mendes e Jacintho Lopes [illegible] am sido capitães-móres em S. Paulo e guardaram este posto [illegible]yabá sem effectividade.

(N. do C.)

Entrando o anno de 1723 partiu monção para povoado de bastantes canôas carregadas de ouro, em que foram os primeiros quintos que destas minas sahiram para Sua Magestade, e por conductor delles e da mais comitiva o padre André dos Santos Queiroz. Chegada esta a povoado e sabida a grande e quantiosa machina de ouro que ia e que noticiou o dito padre, cuja vóz tudo atroava, foi uma trombeta que chegou ao fim do orbe e soando a fama do Cuyabá por todo o brazilico Hemispherio, até Portugal, e ainda pelos reinos estranhos, tanto que chegaram a dizer que no Cuyabá serviam os granetes de ouro de chumbo nas espingardas para caçar veados, que de ouro eram as pedras em que nos fogões se punham a cozer as panelas e que para o tirar não era preciso mais do que arrancar as tossas de capim e nellas vinham pegados os troços de ouro, e outras mais exagerações que chegavam a fabulosas; si bem que isto de arrancar-se capim e verem-se pegados nas raizes granetes de ouro foi visto por muitas vezes, tanto nas ditas Lavras do Sutil como nas da Conceição, que depois foi arraial (1).

---

(1) Aqui traz o manuscripto a seguinte nota, em lettra igual á da nota anterior e muito diversa da do auctor:

«1723.—Os primeiros quintos cobrados no Cuyabá importa-«ram em 942 ½ outavas de ouro, que conduziu o capitão-mór *Fer-«nando Dias Paes* a S. Paulo, onde chegou nesse anno. Titulo «de *Taques*, pag. 91, e consta da patente de capitão-regente «passada ao mesmo.»

Na *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, capitulo *Taques Pompéos*, pag. 91, vol. 33 da *Revista* do Instituto Historico Brazileiro, se diz que realmente os primeiros quintos de ouro trazidos de Cuyabá para S. Paulo montaram a noventas e quarenta e duas oitavas e meia de our que o portador foi Fernando Dias Falcão e não *Fernando I. Paes*, pessoa muito diversa do primeiro e do padre André

«Vossasmercês e augmento das minas emquanto eu não «chego a ellas para dispôr com approvação de todos, «Vossasmercês, o que for mais conveniente ao Real Ser«viço e util a todos.

«Eu parto sem falta no principio de Junho para «essas minas (1) e serei portador dos papeis de Vossa«mercê, que remetti a El-Rei Nosso Senhor, como tam«bem de mais alguma mercê, pois me não descuidei de «por na Real Presença os bons serviços e merecimento «de Vossamercê para por elles ser attendido, e assim «espero que Vossamercê obre de sorte que me faça me«recedor de mais e eu tenha que agradecer-lhe.

«Fico para servir a Vossamercê com boa vondade. «Guarde Deus a Vossamercê muitos annos.—S. Paulo dez «de Julho de mil setecentos e vinte e quatro.—Servidor «de Vossamercê. — Senhor Paschoal Moreira Cabral. — «*Rodrigo Cezar de Menezes.*

Com esta carta chegaram os dous providos na administração da justiça, João Antunes Maciel e Fernando Dias Falcão, a saber, aquelle para regente e este para superintendente das terras mineraes, como as patentes o diziam; entraram a exercer os seus cargos com zelo e cuidado, o regente João Antunes a conhecer dos negocios, principiaram os processos, correrram as demandas e execuções, com que satisfezeram os homens suas paixões, tantos tempos faltos deste recurso. Fez-se logo uma cadeia de parede de pau a pique, coberta de palha,

(1) Devia seguir em Junho de 1725, mas não foi nesse anno por motivos diversos. Seguiu em Junho de 1726 e chegou em Cuyabá em Novembro; a 1º de Janeiro de 1727 creou a villa e organisou o governo municipal, regulou as minas e voltou em 1728, quando já não mais governador, tendo sido desde 1727 [illegible] por Caldeira Pimentel.

(*N. do C.*).

na esquina que frontêa hoje com a de Francisco Pereira dos Guimarães e com as casa de Lourenço da Silva Tavares. Viram logo muitos pretos e bens arrematados em praças e outros mais feitos das novas justiças (1).

No mesmo anno chegou por vigario curado e da vara o Reverendo Padre Manoel Teixeira Rabello, pro-

---

(1) Neste logar ha a seguinte nota, escripta com a lettra das anteriores:

«Este paragrapho está errado ou mentiroso, porque Fer«nando Dias Falcão, o qual já tinha sido capitão-mór na sua «patria de Sorocaba e feito muitos serviços a Sua Magestade «na mesma, em Pitanguy e nestas minas, foi provido pelo ge«neral dellas e de S. Paulo, Rodrigo Cesar, no posto de capitão«mór regente das mesmas minas, descobertas e que se fossem «descobrindo, por patente de 27 de Abril de 1724, na qual re«lata o mesmo general muitos serviços que elle fizera, os quaes «e outros que fez no exercicio do dito posto e do de provedor «da Fazenda Real constam de muitos documentos que, com a «mesma patente, se acham lançados no livro das notas desta «villa de Cuyabá e anno de 1764. O mesmo Cesar deu regi«mento que se acha tambem lançado no mesmo livro de notas. «A cadeia foi feita a custa do dito capitão-mór regente. — «*Ordonhes.*»

Esta nota vem assignada com a rubrica de Diogo de Toledo Lara Ordonhes e, portanto, deve-se presumir que as notas anteriores tambem sejam suas. A objecção que faz á narrativa é justa e parece que o chronista confundiu as funcções dos nomeados, dando a João Antunes auctoridade que pertencia a Fernando Dias. Maciel é que era o superintendente das minas, como se vê da sua patente, passada pelo governador Rodrigo Cesar em 1724. Fernando Dias foi o fundador da povoação de Pitanguy, em Minas Geraes, e lá tinha servido de juiz ordinario e de orphãos e provedor dos bens dos defunctos e ausentes, cargos que serviu com honra. De lá foi que elle seg[illegible] Cuyabá em 1718.

(*N. do*

vido pelo cabido do Rio de Janeiro, a sede vacante por morte do Exmo. Bispo D. Francisco de S. Jeronimo; tomou posse da egreja e entrou a exercer o seu pastoral officio.

Neste anno levantou-se a capella de Nossa Senhora da Conceição, chamada a *Velha*, que se acha hoje extincta, formando-se no seu logar um populoso arraial pelas lavras que ali se descobriram, de onde sahiraram immensos haveres.

Anno de 1725: — Vindo neste anno gentes de povoado para estas minas, capitaneando Diogo de Souza um troço de canôas, em conserva, em que trouxe bastantes suas, com muita fazenda e escravatura; foi acommettido do gentio *Payaguá* (1), junto a barra do

(1) Os indios *Payaguás*, de que agora se começa a fazer menção, se tornaram cada vez mais terriveis e os brancos tiveram de organisar contra elles numerosas e grandes expedições militares. Vide Annexo *F* do vol. XIII do *Archivo de S. Paulo.*

Segundo um mappa do tempo as outras nações selvagens do Cuyabá estavam assim distribuidas: — *Guaranys* e *Caioás*, na margem direita do Paraná, desde Yguatemy e Vaccaria até os rios Nhanduhy e Pardo; *Guaycurús*, entre os rios Mbotetey e Paraguay, ao norte do Apa, eram indios cavalleiros terriveis; *Guachis*, sobre a serra do Maracajú, entre os rios Camapuan, Taquary e Mbotetey; *Guatós*, na confluencia dos rios S. Lourenço e Paraguay; *Coroados*, sobre o rio S. Lourenço acima, ao sul do Cuyabá e ao norte do Camapuan; *Cayapós*, indios terriveis em terra, contra os quaes muito pelejou o coronel Antonio Pires de Campos, que veiu a morrer de feridas produzidas por suas flechas envenenadas, á nascente do Cuyabá até os limites com Goyaz, e os *Bororós*, amansados, aldeados e armados pelo coronel Antonio Pires, que se fez seu chefe, a nordeste de Camapuan, entre as povoações de Goyaz e Santa-[illegible]lo Parnahyba. Estas eram as tribus que estavam em [illegible]ente contacto com os paulistas que viajavam para o [illegible] do Cuyabá pelas vias terrestres e fluviaes, quer partindo

Xanés (1), onde acabaram todos os que vinham na conserva, escapando um só branco e um negro, que foram tomados por outras canôas que vinham atraz. O numero de canôas havia ser vinte com o melhor de 600 pessoas; consta de uma devassa que do caso se tirou e que se acha registrada no cartorio da ouvidoria desta comarca e do bando que se acha registrado no livro 5º deste senado, a fls. 64.

Causou esta novidade grande alvaroço nesta povoação e não menos sentimento a perda de tantas vidas e fazendas, em que poucos havia que não tivessem parte. Não se sabia que gentio era, aonde habitava e que nome tinha, por não ser até então o nome de Payaguá conhecido dos antigos sertanistas, conquistadores destes sertões. Inquirindo-se dos indios domesticos, naturaes das vargens, scientes das nações circumvizinhas, que gente seria aquella, responderam que eram Payaguás, gentios de corso, que não tinham morada certa e viviam sobre as aguas, sustentando-se de montarias pelo Paraguay abaixo e pantanaes adjunctos, gentes que em outros tempos foram aldeadas pelos padres missionarios da provincia do Paraguay, de onde haviam fugido rebellando-se contra os brancos castelhanos e padres que os doutrinaram, e que emquanto o gentio *Guató* teve forças nunca *Payaguá* fez aventuras por ser delles coçados e viverem temerosos, e que como os Guatós estavam acabados pelos brancos os destruirem já os

---

de S. Paulo, quer de Minas-Geraes. Outras tribus, como *Parecis*, *Chavantes*, etc., estavam muito além do Cuyabá e só mais tarde foi que começaram a apparecer.

(1) E' riacho pouco importante, que os mappas do ten não dão.

(N. do C.).

Os primeiros quintos de ouro que nestas minas se cobraram para El-Rei foram os que arrecadou Paschoal Moreira Cabral, desde que se começou a minerar até este anno de 1723, que era a duas oitavas e meia por cada anno de toda a pessoa que trabalhava em qualquer officio que fosse, assim brancos como negros, e indios; e fez esta lotação o mesmo Paschoal Moreira, regulando-se pelas Minas Geraes, aonde se pagou o mesmo em seus principios, e tudo arrecadou com muito zelo e cuidado, e apurou quatro arrobas de ouro, que enviou pelo dito padre André dos Santos para a provedoria de S. Paulo.

Até este tempo não houve mais justiça nestas minas que o guarda-mór Paschoal Moreira Cabral (1), que as

---

Santos; mas na patente passada a Fernando Dias Falcão pelo governador Rodrigo Cesar não se diz que fosse 942 ½ oitavas o peso do ouro trazido por elle de Cuyabá, mas que por sua parte pagou de quintos 12 libras e 84 oitavas de ouro. A data desta patente, dada na *Nobiliarchia Paulistana*, 27 de Março de 1724, está errada, pois é de 27 de Abril.

(1) E' um tanto obscura esta narrativa e até certo ponto apparentemente contradictoria a affirmação de ser Paschoal Moreira Cabral a unica auctoridade nas minas do Cuyabá até este tempo. Aquellas minas foram descobertas em Abril de 1718, e a 6 de Novembro de 1719 já se deu a reunião de alguns mineiros para a eleição de Fernando Dias Falcão para *cabo-maior* das minas, quando em Abril de 1719 outros mineiros tinham eleito Paschoal Moreira Cabral para *guarda-mór* das minas. Ou havia dous grupos de mineiros com chefes differentes, sendo Fernando Dias chefe de um grupo e Paschoal do outro, ou Paschoal, eleito em Abril de 1719, foi deposto em Novembro, para dar o logar a Fernando Dias.

Em todo o caso houve duas auctoridades nas minas até 1723.

Paschoal foi nomeado guarda-mór das minas pelo gover- Rodrigo Cesar por patente de 26 de Abril de 1723; po-

administrou na forma do assignado que lhe fizeram e já fica copiado. Repartia as lavras, accommodava as contendas que por ellas havia, fazia pagar dividas, julgava as contendas e demandas que se moviam, tudo verbalmente, sem que houvesse forma alguma de processo, com tanta prudencia, accordo e agrado das partes, que todas lhe ficavam obrigados, tanto os vencedores como os vencidos. Era paulista dos bons, homem chão, sem lettras, pouco polido, de agudo entendimento, sem maldade, sincero, caritativo por extremo, servia e remediava a todos com o que tinha e no que podia, esperto na milicia dos sertões e no exercicio de minerar pelo ter já exercitado nas Minas Geraes, valoroso e constante no trabalho; falleceu nesta villa e jaz sepultado na egreja matriz della e deixou um filho do mesmo nome, que depois da morte do pae veio a estas minas e voltou para povoado.

No fim deste mesmo anno chegaram de povoado algumas canôas divididas umas das outras, que nem sabiam naquelles tempo se juntar para virem em conserva, como hoje costumam, para se valerem uns aos outros. Vieram nestas canôas noticias da chegada do General Rodrigo Cezar de Menezes á cidade de S. Paulo, dividido já o governo das Minas Geraes em separada capitania (1); veiu carta do dito General ao guarda-

---

rém, Fernando Dias foi nomeado capitão-mór regente pelo mesmo governador, por patente de 27 de Abril de 1724. Paschoal pertencia a uma importante familia paulista e seu pae, que tinha o mesmo nome, foi um paulista notavel.

(1) Para aquelles que não estão familiares com a hi[illegible] colonial de S. Paulo, convém declarar que a capitania gera[illegible] S. Paulo foi creada em 1709, abrangendo os sertões de c[illegible]

mór Paschoal Moreira Cabral, com regimento para a arrecadação dos quintos do ouro, dos dizimos dos fructos e dos direitos que se houveram de cobrar das fazendas e escravatura que viessem de povoado, ordenando, para esse fim e mais regimen politico, que elegesse doze collateraes, com o titulo de *deputados*. que assistissem em cada bairro com um escrivão e um meirinho, e todos juntos formassem com o guarda-mór um como senado para determinarem nos casos occorrentes o que fosse para bem commum, com um aranzel de varias instrucções, que por desnecessario e por luxo não copiei nesta *Relação*.

Chegaram as gentes de povoado este anno com as fazendas podres, pois não sabiam ainda toldar as canôas; morreram á fome muitos pelo caminho, faltou o milho em toda esta povoação, as gentes vivendo de montaria; não faltava quem désse um negro por quatro alqueires de milho para remir as vidas e pelo não ver

---

formaram depois Minas-Geraes, Goyaz, Matto-Grosso, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, até a Colonia do Sacramento, no Rio da Prata. Os tres primeiros capitães-generaes, Albuquerque Coelho, Braz Balthazar da Silveira e Pedro de Almeida, foram residir em Villa Rica, porque a mineração ali já era importante, o commercio era grande e os interesses do fisco portuguez maiores do que em S. Paulo. Em 1720 Minas Geraes foi desmembrada para formar uma nova capitania, ficando Pedro de Almeida como seu governador e sendo nomeado governador de S. Paulo Rodrigo Cesar de Menezes, que aqui chegou e tomou posse a 5 de Setembro de 1721. O seu governo abrangia Goyaz, Matto-Grosso e as regiões do sul até o Rio da Prata; em 1727 foi substituido por Caldeira Pimentel e em 1728 foi governar Angola. A carta de Rodrigo Cesar a Paschoal Moreira Cabral está publicada no vol. XX do *Archivo do.*

(N. do C.).

expirar á fome, que todas as horas se viam ir a enterrar, principalmente dos que de novo chegaram de povoado.

Não havendo ainda pescadores, nem o uso de pescar no rio Cuyabá, por acaso algum que o fazia vendia um dourado por quatro ou cinco outavas de ouro. Comprou Joaquim Pinto um jahú no Porto Geral por uma quarta de ouro, fêl-o em postas e veiu vendel-o pelas lavras, em que dobrou a parada. Sabendo-o os deputados confiscaram-lhe os bens para pagar o quinto a El-Rei do negocio que havia feito.

Anno de 1724: — Correndo este anno em deante ainda com as miserias do passado, por praguejarem os milhos quasi todos os annos e serem actuaes as doenças de malinas e maleitas em todo este districto, e os que dellas escapavam ficavam opilados alguns e outros hydropicos, e todos em geral com pernas e barrigas inchadas e as côres de defuncto, partiram algumas canôas para povoado, divididas em diversos congressos, e chegaram de povoado outras, tambem em quatro ou cinco *malocas*, já em fim do anno, e nellas carta do general para Paschoal Moreira Cabral, a qual é a seguinte:

«Recebi a de Vmce. pelo padre André dos Santos, «a qual me deixa muito satisfeito pela certeza de sua «boa saude e tambem pela boa noticia que me dá do «novo descoberto, que permitta Deus se augmente para «que El-Rei Nosso Senhor tenha accrescimos na sua Real «Fazenda e Vossamercê os bens e fortunas que eu lhe «desejo. Mando ao capitão Fernando Dias Falcão e João «Antunes Maciel com ordens que a Vossamercê cons«tarão, encaminhando tudo ao socego e união destes «moradores, e assim Vossamercê, como os mais, concor«rerá com tudo o que pudér para que se execute o qu«ordeno, encaminhando tudo a melhor conservação «

Payaguás tinham *ganges* e assim como os brancos tinham acabado os Guatós fossem tambem acabar os Payaguás. Estas foram as informações que se acharam dos nacionaes e primeiras noticias que houve dos Payaguás.

Não chegou neste anno de povoado fazenda alguma secca, nem molhados, que a que escapou da invasão do gentio chegou podre e consumida; pelo que houve nesta povoação falta de tudo, tanto de fóra, como de fructos da terra; chegou-se a dar por um frasco de sal 40 oitavas de ouro, e para baptisar algum innocente andavam a procurar quem tinha alguma pedra de sal que remediasse e por falta della se não baptisaram alguns.

Principiou-se neste mesmo anno a navegar o Rio Pardo acima até a *Sanguisuga*, varar canôas em Camapuan (1) e descer com ellas Cochim abaixo, e de cá para lá fazendo-se o mesmo, que até então, depois que se deixou o caminho da Vaccaria, deixavam os que vinham de povoado as canôas na cachoeira do *Cajurú*, e caminhavam com as fazendas as costas até o Cochim a embarcarem-se nas canôas dos que de cá iam para lá, e os que de cá iam faziam o mesmo, deixando as suas no Cochim iam embarcar nas que ficavam em Cajurú. Os primeiros que commetteram esta empresa de subir com as canôas e varar no Camapuan foram os dois irmãos João Leme e Lourenço Leme (2), indo destas

---

(1) Neste logar ha a seguinte nota: — «O varadouro do Camapuan tem a extensão de 6.230 braças craveiras, medidas pelo dr. Francisco José de Lacerda e Almeida no anno de 1788.»

(2) Esta affirmação é, pelo menos em parte, incorrecta, porque o chronista está narrando factos occorridos no anno de [illegible] e nesse tempo os irmãos Leme já não existiam, tendo

minas para povoado, e no mesmo anno se lançou a primeira roça em Camapuan (1).

Lourenço Leme sido assassinado em Araraytaguaba em Setembro de 1723 e João Leme enforcado na Bahia no fim deste mesmo anno de 1723. Vide vol. XII do *Archivo do Estado de S. Paulo*, nota *in fine*.

(1) Aqui traz o manuscripto a seguinte nota de Diogo Ordonhes:

«E' falso o que se diz neste paragrapho, porque o capitão «José Paes Falcão justificou no Cuyabá, em Junho de 1764, «com testemunhas oculares que elle e seu irmão, o sargento-«mór Thomé de Lara, conduziram por ali ao General Cesar na «sua retirada até S. Paulo, em canôas suas, com seus escravos «e á sua custa, e que foram os primeiros que navegaram na-«quelle anno de 1728 pelo rio Cochim, com o trem do general, «o qual com medo foi por terra (por persuasões de um roceiro) «até Camapuan, a esperal-os, e que até aquelle anno costuma-«vam transportar as cargas desde a cachoeira do Taquary até «o salto do Cajurú. O capitão-mór Luiz Rodrigues Villares, que «é a 4ª testemunha, diz que andára por esse caminho com cousa «de 15 dias de viagem, mas com incrivel trabalho, e que os «mesmos Lourenço Leme e seus irmãos, sendo dos mais aba-«lisados sertanistas, ainda que pretenderam navegar aquelle rio, «o não conseguiram, e que daquelle anno em diante se faci-«litou a navegação do mesmo rio e do Pardo, etc.

«Pelo que não duvido que os Lemes, de que se fala neste «paragrapho, fossem os primeiros que deixassem a derrota an-«tiga do Anhanduhy, Vaccaria e Mateteú, tomassem a do Rio «Pardo e Cochim e plantassem a primeira roça em Camapuan «no anno de 1722, pois é certo que no Rio Grande, Cochim e «Taquary havia roceiros, como se vê de vários documentos, «supposto que só de roteiros do Rio Grande ha... antes deste «anno de 1725. Em 1727 havia roceiros no Taquary e em Ca-«mapuan, um em cada parte, como consta da ordem do Ge-«neral Cesar ao capitão Rodrigo Bicudo Chassim.

«Ora, estes Lemes não podiam passar por Camapuan em «1725, porque consta dos papeis do sargento-mór Taques, «mentindo ao auctor Pitta, no titulo do *Lemes*, paginas

Anno de 1726.—Partiu no mez de Junho monção para povoado e foi nella o regente João Antunes Maciel, deixando em seu logar Gaspar de Godoy Moreira (1). Vindo no mesmo anno monção de povoado foi assaltada na madre do rio Paraguay pelos gentios

---

«*sequentibus*, que os ditos dous irmãos Lemes foram para o «Cuyabá em fim de 1719 e voltaram para S. Paulo em 1722, «muito ricos, e sendo *abalroados* para serem presos pelos seus «crimes Lourenço Leme foi morto, e João Leme foi-lhe cortada «a cabeça na Bahia em 1723; pelo que segue-se que não vara«vam canôas em 1725 em Camapuan.»

Esta nota está muito rota e devorada por traças, de modo a ser necessario completar o sentido com palavras interpoladas, e onde a falta é de numero a perda é irremediavel, como no caso dos roteiros que havia do Rio Grande antes de 1725.

José Paes Falcão e seu irmão Thomé de Lara eram filhos de Fernando Dias Falcão, sendo Thomé de Lara genro do mesmo Gabriel Antunes Maciel, que figura entre os primeiros exploradores do Cuyabá. Rodrigo Bicudo Chassin era um paulista illustre, genro de Pedro Vaz de Barros, da mais illustre fidalguia paulista, e bisavô do general José Arouche de Toledo Rendon e de Diogo de Toledo Lara Ordonhes, auctor das notas acima copiadas. O *Rio Grande*, aqui mencionado, não é aquelle que vem de Minas-Geraes se juntar com o Parnahyba para formar o Paraná, mas é o proprio rio Paraná, muito navegado pelos paulistas em transito para o Cuyabá. O sargento-mór Taques, mencionado na nota, é o chronista Pedro Taques de Almeida Paes Leme, auctor da *Nobiliarchia Paulistana*, e estava enganado quando disse que os irmãos Lemes só foram para o Cuyaba em fim de 1719, porque de facto elles estiveram lá muito antes e a 6 de Novembro fizeram eleger Fernando Dias Falcão para cabo-maior das minas. Para a historia desenvolvida do assassinato juridico dos irmãos Lourenço e João Leme, em 1723, vide vol. XII do *Archivo do Estado de S. Paulo*, nota *in fine* e Annexo *B* do vol. XIII.

A familia *Godoy Moreira* era das mais importante da capi- [illegible] da hoje tem numerosos representantes que não des-

Payaguás e com elles se embaraçaram dous fortissimos soldados, que mereciam ter seus nomes em lettras de ouro escriptos nas azas da fama, Miguel Antunes Maciel e Antonio Antunes Lobo, parentes e naturaes da villa de Ytú (1). Cercados em suas canôas pela barbara furia, ás 8 horas da manhã, pelejaram até as duas da tarde, primeiro com armas de fogo, depois deixadas estas á espadas, e perdidos os companheiros e remeiros, mantiveram elles sós a peleja, matando innumeraveis barbaros e ferindo outros, rebatendo-lhes as lanças e tirando-lh'as das mãos, em tal fórma que sobre elles cahiu todo o ferino poder até que renderam as vidas, deixando sufficiente materia para subidos elogios.

Testemunharam esta marcial tragedia os mais que vinham na conserva, que eram brancos, pretos e indios, postos pelo barranco do rio, vendo a comedia de palanque (2), sem que houvesse um que valesse os affligidos combatentes, abundantes de cautela e faltos de animo, e o mais que faziam alguns delles era gritar aos valorosos mancebos que se retirassem e deixassem a peleja. Chegou esta monção destroçada com a dita in-

---

merecem dos seus antepassados. Vide *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques.

(1) Aqui ainda se repete o nome de Miguel Antunes Maciel, porém, com a declaração de que era natural de Ytú. Sendo ytuano, podia ser parente dos notaveis irmãos Maciel, Antonio, João Antunes e Gabriel Antunes, mas provavelmente não era irmão, visto que estes tres irmãos eram naturaes de Sorocaba e são os que fazem figura saliente nas exploràçôes do Cuyabá e na historia colonial de S. Paulo da primeira metade do seculo XVIII.

(2) Os Payaguás eram excellentes remadores e combatiam sobre agua sómente; os que ficavam nos barrancos observavam o combate fluvial como quem vê touradas de palanque.

(N. do C.).

vasão, em Agosto desse anno, e deu noticia do que lhe succedêra com o gentio e de como ficara de partida o General Rodrigo Cesar que, praticando sempre veneração ao senado de S. Paulo, como haviam feito os mais governadores e capitães-generaes daquella capitania (1), se despediu delle com a carta de que dou aqui fiel copia e da mesma se alcança o como eram os paulistas attendidos; diz assim:

«Manda-me El-Rei meu Senhor que passe as minas «do Cuyabá, a cujo preceito não pode resistir a minha «obediencia por estar sacrificada aos seus Soberanos «decretos, e como a Real Ordem se encaminha não só «a estabelecer aquellas novas minas, mas a conquistar «o gentio barbaro que as infesta, espero que por meio «de tão importante serviço se dilatem os dominios da «Real Corôa e se descubram novos thesouros, que a «enriqueçam, o que se me não difficultará tendo por «companheiros os leaes vassallos desta capitania, porque «para esta e mais empresas lhes sobram o valor, pres«timo e fidelidade, de cujas virtudes tem a experiencia «mostrado aquelles effeitos com que adquirem tanta «glória para poderem illustrar a sua patria, de tal sorte «que causam emulação a todo o mundo, e para que «nelle cresça aquella mais espero que Vossasmercês «continuem com o mesmo animo, zelo e fervor, para «que assim não só se adeante aquelle Cuyabá no the«souro, mas se chegue a ver os ultimos promontorios

(1) O governador que Rodrigo Cesar deixou em S. Paulo quando partiu para Cuyabá foi o coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, paulista dos mais distinctos, que dirigiu bem a capitania até a chegada de Caldeira Pimentel em Agosto de 1727. Esta carta de Rodrigo Cesar está lançada no livro de 'ro da camara de S. Paulo, titulo 1721 e pag. 199.

(N. do C.).

«da terra, e quando hajam riscos que á aquella em-
«presa se opponham, serei eu o primeiro que a elles
«me convide e o ultimo que delles me aparte.

«Não sem pesar grande me ausento de Vossas-
«mercês, porque não quizera jamais separar-me de sua
«companhia; porém, se me aparto não os deixo porque
«commigo a todos levo e de qualquer distancia lhes
«assistirei com a mesma vida. Espero que não lhes
«fará falta a minha assistencia, porque a quem encar-
«regar o governo não deixará de tratar e fazer reve-
«renciar esse nobre senado com aquella attenção que
«merece e eu fazia. Em toda a parte me acharão Vossas-
«mercês para lhes dar gosto com a mesma vontade que
«até aqui lhes mostrei.— Deus Guarde a Vossa-mercês
«muitos annos.—Cidade de São Paulo, e de Junho 13
«de 1726.—Senhores Juizes e mais Officiaes do Senado
«da Camara desta cidade. — *Rodrigo Cesar de Me-*
«*nezes*.

A vista dos exhuberantes merecimentos dos cida-
dãos daquella cidade, parece que de justiça assim o
devia fazer aquelle general, porque foram os paulistas
os que, a custa das proprias vidas e fazendas, deixa-
das as suas casas e familias, descobriram os thesouros
que se tem extrahido de todas as minas, dos quaes tem
aproveitado o Real erario muitas sommas de arrobas de
ouro, que tem produzido os seus quintos; por cuja razão
as mesmas Magestades, attendendo aos seus relevantes
serviços, por differentes vezes os honraram com varias
cartas firmadas do seu Real punho, como fez o senhor
Rei D. Pedro, que escreveu a 27 paulistas e a cada um
do mesmo teôr, que todas se acham registradas na se-
cretaria do Conselho Ultramarino, no livro dos registros
titulo — *Cartas do Rio de Janeiro*, que principiam
28 de Março de 1673 e acabam em 15 de Dez-

de 1700, sendo a primeira, em pagina 195, do teôr seguinte:

«Lourenço Castanho Taques: — Por haver sido in-«formado pelo governador e capitão-general do Rio de «Janeiro, Arthur de Sá e Menezes, do zelo com que «vos houvestes na expedição das ordens que tocavam «a meu serviço, que o dito governador para esse effeito «expediu, e a grande vontade com que vos achaveis em «tudo o que vos recommendou, mostrando nisto a boa «lealdade de honrado vassallo: Me pareceu por esta «mandar vos agradecer e segurar-vos que tudo o que «neste particular obrasteis me fica em lembrança para «folgar de vos fazer toda a mercê quando trateis de «vossos requerimentos. Escripta em Lisboa a 20 de «Outubro de 1698.—Rei.»

Para que se venha ao conhecimento de quaes foram os mais paulistas a quem Sua Magestade escreveu as cartas de que já se deu a precisa noção, passo a expressar os seus nomes, e são os seguintes: — Thomé de Lara de Almeida, Salvador Jorge Velho, João Falcão de Souza, Martim Garcia de Lumbria, Lourenço Franco, Gregorio Telles de Menezes, Thomaz da Costa Barboza, Diogo Bueno de Oliveira, João Martins Claro, Pedro Taques de Almeida, Fr. Fructuoso de S. Bento, Pedro Pedrozo de Oliveira, Pedro Dias Paes Leme, Gaspar de Godoy Collaço, Garcia Rodrigues Paes, Antonio de Godoy Moreira, Antonio Lopes Cardozo, Domingos da Silva Bueno, João de Castro Corrêa, Manoel Lopes de Medeiros, Izidoro Tinoco de Sá, Manoel Bueno da Fonseca, Domingos de Amores, o padre João Leite da Silva e o padre Matheus Nunes de Siqueira (1).

Os mais conhecidos destes paulistas e os que figuram historia do tempo foram: — Lourenço Castanho Taques,

Na mesma secretaria do Conselho Ultramarino, no livro já referido, estão registradas outras cartas de agradecimento que Sua Alteza escreveu, firmadas de sua Real mão, em 21 de Março de 1764, aos paulistas pelo zelo com que se empregaram a penetrar os sertões a descobrimento de minas de ouro e prata, e foram os seguintes: — Paulo Rodrigues da Costa, D. Francisco de Lemos, o padre João Leite da Silva, Fernando Dias Paes, Manoel de Brito Nogueira, Estevão Fernandes Porto, o padre Matheus Nunes de Siqueira, Cornelio de Arzão, Manoel Rodrigues de Arzão, Francisco Dias Velho, Lourenço Castanho Taques e João Ferreira Drumond (1).

---

companheiro e amigo de Amador Bueno, o acclamado; Pedro Taques de Almeida, seu filho e capitão-mór de S. Paulo; Salvador Jorge, de Parnahyba e sertanejo ousado; Garcia Rodrigues Paes, filho do grande Fernando Dias Paes e notavel sertanejo; Gaspar Gollaço, outro valente sertanejo e inimigo dos *Camargos*, e Domingos da Silva Bueno, neto de Amador Bueno, que representou papel na historia da capitania no fim do seculo XVII e começo do XVIII. Thomé de Lara de Almeida era filho de Lourenço Castanho Taques e irmão do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, Manoel Bueno da Fonseca era tambem neto de Amador Bueno e cidadão de grande merecimento.

(1) Fernando Dias Paes era filho de Pedro Dias Paes Leme, atraz mencionado; foi um dos mais illustres paulistas dos tempos coloniaes e dos mais valentes exploradores dos sertões brazileiros. Cornelio de Arzão e Manoel Rodrigues de Arzão eram irmãos e filhos do hollandez Cornelio Arzão, que veiu a S. Paulo no começo do seculo XVII. Cornelio e seu irmão Braz de Arzão foram capitães-móres de Ytú. Francisco Dias Velho foi homem notavel, de valor, e muito rico. Estabeleceu-se com familia na ilha de Santa-Catharina em 1662 e ali teve lutas terriveis com corsarios ou piratas inglezes por mais de uma vez, sendo na ultima vencido e assassinado por elles dentro da egreja do Desterro, onde elle se tinha refugiado. Louren Castanho Taques foi paulista dos mais illustres e explorad.

Já muito antes disto havia escripto o senhor Rei D. Affonso VI, com data de 27 de Setembro de 1664, a varios paulistas cartas de um mesmo teôr, pela seguinte:

«Fernando de Camargo: — Eu El-Rei vos envio «muito saudar. Bem sei que não é necessario persua-«dir-vos a que concorraes de vossa parte com que for «necessario para o descobrimento das minas, a que «envio Agostinho Barbalho Bezerra, considerado por «natural desse Estado e que como tal mostra particular «desejo dos augmentos delle, confiando pela experiencia «que tenho do bem que até agora me serviu que assim «o fará em tudo o que lhe encarregar; porque pela «noticia que me tem chegado do vosso zelo e do como «vos houvestes em muitas occasiões do meu serviço me «faz certo vos disporeis a me fazer este, e elle vos «dirá o que convier para este effeito. Encommendo-vos «lhe façaes toda a assistencia, para que se consiga o «bom fim que ha tanto se deseja e que eu quizera ver «conseguido no tempo e posse do governo destes meus «reinos, entendendo que hei-de ter muito particular «lembrança de tudo o que obrardes nesta materia, para «vos fazer a mercê e honra que, espero, me saibaes «merecer. — Escripta em Lisboa a 27 de Setembro de «1664.— Rei.»

---

dos sertões de *Cataguazes* e *Cuethé*; deixou numerosa descendencia que faz honra a S. Paulo até o presente. Fernando de Camargo foi um dos chefes da famosa guerra civil dos *Pires* e *Comargos*, em 1650, homem valente e sertanejo destemido, mas assassinou covardemente Pedro Taques, irmão de Lourenço Castanho Taques e um dos chefes do partido dos *Pires* na mesma guerra civil.

(N. do C.).

Esta incomparavel honra foi sempre continuando, não só aos camaristas, mas tambem a muitos particulares paulistas, como foi em 1662, ao alcaide-mór Jacinto Moreira Cabral e ao seu irmão o coronel Paschoal Moreira Cabral, ao capitão Pedro da Guerra e seu cunhado Domingos de Brito Peixoto, a Guilherme Pompéo de Almeida e seu genro Antonio de Godoy Moreira, a Pedro Vaz de Barros e Manoel Fernandes de Abreu (1) para acompanharem e darem ajuda e favor a D. Pedro de Souza, enviado para os exames das minas de prata na serra de *Biraçuyaba* e Cahatiba.—Secretaria do Conselho Ultramarino, livro de *Registro de Cartas do Rio de Janeiro* supra citado, titulo 1673, de pagina 30 a 34.

(1) O coronel Paschoal Moreira Cabral era um paulista distincto e pae do outro que descobriu as minas do Cuyabá em 1718. Pedro da Guerra era filho e Domingos de Brito genro do capitão Francisco Rodrigues da Guerra, personagem proeminente que muito figurou na expulsão dos jesuitas em 1640; Domingos de Brito foi explorador das campinas do Sul até o Rio da Prata e fundador da villa da Laguna. Guilherme Pompéo de Almeida era irmão de Lourenço Castanho Taques e foi pae do celebre padre Guilherme Pompéo de Almeida, o *Monte-Christo* paulista, cujos ossos foram ha pouco removidos das ruinas da Egreja do Collegio para a crypta da Sé. Antonio de Godoy Moreira já foi mencionado atraz, era cidadão distincto de Parnahyba e explorou o sertão de *Sabarabosaú*. Manoel Fernandes de Abreu foi companheiro de Paschoal Moreira Cabral e Martim Garcia de Lumbria na exploração de ferro do Ypanema, em 1682, e Pedro Vaz de Barros foi um opulento fazendeiro paulista, fundador da cidade de S. Roque, e irmão de Luiz Pedrozo de Barros, que partiu de S. Paulo em 1660 e foi morrer no Perú dois annos depois, tendo corrido o interior do paiz em busca de ouro e de aventuras.

(N. do C.).

Tornando a nossa historia e anno de 1726, com que estavamos, em 15 de Novembro chegou a esta villa o General Rodrigo Cesar de Menezes, como consta de uma provisão real registrada no livro 2º do registro deste senado, a fls. 23; trouxe comsigo uma grande frota de canôas, fizeram-lhe festas como o tempo e logar permittiam e erigiu logo esta povoação em villa com o titulo de *Villa Real do Senhor Bom Jesus do Cuyabá* (1).

Anno de 1727. — No primeiro de Janeiro deste anno mandou o general levantar pelourinho nesta villa com grandes applausos do povo, que em repetidas vozes acclamaram: — *Viva a Villa Real do Senhor Bom Jesus do Cuyabá;* — tomou para casas da camara das que se achavam no canto chamado do *Sebo*, com os fundos para o corrego, as quaes já não existem no tempo presente por se haverem derribado e reduzido o logar, como de outras mais, a uma praça. Com o general veiu por ouvidor o doutor Antonio Alves Lanhas Peixoto, que entrou a fazer pelouros para juizes ordinarios e

---

(1) Rodrigo Cesar devia ter deixado esta capital em principio de Julho para ir se embarcar para Cuyabá no porto de Araraytaguaba, distante cerca de 160 kilometros por pessimos caminhos daquelles tempos. Lá devia elle ter gasto alguns dias mais em preparar a sua monção, que era numerosa, para esta longa e penosa viagem, de modo a que a sua partida de Araraytaguaba teve logar a 16 de Julho de 1726 e a sua chegada a Cuyabá a 15 de Novembro, tendo elle gasto 122 dias em descer os rios Tieté e Paraná, subir o Rio Pardo, varar as duas legoas do planalto do Camapuan, descer os rios Cochim e Taquary e subir os rios Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá, até a nova povoação, que foi elevada á villa no dia 1º de Janeiro do ano seguinte, com o nome que lhe tinha sido dado pelo pauta Jacintho Barbosa Lopes.

(N. do C.).

vereadores, que logo se abriu o primeiro, e viram-se neste anno juizes, vereadores, almotaceis e mais officiaes de justiça. Disposto tudo isto entrou o general a fazer consultas para a guerra contra o Payaguá, que tudo se resolveu em vento, vapor e nada (1).

Fez o general logo ao capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes provedor da Real Fazenda, entrou este a cobrar seis oitavas de ouro por cabeça, fosse a pessoa que fosse, que eram os quintos que se deviam a El-Rei (2), as entradas das fazendas vindas de povoado a oito oitavas por cada fardo, cinco pelas cargas de molhados e quatro por negros e indios, que de todos se pagavam sem excepção.

---

(1) Neste logar vem a seguinte nota, que parece ser do auctor do manuscripto e affirma uma verdade historica:

«Este ministro era ouvidor da comarca de Paranaguá e foi «mandado por Sua Magestade como por assessor do general «nestas minas.»

Lanhas Peixoto era, com effeito ouvidor em Paranaguá e só com muita reluctancia acceitou o encargo de acompanhar Rodrigo Cesar a Cuyabá como seu auxiliar para a organização dos serviços civis daquellas minas; porém, uma vez lá chegado não quiz mais voltar com o general em 1728, foi suspenso do cargo de ouvidor e lá ficou como simples particular. Em 1730, resolveu voltar a S. Paulo em uma grande monção, que trazia mais de 100 homens armados e 60 arrobas de ouro, pertencentes aos quintos reaes. No caminho foi a expedição assaltada e destruida pelos Payaguás, que se apossaram de tudo, ficando mortos Lanhas Peixoto e toda a guarnição. Foi este o mais tremendo revez que os paulistas soffreram dos Payaguas, e por isso bem disse o chronista que ficaram em *vento, vapor e nada* as medidas adoptadas pelo General Cesar contra esses indios.

(2) O systema colonial de finanças era cobrar 20 por cento ou um quinto de tudo que se produzia e vendia no Brazil, até negros que se importavam da Africa e dos indios que se tivavam *em guerra justa*. Isto já era uma exorbitanci-

Entrou o povo com isto a bromar as minas em consternação, sem lavra alguma de conta mais do que as faisqueiras já exbulhadas; eram tudo miserias, quixas e lamentos; a terra falta de mantimentos por falharem as roças, que brotavam os milhos espigas sem grão algum; as doenças actuaes, os que escapavam da fome, assim que tudo era gemer, chorar e morrer.

Chegou monção este anno; foi um ajudante de palacio com tantos homens em sua companhia a buscal-a lá á barra do Cuyabá para se pagarem as entradas das fazendas que trazia. Si as não pagavam logo, punham-lhes as fazendas em praça, aonde se as arrematavam todas as vezes que cobriam os direitos Reaes, e salarios do Ajudante e mais companheiros, que foram

---

porque havia ainda outros impostos especiaes, para casamentos e dotes das princezas, para festas reaes lá e aqui, para reconstruir Lisboa arrazada pelo terremoto de 1755, etc.; porém, os impostos estabelecidos pelo general em Cuyabá, acima descriptos, foram verdadeiras extorsões destinadas a transferir para os cofres reaes todos os haveres da população e manter o povo na obediencia pela miseria, pelo desanimo, pela ignorancia e pela impossibilidade de reagir por falta de recursos. Em 1883, a Assembléa Provincial de S. Paulo regeitrou o imposto de 3$000 por escravo da lavoura por ser excessivo e em 1898 o Congresso Federal regeitou o imposto de capitação de 20$000 por igual motivo; e entretanto, 160 annos antes ia Rodrigo Cesar estabelecer em Cuyabá os impostos de 5 oitavas de ouro por cabeça de brancos e de 4 oitavas por cabeça de negros e indios, equivalentes hoje a mais de 40$000 na media por cabeça, além do imposto geral sobre os generos necessarios á vida, que era igualmente extorsivo!

O que admira é que a primeira tentativa para a independencia só tivesse logar com Tiradentes, em 1789, e que ella só realizasse a 7 de Setembro de 1822!

(N. do C.).

buscal-as, que era a duas oitavas de ouro por cada um delles (1). Em tal fórma se executava isto que chegavam muitos a entregar as carregações que traziam e por baratos se verem livres dellas por não incorrerem em mais penas. Foram sempre estas as ajudas de custas com que se estabeleceram os povoações do Brazil.

Veio tambem com o general na mesma monção o padre Lourenço de Toledo Taques com os empregos de visitador, vigario da vara e parocho deste freguezia, provido pelo Exmo. Bispo do Rio de Janeiro, D. Fr. Antonio de Guadalupe. Chegado o dito vigario começou a devassar de visita, prendeu o antecessor, padre Manoel Teixeira Rabello, com grande estrepito e confusão, que tremia a terra e abalavam-se os montes, temerosos do rigor da sua justiça. Vendo-se o preso opprimido e vexado mais da soberba e vaidade do que da justiça, aggravou para o juiz dos feitos da Corôa, que era o Doutor Lanhas Peixoto, como ouvidor desta comarca, e tomando este conhecimento do caso o mandou soltar; ao que se seguiu publical-o o vigario por publico excommungado, evitando-o dos officios divinos e ingresso na egreja, com o dictame de que o ouvidor se intromettêra a perturbar a jurisdicção ecclesiastica. Pôz isto os povos em grandes confusões, e, divididos

(1) O salario de um bom trabalhador commum naquelle tempo era 100 réis por dia e a congrua de um vigario raramente excedia de 400 réis diarios; mas os salarios dos agentes fiscaes do governo colonial, quando pagos a custa das victimas do mesmo fisco, podiam subir e, de facto, subiam a duas oitavas de ouro por dia, equivalentes a 6$000 por dia, metade do que costumavam ganhar os capitães-generaes em tempos ordinarios—4 contos de réis por anno.

(N. do C.)

em diversos pareceres, affirmavam uns que era verdadeiramente excommungado e outros que não, negando-lhe a maior parte do povo a fala, uns crentes e outros á maior cautela salvavam as consciencias, sendo muito poucos os que lhe falavam. O general, neutral nestas cousas, por estar já desaborcado com o ouvidor em razão de não lhe dizer *amem* em tudo o que queria fazer, e aconselhando como devia (1). Os grandes da terra, principalmente o provedor da Fazenda Real, Jacintho Barbosa Lopes, e outros, que pretendiam a graça de Sua Exellencia e ter nome em palacio, fomentavam mais o vigario, fazendo-lhe as partes e dando-lhe a razão para que de todo se consumisse o ouvidor, porque Sua Excellencia assim gostava. Cessou o ministro com o seu despacho, continuando o vigario com as admoestações ao povo que o tivessem por excommungado, e nas plebeias questões sobre o caso, que quanto mais ignorantes mais disputavam na materia (2).

---

(1) As questões havidas em Cuyabá entre Rodrigo Cesar e o ouvidor Lanhas Peixoto podem ser estudadas pela correspondencia do general, publicada no vol. XX do *Archivo do Estado de S. Paulo.*

(59) Aqui vem a seguinte nota de Diogo Ordonhes:

«Não duvido que houvesse estas disputas entre o general «e o ouvidor e que este, desgostoso, procurasse o pretexto nas «suas molestias para pedir com muita instancia ao mesmo ge«neral, como fez pela carta que lhe escreveu a 8 de Abril de «1727, a qual está registrada no livro 1° dos Registros, a fls. «28, que escusasse do despacho e avisasse ao juiz mais velho «para que, na forma da lei, servisse o cargo de ouvidor, o «que com effeito fez o general, escrevendo no mesmo dia uma «carta ao capitão Rodrigo Bicudo Chassim, que era o juiz mais «velho, accusando ao mesmo tempo que lhe escrevera o doutor

has, a qual está registrada a fls. 28 verso do dito livro.

ego entrou no dito exercicio o sobredito Rodrigo Bicudo,

Sobreveiu a isto o matar um negro a seu senhor nas *Lavras do Ribeirão*. Devassaram os juizes ordinarios, prenderam o negro e pronunciaram pela culpa provada. Queria o general que o ouvidor fizesse enforcar o negro, dizendo que para exemplo dos mais; respondia-lhe o ouvidor que o fizesse Sua Excellencia que em semelhantes casos tinha despotica auctoridade como general, ou que o fizesse o povo que elle o não impedia, e não elle como ministro que só estava obrigado a guardar as leis e estas lhe não davam tal auctoridade, nem esta ouvidoria tinha ainda regimento dado por Sua Magestade em que tal poder se lhe désse.

Deixadas as disputas disse-lhe o general que ou enforcasse o negro ou cedesse o cargo de ouvidor que elle

---

«mas, ausentando-se este em Junho do mesmo anno de 1727 «para povoado, por ordem do general, foi eleito em seu logar «juiz de barrete o mestre de campo Antão Leme da Silva a 16 «de Junho do dito anno de 1727, como consta do livro 1° «de vereanças, a fls. 17 verso; em cujos termos já se vê que «enganou-se o historiador em dizer o que diz respectivamente «a eleição do dito Antão Leme.»

Toda a correspondencia trocada entre Rodrigo Cesar e Lanhas Peixoto vem publicada no vol. XX do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

O mestre de campo Antão Leme era irmão de João Leme, que foi decapitado na Bahia em 1723, e de Lourenço Leme, assassinado em Araraytaguaba neste mesmo anno, e todos eram filhos de Pedro Leme da Silva, paulista illustre, cognominado o *Torto* e *Coxo*, que esteve nos sertões da Vaccaria e Yguatemy, em 1682, e affirmou os nossos direitos sobre aquella região, disputada pelos hespanhóes do Paraguay. Antão Leme foi tambem um paulista notavel e prestou bons serviços ao governo em Minas-Geraes e Cuyabá, como o prova a sua patente de mestre de campo, publicada por Azevedo Marques nos seus *Apontamentos Historicos*.

(*N. do C*

proveria em quem muito lhe parecesse. Respondeu-lhe o ministro que lh'o dissesse por carta para nella ter sua defesa; fêl-o Cesar por carta, deixou o ouvidor o cargo e a villa e foi com o brigadeiro Antonio de Almeida (1) para a *Chapada*, por onde andou alguns tempos em descobrimento de ouro e caçando perdizes.

Ausente Lanhas da villa fez logo Cesar ouvidor a Antão Leme, aconselhando-o que enforcasse o negro, o que logo se executou (2).

---

(1) Brigadeiro Antonio de Almeida Lara, paulista illustre que introduziu no Cuyabá o cultivo da canna de assucar. A patente de brigadeiro foi-lhe dada pelo governador Rodrigo Cesar, que nella relata os serviços prestados por este distincto cidadão. A *Chapada* era fazenda sua. Diz o chronista Pedro Taques que as muitas despezas feitas por Antonio de Almeida Lara reduziram-no á pobreza, mas que em viagem para novos descobrimentos, em Matto-Grosso, o seu cavallo tropeçou em um caixão de ouro, escondido por algum desconhecido que nunca o reclamou. Guardou para si esse thesouro, pagou as dividas e reconstruiu a sua fortuna arruinada. Viveu solteiro e morreu em Cuyabá em 1750.

(2) Aqui vem a seguinte nota de Diogo Ordonhes:

«Pelo que fica mostrado se vê que se o doutor ouvidor «recebesse carta do general em que lhe ordenava que largasse «o cargo, certamente que o dito ministro não só a havia de «fazer registrar, mas tambem havia de fazer menção della na «carta que escreveu ao general, assim como este o faria na que «escreveu ao capitão Rodrigo Bicudo, como juiz mais velho. «Segue-se, pois, que não houve tal carta de que se trata neste «paragrapho.—*Ordonhes.*»

Este argumento, comquanto muito razoavel, não destróe a affirmação do outro, porque si o registro da carta era conveniente, não era absolutamente necessario para provar a sua existencia. Reconhecida a firma do general e bem guardado o documento, ficava Lanhas garantido.

(*N. do C.*).

Com este labyrintho de execuções nos que vinham de povoado para pagarem os direitos das entradas e com os que cá estavam pela lotação dos quintos e dizimos dos fructos, excommunhões, em que todos se consideravam incursos, pois bastava não ser inimigo declarado do doutor Lanhas para se affirmar que estava como elle excommungado, fome e peste, que tudo ao mesmo tempo laborava. Viu-se o povo tão attenuado que desertaram muitos para povoado, que pelos barrancos dos rios iam ficando mortos aos montes; outros para os sertões a buscar os gentios *Bororós* e *Parecis*, descobrindo-se então esta nação, depois do que se foram vendo nestas minas muitos vendidos como escravos por aquelles que os iam buscar (1).

Anno de 1728.—Entrando este anno, como continuassem as calamidades relatadas, determinaram todos despejar este paiz e ir para povoado uns e outros para Goyaz (2), que então havia chegado a noticia do seu descobrimento, sobre o que se faziam consultas secretas em que todos entravam conformes neste parecer, por não experimentarem os trabalhos que por todos os meios os accommettiam. Chegada a quaresma, celebrando-se os officios divinos na egreja Matriz, expondo-se o Santissimo Sacramento, em quinta-feira santa, posto a custodia no throno, que era de madeira, armado por fora

---

(1) Os indios *Bororós* ainda hoje occupam a região sul de Goyaz, até Santa-Anna do Parnahyba. Pelos annos de 1740 elles foram amansados pelo coronel Antonio Pires, aldeados e armados, e prestaram excellentes serviços ao governo de Goyaz. Vide Annexo I do vol. XIII do *Archivo de S. Paulo.*

(2) Para algumas informações sobre a descoberta das minas de ouro de Goyaz, vide paginas 55 a 69 do vol. XII do refer *Archivo de S. Paulo.*

da parede da capella, sem tribuna, deu a custodia volta para a parte da Epistola, ficando com o lado para o povo.

Reparando-se nisto, subiu um sacerdote a endireital-a, chegado ao pé do altar tornou-se a vêr a custodia na mesma fórma; subiu segunda vez e a endireitou, o que aconteceu terceira vez á vista de todos; posta em seu logar a terceira vez não virou mais. Especulou-se si havia nisto alguma cousa humana e nunca se achou; attribuiram alguns a estar pensa a banqueta aonde assentava a custodia; eu com os meus olhos a vi e achei-a direita sem propensão alguma (1), e muitas vezes depois do successo se reppôz o Senhor no mesmo lugar e nunca se viu que fizesse movimento algum—demonstração que fez Deus Nosso Senhor de que não era servido que se despovoasse este sertão como todos dedeterminavam e da perpetuação desta colonia.

Partiu este anno bastante gente para povoado pelo mez de Abril, adonde foram em diversas maloeas mais de mil pessoas, que iam ficando mortas pelos barrancos dos rios. Com estas enviou o General Cezar o padre André dos Santos Queiroz com sete arrobas de ouro dos quintos de El-Rei e mais direitos que havia cobrado;

---

(1) Parece contradictorio ou phantasioso este trecho, porque si o chronista escreveu esta narrativa, depois do anno de 1782, como disse na primeira pagina, não é provavel que pudesse ter visto *com os seus proprios olhos* o milagre aqui mencionado, que se deu em 1728; porém, tudo ficará explicado se acceitarmos a narrativa até este ponto como escripta por José Barbosa de Sá, de cujo manuscripto se aproveitou o vereador Costa Siqueira, como elle mesmo confessa. Que o começo desta narrativa foi escripta pelo dito Barbosa de Sá confirma Diogo Nhes em uma das notas já copiadas.

(N. do C.).

chegou o conductor a S. Paulo e entregou o dito ouro mettido em quatro cunhetes ao provedor da Real Fazenda, Sebastião Fernandes do Rego, de onde foram remettidos para o Rio de Janeiro e dahi para Portugal. Chegada a remessa a Côrte e abertos os caixões achou-se, em logar do ouro, chumbo em grãos de munição e deu isto tanto estrondo em todo o reino que o seu écho chegou aos extranhos (1).

Mandou logo Sua Magestade aviso ao Rio de Janeiro em uma náu de guerra enviada somente a esta

---

(1) Neste ponto traz o manuscripto a seguinte importante nota de Diogo Ordonhes;

«Este notavel caso do furto de ouro dos quintos é tratado «pelo major Taques em varias partes dos seus escriptos e com «mais particularidade no titulo de Taques Pompéo, pagina 84. «Quem foi que commetteu o roubo foi Sebastião Fernandes do «Rego, que em 1728 era provedor da casa da fundição de S. «Paulo, provido pelo General Cesar, e por isso a elle pertencia «o receber aquelles quintos. Elle era sugeito orgulhoso, sagas«sissimo e capaz de um tal crime, e supposto que elle sahiu «livre de Lisboa e voltou para S. Paulo, na frota de 1739, com «um grosso commercio de fazendas seccas, comtudo, dando-se «depois no engano, foram expedidas novas ordens que chega«ram a tempo que o mesmo Sebastião Fernandes do Rego «estava morto e só teve logar a confiscação nos seus bens. «Taques diz que eram oito arrobas de ouro de quintos que «estavam nos cunhetes que estiveram em casa do dito Rego «antes de ir na fórma do costume com escolta militar para o «Rio de Janeiro.»

O major Taques, aqui mencionado, é ainda o chronista Pedro Taques, auctor da *Nobiliarchia Paulistana*, que narra a historia deste roubo, praticado por Sebastião do Rego, o assassinato do grande sertanejo João Leite da Silva Ortiz em viagem para Lisboa, onde poderia denunciar ao governo o mesmo roubo, e as mortes dos irmãos Leme por intrigas mesmo Sebastião do Rego.

(N. do C.)

diligencia; entrou a nau sem bandeira em signal da noticia que trazia; veio um decreto de Sua Magestade ao doutor Roberto Carr Ribeiro, juiz do fisco naquella cidade, para que passasse a S. Paulo a devassar o caso; era materia exposta para as conversas do povo, que em outra cousa não falava. Divididos em dous pareceres, affirmavam uns ser o chumbo mettido por Cesar nesta villa quando fez a entrega (1), outros que fôra feita a troca por Sebastião do Rego, provedor em S. Paulo, que teve os caixões em sua casa quatro dias, emquanto os não remetteu para o Rio de Janeiro; levantando cada um dos sequitos horrendos alcives com que queriam justificar a sua opinião, conforme as suas inclinações —laço com que o inimigo commum prendeu muitas almas, porque alguns dos sequitos affirmava falsamente o que dizia.

Eu digo que todos affirmavam falsamente o que diziam, porque Cesar era fidalgo e portuguez, sobrado de bens da fortuna em tal forma que os repartia a muitos, principalmente aos pobres, catholico, amante do Rei e interessado em serviços da Corôa para os accrescentamentos da sua pessôa, que por isso não faria aquelles excessos na arrecadação da Real Fazenda, emfim era Cesar por nascimento. O provedor Rego com menos obrigações e mais relevantes provas de sua ignorancia, abundantes de bens da fortuna (2), estabelecido

---

(1) Quem devia ter feito a entrega deste ouro ao conductor, padre André dos Santos, era Jacintho Barbosa Lopes, provedor da fazenda real de Cuyabá e não Rodrigo Cesar, que era sómente governador e não agente fiscal do governo colonial. Nunca o governo portugez suspeitou que Cesar tivesse tido parte neste

Sebastião do Rego era pobre quando chegou a S. Paulo ·omeado provedor da fazenda real nesta cidade. Aqui

em contractos e negociações mercantes, amigo de honras, prudente, sciente do bem e do mal e da pena em que incorria quem tal absurdo fizesse, e finalmente não teve tempo de obrar tal cousa.

Resultou da devassa que do caso se tirou prender-se Sebastião Fernandes do Rego e sequestrarem-se-lhe todos os seus bens; remettido elle para Portugal, poz-se em livramento, sahiu solto e livre, mandou-se-lhe entregar todos seus bens, e o General Gesar foi promovido para o governo de Angola. Pelo que digo que todos os que culpavam um e outro mentiam no que diziam, jurando e affirmando falsamente só para satisfazer suas paixões; pois quem fez aquella versão de ouro em chumbo não foi mão humana e sim a Divina Justiça pelas lagrimas dos pobres miseraveis, que entregavam escravos e fazendas por não terem com que pagar os direitos Reaes, com que se prefizeram aquellas sete arrobas de ouro, para com ellas lisongear o monarcha e facilitar as graças (1).

---

casou-se elle com uma viuva, D. Marianna Caminha, que tinha duas filhas e possuia alguns bens de fortuna, mas não era positivamente rica. A fortuna de Sebastião do Rego veio do furto que fez dos bens dos irmãos Leme, mortos por suas intrigas, e dos roubos dos quintos reaes, augmentados com o commercio de fazendas do reino e de escravos da Africa, muito facilitado por sua posição de agente fiscal, que não pagava imposto. Vide a historia dos irmãos Leme no fim do vol. XII do *Archivo do Estado de S. Paulo* e mais o Annexo *B* do vol. XIII.

(1) Esta crença do ouro ter virado em chumbo como castigo das violencias do fisco colonial, ficou muito vulgarisada na capitania e foi mencionada por Machado de Oliveira no seu *Quadro Historico da Provincia de S. Paulo.* O chronista, affirmando este milagre por conta propria, deixou de ser critico para ser crente e perfilhou duas inverdades historicas. Ni houve milagre, mas roubo muito audacioso praticado pelo p

Neste mesmo anno pelo mez de Setembro seguiu viagem o general para povoado, deixando o governo militar ao brigadeiro Antonio de Almeida Lara e por ouvidor Rodrigo Bicudo Chassim. Mandou que se não pagassem mais quintos de ouro pela contribuição dos escravos e que se fosse quintar o ouro na cidade de S. Paulo, aonde então se plantou a Real Casa da Fundição nesse mesmo anno por disposição regia. Passou nesta villa varias patentes de capitães-móres, sargentos-móres, capitães e outros varios cargos. A mais notavel dellas é a que passou de capitão-mór povoador a Luiz Rodrigues Villares, declarando nella os muitos serviços que havia o dito feito á Corôa e ao bem commum, por onde se fazia credor de grandes mercês, e nenhuma lhe concedeu mais do que tão sómente o titulo. Com a sua sahida melhorou o augmento da terra e passaram-se as pragas, lagrimas e miserias (1).

---

vedor Sebastião Fernandes do Rego de mãos dadas com o novo governador Caldeira Pimentel. Quatro dias que os caixões estiveram na casa de Sebastião do Rego eram bastantes para fazer-se a troca do ouro pelo chumbo e o sello foi fornecido pelo governador cumplice.

(1) Sobre a retirada de Rodrigo Cesar de Cuyabá e auctoridade que elle lá deixou, escreveu Diogo Ordonhes a seguinte nota:

«Neste paragrapho ha tres erros notaveis: Primeiramente «consta de uma certidão que passaram os camaristas ao Ge«neral Rodrigo Cesar, registrada a fls. 7 do 1º livro de Regis«tros, que o mesmo general partia no dia 5 de Junho deste «anno de 1728. Em segundo logar acha-se a fls. 74 do mesmo «livro 1º de Registros uma carta do sobredito general quando «já se achava embarcado, com data de 6 de Junho do mesmo o, escripta aos camaristas, na qual lhes diz que tendo-lhes ido o seu parecer sobre a pessoa a quem, como regente,

Este Luiz Rodrigues Villares, de quem agora falámos, que foi promovido pelo General Cesar em o posto de capitão-mór povoador, foi o européu que mais serviços fez a sua Magestade nestas não só dilatadas

«deixasse o governo destas minas, elles deixaram á sua eleição; «pelo que nomeava ao mesmo senado para regente dellas, etc. «Logo adeante se acha registrado o regimento que lhes deixou «para o governo.

«Em terceiro logar é menos verdade dizer que Rodrigo «Bicudo Chassim ficou por ouvidor. Este capitão foi o primeiro «juiz ordinario que sahiu nos pelouros, com seu companheiro «o tenente-coronel João de Queiroz Mascarenhas Sarmento, «abertos em 1° de Janeiro de 1727, dia em que se erigiu em «villa esta povoação, como consta de um termo extrahido dos «livros da secretaria e lançado no sobredito dos Registros, a «fls. 21, e do livro 1° das vereanças, a fls. 2 e 3. Como, pois, o «desembargador Antonio Alves Lanhas Peixoto, ouvidor de Pa«ranaguá, que veio por assessor do general, se excusou por «carta de 8 de Abril de 1727, com motivos de molestias das «occupações de ouvidor, as quaes lhe tinham sido incumbidas «pelo mesmo general, este nomeou ouvidor ao dito capitão Ro«drigo Bicudo Chassim, como juiz mais velho, por carta muito «honrosa que lhe escreveu no mesmo dia 8 de Abril, e ambas «estão registradas no dito livro, a fls. 28 e 28 verso. Porém, o «mesmo ouvidor Chassim se ausentou para povoado, encarre«gado de ordens do general, como consta da que se acha registrada, «a fls. 34, em data de 2 de Junho de 1727, e em seu logar foi «eleito de barrete o mestre de campo Antão Leme da Silva a «16 do mesmo mez, como consta do livro de vereanças, a fls. 1, «e por bem da lei entrou a servir de ouvidor, que foi appro«vado pelo general, como consta de varios logares dos ditos «livros; de sorte que, quando se ausentou o dito general, não «ficou ninguem por ouvidor, porque servindo esta villa o ca«pitão-mór Diogo de Lara e Moraes como juiz mais velho, em «1728, o mesmo general houve por extincto o logar de ouvidor «pelas razões dadas na carta que, a 4 de Abril, escreveu ao «dito capitão-mór, registrada no dito livro, a fls. 60 verso «*Ordonhes.*»

como importantes colonias, porque, além do muito cabedal que despendeu para a sua conservação e augmento, gastou muito nas expedições para a reducção dos gentios sem outro interesse mais que o virem para o gremio da Egreja, pois, assistindo elle com a despesa para as bandeiras, nunca houve á si um só indio para o seu serviço ou utilidade. Avalia-se que despendeu para uma ou outra cousa o melhor de vinte mil oitavas de ouro, por cuja causa e por outras avultadas perdas que teve morreu pouco abundante. Era de estatura baixa, olhos azues, barbas rachadas, claro, de bom juizo, muito lido, activissimo no negocio, amigo da paz, inimigo de que se falasse das acções do proximo e amante em extremo da pobreza, a quem muito soccorria, chegando a despir a camisa do corpo para dál-a á algum miseravel, além de outras muitas virtudes de que era dotado (1). Jaz na egreja Matriz desta Villa, onde foi sepultado no dia 7 de Janeiro de 1769.

Os erros praticados pelo chronista e rectificados por Diogo Ordonhes são desculpaveis porque elle escrevia em Cuyabá, onde só tinha a sua disposição o pequeno archivo da camara municipal, quando o ultimo escreveu as suas notas aqui em S. Paulo, muitos annos mais tarde e podia consultar os archivos da camara e do governo.

(1) Diz Azevedo Marques que este Luiz Rodrigues Villares teve uma filha, Ignacia Rodrigues, que foi casada com o sargento-mór Lopo dos Santos Serra e teve um filho a quem deu o mesmo nome de Luiz Rodrigues Villares. Este formou-se em canones em Coimbra, tornou-se conego e arcediago da Sé de S. Paulo e mais tarde bispo da ilha de Madeira, onde falleceu em 1810, deixando para a Sé de S. Paulo ricos ornamentos com que até hoje se veste o bispo desta diocese.

(N. do C.).

Nos fins deste anno de 1728 da nossa historia moveram-se grandes disputas entre os republicanos que pretendiam sahir no pelouro por officiaes da camara do seguinte anno, ameaçando uns aos outros que si sahissem outros que não fossem aquelles, os espera-riam, matariam e feririam, sem que escapasse um. Vendo os camaristas que com a publicação do pelouro, que era o ultimo, haveria certamente pancadas e mortes, metteram o pelouro no fogo e reduziram-no a cinzas—temeridade notavel, mas obrada a bom fim, que socegou o rumor nos pretendentes, com tomarem os camaristas a culpa sobre si, que dopois foram culpados na devassa que do caso se tirou, pondo-se alguns em livramento e outros seguindo viagem para povoado se deram por livres (1).

---

(1) Aqui vem a seguinte nota de Diogo Ordonhes:

«O que consta de varias vereanças, que se fizeram em No-«vembro e fins de Dezembro de 1728 e em Janeiro de 1729, «descriptas no fim do 1° livro dellas e no principio do 2°, é «que tendo o procurador representado que se dizia publica-«mente que o pelouro fôra viciado, introduzindo-se novos su-«jeitos, determinaram, á instancias dos vereadores, queimal-o; «porém, oppondo-se os dois juizes e o procurador, houve varios «debates e consultas, até que, cedendo os juizes, queimaram-se «os pelouros a 31 de Dezembro de 1728, e a 2 de Janeiro de «1729 fizeram-se outros, cuja abertura foi no dia 3; mas os «juizes e officiaes novos não quizeram tomar posse com o pre-«texto de não terem *cartas de veranças*, dizendo que ainda que «no regimento que deixara o General Cesar, determinava este «que tomassem posse os officiaes novos e mandassem depois a «S. Paulo buscar a sua confirmação do doutor ouvidor, comtudo «o general não podia dispensar na lei (quando faz conta tudo «se acha justo e quando não faz allegam-se semelhantes «causas).

«Pelo que assentaram que continuassem a servir os mes «juizes do anno passado. Os que tinham sahido eram: Juiz

Vindo neste mesmo anno do sertão dos *Parecis* bastantes gentes embarcadas em canôas, rodando o Paraguay abaixo com muitos gentios que daquelle sertão traziam, foram acommettidos do Payaguá, que não escapou nem um, matando parte delles e levando os mais captivos. Dos brancos, de que tive noticia, pereceram o alferes Antonio Moreira da Costa, seu filho Bernardo Moreira Botelho, seu sobrinho Antonio Moreira e dous irmãos João Coelho de Castro e Antonio Moreira. E não se soube deste successo nesta villa senão por um destes que foi captivo e, fugido, tornou dahi a dou annos (1).

Anno de 1729.—Abriu-se o pelouro dos que de novo haviam feito. Sahiram novas justiças e por ouvidor Diogo de Lara e Moraes (A). Chegou monção de povoado e por vigario encommendado o padre An-

---

«velho o brigadeiro Antonio de Almeida Lara e para juiz 2° o «capitão Thomé de Gouvêa Sá Queiroga.—*Ordonhes.*»

Os dois cidadãos aqui mencionados foram os que sahiram eleitos no pelouro e deviam servir na camara no termo seguinte, e não os que deixaram ou deviam deixar os cargos, como se póde entender das palavras — *Os que tinham sahido eram*, empregadas acima por Diogo Ordonhes.

(1) Os indios *Parecis* habitavam as cabeceiras do Rio Paraguay e vertentes dos rios Tapajóz e Arinos. Para trazel-os de lá para Cuyabá tinham de descer o rio Paraguay até a barra do S. Lourenço e subir por este e pelo rio Cuyabá cerca de 50 legoas até a villa; mas, o rio Paraguay abaixo e acima da barra do S. Lourenço era infestado pelo Payaguás, bons remadores, que tanto destroços fizeram nos paulistas.

(N. do C.).

(A) Já ficou demonstrado na nota immediata que ficaram servindo os mesmos juizes e mais officiaes do anno preterito neste anno; e por isso é erro dizer-se neste paragrapho que ram novas justiças e por ouvidor Diogo de Lara e Moraes. capitão-mór era o mesmo juiz do anno passado de 1728

tonio Dutra de Quadros, enviado pelo Exm.º Bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe; prendeu logo, que assim chegou, a seu antecessor, o padre Lourenço de Toledo Taques, na mesma fórma em que este havia feito ao padre Manoel Teixeira Rabello, com aquelle epitheto *Regnavi*, *Regno*, *Regnabo*. Deu esta prisão grande estrondo pelo estrepito com que foi feita. Fez o preso fuga da prisão e viagem para povoado com o favor dos muitos alliados que tinha, e ficou o padre Dutra bramando como bravo leão, fulminando excommunhões contra todos os que deram favor, conselho ou ajuda ao padre Toledo, que tudo parou em cousa nenhuma.

Neste mesmo anno se expediu por mandado do senado da camara e pessoas principaes a buscar a veneravel imagem do Senhor Bom Jesus, que hoje veneramos na nossa egreja Matriz, que estava no sitio do Camapuan.

Foi esta imagem fabricada na villa de Sorocaba por mãos de uma mulher; trouxe-a comsigo um Pedro de Moraes, natural da mesma villa, nos primeiros annos que se descobriram estes sertões, e, não podendo continuar o caminho pelas difficuldades que naquelles tempos havia, arribou e deixou a imagem em um rancho coberto de palha, a borda do Rio Grande, logar chamado *Guarapiranga*, de onde no seguinte anno a mudaram outros para o Rio Pardo, acima da barra do Anhanduhy, em um rancho. Dahi a tornaram a levar outros viandantes para o mesmo logar do Guarapiranga, de onde no seguinte anno a trouxeram ou-

---

e continuou no de 1729; não era ouvidor porque não exis'- nesta villa este cargo, como fica demonstrado, pois indevi mente tinha sido creado.—*Ordonhes.*

tros até Camapuan e ahi a deixaram. O que sabendo-se nesta villa foi mandado buscal-a, indo por cabo da leva o capitão Domingos Barbosa Leme, com vinte e cinco homens em tres canôas, a saber: Caetano de Brito Menezes, Pantaleão Martins, Joaquim Soares, pardo forro, e os mais indios e negros.

Trouxeram-na em um caixão que levaram feito. Chegou ao Porto-Geral desta villa com bom successo, a donde a foram buscar em procissão e se a collocou em um altar collateral da egreja Matriz, á parte do Evangelho; fez-se-lhe festa de missa cantada e sermão, que pregou o padre-mestre Fr. José Angola, religioso franciscano; representaram-se duas comedias, houve banquetes e fogos, e durou o applauso quatro dias, tudo a custa das pessoas principaes e especialmente de Balthazar de Sampaio Couto e Antonio Corrêa de Oliveira, que liberalmente despenderam de suas fazendas com esta festidade.

Convocaram-se neste anno alguns homens ricos e principaes desta villa, a saber:—Manoel Caetano, Domingos Gomes Beliago, Antonio de Souza Bastos, Manoel Antonio Vergas, o padre José de Frias, o padre Antonio de Moraes e Manoel de Macedo, com muitos camaradas e escravatura, que faziam quatrocentas pessoas, com armas e petrechos, para irem fundar uma povoação no rio Cochim para padrão destas conquistas e explorações de minas de ouro em seus suburbios, tudo para augmento da Corôa e serviço de Deus Nosso Senhor, ensinuado e aconselhado este intento pelo dr. Antonio Alves Lanhas Peixoto. Preparados todos uniformemente, partiu Manoel Caetano adeante com a sua comitiva a esperar os outros na barra do Cuyabá; ahi lhes deu o Payaguá e matou a todos; que ficaram atraz foram presos e sequestrados

por mandado do juiz ordinario, um celebre moço fidalgo da Casa de Sua Magestade, que assim se intitulava Thomé de Gouvêa Sá e Queiroga, por dizer que os homens iam fugindo para terra de Castella, e assim teve fim este intento (1).

Vendo os do congresso frustrados os seus intentos, dissimularam o caso e, formando segunda maloca com muita gente do povo, occultamente sahiram desta villa, embarcaram em canôas até o Rio Grande, que subiram acima da barra do Tieté e foram tomar o rio Parnahyba, com o intento de seguir viagem para Goyaz até onde pudessem ir embarcados. Faltando-

---

(1) Sobre este curioso facto traz aqui o manuscripto a seguinte nota:

«Consta da vereança a fls. 10 do livro 2°. em 12 de Janeiro «de 1729, que o 2° juiz, sargento-mór Antonio de Souza Bastos, «propoz em camara que era publico nesta villa que muitos «moradores destas minas estavam com resolução de ir para a «cidade de S. Lourenço dos dominios de Hespanha. Assenta«ram que se impedisse esta viagem e se prendessem os que «fossem apanhados nella, *segundo* (*) a fórma das ordens esta«belecidas, e que mandassem lançar bando com pena de prisão «e confiscação de bens contra os que sahissem destas minas «sem passaporte. Depois, a 20 de Fevereiro deste anno de 1729, «tomaram posse de seus officios e da regencia os novos offi«ciaes, sendo juizes o brigadeiro Antonio de Almeida Lara e o «capitão Thomé de Gouvêa Sá e Queiroga, como consta do «livro 2° de vereanças, a fls. 21, por ter chegado carta do doutor «ouvidor geral de S. Paulo, de 22 de Setembro de 1728, regis«trada no livro a fls. 95, na qual dá concessão ao juiz mais «velho para passar cartas de usanças para o anno de 1729. — «*Ordonhes.*»

(*) Neste logar ha duas palavras devoradas por traças, sendo ambas substituidas pela palavra *segundo*, que exprime mais ou menos o que o annotador queria dizer, estando o resto copiado *ipsis verbis*.

(*N. do C*

lhes o mantimento e como não sabiam a altura em que estavam, falharam e fizeram roças, e no anno seguinte, providos de mantimentos, seguiram a sua rota pelo rio *Acorumbá* acima até a passagem do caminho de S. Paulo para Goyaz (1), a donde deixaram as

(1) A viagem aqui descripta dos mineiros de Cuyabá pelos rios Paraná e Parnahyba para Goyaz tornou-se logo depois muito vulgar e como ella prejudicava o fisco colonial que não tinha barreira nesse caminho veio o bando de 20 de Julho de 1733, do capitão-general conde de Sarzedas, prohibindo o transito por esse caminho e obrigando os viajantes a passarem pelo registro de Jaguary; isto é, os viajantes de Cuyabá para Goyaz deviam vir pelo rio Tieté a S. Paulo e daqui seguir por Jundiahy, Mogy-Mirim e Jaguary, ou subir pelo rio Mogy-Guassú até Mogy-Mirim e dali seguir por Jaguary para Goyaz, o que equivalia a uma volta de 200 legoas e demora de dois mezes na viagem afim de que os viandantes pagassem o imposto de transito na barreira do Jaguary. Vide pag. 51 do vol. XXII do *Archivo do Estado de S. Paulo.*

A estrada antiga de S. Paulo a Goyaz partia desta capital e seguia por Jundiahy, Campinas, Mogy-Mirim, Mogy-Guassú, Matto-Secco, Cascavel e Casa-Branca, acompanhando mais ou menos as direcções que hoje têm as estradas de ferro Ingleza, Paulista e Mogyana. Dahi para Batataes e Franca seguia em linha menos curva do que a estrada de ferro Mogyana e passava por Cajurú, deixando á esquerda S. Simão e Ribeirão Preto.

Da Franca para deante pendia muito para a esquerda e, passando por territorios de Carmo e Santa Rita do Paraizo, ia atravessar o Rio Grande cerca de 15 leguas abaixo do salto do Jaguára. Cortava o triangulo mineiro, não longe de Uberaba, em direcção de norte, atravessava o rio Parnahyba, abaixo de Catalão e, pendendo para noroeste, atravessava o rio Corumbá em busca da capital de Goyaz.

Nos mappas modernos ainda se vê esta antiga estrada tra- até Uberaba tal qual como era em 1730, atravessando o Rio de na Ponte Alta. Com a descoberta de minas de diamantes na

canôas e seguiram o dito caminho no mez de Agosto de 1730. Chegou no anno de 1729 a não haver nesta povoação fazenda alguma de fora, e venderam-se camisas, de alguns lençóes que se desfaziam, a 12 oitavas de ouro; sal nem para baptisar se achava e tudo o mais a este respeito.

Anno de 1730.—Sahiram no mez de Junho deste anno algumas canôas para povoado, a donde iam o dr. Antonio Alves Lanhas Peixoto e bastante gente com 60 arrobas de ouro do povo (1). Navegando estes as aguas do Paraguay lhes sahiu de um sangradouro uma turba de Payaguás, dando um urro tão

---

Bagagem e outros pontos do triangulo mineiro, a estrada mudou de direcção pelas necessidades locaes e hoje atravessa o Rio das Velhas em Santa-Anna, passa em Bagagem, corta o rio Parnahyba em Porto-Real, vae a Catalão, atravessa o rio Corumbá adeante da povoação do Palmital, serve os arraiaes de Santa-Cruz e Bomfim, atravessa as serras que devidem as aguas tributarias do Parnahyba das aguas que correm para o Araguaya e Tocatins, passa por Ouro fino e termina a Goyaz.

(1) Vem aqui a seguinte nota, assignada por Ordonhes:

«Esta monção *sahia* a 25 de Março, como consta de uma «carta que os camaristas escreveram ao general de S. Paulo, «Antonio da Silva Caldeira Pimentel, a 2 de Junho. registrada «no livro 2°, a fls. 3. E na mesma carta accusavam aos reli«giosos existentes nestas minas de perturbadores e negociantes, «pelo que era necessario exterminal-os.—*Ordonhes.*»

Nesta nota está claramente escripta a palavra *sahia* em vez de *sahiu*, o que altera muito o sentido da phrase. Si *sahiu* a 25 de Março, a data mencionada na narrativa está errada; mas si *sahia* ou *devia sahir*, podia não ter sahido nessa data, porém depois, como diz o chronista. Entretanto a differença apesar de grande não prejudica muito a narrativa, que é bem feita e muito commovente.

(N. do C.).

estrondoso que atemorisou os animos de alguns e excitou o valor a outros. Pelejaram fortissimamente de parte a parte e foi tanto o sangue derramado que rubricou as aguas do Paraguay, tornando-as de crystalinas a *anacoradas*. Acabou a vida Lanhas Peixoto em marcial contenda, dando tantas mostras do seu valor que por si só deu muito que fazer aos barbaros, pois tanto obrava Lanhas como toda a mais companhia; defendia-se não só a si como a todos os mais que a elle se encostavam, de tal sorte que sobre elle cahiu toda a barbara furia, pasmada de vêr o que obrava um só homem.

Não menos se reconheceu alli o valor do cabo daquella esquadra, Ignacio Pinto Monteiro, natural de S. Paulo, que a troco de muitas vidas vendeu a sua, e de Miguel Pedroso da Silva, que, perdendo no conflicto piloto e remeiros, lhe rodou a canôa até o barranco do rio, onde estavam alguns dos nossos vendo a tragedia de palanque, e, refazendo-se de piloto e novos alentos, tornou a acommetter os inimigos, com tanta ousadia que fez por entre elles entrada franca, matando uns, tomando lanças á outros, e á outros finalmente emborcando as canôas, até que perdeu a vida e passou ao eterno descanço.

Continha a frota do gentio oitenta canôas com o melhor de quinhentos bugres e pelejaram das nove horas da manhã até as duas da tarde, em que acabaram quatrocentos catholicos, e dos infieis cincoenta (1), escapando dos nossos oito pessoas que por terra

(1) Parecem muitos exaggerados estes numeros e inteiramente fóra de proporção as perdas dos paulistas comparadas as dos indios. Ora, dizem os chronistas que Lanhas Peixoto

se haviam acostado a um reducto. Logo depois que do porto desta villa sahiu esta monção, partiu outro troço de canôas, em que ia por cabo João de Araujo Cabral, em tres canôas com bastante gente, que levava ouro dos quintos de El-Rei, e mais atraz Felippe de Campos Bicudo com sua comitiva em outras tantas canôas.

Chegados uns e outros ao logar da tragedia, viram gente no barranco do rio e, examinando quem eram, acharam os que tinham escapado, de quem souberam o successo como se passou. Incorporados todos, elegeram cabo a João de Araujo Cabral para continuarem a viagem, mas, temerosos de que o gentio adeante os esperasse, falharam e dalli escreveram a este senado e pessoas principaes para lhes mandarem soccorro com que pudessem proseguir na jornada com segurança dos reaes quintos. Respondeu-se-lhes que não havia soccorro e que voltassem com os quintos para em outra occasião se remetterem (1).

trazia 100 homens brancos armados, sem contar os remeiros e alguns indios, e, sendo elle e companheiros Ignacio Pinto Monteiro e Miguel Pedroso tão valentes como aqui se diz, é excessivamente pequena a mortandade de 50 payaguás comparada com a dos 100 brancos e 300 indios catholicos. Entretanto é certo que foi tremenda esta derrota dos paulistas.

(1) A respeito deste incidente diz Diogo Ordonhes, em nota, o seguinte:

«Do modo de dizer deste paragrapho colhem-se o pouco «zelo e cuidado dos camaristas regentes; pelo contrario, se vê «do livro 2º de vereanças, a fls. 58, 59 e 60, que os mesmos «convocaram a nobreza e povo logo no dia seguinte ao em que «receberam a carta do cabo João de Araujo, que foi a 1º de «Julho de 1730, e com uma narração pathetica da desg «acontecida pediam soccorro e eleição de um cabo cont-

Emquanto os portadores vieram e voltaram, ouviam os que estavam fallados para dentro do sangradouro, de onde havia sahido o gentio, que era detraz de uma ilha, umas vozes e brados como de gente humana e seguindo esta voz a ver de quem era e revistar o logar, não acharam gente viva que pudesse bradar, mas sim muitos corpos, uns em terra, outros no pantanal e outros pendurados em forcas, que eram os que escaparam da morte no conflicto e tomados por prisioneiros alli lhes deu o gentio á todos a morte em forcas, á porretadas e atravessados com lanças. Alli acharam caixas quebradas, roupas espalhadas, papeis rasgados e entre tudo isto uma imagem de Santo Antonio, com a cabeça dividida do corpo, a quem attri-

---

«Payaguás, aos quaes por *ora* julgavam em nome de Sua Ma-«gestade por escravos para se poderem comprar e vender quando «se os captivassem na guerra. Todos, em numero de 28 pessoas, «assignaram approvando a resolução e nomearam o capitão-mór «Fernando Dias Falcão para governar a expedição; porém, «fazendo-se nova junta no dia 15 e comparecendo elle e pe-«dindo 4 arrobas de polvora e chumbo e que o acompanhassem «as pessoas que dava em ról, ficou frustrada a resolução por «não haver polvora na terra; e determinaram os regentes es-«crever uma carta ao dito capitão João de Araujo, determi-«nando-lhe que mandasse entregar o ouro da Fazenda Real a «Antonio Fernandes dos Reis para este o trazer para a villa e «assentaram pedir ao general de S. Paulo soccorro de pol-«vora, etc.—*Ordonhes.*»

Nesta nota ha uma palavra devorada por traça na phrase *aos quaes por... em nome de Sua Magestade julgavam por captivos,* a qual foi supprida pela palavra *ora* porque as lettras *o* e *r* podem ser identificadas e o sentido não se altera, desde que os indios podiam ser legalmente captivados *emquanto* du-a guerra movida por elles aos brancos.

(N. do C.).

buiam os brados para que se visse aquelle lastimoso espectaculo. Deram sepultura aos cadaveres e vendo que não tinham soccorro, voltaram uns para traz e outros seguiram viagem por terra, em que morreram quasi todos a fome, chegando alguns a Camapuan com vida levando ás costas o ouro de El-Rei, aonde o puzeram a salvo. Tudo isto consta de uma carta de João de Araujo Cabral, que se acha registrada no livro 2.º de Registros deste senado, a fls. 6, e da devassa que do caso tirou o dr. José de Burgos Villa-Lobos, que se acha no cartorio da ouvidoria desta comarca (1).

No fim deste anno chegou uma grandiosa monção de povoado, com muita gente e fazendas, e nella o dr. José de Burgos Villa-Lobos por ouvidor geral; sua carta acha-se registrada no livro 2.º de Registros deste senado á fls. 18 até fls. 21.

Entrou a fazer justiça com força e a pôr em arrecadação as fazendas dos defuntos e ausentes; deu principio logo que chegou á obra da cadeia e casa da camara que hoje existe e logo depois ás casas que para si fez e são hoje as da aposentadoria dos ministros.

---

(1) «Dessa carta nada consta, pois ella se refere a outra «que nessa occasião remettia e que não está registrada. O caso «e grande destruição são incontestaveis e constam de outros «muitos documentos; mas, as vozes attribuidas á cabeça de «Santo Antonio eram effeito da credulidade. O dizer-se que «levaram o ouro dos quintos por terra não consta, nem é pro«vavel, visto que depois daquella catastrophe se incorporaram com «João de Araujo Cabral mais de 80 canôas com bastante gente, «com as quaes seguiram viagem, e assim dizem os camaristas «em carta que escreveram ao general de S. Paulo a 14 de No«vembro de 1730.—*Ordonhes.*»

Anno de 1731.—Sahindo em principio deste anno algumas pessoas a fazer pescarias, como nos demais costumavam, arranchando-se na barra do Rio dos Porrudos, a donde fizeram suas rancharias, ahi foram assaltadas do gentio payaguá, escapando parte dellas, foram prisioneiros João Martins Claro, paulista, Manoel Furtado, do Rio de Janeiro, Manoel Francisco e Domingos, que lhe não soube a alcunha, européos, Ignacio Pareci Ladino e mais dez ou doze parecis, que não lhes soube os nomes.

Levou o gentio estes homens comsigo para os seus alojamentos rio Paraguay abaixo, a donde padeceram um rigoroso captiveiro, de onde fugiram, passados oito mezes, João Martins e Manoel Furtado, ficando lá os mais pelo não poderem acompanhar; caminharam por terra nús, com os corpos ao rigor do tempo, sem instrumento algum de ferro, comendo fructas, côcos, raizes de páus e gafanhotos, seguindo a beira dos pantanaes pela parte d'além do Paraguay. Foram seguidos do gentio, de que escaparam milagrosamente por tres vezes; no fim de seis mezes acharam um machado de pedra, que lhes serviu de muito, para o mister de procurarem o sustento, e com que fabricaram uma canoinha em que navegaram outros seis mezes até chegarem á barra do rio Cuyabá, adonde encontraram a frota que ia invadir o payaguá, capitaneada pelo brigadeiro Antonio de Almeida Lara, que os recolheu e levou comsigo para guias e praticos daquelles lugares.

Do captiveiro destes pobres homens e fuga que fizeram, escreveu Manoel Furtado, um delles, com muita miudeza um grande volume, ainda que em me-
lo muito tosco, digno de muita attenção, por se
nelle as miserias e trabalhos que chegaram os ho-

arco e frechas e laços de corda, e ao mesmo tempo sahiu do rio abaixo uma escolta de canôas de payaguás, saltaram em terra e, unidos com os cavalleiros, entraram a florear e a desafiar os portuguezes.

Disparou-se-lhes a peça com bala miuda que matou muitos de uma e outra nação, deixando-os tão atemorisados que os payaguás, acolhidos ás suas canôas, rodaram para baixo e os cavalleiros puzeram-se de muito longe a observar nossos movimentos. Rodou a frota rio abaixo e no outro dia viram uns cavalleiros perto do rio; lançou-se para elles um valoroso mancebo, chamado Alexandre Corrêa, dizendo que os ia buscar, embicou a frota, chegou o Alexandre com dous trazidos amigavelmente, ahi os prendaram com facas, machados e roupas, e mandaram que fossem chamar os parentes.

No outro dia chegou um cacique com sete homens e outras tantas mulheres; mandou o brigadeiro fazer uma tranqueira de páus estacados e vestindo o cacique de camisa e um vestido encarnado, meias e sapatos, um terçado á cinta, mandou que fosse buscar a sua gente. Foi o cacique e voltou com alguns, entrararam na tranqueira e ahi prendeu o brigadeiro uns poucos, que trouxe comsigo, e a outros mandou cortar as orelhas, dizendo-lhes que fossem mostrar aos payaguás, seus amigos.

Descendo Paraguay abaixo, passada a bocaina, onde com um fecho de morros se estreita o rio, sahiu-lhes em uma manhã o payaguá, com grande chusma de canôas, que se lhe não soube o numero, a despicar-se com os portuguezes, meneando as lanças com suas algazarras; dispararam-se-lhes da armada as duas peças de artilharia a um tempo com bala miuda, q

fez amainar a furia e rodar para baixo, deixando sobre as aguas muitos mortos e feridos, e canôas largadas por serem mortos os donos. Seguiu-os a armada portugueza até as aldêas de Tavatinga, gentes catholicas da provincia de Assumpção, situadas a quem do Paraguay; ahi tomaram fala de dous indios naturaes, que falavam a lingua geral brazilica, de quem souberam que nas suas aldêas e nas dos *Saraquazes*, tambem catholicos, se tinham os payaguás acoitado, de quem acharam ainda os portuguezes algumas canôas, que lhes quebraram (1).

Entraram em consultas do que no caso se obraria; eram todos de parecer que se procurassem os payaguás dentro das ditas aldêas até lhes dar fim; impugnou o brigadeiro a resolução commum, dizendo que

(1) Os payaguás não tinham residencia fixa, nem tinham limites certos as regiões infestadas por elles. Em geral póde-se concluir destas narrativas que elles não eram inteiramente selvagens, que tinham noções do catholicismo por catechese dos missionarios jesuitas do Paraguay e se faziam piratas dos rios com conhecimento dos mesmos missionarios, que dividiam com com elles os lucros das depredações que commettiam e ainda se vingavam dos paulistas pelos males que tinham soffrido no Goayrá em 1629—32, em Matto-Grosso nos annos de 1648 e 1660, por occasião das passagens de Antonio Raposo e Luiz Pedroso de Barros para o Perú, e no proprio Paraguay em varios tempos por occasião das invasões que fizeram os paulistas Pedroso Xavier e Campos Bicudo. Demais elles podiam ser considerados como hespanhóes quando os paulistas pertenciam a Portugal — duas nacionalidades sempre em guerra aberta.

Neste anno de 1731 foram recolhidos os ossos dos que pereceram na expedição Lanhas Peixoto no anno anterior e se-
-s na egreja Matriz de Cuyabá.

(N. do C.).

accommettendo-se aquellas aldêas com estrepito de guerra, houveram-se os naturaes pôr em defeza forçosamente e que já então não era guerra feita aos payaguás, mas aos paizanos e que a gente catholica se não podia fazer guerra sem expressa ordem de Sua Magestade. Nisto disputaram dois ou tres dias, constante a soldadesca em que se destruissem Tavatingas, Saraquazes e payaguás, não convindo o brigadeiro em tal facto, voltaram para cima dando a funcção por acabada.

Consta tudo isto de uma carta que escreveu o senado da camara ao general Antonio da Silva Caldeira, registrada no livro 2.º dos Registros, á fls. 49, e da resposta della, á fls. 97, livro 2.º, e de uma relação que escreveu Manoel Furtado, de quem atraz falei, que, sendo captivo dos payaguás, de lá fugiu e topou com esta armada na barra do Cuyabá, que o recolheu e levou por pratico e tudo escreveu miudamente.

Continuando-se neste anno a conquista do gentio Pareci, donde eram trazidos muitos individuos desta nação que como escravos se vendiam, chegaram a esta villa, vindos do dito sertão, o licenceado Fernando Paes de Barros, seu irmão Arthur Paes e seus sobrinhos João Martins Claro e José Pinheiro (1), todos naturaes de Sorocaba, e apresentaram um cruzado de ouro de amostra das minas de Matto Grosso, lavado com um prato de estanho, no logar onde se acha a capella de Santa Anna.

---

(1) Fernando e Arthur Paes de Barros pertenciam á alta fidalguia paulista, eram sertanejos notaveis e foram os fundadores de Villa Bella, sobre a margem do rio Guaporé. Pa- haver aqui confusão ou duplicata do nome de João Ma-

Com esta noticia botou-se logo o sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu (1) com os ditos descobridores a examinar o descoberto, que com effeito examinou, e voltou com quatro oitavas de ouro que no mesmo logar tirou, e affirmou serem minas permanentes pelas disposições que viu e observou, com o que se alvoroçou o povo, querendo logo ir muitos a situar-se no logar, que o não fizeram por não ser já tempo de se lançarem roças.

Anno de 1732:—Chegou monção de povoado com bom successo; expediu-se desta villa outra e nella seguiu viagem o vigario, padre Antonio Dutra de Quadros, antes de findar o seu triennio, nem lhe vir successor, deixando em seu logar o padre André dos Santos Queiroz, por grandes duvidas e disputas que teve com o ouvidor, dr. José de Burgos Villa-Lobos, tanto que chegaram a descomposturas verbaes.

Anno de 1733:—Partiu em principio deste anno o sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu com os descobridores das minas de Matto Grosso e outras muitas pessoas a lançarem roças nos ditos descobrimentos.

Vindo neste anno monção de povoado, que constava de cincoenta canôas, capitaneadas por José Cardoso Pimentel, natural da villa de Itú, navegando o pantanal perto do reducto do *Carandá*, sahiu-lhe uma *tumulta* de payaguás, investindo as canôas da monção foram-n'as rendendo sem resistencia alguma,

---

Claro, que acima apparece como estando seis mezes preso pelos payaguás e gastando outros seis mezes na fugida do poder dos indios, tudo neste mesmo anno de 1731.

(1) Este nome apparece de modo saliente na historia dos assinatos dos irmãos João e Lourenço Leme da Silva, por em de Rodrigo Cesar de Menezes, em 1723, como se poderá o fim do vol. XII do *Archivo do Estado de S. Paulo.*

e só resistiu o Pimentel, auxiliado por Maria Mulata, natural do Alentejo; fizeram estes dous tão ardua empreza ou resistencia, que pelejaram por espaço de duas horas contra todo o tumulto do gentio, que sobre elle cahiu. Morto Pimentel, exgottado em sangue, ficou ainda a forte matrona por espaço de uma hora pelejando contra toda a *brutina* furia, tirando-lhes as lanças das mãos e com ellas ferindo-os e matando-os, até que exgottada em sangue passou desta á eterna vida.

Achou-se no mesmo conflicto um negro por nome Sebastião, de nação Benguella, corpulento e esforçado; pelejou este primeiro da sua canôa com um varejão, cada bordoda que com elle dava era um inimigo morto com a cabeça ou espinhaço quebrado, e vendo que da canôa não esgrimia a seu gosto saltou para o campo, que estava em tijucal, onde deu que fazer a toda a turba que sobre elle cahiu para o prender e não o matar, querendo-o amarrar, saccaram-lhe o varejão das mãos; avançou-se a braços, a um arrancou a lingua pela guela, a outro torceu o pescoço, que lhe poz a cara para as costas, até que o deitaram e levaram vivo com toda a mais companhia, sem que escapassem mais do que quatro pessoas, dous brancos e dous pretos, que por terra, atravessando os pantanaes, trouxeram a noticia do que viram e presencearam, que tudo depuzeram fielmente.

Chegaram no fim deste anno de Matto Grosso o sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu e outros, deixando roças plantadas, apregoando grandezas das minas, com bastante ouro que trouxeram, tirado algum já na chapada de S. Francisco Xavier, o que causou grande alvoroço no povo.

Anno de 1734:—Chegou a monção de povoa nella o tenente-general Manoel Rodrigues de Carva

por commandante da gente de guerra, para invadir os payaguás por ordem de Sua Magestade, enviada ao governador da cidade de S. Paulo, que era então Antonio Luiz de Tavora (1). Trouxe comsigo 400 homens de guerra; tudo o que era branco, por pobre que fosse, trazia patente passada pelo general, uns de mestres de campo, sargentos-móres, capitães, coroneis, furrieis, alferes, tenentes, ajudantes, sargentos, cabos de esquadra, e estas patentes mandavam-se-lhes entregar antes de embarcar em Araraytaguaba, e logo lhes faziam ahi pagar o custo dellas, umas a dez moedas, outras a oito, e as mais conforme a dignidade do cargo, que na patente se declarava; e com isto davam os pobres homens o dinheiro que tinham para seus aviamentos e vieram á Divina Providencia, e esta foi a ajuda de custo que se lhes deu, mandando Sua Magestade fazer a guerra á custa da sua Fazenda,

Quizeram nesta chegada algumas pessoas fazer viagem para Matto Grosso a colher as roças que la haviam deixado feitas no anno antecedente; publicou-se Bando para que nenhuma pessoa sahisse do termo da villa para parte alguma antes de sahir a armada, debaixo de grandes penas. Com isto não sahiram os que queriam ir para Matto Grosso, mas sempre se occultaram muitos, e alguns dos bons, por estes arrebaldes onde estiveram reclusos até sahir a expedição.

Preparou-se nesta villa a leva para a dita guerra, tudo á custa do povo, sem que se visse gasto algum

---

(1) Conde de Sarzedas, governador de 1732 a 1737. Falleceu no sertão em viagem para as minas de Goyaz. Desta expedição dirigida por Manoel Rodrigues de Carvalho encontrará o leitor alguma noticia no Annexo *F* do vol. XIII do *Archivo do Estado* [illegible]*aulo.*

(N. do C.).

da Real Fazenda, mandando El-Rei fazel-a a sua custa, e sómente meia arroba de polvora mandou dar o senado da camara pelas suas rendas.

Despenderam liberalmente de suas fazendas o brigadeiro Antonio de Almeida Lara, Antonio Pinto da Fonseca, Balthazar de Sampaio Couto, Salvador de Espinha Silva, Antonio de Pinho Azevedo, Antonio Antunes Maciel, Antonio Pires de Campos e seu irmão Pedro Vaz de Campos, Pedro Vaz de Barros, Antonio de Moraes Navarro, Gabriel Antunes de Campos, João Machado de Lima, Philippe Antunes Maciel, irmão de Antonio Antunes Maciel, Manoel Dias Penteado e Pedro Taques de Almeida (1). Todos estes prepararam canôas com armas, mantimentos e mais petrechos necessarios, embarcando cada um comsigo os soldados que por repartição lhes couberam, e é o como se fez a guerra.

Sahiu a armada do porto desta villa no 1.º de Agosto composta de vinte e oito canôas de guerra, oitenta de bagagens e tres balsas que eram casas portateis, armadas sobre canôas, 842 homens entre brancos, pretos e indios. Tudo o que era branco levava cargo militar e só se diziam soldados os prêtos, indios e mestiços. Foram por capellões o padre Fr. Pacifico dos Anjos, religioso franciscano, e o padre Manoel de Campos Bicudo, do habito de S. Pedro, com todos os paramentos para dizerem missa, que as diziam dentro nas balsas.

---

(1) Deve ser parente do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, que governou a capitania de S. Paulo de 1684 a 1687 e falleceu em 1724. O padre Manoel de Campos Bicudo, de que abaixo se fala, era irmão do coronel Antonio Pires de Campos e de Pedro Vaz de Campos.

(N. do C.).

Rodaram Cuyabá abaixo e Paraguay por espaço de um mez, com todo o vagar, sem verem novidade alguma, divertidos em caçar cervos e pescar peixes; antes de chegar á bocaina viram ao cerrar da noite fogos ao longe; rodaram mansamente sem fazer estrondo; antes da meia noite chegaram aos fogos, que estavam em um terreno limpo da parte da esquerda, onde estavam pousados alguns bugres payaguás, dormindo com os fogos accesos e as canôas embicadas, e eram os que andavam na espia da nossa armada, que já sabiam que la ia por revelação dos seus feiticeiros.

Embicaram as canôas de guerra, dispararam alguns tiros de mosquetes para os alvoroçar, levantaram-se aturdidos, deu-se-lhes uma carga cerrada, em que morreram quarenta e escaparam quatro fugitivos pelos mattos que se não seguiram, tomou-se um vivo ás mãos, que falava castelhano mal limado, e pouco se entendia, dizendo que era hespanhol e catholico e que o não matassem; não lhe valeu o pretexto, fizeram-n'o em picados e as canôas em pedaços.

Seguiram rio-abaixo quatro dias e quatro noites sem pousar; seria meia noite do ultimo dia quando viram fogos ao longe, por uma bahia dentro da parte esquerda, encaminharam a elles remando sem estrondo, ao romper da alva, abeiraram o arraial do gentio, que estava em um campestre de terra alta, a beira da agua; toca um negro a trombeta sem ser mandado, alvoroça-se o gentio, embarcaram-se os guerreiros em suas canôas a pelejar com a nossa armada e uma grande chusma com as suas algazarras costumadas.

Disparou-se-lhes das canôas dianteiras, que iam madas em duas alas, uma carga de duzentos e tan- mosquetes e de uma peça de campanha com balla

miuda, que fez nelles grande estrago, ficando muitos mortos sobre as aguas, e os que escaparam acolheram-se á terra.

Emquanto isto se passava escaparam dez canôas cheias de gente, dos que ficaram no arraial, homens, mulheres e crianças, cosidas com a terra, seis por um lado e quatro por outro, cobertas com o fumo da mosquetaria que tudo cobriu. Os mais metteram-se pela terra dentro, que era campestre com capões de matto carrasquenho. Embicaram as canôas de guerra, disparando sempre mosquetaria que matou ainda muitos no arraial. Levando-se tambem alguns á espada, d'entre estas bradou uma mulher dizendo que era Josepha Maria, hespanhola, e que a não matassem; acudiu-lhe o tenente-general a ver se a podia livrar, e não poude que o tumulto dos soldados tudo foi levando á espada e á chumbo com um estrepito tal que nada se ouvia. Lançou-se logo a soldadesca atraz dos fugitivos pelos campestres e cerrados a fazer presas, que logo as apresentaram ao commandante no arraial, no que se occuparam até o meio dia.

Recolhidos ao arraial, contaram-se 266 prisioneiros e 600 mortos por terra e nas aguas da bahia, onde não havia correnteza; ficaram muitos pelo matto dentro espalhados, que os soldados os não quizeram seguir, suspendendo a furia por saberem que as presas se apresentavam ao commandante no arraial, que este logo as ia repartindo com os cabos e pessoas principaes e que elles nada tinham naquella empresa; disseram uns para os outros: — *venham elles apanhal-os se os quizerem,* não fazendo mais diligencia alguma.

Morreram dos nossos dois negros e um mul mortos pelas nossas mesmas armas ao embicar no

raial pela confusão e baralhada que ahi fizeram, qual primeiro saltaria em terra. Embarcaram-se a fazer pouso fora dalli por estar o logar infeccionado com os cadaveres e as aguas com o sangue que delles corria.

A outro dia fez-se consulta se se houvéra de seguir o gentio fugitivo, até lhe dar fim, ou dar a funcção por acabada; foi a maior parte dos votos que se seguisse. Não quiz o commandante Manoel Rodrigues de Carvalho fazel-o com o pretexto de não chegar á povoações de castelhanos, para o que não havia ordem de Sua Magestade, e as que trazia do general eram para procurar os payaguás nos seus districtos, e falando-se em procurar os que ficaram dispersos pelos mattos affirmaram os soldados que nenhum ficára, confessando elles fóra da consulta que ficaram muitos, sentidos de que os prisioneiros estivessem com donos e elles com o trabalho, dizendo: *venham elles procurar se os quizerem*; com isto voltaram, dando a empreza por finda e acabada.

Neste mesmo anno, depois de sahir a armada, partiu o sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu com outros a abrir caminho para os descobertos de Matto Grosso. Chegados, fizeram rancharia no sitio que é hoje a capella de *Santa Anna*; colheram as roças aquelles que as tinham lá deixado, entraram a minerar, de onde logo appareceu ouro nesta villa em abundancia.

Anno de 1734:—Com a chegada dos que foram ao payaguá e noticias dos ouros que sahiam de Matto Grosso, determinaram muitos fazer para lá viagem, o que impediu o brigadeiro Antonio de Almeida Lara m o pretexto de que ia repartir as terras, e com ef-

feito aviou-se e partiu dahi a dous mezes e com elle muita gente que o seguiu.

Chegou neste anno o padre João Caetano Leite Cesar de Azevedo por vigario da vara e encommendado pelo sr. dr. Fr. Antonio de Guadalupe, bispo do Rio de Janeiro; veio em canôas suas proprias, sem monção, rendeu na vigararia ao padre André dos Santos Queiroz; deixou este a egreja, fez viagem para Matto Grosso com bastante gente que o acompanhou; chegado levantou a capella de Santa Anna e nella disse missa, fazendo as vezes de capellão.

Chegou no fim deste anno grande monção de cento e tantas canôas, com muitas fazendas e gentes.

Veiu nella o dr. João Gonçalves Pereira por ouvidor; tomou posse em 29 de Dezembro, como consta do livro 5.º das vereanças do senado da camara, á fls 5. Publicou-se o decreto de El-Rei, em que mandou se extinguissem as casas da fundição e se pagassem os quintos do ouro a quatro oitavas e tres quartos por cada pessoa, por cada escravo, forros e brancos, que trabalhasse em qualquer officio, os mercadores e vendeiros conforme o cabedal que nomeassem, ao que acompanhou para a dita arrecadação o regimento feito por Mathias de Mendonça, dictado pelo commum inimigo do genero humano. Começou logo o mesmo ouvidor a fazer a dita arrecadação com officiaes providos pelo general Antonio Luiz de Tavora, e na falta destes com os que o mesmo ouvidor, como intendente do dito tribunal, provia.

Anno de 1736:—Vindo monção de povoado neste anno, capitaneada por Pedro de Moraes Siqueira, foi acommettida do payaguá sobre as aguas do pantanal do Carandá no dia 19 de Março, ateou-se a pele, parte a parte, havendo-se o Moraes como valente

pitão, auxiliado do padre Fr. Antonio Nascentes, religioso franciscano, a quem chamavam por alcunha *O Tigre:* defenderam-se estes por largo espaço de tempo, dando morte a muitos inimigos, até que renderam ambos as vidas a troco de muitas que tiraram. Esparsas as canôas pelo pantanal, senhoreou-se o gentio da maior parte dellas, com as gentes que as occupavam, tanto brancos como pretos (1).

Juntos em um corpo Lourenço Soares de Brito, Francisco Xavier de Mattos e seu filho Theodosio de Mattos, incorporados em cinco canôas, com camaradas e negros, que andaram ajuntando, deram sobre o gentio com tanto furor que mataram muitos e remiram as canôas e gentes já prisioneiras, e só levaram os barbaros duas, postos em fuga e destroçados.

Sobre todos estes merece memoria, com especial narração, Manoel Rodrigues do Prado, mulato fusco, natural da villa de Pindamonhangaba, da capitania de S. Paulo, a quem chamavam por alcunha *Mandú-assú*. Vinha este piloteando uma canôa, com sua mulher, tambem mulata, junto a si; cercou-os o gentio, entrou aos tiros com elles, carregando-lhe a mulher as armas e elle a fazer pontarias certas, que não errava uma, com tanto valor, esforço e presteza, sem largar o remo

---

(1) Pedro de Moraes de Siqueira foi irmão do famoso sertanejo Bartholomeu Bueno da Siqueira, de importante familia de Taubaté.

Diz Azevedo Marques que alguns annos depois os seus ossos foram recolhidos e sepultados no convento de S. Luiz, de Ytú. O mesmo Azevedo Marques, nos seus *Apontamentos Historicos da Provincia de S. Paulo*, dá erradamente este combate — os payaguás como tendo dito logar em Março de 1737.

(N. do C.).

das mãos, dando risadas e acenando aos infieis que chegassem, que os atemorisou e fez retirar, postos em fuga, e ainda mandou remar a canôa sobre elles, matando muitos. Era mulato fusco, corpulento, extremado em forças e valor; foi nesta comarca capitão do matto muitos annos, e matou-o um vil soldado que nada valia, nem nome tinha. Jaz sepultado na capella de Nossa Senhora do Rosario a par de sua mulher, que já era fallecida, junto á porta principal.

Neste mesmo anno sahiu desta villa Antonio de Pinho Azevedo com bastante gente a abrir caminho para Goyaz, fomentado do ouvidor, dr. João Gonçalves Pereira, a quem se deve esta obra, com promessas de grandes honras e mercês em nome Sua Magestade, que nunca se lhes viu o effeito e só lhe suppriu o dito ouvidor os gastos que fez de sua fazenda com certa quantia de oitavas de ouro, que tirou pelo povo, e todos concorreram com ampla vontade.

Anno de 1737 :—Chegou monção de povoado no mez de Março e ao mesmo tempo sahiu outra desta villa para Matto Grosso. Veiu provido o dr. João Pereira de Aranda, clerigo do habito de S. Pedro, pelo sr. D. Fr. Antonio de Guadalupe, bispo do Rio de Janeiro, para capellão dos descobrimentos do Matto Grosso emquanto não havia certeza de permanencia e estabilidade da povoação para se erigir em freguezia separada. Não quiz o padre João Caetano Leite Cesar de Azevedo, vigario desta villa, cumprir-lhe a provisão por ter já provido o padre Manoel Antunes de Araujo na dita capellania, que logo fez para lá viagem, e ficou o dr. Aranda bramando e lançando raios e coriscos contra o vigario da vara.

Chegaram no mez de Setembro os que tinham ido abrir caminho para Goyaz, com cavallarias e gados que foram os primeiros que nesta povoação entraram (1), vindo logo muitas gentes daquellas conquistas para estas de morada, com a fama das minas de Matto Grosso que os mesmos caminheiros noticiaram. No mesmo mez falleceu o dr. José de Burgos Villa-Lobos, ouvidor que havia sido desta comarca.

No mesmo mez partiu monção desta villa para Matto Grosso de setenta e tantas canôas e melhor de 1.500 pessoas, capitaneadas pelo doutor ouvidor João Gonçalves Pereira, e para povoado outra de oito canôas capitaneadas pelo tenente-general Manoel Rodrigues de Carvalho, com 120 pessoas e 80 arrobas de ouro, vindo todo das minas de Matto Grosso. Partiram ambas as conservas juntas e apartaram no rio dos Porrudos, defronte da barra do Xanés.

Despovou-se nesta occasião esta povoação do Cuyabá, ficando sitios, casas e lavras, tudo deserto; sómente ficaram na villa sete brancos, entre seculares e clerigos, e alguns carijós; gente preta só algum pagem que servia a seu senhor. Chegaram-se a vender

---

(6) Os indios guaycurús, estabelecidos no sul de Matto-Grosso e catechizados pelos jesuitas hespanhóes nos annos anteriores a 1650, possuiam muitos animaes, cavallares, bovinos, lanigeros, etc., e depois da destruição das suas reducções pelos paulistas em viagem para o Perú voltaram á vida selvagem, conservando comtudo a criação dos animaes que antes possuiam. Eram chamados *Indios Cavalleiros* por este motivo. Entretanto, em 1737, quasi vinte depois da descoberta de ouro em Cuyabá, ainda os mineiros dali não possuiam cavallos e nem bovino!

(N. do C.).

negros a 500 oitavas de ouro (1). Entrou esta *tumulta* no Matto Grosso a ajudar aos que lá estavam a cortir as malignas, maleitas e sezões, acompanhadas da falta de sustento, que só milho havia na povoação e mais nada. Viam-se levar a enterrar todos os dias sete, oito e as vezes mais pessoas, e não havia quem lhe désse sepultura porque todos gemiam a um tempo.

Anno de 1738:—Chegou de povoado grandiosa monção e nella o dr. Manoel Rodrigues Torres por intendente da arrecadação dos quintos do ouro e provedor da Real Fazenda, dando grande estrondo nessa villa e em Matto Grosso pelos excessos com que arrecadava a Real Fazenda e violencias que com este pretexto fazia, mandando alistar quantos carijós havia em uma e outra povoação, com declaração dos nomes, patrias e idades, tirando-os do poder dos administradores e dando-os a outros, amotinando os moradores para lhe fazerem guarda na porta, sem que houvesse na terra gente paga, e outras taes violencias com que se fez logo malquisto do povo em forma que delle formou queixas ao governador de S. Paulo, D. Luiz Mascarenhas (2).

---

(1) Deve o leitor ter em vista que uma oitava de ouro valia 1$500 réis fortes ou 3$000 em ouro brazileiro de hoje. Quinhentos oitavas de ouro daquelle tempo deviam valer hoje pelo menos trinta contos de réis!

(2) D. Luiz Mascarenhas veio governar S. Paulo em 1739 depois da morte do conde de Sarzedas e de dois annos de governo interino de Gomes Freire de Andrade. Foi homem energico, esteve annos em Goyaz, teve questões com o governador de Minas-Geraes por causa dos limites com S. Paulo e foi removido em 1748 para o governo da India, sendo então elevados a capitanias independentes os territorios de Goyaz e de Matto-Grosso e supprimida a capitania de S. Paulo.

(N. do C

Anno de 1739:—Chegou em Junho o ouvidor de Matto Grosso, deixando lá justiças e officiaes dellas para o regimen da terra.

Chegou monção de povoado no mez de Novembro e nella ordem do general ao ouvidor para que tomasse contas ao intendente da Fazenda Real que administrava, e achando nella falta o prendesse e lhe désse conta.

Em uma noite fez o dito ouvidor convocar os juizes ordinarios, camaristas, almotacés, escrivães e alcaide, mandando bater as portas das pessoas do povo para que se achassem todos em sua casa com as armas nas mãos, sem que alguem soubesse o para que aquillo era. Alvoroçou-se o povo attonito, confuso e atemorisado, perguntando uns aos outros o que aquillo era; diziam uns que estavamos cercados de castelhanos, outros que era invasão do gentio, outros que era levante de negros, e ninguem sabia o que dizia, pasmos e aturdidos com o escuro da noite e susto da novidade.

Acudiram os que puderam com as armas que tinham e ao romper da alva mandou o ouvidor cercar a casa do intendente; divulgou-se que era para dar balanço á Real Fazenda por queixas e más informações que delle haviam ido ao general; tornaram-se o susto e pavôr em risadas, vendo-se tanto excesso em cousa que se podia fazer sem que o povo o soubesse e sómente com o juizes ordinarios e escrivães, por não ter o intendente em sua casa mais do que dois escravos, que o serviam, e um clerigo, o padre Amaro Barbosa, que com elle morava. *Parturiunt montes, nascetur ridiculus mus.*

Deu-se o balanço á Real Fazenda e achou-se falta de meia arroba de ouro; acudiu logo com ella o vi-
padre João Caetano Leite Cesar de Azevedo,
ie se repuzesse a falta e se não divulgasse; não

quiz o ouvidor admittir a reposição, prendeu o intendente e todos os seus officiaes, metteu-os na enxovia, confiscou-lhes os bens, consumiu-os, acabou-os, não lhe admittiu requerimento, processo, nem razão alguma, e menos fiança á pessoa que pretendeu dal-a e fez-lhe todo o mal que poude.

Neste anno incitou o vigario, padre João Caetano, ao povo que contribuisse cada um com o que pudesse para se fazer nova egreja Matriz, por ser a que havia muito pequena, feita de páu a pique e coberta de palha, que á sua custa havia feito Jacintho Barbosa Lopes no principio da povoação, que já não condizia com o augmento da villa. Conseguiu o intento e levantou uma formosa capella-mór, que lhe ficava dentro a antiga, feitas as paredes de taipa socada; depois de emmadeirada e posta telha em cima, abriram as paredes e veiu abaixo, dando logar a que se lhe tirasse a telha e a madeira.

Anno de 1740: — Incitou segunda vez o padre João Caetano ao povo para que contribuisse com doze vintens de ouro por cada pessoa de confissão para a factura da egreja, declarando que tudo o que faltasse para a sua integridade, elle se obrigava a fazer de sua fazenda. Conseguiu o intento, contribuindo todos, sendo grande operario e zelador da obra o padre doutor José Pereira de Aranda desde o principio até que se lhe deu fim, que é a egreja que ao presente se acha nesta villa, excepto as capelas de Nossa Senhora do Bom Despacho e do Rosario.

Vindo neste anno monção de povoado, foi acommettida no mez de Janeiro do gentio pajaguá, que levou quatro canôas carregadas de fazendas e escravatura. Houve-se como valente soldado Jeronimo G

çalves Meira (1), valoroso ytuano, que depois de pelejar com o gentio e ter morto muitos em sua defesa, perdendo remeiros que comsigo trazia e mais companheiros, que o haviam ajudado na peleja, ajuntou remeiros e novos companheiros das mais canôas que estavam encostadas ao barranco do rio, revestido de novos alentos e mettido em uma canôa ligeira, deu sobre o gentio, remiu as canôas já captivas, matou parte delles e pôz o resto em fuga, tomando-lhes lanças, arcos e frechas que trouxe a esta villa em signal de sua victoria.

Chegaram noticias neste anno a esta villa, pelos *Bororós* do rio acima e por alguns homens brancos, que nas cabeceiras do Cuyabá estavam padres da Companhia castelhanos aldeando o gentio *Guaraporé*, com casas e bemfeitorias já fabricadas. Convocou no mez de Fevereiro o ouvidor uma junta de todo o povo para se determinar sobre o caso da nova fundação, como tambem sobre o remedio que se daría ás invasões do payaguá. Determinou se que emquanto á nova fundação rio acima se mandassem catechizar os gentios de novo aldêados e puxal-os para cá pelos bororós domesticos, dando-lhes para isso algumas prendas para melhor os obrigar.

Emquanto ao payaguás assentou-se que se mandasse um cabo capaz a presentear e fazer amizades com o gentio Aycurú para, por meio delles, destruirem-se os payaguás; como tambem que se mandassem

(1) Pertencia a illustre familia *Chassim*. Casado em Ytú, mudou-se para Cuyabá e não mais voltou a S. Paulo; lá faleceu annos depois sem descendencia.

(N. do C.)

homens praticos a investigar as povoações de castelhanos mais vizinhos para com elles tratar amizades e fazer que não dessem armas aos payaguás para nos fazerem guerra a troco das fazendas que nos roubaram como se dizia.

Por estas determinações foram-se logo recolhendo os guaraparés do rio acima, induzidos e convidados pelos bororós domesticos destes nossos districtos, que nenhum lá ficou, retirando-se consequentemente os missionarios que os congregavam e que ahi mais não tornaram (1).

Para a averiguação das povoações de castelhanos elegeu-se a Antonio Pinheiro de Faria com expensas do senado da camara, do ouvidor e de muitas pessoas do povo, que concorreram com ouro e fazendas, mais interessados em estabelecer negocio com os castelhanos, que era o projecto da empresa, do que impedir que dessem favor aos payaguás.

Partiu Antonio Pinheiro desta villa no mez de Abril com tres homens brancos, Manoel Dias de Castro, José Gonçalves e Bernardo Tavares, e doze indios parecis; passou os rios Paraguay e Jaurú no logar denominado *Pitas*, adonde acharam estrada aberta dos mis-

(1) O chronista não explica como foi que esses missionarios puderam ir catechizar indios em região brazileira acima do Cuyabá sem que fossem percebidos pelos habitantes da villa no caso de terem vindo do Paraguay, e pelos habitantes de Villa Bella de Matto-Grosso e dos viajantes para lá no caso de terem vindo da Bolivia. Parece que o rio de que aqui se fala não póde ser o rio Cuyabá, mas o proprio rio Paraguay que podia ser subido até a cabeceira sem a gente da villa perceber.

(N. do C

sionarios que dantes costumavam passar para cá, para nossa banda, a reduzir os gentios destes nossos districtos (1). Chegaram a uma aldeia de indios catholicos, intitulada *S. Rafael*, onde residiam tres padres missionarios da companhia de Jesus, de quem foram os portuguezes recebidos com grandes applausos, sahindo a recebel-os debaixo de um pallio e cantando-lhes a Magnifica.

Entregaram-lhes as cartas do ouvidor e de outras pessoas particulares e os presentes que levavam, sendo o de mais apreço um rico ornamento e paramentos de altar. Fizeram de tudo muita estimação, correspondendo-lhes com offertas de vaccas, cavallos e outras cousas de menos preço. Propuzeram-lhes as queixas que os portuguezes tinham dos castelhanos da provincia do Paraguay em fazerem negociação com os payaguás, dando-lhes armas para nos fazerem guerra a troco das fazendas que nos roubavam, cousa tão extranhada entre catholicos e que suas reverencias podiam obviar como missionarios apostolicos, pregando contra os cumplices e incitando aos governadores e ministros que os castigassem como catholicos.

---

(1) Estas declarações são importantes e esclarecem de algum modo como foi que missionarios hespanhóes vieram á Cuyabá. O caminho mencionado devia ser antigo e ter sido aberto para pôr em communicação as reducções da provincia de Chiquitos com as do sul de Matto-Grosso pelos annos de 1600. Por esse caminho deviam os paulistas de Antonio Raposo e de Luiz Pedroso ter seguido para a Bolivia e Perú em 1648 e 1660. S. Rafael, Santa Anna, Santo Ignacio, S. Miguel, etc., eram aldeamentos de indios já em territorio boliviano, ao sul á Bella de Matto-Grosso.

(N. do C.).

Ao que responderam os missionarios que elles nessa parte não podiam obrar cousa alguma, porquanto, tendo os payaguás feito alguns insultos de mortes e roubos pelos suburbios da cidade de Assumpção nos annos antecedentes, os mandára castigar D. Carlos, governador da dita cidade, adonde se mataram e aprisionaram muitos, e que tendo disto noticia Sua Magestade Catholica mandára depôr a D. Carlos do governo e que fosse preso á Côrte para ser castigado por haver offendido aos payaguás, dizendo que emquanto estes gentios senhoreavam o rio Paraguay estavam as fronteiras dos seus dominios guardadas dos portuguezes, que lhes não fossem fazer absurdos, como nos tempos passados lhes tinham feito, e que a vista disto mal podiam elles pregar ao de Assumpção que não commerciassem com os payaguás.

E falando-lhes os portuguezes em materia de negociação de fazendas da Europa por commutação dos effeitos daquelles districtos, responderam que os effeitos que os portuguezes podiam de lá tirar eram só bois e cavallos, que outra cousa não esperassem, e se chegassem a tirar prata ser-lhes-ia logo o commercio impedido pelos ministros regios e castigados os castelhanos que para isso concorressem.

Estiveram oito dias na dita aldeia, tratados com todo o bom agasalho, e voltaram com estas noticias.

Sabido isto pelos de Matto Grosso foram logo alguns á mesma povoação com fazendas a trocar por bois e cavallos, que havia então falta de uma e outra cousa em toda esta capitania. Não os deixaram os padres missionarios entrar, nem lhes acceitaram cousa alguma e menos déram, dizendo-lhes que voltassem logo, senão seriam expulsos com violencia. Com isto voltaram homens para os seus domicilios, tiveram noticia por

dos indios que pela entrada que haviam os padres dado aos primeiros que lá foram e obsequios que lhes haviam feito, haviam mandado os superiores expulsal-os, e aos que de novo haviam enviado a residir nas missões lhes puzeram pragmaticas de que não deixassem entrar lá os portuguezes, e com isto acabou-se a amizade.

No mesmo anno fez-se a expedição para os Aycurús na forma que na junta se havia determinado. Partiu esta no mez de Julho capitaneada por Antonio João de Medeiros, com doze canôas, seis de guerra e seis de bagagem, 140 homens, armas, petrechos e fazendas para presentear os Aycurús e fazer com elles negocio a troco de cavallaria, que pretendiam passal-a para a Vaccaria e dahi conduzil-a por terra até esta povoação, tudo á custa do senado da camara, do ouvidor doutor João Gonçalves Pereira, do brigadeiro Antonio de Almeida Lara e das pessoas do povo interessadas no negocio das cavallarias.

Chegada a frota ao districto dos Aycurús, mandou-se-lhes recado por um de sua nação acompanhado de dois moços portuguezes; chegaram alguns a uma campina á beira do rio, aquartelou-se a nossa gente em uma ilha fronteira, mandou-lhes o capitão Antonio João de Medeiros dizer que queria falar ao seu cacique para o presentear e fazer negocio. Foram-se e ao outro dia chegaram com o cacique e uma tumulta delles, de ambos os sexos, com carneiros e cavallos.

Mandou o capitão portuguez dizer ao cacique que lhe fosse falar á Ilha, ficando alguns portuguezes em refens; respondeu que fosse elle á terra a falar-lhe, ficando dous Aycurús em refens na ilha; foi o capitão com os melhores do congresso, ficando na ilha os refens. Presenteou o capitão ao capitão e a outros muitos seus, que o acompanhavam, principalmente as

mulheres, com pannos de côres, baetas. chitas, barretes, chapéos, fitas, contas, pentes, facas, tesouras, machados e outras taes alfaias. Recebeu alguns carneiros e promessas que lhe dariam quantos cavallos quizessem e podessem trazer. Offereceram-se a fazer guerra ao payaguá e se a quizerem fazer os portuguezes aos castelhanos elles ajudariam. Plantou-se ali uma cruz e acclamou-se em altas vozes: — *Viva El-Rei de Portugal,* dizendo os gentios o mesmo que diziam os portuguezes; prometteram não offender aos portuguezes e ser seus amigos. Com isto findou-se o dia, recolheram-se os nosssos á ilha e mandaram os refens.

No outro dia saltou a soldadesca portugueza para terra sem prevenção, nem cautela alguma, a tratar negocio de drogas a troco de cavallos, ficando na ilha parte delles com o capitão. Seriam 9 para 10 horas do dia pegou o gentio em porretes e lanças e entrou a matar os nossos que andavam com elles baralhados; vendo os da ilha o conflicto, emboccaram-lhe uma peça de artilharia que tinham levado e deram-lhe fogo com balla miuda, com que desappareceu todo o tumulto; saltaram para terra, acharam cincoenta mortos dos nossos e dos infieis cinco; deram-lhes sepultura o melhor que puderam e voltaram sem outra cousa de que se dê noticia.

Chegou nos fins deste anno monção, dando por noticia que avistára um troço de canôas de payaguás ao sahir do Paraguay-mirim, que lhe fugiu e não nos quiz seguir.

Anno de 1741: — Chegon monção e nella o padre Antonio José Pereira para vigario da vara e parocho desta villa, provido pelo senhor D. Fr. João da Cruz, bispo do Rio de Janeiro, e rende.

Caetano Leite Cesar de Azevedo.

Anno de 1742: — Entraram nesta povoação muitas gentes com fazendas, gados e cavallaria de Goyaz, e pelo rio chegou em monção o padre Manoel da Silva Moura por capellão da egreja de Matto Grosso, provido pelo senhor D. Fr. João da Cruz, bispo do Rio de Janeiro, para onde fez viagem a render ao padre Manoel Antunes de Araujo.

Achando-se nesse anno no arraial de S. Francisco Xavier do Matto Grosso quebrado Manoel Felix Lima, que manejava muitos negocios, receando vir ao Cuyabá, onde tinha alguns credores, ajuntou um sequito de moços aventureiros, amigos de novidade, e com elles seguiu viagem pelo rio *Aporé* abaixo (1), em canôas que para esse effeito negociou, com o designio de procurarem povoações castelhanas para onde se passassem. Navegaram rio abaixo por onde gente catholica não havia ainda chegado e só gentios de que foram tendo logo alguns encontros, embarcados em suas canôas, e *registrando-lhes* algumas aldeias mais chegadas ao rio chegaram á uma povoação de gente catholica chamada *Missão de S. Miguel*, da provincia de Santa Cruz, onde residia um veneravel missionario da companhia de Jesus que se dizia o padre Gaspar do Prado, allemão de geração.

Deste padre missionario souberam os afoitos aventureiros das povoações castelhanas da provincia de Santa Cruz de la Sierra, limites dos Estados do Perú mais visinhos aos nossos districtos. Visitaram a povoação de *Santa Maria Magdalena*, nas margens do rio

---

(1) Rio *Guaporé*, sobre cuja margem está Villa Bella de [illegible], com o *Mamoré* forma o grande rio Madeira, o [illegible] do Amazonas.

(N. do C.).

Itonama, e a da *Exaltação de Santa Cruz*, no rio Mamoré; querendo entrar para a cidade de Santa Cruz, o não consentiram os missionarios, declarando-lhes que, se com violencia o quizessem fazer, com a mesma seriam presos e expulsos; o que vendo os valorosos aventureiros apartaram-se, seguindo oito delles viagem pelo rio Aporé abaixo, a saber, Manoel Felix Lima com um escravo de Guiné e um indio, Joaquim Ferreira Chaves com dous mulatos, seus escravos, Vicente de Asssumpção e Manoel de Freitas Machado.

Rodaram estes em uma canôa sem noticia alguma de navegação, nem donde aquelle rio ia surgir; tiveram encontros de gentios, passaram as cachoeiras, viram o que gentes catholicas não tinham ainda visto e deram comsigo na cidade de Belém do Grão Pará sem mais guia que a corrente das aguas que os levava. Foram na dita cidade presos pela novidade que causaram e remettidos á Côrte, onde, dando noticias da sua viagem e de tudo o que tinham visto e passado, foram soltos.

A' estes homens é que se deve o invento da navegação do Pará para as conquistas do Matto Grosso, que por divino impulso acommetteram uma empresa de tantas difficuldades e conhecidos perigos; querendo alguns apaixonados dar este louvor a um João de Souza Azevedo que, tendo rodado pelo rio dos *Arinos* abaixo com uma pequena comitiva, sahiu ao rio Tocatins por onde foi ter á cidade do Pará (1) e achando

(1) O rio Arinos não é affluente do Tocatins, mas do Amazonas; João de Souza Azevedo devia ter descido o Arinos até o Amazonas e rodado o Amazonas abaixo até encontrar os canaes que o ligam ao Tocatins para por elles chegar a cidade do Pa

(N. do C.)

ahi noticia dos que tinham descido do Matto Grosso e haviam sido remettidos á Côrte, informado de tudo o que haviam contado, seguiu pelo rio acima, tomou a barra do Aporé pelos signaes que lhe haviam dado e deu comsigo em Matto Grosso.

Pondere-se agora a quem se deve o louvor da empresa, se aos primeiros que desceram os rios, sem saberem para onde iam, com tantos perigos e difficuldades, sem roteiros, nem noticias algumas, ou se a este segundo que os subiu com as noticias amplas que os outros haviam dado.

Os companheiros que haviam ficado na missão da Exaltação da Santa Cruz, do rio Mamoré, logar chamado *Cayoaba*, que foram João dos Santos Varneque, Matheus Corrêa e Francisco Leme do Prado, com alguns escravos de Guiné e indios, voltaram para Matto Grosso e dando noticia do que haviam visto chegou esta ao Cuyabá, do que sciente o doutor ouvidor, João Gonçalves Pereira, escreveu logo ao juiz ordinario de Matto Grosso, Domingos Gonçalves Ribeiro, que enviasse um explorador ás povoações de castelhanos, que se haviam descoberto, e fizesse uma fiel relação de tudo o que visse e observasse para enviar a Sua Magestade.

Anno de 1743: — Enviou o juiz ordinario no mez de Fevereiro José Barbosa de Sá (1) a fazer a diligencia pelo ouvidor recommendada. Desceu em duas ca-

---

(1) José Barbosa de Sá é auctor destas chronicas, desde o seu começo até o anno de 1765, tendo por continuador dessa data em deante a Joaquim da Costa Siqueira, vereador da camara de Cuyabá.

(N. do C.).

nôas com seis escravos do dito juiz e dois seus proprios, dois moços bastardos, Manoel de Castro e Alexandre Rodrigues, um branco, João dos Santos Varneque, um dos primeiros que lá foram, e um indio, com armas, mantimentos e algumas fazendas para congratular as vontades, tudo a custa de um e de outro.

Teve alguns encontros dos gentios que habitavam a beira do rio e em canôas o sahiam a desafiar, armados de arcos, frechas e porretes; a todos mitigou as furias e fez amigos com dadivas de facas, machados, barretes e outras taes similes alfaias; registrou todos aquelles districtos das povoações de S. Miguel, Santa Maria Magdalena, S. Martinho, S. Luiz, Conceição de Bauris, Exaltação de Santa Cruz do Cayoába, S. Pedro do Caniquinan e S. Romão, até a cidade de Santa Cruz de la Sierra, e adquiriu noticias de toda a provincia, de hespanhóes e de indios com quem tratou e conversou.

Tomou conhecimento das nações barbaras mais vizinhas e habitantes pelas margens do rio Aporé, distancias em que ficam tanto as povoações catholicas como as barbaras dos nossos domicilios, alturas em que ficam, capacidade da navegação e tudo o mais que convinha, de que fez uma fiel relação que entregou ao juiz, este a remetteu ao ouvidor e este a Sua Magestade.

Deu neste anno o payaguá um assalto no reducto do *Saipé*, onde estavam algumas gentes fazendo suas pescarias, matou e levou captivas vinte pessoas. Chegou por terra o padre Manoel Bernardes Martins Pereira por vigario da vara e Matriz desta villa, provido pelo senhor D. Fr. Antonio do Desterro, bispo do Rio de Janeiro, e em monção vinda pelos rios o padre Bartholomeu Gomes Pombo, provido pelo mesmo senhor bi

por visitador nesta villa e vigario da vara e curado da egreja de S. Francisco Xavier de Matto Grosso, dividida da jurisdicção desta villa do Cuyabá. Abriu visita nesta villa, fez muita justiça, prendeu ao padre doutor José Pereira de Aranda e outros com grande estrepito; parou tudo em vento, em vapor, em nada.

Chegou no fim deste anno outra monção e nella o doutor Manoel Antunes Nogueira por ouvidor desta comarca; tomou posse em 14 de Dezembro, como consta do livro 7 das vereanças do senado, á fls. 51. Chegou na mesma monção o doutor João Nobre Pereira por intendente do Tribunal da Intendencia das capitações dos quintos do ouro e provedor da Real Fazenda. Acha-se a sua carta registrada no livro 5 dos Registros do senado da camara, a fls. 66, e entrou logo a exercer seu cargo. Fez o reverendo padre doutor Bartholomeu Gomes Pombo viagem para Matto Grosso e tomou conta da egreja no mez de Outubro.

Anno de 1744: — Vindo neste anno de povoado Antonio Alves de Siqueira com duas canôas suas, sem monção, com seus escravos e dois camaradas brancos, Manoel Lobo e Antonio Guedes, ambos ytuanos, acommetteu-os um troço de payaguás na madre do rio Paraguay; embicaram em um reducto; cercou-os o gentio por todos os lados; entraram elles a dar fogo com tanto furor e fortuna, que lhes não chegou o gentio. Depois de feita nelles grande mortandade, falou um em idioma castelhano, mal limado, dizendo que elles eram enviados do governador castelhano, que lhes havia dado um papel. Foi caso milagroso porque só perderam um negro de uma frechada e mataram trinta dos inimigos; chegados a esta villa foram render graças á capella de ssa Senhora do Bom Despacho e levar-lhe um caixão

de cêra por promessa que lhe haviam feito na sua afflicção.

Deu o mesmo gentio payaguá neste anno no sitio de João de Oliveira, na passagem do Paraguay para Matto Grosso, que era um formoso arraial de muitos moradores ali estabelecidos; matou parte da gente no silencio da noite, escapando alguns fugitivos, e puzeram fogo ás casas que tudo reduziram a cinzas.

Com as noticias que de Matto Grosso haviam chegado dos descobrimentos das povoações de castelhanos da provincia de Santa Cruz, pela relação que fez o enviado que lá foi e tudo examinou, chegou tambem a noticia em como os padres missionarios da dita provincia estavam fundando uma nova povoação da nossa parte, com o titulo de *Santa Rosa* (1) para aggregarem o gentio *Aricoroni*. A respeito disto convocou o ouvidor, doutor Manoel Antunes Nogueira, uma junta para se determinar se se houvéra de impedir a tal feitoria; disputou-se na materia e nada surtiu porque a tal diligencia de alguma despeza necessitava e nenhum dos adjunctos estava de gana para concorrer a ella.

Como na junta se não determinou cousa alguma preparou-se logo o doutor João Gonçalves Pereira para ir como enviado do senado da camara desta villa a fazer protestos ao governador e mais justiças da cidade de Santa Cruz sobre as missões aquem do rio Aporé, que não tivessem effeito por pertencerem as terras aos dominios de Portugal, para o que enviou o seu fato

(1) Na margem direita do rio Guaporé, cerca de cem leguas abaixo de Villa Bella de Matto-Grosso. O rio nesse logar é divisa entre o Brazil e a Bolivia.

(N. do

para Matto Grosso e com elle muita fazenda bôa, sua e de partes, para fazer negocio com os castelhanos, que era o alvo a que se encaminhava a embaixada.

Incitados outros disto, convocou-se outra *malloca* de gente bôa, com muitas fazendas, dizendo que ia fazer guerra ao payaguá, sendo o projecto chegar até a cidade de Assumpção a fazer negocio e não payaguás. Estando uma e outra funcção para se expedirem, impediu-as o doutor ouvidor Manoel Antunes Nogueira, ameaçando com castigos se conseguissem os intentos, com o que ficou tudo frustrado. Disseram os malevolos que o ouvidor era interessado nos negocios e que por desavenças que com os auctores dellas tivera os impedira. A certeza que disso houve é que o ouvidor no principio convinha em uma e outra viagem e ao depois as impediu.

Anno de 1745: — Povoaram neste anno alguns moradores de Matto Grosso uns descobrimentos de ouro aquem do rio Aporé, sertão dentro, a que chamaram *Minas do Carumbijara*, vistos por uns que andavam ao gentio no anno de 1743, e então examinados. Foram largados no anno de 1748 por falta de forças e por serem os povoadores todos pobres; metteram-se aos sertões a procurar gentios, por donde acabaram muitos as vidas, e os que escaparam vieram ter a Matto Grosso e Cuyabá, divididos uns dos outros e em tempo diverso.

Desceram neste anno alguns de Matto Grosso para o Pará, a franquearem o commercio de conduzir fazendas por aquelles rios para estas conquistas; perigaram alguns nas cachoeiras por pouco conhecimento que dos perigos dellas havia; chegaram outros a salvamento, no seguinte anno voltaram com suas mercan-

Descobriram-se neste mesmo anno as minas dos Arinos pelos filhos do mestre de campo Antonio de Almeida Falcão (1), morador em Matto Grosso, e as expensas suas, para onde entrou logo muita gente daquella e desta povoação; levantaram egreja, formaram arraial e entraram a lavrar as minas, tudo isto com mantimentos conduzidos de Matto Grosso e de Cuyabá, o alqueire de farinha a déz oitavas de ouro, feijões pelo mesmo preço e o mais a este respeito.

Anno de 1746: — Fez neste anno o vigario desta villa, padre Manoel Bernardes Martins Pereira, viagem para os Arinos a estabelecer a sua jurisdicção, e ao mesmo tempo o padre doutor Antonio dos Reis Vasconcellos enviado pelo vigario de Matto Grosso, doutor Bartholomeu Gomes Pombo, a fazer o mesmo; entraram a disputar á qual delles pertencia a nova povoação; não podendo averiguar a questão por si, nem por arbitros, por terem eguaes sequitos, puxaram pelas espadas das excommunhões. O de Matto Grosso publicou excommunhão contra o de Cuyabá e os do seu sequito, e este fez o mesmo contra aquelle e os que eram por elle.

Pregaram os papeis das excommunhões na porta da capella que o povo havia fabricado; chegou um cavallo magro do mestre de campo Antonio de Almeida

---

(1) Personagem muito proeminente, filho de Fernando Dias Falcão, que foi um dos descobridores das minas de Cuyabá em 1718. Além de descobrir as minas de ouro do rio Arinos prestou outros importantes serviços, que foram narrados por Pedro Taques na *Nobiliarchia Paulistana*. Voltou a residir em Sorocaba, de onde era natural, e ali falleceu em 1575.

(N. do C.).

Falcão e com a bocca tirou um delles; não se examinou qual delles era, e sumiu-se ao mesmo tempo o ouro das minas que nem mostras delle se viram mais, estando-se já as minas lavrando com muita conta. Retirou-se o povo com notavel perdição, deixando-se casas, roças e lavras que se haviam feito com grandes despezas nos preços dos mantimentos, perda irreparavel que pôz em consternação as povoações de Matto Grosso e Cuyabá por haverem despejado os povos de lá e de cá para o dito descoberto e não se fazerem roças, que depois faltaram os mantimentos geralmente e padeceu tudo á fome e necessidade.

Por alguns dos moradores do Cuyabá, que vinham de retirada dos Arinos, neste mesmo anno foram descobertas as minas do Paraguay, assim chamadas por serem as cabeceiras deste rio, para onde logo acudiu muita gente e formou um formoso arraial, com sua egreja do *Patrocinio de Nossa Senhora do Parto*, de onde logo se extrahiu ouro, que se viu correr em abundancia em negociações que logo para as ditas minas concorreram.

Chegou neste anno de povoado monção e nella o doutor João da Fonseca da Cruz por intendente e provedor da Real Fazenda; rendeu nos cargos ao doutor João Nobre Pereira.

Anno de 1747 : — Foi o doutor ouvidor desta villa ao arraial do Paraguay, fez justiças, juizes ordinarios e officiaes dellas para o regimento do povo, fez partilhas das terras mineraes e tudo o mais que convinha para o bem commum e retirou-se para esta villa. Chegado que fosse, divulgou-se que havia diamantes nos ditos descobertos, formou um summario de testemu-
.s e, achando certo, mandou logo despejar o povo

e pôr guardas para que se não lavrassem mais as minas.

Retirou-se o povo com outra tal perdição, como a que causou o descobrimento dos Arinos, sobrevindo uma secca que se não viu chuva senão nos fins de 1749, que pôz estas povoações em extrema miseria, que não só padeceram as gentes, como tambem os animaes. Arderam os campos e mattos, que se não via uma folha verde e só se viam cinzas e fumaças.

No dia 24 de Setembro a horas do meio dia, sem mostras algumas de revolução do tempo, que só se viam fogos, ouviu-se um trovão que atemorisou os viventes em todos os limites de Matto Grosso e Cuyabá, e ao mesmo tempo tremou a terra, dando uns tantos balanços compassados, que á todos causaram grande susto e prejuizo nenhum. Foi o dito estrondo subterraneo, segundo me pareceu, e não na região aérea.

Chegou neste anno monção de canôas pelos rios. Fez viagem o padre vigario Manoel Bernardes Martins Pereira, deixando a egreja ao padre Fernando Baptista por vigario, provido pelo senhor D. Fr. Antonio do Desterro, bispo do Rio de Janeiro; prendeu logo que chegou ao padre João da Costa, soltou-o ao depois e fel-o coadjutor.

Anno de 1748: — Falleceu no mez de Abril, em dia de quinta feira santa, o doutor ouvidor Manoel Antunes Nogueira. Pegou na vara de ouvidor o juiz mais velho, mestre de campo Manoel Dias da Silva; juntou-se uma maloca para o depôr e fazer ouvidor ao segundo juiz, que era o coronel Manoel Antunes Belem de Andrade; divulgou-se a pretenção, tirou o ouvidor devassa e prendeu alguns culpados. Neste mesmo anno descobriram Manoel Cardoso de Siqueira e outro grande descoberto de ouro além do Paraguay. Ma

o ouvidor examinar, com ordem que se achassem diamantes queimassem as casas e trouxessem os descobridores presos; acharam-se diamantes, queimou-se-lhes tudo, vieram alguns presos e outros fugiram (1).

Anno de 1749: — Não houve monção geral, senão algumas poucas canôas em diversas malocas. Fez via-

(1) Em relação ao exercicio do cargo de ouvidor por Manoel Dias da Silva, mencionado no começo deste paragrapho, escreveu Diogo Ordonhes a seguinte nota:

«O mestre de campo Manoel Dias da Silva, natural de «S. Paulo, filho do brigadeiro Domingos Dias da Silva, que «era irmão do conselheiro do Ultramar Alexandre da Silva «Corrêa, tinha, antes de chegar ao Cuyabá, estado em Goyaz, «de onde penetuou até o sertão da Vaccaria pela via do Cama«puan, por onde voltou, e foi pelo sertão ao Cuyabá quando «ali estava por ouvidor o doutor João Gonçalves Pereira, a «quem dèu parte da sua entrada e do perigo que havia de irem «os hespanhóes sobre Cuyabá. Isto foi talvez em 1736, como se «colhe do que disse Taques no titulo deste appellido, a fls. 35, «tratando do mestre de campo, e ali relata as contas dadas a «S. Magestade, providencias sem effeito, etc.»

Este mestre de campo Manoel Dias da Silva era um paulista muito distincto e de familia illustre. Por sua mãe, Eleonor de Siqueira, era neto de Lourenço Taques—o moço, e bisneto do notabilissimo Lourenço Castanho Taques, companheiro e amigo de Amador Bueno; por seu pae era sobrinho do grande jurisconsulto Alexandre da Silva Corrêa, membro do Conselho Ultramarino de Lisboa; neto de Catharina Rodrigues, matrona illustre que mereceu sepultura especial na Egreja do Collegio dos jesuitas desta capital, e foi filha de João Pires, nobre cidadão de S. Paulo, que sustentou tamanha luta contra os Camargos, foi amigo inseparavel do grande sertanejo Fernando Dias Paes e era primo irmão de Amador Bueno da Ribeira—*o acclamado*. Manoel Dias da Silva foi a *Vaccaria*, passando por Camapuan, e lá arrancou os marcos hespanhóes que achou e [illegible] marcos portuguezes. Azevedo Marques, nos seus *Apon-*

gem por terra para povoado o doutor João Nobre Pereira e em sua companhia o vigario Fernando Baptista deixando a egreja encarregada ao padre João Alves Torres, do que sciente o vigario da vara de Matto Grosso, proveu por vigario desta villa ao reverendo doutor Antonio dos Reis de Vasconcellos, que chegou neste mesmo anno e tomou posse.

Tambem chegou por terra neste mesmo anno o doutor João Antonio Vaz Morilhas por ouvidor desta comarca e tomou posse a 20 de Novembro, como consta do livro 9 das vereanças, a fls. 88. Em Dezembro chegou pelo mesmo caminho o doutor Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa por intendente e provedor da Fazenda. Chegou, finalmente, por terra neste mesmo anno, um religioso franciscano a fazer a sua missão, que fez com muito fructo, e passou ao Matto Grosso á mesma diligencia (1) e voltou no seguinte anno.

Anno de 1750: — Chegou nos fins deste anno o reverendo doutor João de Almeida e Silva por terra com o cargo de vigario e parocho desta villa e entrou a fazer justiça com tanto furor que lhe não igualou a

---

tamentos Historicos, tratando de Manoel Dias, confundiu esta *Vaccaria*, de Matto-Grosso, com a *Vaccaria* de Viamão, no Rio Grande do Sul.

(1) *Matto-Grosso*, de que aqui se fala, era a povoação de Villa Bella, fundada em 1734, pelos irmãos Paes de Barros, de Sorocaba, elevada a villa em 1747 por D. Luiz Mascarenhas, capitão-general de S. Paulo de 1739 a 1748; fica sobre o rio Guaporé, na fronteira da Bolivia, a quasi 100 leguas ao poente de Cuyabá, e foi elevada a cidade em 1818. Pelo *bando* de 9 de Outubro de 1747, D. Luiz Mascarenhas concedeu aos seus moradores importantes privilegios e isenções. Vide vol. V do *Archivo do Estado de S. Paulo*.

(*N. do C*

de Minos, Rodomonte e Caco, abriu visita geral de que não escapou bixo vivo, prendeu ao vigario Antonio dos Reis na cadeia e quando suppunha elle que o preso pedia menagem para estar preso em sua casa a tratar do seu livramento, sahiu da cadeia o preso e foi-se andando para Matto Grosso, ficando toda aquella tempestade servindo de galhofa ao povo, assim como as mesmas culpas que lhe arguiam que eram todas materia de riso. Mettia o dito visitador todos os dias presos na cadeia e tirava, o que vendo o ouvidor deu ordem ao carcereiro que lhe não acceitasse mais presos sem ordem delle ouvidor, pelo que se fizeram inimigos e cessaram as prisões.

Anno de 1751: — Chegou a esta villa em sete de Janeiro o Exmo. D. Antonio Rolim de Moura, que depois foi conde de Azambuja, e o doutor Theotonio da Silva Gusmão por juiz de fóra para Matto Grosso. Chegou no mesmo anno o padre Fernando de Vasconcellos por vigario de Matto Grosso, que logo seguiu sua viagem. Em Agosto deste mesmo anno tivemos a infausta noticia da morte do Senhor Rei D. João V, de saudosa memoria (1); fizeram-se-lhe logo as suas exe-

(1) D. João V tinha fallecido em 31 de Julho de 1750 e só em Agosto do anno seguinte foi que a noticia chegou em Cuyabá.

A capitania de Cuyabá foi desmembrada da de S. Paulo em 1748, assim como a de Goyaz, sendo nomeado seu governador Antonio Rolim de Moura, que sómente em 1751 foi tomar posse do cargo, e lá ficou até 1765, quando veio occupar o cargo de vice-rei do Brazil deixado vago pela retirada do conde de Cunha. Era filho illegitimo de um fidalgo portuguez, porém prestou serviços á Corôa e recebeu o titulo de conde de Azamba.

(N. do C.).

quias com a devida pompa. Em Novembro seguiram viagem para Matto Grosso o general e o juiz de fóra.

Anno de 1752: — Vindo monção de povoado, apartou-se della o padre Victor Antonio de Madureira em sua canôa por descortezia que lhe fizeram os militares que desta villa foram a buscar a monção; deu-lhe o payaguá na barra do Xanés, levou-lhe a canôa e escravos, e a elle largou em uma canôinha semivivo, que á vista dos companheiros expirou.

Anno de 1753: — Deu o payaguá na *Figueira*, acima do *Curúara*, matou bastantes pescadores, que ali se achavam a salgar peixe, e levou muitos captivos. No mesmo anno, logo depois deste assalto, fugiram ao capitão-mór Francisco Lopes de Araujo alguns escrávos embarcados em canôas pelo rio abaixo, e enviando após elles a Serafino Corrêa Leme, Antonio da Cunha de Abreu, seu irmão João da Cunha e Francisco Leme, todos moços assentados com alguns escravos, foram assaltados do payaguá, mortos parte delles e outros levados captivos, escapando sómente dous que por terra vieram dar a noticia. Em Junho deste anno chegou a monção e nella o padre Manoel Antonio Falcão por vigario.

Anno de 1754: — Chegou a esta villa por terra o padre José Ayres, clerigo do habito de S. Pedro, a fazer sua missão; fêl-a com profissão de penitencia e jubiléó que publicou, tudo com muito applauso; findo isto passou a Matto Grosso, aonde entrando a fazer missão foi mandado despejar a capitania pelo general della.

Voltou a esta villa e, estando a fazer viagem para Goyaz, mandou-lhe o intendente dizer que fosse pagar capitação de um escravo que o acompanhava, ao que respondeu o missionario com palavras asperas e des-

compostas; do que picado bastantemente o intendente requereu ao vigario um auto de injuria contra elle.

Mandou o vigario da vara prender o clerigo e sequestrar os cavallos em que estava para fazer sua jornada; acostou-se em casa do doutor ouvidor geral João Antonio Vaz Morilhas e aggravou do vigario da vara, por via de recurso, para o juiz dos Feitos da Corôa, que era o mesmo ouvidor, que logo mandou lhe remettesse o vigario da vara o auto para conhecer delle; o que vendo, o intendente foi em pessoa á audiencia do ouvidor, á porta; não quiz fazer audiencia, dando o dia por feriado. Retirou-se o intendente e foi no dia seguinte á audiencia do juiz ordinario, que era o sargento-mór Lourenço Soares de Brito, e ali fez quantos protestos quiz sobre o caso, que se lhe mandaram escrever; o ouvidor teve o clerigo em sua casa, de onde occultamente o enviou para Goyaz, deixando este uma excommunhão pregada na porta da capella de Nossa Senhora do Rosario contra todos os que o perseguiram.

Anno de 1755: — Mandou o General Rolim aos camaristas que lhe fizessem uma queixa do ouvidor Morilhas, insinuando-lhes a fórma della; para este effeito convocaram-se a fazer vereança em casa do doutor intendente, sendo juiz presidente Antonio de Pinho Azevedo, o que sabendo dous vereadores não quizeram lá ir, e em seu logar chamaram dous escolhidos, com os quaes fez-se a vereança e o papel como se ordenava. Em 19 de Dezembro deste anno foi o ouvidor deposto do cargo pelo senado da camara, auxiliado dos militares, e feito ouvidor o intendente, tudo por ordem do general, com o que pasmou o discurso, fez ponto a admiração dos contemplativos e *prevaluerunt impii in vanitate sua.*

Até aqui foi unicamente o que noticiou o escriptor José Barbosa de Sá sobre os factos do presente anno; mas eu, que por occasião desta mesma escripta, tive de passar pelos olhos os livros das vereanças e registros do senado da camara desta villa, manifestarei o mais que achei respectivo a este mesmo anno, acerca da suspensão do doutor ouvidor João Antonio Vaz Morilhas.

Eu não pretendo nem posso sustentar que o Exmo. General Dom Antonio Rolim de Moura não concorreu para esta suspensão com as suas insinuações, por ser este facto acontecido muitos annos antes que eu viesse residir nestas minas, e sómente os moradores desse tempo, assim como o dito escriptor Barbosa e outros, que seguem a sua opinião, o poderão testificar, sabendo, como se deve presumir, as causas que motivaram aquellas desordens; porém, cumprindo com a obrigação de escriptor e cingindo-me aos procedimentos que constam dos ditos livros, como são a carta do mesmo Excellentissimo General, de data de vinte e quatro de Maio de 1755, e mais documentos que aqui fielmente copiarei, para inteira clareza desta historia e perfeita intelligencia dos leitores, si bem que não descobri os principios para os mesmos procedimentos, talvez por não fazerem registrar no receio de serem vistos pelo dito ministro, o que bem comprova o registro da dita carta do mesmo Excellentissimo General, feito no livro 7º, a fls. 39, em 12 de Fevereiro de 1756, já depois de suspenso o dito ministro, devo suppôr e affirmar que tudo procedeu de queixas que a camara e o capitão-mor desta villa formalizaram contra o ministro.

Suppostas, pois, as ditas queixas ou representações da camara e do capitão-mór, de que como já disse não achei memoria alguma, houve Sua Magestade por

haver por acabado ao dito ministro o logar de ouvidor desta comarca pelo seu Real decreto de 22 de Maio de 1753, que se expressa na regia provisão de 29 do mesmo mez e anno, expedida ao desembargador Fernando Caminha de Castro, successor nomeado ao dito ministro para sindicar dos seus procedimentos.

Como este novo ministro, successor, havendo chegado á capital de Villa Bella, falleceu da presente vida, supplicou a camara desta villa, por carta ao mesmo Excellentissimo General, a suspensão do dito ministro em execução daquelle Real decreto, porque Sua Magestade lhe havia dado por acabado o dito logar, cuja supplica tambem não achei; porém de certo que a houve pelo que se vê da resposta do mesmo Excellentissimo General, de que já falei, e melhor se alcança do termo de junta feito em Goyaz, onde consta ser da data de 9 de Abril de 1755. Contem a carta do dito Excellentissimo General o seguinte:

«Recebi a carta em que vossas mercês me reque-
«rem a suspensão do ouvidor, visto estar elle suspenso
«por Sua Magestade. Eu reconheço a oppressão em que
«vossasmercês tem vivido com elle e tambem não
«ignoro as minhas diligencias pela moderar, e podem
«estar certos que sinceramente desejo atalhar o que
«vossasmercês receiam e procurar-lhes todo o socego e
«quietação, e até onde se extender a minha jurisdicção
«não pouparei meio nenhum conducente a este fim.
«Porém, o que vossasmercês pedem é de tão grande pon-
«deração que eu não me atrevo a tomal-o sobre mim e
«assim tenho escripto sobre este particular ao senhor
«vice-rei do Estado com as copias da carta de vossas-
«mercês e da ordem que o desembargador Fernando
ninha de Castro trazia para a dita suspensão, e
me vindo a sua resolução a communicarei a vos-

«sasmercês para se obrar aquillo que fôr mais acer-
«tado, mais conforme a razão e que segundo ella pa-
«reça será mais do agrado do nosso soberano, por cujo
«fim devemos sacrificar tudo e nos sugeitar a todos os
«descommodos e oppressões. Emquanto esta determi-
«nação não chega vossasmercês não obrem novidade
«alguma a este respeito, antes se conservem sempre na
«mesma dependencia de ouvidor, respeitando e obede-
«cendo como a ministro de El-rei; pois como tal se
«deve reputar emquanto não está legitima e effectiva-
«mente deposto, o que lhes encarrego muito a vossas-
«mercês e lhes mando, e nesta parte não se deixem
«levar de persuasões de ninguem, seja quem quer que
«fôr, nem de motivo nenhum, nem se persuadam, nem
«se deixem enganar de que nisso me obsequiam, por-
«que eu declaro a vossasmercês que o meu fim e o
«meu intento neste logar não são outros mais do que
«o serviço de Sua Magestade e o bem commum dos
«povos que o dito Senhor me encarregou, e que de
«nenhum modo me póde servir de obsequio acção ne-
«nhuma irregular e que haja de desagradar ao mesmo
«Senhor e motivar-lhes a vossasmercês alguma ruina.
«— Deus Guarde a vossasmercês. — Villa Bella,
«24 de Maio de 1755. — *Dom Antonio Rolim de*
«*Moura*. — Senhores Officiaes da Camara da Villa de
«Cuyabá.»

No dia 20 de Dezembro deste mesmo anno de 1755 recebeu o senado da camara desta villa outra carta do Excellentissimo General, datada de 3 do mesmo mez e anno, com as copias da ordem regia sobre a suspensão do dito ministro, da junta feita nas minas de Goyaz sobre a execução da dita ordem, da carta do excellentissimo conde dos Arcos, governador e ca-

general da dita capitania (1), e demissão que fez o juiz de fóra de Matto Grosso do logar de ouvidor, que tudo se acha no dito livro 7º de Registros da camara, a fls. 30 *et sequentibus*.

Por virtude do que logo nesse mesmo dia se intimou ao dito ministro a suspensão do logar de ouvidor, passando a exercel-o o intendente e provedor da Real Fazenda, doutor Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa, e sendo esta acção obrada no dito dia 20, como consta do termo lavrado no livro 11º das vereanças, a fls. 37 verso, aquelle escriptor a deu, como se vê, no dia 19, no que bem manifesta a sua *acuidação*. Contem a carta do Excellentissimo General o seguinte:

«Hontem chegou a esta villa Diogo José, com a «resposta da carta que escrevi ao senhor conde dos

---

(1) D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, era governador de Pernambuco quando foi creada a capitania de Goyaz em 1748, sendo removido para o governo desta em 4 de Março de 1749. Neste intervallo de alguns mezes foi Goyaz governado por Gomes Freire, capitão-general do Rio de Janeiro e Minas, cuja jurisdicção se estendia então a S. Paulo e toda a região do sul do Brazil. Ficou o conde dos Arcos no governo de Goyaz até Junho de 1755, quando seguiu para o Rio de Janeiro a occupar o cago de vice-rei, para o qual tinha sido nomeado cerca de 15 mezes antes. Era já como vice-rei que elle resolveu esta questão da ouvidoria de Cuyabá.

Adeante encontrará o leitor a palavra *acuidação*, claramente escripta no original, a qual parece ter sido inventada pelo chronista para substituir *acuidade*, agudeza de espirito, ironicamente applicada a José Barbosa de Sá pelo erro de um dia na citação de uma data.

(N. do C.).

«Arcos, vice-rei do Estado, sobre a representação que «vossasmercês me fizeram a respeito da suspensão do «doutor João Antonio Vaz Morilhas. Remetto a vossas-«mercês a copia da dita resposta, com a do termo da «junta que o dito senhor conde vice-rei fez sobre esta «materia, assignadas pelo secretario deste governo, e «juntamente vae tambem, da mesma sorte, a ordem de «Sua Magestade por que foi servido dar por acabado ao «doutor João Antonio Vaz Morilhas. A vista do que «lhe intimarão vossasmercês, por serviço de Sua Ma-«gestade, a dita ordem na forma declarada no formu-«lario junto, assignado pelo secretario deste governo, «concorrendo com o doutor intendente até effectiva-«mente se concluir esta diligencia, que eu espero se «faça com toda a gravidade e socego. Porém, quando «seja precisa ajuda do braço militar ao tenente de mestre «de campo general ordeno ponha prompta uma esqua-«dra de dragões para o que o dito doutor intendente «lhe determinar, afim de não ter embaraço a execução «deste negocio que a vossasmercês e a elle commetto. «A duvida que podia haver sobre quem ha-de substi-«tuir o logar do ouvidor fica tirada com a demissão «que o doutor juiz de fóra desta villa fez, de que re-«metto a copia assignada pelo secretario deste governo, «pois nestes termos recae, conforme as ordens de Sua «Magestade, sem duvida alguma no doutor intendente «e provedor da Fazenda Real, Francisco Xavier dos «Guimaraes Brito e Costa, o logar de ouvidor, e com «elle todos os mais annexos a este. Pelo que vossas-«mercês o conheçam por tal e o farão reconhecer por «todo esse povo na forma declarada.

«Porem, sem embargo de que o doutor João An-«tonio Vaz Morilhas fique sem o caracter de minis «sempre se deve respeitar o acabar de haver si

«assim espero da prudencia de vossasmercês procurem «evitar qua alguem o insulte, nem o aggrave, e que «pareça que só a razão e não a paixão teve parte em «toda esta deligencia. — Deus Guarde a vossasmercês. «— Villa Bella, 3 de Dezembro de 1755.— *D. Antonio «Rolim de Moura.* — Senhores Officiaes da Camara da «Villa de Cuyabá.»

A ordem de Sua Magestade, dirigida ao desembargador Fernando Caminha de Castro, é da forma seguinte:

«Dom José, por graça de Deus, rei de Portugal e «dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, Se«nhor de Guiné, etc.—Faço saber a vós Fernando Ca«minha de Castro, ouvidor geral nomeado para o «Cuyabá, que eu houve por bem, por decreto de 22 «do corrente, haver por acabado ao bacharel João An«tonio Vaz Morilhas o referido logar de ouvidor geral «do Cuyabá, que está exercendo; pelo que sou servido «ordenar-vos, como por esta o faço, suspendaes ao dito «bacharel João Antonio Vaz Morilhas e lhe tireis re«sidencia de todo o tempo que tiver servido o dito lo«gar e dos mais cargos que serviu no mesmo tempo, «e a seus officiaes, na fórma da Ordenação e Regi«mento, perguntando na dita residencia si este minis«tro commerciou, contra a disposição da minha lei de «29 de Agosto de 1720 e alvará de 27 de Março de «1721; e outro sim se vos ordena que separadamente «tireis residencia ao dito bacharel João Antonio Vaz «Morilhas de todo o tempo que serviu o cargo de pro«vedor dos defunctos e ausentes e a seus officiaes pelos «capitulos que com esta se vos remettem, vindos da «Mesa da Consciencia, e ordens na conformidade da «minha resolução de 14 de Dezembro de 1750, tomada «consulta do meu Conselho Ultramarino, com de-

«claração que no interrogatorio n. 12, quanto aos pro-
«vedores, se deve entender nos termos da minha re-
«solução de 10 de Julho de 1744, expressada na ordem
«de 9 de Setembro do dito anno escripta ao governador
«de Pernambuco, de que tambem se vos remette copia,
«e tomareis para escrivão e meirinho desta residencia
«as pessoas que vos parecerem; e tanto que as ditas
«residencias forem acabadas m'as enviareis, separada
«uma da outra, as informações e auto dellas cerrados
«e lacrados á meu Conselho Ultramarino, expressando
«nas vossas cartas o que constar em cada uma das
«ditas residencias e de como o dito bacharel João An-
«tonio Vaz Morilhas me serviu nos ditos logares, com
«o mais que achardes na informação particular que
«tambem haveis de tirar do seu talento, vida e cos-
«tumes, e si foi de bom acolhimento as partes, que
«tudo será entregue ao secretario do dito Conselho.
«El-Rei Nosso Senhor o mandou pelos conselheiros do
«seu Conselho Ultramarino abaixo assignados. Theodosio
«de Cobellos Pereira fez a 29 de Maio de 1753. O secre-
«tario Joaquim Miguel Lopes de Lavre a fez escrever.
«— *Fernando José Marques Bacalháo—Antonio Lopes da*
«*Costa—Bartholomeu Descalco Barros.*

Teôr do termo da junta feita em Goyaz: — «Aos
«vinte dias do mez de Agosto de 1755 annos, em o
«arraial de Meia Ponte, em casas de residencia do il-
«lustrissimo e excellentissimo senhor conde dos Arcos,
«governador e capitão-general desta capitania, sendo ahi
«presentes o mesmo illustrissimo e excellentissimo se-
«nhor conde dos Arcos, general desta capitania, e o
«illustrissimo e excellentissimo senhor conde S. Miguel,
«governador e capitão-general eleito desta capitania (1),

(1) Este conde de S. Miguel chamava-se D. Alvaro
Xavier Botelho de Tavora e foi nomeado para sub-

«e o doutor ouvidor geral Sebastião José da Cunha «Soares e Vasconcellos e o doutor intendente do ouro «e provedor da Fazenda Real, Anastacio da Nobrega, «e o doutor Jeronimo Moreira de Carvalho, e o doutor «Filippe da Silveira e Souza, e o doutor José Gomes «de Oliveira, e o doutor Ignacio José Alves de Oli-«veira, e o doutor Antonio Rodrigues Fontana, vigario «da matriz deste arraial, e na presença de todos foi «lida a representação que os officiaes da camara da «villa do Senhor Bom Jesus do Cuyabá fizeram ao illus «trissimo e excellentissimo senhor Dom Antonio Rolim «de Moura, governador e capitão-general daquella ca-«pitania, em 9 de Abril deste presente anno, para ef-«feito de ser removido do logar de ouvidor geral da-«quella capitania o bacharel João Antonio Vaz Morilhas «em execução da Provisão de Sua Magestade de 29 de «Maio de 1753, passada ao desembargador Fernando «Caminha de Castro, ouvidor nomeado para aquella «capitania, em consequencia da qual Provisão houve «por bem Sua Magestade, por decreto de 22 de Maio «do mesmo anno, haver por acabado ao dito bacharel «João Antonio Vaz Morilhas o referido logar de ouvidor «geral do Cuyabá, que está exercitando, sem embargo «de não serem completos os annos por que foi provido;

Marcos de Noronha no governo de Goyaz, onde elle celebrisou-se como gatuno dos dinheiros reaes, seguindo-o nessa vereda de ladroeiras os seus empregados, e porque os dinheiros reaes não bastavam para satisfazer a cobiça de tanta gente desceram elles a fazer sobre o povo todas as sortes de violencias e de extorsões. Foram por isso processados e pronunciados e tiveram os seus bens confiscados, não sómente o governador, mas [illegible] em grande numero de funccionarios publicos e quatro [illegible]ores—no todo mais de trinta.

(N. do C.).

«á cuja resolução deram motivo as queixas que foram «presentes a Sua Magestade contra o dito ministro, e «como esta ordem de suspensão não foi intimada ao «sobredito bacharel por haver fallecido o desembargador «Fernando Caminha de Castro, á quem vinha encar-«regada a sua execução, requerem os officiaes da ca-«mara que com effeito se lhe intime e seja removido «do emprego o ouvidor geral João Antonio Vaz Mo-«rilhas e que entre a exercer este emprego o ministro «a quem tocar, nas formas das ordens de Sua Mages-«tade; e como a materia é de tanta ponderação e na-«quelle governo presentemente não ha numero de mi-«nistros e lettrados que baste para se poder tomar uma «acertada determinação, pediu o dito illustrissimo e «excellentissimo senhor Dom Antonio Rolim de Moura «a este governo mandasse ver em junta esta materia «para que com o que nella se resolvesse pudesse tomar «aquellas medidas que julgasse mais conveniente para «o socego dos povos e quietação dos vassallos de Sua «Magestade, uniformemente votaram que se devia inti-«mar ao bacharel João Antonio Vaz Morilhas que tinha «findo o tempo de seu logar por Sua Magestade o haver «assim determinado pelo decreto de 22 de Maio de «1753, de que faz menção a Provisão do Conselho «Ultramarino de 29 do mesmo mez e anno, que deve «entrar a exercer o emprego de ouvidor geral o mi-«nistro a quem pertence, em execução das ordens de «Sua Magestade, visto ter fallecido o desembargador «Fernando Caminha de Castro, a quem Sua Magestade «havia nomeado para o dito emprego, e de como as-«sim se resolveu mandou o illustrissimo e excellentis-«simo senhor conde dos Arcos, governador e capitão-«general desta capitania, fazer este termo que to «assignaram e eu, o secretario do governo Angelo «

«Santos Cardoso, que o escrevi: *Conde Dom Marcos de* «*Noronha—Conde de S. Miguel—Sebastião José da Cunha* «*Soares e Vasconcellos—Anastacio da Nobrega—Jeronimo* «*Moreira de Carvalho—Felippe da Silveira e Souza—* «*José Gomes de Oliveira—Ignacio José Alves de Oliveira* «*—Antonio Rodrigues Fontoura—Bartholomeu Descalça* «*Barros.*—O secretario do governo, *Angelo dos Santos* «*Cardoso* (1).

Teôr da carta do senhor conde dos Arcos:

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor: — Logo «que recebi a carta de V. Ex.ª de 5 de Maio deste «presente anno, que lhe haviam feito em 9 de Abril os «officiaes do senado da camara da villa do Senhor Bom «Jesus do Cuyabá, fundados na Provisão de Sua Ma«gestade de 29 de Maio de 1753, passada ao desem«bargador Fernando Caminha de Castro, na qual o «mesmo Senhor é servido declarar que houve por bem «por decreto de 22 de Maio do mesmo anno, haver por «acabado ao bacharel João Antonio Vaz Morilhas o «logar de ouvidor do Cuyabá, que estava exercendo, «convoquei a junta que V. Ex.ª na sua carta me de«terminava fizesse para tomar a resolução positiva sobre «si se devia mandar intimar ao ouvidor João Antonio «Vaz Morilhas a ordem de suspensão para que se «abstenha de exercer o logar de ouvidor que está oc«cupando.

«Pela copia do termo de junta que remetto, assi«gnada pelo secretario deste governo, será presente a

(1) Dos signatarios deste termos alguns foram pronunciados por prevaricações e roubos commettidos no governo de Goyaz, [illegible]o o conde de S. Miguel, Sebastião J. da Cunha Soares e [illegible]tacio Nobrega.

(*N. do C.*).

«V. Ex.ª que tanto os ministros como os lettrados, que «convoquei, uniformemente votaram que V. Ex.ª devia «mandar intimar ao bacharel João Antonio Vaz Mo«rilhas que tinha findo o tempo do seu logar por Sua «Magestade ó haver assim determinado no decreto de «22 de Maio de 1753, de que faz menção a provisão «de 29 do mesmo mez e anno, e que suspenso o so«bredito bacharel devia entrar a exercer o emprego «de ouvidor geral o ministro a que pertencesse em «execucão das ordens de Sua Magestade, visto ser fal«lecido o desembargador Fernando Caminha de Castro, «a quem Sua Magestade havia provido no mesmo «logar.

«Esta resolução que se tomou na sobredita junta, «a qual convoquei para executar o que V. Ex.ª me «manda e não como vice-rei deste Estado, porque sup«posto Sua Magestade me tenha feito a honra de me «nomear para este emprego, como ainda não tenho «tomado posse delle, de nenhuma maneira poderia «exercer acto de jurisdicção que ficasse sendo valioso. «—Deus Guarde a V. Ex.ª muitos annos.—Villa Bôa «de Goyaz, 22 de Agosto de 1755. — Illmo. e Exmo. «Sr. Dom Antonio Rolim de Moura. — *Conde Dom «Marcos de Noronha—Bartholomeu Descalça Barros.*»

Teôr da demissão:

«Theotonio da Silva Gusmão, juiz de fóra e de «orphãos desta Villa Bella da Santissima Trindade de «Matto Grosso, por Sua Magestade que Deus guarde, etc. «—Porquanto tenho noticia que ao doutor João An«tonio Vaz Morilhas se manda intimar o decreto de «Sua Magestade, de Maio de 1753, pelo qual o houve «por suspenso do logar de ouvidor do Cuyabá, por «queixas, em cujo caso, por fallecer o successor «Sua Magestade lhe mandava, me competem a

«por provisão do mesmo Senhor a jurisdicção e exer-
«cicio do dito logar de ouvidor por me achar actual-
«mente sendo juiz de fóra da comarca e ministro de
«jurisdicção ordinaria, Como, porém, me acho nesta
«villa muito occupado com a factura da egreja Matriz
«della e com outras obras muito necessarias ao estabe-
«lecimento desta Republica e muito do serviço de Sua
«Magestade, os quaes poderão ter decadencia sem a
«minha assistencia, e como tambem os meus achaques
«me não permittem jornada cumprida, qual é desta
«villa até Cuyabá (1), será pôr-me em perigo de vida
«si a fizer. Por estes motivos e não outros faço de-
«missão do dito logar de ouvidor do Cuyabá para que
«o possa exercer o doutor Francisco Xavier dos Gui-
«mares Brito e Costa, intendente dos Quintos e pro-
«vedor da Fazenda Real, a cujo ministro o confere a
«mesma provisão de Sua Magestade na falta de juiz de
«fóra, com protesto porém que esta minha renuncia é
«só do meu direito, sem prejuizo do que este logar de
«juiz de fóra e meus successores nelle tem ao dito
«logar de ouvidor de Cuyabá quando pelo tempo adeante
«se offereça outra semelhante occasião de vagar. —
«Villa Bella, 3 de Dezembro de 1755 annos.—*Theotonio*
«*da Silva Gusmão—Bartholomeu Descalça Barros.*»

Já agora não poderá haver quem possa affirmar, a vista do que fica manifestado, que o Excellentissimo General fôra o que insinuára á camara as contas contra o ouvidor João Antonio Vaz Marilhas; antes se alcança

(1) A distancia entre Cuyabá e Villa Bella de Matto-Grosso é de mais de 80 leguas em linha recta, de modo que devia exceder muito de 100 leguas pelos pessimos e sinuosos caminhos daquelles tempos.

(N. do C.).

o excessivo ardor com que a camara solicitava todos os meios da sua suspensão.

No dia 20 de Dezembro foi com effeito aberta em camara a conta para a suspensão do dito ministro, como se tem se mostrado; no mesmo acto dirigiram os officiaes da dita camara uma carta ao ouvidor conforme as instrucções do Excellentissimo General, porém elle recusou *a ida* a camara. Ultimamente lavrou-se o termo de suspensão, que se acha no livro 11 das vereanças, a fls. 37, na forma seguinte:

«Ao vinte dias do mez de Dezembro de 1755 annos, «nesta Villa Real do Senhor Bom Jesus do Cuyabá, em «a casa da camara della, onde foram vindos os juizes «ordinarios, o capitão Antonio de Pinho de Azevedo e «o tenente Francisco da Silva Lisboa, Paschoal Delgado «Lobo e Gregorio Dias de Madureira, e o procurador «Pedro Gomes Rocha, e sendo ahi se abriu uma carta «do Illmo. e Exmo. Sr. Governador e Capitão-General «desta capitania, Dom Antonio Rolim de Moura, que «em summa concluia: — que por este mesmo senado «lhe haver representado, que por Sua Magestade haver «suspenso ao doutor João Antonio Vaz Morilhas dos «cargos que nesta capitania occupava, por decreto de «22 de Maio de 1753, e se achar este povo escanda«lisado da injusta administração da sua justiça, lhe «requereu o dito senado lhe mandasse intimar o dito «decreto de suspensão, o que consultando com o senhor «conde dos Arcos, vice-rei deste Estado, o qual, con«vocando junta nella se decidiu fosse intimada a sus«pensão ao dito doutor João Antonio Vaz Morilhas, «nos ordenava assim o executassemos, escrevendo duas «contas, assim ao doutor intendente desta capitania, «Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa, como «ao dito doutor João Antonio Vaz Morilhas, para o

«a este suspendessemos e aquelle encarregassemos os «officios de ouvidor geral e provedor dos ausentes desta «comarca. O que observando nós pontualmente, foi «vindo o doutor intendente a este senado, e o doutor «João Antonio Vaz Morilhas deu por resposta á carta «que lhe escrevemos de que para bem do serviço de «Sua Magestade se achasse neste senado, onde presen- «temente o estavamos esperando, que não achava no «regimento deste senado permissão para tanto e outras «cousas que concluiam que não vinha. O que por assim «haver se passado e por nos ser présente uma demis- «são do juiz de fóra de Matto Grosso, Theotonio da «Silva Gusmão, em que por impedimentos que não «podia vencer cedia da substituição de ouvidor no dito «doutor intendente Francisco Xavier dos Guimarães «Brito e Costa, ministro a quem em virtude das ordens «Reaes competia a dita sua substituição. Portanto, ha- «vemos com effeito por suspenso e suspendemos, em «virtude do referido decreto de 22 de Maio de 1753, «da determinação da junta de Goyaz, feita em presença «do senhor conde vice-rei, do senhor general actual e «de outros ministros e lettrados, como tambem da carta «que o dito illustrissimo e excellentissimo senhor ge- «neral desta capitania nos remetteu, o dito doutor João «Antonio Vaz Morilhas do officio de ouvidor e prove- «dor dos ausentes e dos mais que occupava, e de todos «estes encarregamos e damos posse, na forma outro- «sim da ordem do illustrissimo e excellentissimo senhor «general desta capitania, ao doutor intendente Fran- «cisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa, e por tal «a este reconhecemos desde já, e assentamos mandar-se «logo publicar edital para fazer notorias ao povo a sus- nsão daquelle ministro e a posse deste, e de irmos » corpo de camara intimar ao dito doutor João An-

«tonio Vaz Morilhas a suspensão e que não use mais «da jurisdicção que exercitava, de que o havemos sus«penso, tudo em observancia do decreto de Sua Ma«gestade e mais ordens mencionadas; e de tudo para «constar mandaram fazer este termo que assignaram com «o dito doutor intendente e ouvidor novamente empos«sado, e eu, José da Cruz Almada, escrivão da camara, «que o escrevi.—*Antonio Pinho de Azevedo—Francisco «Ribeiro de Moraes—Paschoal Delgado Lobo—Gregorio «Dias de Madureira— Pedro Gomes Rocha — Francisco «Xavier dos Guimarães Brito e Costa.*»

Concluida esta acção e lavrado edital que se mandou publicar ao povo sobre esta materia, foram logo os officiaes da camara com o novo ouvidor empossado, em corpo de camara lhe foi intimada a dita suspensão do cargo de ouvidor geral da comarca e dos mais que exercia, em observancia do Real decreto de 22 de Maio de 1753 e mais ordens em virtude delle expedidas pelo Illustrissimo e Excellentissimo General desta capitania, que tudo lhe apresentaram, o que vendo o dito ouvidor suspenso disse que o não podiam fazer e que os emprazava e notificava para irem dar conta a Sua Magestade do excesso com que se mostravam. Sempre se deu por suspenso, dizendo como era só não tinha forças contra tantos. Assim consta da fé do escrivão da mesma camara, José da Cruz Almada, que se acha lavrada no livro 11 das vereanças, a fls. 38 verso, com a data de 20 de Dezembro do mesmo anno de 1755.

Isto posto, passaram os officiaes da camara a agradecer ao Excellentissimo General a execução do Real decreto de 22 de Maio de 1753, com a suspensão do ouvidor, o doutor João Antonio Vaz Morilhas, o c fizeram na fórma seguinte:

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor: — Logo «que em acto de camara recebemos a carta V. Ex.ª de «3 do presente mez de Dezembro em 20 mesmo, com «as ordens inclusas que V. Ex.ª nos enviou, determi-«nando-nos a execução do decreto de Sua Magestade «de 22 de Maio de 1753, da suspensão do doutor João «Antonio Vaz Morilhas do cargo de ouvidor desta co-«marca, com a remessa do mesmo alvará de suspensão «o acto de junta feito em Goyaz na presença dos illmos. «e exmos. senhores generaes conde dos Arcos e conde «de S. Miguel, com os ministros e lettras daquellas «minas, e demissão que o doutor juiz de fóra dessa «Villa Bella, Theotonio da Silva Gusmão, fez do logar «de ouvidor desta comarca, tudo autentico e assignado «pelo secretario deste governo.

«Sem demora alguma o puzemos em execução, se-«guindo o formulario de V. Ex.ª, escrevendo carta do «serviço tanto ao doutor intendente desta comarca, «Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa, como «ao doutor João Antonio Vaz Morilhas, então ouvidor «della, convocando-os a que, a bem do serviço de Sua «Magestade, lhes requeriamos se achassem na casa da «camara, onde presentemente os esperavamos, por nella «nos acharmos. O dito doutor intendente logo prompta-«mente veiu e o doutor João Antonio Vaz Morilhas «não só não veiu, mas deu a resposta de que envia-«mos a copia a V. Ex.ª, em consideração do que con-«tinuamos a seguir a ordem de V. Ex.ª com todo o «socego, havendo por suspenso ao dito ministro em «observancia do dito alvará de Sua Magestade e posse «dada do dito cargo de ouvidor geral desta comarca, «e dos mais empregos a elle juntos, ao doutor inten-ente Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa, e que se lavrou termo com as circumstancias neces-

«sarias, de que remettemos por certidão a copia a «V. Exª.

«E logo em acto de camara, com as insignias de «Republicanos, sahimos todos com o doutor ouvidor «geral novamente empossado, publicando-se a este tempo «já editaes da suspensão do dito doutor João Antonio «Vaz Morilhas do cargo de ouvidor, que occupava, e «que reconheçam o povo e officiaes de justiça ao dito «doutor Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa «por ouvidor geral e provedor de ausentes desta co«marca, com os mais annexos que lhe pertenciam, e «com effeito indo as casas da residencia do dito doutor «João Antonio Vaz Morilhas, lhe intimámos a dita sus«pensão e abstenção do cargo de ouvidor que occupava, «na forma do decreto de Sua Magestade de 22 de Maio «de 1753, cujo alvará por elle foi visto e expressado, «e com effeito se deu por suspenso, não obstante nos «notificar e emprazar perante Sua Magestade por ex«cesso com que nos portavamos em o suspender, no «que não nos dá cuidado por sermos uns meros exe«cutores da ordem de Sua Magestade, por donde o ha «por suspenso e o seu logar por acabado, e por V. Exª «nos determinar assim o executassemos em virtude do «dito Real decreto, de cuja suspensão intimada passou «o escrivão deste senado certidão ao pé do termo re«ferido.

«O que supposto segue-se agora a nos gratificar«mos a V. Exª a mercê que nos fez e a todo este «povo na execução do dito decreto para o pôr em tran«quillidade, e que a V. Exª beijemos as mãos em «nome do mesmo povo por vermos e experimentarmos «que só o desvelo de V. Exª se encaminha ao zelo do «serviço de Sua Magestade e socego do bem com«seguindo-se a suspensão do doutor João Antonio

«Morilhas o doutor Francisco Xavier dos Guimarães «Brito e Costa exercer, como está, o cargo de ouvidor «geral desta comarca com os seus annexos, que a sua «limpeza de mãos, affabilidade e lettras nos dam evi«dentes signaes de desempenhar o dito logar assim «como o tem executado no de intendente. Um e outro «facto pretendemos pôr na presença de Sua Magestade «agradecendo-lhe em nome desta Republica, e nós, «como sua cabeça, o vigilante cuidado com que V. Ex.ª «maduramente deu providencia a isental-a de oppres«sões e vexames, fazendo executar o Real decreto da «suspensão daquelle ministro e *eseção* do presente (1). «—Deus Guarde a illustrissima pessoa de V. Ex.ª por «extensos e dilatados annos para tranquillidade desta «capitania. — Cuyabá, em camara de 22 de Dezembro «de 1755 annos. — Juiz ordinario, vereadores e procu«rador da camara, *Francisco Ribeiro de Moraes—Fran«cisco da Silva Lisboa —Paschoal Delgado Lobo— Gre«gorio Dias de Madureira—Pedro Gomes Rocha.*»

Acha-se esta carta registrada no livro numero 7 do Registro, a fls. 34.

Anno de 1756 : — Descobriram-se as lavras chamadas do *Medico*, que, com a grandeza do ouro que dellas brotava, deram abalo a todo este povo. Durou sua grandeza quasi um anno, que fez acudir gente de povoado, Minas Geraes e Goyaz. Em Agosto deste anno

---

(1) O manuscripto nestas paginas está bem conservado e redigido com bôa lettra. Não comprehendemos a significação das palavras *e eseção do presente*, que reproduzimos taes como estão escriptas. O sentido parece ser que a suspensão do ministro e a sua substituição por um outro de mãos limpas e affrouxe a *cessação do presente* estado de cousas e a tranlade e socego do povo.

(N. do C.).

chegou a esta villa noticia do terremoto que houve em Portugal no dia primeiro de Novembro do anno passado, que causou pasmo grande e sentimento indizivel (1). Subiram neste mesmo anno pelo Paraguay acima os enviados de El-Rei de Hespanha a plantar um marco na barra do rio Jaurú (2). Expediram-se tambem desta villa varias canôas e gentes a acompanhal-os e levar-lhes conducta, no que gastou a Real Fazenda vinte e duas mil oitavas de ouro.

Anno de 1757: — Chegou na monção o padre José Mendes de Abreu por vigario da vara e parocho desta freguezia e não tomou posse senão no seguinte anno em que fez viagem o vigario antecessor Manoel Antonio Falcão Cota e lhe deixou a egreja.

Neste mesmo anno foi ratificada por ordem de Sua Magestade a suspensão que se havia feito do doutor João Antonio Vaz Morilhas de ouvidor desta comarca e a posse do mesmo logar dada ao doutor intendente

---

(1) O terremoto mencionado arrasou a cidade de Lisboa e occasionou prejuizos enormes e lamentaveis perdas de vida. Maior ainda teria sido esta temerosa catastrophe si não fosse ministro naquelle tempo o grande marquez de Pombal, que com a energia, que o caracterisava, tomou todas as providencias tendentes a minorar a grandeza do desastre. O Brazil soffreu igualmente porque aqui se estabeleceu o *imposto dos dez annos* para reconstruir Lisboa arruinada, o qual foi prorogado e durou dezenas de annos com grave vexame para os brazileiros.

(2) O *Jaurú* é rio essencialmente brazileiro ainda hoje. O vergonhoso *Tratado de Santo Ildeffonso* estabeleceu este rio como divisa entre o Brazil e as colonias hespanholas; mas não foi executado. Nasce na serra dos *Parecis* e corre para o sul, vindo desaguar na margem direita do rio Paraguay r---- abaixo de Villa Maria.

(*N. do* (

Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa, de que já tratamos no anno de 1755, o que tudo com individuação consta do termo de vereança que se fez no senado da camara desta villa no dia 2 de Julho, e da mesma ordem regia e carta do Excellentissimo General sobre a mesma materia, que se acham encorporadas no dito termo, que tudo fielmente aqui transcrevo, alcançarão os leitores a realidade da materia (1). Acha-se o dito termo lavrado no dito livro 11 das vereanças, a fls. 147, verso, e é do teôr seguinte:

«Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus «Christo de mil setecentos cincoenta e sete annos, aos «dois dias do mez de Julho do dito anno, nesta Villa «Real do Senhor Bom Jesus de Cuyabá, em os paços «do conselho e casas da camara della, onde foram «vindos o doutor ouvidor geral e corregedor da co«marca Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa, «o juiz ordinario Paschoal Delgado Lobo, e os verea«dores actuaes Domingo Pacheco Mascarenhas, o li«cenciado Domingo Pequeno Chaves e o licenciado «Francisco João Botelho, e o procurador do senado João «Soares de Souza, commigo escrivão, para effeito de se «ratificar a suspensão do doutor João Antonio Vaz Mo«rilhas dos logares que exercitou nesta comarca e ca«pitania, e ratificar a posse do doutor ouvidor geral

---

(1) O chronista tem dado extraordinaria importancia ao incidente de pouco valor da suspensão do ouvidor Morilhas e tem enchido paginas e mais paginas com a narrativa deste insignificante facto, sómente porque José Barbosa de Sá disséra que essa suspensão fora obra *talvez* exclusiva do governador Rolim de Moura. Transcrevemos tudo para não truncar o manuscripto, que é de grande valor quanto ao mais.

(N. do C.).

«que presidia aos mesmos logares, e sendo ahi logo elle «doutor ouvidor geral e mais officiaes da camara man- «daram chamar a elle dito doutor João Antonio Vaz «Morilhas, que sendo presente em voz alta e intelli- «givel, por ordem do dito doutor ouvidor geral e mais «officiaes da camara, lhe li a provisão de Sua Mages- «tade, do teôr seguinte:

«Dom José, por graça de Deus, Rei de Portugal «e dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, Se- «nhor de Guiné, etc. — Faço saber a vós governador «e capitão-general da caditania de Matto Grosso que, «havendo visto a conta que me déstes em carta de 9 «de Maio de 1755, acerca de haver fallecido em Villa «Bella o desembargador Fernando Caminha de Castro, «a quem tinha nomeado por ouvidor de Cuyabá, antes «de tomar posse do dito logar, e o que vos escreveram «os officiaes da camara e capitão-mór da villa do mesmo «Cuyabá, para effeito de se suspender ao ouvidor João «Antonio Vaz Morilhas, a quem o dito desembargador «ia succeder por virtude da ordem que levava para «delle syndicar, afim de se evitarem as vexações que «este ministro faz a aquelles moradores, ao que atten- «dendo fui servido, por resolução de 20 do corrente, «tomada em consulta do meu Conselho Ultramarino, «que se suspenda logo ao dito ouvidor actual João An- «tonio Vaz Morilhas, ainda que por qualquer incidente «se dilate ou morra o novo ouvidor nomeado por mim, «o que assim fareis executar. El-Rei Nosso Senhor o «mandou pelos conselheiros de seu Conselho Ultrama- «rino abaixo assignados e se passou por duas vias.— «Theodoro de Abreu Belmudes a fez em Lisboa a 31 «de Março de 1756. O secretario Joaquim Miguel Lopes «de Lavre a fez escrever.—*Antonio de Azevedo Coutin*

«— *Antonio Lopes da Costa.*—Cumpra-se como Sua Ma-
«gestade manda e registre-se na secretaria do governo
«e mais partes a que tocar.—Villa Bella, 8 de Janeiro
«de 1757.—*Dom Antonio Rolim de Moura.*—Registrada
«a fls. 92 do livro primeiro do Registro, que serve
«nesta secretaria do governo.—Villa Bella, 8 de Janeiro
«de 1757.—*Bartholomeu Descalça Barros.*—Registrada
«a fls. 110 do livro primeiro do Registro das Ordens
«Reaes, que serve nesta camara de Villa Bella, 9 de
«Janeiro de 1757.—*Ignacio Pereira Leão.*—Registrada
«no livro segundo das Ordens Reaes, que serve nesta
«ouvedoria, a fls. 129. — Villa Real do Senhor Bom
«Jesus do Cuyabá, 11 de Março de 1757. — *Antonio*
«*Pugas Dantas.*—Cumpra-se e registre-se.—Cuyabá, 10
«de Março de 1757.—*Dos Guimarães.*—E não se con-
«tinha mais em a dita provisão, que foi apresentada
«pelo dito doutor ouvidor geral e presidente, com uma
«carta do illustrissimo e excellentissimo senhor general
«do teôr seguinte:

«Recebi a carta em que vossamercê me diz o em-
«baraço em que se viu para dar execução a ordem
«que lhe remetti para se ratificar a suspensão de João
«Antonio Vaz Morilhas, e das traças que elle buscou
«para essa diligencia se lhe não fazer em camara como
«devia, e porque além disto me consta que elle quer
«pôr em duvida a verdade da dita ordem, a torno
«agora a remetter a vossamercê para que a execute da
«forma seguinte: — Avisará vossamercê os officiaes da
«camara para que nella se juntem em dia e hora certa,
«e no caso de estar algum impedido ligitimamente que
«se chame outro conforme o estylo praticado nessa
«villa, de forma que esteja nessa diligencia completo
numero. Avisará tambem a João Antonio Vaz Mo-
ias para que na dita assembléa se ache na mesma

«hora e dia, tendo vossamercê o cuidado de averiguar «primeiro si elle se acha com algum embaraço justo, «em cujo caso será melhor demorar a diligencia do que «deixar de a fazer com toda a regularidade devida e «costumada. Porém, si elle cavillosamente procurar es- «cusar-se de ir a camara tendo vossamercê usado a «politica que requer a consideração de haver servido «de ministro, como já neste caso se não faz digno della, «o obrigarão a vir por força, mando-o buscar pelos «seus officiaes ou pelos soldados quando assim seja «preciso. Juntos todos em camara, mandará vossamercê «lêr em alta vóz e com toda a distincção a provisão «de Sua Magestade, e depois disso e em virtude della «ratificará vossamercê ao dito João Antonio Vaz Mo- «rilhas a suspensão dos logares que occupava e ao «mesmo tempo ratificará a sua posse de vossamercê «nos mesmos logares, o que feito se lavrará de tudo «um termo nos livros da camara, indo nelle copiada a «provisão de Sua Magestade e esta minha carta; cujo «termo assignará vossamercê com toda a camara e o «mesmo doutor João Antonio Vaz Morilhas. E quando «elle repugne se passará uma certidão por baixo do «dito termo, assignada tambem por vossamercê e pela «camara, de como elle não assignou, e disto tudo man- «dará vossamercê extrahir dous traslados autenticos «para com elles dar conta a Sua Magestade de ficar «executada a diligencia que o dito Senhor me ordena; «e não admittirá vossamercê ao dito doutor João An- «tonio Vaz Morilhas requerimento algum, nem protesto «sobre a dita diligencia, pois só para mim reservo o «deferir-lhe como entender nesta parte.—Villa Bella, 30 «de Maio de 1757. — *Dom Antonio Rolim de Moura.* — «Senhor Doutor Intendente e Ouvidor Geral, Fra «Xavier dos Guimarães Brito e Costa.

«Em virtude do que houveram elle, dito doutor «ouvidor geral e corregedor da comarca, e mais offi-«ciaes da camara por ratificada a suspensão que se «havia feito do doutor João Antonio Vaz Morilhas de «ouvidor e mais logares que nesta comarca e capitania «exerceu, e da mesma sorte houveram por ratificada a «posse que nos mesmos logares exerce o doutor inten-«dente Francisco Xavier dos Guimarães Brito e Costa, «e de tudo para constar mandaram fazer este auto, «que assignaram com o dito doutor João Antonio Vaz «Morilhas, e eu, Miguel José Rodrigues, escrivão da «camara, que o escrevi e dou fé, assim por passar tudo «na verdade, e mandaram que eu, escrivão, tirasse dous «traslados deste auto na fórma da ordem de sua excel-«lencia.—*João Antonio Vaz Morilhas—Francisco Xavier «dos Guimarães Brito e Costa—Paschoal Delgado Lobo «—Domingos Pacheco Mascarenhas—Domingos Pequeno «Chaves — Francisco João Botelho — João Soares de «Souza.*»

Anno de 1758: — Viu-se em principio de Abril um cometa ao nascente sobre a madrugada, passados alguns dias appareceu outro que se mostrava logo a bocca da noite para o sul, e passados alguns mezes começou a laborar a péste, com tosses e cursos de sangue, de que morreu muita gente, principalmente velhos e crianças, e durou até o seguinte anno.

Foi no mez de Outubro deste mesmo anno extincta a ouvidoria desta villa e feito ouvidor em Villa Bella o doutor juiz de fóra della e foram levados os cartorios da ouvidoria e ausentes desta para aquella villa.

Anno de 1759: — Durou ainda a peste do anno antecedente, morrendo bastante gente.

no de 1760: — Não houve novidade que se

Anno de 1761: — Foi preso o doutor João Antonio Vaz Morilhas e remettido para Matto Grosso, sendo sequestrados os seus bens (1).

Anno de 1762: — Chegou em monção de povoado o doutor Constantino José da Silva e Azevedo por primeiro juiz de fóra desta villa, que se apartou da monção no rio Xanes, *digressando-se* para Matto Grosso, de onde veiu por terra depois de haver juramento de provedor dos ausentes nas mãos do general da capitania, por haver sido provido unicamente por uma carta regia dirigida ao dito general, que é do teôr seguinte:

«Dom Antonio Rolim de Moura, Governador e «Capitão-General da Capitania de Matto Grosso e «Cuyabá. Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. «—Fui servido nomar ao bacharel Constantino José de «Azevedo para juiz de fóra do Cuyabá; e porque não «coube no tempo o tirar a sua carta na fórma ordi«naria, hei por bem que, não obstante a falta della, «lhe deis posse e exercicio do dito logar por virtude «desta sómente. O que me pareceu avisar-vos para as«sim o terdes entendido e fazerdes executar, não «obstante quaesquer leis, disposições e costumes con«trarios. — Escripta no Palacio de Nossa Senhora da «Ajuda a 28 de Agosto de 1760. — Rei.»

---

(1) O chronista, que gastou tanto tempo e esforço em fazer a exposição dos factos relativos a suspensão do dr. Morilhas, apenas refere que o mesmo foi preso e teve os bens confiscados, sem nos dar a causa que motivou estes factos tantos annos depois da sua suspensão. Entretanto é de suppôr que fossem as prevaricações e tropelias que tinha praticado como ouvidor da comarca.

(N. do C.).

Esta carta regia, com o juramento que prestou o dito ministro, que se acha nas costas, está registrada no livro 9 do Registro deste senado, de fls. 62 té fls. 63, assim como no verso de fls. 63 está a do general escripta a camara sobre o mesmo respeito e afim de que lhe déssem posse, que contem o seguinte:

«Sua Magestade foi servido participar-me, em carta «assignada por sua Real mão com data de 28 de Agosto «de 1760, a nomeação que houve por bem fazer na «pessoa do doulor Constantino José de Azevedo para «juiz de fóra dessa villa, ordenando-me que, não «obstante a falta de carta passada na forma ordinaria, «a qual não tirára por não caber no tempo, lhe désse «posse e exercicio do dito cargo. Em observancia desta «Real ordem o reconheci logo por juiz de fóra dessa «villa e consequentemente por provedor das fazendas «dos defunctos e ausentes, para cujo exercicio lhe de«feri juramento. Vossasmercês lhe darão posse em ca«mara com as solemnidades costumadas e cumpram em «tudo a disposição da dita carta regia, que com esta «lhes será apresentada para se registrar nos livros dessa «camara.—Deus Guarde a vossasmercês muitos annos. «—Villa Bella, 16 de Julho de 1762. — *Dom Antonio «Rolim de Moura.* — Senhores Officiaes da Camara do «Cuyabá.»

Em consequencia das ditas cartas tomou posse em 9 de Agosto deste mesmo anno; assim consta do livro 13 das vereanças a fls. . . .

Anno de 1763: — Achou-se o nosso Excellentissimo General, Dom Antonio Rolim de Moura, fidalgo da casa dos condes de Val de Reis, que depois mere- pelos seus serviços o titulo de conde de Azambuja, no já memorámos, estando ainda no governo destas

capitanias (1), ameaçado do inimigo hespanhol, que se tinha postado com trincheiras na barra do rio *Itunamas*, com grande numero de soldados, tanto hespanhóes como indios das numerosas missões que ha naquellas vastas regiões, com mil e duzentas armas de fogo e muitas peças de artilharia, e não tendo o mesmo general forças com que se oppuzesse áquelle poder, receoso do perigo imminente si fosse tomada a fortaleza da *Conceição*, fundada e construida por elle, em virtude de ordens regias, no logar em que antigamente tiveram os hespanhóes a missão denominada *Santa Rosa*, nas margens do rio Guaporé, em distancia de quinze e vinte dias rodando-se pelo dito rio desde Villa Bella até a mesma fortaleza (2), della recorreu a dita villa pedindo com a maior brevidade soccorro, que foi dado principalmente pelos paulistas Bento Dias Botelho, que depois foi capitão-mór da mesma villa, João Raposo da Fonseca Goes, hoje sargento-mór das

(1) A capitania era uma só, mas como tinha o titulo de *Capitania* de *Matto-Grosso* e Cuyabá, o chronista a põe no plural como si fossem duas.

(2) A missão de Santa Rosa estava na margem esquerda do rio Guaporé, pouco acima da barra do riacho *Baurés* ou *Branco*. O rio Itunamas ou Itanamas corre para o norte parallelo com o Baurés e desagua na margem esquerda do Guaporé, pouco abaixo da barra do mesmo Baurés. O rio Guaporé ahi é encachoeirado e as corredeiras ainda se chamam *Cachoeiras de Santa Rosa*.

Pouco abaixo está o forte do *Principe da Beira* e de fronte na margem esquerda, fica o territorio boliviano, antigamente hespanhol dos *Mochos*. Santa Rosa ficava na distancia de 4° ou 80 leguas noroeste de Villa Bella e em canôas a viagem podia ser feita em 15 ou 20 dias.

(N. do

ordenanças da mesma villa, Sebastião Pinheiro Raposo, filho do brigadeiro Antonio de Almeida Lara, e reverendo padre José Manoel Leite, irmão do reverendo Lourenço Leite Penteado, conego da Sé de S. Paulo (1).

Estes todos, logo que tiveram noticia que o General se achava na ultima extremidade, por não ter mais do que trinta homens capazes de pegar em armas, seis frascos de polvora e muito pouco mantimento, se armaram a sua custa, cada um com o numero de escravos e camaradas que então poude apromptar, o que se fazia mais louvavel em tempo em que os mesmos mantimentos estavam por preços exorbitantes pela muita falta que havia delles. Com este soccorro e com o que foi da mesma villa a custa da Real Fazenda se apresentaram ao dito General, que então se viu em estado de alguma defesa.

Chegou a noticia desta revolução a esta villa do Cuyabá, onde deu grande abalo aquella novidade, e porque a junta, que se estabeleceu em Villa Bella para governar em ausencia do general, pediu soccorro a esta com a brevidade que pedia o caso, se promptificaram a custa da Real Fazenda cinco canôas de homens armados em guerra (2), que foram commandados pelo

---

(1) Ainda existe em S. Paulo uma numerosa e distincta familia *Arruda Botelho*, que em parte se cruzou com os *Dias Pacheco* e outras. Dahi veiu talvez este Bento Dias Botelho. Os *Raposo da Fonseca* e os *Pinheiro Raposo* eram familias muito proeminentes. Pedro Taques, na *Nobiliarchia Paulistana*, diz que o brigadeiro Antonio de Almeida Lara viveu e morreu solteiro; este Sebastião Pinheiro deve, portanto, ser seu filho natural ou legitimado.

(2) A viagem por canôas de Cuyabá a Villa Bella era tão extensa, porque era preciso descer os rios Cuyabá e

 (N. do C.).

sargento-mór das ordenanças Antonio de Pinho de Azevedo.

Os mais officiaes, que marcharam nesta mesma occasião ao dito soccorro, foram os capitães das mesmas ordenanças Vicente Rabello Leite e Ignacio Maciel Tourinho, o adjudante Joaquim Lopes Poupino (1) e, alferes Miguel José Rodrigues e Antonio Pereira Cardoso, além de uma companhia de indios da missão de *Santa Anna*, do districto desta villa, com os seus officiaes competentes.

Este soccorro partiu do porto desta villa no dia 23 do mez de Junho do anno de 1763 e foi expedido com promptidão porque os animos dos seus habitantes preoccupados da afflição em que consideravam ao seu general, não podiam soffrer delongas, querendo si possivel lhes fosse voar a soccorrel-o, pois sempre em acções semelhantes se mostraram leaes vassallos.

Vivia neste tempo nas suas lavras de *S. José dos Cocaes*, distante cinco leguas além do rio Cuyabá, o capitão das ordenanças José Paes Falcão, extrahindo grandes cabedaes de ouro com numerosissima escrava-

S. Lourenço, subir os rios Paraguay e Jaurú até as cabeceiras deste, fazer uma varação por terra de algumas leguas para alcançar as nascentes do Guaporé e depois descer por este até Villa Bella; e daqui mais 80 leguas abaixo até Santa Rosa, onde estava o general em perigo.

(1) Na primeira pagina desta historia o chronista se refere a Joaquim Lopes Poupino como capitão e vereador que depois foi da camara de Cuyabá.

José Paes Falcão, de quem adeante faz muita menção, era um paulista muito distincto, natural de Sorocaba e filho de Fernando Dias Falção, notavel sertanejo, um dos primeiros descobridores das minas de ouro do Cuyabá e personagem importante da primeira parte destas chronicas.

(N. do

tura. Este, tendo noticia dos sobreditos successos, persuadindo-se que não podia ter melhor occasião de servir como fiel vassallo a Sua Magestade e não reparando no excesso das despesas a que se expunha, mas sim levado do seu generoso animo e da honra que muito presava; não obstante os muitos conselhos e dissuasões que teve de varias pessoas (entre ellas o capitão-mór Francisco Lopes de Araujo, que de proposito foi a Cocaes dissuadil-o desta empresa, como seu amigo e compadre), que attendiam mais a sua propria consciencia e socego do que a honra que podiam adquirir com tão assignalado serviço, armou de todas as armas e apromptou de todo o necessario a trinta homens, entre os quaes se comprehendiam vinte escravos dos melhores, mais alentados e resolutos; e debaixo da direcção de um cabo experimentado os mandou com carta ao dito general para que este se servisse delles não só todo o tempo que durasse a guerra, mas todo o mais que bem lhe parecesse, o que com effeito se effectuou, chegando todos a salvamento a dita fortaleza, do onde agradeceu o mesmo general em seu nome e no de Sua Magestade, por carta de 3 de Outubro de 1763 da sua propria lettra, este tão assegnalado serviço, certificando que, supposto a guerra estava acabada, tinha muito em que occupar no serviço de Sua Magestade. Nesta mesma carta lhe narrava que tendo os inimigos mil e duzentos armas de fogo e muita artilharia e elle só cem armas, assim mesmo matou muita gente delles, conquistou a missão de *S. Miguel*, de onde entre muitas outras cousas tirou-lhes umas 800 cabeças de gado vaccum, 80 de cavallar, porcos, gallinhas, etc. E que ainda que a estacada do [illegible]amas, que fica duas leguas mais ou menos acima [illegible]dita fortaleza da Conceição ficou inteira, comtudo o

inimigo ficou tão aterrado que, no tratado de paz, esteve por tudo quanto quizemos (1).

Chegou no mez de Setembro o padre Manoel da Silva Martins por vigario da vara e parocho desta freguezia. Festejou-se neste mesmo anno com reaes applausos o nascimento do Senhor Dom José, Principe da Beira, cujas festividades duraram um mez, com comedias, cavalhadas e outras mostras de alegria.

Anno de 1764: — Este anno escreveu o mesmo General, já com a mercê de conde de Azambuja, ao capitão José Paes Falcão outra carta com data de 23 de Maio, agradecendo-lhe novamente aquelle grandioso soccorro e o quanto tinha sido util aquelle destacamento, e por ella dizia que naquella occasião o remettia. Este soccorro importou ao capitão José Paes Falcão o melhor de tres mil oitavas de ouro de 1$500 réis, entrando os jornaes que perdeu dos vinte escravos, feito o calculo pelo menor.

Neste mesmo anno veiu a esta villa o doutor ouvidor geral e corregedor desta comarca Manoel José Soares, fez correição e finda ella se recolheu para a capital.

Anno de 1765: — Chegou a esta villa a noticia da chegada do Excellentissimo General João Pedro da

---

(1) O rio Itunamas é inteiramente boliviano e, portanto, pertencia todo á Hespanha naquelle tempo. A estacada referida era hespanhola e teria sido imprudente Rolim de Moura ir atacal-a com a pequena força de que dispunha. Defendendo a linha divisoria do Guaporé, que os hespanhóes tinham tentado atravessar, fundando em territorio brazileiro a missão de Santa Rosa, já aquelle capitão-general prestara excellente serviço, principalmente attendendo-se a pequena força de que dispunha.

(N. do

Camara, sobrinho do passado, a Matto Grosso, indo pela navegação do Pará, e que já havia tomado posse do seu governo. Tambem veiu a noticia de estar já no Rio de Janeiro o doutor João Baptista Duarte, provido em juiz de fóra desta villa.

Não foi pequena a falta que houve neste anno de alguns viveres do reino, como sal e vinho. Aquelle se chegou a vender a medida a tres oitavas de ouro de 1$500 réis, que correspondem a quatro mil e quinhentos réis, cuja vasilha muito pouco excede de um prato de estanho fundo (1), e este a oito oitavas de ouro do mesmo valor, que correspondem a doze mil réis. Chegou uma grande monção em Agosto e tudo se pôz nos costumados preços.

Anno de 1766: — Em 24 de Março deste anno foi morto por Antonio Ribeiro de Brito, a porretadas e cutiladas, Manoel de Oliveira Ferreira, juiz e guarda-mór que então era do arraial dos Araes, que depois se denominou *Santo Antonio de Amarante*, appellido que lhe impôz o Excellentissimo Governador e Capitão-General desta capitania Luiz Pinto de Souza Coutinho;

---

(1) A carestia do sal foi uma das maiores calamidades que affligiram S. Paulo e os territorios que pertenceram a esta capitania. Durou essa miseria mais de 200 annos em consequencia de vergonhosos monopolios concedidos pelo governo portuguez. A moeda portugueza vale o dobro da nossa actual e pelo preço aqui dado o sal custava cerca de 9$000 réis por *medida* (menos de 4 litros) ou perto de 100$000 por alqueire com o cambio ao par.

A capitania de Matto-Grosso formava uma só comarca, cuja séde era então Villa Bella, capital da capitania. Por isso [illegible] e o chronista que o ouvidor Soares veio a Cuyabá fazer [illegible]ição e *finda ella se recolheu á capital.*

(N. do C.).

e porque este juizado era provido pela camara desta villa por ser o dito arraial pertencente ao districto deste julgado, assim que aqui chegou a noticia desta cruel morte se expediu pelo juiz de fóra, que era o doutor Constantino José da Silva Azevedo, uma escolta de 30 capitães do matto para prender os facinorosos e, supposto fosse a dita expedição feita com a presteza que o caso pedia, como o dito arraial dista desta villa o melhor de cem leguas, foi preciso ver-se frustrada a diligencia porque quando lá chegou já se haviam retirado os delinquentes, por cujo motivo ainda se adiantou até o Rio Grande, extremo desta capitania com a de Goyaz.

Devassou-se do caso neste julgado, tendo principio a devassa, como consta da mesma, em 3 de Julho do dito anno, por ser preciso fazer-se corpo de delicto indirecto, com testemunhas do mesmo arraial, que cá não havia, e esperar-se que viessem os seus moradores que, temerosos do successo, se conservaram por muito tempo em armas, parecendo-lhes que cada um pau do matto era Antonio Ribeiro ou algum dos seus sequazes que os queria matar.

Toda esta desordem aconteceu por emulações e mexericos, que devem evitar os que administram justiça, não admittindo a seu lado sujeitos de pessima conducta por se livrarem de dar e ter desgostos. Aquelle arraial era descoberto de poucos tempos por um paulista, chamado Amaro Leite Moreira, e como o ouro era limitado foi-se sómente povoando em seus principios por alguns foragidos por dividas ou crimes, pois o logar é remoto e proprio para semelhantes individuos, porque, como já disse, dista desta villa o melhor de cem leguas e outras tantas de Goyaz, invad

gentio barbaro, e está junto do *Rio das Mortes* (1), cuja agua bebem os seus habitantes, pestifero, pouco abundante de mattos e por isso esteril de mantimentos e seu sustento commum são palmitos, por cuja causa morriam muitos nos seus principios.

Isto posto, passados alguns annos, descobriram uma pedreira em que se faziam jornaes de duas, tres e mais oitavas por semana; pretenderam logo que houvesse justiça para desafogo das paixões a que está muito sujeita e propensa a natureza humana. Foi com effeito provido por esta camara por primeiro juiz e guarda-mór o dito Antonio Ribeiro de Brito, conhecido pelo mais prudente e de melhor conducta e capacidade entre aquelles moradores. Tomou posse e entrou a exercer os seus empregos com inteira satisfação de todos, de sorte que a sua bôa fama soava ainda fóra dos limites daquella mesma povoação. Não teve duração esta felicidade mais tempo que aquelle que o dito juiz governou isento dos enredos que lhe entrou a fulminar um seu cunhado por nome Caetano Netto, logo que foi residir no dito arraial, fazendo com que o dito juiz tivesse alguns procedimentos, supposto que com causas *justas*, porém *relevaveis*, senão houvera pessimo e diabolico conselheiro.

Daqui resultou fazerem-se parcialidades e entrarem os emulos a procurar que se provesse naquelles em-

---

(2) O *Rio das Mortes* ou *Roncador* pertence todo a Matto Grosso, nasce na serra dos *Cayapós*, contraverte com o S. Lourenço e corre para nordeste a desaguar no Araguaya em latitude de 12° de sul. O nome deste arraial não é dado por nenhum dos mappas antigos e modernos que possuimos, o que ^r que nunca teve importancia e que não existe mais.

(N. do C.).

pregos o desgraçado Manoel de Oliveira Ferreira, e assim aconteceu, vindo este a succeder nos de juiz e guarda-mór ao dito Antonio Ribeiro. Tomando posse, entraram os seus sequazes e apaixonados a *pertencer* com a vara da jurisdicção a sua vingança (1); porém, sendo sciente o dito Ribeiro das machinações que contra elle se forjavam na officina do odio pelos malevolos, cuidou em pôr-lhes o ultimo fim com a morte do dito juiz. Assim o executou e na verdade não só *oteve* a vida daquelle desgraçado homem, como o mesmo ouro do dito arraial, que chegou a decadencia tal que hoje lá apenas assistem alguns pretos forros, com alguns criminosos que procuram aquelle recanto para se refugiarem. O ouro era de baixo toque, pois o melhor chegava a 17 quilates e tantos gráos e o mais ordinario era de 16, por cuja causa para fazer conta era preciso serem avultados os jornaes (2).

Governava nestes tempos estas capitanias o general João Pedro da Camara, e como principiasse a guerra

---

(1) Aqui o manuscripto está bem conservado e a lettra é bôa; a palavra *pertencer*, aqui empregada, ou era um idiotismo da época ou está applicada em logar de *exercer*.

Abaixo vae tambem empregada a palavra *oteve* em logar de *tirou*. Acima se fez uso das palavras *causas justas, porém relevaveis*, que não podiam ser applicadas no sentido que o chronista quer.

(2) O ouro, sendo um metal simples, a sua composição chimica é sempre a mesma em toda a parte. O seu quilate é determinado pela quantidade de *liga* que se lhe ajunta para tornal-o malleavel e util para obras ou moeda. Si o ouro da região mencionada era de baixo quilate, este facto era devido sómente ao seu máu preparo nos ruins laboratorios do tempo e não a qualidade intrinseca do metal. O ouro apurado em Cuyabá tinha quilate de 22 a 23.

(N. do C.).

entre os vassallos das duas Corôas, não só pela parte do sul como pela do norte, viu-se elle na necessidade de pedir soccorros até a capitania de Goyaz; o que sabendo José Paes das Neves, hoje sargento-mór das ordenanças destas minas, foi voluntariamente mandado por seu pae, o dito José Paes Falcão (1), que apromptou 40 homens, entre os quaes se comprehendiam 24 pretos, todos bem armados e fornecidos de todo o necessario para uma larga campanha, partindo o mesmo José Paes das Neves com um grandioso e luzente trem de cavallos para o seu serviço e para a conducção da sua bagagem em o dia 15 de Abril e chegando a Villa Bella a 4 de Maio; e rodando dali no dia seguinte por ordem do mesmo general, que o recebeu e tratou com as maiores distincções, chegou a praça da Conceição em dia do Santissimo Corpo de Deus, a 29 do mesmo mez de Maio.

Ali se deteve sempre no actual serviço de Sua Magestade em guerra, passando os trabalhos, miserias e doenças que naquelle tempo se não podiam evitar, ainda á fora da profusão de muito ouro, todo o espaço de quasi tres annos, porque chegou a esta villa a 17 de Fevereiro de 1769, tempo em que já governava o excellentissimo Luiz Pinto de Souza Coutinho, que tomou posse a primeiro de Janeiro do mesmo anno.

Esta campanha custou ao capitão José Paes Falcão grande cabedal, porque foi orçada a despesa em muito perto de seis mil oitavas de ouro, 1$500 réis a oitava, não se mettendo nesta conta tudo quanto despendeu o

(1) José Paes Falcão foi casada com D. Antonia Rodrigues das Neves, filha de Pedro Rodrigues das Neves e de D. Ania Leme. Dahi vem que o filho passou a assignar-se José s das Neves, pela mãe e avô materno.

 (N. do C.).

mesmo José Paes Falcão com as mulheres dos homens que mandou á guerra, pois se tinha obrigado a sustental-as e vestil-as todo o tempo que os seus maridos se achassem ausentes, á ordem do seu filho, em serviço de Sua Magestade. O mesmo excellentissimo João Pedro da Camara agradeceu, por carta de Maio de 1766 a José Paes Falcão o soccorro que lhe havia mandado por seu filho José Paes das Neves.

Querendo nesta mesma occasião o capitão-mór Francisco Lopes de Araujo dar cumprimento as ordens que lhe havia expedido o dito general, com a remessa de uma unica companhia que lhe pediu das ordenanças desta villa para o soccorrer, pois receava contra si numeroso exercito de inimigos, não só naquella fronteira como ainda nestas mesmas minas, por cuja causa a não queria enfraquecer para se defederem, sendo necessario, nomeou a companhia do capitão Antonio José Pinto de Figueiredo, o qual sendo avisado não sómente impugnou a marcha por falta de soldo, como passou a questionar que, na conformidade do regimento, as ordenanças não eram obrigadas a marchar mais de uma legua; o que motivou o dito capitão-mór mandal-o prender na cadeia desta villa, com cujo procedimento mudou o capitão de parecer e, sendo solto, marchou em canôas com a gente que se lhe promptificou a custa da Fazenda Real para o porto do Jaurú, e dahi por terra para a capital, onde o mandou o general prender na cadeia, em que esteve tempo consideravel, de onde depois de solto se recolheu para a sua casa, nesta villa.

Considerando a camara desta villa que os soccorros enviados não seriam sufficientes para segurança daquella colonia, convocou ao povo para lhe pr[illegible] a necessidade em que se achava o nosso general [illegible]

o inimigo posto de fronte, persuadindo a que concorressem com alguns soldados armados para se lhe enviarem, no que fariam um grande serviço a Sua Magestade. Não duvidou o povo; preparou-se um tal numero de soldados fardados e armados de espingardas, facão e patrona, e se remetteu por mandado da camara por um Antonio Rodrigues Pereira, que foi a Matto Grosso e fez entrega dos ditos soldados.

De Goyaz veiu um sufficiente soccorro de homens brancos e pardos, sendo o mais principal que deu aquella capitania o da pessoa do ajudante das ordens do seu governo Thomaz de Souza, que havia sido official no regimento de artilharia da praça do Rio de Janeiro, e de que muito se precisava na fortaleza para o exercicio das peças, de que não havia professor, e com elle se exercitaram muitos soldados desta capitania, que supposto não foram precisos para aquella occasião, porque os inimigos não chegaram a fazer rompimento, comtudo ficaram sabendo para darem execução quando se lhes offerecer.

Em 23 de Dezembro deste mesmo anno chegou a monção de povoado e nella o segundo juiz de fóra o doutor João Baptista Duarte, natural da villa de Guimarães do reino de Portugal.

Anno de 1767: — Como os ministros traziam as provisões de provedor dos ausentes com a clausula de haverem juramento nas mãos dos governadores, foi preciso o doutor João Baptista Duarte, antes de entrar no logar, mandar a Matto Grosso a sua para lhe ser cumprida pelo governador e capitão-general, commettendo suas vezes a quem lhe houvesse de dar juramento, sem cujo requisito não podia entrar na posse dito logar pela incompatibilidade que em tal caso da exercitar uma jurisdicção estando privado da

outra que lhe é permittida pelo mesmo tempo e districto que serviu a primeira. Cumpriu o general a provisão; commetteu o juramento ao capitão-mór Francisco Lopes de Araujo, em execução do que tomou posse no dia 25 de Março, como consta do livro 14 das vereanças a fls. 66 verso e entrou a reger estes povos até o anno de 1776, em que lhe veiu successor, como adeante se verá.

Em Setembro deste anno chegou pelo caminho de terra o reverendo doutor José Pereira Duarte, provido nos empregos de visitador, vigario da vara e da freguezia desta villa e tomou posse com solemnidade no dia 29 do mesmo mez.

Em Dezembro chegou monção de povoado e na mesma vieram dous officiaes militares para o exercicio de artilharia, que eram um ajudante de auxiliares da cidade de Cabo Frio, Antonio José Varenguera, e um sargento de artilharia da praça do Rio de Janeiro, por nome José Gonçalves, que foram enviados pelo vice-rei do Estado a supplicas do general desta capitania.

Anno de 1768: — Como os inimigos haviam levantado o campo e se consideraram desnecessarios aquelles dous officiaes de artilharia, de que ha pouco falamos, porque Santa Barbara só lembra quando ha trovões, tomou o general a resolução de mandar que se recolhessem outra vez as suas praças, o que assim se executou e foram na monção que partiu destas minas no dia 24 de Junho.

Anno de 1769: — No primeiro de Janeiro entrou em Matto Grosso e tomou posse do governo destas capitanias, vindo pelo monção do Pará, o Excellentissimo General Luiz Pinto de Souza Coutinho e logo expediu ordens á provedoria da fazenda desta villa para que não pagassem mais portarias, que eram muitas as

havia nesta minas. Fez lavrar um bando em Villa Bella com data de 7 de Janeiro do mesmo anno, que foi publicado nesta villa no dia 19 do dito mez e se acha registrado nesta camara no livro do Registro das Provisões, a fls. 55 té 56, em que determinava que todos os credores da Real Fazenda apresentassem na provedoria de Matto Grosso (no preciso termo de tres mezes os desta villa) os seus documentos correntes para se qualificarem na conformidade das Reaes ordens, em observancia do que assim se executou e foram reduzidas as ditas portarias a uns vales na fórma que nessa occasião se estabeleceu, dando-se estes aos credores em differente quantias quantos eram precisos para satisfazer o correspondente as suas dividas.

Veiu a esta villa, onde chegou em 20 de Julho do mesmo anno, e foi recebido com a maior ostentação que póde ser; formaram as ordenanças na sua entrada, deram-se-lhe as descargas do estylo e recolheu-se á residencia que se lhe havia preparado, e logo nessa noite, como nas duas successivas, illuminou-se toda a villa. No domingo que se seguiu, que se contavam 23 do mez, foi conduzido a egreja Matriz debaixo de pallio carregado por seis republicanos e acompanhado pela camara com toda a mais nobreza e povo, onde se cantou missa solemne, com sermão em presença do Santissimo Sacramento exposto, tudo em acção de graças pela vida, saude e felicitade do dito general.

Não parou aqui o extremo dos povos porque, não satisfeitos sómente com a festa da egreja, passaram a fazer-lhe outros muitos festejos, como foram tres tardes de cavalhadas em que correram as pessoas da primeira nobreza da terra, cinco comedias e duas operas, que [illegible]o se representou em tablado publico na rua, além outras danças e folguedos que levaram muitos dias,

manifestando assim o regosijo com sabem receber aquellas pessoas que nestes remotos logares representam a da Magestade.

Em 21 de Agosto, em contemplação do nascimento do senhor Dom José, Principe da Beira, e na conformidade das Reaes ordens, creou o regimento de auxiliares, com a denominacão de *Legião do Cuyabá*, composto de um mestre de campo, um sargento-mór pago, dous ajudantes, sendo um pago e outro sem soldo, um quartel-mestre, e seis capitães com suas respectivas companhias, a saber, uma de cavallaria, outra de granadeiros, tres de fuzileiros e uma de caçadores.

Estabeleceu o soldo do sargento-mór na quantia de seiscentos mil réis, que pagam os senhores de engenho destas minas para o Real donativo, que offereceram a Sua Magestade por causa do terremoto de Lisboa do anno de 1755 (1), prefazendo o mais pela Fazenda Real, assim como o do ajudante foi determinado na imposição que se fez pela camara nas cabeças de gado vaccum que se matam no corte do açougue desta villa, tão sómente pela quantia de duzentos mil réis, prefazendo-se o demais tambem pela Fazenda

---

(1) Era este o famoso *imposto dos dez annos*, acceito voluntariamente pelos brazileiros para a reconstrucção de Lisboa arrazada por aquelle terremoto. Exgottado o prazo o imposto continuou abusivamente a ser extorquido e empregado para outros fins, como aqui se vê, e annos depois de terminados os dez annos. Para tirar-lhe o caracter odioso de imposto se o chamou *Real Donativo* e comquanto voluntario foi em muitos casos cobrado a força. Na revista *Archivo do Estado de S. Paulo* este imposto é frequentemente mencionado. S. Paulo, finalmente, cançou e reagiu contra elle.

(N. do C

Real (1). Aqui se demorou até o dia 3 de Novembro, em que fez viagem para Matto Grosso pela via dos rios. Em sua companhia veiu o doutor ouvidor geral e corregedor desta comarca, Miguel Pereira Pinto Teixeira, que fez correição e se recolheu para a cabeça da comarca no mez de Outubro por terra.

Anno de 1770: — Entrando este anno sahiu monção destas minas para povoado, que constava de oito canôas, e porque o desejo de abreviar a jornada nos viandantes jamais terá fim, postos a caminho, assim que se viram em termos de largar a madre do rio Paraguay para entrar nos pantanaes (2), entendendo que já estavam livres de ser acommettidos do gentio Payaguá, tomaram accordo de se adeantar, como fizeram, sete canôas, ficando atrazada sómente uma em

(1) Si o leitor levar em vista que o dinheiro naquelle tempo valia cerca de vinte vezes mais do que hoje, mesmo com o cambio ao par, notará quanto eram elevados estes soldos, que pelo cambio de 8, que temos neste fim do anno de 1898, sobem a desenas de contos de réis.

(2) O rio Paraguay e seus affluentes do territorio de Matto-Grosso transbordam e alagam extensos terrenos na occasião das enchentes. Com pilotos mestres e praticos dos baixios nessa quadra do anno as monções de S. Paulo a Cuyabá, e vice-versa, cortando 20 leguas de campo alagado, passavam do rio Coxim ao S. Lourenço e ao Cuyabá e evitavam uma volta de mais de 100 leguas pelo Taquary abaixo e pelo Paraguay e S. Lourenço acima até a barra do Cuyabá. Não sómente este atalho diminuia a viagem uns 20 a 30 dias, como os viajantes corriam por ahi menos risco de se encontrarem com os temerosos payaguás, que dominavam os cursos dos rios e poucas vezes se desviavam para os alagadiços, como aqui se vê. O mais importante alagadiços chama-se *Xarayes* e fica na margem direita rio Paraguay.

(N. do C.).

que ia Vicente de Oliveira Leme, naturel da villa de Sorocaba, da capitania de S. Paulo.

Chegados o dia e occassião em que esta unica canôa fazia a sua entrada nos ditos pantanaes, em que se conduziam 16 pessoas, encontraram repentinamente com o indio payaguá, cujo numero seria de 25 bugres, que descuidadamente se achavam em terra, moqueando as caças que haviam morto para a sua sustentação, e porque não puderam neste repentino conflicto fazer embarque nas suas canôas, que eram duas em que viajavam de corso, tomaram a resolução de fazer guerra mesmo de terra aos nossos viandantes, e com effeito disparando innumeraveis flechas empregaram tres, sendo uma no dito Vicente de Oliveira, que valorosamente com elles contendia, e duas em dous camaradas da labutação da canôa, todas sem perigo. Porém, foram muito mal succedidos porque, empregando os nossos todos os seus tiros, assenta-se que apenas ficariam vivos cinco dos barbaros, morrendo vinte, além de perderem as canôas que os nossos fizeram em pedaços; depois disto seguiram os nossos a derróta que levavam sem outra alguma novidade, e em poucos dias sararam as feridas das flechadas.

Anno de 1771: — Quando os moradores destas minas se consideravam ser mais felizes do que os de todas as outras de Goyaz, porque além de habitarem terra saudavel logravam a liberdade de se poderem communicar todos os seus habitantes ainda na distancia de mais de 60 leguas sem susto algum de serem acommettidos por terra do barbaro inimigo, de que se viram sempre vexadas aquelles outras (1), que preci-

(1) O chronista, falando *nestas minas*, parece que se re sómente a Cuyabá. Além dos *payaguás*, que dominavam os

sam os seus moradores andar carregados de armas para qualquer acontecimento, pois este quando succede é sempre repentino porque semelhante inimigo não tem outro modo de acommetter sinão de assalto e com traição, eis que em o dia 19 de Março se veem não só no rio Cuyabá abaixo, na paragem chamada *o Cruzara*, assaltados os seus habitantes do inimigo payaguá de quem tantas vezes temos falado (1), que aprisionaram alguns escravos e indios que acharam e comsigo levaram ; mas, tambem na tarde do dia 21 do mesmo mez, pouco antes de se pôr o sol, do gentio cayapó, ou bororó como querem outros (2), sobre o que diremos a

havia os *cayapós* a nascente daquella villa, os *coroados* ao sul, os *guatós* a sudoeste, os *parecis* a noroeste e os *tapanhoans* ao norte, sem mencionar os *guaycurús*, os *caiodís* e outros mais ao sul, nas divisas com a provincia hespanhola do Paraguay, innumeraveis tribus ao longe, nos valles dos rios Guaporé, Tapajós, Xingú e Araguaya. Os caypós, coroados e guatós eram os que estavam mais perto da villa e podiam atacal-a a qualquer tempo.

(1) Os payaguás eram mais temiveis nos rios do que em terra, como se viu no começo desta historia. Com a abertura de caminhos por terra para Goyaz e Minas-Geraes e com as monções fluviaes para o Pará, diminuiu muito o commercio fluvial com S. Paulo e dahi talvez veio que os payaguás, á falta de serviços nos rios, resolveram atacar os mineiros em terra, aprisional-os e roubar os seus bens.

(2) E' curiosa esta confusão entre cayapós e bororós, que são tribus muito diversas, localisadas distante uma da outra. Demais, os bororós eram inimigos dos cayapós, tinham sido amansado e aldeados, vinte annos antes, pelo coronel Antonio Pires, que a sua frente deu muitos combates e inflingiu muitas derrotas aos cayapós. Comquanto Antonio Pires tivesse fallecido annos de 1756 ou 1757, de feridas recebidas em um destes tes, comtudo o espaço de 15 annos não parece bastante

seu tempo, na paragem chamada *Lavras do Medico*, distante desta villa seis leguas, em cujo conflicto foram mortos 44 individuos, a saber, tres brancos cujos nomes são José Rodrigues de Almeida, José Luiz Francisco e Francisco de Campos, que suppostos valorosos não puderam resistir a este inopinado caso por ser de subito e acharem-se desarmados, e 41 escravos de differentes donos, sendo delles o mais prejudicado Antonio Luiz da Rocha, hoje capitão-mór destas minas, de quem foram oito além de quatro feridos que escaparam. Consta da devassa que se tirou com data de 26 de Março de 1771, que se acha no cartorio do general, desta villa.

Chegou esta noticia na noite do mesmo dia 21 a esta villa e foi recebida com horror. Logo se enviou gente armada a soccorrer os mais que lá se achavam, porém já tarde porque o inimigo, tanto que finalisou a acção, desamparou o logar, como sempre costumou fazer, e posto em marcha picada se foi embora praticando todas as mais hostilidades que costuma, e se crê que matou na retirada muito mais gente, porque passados alguns dias depois do successo correu nesta villa que em certas paragens se achavam muitas caveiras de gente, por onde se collige ter sido algum quilombo de negros fugidos que mataram e destruiram.

Representou a camara este successo ao general da capitania com o intuito de mandar uma bandeira a custa do povo sobre a dito gentio; approvou o general a resolução e promptificou-se a bandeira, porém

para os bororós se asselvajarem de novo ao ponto de irem de Goyaz, onde moravam, a Cuyabá fazer guerra aos mine: quella região. *Cayapós* e não *bororós*, é que deve-se lêr a (N. do

com varias irresoluções que houve sobre a eleição do cabo se foi passando o tempo, de sorte que sahiu a bandeira em Julho do dito anno, dirigiu-se ao sertão, chegou a *Porrudos* (1) e dahi não passou, suspendendo a marcha que levava por causa do gentio bororó que encontrou.

Com esta parada naquelle logar fugiram muitos dos soldados da bandeira, opprimidos da fome, que foram presos na cadeia desta villa a ordem do general e depois por elle soltos, frustando-se inteiramente esta diligencia com bastante prejuizo do povo, que concorreu com mil quinhentas e tantas oitavas de ouro do valor de 1$500 réis, fóra a polvora com que assistiu a Fazenda Real por ordem do mesmo general.

Foi causa desta desordem a frouxidão do cabo, que era um Antonio Soares de Godoy, sujeito na verdade inepto e indigno para a empresa, porém apoiado pelos poderosos que antes queriam aquella acção perdida sendo elle o cabo do que gloriosa sendo João Leme do Prado, que depois foi capitão-mór das conquistas, a quem eram oppostos, ainda que appetecido

(1) *Porrudos* não era um logar como aqui se insinua, mas um rio consideravel, geralmente chamado S. Lourenço, que nasce na serra dos Cayapós, corre para o sudoeste, recebe o rio Cuyabá e vem desaguar na margem esquerda do rio Paraguay em latitude de 18° de sul. Um antigo mappa da região dá uma tribú de bororós como residindo na margem esquerda deste rio Porrudos e margem direita do Taquary, o que em parte confirma o que aqui se diz ; porém, os bororós do coronel Antonio Pires de Campos viviam no sul de Goyaz e ainda ali residem hoje, pouco ao norte de Santa Anna do Parnahyba, em um logar chamrdo *Jatahy*. Deste logar ainda ha pouco re- s um quadro photographico do um grupo de bororós, e armados de arco e flecha.

(N. do C.).

do povo por ser bastantemente experimentado no sertão, como já havia dado mostras na abertura do caminho destas minas para as de Matto Grosso, e muito principalmente no da fortaleza de Nossa Senhora da Conceição para os *Campos dos Parecis,* havida sempre por impossivel (1), em cuja digressão fez patente não só a intrepidez do seu arrogante e valoroso esforço nos encontros com muitos e diversos gentios que topou, como no alentado espirito com que tolerava o rigor da fome nos dias em que faltava o alimento necessario.

Voltou a bandeira como si não sahisse, ficando os povos descontentes, pois viam o seu ouro gasto sem outro fructo mais do que a despesa.

Neste tempo, em que com justa razão se lamentavam, lhes vem outro maior encommodo e outras avultadas despesas, acompanhados das lagrimas das mulheres pelos maridos, das mãis pelos filhos e das irmans pelos irmãos, porque se veem ordens sobre ordens do general que manda aos chefes dos corpos auxiliares e ordenanças que, sem perda de tempo e quanto antes, façam expedir gente e mais gente para soccorrer a fronteira da capital (2), que considera sitiada já pelos hespanhóes.

---

(1) O chronista não diz com que fim foi aberta esta estrada, que parecia servir na occasião para communicar aquella fortaleza com a capital sem ser pelo rio Guaporé que podia ser fechado pelos hespanhões á navegação dos cuyabanos.

Podia tambem servir para fazer a ligação entre aquella fortaleza e o Pará pelo rio Tapajós, que nasce nos Campos dos Parecis, e destes campos a Villa Bella a communicação não era difficil.

(2) A capital de Matto-Grosso foi Cuyabá, desde a dação desta villa em 1727 até 1761, quando a séde da capit

Não se contenta o general com pedir o numero de soldados, manda logo listas feitas com os nomes dos officiaes que hão de marchar por evitar que os ditos chefes obrem injustiças mandando talvez quem não deveram e excusando os que eram capazes da empresa.

Com effeito, promptifica-se em primeiro logar a companhia de cavallos, chamada de *Usores* (1), de que é capitão José Paes das Neves que não fez a funcção com menos de mil oitavas de ouro, porque além da propria despesas chegou a fardar a sua custa e preparar de outras cousas necessarias a muitos dos seus soldados, que por pobres não o podiam fazer, e com effeito marcha neste mesmo mez seguindo as ordens que se lhe destinaram.

Consequentemente, em segundo logar marcham pelos rios em varias canôas quatro companhias, a saber: duas de auxiliares e duas de ordenanças, que foram commandadas, aquellas pelo capitão de fuzileiros do mesmo regimento Paschoal Delgado Lemos e estas pelo capitão do mesmo corpo Antonio Luiz da Rocha. Os mais officiaes de banda que compunham as ditas companhias eram, dos auxiliares o tenente de grana-

---

e da comarca foi removida para Villa Bella, que era considerada como ponto estrategico importante por estar na fronteira dos hespanhóes da Bolivia.

(1) Deve ser *Hussards*, nome tirado de um corpo de cavallaria franceza, armado de carabina, espada e pistola, a imitação de outro corpo semelhante existente na Hungria, *huszar*, vigesimo. Cada localidade da Hungria era obrigado a fornecer um soldado equipado deste modo para cada 20 habitantes. Em portuguez corrompeu-se o nome para *Hussares* ou *Usares* *Usores*, como aqui se emprega.

(*N. do C.*

deiros Domingos Leite de Barros, e tenente de fuzileiros José Ribeiro Mendes, e os alferes de fuzileiros Manoel José Pinto e Francisco Lopes Barreiros, e das ordenanças o capitão Joaquim Lopes Poupino e o alferes Francisco Rodrigues da Silva, e unicamente para marchar por terra o outro alferes que era Domingos Carlos de Oliveira. Todos estes soldados, com quatro pagos que existiam na repartição do quartel desta villa, que tambem marcharam em sua canôa separada, e mais escravos que levaram para o seu serviço, constituiam o numero de 300 pessoas.

Em terceiro logar marcha um avultado numero de capitães do matto por terra, para que de todas as classes da milicia se achassem na companhia (1) quando se avistassem com o inimigo, fazendo-lhe cada um guerra ao modo da sua peleja.

Finalmente, tem ordem o capitão-mór que então era Vicente Rebello Leite para que marche por terra com todo o resto das ordenanças e auxiliares, isto é, com todos aquelles que se puderem dispensar, o que era o mesmo que dizer «*todos os que estiverem capazes do pegar um armas venham e fique o Cuyabá em poder dos negros e sujeito a ser tomado pelos hespanhóes si a isso se resolverem*», para o que communica-se aquella ordem ao mestre de campo Francisco Lopes de Araujo,

---

(1) E' curiosa esta expressão porque os capitães do matto não constituiam um corpo de milicianos. Individualmente cada um delles podia ser um miliciano, mas era licenciado para não prestar serviços na milicia e só se empregar nas funcções de capitães de matto, que consistiam em dar caça a negros fugidos e a criminosos foragidos da justiça. Tinham regulamento seu, tabella de custas, regalias e obrigacões defini-- Como corporação elles eram muito diversos da milici

(*N. do*

chefe dos auxiliares, assim como ao provedor da fazenda para a sua intelligencia e execução.

Communica-se esta ultima ordem e se a fez publica com os avisos necssarios para a sua execução. Aqui foram os ultimos extremos do sentimento e eram as lagrimas sem termos, porque os que se consolavam antes com a esperança que tinham de se tornarem a ver com os que já tinham marchado, agora de todo desaminaram considerando-se no ultimo extremo do desamparo.

Nesta confusão estavam estes moradores; os que iam vendo perdido tudo quanto possuiam e deixavam os que ficavam temendo-se de algum levante dos negros, em que acabassem, ou vendo-os prisioneiros dos vencedores hespanhóes, si cá viessem (1), quando apparece nova ordem que manda suspender tudo porque não ha movimento algum nos dominios de Castella contra a nossa fronteira e procede toda esta machina de um engano que teve um soldado (2). Torna-se tudo

---

(1) Este receio era fundado, e realmente é muito para admirar que os hespanhóes, que fizeram expedições da Bolivia para o territorio brazileiro do Guaporé, e do Paraguay para a colonia de paulistas em Yguatemy, nunca se lembrassem de enviar forças de Assumpção, pelo rio Paraguay acima, para Cuyabá, que pouca resistencia lhe poderia oppôr. O dictador Solano Lopes fez isto 95 annos mais tarde e fez muito mal aquella região.

(2) Aqui deve-se lêr *espido* em logar de soldado. O governador de Matto-Grosso mantinha espiões entre hespanhóes da Bolivia; o regente de Yguatemy tinha espiões entre os hespanhóes de Curuguaty e Assumpção, no Paraguay, e do Rio Grande do Sul se enviavam espiões ao Rio da Prata para observarem os movimentos dos hespanhóes.

(N. do C.).

em contentamento, já se não olha para despesas tão avultadas que se fizeram e só se desejam restituidos os que andam em marcha.

No Jaurú recebe o capitão de cavallos ordem para suspender a marcha e regressar com a sua companhia para suas casas e os dos rios tem a mesma ordem, que recebem no logar em que se acha o marco que divide as terra de Portugal com Castella. Todos voltam; os que tem casas e bens, alegres por se considerarem como restabelicidos nellas, e os que não os possuem, sentidos de não terem occasião de se vêr na campanha com os hespanhóes, a quem consideravam inimigos, para provarem as forças do seu esforço.

Restituidos as suas casas começam a trabalhar para pagar os gastos que fizeram; logo se viram uns citados e outros executados, vindo a pagar não só os principaes de que se constituiram devedores, mas tambem custas em premio da promptidão dos seus serviços.

Porque havia desertado, depois de ser avisado para marchar, um soldado da companhia de cavallos, chamado Miguel de Queiroz Telles e Menezes, e não era justo para exemplo dos mais que houvesse de sahir a salvo desta capitania, botou o mestre de campo Francisco Lopes de Araujo alguns capitães do matto em seu seguimento para o apanharem e trazerem preso a esta villla. Os ditos capitães do matto, depois de o acharem pousado na estrada que vae para o arraial dos Aráes, fazendo a deligencia ao modo com que se costumam abalroar os quilombos de negros fugidos, que é disparando as armas de fogo carregadas com polvora, munição grossa e perdigotos, mataram nas proprias camas não sómente ao dito soldado como tambem um Thomaz da Costa Leme, que o acompanhava,

feito isto, tomando conta dos bens de ambos, os fizeram conduzir para esta villa na intelligencia de que haviam obrado a acção mais memoravel do mundo. Tiraram-se-lhes os bens e foram presos e depois passados para a cadeia de Matto Grosso, onde foram sentenciados em junta os seus processos.

Como os barbaros cayapós, ou bororós, se resolveram ao maleficio, de que tratamos, e por elle não lhes resultou damno algum, antes proveito, porque não só mataram como roubaram as ferramentas que puderam apanhar e de que muito necessitam para o seu trabalho, não deixaram o seu depravado intento e, passando o rio Cuyabá para a outra parte do sul, foram ao *Uvaguassú* e lá mataram, no dia 23 de Julho, quatro escravos, sendo dous de José da Costa Campos, e no dia 24, seis de Salvador Rodrigues de Siqueira. Tudo assim consta das duas devassas de 30 do mesmo mez, que estão no cartorio geral desta villa.

A presumpção que ha de serem os bororôs, e não os cayapós, os que neste anno nos tem hostilisado por terra consiste em que as armas com que fomos offendidos eram de madeira ridicula, verde e mal alinhadas, unicamente com a forma das que usam os cayapós, sendo que as proprias destes sempre foram de pau de lei, seccas e bem feitas, accrescendo mais a circumstancia de se acharem no alojamento dos mesmos bororós, no tempo em que depois foram abalroados dos nossos, alguns trastes que desappareceram e elles levaram na occasião do primeiro maleficio; seja qual for, fez-se o damno e nós experimentámos o mal.

Em Outubro deste anno veiu a esta villa o doutor ouvidor geral e corregedor da comarca, Miguel Pereira Pinto Teixeira, a syndicar por ordem de Sua Mages-

tade do primeiro juiz de fóra desta mesma villa, o doutor Constantino José da Silva Azevedo, e fazer correição, o que findo se recolheu para a cabeça da comarca.

Neste mesmo anno foi erigida a torre da egreja Matriz desta villa pelo reverendo vigario doutor José Pereira Duarte e mais esmolas dos fieis, cuja obra se não effectuaria a não intervir a efficacia do religioso leigo, esmoler da Terra Santa, frei José da Conceição Passo d'Arcos, que trabalhou muito com a sua pessoa e deu as insinuações precisas para a sua construcção.

Anno de 1772: — Havendo o nosso monarcha, em beneficio dos povos de todas as minas, determinado a creação das casas de fundição para se cobrarem os seus quintos de todo o ouro que nellas entrasse para se fundir, enviou-lhes no anno de 1751 os officiaes competentes, e sendo proficua esta graça a todas as outras, jamais foi util aos moradores desta capitania, pois chegando a ella os ditos officiaes e mais petrechos necessarios, ha mais de vinte annos ou quasi, nem por isso se estabeleceu nella a casa, praticando-se sempre o methodo da capitação, que só era proveitoso aos commerciantes que pagavam unicamente do negocio, e os mais habitantes gemendo com o peso do jugo, geralmente de todos os escravos que possuiam, quer se occupassem na extração do ouro, que nas lavouras, e aquelles officiaes ainda mesmo sem o exercicio do seu destino percebendo os ordenados que lhes foram consignados pelo regimento do Soberano.

Este anno, porém, commiserando-se o nosso general dos clamores dos povos, a quem ouviu no pequeno espaço que residiu nesta villa e attendendo tambem ao deploravel estado em se acham estas mir determinou por um bando datado de 19 de Novem

do anno passado de 1771, que se publicou nesta villa em 5 de Dezembro do mesmo anno, que se acha registrado no livro de Registro das Provisões deste senado, de fls. 117 verso até fls. 119, o estabelecimento da dita casa da fundição no primeiro de Janeiro deste anno, com a declaração de que para os moradores destas minas prorogava a graça da capitação até o dia 6 do dito mez para manifestarem na intendencia o ouro livre, principiando a correr-lhes o quinto da fundição no dia sete, e desde então para cá assim se tem observado. Com este procedimento alentaram-se os povos e se tem conservado estas minas, que talvez estariam na ultima decadencia, com bastante prejuizo da Real Fazenda si ainda existisse a capitação.

E porque os moradores do Matto Grosso ficavam gosando ainda da graça do meio quinto, por pagarem só meio, e o outro nas entradas, na conformidade da Real Provisão qne lhes foi facultada por Sua Magestade (1), foi preciso estabelecer um registro no rio

(1) O governo portuguez considerou tão importante a fundação de uma villa no logar onde hoje está Villa Bella de Matto-Grosso que offereceu consideraveis privilegios e isenções ao que fossem lá se estabelecer. Entre estes privilegios os mais importantes eram os seguintes: — Os officios de justiça só seriam exercidos por homens casados residentes no logar e na falta destes pelos solteiros que lá estivessem já residindo; pagarem só metade do imposto do quinto sobre o ouro, sobre escravos e sobre os generos consumidos na villa e importados, com exclusão dos *dizimos devidos a Deus*, que pagariam como os outros povos do Brazil; ficariam mais isentos de pagarem *finta* e *talha*, que não eram impostos regulares e permanentes, — verdadeiras *derramas* ou contribuições forçadas para fins eciaes, como fossem occorrer as despesos do casamento de princeza, pagar uma contribuição de guerra, reconstruir

Paraguay, na estrada que vae para Matto Grosso, para se evitar o latrocinio do meio quinto que poderia haver na passagem do ouro destas para aquellas minas; assim se fez e já não existe por haver finalisado aquella graça.

Não satisfeitos os barbaros gentios com as mortes e mais maleficios executados no anno antecedente, passaram no presente a exercitar outros da mesma qualidade dos primeiros, como foi no dia 8 de Maio na *Chapada*, distante desta villa nove leguas e da missão de Santa-Anna meio quarto, em que mataram vinte e tres indios de toda a qualidade, pertencentes a dita missão (1), em occasião em que iam a tratar das suas lavouras; e no dia 10, na paragem chamada *O Quilombo*, distante da dita missão seis leguas e desta villa onze, em que mataram cinco escravos de um Domingos da Costa Monteiro, como tudo consta de devassas que de ambos os successos se tiraram em 18 do mesmo mez e se lêm no dito cartorio geral.

Lisboa, etc.; e não poderiam os moradores da villa ser executados por dividas dentro dos tres primeiros annos que lá estivessem estabelecidos.

(1) O logar denominado *Santa Anna da Chapada* existe até hoje e fica a nascente de Cuyabá, na estrada para Goyaz. O facto de ser este logar atacado por indios selvagens faz suppôr que estes indios eram cayapós, que eram bravios, residiam perto e dominavam grande parte da estrada terrestre que de Cuyabá ia a Goyaz, passando por Santa Anna da Chapada. Os bororós não podiam ir a Santa Anna da Chapada sem atravessar a região occupada pelos cayapós, salvo se estavam ligados com estes para de commum accordo assaltarem os christãos daquelle logar.

(N. do

No dia 4 de Outubro, pelas cinco horas da tarde, entrou nesta villa, vindo pelo caminho de terra, o Illustrissimo e Excellentissimo General que ainda hoje existe governando, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres; foi recebido na entrada da villa pela camara, que o esperava em uma casa ricamente ornada que para esse fim se armou na paragem e rua chamada *A Mandioca*, e dahi conduzido debaixo de pallio, que carregaram seis republicanos, e acompanhado da mesma camara, nobreza e povo para a egreja Matriz, onde o esperava paramentado de capa o reverendo parocho com a mais clerezia da terra, e depois de feitas ás cerimonias do incenso e beijamento da cruz, entoou o dito parocho o *Te Deum Laudamus*, que proseguiu á musica. Findo este acto se recolheu da mesma forma para a residencia que se lhe havia preparado, dando-lhe os corpos de auxiliares e ordenanças as descargas do estylo; o que feito e praticadas as mais circumstancias devidas, nessa mesma noite e nas duas seguintes illuminaram os moradores as suas casas. Depois houve varios festejos de operas e comedias em tablado publico, além de danças, bailes e outros divertimentos que duraram por muitos dias, sendo em todos geral o contentamento (1).

---

(1) O costume de se festejar a chegada dos governadores e dos magistrados com diversas festas de caracter publico era muito arraigado nos paulistas daqui e do Cuyabá e durou até o tempo da independencia. No fim deste volume damos o plano de uma destas festas, feita no anno de 1790, em Cuyabá, em honra do dr. Diogo de Toledo Lara Ordonhes, magistrado naquella villa, segundo umas notas encontradas entre os papeis velhos do tenente-general José Arouche de Toledo Rendon. ·ressante porque dá uma bôa idéa dos costumes e gostos po.

(N. do C.).

Aqui se demorou até o dia 3 de Novembro em que se *digressou* para a capital de Matto Grosso pelo caminho de terra. Trouxe comsigo um capitão engenheiro chamado Salvador Franco da Motta, que tirou o plano desta villa, um ajudante de auxiliares do Rio de Janeiro, que depois foi capitão de pedestres, e um capitão de auxiliares do reino, chamado Antonio Pinto do Rego, que foi tambem tenente de dragões e em poucos annos se recolheu rico para a sua patria.

Logo depois da partida do general succedeu o horroroso caso da morte cruelmente dada ao tenente de auxiliares desta villa, Manoel José Pinto, no seu engenho chamado de *Itapeva,* sito na margem do rio Cuyabá abaixo, por uns seus escravos, que depois de executado o delicto se retiraram furtivamente em uma canôa, levando comsigo e a força mais alguns escravos da casa e mantimento necessario e se passaram a salvo para Castella (1), pois não tiveram na casa quem lhes fizesse resistencia porque tudo eram lagrimas, confusões e sustos da mulher e filhos do desgraçado defuncto, que todos eram menores e sem capacidade, nem forças, para se opporem e aprisionarem os facinorosos. Deu-se parte do successo ao general, que ainda estava em distancia de dezeseis leguas desta villa e mandou que logo e logo se expedisse a custa da Real Fazenda uma escolta sobre os assassinos. Assim se fez, porém sem fructo por haverem-se passado dias e levarem van-

---

(1) Deve-se lêr aqui *Paraguay,* provincia da Hespanha ou de Castella.

Os negros desceram rapidamente o rio Paraguay e foram acolhidos pelos hespanhóes residentes em Concepcion ou em Assumpcion.

(N. do

tagem grande na marcha que faziam de dia e de noite sem parar.

Anno de 1773: — Assim como aos febricitantes não ha agua que sacie, pois quanto mais bebem mais appetecem, assim parece que devemos considerar os nossos inimigos barbaros, porque quanto mais matam mais querem matar e o proseguem a fazer.

Entrou-nos esta peste no dia 21 de Março de 1771 e até o presente não tem socegado; antes de cada vez mais se tem ateado, porque sendo já não pequeno o numero dos mortos, que nos tem assassinado o gentio, nem por isso cessa o seu furor, antes mais diabolico, persistente e contumaz a querer consumir-nos. Assim o certificam as mortes de treze pessoas feitas pelo dito gentio na fazenda dos indios da missão de Santa Anna, sita nas margens do rio chamado *Aricamirim* (1), distante desta villa nove leguas, em 28 de Fevereiro, e as mortes de outras tres, feitas em 15 de Março, na paragem chamada *a Bandeira*, nada mais de tres leguas fóra desta villa. Assim consta das devassas de 9 e 18 de Março deste mesmo anno. Até aqui o desaforo, pois perdido de todo o temor parece que até fazem tencão de entrar na propria povoação desta villa.

Este arrojado atrevimento fez com que os povos, sem embargo de outras despesas baldadas, se quizessem resolver a concorrer para segunda bandeira contra o mesmo barbarismo, e propondo-a a camara ao nosso Excellentissimo General elle mais que depressa approva

(1) E' a mesma missão de *Santa Anna da Chapada*, de que atraz se fez menção. O riacho *Aricamirim* desagua na margem ierda do rio Cuyabá, algumas leguas abaixo da villa deste e.

(N. do C.).

o designio e manda que pela provedoria da Real Fazenda se assista, por conta do Rei, com armas, polvora e bala, e que quanto antes se expeça contra o gentio para desinfestar estas campanhas, até aqui livres destes regulos a' que se deverão debellar e destruir.

Convocam-se o povo e camara para se assentar o modo da contribuição para a bandeira, determinar-se o cabo e propor-se-lhe o arbitrio que havia dado o procurador do povo de assistir a bandeira no sertão por espaço de tres annos, tendo de pagamento o cabo por todo este tempo unicamente quatrocentas oitavas de ouro e cada um dos soldados quinze (1). Comparece o povo, não duvida na contribuição, determina-se para cabo Paschoal Delgado Lobo ou João Leme do Prado, e sendo estes presentes propõe-se-lhes o arbitrio declarado, não o querem acceitar, e resolve-se finalmente representar outra vez ao general com todas as ponderadas circumstancias. Isto succedeu no dia 4 de Julho e consta do livro 15 das vereanças, a fls. 75 té fls. 76.

No dia 5 do mesmo mez faz o gentio uma grande mortandade nos escravos de Antonio Pereira Velho; divulga-se a noticia por esta villa, exasperam-se os camaristas, chamam o povo no dia 7 e resolvem a sahida da bandeira com toda a brevidade e assim se

---

(1) Pelos preços que tem sido dado a cada oitava, 400 oitavas valiam 600$000, e esta quantia repartida por tres dava 200$000 por anno. Os soldados, ganhando 15 oitavas em tres annos, vinham a ganhar 5 oitavas ou 7$500 por anno, equivalente a 20 réis por dia. Estes ordenados eram tão mesquinhos, mesmo para os serviços ordinarios, que ninguem poderia acceital-os para uma expedição militar tão demorada e perigosa como aquella de que aqui se trata.

(N.

executa *(Livro 15 das vereanças, fls. 77 et sequentibus).* Sahe a bandeira capitaneada por Paschoal Delgado Lobo, chega a Porrudos, topa o alojamento dos bororós, abalroa, acha vestigios das hostilidades, prende os que póde apanhar e conduz oitenta e tantos individuos, homens, mulheres e filhos, a esta villa e por mais exames que se lhes fazem dos delictos tudo negam e nada confessam, culpando os cayapós e dizendo que esses vestigios foram apprehendidos por elles a estes.

Manda o senado que se os alojem no logar de S. Gonçalo Velho emquanto se participa ao general para lhes resolver o destino e assim se executa; porém antes de chegar a resolução, temerosos do *Capitão Grande,* como lhe chamavam, segundo diziam as linguas fogem e ficam baldadas toda esta diligencia e despesa, que chegou a 1979 oitavas de ouro.

Em Setembro chegou monção de povoado e nella vieram dous officiaes de artilharia da praça do Rio de Janeiro, pedidos por este governo, um tenente por nome Thomé José Azevedo e outro sargento chamado Ignacio de Souza Nogueira, para residirem no serviço desta capitania, que conduziram do porto de *Araraytaguaba* até o desta villa (1) e daqui ao do Jaurú duas peças

(1) E' hoje a cidade de Porto-Feliz. situada na margem esquerda do rio Tieté, cerca de 100 kilometros ao poente de S. Paulo. Foi por mais de um seculo o grande porto da navegação e commercio para o Cuyabá. Fundada em 1721, foi elevada a freguezia em 1728 e a villa em 1797, tendo sido desmembrada do municipio de Ytú. Conservou o nome de *Araraytaguaba,* arara como pedra, que lhe foi dado em virtude de um paredão salitroso que ali existe, a cavalleiro sobre o rio, que attrahia muitas araras e outros passaros que comiam o sadas pedras, até a sua elevação a villa. Está hoje muito ...da da sua antiga grandeza e commercio.

(N. do C.).

de artilharia, que depois se transportaram para a capital. Ambos foram expedidos para a fortaleza para exercitarem na disciplina da artilharia os soldados dragões desta fronteira; neste exercicio falleceu o tenente e existe promovido no dito posto o sargento.

Anno de 1774: — A 21 de Janeiro falleceu desta da vida presente nesta villa Francisco Lopes de Araujo, primeiro mestre de campo do regimento auxiliar destas minas, feito na sua creação, sendo para elle promovido do posto de capitão-mór das ordenanças deste districto, que serviu muitos annos. Foi conduzido em caixão ricamente ornado com o habito e mais paramentos da ordem de Christo em que era professo, no mesmo dia e já perto da noite, com pomposo enterro á capella da Senhora do Rosario, sita nesta mesma villa, e ahi depositado o seu corpo, e no dia seguinte, depois de findos o officio de corpo presente que se lhe fez e mais recommendações, ultimamente sepultado na capella-mór junto aos degráos do altar, dando o regimento, que lhe acompanhou o corpo ao enterro, as tres descargas do estylo.

Succedeu-lhe no posto Antonio José Pinto de Figueiredo, que tambem era capitão-mór das ordenanças deste mesmo districto e tomou posse em presença do regimento, no dia 21 de Setembro, na praça desta villa, onde findas as cerimonias do costume se deram tres descargas militares.

Em 22 do mesmo mez celebraram-se as exequias pelo excellentissimo bispo defuncto do Rio de Janeiro, Dom Frei Antonio do Desterro, que lhe fez o vigario José Pereira Duarte com bastante pompa, lembrando-se sem duvida do beneficio que lhe fizera de o prover na vara e egreja desta villa, em que enriqueceu temente.

Anno de 1775: — Sem embargo de ser a cobiça a raiz de todos os males, conforme o *Sagr. Concil. Trid., Sess. 22 de reformat., cap. 11,* assim mesmo se não queria desapegar della o nosso vigario, reverendo doutor José Pereira Duarte, pois não satisfeito de ter servido por espaço de sete annos e tantos mezes os empregos da vara e freguezia, em que lucrou o melhor de setenta mil cruzados, ainda queria continuar si possivel fosse outros dobrados sete annos; pois assim que viu passar o anno que findou, assentou comsigo que já não era possivel vir-lhe successor antes da quaresma e ainda havia a lucrar esses *caidos* que eram nada menos de dez mil cruzados mais para o bolsinho. Isto mesmo partecipou elle a alguns com quem communicava, e uma das circumstancias que propunha a seu favor, além do tempo das aguas que não permittia logar para poder vir novo vigario, era o anno que chamava *da politica* para se lhe não prover o beneficio. Porém não succedeu assim, porque quando menos a esperava recebeu no dia 16 de Janeiro uma carta do successor, escripta do caminho, em que lhe diz què pretende entrar nesta villa no dia 20 do mesmo mez; não ficou gostoso, mas tolerou o golpe porque não tinha outro remedio.

Chegou o dia 20 de Janeiro e, com effeito, pelas quatro horas da tarde faz entrada, acompanhado de algumas das principaes pessoas da terra que o foram esperar no caminho, o novo vigario da vara e freguezia, o reverendo José Corrêa Leitão, patricio do antecessor por serem ambos do Rio de Janeiro, que se recolheu na casa do dito antecessor, onde esteve os dias de hospede e depois se mudou para as casas que foram do [illegible] mestre de campo Francisco Lopes de Araujo, [illegible] sua posse no dia dous de Fevereiro, con-

tinuando a servir os ditos empregos até Fevereiro de 1781.

Foi o parocho que, de muitos annos a esta parte, mais trabalhou, em pessoa na sua egreja, sem embargo de ter dous coadjutores nesta villa, a quem pagava pensão para o adjudarem, e outros dous fóra della, um no rio Cuyabá acima e outro no bairro dos Cocaes. Gastou com a sua egreja avultada quantia, assim em obras como em alfaias, e destas ainda existem um calix dourado feito ao moderno, uma caldeirinha de prata, duos dalmaticos brancos, véu de hombro da mesma côr e varias alvas. Soccorreu muito a pobreza da sua freguezia, não só a particular com vantajosas esmolas, mas tambem a publica, sustentando em sua casa a muitos necessitados todos os dias e na cadeia o numero de doze presos. Avalia-se haver gasto com os pobres a terça parte dos reditos da egreja. Tinha genio arrebatado, porém muito flexivel e nada odioso. Passou desta villa, por ordem do excellentissimo bispo do Rio de Janeiro, Dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castel-Branco, para a comarca de Goyaz, onde se acha na freguezia de Meia Porte, occupado nos empregos de vigario da vara e egreja daquelle arraial e vigario geral de toda a capitania, havendo sido tambem visitador geral della.

Querendo o nosso Excellentissimo General evitar que por principio algum se pudesse extraviar desta capitania o quinto de Sua Magestade e considerando que o fiel que havia creado o seu antecessor nesta villa, para registrar as taras que sahissem assim pelos rios como por terra e ir a certa altura de um e outro caminho dar as devidas buscas aos viandantes, não [illegible] ainda o meio proporcionado para não deixarem desviar avultadas sommas, porque podiam muito

mandar *antepostamente* adiantar o dito desvio e ainda depois de verificadas as buscas por não haver guarda ou impecilho algum que embaraçasse os caminhos, e porque havia vindo por terra e ocularmente observado a estreiteza das estradas, determinou estabelecer e assentar um registro em meio do caminho entre o Rio Grande, que divide esta capitania da de Goyaz (1), e a serra das Pitombas, pela parte que correu o caminho para estas minas, com o nome de *Registro da Insua*, com um fiel para registrar as barras que sahissem da sua capitania pelo dito caminho, e uma correspondente guarda para as buscas e respeito do mesmo registro, composta de dragõss e pedestres. Assim se fez e conserva-se o dito registro, onde de presente assistem tambem varios moradores e foi estabelecido em Maio do corrente anno pelo dragão Domingos Barbosa Leme,

---

(1) Goyaz é limitado ao sul com Minas-Geraes pelo rio Parnahyba, um dos factores do Paraná, e a sudoeste com Matto Grosso pelo Rio Grande, consideravel affluente da margem esquerda do Araguaya.

A estrada, de que aqui se trata, partia de Cuyabá para a nascente, passava pela missão de Santa Anna da Chapada, cortava a região dominada pelos cayapós nas cabeceiras do rio S. Lourenço, descia para o valle do rio *Roncador* ou *das Mortes*, seguia por este valle abaixo algumas 50 leguas, mais ou menos distante do mesmo rio; atravessava o Rio Grande um pouco ao norte da latitude 16°, onde se estabeleceram duas barreiras, uma de Matto-Grosso e outra de Goyaz, ganhava o valle do *Rio Claro*, affluente da margem direita do mesmo Rio Grande, subia por este valle acima até a povoação do Rio Claro, onde atravessava o dito Rio Claro e vinha em seguida a Goyaz. Em linha recta a distancia é de quasi 600 kilometros, porém o caminho, que seguia por paiz selvagem, fazia voltas que devem augmentar a distancia alguns 200 kilometros.

(N. do C.).

que o commandou, sendo fiel Antonio Lopes da Silva.

Porque os designios do nosso excellentissimo Albuquerque não só se extendem á segurança dos direitos da Soberana, mas tambem á estabilidade das povoações da sua capitania, em utilidade da Corôa e bem commum dos povos, persuadido de que o arraial de Santo Antonio de Amarante, chamado em outro tempo dos *Aráes*, teria capacidade para augmento, e desejando facilitar aos commerciantes a enfadonha jornada do sertão, com acharem naquelle logar refugio para se restabelecerem de effeitos da agricultura, de que se necessita, fez expedir no mesmo mez ao sargento-mór do regimento auxiliar destas minas, Marcellino Rodrigues Campones ao dito arraial para que, tirando o plano e regulando a sua fórma, deixasse os modelos que deviam praticar os seus habitantes para a bôa regularidade da povoação. Foi o dito sargento-mór, persistiu seis mezes no dito arraial com bastante despesa da Real Fazenda e praticou as ordens que lhes foram indicadas; porém, como faltou o ouro nas suas lavras, nada persistiu e tudo ficou sem effeito.

Não pararam sómente aqui os seus cuidados, a outra maior empresa o conduzem os seus desvelos, que é segurar os dominios da monarchia com a veloz actividade do seu ardente espirito pelo bem da patria; faz logo expedir de Villa Bella para esta ao capitão de auxiliares aggregado Mathias Ribeiro da Costa com as ordens necessarias para os chefes das milicias e ordenanças promptificarem-lhe a gente precisa para ir procurar o *Fechos dos Morros* (1), tão celebre dos an-

(1) Este logar é realmente afamado em Matto-G[illegible] importante para sua defeza. E' o rio Paraguay ahi [illegible]

tigos sertanistas, em que julgavam estes que posta uma guarnição ficavam inteiramente divididos os portuguezes dos hespanhóes e seguros os inimigos barbaros que tanto nos tem hostilisado.

Chega Ribeiro e apresenta as ordens, promptificam-se-lhe toda a sorte de gente, auxiliares e ordenanças, em numero que se julga competente a acompanhar para aquella não só interessante como mais importante empresa, que tudo se conduz em canôas com o trem de guerra e munição precisa para a bocca.

Partem do porto desta villa no dia 23 de Julho, segundo as ordens do nosso general, e depois de um mez de derrota acham a situação de dous morros pelo meio dos quaes embocca a madre do rio Paraguay, e ahi mesmo, em consequencia das ditas ordens, na fralda do morro que nos fica a direita, navegando aguas abaixo, se estabeleceu uma estacada, lançando-se a primeira pedra para sua fundação no dia 13 de Setembro, em nome de Sua Magestade Fidelissima, com a celebridade que consta do termo que então se lavrou e que é o seguinte:

«Anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete-«centos e setenta e cinco annos, aos treze dias do mez «de Setembro, nesta situação até agora chamada Fecho

---

chado por altos morros de ambos os lados e por uma elevada ilha no meio do rio, onde está uma guarda brazileira. Fica a norte da barra do rio Alpa cerca de 100 hilometros. Na visinhança do *Fecho dos Morros*, em territorio brazileiro, residem os indios *cadiocus* que na ultima guerra do Paraguay contra o Brazil nos prestaram excellentes serviços. Fica a cerca de 130 leguas de Cuyabá, rio abaixo, e pouco acima da fronteira paraiva.

(N. do C.).

«dos Morros, onde presentemente me acho, eu o ca-
«pitão Mathias Ribeiro da Costa, commandante de um
«corpo de soldados dragões, de outro de auxiliares encar-
«regado ao ajudante Francisco Rodrigues Tavares e
«outro de ordenanças encarregado ao capitão Miguel
«José Rodrigues, e sendo ahi em cumprimento das
«ordens do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luiz
«de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, governa-
«dor e capitão-general desta capitania de Matto Grosso,
«debaixo das quaes *foi* expedido da villa de Cuyabá
«com os sobreditos corpos a indagar paragem propria
«que, debaixo das armas de Sua Magestade Fidelis-
«sima, pudesse segurar a nossa antiga navegação do
«rio Paraguay (1) para que em nenhum tempo passem
«vassallos de outro qualquer monarcha a occupar ou
«invadir estes dominios meridionaes do dito Senhor e
«não proseguir por este rio, nem pelos mais que nelle
«desemboccam, subindo até as suas fontes, ou isto seja
«com tropas civilisadas ou seja com gentes gentilicas,
«habitadores deste districto, que, por serem auxiliados
«com armas offensivas e outros soccorros pelos vas-
«sallos de Sua Magestade Catholica (2), costumam por

(1) A navegação de Cuyabá para povoado era feita pelos rios Mbotetey e Taquary, que desaguam no rio Paraguay muito acima do Fecho dos Morros. Segurando, por conseguinte, este ponto os hespanhóes do Paraguay e os indios payaguás não poderiam mais subir o rio e assaltar as monções em transito entre Cuyabá e S. Paulo. Mais tarde se fundaram, acima do Fecho dos Morros, *Coimbra*, *Albuquerque* e *Corumbá*.

(2) Alexandre de Gusmão, brazileiro illustre, natural de Santos e diplomata ao serviço do rei de Portugal, obteve do papa para este rei o titulo de *Magestade Fidelissima*. O rei da Hespanha, a seu turno, foi tambem agraciado pelo papa com o titulo de *Magestade Catholica*, emquanto o rei da França cebia o de *Magestade Christianissima*. (*N. do C*

«esta mesma navegação fazer repetidos roubos e mortes «não só nas passagens dos commerciantes, mais ainda «nas povoações sujeitas a Sua Magestade Fidelissima, «que Deus guarde. E não achando eu paragem mais «acommodada para estabelecer-me intrincheirado, se«gundo as ordens do dito senhor general, até sua de«cisão ultima, sinão a de um morro que firma sobre «as margens do dito Paraguay, da parte do poente, em «uma ponta delle, com o parecer dos sobreditos offi«ciaes, que presentes estavam, fiz assento de uma for«tificação na fórma dita, com figura quadrada, sendo «lançada por mim a primeira pedra em nome de El«Rei, nosso senhor, presentes as sobreditas tropas for«madas em batalha, com bandeiras reaes arvoradas, «solemnisando-se este *Auto de revalidação de posse* ou «*de nova posse*, sendo necessario, que por ordem do «Illustrissimo e Excellentissimo Senhor General desta «sobredita capitania tomei com effeito e revalidei, sendo «necessario, como dito fica em nome del El-Rei, nosso «senhor, a quem direitamente pertence esta fortificação «e dominios (1); isto com descargas de artilharia e «mosquetaria, entre os mais applausos e vivas que em «semelhantes actos se praticam, do que para constar «a todo o tempo mandei lavrar este termo por José da «Fonseca Fontoura e Oliveira e assignei, como com«mandante, juntamente com os mais officiaes abaixo

(1) A fortificação foi feita, como aqui se diz, na margem direita do rio Paraguay, que não era neste ponto territorio portuguez, mas hespanhól; assim, o forte teve de ser removido para a ilha, no meio do rio, onde está até hoje e forma o neiro posto militar brazileiro para quem sóbe o rio Paraguay.

 (*N. do C.*).

«assignados, e eu, José da Fonseca Fontoura e Oliveira, «que sirvo de furriel dos dragões, por ordem do dito «commandante, o escrevi e assignei.—*José da Fonseca «Fontoura e Oliveira.* — O commandante deste novo «presidio, *Mathias Ribeiro da Costa.* — O capitão, *Mi-«guel José Rodrigues.*—O ajudante, *Francisco Rodrigues «Tavares.*—O alferes, *Gaspar Luiz de Amorim.*—O al-«feres, *Francisco Lopes Barreiros.—(Livro de Registros «das Provisões deste senado, a fls. 161 verso té fls. «162)*».

Isto feito, aqui se detêm até que o nosso Albuquerque termine as suas resoluções depois de lhe ser communicado tudo quanto se tem obrado. Não se observam naquella *positura* outras novidades mais qne algumas abeirações de gentios que circumdam a nossa trincheira, sem se poder reconhecer a qualidade por praticarem este movimento de noite.

Anno de 1776: — A 8 de Janeiro deste anno chea está villa pelo caminho de terra o terceiro juiz de fóra destas minas, o doutor José Carlos Pereira, natural da villa de Cachoeira, que veiu pela cidade da Bahia, a quem já de antes se esperava, porque havia já muito tempo que estavam estes povos scientes do seu despacho pela carta que elle mesmo escreveu ao senado da camara desta villa, estando ainda na corte de Lisboa.

Fez a sua entrada muito plausivel, com grandioso acompanhamento de povo que o foi esperar ao caminho em distancia de quasi duas leguas. Recolheu-se na aposentadoria dos ministros e ahi foi obsequiado de visitas geralmente por todos. Não tomou logo posse por lhe ser precisa a commissão do general para o juramento de provedor; enviou as cartas á capital e general commetteu a commissão ao mestre de cam

commandante Antonio José Pinto de Figueiredo; tomou posse em 2 de Março, em cujo acto fez uma, supposto que concisa, mas douta e bem ordenada fala e entrou a exercitar a sua jurisdicção com muita actividade. Consta a sua posse do livro 15 das vereanças, a fls. 216 verso.

Como o gentio barbaro não nos tinha hostilisado desde o dia 5 de Julho de 1774 e eram passados dous annos que experimentavamos esse bem, ainda que não socego porque, temerosos os moradores da sua traição, jamais deixaram de andar pensionados de armas por cautela para a sua defesa, foi facil capacitarem-se alguns que as suas moradas estavam mais isentas desse contagio, porque residiam entre outros moradores, ou por entenderem tambem que com este intervallo já estavam de todo livres, porque o gentio não dava mais, e deixarem-se de ter camaradas em guarda e defesa das suas escravaturas nos serviços, sem se lembrarem daquelle adagio bem certo — *quem tem inimigos não dorme;* eis que no dia 11 de Julho, na paragem chamado *O Chiqueiro,* onde se achava no serviço da sua roça Antonio Vieira de Brito, um dos roceiros de maior trafico no rio Cuyabá acima, com dezeseis escravos seus, que elle mesmo feitorisava, sem mais um camarada armado para a sua defesa e sómente com algumas armas encostadas a um canto, como si ellas por si, sem a gente que as mova, pudessem fazer operação alguma, assalta-o o gentio barbaro repentinamente, com um grande urro, segundo o seu costume, para confundir e aterrar ainda os mais valentes, e foi tal a confusão que se não poude utilisar de uma só arma para se defender e desta forma acabou aquelle misel com todos os seus escravos desgraçadamente naelle logar sem guardas, sem confissão, nem outro

algum sacramento, a poder das tyrannias daquella furiosa barbaridade, que, depois de excitar o seu diabolico intento, se retirou carregando as ferramentas que poude apanhar, como sempre costumou. Consta da devassa de 15 do mesmo mez, que está no cartorio geral.

Neste mesmo mez veiu a esta villa o doutor ouvidor geral e corregedor da comarca, Luiz de Azevedo Sampaio, fez a sua correição e se recolheu para Villa Bella em fins de Agosto.

Havida pelo nosso excellentissimo Albuquerque toda a precisa noção do que se havia feito pela tropa expedida a indagar dos Fechos dos Morros, de que tratamos no anno passado, e como os seus desejos não ficassem cabalmente satisfeitos por persuadir-se não ser aquelle logar o proprio que anhelava, depois de impôr á aquella trincheira ou fortificação o nome de *Presidio de Coimbru-a-nova* (1), passou a ordenar ao sargento-mór do regimento auxiliar destas minas, Marcellino Rodrigues Camponez, que já nesse tempo se achava commandando o dito presidio, que com toda a segurança mandasse explorar pela *confluencia* do Paraguay a situação de outros morros de que tinha noticia com capacidade de melhor fundação.

---

(1) Esta affirmação está em desaccordo com as de alguns auctores modernos,, como Candido Mendes e Severiano da Fonseca, que lá esteve e até cita os annaes da camara de Cuyabá. Segundo estes escriptores o Fecho dos Morros fica pouco acima da fronteira do Paraguay, e *Nova Coimbra* fica cerca 40 leguas acima do Fecho dos Morros. Portanto, aquelle logar que atraz foi descripto, no texto, como sendo o Fecho dos Morros é a *Nova Coimbra* de hoje, emquanto as notas do copista se referem ao verdadeiro Fecho dos Morros, 40 leguas rio-abs

(N. do

Para esta diligencia fez apromptar aquelle commandante quatro canôas armadas em guerra, bem fornecidas de soldados, armas e munições de guerra e bocca, e nomeando commandante desta expedição ao capitão Miguel José Rodrigues, depois de lhe intimar as ordens positivas do nosso general, respectivas a dita diligencia, o fez partir daquelle presidio no dia 4 de Outubro. Seguiu o commandante da expedição o seu destino e, tendo marchado no primeiro dia sem novidade alguma, no segundo teve em marcha encontro ds avultado numero de canôas de indios, que se achavam postadas em acção de acommetter a nossa esquadra, o que deu accasião ao dito commandante de fazer alto, largar bandeiras e tocar a investir. Percebida que foi dos indios a resolução da nossa esquadra, não só se retiraram para *positura* onde não pudessem soffrer damno das nossas armas, como tambem não fizeram mais movimento algum; o que vendo o commandante mandou a fala uma das nossas canôas bem armada para que os chamasse para serem reconhecidos. Isto feito obedeceram os indios promptamente com duas canôas bem fornecidas de gente que, fazendo alto em distancia que mal se percebiam as falas, declararam logo que eram *Aicurús* e que só queriam amizade com os castelhanos porque os portuguezes tinham armas de fogo e não prestavam (1).

---

(1) E' algum tanto inverosimil esta linguagem attribuida a estes indios porque. sendo elles *guaycurús*, bom cavalleiros e muito relacionados com os hespanhóes do Paraguay, que os haviam catechisados no seculo anterior, deviam saber que os hespanhóes tinham armas de fogo. O que é provavel é que os hespanhóes não empregassem essas armas contra elles, nem fizessem guerra alguma por esperarem ter nelles alliados os portuguezes. *(N. do C.)*.

Capacitados os nossos enviados de que os taes Aicurús não chegavam, voltaram para a esquadra a dar parte ao commandante do que se havia passado, o qual fez promptificar um mimo que mandou pôr no barranco do rio para ver si desta fórma se chegavam a communicação; porém, o resultado que houve foi sahirem duas canôas dos indios bem equipadas pelos pantanos que seguiam para o centro, pelo aviso das quaes vieram perto da noite dous caciques em mais canôas bem armadas ao seu uso e postados ao longe gritaram como quem chamava. Mandou o commandante a canôa de guerra a aquella parte, e querendo-se falar-lhes elles só diziam «*que o capitão aicurú estava bom, que tinha muitos cavallos e muitas vaccas*», e dizendo-se-lhes que mandassem buscar o mimo que se lhes offerecia, responderam «*que Deus lhes pague*». Com a noite se suspendeu toda a acção.

Amanheceu o dia e vendo o commandante que elles não voltavam, nem tambem haviam levado o mimo que se lhe poz no barranco, deixando este no mesmo logar proseguiu a marcha a descobrir os morros destinados, vendo sempre em toda ella varias canôas de indios como de emboscada ou sentinella pelos pantanaes.

Chegou com effeito a nossa frota ao logar dos morros no terceiro dia e, entrando-se na averiguação das circumstancias indicadas, neste mesmo tempo se chegaram a postar a vista bastantes canôas de indios, observando todo os movimentos que se faziam, existindo sempre que ali se deteve a frota até fazer a sua retirada para o presidio, pois logo que dahi se apartou tambem ellas desappareceram.

Proseguiu a frota o seu regresso para o rio aci-- sem que no primeiro ou segundo dia de mar

achasse mais novidade e sim no terceiro, em que de manhã avistou um grande numero de indios a cavallo, fazendo seus torneios em uma margem do rio, onde tinham uma grande boiada posta em rodeio (1).

Mandou o commandante fazer alto para observar os movimentos dos indios e passado um pequeno espaço de tempo viu-se vir do centro da campanha um indio velho a cavallo, precedido de outros cavalleiros que adeante o acompanhavam. Chegando a margem do rio apearam-se e o velho, que era o capitão, se pôz tambem a observar-nos; a este tempo o cortejou de chapéo o nosso commandante e elle, como o não tinha, despediu logo para o centro um cavalleiro que lhe trouxe um barrete encarnado, que era dos que se lhes haviam deixado de mimo, e com elle fez tambem as suas cortezias.

Depois disto lhe enviou o commandante um mimo, elle o mandou receber e em correspondencia tambem

---

(1) Deve o leitor estar lembrado que jesuitas hespanhóes do Paraguay tinham estabelecido, no seculo XVII, varias missões em territorio brazileiro de Matto-Grosso. como *Cruz de Botanos, Xeres, N. Senhora da Fé* e *Itutin*. Estas missões prosperavam e tinham grandes criações de animaes, quando foram invadidas, em 1648, e destruidas pelos paulistas de Antonio Raposo em transito para a Bolivia e Perú. Uma parte dos indios, guaycurús, se dispersaram pelas mattas e voltaram a vida selvaaem. Do saque dos paulistas tambem escapou muito gado vaccum, cavallar e lanigero, que se propagou pelas mattas e campos em estado selvagem. Dahi veiu dar-se a uma parte dessa região o nome de *Vaccaria* e dahi tambem o não terem os indios perdido inteiramente o habito do emprego desses animaes nas necessidades da vida selvagem a que voltaram. Elles tinuaram selvagens, mas as suas criações eram, por assim r, *civilisadas*.

(N. do C.

enviou outro de varias camisetas de algodão. Feitos estes cumprimentos passou o commandante a communical-os e depois de os mimosear com outras mais cousas lhe mandou tambem o capitão aicurú um boi, além de alguns carneiros que mandou, que tudo davam com remuneração.

Ao meio dia se retiraram todos dizendo que iam comer e de tarde voltariam. Voltaram com effeito e fizeram com os soldados alguns negocios de cousas inuteis e de pouca entidade, e prometteram que dahi a tres luas nos haviam de visitar no presidio. Tudo pronunciavam em lingua castelhana, em que alguns bem se explicavam (1). Não houve mais novidade alguma até se recolher a nossa frota ao presidio, onde fez o seu ultimo desembarque dando verdadeira noticia de todo o successo.

Anno de 1877. — Debaixo dos pés se levantavam as desgraças. Estavam os moradores do nosso presidio de Coimbra-a-nova muito bem descançados, nem lhes vinha a lembrança que, por assistirem em casas de palha, poderiam ficar abrazados debaixos das chamas,

(1) Este facto vem confirmar algumas opiniões emittidas nestas notas. Estes indios guaycurús, tendo sido catechisados por missionarios hespanhóes do seculo XVII, naturalmente apprenderam a sua lingua; mas destruidas as missões e dispersos os indios, deviam estes no correr de 120 annos tel-a esquecido completamente si não continuassem a manter relações amistosas com os hepanhóes do Paraguay. Conservando o conhecimento da lingua hespanhola durante, mais de um seculo pelas relações que tinham com os hespanhóes, deviam tambem estes indios saber que os mesmos hespanhóes faziam uso das armas de fogo, tanto como os portuguezes.

(N. do C.

si succedesse pegar fogo, quando no dia 4 de Fevereiro, pelas 9 horas da noite, pega este no quartel de um soldado que estava manuseando certa obra e, consequentemente, abraza todo o presidio, sem que se pudessem impedir as chammas, livrando-se unicamente a casa da polvora, que era de telha, a que cuidadosamente se acudiu a precaver a ultima desgraça. Houve grande prejuizo porque, além de ser a palha, de que eram fabricadas as casas, de *acury, que nunca a camara,* estava tão secca que não deu logar mais que para cada um fugir de ficar abrazado dentro das casas, com os mesmos trastes que nellas tinha, assim como succedeu a um miseravel escravo de um soldado que, por estar dormindo, dormiu para sempre, reduzindo-se o seu corpo a cinzas *(Devassa de déz de Março de 1777 no dito cartorio geral).*

Não affligiu pouco ao nosso General esta noticia; mas elle, como providente e verdadeiro pae da patria, manda que logo e logo se enviem fazendas bastantes para aquelle presidio, a custa da Real Fazenda, para se acudir aquelles moradores, repartindo-se com todos os necessitados todos os generos de que carecessem. Assim se executa e só assim se perdem da memoria aquelles trabalhos que aliás seriam mais sensiveis.

Apenas haviam socegado aquelles habitantes do passado susto e se achavam ainda reformando os quarteis para as suas moradas, chega-lhe uma canôinha mandada pelo General da capitania de S. Paulo, o Excellentissimo Martim Lopes Lobo de Saldanha, com aviso que se acautelem que os hespanhóes estão declarados e rompimento em Santa Catharina e Yguatemy (1),

(1) A guerrra, de facto declarada, foi logo interrompida vergonhoso tratado de paz de Santo Ildefonso. Porém,

e que infallivelmente subiriam a estabelecer-se em uma das barras dos rios *Guaray* ou Ipané, que desemboccam no Paraguay (1); trazendo artilharia e casaes, e com designio de acommetter e destruir o presidio em que se acham.

Recebido este importante aviso pelo commandante, expede este para a capital uma canôa em que marcha o capitão Miguel José Rodrigues debaixo de todo o risco a dar parte ao General, o qual, tomadas as considerações precisas, manda que marche o dito capitão a toda a pressa por terra a esta villa com as ordens necessarias para se apromptar um avultado soccorro, que conduziria commandando para aquelle presidio ; e que da mesma fórma marche para o Jaurú por terra a companhia de çavallaria de hussards, de que é capitão José Pereira Nunes, para o fim de conservar-se naquelle destacamento, fazendo sentinellas avançadas para assim se evitar qualquer subito acommettimento que por aquella parte pudessem fazer os hespanhóes.

---

neste pouco tempo que ella durou, os hespanhóes tomaram a ilha de Santa Catharina, mal defendida pela covardia de Antonio Carlos Furtado de Mendonça, e tomaram e arrasaram a colonia paulista de Yguatemy, mal defendida pela inepcia deste mesmo Martim Lopes, que depois metteu em rigorosa prisão o padre Ramos Lonzada, arvorado em regente desta colonia, por ter feito uma capitulação aliás bastante honrosa. Vide volumes IX e XVII do *Archivo do Estado de S. Paulo*, onde vem os termos dessa capitulação e as condições daquelle tratado de paz.

(1) Parece que Martim Lopes não conhecia a geographia do Paraguay para saber que *Ipané* é um rio paraguayo e que os hespanhóes podiam ir se estabecer na sua barra em plena paz e de facto lá fundaram a povoação de *Concepcion*.

(N. do C.).

Tudo se executou com a brevidade que pedia o caso, marchando no mez de Julho para uma e outra parte as conductas destinadas, fazendo os que marchavam consideravel despesa sem outro proveito mais do que o serviço do Rei e conservação da patria.

Em 11 de Agosto se repartiu o novo descuberto da chapada do Beripoconé, a que acudiu muito povo, que, supposto em seu principio não deu a grandeza que se esperava, depois foi muito util porque os seus mineiros acharam vieiros em que se extrahiram muitas arrobas de ouro. Dista a villa vinte leguas ao sul.

No 1º de Dezembro de manhã, a tempo que já se não esperava porque haviam passados muitas tres luas sem que os *Aicurús* apparecessem naquelle presidio a verificar a visita que haviam promettido fazer, chegou o capitão aicurú, aquelle com quem se praticaram os cortejos o anno passado, o que ajustou com os nossos a dita visita, com trinta e tantos indios, todos de cavallo, e ahi se detiveram em um logar fóra do presidio, em que foram visitados do commandante e brindados dos provimentos que havia, até a tarde, em que se despediram dizendo que haviam de voltar com boiadas.

Anno de 1778: — Como os Aicurús simuladamente se mancommunaram para, com traição e debaixo de falsas promessas, nos hostilisarem, praticando por esta fórma aquelle mesmo engano que em outro tempo nos haviam feito, de que já se deu conta nesta historia, tomaram a resolução de vir a titulo de visita, não em pequeno numero como a vez passada, mas sim um tumultuoso povo composto não só de homens, mas tambem de mulheres, laço com que souberam fabricar 'hor o seu engano para a nossa total destruição.

Com effeito, amanheceu o dia 6 de Janeiro, aquelle dia em que a egreja santa celebra as festividades dos Santos Reis Magos, Bodas de Caná e Santissimo Baptismo de Jesus Christo, e pelas 8 horas do dia appareceu aquella machina de indios que cobriam toda a campanha, bradando como si viessem de paz e não para nos dar o osculo da traição no maleficio que nos fizeram em remuneração dos obsequios com que os recebemos.

Assim que foram presentidos, vistos e ouvidos dos nossos desgraçados soldados, mandou logo o commandante do presidio ao ajudante de auxiliares Francisco Rodrigues Tavares que os fosse receber e cortejar, pois todo o nosso intento se encaminhava a firmar uma paz e amizade perpetua com elles. Foi o ajudante e mandando dar parte ao commandante que os indios vinham de paz, mandou o mesmo commandante ao capitão Miguel José Rodrigues que fosse indagar delles ao que vinham.

Foi o dito capitão e depois de os communicar e tratar com todo o bom agasalho que pedia a civilidade politica, rogou ao cacique que lhe désse dous linguas, um que falasse bem castelhano e outra a lingua da terra, para estes informarem ao commandante tudo quanto elle desejava saber. Não duvidou o cacique e nomeou os linguas que conduziu comsigo o dito capitão á presença do commandante, que depois de fazer os exames que julgou precisos mandou recolher as suas tropas.

No tempo em que os linguas estavam no nosso presidio com o commandante, sem embargo da prohibição que havia do mesmo para não sahirem fóra da estacada os nossos soldados, não foi possivel evitar-lhes a dita sahida porque sem mais accordo

desejo de verem os indios, como si nunca os tivessem visto, e de se communicarem com elles, esquecidos totalmente das suas costumadas traições, si é que enlevados nas indias talvez com pensamentos menos bem ajustados, póde ser, e praza a Deus que assim não seja, que lhes resultasse a morte em castigo da sua temeridade, se entraram a misturar e communicar com os bugres em tal fôrma que todos pareciam uns sem differença de nações.

Estando assim nestes termos e tendo as dez armas, que haviam levado os dez soldados que forám de guarda ao dito ajudante, postadas em terra e cobertas por ordem do mesmo ajudante afim de que se capacitassem aquelles malevolos que não desconfiavamos delles e só appeteciamos a sua correspondencia e amizade, ao mesmo tempo que elles nunca largavam das que usam e que comsigo então traziam; neste tempo em que mais descuidados nos achavamos das antigas traições daquelles crueis barbaros e diabolicos inimigos, chegam os linguas que haviam estado no presidio com o commandante e immediatamente que elles appareceram, como si fossem senhas destinadas para o caso, sem outra alguma cousa, repentinamente descarregam aquelles pessimos e infames trahidores toda a sua furiosa ira contra os nossos soldados, que se achavam desarmados entre elles, e em breves instantes mataram cincoenta e quatro pessoas, a saber: — o dito ajudante, o cirurgião do presidio, dous soldados dragões, cinco pedestres, cinco auxiliares, um caçador, vinte e cinco de ordenanças, tres administrados, um preto tambor da Fazenda Real, um escravo do capitão Miguel José Rodrigues e tambor da companhia, um pardo tambor da [illegible] companhia e oito escravos de officiaes, soldados [illegible], ficando horrosamente feridos cinco soldados

e um escravo, e praticando aquelles barbaros as hostilidades mais crueis que naquelle pequeno espaço puderam executar, chegando até a degolal-os e a despir alguns, cujas roupas carregaram, e postos a cavallo a toda a pressa se retiraram. *(Devassa de 17 de Março de 1778)* (1).

Em Janeiro deste mesmo anno fizeram os officiaes da camara publica a morte do senhor Rei Dom José, o Primeiro (2), por edital que mandaram publicar para os lutos na fórma da ordem regia. Em 1º de Fevereiro se executou em uma das janellas da casa da camara a funebre acção do quebramento das varas, que principiou o doutor juiz de fóra presidente e proseguiram os vereadores, procurador, almotaceis, alcaide e porteiro (3), e immediatamente fechadas as janellas de

---

(1) Este ataque, tendo coincidido com a tomada da ilha de Santa Catharina e da praça de Yguatemy pelos hespanhóes, faz suppôr que os indios estavam aconselhados pelos mesmos hespanhóes a quem eram sympathicos, com que viviam em relações de amizade e cuja lingua falavam.

(2) D. José, nascido em 1715, subiu ao throno em 1750 e falleceu em 24 de Fevereiro de 1777 : a noticia da sua morte levou quasi onze mezes para chegar a Cuyabá. O seu reinado foi celebre, não por seu merito pessoal que era nenhum, mas pelo terremoto que destruiu Lisboa, em 1755, e pela habil e vigorosa administração do marquez de Pombal, que por um quarto de seculo interrompeu a progressiva decadencia politica da monarchia portugueza. Foi substituido no throno por sua filha, a rainha D. Maria I, cujo reinado reaccionario desfez tudo o que de melhor tinha feito aquelle grande estadista.

(3) Os *almotaceis* exerciam as funcções de fiscaes da camara e de aferidores dos pesos e medidas, e os *alcaides* representavam os nossos officiaes de justiça de hoje, faziam prisões, penhoras, etc., por mandados judiciaes.

(N. do (

dita casa, se principiou a dobrar o sino da cadeia e, consequentemente, os da freguezia e filiaes, de hora em hora, por espaço de tres dias. No terceiro se quebraram os escudos reaes pelos tres vereadores da mesma camara, a saber: — O primeiro pelo vereador mais velho, o capitão Benedicto do Amaral Coutinho, no largo da praça da cadeia, tendo precedido antes uma fala pelo escrivão della, que estava montado em um cavallo negro, ajaezado de negro, e com uma bandeira negra bastantemente comprida, cujas pontas arrastavam pela terra, e nella as Armas Reaes cobertas com fumo negro; — o segundo na outra praça, defronte as casas de João Ferreira de Oliveira Villar, pelo segundo vereador, o tenente Joaquim da Costa Siqueira, precedendo a mesma fala de que tratamos; — o terceiro pela mesma fórma dos primeiros, defronte ao Armazem Real, pelo doutor José Manoel Martins que foi convocado na falta do terceiro vereador, o sargento-mór de ordenanças destas minas, José Paes das Neves, que estava impedido.

Compunha-se o corpo com que se fez este funebre acto dos officiaes da camara, almotaceis, republicanos, lettrados, escrivães, requerentes e mais officiaes de justica e porteiro da camara, todos de capas compridas que mettiam mesmo horror. O escrivão ia adeante que já fica dito, acompanhado de fuzileiros do regimento auxiliar, de que era capitão que o cobria José Gomes da Silva, todos com fumos nos braços e com as armas em funeral. Completou-se o acto com tres descargas que ultimamente deu a companhia a porta da camara.

No dia 25 se celebraram as reaes exequias na ja Matriz, com sumptuoso mausoleo que se erigiu ista da camara, e maior ostentação e pompa que

couberam no possivel, orando nessa occasião o reverendo Bento de Andrade Vieira, natural da cidade de S. Paulo, que ajudou a fazer a acção mais funebre porque recitou a oração com lagrimas.

Porque o Diabo, capital inimigo de Jesus Christo, não perde tempo em solicitar os meios possiveis de haver pela fragilidade humana aquella vingança que appetece, que vem a ser que as mesmas creaturas remidas com o sangue do Senhor se saibam aproveitar deste bem, antes ingratos lhe remuneram os beneficios com aleivosias, poude fazer com que uma preta creoula chamada Maria Eugenia, natural do Rio de Janeiro, que se achava nesse tempo presa na enxovia da cadeia desta villa a ordem do nosso General, tomasse o arrojo de metter no fogo a imagem de Jesus Christo crucificado em uma cruz de latão e aó pé da mesma outra de sua mãi Maria Santissima, Senhora Nossa, que se acharam no fogão dos presos, cobertas de cinzas e queimadas as pontas de uma fita encarnada por que se suspendia. Atroz delicto, horrendo e jamais cogitado! Consta da devassa que se tirou da data de 11 de Março de 1778, pela qual ficou pronunciada a dita presa; sequestraram-se-lhes os bens e finalmente morreu na mesma cadeia miseravelmente no anno de 1782.

Havia o nosso excellentissimo Albuquerque projectado fundar para maior segurança destes dominios, além do presidio de Coimbra-a-nova, uma povoação que seria estabelecida nas raias que dividem estas colonias das de Hespanha, ou em outra alguma paragem que se julsasse mais util á Corôa de Portugal, para o que tinha já feito expedir ao capitão-mór destas conquistas, João Leme do Prado, natural da villa de Ytú, da capitania de S. Paulo, em canôas com gent
trechos competentes, a explorar os rios Mateteú

mado hoje *Mondego*, e Paraguay, e com effeito fazendo este as precisas indagações não achou paragem mais acommodada para o referido intento do que o morro chamado das *Pitas*, sito a margem do rio Paraguay; de que fazendo sciente ao General, designou finalmente o estabelecimento da mencionada povoação no dito logar e morro das Pitas, para cujo fim partiu em Agosto deste anno o dito capitão com a sua familia e outros muitos casaes que se julgaram por ora sufficientes, e se fundou a referida povoação a custa da Real Fazenda, continuando-se por vezes a remessa de mais casaes para sua maior e melhor estabilidade (1).

Pertinazes os barbaros gentios não querem desistir ainda da fatal empresa que tem concebido de nos acabar; pois, considerando que os moradores da parte d'aquem do rio Cuyabá, já andam mais acautelados e que por isso será mais difficultoso executar nelles os seus perniciosos designios, passando a banda d'além foram ao sitio ou fazenda de Jeronimo Francisco Rio, chamado de *Santo Antonio* e *Almas*, que hoje pertence a João Coutinho de Azevedo, distante desta villa o melhor de vinte e cinco leguas, e ahi mataram no mez de Agosto deste anno quatro pessoas. Assim consta da devassa de 20 do mesmo mez.

---

(1) Aqui traz o manuscripto a seguinte nota: — «Acha-se esta povoação de Albuquerque na latitude austral de 19°, isto é, na latitude de 19 gráos de sul, e na longitude oriental, contando o primeiro meridiano da ilha de Ferro, de 320°. — 3. — *Ordonhes.*»

Fica a povoação pouco abaixo da barra do rio Mbotetey ou Mondego, entre Nova Coimbra, que fica abaixo, e Corumbá, ao acima.

 (*N. do C.*).

Logo depois praticaram o mesmo aquelles inhumanos Aicurús em uma emboscada que fizeram no districto de Coimbra-a-nova, matando a dous soldados dragões por nome José de Arruda Sá e Antonio Ferreira Garcez e um auxiliar. E nesta acção mataram estes a um dos Aicurús.

Em 2 de Dezembro deste anno entrou no exercicio da vara de ouvidor geral e corregedor da comarca, na fórma da lei, o doutor juiz de fóra desta villa José Carlos Pereira, por haver fallecido na capital o proprietario, doutor Luiz de Azevedo Sampaio, morto de um tiro por um José Tavares Barbosa, natural do bispado e comarca do Porto, do reino de Portugal, e entrou no exercicio da de juiz de fóra pela Ordenação o vereador mais velho, capitão Benedicto do Amaral Coutinho, que serviu até o ultimo do mez em que tambem se finalizou o anno.

Anno de 1779. — Principiou com o anno a exercer a jurisdicção de juiz de fóra pela Ordenação Manoel de Mello Almada, natural da villa de Ytú, da comarca de S. Paulo, vereador mais velho do pelouro que se abriu das novas justiças, e sendo homem leigo teve tão bom comportamento que, quando findou o anno da sua jurisdicção, teve principio nos povos o da saudade do seu governo.

Por occasião de certa diligencia do Real serviço havia passado, em Novembro do anno passado, á missão de Santa Anna o doutor juiz de fóra desta villa José Carlos Pereira. Teve elle então occasião de ver a palhoça na verdade indecentissima em que se celebravam o santo sacrificio do altar e mais divinos officios, e o mais é que servia de Matriz, por ser a dita miss freguezia separada com muitos applicados de fóra

além dos indios della. Ahi se lhe foi introduzindo um fervoroso desejo de erigir uma egreja que houvesse de servir de Matriz, onde com a decencia que deve ter aquelle santuario e casa de Deus se houvessem de celebrar os divinos officios, e na verdade nunca jamais perdeu do sentido aquelle santo desejo, assim como, e muito principalmente, a indecencia da egreja ou palhoça velha.

Finda a diligencia e recolhido a esta villa, sempre cogitava no modo para a construcção da obra intentada; propunham-se-lhe muitos impossiveis, porque além da avultada quantia de ouro que era precisa para entrar em semelhante obra, para a qual não havia um só vintem, tambem corria que na dita missão não havia artifices de officio algum que pudessem trabalhar nella, nem mesmo ainda apprendizes, accrescendo mais que para os mesmos indios que houvessem de socar as paredes, que nesta região são de terra pilada (1), não havia na dita missão mantimento algum para sustento porque no anno antecedente não tinham feito roças. Todas estas circumstancias affligiam aquelle nobre coração, mas não o mudavam do fervor da devoção de que estava cheio. Propunha a uns a obra e estes lhe pintavam de lingua todas as difficuldades de que elle já antes havia cogitado; communicava a outros e inteiramente o dessudiam, dizendo-lhe que a

(1) Os edificios de terra eram communs em toda a capitania de S. Paulo e mesmo nesta capital ainda ha edificios publicos importantes assim construidos, como a Sé, o palacio presidencial, que foi antigo convento dos jesuitas, e outros. As grandes matrizes de Ytú e de Porto-Feliz tambem são de taipa socada a pilão.

(N. do C.).

obra que pretendia não só era muito difficultosa como ainda mesmo impossivel, e achou um que lhe disse que a obra era de muita ponderação por muitas difficuldades, porém que a elle a não fazer ninguem a faria. Assim mesmo jamais desfalleceu do seu projecto.

Havia sido aquella freguezia fundada tão sómente em missão de indios no anno de 1751, por ordem regia, pelos padres da companhia de Jesus, chamados Estevão de Castro e Agostinho Lourenço, que para esse fim tinham vindo na comitiva do Excellentissimo General desta capitania, Dom Antonio Rolim de Moura, depois conde de Azambuja, de quem já falámos por vezes, e a sua fundação não foi no logar em que hoje se acha e sim na paragem chamada hoje *Aldeia Velha*, distante da nova, de que tratamos, meia legua para a parte desta villa, que por não ser sufficiente a mudaram depois para o em que de presente se acha. Foi estabelecida a expensas da Fazenda Real e com indios já mansos, tirados da administração destes moradores a escolha e satisfacção dos ditos padres, de sorte que todas as vezes que sabiam onde se achava algum indio ou india, com esta ou aquella habilidade, logo se tirava ao administrador e se conduzia para a missão sem attenção alguma.

Cuidaram os ditos padres em edificar para a sua assistencia propriedade coberta de telha, mas não praticaram (1) a palhoça, de que temos falado, em que

(1) Neste logar faltam necessariamente palavras para se completar o sentido da oração; estas são ou devem ser *o mesmo com*, devendo-se lêr do seguinte modo: «*mas não praticaram o mesmo com a palhoça*», isto é, não a fizeram de telha como tinham feito a casa de moradia.

(*N. do* [illegible]

armaram um altar que forraram de papeis pintados, onde collocaram a Senhora Santa Anna com a Virgem no meio e nos lados a Santo Ignacio de Loyola e S. Francisco Xavier, aquelle ao do Evangelho e este ao da Epistola, e desta fórma se conservou aquella palhoça, assim no tempo em que elles ahi existiram como depois em que se proveu a custa da Real Fazenda capellão secular, que foi o padre Simão de Toledo Rodovalho, natural da capitania de S. Paulo, em cujo tempo se erigiu em freguezia em attenção aos moradores que havia por aquelle circuito, a quem era difficultosissima a assistencia do pasto espiritual peló parocho desta villa, e finalmente ainda depois de freguezia sendo cada vez mais á indecencia do culto divino pela decadencia em que se achava a dita palhoça.

Como o nosso fervoroso e devoto ministro, que já então se achava na jurisdicção de ouvidor da comarca pela lei, nunca mais deixou de applicar os seus ajustados pensamentos á obra pia a que se havia proposto, não foi facil desvanecer-se da empreza projectada, antes de cada vez mais se augmentava a sua propensão. Tomou a resolução de passar a aquella freguezia com os artifices que julgou necessarios a examinar os mattos si tinham páus sufficientes para a extracção da madeira de que se havia de carecer para a obra; pois tinha assentado comsigo que, tendo esta, não desistiria da empresa. Verificou a resolução no primeiro dia de fazer depois da ultima oitava da Paschoa de Resurreição, em que partiu desta villa e se achou na dita missão; foi no dia seguinte pessoalmente com os artifices aos mattos, examinou estes e achou terem páus para todas as qualidades de madeira de que necessitava.

Recolheu-se a esta villa, dispoz o preciso, voltou para a missão em principio de Maio e começou a obra com tanta actividade, fervor e excesso que por todo o mez de Julho ficou concluida uma famosa egreja, coberta de telha, rebocada e caiada, com capella-mór, sachristia e casa para os parochos, pegada á mesma egreja. Na ultimo deste mez, em que a egreja reza de Santo Ignacio de Loyola, logo de manhã se benzeu a egreja nova com toda a solemnidade, na fórma do ritual romano, pelo reverendo vigario da vara José Correa Leitão que, depois de paramentado o altar, celebrou a primeira missa que ali se disse. De tarde houve solemne e muito pomposa procissão que sahiu da egreja, a velha palhoça, em que iam ás tres imagens, de que já tratámos, em seus andores ricamente armados, e ultimamente o Santissimo Sacramento em custodia carregada pelo mesmo vigario debaixo de pallio, assim como os ditos andores, pelas pessoas de melhor distinção e nobreza destas minas, cujos nomes omitto para não fazer mais extensa e fastidiosa esta narração, e só mencionarei os daquelles que carregavam o andor mais principal em que ia o orago da freguezia, a mãi da mãi de Deus e avó de Jesus Christo, a Senhora Santa Anna, que eram o nosso devoto ministro, como ouvidor geral e corregedor da comarca, o mestre de campo commandante Antonio José Pinto de Figueiredo, o capitão-mór das ordenanças desta villa Antonio Luiz da Rocha e o capitão-mór da missão Agapito Leme, que depois de dar uma grande volta se recolheu a Matriz, onde se collocaram em sacrario o Santissimo Sacramento e as imagens no altar-mór, que era o unico que até então tinha, postos na mesma fórma em que haviam estado na egreja velha, impondo-se a aquella

nova egreja o nome e invocacão de *Freguezia de Santa Anna do Sacramento,* em cuja contemplação mandou depois o devoto ministro vir do Rio de Janeiro uma nova imagem da santa, com cinco palmos de alto, com a menina ao lado esquerdo e na mão direita uma custodia de prata dourada para nella se expôr o Santissimo Sacramento, cuja collocação até aquelle dia não havia e foi um dos principaes moveis da sua devoção. Além dos muitos toques de sinos com que se applaudiu esta grandiosa procissão, houve muitos de trompas, clarins, caixas de guerra e outros mais instrumentos, assim como tambem muitos tiros de roqueiras dados de um fingido fortim que se armou para conciliar melhor vista e agrado aos que estavam presentes, na verdade pasmos e alegres do que viam. A procissão não foi sómente acompanhada dos homens de toda a qualidade, como tambem das pessoas do sexo feminino da primeira nobreza da terra logo atraz do pallio, que continuadamente iam derramando lagrimas de gosto, successo que tambem aconteceu aos mesmos homens.

No dia seguinte, 1º do mez de Agosto, em que rezava a egreja da sua dedicação, se fez a solemnidade da dedicação da nova, de que se trata, da Senhora Santa Anna do Sacramento, pelo nosso religiosissimo ministro que assistiu, banhado em lagrima que destillava aquelle abrazado coração pelos olhos, á solemne missa cantada que houve com o Senhor exposto e sermão, que pregou o mesmo reverendo Bento de Andrade Vieira, presbytero secular, de quem ha pouco falámos; a cuja festividade, sem embargo da grande longitude de nove leguas que dista aquella freguezia [illegible]a villa e tambem da elevada serra que medeia no [illegible]nho, em que trabalhosamente se gasta mais de

uma hora de viagem, acudiram gentes de todas as partes, classes e qualidades e, o que mais fez admirar muitas senhoras na primeira nobreza e que até então não haviam ainda viajado maior distancia do que a de uma legua quando muito, e até a mesma musica se conduziu desta mesma villa com grande trabalho e despesa.

Como esta freguezia da Senhora Santa Anna do Sacramento é do padroado da Corôa, até parece que foi providencia mysteriosa chegarem a estas minas já quasi nas vesperas da festa os retratos das Magestades reinantes, D. Maria e Dom Pedro, nossos senhores, para assistirem a ella, como succedeu, porque, tendo o senado da camara desta villa mandado vir os ditos retratos para os collocar na casa da dita camara, antes que assim se verificasse foram a aquella missão e lá se os puzeram na egreja nos lados, de uma e outra banda do arco da capella-mór e por cima do dito arco a imagem da santa com a custodia na mão.

Esta egreja foi construida não sómente com as expensas e fadigas proprias do nosso devoto e religioso ministro, como tambem com as esmolas de alguns fieis a quem elle supplicou. Como o fervor do nosso devoto protector era bastantemente exessivo, passou do festejo da egreja ao profano com uma excellente cavalhada, que satisfez muito aos *mirones*, e outros festins de representação, com que tambem se alegraram.

Arrebatado na devoção daquelle grande ministro não foi possivel truncar a narração da sua historia para entrar nos tempos certos com os successos que aconteceram, o que agora faço, declarando os mezes para que não venham em duvida.

Consta da devassa de 11 de Junho deste anno que no dia 7 do mesmo mez o nosso inimigo barbaro, não satisfeito com o estrago que nos tem feito, matára em um sitio, por baixo do *Cruara*, sete pessoas, além de cinco que no mesmo conflicto desappereceram e de que até o presente não houve noticia alguma, cujas pessoas se achavam naquella paragem em pescaria, matando e salgando peixe para negocio, de que abunda bastantemente o rio Cuyabá por isso memoravel, sem embargo de haver sua falta delle na quaresma pela razão de rodar com a enchente tudo o que é peixe de escama, que então vae desovar nos pantanaes, subindo tão sómente outra qualidade a que chamam «peixe de couro», que não anda á flor da agua, mas pelo fundo.

Ha mais neste mesmo rio uma cousa rara e digna de notar-se, que é um peixinho pequeno chamado *piquira*, que costuma subir todos os annos na vasante, e sempre ou quasi sempre é na lua cheia de Maio, cujo comprimento pouco mais excede a uma polegada, que se apanha em peneiras pela beira do rio, e si é em cachoeira ainda melhor em uma canôa pequena atravessada no logar em que a agua faz canal, porque todo o seu designio é saltar a canôa e por fim ficam dentro. Delle fazem bastante quantidade de azeite de que se utilizam quasi todos os moradores para candeias, e sendo uma cousa que, parece, não deve ter estimação por ridicula, se faz aprazivel pela avultada somma que faz poupar aos habitantes na despesa que faziam com outro azeite para o uso.

Como o nosso Excellentissimo General appetece, com o augmento da capitania, a sua estabilidade, não cessa de precaver tudo quanto é preciso para firmar as povoações, em fórma que não só se hajam

de conservar, como tambem possam servir de utilidade para os soccorros da fronteira no caso de precisar-se; e nestes termos depois de se haver por sua ordem fundado na margem esquerda do rio Paraguay, na estrada que vae destas minas para a capital, a nova villa chamada *Villa Maria do Paraguay* (1), ainda logo em solicitar com a maior brevidade a effectiva creação da nova freguezia com o titulo de *S. Luiz* na sobredita villa, para cujo fim dirigiu um officio ao vigario da vara desta comarca, o reverendo José Corrêa Leitão, em cujo districto se acha situada a dita villa, o qual, não obstante a falta de consenso do excellentissimo bispo do Rio de Janeiro, prelado diocesano, suppostas as pias, santas e benignas intenções do mesmo prelado, e a justa necessidade que tinham aquelles habitantes de pastor ali assistente, que os soccorresse a tempo e a hora com os sacramentos de que necessitavam, não duvidou na dita creação, offerecendo-se logo a ceder pela sua parte em beneficio da nova freguezia o territorio que vae desde o sangrador grande, chamado do *Mello*, até a margem esquerda do rio Paraguay em que se acha situada a referida nova villa, como assim consta do segundo officio do mesmo Excellentissimo General, do teôr seguinte:

---

(1) Fica em latitude de 16° gráos de sul, sobre a margem esquerda do Paraguay poucas leguas acima da barra do rio Jaurú. O nome de *Villa Maria* naturalmente era em honra da rainha D. Maria e o padroeiro de S. Luiz era adoptado em honra do proprio general, governador que então era de Matto-Grosso, que se chamava Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres. Em sua honra ainda foram dados os seus nomes as povoações de *Albuquerque* e de *S. Luiz de Cac*

(N. do

«Muito Reverendo Senhor José Corrêa Leitão: — «Repito a vossamercê a urgente necessidade que ha de «que se proceda a effectiva creação da nova freguezia «de *São Luiz de Villa Maria do Paraguay*, passando o «parocho eleito a aquelle logar com toda a maior bre«vidade que for possivel. Remetto incluso ao sobredito «fim o termo de cessão e juntamente de annexação, «feito pelo reverendo vigario da vara e Matriz desta «capital a favor da nova egreja, de todo o territorio que «medeia entre os rios Jaurú e Paraguay, bem persua«dido de que vossamercê não deixará de fazer o mesmo «pelo que lhe pertence, visto que muito espontanea e «louvavelmente me segurou que o praticaria, desde o «sangrador chamado do Mello até a margem esquerda «do mesmo rio Paraguay, em que se acha situada a «referida nova villa. A vista, pois, do referido não con«sidero que se offereça a minima objecção e sem em«bargo de faltar o consenso de sua excellencia reveren«dissima por não caber no tempo nem na grande dis«tancia o solicital-o desde logo, posso certificar a vossa«mercê que o dito senhor não sómente ha-de approvar «e confirmar todo este procedimento, mas que ainda «dará ao mesmo respeito as mais justas e mais santas «providencias, segundo corresponde ao seu incompara«vel zelo pelo serviço de Deus e de Sua Magestade.— «Deus guarde a vossamercê muitos annos.—Villa Bella, «17 de Maio de 1779. — De vossamercê muito fiel e «obsequioso venerador, *Luiz de Albuquerque de Mello «Pereira e Caceres.*»

Deste officio, com o termo de cessão a que se refere do reverendo vigario da vara e Matriz da capital e com o outro do desta villa, se formaram autos que conclusos nelles se proferiu a sentença do teôr e:

«Hei por bem feitos, firmes e valiosos os termos «de demissão, desistencia e cessão de que rezam os «documentos de fls. e fls., assignados pelos reverendos «parochos desta freguezia do Cuyabá e de Villa Bella «de Matto Grosso em beneficio e subsidio da nova pa«rochia e freguezia de São Luiz de Villa Maria do Pa«raguay, que se ha-de erigir com os limites e divisões «expressados nos referidos termos que julgo por minha «sentença, em que interponho a minha auctoridade or«dinaria e decreto judicial, e que mando se cumpra e «guarde como nella se contem, attentas as causas re«latadas nos mencionados termos que se dirigem ao «serviço de Deus e de Sua Magestade e ao bem espi«ritual dos habitantes da indicada Villa Maria do Pa«raguay e nos territorios cedidos á nova freguezia, como «se expende na carta de officio, a fls., do Excellentis«simo General desta capitania, havendo-o assim por bem «e approvando-o sua excellencia reverendissima, cujo «grande cuidado e maior zelo, como bom pastor, se en«caminha a que as ovelhas do rebanho que delle con«fiou a misericordia divina sejam soccorridas a tempo «e a hora com os sacramentos de que necessitarem, o «que não podia ser até agora pela grande distancia em «que se achavam aquelles habitantes. Portanto, confor«mando-me em tudo e por tudo com as pias, santas e «benignas intenções do excellentissimo e reverendissimo «senhor bispo actual, que não deixará de approvar e «confirmar a divisão e separação do territorio concedido «e transferido á nova freguezia de São Luiz de Villa «Maria do Paraguay, e a creacção da mesma, e visto «tambem o expresso e espontaneo consenso dos reve«rendos parochos actuaes desta freguezia do Cuyabá e «de Villa Bella, carta de officio acima expressada e [illegible] «pondo das pias, santas e benignas intenções d[illegible]

«excellencia reverendissima a approvação e confirmação, «erijo em Villa Maria do Paraguay uma nova freguezia «com o titulo de *São Luiz*, a qual terá por limites e «raias pela parte desta freguezia do Cuyabá o sangra-«dor grande chamado do *Mello*, e pela parte de Villa «Bella o rio Jaurú, e lhe assigno por freguezes todos «os habitantes que ora são e para o futuro houver em «todo o territorio que fica dentro dos assignados limites, «e mando que se passe provisão de erecção da nova «freguezia indicada com o titulo declarado de *São Luiz «de Villa Maria do Paraguay*, com os limites e territorio «destinados (1), com a clausula porém de ser appro-«vada e confirmada por sua excellencia reverendissima. «— Cuyabá, 16 de Junho de 1779. — *José Corrêa «Leitão.*»

Isto assim feito foi provido por vigario da nova freguezia o reverendo José Ponce Diniz, natural da Villa de Sorocaba, da capitania de S. Paulo, que ainda até hoje existe no mesmo exercicio, sendo a dita erecção confirmada pelo excellentissimo e reverendissimo prelado por seu edital de confirmação datado de 4 de Abril de 1780, que foi cumprido pelo vigario da vara de Matto Grosso em 8 de Março de 1781 e pelo desta villa em 17 de Abril do mesmo anno, e se acha re-

(1) Estes limites servem sómente para o nascente, poente e sul, ficando inteiramente indefinida ao norte. Cuyabá fica cerca de 35 leguas a nordeste e Villa Bella cerca de 45 leguas a noroeste de Villa Maria; a divisa com a primeira villa viria pelo rio Paraguay abaixo até a barra do Jaurú e com a segunda viria pelo rio Jaurú abaixo até a sua barra no Paraguay; porém, ao norte ficavam o sertão do districto diamantino e os campos dos *Parecis* sem nenhuma divisa até as fontes do rio ...s e seu valle abaixo até o Amazonas.

(N. do C.

gistrado no cartorio ecclesiastico desta villa no livro 2º do registro das pastoraes e mais ordens de sua excellencia reverendissima, a fls. 68 verso té fls. 70.

Tendo noticia o nosso Excellentissimo General da nova mortandade feita pelo barbaro gentio na paragem do Cruara e não podendo já tolerar tão continuadas hostilidades, mandou expedir a custa da Real Fazenda uma bandeira commandada por Francisco Leme de Moraes, natural da capitania de S. Paulo, contra o dito gentio, e com effeito sahiu a mesma em canôas com todos os petrechos necessarios em fins de Outubro, e depois de rodar o rio Cuyabá entrou pelo dos Porrudos que embocca naquelle, e em uma das suas margens pela banda do sertão em que estavam situados os bororós, foram precisados a combatel-os, e neste conflicto se aprisionaram alguns dos bugres de ambos os sexos e crianças, com os quaes retrocedeu a bandeira sem mais operação por causa das aguas que principiavam com muita força.

Chegados a esta villa foram recolhidos os bugres a prisão, onde . . . . . .

. . . . . .

(Faltam o resto do anno de 1779 e o começo do anno de 1780).

. . . . . .

Anno de 1780: — . . . . . .

. . . . . .

. . . . . difficuldade de conducção dos muitos effeitos e materiaes que eram precisos ir desta villa porque lá não havia, como eram cal, forragens e até a mesma telha; mas não foi assim porque elle não só não desfalleceu com o que estava fazendo, mas ai passou a emprehender maiores difficuldades

Houve em Fevereiro deste anno uma cheia muito grande no rio Cuyabá, que fez consideravel destruição aos habitantes, sendo a de maior consideração o engenho, com todas as propriedades de sobrado e terras, do capitão José Gomes da Silva, que totalmente derribou, de sorte que lhe foi preciso erigigir outro de novo, bastantemente retirado do rio, em cuja obra gastou nada menos de tres mil oitavas de ouro, e as casas de sobrado de Agostinho Fernandes Rodrigues, no porto.

Dispostas pelo nosso devoto ministro as cousas precisas acerca da obra de que ha pouco falamos, sahiu da missão e chegou a esta villa, e porque já havia destinado fazer uma capella para S. Gonçalo junto ao porto desta mesma villa, para onde se houvesse de trasladar o dito Santo, mudando-se da capella velha que estava junto á margem do rio Coxipó, em logar chamado hoje *S. Gonçalo Velho,* porque ali não tinha o Santo culto algum, pois estava a dita capella como deixada, sahiu com alguns devotos mais, que convocou pelas ruas desta villa, a pedir esmolas para a dita obra, e supposto que algumas se prometteram eram de tão pouco momento que a não ter o nosso devoto ministro o coração tão grande como tinha não se mettêra na obra.

Sem embargo das poucas esmolas promettidas, determina que se lance a primeira pedra para a nova capella em uma das oitavas da Paschoa da Resurreição, pede a camara a concessão do terreno, dá-se-lhe, lançam-se as medidas e abrem-se os alicerces. Isto feito, chegado o tempo premeditado, supplicadas as licenças necessarias do governo e do ordinario e armado um [illegible] em que se celebrou de manhã praticadas as ceri- [illegible] do ritual romano, lançou-se a primeira pedra

na segunda oitava da Paschoa, pelas tres horas da tarde, pelo reverendo vigario da vara e Matriz desta villa, José Corrêa Leitão, com toda a solemnidade. Carregaram a dita pedra o nosso devoto ministro, o juiz de fóra pela Ordenação doutor Antonio da Silva Pereira, o mestre de campo commandante Antonio José Pinto de Figueiredo e o capitão-mór Antonio Luiz da Rocha, introduzindo-se com ella não só quantidade de ouro, como ainda algumas moedas de prata e cobre que lançou o nosso fundador (1). Findo este acto deram-se tres descargas de pistolas por doze cavalleiros bem adereçados, que em fila militar assistiram ao mesmo, depois do que exercitaram uma bem composta e ordenada escaramuça e a noite houve baile na aposentadoria do nosso ministro, protector e fundador da nova capella.

Chegou o mez de Julho em que a egreja solemnisa a Santa Anna; dispôz o nosso devoto ministro a festa da padroeira daquella freguezia, que fez ainda com maior arrojo e maior concurso do que a passada, porque foram a ella maior numero de familias, que todas se sustentaram da sua hucharia, não porque as familias disso necessitassem, mas porque elle por grandeza assim o quiz praticar, fazendo com que os homens fossem todos a sua mesa e mandando a comida para as mulheres, a cada familia em sua casa.

Continuaram-se por este anno as obras da egreja na fórma que fica dita e tambem as da nova capella de S. Gonçalo não obstante haverem-se já gasto todas

---

(1) As palavras *nosso fundador* não se applicam ao fundador da villa de Cuyabá, mas simplesmente ao fundador da capella, cuja historia o chronista está narrando com tan minucia.

(N. do C.).

as esmolas promettidas, porque o nosso devoto ministro, dizendo-lhe o leigo Fr. José da Conceição, de quem temos fallado e que tambem se havia encarregado da dita obra, que estava acabado o ouro da esmolas e que havia de suspender a obra porque não sabia de onde havia de vir o preciso para pagar os trabalhadores, lhe respondeu, e isto succedeu em occasião em que elle se retirava desta villa para a missão, que não parasse a obra e que o de que se carecesse fosse buscar á sua casa. Oh, alma grande e na verdade digna de um eterno e incomparavel louvor!

Anno de 1781: — Viram-se em Janeiro deste anno nesta villa quatro juizes de fóra, dous proprietarios e dous subrogados pela Ordenação, que foram o doutor Antonio da Silva Pereira, subrogado, que exerceu a sua jurisdicção até as dez horas do dia primeiro deste mez, em que deu posse a outro subrogado que o succedeu como vereador mais velho do pelouro das novas justiças, o capitão Domingos da Costa Roriz, que a exerceu tambem até o dia 12 pelas cinco horas da tarde, em que recebeu o nosso doutor José Carlos Pereira cartas da chegada do ouvidor proprietario, doutor Joaquim José de Moraes, em fins de Dezembro á capital da comarca, e por isso tornou aquelle ministro a sua vara de juiz de fóra, a quem finalmente succedeu o doutor Antonio Rodrigues Gayoso, quarto juiz de fóra proprietario, que entrou nesta villa no dia 17 do mesmo mez, com um apparatoso acompanhamento, vindo pelo caminho de terra pela cidade da Bahia, e tomou posse no dia 22, como consta do termo della no livro 16 das vereanças, á fls. 208, por não ter precisão de mandar a provisão de provedor a cumprir pelo General, como ostume, nem tambem ter delle dependencia para

o juramento por ser essa diligencia commettida por Sua Magestade ao senado da camara.

Havendo sabido o nosso excellentissimo general que o descoberto de *Beripoconé* se achava bastantemente populoso e dava esperanças de duração pelas lavras de vieiros que se iam achando, de que já démos copia no logar competente, e desejando desterrar da memoria dos povos aquelle nome gentilico e proprio do logar, pelo qual era tratado o dito descoberto por ser derivado do gentio do mesmo nome que alli habitou, impondo-lhe o nome de *S. Pedro de El-Rei* em contemplação e obsequio do augustissimo nome de El-Rei Dom Pedro Terceiro, nosso senhor, fez expedir pela secretaria do seu governo uma positiva ordem ao mestre de campo commandante das tropas auxiliares destas minas para que passasse ao dito arraial e em presença da nobreza e povo solemnemente fizesse o acto da imposição do dito nome por termo judicial, o que assim se executou nó dia 21 deste mesmo mez de Janeiro, como consta do termo que se acha registrado por ordem do mesmo general no livro 12 de Registros dos editaes e mais papeis do senado da camara desta villa, de fls. 31 verso até fls. 32, cujo teôr é o seguinte:

«Aos 21 dias do mez de Janeiro de 1781 annos, «neste arraial de Beripoconé, districto de Cuyabá, onde «foi vindo o mestre de campo commandante das tro«pas auxiliares e governo politico Antonio José Pinto «de Figueiredo, ahi em execução e cumprimento de «uma positiva ordem que lhe foi expedida pela secre«taria do governo, decretada pelo illustrissimo e excel«lentissimo senhor Luiz de Albuquerque de Mello Pe«reira e Caceres, governador e capitão gene... «capitania, datada em 18 de Dezembro de 178

«ximo passado; e convocados todos os habitantes deste «mesmo arraial lhe foi imposto o nome de *S. Pedro «de El-Rei* em obsequio do augusto nome de El-Rei «nosso senhor, Dom Pedro Terceiro, que o alto Deus «prospere e felicite, para que daqui em deante por tal «se denomine, e não arraial de Beripoconé por ser «este nome gentilico e barbaro e derivar-se do gentio «que habitou nesta paragem, em cujo arraial invocado «S. Pedro de El-Rei se acharam presentes a nobreza «e um avultado numero de povo, que ao todo foi to- «tal de 2.118 pessoas de todas as qualidades, como «constou do mappa que se extrahiu do mesmo arraial, «ficando este distante da villa do Cuyabá linha recta «deseseis leguas pouco mais ou menos e o seu rumo «directamente ao sul da mencionada villa; o qual «solemne acto judicial assim feito se executou na con- «formidade e contemplação da referida ordem do dito «excellentissimo senhor general, e para a todo o tempo «constar se fez este termo que todos assignaram. Eu, «José de Vasconcellos Castelbranco, tabellião que o «subscrevi e assignei.—*José de Vasconcellos Castelbranco* O mestre de campo commandante, *Antonio José Pinto de Figueiredo*—O padre, *Manòel Alves Campos — Jero- «nimo de Magalhães—Salvador Jorge Velho* (1) — O sar- «gento-mór, *José Paes das Neves—João Baptista Duarte—*

(1) Salvador Jorge Velho foi por muitos annos capitão-mór de Ytú, onde prestou muitos serviços ao capitão-general D. Luiz Antonio de Souza. Descendia de Domingos Jorge Velho, o destruidor dos Palmares, e pertencia ás mais illustres familias da capitania. Foi sogro de Antonio de Barros Penteado, que a seu turno foi sogro do senador Paula Souza e do marquez de Monte Alegre e pae dos barões de Ytú e de Piracicaba. Já nudou-se para Cuyabá, arraial de Beripoconé, e lá fal- ... 1792.

(N. do C.).

«José Manoel Martins — Gaspar Antonio de Azevedo «Araujo — Domingos Carlos de Oliveira — Salvador Paes «Falcão — Salvador Rodrigues de Siqueira — Felix Gon«çalves Velho — Mathias Soares de Bulhões — André Al«ves da Cunha — Manoel Martins Collaço — Thomé Go«mes Pereira — Pedro José do Amaral — Antonio Xavier «de Siqueira—Antonio de Souza — Antonio Francisco Coe«lho Bittencourt — Manoel Nunes Martins — Vicente Jo«sé Ferreira — Mathias Leite de Barros — Vicente José de «Souza — Maximiano de Oliveira Paes — Raymundo da «Costa Magalhães — José Ribeiro Mendes — José Luiz «Coelho (1) *— Antonio da Silva de Albuquerque — Car«los José da Fonseca — Manoel Ferreira de Carvalho — «Thomé Alves da Silva — Manoel José Gomes de Barros « — Manoel Garcia dos Santos — Francisco de Oliveira «Garcia — Pantaleão de Santo Agostinho — Antonio José «de Souza — João Mendes Rodrigues — Paulo Antonio de «Andrade — José Gomes Pereira — Bernardino Gomes «Pereira — Luiz Pedroso de Barros — Lourenço Castanho «Taques — Julião Vieira Ambre — José Mathias Galvão « — João de Deus Pereira — João José Guimarães.*

Em Fevereiro deste anno chegou por terra o reverendo Luiz de Souza Corrêa com procuração do reverendo doutor Manoel Bruno Pina para tomar posse da egreja e vara desta villa, em que este estava provido pelo excellentissimo e reverendissimo bispo actual do Rio de Janeiro; tomou posse de uma e outra cousa

---

(1) Foi um dos povoadores da desgraçada colonia paulista de Yguatemy; era filho de Antonio Luiz Coelho e cunhado do capitão André Dias de Almeida, que tão bons serviços prestaram ao capitão-general D. Luiz Antonio de Souza. Vide vol. a X do *Archivo de S. Paulo.*

(N. do C.)

e entrou a exercer as funcções dos referidos empregos até o mez de Julho, em que chegou o proprietario que até o presente tem continuado com bastante prudencia, capacidade e litteratura, passando aquelle seu constituido a cumprir com os deveres de coadjutor, em que viera provido por sua excellencia reverendissima.

Sem embargo de se achar o nosso devoto doutor José Carlos Pereira já fora do exercicio e ministerio em que fôra provido por Sua Magestade, por estar de posse o seu successor, o doutor Antonio Rodrigues Gayoso, comtudo ainda se domora nestas minas porque quer ver concluidas as causas de suas fadigas, que são os dous templos em que tem empregado todo o seu desvelo, e assim já em um, já em outro applica os seus cuidados, de sorte que o de Santa Anna do Sacramento já está acabada de todo a obra projectada, e até a do excellente adro que lhe fez, todo empregado de seixos roliços conduzidos em bestas desde o rio Coxipó, que dista da missão seis leguas e com o grave encommodo de subir a serra; porém, como lhe falta o douramento dos altares, arco e tudo o mais que é de talha, assim como a pintura de tudo o que se acha em forro liso, não socega emquanto não dá as providencias para a sua effectiva conclusão.

Tinha vindo das minas de Goyaz para estas, justo pelo capitão de cavallos José Pereira Nunes, o mestre dourador e pintor João Marcos Ferreira para dourar o retabulo da capella-mór da Matriz desta villa, em cuja obra se achava trabalhando; aproveita-se da occasião o nosso devoto protector e fundador e ajusta com elle todo o douramento e pintura de que precise o templo de Santa Anna do Sacramento, de que se lavrou escriptura publica. Teve de esmola

para esta obra sessenta e quatro oitavas de ouro que em seu testamento legou o reverendo João Alves Torres, natural da cidade de S. Paulo, que falleceu em Abril deste anno, sendo parocho encommendado na dita missão, cujos ossos se acham em jazigo proprio na sacristia da mesma egreja, e piamente devemos crer que está gozando da vida eterna porque foi sempre de bons costumes, muito devoto da Mãi de Deus, caritativo e esmoler em eterno, e para as obras desta mesma egreja deu em sua vida de esmolas 400 oitavas de ouro, assim como teve mais para o mesmo douramento 780, que prometteu o reverendo Francisco Xavier Leite de Almeida, que succedeu áquelle no officio pastoral, por lhe haver o nosso devoto fundador alcançado o provimento desta egreja, com que se segurava para não ser mandado para a de S. Luiz de Villa Maria do Paraguay, em cujo logar de nenhuma sorte desejava residir pelos graves encommodos que se lhe seguiriam sahindo deste continente. Era natural do reino de Portugal, falleceu nesta villa e jaz sepultado na Matriz della.

Em Outubro deste anno sahiu por ordem do nosso General bandeira a custa da Real Fazenda contra o gentio barbaro, nosso capital inimigo, que foi commandada por Francisco Nobre, em canôas pelo rio Cuyabá abaixo e depois de entrar pelo rio chamado dos Porrudos, na mesma margem em que da vez passada se acharam situados os bororós e foram combatidos, ahi se acampou a nossa gente, pois estava o logar desamparado e deserto. Expediu o cabo uma escolta que subiu por um ribeiro, que serve de braço ou cabeceira do dito rio, e depois de se achar terra dentro no fim de quatro ou seis dias de marchas pe[illegible] topou a nossa escolta com um grande alojame[illegible]

ditos bororós, que sendo acommettidos dos nossos foram rendidos e presos duzentos e tantos, que se conduziram logo para o nosso acampamento onde não chegaram porque a facilidade dos nossos soldados deu logar a que elles fugissem.

Foi o caso que vindo em marcha a nossa gente com os bugres presos, fez alto para comer, e porque havia suas fructas sylvestres foram-se espalhando os nossos soldados sem se lembrarem que vinham acompanhados de inimigos, ficando tão sómente umas poucas sentinellas tendo sentido e vigilancia com os bugres. Assim que estes conheceram que os soldados estavam espalhados pelos campos e mattos e não podiam dar adjutorio ás poucas sentinellas que com elles haviam ficado, dando um horrivel urro, immediatamente acommetteram de subito e tumultuosamente as ditas sentinellas, que erám um João Luiz Corrêa, um João de Pinho e outros, as mataram e fugiram, vindo-se a perder por causa daquella bem indiscreta facilidade não só soldados, como tambem armas que os bugres carregaram, recolhendo-se a bandeira peór do que foi para o sertão.

Prosegue o nosso devoto fundador a obra da capella de S. Gonçalo em fórma que possa, antes de se ausentar destas minas para a Côrte, para onde se destina a solicitar o seu despacho, deixar o Santo dentro e até meado de Novembro deste anno ficam completos a torre que foi edificada por detraz do fundo da capella-mór, a mesma capella-mór, já forrada e caiada, sacristia e corredores cobertos, e o corpo da egreja, que é á romana, e forrando-se para se retelhar, e no dia em que estava pondo este forro, que foi o de 15 do [illegible], houve missa cantada solemne na mesma ca-
[illegible]le tarde procissão, que se formou no porto,

onde se fez desembarque do Santo e mais imagens que haviam sido da egreja velha, e postos em andôres ricamente ornados se recolheram na dita nova capella. Depois disto, preparado o seu comboi e feitas as cortezes despedidas, embarcou em duas canôas suas, em que se conduzia e o seu trem e partiu no dia 18 de Novembro, acompanhado até o embarque de todos os grandes e pequenos da terra e de muitos bons até a distancia de dez leguas pelo rio em canôas, e se foi embora deixando-nos muito saudosos, e com razão porque foi ministro muito activo, muito despachador, muito zeloso da Real Fazenda, de bom animo, amigo do seu amigo e nada de fazer mal, muito serviçal e muito mais agradecido. Ficou encarregado da obra por devoção sua o nosso leigo Frei José da Conceição, de quem já tratámos, e com effeito desempenhou o encargo porque supplicou esmolas e finalisou a obra de tudo o mais que era necessario, ficando na verdade um templo muito aceado e agradavel, e fez tambem varias casas para romeiros. Finalmente acha-se hoje o nosso Santo logrando aquelle culto de que ha muitos annos se achava privado na sua capella velha.

Chegado que foi o nosso devoto fundador, doutor José Carlos Pereira, á freguezia de Araraytaguaba, da comarca de S. Paulo, onde fazem desembarque os que vão destas minas pelos rios para os povoados, e achando ahi a nova imagem de Santa Anna do Sacramento, aquella que havia mandado vir do Rio de Janeiro para se collocar na sua freguezia, não lhe soffreu o animo passar adeante sem ver a imagem e fazer-lhe uma festa solemne. Assim o executou e no primeiro domingo que se seguiu, posta a Santa no throno do altar-mór da egreja Matriz de Araraytaguaba, com o [illegible] tissimo Sacramento exposto na custodia, que h[illegible]

mandado tambem vir, que tinha a Santa na mão direita, se lhe cantou missa solemne, com sermão que pregou o reverendo Francisco Pinto Guedes, natural destas minas e vigario encommendado daquella freguezia. Depois do que proseguiu a sua jornada e chegou a Lisboa, onde foi despachado para o logar de intendente e provedor da Real Fazenda da capitania de Goyaz com beca honoraria.

Anno de 1782: — . . . . . .

. . . . . .

(Falta o resto do manuscrito).

. . . . . .

NOTA

Como ja disse em nota, o costume de festejar a chegada dos governadores e magistrados com manifestações de caracter publico era muito arraigado no espirito dos povos de Cuyabá e durou muitos annos depois desta narrativa.

Como curiosa mostra destes festejos populares, transcrevo em seguida integralmente umas notas trazidas de Cuyabá pelo dr. Diogo de Toledo Lara Ordonhes e encontradas entre os papeis velhos do tenente-general José Arouche de Toledo Rendon (1).

Lista das pessoas que entraram nas funcções principaes de Agosto de 1790

Funcção da Egregia no dia 6

Celebrante, o revdo. dr. vigario da egreja e vara Vicente da Gama Leal.

Diacono, o revdo. commissario subdelegado da Bulla Antonio de Arruda Leite.

Subdiacono, o revdo. promotor Ignacio de Albuquerque.

Pregador, o revdo. José Gomes da Silva.

(1) Estas festas duraram mais de um mez e foram celebras no anniversario do dr. Diogo Ordonhes, ouvidor do yabá.

(N. do C.).

Acolytos, Manoel de Barros Rodovalho, Jeronimo Ferreira e o sacristão José Alexandre.

***

Baile na mesma noite — 5 contradanças

Ajudante Antonio Peixoto de Azevedo.
Estudante José Duarte do Rego.
Alferes Antonio Alves Torres.
Alferes José Duarte do Rego.
José Duarte do Rego Filho.
Estudante José de Arruda Abreu.
Estudante José Luiz Monteiro.
Estudante João Pedro de Jesus.
Estudante Joaquim de Mello Vasconcellos.
Joaquim Pinto de Moraes.
Professor José Zeferino Monteiro de Mendonça, regente das contradanças, vestido de saloio.

***

Pessoas que dançaram com farças:

Major Gabriel da Fonseca e Souza.
Capitão Joaquim da Costa Siqueira (1).
Alferes Joaquim Geraldo Tavares.
Alferes Joaquim Rodrigues de Oliveira.
Tenente Antonio Gomes da Costa.
Tabellião Jacintho Gomes da Costa.
Tabellião de S. Pedro de El Rei Francisco Vieira da Silva Vianna.
Professor regio de ler João Antonio.
Francisco Dias Paes.
João Francisco da Silva, de velho estudante.
Estudante José Silverio da Silva.
Estudante José Vieira.
José Poupino.

---

(1) Era vereador da camara de Cuyabá e foi o con de José Barbosa de Sá como escriptor destas chronic Matto-Grosso.

Sabbado --- Dia 7

CONTRADANÇAS—AS MESMAS DO DIA ANTECEDENTE.

Dia 8

Cavalhadas

Cavalleiros:

Apollinario de Oliveira Gago } Mantenedores.
Jacintho Gomes da Costa }
Domingos Dias de Abreu.
Francisco Xavier Pinto.
José Collaço Nobre.
Leonardo Ferreira Albernaz.
Antonio Aranha.
Domingos Martins Fernandes.
José Rodrigues da Silva ou da Fonseca.
Manoel de Barros Rodovalho e Silva.
José Manoel.
Antonio José da Silva e Costa.

Contradanças na mesma noite das cavalhadas

Os mesmos, excepto que em logar de Joaquim de Mello entrou Silverio José da Silva.

Dança dos Pardos

O mulato do revdo. vigario, José Francisco Monteiro e Miguel Xavier.

Bando no dia 9 --- Segunda Feira

Professor regio, Peixoto, alferes Duarte e filho, Silverio, José, Ignacio Alexandre, João Pedro e João Francisco.

Comedia — **Aspazia na Syria** — no mesmo dia 9

Personagens:

José de Mello Vasconcellos	— figurou de rei do Egipto.
Alferes Bento de Toledo Piza	— Principe, filho.
Joaquim de Mello	— Aspazia.
Thomaz Pereira Jorge	— Clearco, embaixador do Epiro.
Manoel de Barros Rodovalho	— Turco.
Theodor de Brito Freire	—
Francisco Xavier da Costa Valle	—
Joaquim José de Azevedo	—
Maximo José de Azevedo	—

Cavalhadas do dia 10 — 3ª feira

Quatro mascaras muito acceiados, que eram o Peixoto, Ignacio, Alexandre, José Duarte e o filho, e os mesmos cavalleiros.

O mesmo rancho dos Pardos e outros de Capitães do Matto, com negros fugidos, etc.

Noite do dia 11

Ourene perseguida e triumphante — *Comedia* (1)

Personagens:

José de Mello Vasconcellos	— Rei Rosballes.
Bento de Toledo Piza	— Rei Lirbaces.
Thomaz Pereira Jorge	— Principe Astarbo.
Theodor de Brito	— Libano, confidente.
Joaquim de Mello Vasconcellos	— Ourene, filha de Rosballes.
Francisco Xavier da Costa Valle	— Nirene, pretendente ao throno.
Manoel de Barros Rodovalho Joaquim José de Azevedo	— Graciosos de fora.
Xisto Paes	— Graciosa.

---

(1) Adiante se diz «*tragedia de Irene.*»

Danças que por tres vezes sahiram ao tablado na mesma noite, ensaidas pelo mestre da capella e offerecidas pelo mesmo.

João da Silva Nogueira, filho da Corá e do defunto João da Silva Nogueira.
Francisco da Silva, filho do defuncto dragão Luiz da Silva.
Antonio Thomé, filho do defuncto Pinheiro.
Antonio Alves Pereira, filho de José Alves Pereira.
José Ferreira da Silva, filho de Manoel Ferreira da Silva.
Hygino José dos Reis, filho da Corá e irmão de João Nogueira,
José de Feitas Caldas.

Cavalhadas no dia 12

Os mesmos cavalleiros e um rancho de 13 mascaras muito acciados, 7 homens e 6 mulheres, entre os quaes estavam Theodoro de Brito Freire, José Duarte do Rego e o filho.

Sabbado --- dia 14

Entremez ou comedia do **«Saloio Cidadão»**, com outro entremez.

Personagens :

José Francisco da Silva — Saloio cidadão.
Victor Modesto — Saloia, sua mulher.
Silverio José da Silva — Saloia, criada.
José Francisco Monteiro —

Baile na noite de 15 - Domingo

Galans : — Capitão Joaquim da Costa Silveira, tenente Antonio Gomes, professor João Antonio, Ignacio Alexandre, Theodoro de Brito e tabellião Jacintho Gomes.

Damas: — Major Gabriel, alferes Joaquim Rodrigues, Francisco Dias Paes e Silverio José da Silva.

Ermitão: — Alferes Joaquim Geraldo.

Contradanças: — Ajudante Peixoto, Manoel José Pinto, José Duarte e filho, Antonio Alves, José de Arruda, José Luiz Monteiro, João Pedro, Joaquim de Mello e Joaquim Pinto.

Dia 16 — 2ª feira

Comedia ou tragedia **Zenobia no Oriente**

Personagens:

José de Mello — Imperador Valeriano.
Joaquim Marianno — Zenobia, rainha de Palmyra.
Thomaz Pereira Jorge — Principe de Palmyra.
João Francisco — Decio.
Silverio José da Silva — Dama.
Joaquim José de Azevedo, Jeronimo Ferreira e 12 soldados.

ENTREMEZ:

Personagens: — João Francisco, Silverio, Thomaz, Jeronimo, Antonio Ferreira e Xisto Paes.

Dia 18

Tragedia de **D. Ignez de Castro**

Personagens:

Bento de Toledo Piza — Rei Affonso IV.
Thomaz Pereira Jorge — Principe D. Pedro.
João Francisco — D. Nuno Velho.
Jeronimo Ferreira — Alvaro Gonçalves.
Joaquim José de Azevedo — Egas Coelho.
Silverio José da Silva — D. Ignez de Castro.
Xisto Paes — Dama.
Varios de capa e volta, soldados, filhos do principe D. Pedro, etc.

Entremez: — João Francisco, Silverio, Thomaz, Bento de Toledo, Joaquim de Azevedo, Xisto Paes, jogadores, mulheres e criadas.

Dia 20

Quatro Entremezes, em que representaram: — Thomaz Pereira, Bento de Toledo Piza, João Francisco e Silverio nos quatro; Xisto Paes em tres; Joaquim de Azevedo em dois, José Marques em dois e extraordinariamente em um, Bartholomeu Brandão e Jeronimo em um.

Dias 22 e 23

Contradanças, offerecidas pelo alferes José Duarte do Rego.

Galans: — Manoel Ribeiro, Antonio Dias Barbosa, Joaquim de Mello, José Marcellino, José Duarte do Rego Filho e Francisco Chagas.

Damas: — Alferes José Duarte do Rego, José de Souza Ferraz, Manoel Fernandes Ferreira Braga, Antonio Thomé, o mestre Francisco Dias Paes e musicos.

Noite do dia 23

Comedia **Amor e Obrigação**

Personagens:

Thomaz Pereira Jorge — Lidoro, principe de Albania.
Bento de Toledo Piza — Philippe, principe de Athenas.
José de Mello — Rei Sigismundo.
Joaquim de Mello — Astrea, filha do rei Sigismundo.
O mesmo José de Mello — Tibandro, general dos Scytas.
Silverio José da Silva — Fenix, sobrinha de Sigismundo.
Xixto Paes — Lacaia.
José de Oliveira — Lacaio.
João Francisco, Joaquim de Azevedo e 10 meninos.

Dia 24

Comedia do **Conde Alarcos,** offerecida por Antonio José da Silva e Costa.

Personagens :

Antonio José da Silva e Costa	— Rei.
Domingos Martins Fernandes	— Conde Alarcos.
Silverio José da Silva	— Branca.
Manoel de Souza Brandão	— Infanta.

Noite do dia 25

Comedia de **Tamerlão,** offerecida pelos actores.

Personagens :

— David Antonio	— Tamerlão.
Victoriano	— Bajazet.
Cypriano Martins	— Filha de Bajazet.

Noite do dia 29

Tragedia de **Zaira** (1), offerecida pelos actores :

Personagens :

João Francisco da Silva	— Osman, á turca.
Silverio José da Silva	— Zaira.
Manoel de Souza Brandão	— Fatima.
Alberto José Ribeiro	— Orasmim, á turca.
José Francisco Monteiro	— Nerestam. de militar.
Francisco da Costa Siqueira	— Meledor, de militar.
João Rodrigues	— Chatillon, á franceza.
O mesmo João Francisco da Silva	— Lusignan.

(1) Tragedia de Voltaire.

(N. do C.).

Entremez — **O Tutor enamorado.**

João Francisco — Tutor velho.
Silverio José da Silva — Dama, pupilla.
Manoel de Souza — D. Brites, pupilla.
José Francisco e João Rodrigues.

Noite do dia 31

Opera de **Esio em Roma,** offerecida por Jacintho Ramalho Lisboa.

Personagens :

José Francisco Monteiro — Cesar Valentiniano III
Francisco da Silva Teixeira — Esio.
Miguel Xavier de Lima — Maximo.
Joaquim José dos Santos Nery — Honoria.
Joaquim Leme — Fulvia.
Manoel Ferreira de Oliveira — Soquete gracioso.
Manoel José de Miranda — Alcaparra.
Francisco da Costa Siqueira e Joaquim Rocha

Cavalhadas a 31 de Agosto e 2 e 4 de Setembro.

Vestidos de Verde	—	Vestidos de Vermelho
Jacintho Gomes da Costa	—	Alferes José Antonio
Lourenço José Teixeira	—	Alferes Antonio Correa.
Leonardo Ferreira Albernaz	—	Victor de Moraes
José Dias da Cruz	—	Manoel de Barros Rodovalho
Antonio Alves Torres	—	Domingos Dias de Abreu
Thomaz Pereira, de mascara	—	Joaquim Rodrigues, de mascara

Dia 3 de Setembro --- Sabbado

Tragedia de **Focas.**

Personagens:

Thomaz Pereira Jorge	— Focas, imperador.
Manoel de Barros	— Rainha de . . .
João Francisco	— Velho Astolpho.
Professor Regio	— Leonino.
José de Mello	— Heraclio.
Jeronimo Ferreira	— Confidente da rainha.
Joaquim de Mello	— Confidente do imperador.
Xisto Paes	— Dama do Palacio.

Entremez dos **Sganarellos.**

Personagens :

João Francisco	— Velho Sgaranello.
Jeronimo Ferreira	— Compadre de Sganarello.
Silverio José da Silva	— Mulher de Sganarello.
Joaquim de Mello	— Pae da mesma.
Manoel de Barros	— Irmão da mesma.
Professor Regio	— Doutor Aristotelico.
Thomaz Pereira	— Pyrronico.

Outro entremez, em que figuram :

João Francisco	— Velho que quer ir estudar.
Silverio	— Sua mulher.
Xisto Paes	— Cigana que lê a buenadicha.
Thomaz	— Moço do velho.
Joaquim, almoxarife	— Estalajadeiro.
Joaquim de Mello Manoel de Barros Jeronimo Ferreira	— Estudantes.

Noite do dia 8 de Setembro

Comedia (1) e contradanças, em que tomaram parte 12 cavalheiros e 14 mascaras, sendo a musica da facção de Joaquim Mariano.

Noite de 11 de Setembro

Comedia . . . *oira em Susa.*

Personagens: — Nicoláo da Motta, Vicotoriano da Costa Vianna, Aniceto da Costa Vianna, Manoel da Costa Vianna, Cypriano Martins, Francisco Gonçalves, Joaquim do Rosario, Rafael de Lima, David Antonio Ribeiro e João da Costa.

Obras poeticas

que se recitaram nas noites de 6 e 15 de Agosto de 1790, e são as unicas que se puderam haver das muitas que se ouviram nas noites sobreditas e em outras occasiões proprias da presente festividade (2).

(1) Foi pena que não se désse aqui o nome da comedia, porque na noticia que adeante se dá das representações se faz a critica desta de modo bastante lisongeiro.

(2) Os versos que seguem não tem grande merito litterario, mas valem como documentos do gosto e dos costumes da epocha.

(N. do C.).

SONETO

Recitado por um sujeito de respeito e merecimento, trajado de rica farça de dama.

Vós, senhor, cujo nome esclarecido
já gravastes em laminas brilhantes,
tanto mais vossas glorias são constantes
tanto mais vos fazeis ennobrecido.

O elemento se rompa, e divididos
lá do centro se arranquem diamantes;
diademas se fabriquem rutilantes
que porteis nessa fronte suspendidos.

Vossos annos as Musas applaudindo
com Apollo que os rége em egualdade
hoje estão no Parnaso e sacro Pindo.

Com seu canto eternisam vossa idade,
as Musas brandos lances referindo,
Apollo só acções de heroicidade.

SONETO

(Pelo mesmo)

Vosso nome será sempre lembrado
emquanto o Cuyabá tiver viventes,
passando de umas gentes a outras gentes
a fama do varão o mais honrado.

No fôro tendes vós perpetuado
instrucções sabias, justas e prudentes;
e nos pleitos deixaes todos contentes,
Poi sabem que só a bem sois inclinado.

Os que das lettras tem conhecimento
sem faltar a verdade bem dirão
que deixaes aos vindouros documento;

Os mais todos, senhor, confessarão
que a justiça encontrou em vós assento
e as sciencias acharam o seu Platão.

SONETO

Recitado e offerecido por um sujeito de caracter e merecimento e de perto de 80 annos de idade, em um bem aceiado papel, que dizia: — «No dia em que faz annos o sr. dr. ouvidor geral da comarca Diogo de Toledo Lara Ordonhes e lhe dedica
Um muito amigo de ser seu criado».

Seja do meu amor esta fineza,
Inda que desvalida, inda que pobre;
O louvor por si mesmo não se encobre
Quando o objecto é sublime e de grandeza.

Eu não me arrependo, nem me pesa;
O dia em que fazeis annos é tão nobre
Que o meu fraco discurso não descobre
Modo com que bem saia desta empreza.

A egreja nos diz que a 6 de Agosto
Se transfigurou Christo no Thabôr,
Banhado em luz o seu divino rosto;

Permittiu neste dia este SENHOR
Que em São Paulo nascesseis *todo gosto*,
Ao Cuyabá viesseis *todo amor*.

SONETO

Recitado por um sujeito de caracter e estimação, trajado á tragica.

Neste ambito do orbé celebrado,
Vosso nome será sempre applaudido,
Será por todo o mundo diffundido;
Delle a fama dará o maior brado.

Desde o occaso onde o Sól é sepultado
Até onde se levanta renascido,
Conservará o evo engrandecido.
O dia em que nasceste decantado.

Um extranho temor que n'alma tenho
Me embarga applaudir mais; vosso respeito
E' quem só embaraça o meu engenho.

A vóz se congelou dentro do peito;
Não passo mais avante, eu me detenho
Por não faltar cumprir vosso preceito.

ENDEIXAS

Recitadas por um sujeito de caracter e merecimento, em farça de uma rica saloia.

1

Entre illustres concorrentes
Em louvar-vos fervorosos,
Eu venho cantar, óh Lara,
Os teus annos venturosos.

2

E para tão nobre assumpto
Dê-me Phœbo luminosos
Seus influxos, com que exalte
Os teus annos venturosos.

Annos felizes
Detende o vôo
Emquanto entôo
O rude canto.

3

Cantar não venho os heróes
Da antiguidade famosos,
Mas só de um sabio ministro
Os seus annos venturosos.

4

Presta-me, oh vate do Ponto,
Os teus versos amorosos
Inda que elles não fizeram
Os teus annos venturosos.

Vate mellifluo
A' doce lyra
Sonora inspira
Som desusado.

5

Do Pindo desçam sagrados
Féros deuses magestosos,
Os cultos seus fazer venham
Dos teus annos venturosos.

6

Já surgem das cavas grutas
Leves satyros vaidosos:
Vê, óh Lara, quanto podem
Os teus annos venturosos.

Desçam os deuses
Do seu imperio;
Todo o hemispherio
O prazer domina.

7

Neptuno o tridente bate;
Eis surgem tumultuosos
tantes delfins a ver
teus annos venturosos.

8

Amor inerme apparece
Sem os farpões horrorosos,
Por não turbar o socego
Dos teus annos venturosos.

E' porque vê
Que á tua virtude
Toda arte é rude
Para vencer.

9

Voam ligeiros prazeres
Pelos semblantes gostosos;
Correm apesar do tempo
Os teus annos venturosos.

10

A sombra da tua bondade
Fogem os males penosos;
Acções estas que mais fazem
Os teus annos venturosos.

De Orpheu a lyra
Suspensa vejo,
Que justo pejo
A vóz lhe impede.

11

A inveja a teus pés prostrada
Depõe seus timbres vaidosos.
Protestanto que respeita
Os teus annos venturosos.

12

E vós, oh Ente Supremo,
Escutai os piedosos
Votos de quem deseja
Estes annos venturosos.

Fuja a tristeza,
Reine a alegria
Que neste dia
E' sem egual.

13

Alegres todos me escutam,
Com desejos extremosos
De exaltar com louvores
Os teus annos venturosos.

14

E' hoje o ditoso dia
Em que da Parca os irosos
Échos *soam* triumphar, vendo
Os teus annos venturosos.

Em vão seus raios
Vibra, sacode;
Quem tudo pode
A mão lhe prende.

15

Neste festejo annual
Vejo os todos, cuidados,
Com razão appetecerem
Os teus annos venturosos.

16

De São Paulo embora sôem
Tristes suspiros, saudosos,
Si o Cuyabá lhe roubou
Os teus annos venturosos.

Cuyabá feliz,
Em tua historia
Põe por memoria,
Lara Ordonhes.

17

Velhas aras do respeito,
Corações obsequiosos
Que vem applaudir assiduos
Os teus annos venturosos.

18

Aos densos ares subindo
Vão meus cantos respeitosos
A applaudir como podem
Os teus annos venturosos.

Podendo tanto,
Só na virtude
O tempo, rude,
Poder não tem.

19

Mas o peito já fraqueja;
Meus desejos anciosos
Não bastam para cantar
Os teus annos venturosos.

20

Hoje á face dos altares
Ouvi cantos sonorosos,
Pedindo que sempre sejam
Os teus annos venturosos.

Todos desejam
Vêr-vos ditoso.
Tão piedoso
O céo vôs fez.

Cantae, commigo cantae
Doces lyras afinadas.
Sejam sempre festejadas
As virtudes de Ordonhes.

CRITICA DAS FESTAS (1)

. . . . . .

. . . . . .

Domingo, 15 de Agosto de 1790: — Dia muito plausivel pela magnificencia de um segundo baile na mesma paragem.

---

(1) Esta critica foi encontrada junto aos versos e [illegible] cripção dos festejos acima dados. Não é da penna d[illegible]

Elle foi delineado logo no dia seguinte ao primeiro. Na verdade foi extraordinario o aceio de todos os mascaras, principalmente de tres damas, que eram o major Gabriel, o alferes Joaquim Rodrigues e Francisco Dias. Durou até uma hora da madrugada, tendo principiado cedo. Não houve tempo perdido; dançaram-se tres contradanças pelo mesmo rancho de mascaras do primeiro dia e outras tres pelos mesmos meninos que dançaram no theatro, o que acabou de dar o maior lustre e gosto a esta funcção. Dançaram-se *passapiés* de dous e a quatro, minuetes simples, a quatro e figurados, minuetes da Côrte, samavel, tudo com a maior perfeição possivel.

O acto principiou por uma fala, seguiram-se repetidas obras poeticas, recitou o tenente Antonio Gomes outra fala ou elogio e, finalmente, parece que faltava o tempo para tanta cousa. A musica foi mais completa em razão de se achar um bom musico novo recem-chegado pelos rios, e para ella se armou melhor accomodação do que na primeira noite. A illuminação foi mais delicada, o jardim estava guarnecido de estatuas no alto de cada um dos quatro arcos; a noite foi muito serena. O *deser* esteve armado com a mesma profusão e delicadesa, com muito pouca differença; mas foram convidados para elle só os mascaras e os musicos, ainda que depois entraram varias familias. As figuras que compunham o baile eram 31.

Domingo, 22 de Agosto: — Toda a semana se passou sem funcção alguma publica (1), não tendo sido possivel adiantarem-se as representações das comedias que ainda faltavam. Mas ella

---

Ordonhes, porém parece ser de algum seu secretario ou companheiro; está truncada, faltando algumas paginas no começo; mas, ainda assim é interessante, apesar de não ter sido concluida.

(1) Esta affirmação não concorda com o programma dos festejos dado acima, no qual se diz que no dia 18 foi a scena a tragedia de *Ignez de Castro* e no dia 20 foram representados quatro entremezes, sendo até dados os nomes dos actores que figuravam.

(N. do C.).

toda foi occupadissima para os mesmos comicos, a maior parte dos quaes nunca subiram ao theatro, nem serviram em funcções publicas, e por isso mesmo é tanto mais admiravel o como executam os seus papeis. Taes são a habilidade dos filhos do Cuyabá, o gosto com que se empenham e a efficacia dos ensaiadores!

Na mesma semana se andou industriando um rancho de sujeitos totalmente bisonhos em cousas de danças e trajes proprios dellas. A' excepção de dous ou tres que já tinham entrado nas primeiras contradanças, todos os mais nada sabiam e eram caixeiros de lojas, ou pequenos negociantes ou traficantes. Quem promoveu esta dança ou contradança (de ambas as cousas participava) foi José Duarte do Rego, que a offereceu.

Apresentaram-se elles neste domingo, á tarde, em numero de 12 figuras; os galans vestiam á maruja, mas tudo de chita, máquedum e calças, com gravatas vermelhas, barretes tambem vermelhos guarnecidos ou estufados de branco, todos com cintas largas, vermelhas, de seda guarnecida de espiguilhas. As damas vestiam todas de chita, bem armadas, com coifas e chapéos de volantes, preparados de flores e xarões. Uma parte da dança era cem passos de minuete, a outra era uma contradança, comprida, bem sabida e trabalhosa pelos pulos ou quartos que faziam. Depois de comerem doces e fructas foram dançar á outras partes,

---

SEGUNDA-FEIRA, 23: — Dia de uma calma formidavel. Assim mesmo sahiram os dansantes do dia antecedente, repetiram aqui o mesmo e foram agasalhados egualmente com os mesmos regalos e bôa vontade. A noite foi tempestuosa e serviu muito para refrigerar o ardor da estação. O mestre da dança foi Francisco Dias Paes.

TERÇA-FEIRA, 24: — Dia de S. Bartholomeu. Represe[illegible] a comedia do *Conde Alarcos*; e ainda que a noite mostre[illegible]

a principio tenebrosa e cahiu alguma agua, comtudo pôz-se perfeita com a sahida da lua. Esta comedia é excellente e foi bem executada; as damas, além de bem trajadas, executaram optimamente o seu papel, sendo singular o que fazia o papel de Branca, que foi Silverio José da Silva. Até os criados foram bem adornados. Como não tem graciosos fizeram no fim dous entremezes, um composto aqui mesmo pelo capitão Joaquim Lopes Poupino, bastantemente gracioso, e outro intitulado... (1)..., no qual entrou João Francisco de velho. Esta comedia foi offerecida por Antonio José da Silva e Costa e ensaiada pelo P. João José Gomes da Costa. A orchestra foi collocada fora do tablado e foi de musicos escolhidos. Admirou-me que, sendo todos os comicos totalmente sem exercicio algum de representação, nem ainda de outros actos publicos, se sahissem tão bem.

QUINTA-FEIRA, 26: — Esta noite sahiu a publico a comedia de *Tamerlão na Persia*, representada pelos crioulos. Quem ouvir falar neste nome dirá que foi funcção de negros, inculcando neste dito a ideia geral que justamente se tem que estes nunca fazem cousa perfeita e antes dam muito que rir e criticar. Porém não é assim a respeito de um certo numero de crioulos que aqui ha; bastava ver-se uma grande figura que elles tem; esta é um preto que ha pouco se libertou, chamado Victoriano. Elle talvez seja inimitavel neste theatro nos papeis de caracter violento e altivo. Todos os mais companheiros são bons e já tem merecido applausos nos annos passados. Elles, além da comedia, cantaram muitos recitados, árias e duetto, que apprenderam com grande trabalho, e como só o faziam por curiosidade causaram muito gosto. Apresentaram-se bem aceiados e as damas de roupas inteiras. Quem lidou com elles e os ensaiou foi Francisco Dias Paes. Fez-lhes as despesas do theatro, luzes e musica o major Gabriel; e todos elles me vie-

---

(1) O titulo do entremez não foi dado aqui, estando o espaço occupado por pontinhos.

(N. do C.).

ram offerecer a sua comedia. Em um intervallo della appareceu o *Camafeu*, a figura a mais celebre por si e pela extravagancia com que o tinha trajado o capitão Joaquim Xavier da Costa Valle, sobre o qual tem recahido o cuidado e o trabalho de adornar varias figuras de damas em todas as comedias e mais funcções, e depois de fazer varias celebreiras recitou o seu epilogo em meu elogio, respondendo-lhe a musica; cantou a fazer morrer a todos com riso. A comedia findou com um epilogo recitado por todas as figuras. Em conclusão, até a orchestra, que foi fóra do theatro, foi a mais numerosa que até então ali appareceu; e logo não faltou quem offerecesse fazer as despesas para haver segunda representação por isso mesmo que todos os actores são uns pobresinhos, que já tinham feito muito e dispendido com as roupas e outras cousas.

Domingo, 29: — Representou-se a tragedia de *Zaira*, acompanhada com o mais jocoso entremez que jamais vi representado. Esta noite foi certamente muito plausivel, a tragedia bôa de si mesma por ser muito terna e commover muito os affectos, supposto que a versificação é um pouco frouxa por defeito do traductor; os heróes escolhidos, pois representou o papel de Osman o incomparavel João Francisco e o de Zaira Silverio José da Silva; o aceio e adorno das damas; a propriedade, aceio e riqueza dos vestidos dos ottomanos, distinguindo-se sobre todos os de Osman, a quem até encarnaram a cara, braços e pernas; o aceio do que vestia á franceza; a abundancia de árias e recitados, cantados com feliz execução pelo mesmo João Francisco, e alguns duettos por outros, com lettra propria da tragedia (ainda que é impropria nesta a cantoria); as bellas sonatas que frequentemente executou a orchestra, que teve de mais a mais a singularidade nunca vista, ao menos no meu tempo, em Cuyabá de possuir uma trompa, a boa illuminação, a bem executada acção das duas mortes e, finalmente, o sobredito entremez, que não fez um instante a toda a platéa cessar de rir e bater palmas (porque ali est-
Francisco de velho enamorado), tudo isto deu um lustr
muito grande a esta funcção.

Os mesmos que a executaram foram os que m'a offereceram; o mestre regio foi quem os ensaiou e na sua casa se vestiram as duas damas, e o major Gabriel foi quem o protegeu. No principio e no fim da tragedia cantaram uma lettra em fórma de côro em meu louvor, e no fim do entremez dançaram *A Tyranna* em meu louvor, como dizia o velho, o qual fez maravilhas na mesma dança.

Terça-feira, 31: — Foi a opera de *Esio em Roma* representada pelos pardos e ensaiada pelo escrivão da ouvidoria, Manoel Leite Penteado. Tudo se fez com muito aceio, as damas bem armadas, aceiadas e com riqueza solida, como nas outras comedias; os galans tambem com muito aceio e aureolas muito ricas. Cantaram muitas árias, que executaram bem, pois elles todos são curiosos na cantoria, além de que a dama que fazia o papel de Honoria é musico de profissão, de vóz e estylo. A orchestra foi numerosa e tocou muitas sonatas.

Principiou e acabou a opera por um côro composto da mesma lettra que a do outro dia. Em todas estas funcções, quando são horas, vem os caixas e trombetas e com elles os soldados que hão de servir na comedia, opera ou tragedia, acompanhar-me na ida e na vinda, e então comem, bebem, etc. Quem me offereceu esta opera foi Jacintho Ramalho Lisboa, alfaiate, que fez tão bem os gastos da funcção. Emfim, lustraram muito e para isso lidaram bastante ha muito tempo.

Quarta-feira, 8 de Setembro: — Dia do nascimento de Nossa Senhora. A funcção ou comedia de hoje (1) pôz o sello a todos as mais e foi em tudo digna dos maiores louvores. Já o dia inteiro retumbou com o quasi não interrompido toque de

---

(1) Na descripção das festas, dada atraz, não se disse o nome da comedia representada neste dia. No original vinha «*Sesostris no Egypto, tragedia ou comedia*», mas estava todo riscado a tinta de modo a indicar que houve engano ou mudança, [illegible] dizer qual a peça que o substituiu.

(N. do C.).

caixas e clarins. E' verdade que as outras funcções tambem eram annunciadas com os mesmos instrumentos, mas não com tanta efficacia. Quando foram as horas competentes appareceram (sem eu saber) todas as figuras marchando ao som de instrumentos que haviam de servir na mesma comedia; precediam os soldados, que foram em maior numero do que em outras vezes; seguiam-se os musicos, depois o rancho das donzellas que eram oito e logo as mais figuras da comedia, rodeados todos de archotes. Na minha sahida deu o corpo militar uma descarga bem conforme. Fomos com este apparato para o logar do theatro, que já estava todo illuminado com grande profusão de luzes de cera (em todas as mais comedias só appareceram velas de cera que neste tempo estão bastantemente caras), e tudo o mais prompto de sorte que apenas se postou a musica quando logo rompeu a orchestra. A comedia é (á excepção de alguns poucos defeitos proprios do theatro portuguez) uma das melhores que ha. A bella versificação, a facilidade e energia das suas expressões, os continuados conceitos e sentenças em que abunda, os sentimentos nobres e sublimes que caracterisam os seus personagens, o bem encaminhado do enredo, tudo faz que ella seja bôa e fez que a funcção ficasse mais lustrosa. Os actores, quer galans, quer damas, apresentaram-se com o maior aceio, riqueza, luzimento e bom gosto que se podem imaginar. Elles sabiam bem os seus papeis, foram bem ensaiados e não tiveram um só defeito palpavel, nem na representação, nem em tudo o mais. As batalhas, o rumor dellas foi vivo e bem apropriado. A passagem de sahirem as donzellas do tributo manietadas foi muito pathetica e pungente, e para ella, além das duas damas e graciosa da comedia, destinaram-se doze meninas, que foram as mesmas das contradanças da tragedia de *Irene* (1). Sahiu esta comitiea ao som de uma marcha muito triste de rabecos e fiautas, marcharam pelo lado do theatro que fronteava com o camarote do nosso ministro . .
. . . . . .
. . . . . (2) . . . . . .

(1) Tragedia, ou comedia, a que atraz se deu o nome de *Ourene*.

(2) A critica ficou aqui suspensa, não porque faltem folhas do manuscripto original, mas porque o critico interrompeu aqui o seu trabalho e esqueceu-se de completal-o depois.

(N. do (

Os hespanhóes

No salto do Avanhandava no seculo XVI

Entre os escriptores que, no seculo passado ou no começo deste seculo, trataram do Rio da Prata, o mais celebre, o mais sympathico é, sem duvida, D. Felix de Azara. Dos trinta e cinco annos de edade aos cincoenta e cinco, durante vinte longos annos, aquelle fidalgo hespanhol, que em 1781 viera ter á America do Sul na qualidade de um dos commissarios encarregados da delimitação territorial entre os dominios hespanhóes e portuguezes, percorreu e estudou com zelo a região do globo, á qual consagrou toda a sua actividade e todas as forças da sua intelligencia.

«O nome de Azara, diz o general Mitre, vinculado perpetuamente ao do Rio da Prata, é uma gloria universal, mas o é principalmente das regiões ás quaes consagrou vinte annos de trabalhos e de meditações, inspirado pelo amor da sciencia, pelo culto da verdade, pelo interesse que lhe inspirava a condição futura daquellas regiões».

E tudo isto fazia espontaneamente, sem estimulo, n auxilio e affrontando até hostilidades que cons-

piravam contra os seus trabalhos, custeando com a sua fazenda as suas expedições, a organisação das suas collecções, obtendo noticias que registrava para uso futuro de uma posteridade longinqua e que, graças a Azara, possue hoje um thesouro que é a parte mais solida dos nossos conhecimentos historicos, debaixo do seu duplo aspecto physico e moral (1).

«Azara» diz o notavel Martin de Moussy, «foi o primeiro homem que seriamente tratou da historia physica do Rio da Prata, e os resultados das suas viagens, publicados em Paris em 1804, foram uma verdadeira revelação sobre estas regiões».

«Elle escreveu a sua zoologia quasi completa, e as suas observações sobre as tribus indigenas foram as mais exactas até então publicadas. A historia natural, a economia politica e social, tudo foi tratado por elle e o seu livro foi, no fim do seculo XVIII, o repertorio mais minucioso, mais instructivo e mais pratico da America do Sul» (2).

Mencionados estes juizos como a expressão do grande respeito que aos estudiosos das cousas americanas inspira o nome de Azara, podemos tratar do ponto historico que é objecto deste pequeno estudo.

Na parte posthuma da obra de Felix de Azara, que seu sobrinho D. Agustin de Azara, marquez de Nibbiano, publicou em Madrid, em 1847, sob o titulo *Description é Historia del Paraguay y del Rio de la Prata*,

---

(1) «Viajes Ineditos de D. Feliz de Azara». Noticia Preliminar, pag. 18. Buenos Ayres, 1873.

(2) Martin de Moussy. «Description Geographique et Statistique de la Republique Argentine». Paris, 1860. pag. 33.

no vol. II, pag. 135, é que se encontra a referencia que nos levou a escrever este papel.

Em 1553, era chefe dos hespanhóes no Rio da Prata, depois e em virtude de varios successos tragicos e lamentaveis, o capitão Martines de Irala, «cabeça de Cabido e da governação do Paraguay» (1). Azara, pretendendo reproduzir a chronica e a tradição, diz:

«alguns indios da provincia do Guairá vieram solicitar a protecção de Irala contra os insultos que lhes faziam os portuguezes, captivando-os e levando-os até á costa do Brazil, onde os vendiam para escravos perpetuos, como se fossem negros d'Africa». «Aproveitou Irala a occasião offerecida pelos ditos indios para reconhecer a provincia do Guairá, da qual só havia noticias vagas, e, apromptando uma companhia de hespanhóes com alguns indios auxiliares, se encaminhou (de Assumpção) por terra, até chegar ao salto grande do Paraná, chamado, então, de Canendujú, situado a 24° 4' 27" de latitude (2). O cacique Canendujú e outros indios das margens do Paraná lhe facilitaram viveres e canôas, com que passou este rio e continuou até ao povoado do cacique Guairá, de quem tomou o nome aquella provincia. Foi bem recebido por estes indios, que o acompanharam na navegação que fez com as mesmas canôas Paraná acima, *até á embocadura* do rio Tieté ou Anhembi, que é caudaloso e corre para occidente, Subiu Irala navegando o Tieté,

---

(1) Vicente Fidel Lopez, «Historia de la Republica Argentina». Vol. I. Introducção, pag. 162. — Buenos Ayres, 1883.

24° 4' 38", segundo Martin de Moussy. Ob. cit. Vol. I,

até que, no seu segundo salto, chamado Abanandaba, o accommetteram os indios que Rui Dias e Lozano chamam tupis e que, eu presumo, eram guaranis, como todos os anteriores. Irala os rechaçou e afugentou, apoderou-se do seu povoado, matando a muitos. Em seguida, correu o paiz e, a custa de alguns encontros, reduziu-o, em poucos dias, á sua obediencia, Dalli mandou Juan Molida á costa do Brazil, levando uma carta de que devia ser portador para a Côrte, informando-a do estado da conquista».

—

Azara affirma, pois, de modo positivo que os hespanhóes penetraram no territorio hoje paulista, até ao salto do Avanhandava, e que o seu chefe Irala ahi exerceu actos de verdadeira conquista.

Onde foi Azara, que escreveu duzentos e tantos annos depois do governo de Irala no Paraguay, buscar esta noticia que em vão se procurará nas fontes, senão contemporaneas, ao menos mais chegadas aos acontecimentos?

Parece facil responder a esta pergunta, porque Azara, elle proprio, cita os nomes dos seus auctores, isto é, Ruy Diaz de Gusman e o Padre Pedro Lozano, da Companhia de Jesus, e, o que é mais, diz que esta informação se acha no liv. II, capitulo 13, da obra de Ruy Diaz e no livro III, capitulo 1, da obra de Lozano.

A obra de Lozano, ou antes dentre muitos escriptos deste notabilissimo chronista, aquella a que se refere Azara é a *Historia de la conquista del Paraguay, Rio de la Prata y Tucumam* (1), então manuscripta e

(1) Historia de la conquista del Paraguay, Rio de la Pl. y Tucuman, escrita por el P. Pedro Lozano de la Comp. de Jesus, illustrada con noticias del autor y con notas y

que só em 1873—75 foi publicada em Buenos-Ayres pelo sr. Andres Lamas.

Ora, vejamos o que diz o padre Lozano, no terceiro vol., pag. 9, da edição Andres Lamas:

«... ciertos caciques principales de la provincia del Guayrá vinieron a supplicar al generale Irala les socoriesse contra las invasiones continuas com que eram molestados de los tupies que cometiam irremediables daños de robos y muertes en sus tierras, favorecidos de los portuguezes de la costa de Brazil, cumplices en aquellas maldades por el interes de llevar cautivos para las labores de sus haciendas».

«Alegaban por motivo para mover nuestras armas en su defensa, la obligacion que habiamos contraido por el mismo caso que se habian sujeitado al dominio español y puesto debajo de su proteccion».

«Conoció Irala la justicia que les asistiá i, no queriendo fiar de otro la empresa, salió personalmente a la faccion com escolta suficiente de españoles I buen numero de indios amigos».

«Atravesó hasta el rio Paraná por muchos pueblos de guaranies, que le recebieron con aplauso como á libertador de su nacion, á cuya defensa miraba aquella jornada. Entró en el pueblo del celebre cacique Guayrá, de quien tomó nombre toda la provincia y despues de los regocijos publicos con que festejaron la venida de los españoles, en concurso de los caciques comarcanos

---

plementos por Andres Lamas. — Buenos-Ayres. Casa Editora «Imprensa Popular», 1873—1875. —O sr. Lamas imprimiu-a na ie «Bibliotheca del Rio de la Plata» que só publicou esta ra.

todos les fueron acompañando con sus vasallos, los que formaron bien numeroso ejercito».

«Navegó todo el por el rio hasta la boca del rio Añembi, por donde descubrieron á los pueblos de los tupies. Tomaron estes prontamente las armas y convocando su nacion hicieran porfiada resistencia; disputaron con grande valor un paso peligroso de aquel rio que llaman el *Salto del Añembi* y, favorecidos del terreno, traian em continua operacion nuestras armas, peleando con obstinacion asi por agua como por tierra».

—

Assim, Lozano, uma das fontes citadas por Azara, não fala nem em segundo salto, nem em Avanhandava. O padre Lozano era um verdadeiro typo de historiador comprehendido á moda dos seculos XVII e XVIII. Tudo era pretexto para o que em França se chamava na technica dos escriptores—*des morceaux*—isto é, amplificações litterarias, em cuja redacção a verdade historica passava a ser cousa muito secundaria. A titulo de curiosidade, leremos a descripção imaginosa que Lozano faz da batalha entre Irala e os tupis:

«Em mucho tiempo no se conocia ventaja, porque cebaban los tupies la batalla con gente de refresco que tenian de reten; retirabanse al parecer algun tanto al sentir el estruendo y el estrago de los arcabuces, pero volvian con nuevo impulso á cobrar al terreno perdido, moviendose con tanta velocidad á una parte y á outra, los tupies de tierra, que su ejército parecia un mar, y los del rio embestian con tal teson que dissimulaban mantenerse en el elemento inconstante».

«Advertió no obstante Irala que, en un costado del ejército de tierra, se veian señales de irse apuvando las fuerzas del enemigo y embistiendo por alli con una tropa de arcabuceros y algunos amigos, rompieron

tanto ardimiento, que por huir de nuestras armas ellos mismos desordenaron á los suyos, con tal confusion, que le fué facil á los españoles desbaratar a todo el ejército de tierra, quedando poblada de cádaveres la campaña; lo que advirtiendo con tiempo los del rio, se retiraron con más orden y menos daño, cediendo por ambas partes el campo en señal de nuestra victoria».

«Seguiose el encalce por el rio, que por tierra fuera diligencia supérflua, pues los que conserbaban la vida se habian puesto en fuga precipitada á guarecerse en los bosques cercanos sim temor de que volviessen á juntarse segun el pavor de que estaban poseidos. Diose tal caza á las canôas, que al fin fueron rendidas unas y los que iban en otra las abandonaron y se refugiaron en una selva. Por lo qual sin resistencia se pudo entrar al pueblo mayor de toda la comarca, cuyo despojo que fué considerable, se permittió a los indios amigos para alguma recompensa de sus agravios».

«Corrieron despues las demás poblaciones, llevando en nuestras armas el terror de los tupies, quienes ai fin, cuerdos con la vejacion, imploraron la clemencia de los vencedores, que conseguieron con la firme promesa de abstenerse en adelante de las antiguas hostilidades contra los guayrenos.....».

—

Verificado que Lozano, uma das fontes que adulterou Azara em sua citação, não fala do Salto do Avanhandava, vejamos se essa menção se acha na fonte mais antiga e mais proxima da época de Irala, isto é, — v Diaz de Gusman, na sua *Argentina*.

Este chronista era neto de Irala por parte materna e conviveu, com certeza, com muita gente que fez parte das suas expedições. Esta auctoridade, por assim dizer, contemporanea e quasi testemunha do caso, simplifica de modo notavel a tal expedição e batalha do Avanhandava. Eis como elle se exprime:

«En este tiempo llegaron á la ciudad de la Asumpcion ciertos indios principales de la provincia de Guayrá á pedir al general les diese soccorro contra sus enemigos Tupis, de la costa del Brazil, que, cón continuas incursiones, les molestaban y hacian grandes daños, muertes y robos, con favor y ayuda de los portuguezes de aquella costa: recordando la obligacion que habia, como a vasallos de S. M. de ser amparados y favorecidos. Por manera que el general, habido su acuerdo, determinó ir personalmente a aquella provincia á remediar estos agravios: y prevenido lo necessario, aprestó una buena compañia de soldados y cantidad de amigos, y caminó por tierra con su gente; y pasando por muchos pueblos de indios de aquella provincia, com mucho aplauso y amistad de toda la tierra, llegô al rio del Paraná, a un puerto que baja sobre aquel gran salto, de que he hecho mencion: donde los indios venieron a recebir al general, proveyendole de comida y de todo lo demás que habia menester. Y traidas canôas y balsas, pasó á aquella parte á un pueblo de un cacique, llamado Guayrá, de quem fué hospedado. Y convocando a los indios de la provincia, juntó mucha cantidad de ellos, y por su consejo y parecer, navegó por el Paraná arriba hasta los pueblos de los Tupis; los cuales, com mucha presteza se convocaron y tomaron las armas, valiendole a resistir por mar y por tierra con quienes tuvo u trabada pelea *en un péligroso paso del rio* que llam

Salto del Ayembi; y desbaratando á los enemigos, los puso en huida, y entró en el pueblo principal de la comarca com muerte de mucha gente; y passando adelante, tuvo otros muchos reencuentros con que, dentro de pocos dias trajos á sugecion y dominio aquella gente» (1).

Assim, á medida que remontamos ás fontes de informação de Azára, vai empallidecendo a noticia da batalha do Avanhandava e afastando-se de nós. Azara fala no Avanhandava; Lozano, num salto do rio Anhembi, que podia ser o primeiro delles, isto é, para quem vinha do Paraná, o salto do Itapura, que pela sua importancia não podia passar sem menção, quando foi, pela primeira vez, visto pela expedição de Irala. O dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, o illustre viajante paulista que tanto fez pela sciencia geographica no Brazil e na Africa, onde morreu, precedendo de quasi um seculo os Livingstone e os Burton,—em 1788, veiu de Villa Bella, pela derrota ordinaria dos rios, até á cidade de S. Paulo, e eis como elle descreve a passagem do Itapura:

«Com cinco horas de navegação (da fóz do Tieté) e marcha de tres leguas e um quarto, cheguei ao *grande salto* denominado Itapura. Foi varada a canôa em cinco horas por um plano de 44 palmos de altura, que tanta é a altura do salto, e de 60 braças de extenção» (2).

Ruy Dias de Gusman, que mais credito merece, reduz a pomposa batalha a um simples combate, que

---

(1) «Historia Argentina», de Ruy Diaz de Gusman. Livro II, cap. 13, pag. 96 do Vol. I da «Colleccion de Obras y Documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Rio de la Plata», Buenos-Ayres, 1836.

(2) Diario da Viagem..... pelas Capitanias do Pará, Rio ro, Matto-Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a).—S. Paulo, 1841, pag. 54.

colloca (note-se bem) *num passo perigoso* do rio Paraná, chamado Salto do Anhembi. Ora a designação *passo perigoso* não podia caber nem ao Itapura, nem ao Avanhandava. Na linguagem dos antigos bandeirantes e dos exploradores hespanhóes e portuguezes, chamavam-se passo perigoso de um rio accidentado os logares por onde era possivel passar, embora com perigo, o que não acontece no Itapura, nem no Avanhandava. Os antigos roteiros distinguem bem as tres classes de cachoeiras: aquellas em que era preciso desembarcar toda a carga e varar ou arrastar as canôas por terra; aquellas em que as canôas podiam passar, mas descarregadas, sendo a carga levada por terra; e, finalmente, aquellas em que as canôas podiam passar, mas só com meia carga. Ora, a designação de *passo perigoso* de Ruy Diaz é a que póde caber á corredeira do Jupiá, quatro leguas abaixo da fóz do Tieté, e, provavelmente por essa razão de proximidade, chamada então *Salto do Anhembi*. Como vimos, Ruy Diaz colloca esse salto ou corredeira no Paraná e não no proprio Tieté, como o faz Lozano. Temos uma descripção do passo perigoso do Jupiá, devida a um paulista, o thesoureiro-mór da Sé de S. Paulo, João Ferreira de Oliveira Bueno, que por alli passou a 27 de setembro de 1810: «... passando pelo Jupiá, que é um recife de pedras, que nasce de uma e de outra margem para a fóz do rio, ficando um pequeno boqueirão, por onde correm as aguas com immensa velocidade, fazendo muitos redomoinhos, sendo necessario passarem as canôas com cordas na pôpa e prôa, indo as pessoas que as levavam por cima das pedras, afim de não serem submergidas pelos ditos redomoinhos...» (1)

(1) «Revista do Instituto Historico Brasileiro», vol. 1 gina 185.

Demais, se tivesse Irala subido o Tieté até ao Avanhandava, não ficaria porventura memoria na lembrança dos seus companheiros, alguns dos quaes decerto Ruy Diaz alcançou vivos e com elles conversou? Aquelle grande salto, onde a massa d'agua cae da altura de 13 metros, onde as canôas têm de ser arrastadas por terra por mais de 700 metros, não podia passar despercebido e figurar apenas com um simples nome. Não é tambem acreditavel que uma viagem tão longa, viagem de ida e de volta por terras novas, pudesse correr tão placidamente, tão desprovida de incidentes, de modo a não restar delle o menor vestigio na tradição que Ruy Diaz recolheu.

E não são só Ruy Diaz e Lozano que contrariam a affirmativa ousada, ou leviana, de Azára. O padre Nicoláu del Techo (1), que escreveu no Paraguay, no seculo XVII e mais cem annos antes de Lozano, (o que o approxima bem dos acontecimentos), incidentemente fala da expedição de Irala, mas limita-se, narrando factos passados em Assumpção no tempo, a dizer que Irala estava ausente *in exploratione terrarum.*

Charlevoix (2), que sempre escreveu tendo á mão os documentos jesuiticos mais antigos, diz simplesmente que Irala levou os seus soldados até ao paiz dos Tapes (tupis), que se defenderam bem, mas que elle os derrotou e que os vencidos prometteram deixar em paz os guaranys.

---

(1) «Historia Provinciæ Paraquariæ Societatis Jesu, etc. etc. Prodii MDCLXXIII. Liv. I, Cap. XV.

(2) « Histoire du Paraguay», 1756. Vol. I, Liv. III, pag. 118.

O brigadeiro Dom Diogo de Alvear, amigo chegado a Azára (1) passa o episodio em silencio.

O deão Funes, tambem contemporaneo de Azára, na sua celebre Historia (2), diz mais ou menos o mesmo que Charlevoix: não fala no Añembi ou Tieté e, muito menos, em Avanhandava. Dobrizhoffer (3), tão prolixo e minucioso nos seus tres volumes, nada diz. Emfim, um poeta, o arcediago D. Martin del Barco Centenera, um contemporaneo, que esteve no Rio da Prata e escreveu o immenso numero de versos que denominou *Argentina*, poema-historico, tambem ignorou a batalha do Avanhandava. E o ingenuo arcediago, que tantos tratos dá á sua imaginação para contar as ascendencias fabulosas, os feitos epicos de guaranys e tupys e as façanhas dos conquistadores, não perderia, decerto, a occasião de um canto ou, pelo menos, de algumas estrophes, que trataria de fazer sublimes.

Em vista do que temos dito, parece-nos estar demonstrado que o celebre D. Felix de Azára erra e cita em falso Ruy Diaz e Lozano, quando diz que em 1554 Irala e os seus hespanhóes subiram o Tieté e vieram bater os tupys no salto do Avanhandava.

A affirmativa de Azára não deve ser considerada como um erro de interpretação. Seria um erro demasiadamente grosseiro para um espirito tão atilado como o seu e que tão severo se mostra contra as fraquezas

---

(1) « Relacion Geographica y historica de la Provincia de Missiones». (Collecion de Angelis, Vol. IV).

(2) « Ensayo de la Historia Civil del Paraguay, Buenos-Ayres & Tucuman». Buenos-Ayres. 1816. Vol. I, Cap. XII, pag. 145.

(3) « Historia de Abiponibus, Equestri, Bellicosaque guariæ Natione», Vienna 3 Vol. 1774.

historicas de Ruy Diaz, de Lozano e do arcediago Centenera.

A explicação é talvez outra: D. Felix de Azára não era simplesmente um sabio zoologista, um astronomo, um geographo tambem curioso e sabedor das cousas da Historia. Era um diplomata, era um funccionario, e todos os seus escriptos se resentem de uma nobre preoccupação: a defesa dos direitos da Hespanha, sua patria.

Ora, na época de Azára, pleiteavam-se os direitos de Portugal e da Hespanha sobre territorios da bacia do Paraná e do Uruguay.

Na campanha das allegações historicas, um e outro contendor procurava provar que desde tempos passados e remotos tinha penetrado longe, muito longe, para o lado do adversario.

Foi levado por esse impulso, que chameremos diplomatico, que o geographo real D. Felix de Azára, falseando um texto de dous escriptores, não duvidou affirmar que Irala e os seus tinham vindo até ao nosso Avanhandava. Era um argumento, mas não era uma verdade. Era, porém, um argumento muito do gosto latino. Lord Salisbury, na sua discussão com Portugal sobre a Africa, dizia sempre que começava deixando de lado os argumentos archeologicos. O que o representante da força britannica chamava de argumentos archeologicos eram os argumentos do direito. Felix de Azára lembrava-se talvez de que, no primeiro mappa do Paraguay, feito pelos Jesuitas e offerecido ao Geral da Companhia, Vicente Carrafa (1646—49), mappa que vem no Atlas de Blaeu, a linha de limite entre o então ...do Paraguay e o Brasil cortava o Tieté ou ...bi, mais ou menos na altura do Avanhandava,

embora sem mencionar este nome, o que é mais uma prova de que alli não estiveram os hespanhóes.

O geographo diplomata recorria a um argumento subsidiario, na enumeração das razões da Hespanha, mas esse argumento não era só archeologico; era tambem falso, e foi inutil.

Da affirmativa de Azára, porém, podemos tirar uma licção, que servirá para não ficar sem a obrigada moralidade esta pequena anecdota historica-geographica que tendes tido a bondade de ouvir. A moralidade é que na Historia e na Sciencia, como na vida, as violencias feitas á verdade são sempre seguidas de uma mais ou menos tardia reparação. Assim: Quasi cem annos depois da morte de Azára, estamos aqui reunidos e temos estado a nos convencer de que aquelle sabio foi, pelo menos uma vez, infiel á verdade. Para a gloria de Azára seria melhor que elle não tivesse fornecido ao obscuro critico de uma pagina da sua bella obra esta occasião de ser instrumento do destino restaurador da verdade da Historia.

S. Paulo, 20—4—99.

EDUARDO PRADO.

S. Paulo de Piratininga

NO

FIM DO SECULO XVI

O anno nefasto de 1562 da rebellião das tribus confederadas estava já apagado da memoria dos habitantes de Piratininga, e todavia não se gozava ainda, dentro dos muros da villa de S. Paulo, nem nos campos vizinhos, de tranquillidade ou dessa segurança inteira que é o corollario legitimo de uma victoria assignalada.

O povoamento do territorio fazia-se devagar e cautelosamente por entre peripecias, sustos e pezares.

A noticia do apparecimento de alguma tribu desconhecida, o furto frequente do gado nas fazendas, o assassinato de um conhecido ou parente nas raias do sertão ainda tão proximas, o destroço de uma bandeira cujos restos não tornavam eram para essa sociedade, como que encurralada num campo de guerra, o alarma da concentração, um aviso da prudencia, um argumento invencivel a favor das medidas de protecção instantemente solicitadas pelo senado da camara e pelo vo contra os ataques dos selvagens.

Com os recursos proprios, aliás poucos, Piratininga fortificara-se restaurando as suas estacadas de guerra; fortificavam-se ou protegiam-se os pontos considerados estrategicos do lado dos sertões. E comtudo não era lá muito amplo o horizonte das conquistas realisadas em meio seculo.

Abrangia-se num raio de pouco mais de cinco leguas tudo o que a civilisação, pelo braço dos portuguezes, tinha até então conseguido em povoamento, lavouras e culturas nos campos de serra acima.

Não condizia o resultado com os esforços expendidos; mas varias causas explicam o apparente insuccesso desta sociedade em embryão. O verdadeiro elemento de expansão e de conquista não se formára ainda. O natural do paiz, o futuro bandeirante quedava-se modesto no seu pequeno numero sopitando a sua audacia ingenita num meio que elle ainda não podia dominar.

Os padres da companhia de Jesus já não gozavam daquella incontestavel ascendencia, daquella universal estima dos primeiros annos da fundação da colonia.

Por causa delles, ou antes, por amor delles a pequena sociedade se repartira já em dois campos. A auctoridade do governo, exercida de longe, era tibia; a sua acção incerta, intermittente e as mais das vezes inefficaz. As populações iam-se habituando a não contar com ella. O capitão-mór, loco-tenente do donatario, residia em S. Vicente.

Da Bahia, tão distante, inaccessivel por terra e com difficuldade communicando-se por mar, exercia-se a governação suprema.

Isto explica o pouco desenvolvimento de
ninga e seus contornos.

Não havia no ambito da villa, então limitada pelos largos de S. Bento e do Theatro, senão 190 fogos permanentes, ou cerca de 1.500 almas ao todo.

O arruamento de então quasi não differia do de hoje, senão em pequenos e insignificantes detalhes.

As construcções regulares e de melhor apparencia não avultavam. O commum das habitações era feito ao modo dos indios. Crescia o collegio dos padres, reformando os seus muros, reedificando ou retocando a sua egreja.

A matriz, começada em 1589 com os donativos dos moradores, não estava concluida. O edificio do Senado da Camara, no logar que depois se chamou *páteo de S. Francisco*, era um predio de propriedade particular, coberto de palha, que já uma vez desabára, e que alguns ricos homens tomaram a seu cargo reconstruir.

Dessa pequena povoação, a cavalleiro sobre a lombada entre as ribeiras de *Piratininga* e de *Anhangabahu*, saiam em varias direcções os caminhos e estradas, cruzando os campos em demanda das aldêas dos indios submettidos ou das lavouras de fazendeiros abastados.

Do pateo do Collegio partia na direcção do sul o *caminho velho do mar* pela actual rua do Carmo, descendo para a varzea, contornando-a nas proximidades da vivenda de Bartholomeu Carrasco, e antes de se perder no horizonte para os lados da *Borda do Campo*, onde existiu *Santo André*, passava por um grupo de moradores juncto da ribeira de Ypiranga, onde estivera outr'ora a ermida de Nossa Senhora da Luz, que depois se mudou para o *Guarépe*.

Ao longo desse caminho possuia Braz Cubas umas ›s de terra que em parte cedera aos religiosos do

Carmo, em 1594, para fundarem o seu convento. Para adiante, começando em Bartholomeu Carrasco, ficavam as terras que o padre Luiz de Grã, da Companhia de Jesus, obtivera de Francisco de Moraes, representante do donatario, como uma sesmaria de duas leguas, as quaes, entretanto, lhe não foram ahi demarcadas por prejudicial ao bem publico.

Do pateo da matriz, encaminhando-se para o alto da collina, saia a *rua de Manoel Paes* que levava ao campo da forca e mais além até a bella matta do Caaguassú abundante em madeiras reaes.

Ao lado dessa rua e parallelamente a ella, na lombada para além de Anhangabahu, seguia o então *caminho novo do mar*, cruzando no alto a matta do Caaguassú e descambando para as varzeas do rio Geribatiba, procurava a aldêa de Ibirapuera, fundada por Anchieta a tres leguas distante.

Ao longo desse caminho ficaram então demarcadas as duas leguas da sesmaria do padre Luiz de Grã, quasi toda em campo e em varzea.

A actual rua Direita, então conhecida por Santo Antonio, por causa da ermida ou capella dessa invocação que lhe ficava á margem, descia a encosta da montanha para o lado do Piques e galgando o campo e as mattas em direcção á aldêa de Pinheiros, já a esse tempo, era o principal caminho do sertão e a estrada real para as lavouras que se iam estabelecendo á margem do Tieté.

Datava de época immemorial este caminho, o primeiro provavelmente que trilharam as tribus profugas do valle do Paraguay, encaminhando-se para o littoral atlantico. Elle representa na historia do segundo seculo da conquista essa via-scelerada, ainda que gloriosa, p onde se consummou a destruição de Guayrá, e a e

pansão do dominio portuguez em detrimento do poder de Castella no valle do Paraná.

Possuia, com effeito, o gentio as suas vias de communicação, rudimentares todas mas nem por isso menos extensas e verdadeiras; algumas, como esse caminho do sertão, tinham o caracter de estrada nacional para a raça guarany.

Do Paraguay ao littoral atlantico era a região intermedia em parte occupada por povos da nação Guarany e em parte por povos ainda mais barbaros inimigos daquelles. Seguia pelos campos ao norte do Iguassú o caminho que ligava as tribus da mesma nação Guarany no littoral e no interior. Esse caminho partindo das margens do Paraná, vinha ter ás cabeceiras do Tibagy e ahi se dividia. Um galho buscava o sul, passando pelos campos de Curitiba em direcção aos *Carijós dos Patos* em Santa Catharina; outro entranhava-se nas Mattas do Assunguy e ia ter a Cananéa; e outro ainda tomava para Nordeste pelos campos que levavam á Piratininga.

Trilhando o caminho de Cananéa, engolphou-se nos sertões em 1531 a expedição de Pero Lobo, guiada por Francisco de Chaves, até perecer trucidada nas margens do Paraná. Pelo caminho dos Carijós dos Patos subiu com a sua numerosa expedição D. Alvaro Nunes Cabeça de Vacca, em demanda de Assumpção, no anno de 1540.

Pelo caminho de Piratininga, o padre Manoel da Nobrega recebia emissarios do Paraguay; os primeiros habitadores de Santo André communicavam-se com as tribus amigas dos sertões do sul, e o allemão Schmidel, companheiro de Irala, abandonava Assumpção e vinha a Santo André embarcar-se em S. Vicente, no seu

regresso para a Europa, annos antes da fundação de S. Paulo.

Por esse caminho, logo ao sair da villa, atravessava-se o sitio denominado do *Capão*, propriedade de Fernão Dias, o velho, e que depois foi de Pedro Taques, comprehendendo grande parte da matta do Caaguassú, onde é hoje *Bella Cintra*, e as terras de Pinheiros onde o mesmo Fernão Dias aldeiou com o concurso de Anchieta os Guayanás transferidos do Ypiranga, com outros que conseguiu descer dos sertões.

Proseguindo pela mesma estrada, depois de transpôr o Geribatiba, entrava-se em terras do Bututan, de Affonso Sardinha, as quaes por um lado desciam até o Tieté e por outro vizinhavam com as terras de Carapicuhyba da sesmaria dos indios concedida por Jeronymo Leitão em 1580. Para além de Carapicuhyba, a estrada approximava-se então do Tieté, fraldeava a serra matteada de Itaquy, onde já se faziam importantes lavouras, e entrava em Parnahyba, cuja povoação hávia pouco André Fernandes iniciára. Para adiante de Parnahyba começava o sertão, apenas de quando em vez devassado pelas bandeiras de guerra, e onde ninguem ousára ainda assentar lavoura permanente.

Da mesma estrada, que vimos descrevendo, antes de descer para Pinheiros, partia um galho, que é a conhecida estrada do Araçá, percorrendo o alto do espigão, e dividindo os campos do *Pacaembú* e do *Mandihy*, propriedade dos Jesuitas, das terras do sitio de *Emboaçava* que então era de Affonso Sardinha, o velho. Esse caminho foi o começo da estrada geral que se chamou de *Jundiahy*, porque, transpondo o Tieté e galgando a serra do *Juá* entre o *Jaraguá* e a *Cantareira*, com t
lavoura então possuidas por membros das

Pires e Buenos, alcançava o sertão de *Jundiahy,* nesse tempo apenas habitado por criminosos e homisiados.

Saindo-se da villa pela rua de Martim Affonso, descia-se primeiro á grota do Anhangabahú, e caminhando ao norte, atravessava-se o sitio do *Guarepe,* para onde se transferira a ermida de Nossa Senhora da Luz e ia-se ter ao *porto* no rio Tieté, que então ficava para cima da Ponte Grande, proximamente no local em que antes fazia sua barra o ribeiro Tamanduatehy.

De ordinario, quem naquelles tempos, procurava o *porto*, preferia tomar uma canôa no Tamanduatehy, no sitio que então era o *porto geral* da povoação e para o qual se descia por uma viella .empinada, que ainda hoje guarda a denominação antiga. O ribeiro, correndo mais chegado á montanha, coleando-a depois livremente na varzea alagadiça, não tinha ainda perdido a boa profundidade que as successivas obras de rectificação depois lhe tiraram. Navegava-se bem pelo Tamanduatehy. E por elle não só se podia alcançar a Borda do Campo, como descer ao Tieté, ao *porto*, e dahi rio acima ou rio abaixo ganhar as aldeias ou as fazendas quasi todas accessiveis por agua.

Nesses tempos os rios eram estradas de um valor inestimavel. Elles demandavam o menor esforço para os grandes transportes, eram estradas seguras para as investidas nos sertões, offerecendo sempre defeza contra os ataques subitos dos selvagens, e proporcionando alimento inexgottavel com o peixe e com a caça sempre abundantes. Embarcados na sua canôa, o padre, o negociante, o fazendeiro, o simples homem do povo podiam attingir qualquer ponto dentro da zona povoada em torno de Piratininga. Navegando rio acima, alcan-
.. a Conceição dos *Guarús* o Maqueribú onde de-
estabelecera João Pires, *S. Miguel* e *Taquaqui-*

cétuba, onde mais tarde o padre João Alvares aldeiou alguns indios Guayanás, e attingia-se o sitio de *Boigy* da sesmaria de Braz Cubas, no logar em que alguns moradores tinham já iniciado uma pequena povoação que foi a origem da actual cidade de Mogy das Cruzes.

Descendo o rio para baixo de S. Paulo, tocava-se primeiro no sitio de *Nossa Senhora da Esperança* com um aldeiamento fundado por Manoel Preto, e que veiu a ser depois a capella e povoação de *Nossa Senhora da Espectação do O';* deixava-se pouco mais abaixo, á esquerda, o sitio de *Emboaçava,* de Affonso Sardinha, e podia-se ir até as primeiras lavouras de Parnahyba se se não preferisse desembarcar no porto de Carapicuhyba, ou entrar pelo Geribatiba para ir visitar Pinheiros e mais além *Ibirapuera* no mesmo sitio em que ora está Santo Amaro.

Taes eram os acanhados limites do territorio occupado pelos portuguezes nos Campos de Piratininga ao findar o seculo XVI.

Comtudo, a occupação do territorio se ia effectuando regular e paulatinamente para baixo de Parnahyba, onde André Fernandes, com a enorme sesmaria de sua propriedade, fazia innumeras e largas doações, Para esses lados foram-se estabelecendo então os homens da maior importancia da colonia, como Antonio Bicudo Carneiro, que fôra ouvidor em S. Vicente, Antonio Pedroso de Barros, fidalgo que logrou possuir extensas culturas, grande escravaria e foi dos mais abastados fazendeiros do seu tempo. Bartholomeu Bueno da Ribeira ahi se estabelecia tambem. Diogo Ordonhes de Lara, fidalgo castelhano, ligava-se ás mais importantes familias do logar. Bartholomeu Quadros afa dava-se para os lados da Cotia.

Como se vê, a não serem os homisiados e foragidos, a população pouco se espalhava, com receio de perder o apoio e protecção da villa. Dominava um regimen de concentração. Estava-se em Piratininga como nessas antigas colonias militares dos Romanos, assentadas á margem do Danubio para conterem as incursões dos barbaros. A villa mesma era como um campo de guerra, protegida pelo relevo topographico do logar, onde eram fossos naturaes os sulcos profundos dos ribeiros que a cingiam.

A sua guarnição de milicianos era exactamente como a das colonias militares, mas sem commandante certo. Era costume eleger-se o *capitão da gente de guerra*, conforme as circumstancias e a natureza da expedição que lhe era commettida. Ás vezes recaia essa eleição na pessoa de um sertanista consummado, como o velho João Ramalho, ou como o destemido Affonso Sardinha, mas o commando durava apenas o tempo da expedição, ou emquanto se conservava a população em pé de guerra.

Cessada a causa, o capitão depunha o commando e voltava prasenteiro aos seus misteres de lavrador. Os capitães-móres, loco-tenentes do donatario, a quem de direito devia caber o commando, raramente o exerciam, pondo-se á frente do povo em armas para vingar uma injuria do barbaro pertinaz e audacioso. Repugnava-lhes essa espinhosa e arriscada missão de guerra. Preferiam o exercicio pacato do cargo de governador aos cruentos tropheus das victorias mais ou menos brilhantes que lhes podia trazer o effectivo exercicio do outro cargo.

Jeronymo Leitão, que exercera por cerca de dezesete annos as funcções de capitão-mór e governador,

e a quem instantemente requeriam os officiaes da Camara de S. Paulo para que fizesse a guerra aos indios, só se decidiu a emprehendel-a em pessoa deante dos protestos e da ameaça de accusação ao Governador Geral se a não fizesse logo.

E, todavia, Leitão não deve passar á historia com o labéo de governador remisso e descuidoso capitão.

Elle tinha, qual novo *Cunctator*, a habilidade de ganhar tempo, contendo com geito as exigencias inconsideradas, e moderando as impaciencias interesseiras.

Conhecia bem o seu povo, e como pensava consoante ao modo de vêr dos jesuitas, lobrigava por detraz da mascara dessas guerras de desforras a desenfreada ambição dos lavradores e potentados em augmentar a sua escravaria india dizimada pela peste.

Nas fazendas estava-se tambem como num campo de guerra. Os ricos homens usavam proteger as suas vivendas e solares por meio de duplas e poderosas estacadas, á moda do gentio, guarnecidas pelos famulos, os apaniguados e indios escravos, e servindo de refugio até para os vizinhos quando de subito acossados pelos barbaros.

Assim, a necessidade de manter numerosa escravaria ou grande sequito de gentio amigo, não se explicava tão sómente pelas exigencias da lavoura, mas pela propria segurança e defesa do fazendeiro.

Por isso, era commum entre os potentados da época ter em suas terras, além dos seus escravos proprios, uma aldeia do gentio amigo para o eventual supprimento de braços para as suas lavouras e onde se recrutava de preferencia o melhor da sua gente para as *bandeiras de guerra*.

Fernão Dias, o velho, tinha nas suas terras do sitio do *Capão* a aldeia de Pinheiros habitada por Guayanás, Affonso Sardinha tinha aldeiado outros da mesma tribu em Carapicuhiba. Manoel Preto, pelo tempo adiante, chegou a reunir no seu sitio da Esperança mil indios de arco e flecha.

André Fernandes conseguiu reunir em torno de si, pelo tracto ameno, uma numerosa *bugrada* em Parnahyba. O mesmo fizeram Antonio Pedroso de Barros e Balthazar Fernandes.

Vê-se bem que se guardavam ainda mui vivas as tradições medievaes. A fazenda era então como um solar da Edade Média com os seus ricos homens, os seus guardas, vassallos, escravos ou simples servos. A differença unica estava na fórma ou no exterior, as funcções, porém, eram as mesmas na essencia.

Comtudo, nessas aldêas, o trabalho voluntario do indio era escasso, incerto ou quasi nullo. O lavrador vizinho ahi encontrava, porém, recursos de braços para fazer os seus mantimentos. Obtida a licença do capitão-mór, o lavrador apresentava-se nas aldêas, tractava com os maiores, ajustava os serviços e voltava quasi sempre com o sufficiente para completar o eito nas roçarias.

Depressa, porém, as aldeias despovoavam-se. Da leva dos contractados poucos tornavam a seus lares. Uns deixavam-se ficar onde os prendia a fortuna ou o bom tracto. Outros dispersavam-se nos sertões, desertando das *bandeiras* em que se engajavam. Outros pereciam dizimados pela peste, e os poucos que tornavam traziam mais vicios do que quando desceram dos seus sertões attrahidos pela palavra do missionario.

Cedo as aldeias se converteram em refugio do que entio manso tinha de peior e de mais geralmente

desprezado. Dahi tambem o pouco apreço ou nenhuma protecção que depois tiveram do povo e das auctoridades.

Neste fim do seculo XVI, em que as *bandeiras* apenas começam, o indio era comtudo um elemento inestimavel na conquista dos sertões. Elle representava invariavelmente o numero, a habilidade, a agudeza, a orientação, o segredo, o successo emfim nessas emprezas arrojadas. Era sobrio, nada exigente, agil, sadio quando em liberdade, descobrindo recursos onde ninguem jámais o suspeitava, desvendando mysterios e indicando o esconderijo dos outros indios seus contrarios.

Caçava-se assim o indio com o proprio indio.

A lei determinava que se não fizesse a guerra ao gentio sem prévia licença, para se bem pesar os motivos della. Mas se os capitães-móres tinham escrupulos e os jesuitas levantavam obstaculos quasi insuperaveis não faltavam recursos para intimidar os capitães-móres recalcitrantes, nem rebeldes para forçarem os padres ao silencio.

Era uma rematada loucura, dizia a turba interesseira, deixar perecer as lavouras por falta de braços só por escrupulos de romper pazes com bugres que nunca souberam o que é lealdade nem jámais distinguiram o justo do injusto. Demais, o indio submettido, reduzido a trabalhar e a conviver num meio christão, por via de regra, devia lucrar fazendo-se christão tambem.

Até a egreja lucraria com a guerra.

Tal era já o sentir da sociedade da época onde bem se vê que o jesuita, poderoso ainda, já r. omnipotente.

Mas alvoroçavam-se todos apenas constava a licença para as emprezas de guerra.

Quem tinha cabedaes armava o seu bando, reunia parentes, amigos e dependentes e mettia hombros á empresa com a certeza dos lucros que previamente se repartiam. Quem não tinha posses associava-se com outros. Os proprios conventos tomavam parte na *bandeira* para augmentarem a sua escravaria.

Não havia homem pobre entre os *Buavas*, appellido dos portuguezes entre os indios de Piratininga, que não possuisse a sua *peça*, isto é, um moço ou moça do gentio para o servir e para lhe trabalhar nas lavouras ou nos serviços domesticos.

Legavam-se *peças do gentio* por heranças, faziam-se doações dellas ás confrarias religiosas, aos santos e capellas.

Nos documentos desse tempo liam-se, entre outras deixas . . . *tantas peças do gentio da terra*, e a esses legados de escravos ou de simples servos se ajunctavam largos bens de raiz, plantações feitas, bens moveis, gado abundante.

Já era então coisa muito em voga buscar escravos em Africa. Por isso, nos documentos da época, se emprega a expressão *peça do gentio da terra* — para distinguir o escravo de raça americana do de procedencia de Africa.

Os fazendeiros faziam sacrificios empenhando-se por dividas para equiparem navios que iam ás feitorias portuguezas do Congo buscar negros que já na lavoura da colonia provavam melhor que o proprio indio, não só por ser este menos resistente nos labores agricolas [illegible] menos seguro, pois facilmente se escapava para [illegible] seus atravez dos sertões.

Cada qual fazia as suas contas para quando lhe chegasse o seu navio de Angola ou recebesse o seu quinhão no carregamento de africanos.

O testamento de 1592 com que falleceu Affonso Sardinha, o velho, é neste objecto um documento interessante.

Custava uma *peça* ou escravo dos do gentio da terra cerca de quatro mil réis ao principio, mas depois o preço desceu. Um *moço do Tupi*, como se lê no referido testamento, custava tres mil réis. As mulheres custavam ainda menos.

Não eram sadios esses escravos. A vida sedentaria nas lavouras fazia-lhes mal, morrendo grande numero de pleurizes, camaras de sangue, affecções catharraes e do *cobrello*, que se tornava terrivel e mui frequente entre elles.

O escravo africano, a que o gentio chamou *tapuyuna*, significando o extrangeiro ou inimigo negro, em opposição ao *tapuytinga*, applicado ao homen branco, passada a primeira época, propriamente de acclimação, era, ao contrario, uma *peça* de maior valia; possuia todas as qualidades que faltavam ao indio, e como extrangeiro que era na America, tornava-se o alliado natural do branco nas emergencias difficeis como tantas não faltaram.

Começou, portanto, a ser preferido o escravo africano. Mas essa preferencia, acaso aconselhada pelas especiaes condições da colonia, não lograva impôr-se tolalmente á opinião pelas difficuldades da travessia do mar e pelas eventualidades do trafico que, de ordinario, absorviam os lucros da empreza. Por isso, o seculo que seguiu foi ainda uma longa, triste e lamentabilissi scena de horrores em que a victima immolada é a bre raça da America, abatida e escravisada.

A população da colonia exhibia essa feição polychroma de tres raças differentes obrigadas a coexistirem no mesmo meio. Mas como cedo, bem cedo, começava o lento e intermino caldeamento dellas, o mixtiço surgiu logo como o caracteristico demographico da America Latina.

A Historia nos demostra depois como a expansão nas conquistas e o largo povoamento das solidões continentaes dependeram quasi que exclusivamente desse elemento novo.

Tinha, comtudo, o elemento europeu tomado algum impulso com o dominio hespanhol desde 1580. Os castelhanos e flamengos e allemães começam a estabelecer-se aqui. Os Ordonhez, Laras, Buenos, Ribeira ou Rivera, hespanhóes, vêm desde esse tempo, bem como os Lemes, Góes e depois os Taques eram de procedencia flamenga.

Constituia o elemento europeu, nessa sociedade quasi medieval, a classe dos ricos homens, dos senhores, dos nobres, emfim, porque de facto não poucos o eram, possuindo cada qual a sua sesmaria, as suas longas posses territoriaes cujos incertos limites davam azo ás mais atrevidas ampliações. Sustentavam certo orgulho de nobreza, tinham mui zelada a sua honra de cavalheiros, ostentando forças e influencia a poder de cabedaes, e mostrando tambem mui beata compostura para com a Egreja. Viajavam quasi sempre com um largo sequito porque timbravam em exhibir-se como possuidores de numerosa escravaria. Tinham liberalidades principescas e sobrancerias até para com o seu rei. Seculo depois essa altaneria, ainda não discrepa: «*Se nós viemos dar, porque havemos de pedir?*» Tal era como soiam responder aos principes, ainda mesmo

quando estes agradecidos e penhorados desejavam galardoar.

Não sei se já se explicou bem porque o gentio da colonia appellidou de *emboava* ou *boava* ao portuguez. O facto, bem que de si pouco importante, merece todavia ser tractado porque nos proporciona ensejo de voltar ao elemento indigena; e, pois, tentemos explicar o appellido barbaro.

No tupi, então em voga na colonia, os appellidos eram coisa mui frequente e de ordinario originados de habitos, defeitos ou vesos ridiculos do appellidado. Como todo o europeu recem-vindo, o portuguez para se proteger contra os reptis venenosos, que suppunha encontrar a cada passo na floresta, ou para se guardar dos accidentes dos caminhos mal curados, lamacentos e invadidos de espinhos, tinha por habito não largar as botas de couro, as largas perneiras que o uso depois tanto exaggerou. Para o indio, esse modo de *vestir-se* ou *cobrir-se*, chamou-se *mboave* ou por corruptela *boava*, que mais livremente se traduziria pelo *o homem das botas*, por assim se terem exhibido os primeiros portuguezes que o gentio conheceu.

O appellido *boava* depois generali-sou-se, mas na colonia, isto é, em Piratininga elle não indicava senão o *portuguez*.

Raro era, comtudo, o individuo, fidalgo ou villão, que não tivesse o seu appellido ou alcunha a modo do gentio. Com essa ponta de critica que é tão commum aos barbaros como aos povos cultos, o indio ia-os applicando a seu bel-prazer, e não poucos desses appellidos passaram á Historia. Ao padre Leonardo Nunes chamou-lhe *Abarébébê*, o padre voador; a uma matrona illustre da familia dos Buenos da Ribeira, notavel pela sua corpulencia, *Mecia Assú*. Fernando de Carı

passou á posteridade com o appellido de *tigre* ou *jaguaretê*. Bartholomeu Bueno da Silva, por ter um olho furado e ser um temivel caçador de indios, chamou-se o *Anhangoera*, isto é, o *diabo velho*.

Fallava-se o tupi até dentro da villa de Piratininga, não obstante a preponderancia que o elemento official garantia ao portuguez. No campo, porém, nas aldêas e nas lavouras o tupi foi por mais de seculo a lingua dominante.

Nesse periodo que descrevemos, o portuguez é a lingua da classe alta, a lingua de familia, como uma tradição de raça.

Fallava o commum do povo a lingua tupi ou um mixto de tupi e portuguez, como ainda hoje no Paraguay se observa com o guarany e o hespanhol.

Veio dahi ser ainda hoje a geographia paulista quasi toda tupi. Raro é o nome de localidade, rio, montanha, quer no littoral quer no interior que não seja um vocabulo indigena. Tirai da carta geographica de S. Paulo uns poucos nomes de velhas povoações designadas por Santos do Calendario—como S. Roque, S. Amaro, S. Bernardo, S. Caetano, S. Miguel e vereis que o que fica nada mais é do que um copioso vocabulario de nomes tupis, mais ou menos alterado pela corruptela secular, mas que bem exprimem quão largo e profundo foi o influxo da lingua americana entre as populações da colonia.

E nem só os nomes das localidades se tomaram do indigena. Uma infinidade de termos communissimos, não obstante os equivalentes portuguezes, perduram ainda hoje como residuos da lingua de outr'ora. Além dos — dos animaes e plantas que se conservaram do

tupi, não poucas são as vozes da mesma procedencia que já lograram entrar no Lexicon da lingua de Camões.

Os verbos *capir*, de *copire*, tirar o matto ou herva; *moquear* de *mocaen*, assar a fogo lento; *sapecar* de *sapec*, tostar, chamuscar; *cotucar*, de *cotuc*, tocar com o dedo; *embatucar*, de *apatocá*, atrapalhar-se; os verbos *popocar*, ou *pipocar*, *encoivarar*, *pererecar*, *encaiporar*; os nomes como *mondéo*, *arapuca*, *caiçara*, *tapera*, *caipira*, *tabaréo*, *moqueca*, *giráo*, *tapisca*, *urupema*, *jacá*, *patuá*, *capueira*, *capão*, *peteca*, *pereba*, *catapora*, *pipoca*, *teteia*, *cauira*, *canôa*, *cuia*, *mingáo*, *pequira*, *tijuco*, *coivara*, *coroca*, *jururú*, *caipora* são todos de procedencia tupi.

Na linguagem do caipira paulista de hoje ainda mais abundantes são os residuos deixados pelo tupi. As phrases saem-lhe ainda inçadas de vocabulos barbaros numerosos.

Estou ahiva por *estou ruim* ou *doente*; *medroso como um jaguapeva*; *pastar na tiguéra*, são expressões das mais vulgares. Os vocabulos *suan*, *pacuera*, *quiréra*, *suó*, *pary*, *sarambé* e outros que taes occorrem-lhe no fallar a cada instante. O sainete indigena ficou-lhe no sangue e na lingua.

Humillima era a condição do povo nesse periodo distante. Quem não era senhor ou proprietario era um servo mais ou menos disfarçado ou simples escravo.

Este, além do trabalho a que o obrigava a sua condição, tinha de cultivar a terra para tirar o seu proprio alimento.

Era o seu vestir como o seu viver, minguado e miserrimo.

Um escravo indio trazia por compostura quasi sempre uma simples tanga de algodão, se trabalhava na roça; mas, em entrando na villa vestia a sua misa e calça talhada em fórma de ceroula e feita

mesmo panno. As mulheres usavam um sacco de algodão grosseiro com tres aberturas, onde enfiavam a cabeça e os braços, atando-o á cintura por um cordel de fibra. Os filhos cresciam nús nas aldêas, á lei da natureza.

A classe abastada sustentava luxo a seu modo, como o permittiam nestes tempos os recursos de uma colonia distante e assentada no interior das terras com communicações por via de regra difficeis. Trajavam, comtudo, os cavalheiros com certa elegancia, faziam vir do Reino as suas capas, espadas, gibão e chapeus emplumados, como então se usava na côrte dos Filippes de Hespanha, a mais brilhante da Europa. Entravam pela villa calvalgando fogosos ginetes, e as damas, rodeadas de numeroso sequito de escravas, ostentavam na egrejas ricos estofos.

Fóra das occasiões solemnes, o capitão-mór, como o mais obscuro villão, trajava o grosseiro tecido do paiz e cobria-se com os largos chapeus de palha cedo introduzidos no commercio por importação das colonias hespanholas do Sul.

Nas refregas contra os indios, nas longas expedições agora tão raras, o melhor da gente de guerra, fardava-se de couro, trazendo uma especie de dalmatica que punha a coberto das settas dos selvagens. O chapeu, e as vezes um escudo, eram feitos do mesmo material. O terror das armas de fogo, entre os barbaros, era, porém, a melhor couraça do branco nessas luctas deseguaes que já se ensaiavam pelo fim do seculo.

Prosperavam a agricultura e a pecuária em torno de Piratininga. Os seus campos nutriam numeroso gado e as lavouras de mantimento davam para abas-[illegible]er o littoral e para exportação. A mandioca, o feijão [illegible] milho plantavam-se a modo dos indios de quem se

receberam os processos do amanho da terra. O assucar ficou como privilegio de quem tinha cabedaes e escravos para esse penoso genero de cultura. Todos os ricos proprietarios eram, nesse tempo, lavradores de canna e tinham o seu engenho.

Do trigo chegou-se a fazer em Piratininga extensas cearas. Salvador Pires, o Gago, dava avultada somma de alqueires de trigo ao dizimo. O pão consumido em S. Paulo era producto das lavouras do seu municipio. Era tambem a vinha bastante cultivada. Salvador de Medeiros, estabelecido no *Apiá*, ribeira de Santa Ignez, possuia dilatados vinhedos de que tirava abundante e excellente malvasia. Cultivavam-se ainda o arroz, o algodão e os legumes, e por isso Vasconcellos, referindo-se á capitania de S. Vicente, accrescenta que «toda ella é mui grande parte da fartura do Brasil» (1).

O commercio, apezar das difficuldades de transportes, prosperava na capitania.

O gado descia para o littoral para abastecer a marinha. A armada de Diogo Flôres Valdez vinha supprir-se em S. Vicente em 1582. As transacções com as colonias hespanholas do Rio da Prata começaram a avultar depois da união á corôa de Hespanha. O assucar, o algodão, as caixas de marmeladas, e até escravos eram artigos de commercio com Buenos-Ayres, de onde nos vinham tambem as pelles, a lan e as rendas.

Comtudo, esse commercio estava sendo profundamente golpeado. As luctas de Felippe II com Isabel de Inglaterra accarretavam-nos agora sérios revezes. A *invencivel armada*, destroçada pelas tempestades, deixara

(1) Vida do Padre Joseph de Anchieta, liv. III, 1

aos inglezes o dominio dos mares e exposto ás suas depredações o commercio das colonias da America.

Em 1588 S. Vicente é assaltado uma primeira vez por Thomaz Cavendish, mas consegue repellir os assaltantes, infringindo-lhes sérias perdas. Em 1591 tornou Cavendish a novo assalto e desta vez consegue apoderar-se do porto de Santos e fazer larga presa na villa e nos engenhos dos arredores. Antonio Knivet transmitte-nos, em suas narrativas, as peripecias dessa atrevida façanha.

Do lado dos sertões os revézes ameudavam-se. O gentio crescia em audacia e vinha já fazer incursões até nos campos vizinhos de Piratininga. Dos sertões do Sudoeste, para além das montanhas, que descambam para o lado do mar, surgiam arrogantes os *Carijós*, envolvidos em suas pelles mosqueadas de jaguar, e derramavam-se pelas planicies, levando a destruição e a morte até a aldeia de Pinheiros, cuja capella incendiaram em 1590.

Dizia-se então que contavam mais de duzentos mil arcos esses ferozes inimigos e a fama de tão grande força, sobresaltando os homens do campo e determinando uma precipitada concentração para dentro dos muros da villa, obrigára a camara em S. Paulo a mandar erguer reducto em *Emboaçava*, precedido de fortes tranqueiras e com a sua guarnição de indios mansos assentada á margem de pequeno ribeiro.

Fui um dia percorrer os campos onde outr'ora existiam as fortificações de *Emboaçava*, e não logrei sequer colher indicio do seu assento verdadeiro. No campo, por mais de dois seculos revolvido pelos *thermitas*, todo o vestigio dessa construcção de guerra tinha ırecido. As construcções deste genero entre os

portuguezes não passavam de fosso e trincheira de ephemera duração,

Por isso, na memoria do homem do campo, que de continuo o atravessa no seu diario labutar, que alli mesmo tem a vivenda onde nascera e onde provavelmente nasceram seus paes tambem, nem mesmo a tradição do forte perdurou guardada no enredo de uma legenda antiga.

E o homem do campo, afastando-se como para evitar indagações indiscretas ou para elle ociosas, aponta-vos o caminho com este unico esclarecimento:

— *Por aqui se vae á Emboaçava...*

Guardei, todavia, o nome e o caminho, como se fôram uma valiosa acquisição para a historia e regressei pelo alto dos campos a contemplar a belleza do horizonte de Piratininga, illuminado pelo sol da tarde.

Senti uma como que evocação do passado, ao dominar esse horizonte, cujo ambito os estabelecimentos portuguezes no primeiro seculo não ousaram ultrapassar. Divisei, então, naquellas montanhas distantes, que se apartam para deixar escapar ao rio classico das monções, uma porta symbolica ligando dois seculos que aquellas cumiadas azues parecem separar.

Não devemos transpôr aqui essa barreira dos seculos. Aquem della jaz o theatro dessa lenta elaboração que foi o periodo que acabamos de descrever; para deante está todo um seculo de audacias inauditas e de victorias obscuras de uma raça de gigantes. Mas fiquemos aqui; não seguiremos a *bandeira* que vae partir, engolphando-se no desconhecido.

S. Paulo, 19—3—1899.

THEODORO SAMPAIO.

Chronicas dos tempos coloniaes

A miseria do sal em S. Paulo

I

Além do despotismo colonial que, debaixo de diversas fórmas, pesou rudemente sobre todo o Brazil até 1822, duas verdadeiras calamidades affligiram os paulistas durante mais de duzentos annos.

Uma dellas, de que vou agora tratar, foi a carestia excessiva do sal, que não podia ser fabricado nas costas maritimas da capitania de S. Paulo e era importado de Portugal mediante um odioso monopolio, concedido não a algum protegido, porque o governo colonial, sempre egoista, cuidava sómente em si e nunca protegia ninguem, mais a algum especulador que mais désse por elle em lance publico.

O preço para a venda do genero a retalho era sempre estipulado no contracto para a sua introducção em Santos e sufficientemente moderado para que ficasse ao alcance do todas as classes sociaes e mesmo pessoas necessitadas. Raramente esse preço, pruemente estabelecido no contracto, excedia de mil

duzentos e oitenta réis, ou quatro patacas, por alqueire, e assim todos podiam fazer uso, mais ou menos limitado, deste genero de primeira necessidade para os povos civilisados.

Entretanto, devemos notar que não era barato um tal preço e que a classe realmente pobre só podia fazer um emprego muito diminuto do sal, porque um bom trabalhador de roça ganhava, nos dous seculos passados, de oitenta a cem réis por dia e, portanto, precisava de doze a quinze dias de serviço para ganhar com que comprar um alqueire de sal, custo este que equivaleria hoje a cerca de quarenta mil réis por alqueire de cincoenta litros.

O contracto do sal era, quasi sempre, arrematado em Lisboa por um prazo fixo, ordinariamente de tres annos, e o seu producto era lá mesmo recolhido annualmente ao Thesouro. Tendo assim pago os direitos reaes em Lisboa, o contractante ou arrematante não tinha mais a pagar na Alfandega de Santos do que alguns emolumentos de expediente estabelecidos pela legislação fiscal do tempo.

O lucro do contractante era certo, mas limitado pelo preço por que se obrigára a vender o sal em Santos aos commerciantes e consumidores; porém, pouco satisfeito com o ganho licito que poderia ter dentro das clausulas do contracto, lançava elle mão de expedientes diversos, que lhe permittiam alargar enormemente as margens dos lucros licitos que deveria ter, sem que por isso incorresse em responsabilidade civil ou criminal.

O meio mais usado, por ser o de mais facil execução e de menos perigosa applicação, era interessar no contracto alguns especuladores sem escrupu... sidentes em Santos ou em S. Paulo, e vendo

ficticiamente pelos preços estabelecidos na tabella todo o sal existente na Alfandega de Santos ou a chegar pela primeira frota do reino de Portugal.

O contractante cumpria assim as condições, a que se obrigára, de vender o genero pelo preço taxado, mas os interessados, seus secretos socios, não tendo compromisso algum legal, armazenavam todo o carregamento, retirando-o do consumo, e assim forçavam uma espantosa alta dos preços, que por muitas vezes subiram a quarenta mil réis por alqueire, naquelles tempos, aqui em S. Paulo, em Sorocaba, em Ytú e em outras villas vizinhas, e a duzentos e trezentos mil réis em Goyaz e Cuyabá, onde por taes preços o sal só era empregado em alguma medicina caseira, ou nas cerimonias baptismaes.

Os monopolistas, seguros da sua impunidade, levavam algumas vezes o desembaraço e o descaramento ao ponto de nem sequer retirar da Alfandega para os seus armazens, que talvez não tivessem, o sal recebido de Portugal e alli mesmo o vendiam aos retalheiros e consumidores pelos mais altos preços que a carestia permittia.

As representações e queixas de todas as sortes, motivadas pelo soffrimento do povo e dirigidas pelas camaras municipaes da capitania ao governo portuguez, não eram attendidas por aquelle governo, que só tinha em vista os rendimentos que aquelle monopolio lhe trazia. Se uma vez ou outra o governo fingia dar ouvidos ás queixas dos paulistas, mandava que o arrematante informasse sobre os seus fundamentos, e a informação era que a quantidade de sal introduzido em Santos e o preço da venda estavam de conformi- [illegible] com as condições do contracto, como provava com

certidões passadas pelos officiaes da Alfandega, cuja veracidade não podia ser contestada na capital do reino, porque eram de facto verdadeiras.

Ou então, quando o supprimento tinha sido propositalmente menor do que o estabelecido no contracto, afim de forçar ainda maior alta nos preços, allegava o arrematante as difficuldades oriundas da existencia no oceano Atlantico de numerosos navios corsarios e piratas, francezes, inglezes e hollandezes, que retinham nos portos portuguezes as embarcações destinadas ao Brazil, pelo receio que tinham do sahir ao mar largo para uma tão longa viagem e de encontrar no caminho aquelles perigosos inimigos. Os armadores portuguezes não queriam arriscar a perda dos seus navios, e elle arrematante, assim coagido por força maior, não pudéra introduzir em tempo no porto de Santos a quantidade estipulada de sal, e dahi vinham a falta do genero e os consequentes clamores do povo.

O governo de Lisbôa, que quasi sempre estava disposto a se contentar com quaesquer desculpas, acceitava estas do arrematante, que, se não eram verdadeiras, eram muito plausiveis, e tudo permanecia no mesmo estado anterior, continuando fabulosos os lucros auferidos pelo contractador e seus associados e sem écho nem justiça as queixas e os soffrimentos dos paulistas.

Dizem as lendas que foi então que se introduziu e vulgarisou-se o uso da cangica, do içá torrado e do pinhão cosido e assado como alimento das classes pobres da capitania de S. Paulo e dahi a origem da *leprose*, horrivel doença que se propagou por todas as classes sociaes.

Entretanto, nem sempre tudo corria inteiramente ao sabor dos monopolistas, que em regra eram ho-

gananciosos, desalmados e crueis, e algumas vezes soffriam elles justas represalias pela oppressão e padecimentos que infligiam aos povos, como a que teve logar em Santos no anno 1710.

Vivia naquelle tempo em Jacarehy, onde possuia grande fazenda cultivada por centenas de escravos e de indios mansos, Bartholomeu Fernandes de Faria, velho paulista que tinha antes occupado importantes cargos publicos, como os de juiz ordinario e dos orphams desta capital. Era homem rico, poderoso e de caracter violento, porém honesto, liberal, caritativo e inimigo dos monopolios e de outras injustiças sociaes.

Naquelle anno de 1710, foi enorme a carestia do sal na capitania de S. Paulo, que então abrangia os territorios de Minas-Geraes, Goyaz, Matto-Grosso, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, até á Colonia do Sacramento, no Rio da Prata. Ahi pela costa do sul algumas vezes navios extrangeiros conseguiam introduzir fazendas e sal de contrabando, de fórma que a pequena população que nella havia não ficava tão desprovida de recursos, como os habitantes do territorio propriamente paulista. Goyaz e Matto-Grosso ainda eram despovoados de gente civilisada, e Minas-Geraes recebia algum recurso de contrabandos entrados pela costa norte do Rio de Janeiro até a Bahia. Subiu o preço do genero a vinte mil réis fortes por alqueire, tornando-se por isso intoleraveis os soffrimentos das classes menos favorecidas da fortuna e indescriptiveis os seus clamores.

Bartholomeu Fernandes de Faria, que, comquanto fosse então rico, tambem sentia os effeitos deste vergonhoso monopolio e sabia da existencia de grande quantidade de sal em Santos, armou-se com muitos

capangas e numerosa tropa de negros e indios e desceu a Santos, onde apanhou os monopolistas de surpresa. Senhor da povoação, segurou os monopolistas, forçou-os a abrirem os seus armazens e retirou delles todo o sal que podia conduzir; mediu esse sal, pagou-o pelo justo valor, dando margem para lucros razoaveis, carregou a sua tropa de negros e indios e partiu rapidamente para serra acima, destruindo na volta todas as pontes e tapando o caminho com tranqueiras de arvores derrubadas, para que as auctoridades santistas não pudessem vir ao seu encalço com as forças que ás pressas tivessem conseguido reunir.

Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que então era o governador da capitania, residia em Minas-Geraes, onde havia a zelar altos interesses do fisco colonial envolvidos na mineração do ouro, e não ligou grande importancia a esta violencia de Bartholomeu Fernandes contra os importadores do sal. Entretanto, grande escandalo produziu em Lisbôa um tal atrevimento, que foi communicado ao governo pelo desembargador Antonio da Cunha Sottomaior, em officio de 2 de novembro do mesmo anno.

Em carta firmada pelo proprio rei João V, em data de 28 abril de 1711, foi ordenado ao capitão-mór de Santos que désse ao dito desembargador todo o auxilio necessario para a prisão de Bartholomeu Fernandes, ainda mesmo que fosse á custa de alguma pequena despeza para a Fazenda Real, para se evitarem as inquietações que a malignidade de semelhante homem podia causar nestas terras.

Pelos termos desta carta se fica conhecendo o empenho que o proprio rei fazia nesta prisão, visto que assignou elle mesmo a ordem e chegou até a au[illegible] algum pequeno gasto da Fazenda Real, despeza

se fazia em circumstancias muito especiaes. Porém Bartholomeu Fernandes tinha tido tempo de sobra, emquanto a correspondencia ia para Lisbôa e voltava, para transformar a sua fazenda em uma praça de guerra, bem fortificada e guarnecida por abundante força de capangas, escravos e indios, de modo a resistir a todos os ataques que lhe foram dirigidos. Era elle ainda de alguma fórma favorecido pela sympathia popular que, occultamente, não podia deixar de pender para o seu lado nesta lucta dos fracos opprimidos contra os fortes oppressores.

E assim foram passando os annos, as autoridades sempre na diligencia de prender o criminoso, e este na de se defender, até 1722, quando o coronel Luiz Antonio de Sá Queiroga, governador militar de Santos, de accôrdo com o ouvidor Rafael Pires Pardinho e com bôa força de linha, conseguiu a prisão do delinquente por seus officiaes Lino Fragoso e Sebastião Rodrigues, nas vizinhanças da villa da Conceição de Itanhaem, de onde foi levado em ferro para Santos e dahi para a Bahia, afim de lá ser julgado pelo Tribunal da Relação. Tinha então oitenta annos de edade e não chegou a ser julgado, porque falleceu de bexigas na cadeia daquella cidade. Como nada tivesse levado comsigo, estava pauperrimo, e os jesuitas se incumbiram de fazer o seu enterro á custa da caridade publica. Diz o chronista Pedro Taques, baseado em documentos, que as esmolas recebidas para o enterro excederam de oitocentos mil réis, quantia esta sufficiente para um pomposo funeral e suffragios pela alma do fallecido. Este facto parece indicar que até o povo da Bahia se deixou dominar de sympathia por Bartholomeu Fernandes ovou a justa violencia que este havia praticado,

honrando a sua memoria com essa liberal subscripção para os seus funeraes.

II

A licção que Bartholomeu Fernandes applicou aos monopolistas pouco lhes aproveitou, e a especulação sobre a alta dos preços do sal recomeçou logo com dobrada intensidade. O valente paulista não existia mais, e os doze annos de perseguição que elle soffreu, a sua prisão e morte nos carceres da Bahia serviam de correctivo para as velleidades reaccionarias de alguem que se lembrasse de imitar o seu exemplo e deitar mãos profanas no sal accumulado nos armazens dos especuladores em Santos.

Em 1720, foi desmembrado de S. Paulo o territorio de Minas-Geraes, para formar uma nova capitania, e em 1738 foram tambem arrancados da capitania de S. Paulo os territorios de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul, para serem annexados ao governo do Rio de Janeiro. Os monopolistas do sal talvez perdessem alguma cousa com estas mutilações da capitania; porém, se prejuizos tiveram, foram amplamente compensados pelo povoamento de Matto-Grosso, começado em 1718, e de Goyaz, iniciado em 1725, pelo grande consumo do sal que se fazia com as numerosas monções e caravanas que seguiam para aquellas longinquas regiões e com o sustento de milhares de mineiros e negociantes que lá se foram estabelecer. Lá era que os preços do sal, ordinariamente elevados pelas difficuldades do transporte, pelas grandes distancias e pelos continuos assaltos aos viajantes, feitos pelos indios payaguás, cayapós, guaycurús e bororós, subiam frequentemente a centenas de mil réis por alquei muitas vezes, não se encontrava naquellas min-

só torrão de sal para um baptisado, ou para um remedio urgente. Os capitães-generaes, delegados directos e omnipotentes do governo de Lisboa, cuidavam antes na bôa arrecadação dos dinheiros do fisco, do que no bem-estar e na prosperidade dos povos das capitanias e tinham ouvidos moucos para as queixas populares oriundas das exigencias do mesmo fisco; e assim este temeroso flagello do monopolio do sal foi atravessando os seculos sem correctivo algum.

Em 1796, ainda durava este odioso privilegio, com todas as suas consequencias, e continuavam as queixas e clamores do povo, a tal ponto que a rainha Dona Maria I se julgou na obrigação de consultar as camaras municipaes da capitania de S. Paulo sobre a conveniencia de o abolir e de ser auctorisada a fabricação do sal na colonia, porém de modo que as rendas do governo portuguez não ficassem prejudicadas. A esta consulta respondeu a camara da villa de Ytú com o seguinte parecer:

«Nós, a camara da villa de Ytú, como representantes deste povo, appellando humildes aos Reaes Pés «da nossa Amabilissima Soberana, agradecidos do bem «que deseja fazer a estes seus leaes vassallos, e da «honra que nos faz de mandar ouvir-nos e deliberar «sobre os dous pontos referidos do imposto do sal e «do ferro, dizemos na fórma seguinte:

«Que acceitamos o levantamento dos contractos do «sal e do ferro, como cousas de tanta necessidade e «utilidade aos povos desta capitania e para o augmento «de suas lavouras e criação de animaes, que nestes «paizes não se nutrem sem o soccorro do mesmo «sal . . .

E' certo que não se póde fazer a mudança do osto sobre os assucares, ou outras novas fabricas.

«pela razão de se acharem ainda em principio de seu «estabelecimento, e não existem outros generos em que «se possa fazer a mudança. Pelo que, achamos conve«niente a applicação do imposto sobre o mesmo sal, «como ramo de commercio, *accrescendo-se ao seu custo e fretes aquillo que se julgar necessario para preencher os Reaes direitos que pagavam os contractadores.*

«Entendemos que se podem mudar para as sedas «e outras fazendas finas os direitos que procediam do «contracto do ferro. Offerecemos estes alvitres junta«mento com o sacrificio das nossas vontades para ac«ceitarmos o que fôr mais do agrado de Sua Majes«tade, a cujos Reaes Pés pômos as fazendas e as vidas, «com a mais profunda submissão, lealdade e amor».

Este officio, datado do 19 de Fevereiro de 1796, estava assignado por Eufrasio de Arruda Botelho, juiz presidente, pelos vereadores Joaquim Luiz Botelho de Freitas, Zaccarias José de Freitas e Pedro da Silveira Leite, e pelo procurador da Camara João Francisco Dias. Nelle se suggerem dous excellentes meios de livrar os povos da oppressão resultante dos privilegios da importação do sal e do ferro sem prejuizo dos cofres reaes; porém o governo portuguez, que só queria ganhar tempo ainda desta vez não attendeu á reclamação e tudo ficou no mesmo pé antigo.

Nesse mesmo mez de Fevereiro de 1796, a camara de S. Paulo dirigiu ao capitão-general D. Bernardo José de Lorena um officio, do qual reproduzo o seguinte trecho:

«O alvoroço que ao povo desta cidade tem cau«sado a falta de sal nos obrigou a convocar os cida«dãos em camara para, com o parecer commum, deli«berarmos o remedio mais efficaz e mais facil d
«o mal presente e futuro; e, *conhecendo n*

«*falta é toda originada de ser vendido atacado todo o* «*sal que vem de Santos a atravessadores,* que compram «para o transportar para outras capitanias, temos as«sentado com o voto commum de todos que *se nomêe* «*e eleja um homem de toda a capacidade para distribuir* «*o sal nesta cidade ao povo pelo mesmo preço até aqui* «*taxado e estabelecido,* e que a este homem, levando «guia do juiz ordinario, se faça entregar na villa de «Santos todo o sal que se pedir, ficando assim o admi«nistrador do contracto do sal dispensado de o dar aos «traficantes deste genero, que o costumam trazer e «vender atabernado nesta cidade, etc. . . .»

Firmaram este officio os vereadores Salvador Nardy de Vasconcellos Noronha, Manoel de Jesus Costa Cintra, Antonio Alves Airão e Manoel Correia Bittencourt, e nelle se propõe um outro meio de aliviar os soffrimentos do povo occasionados pela carestia do sal; porém o governador D. Bernardo, que cuidava mais em satisfazer os seus gostos de moço folgasão e libertino, do que na administração dos negocios da capitania, não deu providencia alguma sobre a reclamação dos vereadores paulistas e estes se viram obrigados a voltar ao assumpto, no fim daquelle mesmo anno, com o officio que transcrevo na integra, para melhor conhecimento da materia:

«Pareceu-nos indispensavel, segundo a obrigação de nossos cargos, o representar a V. Exc. a consternação em que se vê este povo e o das mais villas da capitania com a falta do sal, genero de primeira necessidade, de que se depende para o sustento da vida, para o augmento das criações e subsistencia das tropas que vêm do Sul, de que percebe Sua Majestade avul- [illegible] «eresses, e que não podem permanecer sem este [illegible] sal.

«Elle, porém, se tem distribuido neste anno *tão escassamente pelos que necessitam, que familias inteiras, ainda na mesma cidade e seus arrabaldes, têm comido sem sal muitos dias*, tendo chegado com largueza a alguns commerciantes que, aproveitando-se da necessidade de seus proximos para a propria conveniencia, têm chegado a vendel-o na villa de Santos a 3$000 e 4$000 o alqueire, nesta cidade a 6$400 e na villa de Sorocaba, segundo se conta, a 800 réis a medida, que corresponde o alqueire a 20$000, sendo o preço pelo qual o costuma dar o contracto 1$280 réis, *preço este que anda já viciado do que estabelecem as condições do mesmo contracto e ordens de Sua Majestade a este respeito*, principalmente para o sal que vem por indireitura á villa de Santos e que fica isento da despeza de novos embarques.

«*Este inaudito vexame que faz gemer ao povo*, que com razão accusava já o nosso descuido, fez que esta camara, com o arbitrio de V. Exc., mandasse á villa de Santos buscar o sal para o soccorrer, por ser irremediavel a má distribuição que faziam os taberneiros, que a pretexto de remediar ao povo o iam buscar e o vendiam occultamente para fóra a quem mais désse, por preços extraordinarios; e foi o resultado desta diligencia o remetter o administrador 90 alqueires, dizendo logo que se tinha acabado o sal, *cuja porção, por mais que se distribuiu só ás meias medidas não chegou a saciar a sede de todos os que tumultuariamente concorriam, sahindo muitos desse barulho mais offendidos pela oppressão que se faziam uns aos outros, do que remediados pela diminuta quantidade que lhes tocava*, e não durou assim mesmo este soccorro tres dias.

«*Se esta carestia só resultasse de estar... infestados de inimigos*, ou de outro, semelha-

tavel acaso, *os que padecem remetteriam ao céo as suas queixas;* porém, Exm. Sr., nos dias em que se deu por extincto o privilegio do sal appareceram barcos delle nas costas da marinha e na mesma villa de Santos se comprou e se continúa a comprar, para se dar ao povo por mais de outro tanto daquelle preço por que o dava até agora o contractador, e *só não ha sal para se dar pelo seu justo preço,* a que está obrigado.

«*E nisto se presume conluio* que além de prejudicial ao povo, póde tambem prejudicar a Sua Majestade nos cruzados que recebe por alqueire, se a summa vigilancia de V. Exc. não o acautelar; *nem se poderá aquelle administrador salvar da suspeita,* que contra o mesmo resulta, *de que faria comprar por interpostas pessoas para alterar o preço,* que nem elle, nem outro algum particular o póde fazer na conformidade das ordens reaes, que por copias offerecemos a V. Exc., além de ser regra de direito que quem participa dos commodos tem os incommodos; por cuja razão quem, no tempo favoraval desfructou só as conveniencias daquelle contracto, deve alguma vez soffrer o prejuizo, e nesta certeza, ou mandal-o vir de onde estes commerciantes o vão buscar para o revender, ou comprar delles pelo que puder ajustar, para o dar pelo preço a que se obrigou. Para isto é que imploramos o auxilio de V. Exc. para fazer dar inteiro cumprimento ás repetidas ordens de Sua Majestade, expedidas a este respeito a favor deste povo, de quem V. Exc. mostrou sempre ter o maior cuidado, no que faz a nós mercê e serviço a Sua Majestade e a Deus, que prospere a V. Exc. e o guarde por muitos annos».

Tinha sido abolido o monopolio official durante o ano de 1796 e os povos tiveram uma ligeira esperança que os seus males tinham, finalmente, chegado a

um termo; porém isso não passou de uma illusão, pois que os monopolistas tinham tido tempo bastante para se organisarem em um verdadeiro syndicato, que chamou a si todo o commercio do sal, e por isso os preços não baixaram, nem a miseria diminuiu.

Dahi veio a camara de S. Paulo dirigir a D. Bernardo o presente officio, reclamando contra o *conluio* e *este inaudito vexame que faz o povo gemer;* porém o governador não deu providencia alguma e, quando se retirou de S. Paulo para ir *felicitar* a capitania de Minas-Geraes, em 1797, deixou os paulistas soffrendo ainda os horrores da miseria do sal.

O capitão-general Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, mais energico e melhor intencionado do que o seu devasso antecessor, fez publicar, em 5 de Outubro de 1799, uma portaria que começava assim: —«Attendendo a ser o sal um genero de absoluta necessidade nesta capitania, em razão do multiplicado uso que delle se faz na criação, *e por isso sujeito aos mais execrandos monopolios,* que deram occassião a que, pouco antes da minha entrada no governo, se vendesse o alqueire a dez e a doze mil réis com notavel prejuizo dos povos, etc.»

Temos aqui a affirmação official, categorica e positiva da existencia de *execrandos monopolios* no commercio do sal, durante a administração de D. Bernardo José de Lorena, que nunca tratou sériamente de remover os males que delles resultavam para os povos. Entretanto, o privilegio para a importação do sal em Santos tinha sido abolido durante o seu governo, e a carestia que se seguiu era sómente devida ao conluio dos especuladores, que podiam ser punidos pelo capitão-general, que tinha alçada para conhecer dos delictos.

D. Bernardo conhecia bem os factos, sabia da existencia desse conluio, que lhe foi denunciado pela Camara Municipal de S. Paulo, e póde até ser justamente accusado de participante nos proventos dos especuladores, porque não lhes applicava pena alguma, quando tinha poderes legaes para isso. Foi necessario que elle deixasse o governo da capitania e fosse substituido por Mello Castro, militar energico e menos mal intencionado, para que as familias paulistas ficassem livres dos assaltos libidinosos do governador demissionario e o povo se libertasse da tyrannia dos especuladores do sal.

O novo governador começou estabelecendo a venda do sal a retalho por preços fixos, sob a fiscalisação da Camara, que percebia com isso um pequeno rendimento, e para isso fazia vir de Santos todo o sal necessario para o consumo publico. Porém, tendo a Camara desistido desta pequena renda, em 6 de Março de 1799, recusando-se a continuar a venda do sal a retalho, ordenou o capitão-general, em 5 de Outubro daquelle anno, o seguinte:

«1º — Que a venda do sal na cidade fosse feita ao povo, debaixo de uma administração, pelo preço antes estipulado pela Camara.

2º — Que o rendimento resultante dos pequenos lucros parciaes fosse applicado ás obras publicas da cidade.

3º — Que fosse inspector geral da venda o dr. José Arouche de Toledo Rendon, coronel de milicias desta capital, o qual sómente a elle, capitão-general, daria conta da receita e despeza que houvesse e sómente delle ria ordens e instrucções sobre a applicação dos

4º — Que fosse administrador e thesoureiro da venda o capitão Francisco Alves Ferreira do Amaral, que seria obrigado a responder e prestar contas perante o inspector geral.

5º — Que fosse fiscal da venda o tenente Francisco Xavier Rabello, sendo a venda effectuada por um homem capaz e da confiança do administrador.

6º — Que todos estes fossem subordinados ao inspector geral, assim como este ficava subordinado ao governador, e que tudo assim se cumprisse, emquanto a necessidade publica o exigisse e elle capitão-general não mandasse o contrario».

Com esta energica medida, ordenada por um energico capitão-general e posta em execução por homens serios e honestos, desappareceram para sempre os monopolios, e só então foi que cessou este temeroso flagello que açoitou os paulistas por mais de duzentos annos.

A este tempo estavam já sendo propagadas com grande vigor por toda a Europa e America as idéas oriundas da Revolução Franceza, as velhas realezas começavam a ser abaladas ou destruidas, e surgia logo depois o imperio electivo de Napoleão I, agitado por longas e gigantescas luctas da *França Nova* contra todas as nações colligadas do velho mundo. D. João VI, então principe regente, e a familia real portugueza foram envolvidos nessas luctas e, fugindo deante das tropas francezas, invasoras do Portugal, vieram refugiar-se no Rio de Janeiro e transformar a capital da colonia em séde da monarchia.

Muito ganhou o Brazil com isso, porque, não sómente as suas condições politicas melhoraram con-
ravelmente, como não mais reappareceram esses
sos privilegios e monopolios que, para desgraç

paulistas, medraram e prosperavam sob os governos irresponsaveis dos nossos capitães-generaes, de execranda memoria em sua maioria.

Destes capitães-generaes terei de falar em outras chronicas que pretendo publicar, não com o fim de satisfazer qualquer sentimento de vaidade, mas de divulgar os conhecimentos da historia colonial de São Paulo e de exhibir perante a actual geração dos paulistas os soffrimentos dos nossos avós sob o aspero regimen colonial observado em S. Paulo de 1720 a 1822.

A. DE TOLEDO PIZA.

(Este trabalho foi lido pelo auctor em sessão do Instituto orico de S. Paulo, de 5 de Junho de 1899).

Chronicas dos tempos coloniaes

O Militarismo em S. Paulo

I

A outra calamidade que por mais de um seculo affligiu os paulistas, foram o militarismo forçado e a falta de pagamento dos soldos daquelles que eram pelo governo colonial arrastados a seguir a carreira das armas.

Todos os homens validos eram militares e por isso, comquanto a população da capitania fosse pequena e muito esparsa, a força armada tornou-se enorme no seculo XVIII e esteve sempre muito acima das necessidades da segurança publica e dos recursos financeiros da capitania.

Em todas as villas e freguezias havia corpos organisados de soldados de ordenança e de milicia, a pé e a cavallo, especie de guardas nacionaes do tempo, militarisados, e com officiaes regulares hierarchicos, cabos, sargentos do numero e supranumerarios, alferes, tenentes, capitães, majores, tenentes-coroneis, sargentos-móres, coroneis e mestres de campo com seus ajudantes de ordens. Os capitães-móres eram officiaes de

licia, mas tinham funcções civis e exerciam nas villas as attribuições dos actuaes delegados de policia, sem outras restricções que não fossem os seus caprichos, limitados sómente pelos dos capitães-generaes, supremos governadores da capitania.

Indicados pelas camaras municipaes, os capitães-móres recebiam dos capitães-generaes a investidura do cargo por tempo illimitado e o exerciam como senhores de baraço e cutello. O coronel Francisco Correa de Moraes foi capitão-mór de Porto-Feliz por um quarto de seculo, de 1797 a 1822, e Vicente da Costa Taques Goes e Aranha exerceu egual cargo em Ytú durante quasi meio seculo, de 1777 a 1822.

Ambos eram paulistas, pertenciam ás mais distinctas familias da capitania e foram dos menos violentos capitães-móres que tivemos. Entretanto, o primeiro destes senhores, que recusou o cargo de membro do Governo Provisorio de S. Paulo em 1823, reformou-se como coronel, levado em parte pela sua avançada idade e em parte porque, *juradas as bases da constituição portugueza em 1821*, as quaes limitavam a auctoridade governamental e davam certos direitos aos cidadãos, *elle não podia mais metter no tronco cidadãos livres e não sabia mais como sustentar o prestigio da auctoridade, a força moral do poder*; emquanto o ultimo, Vicente Taques, se conservou sempre partidario intransigente do absolutismo e foi um inimigo acerrimo de Feijó, a quem denunciava como «revolucionario e cheio de idéas perigosas de liberdade».

Além da milicia havia ainda na capitania, em numerosos corpos formados em todas as villas, a força activa dos *Auxiliares*, a dos *Voluntarios Reaes*, a dos [illegible] dos *Aventureiros*, a dos *Houssards*, a dos *Ser-*

tanejos, a dos *Dragões*, a dos *Fuzileiros*, a dos *Caçadores* e tropas regulares de 1ª e 2ª linha.

Sobre todas estas e tambem sobre os milicianos, pesaram em varios tempos todos os serviços das longas guerras contra os hespanhóes no Sul até 1829, das guarnições desta capital, de Santos, de Paranaguá, do Desterro e da Laguna, das expedições contra os quilombolas e contra os payaguás e outros indios, das guardas das minas de Goyaz e de Matto-Grosso e dos numerosos registros ou barreiras existentes nas estradas para os sertões, da fundação e defesa das colonias paulistas de Lages e de Yguatemy, e de parte dos soccorros enviados ao Rio de Janeiro para a defesa daquella cidade contra as tropas portuguezas revoltadas sob o commando do general Jorge Avillez.

A capitania de S. Paulo, quando não estava envolvida em guerra aberta contra os hespanhóes nas fronteiras do Sul ou contra os indios do interior, era sempre mantida em pé de guerra e vivia sob o regimen da paz armada.

Cerca de um vigesimo do povo estava em serviço militar mais ou menos activo (1), ou nos quarteis, e para uma população de cem mil almas mantinha a capitania um exercito de cinco mil homens, sem contar a reserva miliciana que podia ser chamada ao primeiro aviso. Entretanto, não havia fardamento para tanta gente, as armas eram ruins, quasi imprestaveis, as munições e petrechos bellicos em pequena quantidade e

---

(1) Em 1777 a população da capitania não passava de 130.000 almas e nesse anno havia em S. Paulo pelo menos 7.000 homens em armas e em serviço activo. Vide adeante o *Plano* para a remessa de tropas para o Sul.

de inferior qualidade e os moços ricos que desejavam seguir a carreira militar tinham de fardar e armar a sua custa os corpos que pretendiam commandar.

As mulheres em todas as povoações da capitania eram mais numerosas do que os homens, desfalcados como se achavam estes pelas guerras, pelas expedições ao sertão e pelas doenças oriundas dos rudes trabalhos e da pessima hygiene a que os militares e os mineiros estavam sujeitos, quer nos campos do Sul, quer no isolamento das barreiras das estradas, quer nos sertões de Goyaz e de Matto-Grosso.

O alimento das tropas era em regra composto de feijão quasi sempre ardido por mal enxuto e mal conservado, de farinha de milho quasi sempre mofada e azeda por mal fabricada e mal torrada, e de toucinho quasi sempre rançoso por mal salgado em consequencia da continua carestia e dos altos preços do sal. Pinhão assado e cosido, palmito e mel completavam o sustento daquellas que estavam nos sertões e mais a carne sem condimento de alguma caça que era apanhada.

O padre Ramos Louzada, vigario de Yguatemy (1), tendo sido eleito governador daquella praça pelo povo em revolta, soffreu dezoito annos de rigorosa prisão nos calabouços da fortaleza de Santos porque, *dispondo ainda de alguma farinha*, capitulára com cento e dezeseis soldados da guarnição deante uma numerosa força de hespanhóes!

Para subtrahirem os seus filhos á voragem do militarismo, as classes pobres e plebéas fugiam para as mattas, longe dos povoados, preferindo luctar com as

---

1) Vide vol. IX, pags. 160 a 164, do *Archivo do Estado de mdo.*

febres palustres, com os indios, com as feras e com a miseria a se haverem com os delegados do governo colonial portuguez.

O capitão-general D. Luiz Antonio de Souza, escrevendo ao marquez de Pombal, explicava este facto a seu modo, dizendo que esta fugida para o sertão era em busca de mattas virgens para o cultivo de generos alimenticios, que eram produzidos mais facilmente e com mais abundancia em terras novas; e accrescentava:

«O primeiro inconveniente que se segue ao ser-«viço de Deus e de Sua Magestade e ao bem commum «é o da falta de Religião, sendo certo que onde se falta «á Deus, que é o Creador de tudo, o Summo Bem, e «a fonte de toda a felicidade, não póde haver cousa «bôa e só para se não cahir neste erro se deveriam «arriscar todas as conveniencias do mundo, quanto mais «seguindo-se della a mesma miseria que essa gente ex-«perimenta (1).

«O segundo inconveniente é o da falta da socie-«dade, pois sendo esta a principal das obrigações civis «se acha totalmente arruinada e caminha a passos largos «para o precipicio, levando atraz de si a ruina de todo «o Estado, porque consistindo ella na união com que «os homens se ajudam uns aos outros, nada é tanto «contra essa união como esta debandada para o sertão.

«O terceiro inconveniente é o da falta de justiça, «porque vivendo os homens fóra de povoado, mettidos «pelos mattos, sem ouvirem mais do que sua familia,

(1) Si essa gente mettia-se pelos mattos em busca de terras novas e mais productivas, não devia experimentar esta miseria.

«faltos de instrucção, de doutrina e até dos primeiros «principios da nossa Fé, que hão de ser sinão peores «do que féras, porque estas por falta de aptidão e de «discurso podem fazer um damno semelhante, mas os «homens dotados de talento, abandonados á lei da na«tureza e criados entre as brenhas, como féras, são ca«pazes de outros maiores damnos; e quando não o fa«zem se não póde esperar delles utilidade alguma, nem «para o reino do Céo, nem para o de Sua Mages«tade.

«*Eu falo da maior parte do povo desta capitania que «vive assim por este modo* e não daquelles filhos do reino «que tem casas de negocio, fazendas e lavras, nem da«quelles fidalgos paulistas que se conservam com o seu «modo de vida, a maior parte do tempo em povoado, «pois é certo que estes tem toda a civilidade que se «requer.

«Mas isto não tem proposito; os homens atraz do «matto virgem cada vez se vão alongando mais da so«ciedade civil e os mesmos que já foram civilisados «pouco a pouco hão de perder a doutrina que appren«deram e se hão de ir assimilando ao gentilismo que «deixaram».

Depois de discorrer sobre a fundação das villas existentes, sobre o seu pequeno numero e pouco desenvolvimento e sobre o costume de não se desobrigarem os povos pela confissão na quaresma e de se baptisarem os filhos já adultos, continúa o capitão-general:

«Este costume de viverem dispersos, mettidos pelas «roças, tem feito habito de sorte que só fazem gosto «da solidão e para ella fogem. Si alguem, fazendo via-
ı, encontra por acaso um destes, ou lhe foge ou
tão assustado e preoccupado que nem o chapéo

«lhe tira, e si lhe diz a minima palavra desconfia e «mata logo».

Por este quadro, desenhado com as mais negras côres pela penna insuspeita do mais habil capitão-general que S. Paulo jámais teve, vemos a que estado de brutal selvagéria estavam reduzidas as populações paulistas em 1770, depois de dois seculos e meio de dominio colonial portuguez! (1).

E estes embrutecidos e timidos roceiros eram em bôa parte os rebentos de Tebiriçá e de Piquiroby, de João Ramalho e de Antonio Rodrigues, que de braços abertos receberam os portuguezes em S. Vicente e tanto os auxiliaram na fundação da capitania de S. Paulo e na defesa desta capital contra os ataques das tribus confederadas que tinham resolvido a destruição da villa ainda nascente.

Eram tambem em grande parte os descendentes daquelles intrepidos bandeirantes que, com Antonio Raposo e Manoel Preto, tinham destruido as missões hespanhólas do Goyará e restaurado o dominio portuguez nas extensas regiões do Yvahy e do Paranapanema; que, com o mesmo Antonio Raposo, foram expulsar os missionarios castelhanos de Matto-Grosso, dar combate aos hespanhóes sobre os Andes e se banhar nas aguas do Oceano Pacifico; que, com Luiz Pedroso de Barrôs, cortaram a America de oceano a oceano e foram ainda medir a força das suas armas com os hespanhóes do Perú; que, com Pedroso Xavier e Campos Bicudo, invadiram o Paraguay e de lá trouxeram ricos despojos;

---

(1) Os *Puritanos* inglezes desembarcaram nos Estados em 1620 e em 1776, sómente 156 annos depois, estavam em c dições de fazer a independencia do paiz contra a Inglaterr

que, com os Brito Peixoto, fundaram a villa da Laguna e exploraram as campinas do Sul até o Rio da Prata; que, com Estevão Baião e Maciel Parente, foram domar numerosas tribus de indios ferozes desde o Reconcavo da Bahia até os sertões do Piauhy e do Maranhão; que, com Raposo Tavares, tanto contribuiram para a expulsão dos hollandezes de Pernambuco e restauração do dominio portuguez; que, com Domingos Jorge, foram até ás Alagôas dar cabo do mysterioso e lendario imperio de Zumbi nos Palmares; que, com Fernando Dias Paes, Carlos Pedroso, Rodrigues Arzão e Bartholomeu de Siqueira, descobriram as riquezas occultas nos serros de Minas-Geraes; que, com Bartholomeu Bueno, Paschoal Moreira Cabral e os irmãos Paes de Barros, devassaram os sertões de Goyaz e de Matto-Grosso, revelaram aos extrangeiros attonitos a opulencia do sub-sólo brazileiro e garantiram a integridade do territorio nacional nas fronteiras bolivianas do Guaporé; que, com Pedro Leme e Mendes Paes, affirmaram e restabeleceram os nossos direitos sobre extensos territorios em Yguatemy; que, com Costa Cabral, foram a Lisboa levar riquissimos presentes ao rei, declarando-lhe que *quem vem dar não recebe favores;* e de tantos outros sertanejos illustres que deram aos monarchas portuguezes *mais provincias de que elles possuiam cidades* e despejaram nos toneis sem fundo da metropole mais thesouros do que os trazidos pelo afamado commercio de especiarias das Indias Orientaes.

II

De 1532 até 1720, durante perto de dois seculos, a liberdade individual dos cidadãos republicanos pauas, o seu espirito de iniciativa e de emprehendintos e o seu gosto pelas aventuras dos sertões des-

conhecidos tinham-se firmado e desenvolvido em ausencia das medidas restrictivas de um governo local, acanhado, mesquinho e suspeitoso, que ainda não existia; e a acção governamental emanada de Lisboa e do Rio de Janeiro, por falta de uma bem combinada hierarchia administrativa, que só mais tarde appareceu, ia perdendo a intensidade de seus effeitos á proporção que se distanciava do seu ponto de partida e quasi não se fazia sentir na peripheria.

Foi esta época especialmente caracterisada pela extensão da liberdade individual e pela realidade da autonomia municipal e fórma por estes motivos o periodo aureo da historia colonial de S. Paulo.

Fóra da influencia immediata da acção deleteria do governo colonial, aquellas famosas gerações de audaciosos bandeirantes, de imperterritos sertanejos, não tinham para os seus actos outras restricções e outros incentivos mais do que os estimulos de um brio levado ao extremo, a sua proverbial honradez, o sentimento da sua dignidade individual, a consciencia do seu valor pessoal, o gosto cavalheiresco pelas arriscadas aventuras nos mysteriosos sertões do interior e a nobre ambição da independencia pessoal pela riqueza bem adquirida.

«Os paulistas, dizia um capitão-general, segundo a «minha propria experiencia, são grandes servidores de «Sua Magestade. No seu real nome fazem tudo quanto «se lhes ordena, expõem aos perigos a propria vida, «gastam sem difficuldades, tudo quanto têm e vão ao «fim do mundo sendo necessario.

«O seu coração é alto, grande e animoso; o seu «juizo grosseiro e mal limado, mas de um metal muito «fino; são robustos, fortes, sadios e capazes de soffrer «os mais intoleraveis trabalhos. Tomam com

«estado militar, offerecem-se para acommetter os peri-
«gos e facilmente se armam e fardam a sua custa».

Este esplendido retrato graphico dos paulistas, feito por D. Luiz Antonio de Souza, applicava-se sómente áquelle resto da fidalguia da terra que ainda *vivia nos povoados e tinha toda a civilidade que se requeria,* porque aquella brilhante nobreza de outrora tinha quasi desapparecido e estavam para sempre passados os tempos heroicos da historia colonial de S. Paulo.

Acreditando, como era proprio do tempo, na origem divina dos reis, os fidalgos paulistas dos seculos XVI e XVII não desconheciam a auctoridade real e rendiam-lhe respeitosa homenagem, dando-se a si proprios o titulo de *leaes vassallos.* Mas, conscientes dos seus direitos e do seu valor moral como cidadãos, correspondiam-se com os reis de Portugal, escreviam-lhes cartas, davam-lhes conselhos e opiniões sobre as necessidades da colonia, enviavam-lhes embaixadas e faziam-lhes valiosos presentes.

Em troca dos seus grandes e custosos mimos recebiam daquelles reis cartas de agradecimentos, firmadas pelo real punho, e uma commenda de Christo com a modesta tença de 50$000 por anno, não como remuneração pelo muito que tinham feito, mas como o reconhecimento, a confissão, de que os serviços prestados haviam sido recebidos com muito especial agrado.

Amador Bueno da Ribeira, comquanto não tivesse sido o *primus inter pares* na nobreza da capitania naquelles tempos, visto que outros havia, como Lourenço Castanho Taques, João Pires e Fernando Dias Paes, que valiam como elle, rejeita lealmente a corôa de rei de S. Paulo que lhe é offerecida pelo povo capitaneado hespanhóes Rendons, encartados na sua familia,

aconselha aos seus patricios a reconsideração deste acto imprudente, recommenda a fidelidade ao soberano legitimo, recolhe-se a um convento para fugir á acclamação popular e passa á posteridade como a mais perfeita personificação do brio, do cavalheirismo, da lealdade e da proverbial honradez da velha fidalguia paulista.

Honrosas tradições e saudosas memorias são tudo quanto resta daquellas brilhantes gerações, que foram objecto da admiração dos proprios extrangeiros que, como Saint Hilaire, se occuparam com a historia do Brazil, e ainda hoje quando queremos classificar a rija tempera de um robusto caracter dizemos: — E' UM TYPO DO VELHO PAULISTA.

III

Com a chegada do governador Rodrigo Cesar de Menezes a S. Paulo, em 1721, começaram as medidas restrictivas da liberdade individual e do direito de locomação e a exacção rigorosa e vexatoria de pesados impostos, ordinarios e extraordinarios, que foram crescendo sempre sob varias formas, desde o *quinto real* e *bateas* até as *fintas*, as *talhas*, os dos *dez annos*, etc., de que sómente uma pequena parte era applicada nos serviços da capitania, sendo quasi todo o seu producto remettido a Portugal para satisfazer os desperdicios, as orgias e a beata devassidão do rei Joãe V (1) e restaurar a cidade de Lisboa estragada, arruinada e quasi arrazada pelo terremoto de 1755 (2). Foi então que co-

---

(1) Vide Torres-Homem — *O Libello do Povo*, e Oliveira Martins — *Historia de Portugal*.

(2) O *imposto dos dez annos* para reedificar Lisboa dur quarenta annos, conservando o seu nome.

meçou a decadencia intellectual e moral da capitania.

De S. Paulo passou Rodrigo Cesar a Cuyabá, em 1726, e o que elle fez durante anno e meio que lá esteve se deduz dos seguintes trechos extrahidos de uma chronica inedita daquella época:

«Nomeou logo o capitão-general um provedor para «a Fazenda Real, que entrou a cobrar seis oitavas de «ouro por cabeça, fosse a pessoa que fosse, que eram «os quintos que se deviam a El-Rei; as entradas das «fazendas que vinham de povoado a oito oitavas de «ouro por cada fardo, cinco oitavas pelas cargas de «molhados e quatro oitavas por negros e indios, que de «todos se pagavam sem excepção.

«Quando vinham monções de povoado ia um aju«dante do palacio com uns tantos homens na sua com«panhia a buscal-as na barra do rio Cuyabá para pa«garem os direitos das entradas das fazendas que tra«ziam. Si os não pagavam logo punham-se-lhes as «fazendas em praça, onde se as arrematavam todas as «vezes que cobriam os direitos reaes e os salarios do «ajudante e de seus companheiros, que foram buscal«as, que eram a duas oitavas de ouro por dia a cada «um delles. Em tal forma se executava isto que che«garam muitos a entregar as carregações que traziam «e por barato de se verem livres dellas para não in«correrem em maiores penas.

«Entrou com isto o povo a bromar as minas em «consternação; a terra estava falta de mantimentos, as «roças brotavam sem espigas ou com espigas sem grãos; «morriam de doenças actuaes os que escapavam da «fome e eram tudo miserias, queixas, lamentos, gemer, «chorar e morrer (1).

(1) Vide *Chronicas do Cuyabá*, publicadas neste mesmo volume.

«Foram sempre estas as ajudas de custo com que «se fundaram as povoações do Brazil».

O mesmo chronista, que nos faz esta triste narrativa dos soffrimentos dos habitantes de Cuyabá com a tyrannia do governador Rodrigo Cesar, accrescenta que aquelles povos haviam resolvido abandonar a povoação e as minas e emigrar para S. Paulo e para as novas minas de Goyaz afim de se subtrahirem a tantos padecimentos, e que não o fizeram por causa de um certo milagre que se déra na egreja Matriz de Cuyabá e que os mesmos habitantes, crentes até a superstição, interpretaram como uma reprovação divína do plano de exodo em massa que tinham concebido e que tratavam seriamente de executar.

Emquanto os cuyabanos pensavam na emigração em massa para escaparem da tirannia do fisco colonial portuguez e os paulistas iam se transformando pouco a pouco de cidadãos civilisados em animaes selvagens pela vida agreste, que começavam a adoptar, era Rodrigo Cesar, despota e assassino dos irmãos Leme, substituido no governo da capitania por Caldeira Pimentel, réles gatuno dos dinheiros do proprio fisco colonial e assassino premeditado do notavel sertanejo João Leite da Silva Ortiz (1). Os negocios publicos continuaram descurados, o militarismo local e o despotismo colonial não diminuiram de intensidade e a decadencia intellectual e moral da capitania ia sempre em augmento.

O conde de Sarzedas, individualidade mediocre e governador de 1732 a 1737, não imprimiu nenhuma

---

(1) Vide *Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taq-
nexo *B* do vol. XIII do *Archivo do Estado de S. P*

feição especial na sua administração e morreu inesperadamente no sertão, em viagem que, por ordem do governo portuguez, fazia para as minas de ouro de Goyaz.

No interregno de dois annos que se seguiu esteve a capitania inteiramente debaixo do governo, civilmente desastrado, de Gomes Freire de Andrade, futuro conde de Bobadella, que não lhe trouxe beneficio algum e diminuiu a sua importancia pelo desmembramento dos territorios de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul, que foram annexados ao Rio de Janeiro, de que o mesmo Gomes Freire era capitão-general (1). Este facto, que se deu em 1738, privando S. Paulo do dominio dessa extensa região, de modo algum não livrou os paulistas dos trabalhos da sua defesa contra os continuados ataques dos hespanhóes do Rio da Prata.

D. Luiz Mascarenhas, governador de 1739 a 1748, sem conseguir inocular vida nova na capitania durante os nove annos do seu activo governo, prestou-lhe comtudo alguns bons serviços, regulando a mineração do ouro e a concessão de terras devolutas nos sertões de Goyaz e defendendo com energia as nossas fronteiras continuamente invadidas pelos governadores de Minas-Geraes. Foi por isto mesmo demittido do cargo de capitão-general de S. Paulo a conselho de Gomes Freire (2),

---

(1) No vol. II da *Revista* do Instituto, no meu trabalho sobre as *Divisas do Paraná* e *Santa Catharina*, tive occasião de explicar este acto do conde de Bobadella pelas necessidades da politica internacional.

(2) Vide vol. XI do *Archivo do Estado de S. Paulo* e *Questões de Divisas entre S. Paulo e Minas*, por A. P., em que se affirma com base que D. Luiz Mascarenhas foi retirado do go-
o de S. Paulo por influencia de Gomes Freire, porque se
nha ás invasões dos mineiros sobre o territorio paulista.

e nomeado vice-rei da India, emquanto da capitania eram desmembrados os vastos territorios de Goyaz e de Matto-Grosso para formarem novas capitanias, e era supprimido o governo autonomico de S. Paulo e annexado ao Rio de Janeiro o pouco territorio que restava da vasta capitania de outrora.

Ao ciume e á animosidade do conde de Bobadella contra os paulistas e á sua má vontade, sempre manifestada contra esta capitania (1), se devem estes desmembramentos, e aos seus dezesete annos de desgoverno civil se póde attribuir o estado de selvageria em que D. Luiz Antonio de Souza veiu encontrar os paulistas, em 1765, e que descreveu em carta dirigida ao marquez de Pombal, da qual ficaram acima transcriptos alguns periodos.

O seguinte documento, relativo ao fraccionamento da capitania de S. Paulo, confirma as minhas asserções e não é conhecido dos paulistas:

«Dom João, por graça de Deus, Rei de Portugal e «dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, Se«nhor de Guiné, etc. — Faço saber a vós Gomes Freire «de Andrade, Governador e Capitão-General da Capi«tania do Rio de Janeiro, que se viu a vossa carta de «14 de Novembro do anno passado, em que *insinuaveis* «que estaveis de partida para a Capitania de S. Paulo

(1) Esta má vontade do conde Bobadella contra os paulistas resalta de muitos actos seus sem explicação razoavel. A demissão de D. Luiz Mascarenhas foi um delles. Aconselhára elle ao governo de Lisboa que transferisse para o governo de Minas-Geraes os territorios de Goyaz e de Matto-Grosso, a que não accedeu aquelle governo porque as razões dadas não eram bôas, preferindo annos depois erigir aquelles territorios em capitanias autonomicas, conforme alvitre lembrado pelo mesmo Gomes Freire.

«conforme a via de successão daquelle governo e *que «seria util estivesse debaixo de um só mando toda a ma«rinha e costa do sul da dita Capitania até a Colonia «do Sacramento,* e que para se acudir á conservação da «mesma Colonia e estabelecimento do Rio de S. Pedro «era preciso fortificar-se na ilha de Santa Catharina «algum ponto onde com segurança se refugiassem as «nossas embarcações, e *que as minas de Goyaz e Cuya«bá e mais deecobertas deviam ter um governador par«ticular, ficando subordinado ao de Minas-Geraes,* e visto «o mais que me expunheis: Fui servido determinar por «resolução de cinco deste presente mez e anno, em «consulta do meu Conselho Ultramarino, que o briga«deiro José da Silva Paes passe logo á ilha de Santa «Catharina e faça nella uma fortificação, a qual elle «entender ser capaz para a sua defensa, procurando «evitar nella tudo quanto lhe for possivel a maior des«pesa; e attendendo a que desse porto do Rio de Ja«neiro devem sahir todos aquelles soccorros e ordens «que se fizerem precisos para a defensa da nova colonia «e ajuda do novo estabelecimento do Rio de S. Pedro «do Sul, sendo conveniente que fiquem todos os loga«res da marinha debaixo de um só mando: Fui outrosim «servido separar desde logo do Governo de S. Paulo e «unir ao desse do Rio de Janeiro a dita ilha e o Rio «de S. Pedro; *e no que respeita a divisão e novo go«verno dos Goyaz que apontais, como no meu Conselho «Ultramarino não ha os mappas precisos para ella se «fazer com acerto e vós passaes ao governo de S. Paulo, «vos ordeno informeis com o vosso parecer da divisão que «deve ter o governo da marinha do de S. Paulo, e si se «deve mudar para os Goyaz,* ficando tambem dentro «[illegible] as minas do Paranapanema e Cuyabá, declarando«[illegible] que ao brigadeiro José da Silva Paes e ao Padre

«Diogo Soares mando tambem ouvir sobre a dita di-
«visão. El-Rei Nosso Senhor o mandou pelo doutores
«José Ignacio de Arouche e Thomé Gomes Moreira,
«conselheiros do seu Conselho Ultramarino e se passou
«por duas vias. Manoel Pedro de Macedo Ribeiro a fez
«em Lisboa Occidental aos 11 de Agosto de 1738. —
«O Secretario Manoel Caetano Lopes de Lavre a fez
«escrever. — *José Ignacio de Arouche.* — *Thomé Gomes*
«*Moreira*».

Gomes Freire, governador interino de S. Paulo, em 1737—39, nos arrancou Santa Catharina e Rio Grande do Sul e aconselhou ainda que Goyaz e Matto Grosso fossem dados á Minas-Geraes. Em 1748 conseguiu que D. Luiz Mascarenhas sahisse do governo de S. Paulo, que Goyaz e Matto-Grosso ficassem separados em capitanias especiaes, uma vez que por conveniencias da occasião não podiam ser annexados a Minas-Geraes, e que S. Paulo e Paraná ficassem unidos ao seu governo do Rio de Janeiro (1).

Foi o *carrasco* da capitania de S. Paulo, e governou os paulistas por intermedio de um delegado militar, o coronel Alexandre Luiz de Souza Menezes, commandante das fortalezas de Santos, que nada entendia de governo civil e da distribuição da justiça. Foi então

---

(1) Gomes Freire segundo o historiadar Varnhagen, foi o maior politico que governou o Brazil colonial; porém, absorvido pela politica internacional, a sua administração em S. Paulo foi desastrosa.

O coronel Alexandre Luiz de Souza Menezes, seu delegado, era militar e só cuidou em guerras, deixando perecer a justiça. O arbitrio, a venalidade, a prevaricação e o suborno toi
o logar do direito e da justiça em S. Paulo durante o
verno e os soffrimentos dos paulistas foram intole-

que os paulistas se barbarisarem de uma vez, conforme relatou D. Luiz Antonio de Souza, porque o militarismo não diminuiu de intensidade e a justiça e o direito desappareceram da extinta capitania até 1765, quando ella foi restaurada e D. Luiz Antonio veiu governal-a (1).

IV

A administração deste illustre estadista, geralmente conhecido pelo titulo de «Morgado de Matheus», representa dez annos de energicos esforços empregados na defesa das nossas fronteiras com Minas-Geraes, sempre invadidas pelos governadores daquella capitania (2), e de inuteis tentativas para reanimar o amortecido espirito dos bandeirantes.

Alguns notaveis lances de intrepida coragem e de pacientes dedicações ainda illustraram a historia paulista desse tempo com as expedições de Silveira Peixoto e Bruno da Costa Silveira no rio Yguassú, de Antonio Correa Pinto nos sertões de Lages, de Candido Xavier de Almeida e Souza nos campos de Guarapuava e de João Martins Barros nos pantanos pestilentos de Yguatemy; porém estas explorações, comquanto de algum interesse e valor politico para o paiz, serviram na occasião para justificar a pratica das mais inauditas violencias contra as classes desfavorecidas da fortuna, para afugental-as ainda mais para os sertões e para trazer

(1) A suppressão da capitania de S. Paulo foi da parte de Gomes Freire um erro grave que o seu successor, conde de Cunha, tratou de reparar apenas tomou posse do cargo de e-rei, e o conseguiu restaurando a capitania em 1765.

(2) Vide vol. XI do *Archivo do Estado de S. Paulo.*

o total desbarato das já arruinadas finanças da capitania (1).

De 1775 a 1782 seguiram-se os sete annos de governo brutalmente tyranno, soberanamente incapaz e grosseiramente calumniador e mentiroso de Martim Lopes Lobo de Saldanha, tristemente celebre pela quasi demencia do proprio capitão-general, pelas borracheiras e indignidades do seu proprio filho Antonio Lobo, pelas devassidões do pae e filho, pelos vergonhosos desastres militares de Santa Catharina e de Yguatemy, pela reacção desenfreada contra os feitos do seu antecessor, pela perseguição desenvolvida contra os auxiliares do governo anterior, pelo odioso assassinato do infeliz Caetaninho e por mil outros desvarios, que trouxeram a sua demissão por denuncia formal do bispo D. Manoel da Resurreição (2), que assim livro os paulistas deste monstro abominavel, emquanto a capitania ficava em estado de maior decadencia, o seu povo ainda mais disperso e mais selvagem e o militarismo no auge do seu desenvolvimento (3).

Passando em silencio por cima do governo transitorio e incolôr de Cunha Menezes, que veiu a S. Paulo esperar quatro annos pela sua promoção a vice-rei das Indias Orientaes, e da ephemera e nulla administração de Raymundo Chichorro, chegamos ao soffrivelmente longo *reinado* do fidalgo D. Bernardo José de Lorena, que se inaugurou em 1788 e durou até 1797.

---

(1) Vide vols. V a IX da obra citada.

(2) Vide *Apontamentos Historicos*, de Azevedo Marques, *Quadro Historico*, de Machado de Oliveira, e *Correspondencia de Martim Lopes*, vol. XXVIII do *Archivo* citado.

(3) Vide adeante o *Plano para a remessa de tropas para o Sul*, em que se diz que em 1777 S. Paulo armou 6.000 [illegible] para a defesa das fronteiras do Sul.

Comquanto não fosse destituida de merito a sua administração, pela circumspeção do mentor que se lhe tinha imposto, e muitos melhoramentos materiaes tivessem sido planejados e realisados, comtudo a maior fama deste jovem fidalgo, reputado por muitos como um rebento illegitimo do rei D. José, lhe foi adquirida pelo seu espirito folgazão, pela sua apparencia de *dandy*, por suas inclinações a *galan* e pela sua pericia em saltar muros dos quintaes das casas de familias respeitaveis desta cidade, — abilidade esta que lhe custou bons sustos e melhores surras de chicote e produziu a morte de um alferes e de um capitão pessoalmente offindidos na honra de suas familias por este leviano e perverso delegado do governo portuguez em São Paulo (1).

Seguiram-se cinco annos de governo contradictorio e incoherente de Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, appellidado *O Pilatos*, que a par da bôa vontade manifestada na sua administração, de 1797 a 1802, e dos muitos melhoramentos materiaes que realisou com grande utilidade para a capitania, tinha a paixão, a mania, das pompas militares e para satisfazer a sua vaidade concentrava nesta capital todos os corpos de milicia, fardados a custa dos seus commandantes e sustentados pela caridade publica, só para ter o prazer de vestir-se de grande gala e passar-lhes revista nos dias de festa real ou religiosa, esquecendo-se entretanto de pagar-lhes os soldos que estavam atrazados de varios annos, mas lembrando-se de fazer seguir para Santa Catharina as forças de guarnição de Santos e para o

(1) Vide vol. XII do *Archivo* citado, NOTA *in fine*, pag. 152, *graphia de José Manoel da Fonseca Leite* no vol. II da *ista* do Instituto.

Rio Grande do Sul as brigadas de artilharia e de cavallaria de S. Paulo, para prevenir qualquer eventualidade que pudesse resultar da curta guerra trovada entre os hespanhóes e portuguezes, em 1800 (1).

Antonio José da Franca e Horta, que governou a capitania pe 1802 a 1811, foi um espirito mesquinho, friamente perverso e intrigante, e estabeleceu a espionagem official nos quarteis e nas casas particulares como meio regular de governo, pelo que foi justamente cognominado pelos paulistas *O Mexeriqueiro*. A' intriga, ao enredo e á calumnia que introduziu nas casas de familia e nos quarteis juntou a violencia dos recrutamentos em massa, nos dias de festas publicas, dentro das egrejas, em toda a parte, para a organisação de novos corpos militares que se faziam necessarios para

(1) Tratando da necessidade de serem pensionadas as viuvas dos militares, o capitão-general Mello Castro, em officio de 1º de Março de 1800, dirigido ao ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, diz o seguinte:

«Ordinariamente não acham os militares casamento de me«lhor fortuna, porque logo que entram no Real Serviço são re«putados como homens sem estabelecimentos, a quem nenhum «pae sensato quer entregar a filha para não passar pela des«graça de a ver pela morte do marido representar uma scena «triste e muitas vezes escandalosa, e por esta razão a maior «parte dos casamentos que fazem os ditos militares não são «lucrativos, como podiam ser, vivendo por consequencia uni«camente dependentes do seu soldo, o que não aconteceria si «as suas consortes, em falta dos maridos, ficassem remediadas «e soccorridas por cujos motivos reputariam os paes um casa«mento destes com um estabelecimento solido e constante».

Passavam-se annos e annos sem pagar o soldo dos officiaes e soldados e não se dava pensão ás suas viuvas!

A *Correspondencia* de Mello Castro, vols. XXIX e XX[illegible] *Archivo de S. Paulo*, é interessante e muito honrosa para

a realisação da politica interventora de D. João VI no Rio da Prata, os quaes soffreram nos campos do Sul varios annos de fadigas, de fome e de miserias de todas as sortes.

Invejoso de Martim Francisco e de alguns outros paulistas de merito, enredava-os perante o governo portuguez; fraco ou deshonesto, prohibiu aos paulistas a navegação de cabotagem e entregou todo o commercio da capitania a uma meia duzia de felizes negociantes de Santos, com grande prejuizo da nascente lavoura paulista e total ruina do commercio dos outros portos da capitania; e, finalmente, desconceituado pelo proprio governo de que era delegado, retirou se de S. Paulo tão odiado por suas violencias, como despresado por seu caracter baixo, insolente e intrigante.

Seguiu-se até 1813 o governo ephemero e fraco de Luiz da Silva Telles, marquez de Alegrete, que não deixou nos registros do Archivo Publico nenhum traço da sua administração, ou porque ella fosse toda verbal ou porque «se ressentisse da inactividade perenne do capitão-general, que constantemente se achava em um leito de dores, atormentado por seus soffrimentos physicos».

De Agosto de 1813 até Dezembro de 1814 governou a capitania um triunvirato provisorio, composto do bispo D. Matheus de Abreu Pereira, do ouvidor Nuno Eugenio de Lossio Seilbez e do intendente de marinha Miguel José de Oliveira Pinto, cujo unico acto de importancia foi remetter para as fronteiras do Sul mais um corpo de milicianos paulistas, sob o commando do coronel Lazaro José Gonçalves, que foi partilhar com os outros corpos, que lá estavam havia já annos, dos abalhos da guerra contra os castelhanos, da fome e miseria resultantes da escassez e má qualidade

dos alimentos e da falta de pagamento dos seus soldos.

De 1814 a 1817 governou São Paulo o fidalgo D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde de Palma, que praticou algumas boas acções tendentes a melhorar alguns ramos do serviço pubblico; porem, a guerra no Sul continuava com pequeno intervallos e attrahia toda a attenção dos governos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Para sustental-a novos corpos de milicianos foram organisados aqui e em Corytiba e remettidos para o Sul, de modo que, em 1816, as forças paulistas no Rio-Grande subiam a mais de TRES MIL HOMENS, sem contar os que lá tinham fallecido pela guerra, pelas doenças e pelo rigor do clima.

Tendo-se seguido destas guerras a conquista de Montevideo pelos brazileiros e a sua annexação ao Brazil com o nome de *Provincia Cisplatina*, houve necessidade de serem conservadas no Sul todas as forças paulistas para que fossem mantidas a tranquillidade publica e a segurança das conquistas realisadas. Só em 1829, depois que aquella provincia, rebellada em 1825 e sustentada pelas armas argentinas, se tornou independente com o nome de *Republica Oriental do Uruguay*, foi que voltaram aos seus lares os soldados paulistas, que estiveram auzentes por espaços de tempo que variaram de treze a vinte annos de constante e penoso serviço.

Assim vemos que para conveniencias da administração colonial foram em varios tempos desmembrados da capitania de S. Paulo os territorios de Santa Catharina, do Rio Grande do Sul, de Goyaz e de Matto-Grosso e foi mesmo por dezesete annos supprimida esta capitania, e entretanto para defender os territorios do Sul, e povoar os do centro como Lages e Ygnate

se recorreu a S. Paulo para que fornecesse em todos os tempos as tropas necessarias.

Ainda mais: emquanto sobre os fortes hombros dos paulistas pesavam os rudes serviços militares nas frias campinas do Sul e nos quentes e humidos climas dos sertões do Oeste e do Norte, perseguia-os em toda a parte e em todos os tempos o terrivel flagello da fome e da nudez pela má qualidade e carestia dos generos alimenticios e pelo atraso de annos e annos no pagamento dos minguados soldos que percebiam.

O escravo, inconsciente pela mais supina ignorancia, embrutecido por um rigoroso captiveiro e forçado a trabalhar gratuitamente para o seu senhor em pagamento do preço que lhe havia custado, tinha intervallos lucidos de conhecimento de seus direitos naturaes e praticava terriveis reacções contra os espoliadores daquelles direitos; porem, a justiça humana, imperfeita e parcial, era sempre pelo direito constituido e o escravo pagava caramente a velleidade de ter por um momento pensado que não era uma cousa, mas um homem.

Assim tambem o soldado paulista, homem livre e conscio dos seus direitos, rebellou-se por mais de uma vez contra o despotismo colonial, que o obrigava a pesados serviços militares sob promessas sempre violadas de pagamento dos seus minguados soldos; porem, a justiça humana, sempre imperfeita e parcial, era ainda em favor do forte contra o fraco e o soldado rebelde pagava caramente a pretenção de ter querido tornar realidade, em relação á sua pessoa, o preceito divino de se pagar o jornal de quem trabalha.

E porque uma destas rebelliões militares exerceu de influencia sobre a historia paulista no periodo da formação da nossa nacionalidade, tomal-a-ei

para assumpto de uma outra chronica, que será intitulada *O Supplicio do Chaguinhas.*

Então terei de dizer alguma cousa sobre o caracter e a politica do general João Carlos de Oeynhausen, o ultimo dos capitães-generaes de S. Paulo, e darei tambem uma noticia sobre cada um dos membros do Governo Provisorio e dos principaes auctores da burlesca revolução conhecida pelo appellido de *A Bernarda de Francisco Ignacio.* E' o levantamento que estou fazendo de mais uma ponta do espesso véo que ainda occulta os soffrimentos seculares que atormentaram tantas gerações e fizeram com que os paulistas genuinos abraçassem com ardor e enthusiasmo o movimento da independencia, aliás já amadurecido na consciencia dos brazileiros depois da prematura e mallograda tentativa dos *Inconfidentes* de Minas-Geraes.

S. Paulo, 20 — 6 — 99.

A. DE TOLEDO PIZA.

PLANO PARA A REMESSA DE TROPAS PARA O SUL

Porquanto achando-se a marchar desta cidade para soccorro do exercito do Sul UM CORPO DE SEIS MIL HOMENS, que se ha-de ir destacando successivamente por companhias, se faz indispensavelmente necessario apromptarem-se com a maior brevidade os viveres e transportes correspondentes a um corpo tão numeroso; e attendendo a que o tenente José Joaquim Mariano da Silva Cesar e o guarda-mór Manoel Cardoso de Abreu em outras occasiões deram bôa satisfação das diligencias que se lhes encarregaram, os tenho nomeado para fazerem o provimento para a referida tropa em todas as villas desta Capitania por onde haja de seguir, mandando entregar ao segundo, que faço expedir com o titulo de *Feitor Commissario*, as quantias de dinheiro que forem precisas para a satisfação de todos os mantimentos e mais despesas que se fizerem, cujas quantias se irão remettendo pela Junta da Real Fazenda conforme se julgar mais conveniente para o bom exito da presente expedição.

E como nas differentes villas da Capitania, por ¹ᵉ a tropa ha-de fazer as suas marchas, se acha já

prompta uma grande porção de mantimentos e de animaes para a sua conducção, logo que o referido tenente e feitor commissario chegarem a cada uma das ditas villas calcularão os mantimentos que são necessarios para os pousos do seu districto, e no caso de não chegarem os que as camaras tiverem orçado aos moradores farão os ditos feitor e tenente com que se complete a quantidade precisa dos mesmos mantimentos, ou seja procurando-os na mesma villa e seu districto, ou fazendo-os conduzir de outra onde houver maior quantidade, para que a tropa na experimente falta.

Porque seria difficultoso conservar em todos os pousos onde a tropa ha-de pernoitar os mantimentos proporcionados para o seu fornecimento diario, e tambem para se evitar a exorbitante despesa de salarios e prejuizo que póde experimentar a Real Fazenda achando se dividida por muitos feitores, sobre os quaes não póde haver a vigilancia precisa, é conveniente que desta cidade até a villa de Corityba se distribuam os mantimentos pelas paragens abaixo declaradas, na forma seguinte:

Desta cidade sahirão as tropas municiadas para tres dias até o sitio da Piedade, districto de Parnahyba —1.º pouso de mantimentos.

Na Piedade se apromptarão mantimentos para tres dias até a villa de Sorocaba—2.º pouso.

Em Sorocaba para quatro dias até Itapetininga—3.º pouso.

De Itapetininga para tres dias até o porto de Apiahy—4.º pouso.

De Apiahy para dous dias até o Ribeirão-Fundo —5.º pouso.

De Ribeirão-Fundo para dous dias até S. Pedro —6.º pouso.

De São Pedro para tres dias até Jaguarahyba— 7.º pouso.

De Jaguarahyba para tres dias até Apirahy — 8.º pouso.

De Apirahy por um dia até o Yapó—9.º pouso.

Do Yapó para tres dias até o Carrapato — 10.º pouso.

Do Carrapato para tres dias até o Registo de Corityba—11.º pouso.

Da villa de Corityba até as Lages se estabelecerão tambem aquelles pousos que se julgarem convenientes para a commodidade da tropa, escolhendo-se para este effeito os sitios mais proporcionados, e que não haja mais distancia de uns a outros do que a de cinco dias de marcha. Os referidos pousos do sertão serão providos com os mantimentos assim de Corityba como da villa das Lages conforme o permittir a maior ou menor abundancia das ditas villas.

Em cada um dos mencionados pousos até Corityba se conservarão os animaes que forem sufficientes para as conducções dos mantimentos, e se encarregarão de tudo as pessoas mais zelosas e de sã consciencia que hajam de dar boas contas, nomeadas para este effeito com approvação das respectivas camaras. Cada uma das ditas pessoas passará recibo dos mantimentos que se lhe entregarem para depois dar a sua despesa em bilhetes dos commandantes das companhias que fornecerem, e o tenente José Joaquim Mariano da Silva Cesar os instruirá do modo por que hão-de fazer os ditos fornecimentos de sorte que a tropa receba justa- e o que lhe for devido.

E para se evitarem duvidas com os ditos commandantes se regularão os vencimentos de cada dia na forma seguinte:—*uma decima de farinha para cada praça de pão e dois pratos de milho para cada cavallo*, e pela difficuldade que haverá em se *distribuir por peso uma libra de carne a cada praça, conforme a pratica do Brazil*, terão todo o cuidado as pessoas a cujo cargo estiverem os pousos em fornecer os destacamentos que passarem daquelle numero de rezes que pouco mais ou menos lhes parecer sufficiente *para que os soldados recebam á razão de libra por dia*, de sorte que nem elles fiquem queixosos, nem a Fazenda Real prejudicada; advertindo logo que os commandantes deixarão os couros das mesmas rezes para a Real Fazenda. *Nos dias, porém, em que não forem fornecidos de carne se dará meio prato de feijão á cada soldado e a porção de toucinho que parecer bastante para o seu tempero* (1).

Além dos referidos viveres se assistirá a cada companhia nas villas por onde passar com 10 bestas para os transportes das bagagens e officiaes, deixando ahi as que trouxerem por evitar não só o prejuizo dos donos, mas o da Real Fazenda que se obrigou a pagar as que morrerem no serviço.

Tanto os mantimentos como as bestas serão entregues por bilhetes dos commandantes, passados com todas as clarezas precisas para a boa arrecadação, e não por ordens vocaes ou pelos subalternos, e tudo o que se dér demais além do que acima fica estipulado

(1) O gripho não é do original, mas é empregado aqui para chamar a attenção para estas curiosas condições do fornecimento — farinha e carne em pequena quantidade, sem sal nem gordura, e quando não havia carne era meio prato de [illegible] com toucinho e nada de sal.

(N. do C.)

a respeito dos municiamentos se não levará em conta aos feitores que o despenderem, nem será obrigada a Fazenda Real a satisfazer os alugueres das bestas que os officiaes tomarem fora do numero referido, pois todas as que excederem o dito numero as pagarão elles com o seu dinheiro.

Como é muito conveniente conservarem-se em todas as villas desta Capitania sempre bestas promptas para qualquer expedição que sobrevier, observarão o dito tenente e feitor commissario o seguinte: — «Que as bestas desta cidade se occupem sómente até a villa da Parnahyba, as de Parnahyba até Sorocaba, as de Sorocaba até Itapetininga, as de Itapetininga até a Faxina, e as da Faxina até Corityba», ainda que a ordem aqui prescripta poderá ter alguma alteração conforme os casos occorrentes, advertindo-se tambem que não havendo em Corityba quantidade sufficiente de bestas para o transporte do sertão as poderão fazer conduzir das villas mais proximas até Sorocaba, deixando sempre em cada uma dellas o numero sufficiente para os serviços que se offerecerem. Tambem poderá o dito tenente, no caso que as bestas já mansas não bastem para esta expedição, mandar amansar as que julgar necessarias, passando para este effeito as ordens competentes aos donos de tropas, que as executarão promptamente.

Ainda que os alugadores das ditas bestas são obrigados a entregal-as arreadas e com cangalha para se occuparem nas conducções, comtudo, para evitar a falta que possa acontecer a este respeito, mandarão os ditos tenente e commissario fazer por conta da Real Fazenda as cangalhas que julgarem necessarias para ao depois se descontar a sua importancia do pagamento dos alu-

gueres, ficando as ditas cangalhas para os donos das mesmas bestas.

Além das cavalgaduras destinadas para os referidos transportes se porão de sobrecellente no Registo de Corityba 40 até 60 cavallos para a tropa de cavallaria trocar os que lhe tiverem afrouxado e que se acharem incapazes de passar o sertão; e os cavallos que as tropas deixarem por esta troca se porão em boa arrecadação e se lhes dará o tratamento necessario para servirem da mesma sorte aos destacamentos que depois forem indo.

Como é indispensavel occupar-se nesta expedição um grande numero de pessoas, se chamarão para o serviço della os auxiliares dos Campos Geraes e em sua ausencia os da villa mais proxima; isto no caso de se julgar que sem elles se não poderá concluir a dita expedição com a brevidade e execução devida.

Para acautelar para o futuro a falta de mantimentos que póde succeder e para que as tropas que ainda poderão marchar depois dèstas, ou que hajam de fazer regresso da campanha para esta Capitania, sejam soccorridas com abundancia, serão os ditos tenente e feitor commissario obrigados a deitar roças no districto de Corityba e no sertão das Lages, nos sitios que forem mais commodos para os transportes e que promettam abundante colheita. Em Corityba parece ser o logar mais proprio o de São Felix por distar sómente quatro leguas do pouso do Carrapato, e ali poderá deitar até 50 alqueires de semeadura. No sertão das Lages procurarão o logar mais proximo á villa, consultando primeiro sobre este particular o capitão-mór Antonio Correa Pinto, que como pratico poderá assignalar o terreno proporcionado, e aqui se poderão deitar á te
alqueires de semeadura.

Para o trabalho das referidas roças se expedem desta cidade 50 indios e se manda tirar das fazendas de El-Rei, em Corityba e Paranaguá, igual numero de escravos, para os quaes tem apromptado a Real Fazenda as ferramentas necessarias, as quaes serão entregues ás pessoas que ficarem encarregadas da inspecção das ditas roças, passando recibos pelos quaes conste a sua entrega.

Emquanto os referidos escravos e indios não puderem manter-se da producção das referidas roças serão municiados a custa da Real Fazenda, ficando a cargo das pessoas que os feitorisarem a vigilancia e cuidado para que os mesmos escravos e indios se não ausentem e para que o trabalho se adiante.

Pelo que respeita aos pagamentos que deve fazer o feitor commissario dos mantimentos que se acham promptos nas villas e dos mais que se forem apromptando, se conduzirá na forma seguinte: — Logo que chegar a qualquer villa pedirá á camara uma attestação jurada dos preços de cada um dos generos que houver de pagar, cujos preços serão os que actualmente occorrerem, e a farinha e milho serão logo satisfeitos a seus donos, cobrando delles recibos para sua descarga, e as rezes e mais generos se irão pagando successivamente depois que os destacamentos tiverem passado, satisfazendo a seus respectivos donos tudo o que constar se consumiu no fornecimento da tropa pelos bilhetes dos commandantes».

Além das providencias referidas occorrerão os ditos tenente e feitor commissario nos casos que aqui se não especificam com as que julgarem mais proprias, dando tudo conta pela Junta da Real Fazenda para as provar.

Todas as camaras, officiaes, militares, ordenanças e justiças, a quem esta for apresentada, darão todo o auxilio necessario para o complemento desta importante diligencia, ficando responsaveis por qualquer falta que experimente o Real Servico pelas suas omissões. — S. Paulo, 15 de Abril de 1777.

Martim Lopes Lobo de Saldanha.

O ROTEIRO DE UMA

DAS

Primeiras Bandeiras Paulistas

Em Agosto de 1602, conforme refere Azevedo Marques na sua *Chronologia dos acontecimentos mais notaveis da Provincia de São Paulo* (p. 224), partiu de S. Paulo uma numerosa Bandeira. Não é provavel que fosse a primeira, mas é, pelo menos, a primeira da qual nos resta noticia um tanto minuciosa. O benemerito investigador das cousas patrias, Azevedo Marques, que cita como fonte das suas informações o inventario de Ascenso Ribeiro, um dos membros da expedição, diz que esta foi commandada pelo capitão Nicoláo Barreto, fazendo parte della diversas pessoas importantes da época, e que tomou a direcção de Mogy das Cruzes, com o fim ostensivo de descobrir minas de ouro.

E' evidentemente a esta expedição que se refere Pedro Taques de Almeida Paes Leme n'um manuscripto inedito conservado na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, dizendo que o Governador D. Francisco de Souza «fez entrar para o sertão a procura de ta a tropa de André de Leão, dando-lhe instrucções

datadas de 19 de Julho do' mesmo anno». Como D. Francisco de Souza deixou S. Paulo em Junho de 1602 é provavel que a verdadeira data da expedição seja 1601. Quanto a differença no nome do commandante é provavel que Azevedo Marques se refira ao chefe do contingente civil e Pedro Taques ao da escolta militar.

A unica referencia a esta expedição, que se encontra nas chronicas publicadas de S. Paulo, é a da *Vida do padre Anchieta,* do padre Simão de Vasconcellos, que menciona o nome de Ascenso Ribeiro entre os exploradores do sertão, sendo provavel que se referia a esta mesma expedição de 1601. Dahi, é licito concluir que os resultados foram tão pouco satisfactorios, que, se por ventura, foram registradas informações desta Bandeira, estas têm ficado sepultadas nos archivos ainda ineditos daquella época. E', porém, facil ligar esta noticia de Azevedo Marques a outros factos conhecidos da historia de S. Paulo e, como espero provar, a uma outra noticia de origem extrangeira, que tem passado quasi despercebida dos historiadores, e assim reconstruir em traços geraes a historia daquella entrada pelo Sertão.

Pouco tempo antes desta expedição, em 1599, chegava a S. Paulo o governador-geral do Brazil, D. Francisco de Souza, sendo o objecto principal da sua vinda promover a exploração de minas e muito especialmente, conforme contam alguns historiadores, procurar uma serra chamada *Sabará-bussú,* reputada muito rica de prata e da qual elle tinha recebido noticia, estando no governo da Bahia. Esta ultima circumstancia, ligada com o seu proposito de fazer a exploração tendo São Paulo como base e ponto de partida, é interessante, por parecer indicar que a primeira noticia da cel
tinha sido levada á Bahia por algum explora

alguma Bandeira que de S. Paulo tinha varado pelo sertão até a Bahia, onde, provavelmente, fornecêra a D. Francisce de Souza um roteiro, pelo qual elle contava, seguindo a mesma derrota, redescobrir as reputadas minas. Ha, portanto, alguma probalidade, senão absoluta certeza, de que a Bandeira de 1601 foi promovida por D. Francisco de Souza, com o fim especial de procurar minas de prata na serra de Sabarábussú e que esta Bandeira, de caracter quasi official, tenha sido precedida por uma outra, puramente local, ou particular.

Conforme conta Frei Vicente de Salvador *(Historia do Brazil,* livro 4º, cap. 24º), tinha partido da Bahia durante a administração de D. Francisco de Souza a expedição de Gabriel Soares de Souza com o intuito de ganhar o rio S. Francisco e por elle subir «até á Lagoa Dourada, donde dizem que tem o seu nascimento», reputada ser muito rica em ouro, prata e pedras preciosas. Deu motivo a esta exploração as noticias e amostras que Gabriel Soares recebeu de um seu irmão que morreu no sertão. Assim parece que a lenda da Serra de Sabarábussú tinha de algum modo confirmado, ou substituido, uma anterior de uma Lagoa Dourada, ambas apontando a região do alto São Francisco como sendo de grande riqueza mineral. Neste tempo a fama das minas de prata do Perú preoccupou de tal modo os espiritos no Brazil que vagas e mal fundadas noticias de minas de prata despertaram a attenção do governo, que tinha ficado quasi indifferente perante as verdadeiras descobertas de ouro, já então minerado em certa escala nas visinhanças de S. Paulo. Da mesma época, ou um pouco mais tarde, são as pretendidas descobertas de minas de prata no sertão da Bahia por Melchior Dias Moreya, parente de Gabriel Soares de

Souza e continuador das suas explorações. D. Francisco de Souza vinha a S. Paulo, portanto, com o intuito de promover officialmente a continuação na região do alto S. Francisco das mallogradas explorações de Gabriel Soares e de seu irmão e muito provavelmente de algum bandeirante paulista desconhecido que tinha tornado um tanto precisas as noticias destes a respeito da região. E' tambem possivel que a lenda da Serra de Sabarábussú nascesse das explorações das suppostas minas de esmeraldas no sertão atraz do littoral do Porto Seguro.

São estas as informações a respeito desta Bandeira que pudemos descobrir nas chronicas de origem portugueza. Ha, porém, numa obra de origem hollandeza, uma noticia que apparentemente se liga a este facto e que não tem sido devidamente discutida pelos unicos historiadores — Varnhagen e Capistrano de Abreu — que mostram ter conhecimento della. Este ultimo, que transcreveu a noticia por extenso na sua obra *Descobrimento do Brazil e seu desenvolvimento no seculo XVI* (p. 83), convidou-me a proseguir no estudo e na investigação por elle iniciados deste interessante documento, dando assim motivo ao presente escripto.

O documento em questão é um roteiro que vem estampado na grande obra sobre a Historia Natural do Brazil, publicada em lingua latina, em 1648, pelos naturalistas hollandezes Piso e Marcgraff. Annexos á parte zoologica, editada por Marcgraff, ha alguns capitulos de caracter geographico e ethnologico, nos quaes se conta a collaboração do historiador João de Laet, sendo provavel que todos estes capitulos fossem da sua lavra. Sobre esta circumstancia terei de voltar, mais adeante. O facto deste roteiro, o mais minucioso e c.. quantos têm sido conservados, ter sido inclui

tratado de Historia Natural, provavelmente explica o ter elle escapado, por tanto tempo, á attenção dos historiadores.

Embora não seja um inedito, tendo sido estampado na referida obra de Piso e Marcgraff (á pags. 263 e 264) e recentemente reproduzido no já citado escripto de Capistrano de Abreu, este roteiro merece ser reproduzido por extenso, conjunctamente com as palavras com que Marcgraff, ou, mais provavelmente, João de Laet, o introduziu na sua obra. Devo a versão portugueza que segue ao habil latinista dr. Melchiades da Boa Morte Trigueiro.

«Julgo a proposito inserir aqui o roteiro que recebi de Wilhelm Glimmer, nosso compatriota. Conta elle que, na época em que vivia na Capitania de S. Vicente, chegára áquellas paragens, vindo da Capitania da Bahia, Francisco de Sousa; pois recebera de um brasileiro um certo metal, extrahido, segundo dizia, dos montes *Sabaroason,* de cor azul-escura ou celeste, salpicado de uns granulos côr de ouro. Tendo sido examinado pelos entendidos em mineracão, reconheceu-se que esse metal continha, em um quintal, trinta marcos de prata pura. Fascinado por essa amostra, o governador, julgando conveniente explorar mais cuidadosamente esses montes e as minas que elles encerravam, resolveu mandar para lá setenta ou oitenta homens, entre portuguezes e brasileiros. Fez parte dessa expedição o nosso Glimmer, que della faz a seguinte descripção:

«Partindo da cidade de S. Paulo, na Capitania de S. Vicente, chegámos, primeiro. á povoação de S. Miguel (distante de S. Paulo cinco ou seis leguas para Nascente), á margem do rio *Anhembi,* e nesse logar ..mos preparadas as provisões, que os selvagens ti-

nham de carregar nos hombros. Atravessámos, depois, aquelle rio e, com uma marcha de quatro ou cinco dias a pé, através de densas mattas, seguimos rumo de Norte, até um riacho que nasce nos montes Guarimumis, ou Marumiminis, onde ha minas de ouro. Aqui, apparelhadas algumas canôas de cascas de arvores, continuámos rio abaixo, durante cinco ou seis dias, e fômos ter a um rio maior que corria da região occidental. Aquelle primeiro riacho deslisa por sobre campos baixos e humidos, notaveis por sua amenidade. Tendo descido este rio maior, em dous dias, encontrámos outro ainda muito maior, que nasce no lado septentrional da serra de *Paranapiacaba* (assim como o Anhembi nasce no lado austral da mesma Serra), e correndo, a principio, para o Occidente, na mesma direcção dos montes, depois, formando um cotovello, se encaminha por algum tempo para o Norte, e, afinal, como geralmente se crê, se lança no Oceano, entre o Cabo Frio e a Capitania do Espirito Santo; chamam-n'o rio de *Sorobis* e é abundantissimo em peixes, tanto grandes como perquenos. Descendo tambem este rio, durante quinze ou dezeseis dias, chegámos a uma cataracta, onde o rio, apertado entre montanhas alcantiladas, se despenha para o Nascente.

«Por isso, abicámos neste ponto as nossas canôas e marchámos outra vez a pé, ao longo de outro rio que desce do lado occidental e não se presta á navegação. Com cinco ou seis dias de marcha, chegámos á raiz de um monte altissimo, e, transpondo-o descêmos a uns campos mui descortinados e aqui e acolá sombreados de bosques, nos quaes se vêem lindissimos pinheiros, que dão fructos do tamanho de uma cabeça humana; as nozes desses fructos têm a gross um dedo médio e são protegidas por uma casca,

as castanhas, e sáo mui agradaveis ao paladar e nutritivas. (Presumo que Glimmer se refere aqui á arvore da Sapucaia). Por muitas milhas no interior se encontram arvores desta especie.

«Tres dias depois, chegámos a um rio, que deriva do Nascente, e, atravessando-o, durante quatorze dias, tomámos a direcção de Noroéste, através de campos abertos e outeiros despidos de arvores, até outro rio, que era navegavel e corria da banda do Norte. Atravessámol-o numas embarcações chamadas *jangadas*, e, quatro ou cinco leguas mais adeante, topámos outro rio que corria quasi de Norte e era navegavel. Creio, porém, que estes tres rios, afinal, confluem num só leito e vão desaguar no *Paraguay*, em razão de que o curso delles é para o Sul, ou para o Occidente. Em toda a viagem até aqui descripta nada vimos que denotasse cultura, não encontrámos homen algum, apenas aqui e alli aldeias em ruinas, nada que servisse para alimentação, além de hervas e algumas fructas sylvestres; todavia, observavamos ás vezes fumaça, que se erguia no ar, pois por aquellas solidões vagueavam com sua mulheres e filhos alguns selvagens, que não tinham domicilio certo e não curavam de semear a terra. Junto a este ultima rio, encontrámos, finalmente, numa aldeia de indigenas, viveres em abundancia, que vinham muito a proposito, visto que já estavam consumidos os que comnosco tinhamos trazido, e já a fome nos obrigava a comer fructas sylvestres e hervas do campo.

«Tendo-nos demorado aqui quasi um mez, abastecidos de vitualhas, proseguimos a nossa viagem em rumo de Noroéste e, decorrido um mez, sem encontrar algum, chegámos a uma estrada larga e trilhada e ous rios de grandeza diversa, que, correndo do Sul,

entre as serras *Sabaraasu*, rompem para o Norte; e é minha opinião que esses dous rios são as fontes ou cabeceiras do Rio S. Francisco. Da aldeia sobredita até estes rios não vimos pessoa alguma, mas soubemos que além das montanhas vivia uma tribu de selvagens assas numerosa. Estes, informados (não sei como) da presença de europeus naquelles sitios, despacharam um dos seus para nos espreitar. Cahindo este em nosso poder, dêmo-nos pressa em arripiar carreira, de medo desses barbaros e por nos escassearem os viveres, ficando por explorar o metal por cuja causa haviamos sido mandados; e, quasi mortos de fome, voltámos áquella aldeia de selvagens.

«D'ahi, recuperadas as forças e apparelhados os viveres, pelo mesmo caminho por onde vieramos regressámos áquelle rio, onde haviamos deixado as canôas, e, revigorados, saltámos nellas e subimos o rio até as suas fontes; e assim gastos nove mezes nesta expedição, voltámos primeiro a Mogomimin, depois, á cidade de S. Paulo.»

As circumstancias de ter sido a expedição de que trata este roteiro promovida por D. Francisco de Souza que da Bahia passou a S. Paulo para este fim especial, de ter tomado o rumo de norte ou de Mogy das Cruzes, e de ser composta de pessoal tão numeroso e escolhido, que até nelle figurou um extrangeiro que se mostra ter sido pessoa de certa instrucção e posição social, parecem concludentes para a identificação da Bandeira do roteiro com a de 1601, noticiada por Azevedo Marques, ou, pelo menos, com uma outra do mesmo caracter e de cêrca da mesma época. Como é bem sabido, diversas casas commerciaes de Antuerpia mantiveram desde os primeiros tempos da colonia, relações com Santos e S. Vicente, onde tiveram representantes

e empregados, entre os quaes é provavel que se achasse, no tempo desta expedição, o referido Guilherme Glimmer. Ao que parece, como veremos mais adeante, o roteiro foi redigido muitos annos depois dos acontecimentos relatados, estando, portanto, sujeito a falhas de memoria, ou erros de transcripção, aos quaes se podem attribuir certas difficuldades de interpretação e especialmente a descripção um tanto phantastica do mineral de prata trazido da Serra de Sabarábussú, que motivou a expedição. A respeito desta descripção, é de se suspeitar uma confusão entre os caracteres das suppostas esmeraldas e saphiras que, naquelle tempo, eram objecto de grande expectativa e curiosidade na Bahia, e algum outro mineral com o aspecto de ouro, e muito provavelmente pyrite. E' possivel que este ultimo fosse o verdadeiro mineral da Serra de Sabarábussú, sendo da Serra das Esmeraldas o azul com elle confundido na noticia. Quanto ao alto teôr em prata attribuido ao mineral, muito superior ao que se tem verificado até hoje em qualquer mineral brasileiro authentico, é provavel que houvesse erro de ensaio, tal qual como em alguns exemplos do tempo corrente que podiam ser citados. Cêrca da mesma época, ou poucos annos mais tarde, um ourives da Bahia achou ricas em prata umas pedras que tinham sido colleccionadas por Melchior Dias Moreya e que deram origem á lenda das minas de Roberio Dias, mas que, ensaiadas convenientemente em Lisboa, nada produziram deste metal.

Comparado com a generalidade das noticias sobre as primeiras explorações no interior do Brasil, o roteiro de Glimmer é excepcionalmente claro e explicito, de modo a permittir identificar muito satisfactoriamente, sómente os traços geraes da derrota, como tambem tos dos seus detalhes.

Partindo de São Miguel, nas margens do Tieté, perto de São Paulo, a Bandeira passou para um affluente do Parahyba, ganhou este rio, navegou por elle abaixo, até a sua secção encaichoeirada, galgou a Serra da Mantiqueira, passou diversos rios attribuidos correctamente ao systema platino e penetrou até proximo ao alto São Francisco. Até entrar na bacia de S. Francisco, este caminho deve corresponder muito proxima, se não exactamente, com o da Bandeira de Fernão Dias Paes Leme, uns setenta annos mais tarde, e com o que depois da descoberta de ouro, se tornou celebre como o caminho para as Minas-Geraes. Sobre a derrota de Fernão Dias, não temos detalhes, senão do Rio Grande para o norte, onde diverge da do actual roteiro; mas para a dos mineiros existe o precioso roteiro dado por Antonil, na sua obra intitulada *Opulencia e cultura do Brazil,* publicada em Lisboa, em 1711. Pela comparação desses dous roteiros e levando em consideração a probabilidade de que a derrota de ambas fosse determinada por caminhos já existentes dos Indios, sendo, portanto, provavelmente identicas, é possivel reconstruir grande parte do caminho da Bandeira de 1601.

Os dous rios menores que deram accesso ao Parahyba eram indubitavelmente o Paratehy e Jaguary. A Serra de Guarimumis, ou Marumiminis, é a actualmente conhecida pelo nome de Itapety, perto de Mogy das Cruzes, sendo possivel que estes nomes antigos ainda sejam conservados no uso local. A referencia a minas de ouro nesta serra talvez seja um accrescimo na occasião de redigir o roteiro; mas é certo que, em 1601, havia, desde uns dez ou doze annos, mineração nas vizinhanças de São Paulo, e que, antes de 1633, quando foi publicada a edição latina da obra de de Láet, em que vem a enumeração das minas

listas, a houve na localidade aqui mencionada. A referencia aos campos, ao longo do primeiro destes rios, é, talvez, um caso de confusão com os do rio Parahyba, visto que, confórme informações dos ajudantes da Commissão Geographica e Geologica, que ultimamente levantaram a planta do valle do Paratehy, alli não existem campos notaveis. O rio então conhecido pelo nome de Rio de Sorobis, bem que a sua identidade com o Parahyba do littoral já era suspeitada, foi alcançado na foz do Jaguary, em frente da actual cidade de São José dos Campos. Nota-se que, já nessa época, era conhecido o curso excentrico do alto Parahyba. Depois de 15 ou 16 dias de viagem, o rio foi abandonado no começo da secção encachoeirada, perto da actual cidade da Cachoeira, e a Bandeira galgou a Serra da Mantiqueira, seguindo um perqueno rio que, muito provavelmente, era o Passa Vinte, que desce da garganta que depois serviu para a passagem da estrada dos mineiros e hoje para a da estrada de ferro Minas e Rio. Passando o alto da Serra, a Bandeira entrou na região dos pinheiros, que os naturalistas hollandezes (que evidentemente não conheceram a Araucaria, desconhecida no Norte do Brasil) julgaram, pela descripção de Glimmer, que eram Sapucaias.

Deste ponto em deante, o roteiro torna-se um tanto obscuro, dando a suspeitar o ter havido alguma confusão na redacção. Os dados topographicos são: o rumo de noroéste e as passagens de tres rios, dos quaes dous maiores, navegaveis e vindo do norte, com a distancia de 4 ou 5 leguas entre um e outro. Os unicos rios em caminho das cachoeiras do Parahyba para a região do alto S. Francisco, que correspondem a esta descripção destes dois rios, são o Rio Grande e Rio das Mortes, perto da sua confluencia. Ahi, o Rio Grande,

cujo curso geral é para o Oéste, corre por alguns kilometros do Norte, num grande sacco que sempre tem sido um ponto de passagem, e, a quatro ou cinco leguas adeante, o Rio das Mortes tambem vem num pequeno trecho do Norte (1). Este trecho é junto á estação de Aureliano Mourão, na estrada de ferro Oéste de Minas e poucos kilometros abaixo da povoação de Ibituruna, onde Fernão Dias estabeleceu um dos seus postos, talvez por encontrar perto a grande aldeia de Indios amigos, rica em mantimentos, de que fala o nosso Glimmer. Se, porém, este fôr o ponto de passagem do Rio das Mortes, não se encontra, a tres dias de viagem dos Pinheiros e a quatorze do Rio Grande, rio algum que pareça digno de menção numa narrativa em que não vem mencionado o Angahy. Este, pelo roteiro de Antonil, está a 22 ou 24 dias de viagem dos Pinheiros e a 4 ou 5 do Rio Grande. Para pôr os dous roteiros de accôrdo, identificando o primeiro rio de Glimmer com o Angahy, seria necessario inverter os termos dos tres e dós quatorze dias de viagem, suppondo um outro caso de confusão na redacção, como o já apontado com os campos do Paratehy e Parahyba.

Da passagem do Angahy o caminho dos mineiros dado por Antonil tomou mais para a direita, procurando São João d'El-Rei, via Carrancas. E' para notar que as marchas diarias do roteiro de Antonil são pequenas, sendo geralmente «até o jantar», o que explica

---

(1) Estes trechos em rumo de Norte a Sul, que não vem representados na maioria das cartas, são figurados no excellente mappa que acompanha o trabalho do fallecido dr. Augusto de Abreu Lacerda sobre a Bacia do Rio das Mort[illegible] — *Boletin* n. 3 da Commissão Geographica e Geologica do E[illegible] de Minas-Geraes.

talvez, a discordancia no numero de dias (de 14 a 22 ou 24) que se nota na hypothese de ser o Angahy o primeiro rio do presente roteiro.

Partindo da aldeia sobre o terceiro rio, a Bandeira caminhou durante um mez em rumo de noroéste, sem passar rio algum, até achar-se perto da confluencia de dous rios de diversas grandezas, que romperam para o norte, entre montanhas que foram identificadas com a desejada Serra de Sabarábussú. Aqui, foi encontrada uma estrada larga e trilhada, que nesta época não podia ser senão dos Indios e cuja existencia confirma a hypothese já lançada de que o Sertão era cortado por estradas dos Indios e de que a derrota desta e de subsequentes Bandeiras era por estes caminhos já existentes. A estrada seguida da aldeia por deante era pelo alto de um espigão, e, admittindo que o ponto de partida era nas vizinhanças de Ibituruna, temos tres hypotheses a considerar:

1º O espigão entre o Rio Grande e as cabeceiras dos rios Pará e S. Francisco.

2º O entre os rios Pará e S. Francisco.

3º O entre os rios Pará e Paraopeba.

O caminho pelo primeiro destes espigões, passando por Oliveira, Tamanduá e Formiga, até o alto S. Francisco, corresponde regularmente com o rumo dado, tendendo, porém, mais para o oéste do que para o noroéste, e cruzando o rio Jacaré que, comquanto não seja grande, parece de bastante importancia para ser mencionado. Por este espigão, porém, é difficil identificar os dous rios do fim da jornada e a serra cortada por elles, porque as Serras de Piumhy ou a da Canastra mal correspondem á descripção do roteiro. O segundo espigão daria para cahir forquilha entre o Pará e o Itapecerica, ou entre o á e o Lambary, ou, finalmente, entre o Pará e o

S. Francisco. As duas primeiras parecem demasiado perto para a jornada de um mez, e na do Pará e São Francisco os dous rios devem figurar como tendo proximamente a mesma grandeza. O terceiro espigão daria, na hypothese de accompanhar de perto a margem direita do Pará, para cahir na forquilha entre este rio e seu affluente o rio de S. João, na passagem das serras na vizinhança da actual cidade de Pitanguy; e, sem poder pronunciar-me positivamente a respeito, sou inclinado a considerar esta como a hypothese mais provavel. Como confirmação parcial desta hypothese, temos a circumstancia de que Fernão Dias, que tambem andou procurando a mesma serra, tomou o espigão entre o Pará e Paraopeba, desviando-se, depois, para o norte, para passar este ultimo e ganhar o espigão entre elle e o Rio das Velhas.

Sem conhecimento da origem da lenda da Serra de Sabarábussú, é impossivel saber se a serra assim denominada pela Bandeira do 1601 era ou não a mesma, da qual a noticia tinha chegado á Bahia, dando motivo para esta exploração. E', porém, licito presumir que a Bandeira tivesse para se guiar algum roteiro ou indicações certas do primeiro descobridor e que, portanto, a sua identificação era mais ou menos bem fundamentada. Fernão Dias Paes Leme partindo, em 1674, com o intuito de explorar esta serra legendaria, em caminho para a das Esmeraldas, parece ter seguido o mesmo caminho, até Ibituruna, onde estabeleceu um posto, e dahi tomou rumo mais para oéste, cruzando os rios Paraopeba e Rio das Velhas, deixando um destacamento nas margens do primeiro e um outro no Sumidouro, proximo ao segundo. Não se tem identificado exactamente a posição deste Sumidouro, mas é de presu que fosse na região calcarea ao oéste da actual ci-

de Sabará, onde é frequente o phenomeno do sumiço das aguas, como, por exemplo, no caso do desaguadouro da Lagôa Santa. Quando alguns annos depois foram descobertas ricas minas de ouro neste districto, o nome de Sabará ficou a elle ligado, ou porque se reconheceu que a serra vizinha era o verdadeiro Sabarábussú da lenda, ou, o que parece mais provavel, porque o nome que preoccupou a imaginação dos aventureiros daquelle tempo foi applicado á localidade que em riqueza (de ouro e não de prata) correspondia ao predicado principal da famosa serra.

Uma outra consideração de certa importancia historica é que a derrota do roteiro é a mais favoravel possivel entre S. Paulo e o alto S. Francisco, sendo habilmente aproveitadas as feições naturaes dos rios navegaveis, campos abertos, espigões descampados e gargantas baixas. E' pouco provavel que um grupo de homens creados em S. Paulo tivesse, na primeira investida do um Sertão inteiramente desconhecido, acertado, sem guias, tão bem com o caminho mais facil. A conclusão a tirar é que este Sertão já era trilhado pelos gentios e que os bandeirantes nesta, como em muitas outras entradas no Sertão, nas quaes se nota o mesmo acerto, apenas seguiram caminhos já existentes, pelos quaes communicavam entre si os indios de diversas tribus relacionadas, ou grupos destacados de uma mesma tribu.

A circustancia da existencia desta estrada larga e trilhada de que fala Glimmer, a noticia que temos por Antonio Knivet de outra estrada que elle seguiu na sua peregrinação, partindo de Paraty em expedições de iniciativa puramente india, a facilidade com que vinham ensageiros e viajantes do Paraguay, como Schmidel outros, confirmam esta hypothese.

Com referencia ao auctor deste interessante roteiro, parece possivel adeantar alguma cousa, além da simples menção do seu nome e nacionalidade contidos na obra de Piso e Maregraff. Como já foi dito, collaborou nesta obra João de Laet, que, em 1625, tinha publicado, em lingua hollandeza, uma grande obra descriptiva do Novo Mundo, da qual appareceu uma nova edicção retocada em 1630, e em 1633 se publicou uma edição latina ainda muito augmentada e melhorada da qual se publicou, em 1640, uma traducção franceza. Nos capitulos referentes ao Brazil vêm muitas informacões curiosas, que não se encontram nos escriptos citados como auctoridades para esta compilação (1) e que eram evidentemente obtidas particularmente de pessoas que tinham estado no Brazil. As referencias a S. Vicente e S. Paulo são especialmente ricas nestas informações particulares, que em parte são attribuidas a um certo flamengo que tinha morado em Santos, onde parece ter sido pessoa de certa importancia, visto que era dono de dous sitios ou fazendas.

A's informações deste flamengo (hollandez, ou, conforme a traducção franceza, *belga)* que appareceram na 1ª edição e foram reproduzidas nas subsequentes, se accrescentaram na 2ª edição hollandeza algumas notas tiradas do escripto do inglez Knivet, publicado em 1625, e na edição latina de 1633 ainda outras, muito minuciosas, a respeito das minas em redor de S. Paulo e da região ao norte daquella villa e que

(1) Entre estes escriptos se conta o de um auctor portuguez anonimo, publicado em lingua ingleza na collecção de viagens de Purchas e que hoje se sabe ser, graças ás investigações de Capistrano de Abreu, do padre jesuita F. Cardim.

evidentemente foram fornecidas por algum informante particular que, entre os annos de 1630 e 1633, esteve em contacto pessoal com João de Laet.

Estas ultimas noticias revelam o mesmo conhecimento intimo e minucioso das cousas de S. Paulo e a mesma coordenação methodica que se notam no roteiro. Além disto, ha certos nomes locaes, como serra de Guaramunis ou Marumiminis e Rio de Sorobis, que só se encontram no roteiro e no escripto de 1632 de João de Laet. Dahi é licito concluir que o tal informante não era outro, senão o Guilherme Glimmer do roteiro publicado em 1648.

E' sabido que em 1636, e provavelmente por alguns annos antes e depois desta data, João de Laet occupou o cargo de secretario da grande Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes e é muito natural que esta companhia tivesse chamado a seu serviço um flamengo, que tinha residido no Brazil, ou recorrido á sua competencia, pondo-o, assim, em relações intimas com o auctor da obra de 1633 e editor do roteiro de 1648.

O seguinte trecho, traduzido da edição franceza de 1640, da obra de Laet, é tão parecido com o roteiro, que quasi póde ser denominado um resumo delle.

> «Finalmente, a quatro ou cinco leguas a léste de S. Paulo ha uma aldeia de indios, com os quaes habitam alguns portuguezes. Acha-se situada na margem do rio Iniambi e chama-se S. Miguel, e a umas quatro ou cinco leguas della, para o oriente, se encontra a villa de Mogi-mirim, contendo poucas casas e situada perto do rio Iniambi e das montanhas de Paranapiacaba. Algumas leguas acima desta villa, entre o encontro das montanhas Paranapiacaba e as que, confórme já dito, se es-

tendem de léste para o oéste, sae de tres ou quatro fontes o rio Iniambi. Tendo atravessado as montanhas, cujo rumo é de léste para o oéste, encontram-se outras terras e planicies espaçosas, cortadas por um outro rio grande, denominado Rio de Sorobis, que, depois de ter percorrido um grande espaço de terra e de se precipitar por diversos saltos, desembocca no Oceano, confórme se acredita, entre Cabo Frio e Espirito Santo. Ao oéste deste rio, existem extensas provincias campestres, mas que são pouco ou nada habitadas por selvagens e através das quaes correm em rumo de sudoéste diversos rios que, é de presumir, se lançam no grande Rio de la Prata. São limitadas pelo lado de noroéste por grandes e asperas montanhas, nas quaes se acredita que existem escondidos filões de ouro e de prata e das quaes sáem alguns rios, principalmente aquelle que se lança no mar, entre Bahia e Pernambuco, e que se denomina Rio São Francisco».

Comparando esta descripção com o roteiro, nota-se tanta semelhanca, que a conclusão é irresistivel de que o informante era o mesmo. Em ambas vêm o nome de rio de Sorobis e a sua identificação com reservas com o Parahyba, bem como a referencia com a mesma reserva dos rios da região campestre ao systema platino, em contraste com a identificação positiva dos rios do fim da viagem com o S. Francisco, que era conhecido em quasi todo o seu curso pelas explorações anteriores, partidas da Bahia e Espirito Santo. Comtudo esta descripção é, em alguns respeitos, mais minuciosa do que o roteiro, e é especialmente para notar que é mais exacta em referencia ao ponto já referido dos campos do Parahyba. Pode-se suppôr que tanto a descripção como o roteiro foram dictados pela mesma pessoa, porém em occasiões differentes, a João de I
e que as discrepancias acima notadas no roteiro f-

devidas a um lapso da memoria, por parte do narrador, ou, talvez, a um descuido por parte do redactor.

Assim, é certo que um flamengo, chamado Guilherme Glimmer, acompanhou uma expedição para o Sertão, organizada em São Paulo, no tempo da administração de D. Francisco de Souza, e ha forte probabilidade de que esta expedição era a de 1601 e, mais que o mesmo Glimmer esteve depois de 1630 e antes de 1633 na Hollanda, onde forneceu valiosas informações a respeito de S. Paulo a João de Laet. O nome de Glimmer apparece uma outra vez na historia do Brazil, em uma carta escripta em 1633 pelo official hollandez Walbeck e incluida na collecção de documentos feita na Hollanda por Joaquim Caetano da Silva conservada na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, da qual extrahimos o seguinte trecho, traduzido do original hollandez por nosso digno consocio o Sr. Eugenio Hollender:

«Depois que a Bahia foi retomada pelos Portuguezes tirou Francisco Dias d'Avila das informações que lhe tinha deixado o seu pai certos esclarecimentos sobre a riqueza das minas de Cormorú [Caramurú, conforme Varnhagem].

«Emprehendeu a viagem até lá com varias pessoas; partiram da moradia do dito Francisco (situada a 12 leguas ao norte da Bahia), viajaram durante seis semanas sempre em direcção Norte, até que chegaram ás referidas minas, collocadas em gráo identico ao da cidade de Olinda, e pelos Tapuys, moradores das ditas montanhas, souberam que elles poderiam ter chegado as ditas minas em quinze dias! Estas minas são tão as de prata (segundo o relatorio do Senhor Cavaeiro Domingos Fernandes, pessoa que temos empre-

gado muito em Brazil, e que acompanhou esta expedição e de cujo relatorio eu tirei o que vos narro), como aquellas descobertas no Perú ou na nova Hespanha, e o salitre tambem ahi se acha em grande abundancia; mas a continuação dos trabalhos da descoberta e a lavra das minas ficaram abandonadas por causa das dissensões que dellas resultaram entre o governador da Bahia, Luiz de Souza, e o referido Francisco Dias, e porque nesse mesmo tempo deu-se a perda de Pernambuco.

«Entretanto, tenho razões para acreditar que Guilherme Jost ten Glimmer, o muito digno governador de VV. SS.ª na Ilha Fernando, tivesse accompanhado o referido Francisco n'essa expedição, e que Vossas Senhorias n'esse sentido já terão recebido informações mais positivas que aquellas que eu vos posso dar».

Varnhagen, que conheceu esta carta de Walbeck, identificou esta expedição com a de S. Paulo porque o nome de Glimmer figura em ambas. A noticia da propria carta que parece ter sido fundada exclusivamente nas informações de Domingos Fernandes, o celebre *Calabar*, é um tanto confusa porque colloca esta expedição ora na administração de D. Luiz de Souza, em 1618—1621, e ora entre a reconquista da Bahia em 1624 e a perda de Pernambuco em 1630. E' sabido que este governador tinha ido, em 1618, examinar as minas de prata de Melchior Dias Moreya, na Serra de Itabaiana, e as achou de nenhum valor; mas é provavel que os parentes de Melchior (Francisco Dias de Avila era seu sobrinho) tentassem seguir o seu roteiro para o sertão. Difficil de explicação é a presença do hollandez Glimmer nesta expedição se a sua data é realmente posterior ao rompimento da guerra 1622. Seja como for, pouca duvida póde ha

este Glimmer tenha sido o mesmo da Bandeira paulista que, conforme já foi notado, parece ter regressado á sua patria e entrado em relações com João de Laet entre os annos de 1630 e 1633, supposição esta confirmada pela carta de Walbeck, que o dá como governando a ilha de Fernando Noronha por parte da Companhia da qual João de Laet era secretario.

Neste caso, a historia provavel é a seguinte:

O hollandez Guilherme Glimmer, estabelecido em Santos e talvez associado em negocios com um seu compatriota, que era proprietario de dois sitios ou fazendas denominadas *Tanse* [Tanque?] e *Cavane* [Cabana?], teve relações bastantes intimas com os seus vizinhos de origem portugueza para ser por estes convidado a accompanhar uma expedição ao sertão, organizada entre os principaes habitantes de S. Paulo por iniciativa do governador D. Francisco de Souza. Depois passou para a Bahia, onde, talvez por ter adquirido fama de bandeirante, tomou parte, entre 1619, anno da morte de Melchior Dias, e 1630, em uma expedição organizada por Francisco Dias de Avila para verificar as reputadas descobertas de minas de prata por seu tio Melchior Dias Moreya (1). Depois, voltando á Hollanda, entrou no serviço da Companhia das Indias Occidentaes, que muito devia apreciar um homem tão experimentado nas cousas do Brazil, e assim esteve em contacto, entre 1630 e 1633, com o secretario da Companhia, João de Laet, que se aproveitou das informa-

(1) Não sendo positiva a affirmação de Walbeck, é possivel que elle, sabendo que Glimmer tinha accompanhado uma Bandeira no Sertão, confundisse (como depois fez Varnhagen) a 1601 com a de Francisco Dias de Avila.

ções fornecidas por Glimmer para ampliar, na ediçoã latina, a sua grande obra sobre o Novo Mundo e para enriquecer com o roteiro da Bandeira de 1601 a parte geographica que redigiu para a obra de Piso e Marcgraff. Na hypothese provavel que as informações sobre as cousas de S. Vicente que figuram na obra de Laet de 1625 tivessem sido fornecidas por Glimmer, é necessario suppôr que elle tinha voltado á Hollanda antes de ir para Bahia, ou, o que é mais provavel, que a expedição bahiana foi antes da tomada d'aquella praça pelos Hollandezes.

A clareza e precisão destas informações, prestadas muitos annos depois de se ter retirado de S. Paulo, indicam que Glimmer era pessoa de certa instrucção e posição social, o que aliás é indicado pelo seu nome fidalgo dado por Walbeck, e dotado de raro poder de observação, em virtude do qual o seu roteiro constitue um dos mais importantes documentos que possuimos sobre as primeiras explorações do sertão do Brazil.

S. Paulo, Maio de 1899.

ORVILLE A. DERBY.

Relação geral da Dioceze de S. Paulo suas Comarcas, Freguezias, Congruas, Uzos e Costumes (1).

NOTICIA PREVIA

Esta Dioceze da Capitania de S. Paulo hé tão amplamente extensa, como despovoada. Nella apenas se acham cincoenta e nove Parochias, e quatro Missões de Indios, que forão da administração dos extinctos Jesuitas, e hoje tem Parocos providos, e postos pelo Ordinario. Comprehendem-se estas Freguezias e Missões em catorze Comarcas: huã sujeita ao Vigario Geral do Bispado, por ser das Freguezias Suburbicarias: treze aos respectivos Vigarios foraneos, ou da Vara. A mais povoada é a da Sé, que comprehende toda a Cidade e seus Suburbios athé a distancia de sete leguas por alguns lados, por outros não se extendem tanto os seus limites: tem ordinariamente oito mil pessoas. Das outras huãs são mais, outras menos povoadas: nenhuã chega

(1) Copia de um manuscripto original offerecido ao Instituto pelo dr. Eduardo Prado.

(N. da R.).

a ter sinco mil pessoas: muitas tem só mil, e alguãs não tem trezentas pelos róes de Confessados. Destes só treze tem congruas pagas pela Real Fazenda, e Junta della desta Capitania: todas as mais tem conhecenças do Povo, em cuja cobrança ha muita fallencia, como em todos os mais benezes, pela muita pobreza da maior parte dos Freguezes, q'. hé tanta neste Bispado, como em nenhum outro do Brazil; porque neste falta o comercio, e extracção do oiro, que ha em outros. Daqui rezulta estar a maior parte das Igrejas Matrizes muito mal paramentada, e alguãs com muito pouca decencia; porque os Parochianos pela sua pobreza não podem concorrer para isso, e os Parochos apenas se podem sustentar. Os rendimentos das Fabricas destas Igrejas são muitos limitados, e não consistem senão nas esmolas de alguãs sepulturas dentro das Igrejas, e das assistencias da Cruz nas recomendaçoens, e disto mesmo mais hé o que se perde por incobravel do que o que se chega a cobrar depois de repetidas admoestaçoens, e grandes diligencias.

Por uzos, e costumes da Freguezia da Sé tem o Parocho de Missa Cantada mil duzentos, e oitenta réis: de Encõmendação, e acompanhamento de algum defunto de qualquer estado, e condição que seja, sendo livre, seiscentos, e quarenta réis, e sendo escravo trezentos, e vinte réis: destes tem mais huã vela de quarta, daquelles huã de meia livra. Pelos adultos deve dizer huã Missa de Corpo prezente de esmola de seiscentos, e quarenta réis, e não póde obrigar a que se lhes façam mais suffragios, como officios, etc. De huã certidão com theor trezentos, e vinte réis, sem theor cento, e sessenta réis. As offertas de casamentos e baptismos são espontaneas, e ordinariamente muito minutas. Todas as mais Freguezias do Bispado se e

formam com esta, excepto á respeito das Missas Cantadas, que em alguãs são de esmola de mil novecentos, e vinte réis, e das Encõmendaçoens, e acompanhamentos de defuntos livres, que em alguãs são de novecentos, e secenta réis. As Igrejas, que tem Congruas, não cobram conhecencas, recebem de Alleluias pela Paschoa o que os Parochianos lhes querem dar arbitraria, e espontaneamente.

Todos os Parochos das Freguezias de Serra acima devem ter, e conservam cavallos promptos (no que fazem não pequena dispeza) parà acudir aos seus Parochianos enfermos, e administrar-lhes os Sacramentos, andando para isso muitas vezes a distancia de sette, dez, vinte, e mais leguas por caminhos asperos, e montuozos, conforme a situação, e limites de suas respectivas Parochias: por isso neste Bispado só servem para este Ministerio Clerigos moços, robustos, e de saude vigorosa, que muitas vezes se estragam por estas indispensaveis, e violentas viagens; e carecem ter Coadjutores de igual vigor, e robustez; ainda que muitos lhes não podem fazer congrua; porque as suas Igrejas não dão para isso.

Relação individual de cada huã das Igrejas do Bispado

SÉ

Compoem-se o Cabido desta Cathedral de quatro Dignidades, dés Canonicatos, e doze Capellanias.

A primeira Dignidade hé de Arcediago, que occupa Matheus Lourenço de Carvalho, natural de Villa-ova da Cerveira, Arce-Bispado de Braga de idade de

setenta, e sinco annos (1). Estudou Filosofia, e Theologia no Seminario daquella Igreja Primaz; por opposição foi provido por S. Magestade Vigario da Matriz desta Cidade de S. Paulo, antes de ser erecta em Cathedral; motivo porque na creação do Bispado lhe deo esta primeira Dignidade o Snr. Rey D. João Quinto de gloriosa memoria. Hé homem muito exemplar, douto, excessivamente esmoller, incansavel na residencia do Coro, não lhe obstando a sua crescida idade, e tem todas as qualidades, que constituem hum perfeito sacerdote. Cobra da Fazenda Real quatrocentos mil reis de Congrua, como consta da Relação junta, assignada pelo Escrivão da Fazenda.

A segunda é de Arciprete, que obteve de S. Magestade na representação, que fez o Bispo D. Fr. Antonio da Madre de Deos Galvão, Paulo de Souza da Roxa de idade de sincoenta, e sinco ãnos, natural de Viana do Minho no Arcebispado de Braga, sendo já Conego desta Igreja, a q'. se oppos no Regio Tribunal da Meza de Consciencia, e Ordens. Hé bom Theologo Moralista, e Pregador: m.to zelozo do culto, e decencia da Igreja Cathedral, em que mandou fazer a sua custa hum majestoso Altar do Patriarcha S. José. Tem de congrua, que lhe dá a Real Fazenda trezentos, e vinte mil réis.

A terceira hé de Xantre, que defruta nesse Reyno, há mais de sete annos, Manoel de Jesú Pereira (2).

---

(1) Foi por algum tempo governador do Bispado por procuração do bispo D. Antonio da Madre de Deus Galvão e depois por morte deste bispo.

(2) Governou o bispado como vigario capitular por vezes, em 1750 e em 1765, a primeira por morte d-

que me dizem ser Baixarel formado em Canones, natural da Villa de Soure, ou das suas vizinhanças; e não me consta, que tenha licença de S. Magestade para huã tão diuturna auzencia do seo Beneficio.

A quarta hé de Thezoureiro Mor, que está vaga desde Março de mil setecentos, e secenta e sinco por falecimento do seu Possuidor Manoel Vilella Bueno.

CANONICATOS

O primeiro hé de Luiz Teixr.ª Leitão natural da Villa, e Prassa de Almeida, que veio na companhia do primeiro Bispo desta Diocese D. Bernardo Rodrigues Nogueira.

Tem de idade sincoenta, e oito annos: hé muito exemplar, e rezidente no Coro, de tal sorte, que poucos dias do anno aproveita dos seus Estatutos; exerce as funçoens do seu Ministerio com muita decencia, e perfeição, tendo congrua da Real Fazenda, duzentos e quarenta mil réis, como cada hu dos mais Conegos.

O segundo hé de João Rodrigues Paes, natural da Villa de Santos deste Bispado, de idade de setenta annos: padece de grande demencia, cauzada de queixas graves; assiste sempre ao Coro, porém não póde celebrar o Santo Sacrificio da Missa, nem officiar as Horas Canonicas.

O terceiro hé de José Rebello Pinto, natural desta Cidade, de idade de quarenta e tres annos. Estudou

---

Bernardo Rodrigues Nogueira e a segunda por morte do bispo Antonio da Madre de Deus Galvão.

(N. da R.).

com grande aproveitamento Filosofia, Theologia, e Rethorica; exercita o Ministerio de Orador Evangelico com acceitação. Hé incansavel na rezidencia do Coro, perfeitissimo no Altar, e Celebração dos Officios Divinos; zeloso da decencia, e ornato da Sé, em que fez á sua custa, e com a sua agencia huã sumptuoza Capella de S. João Nepomuceno correspondente á de S. Jozé.

O quarto hé de Faustino Xavier do Prado, natural de Mogy das Cruzes deste Bispado, de idade de secenta e oito annos. Hé bom Moralista, exemplar, esmoler, devoto, e de rigoroza rezidencia no Coro. Fes hum Altar á sua custa de N. Snr.ª dos Dores com igual magnificiencia, e custo, que os referidos acima na mesma Igreja.

O quinto hé de Lourenço Claudio Moreira de idade de quarenta e tres annos, natural da Villa de Alemquer no Patriarchado de Lisboa. Hé exemplar, e muito perfeito nas obrigações do seo Ministerio.

O sexto hé de Antonio de Toledo Lara, natural desta cidade de S. Paulo, de idade de secenta annos (1). Hé Filosofo, e Theologo; porem as continuadas vertigens, que padece, e a grande apprehenção das graves enfermidades, de que se queixa, o impedem celebrar o Santo Sacrificio da Missa á mais de sete annos, e o fazem fugir da residencia do Coro.

(1) Pertencia ás mais illustres familias da capitania, como os *Lara*, *Taques*, *Toledos*, *Proenças*, que tanto figuraram na historia colonial de S. Paulo; era tio carnal do general Arouche e do desembargador Diogo de Toledo Lara Ordonhes.

(N. da R.).

O setimo está vago por morte de Thomé Pinto, que faleceo em 29 de Junho de mil setecentos, e setenta hum.

O oitavo está vago, por dezistencia de Antonio de Torres, e Cunha, natural do Reyno, e actualmente Advogado no Rio de Janeiro, que mandando tomar posse, nunca teve rezidencia.

O nono está vago, por dezistencia, que fez no Regio Tribunal da Meza da Consciencia, e Ordens, Manoel Jozé Vaz, que assiste nesse Reyno, junto da Cidade de Aveiro.

O decimo está vago por outra igual dezistencia de Feles Martins de Araujo, que conseguindo licença deste Cabido para passar ao Reyno com o pretexto de se formar na Universidade de Coimbra, depois que o conseguiu melhorou de Beneficio no Bispado de Penafiel.

Informação dos Clerigos mais benemeritos, que pertendem os canonicatos vagos, conforme ás ordens da Rainha Nossa Senhora.

1

João Ferreira de Oliveira Bueno de idade de trinta e cinco annos, natural da Villa de Santos deste Bispado, e Baixarel formado em Canones pela Universidade de Coimbra. Bom Moralista, Pregador, e muito instruido (1). Tem sido Promottor, e Procurador da

(1) Era descendente de Amador Bueno, foi por muitas annos thesoureiro da Sé desta capital, membro do Governo Provi-

Mitra deste Bispado, e hé actualmente Vigario Encomendado da Matriz da Villa de Santos, e Vigario da Vara da mesma Comarca, muito exemplar, e zelozo do Serviço de Deus.

2

Antonio Jozé de Abreu de idade de quarenta e sinco annos, natural desta Cidade de S. Paulo, Filosofo, e Theologo perfeito, e não menos Canonista, e Legista. Foi Parocho na Villa de Guaratinguetá das principaes desta Capitania, Vizitador do Bispado, e actualmente Cura da Sé, Promottor, e Procurador da Mitra. Homem serio, recto, zeloso, e excellente Pregador (1).

3

Firmiano Dias Xavier de idade de quarenta e sete annos, natural desta Cidade de S. Paulo, Filosofo, e Theologo, bom Pregador, Foi Vigario de Guaratinguetá, Vizitador do Bispado, e tem servido outros empregos com rectidão, e bom exemplo.

4

Manoel da Cruz Lima de idade de quarenta annos, natural da Villa de Curitiba deste bispado: bom Filosofo, Theologo, e melhor Pregador, de edificantes cos-

---

sorio em 1822; viajou pelos rios Tieté e Paraná em catechese de indios e escreveu *Memorias* que foram publicadas na *Revista* do Instituto Historico Brazileiro.

(1) Azevedo Marques, nos seus *Apontamentos Historicos*, dá uma noticia sobre este sacerdote e diz que era nascido em Portugal e formado em Coimbra, sendo de extranh[illegible] bispo D. Manoel não soubesse disto.

(*N. da*

tumes; hé actualmente Vigario amovivel da Freguezia da Cutia.

5

Jozé Xavier de Tolledo de idade de quarenta annos, natural deste Bispado, foi Vigario de Mogy-mirim, Cura da Sé, e actualmente Vigario da Igreja da Villa de S. João de Atybaia. Hé Clerigo douto com aproveitamento grande no estudo da Theologia Dogmatica, e Moral, Edificante Pegador, bem morigerado, e exemplar.

6

Gaspar de Souza Leal de idade de secenta, e oito annos, natural da Cidade do Porto. Veyo do Reyno para esta Capitania no tempo da ereção, e creação deste bispado, e logo o primeiro Bispo D. Bernardo Rodrigues Nogueira se serviu delle, dando-lhe empregos, e Igrejas. Foi Vigario de Guaratinguetá, Vizitador do Bispado, e Cura da Sé; e actualmente hé Vigario Geral, Provizor, Juiz dos Casamentos, e das Justificaçoens de genere. Hé bem morigerado, e exemplar.

Outros mais são Oppozitores a estes Canonicatos vagos, com serviços, e qualidades, que desde a morte do Bispo meo Antecessor D. Fr. Anionio da Madre de Deos Galvão, que faleceo em desanove de Março de mil e setecentos e secenta e quatro, allegam elles, e tem requerido ao Regio Tribunal da Meza de Consciencia, e Ordens; mas Eu os julgo com muito menos merecimento, do que os acima referidos, como mostrarei na informação de cada hum nos lugares das suas mo-
[illegible]s.

Relação das Capellanias da Sé que são de cincoenta mil réis cada huã pagos pela Fazenda Real

Hé tão grande a falta de Sacerdotes neste Bispado, que sendo doze as Capellanias do Coro da Sé, são sómente seis Presbiteros, e alguns destes, decrepitos, e ineptos para o imprego de cantores; e os outros seis uzam somente de coroa de licença para se satisfazerem os Officios Divinos. Os que actualmente servem, são os seguintes.

1

Mathias Alvares Torres, natural da Freguezia de Santo Amaro deste Bispado de idade de setenta, e seis annos; supposto que foi bom Cantor, está já quazi decrepito.

2

Bento Jozé Leite Presbitero, natural de Basto no Arcebispado de Braga de idade de secenta, e quatro annos, serve de Mestre das Serimonias, em que hé muito perito.

3

Ignacio de Azevedo Sylva, Presbitero, natural da Freguezia de Nazaré deste Bispado, de idade de sincoenta annos, muito bom Cantor, e sabe sufficientemente Moral. Requereo ao Regio Tribunal da Meza de Consciencia, e Ordens com os seos papeis de merecimentos por ser Conego, patrocinado por D. Luiz Antonio de Souza, Governador, e Capitão General, que desta Capitania.

4

Jozé Joaquim da Sylva, Presbitero, natural desta Cidade de idade de trinta e seis annos nem tem boa voz, nem sabe Cantoxão, e se conserva neste lugar por falta de Sacerdotes.

5

Cipriano Fernandes da Sylva, Presbitero, natural desta Cidade, de idade de quarenta, e dous annos, com as mesmas qualidades, que tem o antecedente.

6

Jozé Correa de Oliveira, Presbitero, natural da Villa da Conceição de Itanhãe deste Bispado, de idade de quarenta, e cinco annos com os mesmos predicados, que os dous acima referidos.

7

Antonio de Oliveira com coroa de licença, natural desta Cidade, de idade de trinta, e sinco annos. Hé optimo Cantor pela sua sciencia, e voz, tanto no cantoxão, como no Canto de Orgão. Serve de Sub-Xantre, e hé bem morigerado.

8

Joaquim Barboza com coroa de licenca, natural da Freguezia de Santo Amaro deste Bispado, de idade de trinta, e dous annos. Hé bom Cantor pela sua sciencia e voz, e de louvaveis costumes.

9

Fernando Antonio com coroa de licença, natural Villa de S. Vicente deste Bispado, de idade de

vinte, e nove annos. Hé sufficiente Cantor, e bem procedido.

10

Francisco Xavier de Mello com coroa de licença natural desta Cidade, de idade de vinte, e tres annos. Tem boa voz; porém sabe pouco Cantoxão, hé de bons costumes.

11

Feles Jozé de Oliveira, Tonçurado pelo Bispo, meo Antecessor, natural desta Cidade, de idade de trinta annos. Hé pertendente á Ordens Sacras, como no seo lugar informarei.

12

Francisco Jozé de São Payo, com coroa de licença, natural desta Cidade de idade de vinte, e oito annos. Hé pertendente á Ordens Sacras, e benemerito, como os mais, que adiante informo.

Relação dos Ordinandos, que se acham promptos p.ª receber Ordens Menores, e Sacras

1

Francisco Xavier de Passos natural da Villa de Santos deste Bispado, de idade de trinta e sinco annos.

2

Feles Jozé de Oliveira, Capellão da Sé, sabe m.to bem cantoxão, e canto de Orgão, e tem excello tenor.

3

Francisco Jozé de S. Payo capellão da Sé tem boa voz e sabe bastantemente cantoxão.

4

Maximo da Sylva Granito, natural da Freguezia do Facão deste Bispado de idade de trinta annos.

5

Domingos Jozé Coelho, natural da Villa de Santos deste Bispado de idade de vinte, e seis annos.

6

Manoel Jacinto de S. Payo, natural desta Cidade, de idade de vinte, e nove annos.

7

Francisco Pinto Guedes natural da Villa do Cuyabá Bispado do Rio de Janeiro, e Compatriota deste, de idade de trinta e hum annos.

8

Joaquim da Costa Rezende, natural da Villa de Parnaguá deste Bispado, de idade de trinta, e tres annos.

9

Jozé de Freitas Sylva, natural da Colonia, Bispado do Rio de Janeiro, e compatriota deste de idade de inte, e tres annos.

10

João Rodrigues, natural da Villa de Mogy das Cruzes deste Bispado, de idade de vinte, e sinco annos.

Todos estes déz Pertendentes estudarão com aproveitamento, tres annos Filosofia, e outros tres, Theologia Escholastica nas Aulas dos Religiozos Franciscanos desta Cidade, antes que eu chegasse á ella; e depois frequentarão os Estudos de Theologia Moral, e Dogmatica com o mesmo aproveitamento outro trienio; e agora todas as tardes na minha prezença dão lição de Escriptura Sagrada, e fazem conferencias de Moral, á que Eu prezido: e desta sorte estão muito habeis, e benemeritos, tambem pelos seus exemplares costumes, de serem ordenados, dando-me licença a Raynha Nossa Senhora.

Tambem os quatro seguintes completarão o seu trienio de Filosofia, e entrarão no Estudo de Theologia Dogmatica, e se distinguem muito entre os seos companheiros, tanto na letras, como nas virtudes, e se fazem dignos da mesma graça.

1

Manel Lescura Banher, natural da cidade de Lisboa de idade de vinte, e hum annos, meo Familiar, e Mestre de Serimonias.

2

Manoel Negrão, natural da Villa de S. [illegible] de idade de vinte, e quatro annos.

3

Manoel Gomes de Loureiro, natural da Villa de Santos deste Bispado, de idade de vinte, e hum annos.

4

Manoel Marques de Miranda, natural da Villa de Guaratinguetá deste Bispado, de idade de vinte, e dous annos.

RELAÇÃO
das Parochias de todo o Bispado de S. Paulo

PRIMEIRA

Tem esta Cidade, e seos Suburbios huã só Freguezia, chamada da Sé. Hé Curato amovivel. Serve actualmente este emprego Antonio Jozé de Abreu, Clerigo douto, exemplar, e benemerito, como já informei. Tem de Congrua annual sincoenta mil réis, pagos pela Real Fazenda. O pé do Altar rende huns annos por outros trezentos mil réis cobraveis, pouco mais, ou menos, pelo que se vê, que tem este Paroco por tudo trezentos, e sincoenta mil réis.

Hé Coadjudor Bartholomeo de Carvalho Pinto de idade de trinta, e sinco annos. Cobra da Fazenda Real de Congrua vinte, e sinco mil réis; e por ser muito diminuta esta, lhe dá mais o Cura cada anno secenta réis, attendendo ás despezas da Cidade, que para o, e vestiario são maiores, e tambem excesivos

o trabalho. Os clerigos moradores nesta Freguezia são os seguintes, além do Cabido, e Capelaens Sacerdotes.

Gaspar de Souza Leal, Vigario Geral, e Provizor, de quem já fiz mensão acima.

Valentim de Quadros Aranha, de idade de quarenta annos, natural da Villa de Ytú deste Bispado, Escrivão da Camara Episcopal, e meo Capellão familiar. Sabe sufficientemente Moral.

Jozé Barboza de Lima, natural desta Cidade de idade de quarenta, e sinco annos: hé Escrivão do Auditorio, muito bem procedido, porém sem merecimentos, nem capacidade de Parochiar.

Manoel de Figueiredo Castelo Branco, natural do Reyno, de idade de oitenta, e dous annos. Decrepito.

João Domingues, natural desta Cidade, de idade de setenta e dous annos. Decrepito.

Policarpo de Abreu Nogueira, natural da Villa de Muge no Patriarcado de Lisboa de idade de sesenta annos. Hé pertendente aos Canonicatos com os serviços de duas Vizitas do Bispado, ser actualmente Confessor ordinario das Recolhidas de Santa Thereza desta Cidade, seo Bemfeitor, e outros serviços semelhantes.

Gaspar de Freitas Trancozo, natural da Villa de Parnaguá deste Bispado, de idade de sincoenta, e seis annos: sabe sufficientemente moral, e tem sido Vigario em tres Freguezias: hé tambem oppozitor aos Canonicatos (1).

---

(1) Era da familia Aronche Rendon, assim como o coronel Anastacio de Freitas Trancoso, que foi membro do go
S. Paulo em 1823.

(N. da

Antonio Rodriguez Villares, natural desta Cidade, de idade de sincoenta annos. Sabe muito bem Moral: porém não pode ser Paroco, pelos axaques, continuos, e indiscretos escrupulos, q'. não pode vencer.

João Domingues Tiburcio, Natural desta Cidade, de idade de sincoenta annos, Mestre de Grãmatica Latina dos Meninos do Coro; nunca estudou Moral, nem pode ter outro prestimo, q'. não seja o referido.

Gaspar de Sales Ribeiro, natural desta Cidade, de idade de quarenta, e sinco annos, foi Jesuita. Hé home muito douto, circunspecto, e exemplar, e bom Pregador; porém não pode parochiar, porque lança sangue pela boca, tanto que faz algum excesso. Hé pertendente aos Canonicatos.

Manoel Esteves Correa, natural desta Cidade de idade de trinta e seis annos, Clerigo douto, e bem procedido; porê actualmente padece huã grave molestia de olhos, de que já perdeo hum. Hé pertendente aos Canonicatos.

Francisco Xavier Monteiro, natural desta Cidade de idade de trinta e sinco annos. Hé maniaco, e por isso incapaz de qualquer emprego.

José Joaquim Monteiro de Mattos, natural desta Cidade de idade de trinta, e quatro annos, das principaes Familias desta Capitania, porq'. hé f.º do Coronel Francisco do Rego, e por este motivo hé pertendente aos Canonicatos (1).

---

(1) Era irmão do brigadeiro Joaquim José Pinto de Moraes [illegible]ne e pertencia a alta aristocracia. Vide Annexo *W* do vol. I *Archivo do Estado de S. Paulo.*

(N. da R.).

Salvador de Camargo Lima, natural desta Freguezia de idade de sincoenta e dous annos. Sabe bem Moral; tem sido Paroco alguãs vezes com edificação dos povos, e hé tambem pertendente aos Canonicatos.

Ignacio Xavier Moreira Penteado natural desta Cidade, de idade de secenta annos. Hé douto, exemplar: tem sido muitos annos Vigario de alguãs Igrejas com grande aproveitamento das Almas, e louvor dos povos: porém pelos seos annos, e molestias não pode já exercer semelhantes empregos.

Luis Pedrozo de Almeida, natural desta cidade de idade de sincoenta, e quatro annos; suspenso do exercicio de suas Ordens por cauza de um escandalozo axaque, que padece, que hé incuravel.

Francisco Pedrozo de Almeida, Irmão do antecedente, de idade de sincoenta, e dous annos, acha-se actualmente criminozo.

Joaquim Pedrozo de Almeida, Irmão dos dous acima referidos, de idade de sincoenta annos, hé inhabil para curar almas, pelo seo mao genio, altivez, valentias, e outras semelhantes dezordens.

Jozé Rodrigues de Orta natural desta Freguezia de idade de sincoenta annos. Hé habitualmente enfermo de hum defluxo asmatico, q'. o impede sahir de huã caza.

Segunda Parochia

Villa de Mogy das Cruzes

Hé actual Vigario Collado desta Freguezia, por opozição q'. fes no Regio Tribunal da Meza da Consciencia, Antonio Gonçalves Torres, natural do Reyno de idade de secenta annos. Tem de congrua annual cem mil réis, e para guizamentos vinte e tres mil novecentos e vinte e sinco reis, tudo pago pela Real Fazenda. O pé de Altar, e benezes rende huns annos por outros cento e sincoenta mil réis cobraveis; pelo que se vê que rende esta Igreja para o Paroco duzentos, e sincoenta mil réis. Não tem Coadjutor por falta de Sacerdotes, suposto que dentro desta Freguezia more Joaquim da Cunha Lobo, Presbitero, natural deste Bispado de idade de sincoenta, e quatro annos, porque não tem genio, nem capacidade para curar Almas.

Terceira Parochia

Villa de Parnahiba

Hé actual Vigario Collado desta Freguezia Manoel Mendes de Almeida, Baixarel formado pela Universidade de Coimbra, natural da Cidade do Rio de Janeiro, de idade de oitenta e tres annos, quazi Decrepito. Tem de congrua annual duzentos mil réis, e para guizamentos vinte e tres mil novecentos, e vinte e sinco réis, tudo pago pela Real Fazenda; e assim tem este Vigario de rendimento ao todo, trezentos, e vinte mil réis, pouco ou menos. Hé seo Coadjutor Joaquim Elias Mo- de idade de trinta, e sinco annos, natural desta

Cidade, que tem de Congrua vinte e sinco mil réis, pagos pela Real Fazenda, e outra igual porção, que lhe da o Vigario Collado. Sabe sufficientemente bem Moral, hé zelozo, e de bons costumes. Acha-se tambem morador desta Freguezia o Padre Felippe de Santiago, natural deste Bispado de idade de secenta e dous annos. Sabe bastantemente Moral; porem não tem paciencia, nem genio para curar Almas.

Quarta Parochia

Villa de Atibaya

O Vigario actual desta Freguezia hé amovivel, porque não hé Igreja Collada, e nem tem Congrua da Real Fazenda. O seo actual Paroco hé Jozé Xavier de Tolledo, clerigo douto, e benemerito, como já dice na particular informação dos Pertendentes aos Canonicatos. As conhecenças, que lhe paga o povo, e o pé de Altar rendem annualmente pouco mais ou menos, duzentos e sincoenta mil reis, de que paga tambem ao Coadjutor, que lhe hé percizo pelas grandes distancias, que actualmente hé Roque Gonçalves, natural deste Bispado, de idade de quarenta annos, pouco capaz para o Ministerio, q'. occupa por falta de Sacerdotes. Na mesma Freguezia vive, e hé natural Jeronimo de Camargo Presbitero de idade de sincoenta annos, e suposto sabe sufficientemente Moral, não se quer sujeitar ao Ministerio de Paroco, alegando motivos, q'. o impossibilitão.

Quinta Parochia

Villa de Jundiahy

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, porq'. não hé Igreja Collada, nem tem Congrua da Real Fazenda, Hé actualmente Vigario della Ignacio Paes de Oliveira. natural deste Bispado de idade de sincoenta e quatro annos. As conhecenças, que cobra do povo, e o pé de altar, rendem annualmente duzentos mil reis cobraveis pouco mais ou menos; não tem Coadjutor, nem Sacerdote algum Secular esta Freguezia, sendo muito extensa, e entre mattos.

Sexta Parochia

Povoação de Santo Amaro (1)

O Vigario actual desta Igregia hé amovivel, porque não é collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo actual Vigario hé Diogo Rodrigues Sylva, natural da Villa de Santos, de idade de trinta e dous annos. As conhecenças, e pé de altar rendem annualmente cento e sincoenta mil reis cobraveis, não tem Coadjutor, e nesta Freguezia não há Sacerdote mais algum.

---

(1) Elevada a villa em Julho de 1832; fica a 18 kilometros capital por estrada de ferro.

(N. da R.).

Septima Parochia

Povoação da Cutia

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, porque não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo actual Vigario hé Manoel da Cruz Lima, clerigo douto e benemerito, como já dice na Informação particular dos Pertendentes aos Canonicatos. As conhecenças, e pé de Altar desta Igreja rendem annualmente duzentos mil reis cobraveis, pouco mais ou menos. Não tem Coadjutor, morando dentro dos seos limites dous Sacerdotes, q'. são Rafael Antonio de Barros, natural deste Bispado de idade de secenta e dous annos, clerigo sabio, e virtuozo, porem pelos seos axaques habituaes, e muitos escrupulos inhabil para os Ministerios Parochiaes. E Agostinho Rodrigues de Almeida, de idade de trinta, e sinco annos, clerigo ignorante, e com imaginaçoens aerias, e incapaz de qualquer emprego.

Oitava Parochia

Povoação de S. Roque

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, porq'. não hé collada, nem tem congrua da Real Fazend. O actual hé Pascoal Correa Leite (1), natural deste Bispado, de

(1) Pertencia a uma importante familia *Correa Leite* de Parnahyba, de que tambem faziam parte o padre Lourenço Correa Leite, o coronel Francisco Correa de Moraes Leite e Antonio da Silva Leite. Estes dois ultimos foram capitães móres de Porto-Feliz. A familia é hoje muito numerosa, em Capivary, Tietó, Araraquara, Jahú e outros municipios.

(N. da R.).

idade de sincoenta ãnos. Sabe bastantemente Moral, hé de bons costumes, e zelozo. As conhecenças, e pé de altar rendem cem mil reis cobraveis, pouco mais ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum nos seos limites, que comprehendem muitos matos.

Nona Parochia

Povoação de Araçariguama (1)

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, porque não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O actual hé Antonio Ferreira de Meirelles, natural deste Bispado, de idade de quarenta e sinco annos. Hé sabio, bem morigerado, e zelozo. As conhecenças, e pé de altar poderão render annùalmente cem mil reis, pouco mais ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Decima Parochia

Povoação de Nazaré (2)

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, porque não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O actual hé Jozé da Sylva Ribeiro, natural deste Bispado, de idade de quarenta annos. As conhecenças, e pé de

---

(1) Povoação celebre nos seculos passados como residencia dos *Pompéo de Almeida* e só elevada a villa em 1874.

(2) Elevata a villa em 1850, tendo ficado como freguezia dois seculos.

(N. da R.).

altar rendem annualm.te cento, e oitenta mil reis. cobraveis pouco mais ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Undecima Parochia

Povoação de Juquiry (1)

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, porq'. não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O actual hé Faustino Xavier de Moraes, natural deste Bispado de idade de trinta, e sinco annos. Sabe sufficientem.te Moral, e hé de bons costumes. As conhecenças, e pé de altar rendem annualm.te cem mil reis cobraveis pouco mais ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Duodecima Parochia

Povoação da Conceição de Guarulhos (2)

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, porq.' não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O actual hé Jozé Lopes de Aguiar Romeiro, natural deste Bispado, de trinta e seis annos. Hé clerigo douto, bom Theologo, e excellente Pregador, de edificantes Costumes, muito zelozo do Culto de Deos, reedifica a sua

---

(1) Fundada pelos annos de 1600 e só elevada a villa em Março de 1889.

(2) Elevada a villa em 1880, tendo sido freguezia d[illegible] quasi dois seculos.

(N. da R.)

custa, e com a sua agencia as Igrejas, em q'. hé Paroco, e as alfayas sagradas, como fes nas q'. tem servido, e actualmente faz nesta. As conhecenças, e pé de altar rendem annualmente duzentos, e secenta mil reis cobraveis, pouco mais ou menos. Morão dentro dos limites desta Freguezia dous Sacerdotes: João Baptista de Azevedo, natural do Reyno de idade de sincoenta, e seis annos, que pelas suas molestias, e occupaçoens se não quer sujeitar ao Ministerio de Paroco: e João Manoel de Carvalho, natural tambem do Reyno, de idade de quarenta e seis annos, que não é idoneo para os Ministerios da Igreja.

Decima terceira Parochia

Povoação das Campinas (5)

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, porque não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O actual por falta de Clerigos seculares hé Fr. Antonio de Padua, Religiozo Franciscano da Provincia do Rio de Janeiro. As conhecenças, e pé de altar rendem sincoenta mil reis cobraveis annualmente pouco mais ou menos. Foi divida á tres annos da Freguezia de Jundiahy, a requerimento dos moradores, que ali viviam como irracionaes faltos de pasto espiritual por morarem dous dias de viagem, distantes do seo Paroco, e Igreja Matriz.

---

(5) Elevada a villa em 1797 com o nome de S. Carlos e a ade em 1842, voltando a chamar-se Campinas.

(N. da R.).

Decima quarta Parochia

Povoação de Jaguary (1)

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, porq'. não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O actual hé Bernardo de S. Payo Barros, natural deste Bispado de idade de quarenta annos. Hé Clerigo bem morigerado, mas pouco sabio, embaraçado, e sem zelo algum da decencia do Culto de Deos. Eu o conservo, por não ter Sacerdote capaz, q'. ponha neste lugar; porque hé Igreja de pouco rendimento, e muito trabalho, custoza de parochiar, por morarem os Freguezes entre Matos, e em distancias grandes. As conhecenças e pé de altar rendem annualmente cem mil reis cobraveis pouco mais, ou menos; não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Missoens de Indios, q'. ficam dentro desta mesma Com.ca Ecclesiastica, que se chama da Cidade.

MBôy (2)

Hé Paroco desta Aldea Ignacio Rodrigues Barboza. natural deste Bispado de idade de secenta annos, hé muito exemplar, e zelozo. Do trabalho dos Indios, e rendimentos da Aldea se lhe fas congrua annual de secenta mil reis para sua sustentação, e guizamentos;

---

(1) Elevada a villa em 1797 com o nome de Bragança e a cidade em 1856.

(2) E' ainda hoje freguezia e districto de paz pert ao municipio de Itapecerica.

(N. da

porem há muita falencia no pagamento desta limitada porção.

Itapecerica (1)

Hé Paroco desta Aldea André Frazão, Clerigo sabio, e exemplar, natural deste Bispado, de idade de secenta años. Os Indios della prometterão sustenta-lo.

Carapicuiba (2)

Hé Paroco desta Aldea Fr. Joaquim Mariaño de Medeiros, Religiozo Mestre Franciscano, sustenta-se como pode.

Taquaquycetuba (3)

Hé Paroco desta Aldea Fr. Fernando de S. Jozé Menezes, Religiozo Franciscano, sustenta-se das esmolas, que pede.

No tempo em que foram expulsos destes Dominios os extinctos Jesuitas, ordenou S. Magestade, que o Vice

---

(1) Desmembrada do municipio de Santo-Amaro e elevada a villa por lei provincial de 8 de Maio de 1877.

(2) Era propriedade de Affonso Sardinha, que a legou aos jesuitas de S. Paulo pelos annos de 1615, com os escravos e indios que a cultivavam. Confiscada pelo marquez de Pombal, foi annexada aos bens da corôa com a colonia de indios que ahi havia e que teve por director espiritual o illustre jesuita Bechior de Pontes. A colonia desappareceu e o territorio é hoje devoluto com alguns intrusos.

(3) Povoação ainda hoje insignificante, sobre a margem esquerda do Tieté e pertencente ao municipio e comarca de Mogy das Cruzes. Foi tambem propriedade dos jesuitas, sestrada pelo marquez de Pombal e annexada á corôa por neza.

 (N. da R.).

Rey do Estado, e Capitaens Generaes arbitrassem, e dessem congruas sufficientes aos Parocos, que puzessem nellas os Ordinarios; porem executando-se assim no Rio de Janeiro, nunca D. Luis Antonio de Souza o quis fazer, ficando os Sacerdotes nesta pura necessidade, e o Ordinario sem poder achar quem se queira sacrificar a trabalho grande, sem ter que comer.

As seguintes Freguezias pertencem à Comarca da Vigararia da Vara da Villa de Guaratinguetá.

Decima quinta Parochia

O Vigario da Matriz desta Villa de Guaratinguetá hé amovivel, porque não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé João Franco da Rocha, natural desta Cidade, de idade de cincoenta annos. Sabe bem Moral, e hé muito virtuozo. As conhecenças, e pé altar rendem annualmente quatrocentos mil reis cobraveis, pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor, porque morreo o que occupava este emprego. Morão nesta Villa, e Freguezia os Sacerdotes seguintes:—Francisco Angelo Xavier de Aguirre, de idade de setenta, e dous annos, hé Vigario da Vara douto, virtuozo, mas quazi Decrepito. João de Moraes Aguiar, natural deste Bispado de idade de setenta annos. Sabe magistralm.te Theologia Moral. Foi muitos annos Vigario desta Igreja com grande aceitação, e louvor, mas pelos seos annos. e molestias não pode ja servir os Ministerios Ecclesiasticos. Jozé Soares Leite, natural deste Bispado de idade de secenta, e oito annos pelas suas continuas molestias está inhabil para tudo. Izidoro Rodrigues Leite, natural deste
de idade de quarenta e quatro annos, não tem

nem prudencia para o Confissionario, e por isso inhabil para o Ministerio Parochial. Firmino Dias Xavier, natural desta Cidade, Clerigo muito douto, como já dice na Informação particular dos Pertendentes aos Canonicatos.

Decima sexta Parochia

Villa de Pindamonhangaba

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porque não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé Jozé de Andrade Sylva, natural da mesma Villa, de idade de quarenta annos. Sabe sufficientem.te Moral, e hé bem morigerado. As conhecenças, e pé de altar rendem annualm.te cento e trinta mil reis cobraveis pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor, por falta de Sacerdotes. Acha-se no termo desta Villa na Capella do Rozario o Presbitero Jozé Correa Leite, de idade de secenta e cinco annos, que só serve para dizer Missa na dita Capella.

Decima septima Parochia

Villa de Taubaté

O Vigario desta Igreja hé collado, que levou por concurso Pedro da Fonseca Carvalho, natural da mesma Villa, de idade de setenta e sete annos; está quazi demente, e sem Coadjutor, por falta de Sacerdotes. Os Religiosos Franciscanos desta Villa suprem as faltas com zelo, e amor de Deos. Tem de congrua sincoenta mil reis, e vinte e tres mil novecentos

e vinte sinco reis para guizamentos, pago tudo pela Real Fazenda. O pé de altar rende duzentos mil reis cobraveis, pouco mais, ou menos: pelo que se vê que ao todo tem este Paroco duzentos e sincoenta mil reis. Nesta Villa morão dous Sacerdotes, ambos decrepitos, ou quazi entrevados: Timoteo Correa de Toledo de idade de setenta e quatro annos (1); e Caetano de Araujo Filgueiras da mesma idade, que já não servem para couza alguã.

Decima oitava Parochia
Villa de Jacarehy

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porque não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco hé Antonio Ribeiro de Serqueira, natural desta Cidade, de idade de quarenta, e quatro annos. Sabe

(1) Timotheo Correa de Toledo era filho de João Vaz Cardoso e de Anna Ribeiro Rodovalho, filha de D. Simão de Toledo Piza.

Casou-se em Taubaté com D. Ursula Isabel de Mello e teve oito filhos, dos quaes os dois mais velhos, padre Carlos Correa de Toledo e Luiz Vaz de Toledo Piza, foram companheiros de Tiradentes na *Inconfidencia* de Minas-Geraes, sendo o primeiro deportado para Portugal e o segundo perpetuamente degredado na costa da Africa.

O quarto filho foi frei Antonio de Santa Ursula Rodovalho, religioso capuchinho, nomeado bispo de Angola e notavel orador sagrado.

Tendo perdido sua esposa, Timotheo Correa de Toledo tomou ordens e tornou-se clerigo do habito de S. Pedro, e quando disse a sua primeira missa foi ajudado pelos dois filhos que já eram sacerdotes, padre Carlos e frei Antonio. Foi vigario de Pindamonhangaba e quando já muito velho retirou-se para Taubaté, onde falleceu pelos annos de 1780.

(N. da R.

sufficientemente Moral, e hé Pregador; mas tem genio acre, e inquieto, suposto que de bom procedimento: Eu o sofro por necessidade. As conhecenças, e pé de altar rendem duzentos mil reis cobraveis pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Decima nona Parochia

Villa nova de S. Jozé da Parahiba (1)

Esta Igreja foi huã Missão de Indios dos extinctos Jesuitas. D. Luis Antonio de Souza sendo General desta Capitania a fes Villa, não tendo esta Povoaçãó as condiçoens, que requerem as Ordems Regias. O seo Vigario hé amovivel, porque não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda, o Paroco actual hé Antonio Jozé de Mendonça, natural de huã das Ilhas dos Açores, de idade de quarenta, e sinco annos, serve esta Igreja por não ter mais Sacerdotes idoneos.

Vigesima Parochia

Povoação da Piedade (2)

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porq'. não hé collada, nem tem Congrua da Real Fazenda. O seo

(1) Foi arraial de indios, formado em terras pertencentes aos jesuitas; annexado á corôa, foi elevada a villa em 1767 e a cidade em 1864. Tem hoje o nome de *S. José dos Campos*, está sobre a margem direita do Parahyba e é servida pela Estrada Central do Brazil.

(2) Elevada a villa em 1788 com o nome de *Lorena* em honra do então capitão-general D. Bernardo José de Lorena, a cidade em 1856. Está na margem direita do Parahyba, vida pela Estrada de Ferro Central.

(N. da R.).

Paroco actual hé André Bernardes de Gusmão, natural deste Bispado, de idade de quarenta, e quatro annos. Sabe sufficientem.te Moral, e hé bem procedido. As conhecenças, e pé de altar rendem cento e secenta mil reis cobraveis pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor. Acha-se nesta Freguezia o Sacerdote Jozé Gomes Sandim, natural deste Bispado de idade de quarenta annos. Sabe sufficientem.te Moral, hé bem morigerado, e ajuda gratuitam.te ao Vigario.

Vigesima prima Parochia

Arrayal de Itajubá

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porq'. não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O Paroco actual hé Jozé Roiz. Bueno, natural desta Cidade, de idade de sincoenta annos. Hé bem morigerado, e sabe sufficientem.te Moral. As conhecenças, e pé de altar rendem oitenta mil reis cobraveis, pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor, nem outro algum Sacerdote.

Vigesima segunda Parochia

Povoação do Facão (1)

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porq'. não hé collada, nem tem Congrua da Real Fazenda. O seo

(1) Elevada a villa em 1785 com o nome de *Cunha*, em honra do capitão-general Francisco de Cunha Menezes, e a cidade em 1850.

(N. da R.).

actual Paroco hé Francisco Bicudo de Sequeira, natural desta Cidade, de idade de trinta, e seis annos. Sabe sufficientem.te Moral; hé modesto, e edificante. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualm.te duzentos mil reis pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor. Mora nos limites desta Freguezia, posto q'. longe na sua naturalidade o Sacerdote Floriano de Toledo, de idade de sincoenta annos, com pouca sciencia, e capacidade para o Ministerio Parochial; e Antonio Jozé, da mesma idade: douto, e exemplar.

Vigesima terceira Parochia

Povoação de S.ta Anna da Paralba nova (1)

Esta Freguezia está sem Paroco; porq'. seos moradores por poucos, e pobres não se atrevem a sustenta-lo. Administra-lhes os Sacramentos com grande difficuld.e e trabalho o Vigario da Piedade pela distancia grande de huã á outra Freguezia.

As seguintes Freguezias pertencem a Comarca da Vigrarria da Vara da Villa de Ytú.

Vigesima quarta Parochia

O Vigario da Matriz desta Villa de Ytú hé collado, e se chama João Manoel Machado Caldeira por oppo-

---

(1) Hoje Arêas, desmembrada de Lorena e elevada a villa 1816 e a cidade em 1857.

(N. da R.).

zição, que fez no Regio Tribunal da Meza da Consciencia, e Ordens, hé natural deste Bispado, de idade de sincoenta annos, Baixarel formado em Canones. Tem de congrua annual sincoenta mil reis, e para guizam.tos vinte e tres mil novecentos e vinte e sinco reis pagos pela Real Fazenda. O pé de Altar rende duzentos mil reis, pouco mais ou menos; pelo q'. se vê, que ao todo tem este Vigario duzentos e sincoenta mil reis. Elle sempre foi muito modesto, e acomettido de grandes vertigens; mas no principio deste anno lhe sobreveio gota serena, de que ficou quazi cego, e impossibilitado para celebrar, e administrar os Sacramentos. A requerimento lhe pús Vigario encomendado na mesma Igreja, Manoel da Conta Aranha Vigario da Vara da Comarca, clerigo muito douto, zelozo, bom Pregador, e com as qualidades de perfeito Sacerdote; hé natural da mesma Villa de idade de sincoenta, e sinco annos. O Coadjutor tem congrua de vinte e sinco mil reis, pagos pela Real Fazenda, alem da porção que lhe dá o Vigario. Hé actualm.te Coadjutor, por não haver outro clerigo habil, Angelo Paes de Almeida, natural da mesma Villa, de idade de sincoenta, e sinco annos; porem muito enfermo. Acham-se mais nesta Villa, e Freguezia os Sacerdotes seguintes:—Jozé Ferras de idade de quarenta annos, natural da mesma Villa, Clerigo perfeito, porem quazi cego por causa das bexigas; João Leite Ferras, Irmão do antecedente, tambem muito exemplar, porem pelas suas molestias não pode parochiar. Manoel de Arruda natural da mesma Villa de idade de setenta annos, sabio, e exemplar, mas já inhabil pelos seos annos, e molestias.

Vigesima quinta Parochia

Villa de Sorocaba

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porq'. não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé Jozé Manoel de Campos Bicudo, e Sá, natural da Villa de Ytú deste Bispado, de idade de quarenta annos, clerigo muito sabio, e virtuozo; mas igualm.te cheio de axaques. A Camara desta Villa lhe dá annualm.te oitenta mil reis de Congrua, que se ratea pelo povo. O pé de Altar rende cento e quarenta mil reis cobraveis, pouco mais, ou menos; pelo q'. se vê que tem este Paroco ao todo duzentos e vinte mil reis. Hé Coadjutor por falta de clerigo mais habil, e robusto Francisco de Moura, de idade de sincoenta annos, natural da mesma Villa. Hé sabio, e exemplar, foi Jesuita: pela sua crescida idade, e molestias em pouco ajuda ao Paroco, que está com a saude perdida pelas muitas confissoens, que tem esta Freguezia em distancia de déz, e mais legoas. Acham-se nella os Sacerdotes seguintes:—Rafael Tobias de idade de secenta annos, inhabil pela queixa de accidentes continuos. Jozé Paes de Almeida, de idade de trinta e sinco annos, sentenciado por crimes, que o inhabilitão para parochiar. Timoteo Leme de idade de oitenta, e sinco annos, totalm.te Decrepito.

Vigesima sexta Parochia

Villa nova de Itapetininga

O Vigario desta nova Igreja hé amovivel, porque não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé Paulo Severo de Morais, natural deste Bispado, de idade de sincoenta annos. Hé muito virtuozo, e sabe bastantem.te Moral. O povo se obrigou a fazer-lhe Congrua annual de oitenta mil reis, que hé muito mal paga pela indigencia dos Freguezes. O pé de Altar rende quando muito trinta mil reis cobraveis, pelo q'. se vê q'. ao todo tem este Paroco cento e déz mil reis. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Vigesima septima Parochia

Povoação de Araritaguaba (1)

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porq. não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé Ignacio Francisco de Moraes, natural desta Cidade; de idade de quarenta annos. Estudou Filozofia, e Theologia, sabe bem a Moral, prega com acceitação, hé bem morigerado, e zelozo. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualm.te duzentos e sincoenta mil reis cobraveis pouco mais ou menos. Não tem Coadjutor. Morão dentro dos limites desta

---

(1) Elevada a villa em 1797 com o nome de *Porto-Feliz*, por ser o grande porto de embarque para Cuyabá, e a cidade em 1858.

(N.

Freguezia dous Sacerdotes, ambos inhabeis para parochiar, pelas suas graves, e notorias enfermidades André de Medeiros Pereira, natural do Reyno, de idade de sincoenta, e sinco annos; e Thomé de Almeida Lara, natural deste Bispado, de idade de sincoenta años pouco mais ou menos.

Vigesima oitava Parochia

Povoação de Piracicaba (1)

Esta Freguezia está actualmente sem Paroco, por falta de Sacerdotes, e porq'. os seos poucos Moradores se não atrevem a sustenta-lo. Administra-lhes os Sacramentos o Vigario da Villa de Ytú, da qual dista vinte leguas.

As seguintes Freguezias pertencem á Comarca da Vigararia da Vara de Parnapanema.

Vigesima nona Parochia

O Vigario desta Freguezia de Parnapanema hé amovivel, porque não hé Igreja collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual, e tambem Vigario da Vara, hé Manoel de Barros, natural desta

---

(1) Era então colonia militar e logar de degredo para criminosos. Foi elevada a villa em 1823 com o nome de *Constituição* e a cidade em 1856. Voltou a ter o nome primitivo de *icicaba*, do rio que a banha. E' uma das maiores cidade do ...do.

(N. da R.).

Cidade, de idade de sincoenta, e oito annos. Hé bem morigerado, e sabe bastantem.te Moral. Não tem Coadjutor, nem mais algum Sacerdote.

Trigesima Parochia

Villa nova da Faxina

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porq'. não hé collada, nem tem Congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé Antonio Teixeira Chaves, natural deste Bispado, de idade de sincoenta, e sinco annos, sabe bastantem.te Moral, e hé de louvaveis Costumes; porem muito cheio de axaques habituaes, e se conserva por falta de Sacerdotes com bastante detrimento dos Freguezes. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualm.te cento e vinte mil reis cobraveis, pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Trigesima prima Parochia

Villa nova de Apiaty

O Vigario desta Freguezia, e nova Villa, hé amovivel, porque não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé Claudio Furquim Pedrozo de Alvarenga natural deste Bispado, de idade de quarenta, e oito annos, sabe bastantem.te Moral, e hé bem morigerado. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualm.te cento, e oitenta mil reis cobraveis, pouco mais, ou menos Hé precizo a este Paroco m vezes acudir aos enfermos moribundos na distanci

tres dias de viagem por caminhos pouco trilhados de espessos, e incultos matos, e muito infestados de onças e tigres. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Freguezias pertencentes á Comarca da Vigararia Vara de Mugi-mirim

Trigesima segunda Parochia

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porq'. não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual, e tambem Vigario da Vara, hé Antonio do Prado de Sequeira, natural deste Bispado, de idade de quarenta, e seis annos; hé sabio, e virtuozo. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualm.te cento e vinte mil reis cobraveis, pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Trigesima terceira Parochia

Povoação de Mogy-Guaçú (1)

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, porq' não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé Ivo Jozé Gordiano, natural desta Cidade de idade de quarenta e tres annos; sabe sufficientem.te Moral, e hé de bons costumes. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualmente cento e

---

(1) Foi freguezia por mais de um seculo e só foi elevada villa em 1877; pertence á comarca de Mogy-mirim e é serla pela Estrada de Ferro Mogyana.

(N. da R.).

sincoenta mil reis cobraveis, pouco mais ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Freguezias pertencentes á Comarca da Vigararia da Vara de Curitiba.

Trigesima quarta Parochia

A vigararia desta Villa de Curitiba hé collada; foi provido nella por concurso no Regio Tribunal da Meza da Consciencia, e Ordens, á mais de quarenta e sinco annos Manoel Domingues Leitão, natural do Reyno, da Villa da Redinha, de idade de oitenta e quatro annos. Dizem-me, que sabia pouco da Theologia Moral, e estou certificado, que tem sido muitas vezes accuzado, e convencido de crimes nas Vizitas por Uzurario, remisso em acudir aos enfermos, indecencias na administração dos Sacramentos, e outros delictos semelhantes. Não consta, que désse para sua Igreja em tantos annos de Paroco couza que lhe custasse hum só vintem; mas Eu o obriguei agora para contribuir com trezentos mil reis para a obra da Capella Mor, que totalmente se arruinou. Tem de Congrua duzentos mil reis, pagos pela Real Fazenda na Junta do Rio de Janeiro. O pé de Altar rende cento e oitenta mil reis cobraveis, pouco mais, ou menos. Pelo que se vê q'. tem este Paroco ao todo trezentos e oitenta mil reis. Pelos muitos anno, e incapacidade deste Vigario Colado serve de Paroco com o titulo de Vigario Coadjutor, e tambem Vigario da Vara, Domingos Rodrigues da Costa, natural deste Bispado, clerigo douto, e virtuo [illegible] tem mais Sacerdote algum.

Trigesima quinta Parochia

Povoação de S. Jozé de Curitiba (1)

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porq'. não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé Theodoro Jozé de Freitas, natural deste Bispado. de idade de trinta, e quatro annos, hé de bons costumes, e sabe sufficientemente Moral. As conhecenças, e pé de Altar rendem ãnualm.te cento, e trinta mil reis cobraveis, pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Trigesima sexta Parochia

Povoação de S.to Ant.o da Lapa

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porq'. não hé colada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé João da Sylva Reys, natural deste Bispado. de idade de quarenta, e quatro annos. Sabe sufficientem.te Moral, e hé bem morigerado. As conhecenças, e pé de Altar rendem cento, e oitenta mil reis cobraveis pouco mais ou menos, não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Trigesima septima Parochia

Povoação de Yapó (2)

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porque não hé colada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Pa-

---

(1) Hoje *S. José dos Pinhaes,* villa a poucos kilometros ao sul de Corityba.

2) Hoje cidade de *Castro,* pertencente ao Estado do ná.

(N. da R.).

roco actal por falta de Sacerdotes Seculares hé Fr. Jozé de Santa Thereza, Religioso Franciscano. As conhecenças, e pé de Altar rendem cento e vinte mil reis cobraveis pouco mais ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdode algum.

Freguezias pertencentes a Comarca da 'Vigararia da Vara de Santa Anna de Sapocahy

---

Trigesima oitava Parochia

O Vigario desta Igreja de S.ta Anna de Sapocahy hé amovivel, porq'. não hé collada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé Antonio Antunes de Campos, natural desta Cidade, de idade de quarenta annos. Hé douto, prega bem, e de louvaveis costumes. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualm.te duzentos mil reis cobraveis pouco mais ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Trigesima nona Parochia
Arrayal do Ouro fino

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porq'. não hé colada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé Francisco Rodrigues Penteado, natural desta Cidade, de idade de trinta e sinco annos. Tem muito pouca Sciencia, e menos merecimento; porem a falta de Sacerdote o pós neste Ministerio. As co. cenças, e pé de Altar rendem quando muito o

mil reis. Não tem Coadjutor, nem Sacerdote algum, suposto que ainda nesta Freguezia se ache Antonio Xavier de Sales, natural desta Cidade, de idade de trinta, e sinco annos, que sendo Vigario della, pedio successor por lançar sangue pela boca, e estar gravemente enfermo.

Quadragesima Parochia

Arrayal de Camandaocaya (1)

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porque não é colada, nem tem Congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé Joao Manoel da Sylva, natural do Reyno, de idade de quarenta e quatro annos. Sabe pouco, porem hé muito exemplar. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualm.te oitenta mil reis pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Freguezias, em que os Parocos são juntam.te Vigarios da Vara, por ficarem m.to distantes das Cabeças das Comarcas.

Quadragesima prima Parochia

Arrayal do Caboverde

O Vigario desta Igregia hé amovivel, porq'. não hé Colada, nem tem Congrua da Real Fazenda. O seo

(1) Hoje cidade de *Jaguary*, no Estado de Minas-Geraes, pertencente ao bispado de S. Paulo.

 (N. da R.).

Paroco actual, e tambem Vigario da Vara hé Antonio João de Carvalho, natural deste Bispado, de idade de trinta e oito annos. Hé Sabio, e de excellentes costumes; as conhecencas, e pé de Altar rendem annualm.te cento e sincoenta mil reis cobraveis pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Quadragesima segunda Parochia

Povoação do Rio-pardo (1)

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porque não hé colada nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual, e tambem Vigario da Vara hé Francisco Bueno de Azevedo, natural desta Cidade, de idade de quarenta e quatro annos. Sabe bastantem.te Moral, e hé de bons costumes. As conhecenças, e pé de Altar rendem quando muito cem mil reis. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum, com Freguezes distantes da Igreja, quatro, e sinco dias de viagem.

Quadragesima terceira Parochia

Nova Villa das Lages

O vigario desta Igreja hé amovivel, porque não hé colada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual, e tambem Vigario da Vara hé Ignacio Alvares, natural deste Bispado, de idade de quarenta,

(1) Povoação não existente hoje; estava nas fronteiras de S. Paulo e Minas-Geraes, não longe de Caconde.

(N. da R.).

e dous annos. Sabe Moral, e hé de bons costumes. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualm.te cento e sincoenta mil reis pouco mais ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum. Dista esta Freguezia da Cidade de S. Paulo, mais de duzentos legoas; e setenta da Freguezia mais vizinha, que hé Santo Antonio da Lapa.

Quadragesima quarta Parochia

Arrayal de Jacuhy, ou Dezemboque

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porque não hé colada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual, e tambem Vigario da Vara hé Leonardo Jozé de Moura, natural desta Cidade de idade de secenta annos. Por este motivo, e mais molestias pede Successor, que eu não tenho para lhe dar. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualm.te duzentos, e quarenta mil reis cobraveis pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Quadragesima quinta Parochia

Prassa de Iguatemi (1)

O Vigario desta Igreja he amovivel, porque não hé colada; porem D. Luis Antonio de Souza, Fundador desta pestifera povoação, assignou cento e vinte

(1) Foi uma desgraçada colonia de paulistas fundada por Luiz Antonio de Souza em territorio de Matto-Grosso conado ao Brazil pelo Paraguay, e ficava sobre as margens do

mil reis de congrua, que muito mal pagou aos que servirão esta Igreja. O seo Paroco actual hé Antonio Ramos Barbas (1), natural deste Bispado de idade de quarenta annos, que foi para ella obrigado, e prezo entre soldados, depois que falecerão naquella Prassa da costumada, e annual peste o Vigario Caetano Jozé Soares, Fr. Antonio de S. Jozé, Fr. Angelo do Sacramentos, Religiozos Benedictinos. O pé de Altar renderá annualm.te trinta mil reis cobraveis, pouco mais ou menos. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

MARINHA

Comarca da Vigararia da Vara da Villa de Ubatuba

Quadragesima sexta Parochia

O Vigario desta Igreja de Ubatuba hé amovivel, porq'. não hé colada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual, e tambem Vigario da Vara

---

rio Yguatemy, cerca de 120 kilometros acima da sua foz no rio Paraná. Povoação fundada em local humido, quente e pestilento, foi um sorvedouro de vidas e de dinheiro dos paulistas e acabou, em Outubro de 1777, sendo tomada e arrazada pelos hespanhóes depois de uma precaria existencia de oito annos. Vide vols. V a X do *Archivo do Estado de S. Paulo.*

(1) O padre Antonio Ramos Barbas Louzada, que foi a viva força servir de vigario de Yguatemy, foi em 1777 eleito pelo povo governador da praça em substituição do capitão Gomes de Gouvêa, que tinha sido deposto sob a accusa-

hé Antonio Xavier de Mattos, natural desta cidade, de idade de secenta, e sinco annos. Hé douto, circunspecto, zelozo, e muito exemplar. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualmente cento, e oitenta mil reis cobraveis, pouco mais, ou menos. Não tem Coadjutor, e só se acha nesta Villa hum sacerdote mais, que hé Gaspar Fernandes Neves, natural de Reyno, de idade de setenta e sinco annos; ignorante, e Decrepito.

Quadragesima septima Parochia

Villa nova de S. Luiz de Paraitinga

O Vigario desta Igreja hé amovivel, porq'. não hé colada, nem tem congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé José Goncalves, natural deste Bispado de idade de trinta, e oito annos. Sabe sufficientem.te Moral, e hé de louvaveis costumes. As conhecenças, e

---

trahidor. Estando Portugal em guerra com a Hespanha, foi a praça de Yguatemy logo sitiada por numerosa força de hespanhóes, vinda do Paraguay, quando a guarnição, desprovida de mantimentos e de munições de bocca e de guerra, se compunha sómente de 116 soldados, extenuados pela fome e pelas doenças e commandados pelo tenente Jeronimo da Costa Tavares. Nestas tristes condições teve o padre de capitular e o fez em termos bastantes honrosos para elle e para o tenente Tavares. Entretanto, voltando a S. Paulo, foi o padre Barbas Louzada mettido nos calabouços da fortaleza da Barra de Santos e ali conservado dezoito annos em rigorosa prisão por ter entregue aos hespanhóes a praça portugueza de Yguatemy!

Vide pags. 160 a 164 do vol. IX do *Archivo do Estado de S. Paulo*, em que vem a petição de graça do padre Barbas Louzada e os termos da capitulação de Yguatemy.

(N. da R.).

pé de Altar rendem cem mil reis pouco mais ou menos, huns annos por outros. Não tem Coadjutor, nem mais sacerdote algum.

Freguezias pertencentes a Comarca da Vigararia da Vara da Villa e Prassa de Santos

---

Quadragesima oitava. Parochia

Esta Igreja da Villa de Santos hé collada. O seu ultimo Vigario colado foi Francisco Barboza, natural da Cidade do Porto, onde faleceo á pouco sem residir nunca nesta sua Freguezia, e assim se acha vaga. O seo actual Vigario encõmendado hé o Baixarel formado em Canones João Ferreira de Oliveira Bueno, que já informei na Relação particular dos Pertendentes aos Canonicatos. Hé tambem Vigario da Vara. Tem esta Igreja sincoenta mil reis de congrua, e para guizamentos vinte e tres mil novecentos e vinte e sinco reis, tudo pago pela Real Fazenda. O pé de Altar rende quando muitto cento, e sincoenta mil reis huns annos por outros. Pelo que se vê, que tem o Vigario desta Igreja duzentos mil reis por tudo.

Hé Coadjutor Luiz Jozé dos Reys, natural da mesma Villa, de idade de quarenta annos, com congrua de vinte, e sinco mil reis pagos pela Real Fazenda, fora a porção, que annualmente lhe dá o Vigario. Acham-se mais nesta Freguezia os Presbiteros S lares seguintes:

Pedro Palheiros, natural desta V.ª de idade de sincoenta e quatro annos, muito molesto, e com defeito no juizo, inhabil para Empregos Ecclesiasticos. João Lim de Cordova, natural desta Villa, de idade de secenta annos. Hé exemplar, mas muito falto de sciencia, e só serve para Prezidente da Collegiada desta Igreja, que hé nella o unico Sacerdote. João Rodrigues França, natural desta Villa, de idade de quarenta e tres annos. Sabe pouco, e hé de genio inquieto, inhabil para parochiar. João Nepomuceno Ferreira Lostoza, natural da mesma Villa, de idade de quarenta annos, com os mesmos predicados, que o antecedente. Manoel Alvares da Sylva, clerigo douto, e exemplar; porem formalm.te asmatico, que padece quazi todos os mezes insultos mortaes. Tem está Freguezia huã Collegiada de seis Capellaens na Igreja Matriz, de que hé Prezidente o referido Presbitero João Lim de Cordova; e os sinco beneficiados são Seculares com coroa de licença; porq'. os Sacerdotes desta Villa se não sugeitão ao trabalho das Capellanias, por serem muito tenues as suas congruas, que não passa cada huã de trinta mil reis. Mora nesta Freg.ª Ant.º Cardozo de id.e de noventa annos. Decrepito.

Quadragesima nona Parochia

Villa de S. Sebastião

A Igreja desta Villa hé colada, e está vaga a muitos annos por morte do seu ultimo Vigario Manoel da Trindade. Hé actualm.te Vigario Encomendado della Manoel Francisco Vilella, natural da Villa de Santos, idade de quarenta, e seis annos. Hé clerigo douto, benemerito. Tem os Parocos desta Igreja cincoenta

mil réis de congrua, e vinte e tres mil novecentos e vinte e cinco reis para guizam.tos, tudo pago pela Real Fazenda. O pé do Altar rende annualmente cento e cincoenta mil mil reis; pelo que se vê, que o Vigario desta Igreja tem somente duzentos mil reis de rendimento. Não tem Coadjutor; achando-se na mesma Freguezia dous Sacerdotes, que são: Domingos da Costa natural da mesma Villa, de idade de oitenta, e dous annos, totalmente inhabil; e Manoel Jorge, natural da Ilha de S. Miguel de idade de cincoenta annos, que para pouco serve.

Quinquagesima Parochia

Villa de S. Vicente

Esta Igreja hé Cólada; porem está vaga á muitos annos por falecim.to de Vital Gomes seu ultimo Vigario colado. Hé actualm.te vigario encomendado della Antonio Gonçalves Ribas, natural da Villa de Santos, de idade de trinta e seis annos. Hé clerigo sabio, bom Pregador, zelozo, e de louvaveis costumes. Tem os Parocos desta Igreja cem mil reis de congrua annual, e vinte e tres mil e novecentos e vinte e cinco reis para guizamentos, tudo pago pela Fazenda Real; e o pé do Altar rende sincoenta mil reis cobraveis, pouco mais, ou menos; e assim hé todo o rendimento desta Igreja para o Paroco cento e cincoenta mil reis. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Quinquagesima prima Parochia

Villa da Conceição de Itanhãe

Hé Vigario Collado desta Igreja Francisco Jozé de Sobral por opposição que fez. Hé natural da mesma Villa, de idade de quarenta annos; não sabe muito; mas hé bem procedido, e exemplar. Tem de congrua annual cem mil reis, e para guizamentos vinte e tres mil novecentos e vinte sinco reis, pagos pela Fazenda Real. O pé de Altar rende, quando muito vinte mil reis: porq'. o povo hé o mais pobre de todo o Bispado, e de numero muito diminuto. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum.

Freguezias pertencentes a Comarca da Vigararia da Vara da Villa de Parnaguá

Quinquagesima segunda Parochia

Esta Igreja da Villa de Parnaguá hé Colada, e está vaga por falecimento de Antonio Pereira de Macedo, natural do Reyno, q'. morreo em Março do anno passado de mil setecentos e setenta e seis, testando catorze mil cruzados, e sobnegando outros tantos hum Sobrinho, que mandou vir do Reyno. Sendo quarenta annos Paroco desta Igreja nunca deo para seo reparo ou ornamento couza alguã; e Eu o obriguei á dar zentos mil reis para reedificação da Igreja, pouco es, que elle morresse, o que só se cobrou depois da

sua morte, como tambem outros dinheiros, que tinha em seo poder, da Fabrica. Hé actualmente Vigario encomendado desta Igreja Pedro Domingues Paes Leme, natural deste Bispado de idade de trinta e sinco annos; e hé tambem Vigario da Vara. Hé clerigo muito douto, bom Pregador, e de louvaveis, e exemplares costumes. Tem os Vigarios desta Igreja duzentos mil reis de congrua pagos pela Fazenda Real na Junta do Rio de Janeiro: e o pé de Altar rende outros duzentos, que fazem quatrocentos o total rendimento desta Igreja. Hé Coadjutor por falta de Sacerdotes, Fr. Jozé de Santa Brigida, Religiozo Franciscano. Acham-se dentro da mesma Freguezia os Sacerdotes seguintes: Antonio de S. Payo de idade de noventa annos, totalmente Decrepito. Francisco de Meira Calassa, de idade de oitenta annos, tambem Decrepito. Francisco Ferr.ª Matozo, incapaz de parochiar pela pouca sciencia, e mao genio; de idade de sincoenta annos. Bento Gonçalves Cordeiro de idade de quarenta annos; muito ignorante. Francisco Borges Correa Leme de idade de quarenta e dous annos; sabe, e hé bem morigerado, e serve muito ao Paroco desta Igreja nas grandes distancias, que tem. Jozé Pinheiro não tem capacidade para couza algua pela sua grande ignorancia; de idade de quarenta e sinco annos: todos são naturaes desta mesma Freguezia.

Quinquagesima terceira Parochia

Villa de Iguape

Hé Vigario colado desta Igreja Antonio Ribeiro, natural do Reyno, de idade de setenta annos. Está á mais de sinco annos gravemente enfermo, e inhabil por causa de hum cancro, que lhe nasceo na Cara, de que está quazi toda comida: por este motivo tem Vigario Coadjutor, que hé Antonio Pedroso, natural deste Bispado, de idade de quarenta annos. Hé bem morigerado e sabe sufficientem..te Moral. Tem os Parocos desta Igreja sincoenta mil reis de congrua, e para guizam.tos vinte e tres mil novecentos e vinte e sinco reis, pagos pela Fazenda Real. O pé de Altar rende annualm.te cem mil ress, e assim hé o total rendimento deste Paroco sento e sincoenta mil reis. Não tem mais Sacerdote algum esta Freguezia.

Quinquagesima quarta Parochia

Villa de Cananea

A Igreja desta Villa hé collada; está vaga por morte de João de Eyró, natural do Reyno, seo ultimo Vigario colado, que faleceo no anno passado. Hé actualmente Vigario encomendado Mauricio Glz'. Ramos, natural deste Bispado, de idade de sincoenta, e quatro annos. Sabe sufficientem.te Moral, e hé de bons costumes. Tem os Parocos desta Igreja sincoenta mil reis de Ordinaria, e vinte e tres mil novecentos e vinte e co reis para guizamentos, tudo pago pela Fazenda al; e assim hé o total rendim.to desta Igreja para o

Paroco, com secenta mil reis, que rende o pé de Altar, cento, e déz mil reis. Não tem esta Freguezia mais Sacerdote algum.

Quinquagesima quinta Parochia

Povoação de Xiririca (1)

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, porque não hé colada, nem tem Congrua da Real Fazenda. O seo Paroco actual hé João Teixeira da Cruz, natural desta cidade, de idade de sincoenta annos. Sabe sufficientem.te Moral, e hé de bons costumes. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualm.te cento, e vinte mil reis cobraveis. Não tem Coadjutor, nem mais Sacerdote algum. Hé situada esta Freguezia no meio de hum bravo certão com confissoens de dous dias de viagem por navegação de hum rio caudalozo, e de muitos perigos.

Quinquagesima sexta Parochia

Povoação da Graciosa (2)

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, porque não hé colada, nem tem congrua da Real Fazenda.

---

(1) Elevada a villa em 1842, tendo permanecido como freguezia quasi um seculo, está na margem direita da Ribeira de Iguape e é cabeça de comarca.

(2) Povoção insignificante do Estado de Paraná, entre Corityba e Antonina.

(N. da R.)

O seo Paroco actual hé Antonio Moreira Barboza, natural deste Bispado, de idade de sincoenta e seis annos; homem douto, e de exemplares costumes. As conhecenças, e pé de Altar rendem annualm.te cento e sincoenta mil reis cobraveis. Não tem Coadjutor. Achase dentro dos limites desta Freguezia Antonio do Vale Porto, Sacerdote, natural deste Bispado, de idade de secenta e seis annos na Capella dos Morretes, onde ajuda ao Vigario naquella grande distancia.

Quinquagesima septima Parochia

Povoação de Sabaúma

O Vigario desta Freguezia hé amovivel, serve de Paroco nella Fr. Thomé de Jesús Religiozo Franciscano. O pé de Altar, e conhecenças nada rendem pela sùma pobreza, e diminuto numero de seos Moradores, que são oitenta pouco mais ou menos. O General D. Luis Antonio de Souza assignou aos Parocos desta Igreja setenta mil reis de congrua pela Fazenda Real.

Quinquagesima oitava Parochia

Nova povoação de Ararapira (1)

Hé Vigario actual amovivel desta nova Freguezia Fr. João de Santa Escolastica Religiozo Carmelita Cal-

(1) Sabauma e Ararapira eram pequenos nucleos de povoações entre Iguape e Cananéa; não prosperaram e não são hoje mais do que simples bairros.

(N. da R.).

çado, e tem a mesma congrua assignada pelo dito General, e hé em tudo o mais semelhante á antecedente de Sabaúma.

Quinquagesima nona Parochia

Povoação de Guaratuba

Hé Vigario actual amovivel desta nova Freguezia o P.e Fr. Bernardino de Sena, Religiozo Franciscano. Tem a mesma congrua de setenta mil reis, e em tudo o mais hé semelhante as duas precedentes. Todas tres forão fundaçoens escuzadas, e sem motivos, nem fundamentos, do General D. Luis Antonio de Souza; e por isso fundou esta ultima de Guaratuba no termo dividente deste Bispado com o do Rio de Janeiro, e agora o Bispo daquella Dioceze mandou tomar posse della, sem Eu ser ouvido, nem politicamente, depois que os meos Diocezanos gastarão o seo cabedal na factura de huã decente, e perfeita Igreja.

Da Relação Geral consta, que este Bispado se compoem de sincoenta, e nove Parochias, e quatro Missoens de Indios, alem dos Ministros, que são precizos na Cathedral. Os Sacerdotes delle são somente cento, e trinta, e sete; entre os quaes, sincoenta são invalidos, decrepitos, e ineptos, como se vê na Relação do Numero, e nomes, que remetto. As Igrejas dos Sertoens, e pequenos Povoados, mas com Freguezes em grande longitude, são muitas, e deste modo se collige o maior numero, que se necessita de quem administre os Sacramentos. Hé o que posso informar a S. Magestade, que Deos guarde. — Cidade de S. Paulo a 14 de Setembro de 1777. — *Fr. Manuel*, Bispo de S. .

RELAÇAM

Do numero dos Sacerdotes do Bispado de São Paulo, que serve de Indice ás suas informaçoens individuaes

1 — Andre Bernardes de Gusmão, informado na Parochia 20.
2 — Andre Frazão de Meirelles, informado na relação das Aldeas.
3 — Andre de Medeiros Pereira, inhabil, informado na Parochia 27.
4 — Angelo Paes de Almeida, inhabil, informado na Parochia 24.
5 — Antonio de Toledo Lara, inhabil, informado na relação dos Conegos.
6 — Antonio Pedrozo de Barros, informado na Parochia 53.
7 — Antonio Mor.ª Barboza, informado na Parochia 56.
8 — Antonio Glz.ᵉ Ribas, informado na Parochia 50.
9 — Antonio X.ʳ de Matos, informado na Parochia 46.
10 — Antonio Teixeira Chaves, informado na Parochia 30.
11 — Antonio do Prado de Ciqr.ª, informado na Parochia 32.
12 — Antonio José de S. Fran.ᶜᵒ, informado na Parochia 22.
13 — Antonio Ribr.º de Serqueira, informado na Parochia 18.
— Antonio Glz.ᵉ Torres, informado na Parochia 2.ª

15 — Antonio Fr.ª de Meirelles, informado na Parochia 9ª.

16 — Antonio José de Abreu, informado na Parochia Primeira.

17 — Antonio Ramos Barbas, informado na Parochia 45.

18 — Antonio João de Carv.º, informado na Parochia 41.

19 — Antonio Antunes de Campos, informado na Parochia 38.

20 — Antonio Xavier de Sales, inhabil, informado na Parochia 39.

21 — Antonio José de Mendonça, informado na Parochia 19.

22 — Antonio Cardozo, informado na Parochia 48.

23 — Antonio Roiz Villares, inhabil, informado na Parochia primeira.

24 — Antonio de S. Payo, inhabil, informado na Parochia 52.

25 — Antonio do Valle Porto, informado na Parochia 56.

26 — Antonio Ribeiro, inhabil, informado na Parochia 53.

27 — Augustinho Roiz de Almd.ª, inhabil, informado na Parochia 7.

28 — Bartholomeo de Carvalho, informado na Parochia primeira.

29 — Bento Jose Leite, informado na relação dos Capellaens da Sé.

30 — Bento Glz.ª Cordr.º informado na Parochia 52.

31 — Bernardo de S. Payo Barros, informado na Parochia 14.

32 — Caetano de Araujo Filgueira, inhabil, inform na Parochia 17.

33 — Cipriano Fernandes da Silva, informado na relação das Capellanias da Sé.
34 — Claudio Furquim Pedrozo, informado na Parochia 31.
35 — Diogo Roiz Silva, informado na Parochia 6.
36 — Domingos Roiz Costa, informado na Parochia 34.
37 — Domingos da Costa, inhabil, informado na Parochia 49.
38 — Faustino X.er do Prado, informado na relação dos Conegos.
39 — Faustino X.dr de Moraes, informado na Parochia 11.
40 — Felipe de Santiago, inhabil, informado na Parochia 3.
41 — Firmiano Dias Xavier, informado na Parochia 15.
42 — Floriano de Toledo, informado na Parochia 22.
43 — Francisco José de Sobral, informado na Parochia 41.
44 — Francisco Bueno de Azevedo, informado na Parochia 42.
45 — Francisco Pedrozo, inhabil, informado na Parochia primeira.
46 — Francisco Bicudo, informado na Parochia 22.
47 — Francisco Borges, informado na Parochia 52.
48 — Francisco X.er Montr.o, inhabil, informado na Parochia primeira.
49 — Francisco Roiz Penteado, informado na Parochia 39.
50 — Francisco de Moura, informado na Parochia 25.
51 — Francisco Fr.a Matozo, inhabil, informado na Parochia 52.

52 — Francisco de Meira Calassa, inhabil, informado na Parochia 52.

53 — Francisco Angelo X.r de Aguirre, inhabil, informado na Parochia 15.

54 — Gaspar de Souza Leal, informado na Parochia primeira.

55 — Gaspar de Freitas Trancozo, informado na mesma.

56 — Gaspar de Sales Ribr.o, informado na mesma.

57 — Ignacio Francisco de Moraes, informado na Parochia 27.

58 — Ignacio de Azevedo, informado na relação dos Capellaens da Sé.

59 — Ignacio X.r Mor.a Penteado, informado na Parochia primeira.

60 — Ignacio Paes de Olivr.a, informado na Parochia 5.

61 — Ignacio Alz. Machado, informado na Parochia 43.

62 — Ignacio Roiz Barbosa, informado na relação das Aldeas.

63 — Jeronimo de Camargo, inhabil, informado na Parochia 4.

64 — Joam Roiz Paes, inhabil, informado na relação particular dos Conegos.

65 — João da S.a Reis, informado na Parochia 36.

66 — João Fr.a de Olivr.a Bueno, informado na Parochia 48.

67 — João Teixeira da Crus, informado na Parochia 55.

68 — João Manuel Maxado, inhabil, informado na Parochia 24.

69 — João Franco da Rocha, informado
chia, 15.

70 — Joam de Moraes de Aguiar, inhabil, informado na Parochia 15.

71 — Joam Lim de Cordova, inhabil, informado na Parochia 48.

72 — João Roiz França, inhabil, informado na mesma.

73 — João Domingues, inhabil, informado na Parochia primeira.

74 — João Tiburcio Dom.es, inhabil, informado na mesma.

75 — João Manuel de Carv.o, inhabil, informado na Parochia 12.

76 — Joam Leite Ferrás, inhabil, informado na Parochia 24.

77 — Joam Manuel da S.a informado na Parochia 40.

78 — Joam Baptista, inhabil, informado na Parochia primeira.

79 — Joam Nepomuceno, inhabil, informado na Parochia 48.

80 — Joaquim Elias Mor.a, informado na Parochia 3.

81 — Joaquim da Cunha Lobo, inhabil, informado na Parochia 2.

82 — Joaquim Pedrozo, inhabil, informado na Parochia primeira.

83 — José Rebello Pinto, informado na relação particular dos Conegos.

84 — José Joaquim da Silva, informado na relação dos Capellaens da Sé.

85 — José Correa, informado na mesma.

86 — José Glz.s da Silva, informado na Parochia 47.

87 — José M.el de Campos Bicudo, informado na Parochia 25.

— José Gomes Sandim, informado na Parochia 20.

— José de Andrade S.a, informado na Parochia, 16.

90 — José Lopes de Aguiar Romeiró, informado na Parochia 12.
91 — José da Silva Ribeiro, informado na Parochia 10.
92 — José Joaquim Monteiro, informado na Parochia pr.ª
93 — José Barboza Lima, inhabil, informado na mesma.
94 — José Ferras, inhabil, informado na Parochia 24.
95 — José Soares, inhabil, iinformado na Parochia 15.
96 — José Correa Leite, informado na Parochia 16.
97 — José Roiz da Cunha, inhabil, informado na Parochia primeira.
98 — José Roiz Bueno, informado na Parochia 21.
99 — José Paes de Alm.ª, inhabil, informado na Parochia 25.
100 — José Pinheiro, inhabil, informado na Parochia 52.
101 — Ivo José Giordano, informado na Parochia 33.
102 — Izidoro Roiz Leite, inhabil, informado na Parochia 15.
103 — Leonardo José de Moura, informado na Parochia 44.
104 — Lourenço Claudio Moreira, informado na relação dos Conegos.
105 — Luis Teixeira Leitão, informado na mesma.
106 — Luis José dos Reis, informado na Parochia 48.
107 — Luis Pedrozo de Almd.ª, inhabil, informado na Parochia primeira.
108 — Manuel Domingues Leitão, inhabil, informado na Parochia 34.
109 — Manuel Francisco Vilella, informado na Parochia 49.
110 — Manuel de Barros, informado na Parochia,

111 — Manuel Mendes de Almeida, informado na Parochia 3.
112 — Manuel da Crus Lima, informado na Parochia 7.
113 — Manuel da Costa Aranha, informado na Parochia 24.
114 — Manuel Jorge, informado na Parochia 49.
115 — Manuel Alz.s do S.a, inhabil, informado na Parochia 48.
116 — Manuel de Figueiredo, inhabil, informado na Parochia primeira.
117 — Manuel de Arruda, inhabil, informado na Parochia 24.
118 — Manoel Esteves Cor.a, inhabil, informado na Parochia primeira.
119 — Matheos Lourenço de Carv.o, informado na relação das Dignidades.
120 — Mathias Alz.s Torres, informado na relação dos Capellaens da Sé.
121 — Mauricio Glz.s Ramos, informado na Parochia 54.
122 — Paschoal Cor.a Leite, informado na Parochia 8.
123 — Paulo de Souza Rocha, informado na relação das Dlgnidades.
124 — Paulo Severo de Moraes, informado na Parochia 26.
125 — Pedro Domingues Pais Leme, informado na Parochia 52.
126 — Pedro da Fonseca, inhabil, informado na Parochia 17.
127 — Pedro Glz.s Palheiros, inhabil, informado na Parochia 48.
128 — Policarpo de Abreu Nogueira, informado na Parochia primeira.
— Rafael Antonio de Barros, inhabil, informado na Parochia 7.

130 - Rafael Tobias do Aguiar, inhabil, informado na Parochia 25.

131 — Roque Gonsalves, informado na Parochia 4.

132 — Salvador de Camargo Lima, informado na Parochia primeira.

133 — Theodoro José de Freitas, informado na Parochia 35.

134 — Thimotheo Leme, inhabil, informado na Parochia 25.

135 — Thimotheo Cor.ª de Tolledo, inhabil, informado na Parochia 17.

136 — Thomé Vr.ª, inhabil, informado na Parochia 27.

137 — Valentim de Quadros Aranha, informado na Parochia primeira.

Fr. Manuel, Bispo de S. Paulo.

Relação das Pessoas Ecclezíasticas que vencem congruas pela Real Fazenda desta Capitania de Sam Paulo, a saber:

O Ex.mo e R.mo Bispo Diocesano, de sua congrua annual		1:000$000

Cabido da Cathedral desta Cidade

Dignidades

O R.do Conego Arcediago. .	400$000	
O R.do Conego Arcipreste. .	320$000	
O R.do Conego Xantre. . .	320$000	
O R.do Conego Thezoureiro-Mór	320$000	
Déz Conegos 240$000 cada hum	2:400$000	
Doze Capelaens a 50$000 cada hum	600$000	
Mestre de Ceremonias. . .	10$000	
Quatro Mossos do Coro a 24$000 cada hum . .	96$000	
Sacristão.	25$000	
Mestre de Capella	40$000	
Organista	50$000	
Porteiro da Maça	10$000	
Fabrica e Ordinaria . . .	148$920	
Sacristia	240$000	4:979$920
		5:979$920

Vigarios e Coadjutores

Transporte		5:979$920
O R.do Cura da Sé	50$000	
O R.do Coadjutor da mesma .	25$000	
O R.do Vigario da Villa de Santos	73$920	
O R.do Coadjutor da mesma .	25$000	
Fabrica da dita Igreja .	5$000	
O R.do Vigario da Villa de São Vicente	123$920	
O R.do Coadjutor da mesma .	25$000	
Fabrica da dita Igreja .	5$000	
O R.do Vigario da Villa da Conceição de Itanhaem .	123$920	
O R.do Coadjutor da mesma .	25$000	
Fabrica da dita Igreja . .	5$000	
O R.do Vigario da Villa de Iguape	73$920	
O R.do Coadjutor da mesma .	25$000	
Fabrica da dita Igreja .	5$000	
O R.do Vigario da Villa de Cananea	73$920	
O R.do Coadjutor da mesma .	25$000	
Fabrica da dita Igreja .	5$000	
O R.do Vigario da Villa de Mogy das Cruzes. . .	123$920	
O R.do Coadjutor da mesma .	25$000	
Fabrica da dita Igreja .	5$000	
	848$520	5:979$

Transporte	848$520	5:979$920
O R.do Vigario da Villa de Taubaté	73$920	
O R.do Coadjutor da mesma .	25$000	
Fabrica da dita Igreja .	5$000	
O R.do Vigario da Villa de Parnahiba	123$920	
O R.do Coadjutor da mesma .	25$000	
Fabrica da dita Igreja .	5$000	
O R.do Vigario da Villa de Ytú.	73$920	
O R.do Coadjutor da mesma .	25$000	
O R.do Vigario da Villa de São Sebastião	73$920	
O R.do Coadjutor da mesma .	25$000	
Fabrica da dita Igreja .	5$000	
O R.do Prior do Carmo do Convento de Santos . .	45$000	
O R.do Missionario da Aldeya de Mbaruery	25$000	
O R.do Missionario da Aldeya de Sam Miguel . . .	25$000	
O R.do Missionario da Aldeya dos Pinheiros	25$000	
O R.do Missionario da Aldeya da Escada	25$000	
O R.do P.e Guardião do Convento de Santo-Antonio da Villa de Santos . . .	60$000	
O R.do Vigario da Villa nova		
	1:514$200	5:979$920

Transporte	1:514$200	5:979$920
de S. José da Marinha .	70$000	
O R.do Vigario da Villa de N. Sr.a da Conceição de Sabauna	70$000	
O R.do Vigario da Freguezia de S. Luiz de Guaratuba	70$000	1:724$200
Rs.		7:704$120

S. Paulo, 19 de Agosto de 1777.

Mathias Jozé Ferreira e Abreu.

AUTOGRAPHOS INEDITOS

E

Antiguidades Patrias

Com este titulo começam hoje a ser publicados, em folhetim, em *A Platéa*, diversos autographos ineditos do tempo da monarchia, onde se encontram preciosas curiosidades que vem relembrar e orientar a historia patria.

Estas publicações, que são muitissimo interessantes, fal-as um illustre escriptor e politico do nosso tempo, a quem agradecemos tão importante collaboração.

Nenhum povo lê com mais enthusiasmo sua gloriosa historia atravez dos seculos, do que o francez.

E' por isso que a memoria dos filhos daquelle paiz, que se celebrisaram no campo da batalha, nas lettras ou na administração, cercada do mais respeitoso culto, chega vivida e brilhante até os nossos dias.

E' assim que, para combater a «patria universal» dos socialistas, e infiltrar na geração moderna o amor que se deve ter á terra sagrada, da patria, Paul De-[illegible]de, o poeta da «revanche», o soldado «Presidente [illegible]ga dos Patriotas», vae procurar na edade media,

na velha Armorica, o heroe lendario que viveu e morreu combatendo para repellir o invasor do territorio nacional, e no meio de delirante enthusiasmo, o patriotico e politico drama «Du Guesclin» centenares de vezes é levado á scena na «Porte Saint Martin».

A tradição do «bom rei Henrique» é trasmittida de paes a filhos nas velhas familias burguezas, e hoje, como outr'ora, qual o parisiense que, atravessando a Ponte Nova, deixa de lançar um olhar de sympathia para a estatua do rei popular?

E por que se perpetua essa sympathia?

Por ter Henrique IV trocado Paris por uma missa, ou pronunciado o famoso voto da «poule au pot»?

Não! O respeito que o francez, legitimista, orleanista, imperialista ou republicano presta á memoria da victima de Ravaillac, é porque sabe que elle, abatendo a Austria e a Hespanha, só almejava o engrandecimento da patria.

Se o burguez guarda a memoria do rei popular — no Instituto Nacional de França, os seus membros cercam de respeitosa homenagem a memoria do grande ministro de Luiz XIII, o restaurador, o bemfeitor da Sorbonne e fundador da Academia Franceza.

O retrato de «Richelieu» é a unica tela que figura no logar de honra da sala dos heróes da Academia Franceza — e por ter ha pouco concluido a magistral historia do celebre ministro, rememorando os grandes serviços que elle prestou á patria, Hannotaux, o actual ministro de Extrangeiros da França, o notavel estadista que arrancou a patria do isolamento em que ficara, depois dos dolorosos acontecimentos do «anno terrivel», obteve a gloria de ser elevado ao numero dos mortaes.

Napoleão, querendo celebrar a entrega de Ulm, Ingolstadt e Philipsbourg á França, entre outras demonstrações grandiosas, faz conduzir os restos mortaes de Turenne para os invalidos, e entrega á guarda dos velhos soldados mutilados os despojos do vencedor de tres nações.

Napoleão, Consul, assim procedendo, queria que a França republicana, honrasse a memoria de um general illustre, servidor da antiga monarchia — e como disse Thiers — «aproximava as glorias de Luiz XIV ás da Republica, estabelecendo o respeito do passado, sem ultrajar o presente».

O mesmo sentimento de ligar seu governo ás glorias do Imperio domina em Luiz Philippe, quando, quarenta annos depois, faz trasladar em grande pompa, para as margens amadas do Senna, as cinzas do — usurpador, — satisfazendo assim as ultimas vontades do heróe.

E hoje, quando Felix Faure desce as escadarias marmoreas da crypta dos Invalidos, para acompanhar Czares, que vão prestar a devida homenagem visitando o tumulo do colosso que alli repousa debaixo de dourada cupula, é com mal contido enthusiasmo, é com justo orgulho a relampear nos olhos, que elle mostra ao visitante commovido—o sarcofago—os baixos relevos de Simart, as figuras colossaes de Pradier e os trophéos que rodeam o tumulo, e nelles, as bandeiras conquistadas ao inimigo—ennegrecidas, requeimadas pela polvora dos combates, despedaçadas pelos estilhaços de metralha, mas que ainda assim são para os francezes limpidas paginas onde vão ler a historia gloriosa, colossal, titanica, que foi escripta por Napoleão.

Eu sou como o francez—presto culto reverente á memoria dos brazileiros que trabalharam para o engrandecimento da patria, e applaudo os que no presente se esforçam para tornal-a grande e respeitada.

***

Um dos mais brilhantes e fecundos periodos de nossa historia, é incontestavelmente o que decorre de fins de 1848 a 1853.

Naquella época tiveram a responsabilidade do poder—Uruguay, Itaborahy, Eusebio, Monte Alegre, Zacharias, Manoel Felizardo e tantos outros brazileiros notaveis.

Ao influxo patriotico daquelles estadistas, as reformas então julgadas necessarias eram discutidas e vinham figurar na nossa legislação.

Foram naquelle periodo votadas — a Lei das Entrancias, Reforma do Exercito e da Armada, Lei do Trafico, immenso serviço prestado á humanidade e a civilisação, primeiro passo para a gloriosa lei que extinguiu a escravidão, e finalmente o Codigo Commercial, padrão de sabedoria e aprofundado estudo, devido á inquebrantavel vontade de Eusebio de Queiroz.

A par desse fecundo movimento da nossa legislação, Caxias escrevia nos campos de batalha gloriosas paginas para nossa historia militar.

Levantava o cerco de Montivedeo, obrigando Oribe a capitular, e em Monte Caseros eliminava as forças do tyranno Rozas, levando com a victoria para os povos do Prata a paz e a liberdade, apreciados dons que se achavam banidos daquellas margens havia mais de 17 longos annos!

Quando o governo, para executar a lei, teve de nomear para Bahia e Pernambuco os primeiros dentes dos Tribunaes do Commercio, escolheu o

dadoso escrupulo cidadãos dos mais notaveis e respeitados naquellas Provincias.

Para o Tribunal do Rio de Janeiro, foi nomeado o conselheiro de Estado, José Clemente Pereira, um dos mais notaveis factores da nossa independencia — que como Presidente da Camara do Rio em 1822 recebera de Pedro I a celebre declaração — VA' DIZER AO POVO QUE FICO, — que fôra ministro do Imperio no gabinete de 15 de Junho de 1828, e da Guerra, no memoravel periodo de 1841 a 1842, e cujo nome se achava abençoado por ter dado inicio a esses immorredouros monumentos de caridade que tanto nos orgulham!

Para que se possa avaliar hoje o escrupulo, zelo e patriotismo que gyravam naquella geração forte, quando se occupava dos negocios publicos, vou dar publicidade a alguns autographos ineditos de 1850, referentes todos á organisação dos Tribunaes do Commercio.

Unidade de pensamento na applicação e na interpretação da lei, criterio para a escolha dos funccionarios, que deveriam primar pela independencia de caracter, prudencia e bom senso, eram estes os nobres intuitos que se encontram desenvolvidos na correspondencia havia entre José Clemente Pereira e o barão dos Fiaes, Presidente do Tribunal da Bahia.

Lendo hoje essas cartas trocadas ha quasi meio seculo, entre velhos servidores da patria, escriptas despretenciosamente, e nas quaes deixavam transparecer seus pensamentos internos, não podemos deixar de cercar de respeitoso culto a memoria desses brazileiros!

¡amos, pois, como os francezes!

Porque não approximaremos as glorias do Imperio ás da Republica, estabelecendo o respeito ao passado sem offender o presente ?

Eis o primeiro dos autographos:

Illm.º Exm.º Sr. Barão dos Fiaes

Rio, 12 de Setembro de 1850.

Grande prazer tive em receber a sua carta de 2 do corrente, por ser de V. Ex.ª Amigo Velho, a quem sempre tributei a mais alta consideração e estima, e porque preveniu os meus intentos.

Obrigado a acceitar o logar de Presidente do Tribunal do Commercio desta Capital, sem o pretender nem o poder servir, por minha idade, e pelos muitos trabalhos que pezam sobre mim, concebi logo a idéa de abrir uma correspondencia particular com os Presidentes dos Tribunaes da Bahia e Pernambuco, como meio de estabelecer a unidade de uma Instituição, que devendo ser uniforme em todo o mundo commercial, erro será se o não fôr dentro de uma nação ; e mais firme fiquei neste proposito quando soube que por fortuna tinha de me entender com V. Ex.ª, que tão sobejas provas tem dado de honradez, saber e prestimo em toda a sua vida publica e particular, e de constante amizade para commigo. Marcharemos, pois, de intelligencia e mutuamente nos auxiliaremos no empenho de sermos uteis ao commercio ; e dando execucão uniforme e prudente ao Codigo Commercial, pelo menos obteremos, o que se possa vir a reconhecer depois de um tempo rasoavel, se elle é exequivel e util ao Brazil e as modificações de que necessita ; conhecimento que só por uma pratica bem regulada se
obter.

Não tenho relações com o Presidente do Tribunal de Pernambuco, não obstante lhe escreverei, convidando-o para que queira entrar na nossa liga, e bom seria que igualmente V. Ex. lhe escrevesse.

Por este paquete receberá V. Ex. as instruções para as eleições dos Deputados Commerciaes, que terão de fazer-se nos principios de Dezembro, e convirá que V. Ex. as dirija.

Hé minha opinião que, quando se não possam achar commerciantes ao mesmo tempo acreditados por sua fortuna, consummados conhecimentos e praticas commerciaes, independencia de caracter, prudencia e bom senso, como fôra para desejar, pelo menos recaia a nomeação em homens de caracter firme, prudentes e de bom senso, com tanto que não tenham seu credito compromettido na Praça.

Não ha entre nós verdadeiros commerciantes, salvas bem poucas excepções, temos muitos homens que vivem de negociar sem regras nem principios commerciaes, e nestas circumstancias é obvia a necessidade de criar verdadeiros commerciantes, mas como? dirigindo os que temos e obrigando-os com prudencia a entrar na pratica das maximas que o Codigo Commercial lhes prescreve e ensina, e para o desempenho deste programma (e em geral para toda administração), valerão sempre mais os homens de caracter firme, prudentes e de bom senso, do que os eminentemente illustrados, si nelles faltarem estas apreciaveis qualidades.

Cumpre ao mesmo tempo observar que o Codigo, si for no principio executado com todo o rigor, terá de occasionar immensas quebras, porque os nossos commerciantes em geral não tem escripturação regular e ı sido muito temerarios nas suas especulações.

Sejão, pois, prudentes os Tribunaes do Commercio; persigão os commerciantes fraudulentos até os corrigir ou exterminar, mas protejão quanto for possivel os de boa fé, desculpem faltas filhas da ignorancia, sejão antes pais discretos que juizes implacaveis si a expressão me é permittida; e para o desempenho desta parte do meu programma preferirei sempre os homens prudentes e de bom senso, ainda que não tenham profunda illustração, uma vez que sejam dotados de caracter firme e perseverante, aos mais illustrados si lhe faltarem estas qualidades.

Ha outro objecto de vital interesse para o commercio, que cumpre reformar, o qual deve importar grave responsabilidade aos Tribunaes, logo nos primeiros dias de sua installação,—a matricula dos commerciantes.

Exigindo o Codigo, apenas, além da capacidade legal, que os «impetrantes» gozem de credito publico —confiou a apreciação das outras suas qualidades á prudencia dos Tribunaes; e é este mais um motivo para eu preferir para deputados os homens que tiverem as qualidades acima referidas.

Muitos homens podem ter a capacidade legal prescripta nos artigos 1º a 5º do Codigo e todavia não convirá que sejão admittidos á matricula á vista da natureza ou insignificancia do genero de negocio a que se dedicam; e porque é esta uma questão de mais elevada transcendencia, sobre ella escreverei desenvolvidamente a V. Exc., propondo principios que, no meu entender, deverão regular a divisão dos 3 tribunaes a respeito, afim de que, vendo-as V. Exc. e o presidente de Pernambuco, concordemos sobre as bases que devem regular as matriculas em todos os tribunaes, u[illegible] de acertarem e de sahirem de embaraços e

mettimentos faceis de prever e differença de praticas em materia tão importante.

V. Exc. me dirá com franqueza o que entender sobre o que levo dito, e terá a bondade de communicar suas vistas sobre qualquer objecto de arbitrio em que todos os tribunaes deverão marchar conformes, na intelligencia de que me achará V. Exc. sempre disposto a modificar as minhas opiniões no intuito de obter o estabelecimento de uma pratica do Codigo Commercial, conforme em todo o Imperio.

Renovando os protestos de estima, sou

D. V. Exc.
Amigo velho, collega e venerador
obrigado,
J. Clemente Pereira.

Com a publicação dos seguintes authographos, continuaremos as nossas observações.

II

Tendo o ministro da justiça Eusebio de Queiroz convidado ao barão de Fiaes para acceitar a nomeação de presidente do Tribunal do Commercio da Bahia, teve em resposta a declaração do que «velho, alquebrado e já tendo abandonado a vida publica a mais de 20 annos, para não mais voltar a ellla», não se recusaria ao serviço publico, embora sentisse que não lhe seria possivel bem desempenhar o cargo que se lhe offerecia «por um modo que não lhe era possivel deixar de acceitar».

Fazia entretanto uma restricção. Dizia elle no autographo em nosso poder — «sou presidente do Banco

Commercial, concorri para a creação desse Banco, que vae bem, tenho-lhe amor como de Pae, e se houver incompatibilidade entre os cargos, quero antes a direcção do Banco do que a presidencia do Tribunal».

A duvida levantada pelo velho bahiano foi estudada pelo governo e pelas pessoas habilitadas, ás quaes elle pediu conselho. O primeiro autographo, que hoje publicamos, resolve a duvida apresentada pelo barão, e aconselha a acceitar a presidencia do Tribunal sem resignar a presidencia do Banco, onde elle podia bem prestar relevantes serviços.

Eis o autographo:

Illmo. e Exmo. Sr. Barão de Fiaes.

Rio, 16 de Outubro de 1850.

Acabo de receber suas presadas letras de 28 de Setembro, e depois de agradecer a V. Ex. a satisfação que manifesta pelo meu despacho, e as expressões lisongeiras com que exalta meos pequenos serviços, cumpre-me satisfazer a parte da mesma carta relativa ao objecto do nosso empenho.

A duvida sobre a incompatibilidade de serem os directores de huma companhia Mercantil, Membros dos Tribunaes de Commercio, acha-se resolvida no art. 3º do Cod. Commercial comparado com o 2º, ambos com fonte proxima no art. 148 do Cod. Criminal.

A prohibição de commerciar importa aos Magistrados no art. 2 hé restricta aos — Magistrados vitalicios — e por consequencia necessaria a clausula limitativa do art. 3º — «huma vez que não tomem parte na «gerencia administrativa da mesma companhia» só tem applicação aos Magistrados vitalicios, a quem [illegible] do mesmo art. se refere.

Não sendo pois os Presidentes e Deputados dos Tribunaes do Commercio Magistrados vitalicios, hé evidente que pódem ser accionistas e directores das Companhias Mercantis, sem incompatibilidade de direito nem mesmo dos principios commerciaes.

Poderão porém ser juizes nos processos respectivos ás companhias de que forem Directores? ou ainda mesmo naquellas em que algum accionista faz parte?

O Codigo Commercial não prevenio estas duas questões: devem portanto ser decididas pelas disposições geraes do direito civil, que regulão as incompetencias e suspeições.

Direi pois quanto a 1ª questão que os Membros dos Tribunaes do Commercio não podem ser juizes nos processos de quebra em que faz parte companhia de que forem Directores, pois que como representantes della, são considerados em Direito — proprias partes e lhes hé applicavel a disposição da Ord. L. 3º tit. 24, sem que obste o Alv. de 5 de Janeiro de 1757; ibi — Por cuja causa nenhum dos ditos Ministros, ou officiaes de Justiça, Fazenda ou Guerra, poderá ser dado de suspeito nas causas e dependencias civeis ou crimes, respectivas ás mesmas companhias, ou a cada um dos seus interessados, com o pretexto de que tem acções nellas — porque referindo-se aos Ministros e mais empregados «accionistas» não pode ampliar-se fazendo-a extensiva aos que forem ao mesmo tempo Directores; huma semelhante interpretação valerá o mesmo que estabelecer em regra que alguem póde ser juiz e parte ao mesmo tempo, o que hé absurdo, e literalmente prohibido na ord. citada.

Quanto porém á segunda questão, entendo que os Membros dos Tribunaes do Commercio podem ser juizes nas causas em que for parte algum accionista (não

sendo com a companhia), em virtude da disposição do citado Alvará por estar esta intelligencia na lettra do mesmo Alv. e se não dar o absurdo do primeiro caso.

Deve pois V. Ex. fazer a sua Provincia e ao Commercio de todo o Imperio o relevante serviço de presidir a esse Tribunal do Commercio, conservando o seu logar de Director do Banco Commercial em que os seus serviços são egualmente prestimosos e podem tambem ser nomeados Deputados alguns dos outros Directores do mesmo Banco, mas a respeito destes convirá que o numero não exceda de dous, afim de prevenir que no caso de alguma quebra em que o Banco Commercial possa «ser credor», não venha a acontecer que deixe de haver Tribunal para decisão dos incidentes de que tratão os arts. 805, 820 e 894 em que o mesmo Tribunal deve achar-se completo, como determina o art. 10 do Tit. unico do Cod. Commercial.

Termino aqui esta carta para não perder o Paquete, e pelo seguinte serei mais extenso sobre outros objectos, e sou

De V. Ex.

Am.º velho, coll.ª e vene.or

J. Clemente Pereira.

Recebendo a carta supra o Barão de Fiaes apressou-se a responder ao seu collega do Rio.

Illmo. Exmo. Sr.

B.ª, 23 de Outubro de 1850.

Tive a satisfação de receber a presada carta de V. Exc., de 16 do corrente accusando a minha de 26 de Setembro.

Fico certo da opinião de V. Exc. acerca da nenhuma incompatibilidade entre ser do Tribunal do Commercio e da Direcção do Banco, e luminosas são as rasões por V. Exc. dadas, e raro será o caso em que por quebra o Banco tenha de figurar como credor, porque nas Letras, em que o falido for acceitante, ou passador, há o direito de pedir á outra firma, que a tiver descontado, reforço ou garantia, visto que no Banco não se admitte letras com uma só firma, senão com penhores.

Espero a carta que V. Exc. promette no proximo Paquete sobre outros objectos.

Não sei como possa o Tribunal funccionar em Janeiro, quando não temos Regulamento, que será preciso estudar, Empregados, etc.

Desejo a V. Exc. todos os bens, e sou com a mais distincta consideração e respeito

De V. Exc.
Am.º aff.º Coll.ª fiel e Obr.mo Cr.º
Barão dos Fiaes.

P. S.

Os Trapicheiros d'aqui da cidade, porque o Codigo s veda receber alguma paga a titulo de safamento,

marcas, concertos, etc., (o que lhes regulava a 1$ por caixa de Assucar pagos a sahida pelo comprador, ou exportador, e orçava isto em 6, 8, até 12:000$ R.s, conforme receberão de 6 a 12.000 caixas) falam, a titulo de indemnisação, daquella perda, em levantar as estadas que eram de 30 R.s por arroba de Assucar, pagos metade ou 15 R.s pelo Lavrador e os outros 15 R.s pelo comprador ou exportador.

Desejo saber de V. Exc. se disto pertence ao Tribunal conhecer, e V. Exc. me diga a sua opinião.

V. Exc. sabe que taes Trapiches, ou casas alfandegadas estão sujeitas a repartição de Fazenda, Consulado, etc. Allegão elles que não hé a Lavoura e sim o commercio que paga, como se todo o encargo não influisse no preço, pelo que do pobre Lavrador hé que em verdade sai o Disimo, a estada e todos os encargos.

Se pertencer ao Tribunal, hei-de ser contra os Trapicheiros, e a favor da Lavoura, porque o Codigo fala nas estadas em costume, ou convencionadas, e convenção não é a vontade de uma só parte, sem o concurso de outra: emfim peço a V. Exc. o favor de esclarecer-me.

Com que sinceridade se manifesta o barão de Fiaes no autographo que acabamos de lêr. Como seria feliz a lavoura de hoje, tão opprimida, se pudesse ter nos congressos legislativos representantes tão decididos como o velho bahiano.

«Se pertencer ao Tribunal hei-de ser contra os «Trapicheiros e a favor da Lavoura, pois do p

«Lavrador hé que em verdade sai o Disimo, á estada «e todos os encargos!»

O que diria elle hoje?

Illmo. Exmo. Sr.

Rio, 3 de Desembro de 1850.

Devo resposta a sua estimada carta de 23 de Outubro, que não pôde hir pelo ultimo Paquete, e principiarei pela circumspecção que deve haver na matricula dos commerciantes: salvas pequenas excepções, hé necessario crial-os, e comece esta deligencia pela sua matricula. Com este fim foi redigido o art.º 15 do Regulamento dos Tribunaes, que V. Exc. receberá por este Paquete, e á sua disposição nada ha que aditar, senão que deve partir-se do principio—que o officio do commerciante hé nobre, e que deixará de o ser, se este titulo se conceder a pequenos compradores revendedores, que não podem ostentar a nobreza do officio commercial.

Comprem e vendão, negociem, mas não gozem de prerogativas e favores concedidos aos verdadeiros commerciantes, que, bem avaliados, são de immenso valor. Ajude-me V. Exc. neste nobre empenho de regenerar a classe commercial: algumas queixas infundadas podem apparecer por parte das susceptibilidades offendidas, mas ellas desapparecerão se todos os Tribunaes forem accordes nas suas decisões.

Quando se offereça caso duvidoso consultarei a V. Exc. e pratique V. Exc. o mesmo: convem que rehemos em tudo uniformes.

Não me admira que os Trapicheiros dessa provincia pretendam levantar os alugueis como meio de indemnisação da perda que lhes traz o art. 92 do codigo commercial, o mesmo hão de fazer os desta cidade e os de todas as provincias.

E estão no seu direito, a vista do art. 96—exigir o aluguel que fôr estipulado — aos donos dos generos compete oppôrem-se a um augmento exaggerado, e dada esta colisão, aos tribunaes incumbirá intervir como medianeiros e levar as partes a um convenio util para ambas, a hum meio termo.

Este acontecimento foi previsto quando se redigiu o dito artigo 96; mas mesmo assim os commerciantes membros da primeira redacção do codigo insistiram com empenho na sua adopção, como meio pelo menos de mais facil expedição dos negocios e cortar abusos.

A primeira consulta que os tribunaes do commercio deverão dirigir ao governo, é sobre o vencimento dos empregados das suas secretarias.

Urge que os tribunaes de commercio consultem com brevidade o numero de corretores que deve haver o seu regimento e o dos agentes de leilões, e a tabella dos emolumentos dos corretores e interpretes, pelas certidões que passarem (Cod. do commercio arts. 41, 64, 67). Os deputados deste tribunal vão occupar-se deste trabalho já, e quanto ao regimento dos corretores será adoptado o regulamento do governo com as alterações necessarias para o pôr em perfeita harmonia com o codigo commercial, e as mais que parecerem convenientes.

Concluido o projecto enviarei a V. Exc. uma copia para ouvir sua opinião.

Passou no regulamento dos tribunaes do commercio o art. 3º contra a minha vontade; é o unico em

que fui vencido! Protesto contra o principio da publicidade como regrá, eu a queria como excepção, como V. Exc. verá do meu projecto, que remetti.

Foi-se a liberdade da discussão mesmo em negocios ordinarios, que affectem alguns interesses! Como soffrerão os secretarios que se lhes façam observações publicas sobre as redacções das actas e das consultas e outras, etc., etc.?

Para prevenir em parte o mal, tenciono abrir sempre as sessões a portas fechadas, para ajustar as redacções e a fórma de tratar as materias em publico com a descripção conveniente, depois mandarei abrir as portas.

Bem desejava que V. Exc. ponderando as conveniencias fosse de egual parecer.

Não sei até quando o receio de desagradar... não sei a quem, hade querer dar publicidade a todas as discussões, e não ha para mim nada tão inconveniente como a publicidade em questões administrativas.

E' boa nas materias politicas e judiciarias, naquellas é pessima, e a experiencia o mostrará.

Porque não convida V. Exc. o nosso collega de Pernambuco para as nossas conferencias. Eu não o conheço.

O correio vae fechar-se, e eu fecharei esta carta, renovando os sinceros protestos de que permaneço constantemente

De V. Exc.

Amigo velho, collega e ven. obrig.

J. Clemente Pereira.

Pelos autographos publicados, podemos hoje verificar o sincero esforço e zelo que os presidentes dos tribunaes do commercio empregaram para applicar as disposições do codigo commercial de modo uniforme e prudente, para que se pudesse, pela pratica, verificar se elle era exequivel e util.

E foi — porque os primeiros magistrados que o executaram, foram antes—Pays discretos que juizes implacaveis.

Daremos em seguida alguns apontamentos sobre os tumultuosos governos regenciaes (1822 e 1831) fundados em autographos ineditos de estadistas que tomaram parte em todos os acontecimentos notaveis daquelle periodo agitado.

III

Publicando velhos autographos, procuro sempre reproduzir o periodo historico a que estão ligados esses preciosos documentos, convencido de que por essa fórma não só ameniso sua leitura, como ainda relembro factos que infelizmente são ignorados por muitos, que acreditam não encontrar attractivos na organisação da nossa nacionalidade, tão movimentada antes da fundação do imperio, e tão cheia de patrioticas dedicações!

No dia 10 de Dezembro de 1821, chegava a barra do Rio de Janeiro o navio correio *Infante D. Miguel*, trazendo os decretos de 30 de Setembro e 1º de Novembro daquelle anno, com ordem expressa das Cortes de Lisboa, para que fossem immediatamente executados.

O primeiro desses decretos mandava organisar governos locaes em todas as provincias.

Por essa fôrma, Portugal, embora desorganisando o Brazil, conseguia em todos os pontos, governos militares, com os quaes se podia entender, isolando-os do principe regente, e impedindo que a idéa da independencia se desenvolvesse no vasto território do Brazil.

O segundo decreto ordenava ao Regente que se recolhesse a Portugal, para viajar nas cortes europeas.

Affastava-se o Principe para que nelle não se apoiasse ao partido da Independencia.

Desde que as disposições dos decretos foram conhecidas no Rio, a indignação popular irrompeu violenta e desassombrada.

Organisaram-se clubs, reuniu-se o povo nas praças publicas, protestando contra a politica de Lisboa, que preparava terreno para colonisar de novo o Brazil, retirando as regalias que lhe tinham sido dadas por D. João VI.

Os partidos, monarchista e republicano, que trabalhavam pela independencia da patria e que eram dirigidos por Ledo, José Clemente, conego Januario, Frei Sampaio, Curado, Nobrega, barão de Santo Amaro e muitos outros brazileiros natos e portuguezes, que estavam com familia organisada no paiz, continuando com a campanha que sustentavam, e aproveitando-se da indignação que taes medidas produziram no povo, uniram-se em um só e unico pensamento — obter que o principe regente desobedecesse ás ordens recebidas do Reino; se isso conseguissem, acreditavam elles que a independencia estaria feita, o que de facto aconteceu.

Os directores do movimento trataram de mandar emissarios para S. Paulo e Minas, pedindo aos patriotas dessas provincias que dirigissem representações ao Principe-Regente, para que não abandonasse o Brazil, para assim poderem alcançar um governo proprio e americano.

No Rio, na casa de Joaquim J. da Rocha, foi posta a disposição do povo uma petição que reuniu mais de oito mil assignaturas.

Nessa representação, que segundo consta foi redigida por Ledo, sollicitava-se do Principe, que não desse execução aos decretos, «para que o navio que reconduzisse D. Pedro não levasse o pavilhão da Independencia Nacional».

No dia 24 de Dezembro de 1821, José Bonifacio aqui em S. Paulo formulára uma manifestação na junta da do governo, e nella se lia o seguinte topico:

> «Apenas fixamos a nossa attenção sobre «o primeiro decreto das Côrtes, acerca da «organisação dos governos das provincias «do Brazil, logo ferveu em nossos corações «uma nobre indignação, porque vemos nelle «exarado o systhema de anarchia e escra«vidão; mas o segundo pelo qual V. A. R. «deve regressar para Portugal, afim de viajar «incognito, causou-nos verdadeiro horror!»

A Camara desta capital, em 29 do mesmo mez, nomeava uma commissão composta de José Bonifacio, coronel Gama Lobo e marechal Arouche, para que fossem ao Rio supplicar ao Principe que desobedecesse aos decretos.

O corpo commercial do Rio, unido, col
dia 2 de Janeiro de 1822, no Senado da Ca

licitava que essa corporação se dirigisse ao Principe, pedindo-lhe para não abandonar o Brazil.

As tropas portuguezas, commandadas por Jorge de Avilez, tinham-se recolhido a quarteis, esperando que os acontecimentos se desenrolassem para intervirem como tinham feito em 5 de Junho e 4 de Outubro de 1821, quando obrigaram o Principe a declarar que «regeria o Brazil de conformidade com as leis decretadas em Lisboa», e que era contrario a independencia do Brazil.

Tendo o Principe-Regente marcado o dia 9 de Janeiro de 1822 para receber o Senado da Camara, afim de receber as representações do povo e do commercio —aquella corporação apresentou-se no Paço, acompanhada de grande multidão, que, segundo rezam as chronicas «enchia o Largo e ruas adjacentes».

Recebidos pelo Principe, o presidente do Senado da Camara José Clemente, pronunciou um energico discurso, mostrando que as Côrtes pretendiam curvar o Brazil ao jugo da escravidão, supprimindo as liberdades concedidas por D. João VI, e que desejando o Brazil «ter uma assembléa nacional» e «um poder executivo no seu proprio seio», rogava ao Principe que attendesse ao pedido do povo e continuasse na regencia que lhe fôra confiadada por D. João VI.

D. Pedro era um espirito intelligente, tinha dado repetidas vezes provas de prudencia (que depois perdeu), curvava-se nas occasiões precisas, mas naquella época seu coração de moço estava cheio das grandes ideas liberaes de Ledo e de seus companheiros, que constantemente mostravam-lhe que seria muito mais glorioso crear um Imperio e ser imperador constitu-
al de um povo novo em hemispherio novo e rico,
herdeiro de um throno velho, decrepito e pobre!

Comprehendeu o Principe que a revolução era victoriosa, e com prompta deliberação deu ao presidente do Senado da Camara a celebre resposta—«*Como é para bem de todos, e felicidade da nação, estou prompto, diga ao povo que fico*».

Uma grande parte da população acreditava que o Principe não ousaria desobedecer aos decretos.

Crescia a anciedade popular, e hoje devemos calcular com que intenso jubilo foi acclamado D. Pedro, quando chegando a uma das janellas do Paço, repetiu o que dissera á camara, pedindo ao povo calma e união!

Rejubilaram os patriotas: estava garantida a independencia!

As tropas portuguezas, acreditando que mais uma vez podiam impor sua vontade ao Principe, tentam obrigal-o a cumprir os decretos.

Firmado no apoio do povo, D. Pedro repelle a pretenção da tropa portugueza e chama os generaes Curado, Alvares e outros e os incumbe de reunir forças para repellir Jorge de Avilez.

Os soldados que não quizeram seguir Avilez, reuniram-se no campo de Sant'Anna.

Os que correm dos pontos mais proximos das provincias do Rio, S. Paulo e Minas, vão reforçar aquelles bravos.

Avilez vae ao campo, ordena que se dispensem os batalhões que se reuniam, é desobedecido, corre ao Paço e tem com D. Pedro azeda discussão, finda a qual, toma com a suas tropas o morro do Castello e alli se fortifica.

Não desanima o Principe. Elle mesmo orga[illegible] ataque, que não se deu por ter Avilez capitulad[illegible]

Com as honras de guerra seguiram as forças portuguezas para a Praia Grande, logar que lhes foi designado para permanecer até que se apromptassem navios que as transportassem a Lisboa.

Querendo dar o Principe provas de sua dedicação aos patriotas, demitte o ministerio e chama José Bonifacio para o governo aos 16 de Janeiro de 1822.

Afinal, a 15 de Fevereiro as tropas portuguezas abandonavam o Brazil, depois de terem uma vez tentado se oppor as ordens do Principe, que no dia 9 de Fevereiro declarou a Avilez que o atacaria na manhã seguinte se não começasse o embarque, para o que tomàra energicas providencias.

Com a retirada das tropas, muitas familias portuguezas abandonaram o Rio, levando todos os haveres que puderem realisar.

Manifestou-se profunda crise, desapparecendo toda a prata e ouro em moeda, que até então era empregada no movimento commercial.

O governo luctava com grandes difficuldades, os cofres publicos estavam exhaustos, só a provincia do Rio concorria com toda sua renda para sustentar o governo da regencia e o mesmo fazia S. Paulo e Minas, porém em menor escala.

Tornava-se urgente preparar navios de guerra não só para a defeza, como ainda para obrigar que as provincias do norte reconhecessem o governo do Regente.

Foi nessas circumstancias resolvido o lançamento do primeiro emprestimo que se realisou no Brazil.

Nos historiadores da época encontramos a narração do facto, mas nenhum delles refere as razões e as condições apresentadas pelo governo, e que são extremamente curiosas.

O ministro da Fazenda dirigiu uma «Falla» aos negociantes e capitalistas do Rio, junto a essa «Falla» se encontram as condições do emprestimo, e em carta particular se dirige o ministro aos negociantes e capitalistas.

Esses preciosos documentos e uma dessas cartas farão parte do presente artigo.

Os que apreciam o estudo da historia patria necessariamente lerão com interesse essas velharias.

Começaremos pela «Falla», guardando em todos os documentos a ortographia propria.

Fala, que o illustrissimo e excellentissimo ministro e secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, e Presidente do Thesouro Publico, dirigiu aos negociantes e capitalistas desta praça, relativa ao emprestimo de quatrocentos contos de réis para as urgencias do Estado:

SENHORES,

Quando hum Povo está resolvido a reassumir direitos que lhe usurparão; a conservar e defender preeminencias, dignidade e gozos que lhe contestão, e a quebrar ferros, bem que dourados, com que de novo o pretendem agrilhoar; deve com todo o apuro, e sem perda de tempo, começar a nova era de sua vida politica, por huma Legislação propria, que, transformando o berço do seu nascimento, ou de sua adopção, de terra da escravidão em terra da liberdade, que, estabelecendo e firmando sua sorte futura, lhe assigne lugar escolhido nos annaes das Nações bem constituidas; e para obtella ha mister, que abundante de recursos, e alhanadas todas as difficuldades que hajaõ d'estorvallo, ou empécello na vereda de gloria que trilhar, elle possa dizer aos inimigos internos

rai-vos, ou eu vos punirei; aos inimigos externos, não vos temo, tenho força sufficiente para repellir vossas aggressões, justiça demasiada para ganhar amigos, que protejão minha causa, e quando esta se decida contra mim, quero antes sepultar-me debaixo das ruinas de minha patria, do que viver escravo.

Tal he, Senhores, em resumo a situação do Brasil; sem duvida para a continuação e remate de seus trabalhos elle carece de alguns meios, porem estes serão abundantemente suppridos pelos energicos e heroicos sacrificios de seus habitantes, porque todo o Homem Livre sabe, que a ultima gotta do seu sangue, o ultimo sopro de sua vitalidade inda pertence a patria.

Seguro desta verdade o Jovem Heróe da nossa escôlha, o Perpetuo Defensor da nossa liberdade, o Grande, e Incomparavel Principe, que nos rege, vendo o Brasil em algum perigo, e a Assembléa Constituinte e Legislativa ainda não installada, persuadiu-se, que pelo menos agora só a elle devia competir o direito e a gloria de salvallo, e para este fim julgou indispensavel abrir um emprestimo de 400:000$000 réis debaixo das condições, que tenho a honra de apresentar-vos.

Convencidos da necessidade, justiça e legalidade, que abonaõ este procedimento, e combinando vossas possibilidades com o vosso patriotismo, declarai, Senhores, livremente o que podeis emprestar, e assignai-vos.

Rio de Janeiro, 3 de Agosto de 1822.

MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA.

IV

Na FALLA que o ministro da fazenda dirigiu aos negociantes e capitalistas do Rio, o leitor encontra as

mais nobres e elevadas manifestações do patriotismo.

O Brazil precisava quebrar ferros com os quaes o pretendiam agrilhoar, firmar sua sorte para ter logar escolhido nos annaes das nações bem constituidas, e para chegar á conquista dessa posição, o governo precisava de RECURSOS ABUNDANTES para com elles cortar as difficuldades do momento e poder dizer aos inimigos internos: — *retirai-vos, ou eu vos punirei*, e aos externos: — *não vos temo, tenho forças para repellir vossa aggressão, e se a causa nobre que defenda se decidir contra mim, prefiro sepultar-me debaixo das ruinas de minha patria, a viver escravo!*»

E para emprehender tão grandes e tão patrioticos commettimentos o ministro da Fazenda de 1822 se dirigia aos capitalistas e negociantes do Rio e a elles pedia emprestada a quantia de QUATRO CENTOS CONTOS DE RÉIS.

«Combinando vossas possibilidades com o vosso patriotismo, declarai, senhores, livremente o que podeis emprestar e assignai-vos».

E a historia ahi está que os negociantes e capitalistas correram com enthusiasmo, depositando por emprestimo nas mãos do ministro os quatro centos contos pelo prazo de dez annos a juro de seis por cento, garantido o pagamento do capital e juros pelos rendimentos da alfandega, como se verá das condições que adiante transcrevemos, curiosissimas pelas suas minudencias, e sobretudo pela originalidade de algumas disposições.

Eis a copia fiel das condições:

Condições

Os quatro centos contos de réis, de que a Fazenda Publica desta Provincia precisa para fazer face ás ur-

gencias actuaes, e que pede emprestados, serão infallivelmente pagos pelos rendimentos d'Alfandega desta Côrte no prefixo termo de dez annos, e talvez antes; e para este effeito proceder-se-á da seguinte fórma:

1.ª Crear-se-á no Thesouro hum Cofre com trez Chaves denominado Caixa dos juros, e amortização desta divida; e serão Clavicularios della o Conselheiro Thesoureiro Mór do mesmo Thesouro, o Escrivão, e o Contador Geral da Primeira Repartição.

2.ª No decurso do primeiro anno, depois de effectuado o emprestimo, entrará para o dito Cofre a quantia de setenta contos de réis, proveniente dos Rendimentos d'Alfandega: a saber réis 64:000$000, para amortisação da decima parte da divida total, e pagamento dos juros á razão de seis por cento no dito primeiro anno; e 6:000$000 para fundo de reserva.

3.ª Iguaes quantias impreterivelmente entrarão para o dito Cofre no 2.º, 3.º, 4.º e 5.º annos e depois de pagas as decimas partes da divida total, e juros correspondentes, cada anno, ficarão na Caixa, não só 30:000$000 de réis, somma dos accrescimos de cinco annos consecutivos, mas tambem 24:000$000 de réis, sobras das quantias applicadas para solução dos juros como se fossem juros da divida total.

4.ª No 6.º, 7.º, 8.º e 9.º annos, entrarão annualmente para o Cofre 58:000$000, sem haver precisão de entrada alguma no 10.º: por quanto os 54:000$000 de réis já existentes em Caixa, juntos a 38:400$000 reis, sobra das quantias applicadas para a amortisação e juros dos mencionados quatro annos, fazem a somma de 92:400$000 reis, quantia já superior em mais do dobro á precisa para o pagamento da decima parte da divida total, e juro correspondentes ao decimo e ultimo anno; de sorte que toda a divida, póde ficar solvida

no fim de nove annos, e inda antes, como se verá mais abaixo.

5.ª As quantias acima, annualmente, destinadas para a amortisação da decima parte do emprestimo total, pagamento de seus competente juros á razão de seis por cento, e para fundo de reserva, serão sagradas, e nunca poderão ter outra alguma applicação que não seja esta, por mais urgentes que sejam as precisões do Estado.

6.ª No primeiro dia do anno subsequente ao primeiro anno findo, cada um dos Credores se apresentará no Thesouro, com o Titulo, que acredita o seu imprestimo, para receber á boca do Cofre, e em presença dos Clavicularios, o que lhe tocar da quantia applicada para solução da decima parte da divida total, e dos juros correspondentes; e passará o competente recibo, que será guardado no dito Cofre, e assim se praticará nos primeiros dias dos annos seguintes.

7.ª Depois de passados os tres primeiros annos, como do quarto anno em deante, já começão a avultar as sobras dos fundos consignados para a amortisação da divida e juros, e pode acontecer que algum dos Credores, obrigado por imprevistos acontecimentos, careça de uma quantia superior a que deve pertencer-lhe, neste cazo poderá requerer ao Presidente do Thesouro, que regulando-se pelo estado da Caixa, lhe mandará pagar, passando o Credor o competente Recibo: subtrahindo-se porem dos juros, a rasão de seis por cento, que devião competir á referida quantia pedida; trez e meio se lhe for adiantada no quarto anno: trez se no quinto; dous e meio se no sexto; e assim progressivamente, descrescendo a perda dos juros cionalmente ao augmento dos annos.

8.ª Os titulos ou Creditos, que se entregarem aos Credores, serão assignados pelo Escrivão, e Conselheiro Thesoureiro Mór, e rubricados pelo Presidente do Thesouro.

9.ª Depois de amortisada a divida total, e juros, os Credores em um dia determinado comparecerão no Thesouro com seus Titulos, que apresentarão aos Clavicularios, e estes a aquelles os recibos; e conhecendo-se por escrupuloso exame da legalidade de todos, e que nenhuma duvida ha na completa solução da divida, queimar-se-hão, tanto os recibos como os titulos, a melhor e mais valiosa quitação, que se pode desejar em semelhantes transacções, visto por um termo a futuras questões.

Taes são as condições do Emprestimo pedido para acudir as urgentes necessidades deste Reino, taes os fundos destinados para sua solução; tal o methodo seguido para gradual amortisação da divida, e pagamento dos juros; cuja execução será religiosamente observada.

Rio de Janeiro, em 30 de Julho de 1822.

MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA.

Não podendo alongar este artigo, limitamo-nos a chamar a attenção dos leitores para as disposições garantidoras que eram usadas naquelles bons tempos.

A condição 7.ª nos enthusiasma: se o credor apertado por imprevistas circumstancias precisasse de maior quantia, bastava requerer ao Presidente do Thesouro, que ficava auctorisado a satisfazer o seu pedido do fim do 4.º anno em diante!

Se os successores de Martim Francisco na pasta da Fazenda continuassem a conservar nos subsequentes em-

prestimos aquella patriarchal disposição, a quanto ficariam elles redusidos depois do 3.º anno?

A Falla e as Condições eram dirigidas aos destinatarios, acompanhadas de uma carta do Ministro.

Com esse curioso autographo encerramos nossas observações.

Ill.mo Snr. José Clemente Pereira.

Não sendo possivel com os rendimentos ordinarios do Thesouro Publico occorrer ás despezas extraordinarias que exige a manutenção e conservação do Estado, SUA ALTEZA REAL o PRINCEPE REGENTE, me ordenou contrahisse um emprestimo de quatro centos contos de réis, com o premio de seis por cento, e a amortisação constante das condicções juntas: o que participo a V. S.a esperando do seu Zelo, e amor pelo bem Publico, concorra para o seu complemento com o que lhe aprouver, e puder enviando-me resposta á Meza do dito Thesouro, onde se recebem as declarações, e entregas que se fizerem.

Tenho a honra de ser com a maior consideração

De V. S.a

Ven.or m.to attento

MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA.

Rio de Janeiro, em 14 de Agosto de 1822.

O leitor que hoje percorre estes preciosos documentos, não póde deixar de sentir grande sympathia pelas praxes adoptadas por aquelles patriarchas estadistas que organisaram nossa nacionalidade.

ERASMO.

(Extrahidos de *A Platéa*).

DOCUMENTOS INTERESSANTES

O Itinerario do Rio de Janeiro até as minas de ouro de 1732 por Francisco Tavares de Brito.

Graças ao obsequio do incansavel e perspicaz investigador da historia colonial do Brasil, sr. Capistrano de Abreu, tive conhecimento de uma obra extremamente rara e interessante debaixo de diversos pontos de vista, dos quaes um tóca muito de perto ao Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.

A obra em questão é um pequeno folheto de poucas paginas conservado na Bibliotheca Nacional de Lisboa, do qual, conforme o erudito bibliographo Innocencio da Silva, só se conhece dois outros exemplares. Este folheto traz o seguinte titulo:

«Itinerario Geographico com a verdadeira descripção dos caminhos, estradas, rossas, citios, povoações, ›gares, villas, rios, montes e serras, que ha da cidade

de São Sebastião do Rio de Janeiro até as Minas de Ouro. Composto por Francisco Tavares de Brito. Sevilha. Na officina de Antonio de Silva. MDCCXXXII. Com todas as licenças necessarias».

Conforme se vê pelo titulo, este folheto dando o itinerario do littoral para Minas-Geraes uns trinta e tantos annos depois do primeiro povoamento daquelle Estado, parece ser da maior importancia para quem estuda os principios da historia local das diversas regiões do Brasil, e por este motivo o sr. Capistrano de Abreu, não tendo esperanças de poder consultar um exemplar impresso, mandou tirar cópia em Lisboa. Tendo-me sido submettida esta cópia para examinar, tive a agradavel surpreza de reconhecer o trabalho que poucos mezes antes tinha sido dado á estampa no segundo volume da *Revista* de nosso Instituto, copiado de um manuscripto supposto inedito e conservado na Bibliotheca de Evora.

Infelizmente, porém, este exemplar impresso, bem que traz um nome, nada esclarece sobre o autor do manuscripto de Evora e do mappa, hoje desapparecido, a que este se refere, porque ha fortes motivos para acreditar que Francisco Tavares de Brito apenas se deu ao trabalho de copiar e affixar o seu nome a um escripto alheio, ao qual accrescentou uma introducção que nada adianta, e, no texto, ligeiras referencias ás descobertas de diamantes e esmeraldas. O fundamento desta suspeita é que as raras e insignificantes modificações na redacção, que se notam na comparação dos dois trabalhos e que eram necessarias para transformar uma nota explicativa de um mappa em itinerario, são feitas tão inhabilmente que mostram não serem da mão do proprio auctor ou de pessoa que tenha conhec[illegible]
das localidades e regiões mencionadas. O auc

manuscripto de Evora tinha evidentemente viajado no Brasil e visitado grande parte, senão todos os pontos mencionados no seu escripto e figurados no seu mappa, bem que a modestia, que o levou a esconder o seu nome, fizesse com que raras vezes falle na primeira pessoa como tendo visto as coisas referidas. O auctor ostensivo do folheto publicado, quando teve de alterar a redacção do manuscripto de Evora, o fez muitas vezes a modo de quem não conhecia os pontos referidos e teve especial cuidado em eliminar todas as referencias á pessoa do auctor. Ora, estas referencias no manuscripto de Evora não eram de tal natureza que a sua eliminação fosse imposta pelo simples motivo de modestia, por maior que esta fosse, mormente na occasião em que o auctor verdadeiro se resolvesse a ligar o seu nome por extenso a seu escripto. Seria, sim, imposta esta eliminação se a obra tivesse de ser publicada num meio social onde era sabido que o auctor ostensivo nunca tinha estado no Brasil.

E', portanto, quasi certo que o nome que acompanha o folheto impresso não é o do verdadeiro auctor da nota descriptiva conservada na Bibliotheca de Evora e hoje accessivel aos estudiosos nas paginas da Revista do Instituto de S. Paulo.

Conforme notei no estudo que acompanha a publicação do manuscripto de Evora, este parece ser escripto no anno de 1717, ou pouco antes, isto é, uns 17 annos pelo menos antes da publicação do folheto. Dos acontecimentos deste consideravel intervallo de tempo só se encontra referencia á descoberta de diamantes, attribuida a Bernardo da Fonseca Lobo em 1729. Entretanto houve em 1718 a creação da villa S. José d'El-Rei que, conforme o plano da obra que umerava e descrevia a villa do districto das minas,

devia forçosamente ser mencionado se o escripto fôsse realmente do anno de 1735, ou um pouco antes. A falta de referencia á esta nova villa é mais uma prova que a data e nome do auctor do folheto são ficticios.

Além do accrescimo relativo ás minas de diamantes ha ainda um outro a respeito das minas de esmeraldas, dando uma noticia resumida da historia de sua descoberta tirada da obra manuscripta de Gabriel Soares, ou talvez da de Frei Vicente de Salvador, que podiam ter sido encontradas na mesma bibliotheca, provavelmente na de Evora, onde Francisco Tavares de Brito achou o escripto anonymo que entendeu publicar com seu nome.

Comtudo ha na nota accrescida pelo proprio Brito a respeito das lavras de diamantes, algumas informações de valor historico. Disse elle: «Ficam estas lavras no Caheté-mirim em um baixo, e da parte de cima (como do castello de Lisboa para o Rocio) está um morro de pedras brancas do tamanho de uma libra, e aqui se acham tambem diamantes». Ao que parece, as primeiras lavras de diamantes eram no leito e nas margens do rio Caheté-mirim e a referencia a um morro indica que já neste tempo era conhecida a existencia da pedra preciosa nas terras altas em que sómente muito tempo depois se iniciaram as chamadas Lavras do Campo.

S. Paulo, 4 de Junho de 1889.

ORVILLE A. DERBY.

S. PAULO E MINAS

Antigas divisas

Tendo um correspondente do *Correio Paulistano*, em Lisboa, remettido copias authenticas de varios documentos conservados na Bibliotheca Nacional da capital portugueza, recebi da illustrada redacção deste jornal o honroso convite de aprecial-os como preliminar á sua publicação.

Os documentos que foram escolhidos pelo correspondente, por se referirem á secular questão de limites entre S. Paulo e Minas-Geraes, constam em sua maior parte de papeis officiaes que já foram dados á publicidade no volume XI do *Archivo do Estado de S. Paulo*, revista de documentos interessantes para a historia e costumes de S. Paulo, que está sendo publicada pela Repartição de Estatistica e do Archivo do Estado, parecendo-me por este motivo dispensavel a sua reproducção nas columnas do *Correio*.

Entre elles, porém, ha um inedito e de grande ɜresse, que vem esclarecer um ponto até hoje obso da questão, ponto este que, por um singular ac-

caso, foi ainda agora assumpto de discussão no *Correio Paulistano*, na interessante communicação publicada a 18 do corrente pelo seu collaborador, que se assignou com as iniciaes A. P.

Este documento inedito é uma carta dirigida, em 3 de Julho de 1767, por Luiz Diogo Lobo da Silva, governador da capitania de Minas-Geraes, ao secretario do Estado de Lisboa, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em resposta a uma celebre carta deste senhor, a qual no entender dos mineiros constitue o mais forte esteio dos seus direitos ao territorio em litigio.

Para aquelles que não estão bem a par da questão de limites entre os dois Estados convem, antes de reproduzir a dita carta, expôr, ainda que resumidamente, a historia da região a que ella se refere.

No tempo em que ficou suspenso, para não dizer supprimido, o governo autonomico de S. Paulo (1749-1765), ficando esta capitania, como as de Minas e Rio de Janeiro, debaixo das ordens de Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, foi descoberto ouro no districto de Jacuhy e, affluindo muita gente para aquelle sertão, antes despovoado e desprezado, a camara de Jundiahy e as auctoridades ecclesiasticas do bispado de S. Paulo tomaram posse formal das novas povoações que ali se crearam.

Depois da morte do conde de Bobadella, em 1763, vindo Luiz Diogo Lobo da Silva governar a capitania de Minas, entendeu este dever chamar para a sua capitania estas novas povoações e, indo a Jacuhy em 1764, publicou um *Bando* e *Instrucções* para o encarregado do fisco, documentos estes que foram remettidos ao governo portuguez juntamente com uma longa exposição a respeito da sua viagem, em carta, ou datada de 26 de Novembro de 1764.

A resposta dada pelo governo de Lisboa foi uma outra celebre carta de 25 de Março de 1767, cujo conteúdo está sufficientemente indicado na seguinte carta accusando o seu recebimento (1);

«Illmo. e exmo. senhor: — Na carta que recebi «de V. Exa. de vinte e sinco de Março do corrente «anno, e em que me certifica ter sido entregue das que «lhe dirigi nas datas de sinco do referido mez e de«sanove de Julho de mil setecentos sesenta e sinco, «que pôz na Presença de S. Mag. F. vejo conseguir a «felicidade de approvar o mesmo senhor pela sua inata «generosidade as providencias que dei em S. João e «S. Pedro de Jacuhi, Cabo Verde, Ouro Fino, Jaguari «e Tajubá para evitar na parte possivel os extravios «de ouro e diamantes, e igualmente as relativas ao des«coberto de Juruóca, determinando-me o fassa conti«nuar debaixo da observancia das ditas providencias, «assentos da junta de vinte e seis de Novembro de «mil setecentos sesenta e quatro, bando, instrucções e «ditas cartas, que dei para os referidos descobertos e «seus annexos, o que procurarei executar segurando a «V. Exa. o particular gosto, que me resulta de ter me«recido nesta parte aprovação de S. Mag. F., attri«buindo a não só por felicidade, mas em premio de «sincera e eficaz vontade com que me não separo do «verdadeiro dezejo de acertar em tudo, e por tudo com «a recta intenção do mesmo Senhor e de viver unido «ao que for do seu mayor agrado.

(1) Todos os documentos aqui mencionados se acham pu«dos no vol. XI do *Archivo do Estado de S. Paulo*, paginas . 84.

« . . . . . .

«Deus guarde a V. Exa. ms. ans. Vila Rica, 3 de «Julho de 1767.—Illmo. e Exmo. Sr. Francisco Xavier «de Mendonça Furtado. — Luiz Diogo Lobo da Silva».

Para a questão de limites o valor principal deste documento consiste na demonstração da importancia que foi dada por Luiz Diogo, governador de Minas e principal interessado, á carta que Francisco Xavier de Mendonça Furtado lhe dirigiu em 25 de Março de 1767.

Na *Introducção* que escrevi para o volume XI do *Archivo do Estado de S. Paulo* demonstrei que o governador Luiz Diogo, que presumivelmente recebeu esta carta muito antes de ter deixado o governo de Minas, nenhuma referencia fazia a ella na sua correspondencia com o governador de S. Paulo.

Disse eu mais que o seu successor, conde de Valladares, depois de uma longa e acrimoniosa correspondencia tinha querido fazer jogo com a essa *carta-aviso* sem, ao que parece, saber como se haver, visto que tinha-a annexado ao seu officio de 23 de Julho de 1772, sem, comtudo, fazer a minima referencia a ella, e que foi sómente em 1774, sete annos depois da expedição da carta de 25 de Março de 1767, que em Villa Rica se resolveu interpretal-a como sendo uma solução em favor de Minas de toda a questão de limites com São Paulo.

A esta minha argumentação respondeu, conforme se vê pelo artigo de A. P., publicado no *Correio* de 18 deste mez, o deputado mineiro dr. Cupertino de Siqueira, dizendo que provavelmente Luiz Diogo não tinha recebido a carta de 25 de Março de 1767 antes de ter deixado o governo de Minas, argumento este que A. P. pulverisa com a confrontação das datas, trando um intervallo de 1 anno, 3 mezes e 22

entre a data da carta escripta em Lisboa pelo secretario de Estado Mendonça Furtado e a sahida de Luiz Diogo do governo de Minas.

O apparecimento fortuito e feliz da carta de Luiz Diogo, acima transcripta, justifica plenamente o meu argumento, demonstrando que a carta de 25 de Março de 1767, tendo feito feliz viagem de Lisboa a Villa Rica, foi recebida cerca de tres mezes depois de expedida, e que Luiz Diogo a tinha presente quando, a 31 de Julho de 1767, dirigiu ao governador de S. Paulo a sua ultima communicação relativa á questão de limites, sem comtudo fazer referencia a esta carta, á qual, conforme deduzi dos documentos que tinha á mão e conforme demonstra agora a sua propria carta, elle só dava a importancia de um simples negocio de expediente do governo de sua capitania.

A um outro argumento da minha mencionada *Introducção* ao vol. XI do *Archivo do Estado de S. Paulo*, em que eu disse que quasi na mesma occasião (a 22 de Julho de 1766) o secretario de Estado de Lisboa tinha dirigido ao governador de S. Paulo uma carta identica na forma e quasi identica na substancia á de 25 de Março, responde o dr. Cupertino de Siqueira pulverisando a carta de 22 de Julho de 1766 com a denominação de «*bilhete*» *com o pomposo nome de* «*aviso*».

Como insinua com bastante espirito A. P. nas suas notas ás *Observações* do dr. Cupertino, os paulistas podem acceitar sem acanhamento esta designação de *bilhete* para um seu documento, quanto tal documento vem assignado por um marquez de Pombal, visto que assim terão o direito de dar a mesma denominação á 'a de 25 de Março firmada por um qualquer Fran-

cisco Xavier de Mendonça Furtado, que os mineiros tem arvorado em palladio de seus direitos.

Quer sejam *bilhetes,* quer avisos, as cartas de 22 de Julho de 1766 e de 25 de Março de 1767, não passam de pannos quentes applicados ás questões de limites, de ordens para a manutenção de um *statu-quo,* que jà tinha sido espontaneamente convencionado entre os dois governadores antes de serem por elles recebidas as mencionadas cartas.

Assim o entendeu D. Luiz Antonio de Souza, governador de S. Paulo, e assim tambem o entendeu Luiz Diogo, governador de Minas, conforme se deduz de sua correspondencia já conhecida e agora confirmada por suas proprias palavras na carta acima reproduzida.

O conde de Valladeres, que substituiu Luiz Diogo no governo de Minas, entendeu não dever respeitar este convenio de *statu-quo*, e o seu successor Antonio Carlos Furtado de Mendonça *inventou* a justificação deste procedimento numa interpretação forçada da carta de 25 de Março, interpretação que é corrente entre os mineiros, que a acceitaram de boa fé.

O apparecimento desta carta de Luiz Diogo destróe, porém, esta interpretação, salvo a hypothese de se demonstrar, pelas cartas de 25 de Março e de 19 de Julho nella referidas, que a interpretação aqui dada é erronea. Estas cartas devem existir no archivo publico de Minas e a sua publicação poderá, talvez, elucidar melhor a questão, pelo menos na sua parte historica, sendo porém pouco provavel que justifique a enorme importancia que os successores de Luiz Diogo deram á carta ministerial de 25 de Março, importancia que ao proprio Luiz Diogo passou despercebida.

A carta acima transcripta justifica plenamente o ponto de vista em que me colloquei na *Introducção* do vol. XI do *Archivo do Estado de S. Paulo,* isto é, que o verdadeiro *status* legal da questão é o do convenio de *statu-quo* estabelecido em 1766, entre os governadores D. Luiz Antonio e Luiz Diogo, e que foi no entender de ambos confirmado pelo secretario de Estado de Lisboa pelas cartas, avisos, *bilhetes,* ou cousas que os valham, de 22 de Julho de 1766 e 25 de Março de 1767.

As successivas ordens subsequentes para se manter o *statu-quo* devolvem a questão ao pé em que ella se achava em 1766, quando se estabeleceu este convenio. Nesta occasião estavam, como ainda hoje estão, em discussão no terreno legal o *Assento* de 12 de Outubro de 1765, em que os paulistas baseam as suas pretenções, e a *Demarcação* do ouvidor mineiro Thomaz Rubim, de 19 de Setembro de 1749, que constitue o fundamento das pretenções mineiras.

No caso de serem invalidados ambos estes actos em virtude de allegações, mais ou menos legaes, apresentadas por uma ou outra parte contendora, ficaria de pé a Provisão Regia de 30 de Abril de 1747, que, emquanto não forem legalizadas as posses tomadas por qualquer dellas, é o unico acto completo, incontestado e incontestavel que póde regular este litigioso assumpto.

O mesmo correspondente, que já forneceu ao *Correio Paulistano* interessantes subsidios para a historia colonial de S. Paulo, encontrados na Bibliotheca Nacional de Lisboa, acaba de offerecer ao mesmo jornal mais dois documentos, que em seguida vão publicados,

relativos ao assumpto tratado por A. P., no numero deste jornal de 18 de Setembro corrente e por mim no numero do dia 21 deste mesmo mez,

O primeiro documento é a carta de Antonio Carlos Furtado de Mendonça mencionada na pagina 309 do vol. XI do *Archivo do Estado de S. Paulo*, a qual, não sendo encontrada no competente livro de registro, só era conhecida pelo teôr da carta de 17 de Agosto de 1773, escripta em resposta por D. Luiz Antonio de Souza, governador da capitania de S. Paulo.

Este documento, que até agora tinha ficado inedito, é interessante por ser o primeiro na correspondencia entre os governos das duas capitanias em que se refére directamente á celebre carta de 25 de Março de 1767, do secretario de Estado, Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

O segundo documento é uma carta dirigida ao secretario do Estado, Martinho de Mello e Castro, por D. Antonio de Noronha, quarto governador de Minas, confessando que teve nas suas mãos a dita carta de 25 de Março de 1767. Seguem-se os documentos:

— O sr. Conde de Valladares, que acabou de governar esta Capitania me entregou a Carta de Officio de V. Exa. de 23 de Janeiro, em que V. Exa. punha na sua presença a decisão da junta que por ordem de Sua Magestade, que Ds. Gde. mandou fazer o Sr. Conde da Cunha, Vice-Rey do Estado, a effeito de regular os Limites destas duas Capitanias, e que no termo daquella Junta ficou assentado que o rio Sapocahy service de deviza, mandando Sua Magestade que estejamos pella decizão da Junta em qto. não mandar o contrario, o que V. Exa. fas certo pela Copia de Officio de 4 de Janr. de 1765 do Illmo. Exmo. Francisco Xavier de Mendonça, Secretario de E-

e que o Exmo. Snr. Marquez Vice-Rey do Estado lhe insignua na sua Carta de 29 de Outubro de 1772, fazer este mesmo avizo ao Snr. Conde de Valladares, e que V. Exa. lhe parecia ficava seçando toda duvida, visto Sua Magestade ordenar que estejamos pella decizão daquella Junta, em quanto Sua Magestade não mandar ao contrario, querendo V. Exa. que se pacem as ordens necessarias para se retirarem p.ª esta Capitania todos os Registros p.ª cá do Rio Sapocahy e p.ª que sem controversia V. Exa. tomar conta das ditas terras, entendendo V. Ex. ser mais conveniente aos interesses de Sua Magde., sobre os quaes não deve dilatar o consideravel prejuizo, que se está cauzando a Real Fazenda ha tantos tempos em se confundir por este motivo o Quinto que lhe toca do ouro que se tira nas terras, q'. V. Ex. entende que ficão pertencendo a essa Cap.nia, cujo Quinto se deve pagar separado da Cotta das cem arrobas, que os Povos desta Cap.nia de Minas Geraes são obrigados a pagarem diferente, e por outros principios; Devo primeiramte. dizer a V. Exa. que eu sou bem inimigo de semelhantes questoens; pois semelhantes decizoens nunca deve haver entre nós que temos a honra de sermos Vassallos do mesmo Rey que Ds. Gde. Devesse supor que o Exmo. Snr. Conde da Cunha Vice-Rey, a quem foi encarregada esta deligencia lhe não devia esquecer fazer avizo a V. Exa. e ao Governador q'. então era desta Cap.nia como determina a carta do Snr. Francisco Xavier de Mendonça de 4 de Fevero. de 1765 p.ª se estar pelo que se assentou na refferida Junta, e sim se deve entender que o Snr. Vice-Rey supos embaraço nesta decizão, e que deu conta a Sua Magde. que Ds. Gde.; pois senão vece embaraço devemos entender, que já nestas s Cap.nias estaria a confirmação do assento que se

fez na Junta. O sr. Duiz' Diogo Lobo da S.ª foi aos novos descobertos de S. João de Jacuhy, S. Pedro de Alcantara, e Almas, as paragens do Rio Grande aonde faz barra o de Sapocahy, e dahi a Cabo Verde ao Ourofino, a camandocaya nas vezinhanças do Rio Jaguary, Registo do Mandu, Sapocahy, Campanha do Rio Verde, Baipindi, Pouzo Alto, Registo de Capivary, Serra da Mantiqueira, Arrayal do Itajubá, Juruoca, Cabeceira do Rio Grande, e Ibitipoca, Ponte chamada da Caxoeira, e recolhendo-se a V.ª de S. João d'El-Rey fes em 26 de Novembro de 1764, o Termo que por copia remeto a V. Ex.ª dando as providencias precizas sobre os refferidos contimentes, e deu conta a Sua Magde. do refferido, e o mesmo Senhor foi servido aprovar as refferidas providencias, ordenando q'. faça executar tudo na conformidade das refferidas Cartas, Assentos, Bandos e Instruçõens, por Carta do Snr. Secretario de Estado Francisco Xavier de Mendonça de 25 de Março de 1767, q'. por copia tão bem remeto a V. Ex.ª, sendo certo, que Sua Magde. tivece aprovado o termo que o Snr. Conde da Cunha fes, não devia vir esta aprovação, e ordens ao Sr. Luis Diogo Lobo:

Eu creio q'. V. Exa. ficará persuadido dos justos motivos, que eu tenho p.ª não passar as Ordens que V. Excia. quer, parecendo-me q.' desemos conta a Sua Magde. p.ª rezolver o que for servido. Ds. Ge. a V. Exa. —Villa Rica a 18 de Junho de 1773. — *Antonio Carlos Furtado de Mendonça.*

Illmo. e Exmo. Snr. - O Governador que foi desta Capitania Luiz Diogo Lobo da Silva passou no anno de 1764 aos territorios de Jacuhi, Cabo Verde, Sapocahi, e outros, onde deu algumas providencias concernentes á boa arrecadação da Real Fazenda, que fo aprovadas pelo Avizo expedido pelo Illmo. e E-

Snr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, a 25 de Março de 1767, como consta da primeira copia junta.

Entrando ao depois disso o Conde de Valadares a Governar esta Capitania foi perturbado na posse daquelles territorios pelo Governador de S. Paulo D. Luiz Antonio de Souza; do que rezultou dar hum e outro contas a S. Magestade, que estão indicizas.

O mesmo Governador de S. Paulo pertendeo que Antonio Carlos Furtado de Mendonça sucessor do Conde de Valadares neste Governo lhe entregace as terras assima declaradas, o que elle não fez, como consta da segunda copia junta.

Ultimamente o actual Governador de S. Paulo entrou na mesma pertenção por meio da carta que me dirigio, e consta da terceira copia junta; a qual eu respondi o que consta da quarta copia tambem junta. Além disto constou-me que os moradores dos territorios do Ouro fino, e Campanha de Toledo pertencentes a esta Capitania se achavão inquietos com as ordens que os Commandantes de S. Paulo pertencião executar naquelles destritos: e ponderando eu as perigozas consequencias desta inovação, expedi huma guarda para pacificar, e conter os povos, ordenando ao Cabo della que não fizece a menor resistencia aos ditos Commandantes no cazo de entrarem por força nas terras desta Capitania; o que partecipei ao Governador de S. Paulo, o dito Cabo, para maior commodidade da Guarda se aquartelou em um citio pertencente a S. Paulo, e pouco distante dos Limites desta Capitania; e eu o mandei immediatamente retroceder partecipando-o ao Governador de S. Paulo.

V.ª Ex.ª se digne pôr esta materia na Real Prença de Sua Magestade para que o dito Senhor man-

dando examinar os documentos juntos, e as contas que derão meus predecessores, haja de Determinar esta contenda que tem perturbado o socego dos Povos habitantes das terras Litigiozas ; e cauzando algum prejuizo a Real Fazenda, maiormente ao depois que o Governador de S. Paulo fez tapar os caminhos que se dirigião para os registros desta Capitania, onde os Negociantes pagavão os direitos que são devidos.

Ds. G.e a V. Ex.a — Villa Rica, 13 de Janeiro de 1776. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Martinho de Mello de Castro. — *D. Ant.o de Nor.a*

Vê-se por estas duas cartas que nenhum destes dois governadores de Minas apresentava a carta de 25 de Março de 1767, do ministro portuguez Francisco Xavier de Mendonça Furtado, como solução final da questão de limites, doutrina esta que, comquanto tenha sido corrente entre os mineiros daquelles tempos, só encontrou expressão official na carta de 29 de Dezembro de 1797, de Bernardo José de Lorena, na qual se vê categoricamente que o *Assento* de 12 de Outubro de 1765 fôra revogado pela dita carta de 25 de Março de 1767.

Pelo contrario, Antonio Carlos Furtado de Mendonça, governador que tinha sido de Minas, só se serviu do carta de 25 de Março como desculpa, aliás valiosa, para não entregar immediatamente, conforme lhe tinha pedido D. Luiz Antonio de Souza, os terrenos em litigio, e D. Antonio de Noronha faz um appello ao governo portuguez para que resolva definitivamente a questão.

Assim, graças aos esforços e investigações do digno correspondente do *Correio Paulistano*, temos agora os testemunhos de quatro governadores de Minas, os directamente interessados, a favor do ponto de

apresentado na *Introducção* do vol. XI do *Archivo do Estado de S. Paulo,* isto é, que na questão de limites se tem dado á carta de 25 de Março de 1767 uma importancia que ella está longe de merecer.

S. Paulo, 26—9—98.

ORVILLE A. DERBY.

(Extrahido do *Correio Paulistano).*

Panegyrico do Marquez de Pombal [1]

Laqueus contritus est, et nos liberati sumus.
PSALM. 129.

Que mais alegre noticia podia eu apresentar a este respeitavel, e numeroso concurso, que me cerca?

O primeiro Ministro do Estado, hum Heróe, gloria da Nação, e inveja dos povos estrangeiros, foi prezervado de hum golpe, que cortando o preciozo fio de seus dias, suspenderia juntamente as torrentes de nossa felicidade, e de nosso bem.

Deos, Omnipotente Senhor, que vos reconhecemos o arbitro, e o dispensador da felicidade, e da desgraça, nós que profundamente adoramos os impenetraveis decretos da vossa Providencia, nós vos rendemos louvores infinitos pela conservação de hum Heróe, que se nos faz muito importante. Com effeito, mostrando Deus

(1) Encontrado entre os papeis velhos do tenente-general José Arouche de Toledo Rendon pelo dr. Antonio Piza e por elle offerecido ao Instituto. Parece ter sido recitado em uma das egrejas desta capital logo depois de uma tentativa contra a vida do grande ministro de D. José I.

(N. d'

signaes sensiveis de sua alta protecção sobre o primeiro Ministro do Reino, depois de tel-o conferido para com suas excellentes, e brilhantes qualidades formar a gloria portugueza, deixar-se-há de excitar nosso dever a hum vivo reconhecimento? Não applaudiremos a continuação de huma vida a mais interessante? Vida estimavel, precioza vida, assim como algum dia ha-de ser universalmente fundamentado o sentimento por tua perda irreparavel, assim tambem tua importante duração nos administra bem qualificados motivos para nosso reconhecimento e nosso jubilo.

Mas, Senhores, quaes desses motivos devo eu acolher hoje? Entre os muitos, entre os innumeraveis, que tecem a corôa de gloria de hum Heróe que, por suas esclarecidas acçoens tem contado, e contará os seus momentos, eu vou separar os bens rezultantes a Nação. Os bens, pois, que tem percebido todo o Reino durante a diversidade dos gloriozos empregos do Ill.mo e Ex.mo Marquez de Pombal, hão de justificar, respeitavel corpo do Erario, sem duvida hão-de justificar a religioza gratificação desta acção gratulatoria.

Hum dos mais estimaveis bens, que nós devemos applaudir, hé a vida de hum Heróe, que por suas admiraveis qualidades vivifica o seu Estado, e solicita a felicidade dos povos. Este hé hum bem o mais apreciavel, e hum dos maiores favores que o Céo nos póde conferir. Bem hé este que ha muitos annos está gozando Portugal na Ex.ma pessoa do seu primeiro Ministro; bem hé este que tem rendido a admiração das Naçoens, e objecto das attençoens do Universo. Bem hé este que huma sacrilega conspiração vinha a roubar-nos para calcada essa gloria debaixo dos pés de sua negra [illegible], e monstruoza tirannia.

Hi! E que seria, Ó grande Deos, a nossa dôr, qual nossa amargura, se nos vossos Eternos Conselhos estivesse destinado a derramar-se sobre nós este vazo da vossa terrivel indignação, e vossa colera? Só a falta do Ministro, Senhores, nos faria comprehender a importancia dos seus dias; só no seu occazo conheceriamos quanto seus resplendores brilharam no seu zenith. Mas para que hei-de entreter-vos com objecto de luto, e de tristeza? Para que hei-de já reprezentar-vos a Nação com a face desfigurada, os olhos banhados com lagrimas. obscurecido o luzimento do seu oiro, inteiramente submergida na tristeza, e não admittindo especie de consolação, e de alivio? Para que hei-de fallar-vos de movimontos de pezar, não me faltando motivos de prazer?

Eu já vos faço ver motivos consolantes de innumeraveis açcoens que tem dado novo lustre a Portugal, acçoens de huma sabedoria viva, penetrante, luminoza, acçoens de hum zelo generozo, intrepido, universal.

Principiar pois, Senhores, a fallar-vos sobre os diversos empregos do primeiro Ministro do Estado hé o mesmo que querer vos transportar a diversas cidades da Europa, hé o mesmo que mostral-o ou na famoza Capital da Inglaterra, ou na pompoza Corte do Imperio, exercitando empregos tanto honorificos a sua pessoa quanto delicados e perigozos ao Estado.

Sim, Londres e Vienna foram os primeiros theatros das engenhozas demonstraçoens de sua viveza; Londres e Vienna que não podem numerar os seus espiritos exornados de seriedade, solidez e profundeza, cuidadozas e applicadas a cultivar os seus talentos, caprichozas em manter suas negociaçoens, e interesses; Londres e Vienna, centros da politica, ellas o viram dignam

sustentar a qualidade da Enviatura Portugueza. Sabendo elle incumbir os importantes mysterios que lhe foram commettidos, não soube igualmente prevenir-nos todo o damno, dispôr-nos todo o bem, fazer respeitavel a auctoridade do Rei, e defender os direitos dos vassallos?

Para argumento do feliz successo do Enviado não hé precizo mais que o superior discernimento, e profundeza do Monarcha, que todo se empenhava a conferir estimaçõens ao merecimento verdadeiro; basta que com sua satisfação e seu applauzo proceda elle para a Corte; e para que fim? A Providencia, que está vigilante sobre tudo, que suavemente vae executando os seus decretos, que para certos tempos tem preparado em seus thezoiros infinitas mizericordias, se dispoem a desterrar as espessas trévas, que cobrem a face do Reino. No Santuario dos negocids do Rei, Ella colloca huma brilhante tocha para illuminar a cegueira da Nação. Esta hé o Ill.mo Enviado. Com effeito, escolhido para reformar este edificio, sobre elle carrega o pezo da vigilancia do Estado. Estado Portuguez, ah! Como vão a renascer os teus dias gloriozos! Confiada ao novo Ministro a auctoridade soberana, nada mais ha que esperar. Elle começa, e por onde devo eu principiar?

O Erario, que depozita os soccorros necessarios para a subsistencia dos guerreiros, e conservação dos magistrados, que pelo luzimento do seu oiro attrahe as vontades, e domina os coraçõens; que pelo seu preço defende os nossos mares, afugentando os inimigos para que vivos não desçam a sepultar-se entre as ondas; o Erario, esse interessante edificio da politica, essa fun-
mental baze do Throno, antes exgottado, no dia de
e se vê enriquecido; elle depozita quanto nella devia

estar depozitado. Mas que cuidados, que precauçoens, que desvelos não tem merecido ao nosso Heróe?

Sua actividade soube descobrir aquelles meios, que contribuiam a diminuir-lhe ou a extraviar-lhe os cabedaes; suas reflexoens tem-lhe precaucionado toda a ruina; sua penetração tem-lhe escolhido Ministros capazes para numerar as despezas, e despender as obrigaçõens indispensaveis á Corôa.

Agora não entreis vós, Senhores, a formar duvidas sobre a justiça de sua eleição, e sua escolha, e para que? Acazo pensais vós que elle escolhe homens que vão a ser vis escravos de seus lucros, e não zeladores da fazenda do seu Rei? Acazo elege aquelles que por hum superficial conhecimento tudo decidem, e temerariamente se arrojam a solicitar o seu arrimo onde está seu precipicio? Real Erario, isto não devemos nós recear em nossos dias, durante a vida do grande Ministro, durarão sobre vós o zelo, e a vigilancia; o dom de penetração, derramado sobre a vasta extensão de suas luzes, faz que elle saiba profundar os talentos e registrar o interior dos coraçoens.

Nem ligeiramente pensem tambem, Senhores, que eu venho empenhado a retratar o nosso Heróe com aquellas mesmas cores, que nos servira para delinear os caracteres da Divindade. Eu não sou insensato para julgal-o similhante ao Senhor que habita nas alturas. Eu conheço que só Deos lá de cima toca os limites de nossos conhecimentos; só Elle sabe introduzir-se nos impenetraveis segredos das paixoens; todos os movimentos, todas as revoluçoens, todos os mysterios do coração só a si e a ninguem mais Elle consente que se manifestem claramente. E dahi vem que os mais illuminados espiritos algumas vezes protegem paixoens occultas, julgando sempre que patrocinam o mereci-

mento verdadeiro; dahi nasce aquella arte fatal e enganadora com que muitas vezes sabe o Vicio enthronizar-se sobre as ruinas da Virtude.

Mas o mesmo SENHOR, que rezervou-se o ultissimo previlegio de sondar os coraçoens, não o tem communicado, por fallar assim, á algumas creaturas racionaes? Exornadas de sabedoria, pelos successos não recolhem o conhecimento do futuro? Por huma inclinação, por hum movimento, por hum gesto não se rendem dominantes sobre o que regularmente se occulta no interior dos outros homens? A Escriptura Santa (*Lib. 3 Reg.*) nos faz ver entre os mais gloriozos dias de Israel a hum Principe, cuja viva penetração lhe attrahiu da extremidade da terra transportes de admiraçoens e rendimentos de homenagens. Os monumentos da Igreja (*In Vita S. Ambrozii*) tambem mostram ao grande Ambrozio recuzando caracterizar com o sacerdocio a hum amigo seu, cuja indecencia do gesto lhe fazia prever huma derrota muito funesta.

Mas para que busco eu exemplos na antiguidade de Jeruzalem e de Milão, se em nossos dias eu descubro em Portugal? Dentro de Portugal, dentro deste mesmo Santuario eu acho provas da superior penetração do primeiro Ministro do Estado. Tantos e tão qualificados objectos de sua eleição, e sua escolha (*estavam prezentes os Ex.mos Bispo, e o General de São Paulo*) certamente me excitam a tributar-lhe o magnifico elogio que foi consagrado a Salomão (*Eccl. t. 47, v. 15 et seq.*): « A sabedoria e a sciencia correm de vossos labios similhantes as agoas de hum rio magestozo, a intelligencia de vosso espirito tem sondado os segredos da terra».

Com verdade, Senhores, que intelligencia, que união luzes no primeiro Ministro de Estado! Que prodi-

giozo composto de sciencias! Bellas Lettras, Historia, Philozophia, Jurisprudencia, e Theologia lhe tecem o adorno. Ah! E que novo lustre não se me faz precizo descobrir a vossos olhos?

O sabio quer communicar os raios de sua sabedoria luminoza (*Sap. c. 7, v. 13 et seq.*); elle não se deixa captivar daquelle orgulhoso monstro da vaidade, que na gloria alheia se reprezenta encontrar o penhasco do seu abatimento. Brilha, mas sem emulação e sem inveja quer repartir seu esplendor. Assim como nas alturas os astros inferiores participam suas luzes de hum primeiro luminar, da mesma sorte na harmonioza ordem do Estado quer o primeiro Ministro que possuam seus conhecimentos os seus conaturaes: tal é o projecto, tal hé a execução.

Sim; com hum Propheta (*Apoc. 21, v. 1*) eu bem posso dizer que estou vendo hum novo céo e huma nova terra. Pela protecção e pelos cuidados do Ministro as artes e as sciencias correm em tropel a fazer assentos em Portugal; o gosto, o bello gosto se descobre, multiplicam-se desvêlos em fazer voltar á nossas terras aquelles oraculos da antiguidade longo tempo desterrados pela cegueira e ignorancia. Todos os paizes, todas as naçoens civilizadas nos enviam suas mais apreciaveis producçoens e monumentos; nos enviam soccorros proporcionados para a instrucção da linguagem oriental.

O Reino, Senhores, já hé huma Babel, não pela confuzão e pela desordem, mas pela união das antigas naçoens reproduzidas. Ouvem-se Hebreos, ouvem-se Gregos, ouvem-se Romanos. Novamente renascidos fallam do alto de nossos Santuarios os Ezechieis, os C zostomos, os Jeronimos; em nossos Tribunaes os

mosthenes e os Tullios; em nossas Academias os Homeros, os Virgilios, os Horacios.

E que direi eu da perfeição que, com rapidos voos, procuram as sciencias? Universidade de Coimbra, Seminarios destinados para a instrucção da mocidade e da nobreza, vós objectos da vigilancia e dos cuidados do Ministro, vós vindes aqui dizer em meu logar: «A que sublime gráo de perfeição não vos elevam e arrebatam tão louvaveis planos e admiraveis estatutos juntos com o infatigavel soccorro dos sabios professores? Vós deveis confessar que jazem sepultados debaixo dos campos do esquecimento e do desprezo esses artificiosos do capricho e brincos do engenho mais do que serios entretimentos da razão. Não se occupa a Philozophia com infructuosas subtilezas. O Direito patrio reconhece novas leis, que caracterizam e distinguem a jurisprudencia portugueza. Não se ignoram as sacrosantas leis que o Supremo Auctor da natureza gravou em nossos coraçoens. Sabem-se os inviolaveis uzos e o unanime concerto que as naçoens adoptaram por direito. Emfim, não ha sciencia que deixe de subsistir em boa paz e de reinar em bella ordem. Subsiste e reina a Mathemathica; subsiste e reina a Medicina; subsiste e reina a Theologia.

A Theologia! Se agora fosse meu intento declarar-vos a profunda veneração do nosso Heróe para com esta Princeza de todas as sciencias, eu não precizaria mais do que aproveitar-me de suas judiciozas reflexoens. Mas para que hei-de propol-as, se melhor do que eu posso proferir, elle tem feito docilmente pratical-as? Melhor do que eu posso proferir, elle tem feito conhecer os verdadeiros sentimentos da Religião, a autenticidade, a formozura, e divindade dos Livros Santos, a

solidez e a belleza dos Padres, a extensão da auctoridade da Igreja, a pureza da Moral.

Ditozo Portugal, se logo que tantos bens principiaram a cercar-te, se antecipassem os teus filhos a offerecer oblaçoens de gratidão, talvez que não fosse interrompida a serenidade dos teus dias; talvez que elles continuassem sempre serenos, sempre claros. A primeira estação deste Reinado bem promettia doces e sazonados fructos de paz, e de socego; mas Deos, que estava prevendo huma abominavel insensibilidade e ingratidão, quiz fulminar as suas iras, quiz talvez para que no meio das tuas desgraças comprehendesses melhor o beneficio que conferiu-te no Ministro; quiz talvez para com o seu zelo dar a conhecer mais sua importancia.

Vós sabeis que um imprevisto espectaculo de dezolação e de horror occupou a nossa Corte Treme a terra, abatem-se elevados edificios, arrebentam devorantes linguas de fogo; ondas encapelladas, impetuozas, e soberbas se arrojam a transbordar os seus limites. Tudo se poe em dezordem, tudo em movimento, tudo em confuzão. O espozo foge da esposa, a mãi dezampara o tenro filho; a morte, a palida morte por todos os lados se aprezenta formidavel, e que será?

Alguns na velocidade da sua fugida se promettem alcançar o seu refugio; mas, ai! O que soube escapar das ruinas e dos estragos não sabe reparar-se dos rigores do inverno; o que pelos sustos foi espectaculo da dôr, pela fome se faz tambem da compaixão.

Tristes lisbonenses, restos de Israel, entre tantos sustos, entre tantas maguas, entre tantas calamidades, que esperança de allivio? Não haja entre em vós a dezesperação, não haja receio. Ainda resta entre generozo Macchabéo; logo que elle lança os olhos

a vossa ruina, elle se deixa occupar daquelles mesmos sentimentos, que chegou a articular e proferir o grande Mathatias (*Maccab. 1, c. 2, v. 7*); « Para que sahi eu á luz dos dias, para que? Para ser testemunha da desgraça de meu povo? » Animado pois de zelo elle se entra a render sensivel aos clamores da desgraça; elle executa quanto da auctoridade do Rei exigem o bem e a conservação de seus vassallos. Precauçoens, soccorros, justiças se distribuem com prodigioza exactidão; os mortos se sepultam, os vivos se consolam, os roubos e os sacrilegios se castigam; os damnos ou se evitam ou se reparam.

E não fallarei agora sobre as immensas provizoens e sobre os viveres que á porfia vieram inundar os nossos portos. Eu calo a abundancia que succedeu á huma esterilidade inopinada, porque eu vou buscar nova materia para o zelo do Ministro. Mas que? Ser-me-há precizo estender os passos ao longe? Não, Senhores, não.

Dentro da mesma Corte se vae a denegrir clandestinamente a gloria portugueza. Hum novo Jeroboão, com seus sequazes, debaixo das apparencias do zelo santo, quer pretextar seus monstruozos intentos e orgulhozos interesses.

Fomentado por hum corpo inimigo do verdadeiro culto e das leis as mais sagradas, marcha, não a dividir o Reino, mas a associar o roubo da vida do Rei á uzurpação da sua coroa; e que acontecera? O golpe se descarrega e o Soberano hé ferido, a Corte se consterna, a fidelidade portugueza se assombra!...

Barbaros e sacrilegos parrecidas, quem déra que tua horroroza lembrança fosse consumida na mesma sumação de teus supplicios! Quem déra que entre gloriozas acçoens de teus progenitores não fosse

lembrado tão ignominiozo proceder! Para exaltação do zelo do Ministro não é precizo reprezentar sua actividade em descobrir teu attentado, nem quero descobrir a tua soberba elevação, abatida e aniquilada aos pés de sua intrepidez. Dentro do seu mesmo gabinete ella lhe vai preparar loiros tanto mais gloriozos, quanto mais separados da mistura da tua ruina; tanto mais duraveis quanto mais o seu zelo se empenhará a sustentar a Monarchia.

Este zelo que o fez sempre reconhecer-se verdadeiro Ministro do seu Rei, que quanto mais o exalta muito mais o nosso Heróe se contempla devedor de fidelidade, de submissão, e de respeito; este zelo, muito poucas vezes encontrado, e conhecido, que doce paz não deve prometter-nos?

Estando o Throno tambem fundamentado, que podemos nós temer ou recear? Mas, ai! Um Estado jamais póde augurar-se solidas felicidades sobre a terra; carecido de outros Estados o seu socego nunca hé permanente; ha paixoens diversas, ha interesses differentes, muitas vezes se faz indispensavel a peleja. Mas com que armas havemos de rezistir aos combates que se nos vem aprezentar?

Portugal ha longo tempo jaz reclinado sobre os braços da paz e da brandura; faltam-lhe viveres, faltam-lhe muniçoens, faltam guerreiros; como ha-de combater? Bravos leoens se promettem vir despedaçal-o; elles marcham, e diante delles vem marchando a desolação, a morte, e o terror; quem não tremerá. Não se assusta, nem teme o grande Ministro do Estado. Sua intrepidez hé incontrastavel pelas forças da Hespanha. Seu zelo sabe reprimir-lhe toda a furia. Zelo de prevenção: já apparecem bem ordenados e formidaveis esquadrões a soccorrer-nos. Zelo de sabedoria: já nossa

milicia reconhece valorozos e sabios Generaes, destros, e bem esforçados combatentes. Zelo de esforço: já os nossos campos menos promettem ser logares de vencidos que theatros de vencedores. Zelo de superioridade; nas allianças, e nos concertos da paz prevalecem nossas vantagens e são restituidos nossos bens. Zelo finalmente universal: já a Corte, já as Provincias, já as Conquistas, já o Estado inteiro admiram novo esplendor e nova ordem. Estabelecem-se fabricas que não invejam as das naçoens mais industriozas e polidas; promove-se o negocio, cujo conhecimento não soffre excessos, só admitte similhanças; promulgam-se leis, que as mesmas magistraturas atheniense e romana desejariam conhecel-as; edificam-se praças, que formam emulação com as de Roma triumphante das nasçoens. Ultimamente eternisa-se huma viva lembrança do Rei, que ficará eternizada com uma saudoza memoria do Ministro.

Tendo eu isto prezente, Senhores, de que indignação não devo eu ir enchendo e de furor, reflectindo que esteve a ponto de roubar-se a nossa gloria? Só em ligeiramente pensar no attentado se altera a minha colera, e que será se eu fôra produzir a qualidade do arteficio e a anormidade do delicto? Impio, inhumano, sacrilego uzurpador do nosso bem, se a Religião me consentisse eu dezejaria que o teu mesmo arteficio abrazador e impetuozo impetuozamente te precipitasse em hum fogo inextinguivel; eu dezejaria que a eterna duração das tuas penas fosse o eterno monumento da alegria, e da satisfação com que vamos reconhecer tão memoravel e tão importante beneficio.

Vozes santas, hymno sagrado, subi já a esse throno de luzes, onde se abrem os thezoiros das mizericordias do Senhor. Ahi aprezentai o profundo reconhecimento

de nossa gratificação com estes ardentes votos, que de novo lhe enviam cá da terra os nossos coraçoens.

Deos bom, conservae a vida do primeiro Ministro deste Estado; ella hé um dos mais preciozos beneficios, porque elle não tem outro empenhó, nem mais outro disvelo, que a vossa gloria e o nosso bem. Conservae juntamente, Deos meu, estes dois Ex.mos Varoens que, sendo obra de sua escolha, pelas estimaveis qualidades, pelas edificantes virtudes, devem ser objectos de vossa protecção. Finalmente, conservae aquelle respeitavel corpo, que, tendo-se formado hum particular gosto de render sensivel a sua gratidão, por isso mesmo manifesta-se por tão apreciavel monumento de vossas mizericordias. Só vós sois digno para sempre de honra, de gloria e de louvor.

Discurso proferido pelo dr. João Monteiro na Sessão Magna de 1º de Novembro de 1899.

Na VIII rhapsodia da sua *Odysséa*, Homero faz Laudamas, filho de Alkinoos, fallar assim a Odysseus:

«Não ha gloria maior para os homens do que a de serem dextros. Vem, portanto, tomar parte em nossos jogos, e varre a tristeza de tua alma».

E Odysseus lhe respondeu:

«As dôres enchem minha alma mais do que o desejo dos prazeres. Já senti muitos males e muitos trabalhos supportei; e ao presente, sentado em vosso Ágora, peço que me deixeis voltar, implorando vosso rei e vosso povo».

SENHORES!

Intimado a substituir, nesta difficil tribuna, a palavra lente do nosso illustrado consocio dr. Julio de Mesquita esse o mais valoroso dos mais audazes defensores da sa guerreada Republica — o mais activo dos mais

expeditos legisladores do Estado — o mais brilhante dos mais lucidos timoneiros da paulistana imprensa, que tambem é legisladora — assim chamado, quasi á ultima hora, sob o violento onus de tão oppressora responsabilidade, sem outro titulo além daquelle que já tres vezes a vossa fidalga generosidade me conferiu, sem outro intuito senão o de vos prestar obediencia e preito, a vir figurar no programma da vossa festa, eu, que tão fundamente trago a alma mergulhada nesta pavorosa encapelladura de brumas e vagalhões em que ora se debate a quasi desarvorada náo da patria, que só ouço, sentindo a ferver nas veias a inexhaurivel seiva do meu patriotismo insaciavel e a me estallar na frente o sagrado beijo da deusa republicana, e só tenho ouvidos para as lamentações e gritos da tripolação desnorteada, bem pudéra me escusar, paraphraseando o heróe de Homero:

— Não, senhores; buscae outro, que para maior brilho destas pompas, vos traga as flôres de boninosa imaginação, os torneados arabescos de uma palavra alijada de preoccupações sombriamente injucundas. Deixae que eu volte, coberto pela gratidão que insoluvelmente vos devo, á modesta tenda do meu obscuro trabalho. Viestes sem accerto.

Se buscasseis os traços indeleveis da epopeia hellenica, em que a mythologia vos abrisse, com o sopro de uma vida nova, com os arroubos da poesia condoreiramente allada, a esplendorosa figura do valor impar, da civilisação fertilisadora, do genio fecundante, terieis de relêr o *Prometheu* de Eschylo, onde verieis, como disse o portentoso autor de *Shakespeare*, despontar o direito; terieis de ouvir Homero, esse que, na phrase ainda de Victor Hugo, faz os homens maiores do que a natureza; terieis de consultar Demosthenes, esse que

para Latino Coelho, só por si vale a eloquencia universal.

Querieis a chamma tragica das paixões indomaveis? a suave ternura dos amores idyllicos? a rebuscada paciencia dos lavores artisticos? a consonante expressão da esthetica religiosa? Fôra em Shakespeare, esse homem-oceano, como delle disse outro oceano maior ainda, fôra em Gœthe, o supremo creador de Hermann e Dorothéa, fôra em Praxitelles, um só de cujos vasos basta para espelhar a mais elevada expressão do genio grego, fôra em *Isaias* de Raphael, na egreja de Santo Agostinho, de Roma, que terieis de pedir a gamma inteira da psychologia do amor, desde a paixão que ribomba no fragoroso coração de Othello até o extase que se arripia nas suaves ondulações do casto seio de Margarida — fôra ahi que deverieis catar as insondaveis affinidades que maravilhosamente assonam Deus e o homem nas infinitas manifestações da natureza e da arte.

Mas que triste e infeliz erro pedir palavras hymnicas de quem já se acolheu á melancholica sombra dos cyprestes do cemiterio das aspirações finadas, das illusões examines! impôr a tarefa de exalçar o vosso merecimento a quem mais não merece senão que o protejais contra o desalento pelo futuro desta Patria, que elle ama como Christo a sua egreja, como Themis a justiça, como a vida ama ao sol que a céva!

Entretanto, já que é tarde para remediar tão triste desacerto, supportae-me com a sympathia devida a quem se vê forçado a obedecer. No meu discurso de hoje, despreparado, quasi improviso, vêde, senhores, não uma palavra que falla, mas um homem que é gado a fallar.

E para onde levarei o meu espirito? Se, por graça incommensuravel daquelle que faz e desfáz tudo o que é maravilhoso na creação, eu fosse igual a Dante, alar-me-ia até á porta do infinito humano, que é a propria historia, de que sois cultivadores sublimemente incansaveis, e das paginas desse livro tão grande que, se egual na dimensão não lhe fosse o mundo, não existiria jamais, eu vos traria fecundos exemplos de civilisação e patriotismo, positivos ensinamentos para a nossa critica existencia social. Da historia, que é a eterna legisladora da humanidade, extrahiria os canones da religião do futuro de nossa patria, e fustigando os tyrannos e despotas com as açoitadas despiedosas de Juvenal e Tacito, os traidores e ambiciosos com as acicatantes imprecações de Plutarco e Hugo, faria a structura academica de facil oração. Por ponto extremo da ascenção politica, levantaria a magestosa cupula da democracia republicana, qual a sonharam os puros e os de bôa fé, não qual a cultivam os egoistas o aventureiros sem credo ou ideal honesto.

E por onde navegarei? — que paragens geographicas ganharão preferencia? Tivera eu a marulhada audacia do Gama ou de Colombo, e facil me fôra, aproando para as bandas de onde o sol do progresso emerge mais brilhante, por entre as miragens deslumbradoras

Desta vaidade a quem chamamos fama,

como dizia Camões, pesquizar costumes e sentimentos, devassar, atravez das condições geographicas dos Estados, a alma moral dos povos; e trazendo, de tão encantadora viagem, nitidos exemplares da actual expansibilidade colonial da raça anglo-saxonia, com e construir, como em seu ultimo livro faz Edmundo

molins, a oração funeraria do antigo e bruxoleante esplendor da latina raça.

Mas quando a patria, que digo eu? quando o mundo inteiro se convulsiona, por sobre terras e aguas por todas as zonas diversissimas do globo, na agitada angustia de todas as figuras da nosographia social, que nos valera a invocação da historia? que nos aproveitara a sondagem das demais paragens da terra? Nosso coração está aqui entre os Andes e o Atlantico; sente as desordenadas palpitações pathologicas de gravissimo estado economico e politico; quasi que se debate já nas vascas hypocraticas de mortal anarchia. Deixemos por hoje as vastissimas regiões da historia, que ás vezes tambem se entrega a fabulações phantasiosas, e olhemos só para nós mesmos, só de nós tractemos, por nós sómente perscrutemos o futuro.

Nem vos pareça apostasia, em bocca republicana, a confissão da anarchia actual. Não: porque não é a Republica quem faz a anarchia; somos nós, que ainda não aprendemos a conduzir e praticar a Republica, que estamos a mentir a ella. Um dos mais valentes republicanos que respiraram sob o céo de Portugal, o insigne Latino Coelho, chegou a escrever as seguintes linhas no seu *Vasco da Gama*, alludindo ao reinado de D. Manoel: «Lavrava pois a anarchia sob a sua forma mais perigosa, a anarchia no governo, e a anarchia militar, para que se visse que não sómente nos estados populares e democraticos, senão tambem nas proprias monarchias absolutas, o desprezo da auctoridade, os bandos e as facções perturbam a ordem e a harmonia social» (1).

(1) 2º vol. pag. 356.

Eis ahi: é a desobediencia ao poder publico, e talvez peior do que isso, são os bandos politicos, as facções partidarias, esses impatrioticos agrupamentos para quem o poeta de *Marie Tudor* só encontrou o nome de *coteries*, especie de pandilha armada contra o direito de todos ao governo do estado para exclusivo uso, gozo e abuso proprio — esse é o morbo politico que fatalmente empesta as republicas.

Pois bem: nós que, sem compromissos politicos ou ambições de mando, aqui assiduamente nos congregamos para cultivar o estudo da historia, e delle induzir lições que aproveitem á patria, aproveitemo-nos desta solemne sessão de hoje, em que o grande livro está em repouso, para fazer uma exoração a quantos nos ouvirem ou lêrem.

De todas as torturas e dôres que no *Pandemonium* de Milton pudessem me torvar o animo, nenhuma dellas equivaleria a esta dupla pena moral, que fundamente me fere o sentimento do patriotismo: o modo como é o Brasil conhecido no extrangeiro, o modo como estamos hoje conduzindo a nossa patria.

Ah, senhores! não é curta a linha que tenho percorrido em viagens e estudos, e quantas, quantas vezes o sangue da indignação não se me borbulhou nas veias, ao ouvir lêr as mais estolidas referencias ao nosso amado Brasil, ao vêr quão grosseiramente é elle ignorado!

Tolerae que aqui deixe registradas algumas dessas provas da nossa pequenez politica, ou melhor, da crassa ignorancia alheia.

Já no meu modesto trabalho *Da Universalisação do Direito* referi a necedade daquelle banqueiro de Alexandria, que em Napoles, ao lhe dizer e[illegible] do Brasil, me annunciou lhe parecer que *tão* [illegible]

teriamos o canal do Panamá! Egual a esta, só a parvoice de um viennense, que em Karlsbad, á noticia do medonho naufragio do *La Bourgogne*, em viagem, um anno faz, de Nova-York ao Havre, disse-me sorrindo: E o senhor de que escapou! — Como assim? volvi, sem o ter comprehendido. — Sim; e se tivesse vindo do Brasil naquelle vapor?!

Algures já tambem lembrei uma pagina do aliás sabio Alphonso de Candolle no seu livro *Histoire des sciencies et de savants depuis deux siècles.* Depois de indicar que, nos paizes vizinhos do equador, acanhado é o desenvolvimento intellectual, quasi nulla a cultura das sciencias, a qual, affirma elle, sómente na Europa e na America do Norte teve exito, accrescenta que felizmente no Brasil se deu brilhante excepção na pessoa do nosso ultimo imperador. Eis ahi: D. Pedro II era o unico sabio desta terra prodigiosa.

Não admira, pois ha dez annos apenas, o editor Souflot, de Pariz, me perguntava admirado: Pois no Brasil já ha academias?! — E no emtanto aquella casa sustenta continuamente, e de muitos annos, commercio de livros de sciencia com as nossas principaes cidades.

Uma vez, na formosa cidade de Walter Scott, perguntou-me famoso advogado do tribunal de Edimburgo se no Brasil havia juizes. — Onde vistes, perguntei-lhe eu por minha vez, nos vossos estudos da historia do direito, povo sem juizes? — Elle corou, gaguejou uma replica, que não saiu á luz, e pretextando trabalho urgente, lá se foi para a sala da *Advocate's library,* não sem deixar-me, como confissão de uma conciencia pouco instruida, mas honesta, estas palavras: *You are right, very right!* — Tem o senhor razão, muita razão!

Outro illustre escriptor contemporaneo, Leroy-

Beaulieu, em seus estudos sobre o *Estado moderno e suas funcções*, ensina que o regimen florestal no Brasil, como no Canadá e na Australia, por causa principalmente das corporações religiosas e dos prejuizos nobiliarios, está entregue ás mãos do Estado!

Vêde agôra esta monstruosidade *of our dear friends* da Republica dos Estados Unidos da America do Norte. Em uma das mais modernas obras da litteratura scientifica americana, a *Cyclopædia of Political Science*, de Lalor, editada em 1895, seis annos depois do nosso 89, em todo o artigo sobre o Brasil, artigo de dez cerradas columnas, nem uma palavra só que indique a nossa condição politica actual. Pois se o artigo começa dizendo que *este imperio sul-americano é de hontem!*

Ao lado disto, só aquelle compendio de *Historia do Brasil*, de Malvino Reis, que começa assim: A Republica dos Estados Unidos do Brasil foi descoberta em 1500 por Pedro Alves Cabral!!

Eis ahi o que sabem de nós. Como nos livros dos antigos, em que o mundo tinha por ambito os tractados de Aristoteles e a cosmographia do Ptolomeu era o proprio criador do cosmos, sabem tanto do que somos quanto então fôra possivel que nos conhecessem.

Revoltemo-nos contra tão cruel injustiça; e hasteando o pendão de um partido novo, o partido da Patria, vamos em resoluta cruzada contra os modernos musulmanos nossos detractores, e faremos o Brasil se sentar á mesa das nações civilisadas. Não ha mister que dilatemos os marcos extremos de nossa existencia geographica, como, para vergonha do direito internacional, estão a fazer inglezes e americanos. Seja nosso unico anceio illuminar deslumbradoramente a nossa historia moral, fazendo-nos infatigaveis n...
preza de recompôr esta Republica, que nas(

dida pelas adhesões de quasi todos, e é hoje lapidada por muitos a quem ella acolheu e afortunou.

Para tanto, mais não é preciso do que este facilimo movimento: nos coordenarmos indissoluvelmente como escrevi algures, «na cultura do direito, que é o unico modo de ser physiologico das sociedades honestas; no culto á honra, que é o unico ambiente a que se adapta o direito; no exercicio da sympathia, essa dôce affinidade que deleita o humor, encanta a existencia, cura as contrariedades, esse morbo do espirito, e faz do homem o unico ser amoravel da escala zoologica; finalmente na defesa da Republica, que é hoje a Patria, o brio e a dignidade nacional.

Só assim não morrerá por completo a seiva nos amados seios desta estremecida terra de nossos avós, até hontem pomposo alcaçar da paz, na liberdade, da segurança, no direito, da ordem, na fraternidade, da alegria, na esperança de um porvir que assombrava pelo brilho de uma luz solar sem egual no mundo, pelos prodigios das inexhauriveis forças da mais fertil natureza conhecida, pelas abundancias creseanas do mais largo credito economico. Morte ás dissensões egoisticas, vida ás convergencias productivas».

A unidade da circulação vital, diz Novicow, é o que constitue o individuo tanto na biologia como na sociologia. Unamo-nos todos, sem distincções de partidos, sem antipathias pessoaes, sem disparidade de intuitos, e sejamos tudo para esta terra benedicta.

Esta é a minha eterna delenda, a constante preoccupação do meu espirito diante das afflicções actuaes da patria. — Pois que! digo muitas vezes a certa mysteriosa voz que de dentro de mim mesmo me interpela: pois que! tanto talento desaproveitado, tanta dedicação posta á margem, tanta vontade, tanta ener-

gia, tanto patriotismo, tanta aptidão — tudo isso ou é esquecido ou negado ou egoisticamente se retrae — e o mar cada vez mais se encapella, o vento cada vez mais desapruma os mastros, a cerração cada vez mais nos tolhe a derrota, e ao rouco e continuo grito da sirena; ao lugubre incessante badalar do sino, vozes ha que não respondem ao desolado ranger do navio, braços que se encolhem, forças que se negam, e até, quem sabe? petreos corações que se comprazem!

Vamos! porque tal crime? Ao leme está a mão vigorosa de um dos mais puros dos propagandistas da Republica; sua vontade é forte, sua experiencia sufficientemente adestrada. Confiemos nelle, e vamos todos pedir postos entre a maruja destemida. Naveguemos para o futuro, affrontando resolutamente as tempestades de hoje.

Nada nos apovore ou faça desertar do posto que a cada qual fôr designado. Luctemos, luctemos contra qualquer inimigo, seja esse embora o tenebroso mal de Alepo, a terrivel segadora que no *Decameron* de Boccaccio se chama *l'orrida pestilenza*, e em *I promessi sposi* de Manzoni tem o nome de *scelerata*. Até ella, a tetrica mensageira da morte, ha de ser vencida. Luctemos até imitar, se preciso fôr, o obstinado Cynégyro, que na batalha de Marathona, derrotando a frota de Xerxes, deixou-se talhar em pedaços, cortadas uma apóz a outra, as robustas mãos com que nervosamente segurava navio inimigo, quebrados, um a um, os dentes com que afinal o queria reter ainda. O céo um dia se nos voltará azul e limpo, as ondas alongarão o dorso submissas, as alvas garças da bonança nos annunciarão, gritando alegres, o almejado porto dos nossos majestaticos destinos.

ACTAS DAS SESSÕES

Acta da 1ª Sessão Ordinaria em 20 de Fevereiro de 1899

Presidencia do Sr. Dr. Domingos Jaguaribe.

Aos vinte dias do mez de Fevereiro de 1899, ás sete horas e meia da noite, no Salão do Instituto, presentes os socios Srs. Drs. Domingos Jaguaribe, Eugenio Franco, Pereira Guimarães, Monsenhor Camillo Passalacqua, Drs. Orville Derby, Antonio Piza, Pedro Vicente, Arthur Goulart, Theodoro Sampaio, Jorge Maia, Monteiro de Mello, Eduardo Prado, e Dionysio Caio da Fonseca, foi aberta a sessão, pelo socio Dr. Domingos Jaguaribe na falta dos membros da mesa, sendo convidados para servirem de Secretarios, primeiro e segundo, os socios Eugenio Franco e Pereira Guimarães.

Foram lidas e approvadas as actas das sessões de 20 de Outubro e 10 de Novembro do anno passado.

Expediente

OFFICIOS

Do socio Commendador Augusto Carlos Ferreira Aragão, agradecendo a sua admissão como socio

honorario, enviando alguns livros e promettendo a remessa de outros.—Sciente.

Do socio Dr. Joaquim Nabuco, agradecendo a sua admissão como socio honorario.—Sciente.

Da Sociedade de Geographia de Lisboa communicando a vinda ás aguas brazileiras do seu Presidente, Conselheiro Ferreira de Amaral, commandante do Cruzador *Adamastor*.

O Presidente communica que o Instituto por meio de uma Commissão fez-se representar na recepção da Officialidade do Cruzador, nesta Cidade.

Do Sr. Dezembargador Bernardo Avelino Gavião Peixoto, agradecendo a sua admissão como socio correspondente.—Sciente.

Do Dr. João Mendes de Almeida Junior, agradecendo as condolencias que lhe foram enviados pela morte de seu prezado Pae.—Sciente.

Da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, remettendo a collecção do seu Boletim e o Catalogo da exposição que realisou-se em 1889.—Agradeça-se.

Do Dr. Prudente de Moraes, participando ter mandado remetter um exemplar dos trabalhos da Embaixada brazileira nas questões das Missões, e do Ministerio das Relações Interiores, enviando o dito exemplar.

O Presidente communica que já foi agradecida a significativa offerta.

Da Commissão dos festejos á Officialidade do Cruzador *Adamastor*, agradecendo a cooperação prestada pelo Instituto.—Sciente.

Da socio João Vieira da Silva, agradecendo a sua admissão cemo socio correspondente.—Sciente.

Do socio Dr. Martin Garcia Merou, agradecendo a sua admissão como socio honorario.—Sciente.

Da Sociedade Commemoradora do IV Centenario do descobrimento do Brazil, convidando o Instituto para a sessão que realisou a 22 de Janeiro p. p. — Prejudicado.

Do Dr. H. von Ihering, remettendo um exemplar do 3º volume da *Revista do Museu Paulista*. — Agradeça-se.

Do Sr. Wenceslau de Souza Guimarães, participando achar-se em seu poder uns livros destinados ao Instituto, que lhe foram entregues pelo Consul Sr. João Vieira da Silva.—Providencie-se sobre a recepção.

Ordem do dia

Foi apresentado, lido e ficou sobre a mesa para ser discutido e votado na sessão seguinte e parecer da Commissão de admissão de socios opinando favoravelmente a respeito das propostas relativas ao Srs. Professores Christiano Volkart e João von Atzerigen, Dr. Samuel das Neves e Commendador Eugenio Leonel Ferreira na qualidade de socios correspondentes.

Foram apresentadas e enviadas ás respectivas commissões, digo á respectiva Commissão, as seguintes propostas de admissão de socios:

—Dr. Pedro Arbues da Silva, advogado e vereador desta Capital, Drs. Manoel Corrêa Dias e Uladislao Herculano de Freitas, para socios correspondentes; — Drs. Affonso Arinos de Mello Franco, José Vicente Sobrinho e Tullio de Campos para socios effectivos.

Em seguida, pelo socio Dr. Antonio Piza foi proposto que se lançasse na acta um voto de pezar pela morte do Sr. Felix Faure, ex-Presidente da Republica franceza e que se officiasse ao Consul respectivo, dando
lencias por esse facto á Colonia franceza desta
l. Igualmente propoz um voto de pezar pelo fal-

lecimento do Visconde de Taunay o socio Dr. Eduardo Prado, transmittindo-se ao Instituto Historico Brazileiro e á illustre familia do finado esta resolução.

Pelo socio Arthur Goulart foi proposto que se inserisse na Acta um voto de pezar pelo fallecimento do Conselheiro Tito Franco de Almeida e em ultimo logar foi pelo socio Dr, Theodoro Sampaio proposto que se suspendesse a sessão como prova de pezar pelo fallecimento dos tres illustres cidadãos.

Consultada a Casa, manifestou-se esta unanimemente pelas propostas feitas, em virtude do que pelo seu Presidente foi levantada a sessão e convidados os socios a comparecerem á de 4 de Março.

Para constar foi lavrada a presente Acta por mim, *Eugenio Alberto Franco*, servindo de 1º Secretario.

Acta da 2ª Sessão Ordinaria em 4 de Março de 1899

Presidencia do Sr. Conselheiro Dr. Duarte de Azevedo.

Aos quatro dias do mez de Março de mil oitocentos e noventa e nove, ás sete e meia horas da noite, no Salão do Instituto, presentes os socios Srs. Duarte de Azevedo, Domingos Jaguaribe, Antonio Piza, Eugenio Franco, Pereira Guimarães, Orville Derby, Miranda Azevedo e Theodoro Sampaio, foi aberta a sessão pelo Sr. Dr. Presidente, que convidou os socios Dr. Theodoro Sampaio e Pereira Guimarães para servirem de 1º e 2º Secretarios, na ausencia dos effectivos.

Foi lida a acta da sessão antecedente, sendo sem debate approvada depois de posta em discussão.

Expediente

Officios

Officio do Sr. Consul Francez, convidando o Instituto para assistir ás ceremonias religiosas em commemoração do passamento do Sr. Felix Faure, ex-Presidente da França. — O Sr. Presidente informa que o Instituto foi representado nessas cerimonias.

Carta do Sr. Consul Brazileiro em Lisboa, a respeito da vinda de um paleographo, pedido pelo Instituto, para decifrar documentos dos seculos XVI e XVII, mostrando a impossibilidade de attender ao pedido do Instituto.

A' proposito usuram da palavra os socios Drs. Orville Derby, Miranda Azevedo e Antonio Piza, propondo varios alvitres, entre elles o de photographar os trechos de difficil leitura nos documentos do seculo XVI e remettel-os para a Europa ou menos para a Bibliotheca Nacional e Archivo Publico, afim de serem decifrados e servirem de chave para outras decifraçoes.

Nesta occasião fez entrada na sala das sessões o socio honorario Sr. Barão Homem de Mello, que, tomando a palavra sobre o assumpto, depois de uma exposição succinta feita pelo Dr. Presidente, lembra o alvitre de serem remettidos alguns exemplares das provas photographicas ao Sr. Barão do Rio Branco, na sua opinião, auctoridade competentissima.

OFFERTAS

O Sr. 1º Secretario communica o recebimento dos livros, revistas e jornaes que adiante vão mencionados, sendo estas offertas recebidas com especial agrado.

Ordem do dia

E' apresentada e enviada á Commissão respectiva uma proposta dos Srs. Drs. Miranda Azevedo e Domingos Jaguaribe para admissão do Dr. Estevam Ribeiro de Rezende, homem de lettras, na qualidade de socio correspondente.

O socio Dr. Domingos Jaguaribe, Thesoureiro do Instituto, pediu a palavra e informou á Casa ter o Governo do Estado resolvido que o auxilio de 6:000$,

votado pelo Congresso, fosse pago em prestações mensaes de 500$000, das quaes já fora paga a de Fevereiro e que não tendo ainda recebido a prestação de Janeiro, ia providenciar sobre o seu recebimento.

O Sr. Presidente agradece em nome do Instituto ao Sr. Thesoureiro a partecipação feita e o interesse que tem S. Ex.ª pelos negocios da Associação.

Ao encerrar a sessão o Sr. Presidente dirigiu ao socio honorario presente, Sr. Barão Homem de Mello, os agradecimentos do Instituto pela honrosa visita de S. Ex.ª e pela valiosa collaboração que promettera.

Respondendo, o Sr. Barão Aomem de Mello, congratulou-se com o Instituto pelos seus trabalhos e pela dedicação que tem mostrado pelos estudos relativos á Historia Patria e á Geographia, especialmente ás de São Paulo.

O socio Sr. Dr. Theodoro de Sampaio inscreveu-se para na proxima sessão ler um trabalho da sua lavra, intitulado: *São Paulo no fim do seculo XVI.*

Nada mais havendo a tractar, o Sr. Presidente levantou a sessão, convidando os Srs. socios a comparecerem á primeira que se realisará a 20 do corrente.

Para constar, foi lavrada a presente acta.

Eu *Manoel Pereira Guimarães*, servindo de 1º Secretario, a escrevi.

Em tempo. Na ordem do dia foi lido, posto em discussão e sem debate approvado o parecer da Commissão de admissão de socios que ficara sobre a mesa na ultima sessão, sendo acceitos e proclamados socios os Srs. Christiam Volkart, João von Atzuigen, Dr. Samuel das Neves, e Commendador Eugenio Leonel Ferreira, sendo o primeiro na qualidade de socio effectivo e os outros na de socios correspondentes.

Acta da 3ª Sessão Ordinaria em 20 de Março de 1899

Presidencia do Sr. Conselheiro Dr. Duarte de Azevedo.

Aos vinte dias do mez de Março de 1899, ás sete e meia horas da noite, no Salão do Instituto, presentes os socios Srs. Duarte de Azevedo, Pereira Guimarães, Arthur Goulart, João R. M. Escobar, Antonio Piza, Eugenio Hollender, Theodoro Sampaio, Jorge Maia, João Monteiro, Miranda Azevedo, Orville Derby, e Domingos Jaguaribe, foi aberta a sessão pelo Sr. Dr. Presidente, que convidou os socios M. Pereira Guimarães e Arthur Goulart para servirem de 1º e 2º Secretario, em ausencia dos effectivos.

O Sr. Presidente declara que por motivo superior, de impedimento dos socios secretarios do Instituto, não poude ser lavrada a acta sessão anterior.

Achando-se na sala immediata o novo socio Sr. Dr. Samuel das Neves, o Sr. Presidente nomeou uma Commissão composta dos Srs. Dr. D. Jaguaribe e E. Hollender que o introduziu na sala das sessões, sendo ahi recebido com as formalidades do estylo.

Expediente

Officios

Do 1º Secretario Dr. Carlos Reis, partecipando o seu não comparecimento e pedindo ao Instituto oito mezes de licença.

O Sr. Presidente lembra á Casa a nomeação de um 2º Secretario interino, visto, em falta do 1º Secretario, o cargo dever ser occupado pelo 2º, por disposição expressa dos Estatutos.

Posta em discussão e votação é com pezar concedida por unanimidade de votos a licença, sendo eleito 2º Secretario interino o socio Dr. Pereira Guimarães que ficou encarregado de lavrar as duas actas.

Do Sr. Dr. José Calmon Nogueira da Gama, agradecendo a sua admissão como socio correspondente e pondo á disposição do Instituto a importancia da sua joia e annuidade.

Ao Sr. Thesoureiro.

Do Sr. Wenceslau Guimarães, pedindo instrucção para a remessa de brochuras, entregues em Lisboa pelo Sr. J. Vieira da Silva, destinadas ao Instituto. Providenciou-se.

Offertas

O 1º Secretario communica o recebimento dos livros, revistas e jornaes, recebidos com especial agrado.

Ordem do dia

Foram apresentados e enviados á respectiva commissão duas propostas dos Srs. Arthur Goulart, Jorge Maia e M. Pereira Guimarães para a admissão dos

Srs. Dr. Joaquim Campos Porto, escriptor brazileiro e redactor do *Correio Paulistano,* e Tobias Antonio da Rosa, jornalista e auctor de varios trabalhos historicos, como socios correspondentes.

O Sr. Presidente communicou á Casa que pelo Instituto dos Advogados de S. Paulo foi feita uma proposta ao Instituto Historico para a cessão da sala das sessões para ahi funccionar.

Pediu a palavra o Sr. Dr. João Monteiro e declarou, como Presidente do Instituto dos Advogados, que a cessão da sala era para aquelle Instituto funccionar apenas duas vezes por mez, mediante retribuição que poderia ser accordada entre as duas Directorias.

O Sr. Dr. Miranda Azevedo propoz que a mesa ficasse auctorisada a fazer o accordo, sendo a sua proposta unanimemente approvada.

O mesmo socio propoz que se lavrasse na acta um voto de pezar pelo fallecimento do notavel publicista Dr. Anastacio Luiz do Bom Successo, que tanto honrou á Patria brazileira, como á classe medica de que fazia parte, além de ser um litterato de nomeada e o verdadeiro sustentaculo do Instituto dos Bachareis em Lettras, e que se officiasse a este e á familia do illustre morto, transmittindo esta resolução. Posta a votos foi esta proposta unanimemente approvada.

2ª Parte

O Sr. Dr. Antonio Piza offereceu ao Instituto dois livros bastante interessantes. — *Viagem das Indias* de F. Cardim, e *Chronica da Companhia de Jesus* de S. Vasconcellos, sendo taes offertas recebidas com especial agrado.

O mesmo socio, usando da palavra, diz que a tempos, examinando os papeis do General Aro

encontrou uma importantissima — Chronica de Cuyabá — escripta em oito cadernos, dos quaes faltavam o 3º e o 8º; que escrevendo para a Bibliotheca Nacional, de lá lhe foi remettida copia do 3º caderno, que importou em 60$000, cujo pagamento solicitava.

O Sr. Presidente providenciou para que o Sr. Thesoureiro fizesse o pagamento.

Em seguida foi dada a palavra ao socio Dr. Theodoro de Sampaio, que fez a leitura de seu trabalho intitulado: *S. Paulo no seculo XVI.*

Ao terminar o seu bellissimo e primoroso trabalho que encantou a todos os que assistiram a sua leitura, foi o nosso illustre consocio enthusiasticamente applaudito e saudado por uma salva de palmas, recebendo felicitações de todos os socios presentes.

A Casa deliberou que o notavel escripto fosse publicado no numero da *Revista* por occasião da celebração do IV Centenario da descoberta do Brazil.

Pedio a palavra o socio Dr. E. Hollender e disse que, tendo visto em poder do Conselheiro Galvão moedas de ouro cunhadas em Taubaté, uma das quaes lhe foi confiada e que exhibiu ao Instituto, e nada tendo podido descobrir em relação á fundição que existiu naquella cidade, propunha que o Instituto encarregasse o socio Sr. Dr. João Escobar de fazer perquizas sobre essa fundição, o que foi approvado pelo Instituto.

Nada mais havendo a tratar-se o Sr. Dr. Presidente levantou a sessão, convidando os srs. socios á 1ª que se effectuará no dia 5 de Abril futuro.

Para constar foi lavrada a presente acta. Eu *Manoel Pereira Guimarães*, 2º Secretario interino a escrevi.

Dr. Miranda Azevedo.
Alexandre Riedel.
Dr. M. Pereira Guimarães.

Acta da 4ª Sessão Ordinaria em 5 de Abril de 1899

Presidencia do Sr. Dr. Miranda Azevedo.

Aos cinco de Abril de 1899, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socio Srs. Miranda Azevedo, Alexandre Riedel, Theodoro Sampaio, Alberto Loffregen, Ernesto Goulart, Jorge Maia, Antonio Piza, Aquino e Castro, Orville Derby, Monteiro de Mello, M. Pereira Guimarães e Christiano Volkart, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão.

Foram lidas, postas em discussão e sem debate approvadas as actas das sessões de 4 e de 20 de Março.

Achando-se na sala contigua o novo socio Sr. Christiano Volkart, é o mesmo introduzido na sala das sessões, por uma commissão nomeada e recebido com as formalidades do estylo.

Expediente

O Sr. Presidente, como membro da Commissão do IV Centenario do descobrimento do Brazil, communica que recebeu uma carta do Consul brazileiro, em Lisboa, participando que encontrou um paleographo que se offerece para vir ao Brazil mediante paga que for estipulada e que a Commissão ia providenciar a respeito

Offertas

Do socio Dr. Ernesto Goulart —Manuscripto—copia da acta da nomeação de Deputado para a Assembléa Legislativa em 1834.

Do socio Dr. Antonio Piza — 3º volume do processo dos implicados na rebellião de 1842.

Das respectivas redacções -- *Revista Pharmaceutica*, N. 10, Fevereiro; *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico da Bahia*, vol. 5º, Dezembro de 1898. São taes offertas recebidas com especial agrado.

Ordem do dia

1ª Parte

Pede a palavra o socio Sr. Christiano Volkart e, em eloquentes phrases, agradece ao Instituto por tel-o acceito em seu gremio e promette na medida de suas forças auxiliar o Instituto.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão, convidando os srs. socios a comparecerem á primeira, que se effectuará a 20 do corrente.

Para constar foi lavrada a presente acta. Eu *Alexandre Riedel*, 1º Secretario interino a escrevi.

Dr. Miranda Azevedo.
Alexandre Riedel.
M. Pereira Guimarães.

Acta da 5ª Sessão Ordinaria em 20 de Abril de 1899

Presidencia do Sr. Dr. Miranda Azevedo.

Aos vinte dias do mez de Abril de mil oitocentos e noventa e nove, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto Historico, presentes os socios Srs. Dr. Miranda Azevedo, Alexandre Riedel, Pereira Guimarães, Eugenio Hollender, Dr. Domingos Jaguaribe, Antonio Piza, Assis Moura, Julio Martin, Conego Manoel Vicente, Dr. Eduardo Prado, Alberto Franco, Monsenhor Camillo Passalacqua, Conego Dr. Valois de Castro, Samuel das Neves, Dionysio Caio da Fonseca, I. Wallace da Gama Cochrane, Pedro Vicente de Azevedo, Almeida Junior, Dr. Theodoro Sampaio, Bernardo Morelli e Affonso Arinos de Mello Franco, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida, posta em discussão e sem debate approvada a acta da sessão antecedente.

Expediente

Foi lido um officio da Sociedade Commemoradora do IV Centenario do Brazil, com séde em São Vi[illegible] solicitando o concurso do Instituto para as fes[illegible] aquella Sociedade pretende commemorar.

Vae á Commissão especial das festas do Centenario.

O Sr. Eugenio Hollender pede a palavra pela ordem e apresenta um officio daquella Sociedade, digo uma procuracão da mesma para o fim de represental-a perante o Instituto Historico.

O Sr. 1º Secretario declara haver recebido uma carta do Sr. Conselheiro Duarte de Azevedo, communicando não poder comparecer á sessão por motivo de molestia.

Offertas

Do Gabinette da Presidencia do Estado: diversos numeros do jornal *Le Temps*; «Mensagem apresentada ao Congresso pelo Presidente do Estado Coronel Fernando Prestes.

Das respectivas redacções: *Revista Agricola*, dos mezes de Março e Abril; *Revista Pharmaceutica* de Janeiro; *Revista Italo-Brasiliana* de Janeiro; *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*, *Boletim do Instituto Agronomico* de Janeiro; *Boletim Postal*, ns. 1, 2 e 3 do corrente anno; *Boletim Mensal Demographo-Sanitario* de Janeiro, e os jornaes de costume.

Do socio Sr. Eugenio Hollender uma moeda de cobre cunhada em S. Paulo em 1829 e apresenta um panorama do Rio de Janeiro em 1824.

O Sr. Dr. Eduardo Prado propõe que o Instituto entre em accordo com o proprietario do panorama, cuja importancia historica encarece afim de ser feita acquisição do mesmo.

Foi unanimemente approvada, ficando a mesa auctorisada a adquiril-o.

Todas as offertas são recebidas com especial ·ado.

Ordem do dia

1ª Parte

Foi lido o parecer da Commissão de admissão de socios, opinando pela approvação dos Srs. Pedro Arbues da Silva, Manoel Corrêa Dias, Herculano de Freitas, Affonso Arinos, Estevam Ribeiro de Rezende, José Vicente Sobrinho, Tullio de Campos, Joaquim Campos Porto, Tobias Antonio Rosa, como socio effectivos.

O socio Dr. Theodoro Sampaio pediu despensa de intersticio para que fosse votada na mesma sessão o parecer.

Posto a votos o requerimento do Dr. Theodoro Sampaio é unanimemente approvado. Submettido á votação o parecer da Commissão é igualmente approvado, sendo aquelles senhores proclamados socios do Instituto.

Achando-se na sala contigua o Sr. Dr. Affonso Arinos, o Sr. Presidente nomeia uma Commissão para o introduzir no recinto, sendo ahi recebido com as formalidades do estylo.

Foram apresentadas, lidas e enviadas á respectiva commissão as seguintes propostas para admissão de socios:

Dos Srs. socios Monsenhor Camillo Passalacqua, Eduardo Prado e Eugenio Hollender, para admissão do Dr. João Eboli, como correspondente; dos Srs. Drs. Jaguaribe, Alberto Franco e Aquino e Castro, para admissão do Sr. Dr. João Cezar Bueno Bierrembach; dos Srs. Alberto Franco, Jaguaribe e Miranda Azevedo

para admissão dos Srs. Drs. Carlos Ribeiro de Moura Escobar e Firmiano de Moraes Pinto; dos Srs. Drs. Aquino e Castro, Miranda Azevedo e Eugenio Hollender, para admissão dos Srs. Drs. J. M. de Azevedo Marques, Bernardo de Souza Campos e Ignacio Pereira da Rocha, todos para socios correspondentes.

O Sr. Presidente, em vista do augmento da Bibliotheca propõe a nomeação dem um empregado para collecionar os livros, publicações e outros offerecimentos de modo a poderem os Srs. socios consultar as obras e manuscriptos existentes; para esse fim pede auctorisação para a Mesa augmentar mais 30$000 ao ordenado do actual zelador que ficará encarregado desse trabalho.

Foi unanimemente approvado.

O socio Sr. Dr. Eduardo Prado offerece um documento que adquirin na Europa e que tem relação com o seu trabalho lido na sessão de Outubro ultimo, intitulado: *Memorias da Diocese de S. Paulo de 1777.*

O socio Sr. Dr. Antonio Piza offerece os originaes das *Chronicas de Cuyabá*, a que se referiu numa das sessões passadas.

2ª Parte

O socio Sr. Dr. Eduardo Prado, subindo á tribuna leu o seu importante trabalho sobre *Os Hespanhoes no Salto do Avanhandava no seculo XVI.*

Finda a leitura, foi o orador felicitado não só pelos socios como por varios cavalheiros que se achavam presentes á sessão.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente le-

vanta a sessão, convidando os Srs. socios a comparecerem á primeira que se realisará a 5 de Maio proximo.

Para constar foi lavrada a presente. Eu *Alexandre Riedel*, segundo Secretario interino a escrevi.

Dr. Miranda Azevedo.
Alexandre Riedel.
Dr. Pereira Guimarães.

Acta da 6ª Sessão Ordinaria em 5 de Maio de 1899

Presidencia do Sr. Dr. Miranda Azevedo.

Aos cinco de Maio de mil oito centos e noventa e nove, as sete e meia horas da noite, no salão do Instituto presentes os socios Srs. Miranda Azevedo, Alexandre Riedel, Pereira Guimarães, Eugenio Alberto Franco, M. Dias Aquino e Castro, Orville Derby, Antonio Piza, Joaquim Monteiro de Mello, Samuel das Neves, Paulo Orozimbo de Azevedo, Arthur Goulart, Cortines Laxe, Domingos Jaguaribe, Jorge Maia, Theodoro Sampaio, Eduardo Prado, Francisco Baruel, Dionysio Caio da Fonseca e Assis Moura, o Sr. Presidente declara aberta a sessão e communica que por motivo de molestia não póde comparecer á sessão o Sr. Conselheiro Duarte de Azevedo.

Foi lida, posta em discussão e sem debate approvada a acta da sessão antecedente.

Achando-se na sala contigua o novo socio Sr. Dr. Cortines Laxe, o Sr. Presidente nomeou uma commissão afim de introduzil-o no recinto, onde é recebido com as formalidades do estylo.

Expediente

O 1º Secretario communica o recebimento dos jornaes do costume, e a obra *Homens e coisas do antigo regimen*, por Suetonio, offerta feita pelo Dr. Miranda Azevedo.

Ordem do dia

1ª Parte

Foram apresentadas, lidas e enviadas á respectiva commissão as propostas seguintes:

Dos socios Drs. Eduardo Prado, Miranda Azevedo, e Aquino e Castro, para admissão, como socios correspondentes, dos Srs. Drs. Pedro Lessa e João Alves Lima, e como effectivo o Sr. Dr. Brazilio Augusto de Oliveira Machado. Dos socios Drs. Carlos Reis, Pereira Guimarães e Dionysio Caio da Fonseca, para admissão do Dr. Antonio Faria Tavares, e dos socios Dr. Miranda Azevedo, Pereira Guimarães e Alexandre Riedel, para admissão do Sr. Dr. Antonio Martins Fontes, ambos como correspondentes.

2ª Parte

O socio Sr. Dr. Antonio Piza, propõe que o Instituto intervenha, afim de oppôr que seja mudado o nome da rua Tabatinguera visto este nome recordar uma aldêa de guayanazes que n'aquella baixada existiu; mas não desconhecendo os serviços prestados pelo Dr. Rodrigo Silva, seja dado o nome d'este cidadão á rua d'Assembléa.

Posta a proposta em discussão foi unani-
provada.

O Sr. Orville Derby propôz que a verba de réis 10:000$000 votada pela Camara Municipal para conservação e organisação de seu archivo, seja empregada exclusivamente para esse fim e não em outros mistéres.

O Sr. Dr. Domingos Jaguaribe propoz que o Instituto désse auctorisação ao Dr. Presidente para officiar ao Congresso sobre a inopportunidade da idéa de se entregarem ao Paraguay os trophéos de guerra e de se perdoar á divida, idéa esse que considera antipatriotica.

Ambas as propostas são unanimemente approvadas.

O socio Sr. Orville Derby leu um interessante trabalho sobre o *Roteiro de uma das primeiras bandeiras paúlistas em 1602*, apresentando um mappa que restabelece mais ou menos o roteiro seguido pela bandeira.

O Sr. Dr. Eduardo Prado diz saber que n'um cartorio da capital deve existir o inventario de Ascenso Ribeiro, o qual naturalmente contém os nomes de alguns ou de todos os que fizeram parte da bandeira a que se referiu o Sr. Orville Derby.

O socio Sr. Dr. Pereira Guimarães communica haver encontrado no archivo do Convento do Carmo de Santos dois documentos importantes.

Estes documentos depois de lidos foram offerecidos ao Instituto e são: «Escriptura publica de doação de terras feita por D. Anna Pimentel, mulher de Martin Affonso, á Braz Cubas, em 1536» e Auto de demarcação, passado pelo capitão-mór José Ferreira em favor de Braz Cubas em 1576.

O Sr. Presidente agradece a offerta desses documentos.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente levanta á sessão, convidando os Srs. socios a comparecerem á primeira que se realisará a 20 do corrente mez.

Para constar foi lavrada a presente acta. Eu *Alexandre Riedel*, 1º Secretario interino, a escrevi.

Em tempo. — Foram propostos para socios correspondentes os Srs. Drs. Joaquim da Gama Cintra e Oliveira Fontes, e João Florindo. Estando as propostas devidamente assignadas, foram mandadas á commissão respectiva.

Acta da 7ª Sessão Ordinaria em 5 de Junho de 1899

Presidencia do Sr. Dr. Miranda Azevedo

Aos cinco dias do mez de Junho de mil oito centos e noventa e nove, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios Srs. Miranda Azevedo, Theodoro Sampaio, Pereira Guimarães, Antonio Piza, Aquino e Castro, Eugenio Franco, Orville Derby, A. Loefgren, Domingos Jaguaribe, Eugenio Hollender, Assis Moura, Almeida Junior, Dionysio Caio da Fonseca e J. Maia, foi aberta a sessão pelo Vice-Presidente Sr. Dr. A. C. de Miranda Azevedo, por impedimento do Sr. Conselheiro Presidente, que convidou o socio Sr. Dr. Theodoro Sampaio para 2º Secretario, visto ter de occupar o lugar de 1º o socio M. Pereira Guimarães, por ausencia do proprietario.

Lida e posta em discussão a acta da sessão anterior, pede a palavra o socio Dr. Derby, que faz uma reclamação sobre a redacção da sua proposta, relativa a uma verba votada pela Camara Municipal, que, pelo do pelo que se acha lançada na acta, póde offerecer vidas; depois da que é a mesma approvada.

Expediente

Offertas

O 1º Secretario communica o recebimento dos jornaes do costume e dos livros, revistas e jornaes que vão adiante mencionados, sendo todas as offertas recebidas com especial agrado.

Ordem do dia

1ª Parte

Foram apresentadas e enviadas á respectiva Commissão propostas dos Srs. M. Azevedo, P. Guimarães, T. Sampaio, A. Piza, E. Franco e Aquino e Castro, para a admissão dos Srs. Drs. José M. de Andrade Figueira, Henrique Raffard e A. L. Garraux, como socios correspondentes.

Foram lidas, postas em discussão e approvadas os pareceres da Commissão de admissão de socios opinando favoravelmente a respeito das propostas relativas aos Srs. Drs. João Eboli, João Cesar B. Bierrembach, Carlos Moura Escobar, Fermiano de Moraes Pinto, José Manoel de Azevedo Marques, Bernardo de Souza Campos, Ignacio Pereira da Rocha, Joaquim P. do Carmo Cintra, Oliveira Fausto, João Florindo, Pedro A. C. Lessa, Antonio Faria Tavares, Antonio M. Fontes Junior e João Alves de Lima, na qualidade de socios correspondentes, e ao Dr. Brazilio A. de Oliveira Machado na de socio effectivo.

O Dr. Pereira Guimarães offereceu um trabalho do do Sr. Coronel A. Borges de Sampaio, contendo *Observações metereologicas*, realisadas em Uberaba, d
annos 1892 a 1897.

O Dr. Presidente agradeceu em nome do Instituto as offertas acima, que na forma do costume serão retribuidas com a *Revista*.

2ª. Parte

Foi dada a palavra ao Dr. A. Piza, que leu um interessantissimo trabalho sobre o *Monopolio do sal nos Tempos Coloniaes*, depois de ter proferido algumas palavras relativas ás *Chronicas do Cuyabá*.

Ao terminar o nosso illustre consocio a leitura do seu bem elaborado trabalho, todos os socios presentes saudaram-no com palavras e o felicitaram com enthusiasmo.

O Sr. Presidente, interpretando os sentimentos de todos, deliberou que fosse o trabalho do Dr. Piza publicado na *Revista* do Instituto.

O Dr. Orville Derby leu o *Itinerario Geographico ás minas de ouro*, publicado em Sevilha em 1632, por Francisco Tavares de Brito, ao que agradeceu o Sr. Presidente.

O Sr. Hollender informou á casa ter encontrado uma obra em 18 volumes, intitulada *Historia do fazendeiro do Brazil*, publicada em Lisboa em 1768, e annotada pelo Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva.

O Sr. Presidente propoz e foi approvado que fosse nomeada uma commissão composta dos Drs. Theodoro Sampaio, O Derby, A. Piza e Assis Moura para examinar a obra acima.

O socio Pereira Guimarães communicou que brevemente seria offerecido ao Instituto, talvez por seu i mmedio, o archivo de F. Alvares Machado de Vas-

concellos, que julga de valor, principalmente no tocante á revolução de 1835.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão, convidando os Srs. socios a comparecerem á 1ª sessão, que se effectuará no dia 20 do corrente.

Para constar foi lavrada a presente acta. Eu *Manoel Pereira Guimarães*, servindo de 1º Secretario, a escrevi.

Em tempo. — Pelo Sr. Presidente foi proposta e unanimemente approvada pela casa que se lançasse na acta um voto de pezar profundo pelo fallecimento do eminente brazileiro, notavel professor da Academia de Medicina do Rio, Sr. Dr. Arthur F. Campos da Paz, ao qual tanto deve a sciencia e a nossa Patria.

Acta da 8ª Sessão Ordinaria em 20 de Junho de 1899.

Presidencia do Sr. Conselheiro Dr. Duarte de Azevedo.

Aos vinte dias do mez de Junho de mil oitocentos e noventa e nove, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto Historico, presentes os socios Srs. Duarte de Azevedo, Miranda de Azevedo, Domingos Jaguaribe, Pereira Guimarães, Theodoro Sampaio, Antonio Piza, Eduardo Prado, Assis Moura, Orville Derby, Dionysio Caio da Fonseca e Tullio de Campos, foi aberta a sessão pelo Presidente Sr. Duarte de Azevedo, que convidou o socio Sr. Dr. Theodoro Sampaio, para servir de 2º Secretario, visto ter o socio Pereira Guimarães de assumir o logar de 1º por ausencia deste.

O 1º Secretario, pedindo a palavra, participa á Casa que por motivo superior deixava de apresentar a acta da sessão passada, o que esperava fazer na proxima de Julho.

Expediente

OFFERTAS

Pelo 1º Secretario foi communicado o recebimento livros, revistas e jornaes que vão adiante mencio-

nados, sendo todas estas offertas recebidas pelo Instituto com especial agrado, bem como a de uma cedula de 10 pezos da Republica do Paraguay, feita pelo Sr. Dr. Miranda de Azevedo.

Ordem do dia

1ª Parte

Achando-se na sala contigua o Sr. Dr. Tullio de Campos o Sr. Presidente nomeou uma commissão composta dos Srs. Drs. Eduardo Prado e Assis Moura para introduzir o novo socio na sala das sessões, onde foi recebido com as formalidades do estylo.

Foi lida e ficou sobre a mesa para ser votada na 1ª sessão o parecer da commissão de admissão de socios, opinando pelo recebimento dos Srs. Drs. José M. de Andrade Figueira, Henrique Raffard, e A. L. Garraux em qualidade de socios correspondentes do Instituto.

2ª Parte

O Sr. Presidente deu a palavra ao Dr. A. Piza, que fez a leitura de um importante e minucioso trabalho sobre o *Militarismo em S. Paulo nos tempos coloniaes*, analisando cuidadosamente o estado da Capitania, em decadencia dos tempos de Amador Bueno em diante.

Ao terminar o illustre consocio a leitura do seu consubstancial trabalho, que merecidamente recebeu palmas de todos os socios presentes, prometteu elle n'uma das proximas sessões apresentar um o[illegible] tulado: *O Supplicio do Chaguinhas.*

O Sr. Dr. Eduardo Prado, pedindo a palavra, elogiou o trabalho do Dr. Piza, sobre o qual fez diversas consideração judiciosas, dizendo que se o militarismo trouxe males para a capitania, foram estes compensados pelos immensos benificios que trouxe para a colonia, como por exemplo, a consumação e acquisição de grande territorio, e que o governo, chamando os paulistas ao serviço militar, não fazia mais do que aproveitar o seu espirito bellicoso.

Em seguida o illustre consocio propôz que o Instituto representasse ao Congresso do Estado sobre a conveniencia de não ser retirada a verba necessaria á publicação de documentos, em bôa hora encetada pelo Dr. A. Piza. Este respondendo ás observações precedentes, declarou que as publicações não cessaram por completo, visto ter auctorisação para mandar imprimir na typographia do *Diario Official* um volume annualmente, e essa mesma suppressão da verba pelo Congresso era medida transitoria.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão, convidando os Srs. socios a comparecerem á 1ª que se effectuará no dia 5 de Julho proximo futuro.

Para constar foi lavrada a presente acta. Eu *Manoel Pereira Guimarães*, servindo de 1º Secretario a escrevi.

Relação dos livros, revistas, mappas, jornaes offertados ao Instituto, de que se faz menção na acta acima.

Pelo Professor Acacio Garibaldi de Paula Ferreira, por intermedio do socio Tancredo do Amaral, uma collecção de jornaes diversos, de diversas datas.

Acta da 9ª Sessão Ordinaria em 5 de Julho de 1899

Presidencia do Sr. Conselheiro Dr. Duarte de Azevedo.

Aos cinco dias do mez de Julho de mil oito centos e noventa e nove, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os Srs. socios Conselheiro Duarte de Azevedo, Alexandre Riedel, Manoel Pereira Guimarães, Antonio Piza, Miranda Azevedo, Dionysio Caio da Fonseca, Eugenio Franco, Manoel Tapajós, Theodoro Sampaio e J. Monteiro de Mello, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Expediente

Officios

Officio do Instituto Historico e Geographico da Bahia communicando a eleição e posse da nova directoria.

Do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, pedindo para o Museu Commercial da Philadelphia amostras de diversos productos da lavoura e da industria de São Paulo.—Sciente.

Offertas

Pelo socio Dr. Miranda Azevedo: *O desabamento da ponte sobre o Rio Pardo* (2 exemplares).

Pelo Dr. Miranda de Azevedo digo Moreira de Azevedo: *Biographia do Barão do Rio Doce*, do mesmo.

Pelo Sr. Conselheiro Duarte de Azevedo: *Relatorios do Ministerio da Justiça de 1837 a 1851*, em um volume encadernado, e, *Discurso proferido na inauguração do Centro dos operarios catholicos*, pelo mesmo.

Pelo Dr. Tullio de Campos: *Les Etoiles du Mond*.

Os jornaes do costume.

São as offertas recebidas com especial agrado.

Ordem do dia

1ª Parte

Foi lido o parecer da respectiva commissão que ficára sobre a mesa na ultima sessão para ser votado, acceitando como socios correspondentes os Srs. J. M. de Andrade Figueira, L. A. Garraux e Henrique Raffard, posto á votos é unanimente approvado, sendo os mesmos srs. proclamados socios do Instituto.

Foi tambem lido o parecer da mesma commissão, opinando pela acceitação como socio honorario do Dr. João Capistrano de Abreu.

Ficou sobre a mesa para ser votada na proxima sessão.

São lidas em seguida as propostas para socios correspondentes os Srs. Alfredo Bresser, Jorge Aranha, Francisco de Paula dos Santos Rodrigues, José Vieira Couto de Magalhães Sobrinho e João Antonio de Oliveira Cesar.

Vão á respectiva commissão.

O socio Sr. Dr. Pereira Guimarães propõe que o Sr. Presidente nomeie uma commissão para rever a lista dos socios afim de evitar que socios já pertencentes ao Instituto sejam de novo propostos como ultimamente aconteceu, e bem assim para transferir a categoria de effectivos os socios correspondentes que fizeram jus a esta distincção.

Posta á votos é unanimemente approvada a proposta, sendo nomeados para constituirem essa commissão os socios Srs. Drs. Miranda de Azevedo, Pereira Guimarães e Theodoro Sampaio.

2ª Parte

Dada a palavra ao socio Sr. Dr. Antonio Piza, procedeu elle á leitura da 1ª parte de um interessantissimo trabalho intitulado: *Chronica dos tempos coloniaes, Supplicio do Chaguinhas.* Este importante trabalho foi ouvido com toda a attenção, sendo o seu auctor ao terminar a leitura comprimentado pelas pessoas presentes, ás quaes prometteu elle ler opportunamente a 2ª parte do referido trabalho.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente encerra a sessão ás nove e um quarto, e convida ao srs. socios a comparecerem á proxima que se realisará a 20 do corrente.

Eu, *Alexandre Riedel,* 1º Secretario interino a escrevi.

Duarte de Azevedo.
Alexandre Riedel.
Dr. M. Pereira Guimarães.

Acta da 10ª Sessão Ordinaria em 20 de Julho de 1899

Presidencia do Sr. Conselheiro Dr. Duarte de Azevedo.

Aos vinte dias do mez de Julho de mil oito centos e noventa e nove, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios Srs. Conselheiro Duarte de Azevedo, Alexandre Riedel, Pereira Guimarães, Miranda Azevedo, Antonio Piza, Eugenio Franco, Almeida Junior, Arthur Goulart, João Florindo e Dionysio Caio da Fonseca, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Foi lida, posta em discussão e sem debate approvada, a acta da sessão anterior.

Expediente

Pelo 1º Secretario foi communicado o recebimento de livros, jornaes e revistas que vão adeante mencio-
los, sendo todas as offertas recebidas com especial
rado.

Ordem do dia

1ª Parte

O socie Sr. Dr. Miranda Azevedo communica que se acha no recinto do Instituto, o Sr. José Leite da Costa Sobrinho, que como representante da Sociedade Commemoradora do IV Centenario da descoberta do Brazil, de São Vicente, desejava fazer uma exposição dos projectos da mesma Sociedade.

Dada a palavra ao Sr. Leite Sobrinho, este apresentou os esboços do monumento que a referida Sociedade pretende erigir em S. Vicente em commemoração ao IV Centenario, e bem assim o projecto do diploma que deve ser adoptado, fazendo consideração a respeito e pedindo que o Instituto désse seu parecer.

O Sr. Presidente declarou que a commissão especial do Instituto estudaria os projectos e daria sua opinião, conforme solicita o representante da Sociedade de São Vicente.

Em seguida foi lido o parecer da commissão de admissão de socios, o qual ficára sobre a mesa na ultima sessão, opinando pela acceitação como socio honorario do Dr. João Capistrano de Abreu.

Posto o parecer a votos foi unanimemente approvado, sendo o mesmo proclamado socio do Instituto.

Ficaram sobre a mesa para serem votados na sessão seguinte os pareceres da mesma commissão, acceitando como socios correspondentes os Srs. Alfredo Bresser, Jorge Aranha, Francisco de Paula dos Santos Rodrigues, José Vieira Couto de Magalhães Sob-
e João Antonio de Oliveira Cesar.

Foram mais lidas as propostas para serem admittidos como socios correspondentes os Srs. Malaquias Ghirlanda e Dr. João Diogo Esteves da Silva. Vão á respectiva commissão.

2ª Parte

O socio Dr. Antonio Piza concluiu a leitura do seu interessante trabalho intitulado: *O Supplicio do Chaguinhas*, sendo ao terminar felicitado por todos os presentes.

Em seguida o socio Dr. Pereira Guimarães offereceu á bibliotheca do Instituto uma escriptura de doação de terras feita por Braz Cubas aos religiosos do Carmo de Santos, em 31 de Agosto de 1589.

Continuando com a palavra, pediu que o Instituto intervenha perante a Camara Municipal de Santos, afim de evitar que seja demolida a capella da Graça.

O Sr. Presidente submetteu a indicação á discussão.

O Sr. Miranda Azevedo apresentou o alvitre de que o Instituto se dirigisse não só á Camara Municipal de Santos, como tambem ao Congresso afim de conseguir por uma lei especial que a capella fosse considerada como bem do Estado, e que tambem o convento do Carmo ou a Sociedade Commemoradora do IV Centenario apresentasse um recurso ao Congresso.

O Sr. Presidente faz algumas considerações sobre os casos em que cabe recurso dos actos das Municipalidades.

Posta em discussão e a votos a indicação do Dr. Miranda Azevedo, é unanimemente approvada.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerrou a sessão as nove horas da noite, e convidou os Srs. socios a comparecerem á proxima que se realisará a 5 de Agosto futuro.

Eu *Alexandre Riedel*, 1º Secretario interino, a escrevi.

Duarte de Azevedo.
Dionysio C. da Fonseca.
M. Pereira Guimarães.

Acta da 11ª Sessão Ordinaria em 5 de Agosto de 1899

Presidencia do Sr. Conselheiro Dr. Duarte de Azevedo

Aos cinco dias do mez de Agosto de mil oito centos e noventa e nove, as sete e meia horas da noite, no salão do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, presentes os socios Srs. Conselheiro Duarte de Azevodo, Drs. Augusto Cesar Miranda Azevedo, Manoel Pereira Guimarães, Professor Arthur Goulart, Dr. Dr. Antonio de Toledo Piza, Henry White, Dionysio Caio da Fonseca, Alberto Lofgreen, Dr. Eugenio Franco, Samuel A. das Neves, Bernardo Morelly, Assis Moura, Dr. Theodoro Sampaio, Dr. Eduardo Prado, J. Monteiro de Mello e Orville Derby, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão, convidando para secretario interino o Dr. Eugenio Franco.

O Sr. 2º Secretario pediu a palavra, pela ordem, ara declarar os motivos que tem para excusar a leiira da acta da sessão antecedente.

Passando-se ao Expediente o Sr. Secretario communicou o recebimento dos jornaes e revistas do costume, offerecendo o Dr. Antonio Piza á bibliotheca do Instituto algumas obras interessantes, as quaes são recebidas com especial agrado.

O Sr. Presidente deu conhecimento á Casa de um pedido de exoneração da parte do prestimoso socio Dr. Domingos Jaguaribe do cargo de Thesoureiro.

Pediu a palavra o Dr. Miranda Azevedo e propoz que fosse regeitado o pedido de demissão, encarecendo os serviços que são necessarios á nossa instituição.

A Casa resolveu unanimemente pela proposta, não sendo acceito o pedido do Dr. Jaguaribe.

Na primeira parte da ordem do dia foram proclamados socios os Srs. Professor Alfredo Bresser e os Drs. José Couto de Magalhães Sobrinho, Francisco dos Santos Rodrigues, Jorge Aranha, João Antonio de Oliveira Cesar, ordenando o Sr. Presidente que fossem feitas ás respectivas communicações.

Foram propostos para socios os seguintes Srs. Dr. José Aristides Monteiro, Oscar de Almeida, Joaquim Alvaro de Souza Camargo, Eduardo da Cunha Canto, Antonio de Padua Salles, Cleofano Pitaguary de Araujo, José Leite de Souza, Antonio Borges Sampaio e José Rodrigues Peixoto.

A' Commissão de admissão de socios.

Passando-se á segunda parte da ordem do dia foi dada a palavra ao Dr. Theodoro Sampaio que leu um interessante trabalho sob o titulo: *O sertão antez da conquista, no seculo XVII*. Dissertando, com a proficiencia que lhe é peculiar, foi abordando os assumptos que mais de perto interessaram á nossa patria na era assignalada.

Ao terminar foi o Dr. Theodoro Sampaio acolhido por uma salva de palmas.

Usou da palavra o Sr. Dr. Tullio de Campos e communicou ter em mãos a elaboração de um estudo sobre a personalidade do eminente brasileiro Evaristo da Veiga, reservando depois da leitura neste Instituto para ser publicado no *Archivo Illustrado*, com quem tem compromisso.

Foi designada a sessão seguinte para audição do trabalho do Dr. Tullio de Campos e em seguida, nada havendo mais a tractar-se, foi suspensa a sessão, marcando o Sr. Presidente o dia 20 do corrente, na forma dos Estatutos, para a sessão seguinte.

Dr. Pereira Guimarães.
Dionysio Caio de Fonseca.
Theodoro Sampaio.

Acta da 12ª Sessão Ordinaria em 5 de Setembro de 1899

Presidencia do Sr. Conselheiro Dr. Duarte de Azevedo.

Aos cinco dias do mez de Setembro de mil oito centos e noventa e nove, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto Historico e Geographico, presentes os socios Srs. Conselheiro Manoel Antonio Duarte de Azevedo, Drs. Miranda Azevedo, Orville Derby, Professor Arthur Goulart, Drs. Tullio de Campos, Theodoro Sampaio, Antonio de Toledo Piza, José de Sá Rocha, Ernesto Goulart, Srs. Alberto Lofgreen, Bernardo de Morelly e Dionysio Caio da Fonseca, foi pelo Sr. Presidente declarada aberta a sessão.

Não tendo comparecido os Srs. 1º e 2º Secretario foi convidado o abaixo assignado, na forma dos Estatutos, para occupar o logar de Secretario interino.

O Sr. Presidente ordenou a leitura da acta da sessão do dia 20 de Julho, a qual foi posta em cussão e em votação, sendo approvada.

Expediente

O Sr. Presidente apresentou nma carta, officio do Dr. Domingos Jaguaribe, agradecendo a prova de consideração que lhe tributa o Instituto, recusando unanimemente a sua exoneração, mas allegando os motivos imperiosos que fazem-no reiterar o pedido da sessão anterior.

Fazendo essa communição á casa, o Sr. Presidente declarou que, a vista dos justos motivos apresentados convinha ser dado substituto.

Pediu a palavra o Dr. Miranda Azevedo e indicou para occupar o cargo de Thesoureiro ao Dr. Antonio de Toledo Piza, e para o de Secretario interino o Sr. Dionysio Caio da Fonseca.

Sendo postas em votação as indicações, foram approvadas.

Foi lido o parecer que se achava na mesa sobre a proposta de varios socios, parecer esse, concluindo pela admissão dos mesmos.

Em seguida propoz o Dr. Antonio Piza que fosse inserido na acta da presente sessão um voto de profundo pezar, em homenagem á memoria do Dr. Domingos Freire, notavel scientista brazileiro. Em addiamento a esta proposta indicou o Dr. Miranda Azevedo que o Instituto officiasse á Academia Nacional de Medicina e ao Instituto dos Bachareis em Lettras, dos quaes fazia parte o saudoso patriota, manifestando este Instituto o seu pezar pelo desapparecimento de tão notavel vulto.

Sendo postas em discussão e votação a proposta lditamento, foram unanimemente approvados.

Segunda parte da ordem do dia.

Dada a palavra ao Sr. Dr. Tullio de Campos para a leitura do seu promettido trabalho sobre o Dr. Evaristo da Veiga, foi o illustre conferente ouvido com interesse no notavel estudo que fez, sendo ao terminar applaudido.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente levantou á sessão, marcando o dia 20 para a sessão seguinte.

Eu, *Dionysio Caio da Fonseca*, Secretario interino a escrevi.

Dr. M. Pereira Guimarães.
Dionysio Caio da Fonseca.
Theodoro Sampaio.

Acta da 13ª Sessão Ordinaria em 20 de Setembro de 1899

Presidencia
do Sr. Dr. Manoel Pereira Guimarães

Aos vinte dias do mez de Setembro de mil oito centos e noventa e nove, ás oito horas da noite, no salão do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, presentes os socios Srs. Dr. Pereira Guimarães, Antonio de Toledo Piza, Theodoro Sampaio, Eduardo Prado, Orville Derby, Clementino de Souza Castro, Eugenio A. Franco, Ignacio Wallace da Gama Cochrane, Pedro Vicente de Azevedo e o abaixo assignado, Secretario interino, verificando-se numero legal, assumiu a Presidencia o Dr. Manoel Pereira Guimarães, na forma dos Estatutos, e declarou aberta a sessão, convidando para Secretario o Sr. Dr. Theodoro Sampaio.

Foram lidas as actas de 5 de Agosto e 5 do corrente mez de Setembro, as quaes depois de postas em discussão e votação foram approvadas.

Expediente

Foi lido o parecer de admissão de socios, que ficára sobre a meza, na sessão passada, parecer esse assignado pela respectiva commissão, sendo approvado.

Ordem do dia

Pediu a palavra o Sr. Dr. Orville Derby para offerecer ao Instituto o primeiro mappa geographico do Estado de S. Paulo, pela Commissão Geographica e Geologica do Estado, de que é o offertante chefe. S. Senhoria deu á assembléa minuciosas explicações sobre o presente trabalho, declarando que a Commissão prosegue em seu trabalhos, tendo material prompto para publicar de trez em trez mezes um mappa igual ao que apresenta.

Sendo devidamente apreciado o trabalho do Sr. Dr. Derby, pediu a palavra o Sr. Dr. Eduardo Prado, que, congratulando-se com o Instituto Historico pelo facto da publicação da primeira Carta Geographica do Estado, declarou que é este o trabalho mais completo conhecido no Brazil, e talvez na America do Sul, no genero, e encarecendo a precisão com que o mesmo trabalho obedece á verdade topographica, onde, pode-se dizer, não ha um decimo do millimetro que não fosse submettido ao calculo, S. S. propoz que o Instituto conferisse o titulo de socio benemerito ao Sr. Dr. Orville Derby, como prova de reconhecimento.

Posta em discussão a proposta, e não havendo quem se oppuzesse, foi unanimemente approvada, depois de votada.

O mesmo Sr. Dr. Eduardo Prado offe[illegible]
medalha do Barão do Rio Branco, cunhada em [illegible]

florentino, e que lhe fôra offerecida por alguns amigos daquelle Barão, em homenagem ao triumpho obtido na questão das Missões, no laudo Cleveland. O Instituto agradece.

Em continuação á ordem do dia, usou da palavra o Sr. Dr. Antonio Piza, que leu um importante trabalho sobre o *Tenente General José Arouche Rendon*, conhecido homem nos tempos primitivos de São Paulo.

Foi esse trabalho ouvido com particular agrado e attenção, sendo o orador applaudido ao terminar.

Em tempo. — Foi proposto para socio o Sr. F. Rodrigues dos Santos Saraiva, auctor do *Diccionario Latino* e da *Harpa do Crente*.

A proposta vae á Commissão respectiva.

Nada mais havendo a tractar-se, foi encerrada e suspensa a sessão, marcando o Sr. Dr. Presidente o dia 5 de Outubro vindouro.

Eu, *Dionysio Caio da Fonseca*, Secretario interino, a escrevi.

Dr. M. Pereira Guimarães.
Dionysio Caio da Fonseca.
Theodoro Sampaio.

Acta da 14ª Sessão Ordinaria em 5 de Outubro de 1899

Presidencia do Sr. Dr. Miranda Azevedo.

Aos cinco dias do mez de Outubro de mil oitocentos e noventa e nove, ás oito horas da noite, no salão do Instituto Historico, presentes os socios Srs. Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo, vice-presidente, Eugenio Hollender, Drs. Antonio de Toledo Piza, Horace M. Lane, Orville Derby, Jorge Maia, Eugenio Franco, Clementino de Souza Castro, Joaquim Monteiro de Mello e o abaixo assignado, Secretario interino, verificado numero legal, foi aberta a sessão.

Achando-se no recinto do Instituto o Sr. Dr. João Pinheiro, em visita, foi convidado pelo Dr. Presidente a tomar assento, ao seu lado, na meza, honrando desse modo com a sua presença á sessão. Acceito o convite S. S. toma logar á esquerda do Sr. Presidente.

Em seguida me foi ordenada a leitura da acta da sessão antecedente, terminada a qual, pediu a palavra o Sr. Dr. Orville Derby para antes de sua approvação reclamar contra a falta de menção da orde-- lução da mesa, em sessão passada, para que ciasse ao Ex.mo Sr. Conselheiro João Alfre

Pediu a palavra o Secretario e justificando o lapso de redacção, communicou ter dado cumprimento ao que resolvera a mesa.

Não havendo quem mais pedisse a palavra sobre o assumpto, foi a acta approvada por unanimidade.

Expediente

Foi presente o original do telegramma expedido a vinte e um do mez passado, pelo Ex.mo Sr. Conselheiro João Alfredo ao Instituto Historico:

Rio, 21, 2 horas e 20 minutos.

P. S.

«Agradeço a honra que me faz, declarando com «vivo reconhecimento que o serviço publico a que se «refere, mais do que a mim pertence ao amor do pro«gresso com que os paulistas me apoiaram, á alta com«petencia que encontrei no Sr. Derby, e á idoneidade «do pessoal que elle escolheu.

João Alfredo».

Assignada pelos socios Drs. Miranda Azevedo, Orville Derby, Jorge Maia e Toledo Piza, foi apresentada a proposta para socio honorario o Dr. João Barboza Rodrigues, escriptor, naturalista e americanista, director do Jardim Botanico do Rio de Janeiro, onde reside.

A' commissão respectiva.

Pediu a palavra o socio Eugenio Hollender e propoz que fosse inscrido na acta presente um voto de louvor e agradecimento do Dr. Miranda Azevedo pelo erviço prestado á causa da Historia Patria, pelo seu sforço no congresso estadoal, mandando que fossem

recolhidos ao Archivo Publico os muitos e importantes documentos que se acham nos cartorios ou que algures se encontrem.

Antes de pôr em discussão a proposta do Sr. Hollender, declarou o Dr. Miranda Azevedo que declinava de si para o Instituto a iniciativa que lhe era attribuida, e que ao Instituto cabia, de direito a victoria, pedindo ao proponente que retirasse a sua proposta.

Não sendo attendido, já pelo Sr. Hollender, já pela casa, foi submettida a votos a proposta e unanimemente approvada.

Propoz ainda o Sr. Hollender que a mesa officiasse á Sociedade Commemoradora do IV Centenario do Brazil, de São Vicente, solicitando a dadiva de uma das medalhas, que ora são distribuidas por aquella Sociedade, e que constitue parte do programma das festas do Centenario.

Foi a proposta approvada nos termos acima declarados.

O Sr. Orville Derby, propoz que em additamento á primeira proposta do Sr. Eugenio Hollender, além do que ficou approvado, ficasse a mesa encarregada de officiar ao congresso estadoal, agradecendo os reaes serviços assignalados pelo dito Sr. Eugenio Holleder.— Approvada.

O Sr. Dr. Presidente fez entrega de uma medalha de bronze, commemorativa da visita do General Rocca, Presidente da Republica Argentina, presente que como lembrança ao Instituto se dignou fazer o Sr. Campos Salles, Presidente da Republica do Brazil, e da qual foi portador o Sr. Dr. Miranda Azevedo.

Avaliando em alta importancia tão signi[illegible] prova de deferencia, me foi ordenado pelo Sr. D[illegible]

sidente que officiasse ao Sr. Dr. Presidente da Republica, agradecendo em nome do Instituto.

O Sr. Barão de Rezende, por intermedio do Dr. Miranda Azevedo, offerece um volume contendo diversos opusculos que publicou, sobre factos historicos e politicos referentes ao primeiro imperio e regencia.

2ª Parte

Passando-se á segunda parte da ordem do dia, foi dada a palavra ao Sr. Dr. Antonio Piza para a leitura de um seu trabalho.

Passou S. S. a ler com minuciosas observações o seguinte manuscripto: «Processo Vimieiro Monsanto, pela posse de S. Vicente, Santos e S. Paulo».

O interessante trabalho do nosso incansavel consocio foi agradavelmente acolhido, exhibindo o prelector um antigo documento attinente ao facto historico, por S. Senhoria encontrado nos papeis do General Arouche, rico repositorio que tantas notas tem trazido ao nosso archivo. Pela importancia que se liga ao assumpto será publicado na *Revista* do Instituto.

O prelector foi felicitado pela Casa.

Nada mais havendo a tratar-se foi declarada encerrada a sessão e convidados os Srs. socios para o dia 20 do corrente, na fórma do costume.

E eu, *Dionysio Caio da Fonseca,* servindo de Secretario interino, a escrevi.

Duarte de Azevedo.
M. Pereira Guimarães.
Dionysio C. da Fonseca.

Acta da 15ª Sessão Ordinaria em 20 de Outubro de 1899

Presidencia do Sr. Conselheiro Dr. Duarte de Azevedo.

Aos vinte dias do mez de Outubro de mil oito centos e noventa e nove, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios Srs. Duarte de Azevedo, Miranda Azevedo. Dionysio C. da Fonseca, A. Piza, Pereira Guimarães, E. Franco, Gonzaga Leme, E. Hollender, Orville Derby, A. Bresser, Clementino de Castro, Almeida Junior, Arthur Goulart, foi aberta a sessão pelo Sr. Presidente.

Foi lida, posta em discussão e sem debate approvada a acta da ultima sessão.

Expediente

OFFERTAS

O 1º Secretario communica á Casa o recebimento dos livros que adeante vão mencionados, sendo offertas recebidas com especial agrado.

O Sr. Presidente, sendo informado de que se achavam na ante-sala os novos socios Dr. Luiz Gonzaga S. Leme e Prof. Alfredo Bresser, nomeou uma commissão composta dos socios Drs. O. Derby e Antonio Piza para introduzil-os no recinto, onde foram recebidos com as solemnidades do estylo.

Em seguida o Sr. Presidente informa o Instituto de que não póde ser lido o Relatorio dos trabalhos do anno e feita a prestação de contas, devido a contratempos com a mudança de Thesoureiro, e convoca para esse fim uma sessão extraordinaria para o dia 25 do corrente ás 7 horas da noite.

Lembrou ainda S. Ex. que no dia 1º de Novembro proximo deve realisar-se a sessão magna annual do Instituto, e que portanto nesta sessão devia ser eleito o orador official para a solemnidade.

O Dr. Miranda Azevedo, propoz que a mesa ficasse auctorisada a fazer a nomeação, como nos annos anteriores, o que sendo approvado, o Sr. Presidente nomeou o Dr. Julio Mesquita.

Ordem do dia

1ª Parte

Foram apresentadas propostas para serem acceitos como socios do Instituto os Srs. Dr. John C. Branner, Major Luiz de Vasconcellos e Felicio de Araujo Cintra, o 1º na qualidade de socio honorario e os ultimos de correspondentes.

Foram lidos e approvados os pareceres sobre admissão dos Srs. Dr. Barbosa Rodrigues como socio honorario, e Francisco dos Santos Saraiva como socio correspondente.

2ª Parte

O Sr. Dr. Gonzaga Leme offereceu ao Instituto, um machado de pedra, um triturador e outro objecto indigena, achados em Itapira, e uma insignia de «Juiz ordinario nos tempos coloniaes», que perteneceu a um dos seus ante-passados.

O Sr. Hollender offereceu um retrato de D. Pedro de Souza e mostrou um livro antiquissimo, sobre o Brasil, contendo 2 mappas do Rio de Janeiro, lendo em seguida uma sua traducção de um manuscripto flamengo (Midelbourg, 1745).

Tomou a palavra o Dr. Piza, que procedeu a leitura do seu interessantissimo trabalho, analysando o procedimento de Martim Francisco sobre o *Supplicio da Chaguinhas*, trabalho que foi muito apreciado pelo Instituto, que saudou o seu auctor com uma salva de palmas.

Nada mais havendo a tractar-se foi encerrada a sessão pelo Sr. Presidente, que convidou os Srs. socios para a primeira que se realisará no dia 25 do corrente.

E eu, *Manoel Pereira Guimarães*, Secretario interino, a escrevi.

Dr. Duarte de Azevedo.
Dr. Pereira Guimarães.
Dionysio Caio de Fonseca.

Acta da Sessão Extraordinaria em 25 de Outubro de 1899

Presidencia do Sr. Conselheiro Dr. Duarte de Azevedo.

Aos vinte e cinco dias do mez de Outubro de mil oito centos e noventa e nove, as sete e meia horas da noite, no salão do Instituto Historico presentes os socios Conselheiro Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo, Dr. Orville Derby, Manoel Pereira Guimarães, Dionysio Caio da Fonseca, Eugenio Franco e Antonio de Toledo Piza, foi declarada aberta a sessão extraordinaria pelo Sr. Presidente.

Passou o 1º Secretario a lêr a acta da sessão anterior, apoz o que foi posta em discussão e unanimemente approvada, por não haver quem pedisse a palavra.

Expoz o Sr. Presidente que convocava a presente sessão para o fim especial de ser apresentado á assembléa o *Relatorio dos trabalhos do anno findo,* o qual as razões allegadas na sessão passada não fôra apre-tado.

Em seguida ordenou S. Ex. a leitura do *Relatorio* que foi attenciosamente ouvido e unanimemente approvado.

Neste acto apresentou-se o socio Dr. Tullio de Campos, que pediu, no expediente, a palavra para entregar ao Instituto o seu trabalho já lido na sessão anterior, sobre o preclaro brasileiro Evaristo da Veiga, allegando nessa occasião os motivos que teve para pedir a primasia da publicação do seu modesto trabalho em um orgam da imprensa paulista. Mas, que tendo cessado o compromisso contrahido, confiava-o ao criterio do Instituto, e pedia a publicação na *Revista*.

Acceito o trabalho do illustre consocio, foi elle remettido á Commissão de Redacção, para dar parecer.

Consultando o Sr. Presidente á Casa sobre se tinha ella alguma proposta a fazer, e nada mais havendo a tratar-se deliberou S. Ex. que a mesa ficasse encarregada dos preparativos para a celebração da sessão magna a 1º de Novembro proximo futuro, auctorisadas as respectivas despesas, sendo expedidos convites ás auctoridades e associações congeneres para abrilhantarem o acto.

Nada mais havendo a tractar-se foi suspensa e encerrada a sessão.

Eu, *Dionysio Caio da Fonseca*, 2º Secretario, a escrevi.

ACTA DA SESSÃO MAGNA

Commemorativa do 5º Anniversario da Fundação do Instituto Historico em 1º de Novembro de 1899

Presidencia do Sr. Conselheiro Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo

A primeiro de Novembro de mil oitocentos e noventa e nove, ás oito horas da noite, no salão nobre do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, achando-se presentes os Srs. socios Conselheiro Duarte de Azevedo, Almeida Junior, G. Koenigswald, R. Morelli, Theodoro Sampaio, João Monteiro, Eugenio Franco, Antonio de Toledo Piza, Joaquim Campos Porto, João Barbosa Rodrigues, Arthur Goulart, Pennaforte Blake, Orville A. Derby, Manoel Pereira Guimarães, Carlos Villalva, Ernesto Goulart, Alberto Lofgren, Julio Martin, Carlos Reis, Tullio de Campos, Bernardo de Campos, José Vicente de Azevedo, João R. de Moura Escobar, Alfredo Toledo, Luiz Gonzaga e o abaixo assignado, segundo Secretario interino.

Representando S. Ex. o Sr. Presidente do Estado, seu Secretario Carlos Reis, representante Augusto Carvalho, pela Escola Modelo *Caetano de Campos*, Arthur Bloen, representante do *Estado de São Paulo*, Carvalho Aranha, pelo *Correio Paulistano*, Alcino Cotti, pelo Seminario Episcopal, digo por si, e os Srs. Consules de Portugal e da França, grande numero de convidados, foi pelo Sr. Presidente declarada aberta a Sessão Magna, commemorativa do 5º anniversario da instalação do Instituto.

Achando-se na sala contigua o Ex.mo Sr. Dr. João Barbosa Rodrigues, socio honorario, o Sr. Presidente nomeou uma cammissão para introduzil-o no salão de honra, tendo antes convidado o Sr. Dr. Representante do Estado e os Srs. Consules presentes a tomarem assento na mesa.

Recebido o novo socio Dr. João Rodrigues com as formalidades do estylo, declarou acto continuo o Sr. Presidente qual o fim da reunião, congratulando-se com o Instituto pela data que commemoramos bem como pela presença na tribuna do notavel mestre Dr. João Monteiro, que gentilmente acceitára o convite por S. Ex. feita para Orador Official da Sessão Magna.

Dada a palavra ao Dr. João Monteiro, produziu S. Ex. um notavel discurso em que conquistou verdadeiro triumpho, encarecendo a nossa Patria e encarando debaixo de muitos pontos de vista o papel que nos está assignalado na historia.

Ao terminar a notavel peça oratoria, foi o illustre tribuno alvo de uma salva de palmas e felicitado pelos socios e cavalheiros presentes.

O Sr. Dr. Presidente facultou a tribuna a quem quizesse usar da palavra.

Não havendo quem a pedisse, o Sr. Dr. Presidente agradeceu os cavalheiros presentes o seu concurso no realce da modesta sessão, e aos socios, declarando-a suspensa.

Para constar, eu *Dionysio Caio da Fonseca*, servindo de 2º Secretario interino, a escrevi.

Em tempo. — Foram presentes Officios do Ex.mo Sr. Secretario do Interior, do Rev.mo Sr. Reitor do Seminario e do Gerente do «London and River Plate Bank Limited», congratulando-se com a Directoria do Instituto e com este pela data que celebramos.

ADDENDA

AO

Catalogo de Numismatica

pelo socio E. Hollender

Medalha de bronze, grande modelo. Commemoração da visita do Sr. Julio Rocca, Presidente da Republica Argentina, offerecida pelo Sr. Presidente da Republica, Dr. Campos Salles.

Medalha-Homenagem dos paulistas a J. M. da Silva Paranhos, barão do Rio Branco. Decisão da questão das Missões pelo Presidente Cleveland. Washington, 5 de Fevereiro de 1895. Bronze, offerecida pelo socio Dr. Eduardo Prado.

Medalha commemorativa do IV Centenario do descobrimento do caminho da India por Vasco de Gama. Cobre, offerecida pela commissão portugueza dos festejos.

Moeda de cobre de 80 réis, fundida em S. Paulo em 1829, na Casa da Fundição, e offerecida pelo socio Sr. E. Hollender.

MOEDA PAPEL

Nota de 5$000, D. Pedro II, Imperio do Brazil, 15ª serie, n. 51.339.

Nota de 50$000, Imperio do Brazil, 1ª serie, n. 53.556, decreto de 1º de Julho de 1833.

Nota de 1$000, série n. 41.536, decreto de 1º de Julho de 1833.

Nota de 500 réis, n. 18.045, 1ª estampa.

Nota do Banco Nacional do Paraguay, de 20 centavos fuertes, n. 20.990.

Offerecidas todas pelo Sr. Vice-Presidente, dr. Miranda Azevedo.

OBJECTOS OFFERECIDOS

Medalhas:

1 Do Barão do Rio Branco, laudo na questão das Missões, mandada cunhar por seus amigos.— Offerta do Dr. Eduardo Prado.

1 Commemorativa da visita do General Julio Rocca, Presidente da Republica Argentina, ao Brazil, em 1889.—Offerta do Dr. Campos Salles, Presidente da Republica.

1 Medalha de cobre, cunhada em S. Paulo em 1829. — Offerta do Sr. E. Hollender.

---

1 Machado de pedra, silex.
1 Triturador » » »
1 Objecto » » »
1 Insignia de juiz de paz nos tempos coloniaes.

} Offertas do Dr. Gonzaga Leme

---

1 Nota de 50$000. Imperio do Brazil, decreto n. 1 de Julho de 1833, 1ª serie, n. 53.556.
1 Nota de 5$000, 15ª serie, n. 51.339.
1 Nota de 1$000, decreto n. 1833, serie n. 41.536.
1 Nota de $500, 1ª Estampa, serie 16ª n. 18.041.
1 Nota de 20 centavos fuertes, 1886, n. 20.990, moeda paraguaya.

Offertas do Dr. Miranda Azevedo.

---

1 Tembetá, objecto de uso entre os indigenas nas suas festas e solemnidades. — Offerta de Dionysio Caio da Fonseca.

Mappas:

1 Mappa do Estado de São Paulo, primeiro da Commissão Geographica do Estado; offerta do Dr. Orville Derby.
Mappas diversos da guerra do Paraguay; offerta do Dr. Domingos Jaguaribe.

Documentos:

1 Escriptura publica de doação de terras feitas por D. Anna Pimentel, mulher de Martim Affonso, a Braz Cubas, em 1536; offerta do Dr. Pereira Guimarães,
1 Auto de demarcação, passado pelo Capitão-mór Jorge Ferreira, em favor de Braz Cubas; offerta do Dr. Eduardo Prado.
1 Documento manuscripto — *Memorias da Diocese de São Paulo em 1777*; offerta do Dr. Eduardo Prado.

1 Manuscripto — copia de nomeação de deputado á Assembléa Legislativa em 1834; offerta de Arthur Goulart.

Pelo Dr. Antonio Piza o seguinte:

1 3º Volume do Processo dos implicados na rebellião de 1842.

2 Desabamento da ponte sobre o Rio Pardo; offerta do Dr. M. Azevedo.

Pelo Dr. Duarte de Azevedo:

1 Volume. *Biographia do Barão do Rio Doce.*

1 » *Relatorios do Ministerio de Justiça, de 1837 a 1851.*

1 » *Discurso proferido na inauguração do Centro dos Operarios Catholicos.*

1 » *D. Luiz Lazagna.* Discurso.

Pelo Dr. Miranda Azevedo:

1 Volume. *Perfil biographico de Carlos Naudin.*

Pelo Dr. Antonio Piza:

1 Volume. *A Constituinte perante a Historia,* por F. I. Marcondes de Mello.

1 » *Entre l'Europe et l'Asie,* par le prince de Puckler.

1 » *Datos e factos para a historia do Ceará.* pelo Dr. Guilherme Studart.

1 » *Idem, idem,* pelo auctor.

Pelo socio Eugenio Hollender:

1 Retrato de D. Pedro de Souza.

Pelo Sr. Engenheiro Manoel Francisco Correa:

1 Volume. *Noticias sobre o Estado do Paraná.*

1 » *O libello do Povo,* offerta do Sr. A. Piza.

1 » *Historia da Revolução de Pernambuco, 1817.*

1 » » *da Litteratura Brazileira* [illegible] *tica Moderna,* Silvio Romero

1 Volume. *A cultura dos campos*, offerta do sr. Assis.
1 » » » » » offerta do Dr. Antonio Piza.
1 » *Não*, pelo Dr. Estevam Bourroul.

Pelo socio Dr. Domingos Jaguaribe:

1 Volume. *Atlas Historico da guerra do Paraguay.*
1 » *Exploração do Rio S. Francisco.*
1 Coll. de Mappas muraes, pelo Sr. Gustavo Koenigswald.
2 Volumes. *Opusculos historicos e politicos;* offerta do Sr. Barão de Rezende.

Pelo socio Dr. Tullio de Campos:

1 Volume. *Les étoiles du Monde.*

RELATORIO

DOS

TRABALHOS E OCCURRENCIAS

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE S. PAULO

no anno de 1899,

apresentado pela Directoria na sessão de 25 de Outubro de 1899

Senhores Membros do Instituto Historico e Geographico de São Paulo.

A Directoria do Instituto Historico, obedecendo ao disposto no art. 12, § 5º dos Estatutos, tem a honra de apresentar a vossa consideração o relatorio dos factos occorridos no presente anno, não o tendo feito quando devera pelos motivos então expostos.

Administração

Da Directoria eleita em 1897 acham-se em exercicio effectivo o Dr. Manoel A. Duarte de Azevedo, Presidente, e o Vice-Presidente Dr. Antonio Augusto Miranda Azevedo, tendo-se licenciado, por motivo de molestia, o Thesoureiro Dr. Domingos Jaguaribe, e os Srs. Dr. Carlos Reis e Alexandre Riedel, havendo a Casa preenchido essas vagas, na fórma dos Estatutos, por outros dentre seus associados.

Sessões e Trabalhos

Celebraram-se durante o anno 15 sessões ordinarias e uma extraordinaria, a de hoje.

As sessões continuaram a ser celebradas nos dias 5 e 20 de cada mez, salvo nos dias feriados, deixando de realisar-se as dos dias 25 de Janeiro, 5 de Fevereiro, 20 de Maio e 20 de Agosto.

Todas ellas com interesse manifesto da parte dos dignos associados.

Foram lidos os seguintes trabalhos de real merecimento:

Pelo Dr. Theodoro Sampaio, a 20 de Março:

1º — *S. Paulo no seculo XVI.*

Pelo Dr. Eduardo Prado, a 20 de Abril:

2º — *Os Hespanhóes no Salto do Avanhandava no seculo XVI.*

Pelo Dr. Orville Derby, a 5 de Maio:

3º — *Roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas, em 1602.*

Pelo mesmo Sr., a 5 de Junho:

4º — *Itinerario ás minas de ouro, publicado em Sevilha em 1732.*

Pelo Dr. Antonio de Toledo Piza, na mesma sessão de 5 de Junho:

5º — *O Monopolio do Sal nos tempos coloniaes.*

Pelo mesmo, a 20 de Junho:

6º — *O Militarismo em São Paulo nos tempos coloniaes.*

Pelo mesmo socio em sessão de 5 de Julho:

7º — *O Supplicio do Chaguinhas*, Chronica, 1ª parte.

Em continuação, a 20 de Julho:

— *Idem*, 2ª parte.

Pelo Dr. Theodoro Sampaio, em 5 de Agosto:

9º — *O Sertão antes da conquista no seculo XVII.*

Pelo Dr. Tullio de Campos, em 5 de Setembro:

10º — *Biohraphia de Evaristo da Veiga.*

Pelo Dr. Toledo Piza, a 20 de Setembro:

11º — *Estudos sobre o General Arouche.*

Pelo mesmo, a 5 de Outubro:

12º — *Processo Vimieiro Monsanto pela posse de São Vicente.*

Pelo mesmo, a 20 de Outubro:

13º — *Martim Francisco e A Bernarda.*

O Instituto, encarecendo a importancia e merecimento desses trabalhos de actual e futuro alcance para o historiador, rende homenagem áquelles que se encarregam de registrar os factos da nossa historia.

Bibliotheca e Archivo

Foram offerecidos diversos objectos, livros e jornaes, como consta dos annexos.

Importa mencionar a acquisição de duas medalhas de bronze, sendo uma do Barão do Rio Branco, laudo na questão das Missões — presente do digno socio Dr. Eduardo Prado, e outra a medalha commemorativa da visita do General Rocca, dadiva do Ex.mo Sr. Presidente da Republica do Brazil.

Socios

No correr do anno foram acceitas como membros do Instituto as pessoas constantes da lista annexa, sendo: 2 na qualidade de socios honorarios, 3 na de effectivos e 41 na de correspondentes.

O Dr. Derby foi considerado socio benemerito, em virtude de proposta apresentada na sessão de 20 de Setembro.

Quarto Centenario do Brazil

Commissionado pela nossa co-irmã a *Sociedade Commemoradora do IV Centenario do Brazil, de São Vicente,* honrou uma das nossas sessões o Sr. Capitão J. Leite Sobrinho, que veiu em nome daquella Sociedade apresentar-nos o programma de suas festas, bem como o esboço do diploma a conferir-se aos membros da patriotica associação, solicitando o nosso apoio.

Existindo uma Commissão encarregada de promover festejos attinentes ao caso, foi ella encarregada de entender-se com aquelle representante.

Por sua vez o Instituto applaude a iniciativa da *Sociedade Commemoradora,* com existencia na legendaria Villa de São Vicente, berço do Estado de São Paulo.

Revista

O volume 4º da *Revista,* referente ao corrente anno, acha-se no prélo, devendo brevemente ser distribuida.

A' respectiva Commissão um voto de agradecimento e louvor.

Finanças

O Congresso legislativo do Estado manteve a verba de 6:000$000 com que ha tres annos é auxiliado o ituto, consignando-a na lei do orçamento para o ro anno.

A Directoria, em nome do Instituto julga de seu dever agradecer ao Congresso do Estado o valioso auxilio, compenetrado, como se mostra, da magnitude da causa que representa esta associação.

Pelo balancete apresentado pelo digno Thesoureiro vereis que a

Receita foi de	3:954$760
e a *Despesa* foi de	1:209$400
Donde o *Saldo* de Rs. . . .	2:745$360
Em deposito no Banco de Credito Real e em poder do Thesoureiro c/c	2:745$360

Conclusão

Eis em traços largos os principaes acontecimentos que a Directoria tem a relatar-vos, promptificando-se a dar os esclarecimentos que desejardes.

São animadoras para todos nós as condições do Instituto, que vae preenchendo á medida de suas forças os fins para que foi creado.

S. Paulo, 25 de Outubro de 1899.

Dr. M. A. Duarte de Azevedo,
Presidente.

Dr. M. Pereira Guimarães,
1º Secretario interino.

Dionysio Caio da Fonseca,
2º Secretario.

Balancete da Receita e Despeza do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo de Junho a Outubro de 1899.

RECEITA

Dinheiro existente no Banco de Credito Real quando assumiu a Thesouraria	2:157$280
Recebido de annuidades de 25 socios. .	600$000
» joia e annuidades de 7 socios .	518$000
» » » » » 4 » .	144$000
» do Dr. Domingos Jaguaribe .	40$000
Dinheiro em mão do Cobrador . . .	495$480
Rs.	3:954$760

DESPEZA

Casa, por aluguel de Agosto e Setembro	620$000
Gratificação ao Zelador de Junho a Setembro	240$000
Porcentagem ao Cobrador	129$000
Encadernação de livros.	110$000
Annuncios ao *Estado de S. Paulo* . .	18$000
» » *Diario Popular*. . . .	12$000
Conta de Espindola & Siqueira . . .	40$400
Uma meza para Reporters.	10$000
Pago a Leuzinger & Filhos	20$000
Despeza do Expediente.	10$000
Rs.	1:209$400

RESUMO

Importancia da *Receita*.	3:954$760
» » *Despeza*	1:209$400
Saldo . .	2:846$360

S. Paulo, 25 de Outubro de 1899.

O Thesoureiro interino,
ANTONIO DE TOLEDO PIZA.

Lista dos socios propostos em 1899

N.	NOMES	CLASSE
1	Dr. Affonso Arinos de Mello Franco	Effectivo
2	Dr. Tullio de Campos	»
3	Dr. José Vicente Sobrinho	»
4	Dr. Pedro Arbues da Silva	Correspondente
5	Dr. Manoel Corrêa Dias	»
6	Dr. Uladislau Herculano de Freitas	»
7	Dr. Estevam Ribeiro de Rezende (Barão de Rezende)	»
8	Joaquim de Campos Porto	»
9	Tobias Antonio Rosa	»
10	Dr. Firmiano de Moraes Pinto	»
11	Dr. José Manoel de Azevedo Marques	»
12	Dr. Ignacio Pereira da Rocha	»
13	Dr. João Cesar Bueno Bierrembach	»
14	Dr. Carlos Ribeiro de Moura Escobar	»
15	Dr. Antonio de Faria Tavares	»
16	Dr. João Eboli	»
17	Dr. Brasilio Augusto Machado de Oliveira	»
18	Dr. João Alves de Lima	»
19	Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa	»
20	Dr. Joaquim do Carmo Cintra	»
21	João Florindo	-
22	Dr. Oliveira Fausto	
23	Dr. Antonio Martins Fontes Junior	

N.	NOMES	CLASSE
24	A. L. Garraux	Correspondente
25	Henrique Raffard	»
26	Dr. José Marcondes de Andrade Figueira	»
27	Prof. Alfredo Bresser da Silveira	»
28	Dr. José Aranha	»
29	Dr. Francisco de Paula Santos Rodrigues	»
30	Dr. José Vieira Couto de Magalhães Sobrinho	»
31	Dr. João Antonio de Oliveira Cesar	»
32	Malachias Ghirlanda	»
33	Dr. João Diogo Esteves da Silva	»
34	Dr. José Aristides Monteiro	»
35	Dr. Oscar de Almeida	»
36	Dr. Joaquim Alvaro de Souza Camargo	»
37	Dr. Eduardo da Cunha Canto	»
38	Dr. Antonio de Padua Salles	»
39	Dr. Cleophano Pitaguary	»
40	Dr. José Leite de Souza	»
41	Dr. Antonio Borges Sampaio	»
42	Dr. José Rodrigues Peixoto	»
43	F. Roiz dos Santos Saraiva	»
44	Dr. J. Barboza Rodrigues	Honorario
45	Dr. J. Capistrano de Abreu	»
46	Dr. John C. Brahmer	»

BIBLIOGRAPHIA

BIBLIOGRAPHIE BRÉSILIENNE. — *Catalogue des ouvrages Français et Latins Relatifs au Brésil*, (1500—1898), par A. L. Garraux, ex-libraire à Saint Paul. — Paris, 1898.

A proposito das reflexões que fizemos sobre esta interessante publicação, recebemos a carta e as notas do nosso laborioso consocio Sr. A. L. Garraux, que se lê em seguida, e a qual juntamos ligeiros commentarios.

Paris, 6 de Julho de 1899.

SR. DR. AUGUSTO CEZAR DE MIRANDA AZEVEDO.

S. Paulo.

Li, Sr., com a maior, attenção na *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo,* a analyse critica que fizestes de meu trabalho intitulado : *Bibliographia Brasileira.*

Vos sou muito reconhecido, Sr., pelos elogios que ignastes dirigir-me, assim como pela indulgencia e

cortezia que presidiram á redacção de vosso douto e interessante artigo.

As obras em que notais omissão, taes como as de n. 5, 6, 9, 11, 16, terão provavelmente escapado ao vosso minucioso exame por causa de sua classificação diversa da vossa.

Permitti, Sr., responder succintamente ás diversas notas que me assignalais. Classificadas methodicamente de 1 a 17 é facil de bem reconhecel-as.

Antes de passar a seu exame, lembrarei, de momento, meu prefacio assim concebido: «Apesar de um trabalho de varios annos, não tenho a pretenção de ter exgottado meu assumpto...», é claramente reconhecer que meu trabalho não está completo, que existem lacunas. Novas pesquizas me offerecem o mais vivo interesse. Depois de ter reunido os diversos documentos que me faltam, publicarei um supplemento, que completará este trabalho bibliographico.

Acolherei com gratidão todas as informações que puderem auxiliar-me no cumprimento da minha agradavel tarefa.

Si vos aprouver dar á minha resposta hospitalidade na *Revista* do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, dar-me-eis grande prazer.

Queira acceitar os protestos de minha perfeita consideração.

A. L. Garraux.

N. 1. — *Scenes de la nature*, por F. Denis.
Possúo esta obra. Eliminada, por que trata do Brasil de maneira muito accidental.

N. 2. — Vieira de Mattos.—*Sur les usages du fruit de l'anacardium.*

A obra me era desconhecida. As theses não são geralmente postas no commercio, o que torna a sua procura das mais difficeis. Eis a descripção exacta extrahida de um exemplar da Bibliotheca Nacional.

«*Dissertation sur les usages de l'anacardium oc-*
«*cidental et spécialement sur les propriétés me-*
«*dicinales de la resine.* THÈSE PRESENTÉE ET SOU-
«TENUE Á LA FACULTÉ DE MÉDECINE DE PARIS,
«LE 24 AOUT, 1831, POUR OBTENIR LE GRADE DE
«DOCTEUR EN MÉDECINE; PAR JOSÉ AGOSTINHO
«VIEIRA DE MATTOS, DE MINAS-GERAES, BRÉSIL,
«BACHÈLIER ÈS LETTRES ET ÈS SCIENCES DE
«L'ACADEMIE DE PARIS. — PARIS, IMP. DIDOT
«LE JEUNE, 1831, IN 4°, 43 PAGS. THÉSE N.°
«229 ».

N. 3. — *De Tellure quantum...*

As obras antigas de geographia e as encyclopedias de viagens trazem todas algumas pequenas passagens relativas ao Brasil. Teria sido preciso cital-as todas. Quanto á procurar a verdade sobre as affirmações de Porto Seguro, sahiria isso do quadro adoptado pela Bibliographia franceza do Brasil.

N. 4. — ORTELIUS.—*Theatrum orbis terrarum, 1579.*

Não possúo esta edição. Mas, talvez não fizesse mal em negligencial-a, pois que a edição franceza, de 1581, contém uma Carta da America, com um texto descriptivo, no verso, de toda America; ora, este texto não contém sinão duas linhas relativas ao Brasil. Citei o Atlas de Janson, visto que o verso da Carta é occupado por um texto descriptivo do Brasil em duas paginas *in-folio.*

N. 5. — SCHMIDEL: *Vera hirtoria...*
Figura á pag. 275 da «Bibliographie Brésilienne».

N. 6. — *Breve relation de l'État de Pernambuco, 1640.*
Acha-se á pag. 128, com o nome do auctor Aug. de Guelen. Este nome é muitas vezes desnaturado e orthographado «Quelen». A Bibliotheca Nacional possuiu esta obra, que está perdida ha muito tempo, pois, figura no registro dos Ausentes.

N. 7. — *L'Histoire de la délivrance du Brésil du pouvoir des Hollandais,* por Jean Racine, é-me inteiramente desconhecida. A Bibliotheca Nacional não parece possuil-a, e Brunet e Quérard não falam della.

N. 8. — *Tractatus induciarum cessateonis...*
Nada achei sob este titulo na Bibliotheca Nacional.

N. 9. — *Propositions cathégoriques et dernière rèsolution de Monsieurs de Souza Macedo.*
Esta obra está perfeitamente indicada á pag. 178, com o nome de Macedo (Souza de).

N. 10. — PHILIPPI CLUVERII.—*Introductionis in universam geographiam...*
Fôi eliminada, pois que a noticia sobre o Brasil, que contém, é muito summaria.

N. 11. — COUCHE.—*Relations Veritables...*
Esta obra figura a pag. 251. O nome do auctor é *Cauche;* é por erro que é citado com a orthographia de *Couche* em varias obras impressas no Brasil.

N. 12. — STANCEL.—*Legatus uranius...*
Não conheço esta obra. Foi-me impossivel ach

Procurarei noticia della nas bibliographias relativas á astronomia.

N.° 13. — J. DE ANCHIETA. *Epistola quam plurimarum...*

Nada achei na Bibliotheca Nacional sob este titulo, e como obra á parte. Si esta carta foi publicada sómente na collecção portugueza, não a podia citar na Bibliographia franceza. É verdade que li no «Catalogo da Exposição de Historia do Brasil», tomo II, pag. 995, n. 11.302 a descripção desta carta publicada na obra «Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas» tomo I, n. 3 de pags. 127—178 porém nunca vi a brochura que foi extrahida dessa obra e que citaes, com certeza, com justa razão. Continúo minhas buscas.

N. 14. — *Recherches philosophiques sur les Américaines*, par M. DE P.***

Apezar dessa obra constar de 3 volumes, não falla do Brazil, sinão de uma maneira inteiramente occasional, e então foi eliminada. O auctor é M.r Pauw (Corneille de), nascido em Amsterdam em 1739 e fallecido em 1799. Na sua obra sustentou que a raça indigena era inferior á da Europa. Ha varias edições desta obra, que não é muito rara. Londres, 1770, 3 vol. Berlin, 1771, 3 vol. Cléves, 1772, 3 vol. Berlin, 1774, 2 vol.

N. 15. — GAUCHER DE PASSAC.—*Lettres portugaises et brésiliennes, 1824.*

Procurei em vão estes volumes, assim como a vida do P. Vieyra, que foi impressa em Lyon em 1875. Vou continuar minhas pesquizas.

N. 16. — COMETTANT.—*Les civilisations inconnues.*

Conheço esta obra publicada em 1863, não contém sinão um capitulo occupando-se do Brasil, pags. 367 a 380. Farei figural-a no Supplemento apezar de seu pouco desenvolvimento.

N. 16. — *Les Cholleux. Atravers l'Amérique latine...*

Esta obra está perfeitamente indicada á pagina 155.

N. 17. — *Les arts en Portugal...*

Já tinha examinado esta obra. Acabo de revel-a e apezar de ter examinado o indice com grande attenção, nada descobri que permittisse incluir estas cartas n'uma Bibliographia Brasileira.

***

Per dever de cortezia, pedimos licença ao illustre consocio para fundamentar e insistir sobre alguns pontos do artigo a que se refere.

Em relacão a obra omittida de Ferdinand Denis, acceitamos as reflexões do Sr. A. L. Garraux, mas não concordamos com a exclusão das citadas nos ns. 3 e 10. A exiguidade das descripções sobre o *Brasil* e os termos em que são ellas feitas merecem por isso mesmo ser conhecidas, para servirem de padrão á historia e geographia da época. Pensando assim transcrevemos no nosso artigo a noticia de Ph. Cluverii. Demais, dispondo o laborioso Sr. A. L. Garraux de competencia e meios de elucidar muitos pontos, não se deve prender á estreiteza do quadro que traçou na 1ª edição da sua importante BIBLIOGRAPHIE, e deve em outros abordar todos os problemas que se apresentem como agitados por Porto Seguro relativamente ao do *N. 3.*

Agora quanto a obra de Raczynaki sobre *em Portugal*, o motivo do reparo foi por

tado do *Diccionario historico-artistico de Portugal*, composto *pour faire suite à l'ouvrage ayant pour titre les Arts en Portugal*, e deixado de mencionar esta ultima obra, que é por assim dizer a primeira parte daquella com que se occupa.

Se quizessemos só encontrar motivos para apontar defeitos ou notar lacunas, outra seria a norma da despretenciosa noticia que escrevemos.

Assim por exemplo, só no ramo — Monographias medicas — ou *Theses*, que com maior ou menor desenvolvimento se occupam com o Brasil e assumptos brasileiros, longa seria a contribuição a pedir para ser incluida na *Bibliographie Brésilienne*.

E não deve ser esse ramo omittido em uma nova edição, pois ahi se encontram algumas obras de real valor e feitas conscenciosamente, no genero dos trabalhos do Dr. Bourel-Roncière, publicados nos *Archivos de Medicine Navale*.

E logo que tratou de algumas, como a do Dr. Mavignier, não ha motivo, para esquecer-se de outras. Assim pedimos desde já inclusão para a do Dr. J. Mallet, que refere de modo pouco exacto as condições de salubridade de Santos. Esse medico mal impressionado, como o Dr. Le Dentec, pela morte de um collega e amigo, victimado pela febre amarella em Santos, não viu as cousas com calma e, em verdade, cahiu na mesma inverdade de F. Le Dentec (*).

Eis o titulo da These: *Contribution à l'étude de l'Higiene dans la Marine Marchante, par Jean Mallet. Paris. L. Bataille & C. 1895.*

(*) *Du mode de transmission de la Fievre-Jaune.* « *Bull. l. 1893* ».

Ainda para justificarmos o modo desprevenido porque analisando o excellente trabalho do Sr. A. L. Garraux, não procuramos fazer erudição a todo transe, apontaremos o raro e curioso livro do Marquez de Rezende, que não cita na sua *Bibliographie*.

E no emtanto essa publicação por muitos motivos deveria chamar a attenção do distincto bibliophilo. Quer se encare pelo assumpto relativo á historia de Portugal com relação ao Brasil, quer por outro motivo, que levou-o a tratar dos livros de Chauvin, Coquelle, Ferreira, Giedroye, Saraiva, Silva Lopes, Rocha, Schoeffer, Vertot e outros, merecia ser ella mencionada.

Damos em seguida o titulo d'esse livro interessante e bem raro:

«*Eclaircissements historiques sur mes negociations relatives aux affáires de Portugal depuis la mort du Roi Jean VI, jusqu'a mon arrivée en France comme ministre prés de cette Cour par* M. le Marquis de Rezende. *Deuxième Edition, Paris, 1832*».

E desde já convidamos a competencia do Sr. A. L. Garraux, para descobrir a primeira edição ou dar explicação desta 2ª de 1832.

Terminando estes ligeiros commentarios, renovamos os sinceros e francos elogios que formulámos ao erudito consocio, e aguardamos curiosos o resultado de outras investigações suas, desejosos que encontre elle imitadores egualmente competentes e criteriosos.

Novembro de 1899.

Miranda Azevedo.

Diccionario Bibliographico Brasileiro, pelo Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake. — 5º Volume. — Rio de Janeiro. *Imprensa Nacional, 1899.*

Mais um marco acaba de levantar na sua perseverante jornada, encetada em 1883, o laborioso bibliographo Dr. Augusto Blake; e aqui estamos para assignalar com uma ligeira noticia a publicação desse 5º volume.

Pensamos hoje a respeito do merito do trabalho, como ha um anno, e repetimos, convictos o que então escrevemos.

«Quando outro não fosse o valor intrinseco do trabalho do Dr. Augusto Blake, bastava este nobre exemplo de perseverança no culto das lettras para que todos concorressem moral e materialmente para a breve e rapida conclusão do Diccionario Bibliographico Brasileiro, unico escripto que possuimos neste genero, de auctor nacional» (1).

O que se nota no presente volume, no tom geral em que está redigido, é certo desanimo e pouco cuidado ao envez do escrupulo que domina nos primeiros volumes, nos quaes o Dr. A. Blake procurava o mais possivel completar e aprofundar as noticias dos auctores e dos livros que analysava.

Se até certo ponto é desculpavel este cançaço, que caracteriza a feitura do 5º tomo, não é attenuante sufficiente para absolvel-o de algumas omissões importantes e de lapsos inexplicaveis.

Demais um escriptor que zela seu nome e preza sua obra, não deve ficar surdo aos reparos e adverten-

(1) *Revista* do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo, tomo 3º, p. 616.

cias feitas, boamente, a falhas que lhes apontam e que póde corrigir.

Bastava que seguisse o nobre exemplo do mestre n'este genero litterario, o erudito Innocencio, que em cada novo volume trazia os accrescimos e correcções aos artigos anteriores, ou por estudo e investigação propria, ou por indicações das criticas e analyses extranhas.

Esse systema racional contribuiu para maior apreço merecer de todos, o trabalho do grande bibliographo, e fazer que a imprensa e os competentes sempre se occupassem com os volumes publicados a proporção que ião apparecendo. Brito Aranha, o continuador esclarecido de Innocencio, conservou em boa hora essa tradição, pelo que só teve motivos de alegrias e compensações ao seu afanoso trabalho, como confessa (1).

O illustre Dr. A. Blake não se mostra muito amigo d'estas boas praxes, pelo menos n'estes ultimos volumes não dá provas de attender ás criticas feitas, e não corrige ou não preenche as lacunas apontadas.

Um critico fluminense, talvez com aspereza demasiada, accolheu com rigorosa analyse este volume e apontou grande numero de omissões de nomes brasileiros — tratados e incluidos até no Diccionario de Innocencio; estamos, portanto, dispensados de insistir sobre elles. Exerceremos sobre outros a nossa ligeira analyse.

***

Para justificar o que dissemos acima sobre o Volume 5º, quanto ao pouco cuidado com que está composto, passaremos a mostrar faltas que com pouco tra-

(1) Vide Brito Aranha.—*Dicc. Bibl. Portug.*, 4ª Supp., tomo XI. Advert. *in fine*.

balho, recorrente ou a informações pessoaes de vivos, ou a innumeras fontes, teria evitado.

Assim, logo a pag. 15, não traz o lugar de nascimento do dr. José Luiz de Almeida Nogueira e incide nesse descuido frequentemente.

No artigo consagrado ao velho e conhecido José Maria Lisbôa (1), assevera uma inexactidão, dizendo ter trabalhado na empresa do *Correio Mercantil*, de Joaquim Roberto, trocando evidentemente o nome do *Correio Paulistano* pelo d'aquella folha que teve outros redactores e proprietarios. Ainda sob este conhecido batalhador da imprensa paulista commette mais grave omissão não falando sequer no *Diario Popular*, o filho querido de José Maria Lisbôa.

Só pelo nenhum apêgo que mostra neste volume pelo trabalho, ou por completa indifferença á opinião se explica tal ausencia.

Tratando do dr. José Luiz Monteiro de Souza, mallogrado publicista e politico, fallecido no começo de sua carreira, commette lamentavel confusão, que deve originar-se na pouca attencção com que colligiu suas notas.

Assim é que inverte os factos e os nomes, dizendo que o dr. José Luiz Monteiro de Souza «deixou a redacção (do *Correio Nacional)* em 1866, e passando a collaborar na *Oipnião Liberal*, ahi publicou o *Jornal de Confucio*» (2).

Salvo a data que não é essa — a passagem que deu-se foi da *Opinião Liberal* para o *Correio Nacional*, interessante orgão radical que cessou com a or-

(1) Dr. A. Blake. *Dicc. Bibl. Brasil.*. tomo 5°, pag. 41.
(2) Dr. A. Blake, *Dicc. Bibl. Brasil.*, temo 5°, pag. 20.

ganisação do *Club Republicano* em 1870 e posterior publicação da *Republica*.

Da redacção e do pessoal d'aquelle periodico é que partiu a iniciativa e o trabalho da aggremiação politica que fundou o primeiro club republicano brasileiro — como já referimos em outra parte (1).

Não podemos deixar de extranhar a parcimonia com que se occupa de um outro talento peregrino, prematuramente roubado ás lettras patrias, o bacharel José Pereira Leitão Junior, um dos mais sympathicos e queridos d'essa brilhante pleiade de ha 30 annos, em que fulguravão, Anastacio do Bom Successo, B. Ramiz Galvão, Vieira Fazenda, Manoel Major, José e Joaquim Pires d'Almeida, Antonio Leitão, Mello Moraes Filho, Felix Ferreira, Carlos de Laet, Jeronymo Simões, e tantos outros.

O bacharel Leitão Junior foi um dos fundadores do Instituto dos Bachareis em Lettras ; e n'essa associação litteraria, composta de finos e eruditos socios, era um dos que com mais eloquencia discutia as varias e multiplas theses litterarias e scientificas que enchiam as memoraveis sessões do Instituto. Na *Sociedade Brasileira Ensaios Litterarios*, deixou na tribuna sulcos luminosos que perduram indeleveis na memoria dos raros sobreviventes d'esses amigos e cultores das bellas lettras.

Pois o dr. Augusto Blake nem sequer cita algum dos trabalhos que foram publicados e tiveram immensa voga entre os contemporaneos, como o *Concerto dos Seculos*, discurso que pronunciou em uma sessão magna do *Instituto dos Bachareis em Lettras* em 1867 ou 1868, e que se não nos falha a memoria foi impresso no *Echo Americano*, periodico illustrado publicado

(1) Dr. A. C. Miranda Azevedo.—**Apontamentos biograph do dr. Luiz Barboza da Silva.—Pgs. 13 e 14.**

Londres pelo Sr. Vivaldi sob a redacção do distincto dr. Mello Moraes Filho em 1870 ou 1871.

Com Joaquim Garcia Pires d'Almeida e João d'Almeida fundou a empresa litteraria: *Leitura para todos*, que chegou a publicar 5 ou 6 volumes de boas producções nacionaes, ahi collaborou com artigos criticos, humoristicos e de biographia.

Republicano militante e abolicionista intransigente, foi por esse motivo sacrificado no concurso á cadeira de historia universal para o Collegio de Pedro II, porque na prova de prelecção, perante o imperador, expoz francamente suas idéas e analysou como devia o reinado de Luiz XIV, ponto que a sorte designara para essa prova, e o ministro do imperio d'então, Conselheiro Paulino, não perdoou-lhe essa ousadia nem as brilhante discussões pela imprensa e na tribuna das associações, em prol da abolição e da republica.

Collaborou o bacharel Leitão Junior na *Republica*, escrevendo artigos litterarios e de critica, entre os quaes um bello estudo sobre as *Historias para Gente Alegre* e *A familia Agulho*, de Luiz Guimarães Junior.

Deixou o bacharel Leitão esparsos em jornaes e revistas muitos trabalhos e poesias, e talvez ainda maior copia de ineditos, que devem estar em mãos de seu distincto irmão e fino litterato Luiz Leitão, que gostosamente completará estas rapidas informações, se o dr. A. Blake quizer d'ellas utilisar-se para o proximo volume, onde póde tambem dar a data exacta de seu fallecimento.

Em relação a outros nomes, ha tambem faltas, que, com um pouco de esforço e investigações, poderia ter evitado, como na pag. 187, dando José Saturino da Costa Pereira como sobrinho do Senador José aturnino da Costa Pereira, de quem era neto.

Na noticia sobre o dr. Luiz Barbosa da Silva, se esquece do pamphleto *Elemento Servil* publicado sob o pseudonimo de *Theodoro Parker*. Quanto a Julio Ribeiro, não menciona o ter elle fundado os dous periodicos *Rebate* e *Procellaria*, nos quaes mais do que em quaes quer outros revelou as grandes qualidades de estylista primoroso e polemista de pulso, que tantos admiradores conquistaram para o illustre philologo.

E' tambem muito breve e incompleto na noticia que consagrou ao grande scientista nacional dr. Luiz Pereira Barreto, e o mesmo se póde applicar ao venerando José Maria do Amaral, uma das nossas melhores glorias litterarias. Na descripção dos trabalhos e escriptos ineditos que deixou, não falla no manuscripto, que vimos em vida do illustre publicista, a *Historia Diplomatica do Brasil desde a Independencia até a Triplice Alliança*. Não menciona o trabalho admiravel de synthese e condensação que organisou aquelle cerebro prodigioso e portentoso sobre toda a doctrina de A. Comte—em forma de aphorismos; é trabalho de 1878 e que depois foi sempre limando e aprimorando na fórma até quasi os dias de seu fallecimento, a 23 de Setembro de 1885.

*
* *

Ha lapsos como o do titulo de um romancete de Lionel de Alencar: *A Sonambula de Itapuca* (1), e não *Ipojuca* como escreveu. E mais lamentavel deixa no olvido nomes como o do dr. José Maria Albuquerque Mello, magistrado, politico e jornalista de talento, que tanto impressionou seus contemporaneos; e bem valia se procurassem suas ob[illegible] humas. Entre

(1) Dr. A. Blake, *Dicc. Bibl. Brasil*

outras, conhecemos, porque lemos e ouvimos recitar muitas vezes—a *Crispineida*—poema paraphrase dos *Lusiadas*, adaptada á critica politica humoristica do segundo imperio.

Os versos eram perfeitos e adaptavam-se com summa felicidade ao modelo — a parte — a orientação politica que o inspirou—era uma verdadeira obra de arte.

E' possivel que o assassino, que cortou a vida ao filho e hoje impune affronta a opinião, tenha tambem sido causa do extravio d'essa joia litteraria.

Deixamos para o final d'esta já longa noticia, um ponto que é preciso rectificar a bem da verdade historica. Seria descabido o protesto em um trabalho deste genero, mas uma vez que seu auctor incluiu no Diccionario Bibliographico o erro—preciso é que se o destrua. Traçando a biographia do distincto dr. José Vieira Couto de Magalhães escreve (1): «Alma grande, generosa, aberta sempre á caridade, por haver em 1893 sem mysterio algum, praticado o acto meritorio e humanitario de dispor de uma parte de sua grande fortuna com a fundação de hospitaes de sangue no sul do Brasil, foi preso por ordem do marechal Floriano em S. Paulo, onde residia».

Nada contradictamos aos commentarios e apreciações do dr. A. Blake nesta parte mas affirmamos, que o General Couto de Magalhães *não dispoz de uma parte de sua grande fortuna para hospitaes de sangue no sul* e que nem foi esse motivo de sua prisão.

Elle concorreu como muitos outros adversos a dictatura do Marechal Floriano, com uma certa somma em favor da revolta, e essa somma em proporção á sua fortuna foi insignificante. Foi preso por dizer-se monarchista e promover a restauração, sendo aliás

1) Dr. A. Blake, *Dicc. Bibl. Brasil.*, tono 5°, pag. 230.

tractado no Rio com certa brandura attento o seu grave estado de desiquilibrio cerebral, e solto logo, seguio para Europa em tratamento.

Esta é a verdade.

Eis em desalinhadas proposições o resultado da leitura e rapido exame do 5º volume do DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO do dr. A. Blake, a quem offerecemos os protestos da sinceridade com que applaudimos *malgrè tout* o seu ingente trabalho, e os votos para dentro em pouco concluir sua obra.

Dezembro, 1899.

MIRANDA AZEVEDO.

ALMANACK IGUAPENSE PARA O ANNO DE 1899.—*Consagrado á propaganda agricola do municipio de Iguape.* — Redactores: *Ernesto G. Young, Abel A. Fortes, Francisco E. de Castro.* — Editor-Proprietario, FRANCISCO EDUARDO DE CASTRO. — Iguape, Typographia Castro, MDCCCXCIX.

É um volume interessante e n'este genero uma das melhores publicações que conhecemos, offerecendo merito mais do que lhe attribuem seus distinctos e modestos redactores — quando escrevem:

«Dedicado á propaganda agricola do nosso vasto municipio, esta obra, que não passa de rude tentativa, é unicamente a manifestação material do desejo que alimentamas, de ver prosperar esta riquissima zona sul paulista. Nenhum outro motivo nos impelliu a consagrar a este trabalho nossas escarsas horas de lazer».

D'entre os variados escriptos litterarios, poesias e composições diversas, destacaremos a:

Descripção da zona do Rio Ribeira do Iguape pelo nosso erudito consocio Ernesto Guilherme Young, que n'esse trabalho revela a sua competencia reconhecida sobre o assumpto, que já deve ser conhecida do nossos leitores pela excellente monographia já publicada no 2º volume d'esta *Revista.*

A Flora e a Fauna do Municipio d'Iguape é um ligeiro esboço sobre a materia, mas precioso e que bem merece ser desenvolvido e completado, o que promette fazer em outro volume o seu auctor, que modestamente occulta o nome.

Tão interessantes e de valor para a historia natural paulista são os dous estudos — *Uma amostra da nossa Entomologia* pelo sr. Ernesto Young, e as *Notas nithologicas relativas á zona do Sul do Estado de São*

Paulo, pelo sr. Ricardo Krone. Não é simples cortezia que nos leva a elogiar esses estudos e pedir aos seus auctores qué os completem e ampliem.

Se dispuzessemos de mais tempo e espaço fariamos analyse minuciosa da materia d'esses escriptos, mas para elles chamamos a attenção dos estudiosos e competentes.

O *Almanak Iguapense*, nas outras paginas, preenche os fins a que se destinam publicações deste genero, e vae além porque são dignos de leitura e reflexão as paginas de informações e estatisticas que encerra, bem como os preceitos agricolas adaptados a essa zona, que offerece aos lavradores do Municipio.

Se todos os municipios de S. Paulo, comprehendessem a vantagem e utilidade de publicações desta natureza, feitas com o criterio e orientação aqui revelados, seria facil a confecção da historia natural e da corographia paulista; oxalá encontrem imitadores os benemeritos redactores do *Almanak Iguapense*, e não deixem extinguir-se a tradicção gloriosa que deixou José Maria Lisboa na iniciativa d'estes livros, com o seu *Almanak* de Campinas, Amparo, Rio Claro e São Paulo.

Aos laboriosos iguapenses, que promettem continuar e melhorar a publicação do *Almanack* para o anno proximo, nossos applausos e agradecimentos pelo exemplar que offereceram ao *Instituto Historico de São Paulo*.

Dezembro, 1899.

MIRANDA AZEVEDO.

Dr. Domingos Freire

A 21 de Agosto falleceu quasi repentinamente no Rio de Janeiro, victima de agudissima infecção palustre contrahida nas suas investigações scientificas, o eminente sabio brasileiro, professor Domingos Freire.

A sua morte veiu encher de tristeza todos que conheciam o seu alto merito e grande valor.

Bem que não pertencesse ao nosso Instituto, não podia este deixar passar o facto sem prestar homenagem a memoria do morto, e hoje, como fez hontem, traçar ligeira biographia.

Debita venia, transcrevemos do *Estado de S. Paulo* o artigo que publicou a 21 de Agosto, sobre o dr. Domingos Freire, traçado pelo nosso companheiro dr. Miranda Azevedo, amigo e admirador do finado.

* * *

A individualidade scientifica que acaba de desapparecer da arena do combate, era uma das mais caracteristicas da moderna geração intellectual da Ame-

rica. Dotado de qualidades inestimaveis, que o tornariam um dos vultos mais proeminentes da sciencia, se vivesse em outro meio, deixou, entretanto, o dr. Domingos Freire um sulco luminoso pelas investigações a que procedeu em diversos ramos das sciencias chimicas e biologicas, resolvendo problemas interessantes como os que se referem ao estado allotropico da camphora e da aloina, e ao poder bactericida dos diversos pós usados em therapeutica.

Concluido o curso do bacharelado em lettras pelo antigo collegio Pedro II, Domingos Freire percorreu com brilho e applauso o curso medico, obtendo o gráu de doutor, depois da defeza brilhante de uma these sobre um dos mais importantes pontos da pathologia — *A albuminuria e as lesões anatomo-pathologicas dos rins.*

Não hesitou nessa occasião em levar a sua competencia profissional ao serviço do patriotismo e seguiu como medico militar para o Paraguay, onde permaneceu até o fim da lucta.

Regressando ao Rio de Janeiro aproveitou o concurso para a vaga de oppositores de sciencias-accessorias, no qual conquistou, disputando-o a homens do valor de Ramiz Galvão e Souza Lima, um logar no corpo docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1871.

Tres annos depois, justava com o dr. Souza Lima as armas da mais fina tempera para a conquista da cadeira de chimica organica, vaga pela jubilação do illustre professor barão da Villa da Barra.

Ainda perdura na memoria dos contemporaneos a impressão grandiosa dessa contenda de athletas, que honraria a arena das mais adeantadas universidades do mundo.

De posse da cadeira, foi enviado á Europa a visitar instituições superiores de ensino, e o que observou deixou consignado em relatorios notaveis, salientando-se nessa occasião pelo trabalho que apresentou ao Congresso de Sciencias Medicas reunido em Bruxellas, sobre o *étamage* dos utensilios de cozinha, sobre o movimento *giratorio da camphora*, e *propriedades da aloina*.

Regressando ao Brasil, tomou conta da cadeira que leccionou com brilho e zelo inexcediveis, occupando-se ao mesmo tempo dos mais delicados trabalhos de laboratorio sobre biologia e chimica.

Dessa época datam os seus primeiros estudos sobre a prophylaxia e pathogenia da febre amarella. Não é este o logar apropriado para discutir o merito e a verdade das descobertas do dr. Domingos Freire sobre a etiologia da febre amarella, nem para aquilatar o valor do seu meio therapeutico.

Iniciado esse estudo quando a bacteriologia apenas despontava, póde resentir-se dessa origem a orientação das investigações do eminente sabio que acaba de fallecer. Um ponto, porém, está bem claro, e uma gloria incontestavel pertence ao illustre homem de sciencia brasileiro: é a origem microbiana da febre amarella asseverada e sustentada pelo professor Domingos Freire contra todas as auctoridades e todas as opiniões dominantes até essa época.

A lucta gigantesca que, na imprensa, na cadeira, nos laboratorios e nos congressos scientificos, sustentou o dr. Domingos Freire em prol da doutrina microbiana da febre amarella é sufficiente para lhe assegurar um dos primeiros logares entre os benemeritos da sciencia e da humanidade.

Dotado de grande preparo litterario e scientifico,

era um polemista de pulso, que não deixava o adversario sem contestação, ponto por ponto. Sternberg, Paul Gibier, Rochard ou Sanarelli nem sempre puderam sair illesos e victoriosos das discussões travadas com o illustre bacteriologista brasileiro.

E' cedo talvez para que a justiça calma da sciencia formule o seu ultimo juizo sobre o dr. Domingos Freire, mas elle impõe já o reconhecimento das suas altas qualidades de investigador pertinaz e incançavel, á procura sempre da luz serena da verdade scientifica.

E os dotes do sabio não devem fazer esquecer as virtudes do cidadão; pois o dr. Domingos Freire foi um caracter inquebrantavel ao serviço da patria nas questões mais melindrosas, mantendo-se abolicionista intransigente e republicano convicto durante todo o curso da sua vida accidentada.

A perda do dr. Domingos Freire, victima ainda do seu indefesso amor ás investigações scientificas, deve ser considerada uma grande perda nacional.

* * *

O professor Domingos Freire nasceu no Rio de Janeiro a 5 de novembro de 1843; bacharelou-se em lettras no collegio Pedro II em 1860 e formou-se em medicina em 1866.

Partindo como medico para a campanha do Paraguay, prestou alli relevantes serviços, que lhe valeram um posto honorario e distincções honorificas.

De volta ao Rio de Janeiro, entrou em 1871 em concurso para um dos logares de lente oppositor da secção de sciencia accessorias da Faculdade de Medicina, que conquistou muito honrosamente.

Pouco tempo depois, em 1874, vagando a cadeira de chimica organica por jubilação do barão da Villa da Barra, inscreveu-se para o respectivo concurso, que

foi ainda mais brilhante do que o primeiro e lhe deu o posto de lente cathedratico.

O governo julgou então acertado mandal-o em commissão á Europa para aprofundar os estudos praticos da disciplina em que já revelára tanto saber, e desse encargo Domingos Freire deu conta cabal em relatorios importantes que foram todos publicados.

Em 1887 teve ainda occasião de honrar o nome brasileiro em paiz extrangeiro, representando-nos no Congresso Medico Internacional de Washington; em 1890 foi a Berlim, e não ha muitos annos esteve em Buenos-Ayres; em toda parte a sua alta competencia foi objecto de acatamento e consideração particular.

Além do magisterio na Escola de Medicina do Rio, que exerceu por mais de 20 annos, foi algum tempo lente de chimica organica na Escóla Polytechnica e no Lyceu de Artes e Officios; de 1883 a 1885 foi presidente da antiga Juncta de Hygiene Publica, e já no tempo da Republica director do Museu Nacional.

Ultimamente occupava o lugar de director do Instituto Bactereologico Domingos Freire, creado sob sua inspiração.

Eis a relação das obras do illustre brazileiro:

Albuminuria e lesões anatomo-pathologicas dos rins, these de doutoramento. Estudo analytico e comparativo dos principaes acidos organicos, these de concurso. Da electricidade em geral, e em particular da electricidade animal, these de concurso. Chloral e chloroformio, prova escripta de concurso. Seis relatorios apresentados á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no desempenho da commissão do que foi incumbido pelo governo de visitar os principaes estabelecimentos de ensino medico na Europa. Movimentos gy-

ratorios da camphora, suas causas, suas leis e relações com a constituição molecular dos corpos. Sur L'étamage, trabalho apresentado ao Congresso Internacional das sciencias medicas de Bruxellas. Noticias clinicas da campanha do Paraguay, publicadas na *Revista Medica do Rio de Janeiro*. Accidentes que complicam os ferimentos, com applicação á campanha do Paraguay, memoria. Estudos sobre um cryptogamo, causa das oxydações dos oleos, feito no laboratorio da faculdade de medicina. Considerações sobre o uso das sodas e potassas, e sobre as vantagens da fundação no nosso paiz da industria destes productos. Sur la toxicité des eaux météoriques, memoria apresentada à Academia de Sciencias de Pariz. Lições de Chimica organica, professadas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Lições elementares de Chimica organica, professadas na mesma escola. A synthese da chimica organica, these de concurso. Recueil de tráveaux chimiques, suivi des recherches sur la cause, nature et traitement de la fièvre jaune. Estudos experimentaes sobre o contagio da febre amarella, opusculo. Investigações sobre a febre amarella. Ptomainas da febre amarella, memoria. Doutrina microbiana da febre amarella e suas innoculações preventivas, relatorio. A vacina da febre amarella, resultados estatisticos das innoculações preventivas com a cultura do microbio, attenuada, de janeiro a agosto de 1885. Noticia sobre a regeneração da virulencia das culturas attenuadas do microbio da febre amarella. Refutação das investigações sobre a febre amarella, feitas por P. Gibier, em Havana. A missão do Brasil, do dr. Sternberg, refutação do relatorio publicado por este medico sobre a febre amarella. Estatistica das vaccinações sobre a febre amarella durante a epide- 1888 a 1889. Relatorio apresentado ao govern-

rial pelo presidente da juncta de hygiene publica; Hygiene Publica; Manual de trabalhos praticos de chimica organica; Primeiros estudos experimentaes sobre a natureza do cancer; Differentes aspectos da urina nos casos de chyluria; Investigações sobre a natureza parasitaria do escorbuto, sobre a allotropia do bromo, sobre o alcaloide e resinas da jurubeba; Sobre a falsificação dos vinhos; Molestias dos vinhos; Das contusões por castigo; Algumas medidas sanitarias applicaveis á cidade do Rio de Janeiro, publicadas na *Gazeta de Noticias*, em 1879; Assumptos hygienicos, memoria; Os medicamentos officinaes de importação; Processo de dosar a gelatina que falsifica as peptonas medicinaes, e muitos outros trabalhos.

O illustre morto era agraciado com o officialato da Rosa, habito de Christo, medalha geral da campanha de Buenos-Ayres, medalha da Argentina, por serviços de guerra, e medalha de honra decretada pelo conselho geral da Guyana franceza; e membro da Academia Nacional de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e da Sociedade de Hygiene do Brasil, membro honorario da Sociedade de Cremação de Haya e da de Berlim, membro correspondente da Academia Nacional de Lima, do Circulo Medico Argentino, da Sociedade de Medicina de Buenos-Ayres, da Sociedade de Hygiene de Paris, do Cellegio Cirurgico de Philadelphia, da Academia Medico-Pharmaceutica de Barcelona e de outras sociedades. Em 1890 foi nomeado membro do Congresso do Mundo em Chicago e official do governo dos Estados-Unidos.

Tinha as honras de cirurgião-mór de brigada.

Ahi ficão esses subsidios para que outro mais competente e talentoso possa escrever a biographia completa Professor Domingos Freire, e elevar á sua memoria monumento digno do seu valor e da gratidão scien- a da posteridade. MIRANDA AZEVEDO.

Dr. Arthur F. Campos da Paz

A 29 de Maio do corrente anno expirava em Nycteroy o illustre agronomo e medico Dr. Campos da Paz, victima da tuberculose que em rapido e brutal ataque o prostrou quasi fulminantemente.

Poucos dias antes assistia ao Congresso Agricola em Campinas, e embora quasi privado da voz e da palavra ainda batteu-se com grande sacrificio em favor da sciencia applicada á agricultura, como meio mais efficaz da organisação e resurgimento da prosperidade nacional agricola.

Accompanhamol-o nos dias que aqui esteve de passagem para o Rio, e quando delle nos despedimos, com o illustre Dr. Luiz Barreto, foi com a triste convicção que o não veriamos mais, pois o reputavamos completamente perdido, tal era a devastação do terrivel bacillo n'aquelle organismo.

O telegramma que nos enviou noticiando a chegada ao seio da sua familia, era redigido em tom confiante e alegre, mas não illudiu-nos; de facto, breve, de que devia-se esperar, cahia no tumulo indefesso luctador.

Luctador; sim, que o foi, grande e pertinaz em prol sempre de causas nobres e alevantadas, que encheram a suá vida, abreviando-lhe talvez o termo.

Dotado de intelligencia aprimorada e submettida a disciplina methodica e severa de seu tio, o illustre professor Dr. Santos Cruz, o latinista provecto, emulo dos Drs. Lucindo e Souza, concluiu o Dr. Arthur Campos de Paz os seus preparatorios ainda bem moço; com 17 annos matriculou-se, em 1873, na Faculdade de medicina do Rio de Janeiro.

Natural da cidade de Bananal, n'este Estado, era filho de Manoel Venancio Campos. da Paz e de D. Amalia Carolina Fernandes de Campos, o mais moço dos irmãos. Desde os primeiros annos academicos mostrou predilecção pelo estudo das sciencias naturaes e physico-chimicas, de que foi depois notavel professor, seguindo as brilhantes tradições dos seus mestres Moraes e Valle e Domingos Freire. Antes de obter o diploma medico, occupou-se em leccionar as sciencias naturaes e physico-chimicas, quer a alguns condiscipulos, quer no Externacto Aquino, conhecido estabelecimento d'instrucção secundaria no Rio de Janeiro.

N'esse periodo publicou, em 1877, um *Estudo sobre nomenclatura chimica*, em que expunha com grande clareza e methodo o estado scientifico d'essa questão n'aquella epocha de reorganisação das doctrinas e classificações chimicas, conforme os estudos do Naquet, Wurtz, Bertholet, Gherardt e outros.

Em 1878 concluia o curso medico com applausos de collegas e professores, offerecendo para defeza de these uma bem trabalhada dissertação sobre *Bromuretos e suas applicações therapeuticas.*

Dous ou tres annos depois, em disputado concurso com contendores illustres, conquistou o lugar de profes-

sor adjunto á cadeira de Chimica Organica e Biologia, de que veiu mais tarde a ser o proprietario, fallecendo ainda como tal.

* * *

Campeava então no Rio de Janeiro com o maior cynismo e ousadia a commandita dos falsificadores de vinhos e outras bebidas fermentadas, prejudicando atrozmente a saude publica.

E o Dr. Campos de Paz, com seus sentimentos altruisticos de philosopho e de homem de sciencia, não podia assistir impassivel a esta especulação deprimente de nossos foros de povo civilisado. Cheio de ardor e enthusiasmo não hesitou, e abriu campanha sem treguas contra esses envenenadores do povo.

Na cathedra de professor, na tribuna das conferencias populares, na imprensa, em todos os terrenos, a palavra e o protesto do Dr. Campos da Paz se faziam ouvir com vehemente convicção e desinteressada coragem, arrostando todos os perigos, desprezando todas as calumnias todas as ameaças e subornos. E com tanto talento, pertinacia e vigor combateu, que chegou a interessar em favor de sua causa o chefe do Estado, e a despertar a attenção do poder publico na repressão contra os crimes de falsificações. Pobre, desprezou as riquezas que offereciam-lhe pelo seu silencio, e tanto penetrou na opinião publica e popular, que synthetizou no nome de um dos chefes d'esses exploradores a synonimia com que hoje ainda se qualifica uma adulteração, e com o vocabulo *fritzmack* contribuiu para enriquecer a linguagem commum.

Alem dos numerosos e repetidos artigos que escreveu, publicou um trabalho notavel, que honra qualquer litteratura scientifica, por mais adeantada que

seja: *Falsificação dos vinhos*, obra que trouxe para o nome do Dr. Campos da Paz, a attenção e homenagem dos mais illustres scientistas e philanthropos do velho e novo mundo.

Natural e logica era a passagem do Dr. Campos da Paz do terreno de combate contra os falsificadores de vinho para o da viticultura nacional. Era necessario que tratasse de destruir um dos poucos argumentos que, com apparencia de razoavel, invocavam os fabricantes de vinhos artificiaes em defeza de sua triste industria. O Brasil não produz vinho natural, e a grande massa de população, de origem europea ou habitos europeus, não póde dispensar esse liquido para a vida; tal era a affirmação valente que sustentavam os *fritz-macks* que combatiam a obra patriotica do Dr. Campos da Paz.

E' o illustre paulista não recuou ante a difficuldade, enfrentou resolutamente o problema e tratou de encontrar-lhe solução cabal e prompta. D'ahi datam os seus estudos e investigações em prol da viticultura nacional e de outras questões agronomicas que marcam novo periodo na sua vida scientifica e social.

*
* *

A viticultura nacional é hoje uma brilhante realidade graças aos perseverantes esforços e aturadas experiencias scientificas de nosso illustre compatriota, Dr. Luiz Barreto, que produziu uma completa revolução no dominio da ampelographia tradicional e classica.

Encontraram-se no mesmo terreno, movidos ampelos mais nobres impulsos do patriotismo e da ɜncia, os Drs. Luiz Barreto e Campos da Paz, em-

bora partindo de pontos differentes. D'ahi por diante a direcção convergente e simultanea de ambos operou com grande harmonia, e conseguiu conquistar e vencer, demonstrando positiva e claramente o quanto pode produzir a viticultura brasileira, cujo futuro de prosperidades é incalculavel.

Eram duas individualidades que se completavam, duas forças necessarias para estabelecerem a resultante que ia triumphar. O dr. Luiz Barreto—o sabio creador da nova doctrina, o propheta do novo evangelho d'agricultura scientifica, firmava as suas proposições com experiencias e pesquizas evidentes; o dr. Campos da Paz era o discipulo enthusiasta, o apostolo convicto, que levava na sua palavra ardente a *bôa nova* aos povos sequiosos da luz que os hade salvar da crise economica e agricola que os assoberba.

Por meio de conferencias, de exposições aqui, no Rio de Janeiro, e em Minas Geraes sobretudo, o Dr. Campos de Paz expunha os fructos e os resultados vivos dos trabalhos do Dr. Luiz Barreto, em Pirituba, e convencia aos mais incredulos do quanto póde dar a viticultura no Brasil.

E' incalculavel a somma de actividade e de esforço empregada pelo Dr. Campos da Paz n'esta propaganda da obra do Dr. L. Barreto, que melhor que ninguem avaliou a sua importancia.

Testemunho da amizade e reconhecimento do mestre, está a creação d'essa hybrida admiravel, a *Campos da Paz*, cujo destino a mais arrojada imaginação não pode bem limitar.

O vinho produzido por essa parreira em breve conquistará os nossos mercados e quiçá os dos prios paizes vinicolas; então, embora já tardiamente.

rão bem apreciados os serviços dos Drs. L. Barreto e Campos da Paz neste assumpto.

Enorme é o accervo escripto que sobre esta materia deixou o Dr. Campos da Paz; sobreleva a todos, porém, o *Manual do viticultor brasileiro*, condensação de tudo que ha de bom e moderno quanto a doctrina e technica d'este ramo de conhecimentos.

D'esta ordem de estudos e preoccupações derivou-se a parte efficaz que tomou o Dr. Campos da Paz, ao lado dos benemeritos membros da *Sociedade Nacional d'Agricultura*, na propaganda da polycultura entre nós. Até o ultimo momento elle devotou-se com ardor a esta causa.

Tivessemos muitos homens do valor do finado, a quem rendemos esta homenagem, e o progresso da agricultura brasileira seria igual aos dos mais adeantados povos da civilisação.

***

Patriota extremado e amante devotado da democracia, são de vulto os serviços que com igual ardor prestou o Dr. Campos da Paz á causa da emancipação do elemento servil e da propaganda do regimen republicano. Desde a vida academica luctou sempre por todos os meios em favor da nobre campanha abolicionista. E José do Patrocinio, esse astro rutilante da intellectualidade brasileira, conhece melhor que ninguem quanto o auxiliou o companheiro e amigo de luctas. Nem Joaquim Nabuco, Clapp ou Luiz Gama bateram-se com mais amor e denodo pela libertação dos escravos.

Ainda nos recordamos da scena grandiosa e commovente, do juramento solemne que proferiu sobre o

tumulo entreaberto de José Bonifacio, de emprehender toda a acção, fosse em que terreno fosse, para que a escravidão desapparecesse do nosso seio em um anno da data do fallecimento do grande orador abolicionista de S. Paulo! O seu verbo inspirado e ardente, proferindo esse compromisso com a uncção prophetica com que foi dito, impressionou profundamente a quantos o ouviam e todos que assistiram esse episodio bem se recordariam d'elle ao raiar do 13 de Maio.

Republicano, secundou todos os esforços dos propagandistas, e a 15 de Novembro viu com satisfação o exito das doctrinas que estremecia.

Naturalmente lembrado para candidato a um logar constituinte pelo Rio de Janeiro, foi, como quasi todos os mais dedicados republicanos da propaganda, afastado dessa assembléa graças ao celebre regulamento Alvim, manejado pela mole informe de abyssinios adhesistas.

Amigo de quasi todos os pro-homens da revolução, nada reclamou, nada obteve na partilha das recompensas; e deixando por um momento o solo ardente das luctas, foi arrastado pela torrente de emprezas industriaes que absorveram tanta fortuna e tanta capacidade, que bem podiam ser melhor aproveitadas.

Não foi o Dr. Campos da Paz feliz n'esta nova orbita de negocios, era independente e escrupuloso demais para explorar com lucro essa massa, que caracterisou o ensilhamento, opulentando e enobrecendo alicantineiros que hoje na Europa zombam da credulidade e bôa fé dos proprios amigos, que os auxiliaram e que por elles se sacrificaram.

Apartou-se d'este mundo, mas antes de volver-se completamente para os dominio da sciencias envolveu-se nas luctas partidarias que agitaram os annos de 1891 e 1892.

Francamente adverso aos moldes autoritarios do governo de Floriano Peixoto, tomou parte no movivento contrario ao Vice-Presidente, que por um sophisma perpetuou-se no poder sem decretar a eleição do successor de Deodoro.

A 13 de Abril partiu com José do Patrocinio, Almeida Barreto e outros companheiros para o degredo de Cucuhy, de onde voltou curado completamente da paixão politica.

Desde então foi só de utilidade ininterrompida a vida do paulista illustre, que succumbiu quando ainda muito podia fazer em prol da patria e da sciencia,

A divida de gratidão que todos lhe devemos ainda está em aberto. Se o Brasil e o Estado de S. Paulo ainda não se compenetraram da necessidade de levantar monumentos a benemeritos, como Campos da Paz, á imitação de que o Uruguay fez pelo General Vidiella, ao menos reunam os seus escriptos, e publiquem-n'os e amparem a viuva e filhos do altruistico cidadão, que por mais amar a patria menos cuidou do bem estar da familia.

Novembro 1899

MIRANDA AZEVEDO.

José F. de Almeida Junior

A 13 de Novembro, eramos todos dolorosamente feridos pela catastrophe, telegraphicamente divulgada, do assassinato do grande pintor paulista Almeida Junior.

A noticia de tão brutal desastre repercutiu com a mesma intensidade de pezar por todo o Brasil, e chegou, ainda lugubre, ao mundo artistico onde era conhecido e estimado o talento de Almeida Junior. Mesmo em um meio intellectual mais rico e opulento como a Italia, a Hespanha ou a França, não seria menos sensivel a morte de Almeida Junior. Portanto não é censuravel este unisono que se ouve em prantear o grande artista.

E' natural ainda que mais fundo penetrasse o golpe entre os paulistas, porque elle era bem um representante genuino do tradiccional typo paulistano. Embora seja corrente o principio de que o genio é cosmopolita e tem por patria o mundo, não é menos verdade que alguns talentos impregnam-se por tal forma do meio em que vivem e se desenvolvem, que tor-

José Ferraz de Almeida Junior

nam-se os reflectores brilhantes das paisagens, dos costumes, das scenas que os cercam.

Nas artes, mais do que em quaesquer outras manifestações intellectuaes, se pode notar esse phenomeno; e dentre ellas na pintura é onde melhor salienta-se essa peculiaridade. Até as vezes de circumscripções e sociedades bem proximas umas das outras, se nota essa *nuance* que serve para as classificações das differentes escolas.

Ao mais novel dos observadores e menos competente no assumpto, não é difficil perceber as differenças entre o veneziano, o bolonhez ou florentino e muito mais entre o italiano, o hespanhol ou o flamengo.

Pois Almeida Junior tinha o cunho bem nosso; era accentuadamente brasileiro e sobretudo paulista.

Descendente de antiga familia de S. Paulo, nasceu a 8 de Maio de 1850 em Ytú, tendo por progenitores José Ferraz de Almeida e D. Anna Candida do Amaral Souza, e levou até os 19 annos a vida singela, livre e sadia do paulista primitivo.

Os exercicios naturaes do campo, a caça e a pesca occupavam os seus lazeres, e preenchiam-lhe o tempo que sobrava dos seus estudos na propria cidade natal, onde adquiriu a primeira instrucção.

Revelou porem muito cedo, e com pertinacia a chamar attenção dos mais descuidosos, decidida vocação pela pintura. E sem mestre, sem guia, só, por esforço proprio, começou a desenhar retratos e copiar paisagens do natural. Eis como um seu biographo, amigo, trata dessa phase da vida de Almeida Junior (1).

---

(1) Almeida Junior, por Tancredo do Amaral.—*A Platéa* —S. Paulo—24 de Novembro de 1899.

«Contava apenas dezenove annos de idade quando, com poucos estudos, pode-se dizer que apenas com os seus recursos intellectuaes, firmou perante os seus patricios a sua reputação de artista.

«Os amigos e bemfeitores, admirando os seus primeiros trabalhos — *O Apostolo S. Paulo* —e alguns retratos, facultaram-lhe os meios pecuniarios para a sua manutenção na Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro, onde concluiu brilhantemente o curso, conquistando o primeiro premio, que lhe dava direito a entrar em concurso para ir á Europa completar os seus estudos, além de sete medalhas de ouro, as de mais elevada distincção.»

***

Conhecemos Almeida Junior, em 1870, quando estudante, no mesmo meio academico e artistico em que viviamos. Foi no *atelier* do grande esculptor brasileiro Almeida Reis, que votava grande sympathia a S. Paulo e aos paulistas, que o vimos pela primeira vez; desde então o seguimos atravez de todas as peripecias de lucta e de brilho que constituiram sua gloriosa historia artistica.

Estudioso e applicado distinguiu-se entre seus condiscipulos, chamando a attenção dos mestres que viram logo os altos destinos que preencheria na arte nacional.

Chevré, professor de desenho na Academia, reputava de tal modo o talento de seu discipulo, que em uma visita feita pelo imperador a esse estabelecimento apresentou Almeida Junior como o seu melhor alumno. E tal foi o conceito que manifestou, que jámais se enfraqueceu na memoria de D. Pedro 2º essa recommendação, que se converteu mais tarde em effectiva e generosa protecção.

Se na aula de desenho Almeida Junior obteve sempre os primeiros premios, não foram somenos as distincções merecidas que alcançou em outras aulas, especialisando-se tambem no estudo de algumas—como na de anatomia. E pelo excellente preparo n'estas materias, constituiram se duas das mais solidas qualidades que caracterizam seus quadros, correcção de desenho e fidelidade anatomica das figuras.

Nesta época na Academia de Bellas Artes existia, entre outros professores de merito, Victor Meirelles, em plena exuberancia de talento, que dirigia a cadeira de pintura. Estava no auge a admiração de todos pela sua formosa téla—*Batalha de Riachuelo*, que trazia ardente a discussão entre seus partidarios e os de Pedro Americo pelo quadro do *Combate do Campo Grande*.

Victor Meirelles reconheceu e distinguiu a aptidão e talento do jovem paulista e d'elle tornou-se amigo e admirador, exercendo benefica influencia sobre a primeira *maneira* de Almeida Junior.

As copias d'essa época, como a de *Lucrezia* e *Tarquinio*, as cabeças d'estudo, e o proprio trabalho de concurso denotam essa aliás natural e logica inspiração. O thema para o concurso de viagem—*Resurreição do Senhor*, pintado em 1874, já revela as qualidades que mais tarde se desenvolveram e firmaram em outras obras.

Acerca dos primeiros quadros de Almeida Junior e das causas que o afastaram do concurso, ouçamos o que escreveu o mesmo biographo ha pouco citado (1):

«Os seus primeiros quadros antes de partir para o Velho Mundo foram – *A resurreição*, *O Belisario*,

---

(1) Tancredo do Amaral, *Loc. Cit.*

uma paysagem de fazenda e um celebre *Cupido*, de que é possuidor hoje o conhecido professor ytuano Tristão Mariano.

«Em 1875 visitando o segundo imperador a sala da exposição de Almeida Junior em S. Paulo, viu *O Belisario*, que para logo lhe chamou a attenção, despertanho-lhe profunda admiração e grande interesse pelo seu auctor.

«Mais tarde, ao inaugurar-se a estrada de ferro Mogyana, teve occasião D. Pedro II de vêr um retrato do commendador Antonio de Queiroz Telles e, encontrando-se nessa occasião com o artista, interpellou-o: «*Porque não esperou o concurso?*»

«Almeida Junior respondeu-lhe, dizendo que não lh'o haviam permittido as suas circumstancias.

«Replicou então D. Pedro: «*Aprompte-se para ir concluir seus estudos na Europa*».

«E foi deste modo que o artista viu satisfeitas as suas mais ardentes aspirações, partindo d'ahi a alguns mezes com destino á Europa, recebendo da mãos da princeza o importe de sua passagem para a França e a promessa de trezentos francos mensaes».

Em Outubro de 1876, deixou a Patria e seguiu para Paris, onde ia conquistar os foros de pintor correcto e consciencioso.

Assim encerra-se o primeiro cyclo artistico de Almeida Junior, que deve ser considerado pela critica, apenas como os primeiros materiaes de fundação para os alicerces do magestoso monumento de sua gloria de grande pintor.

Accompanhemo-lo a Paris e o observemos na convivencia dos grandes mestres e perante as primas da Arte.

***

Para traçar a historia artistica de Paris, n'essa epocha, seria necessario a competencia de um Winkelmann, de um John Ruskin, T. de Antonin Proust ou Paul Manz, ou a penna de Garret; tal era a actividade e exuberancia de producções de merito nas variadas manifestações da arte.

A athmosphera dos *atêliers* e do *Salon* encerrava essas emanações sublimes dos trabalhos dos Courbet, Côrot, Millet e outros grandes mestres extinctos, ao lado das vibrações scintillantes de Cabanel, Meissonier, Puvis de Chavannes, E. Detaille e outros que tinham a voga do successo conquistada por exhibições de valor.

Não é o lugar apropriado para estudar o desenvolvimento, a evolução da pintura franceza n'este seculo, nem de seguir as linhas e dichotomias que offerece esse tronco magestoso que de David e Gros se esgalha n'uma ramificação admiravel de nomes como os de Géricault, Delacroix, Millet, E. Manet, Courbet, Corot, Vernet, Baudry, G. Moreau, Laurens, Troyon, Russeau e tantos que se immortalizaram por telas admiraveis.

Em Paris Almeida Junior seguiu a *via dolorosa* de todos os nossos artistas que procuram aquelle grande centro, para receberem a instrucção necessaria que os torna depois mestres laureados.

Frequentando a Escola de Bellas Artes, onde matriculou-se depois de exhibir as provas necessarias para esse fim, conseguiu ser admittido no *atelier* de Alexandre Cabanel, considerado então um dos mestres mais abalizados e escrupulosos dentre o grupo *d'elite* de professores de pintura. E realmente as telas que todos os annos expunha no *Salon* confirmavam a fama, o prestigio que adquirira desde a sua

bella composição *Nascimento de Venus*, e os bellos retratos dos personagens do dia, como o conhecido retrato *Napoleão III* em 1865, julgado pelos especialistas superior ao que pintou Flandrin.

A *Sulamita*, que em 1876 cauzara viva impressão, pela belleza da composição, correcção de desenho e frescura de colorido, deu ao nome de A. Cabanel um realce, que ainda augmentou com o seu quadro—*Lucrecia e Sexto Tarquinio*, exposto em 1877, que tratando de um assumpto já explorado por outros grandes pintores—, veiu confirmar a individualidade original do pintor francez.

Esse foi, em boa hora, o mestre escolhido por Almeida Junior para modelar-lhe a aptidão e o talento artistico.

O nosso distincto compatriota deixou assignalado em bellos quadros os passos de sua carreira progressiva e estudiosa; ahi estão diversos estudos de paisagens dos *Arredores de Paris*, *do Louvre*, de seu *Atelier*, para documentarem essa phase de sua vida. Obteve nos exames e concursos da Escola de Bellas Artes uma medalha, e maior distincção ainda foi o ter conseguido a collocação de seus quadros no *Salon* de 1879 até 1882, ultimo anno de sua estada em Paris.

Não é este ligeiro perfil um estudo critico do valor, das qualidades e defeitos do grande artista; por isso nos limitaremos a assignalar em ordem chronologica os seus quadros e consignar ligeiras referencias aos mesmos.

Em 1879 compoz o *Derrubador Brazileiro*, primeiro trabalho com que Almeida Junior affirmou a sua predilecção por assumptos de *genero* e de caracter nacional. Esse quadro, pertencente á galeria da nossa Academia de Bellas Artes, representa um homem no vigor

da idade e exuberancia de força, sentado em attitude de repouso. Os accessorios que o cercam são bem grupados, no fundo a paisagem é bem tratada — mas não é nossa — nem pelo colorido, nem pela vegetação que representa. O proprio typo da figura, perfeitamente desenhado e modelado, não é o nosso *derrubador*, que offerece menos exuberancia de relevos musculares, sem que talvez tenha menos força, que o do typo fixado na tela de Almeida Junior. Vê-se que alli o modelo não foi o do nosso meio, copiado do natural, como os que representou depois na *Amollação interrompida* ou nos *Caipiras negaceando*; aquella *pose* é do modelo profissional dos *ateliers* parisienses, não é attitude do nosso trabalhador de machado e fouce.

No emtanto as qualidades de feitura do quadro, mereceram as mais lisongeiras e animadas expressões dos mestres, dos collegas e da critica competente que analysou os trabalhos do *Salon* d'esse anno.

Em 1880 o jury de admissão dos quadros ao *Salon* accolheu com louvor outra grande tela de Almeida Junior, *O remorso de Judas*, tambem pertencente á nossa Academia de Bellas Artes. Cabanel estava contente com seu discipulo, pois esse quadro mostra bem que Almeida Junior comprehendia e executava a licção, a esthetica e a *maneira* do mestre. Melhor accentuada e mais perfeita se vê a applicação d'essa doutrina em 1881 na *Fugida para o Epypto*.

Realmente o modo severo e cuidadoso com que está pintado este quadro justifica os francos elogios que Cabanel publicamente dirigiu a Almeida Junior ao uminar essa bella producção. A attitude e grupaento das figuras, a paisagem e todos os accessorios

são admiraveis, e quanto mais attenta e seguidamente é contemplada essa tela, mais se descobrem as suas bellezas e perfeições.

A *Fugida para o Egypto* póde sem eclypse figurar ao lado das melhores composições dos mestres italianos e francezes modernos, e mesmo perto das dos pintores dos seculos 17º e 18º. Depois d'esse grande trabalho expoz Almeida Junior no *Salon* de 1882 um quadro menor em dimensões, mas com certeza não inferior em merito artistico.

Essa téla exposta com o titulo *Pendant le repos*, bastaria para dar-lhe um logar incontestavel entre os mais delicados e afamados pintores de *genera*, conforme a classificação dos criticos de arte.

E se Raffaeli com sua composição *Paris 4 kil* ou Courbet com *Les Casseurs de piérres* ou Millet com *Les Tueurs de cochons*, conquistaram os mais francos elogios dos mais exigentes criticos, o mesmo succedeu com Almeida Junior com este estudo.

Realmente, o observador não sabe o que mais admirar: se a bella carnação do modelo, se a segurança do desenho, se a delicadeza de tons e sobriedade de colorido, se a arte com que está tratada toda a composição e attitude natural das figuras.

Para muitos é esta a melhor obra de Almeida Junior e pensam que representa o ponto culminante do seu brilho artistico.

Não repousou porém Almeida Junior á sombra dos louros colhidos em Paris, e antes de regressar a patria, fez a sua peregrinação á Italia, terra santa da arte e com proveito visitou e estudou os inestimaveis thesouros accumulados nas diversas cidades italianas. Testemunhas da impressão profunda que trouxe d'esta

sua viagem, estão os trabalhos que executou aqui em S. Paulo, *O sonho*, allegoria, pintura mural; *Conversão de S. Paulo*, *Assumpção da Virgem*, *Christo no Horto* e alguns outros quadros de assumpto religioso.

Deixou porém essa orientação, e voltou-se para o genero que mais o attrahia e no qual sem duvida alguma o seu talento e a sua indole encontraram mais facilidade de expansão. Os *Caipiras Negaceando*, grande téla paulista, veiu firmar de vez a posição artistica de Almeida Junior, não só entre nós, mas entre os pintores contemporaneos mais notaveis; e na grande exposição internacional de Chicago, onde compareceu, obteve a medalha de ouro.

Uma vez n'essa senda, compoz bellissimos quadros, de bem estudados assumptos paulistas e traçou com a maior fidelidade diversos aspectos de nossa paisagem, fixando na téla as vistas dos *Saltos de Ytú*, de *Piracicaba* e *Votorantim*.

São d'esse periodo *Pescaria*, *Cosinha Caipira*, *Amollação interrompida* e *Picando fumo*. Acerca d'este quadro seja-nos permittido transcrever o que disse, a respeito, escriptor amigo do finado. (1)

« Dos quadros do artista foram adquiridos pelo governo,—*Amollação interrompida* e *Picando fumo*, que se acham no Monumento do Ypiranga.

« Esta ultima téla, que representa um caipira sentado á porta de um paiol, tendo em uma das mãos um pedaço de fumo em rôlo e na outra a faca grosseira de cabo de osso com que pica o fumo e atraz da orelha o pedaço da palha virgem já cortado, é soberbo

(1) Tancredo do Amaral, *Loc. cit.*

de verdade. Os degráus toscos da porta, presos por estacas, as amarraduras de cipós na parede de páu a pique aqui e alli já sem rebôco, a porta velha desconjuntada e em alguns logares estragada pelo tempo, a attitude despreoccupada do caipira, a sua tez bronseada, o enrugado da pelle já bastante encarquilhada, o poido da calça velha arregaçada, a expressão physionomica, o jogo de luz solar na fachada do casebre e na porta entreaberta, tudo em uma palavra, é de uma verdade artistica admiravel.

«O caipira, principalmente, um caipira de Ytú, o conhecido *Quatro Páus*, é de uma fidelidade estupenda.»

Não se contentou Almeida Junior com o cabedal de estudo e observações que possuia e emprehendeu nova viagem a Europa, onde no meio dos grandes centros artisticos foi retemperar suas forças.

Veremos logo o resultado d'essas impressões que traduziram-se em obras immortaes com que nos enriqueceu o grande pintor.

***

Não vem a pello a discussão, ainda não resolvida sobre a classificação da pintura historica; em que grupo deve ser ella contemplada, é ponto ainda controverso entre os mais autorisados professores de esthetica.

Mas o que é incontestavel é formar um ramo a parte, certo genero de composição, que trata de scenas historicas, fixando na téla personagens e factos dignos de memoria por este ou aquelle motivo. «La peinture historique, diz Felix Clément, a commencé, à exister le jour oú une génération a voulu conserver le souvenir des actes mémorables de sa devancière.» (*)

(*) *Felix Clément—Histoire des Beaux Arts chez tuos . ples et á toutes les epoques. pag. 6.*

E raro é o grande mestre que não tenha um quadro historico na galeria de suas composições. Almeida Junior não fez excepção á regra; além dos quadros de historia sacra, legou-nos uma téla de primeira ordem sobre o assumpto historico nacional—*A Partida da Monção.*

Da intimidade e frequencia com o Dr. Cesario Motta Junior nasceu a primeira idéa d'esse trabalho, que na pintura realisou, e que sonhava deixar em livro o benemerito fundador d'este Instituto, que tinha já reunido muitos elementos e delineado o plano para historiar sobre a influencia dos povos do Tieté, na civilisação patria.

Dous annos de estudos e trabalhos empregou Almeida Junior para o grande quadro historico, que expoz n'esta cidade em 1897, destribuindo a seguinte nota explicativa na occasião de franquear ao publico a exposição.

Partida da Monção

« Os antigos paulistas assim denominavam a caravana que partia de Porto-Feliz, descendo o Tieté para Cuyabá. As de que se trata eram organizadas simplesmente por destemidos e ousados sertanejos, que, inspirados pelo amor do desconhecido, descoberta das minas e civilisação dos bugres, em toscos batelões cobertos de palha e simples canôas, partiam conscientes de que iam arrostar com sacrificios inauditos toda a sorte de aventuras, constituindo-se por isso uma tradicção gloriosa para os paulistas, O quadro que offereço á apreciação do publico representa a partida d'esses heróes, que depois da missa na Egreja de N.ª S.ª Mãe dos Homens, acompanhados do Padre, Capitão-mór e povo, embarcavam-se no *Porto-Geral*, recebendo na occasião a solemne benção da partida.»

A critica indigena, ou por indolencia, ou por falta de estimulo, não estudou nem analysou devidamente este quadro do pintor paulista. Rapidas linhas de noticiario com promessas de mais detalhada referencia, e um ou outro artigo mais encomiastico que critico, eis o que fez a imprensa perante *A Partida da Monção*.

No emtanto que manancial opulento offerecia-lhe para estudo e dissertações de esthetica e critica artistica!

A *maneira* diversa porque está pintado este quadro; os pontos de filiação, talvez á grande decoração de Puvis de Chavannes, quanto ao tom geral das tintas, tudo isto podia e devia ser discutido em vida de Almeida Junior e, quiçá, com elle proprio. Realmente uma das feições deste quadro é a simplicidade com que foi ideado e executado; essa mesma *simplicidade artificial* no pensar de Tolstoi, que caracterizava Puvis de Chavannes, devia ser examinada em relação a este quadro.

Muito ponto que nos parece hoje obscuro, e muita nuga que nos parece imperdoavel no painel, bem podiam ter sido elucidados pelo mestre.

Ninguem póde em bôa razão, porém, desconhecer as muitas bellezas que elle offerece.

A paisagem dos diversos planos, a perspectiva e o grupamento das figuras são verdadeiras e correspondem a concepção que Almeida Junior tinha da arte. Vê-se bem que elle inspirou-se na nossa natureza e copiou typos nossos, que ainda vivem e reproduzem com fidelidade as qualidades e caracteristicas ancestraes.

Os apreciadores das paisagens a Fanchinetti, naturalmente, não se comprazem com os traços largos e os effeitos do pincel de Almeida Junior n'esta obra conscienciosa e bem tratada, mas o consenso geral,

quer dos competentes, quer dos amadores, não poderá recusar-lhe os melhores elogios. Alguns rigoristas archeologos, que tudo esmerilham accusam dizendo que o trajo e accessorios não são fieis aos da epocha que representam; bem facil defeza encontraria o pintor, pela carencia quasi absoluta que existe entre nós para investigações n'esse terreno.

Demais, basta lembrar que os maiores mestres, desde Cimabue, Giotto, Rafael, Miguel Angelo, C. Durer, Rubens, Ribera, Poussin, e quasi todos até este seculo, frequentemente vestem os seus personagens a moda da epocha em que compuzeram os seus quadros, sem que por isso tenham elles depreciação artistica.

Só modernamente, com o adiantamento dos estudos historicos e melhor segurança das licções criticas, foi-se apurando a necessidade e exigencia de que as scenas e os personagens historicos correspondessem em tudo e por tudo ás epochas chronologicas em que se deram ou viveram; e isso não só na pintura, como em outras artes, inclusive na dramatica; pois até o grande Talma, que foi o primeiro a reagir coutra aquelle costume, os personagens gregos e romanos exhibiam-se revestidos de cabelleiras empoadas!

Mas sob esse aspecto ainda revela-se a sinceridade com que Almeida Junior procurava executar suas obras, pois investigou e indagou muito dos antigos, sobre os vestuarios e trajos dos nossos antepassados, e se não é aquella a reproducção exacta, está muito proxima da verdade, como dá-se com a farda do capitão-mór. Para concluirmos; pensamos que a *Partida da Monção* é uma obra que honra a arte nacional e que póde bem figurar com honra ao lado das télas dos uis illustres pintores brazileiros.

Para nós paulistas, offerece ainda o interesse de

rememorar uma das emprezas caracteristicas dos bandeirantes, cuja heroicidade levou a influencia expansiva da civilisação por todo o territorio nacional. E pensamos que o Congresso Paulista mostrou bem comprehender o seu dever, adoptando o projecto que offerecemos e que elle converteu em lei, para adquirir esse quadro e conserval-o como patrimonio artistico do Estado.

Não ficou inactivo Almeida Junior, e apezar de adoentado, a sua palheta não viu seccar as tintas. De 1898 a 1899, trabalhou com affinco e seguidamente como que presentindo o proximo fim, querendo deixar ainda attestados de sua grande aptidão e merecimentos em diversos generos.

O importuno, scena do *atelier*, é um digno *pendant* do *Repouso de Modelo*, e em nada inferior. O estudo do effeito de luz, o claro-escuro e a composição de uma naturalidade encantadora, tudo produz um conjunto que impressiona agradavelmente o espectador.

O quadro *Saudades* é uma obra prima de Almeida Junior; aquella figura de mulher relendo uma carta dos tempos felizes, o modesto bahú entreaberto, o canto do aposento, harmonizam tanto, que não é possivel contemplar-se essa scena sem que a emoção e a melancholia nos ganhem. Ha vida e alma n'essa téla, que impressiona tanto como a *Pièta* do grande mestre italiano.

A Mendiga apresenta outra feição do artista; é um estudo de mestre para os mestres. Composição severa, sobria e de uma technica irreprehensivel, é perfeitamente tratada em todos os seus detalhes; parece um retrato de Gaillard, taes são os toques e os traços bem reproduzidos da encarquilhada feição da velha mendiga. Se Almeida Junior fosse francez, este

dro figuraria no museo de Luxemburg, ao lado do *l'Homme á la Casquette de Gailard*, sem soffrer eclypse, e despertando igual admiração.

Temos d'elle, n'esse sentido, o *Mendigo da Tabatinguera*, màs sem o aprimorado e escrupulo com que fez a *Mendiga*.

Na paisagem além de muitos pontos bem feitos, de muito aspecto bem pintado, deixou Almeida Junior dous primores—*Pic-Nic no Rio das Pedras* e o seu *Trecho de estrada*.

Qualquer dos grandes paisagistas extrangeiros ou nacionaes bem podiam com desvanecimento assignar essas télas.

Nelles nossa natureza é admiravelmente reproduzida; os effeitos de luz e a perspectiva nada deixam a desejar; igualam aos melhores modelos de Parreiras, Aurelio de Figueiredo ou Benjamim Parlagrecco.

« C'est dans la terre de France que l'école française devait retrouver la force et la vie.» (*)

Transportando e adaptando este principio ao nosso meio, vemos a sua inteira verdade com Almeida Junior nos seus trabalhos paulistas, que já temos citado e especialmente no *Violeiro*.

Difficil será enumerar todas as obras primas de mestres celebres sobre assumpto identico, como os *Guitaristes* de Ribot ou *le Joueur de guitarre* de David Teniers; mas quão differentes são elles da composição do nosso compatriota. Representam typos que tanto podem pertencer aos bohemios d'esta ou d'aquella nação, emquanto que o *Violeiro* de Almeida Junior é *caipira* genuino, quer pela figura, quer pelo accessorio que o cerca.

(*) *L'art français—Le paysage* par André Michel, pag. 92.

Sentado ou antes semi-deitado na janella tosca de pobre casa, cuja parede deixa vêr o primitivo de sua construcção, está o trovador caipira, em attitude preguiçosa, olhos quasi cerrados, bocca entreaberta a accompanhar na viola a modinha popular. Ao lado uma mulher, typo nosso, commum e conhecido, accompanha as coplas da cantilena, ou talvez replique ou secunde o cantar do violeiro.

A figura com fidelidade dá-nos a cópia de uma d'essas creaturas capazes de todos os vicios, de todos os crimes e ao mesmo tempo de todas as devotações e actos do maior altruismo.

Ao visitarmos o *atelier* de Almeida Junior, diante d'esse quadro, externamos-lhe estas nossas impressões e bem clara ainda temos a sua resposta.

— Você tem razão. A mulher que me serviu de modelo para este estudo é isso mesmo. Passa a noite n'um *catereté* a dansar seguido e a tomar pinga, e d'ahi vae servir de enfermeira dedicada durante semanas a um doente pobre, que as vezes mal conhece.

Pois essa mulher alli está photographada na sua belleza sem atavios, mas robusta e sympathica. O vestuario, o modo porque segura o lenço, é verdadeiro e vivo.

Ouvimos de critico competentissimo, o professor Carlos Parlagrecco, que bastava este quadro para dar a Almeida Junior os fóros de grande pintor; e mais demonstrou quanto era progressista e estudioso, comparando-o com suas producções anteriores.

*
* *

Para terminar este rapido esboço e mostrar que não somos encomiastas incondicionaes de Junior trataremos d'elle como pintor de retrat

«C'est presque toujours, diz Maurice Hamel, une piérre de touche que le portrait. Les talents plus brillantés que solides s'y trahissent; temoin Diaz, dont les portraits avec un brio theatrale n'offrent qu'une vague apparence de modelé. Et par une curieuse antithése, dans ce genre si particulier, des peintres fort modestes ont produit une œuvre de choix; les êtres qu'ils ont connus, compris le mieux, aimés le plus chérement, amis, parents, peut-être un poête preféré, par une penetration lente ou par une intuition soudaine, ils les ont animés d'une vie réelle et profonde.» (*)

A exactidão desta doutrina verifica-se com os retratos diversos, feitos em epochas differentes por Almeida Junior. Ha retratos, como do Conde de Parnahyba, do dr. Rubino de Oliveira, de Cesario Motta, de Menezes Borba, do Arcebispo Arco Verde, que bem desenhados, sem exageração nas côres, nem dureza, agradam ao obervador, emquanto que outros, como o do dr. Campos Salles, produzem máo effeito. Decididamente não era esta a especialidade de Almeida Jenior, não porque lhe faltasse requisitós de um grande artista, pois o seu pincel tinha vigor e delicadeza quando eram precisos, mas faltava-lhe qualquer cousa que predominava em Van Dick, em Ingres, em Carolus Duran ou em Cabanel, seu mestre.

No emtanto conhecemos uma cabeça — retrato de noiva — esplendida, onde na suavidade das cores e na delicadeza do toque, dir-se-hia a factura de um Carlos Dolce. Um outro que representa physiononria conhecida e que tinha no seu *atélier* é tambem digno de ser assignado para um Gérard ou Ricard.

(*) *L'art français.—Le portrait* por Meurice Hamal, pag. 58.

Este é em rapida resenha o acervo precioso que forma, com muitos outros quadros, estudos e esboços, o espolio artistico de Almeida Junior.

Entre os projectos que tinha de grandes quadros historicos ha um esboço da *Posse da junta governativa em 1889*, que pensava em realisar logo, se não escolhesse outro assumpto salientando a heroicidade paulista, ou na campanha do Paraguay ou da epocha colonial.

Tuto isso inutilizou-se com o desapparecimento do illustre pintor.

***

Traçado ligeiramente o perfil artistico de Almeida Junior, desenhemol-o como parte integrante do genero *homo*.

A timidez era o traço moral de seu caracter, o que não impedia a firmeza de alma e inflexibilidade de tempera que revelou em toda sua vida, empregada em preencher a divisa por elle proprio traçada em 1891 «*Arriver par le travail*». (1)

O fundo de seu temperamento artistico era a simplicidade contemplativa, o que se deprehende de toda evolução corporificada em sua obra; d'ahi naturalmente a predilecção pelo estudo de nossa natureza primitiva, e dos typos que mais se lhe aproximavam.

As paixões que mais o possuiram foram — a pintura e a caça; o que não excluia o seu apurado gosto de fino amador de musica, pois era pianista correcto, tendo deixado n'esse terreno composições delicadas.

Sem enthusiasmo pelas luctas politicas, guardava profunda veneração pela memoria de Pedro II, mas não era inimigo da Republica. Essa feição ainda revela

---

(1) Vid. *A Bohemia* N. 12, pag. 11.

a nobreza de sentimentos de Almeida Junior, pois conservou na adversidade intacta a gratidão ao monarcha que o auxiliou effectivamente em sua carreira artistica, ao envez de tantos outros abyssinios que, cumulados de favores por elle e pela familia imperial, enlamearam depois as escadas do palacio do governo republicano com as abjecções de seu servilismo adhesista.

Eis como sobre elle manifestou-se intimo admirador e antigo amigo, o sr. Tancredo do Amaral, a quem já por vezes nos referimos nesta biographia:

«Modesto e affavel, Almeida Junior impoz-se sempre á estima dos que o conheciam e a sua alma, bôa e generosa como soem ser as dos verdadeiros artistas, fez de si um bom filho.

«Ahi vai um traço fiel do seu caracter.

«Quando estudante no Rio, contando apenas com os poucos recursos que lhe forneciam os amigos, conseguiu Almeida Junior, comprando um bilhete de loteria, ser contemplado com a quantia de um conto de réis.

«O que fazer com esse dinheiro?

«Attenuar as difficuldades da sua vida de estudante pobre?

«Não. Mandal-o a seus velhos paes.

«E essa quantia foi, com outras economias, empregada na compra de uma casa em Ytú, onde residiu por muito tempo o velho pae de Almeida Junior, que, já quasi cégo, sem poder mais contemplar os trabalhos geniaes do filho, foi arrebatado tambem pela morte ha um anno e pouco, tendo-lhe sido poupada pela sorte a suprema angustia de assistir a morte tragica do filho idolatrado.» (*)

Ainda é cedo talvez para calmamente pronun-

(*) Tancredo Amaral—*Loc. cit.*

ciar-se juizo definitvo sobre o merito das obras de Almeida Junior e bem collocal-o na galeria de nossos grandes artistas.

Incontestavel porem é que teve luminosa intuição da arte e que realisou o programma que adoptara outro grande mestro Courbet—FOI NÃO SÓ UM PINTOR, MAS TAMBEM UM HOMEM; EM UMA PALAVRA, PRATICOU A ARTE VIVA.

A posteridade confirmará esta sentença.

Dezembro, 1899.

MIRANDA AZEVEDO

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.